

ANAIIS

IV CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE

METÁFORA

NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO

Apoio





ANAIS

**IV CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE METÁFORA
NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO**

PORTO ALEGRE

OUTUBRO - 2011

ORGANIZAÇÃO

Comissão Organizadora

Maity Siqueira (coordenadora – UFRGS)

Simone Sarmento (UFRGS)

Luciane Ferreira (UFMG/UFC)

Gabriel Othero (UFRGS)

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (UCS)

Rosângela Gabriel (UNISC)

Regina Ritter Lamprecht (CNPq)

Equipe Executiva

Ana Flávia Souto de Oliveira (UFRGS)

Larissa Moreira Brangel (UFRGS)

Maitê Gil (UFRGS)

Tamara Melo (UFRGS)

Dalby Hubert (UFF)

Danilo Marra (UFRGS)

Jéssica Aguirre da Silva (UFRGS)

Vanessa de Souza Soares (UFRGS)

Aline Freitas Jacques (UFRGS)

Carolina Kuhn Facchin (UFRGS)

Bruno Schortegagna (UFRGS)

Larissa Goulart (UFRGS)

Comissão Científica

Zoltán Kövecses (Durham University)

Ana Cristina Pelosi de Macedo (UFC)

Vera Menezes (UFMG)

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (UCS)

Solange Vereza (UFF)

Márcia Zimmer (UCPel)

Maity Siqueira (UFRGS)

Simone Sarmento (UFRGS)

Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

Maria José Bocorny Finatto (UFRGS)

Gabriel de Ávila Othero (UFRGS)

Luciane Ferreira (UFMG/UFC)

Rochele Fonseca (PUCRS)

Rosângela Gabriel (UNISC)

Tony Berber Sardinha (PUCSP)

Heronides Moura (UFSC)

Mara Sophia Zanotto (PUCSP)

MAITY SIQUEIRA

LARISSA GOULART

BRUNO SCORTEGAGNA

(ORGS.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ANAIS

**IV CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE METÁFORA
NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO**

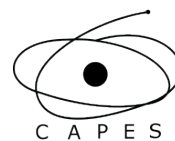
PORTO ALEGRE

OUTUBRO - 2011-09-16

Revisores

Larissa Goulart, Bruno Scortegagna

Apoio



C719c Congresso Internacional sobre Metáfora na Linguagem e no Pensamento (4. : 2011 out. : Porto Alegre, RS).

Anais [recurso eletrônico] / Maity Siqueira, Larissa Goulart, Bruno Scortegagna (orgs.). ; revisores: Larissa Goulart, Bruno Scortegagna. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2012.

Requisitos do sistema: Adobe Reader.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www6.ufrgs.br/iletras/ivcmlp/Anais.pdf>>

Título da página da Web (acesso em 19 mar. 2012).

ISBN 978-85-64522-04-6

1. Linguística. 2. Linguística aplicada. 3. Metáfora.
4. Linguagem e línguas. I. Siqueira, Maity. II. Goulart, Larissa.
III. Scortegagna, Bruno.

APRESENTAÇÃO

Os artigos aqui publicados resultam de trabalhos apresentados em três diferentes modalidades (comunicação oral, trabalho em andamento e pôster) no **IV Congresso Internacional sobre Metáfora na Linguagem e no Pensamento**. Além dessas modalidades, contamos também com conferências plenárias e mesas-redondas no IVCMLP, que comporão outras publicações.

A quantidade e a diversidade dos artigos submetidos para publicação nesta quarta edição do evento é um reflexo da quantidade e diversidade da origem (tanto em termos de afiliação teórica quanto de localização geográfica) dos participantes do congresso. O IV CMLP contou com a participação de mais de 200 conferencistas, que discorreram sobre os mais diversos temas relacionados à linguagem figurada e apresentaram trabalhos identificados principalmente com a perspectiva da Linguística Cognitiva, mas também com uma perspectiva da Linguística da Enunciação ou com uma perspectiva formalista.

Em termos da origem geográfica, o IVCMLP contou com estudiosos oriundos de 42 universidades nacionais, de 15 diferentes estados brasileiros (BA, CE, DF, GO, MG, MT, PB, PE, PI, PR, RJ, RN,RS, SC, SP) e de 22 universidades internacionais, de 14 diferentes países (Alemanha, Bélgica,Chile, China, Emirados Árabes, Colômbia, Espanha, EUA, Hungria, Inglaterra, México, Polônia, Portugal, Rússia). Exponho aqui esses números e dados porque eles nos ajudam a ter uma melhor medida do quanto os estudos sobre o fenômeno da metáfora se multiplicaram nas diversas instituições, dentro e fora do Brasil, e da vitalidade do interesse no tema.

Um evento internacional desse porte não ocorre sem a colaboração de várias pessoas e instituições. Aproveito, então, para agradecer o apoio dos professores que compuseram a Comissão Organizadora e a Comissão Científica e dos alunos da Equipe Executiva que, literal (de verde) e metaforicamente (de corpo e alma), vestiram a camiseta do evento. Agradeço também ao apoio institucional da UFRGS, em diversas instâncias (Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pró Reitoria de Pesquisa e Pró Reitoria de Extensão) e da Capes.



Maity Siqueira

Coordenadora Geral do IV CMLP

FOREWORD

The papers here published are the result of works presented in three modalities (oral communication, ongoing research and poster) at the **4th International Conference on Metaphor in Language and Thought**. Besides these presentations, the 4th CMLP also had plenaries and round-tables, which will compose other publications in the future.

The quantity and diversity of the articles submitted to the proceedings of this event's fourth edition reflects the quantity and diversity of the origins (both in terms of theoretical affiliation and geographical origin) of the participants in the conference. The 4th CMLP counted on the contribution of over 200 lecturers, who discoursed about the most diverse themes relating to figurative language and presented papers identified mainly with the Cognitive Linguistics perspective, and also with Enunciation Linguistics and formal perspectives.

In terms of geographical origin, the 4th CMLP received scholars from 42 Brazilian universities from 15 different states (BA, CE, DF, GO, MG, MT, PB, PE, PI, PR, RJ, RN,RS, SC, SP), and from 22 international universities from 14 countries (Germany, Belgium, Chile, Arab Emirates, Colombia, Spain, Unites States, Hungary, England, Mexico, Poland, Portugal, Russia). These data is being presented here to help us better perceive the expansion of the studies related to the metaphor phenomenon in several institutions, in Brazil and abroad, and the vigorous interest in the subject.

An international event of such importance requires the collaboration of several people and institutions. I will, therefore, take the opportunity to thank the support of the professors that took part in the Organization and Scientific Committees and the students that composed the Executive Committee, that literally (in green), and metaforically (with body and soul) wore the colors of the event. I would also like to show my appreciation to CAPES, and to UFRGS for its institutional support from several sectors (Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pró Reitoria de Pesquisa e Pró Reitoria de Extensão).



Maity Siqueira

4th CMLP Conference Chair

CONTEÚDO

As metáforas no discurso da história <i>Adriano Dias de Andrade</i>	1
Metáforas do WIKLEAKS: Um estudo exploratório <i>Alberto Cirilo Paz de Lima</i>	37
Metáfora e conflito cognitivo: resultado de uma leitura do conto Uma galinha, de Clarice Lispector <i>Aldo de Lima</i>	54
Parábolas e projeções nas crônicas de Rubem Alves. <i>Aline Pereira de Souza</i>	77
Aspectos da metáfora na gestualidade em narrativas dançadas <i>Ana Luisa Seelaender</i>	108
Quando o amor é um bom negócio: as metáforas dos relacionamentos juvenis <i>Ana Paula Ferreira</i>	127
Metáforas do pensamento e da comunicação <i>André William Alves de Assis</i>	155
A metáfora na constituição da rede de construções superlativas do Português: o caso das construções superlativas causais nominais. <i>Anna Carolina Ferreira Carrara</i> <i>Neusa Salim Miranda</i>	168
A metáfora na terminologia ambiental <i>Anna Maria Becker Maciel</i> <i>Patrícia Varriale da Silva</i>	195
Compostos de substantivo + substantivo: uma aplicação da teoria de integração conceptual <i>Antônio Suárez Abreu</i>	216
Coerência e relação nas cartas brasileiras do Padre Antônio Vieira: uma visão cognitivista e cultural <i>Maria Betânia Arantes Barros</i>	232
Metáfora Conceptual Orientacional na língua de especialidade da pesca na comunidade do Baiacu - Vera Cruz - Bahia <i>Cristiane Fernandes Moreira</i>	246

A centralidade das projeções figurativas na rede polissêmica x-ista	
<i>Cryсна Bonjardim da Silva Carmo</i>	275
Sobre o conceito de metáfora na Teoria Geral dos Signos	
<i>Expedito Ferraz Júnior</i>	297
A enunciação da metáfora	
<i>Fernando Silva e Silva</i>	318
Metaphors on volcanoes: axes that support cultural meanings. The case of Misti volcano in Arequipa, Peru.	
<i>Gabriela del Carmen Gonzalez Gonzalez</i>	336
Categorização de SERRA GAÚCHA no discurso turístico publicitário: enquadres e processos de metonimização	
<i>Garine Andréa Keller</i>	
<i>Heloísa Pedroso de Moraes Feltes</i>	360
Focus on vision: anthropological universals and Basque	
<i>Ksenya L. Filatova</i>	390
Estorvo: representação labiríntica	
<i>Luciana Ferreira Tavares</i>	409
A Semiótica Cognitiva como modelo de análise do discurso de pacientes com esquizofrenia.	
<i>Marcus Lepsqueur Fabiano Gomes</i>	437
O significado metafórico nos ditados populares	
<i>Marina Chiara Legroski</i>	454
Histórias sobre histórias: integração conceptual como estratégia retórica em textos de opinião	
<i>Marta Maria Pagadigorría</i>	482
O modelo cognitivo metafórico no processo de categorização	
<i>Natália Elvira Sperandio</i>	
<i>Antônio Luiz Assunção</i>	501
A metáfora na produção do conhecimento matemático: projeção recursiva de esquemas imagéticos	
<i>Liliane Souza Amaral</i>	
<i>Marcelo Wagner de Lima e Souza</i>	
<i>Renata dos Santos Mendes</i>	533

Integração conceptual e esquemas de imagem no emprego metafórico dos verbos de movimento em inglês	
<i>Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues</i>	
<i>Antônio Suárez Abreu</i>	553
A MORTE como domínio-fonte de metáforas no Português do Brasil	
<i>Thais Fernandes Sampaio</i>	582
Velhice em tempos de guerra: uma análise do discurso metafórico	
<i>Valeria Silva de Oliveira</i>	608
O papel da metáfora na construção do leitor em parábolas tradicionais: um estudo sobre <i>A figueira estéril</i> e <i>A moeda perdida</i>	
<i>Aliana Georgia Carvalho Cerqueira</i>	
<i>Dr^a Vânia Lúcia Menezes Torga</i>	635
Metáforas conceptuais – atualizando a gramática	
<i>Alvanira Lucia de Barros</i>	654
A metáfora como recurso didático em textos de divulgação científica	
<i>Ana Carolina Sperança-Criscuolo</i>	674
Gen-Meta: a hybrid reasoning and data-oriented approach to generating metaphor	
<i>Andrew Gargett</i>	
<i>John Barden</i>	692
Metáfora e Função de Registro: A visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais	
<i>Celso Ferrarezi Jr.</i>	713
Inferências metafóricas na interface semântico-pragmática	
<i>Cláudia Strey</i>	734
A metáfora na leitura em língua estrangeira: efeitos de uma intervenção pedagógica	
<i>Cláudia Valéria Vieira Nunes Farias</i>	755
A metáfora como marca de opinião em redes sociais	
<i>Débora Taís Batista de Abreu</i>	782
As metáforas no futebol: um estudo baseado na Semântica Cognitiva	
<i>Deise Gabriele Boll</i>	800
Locação, posse e temporalidade na realização de argumentos: como a gramática utiliza a metáfora da locação	
<i>Eduardo Correa Soares</i>	
<i>Sérgio de Moura Menuzzi</i>	825

A descrição da polissemia através de um rede de sentidos metafóricos, metonímicos e taxonômicos	
<i>Isa Mara da Rosa Alves</i>	
<i>Rove Luiza de Oliveira Chishman</i>	866
A emergência da linguagem figurada no discurso sobre violência urbana	
<i>João Paulo Rodrigues de Lima</i>	884
Interação humano-computador e as metáforas em uso	
<i>Lafayette Batista Melo</i>	910
Para bom enunciador, um domínio só basta?	
<i>Patricia Ferreira Neves Ribeiro</i>	
<i>Leonardo Nazar Martinho</i>	928
Futebol e metáfora	
<i>Luciane Corrêa Ferreira</i>	
<i>Bárbara de Lima Gonçalves</i>	946
O discurso pedagógico em interação com a linguagem literária na exploração da metáfora como mecanismo enunciativo de argumentação	
<i>Márcia Helena dos Santos</i>	966
As metáforas da informação	
<i>Marcos Gonzalez</i>	980
Metáforas Conceituais empregadas na Conceptualização da Vida na poesia de Autores da Literatura Brasileira	
<i>Marcos Helam Alves da Silva</i>	1007
O pensamento metafórico no sistema conceitual de adultos em diferentes faixas etárias	
<i>Thalita Maria Lucindo Aureliano</i>	
<i>Estêvão Domingos Soares de Oliveira</i>	
<i>Jan Edson Rodrigues Leite</i>	1030
A Metáfora na literatura Japonesa: Uso de mimese e onomatopéia nos contos de Século XX	
<i>Tomoko Kimura Gaudioso</i>	1055
A metáfora e a metonímia no significado das cores	
<i>Larissa Moreira Brangel</i>	1076

Sobre como dizer “metáfora” na língua chinesa

Cristiano Mahaut de Barros Barreto

1093

As metáforas no discurso da história

Adriano Dias de Andrade¹
adrianoad@hotmail.com

RESUMO

As metáforas constituem a linguagem e o pensamento humanos. Elas estão presentes em todos os discursos e desempenham operações cognitivas com funções as mais diversas. As metáforas são parte intrínseca da ciência, são elementos constituintes e indispensáveis ao discurso científico. Já a ciência, por sua vez, não pode mais ser vista como uma atividade dotada de objetivismo extremo e de total neutralidade. Pelo contrário, deve ser encarada como um “produto social”, que emerge de práticas sociais e de indivíduos históricos. Assim, se a ciência não é isenta de quem a faz e se o homem pensa e se comunica muitas vezes por meio de metáforas, este trabalho tem como objetivo principal verificar a incidência e, principalmente, a natureza das metáforas no Discurso Científico da História. Tomamos como alicerce teórico as contribuições da Semântica Cognitiva, que trata a metáfora como uma operação cognitivo-linguística essencial para nosso entendimento do mundo. Este trabalho parte das hipóteses de que: (i) as metáforas atuam na formação de padrões textuais na área investigada e (ii) constituem-se como elementos primordiais para a construção e compreensão do conhecimento científico. Este trabalho adota uma postura pragmática para a análise dos significados, ou seja, encara o sentido como resultado de interações em situações reais de uso, nas quais o léxico não é uma listagem rígida, mas sim uma rede de possibilidades onde o sentido acessado é um dentre muitos possíveis. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho hipotético-dedutivo, na qual fazemos uma análise semântico-cognitiva do *corpus*. Adotamos o método da leitura, complementado em alguns momentos com o método da introspecção. Investigamos três artigos da Revista Brasileira de História. A escolha do gênero textual analisado se justifica pelo fato de os artigos científicos em veiculação nas revistas especializadas se constituírem como um dos principais gêneros de divulgação científica entre pares de uma mesma área, na dinâmica das relações sociais em ciência. Esperamos com esta pesquisa contribuir para uma discussão bem alicerçada e atualizada sobre o tema, mostrando a relevância de se estudar metáforas e a relevância de se refletir sobre a ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Ciência; História.

ABSTRACT

Metaphors constitute human thought and language. They are present in all discourses and perform the most varied cognitive operations. Metaphors are an intrinsic part of science; they are the indispensable composing elements of scientific discourse. Science, on its turn, can no longer be taken as an activity clad with extreme objectivism and total neutrality. Quite on the contrary, it has to be viewed as a “social product”, emerging from social practices and from historic individuals. Therefore, once science is not

¹ Universidade Federal de Pernambuco, PE.

external from those who make it, and once men think and mostly communicate through metaphors, this paper has as its main aim to check the incidence and, mostly, the nature of metaphors in the Scientific Discourse of History. We have taken as theoretical foundation the contributions from Cognitive Semantics, which treats metaphors as a linguistic cognitive operation that is essential to our understanding of the world. This paper derives from the following hypotheses: (i) *metaphors act upon the formation of textual patterns in the investigated area*; and (ii) *they are taken as essential elements for the construction and comprehension of scientific knowledge*. This work adopts a pragmatic approach in the analysis of meanings, that is, it faces meanings as being the results of interactions in real-life situations, those in which lexicon is not a rigid list, but rather a network of possibilities whence the accessed meaning is one among many possible. It is a hypothetic-deductive, qualitative research in which we carry a semantic cognitive analysis of the *corpus*. We have adopted the reading method, complemented at times with the introspective method. The choice for the textual genre in question is justified by the fact that scientific articles published in specialized magazines are viewed as one of the main genres of scientific divulgation among peers of the same area, in the dynamics of social relations in science. The articles investigated are from *Revista Brasileira de História*. We hope to contribute for an updated and well founded discussion on the theme, showing the relevance of studying metaphors and the importance of reflecting upon science.

KEYWORDS: Metaphor; Science; History.

Introdução

As metáforas constituem a linguagem e o pensamento humanos. Estão envolvidas nas operações cognitivas com funções as mais diversas. Por meio delas, entre outros casos, podemos entender um dado fenômeno em termos de outro e humanizar criações abstratas do nosso espírito a fim de possibilitar a operação desses conceitos de forma mais próxima e pessoal. As metáforas estão presentes em todos os discursos que permeiam nossas atividades, sejam da vida profissional ou do cotidiano ordinário.

Uma vez reformulada a visão aristotélica tradicional sobre a metáfora, na qual fenômenos dessa natureza atuavam como uma operação de *transferência de significado*, como uma *substituição de uma palavra por outra* ou como uma *comparação abreviada*, as últimas décadas têm sido de grandes debates sobre o assunto, que se intensificaram desde o lançamento da obra já clássica “*Metaphors we live by*” de Lakoff e Johnson, em 1980. Este livro apresentou uma visão inovadora sobre a metáfora e seu caráter conceptual, e também sobre o caráter conceptual da própria linguagem/pensamento. Desde então, é cada vez mais crescente o interesse de linguistas de distintas escolas pela

pesquisa nesse tema. Esse período foi de efervescência não apenas para a lingüística, mas, também, para o fazer e o pensar científico de forma ampla.

Partimos dessas considerações iniciais, para verificar a incidência e, principalmente, a natureza das metáforas no Discurso Científico de uma área específica do conhecimento – a *História*.

Para a realização desta pesquisa, adotamos o *método da leitura* que consiste na leitura atenta de textos escritos, observando-se as ocorrências que o pesquisador julgar metafóricas, complementado, em alguns momentos, com o *método da introspecção*, que é o meio mais tradicional de estudar metáforas. Nesse método, o pesquisador procura metáforas em si mesmo, seja na criação de metáforas ou na lembrança de enunciados com os quais ele já teve contato. É o caso, por exemplo, de Lakoff & Johnson (1980).

O *corpus* é constituído de três artigos científicos de *História* (ver os anexos). A escolha do gênero se deu, principalmente, por aceitarmos que os artigos científicos em veiculação nas revistas especializadas se constituem como um dos principais gêneros de divulgação científica entre pares de uma mesma área, na dinâmica das relações sociais em ciência. É nesse sentido que concordamos com Contenças (1999, p. 98) quando diz que:

Os documentos que se podem considerar como os que melhor expressam os procedimentos metodológicos e os desenvolvimentos teóricos da atividade científica são os artigos científicos publicados nas revistas de especialidade. O seu objetivo é dar a conhecer, a uma comunidade restrita de parceiros, os métodos, os resultados e a interpretação dos dados das experiências.

Os artigos investigados são oriundos *Revista Brasileira de História*. A decisão pela revista analisada foi guiada pelos seguintes critérios: (a) periódico com textos em português; (b) periódico avaliado com Qualis A, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), constituindo-se, dessa forma, como revista de

referência em cada área e, finalmente, (c) periódico disponível para consulta e *download* no portal de Periódicos da CAPES.

Definido o *corpus*, a pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- 1) Os artigos foram lidos cuidadosamente para o assinalamento das metáforas presentes;
- 2) A partir desse primeiro assinalamento, elegemos os trechos mais significativos para a discussão da temática;
- 3) As metáforas encontradas nesses trechos foram classificadas quanto às funções cognitivo-linguísticas exercidas;
- 4) Foram investigadas as metáforas primárias que geraram as metáforas encontradas;
- 5) Foram observados os modelos culturais que operam ou convergem com as metáforas encontradas;
- 6) Esboçamos os traços característicos do Discurso da História com relação à metáfora, observando-se a relação entre metáfora e ciência.

Esperamos com esta pesquisa contribuir para uma discussão bem alicerçada e atualizada sobre o tema, mostrando a relevância de se estudar metáforas e a relevância de se refletir sobre a ciência. Nosso desejo é que este artigo sirva de incentivo e de apoio para outras investigações sobre o assunto.

1. Literalidade e hipótese da saliência gradual

De uma forma geral, há uma tendência nos estudos linguísticos para se perpetuar a questão do sentido literal num modelo dicotômico. Talvez essa tendência seja proveniente da forte inclinação nos estudos sobre a linguagem para a problematização de várias questões dentro de uma fórmula lógica (ou...ou), como ocorreu com as dualidades *Langue x Parole*; *Competência x Desempenho*; *Sujeito x Sociedade*, para lembrar de uns poucos exemplos.

Nesta seção, apresentamos a proposta de Giora (1997, 1999, 2002) sobre o problema do sentido literal, denominada Hipótese da Saliência Gradual.

Para Giora, a saliência é uma questão que envolve quatro aspectos: frequência, familiaridade, convencionalidade e prototipicidade. Conforme resenhado por Marcuschi (2007, p.89), vejamos em que consistem esses quatro aspectos:

(a) Frequência: é um aspecto importante que permite uma maior saliência de um ou outro sentido de um termo. Suponha-se um termo como ‘manga’. Se este termo ocorre a um pernambucano ou a um gaúcho, ele vai ser acessado de modo diverso, pois aqui manga lembra logo a fruta e para o gaúcho lembra a manga da camisa. Trata-se de uma questão de probabilidade de ocorrência de acordo com a frequência dessa ocorrência.

(b) Familiaridade: é a presença de um termo num dado contexto familiar a alguém ou a um grupo. Por exemplo, suponhamos que entre gerativistas se fale em árvores. Nesse caso é provável que se fale de sintaxe e não de ecologia. No entanto, a um leigo em linguística nada disso ocorreria.

(c) Convencionalidade : ao entrar numa agência dos correios, será muito mais comum, isto é, convencional, que o cliente se dirija ao atendente e diga “preciso de selos de 50 centavos” do que dizer “eu preciso do tempo” para saber das horas. Sobre a noção de convenção, Giora (1997, p.185) apóia-se no conceito de Numberg, Sag e Wasow (1994) para os quais a convenção é vista como:

A relation among a linguistic regularity, a situation of use, and a population that has implicitly agreed to conform to that regularity in that situation out of preference for general uniformity, rather than because there is some obvious and compelling reason to conform to that regularity instead of some other.

(d) Prototipicidade / estereotopia: neste ponto, a autora parece adotar a posição de Rosh para a definição de protótipo. O mais prototípico é aquele que primeiro e mais facilmente vem à mente.

Giora admite que a saliência de um sentido convencional também irá depender do contexto. Assim, se uma palavra dispuser de dois ou mais sentidos salientes, o

sentido mais popular, ou mais prototípico, ou mais frequentemente usado numa dada comunidade, ou, ainda, o sentido com o qual o indivíduo está mais familiarizado, ou que tenha apreendido mais recentemente será este o mais saliente. Assim, Marcuschi (2007, p.88) oferece o seguinte exemplo: “A expressão surfar no sentido de navegar, surfar na Internet seria mais saliente do que para o caso de surfar nas ondas do mar. Portanto a expressão surfista teria uma saliência diversa a depender do contexto em que viesse a ser utilizada”.

Para Giora é até mesmo desnecessário falar de sentido literal ou figurado (tanto em moldes tradicionais quanto contextualistas), visto que o que está em jogo para a compreensão é a questão da saliência. O sentido saliente é sempre processado primeiro, não importa se o julgamos literal ou figurado. A interpretação do sentido saliente tem uma prioridade absoluta sobre o sentido não-saliente.

Segundo Giora (2002, p.490), para ser saliente o sentido de uma palavra ou expressão tem de ser codificado no léxico mental, e, conseqüentemente, gozar de proeminência graças a sua convencionalidade, freqüência, familiaridade ou prototipicidade. Por outro lado, os outros sentidos menos familiares ou menos freqüentes são os menos salientes. Conforme a autora faz questão de reforçar, saliência é uma questão de grau, determinada primeiramente pela freqüência de exposição e pela familiaridade experiencial que o falante/ouvinte tem com o sentido em jogo. Os sentidos salientes são acessados de forma direta pelo léxico mental, enquanto que os não-salientes necessitam de processos extras de inferências e de um forte apoio contextual.

2. Teoria da metáfora conceptual

As metáforas não são simples elementos de “enfeite” linguístico sem nenhuma pretensão comunicativa. Mas, configuram-se como poderosos instrumentos cognitivos e assumem importantes tarefas nos nossos sistemas perceptuais. Esse fenômeno pode ser sinteticamente definido como a sobreposição de domínios conceituais ou de conhecimento com a finalidade de se construir um determinado *objeto de significação*.

No processo de produção de enunciados metafóricos, temos como produto final um enunciado cuja significação corresponde (pelo menos em parte) à mescla dos conceitos. Nesse sentido, Lakoff (1986)², baseando-se na metáfora *love is journey* – o amor é uma viagem, explica:

A metáfora envolve a compreensão de um domínio de experiência, o amor, em termos de outro domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio de origem (neste caso, viagens) a um domínio alvo (neste caso, amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências ontológicas de acordo com as quais as entidades no domínio do amor correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem.

Essa abordagem para o estudo da metáfora passou a ser chamada de Teoria da Metáfora Conceptual, e segundo Feltes (2007) é caracterizada por (i) esquemas do tipo CONTAINER e ORIGEM-PERCURSO-META e (ii) por se tratar de uma projeção de base experiencial, a partir de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) de um domínio para um MCI de outro.

Lakoff e Johnson (1980) tipificam as metáforas em três subcategorias, de acordo com suas funções cognitivo-linguísticas:

1. *Metáforas orientacionais* – estruturam os conceitos de linearidade tendo como base orientações lineares não-metafóricas.
2. *Metáforas ontológicas* – projetam características de uma entidade ou substância sobre outra entidade ou substância que *a priori* não possui essas características. As personificações são metáforas desse tipo.
3. *Metáforas estruturais* – estruturam experiências ou atividades em termos de outras experiências ou atividades. São chamadas, genericamente, metáforas literais, porque são, em geral, inconscientes, automáticas e convencionais.

Há ainda outros conceitos acerca dessa teoria que serão recorrentes durante nossas análises. Vejamos, então, conforme Berber Sardinha (2007):

² Lakoff, 1986:201-217 apud Zanotto, 1998:17.

- Metáfora Conceptual (MC): é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio da experiência em termos de outro domínio da experiência (estruturas mentais de representação);
- Expressão Lingüística Metafórica (ELM): é a realização lingüística da Metáfora Conceptual;
- Domínio Fonte: área do conhecimento ou experiência humana, a partir do qual conceitualizamos alguma coisa; em geral, é mais concreto;
- Domínio Alvo: área do conhecimento ou experiência humana que desejamos conceitualizar, esse é o domínio mais abstrato;
- Mapeamentos: relações entre os domínios fonte e alvo, como num conjunto matemático;
- Acarretamentos: são inferências que podemos fazer a partir de uma metáfora conceptual.

Baseados na perspectiva de trabalho da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e colaboradores, acreditamos que as metáforas nos permitem criar quadros conceituais novos a partir da sobreposição de outros. Endossamos, ainda, a postura de Marcuschi (2004) quando diz que o léxico é central, mas não atua sozinho nem autonomamente na produção de significações, isso porque os itens lexicais assumem muitas nuances, são polissêmicos, homonímicos, metafóricos, metonímicos, etc. As metáforas constituem-se, então, como importantes elementos no processo de textualização.

3. Teoria da metáfora primária de Joe Grady

Segundo Grady (1997), existem metáforas complexas e tais metáforas são formadas a partir da integração de metáforas “menores”, mais simples – as metáforas primárias. Nesse processo, as metáforas primárias são geradas de forma inconsciente e automática, através das nossas experiências cotidianas, no nosso desenvolvimento sociobiológico. Isso graças às fusões que associam domínios. Já as metáforas complexas são resultado da mesclagem conceptual entre metáforas primárias.

Segundo o autor, as metáforas primárias são apreendidas por um conjunto de maneiras semelhantes no mundo inteiro, isso porque as pessoas têm os mesmos corpos e basicamente as mesmas condições físicas imediatas. Disso resulta que elas comunguem muitas experiências na infância, nas quais dois domínios são ativados simultaneamente, e, conseqüentemente, isso permite o aprendizado dos mapeamentos neurais que naturalmente ligam os domínios.

Nesse sentido, para Lakoff (2009, p.16), “*só em vivermos nossas vidas, nossas atividades ordinárias nos dá experiência necessária e permite sutis ativações cerebrais que são responsáveis pelo estabelecimento do sistema de metáforas primárias que são aprendidas sem esforço mundo a fora*”.

Os frames construídos a partir da nossa cultura são combinados com essas metáforas primárias a fim de gerar diferentes sistemas de metáforas. Novamente, Lakoff (2009, p.16) retoma a metáfora complexa O AMOR É UMA VIAGEM para mostrar as metáforas primárias que a geram:

- *Objetivos são destinos*: na nossa vida ordinária, há uma correlação entre alcançar um objetivo e alcançar um destino, como, por exemplo, precisamos realizar uma ação simples de ir até a geladeira para tomarmos um copo de água.

- *Dificuldades são impedimentos de locomoção*: Uma dificuldade é algo que nos impede que alcancemos determinado objetivo, o qual é alcançado metaforicamente como um destino. Assim, dificuldades são metaforicamente conceptualizadas como impedimentos de locomoção para se chegar a um destino.

- *Um relacionamento é um container*: As pessoas que têm uma relação interpessoal próxima geralmente trabalham, estudam ou se divertem no mesmo espaço físico – a família em casa, os colegas de trabalho no trabalho, os amigos nos bares e clubes e assim por diante.

- *Intimidade é proximidade*: As pessoas com as quais temos mais intimidade são geralmente aquelas que passam mais tempo perto (fisicamente) de nós, como os cônjuges, familiares, amigos e etc.

Segundo Lakoff (2009), em cada caso a correlação das experiências se realiza nos nossos cérebros a partir da co-ativação de áreas neurais distintas, as quais produzem a formação de circuitos que ligam essas áreas (as metáforas).

4. Subjetividade, metáfora e ciência

Numa visão clássica de ciência, como a lógico-positivista, a realidade devia ser apresentada pela ciência, e somente uma linguagem literal daria conta desse trabalho. Portanto a linguagem científica deveria ser objetiva e precisa. O fazer científico guiado por tais postulados traria consigo prescrições dessa natureza para a escrita científica. De forma que a escrita da ciência seria livre de imprecisões, vaguezas e metáforas, já que estas últimas são, nessa perspectiva, artefatos de adorno linguístico que podem bem ser substituídos por expressões literais que dariam conta – *ipsi literis* – do sentido pretendido

Nesse sentido, Contenças (1999, p.66) comenta que para o antigo paradigma “*a metáfora seria um equívoco [para a escrita científica], na medida em que ultrapassa as leis da lógica (da identidade e da contradição), uma vez que a metáfora é e não é. Só a linguagem literal é empiricamente aceitável*”. Contenças diz que sob a égide logicista não haveria lugar para as metáforas, posto que havia a preocupação por uma linguagem neutra e objetiva.

Embora durante muito tempo a ciência tenha negado a presença e o papel das metáforas no seu discurso. Hoje, graças ao esforço de vários estudiosos, já sabemos que não é possível um discurso científico sem as metáforas. Pois estas são parte inerente do homem, de como pensamos e de como agimos. Somos seres integrados não podemos deixar de pensar da forma como pensamos para podermos fazer ciência.

Com o passar dos anos e a emergência de novos paradigmas científicos, tornou-se cada vez mais evidente que a ciência não é uma abstração da realidade imediata, mas sim um sistema simbólico gerado pela imaginação através da linguagem (frequentemente rica em metáforas).

Para Pascolini (2008), muitas vezes as metáforas atuam de forma tão incisiva na ciência que se tornam elementos primordiais e insubstituíveis numa dada teoria. De forma que os cientistas precisam se apropriar dessas metáforas para poderem dar conta da reflexão e da escrita científica, posto que não há palavra “literal” que as substituam, ou seja, as metáforas passam a ser constitutivas.

Ainda segundo o autor (2008), os cientistas parecem trabalhar à beira de um vulcão sempre ativo e cheio de inovações que exigem a criação de neologismos e metáforas a um ritmo acelerado. Nesse sentido, as metáforas exercem um papel fundamental, não só pela sua função heurística, mas também porque as metáforas estimulam os cientistas a explorarem as ligações que estas fazem com outros domínios. As metáforas impulsionam os cientistas para contatos interdisciplinares, através do intercâmbio semântico e da importação de novos termos teóricos.

5. Metáforas no discurso da História: análise do *corpus*

Nesta seção, apresentamos nossos achados quanto à investigação das metáforas dispostas nos artigos científicos pesquisados. Conforme se verá adiante, as categorias privilegiadas nas análises foram: as (a) *expressões linguísticas metafóricas*; as (b) *metáforas conceptuais que licenciam tais expressões*; (c) *os tipos de MC presentes nesses textos* e (d) *as metáforas primárias responsáveis pela geração das MC*. Os dados estão sintetizados na tabela abaixo.

Tabela 1 – MC assinaladas no *corpus* de História

Artigo de História	MC Ontológica	MC Estrutural	MC Orientacional
H1	4	7	17
H2	5	13	1

H3	2	4	1
Total de MC:	10	25	19

No *corpus* visto, como se percebe, houve o predomínio de MC estruturais, seguidas de MC orientacionais e em último lugar aparecem as ontológicas.

5.1 Contextualização dos artigos científicos

Artigo H1

Este artigo nomeado “*Formação e atuação da rede de comissários do Santo Ofício em Minas Colonial*” (anexo IV) investiga a atuação da Inquisição, através de seus representantes no Brasil, no estado de Minas Gerais no período colonial.

Artigo H2

‘Este segundo artigo investiga a produção discursiva dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil durante o século XVIII. Segundo a autora, os relatos de viagens serviam para dois propósitos básicos: eram utilizados cientificamente para o conhecimento do Brasil pelos estrangeiros, de forma que estes discursos servissem de guia para novas empreitadas rumo ao nosso país; e, também, eram utilizados como literatura de entretenimento para saciar a curiosidade da Europa com relação às novas terras. O artigo chama-se “*O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o novo mundo*” (ver anexo V).

Artigo H3

Este último artigo analisado trata da imigração de estrangeiros para o estado de Minas Gerais no final do século XIX. Segundo os autores, essa imigração se diferencia da ocorrida em outros pontos do país porque aquele estado era o mais populoso da

época e os estrangeiros que chegaram lá, vieram em núcleos familiares com o intuito de povoamento. O artigo em questão é “*Imigração e família em Minas Gerais no final do século XIX*” (ver anexo VI).

5.2 Metáfora e progressão tópica

Uma das funções exercidas pelas metáforas nos textos investigados é a de permitir a continuidade tópica, ou seja, através das metáforas muitos referentes são retomados ao longo do texto. De forma que, nessa constante retomada o objeto do discurso referido vai sendo paulatinamente construído e reconstruído, salientando e escondendo atributos, modificando-se ao longo da argumentação. A função de *metáforização para a designação de referentes* pode ser conferida através do exemplo abaixo:

Exemplo 1 – Trecho II – H1

Isso significa que a inquisição foi mudando sua estratégia (1), passando a se apoiar cada vez mais na rede de agentes próprios (2) composta principalmente por comissários, notários, qualificadores e familiares.

1 – A INQUISIÇÃO É UM JOGADOR

2 – A INQUISIÇÃO É UMA REDE

Neste exemplo, observamos a conceptualização da inquisição em termos de um jogador. Mas não qualquer jogador, não se trata de um jogador de futebol, por exemplo. A conceptualização é realizada em termos de um jogador de guerra ou de jogos lúdicos de estratégia e persuasão, como o RPG³. Em complemento, além de ser conceptualizada em termos de um jogador, a inquisição também é conceptualizada em termos de rede. Quando primeiro aparecem retomados metaforicamente (p.146), os agentes inquisitoriais são definidos em termos do domínio-fonte REDE, gerando a MC A

³ Roller Play Game

INQUISIÇÃO É UMA REDE, conforme mostra o exemplo. Atentemos para o esquema:

Se:

A INQUISIÇÃO É UM JOGADOR

E se:

INQUISIÇÃO É REDE

Então:

JOGADORES SÃO REDES

Além da metáfora primária JOGADORES SÃO REDES, outras são igualmente usadas para a conceptualização da inquisição. Vejamos abaixo as passagens em que o referente é retomado metaforicamente durante o texto.

(a) A engrenagem inquisitorial [...] era composta por três grupos de agentes: os comissários, os notários e os familiares. Além dessa rede – e integrada a ela – foi relevante a complexa articulação [...]. (p. 147)

Em (a), temos as MC:

INQUISIÇÃO É MÁQUINA

AGENTES SÃO ENGRENAGENS

(b) A rede de comissários do Santo Ofício começou a ganhar fôlego. (p.148)

Em (b), temos:

REDES SÃO PESSOAS

(c) A *evolução dessa rede* por período, comarca e freguesia pode ser observada no Quadro 1. (p.149)

Em (c), temos:

REDES SÃO ORGANISMOS

(d) A *montagem da rede de comissários em Minas [...]*. (p.149)

Em (d):

REDES SÃO MÁQUINAS

(e) A *Capitania teve influência no recrutamento da rede de comissários e na ação inquisitorial ocorrida na região*. (p.151)

E, finalmente, em (e) temos:

REDES SÃO EXÉRCITOS

Como podemos perceber, o referente *Inquisição* é primeiramente definido em termos de um jogador, de um estrategista de guerra e também em termos de rede (Exemplo 1 – Trecho II). Em seguida (a) é retomado como uma máquina da qual os agentes são engrenagens. Logo após (b), a inquisição é retomada como uma rede de pessoas, uma rede que é capaz de ganhar fôlego. Em (c) a inquisição é novamente metaforizada em termos de rede, uma rede não mais especificamente de pessoas, mas de seres vivos em geral, uma rede que pode evoluir. Já em (d) a inquisição agora é uma rede de máquinas. Máquinas que podem ser montadas e desmontadas, que podem ter suas engrenagens (agentes inquisitoriais, conforme metaforizado em [a]) retiradas ou substituídas. Finalmente em (e), a inquisição é retomada como redes de exércitos, o que retoma a metáfora que primeiro apareceu no texto para conceptualizá-la – A INQUISIÇÃO É UM JOGADOR. Esses exemplos mostram como os objetos do discurso são plásticos e como é possível moldá-los no decorrer dos textos. Mostram,

principalmente, a metáfora como uma importante estratégia de designação de referentes no discurso científico.

Temos ainda outro exemplo bastante relevante para a percepção da metáfora como elemento que o discurso utiliza para a manutenção e recategorização de referentes ao longo dos textos. No artigo H2, vê-se uma discussão sobre a questão do conhecimento que é produzido sobre nosso país no século XVIII, através dos registros dos viajantes.

Exemplo 2 – H2

(a) O **conhecimento** que a Europa do Setecentos foi **acumulando** sobre os domínios coloniais sul-americanos. (p.134)

Em (a):

CONHECIMENTO É BEM ACUMULÁVEL

(b) Contribuiu para a **construção do conhecimento** científico. (p.136)

Em (b):

CONHECIMENTO É EDIFÍCIO

(c) Os piratas e corsários foram também **produtores de conhecimento** sobre o litoral brasileiro. (p.137)

Em (c):

CONHECIMENTO É PRODUTO

(d) Confiavam em si e nas **luzes da razão**. (p.144)

Em (d):

CONHECIMENTO (RAZÃO) É LUZ

Esses trechos nos permitem observar como o referente “conhecimento” vai sendo moldado ao longo do artigo. A fim de se conceptualizar o conhecimento científico que surgia a partir dos relatos de viajantes, o autor utiliza quatro domínios-fonte diferentes: BEM ACUMULÁVEL; EDIFÍCIO; PRODUTO E LUZ. Como vemos, os domínios-fonte utilizados são todos domínios pertencente a experiências concretas. Então é importante notar o esforço autoral em definir o conhecimento, em aproximar esse conceito do leitor de seu texto. Em caracterizá-lo da forma mais concreta possível, a fim de que seu discurso seja inteligível.

5.3. Metáforas Conceptuais Primárias: Hipóteses de Geração

A partir desse ponto, vejamos alguns exemplos de MC que ocorreram no texto, procurando observar quais são as metáforas primárias que as originaram e quais os cenários sociobiológicos que propiciaram as experiências através das quais elas são geradas.

Exemplo 3 – Trecho V– H1

Foi relevante a complexa articulação (1) ocorrida entre as instâncias da justiça eclesiástica existentes na Capitania e o Santo Ofício.

1 – INSTITUIÇÕES SÃO MÁQUINAS

Nesse exemplo, temos a ELM “*complexa articulação (1) ocorrida entre as instâncias da justiça eclesiástica*” sendo licenciada pela MC INSTITUIÇÕES SÃO MÁQUINAS.

De forma que, se:

INSTITUIÇÕES SÃO MÁQUINAS

E:

INSTITUIÇÕES SÃO PROFISSIONAIS

Significa que:

PROFISSIONAIS SÃO PEÇAS

A MC primária INSTITUIÇÕES SÃO MÁQUINAS é a que gera a MC PROFISSIONAIS SÃO PEÇAS. Nossas experiências com a burocracia e com interdependência entre as instituições sejam elas públicas ou particulares muito possivelmente produz um quadro experiencial capaz de gerar a MC primária em questão. Se alguém quer abrir um restaurante, por exemplo, é preciso alvarás de funcionamento da secretaria de finanças da prefeitura, do órgão municipal que fiscaliza os imóveis e do corpo de bombeiros. Só após as resoluções dessas instâncias é que se torna oficialmente possível abrir o novo negócio. Esses órgãos não são autônomos, mas atuam de forma subordinada uns aos outros e dependem de ações conjuntas. De maneira análoga, os profissionais que trabalham nessas instituições também são subordinados uns aos outros, e há uma vasta hierarquia que os relacionam e os ligam. Além disso, nossa experiência com o mundo mecanizado, com as engrenagens e peças tão presentes nas máquinas do nosso dia a dia aliada às experiências com as dinâmicas institucionais geram uma base muito propícia para a apreensão da metáfora primária INSTITUIÇÕES SÃO MÁQUINAS.

Exemplo 4 – Trecho XIX– H1

Soava de mui longe a voz do Santo Ofício (1)

1 – PRESENÇA É BARULHO

Neste trecho XIX, a ELM “*Soava de mui longe a voz do Santo Ofício*” é licenciada pela MC PRESENÇA É BARULHO. O autor do artigo usa essa citação de

outro pesquisador para dizer que a Inquisição portuguesa não tinha uma sede no Brasil colônia e sua atuação se dava através dos agentes inquisitoriais designados para cumprirem os mandatos e desenvolverem os processos e penas – com o destaque para os comissários eclesiásticos.

Se:

PRESENÇA É BARULHO

Então:

AUSÊNCIA É SILÊNCIO

Desde nossa mais tenra idade, quando estamos dormindo as pessoas que cuidam de nós se preocupam para que não acordemos, verificando se o ambiente em que dormimos está em silêncio e asseguram-se para que não haja a produção de barulho por outras pessoas ou por outros meios. Quando estamos dormindo e alguém abre a porta ou algum barulho capaz de nos acordar acontece, nós despertamos e procuramos pela presença do elemento que nos fez sair do estado de sono, de inércia, de silêncio. Quando estamos concentrados em alguma tarefa, como assistir uma aula, por exemplo, e escutamos algum som logo nos desviamos com um meneio de cabeça para procurar a fonte da intromissão. Ao longo da História, alguém criou o despertador que é um objeto capaz de produzir som a fim de nos acordar. A função do despertador passou depois para os rádios-relógios e chega até hoje tendo os aparelhos celulares como os que mais corriqueiramente cumprem essa função na nossa cultura. Mudou-se o elemento produtor do som, mas o produto resultante, isto é, o som, o barulho permanece o mesmo. Se ao invés do despertador alguém tivesse inventado “um tocador”, algo que nos acordasse com o toque, nós teríamos o mesmo tipo de experiência que temos como o barulho dos despertadores? Ou, se ao invés das pessoas evitarem a ocorrência de barulhos que pudessem nos acordar elas evitassem os toques, ainda assim teríamos outras correlações experienciais entre presença e barulho? O fato é que muito provavelmente há algo de biológico presente nesse cenário, no qual para se dormir é preciso silêncio. Contudo

acreditamos que as práticas sociais são indissociáveis dessa experiência de ruído e de presença.

5.4. Metáforas Orientacionais no Discurso da História

Encontramos a presença substancial de MC do tipo orientacional, pelo menos 19 estão presentes nos textos analisados.

Através das análises, vimos como o mesmo domínio-fonte espacial como PARA CIMA ou PARA BAIXO pode ser usado para definir domínios-alvo muito discrepantes uns dos outros, sem que haja a nosso ver uma motivação biológica maior. Sendo, portanto, construções sócio-históricas ligadas às experiências culturais. Atentemos para alguns casos.

Exemplo 5:

Trecho I– H1

*Concomitante ao **declínio** das visitasões. (1)*

Trecho XVI– H1

*O autor se baseou na **queda** do número de sentenciados.(2)*

Trecho XX– H1

*O comissário especificamente reclamava de sua **baixa** remuneração (3)*

Trecho I–H3

*A **queda** progressiva das taxas de mortalidade que ocorreu sem a correspondente **queda** da fecundidade (4).*

1, 2, 3, 4 – MENOS É PARA BAIXO

No exemplo 5, as ELM presentes nos trechos I–H1, XVI–H1, XX–H1 e I–H3 são licenciadas pela MC orientacional MENOS É PARA BAIXO.

Não se trata apenas de uma correlação experiencial com objetos físicos, como, por exemplo, o despejar de água num copo. De onde se observaria a correlação entre a quantidade de água e a elevação do nível no copo. Quanto menos água é colocada, mais o nível desce, ou quanto mais água, maior será a subida no nível do líquido no recipiente. Trata-se também da reverberação de experiências sociais com a correlação dos domínios MENOS É PARA BAIXO. Se pensarmos no mundo do trabalho, por exemplo, quanto menos trabalho somos obrigados a executar, menos energia é gasta e menos cansaço físico é acumulado, isso por que nossos níveis de adrenalina e nossa frequência cardíaca continuam em níveis baixos (considerados normais). Sendo que o contrário também é verdadeiro. Daí, temos que os fatores biológicos e sociais estão intimamente ligados, não podendo ser simplesmente elegido um ou outro como fator principal para a apreensão de metáforas desse tipo.

No trecho I– H1, o escritor compreende a diminuição das visitações inquisitoriais em termos de um declínio, e em XX– H1 um salário pequeno, ou seja, ganhar pouco ou menos dinheiro, é compreendido em termos de baixo. Esses mapeamentos metafóricos podem provavelmente ser motivados por experiências do tipo das descritas anteriormente. Já no trecho XVI– H1, o autor compreende a diminuição do número de sentenciados como uma queda. Aqui há uma forte motivação matemática para o mapeamento, já que desde crianças aprendemos a ver nossos professores nos ensinarem os números naturais em eixos verticais e horizontais, de forma que os números menores são colocados sempre abaixo dos maiores.

Essas observações não têm a pretensão de serem generalizadoras, são apenas potenciais interpretações sobre as motivações sociobiológicas das metáforas analisadas. O importante é que também tenhamos em mente o fato de que nem sempre menos é compreendido em termos de para baixo. Para alguém que não gosta de festas e de barulho, por exemplo, quanto menos inserções sociais desse tipo, mais altos serão os níveis de conforto e satisfação pessoal.

Exemplo 6:

Trecho XI – H2

*As trocas comerciais eram taxadas a **preços altíssimos** (1)*

Para que se entenda o exemplo 6, é preciso que expliquemos o contexto em que a expressão “preços altíssimos” está inserida. Trata-se do artigo H2 que versa sobre a questão dos viajantes estrangeiros no Brasil no Oitocentos. Naquele período da nossa História ainda não fora outorgado o decreto de abertura dos portos. Assim, não era qualquer embarcação que podia desembarcar em qualquer porto do país. Isso porque Portugal não era exatamente a grande potência europeia da época e temia que seu território do além-mar fosse tomado por outros povos, como os ingleses, por exemplo. Quando uma embarcação estrangeira desembarcava em determinado porto, havia a cobrança de altas taxas para transações comerciais. Posto que a taxa exorbitante era uma das estratégias da Coroa Portuguesa a fim de se evitar contrabandos e negócios ilícitos.

É importante verificar como o uso do superlativo acentua ainda mais a metáfora. A expressão “preços altíssimos” é gerada pela MC MAIOR É PARA CIMA. Dado todo o contexto que apresentamos, torna-se fácil entender por que o autor de forma inconsciente e sem esforço acessa a MC que gera EML analisada.

Exemplo 7:

Trecho I– H1

*Notamos um **crescimento do número** (1) de agentes inquisitoriais expedidas pelo Santo Ofício.*

Trecho III– H1

*O **crescimento da rede de agentes** (2) do Santo Ofício.*

1, 2 – AUMENTAR É CRESCER

Os trechos I e III apresentam ELM licenciadas pela MC AUMENTAR É CRESCER. Nesses trechos, o autor conceptualiza o aumento no número de agentes inquisitoriais como crescimento. Visto que quanto mais agentes existissem na região, mais inquéritos eles poderiam realizar, mais prisões seriam executadas, mais penas lidas, mais confiscos realizados. E tudo isso colaboraria para o crescimento da rede de agentes do Santo Ofício, no sentido de que tanto humana, quanto financeiramente a instituição seria fortalecida, ganharia mais poder. A partir dessa análise, podemos dizer que a MC em questão é gerada por outras MC primárias, conforme esquema abaixo:

Se:

AUMENTAR É CRESCER

Então:

AUMENTAR É PARA CIMA

E:

PARA CIMA É MELHOR

Bem como:

CRESCER É PARA CIMA

E:

CRESCER É GANHAR FORÇA / PODER

Quando crescemos, aumentamos nosso tamanho e entendemos esse aumento em termos de para cima, já que temos como referentes básicos o chão que pisamos como para baixo e o céu como para cima. Em consequência do nosso aumento, ou seja, do nosso crescimento, podemos nos mover no mundo de uma forma mais autônoma e realizando ações que antes eram limitadas pela nossa estatura e fragilidade. Assim, começamos a nos inserir em relações e contextos sociais mais complexos e que muitas

vezes (mas não sempre) nos dão sensações de bem estar e de prazer e, também, de poder e força. Daí que aumentar é crescer, crescer é para cima, para cima é melhor e crescer é ganhar força e poder. Essas complexas associações são capazes de gerar, a partir de suas metáforas primárias, a MC AUMENTAR É CRESCER.

6. Conclusões

Nossa reflexão no decorrer deste trabalho teve como objetivo primordial achar no *corpus* utilizado evidências linguísticas que demonstrassem em primeiro lugar como nós pensamos e nos comunicamos através de metáforas. E, ainda, como o discurso da ciência está impregnado por metáforas, que funcionam não como adornos ou firulas da língua, mas como importantes estratégias cognitivo-linguísticas.

Houve o predomínio das funções estruturais e orientacionais, com destaque para esta última. Fomos surpreendidos pela quantidade de ELM licenciadas por MC orientacionais. Essas MC orientacionais apareceram num número grande e, em sua maioria, são inferências a partir de relações complexas entre metáforas primárias.

Vimos, ainda, que é possível se investigar possíveis cenários experienciais de surgimento e apreensão de metáforas primárias. Com relação a esses cenários, não concordamos com a primazia biológica advogada por muitos autores, já que os fatores sociais não apenas permitem a apreensão de tais metáforas, como de fato determinam essa apreensão.

A objetividade anunciada pelo lógico-positivismo, na qual a metáfora não poderia fazer parte da ciência, é apenas um mito – véu de Maya.

Em sua maioria, as ELM dispostas nos textos são lidas e entendidas automaticamente, sendo, portanto, *convencionais* e muito usuais. O que significa que a metáfora é constituinte do discurso científico. É material indissociável da discursivização científica. Contudo, houve casos em que as metáforas cumpriram uma função declaradamente heurística. Assim, afirmamos que as duas funções primordiais da metáfora no discurso da ciência são: (i) *constituir seus discursos, ou seja, serem base*

e substância dos seus discursos e (ii) conceituar elementos de importância central para a explicação e discussão de fenômenos.

Entendemos que em primeira e última instância a ciência é um discurso, e esse discurso interage com outros já produzidos e com os que ainda virão. Para as ciências sociais e humanas, a argumentação textual tem uma importância extremamente central, já que essas ciências têm que argumentar num nível muito elaborado para poderem “provar” o que querem.

As ciências não são capazes de fugir das metáforas, já que estas são parte integrante da língua e dos sistemas cognitivos humanos. Elas também não podem fugir da intersubjetividade, pois os cientistas são seres sociais, historicamente marcados, e dotados de sensibilidade e criatividade, características centrais para a produção científica.

Nossa reflexão serviu para ilustrar que o discurso científico está imbricado de metáforas e que sem elas torna-se até mesmo impossível escrever ciência. Nosso desejo é que este trabalho tenha trazido uma reflexão atualizada e relevante para a questão da metáfora no discurso das ciências e possa suscitar fecundos debates e pesquisas ulteriores sobre o tema.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e a suas regras**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. ed.11. Coleção leituras filosóficas.

ANDRADE, Adriano D. **“Beleza é Namorar”**: **Metáforas do Amor no Gênero Publicidade**. In: V SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Caxias do Sul. Anais do V SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009.

_____. **A Metáfora na textualização dos artigos científicos de Física**. In: III Congresso Internacional Metáfora na Linguagem e no Pensamento, 2008, Fortaleza. Anais do III Congresso Internacional Metáfora na Linguagem e no Pensamento, 2008.

_____. **Metáforas e metonímias nos manuais didáticos.** In: XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELNE, 2006, João Pessoa. Anais da XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2006.

ASHKENAZI, Guy. **Metaphors in Science and Art: Enhancing Human Awareness and Perception.** Electronic Journal of Science Education, Vol. 11, nº 1, 2006. Disponível In: <http://ejse.southwestern.edu>, acessado em julho de 2008.

BACHELAR, G. **A Formação do espírito científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1982.

BERBER SARDINHA, T. **Metáfora.** São Paulo: Parábola, 2007.

BLACK, Max. **Modelos y metáforas: estructura y funcion.** Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

CAMERON, Lynne; LOW, Graham. **Researching and applying metaphor.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CIAPUSCIO, Guiomar E. **Las metáforas em la comunicación de la ciência.** In: HARVEY, Anamaria. En torno al discurso. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2005. p.81-93.

CONTENÇAS, Paula. **A eficácia da metáfora na produção da ciência – o caso da genética.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CORACINI, Maria José. **Um fazer persuasivo – o discurso subjetivo da ciência.** Campinas: Pontes, 1991.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics – an introduction.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FELTES, Heloísa Pedrosa de M. **Semântica cognitiva – ilhas, pontes e teias.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GIORA, Rachel. **Literal vs. figurative language: Different or equal?** Journal of Pragmatics, nº 34, 2002. p. 487–506.

_____. **On the priority of salient meanings: studies of literal and figurative language.** Journal of Pragmatics, nº 31, 1999. p. 919–929.

_____. **Understanding figurative and literal language: The graded salience hypothesis.** Cognitive linguistics, v. 8, nº 3, 1997. p. 183-206.

GRADY, J. **Foundations of Meaning.** Dissertação de Mestrado, UC Berkely, 1997.

HEMPEL, Carl G. **Filosofia da ciência natural.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

JORGE, Maria Manuel Araújo. **As ciências e nós.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction.** New York: Oxford, 2002.

_____. **Metaphor in culture, universality and variation.** New York: Cambridge, 2005.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by.** Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the Flesh.** New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. **The Neural Theory of Metaphor.** In: <http://papers.ssrn.com>, janeiro de 2009. Acessado em julho de 2009.

_____. **The contemporary theory of metaphor.** In: Ortony, A (ed). Metaphor and Thought. New York: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O aspecto lexical no processo de textualização.** Projeto aprovado pelo CNPq para 03/2004 – 02/2007, proc. nº 306576/2003-1.

_____. **Fenômenos da linguagem – reflexões semânticas e discursivas.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização.** In: _____. Cognição, linguagem e práticas interacionais. São Paulo: Lucerna, 2007. p.124-145.

_____. **O léxico: lista, rede ou cognição social?** In: NEGRI, Lúgia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires. (orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 268-384.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS; Daniele. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação.** In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete B; CIULLA, Alena. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ORTONY, A.(ed.). **Metaphor and thought**. New York: Cambridge, 1993.

PASCOLINI, Alessandro. **Metafore e comunicazione scientifica**. JCOM, 3 (1), março, 2004.

PONTES, Eunice (org.). **A metáfora**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1990.

POSSENTI, Sírio. **Sobre linguagem científica e linguagem comum**. In: _____. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Coleção leituras filosóficas.

RODRIGUES-LEITE, Jan Edson. *Cognição e semântica: da representação formal à conceptualização*. In: MACEDO, Ana Cristina P; FELTES, Heloísa P. de M; FARIAS, Emília Maria P. (orgs.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul: EDIPUCRS / EDUCS, 2008.

RICHARDS, I. A. **The Philosophy of Rhetoric**. New York and London: Oxford University Press, 1936.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem**. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v.3, nº 1, jan-jun – 1999. p. 61-79.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

UNGERER, Friedrich; SCHMID, Hans-Jörg. **An introduction to cognitive linguistics**. New York: Longman, 1996.

VEREZA, Solange Coelho. **Literalmente falando – sentido literal e metáfora na metalinguagem**. Niterói: Editora da UFF, 2007.

VILELA, Mário. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

ZAMBONI, Lílian Márcia S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica – subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Autores Associados, 2001.

Anexos

Anexo I

Artigo H1 – Formação e atuação da rede de comissários do Santo Ofício em Minas Colonial. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.9, nº57, p.145-164, 2009.

Trechos com Expressões Linguísticas Metafóricas (ELM)		Metáfora Conceptual (MC)	Tipo de MC
I-H1	Concomitante ao declínio das visitas (1), notamos um crescimento do número (2) de agentes inquisitoriais expedidas pelo Santo Ofício, cujo ápice (3) foi atingido no século XVIII.	1 – MENOS É PARA BAIXO 2 – AUMENTAR É CRESCER 3 – MAIOR É PARA CIMA	1 – Orientacional 2 – Orientacional 3 – Orientacional
II-H1	Isso significa que a inquisição foi mudando sua estratégia, passando a se apoiar cada vez mais na rede de agentes (1) próprios composta principalmente por comissários, notários, qualificadores e familiares.	1 – A INQUISIÇÃO É UM JOGADOR	1 – Estrutural
III-H1	O crescimento da rede de agentes (1) do Santo Ofício.	1 – AUMENTAR É CRESCER	1 – Orientacional
IV-H1	A engrenagem inquisitorial (1) que permitiu a atuação do Tribunal de Lisboa [...].	1 – A INQUISIÇÃO É UMA MÁQUINA	1 – Ontológica

V-H1	Foi relevante a complexa articulação (1) ocorrida entre as instâncias da justiça eclesiástica existentes na Capitania e o Santo Ofício.	1 – INSTITUIÇÕES SÃO MÁQUINAS	1 – Estrutural
VI-H1	Bastava terem limpeza de sangue (1).	1 – LEGÍTIMIDADE É SANGUE LIMPO	1 – Estrutural
VII-H1	O recorte adotado neste texto se justifica também pela posição chave (1) que os comissários desempenhavam na Colônia.	1 – IMPORTANTE É CENTRAL	1 – Orientacional
VIII-H1	As principais funções desses agentes eram ouvir testemunhas nos processos de réus, coletar depoimentos (1) nos expedientes [...].	1 – DEPOIMENTOS SÃO PRODUTOS	1 – Estrutural
IX-H1	A rede de comissários do Santo Ofício começou a ganhar fôlego (1) nas últimas décadas do século XVII.	1 – REDES DE PROFISSIONAIS INTERLIGADOS SÃO SERES HUMANOS	1 – Ontológica
X-H1	Dada a fraca presença (1) oficial dos clérigos regulares em Minas.	1 – POUCO É FRACO	1 – Orientacional
XI-H1	A análise revela que a tendência era a Inquisição dar prioridade aos comissários de melhor formação (1) – geralmente preferindo os bacharéis em cânones –, que ocupavam os postos mais elevados (2) na hierarquia eclesiástica da capitania.	1 – MAIOR É MELHOR 2 – IMPORTANTE É PARA CIMA	1 – Orientacional 2 – Orientacional
XII-H1	O fato de Inácio Correia de Sá ter ocupado cargos chave (1) na hierarquia	1 – IMPORTANTE É	1 –

	eclesiástica [...].	CENTRAL	Orientacional
XIII-H1	Além da importância dada pela Inquisição aos indivíduos que ocupavam o topo (1) da hierarquia eclesiástica local, certamente havia um interesse por parte do alto clero (2) da Capitania [...].	1 – IMPORTANTE É PARA CIMA 2 – IMPORTANTE É PARA CIMA	1 – Orientacional 2 – Orientacional
XIV-H1	Ser agente do Santo Ofício era uma forma de [...] poder ascender (1) na própria hierarquia clerical.	1 – IMPORTANTE É PARA CIMA	1 – Orientacional
XV-H1	Quanto a outro grupo de cinco comissários, geralmente com baixa formação (1) [...].	1 – RUIM É PARA BAIXO	1 – Orientacional
XVI-H1	O autor se baseou na queda do número (1) de sentenciados.	1 – MENOS É PARA BAIXO	1 – Orientacional
XVII-H1	Batalha era muito ativo na região (1).	1 – AGIR É MOVIMENTAR-SE	1 – Estrutural
XVIII-H1	Manuel Freire Batalha foi um esteio (1) importante para a ação inquisitorial [...].	1 – PESSOAS IMPORTANTES SÃO APOIOS	1 – Estrutural
XIX-H1	“Soava de mui longe a voz do Santo Ofício” (1).	1 – PRESENÇA É BARULHO	1 – Estrutural
XX-H1	O comissário especificamente reclamava de sua baixa remuneração (1) diante dos altos custos (2) dos mantimentos e da vida nas Minas.	1 – MENOS É PARA BAIXO 2 – MAIOR É PARA CIMA	1 – Orientacional 2 – Orientacional

XXI-H1	Os réus e acusados tinham mais tempo (1) para fugir.	1 – TEMPO É UMA ENTIDADE	1 – Ontológica
XXI-H1	Da parte de cá, eram dadas informações ao Tribunal sobre as [...] deficiências da máquina inquisitorial (1) que funcionava na região [...].	1 – A INQUISIÇÃO É UMA MÁQUINA	1 – Ontológica
XXII-H1	Ocupando o lugar de cabeça eclesiástica da capitania (1).	1 – IMPORTANTE É PARA CIMA	1 – Orientacional

Anexo II

Artigo H2 – O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o novo mundo. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.28, nº55, p.133-152, 2008.

Trechos com Expressões Linguísticas Metafóricas (ELM)		Metáfora Conceptual (MC)	Tipo de MC
I-H2	Os ingleses e alemães teriam sido inicialmente os protagonistas (1) no processo de produção científica (2) que renovou o conhecimento (3) que a Europa do Oitocentos tinha sobre o Brasil.	1 – ESTADOS SÃO ATORES 2 – CIÊNCIA É PEÇA TEATRAL 3 – CONHECIMENTO É EXPECTADOR	1 – Ontológica 2 – Estrutural 3 – Ontológica
II-H2	O conhecimento (1) que a Europa do Setecentos foi acumulando sobre os domínios coloniais sul-americanos.	1 – CONHECIMENTO É BEM	1 – Estrutural

III-H2	A ciência europeia e a sua metodologia se renovavam e evoluíam (1).	1 – CIÊNCIA É ORGANISMO	1 – Estrutural
IV-H2	Todos buscavam um conhecimento (1) mais exato do Brasil.	1 – CONHECIMENTO É BEM	1 – Estrutural
V-H2	Informações contribuía para a renovação gradual do conhecimento detido por essa elite sobre o Brasil (1).	1 – CONHECIMENTO É BEM	1 – Estrutural
VI-H2	Na construção do conhecimento que a Europa tinha sobre o Brasil (1).	1 – CONHECIMENTO É EDIFÍCIO	1 – Estrutural
VII-H2	Viagens e experiências clarificavam dúvidas (1).	1 – DÚVIDAS SÃO TREVAS	1 – Estrutural
VIII-H2	Outra garantia de fiabilidade era também a bagagem intelectual (1) do viajante.	1 – CONHECIMENTO É BEM	1 – Estrutural
IX-H2	Contribuiu para a construção do conhecimento científico (1).	1 – CONHECIMENTO É EDIFÍCIO	1 – Estrutural
X – H2	Os piratas e corsários foram também produtores de conhecimento sobre o litoral brasileiro (1).	1 – CONHECIMENTO É PRODUTO	1 – Estrutural
XI – H2	As trocas comerciais eram taxadas a preços altíssimos (1)	1 – MAIOR É PARA CIMA	1 – Orientacional
XII – H2	São portos associados (1) a redes comerciais (2) inter-regionais e transatlânticas com capacidade para receber navios de grande porte.	1 – PORTOS SÃO PESSOAS 2 – COMÉRCIOS SÃO REDES	1 – Ontológica 2 – Estrutural

XIII H2	Os diários de viagem transformaram gradualmente a navegação das águas do Atlântico sul (1).	1 – DIÁRIOS SÃO PESSOAS	1 – Ontológica
XIV H2	Textos são transmissores (1) de um conhecimento não cristalizado, mas em permanente aperfeiçoamento (2).	1 – TEXTOS SÃO PESSOAS 2 – CONHECIMENTO É BEM	1 – Ontológica 2 – Estrutural
XV – H2	Confiavam em si e nas luzes da razão (1).	1 – CONHECIMENTO É LUZ	1 – Estrutural

Anexo III

Artigo H3 – Imigração e família em Minas Gerais no final do século XIX. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.27, n°54, p.155-176, 2007.

Trechos com Expressões Linguísticas Metafóricas (ELM)		Metáfora Conceptual (MC)	Tipo de MC
I–H3	A queda progressiva das taxas de mortalidade que ocorreu sem a correspondente queda da fecundidade (1).	1 – MENOS É PARA BAIXO	1 – Orientacional
II–H3	O desenvolvimento dos transportes internos abriu áreas cada vez mais vastas (1).	1 – TRANSPORTES SÃO ORGANISMOS	1 – Ontológica
III–H3	A corrente migratória de finais do	1 – MIGRAÇÃO É	1 – Estrutural

	século XIX (1).	ÁGUA	
IV-H3	Destacam-se pela absorção de grandes volumes de imigrantes (1).	1 – MIGRAÇÃO É ÁGUA	1 – Estrutural
V-H3	Nos passos desses diplomas legais, contratos são realizados (1).	1 – CONTRATOS SÃO PESSOAS	1 – Ontológica
VI-H3	Quando o arrefecimento do fluxo de imigrantes (1) levou o seu fechamento.	1 – MIGRAÇÃO É ÁGUA	1 – Estrutural
VII-H3	Daí, também o pequeno volume (1) de imigrantes vindos para a região.	1 – MIGRAÇÃO É ÁGUA	1 – Estrutural

Metáforas do WIKLEAKS: Um estudo exploratório

Alberto Cirilo Paz de Lima *

RESUMO

Metáfora era entendida apenas como uma espécie de ornamento, utilizada no âmbito da Poética e da Retórica, e não recomendada para o discurso científico. A partir dos anos 1970, consolidou-se como um sistema de categorização mental extenso, automático, em boa parte inconsciente, utilizado no dia a dia e também nas relações internacionais. Após o surgimento do WikiLeaks, um site dedicado à publicação de documentos vazados por fontes dentro de empresas ou governos, criado pelo hacker australiano Julian Assange, termos como terrorista, ciberativista, paranoico e ciberguerrilheiro foram usados para descrever Assange, assim como organização terrorista, ao WikiLeaks, o que serve aos propósitos de quem não quer que mais vazamentos ocorram e mais documentos sejam revelados, ao ligar à sua pessoa a imagem de um combatente inimigo, de um subversivo, e até mesmo de um alvo a ser eliminado. Mas o WikiLeaks pode se beneficiar dessa imagem, pois faria de si um lugar de contestação por excelência: qualquer pessoa que tenha interesse em vaziar documentos sigilosos comprometedores saberia a quem recorrer. Dentro dessa perspectiva, pretende-se investigar as metáforas que constroem o discurso contrário e o discurso a favor de Assange e do WikiLeaks.

PALAVRAS- CHAVE: Metáfora; Julian Assange; WikiLeaks; Identidade; Ethos

ABSTRACT

Metaphor was understood just as a kind of ornament used in the Poetics and Rhetoric, and not recommended for scientific discourse. From the year 1970, established itself as an extensive system of mental categorization, automatic, largely unconscious, used in everyday life and also in international relations. After the rise of Wikileaks, a site dedicated to publishing documents leaked by sources within companies or governments, created by the Australian hacker Julian Assange, terms such as terrorism, cyberactivists and paranoid have been used to describe Assange, as well as terrorist organization, to WikiLeaks, which serves the purposes of those who do not want leaks to occur and more documents to be revealed, connecting his image to that of an enemy combatant, a subversive, and even a target for killing. But Wikileaks can benefit from this image, it should make it a place of ultimate challenge: anyone who has an interest in leaking classified documents knows where to turn. Within this perspective, we intend to investigate the metaphors that construct the discourse against and in support of Assange and WikiLeaks.

KEYWORDS: Metaphor; Julian Assange; WikiLeaks; Identity; Ethos

* Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Introdução

O *WikiLeaks* é um site dedicado à publicação de documentos vazados por fontes anônimas em empresas ou governos, criado pelo *hacker* australiano Julian Assange. Até o momento, foram divulgadas informações sigilosas de um banco Suíço, material sobre a Cientologia, arquivos relacionados ao desvio de dinheiro público por parte do governo do Quênia, além de milhares de documentos dos Estados Unidos sobre as guerras do Afeganistão e do Iraque, entre outros.

A atitude de Assange e o surgimento do *WikiLeaks* suscitaram discussões em torno dos limites da liberdade de expressão e da livre imprensa, bem como sobre os métodos da Diplomacia Internacional e da transparência governamental (Lafer, 2011). Jornalistas, políticos e observadores diversos teceram análises e se posicionaram diante de cada novo vazamento: o vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, classificou Assange como “terrorista hi-tech”⁴ (Macaskill, 2010); a ex-governadora do Alasca, Sarah Pallin, afirmou que o australiano deveria ser caçado como os líderes da rede Al-Qaida por colocar americanos em risco⁵ (Hunt, 2010; Leigh; Harding, 2011); para o líder cubano Fidel Castro, Assange teria colocado os Estados Unidos ‘de joelhos’ (Domingos; Couto, p. 41); o Ministro Italiano das Relações Exteriores disse que os vazamentos são o “11 de setembro da diplomacia” (Kennedy, 2010)⁶. Outros epítetos empregados ao se descrever Assange são: *ciberativista, paranoico, irresponsável, ciberguerrilheiro, messias da informação, sociopata*.

Do ponto de vista linguístico, cabe lembrar que, enquanto falantes, os representantes de governos e instituições se expressam discursivamente através de processos conceptuais de que, em geral, não nos damos conta. De acordo com Lakoff e Johnson (1980/2002), o fenômeno da metáfora deve ser entendido não apenas como recurso disponível, próprio à linguagem literária (de natureza conotativa), para dizer

⁴ “I would argue it is closer to being a hi-tech terrorist than the Pentagon papers”.

⁵ “His past posting of classified documents revealed the identity of more than 100 Afghan sources to the Taliban. Why was he not pursued with the same urgency we pursue al Qaeda and Taliban leaders?”.

⁶ “the 9/11 of world diplomacy”.

uma coisa em termos de outra (Filipak, 1983), mas um tipo de operação metacognitiva, um mecanismo usual e fundamental na linguagem cotidiana. Na obra desses autores (*Metaphors we live by*), o conceito de metáfora e de figuras de linguagem em geral se funda em bases inovadoras, de tal maneira que se configura uma mudança importante quanto à abordagem e à compreensão de processos semânticos até então imputados ao discurso artístico e literário.

Para enquadrar Assange na categoria de “terrorista”, é produtivo, linguisticamente, o uso de metáforas, empregadas intencionalmente por quem não quer que mais vazamentos ocorram e mais documentos sejam revelados, ligando à sua pessoa a imagem do “combatente inimigo”, do “subversivo” e até mesmo do “alvo a ser eliminado”. Em contrapartida, há quem considere que se trata de um movimento de contestação, de desobediência civil, uma luta por transparência, com Assange desempenhando papel de destaque como uma espécie de messias cibernético, um herói (Leigh, Harding, 2011). Com isso, constata-se que há duas faces em jogo, a positiva e a negativa, e por esse motivo cabe buscar o entendimento do *ethos* de Assange e, por derivação, do site que ele criou (Maingueneau, 2005).

Devido à novidade do tema, são poucos os textos teóricos disponíveis até o momento. Até o fechamento do texto deste trabalho, foram publicados no Brasil quatro livros sobre Julian Assange e o *WikiLeaks* e numerosos artigos jornalísticos de opinião. A amostra aqui analisada foi extraída do livro de Leigh e Harding (2011), jornalistas do jornal britânico *The Guardian*, que foi o primeiro a ser publicado no Brasil sobre o assunto.

2. Visões sobre metáfora

Conforme comentado anteriormente, a teoria contemporânea sobre metáfora a concebe como figura do pensamento. Para entender como essa visão é uma mudança em relação à forma como era entendida, será abordada brevemente a visão tradicional de metáfora, segundo alguns autores.

Do grego *metá* = trans + *phérein* = levar (Pereira, 1976, apud Filipak, 1983), metáforas são consideradas como ornamento, utilizado no âmbito da Poética e da Retórica e não recomendado para o discurso científico. Na definição de Aristóteles, metáfora é a “transferência para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para o gênero de outra, ou por analogia” (Filipak, 1983; Ricouer, 2005, p. 24). Segundo Eco (1974, p. 92) “a metáfora é uma figura de substituição de um elemento da linguagem por outro”, seguindo a tradição aristotélica. Whately (apud Filipak, 1983, p. 99) também admite essa definição ao afirmar que metáfora é “uma palavra substituída por outra”. No Dicionário Aulete ⁷, metáfora é uma “figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra”. No Novo Aurélio (Ferreira, 1999, p. 1326), o termo é definido como “tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa e que se fundamenta numa relação subentendida entre o sentido próprio e o figurado”. No dicionário Houaiss (2001, p. 1907), o tropo é concebido como a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança”. No Michaelis ⁸, trata-se do “emprego de uma palavra em sentido diferente do próprio por analogia ou semelhança: *Esta cantora é um rouxinol* (a analogia está na maviosidade)”.

Essa concepção de metáfora passa a ser criticada no século XX e se consolida com Lakoff e Johnson na década de 1970, um marco a partir do qual diversas propostas teóricas são postuladas em diferentes domínios científicos (Filipak, 1983; Gibbs apud Zanotto, et al, 2002). Para Lakoff e Johnson (1980/2002, p. 45), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Por meio do emprego dessas construções, nossas ações são guiadas, até mesmo em questões menores, do dia a dia. Os autores colocam: “já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema” (p. 46).

Exemplos como “discussão é guerra” e “tempo é dinheiro” ilustram a tese. A partir da compreensão de tais concepções, utilizamos expressões como “ganhar uma

⁷ <<http://aulete.uol.com.br>>

⁸ <<http://michaelis.uol.com.br>>

discussão”, “atacar” ou “derrubar o argumento”, “desperdício de tempo”, “gastar o tempo”, “perder tempo”, “investir tempo”. Essas expressões são usadas comumente no discurso, mas também norteiam nossa maneira de agir. Se em nossa cultura uma discussão fosse percebida como uma forma de dança, nossa atitude em um debate seria também outra. Assim, as *metáforas estruturais* são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro (Lakoff; Johnson, 1980/2002).

As *metáforas orientacionais* são assim denominadas porque a maioria delas está relacionada a orientações espaciais, tais como nas oposições para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás. Como exemplo os autores apresentam o conceito de “feliz é para cima e triste é para baixo”. Sentenças como “Eu estou me sentindo para cima”, “Aquilo levantou meu moral”, “Meu astral subiu”, “Eu caí em depressão”, “Estou no fundo do poço” (p. 60) ilustram a oposição. O conceito reaparece no processamento de estruturas linguísticas como “Consciente é para cima, Inconsciente é para baixo” e nos exemplos “Eu já estou de pé”, “Ele se levanta cedo”, “Ele caiu no sono”. Também é o caso de estruturas nas quais os usuários operam associações do tipo: “saúde e vida são para cima; doença e morte são para baixo”, como nos exemplos “Ele está no auge de sua força física”, “Ele caiu doente”, “A gripe o derrubou”, “A saúde dele está declinando”.

Por último, as *metáforas ontológicas* dizem respeito a formas próprias do ser humano conceber e lidar com “eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias” (p. 76). Os autores exemplificam com o conceito de inflação, que é a experiência de aumento de preços, mas é descrita como um inimigo, como na sentença “Precisamos combater a inflação”, entre outras construções que auxiliam na compreensão do termo, amplamente utilizado em escritos da área de Economia, todavia, nem sempre se percebe a base metafórica.

É relevante considerar também a face política de Lakoff. Militante do Partido Democrata norte-americano, Lakoff escreveu artigos e livros nos quais explica como as respectivas visões de mundo de democratas e republicanos condicionam o entendimento sobre a política de seu país. O pesquisador também criticou o discurso político norte-americano por ocasião da primeira guerra do Iraque, na reação ao 11 de setembro e na segunda guerra do Iraque, que apresentam elementos marcadamente metafóricos, como a conceptualização de Estados associados a pessoas ou relacionados ao emprego de

estruturas clássicas de contos de fadas que utilizam as figuras como vilões, heróis e vítimas (Lakoff, 1991; 2001). Para o autor, existe um sistema de categorização mental extenso, automático, aparentemente inconsciente. O falante utiliza-o no dia a dia, nas relações internacionais, e é possível observar e analisar em discursos proferidos por autoridades para justificar uma ação: um país pode ter sido “estuprado”; um governante inimigo pode ser um “monstro” ou mesmo um “demônio”, ataques podem ser “cirúrgicos”, entre outras construções (Lakoff, 1991). Segundo Lakoff (2001), a idéia de “crime” passou para a de “terror”, nos primeiros discursos em resposta ao 11 de setembro, e todo um curso de ação foi tomado a partir disso. Conceptualizações semelhantes são identificadas para descrever Julian Assange e, por conseguinte, o *WikiLeaks*, como pode ser visto nos dados extraídos da amostra selecionada para estudo, na seção seguinte.

Cumpramos esclarecer então que estamos adotando o conceito de gramática emergente do discurso, das necessidades comunicativas dos falantes, o qual se contrapõe ao de Chomsky (1965), de competência linguística. A noção de língua de que partimos supõe necessariamente os usos reais da linguagem em contextos diferenciados, em enquadres discursivo-pragmáticos distintos na fala e na escrita. Por conseguinte, supomos a existência de uma competência comunicativa, além da competência linguística (noção tecnicamente postulada por Chomsky) que implica que os falantes fazem uso funcional da linguagem a depender dos enquadres interacionais e de conteúdos proposicionais e informacionais a serem processados e transmitidos. Na visão chomskiana, a língua é herdada geneticamente, porque já vem inscrita no genótipo dos indivíduos desde o nascimento, de modo que sua aquisição se dá involuntária, inconsciente e inexoravelmente em todos os falantes na mais tenra idade. Sendo assim, independe da quantidade e da qualidade do *input*, de forma que todos os seres humanos adquirem um sistema linguístico desprovidos que sejam de algum comprometimento neurofisiológico. Sob tal perspectiva, Chomsky entende que os falantes nativos possuem uma potencialidade específica à linguagem, concebida como uma competência internalizada e concebe a mente modularizada. Para Chomsky e para os formalistas, portanto, língua situa-se dentro dos falantes e independe de qualquer contexto de fala. Desta feita, língua é atemporal, assujeitada, internalizada e completa. Trata-se de competência natural e sua explicitação prescinde das situações de uso, das interações, de qualquer variável situacional, temporal e histórica.

A noção de língua que dá respaldo à presente pesquisa, em contraposição, apoia-se no conceito de competência comunicativa, postulado inicialmente por Hymes (1974), também conhecido por competência pragmática ou competência informacional. Nesse caso, é imprescindível e necessário reportar-se à visão interacionista da linguagem apoiada em Vigostsky (1987), cujo pressuposto é o de que a comunicação linguística opera numa co-construção entre interlocutores, entre os agentes de uma dada situação discursiva no *continuum* oral/escrita.

O paradigma funcionalista encontra raízes na Pragmática e concebe a gramática forçosamente dependente do contexto (contrariamente à visão formalista, aludida anteriormente). Assim, os usos linguísticos são intencionais e emergem das necessidades e dos propósitos comunicativos dos falantes. As estruturas linguísticas são codificadas gramaticalmente de modo a produzir os efeitos de sentido que se quer imprimir. Ora, se a informação é “embalada” segundo os propósitos comunicativos dos falantes, parte-se do princípio de que o processamento linguístico não é, portanto, aleatório.

Não por acaso o cognitivista Lakoff, surgido originalmente da Semântica Formalista (de orientação gerativista), reconsidera a noção de metáforas, ao verificar que a linguagem do cotidiano também opera majoritariamente e voluntariamente com base em mecanismos associativos que provocam sentidos bem marcados e funcionais do ponto de vista semântico-discursivo. Por isso, o presente estudo também encontra raízes teóricas no Cognitivism.

3. Análise dos dados: algumas interpretações

Metáforas para descrever Assange e o *WikiLeaks* são empregadas em livros e artigos, formando um amplo leque de autores que se detiveram sobre as divulgações feitas pelo site e teceram considerações e comentários contra e a favor dele. Note-se que um fenômeno que se replica em padrões semelhantes é passível de estudo científico, dado que é sistemático e, portanto, previsível. Este artigo, então, não busca analisar processos casuais ou fortuitos, mas fenômenos sistemáticos. Cabe notar que os

documentos não estão sendo controlados do ponto de vista dos gêneros discursivos, nos termos de Swales (1990).

A percepção de que a referência identitária de Assange está ligada ao *WikiLeaks*, conforme ocorre também entre outras personalidades no mundo dos negócios, quando fundadores de empresas atuam como seus porta-vozes, sendo chamados para dar entrevistas e falar sobre os serviços que oferecem, é atestada por Domingos e Couto (2011, p. 25), ao afirmarem que as “origens do *WikiLeaks* se confundem com a história do próprio criador”. O ex-porta-voz do site, Daniel Domscheit-Berg, cita uma das colaboradoras do *WikiLeaks* a criticar Assange dizendo: 'Então, pelo que diz, Julian, VOCÊ é o WL e todos os outros, apenas seus servos a quem você atribui confiança' (Domscheit-Berg, 2011, p. 222, ênfase no original). Todavia, o *WikiLeaks* pode, afinal, beneficiar-se da projeção da imagem de Assange, pois faria de si um “lugar” de contestação por excelência: qualquer pessoa que tenha interesse em vaziar documentos sigilosos passa a saber a quem recorrer.

O livro de Leigh e Harding (2011), articulistas do jornal britânico *The Guardian*, que foi o primeiro a ser publicado no Brasil sobre Assange e o *WikiLeaks*, em 250 páginas, procura contar a história do site e de seu criador, com capítulos sobre os planos para a divulgação dos documentos, com informações sobre o soldado Bradley Manning – provável fonte dos vazamentos – e sobre o périplo de Assange pela Suécia, que lhe rendeu dois processos por estupro. O apêndice do livro transcreve alguns dos telegramas diplomáticos divulgados.

Neste artigo são oferecidos tão somente alguns poucos exemplos de processos conceptuais metafóricos, bastante produtivos, reportados a Assange e, por conseguinte, ao *WikiLeaks*. Observe-se (1) abaixo.

(1) “No intervalo de onze meses, Assange tornou-se *viral*” (p. 16).

Por “viral” entende-se uma espécie de campanha que utiliza modos de divulgação de informação, muito utilizada em redes sociais, a ser repassada e replicada pelos próprios internautas espontaneamente. Na amostra, a metáfora “viral” (em outros contextos) se codifica linguisticamente como adjetivo e é recodificada pelos sintagmas nominais

“marketing viral” e “publicidade viral”, com o propósito de representar determinado processo conceptual, tal como concebido por Lakoff e Johnson (1980/2002), conforme comentado anteriormente. Cabe destacar que, diante da pressão exercida sobre o *WikiLeaks*, quando da divulgação dos documentos vazados, vários sites-espelho (*mirror sites*) surgiram, reproduzindo o conteúdo do site original. Essa também é uma característica ligada à metáfora ora analisada que, cunhada da área de Saúde, constitui processo analógico com o sentido de “vírus”, não como elemento/germe que contamina, mas pelo seu poder de reduplicação /contaminação transpostos para o ambiente virtual.

É possível dizer, então, que Assange tornou-se uma celebridade e se multiplicou por meio de entrevistas, matérias de jornais, blogs, notícias diárias. O mecanismo de multiplicação em cadeia é tão produtivo, que diversos sites com proposta igual à do *WikiLeaks* vêm proliferando, como o *Balkan Leaks*⁹, o *Brussels Leaks*¹⁰, o *Indo Leaks*¹¹, o *OpenLeaks*¹², o *RuLeaks*¹³, o *Trade Leaks*¹⁴ e também a *Transparency Unit*, da rede de tv Al Jazeera¹⁵.

Observe-se o trecho em (2):

(2) “Considerado por alguns um messias das novas mídias, para outros ele é um ciberterrorista”. (p. 17)

Em (2), procede considerar em separado as formas “messias” e “ciberterrorista”.

A ideia do messias remete à tradição judaico-cristã e contém traços de sentidos de natureza metafísica. Neste caso, o processo metafórico opera na direção de construção de identidade positiva. Na amostra, encontramos o sintagma nominal “messias da informação”, com propósito similar de construção identitária positiva. Constata-se a atribuição divina a Assange em (3).

(3) “na vida eletrônica [...], um deus” (p. 52)

⁹ <<https://www.balkanleaks.eu/>>

¹⁰ <<https://brusselsleaks.com>>

¹¹ <<http://www.indoleaks.org/>>

¹² <<http://www.openleaks.com>>

¹³ <<http://ruleaks.net/>>

¹⁴ <<http://www.tradeleaks.com/>>

¹⁵ <<http://transparency.aljazeera.net/>>

Ainda no âmbito religioso, atestam-se outros processos metafóricos.

(4) “são Sebastião da era da internet, um mártir perfurado pelas muitas flechas dos incrédulos” (p. 229).

Cognitivamente, o processo de associação de Assange a um mártir pressupõe conceptualmente sofrimento com beatificação: o autor (ou o representante para o grande público do *WikiLeaks*) presta tarefas de divulgação de conteúdos que lhe custam sacrifício e que, no entanto, o santificam.

Ainda no âmbito religioso, Castells (1999, p. 425), ao tecer considerações sobre as novas formas de poder na Era da Informação, destaca um tipo de sujeito que ele chama de *profetas*. O trecho transcrito a seguir deixa clara a importância e a recorrência da metáfora *profetas* no caso em estudo e em outros contextos:

“personalidades simbólicas cujo papel não implica exercer a função de líderes carismáticos [...] mas sim emprestar uma face (ou uma máscara) a uma insurreição simbólica, de modo que possam falar em nome dos rebeldes. Assim, os rebeldes sem meios de expressão passam a ter uma voz que fala por eles, garantindo à sua identidade o acesso ao campo das lutas simbólicas além de uma chance de tomar o poder – nas mentes das pessoas”

Assumir a identidade profética corresponde a ocupar novo lugar de poder, que estaria baseado “nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas e decidem o seu comportamento” (p. 423).

O prefixo “ciber”, por seu turno, mostra-se também produtivo. É usado também para formar a palavra “cyberpunk” (p. 250), que sugere a união entre tecnologias digitais e a cultura punk, sintagma usado pela primeira vez na ficção científica, assim como a forma nominal ciberespaço (Cardoso; Melo, 2009) que imprime processo

conceptual reportado ao contexto virtual. “Ciber” será também combinado com “messias” para compor a expressão “novo tipo de cibermessias” (p. 20), conceito popularizado pelos irmãos Wachowsky nos filmes da trilogia Matrix, no qual o salvador da humanidade será Neo, um *hacker* (Amaral, 2005). Esse neologismo será utilizado para estabelecer um contraste entre aqueles que veem Assange de modo positivo e aqueles que pensam nele como um “vilão de James Bond” (p.20). A expressão “vilão platinado” também é utilizada (p. 250), em provável alusão a seus cabelos brancos (o soldado Manning, provável fonte dos vazamentos, em diálogo com o *hacker* que o denunciaria, fala de Assange como “australiano maluco de cabelo branco” (p. 43)). Curiosamente, um perfil escrito sobre Assange no jornal *The New York Times*, que o deixou bastante contrariado, enfatiza o processo por estupro na Suécia e cita o próprio australiano: “Eles me chamaram de James Bond do jornalismo. Eu arrumei muitas fãs, e algumas delas acabaram me criando problemas” (p. 168). Então, duas imagens, em princípio colidindo, são projetadas: uma de vilão e outra de herói, uma de vilão de James Bond, outra como o próprio herói.

A forma nominal “ciberterrorista” (p. 17, 26), mecanismo linguístico de recategorização substantivo> sintagma nominal, que se mostra produtiva nos dados. Procede perguntar, por isso, qual a imagem afinal que se mantém predominante e quais os processos linguístico-conceptuais que concorrem para a constituição identitária negativa ou positiva. Esta questão situa-se no bojo de nossa investigação e se mostra relevante para o caso em estudo e em outros que estão no aguardo da pesquisa científica. Finalmente, o emprego do termo “terrorista” conforme (2) junto ao prefixo “ciber”, suscita alguns comentários. Em pesquisa encomendada pela *TV ABC News* e pelo jornal *The Washington Post*, a maioria dos americanos acha que Assange deveria ser processado por ter publicado os documentos que obteve ¹⁶. Anteriormente, na introdução a este artigo, foi citado o vice-presidente dos Estados Unidos a classificar o *hacker* australiano como “terrorista hi-tech” (Macaskill, 2010) e a ex-governadora do Alasca, Sarah Palin, a propor que Assange seja caçado como os líderes da rede Al-

¹⁶ Fundador do *WikiLeaks* divide opiniões nos EUA. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,fundador-do-WikiLeaks-divide-opinioes-nos-eua,653693,0.htm>>. Acesso em: 10 mar 2011.

Qaida (Hunt, 2010; Leigh; Harding, 2011). Terrorista é uma organização ou alguém que utiliza atos de violência para obter ganhos políticos, seja por meio do enfraquecimento das instituições governamentais existentes, seja para provocar uma reação ainda mais violenta por parte das autoridades, fazendo com que assim percam sua legitimidade, o que fará com o grupo ou as pessoas que inicialmente provocaram a reação pareçam melhores aos olhos da opinião pública (Vargas Llosa, 2010). As novas tecnologias da informação e da comunicação passaram a afetar o mundo dos negócios, questionaram as barreiras que separam o público do privado e lançaram novos problemas na relação entre Estado e indivíduos. O *WikiLeaks* insere-se neste quadro. Seu “ato de violência” foi divulgar documentos sigilosos. Para Guessser (2007, p.80), “toda a ferramenta que permita potencializar ou facilitar o manuseio da informação representa um elemento importante no processo de controle e distribuição do poder”. Mas, conforme Demo (2010, p. 115) “nada é mais velho na sociedade que suas estruturas empedernidas de poder”, que reagirão também à nova ameaça.

Dependendo da imagem que for escolhida, determinado campo de significação é ativado, conforme foi visto. A mentalidade *hacker* concebe com facilidade que palavras são usadas e que informações são suprimidas com o objetivo de manipular a opinião pública. Não se aperceber disso é um engano e indício de ingenuidade, segundo tal concepção. Desconfiar da autoridade e fazer circular as informações é parte de uma queda de braço. Para os propósitos deste artigo, considera-se *hacker* uma pessoa com conhecimento e habilidades acima da média com relação ao funcionamento interno dos sistemas e redes de informática. Alguns *hackers* agem em grupos e utilizam suas habilidades para invadir sistemas e disseminar vírus, sendo denominados *crackers* ou “*black hats*”, enquanto que aqueles que somente aprimoram *softwares* e apontam falhas de segurança seriam os “*white hats*”, ou simplesmente *hackers*. A fronteira exata entre esses grupos não é muito clara e é possível que eles sejam parte de uma subcultura mais ampla (Castells, 2003). A forma de interpretar sua visão de mundo pode variar, mas, essencialmente, a ética *hacker* pode ser descrita da seguinte forma, segundo Himma (2007):

- A informação deve ser livre e acessível a todos;
- O acesso aos computadores deve ser ilimitado;

- Os computadores e a internet podem ser uma força para o aperfeiçoamento da humanidade;
- Autoridades (governos) não são confiáveis.

Note-se que as expressões em (5) e (6)

(5) “defensor da liberdade” (p. 26) e

(6) “filósofo e orador da liberdade de expressão” (p. 234)

revelam como a visão de mundo *hacker* faz parte da construção identitária de Assange e é percebida na sua atitude, na interação com outras pessoas e na análise que se faz dele. Considere-se a figura do

(7) “nômade” (p.18), e

(8) “nômade global” (p. 230),

Que alude ao fato de Assange não ter endereço fixo. A figura do andarilho é recorrente na cultura cyberpunk e também na literatura *beatnik* (Amaral, 2005). Mas, o mais importante deve ser o fato de que, sem um endereço, não é possível enviar liminares ou intimações (Domscheit-Berg, 2011).

Podem ser destacados, ainda, os processos metafóricos em (7) e (8)

(9) “estrela do rock” (p. 139) e

(10) “astro do rock” (250).

Nesses casos, a estratégia conceptual se superpõe às faces positiva e negativa e constrói uma dimensão artística. A revista *Rolling Stone* elegeu Assange o “roqueiro do ano”¹⁷.

Outras metáforas lhe são atribuídas, em artigos jornalísticos de opinião e em livros já publicados. A tendência que ora se apresenta é a de que a exposição que Julian Assange faz de si, por meio de entrevistas que concedeu e pela participação em eventos específicos da comunidade *hacker*, mas também através de seu temperamento, que proporciona aos que conviveram com ele motivos para criticá-lo, agrega ao site uma identidade, ora negativa, ora positiva. Em um sentido negativo, *ciberterrorismo* constitui a metáfora-mãe, tomada como referência para as demais referentes à identidade negativa e, por sua vez, o termo *cibermessianismo*, a matriz geradora de processos conceptuais relativos à identidade positiva.

4. Considerações finais

Baseando-se nos pressupostos de Lakoff e Johnson, este artigo tem como proposta buscar conhecer alguns processos conceptuais, que se verificam em estruturas linguísticas consideradas como estratégias metafóricas, para verificar referências identitárias (*ethos*), relacionadas a Julian Assange e ao WikiLeaks. A partir disso, procurou-se evidenciar os modos como as metáforas são intencionalmente empregadas e como constroem faces de identidade positiva ou negativa e, assim, demonstrar a relevância e a adequação dos quadros teóricos aqui mencionados.

Considere-se, ainda, que o momento é propício para desenvolver esta pesquisa, porque novos fatos estão se apresentando regularmente, já que apenas uma parte muito pequena do total de documentos obtidos pelo *WikiLeaks* foi divulgada e, a cada novo vazamento, analistas e comentaristas escrevem artigos que descrevem implicações e consequências observáveis.

¹⁷ Fundador do WikiLeaks é eleito o "roqueiro" do ano. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101214/not_imp653414,0.php>. Acesso em: 5 abr 2011.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana. **Visões perigosas**: uma arque-genealogia do cyberpunk : do romantismo gótico às subculturas : comunicação e cibercultura em Philip K. Dick. Porto Alegre: PUCRS, 2005. 291 f. Tese (Doutorado) – programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. v.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Carla; MELO, Olívia. Ciberliteratura: o (não) lugar da literatura no ciberespaço. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179 out/dez 2009. p. 29-48.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

DEMO, Pedro. Coisas velhas em coisas novas: novas “velhas tecnologias”. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p. 101-121, jan/abr. 2010.

DOMSCHEIT-BERG, Daniel. **Os bastidores do WikiLeaks**: a história do site mais controverso dos últimos tempos escrita pelo seu porta-voz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

DOMINGOS, José Antonio; COUTO, Sergio Pereira. **Wikileaks**: segredos, informações e poder. São Paulo: Idea, 2011.

ECO, Umberto. **As formas do conteúdo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FILIPAK, F. **Teoria da Metáfora**. Curitiba: Livros HDV, 1983.

GUESSER, Adalto. A diversidade linguística da Internet como reação contra-hegemônica das tendências de centralização do império. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 36, n. 1, p. 79-91, jan/abr. 2007.

HIMMA, Kenneth Einar. **Internet security: hacking, counterhacking, and society**. Sudbury, Massachusetts: Jones and Bartlett, 2007.

HUNT WikiLeaks chief down like Osama bin Laden: Sarah Palin demands Assange is treated like Al Qaeda terrorist. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1334341/WikiLeaks-Sarah-Palin-demands-Julian-Assange-hunted-like-Al-Qaeda-terrorist.html>>. Acesso em: 2 mar 2011.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1974.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2ª ed., 2001.

KENNEDY, Helen. WikiLeaks should be designated a 'foreign terrorist organization,' Rep. Pete King fumes. **Daily News**, nov 28 2010. Disponível em: <http://articles.nydailynews.com/2010-11-28/news/27082693_1_air-strikes-arab-leaders-WikiLeaks>. Acesso em: 2 abr 2011.

LAFER, Celso. WikiLeaks nas relações internacionais. **Política externa**, São Paulo, p. 11-17, mar-abr-maio, v. 19, n. 4, 2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LAKOFF, George. Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the Gulf. **Viet Nam Generation Journal**, v.3, n. 3, nov 1991. Disponível em: http://www2.iath.virginia.edu/sixties/HTML_docs/Texts/Scholarly/Lakoff_Gulf_Metaphor_1.html. Acesso em: 4 abr 2011.

_____. Metaphors of terror: the power of images. **In These Times**. 29 oct 2001. Disponível em: <<http://www.inthesetimes.com/issue/25/24/lakoff2524.html>>. Acesso em: 12 mar 2011.

LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks**: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado. Campinas, SP: Verus, 2011.

MACASKILL, Ewen. Julian Assange like a hi-tech terrorist, says Joe Biden. **The Guardian**. Dec 19 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/media/2010/dec/19/assange-high-tech-terrorist-biden>>. Acesso em: 1 mar 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2005.

SWALES, John M. **Genre analysis**. Cambridge University Press, 1990.

VARGAS LLOSA, Mario. A lógica do terror. In: _____. **Sabres e utopias**. Objetiva, 2010. p. 117-120.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. SP: Martins Fontes, 1987.

ZANOTTO, Mara Sophia et al. Apresentação à edição brasileira. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

Metáfora e conflito cognitivo: resultado de uma leitura do conto Uma galinha, de Clarice Lispector

Aldo de Lima*¹⁸
ajrprofessor@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo da pesquisa, um *estudo de caso*, foi observar situações de *conflito cognitivo* com relação ao *sentido* da palavra *galinha* no conto de Clarice Lispector, “Uma galinha”. A observação se deu através de uma entrevista, que aconteceu após a leitura do conto, com um adolescente de 13 anos e 10 meses e uma adolescente de 14 anos e 4 meses, os dois de classe média, alunos da 8ª. série na Rede Estadual de Educação de Pernambuco. As duas leituras promoveram uma reorganização do *sentido* da palavra *galinha*, o que vem a confirmar que, intrínseca à Literatura e à Poesia, a metáfora faz do texto literário um instrumento que coloca o leitor em situações de *conflito cognitivo*, isto é, em circunstâncias de reorganização de conhecimento do mundo. Sobre os textos literário e poético há um consenso de que quanto mais distantes da referencialidade, quanto mais metafóricos, mais literários, mais poéticos eles o são. Com isso, ratifica-se a tese de que a Literatura e a Poesia ao interrogarem o ser humano, protagonizarem suas necessidades históricas, suas utopias e ideologias reorganizam os sentidos da palavra porque também a metáfora em suas incessantes reorganizações de conceitos e conteúdos cria *conflitos cognitivos*, ou *desequilíbrios*, os quais, como ensina Piaget, “obrigam um sujeito a ultrapassar seu estado atual e a procurar o que quer que seja em direções novas” (*A equilibração das estruturas cognitivas*; problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p.18). Trata-se de um desenvolvimento que promove no sujeito cognoscente uma tomada de consciência progressiva. Piaget, ao considerar a inteligência como produto de construções autênticas, resultante não só da maturação biológica humana como da sua interação com o mundo concreto, explica o desenvolvimento do pensamento a partir do conceito de estádios, cujo significado traz em si uma ideia evolutiva da inteligência. A partir da adolescência, o estádio do pensamento é formal porque o sujeito é capaz de formular e deduzir hipóteses; de substituir a modalidade do real pela modalidade do possível. De posse deste pensamento, o adolescente pensa e reflete criticamente acerca das metáforas; o pensamento formal, por conduzi-lo a níveis de raciocínio cada vez mais complexos e sofisticados, leva-o à compreensão dos diversos sentidos que a palavra adquire nas relações sociais, nas Artes, sobretudo na Literatura e na Poesia.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; cognição; conflito cognitivo; literatura.

¹⁸ Universidade Federal de Pernambuco, PE

ABSTRACT

The goal of research, a *case study*, was to observe situations of *cognitive conflict* in relation to the *sense* of the word *chicken* in the tale of Clarice Lispector, "A Chicken". The observation was through an interview done after the reading of the story, with a 13 year old and 10 months and a 14 year old and 4 months, two middle-class students of the 8th grade of Pernambuco State Education System. The two readings promoted a reorganization of the *sense* of the word chicken, what confirms that intrinsic to literature and poetry, the metaphor of the literary text is an instrument that puts the reader in situations of *cognitive conflict*, i.e., in circumstances of reorganization of world knowledge. On the literary and poetic texts, there is a consensus that the more distant of referentiality, the more metaphorical, more literary, more poetic they are. It confirms the thesis that literature and poetry by interrogating the human being, let them be protagonists of their historical needs, utopias and ideologies reorganize the sense of the word also because the metaphor in its incessant reorganizations of concepts and content creates *cognitive conflict*, or *imbalances*, which, as Piaget teaches, "forcing an individual to overcome its current state and look for whatever is in new directions" (*The equilibration of cognitive structures*; the central problem of development. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p.18). It is a development that permits the cognoscente subject a progressive awareness. Piaget, while considering intelligence as the product of authentic constructions, resulting not only as biological maturation of human interaction with the concrete world, explains the development of thought from the concept stage, whose meaning embodies an idea of evolutionary intelligence. From adolescence on, the stage of formal thought is possible because the subject is able to formulate hypotheses and deduce, to replace the real mode by mode possible. Having this reasoning, the adolescent thinks and reflects critically on the metaphors, thought, by taking it to levels of reasoning increasingly complex and sophisticated, the formal it leads to an understanding of the various meanings that the word acquires in social relations, in the arts, especially in Literature and Poetry.

KEYWORDS: metaphor; cognition; cognitive conflict; literature.

*As diversões dos poetas encerram sempre
alguma revelação mais profunda.*

Sérgio Milliet

Introdução

Intrínseca à Literatura e à Poesia, a metáfora faz do texto literário um instrumento que coloca o sujeito leitor em situações de *conflito cognitivo*, isto é, em circunstâncias de reorganização de conhecimento do mundo.

Este *estudo* pretende observar esta reorganização. Seu procedimento metodológico dar-se-á com a apresentação dos conceitos psicogenéticos de *assimilação*, *acomodação*, *equilíbrio* e com a realização de uma entrevista com dois adolescentes de 13 e 14 anos, estudantes da Rede Estadual de Pernambuco – Escola Luís Delgado, cujo roteiro, tendo como aporte o *método clínico**¹⁹ de Jean Piaget, terá por objetivo observar a interpretação destes adolescentes sobre o conto de Clarice Lispector, *Uma galinha*.

A Psicogenética é o aporte deste *estudo* porque é ela que até à contemporaneidade apresentou o estudo mais abrangente e de maior aprofundamento acerca do desenvolvimento cognitivo humano.

Jean Piaget ilustrou este desenvolvimento subordinado a um modelo de estádios, cujo significado traz em si uma ideia evolutiva da inteligência. Suas pesquisas demonstraram que nas várias idades, da infância à adolescência, ocorrem mudanças qualitativas na maneira de pensar da criança e do adolescente.

A Psicogenética defende que a criança, através da interação com o meio, constrói suas estruturas lógico-hipotéticas atravessando quatro estádios fundamentais até a sua adolescência: *o sensório-motor* – do nascimento até depois dos 18 meses.

Neste estágio, a atividade intelectual é de natureza sensorial e motora; *o pré-operacional* – que ocorre, mais ou menos, dos 2 aos 7 anos e no qual se observa uma grande transformação na qualidade do pensamento em relação ao primeiro: a criança começa a usar símbolos mentais, imagens ou palavras, que representam coisas e pessoas ausentes; *o das operações concretas* – que se estende, mais ou menos, dos 7

¹⁹ Terezinha Carraher explica que “no método clínico-piagetiano, a finalidade do exame é compreender como o sujeito pensa, como analisa situações, como resolve problemas, como responde às contra-sugestões do examinador. As situações não são totalmente padronizadas, pois o examinador deve buscar a confirmação de suas interferências sobre o raciocínio das crianças durante o exame: sendo as inferências diferentes, o exame seguirá cursos diferentes para crianças diversas. Outra divergência entre os pressupostos do método clínico e dos métodos psicométricos está na atitude do examinador com relação à motivação dos sujeitos. O método psicométrico pressupõe um sujeito motivado; no método clínico, o examinador tenta motivar o sujeito à reflexão, o que não é possível numa situação totalmente padronizada. Ao contrário do sistema de avaliação das respostas numa abordagem psicométrica, a avaliação das respostas no método clínico-piagetiano não se faz por uma contagem de acertos e erros. A finalidade desta análise das respostas é encontrar uma explicação que englobe todas as respostas dadas pelo sujeito, certas ou erradas. Esta explicação é possível apenas se formos capazes de encontrar a perspectiva a partir da qual o sujeito responde de tal modo que esta perspectiva implique nas respostas dadas pelo sujeito. Devemos, ao final da avaliação, ser capazes de dizer algo como ‘para que este sujeito respondesse desta forma, ele só poderia pensar assim’.” (*O método clínico*; usando os exames de Piaget. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1994. p. 6-36).

aos 11, 12 anos. Aqui, as operações mentais da criança ocorrem em resposta a objetos e situações reais; *o das operações formais* – após os 11, 12 anos. A partir de então, o pensamento da criança já não depende da percepção ou da manipulação de objetos concretos para o conhecimento da realidade; as operações lógicas são realizadas entre as ideias expressas numa linguagem qualquer (palavras ou símbolos). O pensamento formal é, então, hipotético-dedutivo, isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através da observação do real. De posse deste pensamento o adolescente, capaz de formular e deduzir hipóteses, quer sejam verdadeiras ou não, compreende e interpreta qualquer proposição seja ela filosófica, matemática, científica, ficcional-literária, dentre outras, dispensando a realidade concreta. São os primeiros momentos em que o ser humano pensa e reflete acerca das metáforas porque o pensamento formal, por conduzi-lo a níveis sempre mais complexos e sofisticados de aprendizagem, o faz compreender os *sentidos* que a palavra adquire nas relações sociais e nas produções de conhecimento do ser humano. As consequências desta compreensão levam-no não apenas a superar o típico egocentrismo da adolescência, por fazê-lo exercer um *diálogo* com o mundo e seus sujeitos, suas utopias e ideologias, como o faz apreender, através destes *sentidos*, a *reorganização* de conceitos e de conteúdos empreendida pela metáfora.

Para realização das entrevistas, que aconteceram em setembro de 2010, tive a assistência, inclusive na transcrição, das alunas do Curso de Letras Dárfini Lima e Ana Maria Cavalcanti, bolsistas do Programa Manutenção Acadêmica/UFPE, cuja responsabilidade e dedicação com os estudos dirigidos sobre metáfora, estética da recepção, Psicogenética e Socioconstrutivismo faziam dos nossos encontros momentos de alta produtividade acadêmica.

Agradecimentos especiais para estas alunas, para a Direção da Escola Luiz Delgado e para os dois adolescentes, A.C. N. e B. N. A que aceitaram participar deste *estudo*.

1. A construção do conhecimento

Assimilação, acomodação, equilibração

Dentre os conceitos da Psicogenética que explicam a construção da inteligência os mais importantes são a *assimilação*, a *acomodação*, a *equilibração*.

A assimilação explica o desenvolvimento da inteligência numa perspectiva quantitativa porque integra novos objetos aos esquemas²⁰ já existentes:

o fato essencial de que convém partir é que nenhum conhecimento, mesmo perceptivo, constitui uma simples cópia do real, porque contém um processo de assimilação a estruturas anteriores. [...] Todo conhecimento contém, sempre e necessariamente, um fator fundamental de assimilação, o único a conferir significação ao que é percebido ou concebido (Piaget, 1973, p.15).

A importância que Piaget atribui à assimilação é dupla: primeiro, ela implica a noção de significação. O que é, segundo suas próprias palavras, essencial, pois todo conhecimento refere-se a significações; segundo, exprime o fato fundamental de que todo conhecimento está ligado a uma ação e que conhecer um objeto ou acontecimento é utilizá-lo, assimilando-o a esquemas de ação. É neste sentido que se destaca a importância da atividade assimiladora na construção da inteligência; isto é, se conhecer é agir sobre o real ou sobre dados abstratos, integrando-os aos esquemas mentais, é porque a assimilação confere significação às coisas. No conceito de assimilação reúnem-se três teses capitais da Epistemologia Genética acerca do desenvolvimento cognitivo: a da compreensão biológica do conhecimento, a do interacionismo e a do racionalismo.

A construção da inteligência, no entanto, não se limita à assimilação. Se assim o fosse, viveríamos num mundo puramente fictício, fabuloso. A ideia de assimilação está estreitamente ligada a de acomodação.

²⁰ Esquemas são estruturas mentais, hereditárias, através das quais o sujeito adapta e organiza intelectualmente o ambiente. Interacionista, Piaget só admitiu o inatismo para certas funções básicas, a exemplo dos esquemas, utilizados para explicar o estágio da inteligência que ele designa de sensório-motor. Isto quer dizer que os esquemas mais elementares aos quais são assimiladas as percepções são esquemas reflexos ou instintivos, ou seja, hereditários, em uma parte importante de sua programação. “A noção de esquema foi progressivamente aplicada por Piaget em todos os níveis de desenvolvimento e em diversos registros de comportamento”. (Montangero, Jacques, Maurice-Naville, Danielle. *Piaget ou a inteligência em evolução*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 167).

Graças à acomodação, nossos conceitos e nossas ideias se adaptam, reciprocamente, às características vagas, mas precisas e reais, que temos do mundo, ao mesmo tempo em que nos permite, na relação entre pares, na interação sujeito/objeto, situarmo-nos em um conjunto de perspectivas, reduzindo nosso egocentrismo (no sentido piagetiano).

A assimilação e a acomodação constituem os elementos fundamentais do desenvolvimento cognitivo, estando presentes em todas as ações intelectuais de qualquer tipo e em qualquer nível de desenvolvimento. Na relação entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento, a assimilação representa a atuação desse sujeito sobre o objeto, enquanto a acomodação representa uma atuação inversa, a do objeto sobre o sujeito. Muito embora Piaget não tenha deixado de privilegiar o mecanismo assimilativo sobre o acomodativo, ao afirmar que a assimilação sempre antecede a acomodação, o papel da vida mental e da inteligência é equilibrá-las entre si, o que as deixa indissociáveis.

Desde os seus primeiros ensaios, Piaget explica a sua Psicogênese, toda ela centrada na ação, a partir do paradigma do equilíbrio, ou seja, o processo de construção da inteligência é regido pelo equilíbrio entre a assimilação e a acomodação.

Os sistemas aos quais Piaget aplica o paradigma do equilíbrio são sistemas psicológicos de ações, implícitas ou manifestas, que o sujeito pratica no mundo de objetos e de acontecimentos. É por isso que ele se refere a equilíbrios dinâmicos e os distingue da condição estática, do estado em repouso que caracteriza, por exemplo, uma balança. Se os equilíbrios são dinâmicos, as ações, em si, formam sistemas equilibrados. Esse modelo tem dois aspectos: o processo de equilibração e os estados de equilíbrio.

O processo de equilibração consiste em levar a assimilação e a acomodação a uma coordenação equilibrada; ele opera, sistematicamente, em todo o desenvolvimento e intercâmbio do organismo com seu contexto ambiental, caracterizando-se como um propulsor de mudanças e transições. É esse processo que condiciona o surgimento de estados de equilíbrio, sucessivos e essencialmente descontínuos, os quais, no sistema piagetiano, como ensina Flavell (1988, p. 242), sempre se referem a um sistema equilibrado de relações entre o sujeito e o objeto e, portanto, a uma relação entre a assimilação e a acomodação.

Através do equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, a Psicogenética explica como construímos um conhecimento do mundo e como o nosso conhecimento muda a respeito dele. Piaget estava convencido de que este modelo é particularmente adequado à análise das mudanças ontogenéticas, pois atinge o cerne da ontogênese das estruturas. Também estava convencido de que “uma das fontes de progresso no desenvolvimento dos conhecimentos deve ser procurada nos *desequilíbrios* [grifo nosso] como tais, que por si sós obrigam um sujeito a ultrapassar seu estado atual e a procurar o que quer que seja em direções novas”(1975, p.18). Trata-se de um desenvolvimento que leva o sujeito

a uma tomada de consciência progressiva, inicialmente a respeito das qualidades dos objetos, e mais adiante a respeito das operações ou das ações que se podem aplicar a esses objetos dentro de um sistema de transformações. Tal tomada de consciência conceitual ou “tematização” é, sem dúvida, um dos núcleos fundamentais do modelo piagetiano de mudança conceitual (POZO, 1998. p. 183).

Se os *desequilíbrios* “obrigam um sujeito a ultrapassar seu estado atual e a procurar o que quer que seja em direções novas”, compreende-se que são eles os geradores do que se conhece também por *conflito cognitivo*, “criado quando as expectativas e hipóteses com base no próprio raciocínio não são confirmadas. É o *desequilíbrio*”, como ensina Wadsworth (1997, p.172).

[...] Se um estudante está manipulando objetos que flutuam e objetos que afundam, o professor pode perguntar-lhe quais objetos flutuam, quais afundam e por que. Como muitas crianças acreditam que os objetos de madeira flutuam e os de metal afundam, poderíamos colocar-lhes as seguintes perguntas: “o que acontecerá se colocarmos uma agulha na água?”, ou “o que acontecerá se colocarmos uma caixa de metal na água?” Aquelas crianças que acreditam que os metais afundam em qualquer condição, provavelmente farão uma predição de que a agulha e a caixa irão afundar. Ao fazer o teste, descobrirão que esses objetos flutuam. Experiências como estas, guiadas pelas questões levantadas pelo professor, prometem produzir conflito cognitivo, *desequilíbrio* e motivação para outras explorações (Wadsworth, 1997, p. 173).

2. Metáfora e conflito cognitivo

Uma tarefa do professor construtivista é identificar o que provoca desequilíbrio ou curiosidade entre seus alunos; outra, consiste em criar desequilíbrio onde não existe curiosidade (Wadsworth, 1997, p.171).

Há um consenso sobre o texto literário de que quanto mais distante da referencialidade, quanto mais metafórico, quanto mais conotativo, mais literário, mais poético ele é. Com esta compreensão, ratifica-se a tese de que a Literatura trabalha com ressignificações porque a metáfora – que faz a Literatura ser Arte e não Ciência nem Filosofia – em suas incessantes reorganizações de conceitos e conteúdos, cria *conflitos cognitivos*, ou *desequilíbrios*.

A metáfora para além do conceito aristotélico da analogia, do transporte, da comparação; ou da semelhança defendida por Quintiliano. No âmbito, por exemplo, da lição de Richards (1950, p.93) segundo a qual a metáfora resulta de “dois pensamentos de diferentes coisas que atuam juntos e escorados por uma única palavra, ou frase, cujo sentido é o resultante da sua interação”. Algo parecido com uma interpretação de Garcia Lorca: “a metáfora une dois mundos antagônicos por meio de um salto equestre da imaginação” (1957. p.72).

Hugo Friedrich designará esse processo interativo de *técnica da fusão*, ressaltando a capacidade da metáfora moderna de unir algo próximo a algo distante, de desenvolver combinações as mais desconcertantes ao transformar um elemento que já é longínquo num absolutamente remoto. Na poesia, os exemplos desse *processo interativo* são múltiplos. “Foi em Rimbaud, assinala Friedrich (1991, p.206), que, pela primeira vez, nos encontramos frente a um procedimento que chamamos de técnica da fusão. Também a lírica do século XX faz uso dela”. Friedrich defende que essa metáfora, “caso se queira falar ainda de metáfora e não já de técnica da fusão” (ib. p.157), “se transforma no meio estilístico mais adequado à fantasia ilimitada da poesia moderna” (ib. p.206) porque ela superou, no que poderia ainda recordar, uma das suas funções antigas que é a comparação. Para Friedrich, a metáfora moderna realiza o grande salto da diversidade de seus elementos a uma unidade alcançável só no experimento da linguagem. Da sua capacidade fundamental de unir algo próximo com algo distante, essa metáfora desenvolveu as combinações mais desconcertantes ao

transformar um elemento que já é longínquo num absolutamente remoto, sem se importar com a exigência de uma realização concreta ou, mesmo, lógica (ib. p.207).

Ao professor de Literatura compete observar não só os estádios de desenvolvimento de seus alunos como seus níveis de maturidade para provocar *conflito cognitivo*, que pode ser gerado a partir da leitura de textos que os levem a revisões sobre o que até então pensavam acerca do assunto – ou de uma palavra – que um poema, ou um conto, ou um romance apresentam. No contexto desta prática, fôrma (poema, conto, romance – por exemplo) e conteúdo além de instrumentos inalienáveis de apreciação e prazer estéticos, são instrumentos de conhecimento que promovem *conflito cognitivo* e, por isso, ampliam, revisam, reorganizam os horizontes de expectativa do leitor.

Em um livro de contos, “Laços de família”, Clarice Lispector (1998, p. 30) apresenta *Uma galinha* – narração da aventura de *uma galinha de domingo* [que] *em voo desajeitado alcançou um telhado...*

Como na opinião de Sérgio Milliet (1976, p. 9) “as diversões dos poetas encerram sempre alguma revelação mais profunda”, que revelação mais profunda há neste conto que possa provocar *desequilíbrio*, *conflito cognitivo*, que reorganiza *sentidos*, conteúdos, entre leitores adolescentes? Pretendemos obter uma resposta para esta pergunta entrevistando dois adolescentes de 13 e 14 anos acerca deste conto de Clarice Lispector.

3. A entrevista

Procedimentos

- justificar para os participantes a realização do *estudo*;
- informar que a leitura e a resposta do questionário terá uma duração máxima de 1h:30m;
- perguntar se algum dos participantes conhece o conto de Clarice Lispector, *Uma galinha*;

- explicar que será entregue cópia deste conto, do qual farão uma leitura silenciosa. Após a leitura, responderão a uma pergunta sobre o texto, que deve ser o ponto de partida para um diálogo sobre o que leram. A pergunta:

-- que expectativas eles têm sobre o texto que irão ler; o que eles esperam encontrar, ler, no conto *Uma galinha?*

- os nomes do aluno e da aluna estão abreviados.
- nas transcrições, foi mantida a linguagem coloquial.

Com a entrevista, pretende-se saber:

- se entre os adolescentes entrevistados foi gerado *conflito cognitivo* com relação à palavra *galinha*.
-

4. Transcrição das entrevistas

Escola Luiz Delgado – Rede Estadual de Ensino de Pernambuco

Aluna: A.C.S

13 anos e 10 meses

Aldo – A., eu lhe entreguei esse conto “Uma galinha” e... confesso que eu não dei tempo pra você pensar sobre o que você poderia esperar desse conto, não é? O que é que você poderia esperar de um conto cujo título é “Uma galinha”?

A. – Achei que era um conto tipo assim para criança, bem assim, falando, essas fábulas que tem, pensei que era uma.

Aldo – Hum, sim, você pensou que era uma fábula? E quando você leu, então, se você pensou que era uma fábula, após a sua leitura que você fez agora você...

A. – Percebi que não era.

Aldo – Que não é uma fábula, não é um conto para criança? É o que?

A. – Não sei, acho que, é história não é? Que vão matar a galinha, aí ela foge pelo telhado, aí ele vai atrás dela, aí consegue pegar ela, só que quando ela volta, aí ela põe um ovo, aí a menina diz: Não, não mata ela não, porque ela pôs um ovo, tal, para cuidar do ovo, aí o pessoal, não vamos matar ela não, é vamos matar ela não, aí deixa ela lá, só que aí passa um tempo, aí eles não, aí passa um tempo e eles acabam matando a galinha, mais ou menos assim.

Aldo – Muito bem, o que você acaba de falar demonstra sua atenção com a leitura. Agora veja bem, você é, a expectativa dela é que se tratava de uma fábula, de uma história infantil, mas ela disse que quando terminou de ler, na medida em que ela foi lendo, ela foi descobrindo que o conto trata de outra coisa. Veja bem A., a autora, a narradora que é Clarice Lispector, ela começa assim dizendo que: “Era uma galinha de domingo”, não é? Tem o verbo ser, o verbo ser dá uma definição, não é? Era uma galinha de domingo, depois ela diz também que aqui, ela diz que “a galinha é um ser”, não é? Então aqui ela diz que a galinha era uma galinha de domingo e aqui ela diz que a galinha é um ser, então nós temos dois... duas definições que a narradora Clarice Lispector dá pra sua personagem. Para você, você tem algum conceito, alguma definição dessa galinha?

A. – Conceito?

Aldo – Sim.

A. – Assim, no começo ela é ... assim a galinha passa a ser só um... uma espécie, assim, ela é só um... só mais uma galinha que vai ser morta para comer, aí depois quando ela diz que a galinha é um ser, que eles não matam ela, eles veem, a... ela colocou um ovo e tal, não sei, acho que bate algum receio que eles acabam não matando, acho que..., é... eu não sei explicar assim.

Aldo – Mas... por exemplo o que eu gostaria, eu convido você a pensar é sobre a galinha. O que está aqui nesse texto se refere diretamente ao conceito, não é, que a gente tem de galinha, o que se tem aqui é uma galinha mesmo?

A.: Assim, é... sim uma galinha porque..., quando ela diz uma galinha, aí a gente diz assim: não galinha a gente já pensa, é só um animal, não sei o que, mas também é uma vida e tal, e também é um animal irracional, mas também tem instinto e essas coisas.

Aldo – ... E o que mais assim, é irracional, tem instinto, sim, tem mais alguma coisa?

A. – Não sei, é isso.

Aldo – É isso? Dárfini tem alguma pergunta para fazer? E Ana?

Dárfini – Não.

Ana – Não.

Aldo – Não? Mas eu gostaria, embora elas não tenham o que... elas não estejam com alguma pergunta, eu gostaria que, é... num esforço assim, porque toda leitura implica esforço, não é? A gente lê um poema e diz assim: o que é que o poeta, o que é que ele quer dizer? Não é? O que foi que o narrador quis dizer com essa estrela, com uma árvore, não é? O que é que ela quer dizer com uma galinha, a narradora? Este conto aqui o que quer, o que quer dizer? O que é que a narradora quer dizer?

A. – É... ela podia estar representando uma galinha, não sei a... deixa eu pensar.

Aldo – Pense à vontade, não tem pressa.

Silêncio...

A. – Assim, não sei se é isso, mas ela podia, e... ela poderia tá fazendo uma representação de que... cada um de nós também ainda é uma galinha, que também tem medo do que pode acontecer, ela fugiu porque ela já sabia que ia ser morta, porque senão ela *tava* ali sendo presa, ela não estava no lugar de..., um... não estava num lugar de..., que ela tivesse bem, aí ela teve aquele receio de fugir, sei lá, como a gente foge dos problemas, não sei.

Aldo – Muito bem, quer dizer que você aproxima a situação da galinha à situação que o ser humano também vive? Foi isso que ficou claro para mim, não foi Dárfini, não é Ana? Você é... é... está fazendo aí uma aproximação, quer dizer é... há uma projeção, não é? Fale mais sobre isso, eu gostei dessa aproximação.

A. – Eu não sei.

Aldo – Ah, mas a gente não sabe logo não, a gente tem que pensar, refletir, e aí a gente vai... vai chegando à uma leitura crítica do texto, porque ler não é somente decodificar, ler é também criticar, é o que eu disse ainda pouco. O que é que um poeta, o que é que a escritora quer dizer com isso aqui, então, o que é que o narrador quer dizer com essa galinha? Você está ótima, eu só quero que você fale mais sobre isso.

A. – Não sei... assim, aí como... a gente tem receio assim dos problemas, não sei se é isso, mas quando diz que a galinha pôs um ovo, aí ela ficou ali chocando, aí é quando a gente vê que... sei lá, nossas obrigações, aí tem não, tem que ficar aqui até esse ovo nascer, não sei mas no final eles acabam matando ela e o tempo passa e eles esqueceram que aquela galinha que eles já deram mais importância aquela galinha e que, não sei, aí uma hora a gente tem que parar, e não tem que fazer isso, enfrentar e vou botar o ovo.

Aldo: Muito bem. O tempo passa, é... ela... “até que se passaram anos”, não é? Como ela diz aqui no fim “até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos”. Mas antes de... até esse dia de matar, a galinha viveu e sobreviveu; aí podem estar presente aspectos da vida humana, não é? Isso ficou... ficou dito. Aí temos questões humanas presentes. É... que questão humana é essa que você vê? Vamos falar em gêneros. Assim, masculino e feminino. O que é que está presente aqui é a situação de todo o ser humano, como você falou, não é? Você quis dizer isso, não foi? Hum... vamos falar em termos de gênero, você vê mais para o lado masculino ou para o lado feminino ou isso é indiferente, o que está aí é uma situação?

A. – Assim, é... eu acho que... para o lado da mulher, assim feminino, a mulher tem mais inseguranças, o homem pode até ter, mas ele não demonstra muito, mas se for o caso eu acho que é mais para o lado feminino.

Aldo – Por quê?

A. – Até porque pelo fato de ser uma galinha, não sei.

Aldo – Ela está trabalhando com um... ente feminino, não é? Mas seria só por isso, você acha que é só por isso?

A. – Pelo fato de botar um ovo também, por ela apresentar, sei lá, família, filhos, pode ser.

Aldo – É... você pode consultar o texto; pode reler? Quando a gente fica fazendo assim uma crítica do texto a gente sempre o retoma, assim dentro do que você está falando teria mais algum ponto para você, é... para você argumentar? Assegurar esse seu ponto de vista? Que há algum, há.

A. – Aqui quando ela fala, “Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade parecia uma velha mãe habituada”, essa coisa do ovo e assim ficou respirando. Sim porque ela estava “afoita” assim, mas já no momento em que ela botou o ovo ela se acalmou, como se... como se... preciso me acalmar para poder esse momento, não posso ficar muito assim, a... as necessidades mesmo do ser humano não é? De às vezes você dá uma freada para poder descansar e tal.

Aldo – E o que mais?

A. – É... (silêncio).

Aldo – Eu gostaria que você fizesse o favor de reler porque você relendo a gente encerraria esta conversa, pode ser? Você agora vai ter um olhar mais natural, você, elas (Dárfini e Ana), eu, não é? Depois de uma reflexão, de uma discussão em sala de aula, isso que está acontecendo aqui, quando acontece na sala de aula, o professor explica o texto e quando a gente retoma o texto a gente diz: “é o que eu falei com o professor, o que a gente discutiu em sala de aula, aí eu acharia bom que você relesse para você fazer um comentário final dos... dos seus pontos de vista, pode ser?

A. – (...) A questão do ser mais do lado feminino do que do masculino tem uma parte aqui que eu li, deixa eu ver qual foi, é... (silêncio) Deixa eu... acho que foi aqui, quando diz assim que... é uma parte que ele (o texto) fala de galo aqui, quando ele diz aqui “A galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça”. Que... como a gente também, não é? Tem que decidir às vezes nosso mundo sozinho e tem uma hora em que ele fala aqui “estúpida”, aí “Não vitoriosa como seria um galo em fuga”, que ele, como se o galo fosse o homem, assim, como se o galo, como se o homem tivesse mais segurança eu acho, ou senão na outra parte ela (a narradora) diz: “Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista”. Aí eu acho que tem alguma ligação assim, que ela quis fazer, e... acho que é isso, que ela liga a galinha acho que a uma mulher, mãe, que tem as suas inseguranças, responsabilidades, e... só.

Aldo – Sei... Veja, você... você inicia sua fala dizendo que pensava que este conto seria uma fábula, seria mais uma história infantil ou infanto-juvenil não é? Mas com a sua primeira leitura você viu de que se trata, que não é aquela expectativa que você tinha, não é? E para deixar assim bem claro, A., qual é a sua opinião, uma frase, é... uma opinião sua para encerrar a nossa conversa, qual é a interpretação que você tem da galinha, dessa galinha depois dessa releitura que você fez ?

A. – Que... ela associa a galinha à mulher, e que ela vê, ela coloca algumas semelhanças assim; de acordo com a história, ela vai pondo as semelhanças e as dificuldades e da dos sentimentos, apreensões da vida da galinha, quando ela põe o ovo ela fica mais calma, que ela pensa em cuidar do ovo, mesmo que não passe de um ovo, não é? Mas ela, e que no final matam ela, mas eu não entendo porque matam ela.

Aldo – Não entende por que matam? É...

A. – É, eu acho que é porque... para dar um desfecho.

Aldo – É, pode ser, não é? Muito bem, A., eu agradeço a sua gentileza. De ter atendido ao nosso convite. Espero que você continue a ler Clarice Lispector. Ela tem uns contos muito bonitos, é... tem uns..., tem uns romances que talvez se você ler agora não compreenda, por uma questão de maturidade, são textos assim já para gente bem adulta, mas ela tem uns contos muito bonitos e que você vai gostar. Aí você agora procura na biblioteca, não é? Espero que você seja uma leitora de Clarice Lispector, você vai gostar muito. Obrigado. O conto é seu.

Escola Luiz Delgado – Rede Estadual de Ensino de Pernambuco

Aluno: B. N. A.

Idade: 14 anos e 4 meses

8ª. série

Aldo – Olá!

Aldo – Veja, o título é *Uma galinha*, aí eu lhe pergunto. Quais as suas expectativas para esse conto? O que você pretende encontrar nesse conto?

B. – Está falando alguma coisa sobre uma galinha.

Aldo – Então a expectativa é essa, alguma coisa sobre a galinha.

B. É...

Aldo – Então você vai ler, dez minutos... Também se você achar pouco... 15 minutos, o importante é que você faça uma leitura pra gente conversar sobre o conto.

Dárfini – Se tiver alguma palavra, B., que você não saiba o significado pode perguntar .

B. – Hum...

Aldo – Vamos conversar agora sobre o conto. Uma clássica pergunta: o que é que você achou do conto?

B. – Interessante.

Aldo – Por que interessante?

B. – É... é a história de uma galinha, ela, ela estava fugindo, aí ela subiu em cima do telhado, aí a menina escutou uma zoada, aí o pai dessa menina foi em cima da telha e tentou pegar uma galinha, aí tentou... ela correndo e ele correndo atrás dela, aí depois ele conseguiu pegar. Aí deixou, amarrou ela por cima da chaminé e jogou ela. Aí ficou lá, aí ela começou a encher os pulmões e ficar assim... batendo as asas, é... aí a garotinha ficou olhando, observando, e depois ela viu que essa galinha ela chocou um ovo, depois ela ficou lá. Aí depois no final é... que... é... assim, a família quis matar ela, como se ela virasse uma rainha da casa, aí gostaram da galinha e ficaram com a galinha e ela lá com o ovo, aí no final mataram a galinha.

Aldo – Esse é o conto que você leu com muita atenção, podemos ver sua atenção. Mas... quando um poeta escreve um texto, quando um escritor... por trás desse texto, por trás das palavras é... existem sentidos. Então veja bem, existem esses sentidos sobre os quais eu falei, para além dessa aparência do texto, o que é que existe? De acordo... qual é o sentido? Veja bem, ela diz assim, ela diz assim... era uma galinha de domingo, então ela definiu a galinha, o verbo ser... era uma galinha de domingo, e depois ela diz de novo,

aqui, é... que a galinha é um ser. Nesse conto que você leu, a galinha que está aqui é esse bípede que nós conhecemos, ou a autora quis dizer algo através dessa galinha?

Aldo – Aí eu não pergunto ma

B. – Eu acho... que tem alguma coisa por trás.

Aldo – O que é?

Aldo – Bom sinal... O que seria, por exemplo?

B. – Me esclareça mais, assim...

Aldo – Ana quer esclarecer?

Ana – Como você... a princípio... você fez aquela pergunta, a expectativa?

Aldo – A expectativa para essa galinha?

Aldo – Sim.

Aldo – A expectativa que você tinha para esse texto, era uma galinha.

Ana – A galinha que você conhece; aquele animal ovíparo, bípede, enfim... aí você ao ler o texto você diz que tem alguma coisa por trás, será que você continua com esse mesmo conceito? Se tem alguma coisa por trás, o que seria?

Ana – Você quer mais um tempo para reler o texto?

B. – Eu quero reler.

Aldo – Releia, fique à vontade e não fique tenso, porque isso é muito comum. Eu sou professor e na idade que eu estou quando leio um texto que não entendo, aí digo... eu não entendi o que esse autor falou não, aí releio. Ler uma crônica, um poema, o que é que o autor quis dizer... Então é muito comum a gente voltar ao texto para ler, pegar o sentido que está ali por trás das palavras. Pode fazer sua releitura.

... ..

Aldo – E agora? Como é que você... qual a sua interpretação desse texto?

B. – Acho que é como se fosse uma pessoa correndo atrás dos seus sonhos.

Aldo – Muito bem!

Aldo – Quem é? A galinha seria essa pessoa?

B. – É, assim... É. E o outro queria interromper o sonho dessa pessoa, dessa galinha.

Aldo – Mas o que é que faz você dizer é... que a galinha seria uma pessoa?

B. – Porque ela era um ser também.

Aldo – É... a autora diz aqui, “a galinha é um ser”... que mais? Que outros elementos... quem seria esse ser? Falando em termos de gênero, masculino e feminino, quem será esse ser?

B. – Acho que poderia ser a própria escritora.

Aldo – A própria escritora?

B. – É.

Aldo – Por que a própria escritora?

B. – Porque se ela fez, é... este poema.

Aldo – Este conto.

B. – Conto. Assim... é como se fosse ela, e também como se fosse a história dela e uma pessoa querendo interromper.

Aldo – E o que é a história dela? Por que você acha que é a história dela?

B. – É... (risos) Eu estou nervoso...

Aldo – Não fique nervoso.

Ana – Se acalme, a gente só está conversando sobre o conto.

Aldo – Não é uma avaliação, uma prova. Não é pra você acertar nem pra você errar, é para você conversar sobre esse texto, expor suas opiniões. É a mesma coisa de você assistir a algum programa de televisão e dizer para o seu pai, para seu irmão o que você achou. Só é para você dizer o que achou do conto. Você acha que a galinha pode ser a autora, a narradora, por que você diz isso?

B. – Porque acho que ela fez isso se baseando na própria história dela.

Dárfini – B., quando você diz que acha que a galinha pode ser a própria autora, tem alguma parte do texto que você leu que fez você achar isso? Alguma parte, alguma frase do texto que você leu, que você viu e pensou... (é a autora!).

B. – Acho que foi de mim mesmo... estava lendo e ... está difícil... (risos).

Aldo – Você está falando... está dando a sua opinião, como eu dou a minha opinião sobre todo texto que leio.

B. – Hum... se eu já tivesse lido...

Aldo – Não, mas... o objetivo da pesquisa é justamente esse; é... é solicitar do leitor (sua opinião) na hora, não faz parte da pesquisa que o leitor leve o texto para casa. A pesquisa procede nesse esquema, a gente na hora entrega o conto, o leitor lê e diz pra gente o que achou do conto.

Aldo – Aí eu lhe pergunto mais uma vez, a galinha que está aqui, as expectativas que você tinha... O que eu quero dizer é o seguinte: é... de que é que esse texto fala? O texto fala de uma galinha, e você disse que esperava que o texto falasse de uma galinha. O texto fala de uma galinha, mas... como é essa galinha, o que você diz sobre essa galinha?

B. – Hum... ela parece que estava atrás de seus objetivos, aí vendo que ela não conseguia porque tinha vez... que tentavam pará-la.

Aldo – Quando você releu, você pensou algo novo sobre a galinha, sobre este conto?

B. – Hum rum... (resposta com a cabeça fazendo sinal negativo)

Aldo – Bom, ele fez suas considerações. Assim... ele está tenso e isso está prejudicando um pouco as respostas dele.

Aldo – B., você contribuiu com nossa pesquisa porque você expressou pra gente suas opiniões; você teria algo a mais pra falar sobre o texto?

B. – Tenho não, é só (risos).

Aldo – Então muito obrigado. O conto é seu.

5. Avaliação

Todos sabem que nenhum leitor permanece o mesmo depois de ter lido um grande texto literário. Quer seja no aspecto afetivo, lúdico, estético, crítico; quer seja no aspecto cognitivo. Um texto literário promove prazer e catarse; promove também uma ressignificação do mundo e dos nossos empreendimentos históricos na medida em que a Literatura, sendo uma metáfora do humano e de tudo o que lhe é pertinente, reescreve-nos sob o múltiplo sentido que as palavras assumem no contexto das nossas relações históricas e sociais.

É nesta perspectiva que a metáfora literária cria *conflito cognitivo*; cria, porque expõe o leitor a palavras cuja significação no texto literário têm sempre seus conteúdos reorganizados. A compreensão que um leitor tem da palavra *sertão* jamais coincidirá com o que ele encontrará em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Nas entrevistas realizadas, um novo conteúdo para a palavra galinha é argumentado tanto por B. como para A. Ambos entenderam que a galinha do conto de Clarice Lispector não é uma narração denotativa, referencial, sobre esta ave.

B., ainda que timidamente, defendeu que: “acho que é como se fosse uma pessoa correndo atrás dos seus sonhos”. A galinha para ele pode também ser a própria escritora: “acho que poderia ser a própria escritora”. (Muito embora ele tenha negado a seguinte pergunta: Quando você releu, você pensou algo novo sobre a galinha, sobre este conto? B. – “*Hum rum...*” (resposta com a cabeça fazendo sinal negativo).

A. argumentou que “aí eu acho que tem alguma ligação assim, que ela quis fazer, e... acho que é isso, que ela liga a galinha acho que a uma mulher, mãe, que tem as suas inseguranças, responsabilidades, e... só”; “que... ela associa a galinha à mulher, e que ela vê, ela coloca algumas semelhanças assim”.

Estas respostas patenteiam que o texto provocou *conflito cognitivo* na medida em que houve reorganização de *sentido* da palavra galinha para os entrevistados. Com suas respostas, os adolescentes (não perguntamos sobre esta questão, mas a interpretação de que a personagem é uma referência – uma *metáfora* – do feminino)

constatarem que o texto literário trabalha com ressignificações, com reorganização de conteúdos, daí ele ser uma vasta metáfora do nosso mundo concreto e espiritual, das nossas semelhanças e dessemelhanças.

Realçamos o nível de atenção e interpretação destes adolescentes (apesar do estado de nervos, como confessa B.) cujas opiniões sobre o texto coincidem (o que nos deixou muito entusiasmados diante da maturidade de suas interpretações) com a interpretação de Lígia Chiappini (2003, p.435) para quem, interpretação que adoto, o conto de Clarice Lispector é “uma espécie de alegoria da condição feminina [que] passou muito tempo despercebido como tal para a crítica preocupada em desvendar a dimensão filosófica da obra”. Nas *Notas*, a Professora Chiappini (p.441) informa: “a leitura minuciosa de ‘Uma galinha’, escrita mas não publicada, foi posteriormente repetida em cursos de formação de professores, onde pude constatar sempre a dificuldade, principalmente dos homens, em identificar aí os elementos aparentemente tão óbvios que fazem da galinha a representação da mulher, quanto mais não seja pelas metáforas e comparações estereotipadas que a ela se aplicam”.

6. Epílogo

A aptidão para a leitura literária não é espontânea nem inata. Ela está subordinada a um contexto sociocultural e psicopedagógico que concorre para a formação de um leitor de Literatura proficiente e crítico.

A família e a escola são os melhores influentes nesse processo formador. Aquela, na leitura de poemas e histórias e no fornecimento de livros desde a mais tenra idade da criança, estimulando e criando um ambiente com e para as palavras; esta, numa política educacional cuja prática pedagógica problematize o lúdico, a forma e a fonte de conhecimento que a Literatura representa e é.

O objetivo deste *estudo*, além de investigar a metáfora como agente de situações de *conflito cognitivo*, é também contribuir com o *letramento literário* do aluno do ensino fundamental.

Ler Literatura, antes de um prazer em si mesmo, é um exercício cognitivo e intelectual complexo por diversos aspectos que lhe são intrínsecos; dentre estes, assinalo dois: primeiro, a Literatura interroga a vida e o ser humano metaforicamente. Sobretudo no âmbito da poesia, a metáfora literária é mais densa, mais espessa, porque é muito distante do uso referencial do signo linguístico, de forma que compreender o que o poeta diz é sempre um desafio não só para o pretendente, como para o leitor de poesia; segundo, no processo de comunicação um código comum que obrigatoriamente deve existir entre o emissor e o destinatário, na Literatura, decorrente da sua natureza metafórica, é quase nulo. Estes aspectos nos remetem ao *sentido* que as palavras adquirem não só em nossas relações sociais como em nossas criações estéticas, espirituais. Vygotsky (1996, p. 125-126), ao argumentar sobre este *sentido*, cita Paulhan, o qual defendia que o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. A palavra, segundo Paulhan, é um todo complexo, fluído e dinâmico, e o significado tão-somente uma das zonas do sentido, a que apresenta mais estabilidade e precisão. Enquanto a palavra adquire o seu *sentido* no contexto onde surge, o significado permanece estável ao longo de todas as alterações desse *sentido*, o qual se apresenta como um fenômeno complexo, móvel e variável e que, por isso, modifica-se de acordo com as situações em que o falante o utiliza.

Estas lições evidenciam que é com a metáfora literária e, naturalmente, com os *sentidos* da palavra de que precisamos nos ocupar na escola para através do texto literário (genética e intrinsecamente metafórico) provocar *conflito cognitivo* para então romper e expandir os horizontes de expectativa do aluno no ensino fundamental com relação às suas necessidades históricas de expressão e de experiência estética, ao seu conhecimento do mundo e à ampliação do saber universal.

Referências bibliográficas

CHIAPPINI, Lígia. Mulheres, galinhas e mendigos: Clarice Lispector, contos em confronto. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito. (Orgs.) *Vozes*

femininas: gênero, mediações e práticas da escrita. Rio de Janeiro: 7 Letras: Fundação Casa Rui Barbosa, 2003.

FLAVELL, John H. *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1988.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORCA, Federico Garcia. *A imagem poética em Dom Luís de Gongora. Obras completas*. Madri: Nova Aguilar, 1957.

MILLIET, Sérgio. Poesia vária. In: ALMEIDA, Guilherme de. *Poesia vária*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MONTANGERO, Jacques, MAURICE-NAVILLE, Danielle. *Piaget ou a inteligência em evolução*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *A equilibração das estruturas cognitivas; problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

POZO, Juan Ignácio. *Teorias cognitivas da aprendizagem*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. New York: Oxford University Press, 1950.

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Parábolas e projeções nas crônicas de Rubem Alves.

Aline Pereira de Souza²¹

alinepsline@gmail.com

RESUMO

De acordo com a Moderna Linguística Cognitiva, sabe-se que o cérebro humano possui uma grande capacidade de fazer projeções. Essa capacidade, que faz parte da cognição humana, é e sempre foi fundamental para nossa sobrevivência. Além disso, é por causa das projeções que podemos utilizar textos literários não só como leitura de entretenimento, mas também, em alguns casos, para educar, moralizar e persuadir.

O *corpus* deste trabalho foi composto de três crônicas do autor Rubem Alves - *A Pipoca*; *Aos namorados, com carinho* e *Tênis X Frescobol* - que têm como tema os relacionamentos humanos. Rubem Alves, em seus textos, partindo de fatos cotidianos, apresenta reflexões acerca da vida e expressa sua opinião a respeito de diversos assuntos, utilizando para tanto histórias, parábolas, metáforas e metonímias.

Julgou-se importante verificar e entender os processos de projeção e as parábolas utilizadas nas crônicas, objetivando visualizar seus efeitos persuasivos. Além disso, foi dada especial atenção às metáforas e metonímias presentes nos textos, que são formas de projeção muito utilizadas, e que, muitas vezes, também são responsáveis pela transmissão da mensagem pretendida pelo autor.

Foram investigadas, também, quais “estratégias” linguísticas estão presentes nos textos e que fazem com que eles se tornem populares entre os leitores. Além disso, se quis verificar de que outros mecanismos o autor se utiliza para defender seu ponto de vista acerca dos assuntos que trata; qual o efeito que esses mecanismos exercem no leitor, e como eles fazem com que o leitor se sinta convencido e persuadido a compartilhar com as ideias expressas. Além disso, buscou-se estudar a funcionalidade e os efeitos de sentido das projeções utilizadas nas crônicas escolhidas.

Sendo assim, essas crônicas foram analisadas à luz da Moderna Linguística Cognitiva. Para tanto, foi utilizado, em termos funcionais, o princípio da “presença” proposto por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), a Teoria da Integração Conceptual (*Blending*) proposta por Fauconnier and Turner (2002) e a Teoria da Parábola, proposta por Turner (1996).

PALAVRAS-CHAVES: parábola; projeção; *blending* conceptual; crônicas; argumentação.

ABSTRACT

²¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, SP.

According to the Modern Cognitive Linguistics, it knows that human brain has a large capability to make projections. This ability, which is part of human cognition is and will always be fundamental to our survival. Furthermore, it is because of projections that literary texts can be used not only for entertaining reading, but also to educate, moralize and persuade.

The *corpus* of this work was composed by three chronicles, written by Rubem Alves, *A Pipoca*; *Aos namorados, com carinho* and *Tênis X Frescobol*. These chronicles have as theme human relationships. Rubem Alves, in his texts, starting from everyday facts, shows thoughts about life and expresses his opinion about many subjects. For this, he uses stories, parables, metaphors and metonymies.

We judge important to verify and understand the projection processes and the parables used in chronicles, aim to visualize its persuasive effects. Furthermore, we give special attention to metaphors and metonymies that are in the texts, which are widely used forms of projections. Often, these are also responsible for transmission of the message intended by the writer.

The linguistic strategies used by the writer were investigated, aiming to evidence how they made these texts popular among the readers. Moreover, we want verify which other mechanisms the writer uses to defend his point of view about the subjects. We also investigate what effect these mechanisms exercise in reader and how they make the reader feels persuaded and convinced to share with expressed ideas. We wanted, also, to study the functionality and the sense effects of projections that were used in chosen chronicles.

So, these chronicles chronicles were analyzed with Modern Cognitive Linguistic tools. For this, we used, in functional terms, the “presence” principle proposed by Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), the Conceptual Integration Theory (Blending) proposed by Fauconnier and Turner (2002) and the Parable Theory, proposed by Turner (1996).

KEYWORDS: parable; projection; blending conceptual; chronicles; argumentation.

Introdução

De acordo com a Moderna Linguística Cognitiva, sabe-se que o cérebro humano possui uma grande capacidade de fazer projeções. Essa capacidade é e sempre foi fundamental para nossa sobrevivência. Além disso, é por causa das projeções que podemos utilizar textos literários não só como leitura de entretenimento, mas também, em alguns casos, para educar, moralizar e persuadir.

O processo cognitivo de projeção, segundo Lakoff e Johnson (1980), Fauconnier e Turner (2002) acontece a partir de um domínio de origem aplicado a um domínio alvo.

Esse processo permite, também, que haja a transferência de valores do domínio de origem para o domínio alvo.

A Parábola, por sua vez, de acordo com Turner (1996) é uma projeção em que o domínio alvo são situações vividas na vida de cada um. Na Parábola, uma história é projetada sobre a outra. Ao lermos uma história de que não somos personagens e nos encaixarmos nela, estamos nos projetando nessa história e criando outra em que somos as personagens.

Rubem Alves, em suas crônicas, se dirige ao leitor. Como no momento da leitura o leitor sou eu, eu me projeto como alvo dos seus conselhos.

Partindo de fatos cotidianos, ele apresenta reflexões acerca da vida e expressa sua opinião a respeito de diversos assuntos. Conta histórias, constrói parábolas e utiliza muitas metáforas e metonímias (que também são outras formas de projeção); e é por meio delas, muitas vezes, que as mensagens são expressas.

A proposta deste trabalho é, partindo da escolha de três crônicas presentes nos livros *O Amor que acende a lua* e *Retratos de Amor*, que têm como tema os relacionamentos humanos, verificar e entender os processos de projeção e as parábolas utilizadas nelas, objetivando visualizar seus efeitos persuasivos.

Quis-se verificar, também, de que outros mecanismos o autor se utiliza para defender seu ponto de vista acerca dos assuntos que trata; qual o efeito que esses mecanismos exercem no leitor; e se fazem, de que modo fazem, para que ele se sinta convencido a compartilhar as ideias expressas e seja persuadido a mudar suas atitudes.

1. Parábolas

De acordo com a proposta de Mark Turner, presente em seu livro *The literary mind* (1996), nosso conhecimento e experiências são organizados por histórias que são um princípio básico da mente humana.

Segundo ele, a parábola é uma projeção em que o domínio alvo são situações vividas na vida de cada um. Na Parábola, uma história é projetada sobre a outra. Ao

lermos uma história de que não somos personagens e nos encaixarmos nela, estamos nos projetando nessa história e criando outra em que somos as personagens.

Rubem Alves, em suas crônicas, se dirige ao leitor. Como no momento da leitura o leitor sou eu, eu me projeto como alvo do discurso.

Ele defende, além disso, que muitas de nossas experiências, conhecimentos e nosso pensamento são organizados em histórias e que o escopo mental das histórias é ampliado pela projeção – uma história nos ajuda a construir o sentido de outra.

Assim, de acordo com ele, a projeção de uma história em outra é a Parábola, um tipo especial de literatura, que combina histórias e projeções. A história alvo – a que iremos compreender – não é mencionada explicitamente, mas por meio de nossa capacidade ágil para usar histórias e projeções, nós projetamos a história fonte explícita para uma história alvo encoberta.

A Parábola, portanto, de acordo com Turner (op. cit), é uma combinação de histórias e projeções. Ao lermos uma história em que não somos personagens e nos encaixarmos nela estamos nos projetando nessa história e criando outra em que somos os personagens e isso é a parábola. A história alvo, então, é aquela que será compreendida a partir da história de origem, que é aquela que é contada.

2. Projeções e *blending conceptual*

De acordo com a teoria do *Blending*, proposta por Fauconnier e Turner (2002), as projeções são processos cognitivos de projeção. Segundo essa teoria, há um espaço genérico, dois ou mais espaços *inputs* e um espaço chamado *blending*. As semelhanças entre os *inputs* são conectadas em virtude de uma operação correspondente, compactada e projetada seletivamente para o espaço *blending*.

A teoria do *Blending* “deriva” da *Conceptual Metaphor Theory* (CMT) e da *Mental Spaces Theory* (MST) (à qual está mais proximamente relacionada).

Na *Blending Theory*, a construção do significado tipicamente envolve integração de estruturas que dão origem a mais que apenas uma soma de partes.

Os teóricos do *Blending* defendem que o processo de *Conceptual Integration* ou *Blending* é uma operação cognitiva geral e básica, central na maneira como pensamos.

Há a integração seletiva de aspectos de cada uma das categorias-fontes para produzir uma nova categoria com sua estrutura interna própria e distinta. É pelo *Blending* que isso é alcançado.

Os pioneiros da *Blending Theory* são Gilles Fauconnier e Mark Turner. Essa teoria foi originalmente desenvolvida para dar conta da estrutura linguística e do papel da linguagem na construção de significados, particularmente os aspectos “criativos” da construção de significados, como metáforas novas/originais/singulares, contrafactuais e etc.

A *Blending Theory* tem sido bastante estudada, porque se acredita que o *blending conceptual* é o centro do pensamento humano e da imaginação e, como evidência disso, ele pode ser encontrado em várias áreas da atividade humana e não só na linguagem. Hoje, essa teoria tem sido aplicada por pesquisadores de diversas áreas como a literatura, a matemática, a teoria musical, estudos religiosos, antropologia, genética, etc.

Para Fauconnier e Turner (2002), nossa habilidade para realizar integrações conceptuais ou *blending* deve ter sido a chave do mecanismo que facilitou o desenvolvimento e o avanço dos comportamentos humanos que dependem de habilidades simbólicas complexas. Esses comportamentos incluem rituais, arte, fabricação de ferramentas e seu uso, e a linguagem.

Os “pais” dessa teoria são, como disse há pouco, Gilles Fauconnier e Mark Turner. Fauconnier tinha desenvolvido a *Mental Spaces Theory* (MST) para explicar um número de problemas tradicionais na construção de significados. Turner aproximou a construção de significados da perspectiva de seus estudos da metáfora na linguagem literária. Suas pesquisas convergiram para uma série de fenômenos linguísticos que apareceram para compartilhar semelhanças e que resistiram a uma explicação simples por cada um dos quadros que eles haviam desenvolvido. Eles observaram que, em muitos casos, a construção de significados aparece derivada de uma estrutura que é aparentemente indisponível na linguística ou na estrutura conceptual que funciona como “entrada” (*input*) para o processo de construção de significados.

A tradição da metáfora conceptual explica as metáforas com base em mapeamento de uma fonte de domínio (*source*) em um alvo (*target*), em que o alvo é

entendido em termos da estrutura projetada metaforicamente. Entretanto, a CMT não explica as consequências valorativas das projeções. (E esse é um dos acréscimos que a *Blending Theory* faz a essa teoria, ela tenta explicar as valorações, vai além da CMT).

A linguagem e o pensamento não se compõem estritamente no sentido de adição; a construção de significados não depende unicamente de um processo de projeção conceptual simples como estruturar uma região conceptual em termos de outra, como no caso das metáforas conceptuais, ou estabelecer conexões entre semelhantes em espaços mentais, pois as avaliações negativas ou positivas não estão contidas em nenhum dos domínios de origem (*inputs domains*) associados com a metáfora.

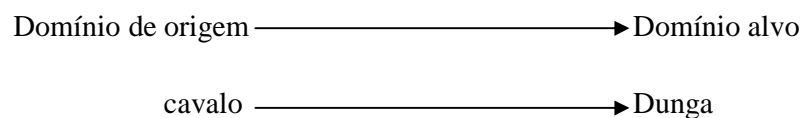
A *Blending Theory* dá conta do surgimento de significados com avaliações positivas/negativas, por adotar o ponto de vista de que a construção do significado envolve estruturas emergentes (*emergent structures*), isto é, o significado é mais que a soma das partes que o compõem.

Na tentativa de dar conta de exemplos que envolvem valorações, Fauconnier e Turner pegam aspectos dos dois quadros que tinham desenvolvido e produzem a teoria das *redes de integração* (*integration networks*), aperfeiçoando o modelo teórico de Lakoff e Johnson (1980).

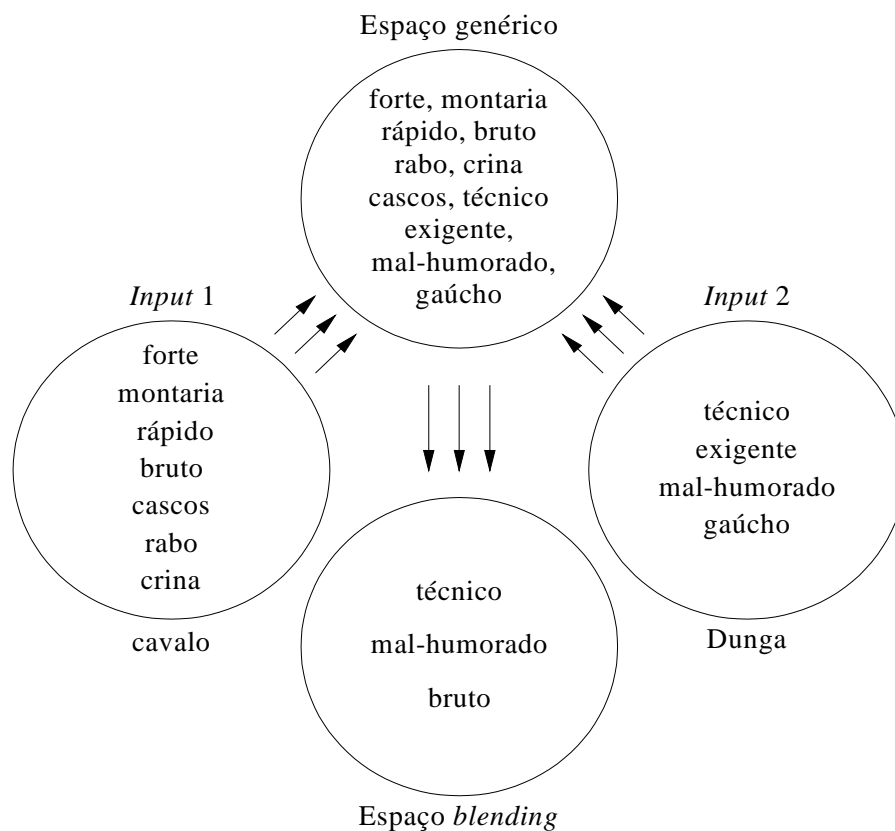
Uma rede de integração é um mecanismo para modelar como significados emergentes poderiam acontecer. Fauconnier e Turner sugerem que uma rede de integração consiste em *inputs* em que os elementos de cada input são ligados por mapeamentos.

Exemplo: *Dunga foi um cavalo com os repórteres durante a Copa do Mundo de 2010.*

Na teoria de Lakoff e Johnson (1980)



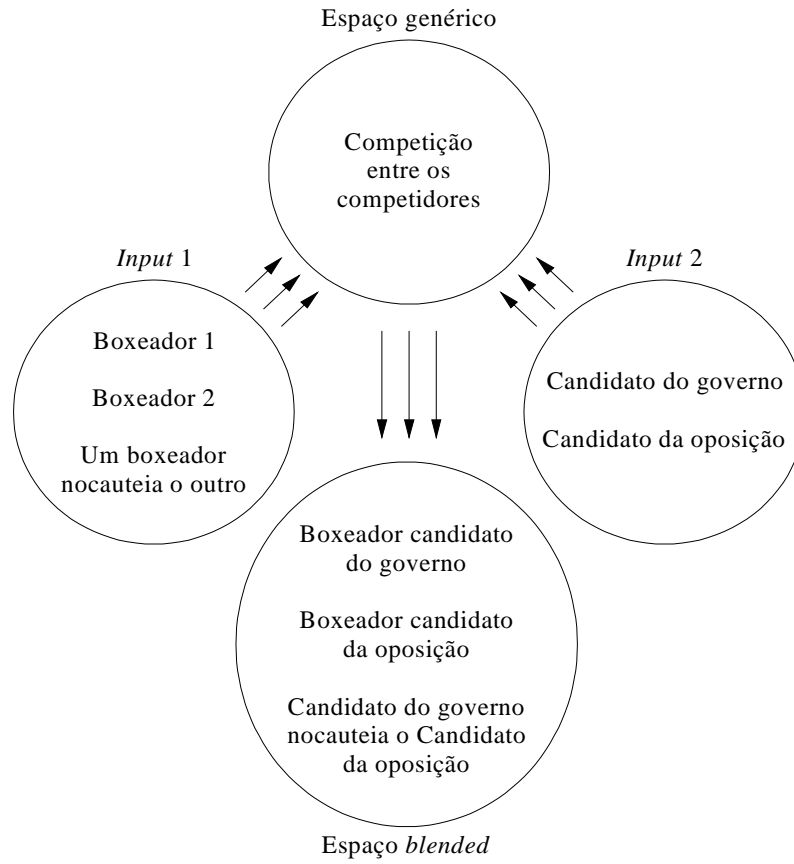
Na Teoria do *Blending*:



Qual a diferença? No modelo do *Blending*, fica claro que nem todas as características do *frame* do domínio de origem (*input 1*) costumam ir para o domínio alvo (espaço *blending*). Pode-se dizer, nesse caso, que características como rabo, forte, montaria, cascos, são “desintegradas”.

Por esse motivo, Fauconnier faz a diferença entre *single scope network* e *double scope network*.

Exemplo: *O candidato do governo nocauteou o da oposição.*



Nesse exemplo, nenhum traço do input 1 foi desintegrado.

No *single scope* não há choque (*clash*) entre o *input 1* e o *input 2*.

Quando a metáfora implica desintegração de traços, ela acontece no *double-scope network*, como no exemplo sobre Dunga.

Da *Mental Spaces Theory* (MST), Fauconnier e Turner pegaram a ideia de que as unidades conceptuais que povoam uma rede de integração devem ser espaços mentais em vez de domínios de conhecimento, como na CMT. A diferença entre eles é que domínios de conhecimento são estruturas relativamente estáveis do conhecimento pré-existente e espaços mentais são estruturas temporariamente criadas durante o processo *on line* de construção de significados.

O modelo de Blending dá origem a redes complexas que estão ligadas por dois ou mais *input spaces* por meio de espaços genéricos (*generic spaces*).

O *generic space* fornece informações que são abstratas o suficiente para serem comuns entre os dois (ou todos) os *inputs*. De fato, Fauconnier e Turner hipotetizam que as redes de integração são em parte licenciadas/autorizadas pelos interlocutores que identificam a estrutura comum em ambos os *inputs*, o que autoriza a integração.

Os elementos no *generic space* são mapeados em semelhantes em cada um dos espaços *inputs*, o que motiva a identificação do espaço semelhantes contrários/cruzados (*cross-space*) nos espaços *inputs*.

Além disso, uma característica distinta de uma rede de integração é o que isso consiste no quarto espaço *blended* ou *blend*. Esse é o espaço que contém a estrutura nova ou emergente, a informação que não está contida em qualquer dos *inputs*. Em outras palavras: o *blend* deriva de uma estrutura que não está contida em nenhum dos *inputs*; os elementos do espaço *blend* não estão conectados com nenhum dos *inputs*.

O significado emergente de incompatibilidade (*incompetence*) representa a estrutura adicional prevista/fornecida pelo *blend*. A estrutura emergente fornecida pelo *blend* inclui a estrutura copiada dos espaços *inputs*, juntamente com a estrutura emergente relacionada à nova relação estabelecida. A estrutura do *blend* é emergente porque ela vem de estruturas “adicionadas juntas” (*adding together*) a partir dos *inputs* para produzir uma entidade única para o *blend*. Além disso, é justamente em virtude da incompatibilidade entre os alvos (*goals*) e seus significados, que existem somente no *blend*, que a inferência do que se quer dizer surge.

O *generic space* contém muito a informação esquemática que serve como base para o estabelecimento dos mapeamentos *cross-space* entre os dois espaços *inputs*. O *generic space* facilita a identificação das semelhanças nos espaços *input* por servir como um “modelo” para a estrutura compartilhada.

Porque os *inputs* permanecem conectados ao *blend*, a estrutura do *blend* pode projetar para trás para as entradas, dando origem a uma dessemelhança. A dessemelhança (*disanalogy*) é uma importante consequência do *counterfactual*. O ponto da *utterance* é enfatizar a diferença entre algum dos conteúdos dos *inputs*. A dessemelhança é alcançada pela construção do *counterfactual* através do *blending*. Essa é uma vantagem da *Blending Theory* em relação à *Mental Spaces Theory*, pois naquela tem-se um mecanismo que dá conta de como a estrutura é recrutada e integrada a fim de

produzir estruturas emergentes: cenários novos e altamente criativos como *counterfactuals*.

3. Argumentação

De acordo com Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996), em uma argumentação, o “argumentador” precisa influenciar e fazer com que seu público adira ao seu discurso. E é isso que percebemos que Rubem Alves tenta fazer em suas crônicas. Muito mais que apenas suscitar reflexões sobre os assuntos tratados, podemos dizer que há uma intenção argumentativa em todas elas, mesmo que implicitamente.

Para que aconteça a argumentação, de acordo com os autores, tem que haver uma comunhão efetiva entre os espíritos, ou seja, o desejo da formação da comunidade e o assunto a ser debatido precisam estar em conjunção. Isso de certa forma acontece nas crônicas analisadas, pois o “argumentador”, no caso Rubem Alves escreve sobre os relacionamentos humanos (no caso das crônicas *Aos namorados com Carinho* e *Tênis X Frescobol*) ou sobre atitudes que as pessoas tomam mediante problemas (no caso da *Pipoca*), ou seja, sobre assuntos gerais que interessam os mais variados tipos de pessoas.

Para Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996), para a formação de um consenso são necessárias algumas condições, como a comunhão da linguagem, por exemplo. Sobre isso, Abreu (2005) acrescenta que é necessário ao orador adequar-se às condições intelectuais e sociais de nosso auditório, pois a argumentação será em vão se o auditório não entender os argumentos do orador.

Assim, pode-se dizer que isso é conseguido por Rubem Alves, pois ao se utilizar de um discurso construído com vocabulário simples, ele consegue atingir o entendimento de um grande público. Além disso, dizem os autores, para a argumentação é preciso ambicionar a adesão mental do interlocutor (e também do auditório), e o seu consentimento. É isso que percebemos que essas crônicas almejam: atingir a adesão mental e quem lê e fazê-lo consentir em aceitar as ideias expressas explicitamente ou até implicitamente nos textos.

De acordo com Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996), não basta argumentar, mas é preciso ser lido ou ouvido. Assim, ter atenção de uma pessoa ou de um público não é pouco, já que ouvir alguém revela uma disposição em aceitar a opinião daquele que discursa. Desse modo, conviver e estabelecer relações sociais favorece o ganho dessa atenção, ou seja, facilita a realização das condições prévias para o contato dos espíritos.

Para Rubem Alves, ser alguém respeitado e conhecido faz com que seus leitores criem uma maior disposição para que adiram às ideias expressas em suas crônicas; afinal ele tem credibilidade, o que Abreu (2005) diz ser muito importante em um processo argumentativo. Sendo assim, mesmo que os leitores não tenham a oportunidade de conviver com ele, como dizem Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996) ser um fator que facilitaria o contato dos espíritos, os leitores, ao tomarem contato com suas crônicas e lerem suas ideias, opiniões e pensamentos sentem como se realmente o conhecessem, pois muitas vezes em suas crônicas o autor fala sobre si mesmo e isso induz ao sentimento de certa intimidade do leitor com o autor.

Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996) dizem que alguns autores científicos e biógrafos não se preocupam com a adesão de seus leitores pelo fato de estarem apresentando verdades e descobertas científicas, o que resulta, pois, na idéia ilusória de que os fatos falam por si. É fato que, quando esses oradores discursam em eventos científicos ou publicam em revistas especializadas, o vínculo indispensável entre orador e público já está estabelecido pelos próprios meios de circulação dos textos. No entanto, nem todos contam com essa facilidade e, para que a argumentação se desenvolva, é necessário que o público-alvo dela preste alguma atenção ao seu defensor. Percebemos que utilizar argumentos científicos, fatos históricos ou histórias da vida de alguém são mecanismos de que Rubem Alves se utiliza para incutir força ao seu discurso e reforçar o vínculo de confiança, por parte de seu leitor, de que aquilo que fala é real e importante.

Os autores dizem também que, para que se tome a palavra em um processo de argumentação, são necessárias algumas qualidades. Essas qualidades, que variam de acordo com as situações, e sem as quais o orador não seria ouvido ou não seria autorizado a falar, podem ser o modo de vestimenta ou a idade. Sobre a idade, Rubem Alves, por ser um senhor idoso respeitado por sua sabedoria e cultura, por seu “currículo de vida”, por ser educador, filósofo, professor de universidade, enfim, por

todos esses motivos, ele não é “um qualquer”: é alguém de quem o leitor espera palavras coerentes e sábias e por isso sua opinião, para seu leitor tem uma importância relevante.

Além disso, apesar de, como defendem os autores, a argumentação se desenvolver melhor em texto oral do que em textos escritos, os textos analisados são escritos de maneira a parecer uma conversa com o interlocutor ou com o auditório, o que faz que a argumentação presente neles seja bem eficaz.

Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996) dizem também que o contato entre orador e auditório não é apenas uma das condições prévias de argumentação, como é essencial para o desenvolvimento dela, pois o texto deve se relacionar inteiramente com o auditório que pretende influenciar. Essa relação auditório-orador é essencial nas crônicas, pois a argumentação é mais eficiente quanto mais é compatível com o pensamento do auditório (leitores).

Mesmo, segundo os autores, o auditório ser algo muito difícil de determinar por critérios materiais, pois as pretensões do orador diante de seu auditório podem ser variadas e por se tratar de um texto escrito, na maioria dos casos, a dificuldade ser ainda maior, Rubem Alves escreve de maneira a ser compreendido por diversas faixas etárias, o que faz com que seus textos tenham um alcance bem grande.

Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996) defendem que, desse modo, em retórica é preferível determinar auditório como aquele a quem o orador pretende convencer, pois cada orador pensa, de maneira mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir. Apesar disso, conforme já dissemos, por meio do artifício da linguagem simples, da “didaticidade” de sua exposição e do tema que é tratado, Rubem Alves consegue atingir um auditório bem geral.

Para os autores é muito importante que o orador tenha o conhecimento prévio do auditório, pois isso é condição necessária para uma argumentação eficaz. Como já se disse, em textos escritos é bem difícil determinar quem serão os leitores, entretanto ao falar sobre temas que interessam a muitas pessoas como relacionamentos humanos e atitudes/posturas adotadas perante as dificuldades, se pensa em um auditório universal, que, por mais heterogêneo que seja, ao menos já estará predisposto a ler sobre estes assuntos, pois deve se interessar por temas assim. Além disso, de deve lembrar que

essas crônicas encontram-se em livros do autor: quem buscará o livro é porque se sentiu atraído pelo título ou pelo autor.

Segundo Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996) , quando o orador precisa convencer um auditório heterogêneo, deve utilizar argumentos múltiplos para conquistar todos os seus ouvintes, e o grande orador é definido por sua capacidade de argumentar diante de grupos variados e pessoas variadas. Nisso, Rubem Alves é mestre: sempre se utiliza de vários argumentos e várias estratégias argumentativas para levar seus leitores, que se constitui de um grupo heterogêneo, ao convencimento.

Assim, de acordo com os autores, o conhecimento do auditório está intimamente ligado aos condicionamentos para persuadi-lo, e assegurar o seu condicionamento. Para se influenciar mais o auditório, podem ser usados diversos recursos, que são utilizados desde a Idade Média, como: música, iluminação, paisagem, jogos de direção teatral. Na atualidade, esses recursos são poderosos instrumentos de ação sobre as mentes. Essa afirmação dos autores se faz verdade na atualidade, já que os meios de comunicação fazem uso de sons, cores e figuras para agirem na mente das pessoas. Além disso, pode-se observar que o poder de convencimento de uma propaganda, normalmente, está associado a um uso mais ou menos eficiente de tais recursos. Apesar de nas crônicas termos os recursos limitados, já que é só o papel impresso, como já dissemos, são as várias estratégias utilizadas e a natureza diversificada dos argumentos (baseados em fatos científicos, fatos históricos, argumentação pelo exemplo ou pela emoção, por exemplo) que permitem que o poder de convencimento do texto seja potencializado.

Ao lado disso, dizem Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996), pode-se citar o condicionamento por meio do discurso, ou seja, o auditório inicial não é o mesmo do final. Tal condicionamento depende da adaptação contínua do orador ao auditório. Assim, o leitor da crônica do início não é o mesmo do final, ou seja, ao terminar a leitura da crônica, o leitor já terá modificado seu ponto de vista sobre o assunto que lê, por ter entrado em contato com as ideias e reflexões do autor sobre o assunto.

O orador deve se adaptar ao auditório, e o último é quem determina a qualidade da argumentação e o comportamento do primeiro. Conforme já se disse, podemos dizer que os argumentos e estratégias múltiplas é que fazem com que essa adaptação aconteça: quanto mais diversas as estratégias e os argumentos mais se conseguirá atingir o auditório.

Segundo Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996) persuadir é mais do que convencer para os interessados no resultado, pois ela leva à ação. Já, para os interessados no caráter racional da adesão, convencer é mais que persuadir. Assim eles propõem uma nova distinção entre persuasão e convencimento. Tal distinção se apóia nas características do auditório ao qual é dirigida a argumentação, e explica, indiretamente, as relações: persuasão e ação; convencimento e inteligência.

Abreu (2005), indo na mesma direção de Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996), nos diz que

Convencer é construir algo no campo das ideias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize. (Abreu, 2005, p.25)

Percebemos que Rubem Alves em seus textos, mais que convencer seus leitores quer levá-los à ação, à mudança de atitude perante a vida, os problemas e os relacionamentos, portanto ele visa além do convencimento, à persuasão em seus textos.

Para Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996), ao dirigir-se a um auditório particular, a argumentação arrisca-se a fundamentar-se em teses estranhas ou opostas a outras pessoas, que não são aquelas que o ouvem naquele momento. Por isso, são fracos os argumentos aceitos, apenas, por um auditório particular, além disso, deve-se evitar usar argumentos perante um auditório particular que não possam ser usados perante um auditório universal.

Segundo os autores, o objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar adesão às teses que se defende. A eficácia da argumentação é comprovada quando ela consegue aumentar a intensidade de adesão e desencadear nos ouvintes a ação pretendida ou pelo menos crie neles uma disposição para ação. Podemos comprovar, portanto, que as crônicas são textos argumentativos, pois elas objetivam exatamente isso.

Segundo Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996), Aristóteles considera como gêneros oratórios o deliberativo, o judiciário e o epidíctico e, para ele, o objetivo de cada orador varia de acordo com o gênero oratório: no deliberativo, é aconselhado o útil, o melhor; no judiciário pleiteia-se o justo; e no epidíctico, ocupa-se apenas com o que belo ou feio, já que este gênero que trata do elogio ou da censura. Por causa disso, o gênero epidíctico parecia prender-se mais à literatura do que à argumentação.

Entretanto, os autores discordam dessa posição e dizem acreditar que os discursos epidícticos constituem uma parte central da arte de persuadir, e a incompreensão deles resulta de uma concepção errônea dos efeitos da argumentação.

Uma exposição eficaz, que tende a obter dos ouvintes adesão às teses apresentadas, só pode ser julgada pelo objetivo que o orador se propõe. A intensidade da adesão que se quer obter não se limita à produção de resultados somente intelectuais; ela será muitas vezes reforçada quando a ação que a adesão deveria desencadear tenha ocorrido.

A decisão que se toma está “no meio do caminho” entre a disposição para a ação e a própria ação. Por isso é que se julga que o discurso epidíctico é importante para a argumentação, pois ele reforça a disposição para a ação ao aumentar a adesão aos valores que exalta.

É interessante verificar que é realmente isso que acontece, já que na prática, sabe-se que quantos mais motivos se têm para agir de determinada maneira, mais resolvido a agir se fica.

A argumentação deste tipo de discurso se propõe a aumentar a intensidade da adesão a certos valores, sobre os quais, quando considerados isoladamente, não suscitariam dúvidas, mas que poderiam não prevalecer se outros valores entrassem em conflito com eles. Desse modo, o orador procura criar a uma comunhão em torno de certos valores que são reconhecidos pelo auditório para amplificá-los e valorizá-los utilizando-se da retórica. Assim, ele consegue transformar facilmente em valores universais e até em verdades eternas o que, graças à unanimidade social, adquiriu consistência. Os discursos epidícticos apelarão com mais facilidade a coisas que são julgadas incontestáveis.

Neste gênero o orador se faz educador. E é o que acontece nas crônicas analisadas.

Rubem Alves defende valores, ou mais ainda, elogia certas posturas ou certos valores a serem adotados. Desse modo ele suscita no leitor uma maior disposição para a adesão da tese que defende.

Olbrechts-Tyteca e Perelman (1996) dizem que o orador do discurso epidíctico está muito próximo do educador, pois como o que ele vai dizer não suscita a controvérsia, como nunca está envolvido um interesse prático imediato, não se trata de defender ou de atacar, mas de promover valores que são o objeto de uma comunhão social. Entretanto, o orador, embora esteja de antemão seguro da boa vontade de seu auditório, deve, ainda assim, possuir um prestígio reconhecido. O mesmo acontece na epidíctica, em que, muito mais que em qualquer outro gênero oratório, é preciso, para não ser ridículo, ter qualificações para não tomar a palavra e não ser inábil em seu uso; já que não é sua causa nem seu ponto de vista que o orador defende, mas o de todo um auditório. Por este motivo ele é considerado o educador deste e se necessita usufruir um prestígio prévio é para poder servir melhor aos valores defendidos. Rubem Alves possui este prestígio.

O objetivo dos discursos epidícticos é aumentar a adesão aos valores comuns do auditório e do orador e por isso seu papel é importante, porque sem esses valores comuns, não haveria em que apoiarem-se os discursos deliberativos e judiciários.

Enquanto estes últimos se utilizam de disposições já existentes no auditório e os valores são os meios que permitem determinar uma ação, na epidíctica a comunhão em torno dos valores é a finalidade perseguida, e independe das circunstâncias em que esta comunhão será posta à prova.

O papel dos discursos epidícticos é fazer apelos a valores comuns, por alguém qualificado para fazê-lo; e com isso reforçar a adesão a esses valores, visando possíveis ações posteriores. É o que acontece nas crônicas. Fala-se muito de valores, e se quer suscitar a adesão a posturas também relacionadas a valores.

Esse discurso, que é o caso das crônicas, não visa à valorização do orador, mas a criação de certa disposição para a ação entre os ouvintes; diferentemente dos gêneros deliberativo e judiciário, que se propõe a obter uma decisão de ação. Desse modo,

verifica-se que é em função da AÇÃO que prepara ou determina que toda argumentação se concebe.

4. Análise da crônica *A Pipoca*

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me até atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras do que com as panelas.

Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de "culinária literária". Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nobis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoadada, suflês, sopas, churrascos.

Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme *A Festa de Babette* que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo — porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento.

As comidas, para mim, são entidades oníricas.

Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu.

A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha mente aconteceu. Minhas idéias

começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível.

A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela. Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem.

Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas.

Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do Candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do Candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido.

Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista de tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a idéia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecessem e pudessem ser comidos.

Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado.

Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o Candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa — voltar a ser crianças! Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo.

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre.

Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosa. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser.

Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão — sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo.

Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: PUF!! — e ela aparece como outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro.

"Morre e transforma-te!" — dizia Goethe.

Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas, descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar.

Meu amigo William, extraordinário professor pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia, as explicações científicas não valem.

Por exemplo: em Minas "piruá" é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos

quarenta, lamentava: "Fiquei piruá!" Mas acho que o poder metafórico dos piruás é maior.

Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo esquente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem.

Ignoram o dito de Jesus: "Quem preservar a sua vida perdê-la-á". A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo a panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo.

Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

"Nunca imaginei que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu".
(Alves, 1999, p.59-64.)

Neste texto, Rubem Alves utiliza a pipoca como idéia central para suas reflexões.

Logo no início do texto, o autor diz que a culinária o fascina e que as comidas o fazem sonhar. Ele inicia o texto falando sobre culinária e diz que vai fazer uma culinária literária, e justifica essa ação constatando que escreve melhor que cozinha.

Logo, há a primeira projeção do texto sendo explicitada, onde temos como domínio de origem a culinária tradicional, e como domínio alvo a culinária literária.

Em seguida, ele diz que dedicou metade de um livro seu realizando uma meditação filosófica sobre o filme "Festa de Babette" que celebra a comida como ritual

de feitiçaria. Assim, podemos acrescentar à relação comida-literatura a comida-feitiçaria. Sendo assim: comida ⇒ literatura ⇒ ritual de feitiçaria.

O autor ainda acrescenta à sua reflexão a questão de que para ele as comidas também são entidades oníricas, pois provocam a capacidade dele de sonhar, e que assim aconteceu com a pipoca. Ao mesmo tempo, então temos:

Pipoca = comida

Pipoca = faz sonhar

Dando sequência ao desenvolvimento de suas ideias, é acrescida ao texto mais uma projeção: assim como as pipocas estouram, também os pensamentos “estouram”. Cria-se, portanto um blend. Temos, portanto: pipocas que estouram⇒pensamentos, ideias que surgem. Para justificar essa relação, há a afirmação de que um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível. Assim, o que “une” o significado de duas palavras semanticamente tão diferentes (já que a pipoca, em seu sentido comum é uma comida e as ideias em seu sentido comum são produtos do ato de pensar humano) é a constatação de que essas duas palavras têm algo em comum, que no caso é o estouro (surgimento) inesperado e imprevisível.

De acordo com Rubem Alves, a pipoca se revela para ele como extraordinário objeto poético, pois ao pensar nas pipocas, suas ideias começaram a estourar como uma pipoca na panela (surgem). Além disso, é acrescido pelo autor o sentido religioso da pipoca, que como o pão e o vinho cristãos é um alimento sagrado para o Candomblé.

Até aqui: pipoca comida⇒ inspiração que faz sonhar

pipoca comida que estoura⇒pensamentos que surgem

pipoca simples comida⇒alimento sagrado para o candomblé
(como o pão e o vinho para os cristãos)

pipoca milho mirrado e subdesenvolvido⇒comida gostosa

Em seguida, o texto se constrói sobre a reflexão do que é a pipoca: milho mirrado e subdesenvolvido. Inclusive para dar ênfase a isso, o autor diz que *“Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas”*(p.61). Isso é um recurso expressivo utilizado para dar credibilidade à ideia apresentada de que as pipocas seriam “os piores” milhos. Ao escrever isso, o autor espera aceitação e adesão à ideia por parte do leitor: espera que ao terminar de ler essa frase o leitor pense: “É, eu também!”.

Logo após, inicia-se uma dedução de como a pipoca “foi descoberta”

Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a idéia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecassem e pudessem ser comidos.

Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado.

Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. (Alves, 1999, p.61)

e, em seguida, a pipoca será utilizada como figura para o autor referir-se ao ser humano.

É dito no texto que os grãos duros se transformam em flores brancas e macias, o que é uma transformação culinária. Temos aí mais um blend (pipoca estourada = flor macia) Entretanto, dessa transformação culinária, o autor parte para pensar em outras transformações: a transformação do candomblé (grande transformação por que devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser). Apoiado nessa relação e para sustentá-la é dito no texto que o milho de pipoca também não é o que ele deve ser, como os homens, muitas vezes. Ao final da aproximação da pipoca e do candomblé, o autor finalmente chega ao ponto almejado desde início do texto: a constatação de que nós, seres humanos, somos como a pipoca. A partir desse ponto, Rubem Alves explicita e defende seu ponto de vista diretamente sobre homens e pipocas:

O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa — voltar a ser crianças! *Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo.*

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre.

Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosa. Só que elas não percebem. Aham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser.” (Alves, 1999, p.62 grifo nosso)

Logo:

grãos duros ⇒ passam pela transformação, pelo fogo ⇒ flores brancas e macias (pipocas)

homens ⇒ passam pela transformação do candomblé ⇒ se tornam o que devem ser (homens transformados). Nós homens ⇒ passamos pela transformação, pelo poder do fogo (situação não imaginada – de fora: perder um amor, um filho, ficar doente, perder emprego, ficar pobre; de dentro: pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos) ⇒ homens melhores. Há aqui a integração conceptual entre o sofrimento do fogo que provoca mudança no milho e os sofrimentos dos humanos que provocam mudanças (positivas, pretende o autor) em suas vidas.

Rubem Alves acrescenta que assim como é necessário aos grãos duros passarem pelo fogo para se transformarem em coisas melhores (em pipocas), também é necessário a nós, homens, que passemos pelas dificuldades, pois senão ficaremos do mesmo jeito (duros) a vida toda. Há também no texto a afirmação de que podemos recorrer aos remédios (apagar o fogo) e que assim o sofrimento seria diminuído, mas que desse

modo do mesmo jeito que o sofrimento diminuiria com o uso de remédios, também diminuiria a possibilidade de transformação.

Assim:

fogo apagado = menos dor

remédios = alívio da dor

sem fogo, sem dor = sem transformação

Em seguida, há no texto uma passagem em que o autor explicita seus pensamentos sobre o que imagina que a pipoca “pense” e “imagine”. Ora, sabemos que pipocas não pensam. Através dessa onomatopéia, fica mais fácil realizar a projeção, pois sabemos que quem pensa é o ser humano, somos nós; isto é estamos aqui, nossa vida, novamente sendo o domínio alvo:

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, *pense* que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, *ela não pode imaginar* destino diferente. *Não pode imaginar* a transformação que está sendo preparada. A pipoca *não imagina* aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: PUF!! — e ela aparece como outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante. (Alves, 1999, p.63)

Inclusive, para sustentar e reafirmar que o fogo/ as dificuldades nos transformam em coisas/ pessoas melhores, é utilizada também a referência à Lagarta que vira Borboleta. Aqui, para compreender melhor o que o autor quer nos dizer, nós, leitores, temos que recorrer ao nosso conhecimento de mundo e lembrar que as borboletas são lagartas em sua fase inicial de vida e que, para virar borboletas, passam por um processo doloroso para sair de seus casulos, mas que é esse processo doloroso que faz com que

suas asas se fortifiquem e desenvolvam para que possa voar. Uma lagarta que não passa por essas dificuldades para sair do casulo, que não sofre, que não se esforça, nunca será uma borboleta com capacidade de voar.

Em seguida, no texto, há a afirmação de que o milagre do milho da pipoca, na simbologia cristã é representado pela morte e ressurreição de Cristo e que a ressurreição seria o estouro do milho da pipoca. Logo:

milho ⇒ fogo ⇒ pipoca

↓ ↓ ↓

Jesus ⇒ morte ⇒ ressurreição

↓ ↓ ↓

nós ⇒ dificuldades ⇒ pessoas melhores

Após utilizar as referências ao cristianismo, à lagarta / borboleta, por exemplo, Rubem Alves começa a explicar o que é um piruá: um milho que não vira pipoca, que não estoura. Utiliza inclusive passagens de sua história para explicar tal fato e também acrescenta que em Minas Gerais a palavra piruá é usada para designar a mulher que não se casou.

A partir da explicação sobre o significado da palavra piruá, o autor explicita mais uma metáfora e mais uma vez utiliza a figura de cristo para dar ênfase a seu argumento:

Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem.

Ignoram o dito de Jesus: "Quem preservar a sua vida perdê-la-á". A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que

não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo a panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo. (Alves, 1999, p.64)

Assim:

Milho que não estoura (piruá) ⇒ pessoas que não se transformam

Piruás têm como destino o lixo ⇒ pessoas não transformadas continuarão com suas vidas medíocres de sempre.

Na penúltima frase de seu texto, autor afirma que os adultos que voltaram a ser crianças são as pipocas que estouraram, que sabem que a vida é uma grande brincadeira.

milhos que viram pipocas passam por transformação ⇒ pessoas que se tornam melhores passam por transformação

pipocas ⇒ adultos que voltaram a ser crianças

crianças ⇒ pessoas que são felizes (de acordo com o senso comum)

Rubem Alves termina seu texto com uma afirmação que justifica o possível motivo pelo qual ele tenha escrito este texto: "Nunca imaginei que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu". (essa frase só há na versão digital)

Podemos perceber que, em todo esse texto, através dos argumentos que utiliza e das imagens que evoca que Rubem Alves visa à defesa da tese de que passar por dificuldades é um mal necessário em nossas vidas que nos transformará em pessoas melhores. Para tanto, ele utiliza muitas metáforas, metonímias e projeções.

5. Conclusão

Viu-se que a razão da utilização das projeções (*blending*) é concretizar aquilo que é abstrato e atingir o "cérebro emocional" das pessoas. Assim, o texto exerce sobre o leitor um poder maior de atração e até mesmo de persuasão.

Nas crônicas analisadas, percebemos que a argumentação é trabalhada do ponto de vista da razão e da emoção e por isso podemos encarar tais textos como persuasivos.

A religiosidade é também presente em suas crônicas e usada como estratégia para a persuasão. Utiliza-se também muito de parábolas, de linguagem figurada, histórias, “provas” científicas, constatações...

As projeções, metonímias e metáforas são utilizadas para persuadir o leitor a “aceitar”, “concordar” com as ideias expressas. Sobre as figuras retóricas Abreu (2005, p.105) diz: “As figuras retóricas são recursos linguísticos utilizados especialmente a serviço da persuasão. [...] [pois] possuem um poder persuasivo subliminar, ativando nosso sistema límbico, região do cérebro responsável pelas emoções.”

Ao contar histórias dentro de suas crônicas, ele acaba construindo vários “entimemas” para envolver o leitor.

Contar histórias (parábolas), utilizar metáforas (que muitas vezes são criadas por ele) é uma estratégia argumentativa de que ele se vale.

Suas crônicas são argumentações em que ele defende uma tese.

As parábolas são sempre construídas a partir do *blending* e, juntamente com as projeções, são utilizadas para que o entendimento da mensagem seja facilitado ao leitor.

A mensagem de cada crônica, por sua vez, é expressa muitas vezes por meio de metáforas e metonímias que são baseadas em nossa experiência.

As imagens (metáforas) utilizadas não são arbitrarias, pelo contrário, são baseadas no conhecimento e na experiência em relação ao dia-a-dia e às partes do nosso corpo.

O significado final dos textos lidos está na compreensão que o leitor fará deles, desse modo pode-se dizer que o significado está apenas induzido no texto e o significado total só existirá ao passar pela compreensão do leitor.

Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora serve para promover entendimento, projetando um conceito sobre outro.

O que acontece no caso das crônicas analisadas é que nós, leitores, nos projetamos como o alvo das palavras do autor e tomamos os ensinamentos como escritos para nós.

O domínio alvo das projeções que fazemos ao ler as crônicas é nossa vida pessoal.

A mensagem fica mais gravada na cabeça do leitor, pois o autor cria uma imagem e a projeta a defesa de sua tese. Construído por meio de parábolas e projeções o texto exercerá sobre o leitor um poder maior de atração.

O processo de projeção permite que valores sejam transferidos do domínio de origem para o domínio alvo, e através dos *blendings* conceptuais, pelas metáforas utilizadas, o texto vai ficando mais compreensível para o leitor. Em muitos momentos, *blendings* vão sendo criados durante a argumentação presente em cada crônica.

No caso dos textos analisados, a função dos processos de projeção (*blendings*) é pedagógica e argumentativa, isto é, utiliza-se a projeção para tornar a compreensão do que está sendo dito mais fácil ao leitor e para conseguir um melhor efeito argumentativo do texto.

De acordo com Abreu (2008, p.83)

[a] principal função [dos textos literários quando utilizam os processos de projeção] é provocar o estranhamento, a emoção estética. Para isso, em vez de utilizar uma linguagem mais direta e usual, o escritor lança mão de imagens, levando seus leitores a abrir espaços mentais dentro dos quais tem de construir relações diversas do senso comum, matizando o entendimento de um fato com novas cores e sentimentos.

Nota-se que os processos de projeção (*blendings*) utilizados nas crônicas tiveram, segundo Abreu (2008) a função pedagógica, cujo objetivo é trazer clareza ao texto, isto é, torná-lo mais didático e mais simples de o leitor o compreender; e também a função argumentativa, pois se objetivou convencer e persuadir os leitores por meio deles.

Referências Bibliográficas

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: Gerenciando razão e emoção*. 8ªed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

_____. *O design da escrita: Redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ALVES, Rubem. A pipoca. In:_____. *O amor que acende a lua*. Campinas: Papyrus, 1999. p.59-64.

_____. Tênis X Frescobol. In:_____. *Retratos de amor*. Campinas: Papyrus, 2002. p.27-30.

_____. Aos namorados com carinho. In:_____. *Retratos de amor*. Campinas: Papyrus, 2002. p.77-81.

ALVES, Rubem. *A pipoca*. Disponível em: http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp. Acesso em 29 ago.2011.

EVANS, Vyvyan and GREEN, Melanie. Conceptual Blending. In:_____. *Cognitive Linguistics - An introduction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers London, 2006.

FAUCONNIER, Gilles and TURNER, Mark *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

GAADER, Jostein. *O Mundo de Sofia – Romance da História da Filosofia*, São Paulo: Cia das Letras, 1997.

GRADY, Joseph, Todd OAKLEY and Seana COULSON. Blending and metaphor. In: GIBBS, R.W. and STEEN, G. (eds). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 101–124.

LAKOFF, George and Mark JOHNSON. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie; PERELMAN, Chaïm. Os âmbitos da argumentação. In: _____. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

Aspectos da metáfora na gestualidade em narrativas dançadas

Ana Luisa Seelaender²²

ana.seelaender@usp.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever aspectos da conceitualização metafórica de gestos presentes em narrativas dançadas. Como proposto por Lakoff e Johnson (1980), conceitos metafóricos estruturam, ao menos em parte, o que fazemos e como entendemos o que fazemos. A essência da metáfora é o entendimento e a experienciação de um tipo de coisa em termos de outra (*ibidem*, p.5). O presente artigo pretende verificar de que modo essas metáforas encontram-se representadas gestualmente em dança. Serão tomados os estudos de gestos co-verbais como base para nossa caracterização, a partir da proposta da classificação proposta por McNeill (1992), e continuamente avançada desde então (Herman 2009, Mittelberg 2006, 2008, *inter alia*). Para fins da presente análise, gestos são entendidos aqui na acepção mais ampla proposta por Kendon (2004, p.110)²³, que inclui não apenas os gestos manuais, mas “qualquer ‘atividade visível do corpo’ que contribua com aporte comunicativo em um enunciado”, incluídos os movimentos corporais para além dos padrões estabelecidos pela técnica clássica em dança. Mais precisamente, faz-se necessária a discussão sobre as diferentes perspectivas suscitadas pelo termo gesto dentro das diferentes áreas de estudo da dança para o estabelecimento do conceito de gesto em dança que subjaz este trabalho. Nas línguas naturais, há vários indicadores do mapeamento dos domínios fonte e alvo para a construção do espaço metafórico. Na dança, esses indicadores são gestuais e dependentes do espaço construído pelo narrador implícito, nesse caso, o coreógrafo. Para a observação de tais indicadores, foram selecionadas duas cenas, a do balcão e parte da cena final, em duas versões coreografadas da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, uma criada por Sir Kenneth MacMillan para o The Royal Ballet e outra por Rudolf Nureyev para o Ballet de L’Opera de Paris. Espera-se demonstrar que as metáforas conceituais também estão presentes na conceitualização de uma coreografia, ampliando o processo de entendimento de uma narrativa cinética. Simultaneamente, busca-se sistematizar as partes componentes dos gestos, de modo a conseguir captar o modo como a metáfora conceitual contribuiu para a construção desse gesto, buscando apoio na classificação proposta por Peirce (1903) para os hipoícones, ou signos icônicos, nos moldes da pesquisa realizada por Irene Mittelberg (2006, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: dança; gesto; metáfora conceitual; hipoícone

ABSTRACT

²² Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP.

²³ *apud* McCleary and Viotti (2011, p.183, tradução própria)

This work aims describing metaphoric conceptualization in gesture found in danced narratives. As proposed by Lakoff and Johnson (1980), metaphoric concepts structure, at least in part, what we do and how we understand what we do. The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another (*ibidem*, p. 5). This article intends to verify how these metaphors are represented by gestures in dance. The categorization hereby used will be based on studies in co-speech gestures, following McNeill (1992)'s proposal, and advanced by numerous researches ever since (Herman 2009, Mittelberg 2006, 2008, *inter alia*). For the present analyses, gestures will be understood in a broader sense as proposed by Kendon (2004, p.110)²⁴, including not only manual gestures, but also “any ‘visible bodily activity’ that contributes to the communicative import of an utterance”, involving bodily movements beyond the classical dance technique. More precisely, it is necessary to confront the different perspectives the term ‘gesture’ elicits in different areas of dance studies to establish the concept of gesture that is followed in this work. In natural languages, there are many indicators of the mapping between source and target domains for the construction of the metaphorical space. In dance, these indicators are produced through gesticulation and dependent on the space built by the implicit narrator, in this case, the choreographer. To observe these indexes, two scenes were selected: the balcony and part of the last one, from two danced versions of William Shakespeare’s play *Romeo and Juliet*, one created by Sir Kenneth McMillan for The Royal Ballet, and another one choreographed by Rudolf Nureyev for the Ballet L’Opera de Paris. It is expected to be shown that conceptual metaphors are present in the choreography conceptualization, broadening the process of understanding a kinesthetic narrative. Simultaneously, we aimed to systematize the components of the gesture as to be able to capture in which way the conceptual metaphor contributed it, relying on Peirce’s classification for hipoicons, or iconic signs, following Irene Mittelberg’s work (2006, 2008).

KEY WORDS: dance; gesture; conceptual metaphor; hipoicon

Introdução

Lakoff e Johnson (1980) propõe que as metáforas não se tratam apenas de figuras de linguagem, mas sim de modos de apreensão e conceitualização do mundo. Isso significa que a conceitualização dá-se por meio de metáforas conceituais, a partir das quais elaboram-se as metáforas linguísticas e nosso modo de agir no mundo, como no exemplo oferecido pelos autores de *DISCUSSÃO É GUERRA*. Defende-se ou ataca-se determinado argumento, dado ponto de vista pode ser considerado indefensável, usa-se estratégia para tentar vencer uma discussão, ou seja, o modo como o evento discussão está conceitualizado entre os falantes já pressupõe não apenas o modo de referência a ele, mas também a postura a ser adotada em tal ocasião. Desta forma, é possível compreender a pervasividade das conceitualizações através de metáforas praticadas cotidianamente, para além de recursos estilísticos.

²⁴ *apud* McCleary and Viotti (2011, p.183)

O conceito de corporeamento, um dos pilares da perspectiva da Linguística Cognitiva, é igualmente fundamental para o entendimento dos processos cognitivos que organizam o modo de agir no mundo. Desde o início da integração de uma visão cognitivista na linguagem, houve um avanço nos estudos que versam sobre a integração do corpo aos processos cognitivos. Inicialmente, a proposta restringia tais processos a módulos mentais, ou a apenas uma parte do corpo, o cérebro, pareado ao conceito de mente, na qual a cognição teria lugar. Posteriormente, o corpo foi integrado ao processo, no sentido de poder-se entender o mundo a partir de nossa experiência corpórea nele. Nossa interação com o meio, os objetos e as pessoas passa a ser o construtor de nossa perspectiva do espaço circundante dentro da proposta de *enação* (Maturana e Varela 1980). Para os autores, a partir dessa interação, estabelece-se a cognição. Cabe ressaltar que a enação foi proposta dentro do âmbito da biologia molecular, e tem sido estendida para outras áreas das Ciências Cognitivas.

Os estudos de gestos coverbais têm contribuído sobremaneira para o entendimento dessa interação corpo-cognição, bem como a possibilidade de entendimento da conceitualização através dos gestos, estabelecendo assim sua relação com o pensamento. O entendimento do mapeamento de elementos conceituais em *âncoras materiais*, objetos com os quais as pessoas interagem tanto em eventos enunciativos como em momentos de conceitualização, (Williams 2007, p.29) é reproduzido quando o mapeamento é metafórico, sendo o gesto o veículo entre as contrapartes dos domínios fonte e alvo. A hipótese aqui levantada é a de que, assim como o discurso é multimodal, de acordo com trabalhos que demonstram a integração da modalidade oral (no caso, a língua) com a modalidade visual (no caso, a gestualidade) (Williams 2007, McNeill 1992, Goodwin 2003, Hutchins 2006, LeBaron e Streeck 2000), também a dança é construída a partir da multimodalidade, partindo-se de um paralelo entre técnica de execução e língua, tornando, assim, o componente gestual constitutivo na composição do significado, além da relação entre diferentes sistemas semióticos presentes na elaboração de uma narrativa dançada.

A primeira seção discutirá as diferentes perspectivas acerca do gesto em dança para o estabelecimento do conceito no presente trabalho, propondo um paralelo entre a estrutura tríplice do discurso proposta por Fernando Poyatos (2002) e a dança clássica. A partir do trabalho proposto por Irene Mittelberg (2006,2008), a seção seguinte

apresentará a proposta dessa autora para a conjugação do signo peirceano à teoria de metáforas conceituais, através do estudo da gestualidade. Os materiais e o método de transcrição de dados serão apresentados na seção dedicada à metodologia, a que se seguirá a análise dos dados. As questões levantadas pela análise serão contempladas nas considerações finais.

1. Gestualidade em dança e os estudos de gestos co-verbais

Na evolução da dança clássica, a inclusão da pantomima e o abandono das máscaras tornam-se fundamentais para o ganho em modulação de expressão e poder de comunicação. Fokine (*apud* Au 1978), por exemplo, acreditava que a expressão de sentido dava-se através do corpo todo, através da integração da mímica, dos gestos e dos movimentos de dança. Este trabalho entende pantomima como um dos gêneros da mímica, realizada como a narração por meio de gestos ilustrativos desenhados no espaço, em ausência de fala²⁵. Atualmente, a mímica é considerada mais abrangente, dado o intérprete utilizar-se não apenas de recursos corporais, mas também de recursos vocais para sua expressão, além de poder ser elaborada tanto em sua forma objetiva - quando reproduz objetos espaciais como parede, corda, etc,- como em sua forma subjetiva - quando centra-se nas emoções e cria metáforas através dos gestos. Fica, então, estabelecido que o termo a ser utilizado será pantomima, dada a ausência da utilização de recursos vocais, mas que características da mímica objetiva e subjetiva estarão incluídas na categorização dos gestos.

Na introdução do livro *Migrations of Gesture*, de 2009, Carrie Noland coloca a importância de perceber as diferentes possibilidades de entendimento da relação que os gestos estabelecem entre o corpo e o signo. Para ela (pg xvii, tradução própria),

quando teóricos da dança falam de gesto, eles referem-se ao movimento do corpo que ocorre nos membros (sendo a cabeça

²⁵ Cabe salientar que não estão sendo levadas em consideração a máscara e as luvas brancas do intérprete, características do gênero.

aqui considerada um membro), por oposição à postura, que é estática, ou a ambulação, que envolve a travessia do espaço²⁶

Em seguida, ela relata que esses teóricos propõem os gestos como linguagem não verbal, expressando especificamente o que as palavras não conseguem em contraponto aos antropólogos que percebem o gesto como uma linguagem pré-verbal.

Para Rudolf Laban (1978, p.60), teórico do estudo do movimento e idealizador do método Labanotation, para anotação de dança,

[o]s gestos são ações das extremidades, que não envolvem nem transferência nem suporte de peso. Podem dar-se em direção do corpo, para longe dele, ou ao seu redor e podem também ser executados com ações sucessivas das várias partes de um membro

Para ele, função e expressão não são excludentes, mas apenas duas faces do gesto que coexistem. Assim, ainda que a função seja a mesma, como no exemplo do gesto de cumprimentar alguém à distância realizado por uma rainha ou por um político, a maneira de fazê-lo trará os elementos individuais e culturais para o evento. Ele propõe que os movimentos corporais sejam estudados nas seguintes dimensões: espaço, tempo, peso e fluência. Para o espaço, ficam estabelecidos os seguintes aspectos: direções (frente, atrás, esquerda, direita), planos (alto, médio, baixo), extensões (perto-normal-longe, pequena-normal-grande) e caminho (direto, angular, curvo). O tempo deverá ser dividido em velocidade (rápida, normal, lenta), unidades de tempo, e tempo relativo às sequências de movimento (presto, moderato, lento). O peso é dependente da energia ou força muscular usada na resistência ao peso (forte, normal, fraca) e acento, ou graus de tensão, (ênfase ou neutro, de tensão a relaxamento). A fluência, de acordo com Laban, deverá ser analisada nos aspectos de fluxo (ida, interrupção, parada), ação (contínua, descontínua, parada), controle (normal, intermitente, completo) e corpo (movimento, série de posições, estaticidade).

Greimas (1967), no artigo *Conditions d'une sémiotique du monde naturel*, estabelece a seguinte divisão no âmbito da gestualidade: *i*) a práxis gestual, ligada à

²⁶“(…) when dance theorists talk about gesture, they are referring to a body movement that occurs in the limbs (the head being considered a limb), as opposed to posture, which is static, or ambulation, which involves traversing a space.”

intencionalidade do projeto gestual a ser realizado, sem fins comunicativos, e *ii*) a comunicação gestual, que pressupõe a intenção de comunicação de um sujeito a outro. A práxis gestual, por sua vez, encontra-se subdividida em: *i*) prática, ligada ao fazer, e *ii*) mítica, ligada ao querer fazer. A distinção aqui não se faz a partir do plano de expressão, que poderá ser o mesmo tanto na gestualidade prática como na mítica, mas sim na diferente significação que será dada a partir do contexto enunciativo. Por se tratar de um código artificial, e incluir uma gestualidade artificial, a dança, como um todo, é classificada por Greimas como pertencente à gestualidade estética, tendo passado pelos processos de dessemantização (diminuição da carga semântica) e ressemantização (aumento da carga semântica), dando uma dimensão significativa à práxis gestual.

A essas representações de gesto, no entanto, falta uma dimensão analítica necessária para uma descrição mais elaborada dos elementos que compõem a conceitualização do gesto no evento discursivo e de como esses elementos se inserem na narrativa. Propõe-se, então, uma análise para a gestualidade em dança baseada no sistema tríplice de discurso, como elaborado por Poyatos (2002) para o discurso verbal. Para ele, a estrutura do discurso é composta por três níveis distintos (verbal, paralinguístico e quinésico), mas integrados entre si, que atuam simultaneamente na construção do significado. Vale ressaltar que apesar de utilizar o termo ‘estrutura’, como no original, reporto-me a Clark (1996) para salientar a existência de dinamicidade nessa ‘estrutura’. A língua é tida como um processo para a Linguística Cognitiva e, provavelmente, o uso do termo ‘discurso’ por Poyatos está modalizando o embate sobre um olhar mais abrangente para a língua do que aquele consensualmente presente na Linguística .

O nível verbal, para o autor canadense, compõe-se tanto de elementos segmentáveis, como vogais e consoantes, fonemas, morfemas, sintagmas e estrutura sintática, quanto de elementos suprasegmentais, como a intonação com seus graus de tonicidade, altura e curvas entoacionais. Os elementos paralinguísticos estão divididos em qualidades primárias (que agregam informações sobre o falante, como idade, origem, gênero, estado emocional, entre outras), qualificadores (diferentes tipos de vozes), diferenciadores (que caracterizam estados fisiológicos - reações involuntárias -, e psicológicos - reações emocionais) e alternantes (cliques de língua, fricções nasais, ‘Uh-hu’, ‘Uh-uh’, entre outros, que funcionam como palavras na interação). A quinese, na proposta de Poyatos, consiste de gestos, maneiras e posturas, conscientes ou

inconscientes, isolados ou justapostos a palavras e/ou paralinguagem. Dado não ser possível apenas ao nível verbal carregar todo o peso da conversação (Poyatos 2002: 104), irão compor o discurso, junto aos elementos verbais, os elementos paralinguísticos e quinésicos. Esses últimos, segundo Poyatos, além de funcionarem como redundância, enquanto marcadores emocionais, também funcionam como dispositivos econômicos no sentido de acrescentar informação, simultaneamente à mensagem verbal ou a ela se antecipando (*ibidem*, p.111).

Alguns paralelos podem ser traçados a partir do modelo de Poyatos:

- i) Considerando a coreografia como o discurso em dança, podemos aproximar a técnica clássica do nível verbal;
- ii) Por se tratar de uma linguagem quinésica, mantêm-se os elementos intensidade, abrangência, velocidade e duração (não discretos) no nível paraquinésico (em correspondência ao nível paralinguístico do discurso verbal e relativamente aos aspectos do movimento previstos por Laban, como exposto acima);
- iii) Por fim, fica mantida a estrutura tríplice com a quinese da dança, ou seja, os gestos com intenção comunicativa (consciente ou inconsciente), pantomimas e emblemas (os dois últimos em substituição à maneira e à postura propostas para a quinese que acompanha a linguagem verbal, quer oral ou sinalizada), movimentos executados fora dos padrões da técnica clássica.

A proposta exposta acima possibilita a descrição em níveis distintos dos movimentos que compõem a proficiência técnica, que também contribuem para a estruturação semântica do discurso, dos gestos como signos que possibilitam a representação de aspectos dos esquemas imagéticos e motores internalizados através de interação corporal com o ambiente físico e social (Mittelberg 2008:138). Para estudos do gesto em libras (língua de sinais brasileira), como, por exemplo, em McCleary e Viotti (2010), o conceito de gesto é mais amplo, a partir da proposta de Kendon (2004:110), segundo a qual mesmo gestos coverbais não são necessariamente manuais, “podendo ser produzidos com outras partes do corpo, incluindo-se, então, na gestualidade qualquer atividade visível do corpo que contribua para o aporte comunicativo de um enunciado” (McCleary e Viotti 2010:183; tradução própria). Assim também serão entendidos os gestos para a dança, mantendo-se a distinção das atividades

que contribuem para o enunciado daquelas que participam da técnica escolhida para a execução do discurso coreográfico e ensejam sua proficiência.

Para Rudolf Laban, há dois tipos de gesto em dança: os que fazem parte do repertório técnico e os que proporcionam maior fluidez ao encadeamento frasal, entendida a frase coreográfica como a sequência, apoiada ou não em frases musicais, de passos básicos realizados de modo encadeado, sujeitos a processos de elisão e espraiamento de traços semelhantemente aos processos fonológicos presentes na fala. Em uma narrativa que utiliza a linguagem dançada, há, no entanto, uma outra gestualidade, mais ligada à convencionalidade, entendida aqui nos termos de Wilcox (2004) como dependente do grau de convenção e do conhecimento compartilhado pelos interlocutores. Pode-se propor que esta gestualidade está contribuindo com a narrativa, enquanto os dois tipos propostos por Laban contribuem para a realização mais aprimorada da técnica, demonstrando o grau de proficiência do executante. Este trabalho toma, então, a gestualidade ligada à narração como objeto de pesquisa.

Cabe, ainda, um último comentário acerca da percepção de exagero na pantomima presente em narrativas cinéticas. Esse exagero pode ser interpretado como uma estilização no modo de demonstração, como proposto por Clark (1996, p.167). Mais especificamente, a estilização é um dos componentes do que o autor classifica como uma ação manifestada, formada conjuntamente com a indexicalidade e o momento da gesticulação. É uma forma de tornar distinguível ou perceptível um dado gesto em uma ação, pela intenção comunicativa que é dada ao mesmo.

2. Signos e a Teoria de Metáforas Conceituais

Na obra *Syllabus* (1903), Charles S. Peirce analisa três aspectos do signo: sua natureza, sua relação com seu objeto e sua relação com um interpretante. Na relação signo-objeto são apresentadas as categorias mais conhecidas da teoria Peirceana: *i*) ícone – relação estabelecida por semelhança entre signo e objeto; *ii*) índice – relação estabelecida por contiguidade, física ou causal; e *iii*) símbolo – relação estabelecida através de convenções. Para o presente trabalho, é necessário apontar a diferença entre

ícones e signos icônicos, já que os primeiros são possibilidades lógicas e os últimos, as instanciações do ícone, participantes de relações sígnicas existentes por similaridade (*apud* Farias e Queiróz 2006:289-290). Estes ícones instanciados são chamados de hipoícones e também apresentam sua tricotomia: *i*) imagens, ou qualidades imediatas, aparentes ou superficiais; *ii*) diagramas, ou semelhança estrutural com o objeto; e *iii*) metáforas, ícones instanciados por hábitos, convenções ou leis gerais. A presente proposta é a de utilizar a possibilidade de recursividade de imagens e diagramas, ou seja, a proposição de que em uma metáfora poderá haver uma imagem e um diagrama, para a apreensão do gesto metafórico. É possível argumentar, ainda, que esses outros ‘componentes’ da metáfora poderão indicar o processo de conceitualização do evento, dado a iconicidade metafórica pressupor um desvio cognitivo-semântico no estabelecimento de similaridades (Mittelberg 2008:139), possibilitando o reconhecimento de características compartilhadas dos objetos participantes da relação e seu mapeamento entre os domínios fonte e alvo.

A partir da caracterização de Reddy (1979) da metáfora do conduite, em que a comunicação consiste no envio (através de um conduite) de ideias (objetos) contidas em palavras (recipientes) (1980:10), Lakoff e Johnson (1980) elaboraram uma proposta de tipologia de metáforas conceituais, observando sua pervasividade na vida cotidiana através da linguagem, por exemplo:

i) ALEGRIA É PARA CIMA; TRISTEZA É PARA BAIXO

Você é uma pessoa pra cima, ao contrário da sua irmã. Ela é um tremendo baixo astral.

Depois do nascimento das gêmeas, ela parece estar nas nuvens.

Depois da morte do pai, ela caiu em depressão.

ii) CONSCIENTE É PARA CIMA; INCONSCIENTE É PARA BAIXO

Calma, eu já tô de pé.

Ele mergulhou num estado de coma.

iii) FORÇA É PARA CIMA; ESTAR SUJEITO A FORÇA É PARA BAIXO

O poder dele na empresa está subindo feito um foguete.

O poder de fogo deles era claramente inferior ao do colonizador.

iv) MAIS É PARA CIMA; MENOS É PARA BAIXO

O número de livros impressos continua subindo.

Sua renda caiu no ano passado.

As metáforas conceituais torna-se viáveis na linguagem porque elas existem no sistema conceitual, ou seja, através de esquemas imagéticos, abstrações elaboradas a partir de nossas experiências sensorio-motoras (Talmy 1988, *apud* Mittelberg 2008, p. 143), é possível realizar o mapeamento de um esquema no domínio-fonte em outro esquema no domínio-alvo, adicionando-lhe elementos trazidos da fonte (Lakoff e Johnson 1980, p. 253).

Mittelberg (2008, p.115, tradução própria), em seu trabalho que combina a semiótica peirceana com a teoria de metáforas conceituais, propõe que

[d]ado ser a metáfora conceitual assumidamente instrumental no acesso e concretização de domínios abstratos, uma das prerrogativas subjacentes é a de que o pensamento figurativo está no cerne dos processos de construção de sentido, tanto na modalidade oral quanto na manual²⁷

Assim, prossegue a autora, o gesto passa a ter o potencial de demonstrar corporalmente domínios abstratos (p.116), servindo de mediador entre a conceitualização e sua expressão. O presente trabalho visa identificar os índices presentes na gestualidade que irão possibilitar a composição da significação.

3. Metodologia

3.1 Materiais

Os vídeos escolhidos para a presente análise foram as versões coreografadas da peça *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, criadas por Sir Kenneth MacMillan, para o The Royal Ballet, interpretada por Alessandra Ferri e Wayne Eagling, em 1984, e por Rudolf Nureyev, para o Ballet de L'Ópera de Paris, interpretada por Monique Loudières e Michel Legris, em 1995. As mídias foram versadas para arquivo wmv e editadas no

²⁷ “[g]iven that conceptual metaphor is assumed to be instrumental in accessing and concretizing abstract domains, one of the underlying assumptions is that figurative thought is at the heart of meaning-making processes in both speech and manual modalities”

programa Windows Movie Maker para possibilitar sua inserção no programa ELAN (EUDICO Language Annotator) (versão 4.1.1), desenvolvido no Instituto Max Planck de Psicolinguística em Nijmegen, Holanda. (Labanotation)

A escolha dessas obras deveu-se ao fato de não apenas basearem-se em texto dramático de narrativa bastante conhecida, com diferentes versões gravadas disponibilizadas favorecendo a acessibilidade ao material, mas também por utilizarem-se da técnica de dança clássica em sua execução. A técnica clássica, diferentemente da dança moderna, mantém uma divisão mais clara entre os gestos expressivos e aqueles ligados à proficiência de execução. A dança moderna, ao romper com os liames da tradição clássica, incorpora, a princípio, elementos de gestualidade em seu escopo técnico, algo que poderia dificultar uma primeira aproximação descritiva. A escolha deveu-se, ainda, ao fato de ter a pesquisadora formação na técnica clássica, o que favorece o reconhecimento da distinção entre movimentos técnicos e gestualidade.

Uma das cenas escolhidas para serem descritas e analisadas foi a Cena do Balcão, em que Romeu, depois de ter encontrado e dançado com Julieta no baile de máscaras na casa dos Capuleto, volta para declarar-se à amada. Quando Romeu chega à cena, encontra Julieta a divagar na sacada sobre o encontro no baile. Ele a convida para descer ao pátio e lá eles declaram amor um ao outro. A opção por esta cena deveu-se ao fato de estarem em cena apenas dois bailarinos, permitindo que a observação de cada um e de suas interações fosse mais focal. Posteriormente, abre-se a possibilidade de um estudo de cena em que ocorra a interação entre vários personagens para observação do modo como a interação gestual se produz em grupo.

Outra cena que também foi descrita para fins de observação é a parte da cena final do terceiro ato em que Julieta acorda, após a morte de Romeu. Inicialmente, acontece o reconhecimento do lugar onde Julieta se encontra ao acordar do sono induzido pela poção ministrada por Frei Lourenço, a cripta da família Capuleto. A narrativa dançada retrata o reconhecimento do local através da movimentação da personagem por todo o palco, até o encontro do corpo morto de Romeu. Seguindo o texto de Shakespeare, a cena culmina com o suicídio de Julieta.

3.2 Transcrição dos dados

Primeiramente, efetuou-se a divisão da cena a ser transcrita em Unidades Ideacionais, que constituem a primeira trilha. Limitadas pela capacidade de processamento, essas unidades expressam focos de consciência (Chafe 1980a, p. 40). Em língua oral, são chamadas de Unidades Entoacionais, ou seja, focos de consciência que, quando associados à linguagem, traduzem-se em unidades entoacionais, hesitacionais ou sintáticas, como proposto por Chafe (1994). A divisão em tais unidades está ligada ao fato da linguagem estar associada à expiração, sendo necessária a pausa para inspiração do ar. A caracterização de uma unidade faz-se pela identificação de uma ou todas as seguintes características: mudanças na frequência fundamental (percebido como altura), mudanças na duração (percebido como alongamento ou encurtamento de sílabas ou palavras), mudanças na intensidade (percebido como volume), alternância de vocalização e silêncio (percebido como pausa), mudanças na qualidade vocal, e algumas vezes, mudanças de turno.

Também a dança, por estar associada ao esforço físico, acabará por utilizar as frases coreográficas de modo a alternar períodos de intensidade, com períodos de recuperação da energia dispendida. Assim, foi seguida a divisão das frases coreográficas associadas a uma mesma ideia, ou foco de consciência, como Unidade Ideacional (UI). Um dos recursos utilizados para a segmentação foi o de associação com as frases musicais, dada a intensa influência da frase musical sobre a frase coreográfica, como observado por Laban (1978, p. 52-53). Essa divisão possibilitou a observação das categorias gestuais realizadas para expressão das unidades, o que viabilizando o estudo mais pontual dos gestos componentes dessas categorias.

As categorias gestuais acima citadas reportam-se à classificação proposta por McNeill (1992, p. 12-18), que inclui os seguintes gestos: *i*) icônicos, que representam objetos concretos; *ii*) dêiticos, que apontam para o referente; *iii*) metafóricos, que representam objetos abstratos; *iv*) coesivos, que retomam o tópico, interrompido por digressão e portanto separado temporalmente; e *v*) batidas, que marcam o tempo da fala, mas também marcam os pontos de relevância do discursos, apontando para as palavras que o falante deseja ressaltar em sua fala. Esta classificação tem sido expandida por estudos subsequentes, tendo o próprio McNeill (2005) proposto uma substituição do conceito categorial por um conceito de dimensões, dada a questão da presença de iconicidade na representação metafórica.

4. Análise

Três metáforas conceituais foram escolhidas para a presente análise, sendo elas ALEGRIA É PARA CIMA, TRISTEZA É PARA BAIXO e MAIS É PARA CIMA.

A alegria pode ser entendida como uma experiência que se traduz corporalmente em posições abertas do corpo, dos braços, dos olhos, da boca. Tomando a metáfora ALEGRIA É PARA CIMA, teremos os seguintes exemplos:

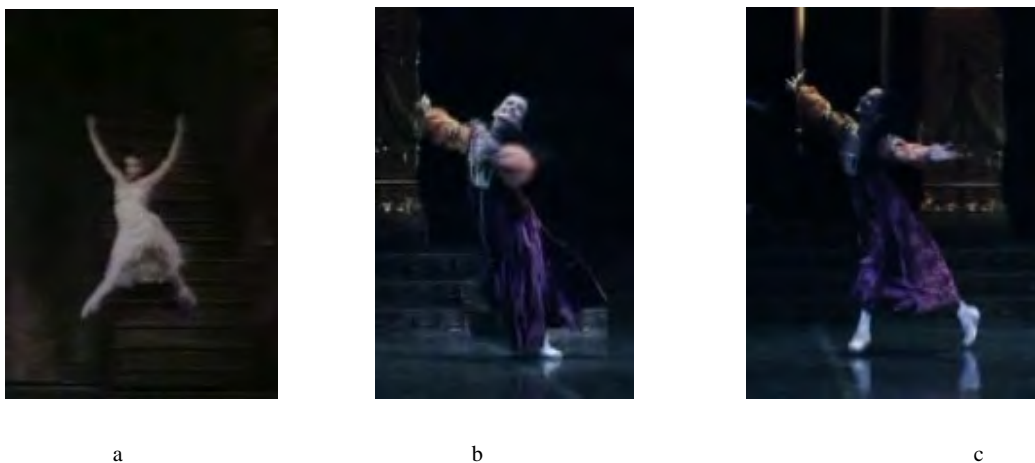


Figura 1 a **Alessandra Ferri** **(The Royal Ballet)**
b **Monique Loudières** **(Ballet de L'Ópera)**
c Monique Loudières (Ballet de L'Ópera)

No item *a* da Figura 1, é possível propor o gesto metafórico de braços, levantados na lateral do corpo e acima dos ombros, e mãos, com os dedos voltados para cima. O contexto fornece outros elementos necessários para uma classificação metafórica: Julieta está descendo a escada que liga a sacada ao pátio, em resposta ao convite feito anteriormente por Romeu para que viesse ao seu encontro. A alegria de encontrar Romeu fica traduzida na posição escolhida para os braços e mãos no salto de saída da escada. Interessante notar que ocorre uma representação da imagem corporal a que associamos o estado eufórico, possibilitando a aproximação com a classificação peirceana de hipoícone imagético²⁸. O item *b*, da figura acima, mostra a cabeça inclinada para trás, associada à postura labial de sorriso, enquanto o item *c*,

²⁸ Cabe ressaltar que por vezes o gesto metafórico pode estar assentado sobre princípios metonímicos presentes na formação do signo (Mittelberg 2008:118), não sendo, no entanto, o caso presente.

temporalmente sequencial ao momento descrito como item *b*, traz a postura manual com as palmas voltadas para cima. O movimento prossegue com a elevação dos braços, a exemplo da descrição do item *a*. A proposta de classificação de gesto metafórico deve-se ao contexto em que o gesto se insere: Julieta acaba de ver o corpo de Romeu à distância, fato que vem de encontro ao arranjo feito com Frei Lourenço. Assim, a personagem encontra-se plena de alegria, tendo em vista o desfecho previsto de viabilizar sua união com o amado. Os gestos presentes nos exemplos acima ligam-se à figura de movimento ascendente, tomado abstratamente para expressão de alegria.

Como nos exemplos linguísticos, o movimento descendente feito com o corpo também pode traduzir um sentimento negativo. Para a metáfora TRISTEZA É PARA BAIXO, teremos os seguintes exemplos:



a



b

Figura 2 a Monique Loudières (Ballet de L'Ópera)
b Alessandra Ferri (The Royal Ballet)

O item *a* traz o momento em que o corpo atingiu o ponto final de um percurso descendente, com o corpo dobrado sobre as pernas flexionadas, tendo a intérprete as mãos colocadas à altura do estômago, uma ao lado da outra, com os cotovelos flexionados. O rosto traz os olhos apertados, a testa franzida e a boca com lábios abertos para os lados e o maxilar para baixo. O momento representado corresponde ao entendimento, por parte de Julieta, da morte de Romeu, e conseqüente desesperança com relação aos planos de um final feliz para a história de amor entre os dois adolescentes. O movimento descendente reforça a tristeza da expressão facial, entendido como signo imagético. No item *b* encontra-se apreendido o ponto inicial do movimento descendente, que terminará com Julieta sentada sobre os joelhos, segurando Romeu à altura do torso alto. A posição da cabeça, inclinada para frente, associada à expressão

facial de dor e à direção do olhar, também para baixo, ajudam a compor o quadro de dor, utilizando-se de uma imagem. Tanto para este gesto como para o anterior propõe-se a classificação de hipoícone imagético, tendo em mente que a representação imagética leva a uma construção metafórica de significado.

Os exemplos seguintes traduzem a intensificação de um estado no movimento ascendente, ainda que o estado não seja tomado como positivo, por oposição a um enfraquecimento de estado que o movimento descendente pode traduzir. Para a metáfora MAIS É PARA CIMA, os exemplos são os seguintes:



a



b

Figura 3 a Monique Loudières (Ballet de L'Ópera)
b Alessandra Ferri (The Royal Ballet)

O item *a* retrata o ponto em que Julieta, depois de sacudir o corpo morto de Romeu, move a cabeça para cima em estado de agonia, intensificando a emoção expressa pelos olhos apertados, boca com lábios muito afastados e maxilar inferior para baixo. No item *b*, a intérprete também deu-se conta da morte do amado, e sobe a cabeça fechando os olhos, subindo as sobrancelhas e abrindo a boca em um grito mudo. Inicialmente, esse gesto, assim como o do item *a*, poderia ser classificado como emblema²⁹, mas considerando-se que eles são a expressão de uma reação do corpo à dor, propõe-se que sejam gestos icônicos imagéticos, por traduzirem visualmente um conceito abstrato. Mais uma vez, pode-se propor que sejam gestos metafóricos no sentido de estarem traduzindo um conceito abstrato em uma base concreta, já que, como coloca Mittelberg

²⁹ Emblemas, como definido por McNeill (1992), são gestos culturalmente convencionalizados, apresentando padrões de boa formação (o que significa dizer que se forem produzidos de modo diverso daquele convencionalizado não serão entendidos como emblemas), podendo ser produzidos em ausência de fala.

(2008) em nota de rodapé à página 118, categorias gestuais não são mutuamente exclusivas, de modo que os metafóricos podem ‘parasitar’ outros modos.

5. Considerações finais

A nota de rodapé acima referida parece ser bastante esclarecedora das hesitações que permeiam o processo de categorização. Há que lembrar que todo processo de categorização implicará em efeito de prototipicidade, como proposto por Eleanor Rosch em seus estudos sobre categorização humana, o que resultará em exemplares mais ou menos próximos da abstração referente a uma categoria. Assim, alguns exemplos serão mais explícitos com relação à categorização que outros. Ao final, a possibilidade de conceitualização e construção de sentido somente será possível dentro do contexto enunciativo, em relação ao discurso no qual o gesto encontra-se inserido e a partir do qual a abstração poderá ser compartilhada pelos participantes de um dado evento. Apenas a direção do gesto não é capaz de fornecer todos os elementos para sua decodificação, sendo necessária a aglutinação de outros elementos. A dificuldade em categorizar o último grupo de gestos deve-se ao fato já apontado por McNeill (2005, p.41, *apud* Mittelberg 2008) de que a divisão categorial não seria adequada para uma classificação gestual, propondo ele, então, que seja tomados termos como iconicidade, metaforicidade, etc. Um mesmo gesto pode representar tanto um objeto concreto quanto um objeto abstrato, e o entendimento da referência só poderá ser construída em contexto enunciativo. No caso dos gestos observados em *Romeu e Julieta*, o fato de serem gestos representados possibilita seu entendimento como uma convencionalização da expressão do sentimento de dor, reação natural do corpo a tal situação. A convencionalidade enseja uma descrição de emblema, mas que poderá igualmente ser interpretada como a imagem que temos convencionalizada para dor, trazendo iconicidade para o grito mudo. Parece, assim, pertinente supor uma classificação de ícone imagético para esse gesto.

Foi possível observar nos dados analisados a forte presença de iconicidade na representação das metáforas conceituais. Esse fato parece corroborar o trabalho de Mittelberg (2008), no sentido de indicar a possibilidade do caminho metonímico também para o acesso às metáforas conceituais, em acordo com os argumentos por ela

elaborados (Mittelberg 2008, p. 143, tradução própria) sobre Danaher (1998, p. 189), de que “os esquemas imagéticos podem ser descritos em termos de símbolos icônicos peirceanos que adquiriram seu status simbólico através de hábitos de interpretação.” Mais observações, no entanto, fazem-se necessárias para que se possa avançar o entendimento dos processos cognitivos subjacentes à construção do significado através da integração multimodal.

Referências bibliográficas

AU, Susan. *Ballet & Modern Dance*. London: Thames and Hudson Ltd, 1988.

CHAFE, Wallace. *The Pear Stories: Cognitive, Cultural and linguistics aspects of narrative production*. (Advances in Discourse Processes, 3). 1 ed. Norwood, NJ: Ablex, 1980.

CHAFE, Wallace. *Discourse, Consciousness, and Time*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CLARK, Herbert. *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FARIAS, Priscila & QUEIROZ, João. Images, diagrams, and metaphors: Hypoicons in the context of Peirce’s sixty-six-fold classification of signs. *Semiotica*, 2006(162), 287-307, 2006.

GOODWIN, Charles. The body in action. In: J. Coupland & R. Gwyn (Eds.), *Discourse, The Body, and Identity* (pp. 19-49). New York: Palgrave/Macmillan, 2003.

HERMAN, David. Word-Image/Utterance-Gesture: Case Studies in Multimodal Storytelling. In: Ruth Page (ed.). *New Perspectives on Narrative and Multimodality*. (p. 78-98). London:Routledge, 2010.

HUTCHINS, Edwin. Imagining the cognitive life of things. *Presented at the symposium: “The Cognitive Life of Things: Recasting the boundaries of Mind” organized by Colin Renfrew and Lambros Malafouris at the McDonald Institute for*

Archaeological Research, Cambridge University, UK 7-9 April, 2006. The McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge University, UK, 2006.

LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEBARON, Curtis, & STREECK, Jürgen. Gestures, knowledge, and the world. In: D. McNeill (Ed.), *Language and Gesture* (pp. 118-138). Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCCLEARY, Leland Emerson, & VIOTTI, Evani De Carvalho. Sign-Gesture Symbiosis in Brazilian Sign Language Narrative. In: F. Parrill, V. Tobin, & M. Turner (Eds.), *Meaning, Form, and Body*. (pp. 181-201). Chicago, IL: CSLI Publications, University of Chicago Press, 2010. Retrieved from http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1617208.

MCNEILL, David. *Hand and Mind: What gestures reveal about thought*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, David. *Gesture and Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MITTELBERG, Irene. Chapter 1. Semiotic foundations. *Metaphor and metonymy in language and gesture: Discourse evidence for multimodal models of grammar* (pp. 26-84). Ithaca, NY: Cornell University, 2006.

MITTELBERG, Irene. Chapter 3. Iconicity and metaphor in language and gesture: Traditional semiotics meets contemporary metaphor theory. *Metaphor and metonymy in language and gesture: Discourse evidence for multimodal models of grammar* (pp. 115-171). Ithaca, NY: Cornell University, 2006.

MITTELBERG, Irene. Peircean semiotics meets conceptual metaphor: Iconic modes in gestural representations of grammar. In: A. Cienki & C. Müller (Eds.), *Metaphor and Gesture* (pp. 115-154). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

NOLAND, Carrie & NESS, Sally Ann (ed.). *Migrations of Gesture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. Trichotomic. [1888]. In: N. Houser & C. J. W. Kloesel (Eds.). *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings, Volume 1* (pp. 280-284). Indiana University Press, 1992.

PEIRCE, Charles Sanders. What is a sign? [1894]. *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings, Volume 2* (pp. 4-10). Bloomington, IN: Indiana University Press, 1998.

PEIRCE, Charles Sanders. Three trichotomies. (Seleção de: Nomenclature and divisions of triadic relations, as far as they are determined [1903]). *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings, Volume 2* (pp. 291-292). Bloomington, IN: Indiana University Press, 1998.

POYATOS, Fernando. Language-paralanguage-kinesics: The basic triple structure of human communication. *Nonverbal communication across disciplines. Vol. 1: Culture, sensory interaction, speech, conversation* (pp. 103-132). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

WILCOX, Sherman. Gesture and Language: Cross-linguistic and historical data from signed languages. *Gesture 4:1 (2004)* (pp.43-73). Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamin, 2004.

WILLIAMS, Robert F. Gesture as a conceptual mapping tool. In: A. Cienki & C. Müller (Eds.), *Metaphor and Gesture* (pp. 55-92). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

Quando o amor é um bom negócio: as metáforas dos relacionamentos juvenis

Ana Paula Ferreira³⁰

anapaferr@gmail.com

RESUMO

Reconhecendo a pluralidade das representações acerca dos relacionamentos amorosos, o presente estudo tem como objetivo verificar o conceito de amor existente em produção impressa, averiguando se há uma forma de relacionar-se privilegiada atualmente por instrumento midiático voltado para a juventude. Para tanto, fundamenta-se na Linguística Cognitiva, em especial na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980 e 1999; Kövecses, 2000, 2002 e 2005), estabelecendo um diálogo desta com estudos da Sociologia e da Antropologia (Giddens, 1993; Bauman, 2001, 2004 e 2005; Almeida e Tracy, 2003; Araújo e Castro; 1977; Rezende e Coelho, 2010, entre outros) que têm como foco as emoções e/ou os relacionamentos amorosos. Anteriormente contemplada como mero ornamento da linguagem, a metáfora passa a ser considerada um fenômeno cognitivo, fruto das experiências compartilhadas por um determinado grupo de pessoas. Desse modo, seu estudo possibilita um melhor entendimento sobre os seres humanos e seus sentimentos, e auxilia a enxergar criticamente como grupos sociais enquadram o mundo. No processo de análise das metáforas e dos modos de conceptualização do amor, foram fundamentais os estudos sócio-antropológicos mencionados, os quais permitiram uma visualização mais ampla dos comportamentos amorosos contemporâneos. O *corpus* foi constituído por artigos da Revista *Capricho*, revista de grande circulação entre o público jovem do sexo feminino, selecionados durante doze meses, que trataram sobre relacionamentos amorosos. Nas edições consideradas, as metáforas indicavam, em sua maioria, a conceptualização do amor a partir de um negócio, confirmando a visão de uma sociedade pautada pelas relações de mercado e utilitarista, assim como o imperativo do movimento ao que os jovens, em especial, encontram-se submetidos. Os relacionamentos mostram-se fluidos, imediatistas, com validade até o momento em que houver conveniência. Assumir um compromisso significaria abrir mão de um prazer imediato e da liberdade individual em função do outro, um risco muito grande, que não vale a pena a ser corrido diante da incerteza do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: linguística cognitiva; metáfora conceptual; antropologia; sociologia; relacionamentos amorosos.

ABSTRACT

³⁰ Universidade de Estado do Rio de Janeiro, RJ

Admitting the diversity of representations about loving relationships, this study aims to determine the concept of love that exists in print production, checking if there is a kind of relationship privileged nowadays in youth media. For both, it counts on the contributions of Cognitive Linguistics, particularly the Conceptual Metaphor Theory (Lakoff and Johnson, 1980 e 1999; Kövecses, 2000, 2002 e 2005), establishing a dialogue with studies of Sociology and Anthropology (Giddens, 1993; Bauman, 2001, 2004 and 2005; Almeida and Tracy, 2003; Araújo and Castro, 1977, Rezende and Coelho, 2010, among others) that focus on the emotions and / or romantic relationships. Previously contemplated as a mere ornament of language, the metaphor is now considered a cognitive phenomenon, the result of the experiences shared by a certain group of people. Thus, their study provides a better understanding of human beings and their feelings, and helps to see critically how social groups frame the world. For analysis of metaphors and ways of conceptualizing love, the socio-anthropological studies mentioned were fundamentals, which allowed a larger visualization of contemporaries loving behaviors. The *corpus* comprises articles of *Capricho* Magazine, selected for twelve months, which treated about love relationships. On editions considered, the metaphors indicated, in most of the cases, the conceptualization of love as a business, confirming the vision of a society ruled by market relations and utilitarian, as well as the imperative of the movement to *which* especially young people are submitted. Relationships appear to be fluid, immediate, and useful until the time it is convenient. A commitment would forgo an immediate pleasure and individual freedom in terms of the other, a very big risk that does not worth to be charged because of the uncertainty of the future.

KEYWORDS: cognitive linguistics, conceptual metaphor, anthropology, sociology, loving relationships.

Introdução

As relações amorosas contemporâneas aparentemente desenvolvem-se de maneira bastante diferente da valorizada pelas gerações passadas, as quais, de modo geral, eram pautadas por uma concepção romântica. Atualmente, os relacionamentos são transitórios; observa-se uma maior preocupação com a satisfação pessoal, onde os próprios desejos prevalecem sobre os do outro, em uma busca constante pelo bem-estar e pela supressão de qualquer sensação de incômodo. O outro, nessa relação, não é alguém dotado de alteridade, mas “qualquer um”, ou melhor, alguém que proporcione prazer.

A mídia, grande promotora de tudo o que precisa ser consumido para a aquisição de “felicidade”, orienta a ação das pessoas, indicando não só o que estas devem ou não ter, como também o modo pelo qual devem agir, posicionar-se nos relacionamentos e, até mesmo, o que devem ser e pensar. Ao mesmo tempo, é reflexo da sociedade, refletindo os anseios desta, com a intenção de atingir seu público e ser consumida por

este. Ou seja, ela busca oferecer aquilo que acredita ser de interesse do público a que se destina, e conseqüentemente, acaba também por influenciá-lo, ratificando as regras de conduta social.

Os jovens, em particular, parecem ser constantemente influenciados pelo o que é apresentado pela mídia. Isso não significa que os adultos estariam alheios ao poder desta. Contudo, a juventude merece aqui um destaque, devido ao período em que se encontra em construção e desenvolvimento, necessidade de experimentações, integração e aceitação.

Entre os meios de comunicação de maior influência, indiscutivelmente encontra-se a televisão, sendo esta o instrumento midiático mais popular. Cada vez mais, computadores e celulares (os quais atualmente fazem “um pouco de tudo”, indo muito além das simples ligações telefônicas) atingem um número maior de pessoas, em especial o público jovem, mas ainda não apresentam o alcance daquela.

As relações amorosas representadas nos programas de televisão parecem retratar a descartabilidade e a falta de comprometimento destas. De acordo com Reato (2001, p. 76), “uma [...] mensagem que os adolescentes podem retirar das novelas é de que não há necessidade de se planejar a atividade sexual; para o sexo bastaria empolgação, excitação e consentimento [...].”

Em relação à mídia impressa, a autora observa que as revistas refletem a mesma tendência da televisão. O amor romântico vem sendo substituído por discussões a respeito do desempenho sexual, e as revistas destinadas a adolescentes e jovens abrem cada vez mais espaço para relatos acerca de relacionamentos efêmeros e sem compromissos. Mais uma vez, valoriza-se o prazer individual e o corpo é apresentado como uma máquina de satisfação.

Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo verificar o discurso da mídia impressa em relação aos relacionamentos amorosos, em especial quando os jovens são o seu público-alvo. Existiria uma preponderância de certas representações do amor, as quais poderíamos considerar oficiais, em detrimento de outras, provavelmente não-valorizadas pela sociedade atual?

Pretende, também, observar o modo como o discurso é construído e apresentado, a metáfora conceptual mais utilizada, e as operações de conceptualização do amor nas

produções analisadas, as quais se refletiriam não somente na conduta amorosa dos jovens como nos relacionamentos em geral e em seus objetivos de vida.

Para tanto, foram selecionados, durante doze meses, artigos sobre relacionamentos amorosos da seção “Conversa de Banheiro” da revista *Capricho*, voltada ao público jovem do sexo feminino. Sua escolha para análise não foi fortuita. A mais tradicional revista feminina acompanhou a mudança dos tempos, foi sendo alterada conforme seu público-alvo e permanece como líder de venda em seu ramo, atualmente com tiragem de 250.000 exemplares por edição.

O presente estudo, tendo como objetivo refletir sobre uma dada realidade histórico-social, não tem a pretensão de apresentar uma verdade absoluta e certamente não quer propor qualquer tipo de generalização. A busca pelas representações dos relacionamentos amorosos contemporâneos em mídia impressa voltada para o público jovem auxiliará em uma reflexão acerca do que é gerado com/entre/para a juventude, o que refletirá não só em seus relacionamentos como também em seus objetivos de vida.

Pretende-se que as considerações que venham ser feitas a partir desse estudo possam ser de valia não somente para aqueles que se interessam pelo estudo da linguagem, ou dos relacionamentos amorosos, mas por todos aqueles que convivem e trabalham com a faixa etária em questão, em uma possibilidade de reflexão sobre as motivações subjacentes aos comportamentos dos jovens em nossos dias.

1. O amor na cultura jovem

Falar sobre amor é sempre uma atividade instigante. Há várias considerações que podem ser feitas sobre esse assunto. Longe de uma definição única, estática, existem inúmeras possibilidades de se representar o amor. Como, então, pensar as várias formas de amar?

Uma tentativa comum para se pensar o amor é a “biologização” desse sentimento, ou seja, a busca por uma motivação fisiológica para a sua ocorrência. Fazendo parte da “essência humana”, o amor, como qualquer outro sentimento, tem sido alvo de vários estudos que buscam lhe atribuir caráter psicofisiológico. Sendo a biologia

e a psicologia responsáveis pela explicação da existência das emoções, o amor não só se apresentaria como um sentimento universal, como também não sofreria alterações em sua manifestação ao longo do tempo.

Alguns autores, porém, reconhecendo a pluralidade do amor, duvidam de uma pretensa universalidade e imutabilidade desse, e de qualquer outro sentimento, atribuindo às relações sociais e culturais papel de destaque na reflexão acerca dos relacionamentos amorosos.

De acordo com Rezende e Coelho (2010, p. 11), “os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem.” As autoras alertam que as ideias sobre o funcionamento do corpo são diversas, e a percepção da morfologia e da fisiologia corporal variam conforme o tempo e o espaço. Sendo assim, concluem que também são várias as possibilidades de relacioná-lo às emoções; “o modo como explicamos as emoções tendo origem em certos processos corporais torna-se parte de uma visão culturalmente específica sobre o corpo, mas não é uma associação universalmente feita.” (Rezende e Coelho, 2010, p. 29-30).

Ressaltam, ainda, que, se os seres humanos apresentam o mesmo aparato biológico e psíquico, as percepções sobre ele diferem de acordo com a cultura. “Portanto, as emoções, embora situadas no corpo, têm com este uma relação que é permeada sempre por significados culturalmente e historicamente construídos.” (Rezende e Coelho, 2010, p. 33).

Frequentemente considerado como um sentimento universal, o amor será abordado, nestes estudo, a partir de seu caráter cultural.

1.1 A lógica da identificação em detrimento da identidade

Araújo e Castro (1977) analisam especificamente a concepção do amor através da tragédia *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Segundo os autores, a obra relata a passagem de uma sociedade holística, hierarquizada, onde cada um teria lugar definido a partir de seu nascimento, para o individualismo, trazendo o indivíduo como valor supremo ao qual a sociedade estaria subordinada.

A ausência da verticalidade da sociedade hierarquizada permitirá maior mobilidade, possibilitando ao sujeito transitar em diversas áreas e campos do conhecimento. A globalização não só assegurará esse livre trânsito, como estimulará, ou melhor, obrigará os que almejam acompanhar os novos tempos a permanecer em constante movimento para que nenhuma informação venha a ser perdida.

Pais (2006) aponta para o fato de a imprevisibilidade do futuro, em vistas a tantas possibilidades e inconstâncias, gerar uma grande relativização de tudo. Nas palavras do autor, trata-se de uma “desfuturização do futuro”; não há mais garantias perante estruturas sociais cada vez mais fluidas. Tal inconstância pode ser observada também nos relacionamentos, cada vez mais fugazes; nem mesmo o casamento promove a estabilidade, tendo a mobilidade garantida pelo divórcio caso não “funcione”. Há, assim, uma relativa ausência de projetos para o futuro, visto que não são oferecidas quaisquer garantias de concretização, em oposição a uma crescente orientação para o presente; o importante é viver o momento.

Legitimando essa concepção, Bauman (2005, p. 74) afirma haver

[...] poucos pontos firmes da vida, se é que há algum, cuja permanência se possa prever com segurança. Assim, o “presente” não compromete o “futuro”, e não há nada nele que nos permita adivinhar, muito menos visualizar, a forma das coisas que estão por vir. O pensamento e, mais ainda, os compromissos e as obrigações de longo prazo parecem, de fato, “sem sentido”.

Ponderando acerca da constituição das subjetividades na cultura jovem, Almeida e Tracy (2003), retomam Bauman e defendem a existência de um imperativo do nomadismo na sociedade ocidental. A impossibilidade de pensar em um futuro e o fato de poder estar em qualquer lugar a qualquer momento fazem com que a razão para o planejamento a longo prazo e para a permanência em um lugar específico se torne cada vez mais inexistente.

As famosas *nights*, as saídas noturnas dos jovens, foi o ponto central do estudo de Almeida e Tracy (2003), que revelam como o movimento está presente nas formas de lazer dessa geração. Não há fixação, o fluxo é constante, o imperativo é retardar a volta para a casa, evitar o repouso.

Estar com a galera é sinônimo de uma boa *night*. Isso, porém, não significa um vínculo mais íntimo entre amigos. O que se observa nas *nights* é uma aglomeração temporária, em que grupos são formados e reconfigurados a todo o momento; alguns membros se separam, seguindo por outros caminhos, enquanto outros são recrutados no decorrer do fluxo. Como sinalizado por Bauman (2004, p. 78), “não importa onde você está, quem são as pessoas à sua volta e o que você está fazendo nesse lugar onde estão essas pessoas. A diferença entre um lugar e outro, entre um e outro grupo de pessoas [...] foi suprimida, tornou-se nula e vazia.”

Para Almeida (2006), no sentido atribuído à dimensão da subjetividade, há um deslize da lógica da identidade para a lógica da identificação, a qual se apóia na ideia de um *self* múltiplo que se expressa por motivações gregárias. Os afetos são definidos no plano da exterioridade, o mundo interno parece não ter mais tanta importância, visto que outras questões se tornam mais urgentes, como a necessidade constante de competência e eficiência, priorizando a ação, o ato em detrimento da reflexão. Nesse sentido, o corpo assume um papel extremamente importante. É ele que é visto, que define e recorta fronteiras de sentido e estabelece os códigos de aproximação e distanciamento entre os sujeitos.

O “ficar”, modalidade bastante comum de relacionamento entre os jovens, na qual muitas vezes o primeiro beijo é também o último, possibilitando que se “fique” com várias pessoas em um curto espaço de tempo, revela não só a obrigatoriedade do movimento, mas um verdadeiro espetáculo, necessitando, assim, da aprovação dos companheiros de *night*. O beijo assume, assim, a condição de performance. Ele é instantâneo, imediato, tátil; não é encarado como signo de intimidade com o outro, mas como uma descarga rápida da emoção.

A volatilidade do “ficar” revela o desengajamento e a frouxidão dos relacionamentos; sua instantaneidade “significa realização imediata, no ato – mas também exaustão e desaparecimento do interesse.” (Bauman, 2001, p. 148-149). Observa-se aqui a lógica do consumo, com o favorecimento do “produto pronto para

uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados [...].” (Bauman, 2004, p. 21). Desse modo, necessidades e desejos são criados a todo o momento e, quando satisfeitos, são substituídos por novos, descartando-se o objeto anterior. Como qualquer mercadoria, as relações podem ser trocadas por outras que satisfaçam mais.

1.2 O “relacionamento puro”: liberdade e ansiedade nas novas formas de afeto

Giddens (1993), em consideração sobre as relações contemporâneas, apresenta o conceito de “relacionamento puro”, uma forma atual de convívio, coerente com a obrigatoriedade do ato de consumir, em que as relações são iniciadas a partir do que se tem a ganhar com elas. A permanência também é condicionada à exigência de satisfação. Caso um dos envolvidos perca o interesse pelo parceiro, não há motivo para continuar investindo e a mercadoria deverá ser descartada. A permissão para entrar deve vir acompanhada da permissão para sair; o movimento nunca deve ser bloqueado.

Bauman (2005) reforça, porém, que, se para uma relação ser iniciada é necessária a vontade de ambas as partes, seu término depende do desejo de apenas uma delas. Qualquer relacionamento, portanto, gera a preocupação com a decisão do outro, que pode ser a de terminar o envolvimento de uma hora para outra. O grande paradoxo das relações atuais é, então, destacado: “para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a se dissolver.” (Giddens, 1993, p. 152).

Seguindo esse raciocínio, verifica-se que, ao mesmo tempo em que as pessoas buscam por um relacionamento que lhes tragam sensação de apoio e retorno, elas temem o compromisso, o estar “ligado para sempre” e os encargos que isso poderá trazer. Os relacionamentos seriam, nesse sentido, “bênçãos ambíguas” (Bauman, 2004), pois, trazem, simultaneamente, segurança e insegurança, prazer e insatisfação; geram alegrias e têm seus momentos difíceis, árduos, que as pessoas não estão preparadas nem dispostas a suportar. O ideal, portanto, seria usufruir do convívio, mas sem o

estabelecimento de compromissos, com uma certa distância e com as “portas abertas”, garantindo a mobilidade.

Sem saber como confiar no companheirismo e na constância das relações, as pessoas aprendem a perguntar constantemente qual o lucro que se obtém ao estar com o outro e a exigir “espaço” nos relacionamentos, ou seja, a manter um distanciamento preventivo, visto que é uma ilusão imaginar que eles durarão para sempre.

O medo da angústia e do abandono torna-se maior do que o desejo de estar efetivamente com alguém, fazendo com que um envolvimento amoroso seja evitado. Pouparam-se, assim, sofrimentos futuros, mesmo que para isso também sejam negados os benefícios de um relacionamento sólido e duradouro. A princípio, esse parece ser padrão de comportamento norteador das relações amorosas hoje em dia, em especial entre os jovens.

Para a verificação das representações contemporâneas acerca dos relacionamentos amorosos juvenis, será, conforme mencionado, destacada a metáfora sobre o amor mais recorrente nas edições da revista *Capricho*. Considerando a metáfora como um fenômeno não só linguístico, mas, principalmente, cognitivo e sociocultural, afirmação essa que será desenvolvida a seguir, acredita-se que pistas valiosas serão fornecidas sobre a visão de mundo dos jovens e sobre o modo como eles se relacionam.

2. Metáfora e cognição

A metáfora normalmente é lembrada como uma figura de linguagem em que uma coisa é comparada com outra. Essa visão, tradicional, é encontrada em especial na literatura. Sua função seria a de, primordialmente, “enfeitar” a linguagem, tornando-a agradável e atraente ao leitor, além de facilitar a expressão dos sentimentos por parte do autor. Acredita-se, então, que ela não é essencial na comunicação, mas apenas um elemento acessório, usado para “ornamentar” o discurso.

Contudo, no presente trabalho, a metáfora não é pensada como uma simples substituição ou comparação, mas como uma figura do pensamento com manifestações linguísticas. Para embasar essa posição, será apresentado, inicialmente, o conceito de

metáfora conceptual, sistematizado por George Lakoff e Mark Johnson, a fim de mostrar o papel das metáforas na estruturação do pensamento.

2.1 A teoria da metáfora conceptual

A partir de 1980, com a publicação de *Metáforas da vida cotidiana*, de Lakoff e Johnson, surge uma nova percepção sobre a metáfora: a metáfora conceptual, a qual defende que a metáfora é uma propriedade de conceitos, atribuindo-lhe dimensão cognitiva. De acordo com essa visão, a metáfora ocorre primeiramente no pensamento, e não na linguagem; trata-se de uma figura do pensamento com manifestações linguísticas.

A metáfora conceptual é empregada comumente no dia-a-dia por todas as pessoas, e não há a necessidade de uma habilidade especial para o seu uso. Ela é um processo importante do pensamento humano, utilizado com o objetivo de auxiliar na compreensão de determinados conceitos.

A abordagem cognitiva ressalta que uma metáfora conceptual é uma maneira de conceptualizar um domínio de experiências em termos de outro. Ou seja, ela é chamada de conceptual porque fornece o conceito de algo.

Domínio é o nome dado à área do conhecimento ou experiência humana. Na metáfora conceptual, há um domínio conceptual A, o qual é bem-estruturado e significativo, chamado de domínio-fonte. Há também um domínio conceptual B, chamado de domínio-alvo, o qual necessita de estruturação para que possa ser compreendido. É o domínio ao qual se deseja conceptualizar. Há, então, uma projeção metafórica, que liga o domínio-fonte ao domínio-alvo. Essa projeção é motivada naturalmente por uma correlação estrutural que associa A e B. (Lima, Feltes e Macedo, 2008, p. 138).

Quando se afirma que um dado conceito é compreendido a partir de outro, considera-se que essa compreensão é alcançada a partir de uma série de correspondências sistemáticas entre os dois domínios; assim, elementos conceptuais do alvo correspondem a elementos conceptuais da fonte. Essas correspondências

conceptuais sistemáticas são chamadas de projeções (*mappings*). Compreender, então, uma metáfora significa efetuar a projeção entre a fonte e o alvo.

As metáforas conceptuais motivam a utilização de expressões linguísticas metafóricas, as quais, por sua vez, são as evidências das metáforas conceptuais que lhes são subjacentes. Ou seja, as expressões linguísticas são as manifestações (modo de falar) das metáforas conceptuais (modos de pensar), e é através do uso das expressões linguísticas que a existência das metáforas conceptuais é revelada.

Através da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM (as metáforas conceptuais são sempre grafadas em caixa alta), o conceito de amor é fornecido a partir do conceito de viagem. O AMOR é o domínio-alvo, aquele ao qual se quer atribuir um conceito, e VIAGEM é o domínio-fonte, a partir do qual o amor é conceptualizado. Essa metáfora conceptual possibilita a utilização de expressões linguísticas tais como: “nosso casamento não está indo bem”, “esse relacionamento chegou a um beco sem saída”.

Nessa visão de metáfora, reconhecida como uma representação mental, ela existe na mente e atua no pensamento. Não há necessidade de esforço para a compreensão de uma expressão linguística metafórica; a metáfora conceptual correspondente é acionada pela mente automaticamente, não sendo, também, encontradas quaisquer dificuldades em sua produção.

2.2 A variabilidade intercultural, intracultural e diacrônica das metáforas conceptuais

Lakoff e Johnson (1999) defenderam o papel das experiências corpóreas na constituição das metáforas, ideia sustentada por Grady (1997), com a noção de metáfora primária. Como exemplo, há a metáfora AFEIÇÃO É CALOR; quando abraçada, a pessoa sente o calor corporal e o associa ao afeto transmitido por quem a abraçou. Essas metáforas, chamadas primárias por serem geradas a partir de experiências primárias universais, seriam automáticas e inconscientes, e, aparentemente, universais.

Se as metáforas primárias são geradas a partir da experiência corpórea, são, portanto, dependentes da interação dos seres humanos com o ambiente e a forma do

corpo. Elas resultam da combinação da conformação biológica humana, de suas características cognitivas e da experiência acumulada. A universalidade das metáforas primárias, assim como a necessidade de uma experiência corpórea para que estas sejam formadas, é, portanto, questionada. Muitas são baseadas em experiências culturais e processos cognitivos de diferentes tipos. Segundo Kövecses (2005, p. 88),

se for verdade que as metáforas revelam e, em alguns casos, constituem experiências humanas, então nós devemos esperar que as metáforas [...] tenham uma variação de acordo com essas divisões sociais [...], entre culturas e dentro da mesma cultura.

Tomadas as experiências universais em que são fundamentadas, as metáforas são potencialmente universais; elas, entretanto, não estão presentes em todas as línguas. As próprias experiências corporais, apesar de se constituírem como um mesmo fenômeno, podem ser interpretadas de modo diferente de acordo com a cultura em questão.

Para validar a importância do papel da cultura, Kövecses (2002) destaca metáforas alternativas, que apresentam variações interculturais. É o caso do uso de um domínio-fonte para determinado alvo em uma língua, e de outro domínio-fonte para esse mesmo alvo em uma língua diferente. Assim, a metáfora FELICIDADE SÃO FLORES NO CORAÇÃO, presente na língua chinesa, não o é na língua inglesa. Em contraposição, nesta há a metáfora ESTAR FELIZ É ESTAR COM OS PÉS FORA DO CHÃO, inexistente naquela. Para Ning Yu (1998, apud Kövecses, 2002), a metáfora chinesa reflete o caráter mais introspectivo de seus falantes, enquanto a inglesa, a extroversão dos falantes do inglês.

As expressões linguísticas podem, igualmente, revelar diferenças culturais e ideológicas em sociedades que possuem metáforas conceptuais em comum. Kövecses (2002) mostra que a metáfora AMOR É VIAGEM é compartilhada por falantes da língua inglesa e do húngaro; contudo, as expressões linguísticas do idioma inglês demonstram o papel ativo dos viajantes - com a utilização de pronomes pessoais para indicar o sujeito da oração, por exemplo -, enquanto as da Hungria trazem a

passividade, a conformidade diante de forças contra as quais não se pode lutar - a própria relação é o sujeito, uma entidade passiva que sofre a ação. Essa diferença revela a atitude (respectivamente, passiva e ativa) dos falantes em relação ao amor e à vida.

As variações metafóricas interculturais confirmam a importância do reconhecimento das metáforas na compreensão da visão de mundo presente em uma determinada sociedade. Refletem uma realidade específica, construída socialmente, sendo instrumentos que certamente possibilitam ao estudioso conhecer um pouco mais daquele grupo que a produziu.

Dentro de uma mesma cultura, são também encontradas variações metafóricas. Grupos sociais diferentes podem, devido a experiências de vida diferentes, apresentar concepções díspares acerca de alguns aspectos do mundo.

Kövecses (2005) relata que no Japão, por exemplo, as MULHERES são conceptualizadas como MERCADORIAS, e, conseqüentemente, como PRODUTOS EM PROMOÇÃO. O mesmo, porém, não acontece com os homens. É possível a utilização de expressões, tais como: “essa mulher é minha”, mas nunca, “esse homem é meu”. A divisão social existente entre homens e mulheres é refletida no pensamento e na linguagem metafórica.

As variabilidades metafóricas podem ser igualmente observadas em uma mesma cultura com o passar do tempo. O modo de experienciar o mundo se altera com a construção da história das diferentes gerações. Kövecses (2000 e 2005) afirma que, na sociedade americana contemporânea, há a prevalência de duas metáforas para o amor: AMOR É UNIÃO e AMOR É NEGÓCIO. A versão idealizada do amor é representada por AMOR É UNIÃO, que revela ideias mais tradicionais acerca do amor, enquanto AMOR É NEGÓCIO indica uma visão típica, que revela ideias mais recentes.

Se, anteriormente, predominava o imaginário da “metade da laranja”, sugerindo que uma pessoa só estava completa quando ligada a sua outra parte, hoje, há mais forte a ideia de indivíduos autônomos, que se beneficiam ao se envolver com o outro e, através de uma relação de troca, são capazes de prosseguir ainda mais fortalecidos.

Como se pode perceber, “significados e também metáforas não são conceitos estáveis e culturalmente entrenchados, mas, sim, são negociados e re-negociados no decorrer da interação social.” (Schröder, 2008, p. 41). Uma conceptualização metafórica

não é imutável, e essa mudança não é acidental, mas possibilitada pelo contexto cultural.

Os estudiosos da metáfora conceptual preocuparam-se, inicialmente, mais com sua universalidade do que com as variedades culturais. Contudo, as metáforas, mesmo quando primárias, não são motivadas apenas cognitivamente, mas também culturalmente. Quando as características da cultura mudam, o mesmo ocorre com as metáforas e com as expressões linguísticas. Nesse sentido, as metáforas são tão culturais quanto cognitivas.

As metáforas variam porque também são várias as experiências humanas e as preferências cognitivas na criação do pensamento abstrato. Pode-se concluir que a metáfora conceptual perpassa muito da vida social, artística, psicológica, intelectual e cultural; seu estudo possibilita um melhor entendimento sobre as pessoas e os sentimentos.

Desse modo, pensar sobre a metáfora do amor mais recorrente em instrumento midiático voltado para a juventude, torna possível a identificação de aspectos da cultura jovem: o modo como esse grupo se relaciona, sua representação de mundo, o meio em que se encontra inserido, como o conceito de amor é construído cognitivamente pela faixa etária em questão.

3. O uso da metáfora AMOR É NEGÓCIO / INVESTIMENTO FINANCEIRO

A escolha pela metáfora AMOR É NEGÓCIO para análise neste trabalho deveu-se ao fato de esta ser a metáfora preponderante nas representações sobre o amor construídas entre a revista *Capricho* e suas leitoras. As considerações foram propostas a partir das expressões linguísticas retiradas do *corpus* e todos os exemplos levantados estão com a indicação do número da edição a que pertencem.

3.1 Orientações para um bom negócio

Em 18 das 24 edições analisadas, verificou-se o reconhecimento do amor como um negócio. Há a integração entre os dois domínios: NEGÓCIO, o domínio-fonte, através do qual o domínio-alvo AMOR é experienciado.

- O uso do verbo *investir*

Várias orientações de investimento, em clara projeção do domínio das transações comerciais, são atribuídas à namorada, as quais podem ser atenção, bom humor, mimo, carinho, respeito, um bom papo, aceitar os amigos dele, ou também mentirinhas, trapaças, e até mesmo uma produção mais caprichada, como roupas, maquiagens... Tudo para que o retorno seja alcançado, como pode ser observado nas transcrições:

(1) *Invista em papos mais longos.* (1070)

(2) *Não saia por aí declarando o seu amor. Em vez disso, invista em atitudes discretas [...].* (1071)

(3) *O melhor nesse caso é investir em uma aproximação menos formal [...].* (1092)

(4) *Investir em novas amizades pode acalmar seu coração [...].* (1079)

(5) *Pare e pense se você acha que o garoto merece uma chance e, se sim, invista nisso!* (1072)

(6) *Escolha bem o seu alvo. Parte importante da caça aos peguetes é saber em quem vale a pena investir.* (1090)

Sendo o relacionamento amoroso um negócio ou investimento financeiro, é necessária a aplicação de práticas que possibilitem o sucesso da transação. Para que se obtenha o lucro, papos mais longos, atitudes discretas e uma aproximação menos formal são apresentadas, em (1), (2) e (3), como táticas para favorecer o desenvolvimento do negócio.

No exemplo (4), as amizades são trazidas como uma forma de investimento a ser realizada quando o (negócio) amor não estiver indo bem, ou seja, uma espécie de troca de um negócio que está fracassando por outro que possa garantir um bom retorno.

A escolha do garoto (objeto amoroso) é muito importante; um investimento é algo que demanda uma série de cuidados e, conseqüentemente, uma boa dose de esforço. A escolha pelo substantivo *alvo*, no exemplo (6), não foi aleatória, os procedimentos muitas vezes assemelham-se a uma caça. É preciso analisar se o negócio valerá a pena, conforme sinalizado em (5) e (6), para que a negociação seja iniciada, com todas as suas propriedades e implicações.

- O uso do verbo *valer* e da construção *valer a pena*

Aqui a integração entre os domínios fonte e alvo é marcada pelo uso do verbo *valer* e da construção *valer a pena*, remetendo, assim, a um negócio que deve ser vantajoso, justificando o esforço necessário à sua evolução. Ambos são bastante utilizados pela revista, em diferentes edições, conforme se verifica a seguir:

(7) *Se você acha que não poderá voltar a confiar nele, talvez seja a hora de pensar se esse namoro vale a pena mesmo.* (1067)

(8) *Talvez ele não esteja tão a fim de você e, aí, não vale a pena, né?* (1084)

(9) *Nenhum relacionamento funciona à base de chantagem e manter alguém do seu lado só por ameaça não vale a pena [...].* (1085)

(10) *Ficar nervosa não vale a pena! O melhor é descontrair [...].* (1089)

(11) *Fiz tudo isso por ele, que, na real, nem notou o esforço. Não vale a pena deixar de ser quem você sempre foi.* (1091)

(12) *Aqui, vale pedir com jeitinho e até mimar o cara.* (1086)

(13) *Escolha bem o seu alvo. Parte importante da caça aos peguetes é saber em quem vale a pena investir.* (1090)

Se o amor (negócio) não está sendo útil, vantajoso, então não há razão para o investimento e todo esforço requerido. Trata-se de minimizar, o tanto quanto possível, os riscos, existentes em qualquer negócio.

Entre as regras que devem existir para a manutenção do negócio, está estabelecido que se valer de chantagens, ficar nervosa e deixar de ser quem se é não

compensa. Já pedir com jeitinho e mimar o cara são consideradas táticas eficientes para alavancar a negociação.

- O uso da construção *correr o risco* e do verbo *garantir*

O risco é inerente ao negócio, visto que, apesar de todos os investimentos, sempre há a probabilidade de que não venha a ser bem-sucedido e algumas perdas podem ocorrer. Nos relacionamentos, há também a possibilidade de algo dar errado, sendo, preciso, portanto, analisar prós e contras para decidir o que fazer e se vale a pena investir na relação.

Cabe à menina buscar garantias para tentar se precaver contra percalços, valendo-se de pequenas táticas para minimizar as chances de imprevistos desagradáveis, o que pode ser confirmado pelos exemplos:

(14) *Afinal de contas, ninguém quer correr o risco de estragar uma amizade tão intensa.* (1072)

(15) *Garanta o repeteco. O ideal é fazer rolar um clima antes da ficada: troque olhares e sorrisos, encontre coisas em comum entre vocês [...].* (1090)

Quando um amigo quer passar a ser namorado, corre-se o risco de, se o namoro não der certo, ficar sem o namorado e, o pior, sem o amigo. Logo, as leitoras devem pensar bastante antes de investir nesse novo relacionamento e transformar uma amizade intensa em namoro. O fato de, por ser amigo, o casal conhecer as fraquezas um do outro é sinalizado como um ponto negativo para o estabelecimento do negócio, dando a impressão de que essas informações podem vir a ser utilizadas pelas partes envolvidas.

Se a menina tem interesse de manter a negociação com o garoto, ela é orientada a utilizar certas técnicas para procurar evitar o prejuízo. Apesar de ela promover os indícios, a iniciativa para a prorrogação do contrato deve ser dele.

- O uso do verbo *avaliar* e da construção *fazer um balanço*

Como em qualquer negócio, no amor a menina precisa analisar, estabelecer a valia de seu relacionamento para, então, decidir quais serão as próximas etapas de seu

investimento; sempre com muita calma, como constatado através das seguintes transcrições:

(16) *Avalie antes de agir. Nada de atitudes precipitadas.* (1079)

(17) *Avalie seu namoro [...]. Faça um balanço: o garoto dá algum motivo para achar que faria mal a você?* (1082)

As atitudes da menina não devem ser precipitadas, tomadas no calor da emoção. Todo investimento requer cabeça fria, racionalidade para que as decisões adotadas sejam baseadas na lógica, e nunca por um impulso, evitando arrependimentos futuros.

- O uso dos verbos *negociar* e *administrar*

Saber negociar e administrar são habilidades necessárias no relacionamento amoroso. Se o amor é um negócio, a menina precisa gerir sua relação e seu(s) namorado(s), visando a celebração de acordos e, assim, ao alcance de seus objetivos. Os exemplos a seguir auxiliam nessa compreensão:

(18) *Aprenda a negociar [...]. Você pode negociar com ele quantos dias por mês vocês vão sair para algum lugar [...].* (1086)

(19) *Administre os piquetes. Pode ser que você acabe se enrolando com mais de um na folia.* (1090)

A menina deve estar em constante negociação com o garoto; a decisão final parece ser sempre dele, portanto é importante conseguir estabelecer pactos e conciliações. Mesmo quando não há exclusividade contratual, ela precisa de certo talento administrativo para que não acabe sem seus parceiros e venha a ter seu investimento perdido.

- O uso dos verbos *arrumar*, *descolar* e *conquistar*

Os verbos *arrumar*, *descolar* e *conquistar* apresentam nas sentenças destacadas o mesmo sentido, de arranjar, conseguir obter algo. Verifica-se, assim, a representação do objeto amoroso como uma mercadoria; o amor é experienciado como um negócio em

que é imperativo ser bem-sucedido, neste caso, através da obtenção da mercadoria almejada:

(20) *Não consigo arrumar um namorado! O primeiro passo para conquistar um é saber ficar sozinha.* (1076)

(21) *Quando age positivamente, você chama a atenção dos garotos e a chance de descolar um namorado aumenta – e muito.* (1076)

O risco pertinente aos negócios é sinalizado; há certas condições para que fatos, favoráveis ou não, venham a acontecer. Cabe à menina dar uma ajuda à sua sorte, através de determinados atos e atitudes, para ser bem-sucedida em suas negociações.

- O uso dos verbos *cuidar*, *bombar* e dos substantivos *manual*, *dicas* e *cuidados*

Todo negócio precisa de cuidados para que ele venha a prosperar; o investidor se preocupa com seu desenvolvimento e deve designar a ele a atenção devida. Tais cuidados necessários podem ser obtidos em dicas e manuais, os quais mostram como a namorada “perfeita” deve se portar para que o relacionamento amoroso evolua e garanta bons resultados. As seguintes transcrições confirmam essa concepção:

(22) *Outras atitudes obrigatórias no manual da namorada perfeita são [...].* (1068)

(23) *Quer bombar seu namoro? A gente te dá dez dicas infalíveis.* (1070)

(24) *Para encarar tudo sem sofrimento e tornar esse importante momento ainda mais inesquecível, fique ligada nestes cuidados [...].* (1071)

(25) *Continue cuidando da sua relação!* (1079)

A relação amorosa é conceptualizada como um objeto que necessita de zelo e dedicação para sua conservação e sua evolução. Para tanto, há dicas, manuais, cuidados que garantem que o investimento da menina forneça os resultados previstos, sem maiores sofrimentos.

- O uso das construções *devolver na mesma moeda* e *responder à altura*

Quando as construções *devolver* (ou *pagar*) *na mesma moeda* e *responder à altura* são utilizadas, verifica-se que o domínio fonte é uma relação de troca; os namorados são investidores e esperam ganhar, obter algum retorno através de seu relacionamento, como observado nos exemplos:

(26) *Dá muita vontade de devolver a mentira na mesma moeda [...].* (1067)

(27) *Assim, ele perceberá que tem liberdade ao seu lado e vai se sentir incentivado a responder à altura um tratamento tão legal.* (1068)

Nem sempre, porém, as trocas são favoráveis, como pode ser constatado no exemplo (26), e mentiras podem fazer parte do negócio. O conselho dado pela revista é que a menina dê liberdade ao garoto e o incentive, para que ele se sinta motivado a agir da mesma forma com ela, ou seja, respondendo à altura.

- O uso dos verbos *pagar*, *economizar* e *cobrar*

Para que uma negociação seja efetuada, não se pode desconsiderar que há um valor a ser pago, cobranças que (não) deverão ser feitas e alguns cuidados com economia a serem tomados. Nos relacionamentos assim conceptualizados, o preço a ser pago pode ser a inveja alheia. Encontram-se recursos que nem sempre devem ser disponibilizados para investimento, como é o caso do choro feminino, e as cobranças, geralmente feitas pelas meninas, que esperam mais dos garotos do que eles querem investir. As seguintes transcrições destacam os devidos gastos e os comedimentos de um relacionamento:

(28) *Mostre que não é justo que vocês paguem pelo preço de uma fofoca espalhada por pessoas invejosas.* (1073)

(29) *Mas economize esse recurso para valorizar seus sentimentos: só o utilize quando quiser dizer que foi magoada de verdade.* (1092)

(30) *Ser cobrado demais. Você espera que ele ligue, que mude o status do Orkut para “namorando”, que deixe o futebol para ficarem juntos. E quando isso não acontece... Aff, lá vêm as cobranças.* (1092)

Como pode ser verificado em (28), o relacionamento amoroso é um negócio que, quando está dando certo, é passível de inveja, podendo ser atacado por aqueles que almejam iniciar negociação com uma das pessoas envolvidas, ou por aqueles que somente intencionam destruir o investimento alheio.

Também são encontradas indicações de recursos que devem ser economizados para ser utilizados somente em momentos certos. No namoro, a menina não pode demonstrar seus sentimentos frequentemente, ela deve guardá-los e se valer da chantagem emocional somente em último caso, para não desvalorizar sua eficácia, que já não se encontra em alta.

Cobranças feitas aos garotos não são bem-vindas. As meninas depositam mais expectativas do que eles estão preparados para oferecer na negociação e acabam frustradas ou “sufocando” os namorados, o que pode acarretar o término do negócio.

- O uso das construções *segundo plano* e *chamar a atenção*

Nem sempre o relacionamento é prioridade para o menino. Outros investimentos podem ser considerados por ele mais importantes ou mais prazerosos, demandando maior tempo e disponibilidade. Com isso, a garota fica com o que sobra, na maior parte das vezes disputando pela atenção do namorado com o grupo de amigos dele, como ressaltado nos exemplos a seguir:

(31) *Em segundo plano. Saiba o que fazer quando você nunca é a prioridade dele.*
(1080)

(32) *Se quer chamar a atenção do sexo oposto, aja com mais atitude!* (1077)

Se o menino tem priorizado outros negócios, a leitora recebe orientações para chamar sua atenção e requisitar o investimento necessário ao relacionamento, ressaltando sua importância.

Agir com atitude é uma das recomendações dadas para que a menina consiga trazer o interesse do garoto para si, mas esse *marketing* pessoal requer muita habilidade. Ao mesmo tempo em que precisa demonstrar ousadia e personalidade, ela não pode ser independente demais, ou o namorado vai considerar que ela está muito bem sem ele; e tem de ser fofa e comportada, pois os meninos preferem namorar as mais sossegadas.

- O uso do substantivo *cumplicidade*

Os cúmplices são os parceiros, os sócios nas atividades e nos negócios. Há, na revista, um exemplo que aponta para a visão dos namorados como parceiros, que estão juntos, investindo no relacionamento e colaborando um com o outro:

(33) *Vocês podem também aumentar a cumplicidade ao dividir as contas.* (1086)

Nesse exemplo, a questão da cumplicidade é trazida à tona. Aqui, os namorados não estão em posição de conflito, mas de cooperação, buscando o bom andamento do negócio, ou seja, do sucesso da relação amorosa.

3.2 Operações de conceptualização do amor

Constatar a preponderância da metáfora AMOR É NEGÓCIO permite algumas considerações sobre a imagem do amor construída entre a revista *Capricho* e suas leitoras. O ato de negociar promove, na sociedade ocidental, certas representações cognitivas; entre elas, a de um acordo ou transação entre duas partes, em que o lucro, ou algum benefício, é obtido através de atividades de troca, compra ou venda. Um negócio vantajoso seria aquele em que se consegue alguma vantagem. É possível que ambas as partes envolvidas na negociação saiam beneficiadas com o acordo, em uma parceria satisfatória, mas nem sempre é o que acontece, e o lucro de um pode advir do prejuízo do outro.

Quando o AMOR é pensado a partir de NEGÓCIO, cabe a reflexão de qual a mercadoria transacionada: seria esta a própria pessoa com quem se relaciona afetivamente? Algumas dicas da revista sugerem que sim, como, por exemplo, a orientação para que se escolha bem o alvo do investimento. Desse modo, aquele que negocia torna-se, ao mesmo tempo, mercadoria a ser negociada. Como em qualquer produto, uma boa propaganda “é a alma do negócio”, e o apelo visual é fundamental nesse processo. Provavelmente por isso há tantas recomendações sobre como se produzir e se maquiar.

O relacionamento em si também é apresentado como mercadoria; é preciso investir, com as atitudes certas, e sempre com muito bom humor. A negociação parece se estabelecer na base da troca, mas a impressão dada, pela quantidade de dicas oferecidas nos manuais das meninas, que elas dão mais do que recebem. O fato de a revista estar voltada ao público feminino pode favorecer esse palpite; seria necessário confirmá-lo com a leitura de manuais feitos para o sexo masculino (caso eles existam!).

De qualquer forma, um negócio nunca deve dar prejuízo. O ideal é que as partes envolvidas consigam retorno apropriado. Se a menina sente não haver vantagem em se relacionar com o garoto, precisa encerrar o investimento. Todo relacionamento requer esforço, desde o do *marketing* pessoal até o do sentimento da perda de algo (liberdade, oportunidades) - este no caso de negociações mais “sérias”. Tanto empenho, portanto, tem de ser compensado; caso contrário, não vale a pena continuar a parceria. É reconhecido aqui o conceito de “relacionamento puro”, desenvolvido por Giddens (1993), em clara exigência à necessidade de satisfação para a manutenção do relacionamento.

As relações só apresentam sentido a partir do que tem a ganhar com elas. Se não houver o ganho, ou se outra forma mais vantajosa de relacionamento aparecer, o término é providenciado e a troca é efetuada. O ideal de consumo ao qual a sociedade capitalista se encontra submetido é respeitado, assim como o imperativo do movimento. Conforme já sinalizado por Bauman (2005), Pais (2006), Almeida e Tracy (2003), atualmente não há mais garantias e certezas a nortear o futuro, o que pode ser ainda mais definitivo quando se trata de jovens, e isso faz com que os resultados de um investimento sejam considerados somente a curto prazo; o que não “funciona” bem é descartado, assim como os “olhos devem estar abertos” para as inúmeras possibilidades de retorno imediato constantemente oferecidas, para que nada se perca e o máximo de lucro seja obtido em menor espaço de tempo possível.

A utilização de metáforas para a apreensão do conceito de amor, como se pode perceber, não é uma questão de adorno. Através do uso de conceitos e imagens, pertencentes aos domínios-fonte, familiares aos falantes/ouvintes, é possível abranger melhor o domínio-alvo em questão. Não por acaso, a fonte mais utilizada foi o negócio. Em uma sociedade capitalista, nada mais eficiente do que o uso de representações

cognitivas para transações comerciais e investimentos financeiros, visto que estes são habituais a todos.

Conforme mencionado anteriormente, Kovácses (2000 e 2005) já apontara que o AMOR estava sendo concebido como NEGÓCIO pela sociedade americana contemporânea. As relações afetivas passaram a ser pautadas pela lei do mercado, ou seja, do lucro. As pessoas envolvidas, ou o próprio amor, são pensados como mercadoria de troca, e os relacionamentos só existem quando provedores de algum benefício.

Verifica-se, a partir das metáforas, a preocupação com a prevalência da razão sobre a emoção. Consideradas, ainda, como pares de opostos, a emoção deve ser evitada, caso contrário, o resultado poderá ser a derrota e o sofrimento. Recomenda-se o prevaletimento da razão, o que permitirá o controle, o equilíbrio, assim como a busca pelo prazer e pelo bem-estar.

O imperativo do movimento, da satisfação, da busca pelo lucro, e conseqüente esquiva do compromisso, remete aos “relacionamentos puros” de Giddens (1993), os quais, conforme afirmado, demonstram bem os envolvimento atuais, pautados segundo a lógica capitalista, em que desejos são criados e substituídos com a mesma velocidade, sendo o outro, com o qual se relaciona, uma mercadoria para a satisfação destes.

Além do imperativo da curtição e da evitação do sofrimento, um assunto recorrente trazido quando o investimento na relação era abordado foi a questão da perda da individualidade e da liberdade. Essa era uma cláusula contratual constantemente mencionada, tanto para que a menina desse “espaço” para seu namorado quanto para que ela não esquecesse de suas amigadas. Se o menino não cumpre as regras contratuais, a menina pode ser a responsável por não estar respeitando a individualidade dele. Fato curioso é que, quando essa necessidade de ter um tempo sem o outro é sinalizada, ela não remete a uma busca pela identidade, mas por um tempo para a prática de atividades sociais.

Como já indicaram Almeida e Tracy (2003), verifica-se uma lógica da identificação em detrimento da identidade. Se o menino mente, é porque ele não pode mais sair e curtir com os amigos. A menina não deve deixar os programinhas com sua turma de lado, pelo contrário, esse chegou a ser um item recomendado para que o

menino sinta a falta dela. Em uma das matérias, o investimento nas amizades foi indicado para “acalmar o coração”. Com ou sem namorado, o importante é não estar sozinha.

A importância da visão do grupo merece ser destacada, a menina é aquilo que o outro vê, a imagem que é feita dela. Há também uma busca por ser igual aos outros; é fundamental estar na medida, buscar o equilíbrio. Não se apresentar “de menos”, o que significaria ser considerada sem graça ou nem mesmo ser notada, nem “demais”, o que não agradaria aos meninos (uma menina *over* serve para ser amiga, mas não uma namorada). A perfeição é ser ousada, com personalidade, mas com jeito fofo e comportado.

O amor duradouro, confiável, por mais que seja almejado, é considerado um inimigo a ser combatido, uma ilusão que trará complicações e sofrimentos futuros. A geração do “tudo ao mesmo tempo agora” quer o retorno imediato, a garantia de satisfação e a mobilidade. A falta de segurança e o medo de não ter o investimento correspondido evita o comprometimento e estimula relacionamentos efêmeros e superficiais.

4. Considerações Finais

Considerando a existência de uma pluralidade nas representações dos relacionamentos amorosos contemporâneos, foi proposto, a partir da Linguística Cognitiva, através da Teoria da Metáfora Conceptual, e de estudos sócio-antropológicos sobre as novas formas do amor, o reconhecimento de modos de relacionar-se privilegiados por instrumento midiático voltado para a juventude.

A identificação da preponderância da metáfora conceptual AMOR É NEGÓCIO, licenciadora de expressões linguísticas presentes nos artigos de uma revista de grande circulação entre o público feminino jovem, possibilitou o reconhecimento de conceitos que refletem uma visão de mundo construída socialmente. Conforme mencionado, a Linguística Cognitiva defende que os conceitos surgem das experiências que são compartilhadas; nesse sentido, as contribuições de autores que têm como objeto

de estudo o amor e seus desdobramentos, em especial os que buscam refletir sobre a cultura jovem, foram imprescindíveis nessa análise.

O AMOR conceptualizado como NEGÓCIO comprova a necessidade do movimento, do ato, sinalizada por Bauman (2005) e por Almeida e Tracy (2003). Bauman afirma que a única liberdade negada a uma sociedade que está em constante busca, onde não há lugares predefinidos, é a de parar de se movimentar. A rotina é apresentada como indesejável; novas negociações e parcerias são formadas a todo o momento. Os objetivos são sempre os mesmos, não ficar parado, curtir, exercitar a performance, garantir o lucro. Cobranças e controles devem ser evitados, pois impedem a mobilidade e a diversão. Se algo foge desse imperativo, é hora de repensar a validade do relacionamento. O apelo visual aparece fortemente marcado como tática de negociação.

A imprevisibilidade diante do futuro é outro motivo igualmente importante. Não há mais garantias, e, assim, compromissos e planejamentos a longo prazo tornam-se sem sentido, como apontado por Bauman (2005) e Pais (2006). Essa “desfuturização do futuro”, nas palavras de Pais, e a inexistência de fronteiras e de lugares a serem ocupados ampliam as possibilidades, mas a multiplicidade destas acaba por gerar a falta de envolvimento com o que quer que seja. A única certeza que a lógica do consumo capitalista oferece é a de que desejos precisam ser satisfeitos e, quando isso acontece, eles são prontamente substituídos por novos.

Se os relacionamentos podem ser encerrados a qualquer momento, por qualquer uma das partes envolvidas, esse é mais um motivo para que os jovens evitem um envolvimento mais sério. Assim, protegem-se contra sofrimentos futuros, caso venham a ser descartados pelo outro. Giddens (1993) já assinalara o paradoxo dos “relacionamentos puros”: é preciso se comprometer para que um relacionamento possa ter durabilidade, mas esse comprometimento é promotor de grande risco de sofrimento no futuro, caso esse relacionamento venha a ser terminado. Bauman (2004) identifica, então, a solução encontrada por aqueles que se envolvem afetivamente: o procedimento ideal seria curtir, aproveitar a companhia, mas com certo afastamento, pois um dia tudo poderá acabar.

Observa-se, desse modo, que o almejado amor romântico, especial, eterno, funciona melhor na teoria, de modo idealizado, pois seus benefícios (sim, os jovens

reconhecem a existência destes) são incertos e o retorno nem sempre é imediato. Enfim, quando realizado, vem acompanhado de dificuldades, de angústia e de risco, e esse preço é considerado alto demais pelos jovens, que não estão dispostos, ou preparados, a pagá-lo.

Conforme mencionado, não há neste trabalho a intenção de generalização de resultados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, específica, restrita a um único instrumento midiático, específico para o público feminino. Estudos futuros, no entanto, podem ser realizados com outros instrumentos para verificar a recorrência (ou não) da metáfora aqui destacada.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ____; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapa do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____; TRACY Kátia Maria de Almeida. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rocco: Rio de Janeiro, 2003.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, Gilberto (org.). *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GRADY, Joseph. THEORIES ARE BUILDINGS revisited. *Cognitive Linguistics*, v. 4, n. 8, 1997.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

_____. *Metaphor and Emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____; _____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LIMA, Paula L. Costa; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emilia Maria (orgs.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapa do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

REATO, Lígia de F. Nóbrega. Sexualidade X meios de comunicação. In: WEINBERG, Cybelle (org.). *Geração Delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SCHRÖDER, Ulrike Agathe. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. *Alfa*, v. 52, n. 1, 2008.

Metáforas do pensamento e da comunicação

André William Alves de Assis³¹

assis.awa@gmail.com

RESUMO

Durante muito tempo, desde os primeiros ensinamentos de Aristóteles, a metáfora esteve presente em diversos estudos sobre linguagem e humanidade, direcionada estritamente ao seu uso linguístico. A abordagem aristotélica inicial definia a metáfora como figura de estilo, típica da linguagem literária e poética, caracterizando seu uso como artifício de estética. A verdadeira ruptura da classificação tradicional da metáfora deu-se na década de oitenta; a metáfora antes vista como ornamento linguístico, característica do discurso retórico ou poético, transforma-se numa importante ferramenta para a construção de significados. Neste trabalho, embasados na teoria de George Lakoff e Mark Johnson (1980), Gibbs (1994), Silva (2001), Chiavegatto (2002) e outros estudiosos da metáfora, observamos, por meio de evidências linguísticas, a presença da metáfora no discurso cotidiano, especificamente em textos midiáticos de revistas de grande circulação nacional. Abordamos o uso da metáfora não como figura de linguagem, mas sim como figura de pensamento que subjaz não somente à linguagem como também a nossas ações. Observamos como esse pensamento metafórico, que se mostra parte integrante da vida do ser humano, é uma ferramenta essencial na linguagem, pensamento e comunicação, que a linguagem cotidiana recorre frequentemente a expressões metafóricas interpretadas como indícios do pensamento de um locutor que, na maior parte das vezes, utiliza-se de metáforas sem tomar consciência, uma vez que este processo é inerente ao seu próprio pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Metáforas; Pensamento; Comunicação.

ABSTRACT

For a long time since the early teachings of Aristotle, the metaphor was present in several studies on language and humanity, directed strictly to its language use. The initial approach Aristotle defined metaphor as a figure of speech, typical of the literary language and poetic, featuring its use as an aesthetic device. The real breakthrough of the traditional classification of metaphor occurred in the eighties, once the metaphor was viewed as language ornament, characteristic of rhetorical or poetic speech, becomes an important tool for the construction of meaning. In this work, based on the theory of George Lakoff and Mark Johnson (1980), Gibbs (1994), Silva (2001), Chiavegatto (2002) and other scholars of the metaphor, we observed, by means of linguistic evidence, the presence of metaphor in everyday life discourse, specifically in media

³¹ Universidade Estadual de Maringá.

texts of national mass-circulation magazines. We discuss the use of metaphor not as a figure of speech, but as a figure of thought which underlies not only the language but also our actions. We see this as metaphorical thinking, which shows part of human life, is an essential tool in language, thought and communication that everyday language often makes use of metaphorical expressions interpreted as evidence of the thought of a speaker who, in most of the time, makes use of metaphors without being aware, since this process is inherent in his own thought.

KEYWORDS: Metaphor, thoughts, communication.

Introdução

A Linguística Cognitiva, nas palavras de Silva (2001, p. 1), é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. Surgida nos finais da década de 70 e princípios da de 80, de acordo com Ferrão (2005) a linguística cognitiva foi impulsionada, por um lado, pelo interesse pelo fenómeno da significação e, por outro, pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch (Rosch 1978, Rosch & Mervis 1975) sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização. Só em 1990 é que se institucionaliza, com a criação da "International Cognitive Linguistics Association", da revista "Cognitive Linguistics" (dirigida por Dirk Geeraerts) e da coleção "Cognitive Linguistics Research" (editada por René Dirven e Ronald Langacker e publicada por Mouton de Gruyter). Os representantes principais da Linguística Cognitiva são os norte-americanos (de Califórnia) George Lakoff (Lakoff 1987, Lakoff & Johnson 1980, Lakoff & Turner 1989). Entre falantes de língua portuguesa, a Linguística Cognitiva também é bastante conhecida, como os trabalhos de Chiavegatto (2002), Ferrão (2005) Lima (2001) e Silva (2001) e outros pesquisadores que desenvolveram estudos (mais desenvolvidos) no quadro da Linguística Cognitiva e que nos servem de referencial teórico. A seguir, e depois de uma confrontação com outras teorias linguísticas e da especificação da sua posição dentro da Ciência Cognitiva, apresentaremos uma breve introdução a alguns dos conceitos fundamentais e

aos principais domínios de investigação da Linguística Cognitiva: as metáforas conceptuais.

1. A metáfora conceptual

Durante muito tempo, desde os primeiros ensinamentos de Aristóteles, a metáfora esteve presente em diversos estudos sobre linguagem e humanidade, direcionada estritamente ao seu uso linguístico. A abordagem inicial, segundo alguns autores já citados, cunhada por Aristóteles e as mais diferentes desta resultante, definiam a metáfora como figura de estilo, típica da linguagem literária e poética, caracterizando seu uso como artifício de estética.

Foi em Lakoff e Johson (1980), com o lançamento do livro *Metaphors We Live By*, que a metáfora passou a ter uma abordagem inovadora. Esses autores se opunham a definição clássica da metáfora, ou seja, não acreditavam que ela consistia apenas neste artifício, mas sim uma função principal em nosso sistema conceptual, e que o uso estava presente no nosso dia a dia, na vida cotidiana.

Lakoff e Johnson propuseram então a Teoria da Metáfora Conceptual, que se insere no campo da Linguística Cognitiva e que ocasionou uma ruptura entre a tradição milenar sobre a metáfora, destacando a sua natureza conceptual. A metáfora passa então ao domínio do pensamento, a linguagem seria posterior a ela, o que a coloca como um mecanismo muito importante para a compreensão e explicação da cognição humana. E por estar inserida no âmbito do pensamento, a metáfora não está inserida somente na linguagem poética, mas nas linguagens utilizadas no cotidiano, seja qual for a área de conhecimento, como afirma Amaral (2001, p.246) ao dizer que as metáforas

[...] são em larga medida responsáveis pela nossa “topologia cognitiva”, influenciam a nossa maneira de agir e realizam-se quer em obras de natureza artística quer em instituições, mitos e práticas sociais. Estas realizações reflectem a estrutura do nosso sistema conceptual e simultaneamente reforçam-na, oferecendo

novas bases, na experiência, para a validade destas metáforas (além da experiência biológica, também as criações humanas podem proporcionar uma base experiencial).

Gibbs, no livro *The Poetics of Mind* (1994), apresenta a estrutura da cognição humana como um mosaico que é estruturado por diversos processos poéticos, entre eles a metáfora, particularmente, apresenta-se como um esquema básico na conceptualização de experiências resultantes das diversas interações com o mundo, ou seja, “o homem recorre às metáforas porque o seu sistema conceptual é em grande parte estruturado de forma metafórica” (Lakoff e Johnson, 1980).

A essência da metáfora está em poder explicar uma coisa considerando outra, por isso é um mecanismo conceptual e cognitivo. Parte-se de experiências corporais (concretas) para se categorizar entidades e elementos mais abstratos. Desta forma, esse mecanismo caracteriza-se por esta relação entre dois domínios conceptuais diferentes – para que novas experiências sejam entendidas é necessário transferir elementos de um domínio mais concreto para outro mais abstrato:

As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas, de diferentes dimensões, que, sendo recorrentes e co-ocorrentes, geram metáforas que subjazem à nossa forma de falar. (LIMA, 2001, p. 108)

2. Os domínios e os mapeamentos metafóricos

Inserir-se então o conceito de mapeamento (*mapping*) entre dois domínios conceituais, em que um domínio mental conceitualiza-se em termos de outro. Um Domínio de Origem (*source domain*), concreto e experiencial, é utilizado para explicar entidades que estão inseridas em um Domínio Alvo (*target domain*), mais abstrato. Observe a imagem abaixo para melhor exemplificação,

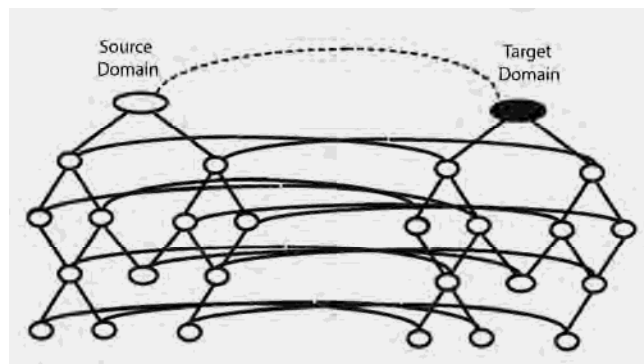


Figura 1: Mapping - Adaptado de Lakoff (1990).

Desta forma, os mapeamentos se apresentam como correspondente entre esses domínios conceituais, encontrando fundamentos nas interações e percepções humanas, experiências corporais, e manipulação de objetos. Deles se originam diversas redes de expressões metafóricas que se entrecruzam e, com isso, se modificam produzindo outras múltiplas e novas expressões linguísticas/metafóricas sempre relacionadas aos Domínios de Origem e de Alvo.

Faremos aqui uma distinção necessária entre metáforas conceituais e expressões metafóricas, para o entendimento desta teoria. Uma expressão metafórica consiste numa expressão linguística que veicula uma metáfora conceitual, isto é, trata-se de uma manifestação de um pensamento metafórico. Por outro lado, a metáfora não é vista como uma manifestação linguística, pois é antes um mecanismo que compreende imagens mentais que nos permitem estabelecer projeções, mapeamentos, entre domínios

distintos (concretos e abstratos), que, então, manifestam-se no nível linguístico de diversas formas:

De acordo com a Teoria das Metáforas Conceptuais [...] a metáfora é um fenómeno cognitivo, que consiste na conceptualização de um domínio mental através de outro. Os autores estabelecem, assim, uma distinção entre metáfora ou metáfora conceptual, i.e., conjunto de correspondências sistemáticas entre dois domínios conceptuais (um domínio-fonte/-origem e um domínio-alvo/-objectivo) e expressões metafóricas, definidas como expressões linguísticas através das quais se manifesta a conceptualização metafórica subjacente e que são sancionadas por ela.» (Amaral, 2001, p. 245)

O AMOR É UMA VIAGEM (Lakoff & Johnson 1980 – LOVE IS A JOURNEY), é um exemplo de metáfora e não de expressão metafórica.³² Observe no exemplo que existe uma projeção entre dois domínios, o Domínio de Origem VIAGEM e o domínio Alvo AMOR, e que deles podemos ter diversas realizações linguísticas, como “Estamos numa encruzilhada”, “Esse casamento já foi longe demais” ou “Nossa relação está muito parada”. Observa-se que são muitas as possibilidades de expressões linguísticas que veiculam uma única metáfora conceptual. Essa metáfora conceptual não se caracteriza como uma expressão ou palavra isolada, mas sim por uma projeção, um cruzamento entre domínios do pensamento (concreto e abstrato), conceptuais. Podemos observar dois domínios na expressão O AMOR É UMA VIAGEM, um mais abstrato, o amor, e outro correspondente a uma experiência concreta, uma viagem. O resultado é um mapeamento, uma projeção metafórica entre esses dois domínios, evidenciando o fato de, por exemplo, os amantes corresponderem a viajantes e os objetivos à viagem

Análise – As metáforas em textos midiáticos

³² As letras são escritas com letras maiúscula por convenção segundo a qual se utiliza maiúsculas para designar metáforas conceptuais, e assim distingui-las das expressões metafóricas representadas pela linguagem.

Com nosso objetivo em analisar textos midiáticos pelo viés da Teoria das Metáfora Conceptual, selecionamos como material de análise duas capas de revistas de grande circulação nacional, a fim de pudéssemos evidenciar as metáforas conceptuais inseridas nessas produções midiáticas. Utilizaremos os artigos que dão origem à capa para que possamos observar as expressões metáforas imanentes do mapeamento dos Domínios de Origem e de Fonte. Vejamos a primeira capa:



Figura 2: Revista Veja, 25 de agosto, 2010. Edição 2179 - ano 43 – n °34.

De acordo com a teoria de Lakoff & Johnson podemos evidenciar que esta capa da Veja, revista com publicação semanal (uma entre tantas que poderíamos ter selecionado em circulação por todo o país), evidencia o ponto principal desta Teoria da Metáfora conceptual, a de que seu uso está intimamente ligado ao cotidiano. Expressões metafóricas, como “Casar faz bem”, são expressões do dia a dia, fazem parte do uso efetivo da linguagem. Dessa expressão podemos depreender os Domínios essenciais que constituem a Metáfora Conceptual. Temos uma experiência mais concreta, experimentada por casais, o CASAMENTO, e de outro lado um domínio mais abstrato,

o BEM. Podemos depreender dessa capa, então, a seguinte Metáfora Conceptual: CASAR É BENÉFICO ou CASAR FAZ BEM.

A fusão dos domínios CASAR e BENÉFICO/BEM faz com que possam ser elaborados mapeamentos diversos que resultam em outras diversas expressões metafóricas provenientes dessa metáfora conceptual. No entanto, cabe destacar, que no artigo sobre o tema da capa encontramos outras metáforas conceptuais que são a base para a criação das diversas expressões metafóricas que se inserem no texto. Todas as expressões metafóricas são provenientes das metáforas: CASAMENTO É INSTITUIÇÃO, CASAMENTO É TRANSFORMADOR, CASAMENTO É FONTE DE SATISFAÇÃO e CASAMENTO É FELICIDADE. Uma vez observado quais as metáforas conceptuais, procuramos evidenciar quais as expressões metafóricas delas provenientes. Observamos no artigo intitulado “Casar faz bem” as metáforas conceptuais “Romance de Efeito Inspirador”, “Casamento conserva força e modernidade”, “[...] Oferece mais alegria para o casal”, “Casal com metas”, “Vale a pena” “Desejos e esperanças cercam esse pacto”. Muitas vezes essas metáforas e expressões metafóricas passam despercebidas por muitos leitores, porém observamos que, sob uma perspectiva cognitiva, elas são muito importantes na exteriorização da linguagem.

Observemos agora a segunda capa selecionada:



Figura 3: Revista Super Interessante agosto, 2010. Edição 281.

Nesta capa da revista Super Interessante, também de circulação nacional, porém de tiragem mensal, podemos observar um bebê, sorridente, branco e de olhos claros acompanhado da expressão “Como pensam os bebês”. A intenção principal da notícia de capa é justamente apontar para o fato, comprovado cientificamente, de que o bebê pensa; o artigo da revista que versa sobre este assunto irá explorar como se processa esse pensamento nesses bebês. Com a leitura da capa, podemos perceber a seguinte metáfora conceptual que prevalece em todo o texto “BEBÊS SÃO INTELIGENTES”. O artigo interno da revista é na verdade um relato de um pai de um bebê de cinco meses que narra como a ciência está descobrindo como pensam os bebês. O relato, retirado de um site da internet pela revista, não é um texto formal. A tessitura é construída na forma de uma conversa típica entre dois pais, em que um deles fala sobre a experiência de ser pai, acrescentando a conversa o que dizem os cientistas sobre a inteligência dos bebês.

Novamente, podemos observar que a linguagem corrente está repleta de expressões metafóricas, provenientes de duas metáforas conceptuais. As metáforas conceptuais mais recorrentes: BEBÊS SÃO INTELIGENTES e BEBÊS SÃO

ADULTOS. São metáforas generalizadas, por vezes convencionalizadas e lexicalizadas, mas geralmente não reconhecidas como metáforas.

Observamos a utilização de expressões metafóricas como (o bebê) “[...] parou de mamar e olhou para mim com carinha de assustado”, “Ele entendeu o que eu estava sentindo”, “Nascem sabendo um monte de coisas”, “O repertório do bebê é eclético”, “Nem todas as habilidades se manifestam ao mesmo tempo...” e “Desviam os olhos quando a cena ficou chata”. Para a Linguística Cognitiva, essas expressões são fenômenos verdadeiramente conceptuais e constituem importantes modelos cognitivos. Entre os exemplos podemos abstrair os domínios cognitivos (domínios da experiência) diferentes, como uma projeção da estrutura de um domínio origem BEBÊS numa estrutura correspondente de um domínio-alvo INTELIGENTES e ADULTOS.

Estes e outros exemplos mostram que a metáfora não é uma mera extensão (ou transferência) semântica de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, mas envolve uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa. Os mesmo exemplos mostram também que a metáfora tende a ser unidirecional: através dela, geralmente conceptualizamos domínios abstratos em termos de domínios concretos e familiares. O que quer dizer que a conceptualização de categorias abstratas se fundamenta, em grande parte, na nossa experiência concreta cotidiana. As metáforas conceptuais desempenham então um papel crucial na conceptualização de muitos domínios. Elas constituem uma maneira de pensar, também em domínios como, por exemplo, a ética (cf. Johnson 1993), a política (cf. Lakoff 1992, 1996), ou as ciências (Gibbs, 1994).

3. Conclusão

Neste trabalho, foi possível observar nas duas capas de revistas que nos servem de *corpus* que o recurso à metáfora conceptual implica a transposição de certas propriedades de um plano da realidade para outro: de um Domínio de Origem (concreto) para um Domínio Alvo (abstrato). Deste modo, conceptualizamos realidades das quais não nos encontramos tão próximos a partir de realidades conhecidas e

concretas. Neste processo, experiências física e espacial assumem um papel central no uso da metáfora, uma vez que constituem o nível primário da interação do homem consigo próprio e com o meio que o envolve.

Assim, chegamos a conclusão de que a linguagem cotidiana recorre frequentemente a expressões metafóricas que são interpretadas como indícios do pensamento de um locutor que, na maior parte das vezes, utiliza-se de metáforas inconscientemente, porque este processo, de acordo com a linguística cognitiva, é inerente ao seu próprio pensamento. Neste sentido, a análise das expressões metafóricas recorrentes no discurso midiático permitiu-nos verificar que nos apoiamos em modelos do mundo concreto para conceptualizar fenômenos abstratos e que a metáfora linguística só é concretizada porque existem metáforas no nosso sistema conceptual, demonstrando-se a sua centralidade no cotidiano midiático e sua precedência na nossa forma de pensar e agir no mundo.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Patrícia. *Metáfora e Linguística Cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 2001.

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. *Gramática: Uma Perspectiva Sociocognitiva*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University, 1997.

FERRÃO, Maria Clara Teodoro. *O Corpo na Língua: Metáfora Conceptual e Corporização no Discurso Televisivo de Marcelo Rebelo de Sousa*. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

GIBBS, Raymond. *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*.

Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the*

Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. *The Invariance Hypothesis: Is Abstract Reason Based on Image-Schemas?* Cognitive Linguistics, 1990.

_____. *The Contemporary Theory of Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

LIMA, Paula Lenz Costa. *Metáfora e Linguagem*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2001.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, ed. 2179, ano 43, nº 34. 25 de agosto de 2010.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, ed. 281. Agosto de 2010.

ROSCH, Eleanor. *Cognitive Representations of Semantic Categories*. Journal of Experimental Psychology, 1975.

_____. *Principles of Categorization*. In E. Rosch & B. Lloyd (eds.), 27-48 ROSCH, Eleanor & MERVIS, Carolyn B, 1978.

SILVA, Augusto Soares da (org.). *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 2001.

A metáfora na constituição da rede de construções superlativas do Português: o caso das construções superlativas causais nominais.

Anna Carolina Ferreira Carrara³³

annacarolinacarrara@yahoo.com.br

Neusa Salim Miranda³⁴

neusasalim@oi.com.br

RESUMO

Este trabalho centra-se em um dos resultados alcançados a partir da pesquisa em torno de construções do tipo: “O inverno aqui é sofrível, mas bonito *de chorar*”; “Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar uma mulher feia *de doer*”, nomeadas de Construções Superlativas Causais Nominais (CSCN), um nóculo metafórico de uma grande rede de construções superlativas (Miranda, 2008a). Para desenvolvê-la lançou-se mão, principalmente, dos constructos teóricos da Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987, 1993; Johnson, 1987, Lakoff; Johnson, 1980[2002], 1999; Fillmore, 1982; Salomão, 2009; Miranda, 2008b; Croft; Cruse, 2004; Barcelona, 2003) e dos Modelos de Uso da Gramática das Construções (Bybee, 2003; Croft, 2007; Croft; Cruse, 2004; Goldberg, 1995; 2006; Lakoff, 1987). A relevância dada ao uso no modelo teórico-analítico adotado justifica o encaminhamento metodológico do trabalho – uma análise baseada em *corpora*, que nos possibilita verificar, em dados naturais da língua, como se dá a emergência da construção, sua produtividade e grau de convencionalização. Constituímos, então, a partir de três fontes (o *Corpus* VISL, *Corpus* do Português e o site de busca da Editora Abril) um *corpus* específico formado por 993 ocorrências e 28 tipos licenciados da CSCN. A análise dos dados buscou desvelar a motivação conceptual da construção e a sua cena semântica. Passamos a evidenciar, então, o valor simbólico da construção: demarcar o grau superlativo de um Atributo através de impactos físicos, orgânico ou emocional, que se manifestam de forma negativa sobre o Afetado e são metaforicamente expressos por verbos que se agrupam em *frames* de Causa. O *frame* mais específico de Ação Transitiva nos pareceu o gatilho da cena da CSCN e o processo de mudança semântica em foco na construção, metaforicamente promovido, suscita, por sua vez, uma reanálise da cena dentro do *frame* Posição em uma Escala. Toda esta configuração semântica, acrescida da motivação conceptual da construção (as metáforas primárias CAUSA É FORÇA FÍSICA e INTENSIDADE É ESCALA) faz emergir uma metáfora complexa (Lakoff; Johnson, 1999) por traz da cena causativa: Viver é Guerrear. Cenas de sucesso e fracasso em um cenário preferencial da indústria do entretenimento são configuradas pela força, pelo dano ou destruição de um Afetado. Nesse sentido, nossos resultados convergem com o trabalho

³³ Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

³⁴ Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

de Bronzato (2010), apontando um evento cultural de força – a guerra – como *frame* de nova metáfora complexa. Nossas análises atestam, portanto, de modo reiterado, o papel das projeções figurativas na constituição e expansão da rede de construções de uma língua.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Semântica; Metáfora; Construção Superlativa.

ABSTRACT

This paper focuses on one of the results obtained from research on the type of constructions: “O inverno aqui é sofrível, mas bonito *de chorar*”; “Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar uma mulher feia *de doer*”, named Causal Nominal Superlative Construction (CNSC), a nodule metaphor of a large network of superlative constructions (Miranda, 2008a). In order to develop it, we based ourselves on the study of theoretical constructs of Cognitive Linguistics (Lakoff, 1987, 1993; Johnson, 1987, Lakoff; Johnson, 1980[2002], 1999; Fillmore, 1982; Salomão, 2009; Miranda, 2008b; Croft; Cruse, 2004; Barcelona, 2003) and on the usage-based models of the Construction Grammar (Bybee, 2003; Croft, 2007; Croft; Cruse, 2004; Goldberg, 1995; 2006; Lakoff, 1987). The importance given to the use in the theoretical model and analytical framework adopted justifies referral methodological work – an analysis based on *corpora*, which enables you to check in natural language data, as emergence of the construction, productivity and degree of conventionalization. Constitute, then, from three sources (VISL Corpus, Corpus of Portuguese and the site search Editora Abril) a specific *corpus* consisting of 993 tokens and 28 types of licensed CNSC. Data analysis sought to uncover the motivation of conceptual construction and its semantic scene. On the semantic aspect of the CNSC, it has been evidenced its symbolic value in order to highlight the superlative degree of an Attribute through physical, organic or emotional impacts, which reveal the negative form about the Affected and are metaphorically expressed by verbs that group in frames of Cause (Causing a Physical Impact, Causing an Organic Impact and Causing an Emotional Impact). The most abstract frame of Transitive Action described by FrameNet seemed to be the trigger of the scene of the CNSC and the process of semantic change focused on the construction which is metaphorically promoted, evokes a reanalysis of the scene inside the Position in a Scale frame. The CNSC still evokes a semantic frame of Evaluation. All this configuration semantics, plus the conceptual motivation of constructions (primary metaphors CAUSE IS PHYSICAL FORCE and INTENSITY IS SCALE) brings out a complex metaphor (Lakoff; Johnson, 1999) behind the causative scene: Life is War. Scenes of success and failure in a preferred scenario of the entertainment industry are set by force, for the damage or destruction of an Affected. In this sense, our results converge with the work of Bronzato (2010), pointing to a cultural event of force – the war – as a new frame of complex metaphor. Our analyses certify, therefore, in a reiterated way, the role of the figurative projections in the constitution and expansion of the constructions in a language.

KEYWORDS: Cognitive Linguistic; Semantic; Metaphor; Superlative Construction.

Introdução

Dizem que o comedimento é uma virtude que deve ser sempre almejada pelo homem e que os comedidos se definem pelo equilíbrio de suas ações e linguagem. Nesse sentido, a metáfora lakoffiniana³⁵ (Lakoff, 1987, Lakoff; Johnson, 1980 [2002], 1999) se inverte – *menos é bom, mais é ruim*. Este pode ser até um bom conselho, mas, como tudo que diz respeito às vivências humanas, a questão é relativizá-lo à cena. De fato, nas cenas em que procuramos garantir nossa força subjetiva, nossa expressividade argumentativa e avaliativa ante o outro, a metáfora se recupera - *mais é bom, menos é ruim*. Assim, quando *argumentar é guerrear* (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1980 [2002], 1999), vale tudo! No embate, nossa capacidade de perspectivização (Tomasello, 1999 [2003]) nos habilita à manipulação das escolhas simbólicas de modo a garantir o foco atencional do outro. Vencê-lo pela ênfase, pela força e mesmo pelo exagero do argumento é, pois, uma importante estratégia bélica

É nessa moldura comunicativa que as escalas semânticas de intensidade representam uma arma poderosa, garantindo o uso corriqueiro e a reinvenção de uma grande rede de símbolos lingüísticos superlativos. Nos mais diversos ambientes discursivos, exprimir-se de modo superlativo parece ser uma produtiva estratégia dos falantes de Português (Carrara, 2010).

É, pois, dessa rede de símbolos superlativos da Língua Portuguesa que recortamos nosso objeto de estudo - as nomeadas por nós *Construções Superlativas Causais Nominais* (CSCN) (Carrara, 2010). Trata-se de uma rede de construções³⁶ em que o grau superlativo de um Atributo é *metaforicamente* demarcado através de impactos físico, orgânico ou emocional sobre um Afetado, e expresso por verbos que se agrupam em *frames* de Causa, como em: (1) “Quem foi que votou nesse cara, hein?! Deve estar arrependido ou é tão sem noção quanto ele. Esse senador é chato *de doer*, mas é oportunista, sonso...”

Nossa tarefa investigativa neste artigo se limitará ao desvelamento do sistema conceptual que subjaz ao uso metafórico desse nódulo da rede de Construções

³⁵ A metáfora lakoffiniana a que nos referimos é BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO em que temos a base física para o bem estar pessoal (felicidade, saúde, vida e controle) - aspectos que especialmente caracterizam o que é bom para uma pessoa - como PARA CIMA (Lakoff; Johnson, 1980 [2002]; 1999).

³⁶ Tal estudo se integra ao macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil – um estudo sobre a semântica de escalas” (CNPq - 477670/2008-3) cujo foco é o desvelamento de padrões formais e semântico-pragmáticos de uma rede de construções metafóricas que evocam um *frame* de Escala em seu grau superlativo, com valor mínimo ou máximo (Miranda, 2008a).

Superlativas³⁷. Para isso, elegemos como escopo teórico central a Linguística Cognitiva no que se refere, fundamentalmente, às teorias sociocognitivas sobre os processos de conceptualização e categorização (Esquemas Imagéticos (Lakoff, 1987; Johnson, 1987; Lakoff; Johnson, 1999; Talmy, 2000), Semântica de *Frames* (Fillmore, 1982; Fillmore; Johnson; Petruck, 2003)) e integração conceptual, a metáfora (Lakoff, 1987, 1993; Lakoff; Johnson, 1980 [2000], 1999; Barcelona, 2003, Silva, 2003). Outro aporte teórico de grande relevância em nosso estudo, mas que aqui será subfocalizado, é a Gramática das Construções enquanto um Modelo de Uso (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2007; Croft; Cruse, 2004; Bybee, 2003; Traugott, 1995).

1. Os processos sociocognitivos de conceptualização e categorização

Dentro da dimensão teórica anunciada, a Linguística Cognitiva delinea os processos de conceptualização e categorização a partir das seguintes premissas nucleares: (i) centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceptuais; (ii) existência de estruturas pré-conceptuais da experiência (esquemas imagéticos e categorias de nível básico); (iii) existência de domínios complexos de conhecimento (*frames*) e de redes de integração entre domínios; (iv) centralidade das projeções metafóricas e metonímicas (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1980 [2002], 1999).

Colocaremos em foco, resumidamente, os fundamentos e categorias que servirão às nossas análises: esquemas imagéticos, *frames* e metáfora.

1.1 Os esquemas imagéticos

Os esquemas imagéticos seriam *gestalts* experienciais minimamente estruturadas, que permitiriam a organização de um número indefinidamente grande de percepções, imagens e eventos. Dentre os vários esquemas que ancoram o significado de expressões lingüísticas, nos interessa o esquema de *Escala* e o esquema da *Força*, concebido em termos do *Modelo da Dinâmica de Forças* (Talmy, 2000).

³⁷ Este artigo configura-se como um recorte da dissertação de mestrado “As Construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista” (Carrara, 2010), que se ocupou do desvelamento dos padrões formais, semânticos e pragmáticos e da motivação conceptual que subjazem à construção em foco.

1.1.1 Esquema da escala

A Construção Superlativa Causal Nominal é caracterizada, basicamente, por Unidades Lexicais (ULs) que se agrupam em uma escala semântica referente ao grau de *impacto físico, orgânico* ou *emocional* causado no Afetado pelo uso metafórico dessas ULs, como *assustar, vomitar, arrepiar, doer*, entre outras. O esquema da Escala ancora o desvelamento do significado semântico-pragmático da CSCN mesmo que este impacto acima referido não possa ser quantitativamente medido, como por exemplo em: (2) “O pronunciamento do idealizador do falso dossiê (Mercadante) ontem no senado foi também *de vomitar!*”

Nessa direção, os estudos da intensidade, no seio da Lingüística Cognitiva, conduzem necessariamente às bases experienciais e corporificadas de nossos processos de conceptualização e categorização. Assim, teríamos o esquema imagético da Escala, básico na nossa experiência, como estofa do conceito de intensidade. Segundo Johnson (1987, p. 122) “(...) o mundo é experienciado parcialmente em termos de aumento, diminuição e igualdade. Pode-se ter mais, menos ou o mesmo número de objetos, quantidade de substância, graus de força, intensidade de sensação.”. Essa noção escalar parece permear toda a experiência humana.

Nesses termos, os aspectos de *mais* ou *menos* constituem a dinâmica dos domínios escalares de força, quantidade, dimensão, espaço, sensações/estados biofísicos ou psicoafetivos que estruturam as metáforas de intensidade ³⁸.

Dessa forma, para Johnson (1987, p. 123),

esse esquema que emerge na nossa experiência com entidades físicas, concretas, é figurativamente ampliado para recobrir entidades abstratas de todos os tipos – números, propriedades, relações, estruturas geométricas, entidades em modelos econômicos.

³⁸ Esta questão do esquema da Escala funcionar como estofa das metáforas de intensidade já foi tratado em CARRARA, Anna Carolina Ferreira; MIRANDA, Neusa Salim. Linda de doer: um estudo de caso sobre o caráter metafórico das Construções Superlativas do Português. In: HORA, Demerval da. (org.). *Anais Abralin em cena*. Vitória: Ideia, 2009.

1.1.2 Esquema da força e o modelo da dinâmica das forças

O esquema imagético da Força surge da nossa experiência de agir sobre outra entidade ou de ser afetado por ela, resultando em uma transferência de energia em movimento. Johnson (1987, p. 43) ilustra a derivação intencional desse esquema imagético da seguinte maneira:

A força é sempre experimentada através da interação. Tomamos consciência da força quando ela nos afeta ou quando afeta algum objeto no nosso campo perceptual. Quando você entra em um quarto escuro não familiar e dá uma pancada na quina da mesa, você experimenta o caráter interacional da força. Não há esquema para força que não envolva interação ou interação potencial.

O fato de a força sempre se manifestar em um ambiente interacional e não ser percebida já parte do fato de sempre haver duas forças em constante interação. Existem duas forças sempre presentes interagindo em nós: nossas forças corporais e as forças interagindo com o mundo e as outras pessoas (Carvalho-Miranda, 2008). Essas dinâmicas naturais, que se apresentam no cotidiano, remetem ao modelo de interação de forças propostos por Talmy (2000).

O Modelo da Dinâmica de Forças (Talmy, 2000), é uma generalização da noção de *causa*, em que determinados processos são conceptualizados a partir do envolvimento de diferentes tipos de forças agindo de diferentes formas nos participantes do evento. Se dissessemos, *Eu chutei a bola*, estaríamos representando um modelo prototípico da Dinâmica de Forças em que um Antagonista (causador – ‘eu’) exerce uma força sobre um Agonista (a bola) – o qual tem tendência ao repouso, mas movimenta-se através da força exercida pelo Antagonista.

Um ponto importante a ser salientado e que será relevante em nossas análises, é o fato de as entidades de força não serem obrigatoriamente entidades animadas (Johnson, 1987) e também o fato de não operarem somente no campo físico, mas também em ambientes psicológicos. Esses fatores se relacionam com a postulação de Talmy (2000) de que a Dinâmica das Forças é uma categoria fundamental e atuante em domínios básicos para transferências metafóricas, que permitem a projeção de aspectos do campo físico para o psicológico.

Em se tratando da Construção Superlativa Causal Nominal em estudo, nossas análises apontam para o esquema imagético da Escala e da Força e para as metáforas primárias INTENSIDADE É ESCALA e CAUSA É FORÇA FÍSICA (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1999) como bases primárias da rede metafórica complexa dessa construção.

1.2 A teoria conceptual da metáfora

A Teoria Conceptual da Metáfora (Lakoff, 1987, 1993; Lakoff; Johnson, 1980 [2002], 1999) parte de uma afirmação básica de que a metáfora é uma *operação cognitiva fundamental* subjacente à linguagem, ao pensamento e às ações. Os estudos de Lakoff e Johnson tidos como pioneiros³⁹, vão conferir um tratamento mais explícito ao fenômeno, desvelando metáforas conceptuais, como a metáfora Discussão é Guerra, a partir de metáforas lingüísticas, como ilustra o exemplo⁴⁰: (3) “Às vezes é necessário *atacar os pontos fracos da argumentação contrária*...todos nós sabemos que a presença nas aulas é importante, nem sempre nos apetece aturar os professores...”

Assim, concebemos um conceito abstrato e complexo, como *discussão*, em termos de um evento mais próximo de nossa experiência concreta, a *guerra*. O mapeamento de contrapartes traz para o domínio interacional de discussão parte da estrutura do evento bélico. Ataque, defesa, armas, vencedores, vitória, derrota são, pois, elementos desse domínio projetados parcialmente em termos de outro.

Nestes termos, a operação cognitiva metafórica nos leva a compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Dessa forma, realizamos um *mapeamento sistemático e parcial entre domínios diferentes da experiência do sistema conceptual*. Este mapeamento vai envolver dois domínios da experiência, o *domínio-fonte* e o *domínio-alvo* e a projeção entre eles, por sua vez, normalmente é unidirecional, ou seja, dimensionamos e criamos parcialmente o conceito de um domínio abstrato (domínio-alvo) com base em domínios mais concretos e familiares (domínio-fonte). A metáfora,

³⁹ Ressalva-se a abordagem primeira de Reddy (1979) sobre a metáfora do conduto, inspiradora do trabalho de Lakoff e Johnson.

⁴⁰ Este exemplo não faz parte de nosso *corpus*, foi colhido no site de busca www.google.com.br com o único intuito de ilustrar a metáfora em questão com ocorrências do Português.

no entanto, não implica a projeção de todos os traços do domínio-fonte, o que constitui *o caráter parcial* da projeção.

Em obra mais recente, *Philosophy in the Flesh* (1999), Lakoff e Johnson postulam, de modo mais claro, uma relação hierárquica entre metáforas nomeadas como metáforas complexas e metáforas primárias. Nestes termos, uma metáfora do tipo: Propósito de Vida é uma Viagem, é uma metáfora complexa formada por metáforas primárias como: PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS. Uma vez que, nessa perspectiva, os conceitos abstratos são conceptualizados por inúmeras metáforas complexas, sem elas os conceitos estariam reduzidos a meros esqueletos (Carrara; Rodrigues; Uchôa, 2008).

As *metáforas primárias*⁴¹ possuem uma estrutura mínima, seriam átomos que formariam moléculas - as metáforas complexas. As metáforas primárias aparecem naturalmente, automaticamente e inconscientemente através das nossas experiências diárias pelos meios de *conflação*⁴² (Lakoff; Johnson, 1999). Seria exemplo a metáfora FELIZ É PARA CIMA, em que a experiência pessoal de *felicidade* une-se à *orientação corporal* do domínio sensorio-motor, resultando na experiência primária que entrelaça *sentir-se feliz* à postura *ereta, elevada, direcionada para cima*.

Duas metáforas primárias utilizadas no nosso trabalho em virtude da noção *escalar* e da articulação *força física* e *causa* presentes na Construção Superlativa Causal Nominal, são, respectivamente, as metáforas INTENSIDADE É ESCALA e CAUSA É FORÇA FÍSICA, que serão discutidas na seção 2.3.

1.3 Os *frames* semânticos

O conceito de *frame* do qual estamos nos apropriando no presente estudo, parte do pressuposto de que o significado das palavras é organizado a partir de cenários conceptuais ou *frames*, o que permite a compreensão de um conceito que esteja vinculado a ele. Tal estrutura conceptual subjaz ao uso e à interpretação dos itens

⁴¹ A Teoria Integrada da Metáfora Primária apresentada por Lakoff e Johnson (1999) envolve a contribuição de quatro teorias: a Teoria da Conflação (Johnson, 1997), a Teoria da Metáfora Primária (Grady, 1997), a Teoria Neural da Metáfora (Narayanan, 1997) e a Teoria da Mesclagem/Blending (Fauconnier e Turner, 2002).

⁴² Johnson levanta a hipótese de que as metáforas conceptuais emergem através de dois estágios: o período da conflação, correspondente a um nível mais básico de elaboração conceptual, que opera num nível conceptualmente anterior ao dos domínios conceptuais, e um período de diferenciação, responsável pela formação dos domínios conceptuais (Johnson, 1997 apud Lakoff; Johnson, 1999).

lexicais. O *frame* pode ser definido, então, como um mega instrumento de descrição, análise e organização do léxico, que possibilita caracterizar todas as categorias de palavras, frases e expressões, utilizando o mesmo aparato cognitivo – o *frame* (Fillmore; Johnson; Petruck, 2003).

Neste trabalho usaremos o termo *frame* para fazer referência à cena abstrata de Ação Transitiva evocada pela maioria dos itens lexicais que constituem nosso *corpus*. Outros *frames* evocados pela semântica dos verbos licenciados pela CSCN (Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional) serão usados em nossas análises. De fato, a CSCN evoca uma complexa rede de *frames* dentre os quais se incluem ainda o *frame* de Posição em uma Escala e Avaliação, que configuram o sentido básico da construção. Para alguns desses frames utilizaremos o projeto lexicográfico computacional FrameNet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>).

Esse projeto, desenvolvido na Universidade de Berkeley, na Califórnia, tem como objetivo criar uma fonte de pesquisa para o léxico da Língua Inglesa, ancorada na descrição de *frames* semânticos e sustentada por evidências empíricas coletadas em *corpora* eletrônicos, sintática e semanticamente anotados. Dentro dessa perspectiva, duas são as unidades básicas de análise: a Unidade Lexical (união de um significado a uma forma lingüística) e o *Frame* (estrutura conceptual que descreve um tipo particular de situação, evento, objetos, etc.). Outro conceito relevante é o de Elementos do *Frame*. Estes elementos são vistos como funções semânticas e cada *frame* possui um número determinado de elementos nucleares e periféricos (cf. Quadro 4).

2. A Construção Superlativa Causal Nominal

2.1 Uma análise baseada em *corpora*

Embora não seja o foco deste trabalho, devemos ressaltar que, tomada como um Modelo de Uso, a Gramática das Construções põe em relevo o caráter cultural e interacional da rede de signos que compõem o léxico e a gramática. Tal perspectiva implica afirmar que as *construções derivam diretamente dos usos lingüísticos* e que a gramática é uma *rede de construções erguida na cultura*. Em outras palavras, a arquitetura cognitiva da gramática se codifica no uso. As projeções figurativas, neste âmbito, têm o poder de constituir e expandir essa rede de construções de uma língua.

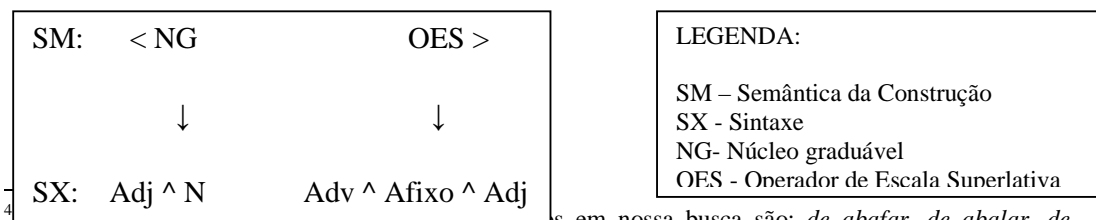
Para os Modelos de Uso, portanto, a emergência da gramática de uma dada língua ocorre a partir de *padrões de frequência de uso* (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2007; Croft; Cruse, 2004; Bybee, 2003). Só que estes são *padrões construcionais*, i.e., pareamentos de forma-função, e não apenas estruturas. Passamos, assim, a reconhecer a sensibilidade dos padrões construcionais da gramática e do léxico à *frequência de ocorrência/token* – relacionada com o processo de *convencionalização* da construção – à *frequência de tipos/types* – relacionada à *produtividade* da construção.

Diante dessas postulações, a adoção de uma análise baseada em *corpora* vem ao encontro das pretensões analíticas sociocognitivistas, por possibilitar a observação das construções em seu *habitat* discursivo real. Assim, buscamos ocorrências da Construção Superlativa Causal Nominal a partir de três fontes, que englobam tanto o registro formal quanto o informal (o *Corpus VISL*, *Corpus* do Português e o site de busca da Editora Abril), montando um *corpus* específico formado por 993 ocorrências e 28 tipos licenciados da CSCN⁴³.

2.2 Apresentando a CSCN

Nosso foco investigativo é, conforme já dito, um nódulo de uma grande rede de padrões construcionais superlativos, constituída de construções mais ou menos centrais. Começamos, então, nos termos da Gramática das Construções (Goldberg, 1995; 2006), por propor um padrão mais aberto para a rede construcional em foco que recobre as combinações mais canônicas ou regulares do Português. Assim, postulamos a Construção Superlativa Nominal Genérica do Português, uma macroconstrução que pode ser configurada da seguinte forma:

Quadro 1: Formalização da Construção Superlativa Nominal Genérica do Português



4 s em nossa busca são: *de abafar, de abalar, de alegrar, de amargar, de apavorar, de arrasar, de arrebatar, de arrebentar, de arrepiar, de arder, de assustar, de atropelar, de cansar, de chorar, de detonar, de doer, de enjoar, de enlouquecer, de foder, de humilhar, de incendiar, de lascar, de matar, de morrer, de ofuscar, de tremer, de viver, de vomitar.*

O Quadro 1, baseando-nos em Goldberg (1995), mostra, de modo genérico, a formalização da Construção Superlativa Nominal Genérica do Português. Utilizando, como exemplo de instanciação de Núcleo Graduável (NG), o adjetivo *linda*, ao qual é aplicado um Operador de Escala Superlativa (OES) que pode ser tanto um advérbio, a exemplo de *demais*, ou um sufixo, a exemplo de *-íssimo* ou um prefixo como *-hiper*. Temos os seguintes exemplos:

(4) Ela é muito chata. / Ela é chatíssima. / Ela é hiperchata (grau superlativo).

Adv.	Adj.	Adj. + sufixo	Prefixo + Adj.
OES	NG	NG OES	OES NG

(5) Ele tem uma boca enorme. / Ele tem uma bocarra. (grau aumentativo)

Subs.	Adj.	Subs. + sufixo
NG	OES	NG OES

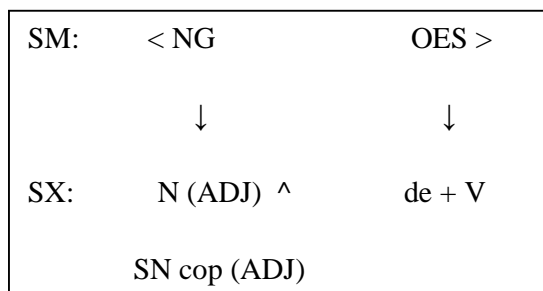
Em termos semânticos, portanto, temos um Núcleo Graduável (NG) e um Operador de Escala Superlativa (OES) que se fundem, de modo analítico ou sintético, à categoria sintática de adjetivo ou substantivo no emparelhamento do que estamos chamando de Construção Superlativa Nominal Genérica do Português.

Estas são, de fato, estratégias de intensificação inteiramente gramaticalizadas em nosso idioma, e, por isso, agregadas à descrição de nossas gramáticas⁴⁴. O que sabemos, contudo, é que a Língua Portuguesa, em sua gama de riqueza expressiva do léxico ou da morfologia, oferece uma rede muito mais ampla de construções de intensidade. Assim, passamos a evidenciar que a CSCN é um dos nós dessa rede. Embora se configure semanticamente como uma construção superlativa em que a um NG se aplica um OES, em termos da forma, temos unidades lexicais *verbais* ocupando a função semântica de Operador Escalar Superlativo.

⁴⁴ O uso de prefixo para marcar grau do adjetivo, ainda que seja uma forma mais informal e menos convencionalizada, já é considerado pelas gramáticas normativas.

Assim, partindo da configuração genérica das Construções Superlativas do Português, podemos propor o seguinte diagrama para a CSCN, uma mesoconstrução, semi-especificada (Goldberg, 1995):

Quadro 2: Formalização da Construção Superlativa Causal Nominal



O esperado é que a função de Operador de Escala Superlativa (OES) seja ocupada por categorias gramaticalizadas para tal função, como os advérbios e afixos. Nas CSCN isso não ocorre, uma vez que a categoria verbal se combina com uma categoria nominal para expressar grau máximo de intensidade desta e não para criar um predicado discursivo real. Assim, na CSCN temos uma reanálise semântica das unidades lexicais verbais que passam à função de Operador de Escala Superlativa.

Após essa identificação mais genérica da CSCN, passamos ao foco deste artigo: a motivação conceptual da construção.

2.3 A motivação conceptual da CSCN

Dentro do paradigma sociocognitivo e construcionista, “gramática é conceptualização” (Croft; Cruse, 2004, p. 1). Nesses termos, a gramática é tida como uma rede de signos, isto é, emparelhamentos de forma e modos de significação semântico-pragmática. Mais que isso, a gramática é *motivada* conceptual e pragmaticamente. Assim, tanto a dimensão conceptual que envolve a participação de esquemas pré-conceptuais básicos, domínios conceptuais, projeções entre domínios, metáforas e metonímias, como a dimensão pragmática que implica o uso lingüístico, funcionam como *inputs* da gramática, intrinsecamente correlacionados.

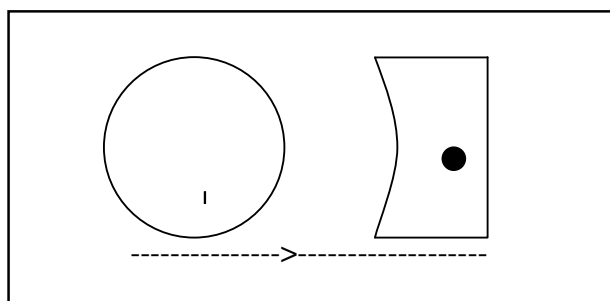
Assim, nesta seção, pretendemos desvelar a motivação cognitiva da CSCN. Consideremos o exemplo (6): “Mas que tal desatar esse nó e assumir as suas madeixas como elas são? Para *um visual de arrasar*, a dica é dar...”; a cena desta ocorrência evoca a força de uma entidade não humana (*visual*) possuidora de um Atributo superlativo implícito (*lindo*) sobre uma entidade humana Afetada.

Tal cena deixa entrever, primeiramente, o esquema imagético da Força, configurado em termos do Modelo da Dinâmica das Forças (Talmy, 2000). Nas Construções Superlativas Causais Nominais, conforme introduzido na seção 1.1.2, tal modelo se traduz na força do Agonista, o que faz dele o foco da construção, de tal modo que o Antagonista não é lexicalmente expresso. O *script* da cena é o seguinte:

- (i) O Agonista (Agente/Causativo) exerce uma *força* sobre o (s) Antagonista (s) (Afetado (s));
- (ii) Tal força desencadeia a tendência intrínseca ao movimento do Agonista contra o Antagonista, entidade mais fraca.

Assim, em termos do Modelo da Dinâmica das Forças, podemos propor o seguinte diagrama⁴⁵ para o exemplo (6): “Mas que tal desatar esse nó e assumir as suas madeixas como elas são? Para *um visual de arrasar*, a dica é dar...” :

Quadro 3: Esquema da Dinâmica das Forças da CSCN – Agonista mais forte



⁴⁵ Conceitos básicos usados no diagrama:

Figura convexa = antagonista

Círculo = agonista

+ = entidade mais forte

Ponto preto = repouso

Traço e seta = o resultado da interação de forças é o movimento

Neste exemplo, temos um Causativo (*um visual*) que é o Agonista (tem tendência ao movimento e nesse estado permanece, uma vez que, na interação das forças, é a entidade mais forte) cuja intensidade de um Atributo implícito na cena (*lindo, maravilhoso*) exerce uma força sobre o Afetado (Antagonista), força esta metaforicamente expressa pela UL *arrasar*. O Antagonista (enunciador) não consegue inverter a tendência do Agonista, uma vez que sua voz se revela apenas através da prática de um ato de fala avaliativo. Portanto, o resultado desse encontro de forças é a manutenção da força intrínseca *agônica*.

Subjacente a este cenário temos ainda a metáfora primária que articula causa e força física – CAUSA É FORÇA FÍSICA.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), o centro do conceito de causalidade é a interferência consciente e voluntária do homem através da força física. Essa nossa noção prototípica de causalidade, envolvendo a ação física, que resulta em uma mudança, levará à formulação da metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA.

Com isso, a união do julgamento de causa à experiência sensório-motora de força resulta na metáfora em questão, utilizada em casos de extensão radial do protótipo (quando a força física é perceptível, saliente), quando a causalidade abstrata é conceitualizada metaforicamente em termos da força (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1999).

Já a metáfora primária INTENSIDADE É ESCALA alia-se ao modelo da Escala, básico na nossa experiência, como estofa do conceito de intensidade. Nesses termos, os aspectos de *mais* ou *menos*, básicos no esquema da Escala, constituem a dinâmica dos domínios escalares de força, quantidade, dimensão, espaço, sensações/estados biofísicos ou psicoafetivos que estruturam as metáforas de intensidade.

A CSCN é caracterizada basicamente por Unidades Lexicais que se agrupam em uma escala semântica referente ao grau de impacto físico, orgânico ou emocional causado no Afetado pelo uso metafórico dessas ULs, como *morrer, doer, arrepiar, vomitar*, entre outras. Segundo Lakoff (1987), o aspecto de *mais* ou *menos* básicos da experiência humana é a base do esquema de Escala que, por sua vez, ancora o desvelamento do significado semântico-pragmático da CSCN.

A intensidade é sempre representada em termos de cenas básicas como dimensão, verticalidade, escala e força. No cenário conceptual da CSCN a *causa* é, pois, metonimicamente representada pela *intensidade*, como vimos no exemplo (6), o que nos

permite evocar a mesma metáfora de forma mais específica: INTENSIDADE É FORÇA FÍSICA.

O resultado dessas motivações conceptuais se traduz em uma *compressão* da cena *scriptizada*, o que pode ser claramente observado na estrutura formal e informacional da CSCN:

- (i) O Agonista (Agente/Causativo) (+ forte), como foco atencional da cena, emerge lexicalmente e em posição de tópico;
- (ii) O (s) Antagonista (s) (Afetado (s)) (+ fraco (s)) é lexicalmente apagado, não tendo expressão sintática;
- (iii) As conseqüências/efeitos da força exercida pela intensidade têm expressão sintática (ULs verbais precedidas da preposição *de*);
- (iv) O Atributo graduado pode ou não ter expressão lexical. É, na maioria das ocorrências, metonimicamente absorvido pelo seu possuidor (TODO PELA PARTE).

No exemplo (7) a seguir temos o Agonista (Causativo) expresso lexicalmente, sendo o foco atencional da cena (*gasolina*). O Antagonista, por sua vez, é apagado e, no caso do exemplo em questão, infere-se ser o *dono do carro*. A UL *assustar*, precedida da preposição *de*, expressa a conseqüência/efeito da força exercida pela intensidade. O Atributo graduado, por sua vez, não tem expressão lexical e é metonimicamente absorvido pelo seu possuidor (*gasolina*).

(7) “... carros que não atendem as necessidades dos próprios americanos. São carros que quebram muito e gastam uma *gasolina de assustar*”.

Um ponto relevante a ser retomado aqui se refere à estrutura informacional da CSCN, que atua enquanto estratégia retórica relacionada à força argumentativa. Assim, as formas linguísticas usadas enquanto intensificadores são usualmente *empregadas com o propósito, dentre outros, de expressar o grau de apreciação, manipular (impressionando o alocutário) e persuadir, revelando, desse modo, a intenção da fala*.

A maneira como se configura o âmbito semântico e pragmático da CSCN vai ao encontro da questão da força argumentativa, só que, neste caso específico, temos a demarcação do grau de intensidade de um Atributo através de uma força imposta pelo

Agonista – força esta executada e direcionada ao Antagonista através de impactos físicos (*arrasar, abalar, detonar...*), orgânicos (*arder, chorar, tremor...*) ou emocionais (*alegrar, enlouquecer...*).

Tal achado analítico constitui-se como um forte argumento em favor do papel da metáfora e da metonímia na constituição da gramática e do léxico, o que veremos na apresentação da metáfora complexa estruturada em nossa cultura Viver é Guerrear (seção 2.6), a qual comprovará este papel das projeções figurativas na emergência de novos padrões construcionais na língua.

2.4 Os múltiplos *frames* que configuram a CSCN

Os verbos que configuram a cena prototípica da CSCN evocam um *frame* de Causa. São verbos causativos em cenas semânticas, isto é, em construções igualmente transitivas. Um *frame* mais abstrato descrito pela FrameNet parece ser o gatilho da cena. Trata-se do *frame* de Ação Transitiva definido como um *frame* que caracteriza, em nível muito abstrato, um Agente ou Causa que afetem um Paciente.

A partir do *frame* de Ação Transitiva investigamos se os 28 *types* que constituem a CSCN poderiam ser separados e agrupados em *frames* herdeiros dessa cena. Um exemplo encontrado, descrito pela FrameNet, foi o *frame* de Causar Emoção (*Cause emotion*), definido nos seguintes termos: um Agente atua para causar em um Experienciador determinada emoção, sendo elementos centrais do *frame* o Agente (a pessoa cuja ação causa uma emoção no Experienciador) e o Evento (acontecimento ou ocasião que evoca determinadas emoções no Experienciador).

Temos 5 ULs em nosso *corpus* que evocam o *frame* Causar Emoção: *assustar, apavorar, enlouquecer, humilhar e alegrar*, somando 80 *tokens*. O que esses verbos têm em comum é o fato de desencadearem algum tipo de emoção ou sentimento em um dos participantes da cena em que aparecem, ou seja, há um Agente cuja ação causa uma emoção sentida de alguma forma por um Experienciador.

No exemplo (8) “...vezes antes de entrar em um avião. É sério. A situação do tráfego aéreo brasileiro descrita pelos dois é *de apavorar...*”, há uma Causa (*situação do controle do tráfego aéreo brasileiro*) que atua sobre um Experienciador não expresso lexicalmente, através de um Evento metaforicamente perspectivizado pela UL *apavorar*

– o que gera emoções negativas no Experienciador – Afetado pelo evento e, mesmo que não expresse lexicalmente, pode ser evocado pela cena mais ampla.

Contudo, tendo em vista o número relativamente grande de ULs e os limites descritivos da FrameNet no presente estágio de seu desenvolvimento, não foi possível o enquadramento de todas as ULs verbais em outros *frames* específicos já descritos. Diante deste obstáculo, inspirados em *frames* herdeiros de Ação Transitiva descritos pela FrameNet, como o *frame* Causar Emoção, realizamos uma divisão semântica das ULs em dois outros campos conceituais que denotam, semanticamente, uma Causa. Assim, passamos a propor a divisão semântica das demais ULs em dois outros *frames*: Causar Impacto Físico e Causar Impacto Orgânico.

Em todas estas cenas, temos basicamente uma Ação Transitiva em que um Agente ou Causativo causa um efeito/conseqüência sobre um Afetado (Experienciador/Paciente/Agente).

No sentido de alinhar os *frames* que participam da CSCN, passamos a nomear o *frame* de Causar Emoção como os demais, ou seja, Causar Impacto Emocional. Assim, temos os seguintes *frames*:

Tabela 1: Os *frames* ativados pelas ULs verbais ⁴⁶

<i>Frames</i>	ULs	Número de <i>Tokens</i>	Frequência de <i>Tokens</i>
1- Causar Impacto Físico	Lascar, foder, matar, arrasar, arrebentar, ofuscar, abalar, abafar, detonar, incendiar, arrebatar, atropelar, morrer	583	59%
2- Causar Impacto Orgânico	Arder, chorar, arrepiar, cansar, doer, enjoar, vomitar, tremer, amargar	324	33%
3- Causar Impacto Emocional	Assustar, apavorar, enlouquecer, humilhar, alegrar	80	8%
	TOTAIS:	987	100%

⁴⁶ É importante ressaltar que, na Tabela 1, a soma dos *tokens* resulta em 987 e não em 993. Isso ocorre devido ao fato de não estarmos enquadrando a UL *viver* (6 *tokens*) em nenhum *frame*, já que a consideramos como uma herança por *decalque* de *morrer*.

Cabe considerar que, no conjunto de todos os *types* verbais licenciados pela CSCN temos apenas dois verbos de semântica positiva – *alegrar* e *viver*. No caso do *type viver*, temos uma herança clara por *decalque* de *morrer*. Digamos que *de viver* e *de alegrar*, são *types* “politicamente corretos” que se contrapõem ao *frame* de impacto, dano, destruição causado pela semântica dos demais *types*.

2.5 A reanálise semântica promovida pela CSCN

O processo de mudança semântica em foco na CSCN, metaforicamente promovido, provoca uma reanálise das expressões em foco, passando a suscitar um *frame* Escalar e um *frame* de Avaliação sem, contudo, tornar opaca a cena de dano, impacto, destruição, suscitada pela semântica dos verbos.

O *frame* Posição em uma Escala (FrameNet) aponta o reenquadre de intensidade promovido por tal processo de reanálise.

Quadro 4: O *frame* de Posição em uma Escala⁴⁷

Posição em uma escala

Definição: As palavras neste *frame* descrevem a posição estática de um Item em uma escala referindo-se a alguma Variável de propriedade.

Elementos do *Frame*: (EFs)

Centrais:

Item [Item] – O EF Item identifica a entidade cuja propriedade escalar é especificada.

Bacon é alto/rico em gordura. (Bacon is high in fat)

Valor [Val] – O EF Valor corresponde à posição ou variações de posição que o Item ocupa em uma escala.

Este carro está com o preço alto/caro. (This car is high in price.)

Variável [Var] – O EF Variável é a propriedade escalar que o Item possui.

Refrigerante tem um alto/rico teor de açúcar. (Soda is high in sugar.)

Não-centrais:

Grau – Este EF identifica o Grau para o qual a propriedade escalar de um Item retém com respeito a alguma

Tomemos os EFs (Elementos do *Frame*) que configuram a cena perspectivizada pelo *frame* Posição em uma Escala (Item, Valor, Variável e Grau) e exemplos de ocorrências do nosso *corpus*. No exemplo (9) abaixo, as inferências semântico-pragmáticas plausíveis em relação à *de arrepiar* remetem, claramente, a uma posição escalar superlativa (EF Grau) de uma propriedade implícita (EF Variável – *forte, imenso*, neste caso) atribuída a uma entidade (EF Item), no caso, o *frio*. Parafraseando temos: *Margarida riu, uma risada que se quebrava naquele imenso frio/frio de arrepiar*.

Vale pontuar o *caráter metonímico* da cena, sua compressão, o que leva à expressão lexical apenas dos elementos em foco que são o Agentivo/Causativo e o Efeito/Consequência. Os elementos “apagados” pela força do Agentivo/Causativo não têm, pois, expressão sintática. Assim, se tentarmos fazer a anotação semântica deste exemplo, uma dificuldade emergirá de pronto. É que o processo de mudança semântica em foco, metonimicamente e metaforicamente promovido, representa uma forte compressão do *frame* de Posição em uma Escala. Como ilustramos no exemplo (9), temos o EF Item expresso pelo item lexical “*frio*” e o EF Grau expresso por *de arrepiar*. Assim, o uso de *arrepiar* metaforicamente impõe um Grau (superlativo) sobre uma propriedade variável inferível (*forte*) de um Item (*frio*).

(9) “queixo batendo. Margarida riu, uma risada que se quebrava, naquele frio *de arrepiar*: - Minha mana, quem está dando ordens é o Louro.” (*Corpus* do Português).

A CSCN evocaria, ainda, um *frame* semântico de Avaliação. Assim, teríamos um EF Avaliador que seria o (s) Afetado (s) pela cena e um EF Avaliado que seria o Núcleo Graduável (Nome e Atributo) que causa o impacto na cena. Tomemos o exemplo abaixo:

(10) “...A gente revela o segredo: é só fazer as contas. Queremos que você entre no biquíni com *curvas de incendiar*”.

Neste exemplo (10), o EF Avaliador, ou seja, aquele que se posiciona subjetivamente com relação ao Causativo (*curvas*) é o enunciador da sentença, ou seja, o Afetado. Já o EF Avaliado são as *curvas* com seus Atributos, não expressos lexicalmente neste exemplo, mas que inferimos ser *maravilhosas, atraentes, perfeitas*, entre outros Atributos possíveis. É justamente esse Núcleo Graduável que causa o impacto na cena – representado metaforicamente pela UL verbal *incendiar*. É importante ressaltar que, embora o Afetado (Antagonista) sofra toda a força imposta pelo Agonista ele consegue, pelo menos, *avaliar a cena*, o que emerge como uma marca discursiva da CSCN.

Sem a pretensão de descrever tal *frame*, tarefa que não cabe dentro dos limites de nosso trabalho, cabe-nos, no entanto, pontuar tal dimensão semântica da cena evocada pela CSCN.

A reanálise semântica promovida pela CSCN não leva, como já afirmamos, à opacidade da semântica dos verbos de base que metaforicamente é incorporada pela construção. Assim, a semântica dos itens lexicais verbais (*Frames* de Impacto Físico, Orgânico e Emocional), que atuam como Operadores de Escala Superlativa é preservada e não há opacidade uma vez que a reanálise construcional preserva o sentido do efeito/consequências causadas sobre o Afetado. De fato, verbos são unidades lexicais de semântica plena e, por isso, resistem a um processo de gramaticalização mais radical ou pleno.

O que as análises empreendidas nesta seção revelam, de modo contundente, é a complexidade semântica da cena perspectivizada como uma CSCN. Temos, assim, a participação de diversos *frames* somando-se à semântica das ULs verbais que permanecem na cena metafórica, a dos *frames* evocados pela semântica da construção – Posição em uma Escala e Avaliação.

2.6 A emergência da metáfora complexa Viver é Guerrear

Toda a cena semântica da CSCN discutida – os *frames* evocados pelas conseqüências de uma causa superlativa (*Frame* de Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional), e sua motivação conceptual – a metáfora primária CAUSA/INTENSIDADE É FORÇA FÍSICA – faz também emergir uma metáfora complexa (Lakoff; Johnson, 1999) por traz da nossa cena causativa: Viver é Guerrear.

Nossa construção faz emergir cenas de sucesso e fracasso em um cenário preferencial da indústria do entretenimento, perspectivizadas pela força, pelo dano ou destruição de um Afetado. Nesse sentido, nossos resultados convergem com o trabalho de Bronzato (2010), apontando um evento cultural de força – a guerra – como *frame* de nova metáfora complexa.

No Quadro 5, temos a formalização da metáfora conceptual Viver é Guerrear atestada

Quadro 5: Mapeamento da metáfora complexa Viver é Guerrear.

Metáfora: VIVER É GUERREAR	
Domínio Fonte: GUERRA	
Domínio Alvo: VIDA	
Mapeamentos:	
GUERREIROS	→ VIVENTES
ARMAS	→ ATRIBUTOS
CONQUISTAS	→ PROPÓSITOS
VENCER	→ TER SUCESSO
PERDER	→ FRACASSAR
VENCEDOR	→ VIVENTE COM SUCESSO
DERROTADO	→ VIVENTE COM FRACASSO
DANOS/DESTRUIÇÃO	→ IMPACTOS físico, orgânico, emocional, moral
CAMPO DE BATALHA	→ VIDA
Evoca duas submetáforas:	
Metáfora SUCESSO É DESTRUIÇÃO	
DESTRUIÇÃO = Fonte. DANOS/DESTRUIÇÃO	
SUCESSO = Alvo. TER SUCESSO	
Metáfora FRACASSO É DESTRUIÇÃO	
DESTRUIÇÃO = Fonte. DANOS/DESTRUIÇÃO	
FRACASSO = Alvo. FRACASSAR	

Este Quadro foi elaborado conforme a notação proposta por Lakoff (2008 apud Pires, 2008, p. 58) ⁴⁸ e para exemplificar as submetáforas evocadas pela metáfora complexa Viver é Guerrear temos:

1- SUCESSO É DESTRUIÇÃO

(11) “... vidinha angustiada de passar o mês treinando matemática no extrato bancário. E como é um caso de remédio, ela que é *chique de doer* pode comprar”.

2- FRACASSO É DESTRUIÇÃO

(12) “... a imprensa o devorou. Gostaria de saber porque a IMPRENSA, não todas, tem medo de devorar este cidadão analfabeto, *burro de doer*, pilantra...”

O foco da CSCN está no *vencedor*, no *derrotado* e nos *danos/destruição*. No exemplo (11), temos um sujeito (*ela*) vencedor, uma vez que é um vivente de sucesso, como atesta o adjetivo (*chique*) e um impacto orgânico (*dor*); já no exemplo (12), temos um sujeito derrotado (*este cidadão*), já que é um vivente fracassado, como explicita o uso do adjetivo (*burro*).

Bronzato (2010) postula a metáfora secundária Sucesso é Destruição em sua descrição das construções hiperbólicas do Português. Neste caso, construções do tipo “*A menina arrasou*” traduzem uma única noção de *sucesso* da entidade/sujeito, o que diverge da nossa proposta com relação à CSCN que remete às inferências avaliativas *positivas* ou *negativas* dependendo do *frame* ativado, embora o impacto sobre o Afetado seja sempre negativo. Diante desses dados que emergiram do *corpus*, postulamos a metáfora complexa Viver é Guerrear como subjacente à nossa construção e que evoca as submetáforas SUCESSO É DESTRUIÇÃO e FRACASSO É DESTRUIÇÃO.

Além de *guerrear* ser uma metonímia de força física, a metáfora Viver é Guerrear permeia a linguagem cotidiana e, por vivenciarmos em nossa cultura, as nossas ações, desejos e papéis que desempenhamos na sociedade serão estruturados com base em uma visão bélica. A CSCN, como um recurso de subjetificação (Traugott, 1995) e auto-expressão, possibilita ao falante se posicionar diante dos acontecimentos que o

⁴⁸ A notação proposta por Lakoff (2008, apud Pires, 2008, p. 58) é a seguinte: (i) o nome da metáfora refere-se à *gestalt* correspondente; (ii) as setas identificam as conexões entre os domínios; (iii) os sinais de igualdade indicam as ligações de elementos da metáfora conceptual com elementos das metáforas primárias; (iv) o enunciado “evocado” indica as metáforas primárias que compõem a metáfora conceptual em questão.

circundam de maneira mais *impositiva, enfática e avaliativa*. Diante disso, a metáfora complexa em questão traduz a forma como nos posicionamos diante dos sucessos e fracassos do outro, i.e., a maneira competitiva com que nos posicionamos e, mais amplamente, a forma como concebemos a vida, que será estruturada e concebida em termos de guerra.

Assim, na vida, enquanto campo de batalha, nós somos os guerreiros, nossos atributos são nossas armas e, dependendo do valor desses atributos, alcançaremos nossos propósitos, conquistaremos o espaço e o mérito que poderia ser de outro, teremos sucesso, seremos vitoriosos. Ao contrário, caso nossos atributos não sejam tão valiosos quanto se espera, perderemos espaço, mérito e seremos derrotados, fracassados. Os danos, destruição, oriundos de toda essa batalha causam impactos emocionais, orgânicos, físicos e até morais naqueles que a disputam. Quando, então, avaliamos e opinamos a respeito daquilo que está fora do nosso campo de batalha, ou seja, da nossa vida, estamos travando uma disputa, uma competição com o outro que pode resultar em fracasso ou sucesso, daí emergem as metáforas SUCESSO É DESTRUIÇÃO e FRACASSO É DESTRUIÇÃO.

Se retomarmos os exemplos (11) e (12) perceberemos que um atributo positivo ou negativo do outro causam, da mesma forma, uma destruição, um impacto que atinge o Afetado. Em “... ela que é chique *de doer* pode comprar.”, por exemplo, a expressão avaliativa do enunciador com relação a *ela* aciona, de pronto, a idéia de disputa, guerra, em que um Atributo valoroso do outro, ao mesmo tempo em que o torna um vivente de sucesso, causa um impacto, um dano no enunciador, metaforicamente expresso pela *dor*.

3. Considerações finais

O presente trabalho, tendo como escopo os pressupostos sociocognitivos fundados pela Lingüística Cognitiva, apostou na insuficiência da forma, na motivação conceptual e pragmática da gramática. Em síntese, esse encaminhamento teórico implica reconhecer que a gramática e o léxico emergem na cultura através do uso.

Nesse enquadre, a hipótese principal foi a de que as Construções Superlativas Causais Nominais (CSCN) constituem um *padrão construcional metafórico* dentro da rede de Construções Superlativas do Português. As bases conceptuais motivadoras da

cena metafórica evocada pela CSCN estão no Esquema Imagético da Força, configurado em termos do Modelo da Dinâmica das Forças que, entrelaçado com o Esquema da Escala e com as metáforas primárias INTESIDADE É ESCALA e CAUSA É FORÇA FÍSICA imprimem a configuração semântica da CSCN – *um modo peculiar, metafórico, de demarcar o grau superlativo de um Atributo através de impactos físico, orgânico ou emocional, que se manifestam de forma negativa sobre o Afetado*. Tais bases também seriam as moléculas da metáfora complexa Viver é Guerrear e suas submetáforas Sucesso é Destruição e Fracasso é Destruição, que ajudam a desenhar a configuração conceptual por traz da cena causativa da construção.

Em termos de contribuição teórica à hipótese sociocognitiva da linguagem, nossas análises realçam *a força das metáforas e metonímias na constituição da gramática e do léxico*. As projeções figurativas têm, portanto, o poder de constituir e expandir a rede de construções de uma língua.

Referências Bibliográficas

ABRIL.COM. *Noticias on-line, atualidades e sites Abril*. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/>>. Acesso em: janeiro – março de 2009.

BARCELONA, Antônio. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In:

BARCELONA, Antônio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective*. New York: Mouton de Gruyter, 2003.

BRONZATO, Lucilene Hotz. *A construção gramatical de hiperbolização: Um caso de coerência metafórica da gramática*. Niterói: UFF, 2010, 226p. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In:

JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

CARRARA, Anna Carolina Ferreira. *As Construções Superlativas Causais Nominais do Português* – uma abordagem construcionista. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 150f.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CARRARA, Anna Carolina Ferreira; UCHÔA, Daniele Novaes; RODRIGUES, Paulo Soares. A metáfora SEXO É ALIMENTO como estratégia de coerência textual nas piadas. *Revista Gatilho*, v. 7, n. IV, 2008.

CARVALHO-MIRANDA, Lara. *As construções concessivas de polaridade negativa no Português do Brasil*. Juiz de Fora: UFJF, 2008. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

CORPUS DO PORTUGUES.ORG. *O corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: janeiro-março de 2009.

CORPUS VISL. *Visual Interactive Syntax Learning*. Disponível em: <<http://visl.sdu.dk/visl/about/>>. Acesso em: janeiro-março de 2009.

CROFT, William.; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, William. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYEKENS, H. *The oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea, ed. *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, C.; JOHNSON, C.; PETRUCK, M. Background to FrameNet. In: *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3, 2003.

GOLDBERG, A. *Construction: A construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chigado: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ANDREW, O. (org.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].

_____. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MIRANDA, Neusa Salim. *Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP ‘Gramática e Cognição’, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008a.

_____. *Gramaticalização e Gramática das Construções – Algumas convergências*. Um estudo de caso: as Construções Negativas Superlativas de IPN. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008b. 108p. Relatório de Pós-doutoramento – Faculdade de Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008b.

PIRES, Robledo Esteves Santos. *O amor é uma viagem*. A teoria cognitivista da metáfora e do discurso amoroso no cancioneiro popular brasileiro. Juiz de Fora: UFJF, 2008, 84p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SILVA, Augusto Soares. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. VII, 2003.

TALMY, Leonard. Force dynamics in Language and Cognition. In: *Toward a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems*, vol. 1. Cambridge: The MIT Press, 2000.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [2003].

TRAUGOTT, Elizabeth. Subjectification in grammaticalisation. In: STEIN, Dieter; SUSAN, Wright (eds.). *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

A metáfora na terminologia ambiental

Anna Maria Becker Maciel⁴⁹

anna.becker@terra.com.br

Patrícia Varriale da Silva⁵⁰

paty_varriale@yahoo.com.br

RESUMO

Na comunicação dos domínios do saber e da atividade humana que se interessam pela preservação da natureza, os interlocutores atribuem novos sentidos a palavras da língua comum e introduzem neologismos pela criação de palavras novas, configurando um conjunto de termos característicos da área ambiental. O objetivo deste estudo é identificar, nesse processo criativo, mecanismos metafóricos responsáveis pelas lexicalizações e pela ativação da especificidade da terminologia ambiental. O estudo se articula no quadro teórico-metodológico da Terminologia Textual, da Teoria Sociocognitiva e das teorias da metáfora discutidas atualmente tais como a Teoria Conceptual e a Teoria Sistemática. Os pressupostos textualistas dos estudos terminológicos da atualidade consideram o termo como um construto que se configura no texto da comunicação especializada em função da conjugação dos condicionamentos sociocognitivos e culturais da área, do especialista e do público alvo. A abordagem sociocognitiva considera a linguagem especializada como um dos elementos formadores e mediadores do conhecimento a partir das capacidades cognitivas da mente humana e da percepção da realidade. Na perspectiva daqueles que defendem o papel da metáfora na cognição, o significado resulta de sistemas de categorização e esquematização da realidade unidos a convenções linguísticas e extralinguísticas que condicionam as escolhas léxico-gramaticais do falante. Basicamente a metodologia compreendeu dois momentos. Em uma primeira fase, após a seleção dos materiais (*corpora* e ferramentas), foram realizados os seguintes procedimentos no *corpus* de pesquisa: coleta de dados, análise e descrição dos dados, discussão das metáforas encontradas. Em uma segunda fase, foi procedida a comparação entre significado especializado na temática ambiental dessas expressões e o significado de unidades lexicais similares no *corpus* de referência. Como conclusão, a necessidade da busca dos itens metafóricos no contexto de uso foi enfatizada. Ao tentar descrever o processo metafórico subjacente ao processo de constituição da especificidade de itens lexicais relevantes da terminologia ambiental, este estudo evidenciou a validade do interrelacionamento de ambas perspectivas, linguístico-cognitiva e metafórica, nos estudos terminológicos.

PALAVRAS-CHAVE: terminologia; metáfora; neologismos; meio ambiente; metáfora verde.

ABSTRACT

⁴⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

⁵⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS; bolsista da PROPESQ – UFRGS – Brasil.

In the communication of areas of knowledge and human activity concerned with the preservation of nature, speakers assign new meanings to common language words and introduce neologisms creating new words and making up a number of terms which characterize the environmental dominion. In this creative process, the purpose of this study is to identify the metaphoric mechanisms accountable for this lexicalization and for activating the specificity of the environmental terminology. The study was carried out under the theoretical and methodological framework of the Textual Terminology, of Sociocognitive Terminology and of the theories of metaphor presently discussed such as the Conceptual Theory and the Systematic Theory. The textualistic presuppositions of terminology studies today regard the term as a construct built within the specialized communication text as a function of the interweaving of sociocognitive and cultural conditionings of the area, of the specialist and of the target audience. The sociocognitive approach considers the specialized language as one of the elements that makes and mediates knowledge from the cognitive capacities of the human mind and from the perception of reality. In the view of those who defend the role of metaphor in cognition, meaning is a result from systems that categorize and schematize reality jointly with linguistic and extralinguistic conventions conditioning the speaker's lexical grammatical choices. Basically our methodology comprehended two stages. Firstly, the following procedures were undertaken: selection of corpora and tools, data collecting, data description and analysis, discussion of candidate metaphoric expressions. Secondly, the specialized environmental meaning of these expressions was compared to similar lexical units found in the reference corpus. As a conclusion, the importance of the clues provided by the contextual use of metaphors was highlighted. By attempting to describe the metaphoric mechanism underlying the process of making up the specificity of lexical items relevant to the environmental terminology, this study evinced the validity of interconnecting both views, the linguistic-cognitive and the metaphoric perspectives, in terminological studies.

KEYWORDS: terminology; metaphor; neologisms; environment; green metaphor.

Introdução

Esta pesquisa tem origem em estudos anteriores voltados para a terminologia ambiental. Nesses estudos, a análise da linguagem utilizada pelos empresários com a intenção de criar a imagem ambientalmente responsável e ecologicamente correta de suas organizações levou à identificação de uma terminologia própria do *marketing* verde (MACIEL et alii, 2004a; MACIEL 2004b; MACIEL, 2006). Tal terminologia sinalizou um campo propício à criação de muitos termos novos a partir da metáfora evocada pelo adjetivo verde e motivou a pesquisa aqui relatada.

A criação de termos novos acontece em todos os grupos que partilham de um mesmo interesse. Na comunicação daqueles que se preocupam com a preservação da

natureza, também surgem palavras e significados que não se encontram nos dicionários. Muitas dessas inovações lexicais, os chamados neologismos, desaparecem, caem em desuso e são esquecidas; no entanto, outras são aceitas pelo consenso da comunidade, permanecem como parte do vocabulário da área especializada e, não raras vezes, passam a integrar o léxico da língua comum. Com o passar do tempo, o uso recorrente e a aprovação da comunidade falante terminam por granjear-lhes a consideração dos lexicógrafos e o conseqüente registro em seus repertórios.

Dentre os processos de formação neológica comuns no português brasileiro, aqui focalizamos a metáfora como um dos responsáveis pelos neologismos semânticos. De acordo com Alves (2004, p.62), esses neologismos consistem basicamente na transposição do conjunto de semas de um vocábulo de determinado campo semântico para outra área. Nas áreas especializadas, a neologia semântica motivada por mecanismos metafóricos é um recurso de criação lexical muito produtivo e, cada vez mais, sua importância é enfatizada na análise de terminologias.

Kocourek (1991, p.169-171) na sua obra sobre a língua francesa usada na ciência e na tecnologia, chamou atenção para a complexidade morfológica, sintática e semântica das metáforas terminológicas e observou com muita propriedade que, frequentemente, elas são paralelas em várias línguas. Além disso, salientou a força bem como a fraqueza da motivação metafórica, contrapondo o valor imagético, poder de evocação, caráter concreto vivo com a ausência de sistematicidade, indicações objetivas e ainda ambigüidade que ele entendia como a aplicabilidade de uma mesma metáfora a uma quantidade muito grande de casos diferentes.

Temmerman (2000, p. 155-217) analisou o impacto dos modelos metafóricos nos processos de categorização e denominação na linguagem das ciências biológicas. Observou que a motivação de tais processos encontra-se no raciocínio metafórico que procura ancorar a compreensão de algo novo, entidade, evento, situação ou processo em analogias com aquilo que já é conhecido, compreendido e experienciado. A autora enfatizou o importante papel que o mecanismo metafórico desempenha na configuração dos conceitos científicos e em sua conseqüente divulgação tanto entre os membros da mesma comunidade como entre o público não especializado.

O objetivo do estudo que ora apresentamos é identificar os mecanismos metafóricos responsáveis pela criação de neologismos na linguagem utilizada a partir da

última década do século passado no discurso focado na conservação da natureza e assim destacar sua importância na ativação da especificidade da terminologia utilizada na temática ambiental. Originada na preocupação do homem pela necessidade de conservar a natureza, essa temática perpassa várias áreas de conhecimento e de atividade humana. Com efeito, constituída por campos que se avizinham, se interligam, se alimentam mutuamente, e transitada por profissionais e amadores oriundos de variados estratos culturais e ideológicos, a área ambiental pode ser caracterizada por sua inter e transdisciplinariedade.

Nesse domínio, como são contemplados inúmeros aspectos do meio ambiente natural e humano, as relações entre campo temático, linguagens, interlocutores e intenções se processam de forma dinâmica atingindo grande complexidade. Consequentemente, a análise dos elementos reveladores de metaforicidade no inter-relacionamento que se processa exige a adoção de uma abordagem que consiga dar conta das múltiplas funções que instauram sua especificidade. Nesse contexto, na tentativa de abarcar ao menos uma fração da multidimensionalidade da presença da metáfora na terminologia ambiental, esta pesquisa se articula em um quadro teórico abrangente.

Com o apoio da Terminologia Textual e da Teoria Sociocognitiva, buscamos, de um lado, o aporte das teorias da metáfora atualmente em foco como a Teoria Conceptual e a abordagem sistemática e de outro, os pressupostos da Linguística de *Corpus*. O denominador comum das teorias que fundamentam nossa abordagem é a visão do significado como resultante de fatores cognitivos e socioculturais mediados pela linguagem na realização textual e atestado por evidências empíricas coletadas em um *corpus* digital de documentos autênticos.

O relato de nosso trabalho está organizado em quatro partes. Depois de introduzir o tema, delineamos a perspectiva teórica em que a pesquisa se situa. Em seguida, descrevemos a metodologia empírica adotada a saber: composição dos *corpora*, seleção das ferramentas, procedimentos de coleta das expressões metafóricas. Passamos então à descrição e análise dos itens selecionados e procedemos à identificação de seu uso metafórico. Depois de discutir os resultados, comparamos o significado contextual especializado das unidades lexicais metafóricas com seu significado em *corpora* de referência e em dicionários. O estudo se conclui pela

validação do mecanismo metafórico examinado em contexto real de uso como um dos processos de ativação da especificidade da terminologia ambiental.

1. Fundamentação teórica

No quadro teórico-metodológico construído, optamos pelos pressupostos textualistas e comunicativos dos estudos terminológicos que consideram o termo como um construto que se configura no texto da comunicação especializada em função da conjugação dos condicionamentos sociocognitivos e culturais da área, do especialista e de seus interlocutores (CABRÉ, 1999; SLODZIAN; BOURIGAULT, 1999). Assim, o significado do termo não é um dado *a priori*, mas o produto de um processo que se constrói na comunicação. No caso da terminologia ambiental, a configuração do significado especializado das unidades lexicais pode ser acompanhada através da leitura de textos publicados a partir de 1972, ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, a chamada Conferência de Estocolmo, até os nossos dias.

À medida que o interesse pela proteção ambiental se difundiu, cientistas, políticos, economistas, gestores da informação, e outros, inconscientemente ou com as mais variadas motivações e propósitos, passaram a criar palavras novas ou atribuir novo sentido a palavras já conhecidas. Tais neologismos pouco a pouco foram aceitos, repetidos, entendidos por todos com significados característicos da temática ambiental conformando um vocabulário específico da área. Construiu-se assim uma mentalidade generalizada da urgência da preservação da natureza como condição primordial para a preservação da vida no nosso planeta.

Nessa mentalidade, a cor verde passou a significar a vida da natureza, abrangendo, em seu simbolismo, em um mecanismo metafórico, tudo o que pode contribuir para sua conservação. Em tal processo, de acordo com Temmerman (1999, 2000), a linguagem torna-se gradativamente um dos elementos formadores e mediadores do conhecimento a partir das capacidades cognitivas da mente humana e da percepção da realidade. Dentro dessa perspectiva, recorreremos aos teóricos que consideram prioritário o papel da metáfora na cognição e na experiência humana.

Ainda que possamos encontrar estudos sobre a força retórica e poética da metáfora há aproximadamente 2.500 anos, por exemplo, em Aristóteles e Quintiliano, hoje, de modo especial, destacamos Lakoff e Johnson. Na época contemporânea, no final dos anos 1970, esses autores, em sua obra “*Metaphors we live by*” demonstraram que a metáfora não é apenas uma figura que ornamenta a produção literária, mas sim, um recurso cognitivo-linguístico presente na linguagem que usamos cotidianamente e desenvolveram a Teoria da Metáfora Conceptual.

A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra (LAKOFF & JOHNSON, 2003, p.5). Por conta disso, a metáfora não está na língua, mas no pensamento, isto é, na maneira como nós conceptualizamos um domínio mental em termos de outro (id. 2006, p.185). Argumentando que o significado é a resultante do entrecruzamento ou mapeamento (*mapping*) de sistemas de categorização e esquematização da realidade, condicionados às convenções linguísticas e extralinguísticas das escolhas léxico-gramaticais do falante, os autores defendem que a metáfora é um fator primordial na estruturação do nosso pensamento. Para eles, a metáfora conceptual é um fenômeno cognitivo que subjaz à linguagem metafórica como sua estrutura profunda.

A metáfora conceptual, que deve sempre ser grafada em letras maiúsculas, é nitidamente convencional e arraigadamente cultural. Nascida na mente do indivíduo, ela é fruto de um desenvolvimento histórico e cognitivo e reflete a maneira de encarar o mundo de determinadas comunidades ou grupos sociais. Oriunda de circunstâncias determinadas e condicionada à mentalidade predominante em certas épocas e civilizações torna-se amplamente difundida na comunicação oral e escrita. Com o correr do tempo, a metáfora original, por assim dizer, infla, extrapola sua origem, determinando o surgimento de um sem número de expressões metafóricas especializadas que proliferam em todas as mídias. Tal é o caso da metáfora conceptual que é enfocada neste trabalho: VERDE É A NATUREZA VIVA.

Nesse entendimento, o presente estudo busca apoio em uma nova corrente do estudo da metáfora, que começou a se desenvolver a partir de 1990, denominada metáfora em uso ou metáfora discursiva que Berber Sardinha (2007, p. 37) prefere chamar metáfora sistemática. Liderados por Lynne Cameron (CAMERON & DEIGNAN, 2009), seus adeptos apresentam a nova corrente como um contraponto à

Teoria da Metáfora Conceptual. Ainda que os autores enfatizem pressupostos de ambos os lados que parecem entrar em choque, consideramos a nova abordagem teórico-metodológica adequada a nossos propósitos por salientar a importância da análise da metáfora em textos autênticos.

Enquanto a representação mental precede a manifestação linguística para aqueles que defendem a metáfora conceptual, para os que aderem às novas tendências, o uso das expressões linguísticas é prioritário e constitui o foco da investigação no evento discursivo. Fortemente influenciados pelos estudos da análise do discurso, eles privilegiam a pesquisa de exemplos da linguagem real observada no contexto da comunicação e não em exemplos isolados inventados pelos filósofos da língua. Afirmam que somente a utilização recorrente e sistemática atestada por evidências coletadas em *corpora* pode legitimar a existência de uma metáfora de natureza cognitiva. Seus argumentos se aproximam da Linguística de *Corpus* e do construto teórico da comunicação especializada sustentado pelas teorias comunicativas e textualistas.

De fato, a Linguística de *Corpus* investiga o uso da língua em uma abordagem empirista, privilegiando a análise lexical no contexto de uso em grandes conjuntos de textos autênticos, *corpus*, examinados por ferramentas digitais (STUBBS, 1996). Prioriza o modelo de língua que considera três aspectos principais: o desempenho dos falantes, os fatos psicológicos da competência individual juntamente com os fatos sociais da língua como sistema (STUBBS, 2001, p.23). Desse modo, a Linguística de *Corpus* ultrapassa o radicalismo das dicotomias tradicionais: *langue/parole*, intuição/dedução, racionalismo/empirismo e pode ser aproximada à perspectiva sistemática que não nega o aspecto cognitivo da metáfora.

Vale dizer que nosso estudo não tem a pretensão de fazer uma análise aprofundada dos mecanismos metafóricos envolvidos na produtividade de neologismos na terminologia ambiental. Nos limites deste trabalho, queremos apenas explorar caminhos para mais pesquisas em um campo que tem muito a oferecer à investigação sob os mais variados prismas. Em tal propósito, optamos por um posicionamento que defende a perspectiva cognitivista, mas, ao mesmo tempo, prioriza o aspecto sociocultural da metáfora.

Assim, não vemos, na utilização progressiva do vocábulo *verde*, uma metáfora metonímica de natureza sinestésica que valoriza o sentido visual da cor. Vemos *o verde* na terminologia das temáticas ambientais como uma maneira convencional aceita mundialmente por consenso e uso socioculturais na era contemporânea para conceitualizar o domínio da experiência do homem em seu relacionamento com o meio-ambiente em termos ecológicos, ambientais, econômicos, ideológicos e políticos que enfatizam a necessidade da preservação da natureza para as gerações futuras. No desenvolvimento dessa conceitualização, acreditamos que se combinam harmonicamente fatores semânticos e pragmáticos, cognitivos e afetivos na expressão linguística metafórica.

2. Metodologia

Basicamente, a metodologia deste trabalho seguiu duas etapas principais. A primeira, depois da organização dos materiais, isto é, a seleção dos *corpora* (*corpus* de pesquisa e *corpus* de referência) e das ferramentas digitais, foi dedicada ao levantamento, à análise, descrição e discussão das expressões metafóricas encontradas. Em um segundo momento, buscou-se a comparação do significado dessas unidades lexicais metafóricas com o significado encontrado em um *corpus* de referência e em obras lexicográficas e terminológicas.

2.1 Constituição dos Corpora

Foram constituídos dois *corpora*: o *corpus* de pesquisa e o *corpus* de referência. O primeiro contém textos especializados, abrange vários *subcorpora* informatizados e trata da temática ambiental. O segundo é um *corpus* de língua comum que, além de contar com uma obra lexicográfica e um glossário terminológico, recorre a um grande *corpus* geral da língua escrita e falada disponibilizado *on-line*.

2.1.1 *Corpus* de pesquisa

Para a composição do *corpus* de pesquisa, por razões metodológicas e operacionais, seguindo o princípio da reusabilidade do material já compilado, optamos por reutilizar *corpora* referentes à Gestão Ambiental, anteriormente constituídos, objeto de estudos anteriores, disponibilizados na Base Gestamb do Acervo Termisul ⁵¹, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A combinação de *corpora* de pequenas dimensões e de grandes extensões encontra justificativa na metodologia preconizada por aqueles que seguem as orientações dos defensores da Teoria da Metáfora Sistemática (CAMERON; DEIGNAN, 2009, p.145).

Assim, selecionamos quatro conjuntos para compor nosso *corpus* de pesquisa: o primeiro (A), contém manuais sobre o sistema de gestão ambiental empresarial, o segundo (B) constitui-se de dissertações e teses sobre o mesmo tema, o terceiro (C) focaliza o *marketing* verde, enquanto o quarto (D) denominado *Corpus* Coimbra reúne teses e dissertações sobre gestão ambiental em um amplo espectro de especializações.

O *corpus* A, que totaliza 82.303 *tokens* (espaços gráficos separados por espaços em branco) e 9.199 *types* (tipos ou realizações diferentes desses espaços gráficos), é de caráter normativo e os textos visam a instruir empresários, gestores, administradores, e auditores não especialistas na área a respeito das normas vigentes nos organismos internacionais de gerenciamento ambiental. Trata-se de textos isentos de critérios de valor em que é frequente a ocorrência da forma verbal no modo imperativo e a definição de conceitos básicos da área.

O *corpus* B perfaz o total de 1.486.232 *tokens* e 46.115 *types*. São textos que apresentam resultados de pesquisas teóricas e aplicadas relevantes para a problemática da conservação da natureza publicadas na Revista Eletrônica da Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – READ ⁵².

O *corpus* C totaliza 239.823 *tokens* e 20.672 *types*. Abrange três segmentos, subcorpora 1, 2 e 3, nos quais o cuidado com a preservação ambiental é o denominador comum, mas os interlocutores, os propósitos da comunicação e as funções

⁵¹ www.ufrgs.br/termisul

⁵² www.read.ea.ufrgs.br

comunicativas são diferentes entre si e também diferentes daqueles dos outros três *corpora* escolhidos. Sua temática é o *marketing* verde, isto é, uma comunicação tematicamente marcada por um fazer persuasivo cujo propósito é conquistar a preferência do consumidor através da construção da imagem ambientalmente correta da organização empresarial.

O primeiro, subcorpus 1, conta com 120.666 *tokens* e 12.302 *types*. São 24 textos de caráter didático, coletados de periódicos acadêmicos, teses, conferências e boletins informativos dirigidos pelo especialista ao não especialista. Entre esses últimos, incluem-se estudantes de administração de empresa, administradores, empresários e profissionais da defesa do meio ambiente, jornalistas e políticos. Por se tratar de um domínio emergente ainda em formação, tais textos se constituem em fonte primária para a construção do novo campo de conhecimento e atividade e, portanto, básicos para a constituição de sua terminologia.

O segundo segmento, subcorpus 2, compreende 95.247 *tokens* e 12.238 *types* em 134 peças publicitárias dirigidas pelas empresas ao mercado consumidor. Trata-se de textos comerciais, seja na forma de propaganda paga, seja na forma de *releases*, isto é, notas divulgadas pela mídia gratuitamente. São textos que visam ao consumidor com o propósito de construir a imagem ambientalmente correta da organização antes que oferecer produtos e serviços.

O terceiro segmento, subcorpus 3, se compõe de 22 textos jornalísticos no total de 23.910 *tokens* e 5.349 *types*. Os textos foram coletados em *sites* ambientalistas e em *sites* de jornais dedicados à temática ambiental. Redigidos por ecojornalistas, isto é, profissionais da imprensa que se dedicam às questões do meio ambiente e/ou por Organizações Ambientais Não-Governamentais, as chamadas ONGs, focalizam questões cruciais que envolvem a proteção da natureza frente à exploração econômica. São textos que não poupam críticas a poderosas organizações que assumem frente ao público a posição de protetoras do meio ambiente para esconder seus verdadeiros propósitos comerciais.

O *corpus* D, Corpus Coimbra, foi construído por Sue Ane Coimbra para a pesquisa de sua Dissertação de Mestrado (COIMBRA, 2011). Compõe-se de teses e dissertações publicadas entre 2000 e 2008, selecionadas do acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e

Tecnologia - IBICT)⁵³ e do Portal Domínio Público⁵⁴. Seu critério de seleção foi a presença do termo gestão ambiental entre os descritores ou palavras-chave. São 203 textos, sendo 31 teses e 172 dissertações, totalizando 6.326.302 *tokens* e 95.131 *types*.

Seus autores são mestrandos e doutorandos de diferentes programas brasileiros de Pós-Graduação como Economia, Engenharias Agrícola, Ambiental, de Produção e Civil, Geografia, Biociências, Ciências Sociais, Administração, Arquitetura, Psicologia, entre outras. A temática abrange a interface da Gestão Ambiental e diferentes segmentos da sociedade (indústrias têxteis, agricultura, pecuária, construção civil, turismo entre outros muitos).

2.1.2 *Corpus* de referência

Com o propósito de comparar a ocorrência das unidades lexicais consideradas metafóricas encontradas nos *corpora* da área ambiental e sua utilização com sentido literal, constituímos um *corpus* de referência. Recorremos ao Banco de Português (BP)⁵⁵, um corpus do português do Brasil criado e mantido no Centro de Recursos Pesquisa e Informação, CEPRIL, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL, da PUCSP. Com mais de 230 milhões de palavras, incluindo entre outros, textos jornalísticos, o BP disponibiliza *on-line* uma amostragem de 1.000.100 palavras.

Dois dicionários em formato papel perfazem nosso corpus de referência. O primeiro é o DUP - Dicionário de Usos do Português do Brasil (BORBA, 2002) e o segundo é uma obra terminográfica, o Glossário de Termos Neológicos da Economia - GTNE (ALVES, 1998). O DUP está baseado em um *corpus* de 70 milhões de palavras coletadas de textos de 1950 a 2000, dentre os quais estão 7 milhões de palavras da revista Veja de 1992 a 1995 e 59 milhões da Folha de São Paulo de 1994 a 1995. O Glossário é o resultado de uma pesquisa de sete anos nos cadernos dominicais de

⁵³ <http://bdt.d.ibict.br/>

⁵⁴ <http://www.dominiopublico.gov.br/>

⁵⁵ <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/>

economia da Folha de São Paulo e nos números mensais da revista Conjuntura Econômica.

Reunindo diferentes *corpora* de pesquisa e de referência, abrangemos múltiplos autores, interlocutores, tipos de textos de uma ampla gama de áreas especializadas bem como da língua comum. Com tal heterogeneidade, pretendemos contemplar a linguagem realmente em uso no Brasil contemporâneo. Dessa forma, pensamos que poderíamos detectar o uso de expressões metafóricas geradas pela metáfora VERDE É A NATUREZA VIVA.

2.2 Seleção das ferramentas

Como ferramentas para a coleta de dados no corpus de pesquisa, escolhemos o programa AntConc 3.2.1w (ANTHONY, Laurence) ⁵⁶, um software livre de manuseio amigável, bastante robusto e confiável, que pode ser facilmente acessado *on-line*. Ele oferece a opção de uso das principais ferramentas de análise textual dentre quais utilizamos especialmente o contador de palavras (*Wordlist*), o concordanciador (*Concordance*) e listador de agrupamentos lexicais (*Cluster*).

No *Corpus* de Português, utilizamos a ferramenta Concordanciador disponibilizada no seu *site*. A consulta aos dicionários foi feita manualmente.

2.3 Procedimentos de coleta

No *corpus* de pesquisa, o primeiro procedimento realizado foi listar todas as palavras do *corpus* total constituído pela junção dos corpora A, B, C e D. O resultado foi 8.134.660 *tokens* e 107.504 *types*. O número de ocorrências da palavra *verde*, 1.591, justificou a opção de concentrar o âmbito da pesquisa na metáfora ambiental ativada por esse vocábulo que, nos limites deste trabalho, constituiu a chave de busca da coleta das expressões relevantes e é também o núcleo primordial de sua descrição.

Em seguida, com o recurso da ferramenta *Cluster*, foi produzida a listagem dos sintagmas compostos por uma palavra mais a palavra *verde* colocada à direita. Os

⁵⁶ http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html

candidatos, selecionados dos diferentes tipos (*types*) de agrupamentos (*clusters*) foram usados como nódulos de concordâncias. Foram produzidos *clusters* de diferentes extensões que foram observados dentro de um mesmo horizonte em seu cotexto (palavras que o precedem e o sucedem) para a seleção dos prováveis candidatos a termos metafóricos, e ainda dentro de seu contexto mais amplo através da ampliação da linha de concordância.

Coletadas e examinadas manualmente em seu cotexto e contexto nos diferentes *corpora* que compõem o *corpus* de pesquisa, as ocorrências de *verde* foram agrupadas de acordo com a categoria gramatical em substantivos concretos e abstratos, adjetivos classificadores e qualificadores e ainda analisadas, de acordo com Borba (1996), segundo sua valência semântica. O propósito de tal descrição é duplo: de um lado, subsidiar a análise do mecanismo metafórico realizado pelo pesquisador e, de outro, contribuir para futuros reconhecimentos de metaforizações com o auxílio de *softwares* especialmente construídos.

No Banco de Português, a palavra *verde* gerou uma listagem de concordâncias que foram analisadas uma por uma segundo sua categoria gramatical e sua valência semântica. Análise semelhante foi feita no verbete *verde* do Dicionário de Usos do Português do Brasil. Buscaram-se ocorrências de sintagmas formados por substantivo mais o adjetivo verde no Glossário de Termos Neológicos de Economia.

3. Descrição análise dos dados

3.1 Verde no corpus de pesquisa

Em nossa busca, contextualizada na temática ambiental, no *corpus* de pesquisa, encontramos aproximadamente 170 expressões diferentes cujo vocábulo *verde* faz referência à preservação da natureza e não à cor. Para melhor entendermos o funcionamento dessas expressões, em primeiro lugar classificamos seus componentes gramaticalmente. Depois os examinamos em contexto para melhor investigar seus colocados e poder decidir de sua metaforização.

A análise no contexto ampliado da linha de concordância permitiu identificar os colocados, isto é, a ocorrência de palavras relacionadas com a temática ambiental que ocorram em seu entorno. Por exemplo, na frase “Interação e compatibilidade do telhado verde com diversas práticas de construção sustentável”, pode-se intuir que *verde* não é a cor da cobertura, mas especifica um tipo de cobertura cuja construção não causa dano à natureza. Desse modo, foi possível reconhecer o mecanismo metafórico que em inúmeras ocorrências do adjetivo *verde* parecia confundido com o significado literal.

Ao categorizar gramaticalmente as expressões encontradas observamos que a ocorrência de *verde* como substantivo é rara, como em “amigos do verde, dotados de responsabilidade ambiental, cuja adesão ao pacto ecológico ocorre de uma forma sobretudo voluntária, apontada por muitos como resultado do processo de conscientização da importância ambiental”. *Verde* como adjetivo adnominal (ADJPadn) posposto ao nome concreto (Nc) – *combustível verde* –, ou abstrato (Na) – *estratégia verde* – formando sintagmas é muito frequente; ocorre também na posição predicativa (ADJPpred) com verbos copulativos, como em *ser verde*. Essas expressões carregam traços característicos da temática ambiental e, portanto, são candidatas a integrarem a terminologia da área seja no caráter de termos ou como combinatórias léxicas especializadas (CLEs) da área. Na posição ante-nominal, o adjetivo verde não ocorreu no nosso *corpus*, parece tratar-se de uma conotação poética, como os tão cantados “verdes mares bravios de minha terra natal” de José de Alencar.

Ainda, observamos indícios de metaforização no processo de derivação que tem como base um adjetivo classificador *verde* e como produto um verbo, *esverdear*, cujo significado corresponde a uma mudança de situação no sentido de algo que passa a ter a propriedade expressa pelo adjetivo, como ilustra o exemplo “Ambientalizar ou esverdear os editais fortalecerá novas bases, de onde emergirão as mudanças na maneira de se trabalhar e de se pesquisar”.

A primeira característica que logo salta aos olhos ao investigarmos exemplos em seu contexto real é a ocorrência eventual do uso de aspas seja abrangendo toda a expressão ou apenas destacando a palavra *verde*. Isso parece sugerir que, durante a redação, o autor considerou que tais unidades léxicas mereciam ser destacadas no texto por ainda não serem totalmente aceitas no discurso em que estão inseridas. Essa

suposição se confirma porque os dicionários publicados antes do ano 2000 não as registram em seus verbetes.

Como mencionamos, o vocábulo *verde* aparece associado a diferentes classes de palavras, os nomes são os mais ocorrentes, tanto abstratos (política, jornalismo, ideias, ideologia) como concretos (carro, combustível, consumidor, sacola, rótulo) são as mais recorrentes. Podemos também observar a derivação verbal verbo, *esverdear* (*esverdear a economia*), assim como sua nominalização, na forma deverbal, *esverdeamento* (*esverdeamento da OMC*).

3.2 Verde no *Corpus BP*

No Banco do Português, observou-se o uso de *verde* na linguagem comum a partir da produção de linhas de concordância. Ao invés de classificador, o adjetivo aqui se comporta como qualificador, atribuindo uma propriedade ao substantivo que modifica. Quanto à sua posição, ele pode ser adnominal posposto ou anteposto ou estar em posição predicativa ou ainda posposto a um particípio passado. O substantivo qualificado é concreto e seu valor denotativo é a indicação da cor. Também ocorre como substantivo masculino singular referindo-se a cor.

Assim, conforme observado na amostragem, o uso de *verde* é o seguinte:

a) adjetivo qualificativo adnominal posposto a nomes concretos, ex: casa, camisa, botão, cabo, olhos, fundo, sinal, estrela, partículas, grama, rosto, grade, cor, cruz, mares;

b) adjetivo qualificativo em posição predicativa com verbos os copulativos, ser estar, ex: os olhos são verdes;

c) adjetivo qualificativo precedido de preposição posposto a particípio passado, ex: vestido de verde; pintado de verde;

d) nome abstrato masculino singular, ex: o verde.

Tais realizações tem sempre o valor semântico de cor e configuram os padrões de uso de adjetivo qualificador.

3.3 Verde no DUP

Do verbete verde no Dicionário de Usos do Português do Brasil (Borba, 2002, p. 1615) foram recolhidos os seguintes dados:

VERDE Adjetivo Qualificador de nome concreto: 1) da cor mais comum das ervas e das folhas das árvores; 2) com vegetação; verdejante; 3) muito pálido, doentio.

Adjetivo Classificador de nome concreto não animado: 4) que ainda não amadureceu; 5) ainda com seiva; 6) feito com uva não madura; de nome humano: 7) jovem, inexperiente; de nome abstrato: 8) da juventude.

Nome masculino: 9) a vegetação; 10) o gramado; 11) o conjunto de todas as plantas; 12) a cor.

3.4 Verde no GTNE

Dentre as expressões metafóricas coletadas no *corpus* de pesquisa, selecionamos aquelas que evocam metáforas econômico-ambientais produzidas pela interface de duas áreas preocupadas com a utilização e a proteção dos recursos naturais. *Mercado verde*, *imposto verde*, *cadeia produtiva verde*, *crédito verde*, *marketing verde*, *investidor verde*, *stakeholder verde* constituem uma amostragem desses exemplos. O GTNE não registra nenhum deles, considerando que o Glossário fundamenta-se em uma coleta em documentos reais especializados em economia publicados na última década do século passado, somos levados a acreditar que tais termos ainda não eram aceitos e até nem tinham sido criados e, portanto, são realmente neologismos cuja permanência na língua não pode ser confirmada até agora.

4. Discussão dos resultados

Ao analisarmos frases em que o *verde* está inserido na língua comum, temos um adjetivo qualificador (ADJql), segundo Borba (1996). O adjetivo qualificador adiciona um traço ao referente, tendo assim um caráter descritivo. Se uma parede é verde, sua cor é um atributo que é somado à parede, mas que não faz parte de sua essência de ser parede.

Conforme anteriormente mencionamos, o *verde* na comunicação daqueles que se preocupam com o meio ambiente parece caracterizar a temática da preservação da natureza. Em outros contextos, isoladamente ou nas páginas de um dicionário, o vocábulo *verde* faz parte da língua comum e é usado sem nenhuma conotação ambiental especializada, seguindo os padrões de uso da competência linguística geral do falante de português no Brasil. Com efeito, na frase “O líquido resultante, o licor verde, tem coloração esverdeada”, retirada do nosso *corpus* de temática ambiental, o adjetivo *verde* não é uma metáfora, é o qualificador de um substantivo concreto, significa a sensação causada na retina por uma das três cores primárias do espectro solar. No mesmo *corpus* ocorre “onda verde” que nada tem a ver com os tons coloridos da água do mar, mas com a mística da proteção à natureza e, portanto, configura uma expressão metafórica, sendo portanto, um adjetivo classificador de um substantivo abstrato.

No caso dos adjetivos que coletamos, sua natureza se difere. Os *verdes* nesses casos são adjetivos classificadores (ADJcl). Ainda segundo Borba (id.), eles tipificam o referente, apresentando um caráter definitório. A mudança de tipologia de tais adjetivos de mesma forma (*verde* qualificador / *verde* classificador) explicita a diferença de significado, o que indica que *verde* sofreu algum processo de transformação que, em nossa hipótese, é o mecanismo da metaforização, que, no entanto, nem sempre gera uma metáfora característica da terminologia ambiental.

Convém salientar que o padrão de uso, adjetivo qualificador, adjetivo classificador, substantivo concreto e substantivo abstrato, não fornece indícios suficientes para o reconhecimento de um uso metafórico. Os exemplos seguintes comprovam que as características gramaticais não bastam para revelar a presença de uma metáfora. Em “a gestão ambiental e a responsabilidade social são reações naturais das empresas diante de um novo cliente, ou seja, o consumidor verde e ecologicamente correto, preocupado com o ambiente natural e social”; e em “adubação verde, técnica de conservação do solo que consiste no plantio de leguminosas (plantas com vargens), e de

sua posterior incorporação ao solo através das arações”, *verde* modifica um substantivo concreto, classifica um tipo de consumidor e um tipo de adubação, é portanto um ADJcl. No entanto, somente o contexto revela o mecanismo metafórico da primeira expressão, *consumidor verde*, que é o consumidor com responsabilidade ambiental.

A percepção visual da natureza é a cor verde. Essa é a característica que mais se destaca, o que mais há em comum a tantos ambientes do “mundo natural”. O domínio da experiência do relacionamento do ser humano com o meio-ambiente fez com que os indivíduos conceitualizassem e internalizassem essa ideia, do mesmo modo com que relacionam a cor cinza com a cidade e ambientes industriais. Portanto, a metáfora conceitual, formada pelo ser humano é: VERDE É A NATUREZA VIVA.

Tendo em vista que a cor verde simboliza a natureza, o raciocínio que se segue é que, na natureza não prejudicada pelo homem, a vida se desenvolve. Se é nesse ambiente que a vida se desenvolve, o homem deve preservá-lo e tomar atitudes que o conservem para, assim, preservar, também, a vida de seus descendentes. A metáfora está formada e, com o uso recorrente e a aceitação da comunidade, torna-se sistemática e produtiva, passível de gerar diversas expressões metafóricas que, mesmo sem terem sido ouvidas anteriormente, podem ser compreendidas intuitivamente e sem esforço pelos interlocutores. Tal é o caso de *carro verde*, *tecnologia verde*, *combustível verde*, *estratégia verde*, em que *verde* significa não poluidor. Ou ainda, *política verde*, *programa verde*, *economia verde*, em que *verde* significa protetor da natureza.

5. Conclusão

A proposta deste estudo foi identificar os mecanismos metafóricos responsáveis pela criação de termos neológicos da linguagem utilizada no âmbito da temática ambiental. Na perspectiva teórica adotada, priorizamos o texto como objeto de significação e comunicação entre interlocutores. Em um *corpus* de pesquisa multifacetado composto de textos heterogêneos sobre o meio ambiente, focalizamos a palavra *verde* como a marca mais saliente das expressões que, na época atual, ativam a mente e manipulam a vontade do público, quer leigo quer especializado, quando se fala da sobrevivência da humanidade na Terra.

A análise do *corpus* de pesquisa permitiu visualizar um domínio multidisciplinar cuja tônica é a proteção dos recursos naturais necessários à vida no qual a imagem visual evocada pela cor verde é a principal bandeira. Talvez primeiro inconscientemente, depois visando ganhar adesão da comunidade, os que lutam pela integridade da natureza desenvolveram a metáfora VERDE É A NATUREZA VIVA. A recorrência da analogia em discursos das ciências biológicas e humanas como Ecologia, Administração, Economia bem como sua prevalência na divulgação de ideologias ambientalistas, políticas, filosóficas e sociológicas assegurou sua permanência na mídia e estimulou sua produtividade como um mecanismo metafórico de criação de neologismos.

Nos instrumentos de contraste que compuseram nosso *corpus* de referência, a presença significativa de expressões novas em que *verde* revela conotação ambiental comprovou seu caráter neológico. De fato, no dicionário de língua comum, no *corpus* eletrônico do português contemporâneo, na obra terminológica consultada, os neologismos coletados em no *corpus* de pesquisa não foram registrados. Esse dado aponta para a realização de estudos posteriores do mecanismo da metaforização do *verde* na terminologia ambiental sob a ótica diacrônica.

No *corpus* de pesquisa e de modo especial no *corpus* de referência, foram encontradas também ocorrências metafóricas de *verde* com conotação não ambiental. Esse dado demonstrou que a simples análise gramatical e semântica da expressão metafórica não é suficiente para caracterizá-la como unidade lexical relacionada a uma área determinada. Realmente, o exame das outras palavras que ocorrem em seu redor, isto é, seu entorno textual de significação, é que contribui decisivamente para ativar sua especificidade.

Este estudo investigou o mecanismo metafórico sob o prisma cognitivo e sociolinguístico, valeu-se dos aportes da Teoria da Metáfora Sistemática, sem ignorar a contribuição da Teoria da Metáfora Conceptual, e privilegiou os princípios da Linguística de *Corpus* ao pesquisar textos autênticos produzidos com o propósito primordial de comunicação em eventos reais. Finalmente, não como conclusão, pois esta pesquisa deverá avançar, nosso trabalho evidenciou a validade do inter-relacionamento de várias perspectivas dos estudos da linguagem.

Referências Bibliográficas

- ALVES, I. M. *Neologismo – Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.
- ALVES, I. M. *Glossário de termos neológicos de economia*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ANTHONY, L. *AntConc (3.2.1 w)* [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2008 . Disponível em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>. Acesso em 04/08/2011.
- BERBER-SARDINHA, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial (Lingua[gem] ; 24), 2007.
- BORBA, F. S. *Uma Gramática de Valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BORBA, F. S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BOURIGAULT, D.; SLODZIAN, M. Pour une terminologie textuelle. *Terminologies Nouvelles*, n.19, déc. 1998 - juin 1999. p.29-32.
- CABRÉ, M.T. *La Terminologia*. Representación y comunicación. Barcelona: IULA/UFP, 1999.
- CAMERON, L. & DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. *Cadernos de Tradução*, n. 25, jul. – dez., 2009. p. 143-167.
- COIMBRA, S.A. *Unidades Fraseológicas Especializadas: avaliação dos critérios para sua identificação e seleção em corpus de Gestão Ambiental*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissert. Mestr. 2011.
- KOCOUREK, R. *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden: Brandstetter, 1991.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: GEERAETS, D. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

MACIEL, A.M.B. et alii (2004a) *Identificando uma "terminologia verde em um corpus textual*. 14º INPLA Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, PUCSP, (2004 a). Disponível em <http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca.php>. Acesso em 11/11/2006.

MACIEL, A.M.B (2004b) *Especificidade da terminologia do marketing verde*. XIX ENAPOLL, Maceió, AL. Não publicado.

MACIEL, A.M.B. (2005) *Elementos semântico-pragmáticos da terminologia do marketing verde*. 15 INPLA Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, PUCSP, 2005. Não publicado.

MACIEL, A.M.B. (2006) *Terminologia e Linguística de Corpus: Reconhecimento de especificidades de termos*. V Encontro de Corpora, Universidade Federal de São Carlos, 24-25/11/2005. Disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/vencontro/vencontro.htm>. Acesso em 04/08/2006.

STUBBS, M. (1996) *Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. London: Blackwell. (Language in Society series, v.23).

STUBBS, M. (2001) *Words and Phrases: corpus studies of lexical semantics*. Oxford: Blackwell, 2001.

TEMMERMAN, R. *Towards new ways of terminology description*. The sociocognitive approach. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

_____. Sociocognitive terminology theory. In: *Terminología y cognición: II Simpósio Internacional de Verano de Terminología*, 13-16 de julio de 1999.

Compostos de substantivo + substantivo: uma aplicação da teoria de integração conceptual

Antônio Suárez Abreu⁵⁷

tom_abreu@uol.com.br

RESUMO

O tema deste trabalho é a descrição da formação dos compostos de substantivo + substantivo em português (S + S), um dos mais produtivos processos de criação de palavras nas línguas do mundo, a partir da aplicação do modelo teórico da integração conceptual (conceptual blending). Esse modelo, desenvolvido inicialmente por Turner (1996) e, posteriormente por Fauconnier e Turner (2002), propõe uma hipótese inovadora para a explicação da maneira como os seres humanos veem o mundo e como utilizam a linguagem em seus diferentes níveis de análise, desde a fonologia (tendo em vista a fonologia como um sistema complexo), até a morfologia, a sintaxe e o texto. Sua aplicação ao tema deste trabalho constitui um avanço considerável em relação aos estudos descritivos tradicionais da gramática com função meramente taxonômica, uma vez que permite explicar, de maneira intuitiva e funcional, como se dá a formação de compostos lexicais requeridos para denominar novas realidades, fatos e eventos, num mundo globalizado em constante evolução, movido pelo instinto de superação do gênero humano. Na análise dos compostos S + S, foi levada em conta também a iconicidade e a contiguidade como importantes atratores, dentro do conceito cognitivista atual que vê a linguagem humana como um sistema adaptativo complexo em constante mudança. Constatou-se que assumir as línguas naturais como sistemas complexos vem sendo cada vez mais importante no sentido de viabilizar descrições mais coerentes e motivadas em todos os níveis de análise linguística. A partir da distribuição dos compostos S + S em três tipos — de origem literal, de origem parcialmente metafórica e de origem inteiramente metafórica —, foram privilegiados pela análise os dois últimos grupos. Na parte final deste trabalho, foi estudado também o processo de pluralização desses compostos, a partir da aplicação da teoria, confrontando os resultados com as análises propostas tanto pelas gramáticas tradicionais, de modo explícito, quanto pela mídia atual, de modo implícito.

PALAVRAS-CHAVES: substantivos compostos; formação de palavras; pluralização; integração conceptual.

ABSTRACT

The subject of this work is the description of the formation of noun + noun compounds in Portuguese (N + N), one of the hugest productive processes of word creation in every language of the world, as from the application of the theoretical framework of

⁵⁷ (Universidade Estadual Paulista, SP.)

conceptual blending. This model, initially developed by Turner (1996) and later by Fauconnier and Turner (2002), proposes an innovative hypothesis for explaining the way human beings see the world and how they use language in its different levels of analysis, from phonology (bearing in mind phonology as a complex system) to morphology, syntax and text. Its application to the subject of this work constitutes a considerable progress in relation to the traditional grammatical descriptive studies with merely taxonomic function, since it allows to explain, in an intuitive and functional way, how the formation of lexical compounds works for designating new things, facts, events, in a globalized world under continuous development, impelled by the surpassing instinct of mankind. In the analysis of the N + N compounds, iconicity and contiguity have been taken into account as important attractors, in the present cognitive conception that sees human language as an adaptive complex system in constant change. It has been perceived that the assumption of natural languages as complex systems has been increasingly seen as essential for making feasible more consistent and motivated descriptions in all levels of linguistic analysis. From the distribution of N + N compounds in three groups — literal origin, partial metaphorical origin and entirely metaphorical origin — there has been privileged the last two groups. In the final part of this work, it has also been studied the process of plural formation of these compounds, as from the application of the theory, by comparing the results with the analysis proposed both by the traditional grammars, in an explicit way, and by present media, in an implicit way.

KEYWORDS: noun compounds; word formation; plural formation; conceptual integration.

Introdução

O caráter extremamente produtivo dos nomes compostos de substantivo + substantivo (S+S) em português e as hesitações da mídia quanto a sua pluralização justificam um estudo sobre o modo como se dá esse tipo de formação. Além dos compostos tradicionais que frequentam há dezena de anos os manuais escolares, como *couve-flor*, *carta-bilhete*, *cirurgião-dentista*, *caneta-tinteiro*, vêm sendo criados e aparecem em jornais e revistas, compostos como *visita-surpresa*, *produto-pirata*, *funcionário-fantasma*, *questionário-padrão*, *empresa-coelho* etc. Segundo Basílio (2009:89), o princípio que motiva esse tipo de construção tem natureza retórica (ênfase) e estilística:

É de se ressaltar o efeito estilístico obtido ao se usar um substantivo para fins de caracterização ou qualificação, em vez de um adjetivo; a força da qualificação é sempre maior, exatamente porque inesperada, correspondendo a um deslocamento da função primária. A esse deslocamento ainda se sobrepõe a força enfática da inclusão da

qualidade na composição do elemento denotado. Por exemplo, festa-surpresa é muito mais enfático do que festa inesperada, porque a qualificação se incorpora na própria denominação em festa-surpresa, enquanto em festa inesperada se mantém a adjetivação como mera qualificação. O tom enfático pode ser ainda maior nos casos em que há um aspecto metafórico, como em sequestro-relâmpago, empresa fantasma etc.

Usarei para descrever esses compostos a teoria da integração conceptual (conceptual blending) proposta por Fauconnier & Turner (2002), atualizada por Bache (2005) e Hougaard (2005) e aplicada à criação lexical por Benczes (2011), Schmid (2011) e Tribushinina (2011).

Na seção 1, farei um resumo dos princípios básicos do modelo da integração conceptual, de modo suficiente para o propósito deste artigo. Na seção 2, proporei uma classificação dos compostos S+S segundo suas características semântico-funcionais. Na seção 3, tratarei dos compostos literais, como *sofá-cama*, *soldado-cidadão*. Na seção 4, dos compostos de origem metafórica como *peixe-espada*, *produto-pirata*. Na seção 5, tratarei da pluralização em geral dos compostos (S+S) e, na seção 6, apresentarei minhas conclusões.

1. O modelo da integração conceptual

Integração conceptual é um processo cognitivo por meio do qual a mente humana une dentro de um mesmo espaço mental duas ou mais entidades ou eventos. Embora, na tradição ocidental esse tipo de combinação tenha sido visto como um recurso da imaginação fantástica ou da literatura, a moderna neurociência mudou esse ponto de vista. De acordo com Turner (1996:109-110):

A habilidade mental de combinar e mesclar conceitos sempre pareceu excepcionalmente literária e imaginativa. Combinar um cavalo com um chifre para produzir a mescla fantasiosa impossível de um unicórnio é um exemplo popular da imaginação literária trabalhando.

Pode parecer que esse processo de combinação possa ser secundário e parasitário: seguramente conceitos certamente estáveis e integrados (cavalo, chifre) e pequenas histórias espaciais (cavalos correm, chifres chifram) devem estar no local e devem ter surgido por meio de processos elementares de percepção e memória antes que processos de segunda ordem como integração e mesclagem possam trabalhá-los.

Só muito recentemente — nos últimos anos — a neurociência começou a sugerir que o oposto pode ser verdadeiro. Pode ser um erro impressionar-se demasiadamente, neste momento, com detalhes específicos das várias teorias neurocientíficas que tem surgido, mas um princípio geral está surgindo e é esse: Nos níveis mais básicos da percepção, de entendimento, e de memória a mesclagem (blending) é fundamental.⁵⁸

Fauconnier & Turner (2002:90) manifestam o seguinte pensamento a respeito desse processo:

Esperamos mostrar que o estudo da mesclagem, como a química, tem o potencial de mudar nossa visão de mundo, incluindo muitos fenômenos diferentes para os quais tínhamos descrições parciais, conectando-os e ousando descobrir novos fenômenos que ainda não tínhamos visto.⁵⁹

Várias situações diárias podem exemplificar esse processo, como parentesco, identidade profissional, identidade entre o artista e seu papel, formação de conceitos.

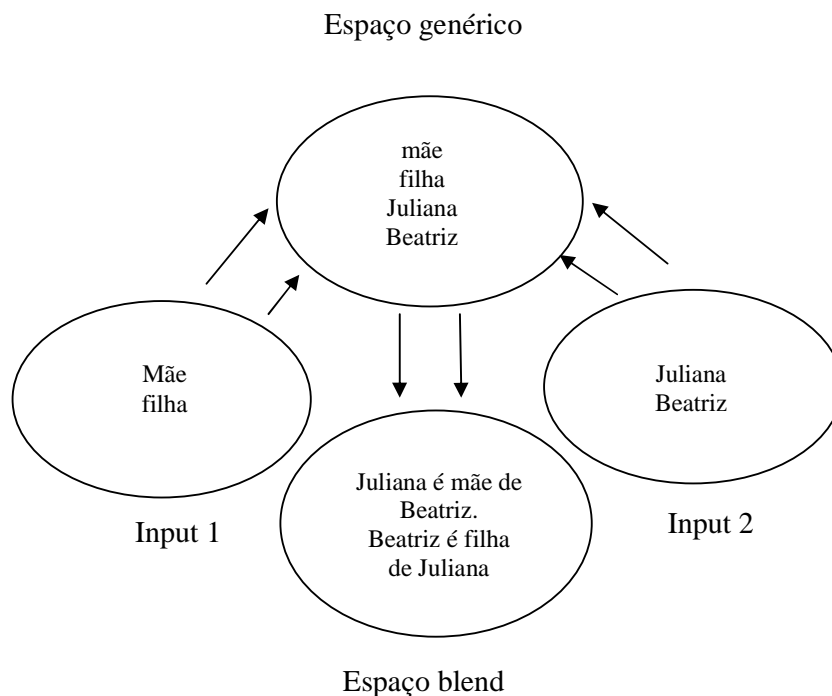
⁵⁸ No original: The mental ability to combine and blend concepts has always seemed exceptionally literary and imaginative. Combining a horse with a horn to produce the impossible fantasy blend of a unicorn is a popular example of the literary imagination at work. It may seem that this process of combination must be secondary and parasitic: surely stable and integrated concepts (*horse, horn*) and small spatial stories (*horses run, horns impale*) must be in place and must have arisen by elementary processes of perception and memory before second-order process like integration and blending can work on them.

Only very recently — in the last few years — has neuroscience begun to suggest that the opposite might be true. It would be a mistake to hang too much at this stage on the specific details of the various neuroscientific theories that have arisen but a general principle is emerging, and it is this: At the most basic levels of perception, of understanding, and of memory, blending is fundamental.

⁵⁹ No original: We hope to show that the study of blending, like chemistry, has the potential to change our view of the world, subsuming many disparate phenomena for which we had partial descriptions, connecting them, and branching out to discover new phenomena we had not seen.

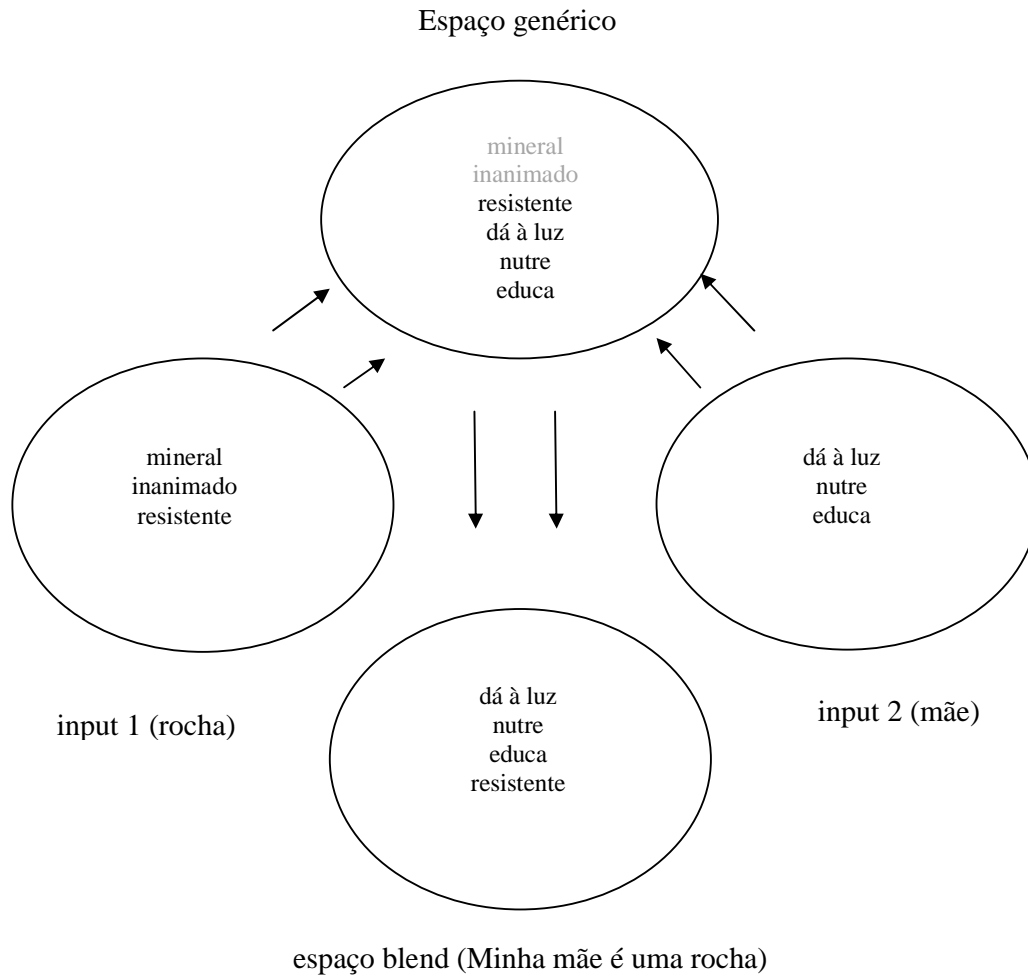
Se minha tia aparece em casa e pergunta por sua irmã, imediatamente faço a integração conceptual entre sua irmã e minha mãe e sei que se trata da mesma pessoa. Quando um comentarista esportivo diz que a desclassificação da Seleção Brasileira na Copa de 2010 se deveu ao comportamento intransigente do técnico, imediatamente faço a integração entre técnico e Dunga. Posso, por meio do mesmo processo, dizer a alguém que Al Pacino morreu ao final do filme intitulado “Insônia”, mas no seguinte, “88 minutos”, salvou a vida de uma policial. Para atribuir sentido ao que eu disse, meu interlocutor imediatamente integra o ator a dois personagens diferentes, evitando o absurdo de atribuir a capacidade de ressurreição a um ser humano.

Fauconnier & Turner (op. cit.:43) propõem um modelo gráfico para descrever o processo de integração conceptual ou blending que ocorre num espaço mental, quando unimos duas realidades por um nexos qualquer. Segundo eles, a partir de dois inputs, cada um deles com os elementos que pretendemos mesclar, surge um espaço genérico que engloba os elementos de ambos os inputs. A seguir, surge um espaço denominado espaço “blend”, em que se realiza a integração. Exemplo:



Em muitos casos, sobretudo na criação de metáforas, nem todos os elementos do input 1 são integrados no espaço blend. Imaginemos a seguinte metáfora: *Minha mãe é*

uma rocha. Dentro da proposta de Fauconnier & Turner, teremos o seguinte esquema gráfico:



Como se vê no esquema acima, os elementos *mineral* e *inanimado*, inerentes ao frame de rocha, são desintegrados ou desabilitados no processo metafórico. Apenas o elemento *resistente* é integrado no processo. Quando eu digo que minha mãe é uma rocha não pretendo dizer que ela é inanimada ou tem natureza mineral. Quero dizer que ela tem resistência física ou moral. Esse processo de desintegração já tinha sido proposto por Fauconnier & Turner (op. cit.) para evitar o que eles chamam de choque (clash) numa rede de duplo escopo (double scope network), mas foi desenvolvido de maneira mais explícita por Bache (2005) e Hougaard (2005). Segundo Bache (op. cit, p. 1 616),

...enquanto a mesclagem (blending) serve para combinar e unificar inputs separados em espaços mentais mesclados, a desintegração serve para fragmentar ou dividir todos conceptuais em elementos, traços e estruturas parciais que podem ser recrutados para projeção individual em espaços mesclados (blended spaces).⁶⁰

2. Natureza dos compostos substantivo + substantivo

A formação de compostos de substantivo + substantivo é um processo bastante produtivo em português. Normalmente, a primeira palavra é o elemento central do significado, enquanto a outra funciona como elemento qualificador, como se vê em: sofá-cama, sócio-gerente, produto-pirata, sequestro-relâmpago. Um sofá-cama é um sofá, um sócio-gerente, um sócio, um produto-pirata, um produto e um sequestro-relâmpago, um sequestro.

É possível estabelecer três grandes grupos de compostos substantivo + substantivo (S+S):

- 1 – Compostos de significação literal, como sofá-cama, soldado-cidadão, tíquete-alimentação, salário-família;
- 2 – Compostos em que o substantivo qualificador tem origem metafórica, como peixe-espada, sequestro-relâmpago;
- 3 – Compostos com origem inteiramente metafórica como: pé-de-cabra, copo-de-leite.

É possível, no primeiro grupo, identificar dois subgrupos: a) o dos substantivos compostos em que a relação entre os dois elementos se dá por coordenação e b) o dos

⁶⁰ No original: ...while blending serves to combine and unify separate inputs in blended mental spaces, disintegration serves to fragment or partition conceptual wholes into elements, features and partial structures that may be recruited for individual projection to blend spaces.

substantivos compostos em que a relação entre os dois elementos se dá por subordinação, uma vez que o segundo revela a finalidade do primeiro. Sofá-cama e soldado-cidadão pertencem ao primeiro grupo, pois um sofá-cama é um sofá e uma cama, um soldado-cidadão é um soldado e um cidadão. O mesmo não se pode dizer em relação a tíquete-alimentação e salário-família, uma vez que um tíquete-alimentação não é alimentação, mas um tíquete *para* ou *de* alimentação e um salário-família não é uma família, mas um salário *para* família. Em ambos os casos a preposição é omitida entre os componentes.

O segundo e o terceiro grupos são formados por processos metafóricos adaptativos que podem ser descritos por meio do modelo da integração conceptual (conceptual blending), aplicado à formação de compostos por Schmid (2011), Benczes (2011) e Tribushinina (2011). De acordo com Benczes (op. cit. P. 258):

Eu afirmei acima que os compostos metafóricos substantivo-substantivo são especialmente apropriados para uma análise baseada em mesclagem (blending), uma vez que essa metodologia está apta a explicar as integrações de sentido frequentemente bastante novas e criativas de que eles são exemplos.⁶¹

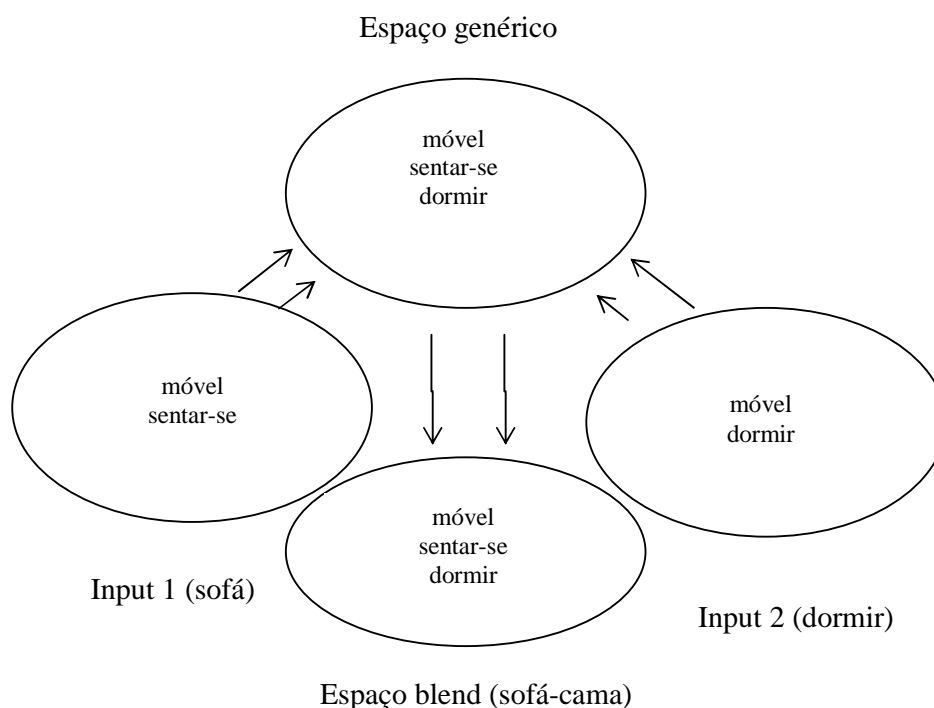
3. Compostos do primeiro grupo ou de significação literal

Esses compostos são caracterizados por aquilo que Fauconnier & Turner chamam de mirror network, ou seja, uma construção em que tanto o input 1 quanto o input 2 compartilham o mesmo frame, incluindo o blend. Sintetizando o funcionamento desse tipo de construção, Evans e Green (2006:426) dizem que:

⁶¹ No original: I have claimed above that metaphorical noun-noun compounds are especially suitable for a blending-based analysis, as such a methodology is able to explain the often highly novel and creative integrations of meaning that they exemplify.

De acordo com Fauconnier e Turner, o traço que define uma rede espelho (mirror network) é que todos os espaços na rede compartilham um frame comum, incluindo a mesclagem (espaço blend).⁶²

Vejam, como exemplo, a formação semântica de *sofá-cama*:



4. Compostos de origem metafórica

Nesses compostos, o elemento central, que é o primeiro substantivo, é tomado em sentido literal e o segundo, em sentido metafórico. Um *peixe-espada* é um peixe, mas não é uma espada, literalmente falando. Tem apenas um bico cuja forma lembra o feitio de uma lâmina de espada. Há aí um processo de integração conceptual, com base na zona ativa (cf. TRIBUSHININA, 2011:271-272) do elemento escolhido como qualificador.

⁶² No original: According to Fauconnier and Turner, the defining feature of a mirror network is that all the spaces in the network share a common frame, including the blend.

4.1. Zonas ativas

A zona ativa posta em destaque, mesmo em situações não metafóricas, depende de aspectos culturais e também do contexto (situação interdiscursiva) (cf. TRIBUSHININA, 2011:273-275). Quando dizemos que uma determinada casa é azul, a zona ativa é apenas a cor das paredes externas. As paredes internas não são necessariamente azuis. Externamente, as portas e janelas podem ser pintadas de branco ou cinza e a casa continua a ser azul. Com relação ao contexto interdiscursivo, vejamos os dois trechos a seguir:

Os hotéis [de Dubai] são cheios de dourado (quando não de ouro mesmo), **peixes vermelhos**, paredes azul-rei, vidraças imensas, suítes presidenciais de deixar boquiaberto. Mais pela suntuosidade do que propriamente pela beleza. (*Folha de S. Paulo*, 8.06.2009)

O cardápio, comum a todas as casas, tem uma seleção primorosa de moquecas, além de grelhados e outros pratos de frutos do mar. O **peixe-vermelho**, típico das águas salgadas baianas, chega à mesa assado inteiro e recheado com farofa de camarão. (Revista *Veja*, dez. de 2007)

No primeiro deles, a zona ativa é a parte externa do peixe. Afinal, trata-se de peixes ornamentais. No segundo, a parte interna, como acontece com o salmão.

Esse mesmo processo de integração de elementos do frame que consideramos zonas ativas, e desabilitação de outros elementos acontece na formação de substantivos compostos de origem metafórica. Quando se fala de *peixe-espada*, tem-se em mente integrar apenas o formato da lâmina da espada. Outros elementos do seu frame como *arma*, *empunhadura*, *aço* são desabilitados, como foi explicado na seção 1. Em *bolsa-sanduíche*, integra-se apenas a disposição dos componentes de um sanduíche: um recheio (de carne, presunto etc.) entre duas fatias de pão. Trata-se de uma bolsa de estudos que ocorre entre dois períodos de orientação no trabalho de uma tese. O recheio é entendido como o período de tempo em que o candidato fica no Exterior e as duas

fatias de pão, como os períodos de orientação no país de origem do bolsista: o primeiro antes da bolsa e o segundo, após a bolsa. Em *sequestro-relâmpago*, o elemento integrado é apenas a rapidez. Outros elementos do frame como *fenômeno elétrico natural*, *luminosidade* são desabilitados.

Em alguns casos, o processo depende mais de aspectos vinculados à cultura e à história. Recentemente, os jornais brasileiros trouxeram a público um tipo de falcatura empregada por empreiteiras para fraudar processos de licitação junto ao Ministério dos Transportes. Trata-se de um procedimento em que uma determinada empresa oferece um preço vantajoso, bem abaixo do praticado no mercado, e ganha a licitação. Logo após a vitória, entretanto, desiste e a execução da obra fica a cargo da segunda colocada, em procedimento previamente combinado. A empresa que ganha por ter oferecido o menor preço e depois sai da concorrência recebe o nome de *empresa-coelho*⁶³. Por que esse nome? Por uma alusão às corridas de cães galgos muito comuns ainda em vários países como Estados Unidos e Inglaterra. Para que os cães sejam estimulados a correr por si sós (afinal, não existe jóquei de cachorro), põe-se um coelho artificial como isca, correndo sobre um trilho à frente dos cães. O coelho, é claro, não ganha nada. Quem ganha é o “segundo colocado”, ou seja, o primeiro cão a atingir a linha de chegada. O elemento do frame de *coelho*, integrado semanticamente no sentido metafórico de *empresa-coelho* é, portanto, o de isca, vindo do contexto desse tipo de corrida. Outros, como *animal pequeno*, *orelhas grandes*, *herbívoro* etc., são desabilitados.

Importa notar que, em todos esses compostos metafóricos do segundo grupo, o nexos entre ambos os componentes continua a ser o de coordenação. Um peixe-espada é um peixe e é uma espada, no formato de seu bico alongado e agudo; um sequestro-relâmpago é um sequestro e é um relâmpago, em seu aspecto de duração rápida; uma empresa-coelho é uma empresa e é um coelho, em sua característica de chegar à frente, mas não ganhar a corrida.

O terceiro grupo contém os compostos em que ambos os elementos têm origem metafórica, como *copo-de-leite*, *pé-de-cabra*, *boi-de-piranha*, *testa-de-ferro*. A maioria desses compostos tem, comumente, sua origem num processo de iconicidade. A flor

⁶³ Texto publicado na edição de 3.08.2011 da revista *Isto é*: Empresa coelho. Na fiscalização que fez no Comprasnet, o sistema de compras do governo federal, uma irregularidade em especial chamou a atenção dos auditores do TCU. Uma empresa de construção civil ganhou 11 mil concorrências em dois anos. Assim que era declarada vencedora, abria mão do contrato a favor do segundo colocado — cujo preço em geral era 100% acima do mínimo fixado no pregão. Parece caso de polícia. E é.

denominada copo-de-leite, por exemplo, deve seu nome à imagem de um copo cheio de leite. O mesmo acontece com pé-de-cabra, cuja forma e tamanho se assemelham a um pé de cabra, com sua extremidade bifurcada. *Boi-de-piranha*, originalmente, é um composto pertencente ao primeiro grupo, de sentido literal, em sua acepção primeira de ser um boi que, na travessia a vau de um rio cheio de piranhas, é levando a atravessá-lo por primeiro para ser propositadamente atacado por esses peixes carnívoros, enquanto, mais abaixo, o resto da boiada passa o rio em segurança. Adquire, entretanto, um significado inteiramente metafórico quando empregado em trechos como:

O cinema não passa de um **boi de piranha** nesse processo. O que interessa à indústria não é o sucesso desse ou daquele filme, mas difundir o 3D em função da televisão, dos novos aparelhos que logo tomarão o mercado, tornando insuportável a vida de quem não tiver um.

(Ruy Castro. *Folha de S. Paulo*, 17.04.2010)

Esse composto, designando o cinema, tem aqui um sentido inteiramente metafórico, com o objetivo de designar o cinema que passa filmes em 3D, mesmo com prejuízo, apenas para permitir a divulgação dos televisores 3D que aumentarão as vendas das indústrias do setor. Nesse caso, o elemento integrado conceptualmente do frame do *boi-de-piranha* original é apenas o elemento *sacrifício*.

A origem de muitos dos compostos do terceiro grupo oferece desafios dignos de um detetive de palavras. *Testa-de-ferro*, por exemplo, parece ser um empréstimo do italiano provindo de uma alcunha dada a Emanuele Filiberto di Savoia (1528-1580), nobre e militar italiano que lutou em várias guerras defendendo a Espanha, principalmente.

4. Pluralização dos compostos S + S

Uma outra questão ligada aos compostos S + S é a dificuldade que as pessoas têm em relação à sua pluralização, principalmente os do segundo grupo, o que é facilmente notado na mídia brasileira. Jornais e revistas atuais apresentam uma nítida preferência em pôr no plural apenas o primeiro elemento, como podemos ver nos seguintes trechos retirados do jornal *Folha de S. Paulo*:

Atenção, consumidores: não tentem limitar as idas aos caixas, sacando muito dinheiro em espécie, pois facilita roubos, **sequestros-relâmpago** e outros crimes. (23.05.2011)

O cirurgião plástico Ithamar Stocchero, presidente da Associação Brasileira de Engenharia de Tecidos e Estudos das **Células-Tronco**, explica que o uso de células-tronco em cirurgia plástica ainda não existe. (17.07.2011)

Como tem feito nos últimos anos, o estilista criou camisetas com **palavras-chave** da coleção. (10.06.2011)

Embora seja essa a tendência geral, vez ou outra surgem exemplos em que os dois elementos são pluralizados como em:

...a população de Buenos Aires está assustada com o aumento de latrocínios (roubos seguidos de morte) e **sequestros-relâmpagos**. (10.07.2011)

O primeiro teste mundial do uso de **células-troncos** adultas no tratamento de doenças respiratórias em humanos vai começar na próxima quinta-feira no Brasil. (8.08.2009)

O Twitter está cheio de spambots, robôs virtuais que simulam perfis convencionais para enviar propagandas. A atividade deles é acionada por **palavras-chaves**. (13.07.2011)

Cumpra dizer que, em *célula-tronco* e *palavra-chave*, o segundo elemento é também metafórico: *célula-tronco* é uma célula e um tronco do qual foi apenas integrado, metaforicamente, o elemento “capaz de produzir vários órgãos” — em uma planta esses órgãos são galhos, folhas, flores, frutos —, ficando desabilitado “caule lenhoso de árvore”; *palavra-chave* é uma palavra e uma chave, da qual foi integrado, metaforicamente, apenas o elemento “acesso”, ficando desabilitado “artefato metálico que se introduz na fechadura”.

Nessas palavras pertencentes ao segundo grupo, portanto, o nexos existente entre seus componentes é o de coordenação, como acontece em *sofá-cama*, *soldado-cidadão*, *porta-janela*. Logo, pluralizar ambos os elementos desses compostos é a solução adequada, dentro da língua padrão. Ao lado de plurais como *sofás-camas*, *soldados-cidadãos* e *portas-janelas*, devemos ter, pois, *sequestros-relâmpagos*, *células-troncos*, *palavras-chaves*. A pluralização apenas do primeiro elemento fica restrita apenas a casos em que existe uma preposição, seja ela explícita, como nos compostos do terceiro grupo — *pés-de-cabra*, *copos-de-leite* —, ou subentendida, como em alguns compostos do primeiro grupo, — *tíquetes* (de / para) *alimentação*, *salários* (para) *família* —. De acordo com Abreu (2004), as preposições em português funcionam como barreiras para a concordância tanto em sintaxe quanto em morfologia. Se temos de pôr no plural uma frase como: *O recipiente de vidro deve ser grande.*; a palavra *vidro* fica no singular: *Os recipientes de vidro devem ser grandes.* A preposição *de* bloqueia a “passagem” da concordância. Dizemos, também, *Esses livros são fáceis de ler.* e não *Esses livros são fáceis de lerem.* O mesmo acontece com substantivos que denominam cores, como *rosa*, *cinza*, em: *blusas rosa*, *blusas cinza*, *blusas areia*. Acha-se aí omitida a expressão *cor de*, que contém a preposição *de*: *blusas cor de rosa*, *blusas cor de cinza*, *blusas cor de areia*. O mesmo também ocorre, pelo mesmo motivo, nos compostos indicativos de cores como: *blusas amarelo-ouro*, *blusas verde-abacate*.

Em algumas situações, entra em ação a iconicidade, tornando possíveis dois pontos de vista de percepção. É o caso, por exemplo, de *caminhão-tanque*. Pode-se, como no cubo de Necker, ver esse veículo de duas maneiras diferentes: um caminhão com um tanque, literalmente; ou um caminhão que é um tanque, metaforicamente. No primeiro caso, haverá uma preposição implícita, gerando o plural *caminhões-tanque*

(caminhões *com* tanque). No segundo, na ausência de preposição, teremos *caminhões-tanques*. O mesmo acontece com *carro-pipa* e com *homem-bomba*. Podemos, iconicamente, ver um *carro-pipa* como um carro com pipa (e então teremos o plural *carros-pipa*), ou um carro que é, metaforicamente, uma pipa (e então teremos o plural *carros-pipas*). Podemos ver um *homem-bomba* como um *homem* com *uma bomba* (e então teremos o plural *homens-bomba*, ou um homem que é metaforicamente uma bomba (e então teremos o plural *homens-bombas*).

6. Conclusão

A descrição dos compostos S + S em português, por meio da teoria da integração conceptual, contribui não somente para o entendimento de como se processa cognitivamente um dos mais produtivos mecanismos de criação de palavras na língua, mas também para o entendimento dos processos de pluralização das palavras compostas em geral. Em termos mais gerais, a formação desses compostos está vinculada ao princípio da língua como um sistema adaptativo complexo e à ação não apenas de “atratores previsíveis” como iconicidade e contiguidade, mas também de “atratores histórico-culturais” que, por serem pontuais e imprevisíveis, podem ser chamados de atratores estranhos (strange attractors). Já existe, atualmente, considerável literatura sobre o assunto, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos. Como exemplo, pode-se citar Ellis e Larsen-Freeman (2009) e Larsen-Freeman e Cameron (2008). Em português, cumpre destacar a obra pioneira de Oliveira e Paiva e Nascimento (2009).

Referências Bibliográficas

ABREU, Antônio Suárez. *Gramática mínima para domínio da língua padrão*, 2^a ed. São Paulo: Ateliê, 2004.

BACHE, Carl. Constraining conceptual integration theory: Levels of blending and disintegration. *Journal of Pragmatics*, 37,1615 - 1635, 2005.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*, 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2009.

BENCZES, Réka. Blending and creativity in metaphorical compounds. HANDL, Sandra & SCHMID, Hans-Jörg (Eds.). *Windows to the mind: metaphor, metonymy and conceptual blending*, Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2011.

ELLIS, Nick C. & LARSEN-FREEMAN, Diane (edits.). *Language as a complex Adaptive System*, Michigan: Language Learning Research Club, 2009.

EVANS, Vyvyan & GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2006.

FAUCONNIER, Gilles, & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*, New York: Basic Books, 2002.

HOUGAARD, Anders. Conceptual disintegration and blending in interactional sequences: A discussion of new phenomena, processes vs. products, and methodology. *Journal of Pragmatics* 39, 1 653 – 1 685, 2005.

LARSEN-FREEMANN, Diane & CAMERON, Lynne. *Complex Systems and Applied Linguistics*, Oxford: Oxford University Press, 2008.

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes e NASCIMENTO, Milton do (orgs.). *Sistemas Adaptativos Complexos*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

SCHMID, Hans-Jörg. Conceptual blending, relevance and novel N + N compounds.

HANDL, Sandra & SCHMID, Hans-Jörg (Eds.). *Windows to the mind: metaphor, metonymy and conceptual blending*, Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2011.

TRIBUSHININA, Elena. Reference points in adjective-noun conceptual integration networks.

HANDL, Sandra & SCHMID, Hans-Jörg (Eds.). *Windows to the mind: metaphor, metonymy and conceptual blending*, Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2011.

TURNER, Mark. *The Literary mind: the origins of thought and language*, Oxford: Oxford University Press, 1996.

Coerência e relação nas cartas brasileiras do Padre Antônio Vieira: uma visão cognitivista e cultural

Maria Betânia Arantes Barros
barros_betania@hotmail.com

RESUMO

Charolles (1997) afirma que um dos critérios para avaliar a coerência de um texto é a metarregra de relação, segundo a qual o que se diz num texto tem de estar de acordo com um estado de coisas no mundo real ou em um mundo possível.

Tem este trabalho o objetivo de analisar fatos narrados pelo padre Antonio Vieira em suas cartas, durante a primeira invasão holandesa, à luz dessa metarregra. Nos textos de Vieira é possível encontrar vestígios de como era concebido o mundo vivido por ele, em sua época, em função da cultura e crenças dominantes, e que hoje seriam vistos como flagrantes violações da realidade.

Minha pesquisa tem como referencial teórico, a linguística textual e, sobretudo, a linguística cognitiva. A linguística textual começou a desenvolver-se na década de 60, na Europa e, de modo especial, na Alemanha. Segundo Fávero e Koch (2002), os textos são a forma mais específica de manifestação da linguagem. As autoras entendem a linguagem como uma interação. Dessa forma, justifica-se a necessidade de descrever e explicar a língua dentro de um contexto, considerando suas condições de uso (cf. LIMA, 2009).

A linguística cognitiva vê a linguagem humana a partir da percepção e conceptualização do mundo pelos seres humanos. Essa corrente está ligada à tradição funcionalista, de acordo com Langacker (1999), em oposição ao modelo formalista vigente a partir dos anos 50, sobretudo nos Estados Unidos. Segundo ele, “the various strands of cognitive and functional linguistics are complementary, synergistically related facets of a common global enterprise” (LANGACKER op. cit, p. 14). Entre essas facetas, temos os fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais.

PALAVRAS-CHAVE: coerência; relação; cultura; história.

ABSTRACT

Charolles (1997) affirm that one criterion for evaluating the coherence of a text is the “adequacies metarule”, according to which what is said in a text must be in accordance with a state of things in the real world or in a possible world.

This project, has like objective to analyze facts narrated by priest Antonio Vieira in his letters, during the first Dutch invasion, in light of that metarregra. In the texts of Vieira is possible to find vestiges the world experienced by him, in this time, according to the

dominant culture and beliefs, and that today would be seen as flagrant violations of reality.

My research has like theoretical reference, the textual linguistics, and especially the cognitive linguistics. The textual language began to develop in the 60s, in Europe and especially in Germany. According to Favero and Koch (2002), texts are the most specific manifestation form of language. The authors understanding the language as an interaction. Thus, it justifies the need to describe and explain the language in context, considering its terms of use (see Lima, 2009).

The cognitive linguistics sees the human language from the perception and conceptualization of the world by humans. This current is linked to the functionalist tradition, according to Langacker (1999), as opposed to formalistic model since the 50`s, especially the United States. According to him, “the various strands of cognitive and functional linguistics are complementary, synergistically related facets of a common global enterprise” (LANGACKER op. cit, p. 14). Among these facets, we have situational, biological, psychological, historical and sociocultural factors.

KEYWORDS: coherence; relation, culture; history.

Introdução

Na importante tarefa de estabelecer parâmetros de coerência de um texto que não fossem meramente impressionistas, Charolles ⁶⁴ propôs quatro critérios ou metarregras, imanentes ao texto, de cuja estrita observação dependeria a coerência: repetição, progressão, não contradição e relação. Referindo-se a esta última metarregra, diz ele que: “Para que uma sequência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado estejam diretamente relacionados” (p. 76). Acrescenta também que, num texto coerente, é “necessário que as ações, estados ou eventos que ela [a coerência] denota sejam percebidos como congruentes no tipo de mundo reconhecido por quem a avalia” (p. 74). Em outras palavras, num texto coerente, o que se diz ou se escreve dever estar relacionado com um estado de coisas no mundo real, ou em mundos possíveis, caso o enunciador esteja, por exemplo, escrevendo um conto de fadas. Dessa maneira, uma sequência como:

Maria da Silva, 92 anos, estava dando banho em seu filho de seis meses, quando tocou a campainha da casa.

⁶⁴ Michel CHAROLLES, Introdução aos problemas da coerência dos textos.

é incoerente, porque, no mundo real atual, uma mulher não pode ter filhos biológicos aos 92 anos de idade. Embora a observação dessa regra pareça uma coisa simples, na prática, há uma série de fatores que entram em cena. Um deles são as implicaturas conversacionais descritas por Grice⁶⁵. No início de seu romance *A Cidade e as Serras*, Eça de Queirós descreve da seguinte maneira o caráter bem-aventurado do seu herói, Jacinto de Tormes:

Quando um dia, rindo com descrido riso da Fortuna e da sua roda, comprou a um sacristão espanhol um Décimo de Lotaria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua roda, correu num fulgor, para lhe trazer quatrocentas mil pesetas. E no céu as Nuvens, pejudadas e lentas se avistavam Jacinto sem guarda-chuva, retinham com reverência as suas águas até que ele passasse...⁶⁶

Embora esse trecho contrarie uma das máximas de qualidade de Grice (op. cit.) (Não diga o que você acredita ser falso), o leitor facilmente se submete a uma implicatura conversacional e entende que se trata de uma maneira bem-humorada de Eça descrever a boa sorte de seu protagonista.

Aspectos culturais e históricos são outros importantes fatores que interferem na aplicação da metarregra de relação como parâmetro de coerência de um texto. Uma frase como:

Ontem, em Riad, Arábia Saudita, a jovem Kemal, (23) dirigiu seu carro até a Kingdome Tower, com a habilitação vencida.

violaria essa metarregra, uma vez que, na cultura daquele país, as mulheres são impedidas de ter carteira de habilitação.

Levando em conta o contexto histórico, se lemos uma notícia dizendo que Maria votou em 1925, essa notícia está incoerente, pois as mulheres brasileiras só tiveram a permissão para votar após o Decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, em que é instituído o Código Eleitoral Brasileiro, e o artigo 2 disciplinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código. Esse decreto foi de autoria do então Chefe de Governo Provisório Getúlio Vargas. Hoje,

⁶⁵ Herbert Paul GRICE, *Lógica e Conversação*.

⁶⁶ José Maria de Eça de QUEIRÓS, *A Cidade e as Serras*, p. 6.

qualquer notícia que for lida a respeito de mulheres nas urnas estará de pleno acordo e coerência com os dias atuais, pois hoje, as mulheres maiores de 18 e que têm menos de 60 são obrigadas a votar, assim também, como todos os homens dessa faixa etária.

2. Contexto histórico das cartas de Vieira, objeto de nossa análise

Padre Antônio Vieira, um dos mais influentes personagens do século XVII em termos de política e Oratória, destacou-se como missionário em terras brasileiras. Nesta qualidade, defendeu infatigavelmente os direitos humanos dos povos indígenas combatendo a sua exploração e escravização e fazendo a sua evangelização. Era por eles chamado de "*Paiaçu*" (Grande Padre/Pai, em tupi).

Antônio Vieira defendeu também os judeus, a abolição da distinção entre cristãos-novos (judeus convertidos, perseguidos à época pela Inquisição) e cristãos-velhos (os católicos tradicionais), e a abolição da escravatura. Criticou ainda severamente os sacerdotes da sua época e a própria Inquisição.

Em suas cartas, Vieira relata fatos que na época passaram pelo crivo da metarregra de relação, o que não aconteceria nos dias de hoje. Vejamos um trecho de uma de suas cartas:

Tinham eles saído na ilha de Itaparica, fronteira á Bahia, e aqui levados de furor herético, deram muitos golpes numa cruz que à porta de uma ermida estava arvorada. Tornando poucos dias depois, os nossos, como era costume, os esperaram, e, encontrando com eles ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de leste a oeste, se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé imóvel, até que os braços se puseram de norte a sul, abertos para os que pelejavam. Parece dava mostras de que os ajudava a vingar suas injúrias. E, se bem experimentaram os nossos este favor, melhor o sentiram os inimigos, porque, ficando quase todos mortos, deixaram um batel e uma lancha com três roqueiras, e a nau em que vinham

logo de volta, temendo que chegasse ao mar a morte que em favor dos nossos triunfava em terra ⁶⁷.

Nesse parágrafo, Vieira narra um ataque dos holandeses a uma capela. Quem presenciou tal fato declarou ter visto um milagre, pois os holandeses hereges, que tinham descontado suas fúrias nas imagens de santos e na cruz de Jesus Cristo, tiveram sua paga quando a cruz, anteriormente atacada por eles, se retorceu em defesa dos portugueses.

No trecho em que Vieira narra o ataque dos holandeses, podemos entender a metarregra de relação como coerente naquela época, pois as pessoas que habitavam a Bahia acreditavam que tudo que acontecia a favor deles era um presente, uma graça ou milagre divino. Já, se acontecesse algo de ruim, era porque Deus os estava castigando, ou por terem cometido algum pecado. Se a narração de Vieira fosse escrita hoje, seria incoerente, porque as pessoas não atribuem tudo que acontece a Deus e também acreditam na ciência e pré-destinação da humanidade.

Nessa época, o mundo cristão estava dividido entre católicos versus protestantes. Com a Igreja Católica enfrentando alguns problemas, o frei alemão Martinho Lutero propôs uma reforma protestante. Segundo ele, o homem só consegue a salvação pela fé. Isso contrariava a Igreja Católica da época que impunha aos fiéis a crença de que a salvação podia ser obtida por meio do pagamento de indulgências, documentos assinados pela Igreja. Católicos e Protestantes duelavam na rua e até se matavam. Os Protestantes não acreditavam em imagens, ao contrário dos Católicos. Dessa maneira, os holandeses tinham profunda aversão pelos Católicos. Para mostrar que sua religião era melhor que as outras, os holandeses decidiram destruir Olinda e suas igrejas.

2.1. A invasão dos holandeses à Bahia

Em 1924 ocorreu a invasão da Bahia pelos holandeses. Quando a Holanda proclamou sua independência em 1581, libertando-se do domínio da Espanha, Filipe II

⁶⁷ Padre Antônio VIEIRA, Cartas do Brasil, p. 91.

fechou os portos de Portugal e Espanha para os navios holandeses. Cobra ⁶⁸ nos mostra que essa medida constituiu um violento golpe na economia holandesa. Nessa época, era a Holanda que refinava o açúcar bruto vindo do Brasil via Portugal e o distribuía comercialmente para toda a Europa. Diante disso, a Holanda criou a Companhia das Índias Ocidentais, com o objetivo de conquistar diretamente os mercados produtores do Nordeste Brasileiro.

Quando a Holanda invadiu Salvador, quase toda população da cidade fugiu para as aldeias indígenas. Diogo de Mendonça Furtado, governador geral, foi preso e levado para a Holanda. Foi quando D. Marcos Teixeira ⁶⁹, o quinto bispo do Brasil, assumiu o governo, e comandou a guerrilha ao invasor, preparando emboscadas e pequenos ataques. D. Marcos Teixeira, por meio de sua oratória e poder de argumentação, conseguiu unir, por intermédio da religião, todos os povos que viviam na Bahia, para lutar contra os holandeses.

A guerrilha e a pregação do Bispo funcionaram e, em 1625, auxiliados por uma esquadra espanhola que havia chegado, retomaram a cidade. Todos os bens dos holandeses foram confiscados, e foram devolvidos aos holandeses invasores com apenas o necessário para a sobrevivência durante a viagem.

Numa segunda invasão, em 1630, os holandeses invadiram novamente o Brasil, chegando pelo Recife, um pequeno vilarejo de Olinda. Lá permaneceram até 1654.

“Dessa forma, os colonos portugueses e as pessoas nascidas no Brasil pegaram em armas mais uma vez e lutaram bravamente contra os flamengos. Assim, reiniciaram-se os conflitos visando à expulsão dos estrangeiros. Entre 1645 e 1648, diversas batalhas foram travadas, tendo os holandeses sofrido sucessivas derrotas”. ⁷⁰

Em 27 de Janeiro de 1654 foi assinada a rendição. “Pôde-se cantar: À liberdade restaurada canto obrada por a espada Portuguesa, Guiada pela luz do Pólo” (idem, *ibidem*).

⁶⁸ Rubem Queiroz COBRA, *Padre Antônio Vieira*.

⁶⁹ Dom Marcos Teixeira de Mendonça, (1621-1624), foi o 5º, Quinto Bispo de Salvador da Bahia, Brasil.

⁷⁰ Luiz Geraldo SILVA, *O Brasil dos holandeses*.

Achamos importante analisar a relação entre as cartas de Vieira e os fatos narrados por ele nessa conjuntura histórica, como forma de ampliar o entendimento da metarregra de relação, criando, assim, ferramentas que ajudem o estudioso de literatura brasileira a ler e interpretar de maneira mais adequada textos de autores do passado.

3. Análise de um texto da Carta Ânua ao Geral da Companhia de Jesus, 30 de setembro de 1626

O texto é narrado pelo Padre Antonio Vieira, e se dá em torno da passagem à “melhor vida” do Padre Fernão Cardim. Natural de Viana de Alvito, Padre Fernão Cardim, entrou para a Companhia de Jesus, em 1566, e foi para o Brasil como secretário do padre visitador da Companhia de Jesus, em 1583. Foi arcebispo de Évora, reitor e professor de quatro votos (pobreza, castidade e obediência, e obedecer a toda instrução do Papa de Roma), escreveu cartas e 3 livros, sendo algumas de suas obras: : "Do Principio e Origem dos Índios do Brasil", "Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica pela Baía, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente, etc." e "Do Clima e Terra do Brasil". Faleceu em 1625, nos arredores de Salvador da Baía, no Brasil. A análise se apoiará nas teorias dos Frames e dos Space Builders, assim como um suporte na cultura e nos valores da época e dos dias de hoje.

3.1. Space Builders

Segundo essa teoria, quando pensamos e falamos montamos espaços mentais, que são parcelas de tempo de curta duração em que abrimos pequenos pedaços “on line” vinculados ao nosso conhecimento de mundo. Espaços Mentais são criados pelos Space Builders, que são unidades linguísticas que solicitam a construção de um novo espaço mental, ou deslocar ao passado e buscar os espaços já construídos. Space Builders podem ser expressões como locuções prepositivas (em 1996, a partir do seu ponto de vista), advérbios (na verdade, provavelmente), conectivos (se, em seguida), etc. O que é interessante sobre os Space Builders é que eles exigem que o ouvinte crie um cenário

além do aqui e agora, um conhecimento enciclopédico, conhecimento de mundo, sendo que esse cenário, também pode refletir a realidade do passado, futuro, situações hipotéticas, situações que refletem idéias e crenças, e assim por diante. (Green, V. 2006, p.271)

3.2. Frames

Frames são definições constituídas por um número de partes diferentes, objetos e predicados, ambos os objetos e predicados podem funcionar como atributos e valores. Um frame é uma representação de uma estrutura mental da categorial conceptual. (Kovecses, Z. 2006, p.63)

É a forma de representar o conhecimento de um objeto através da "observação visual", ou seja, tendo uma idéia do objeto pré-definida na memória faz a comparação desta idéia, ou conjunto de idéias, com aquelas propriedades que podemos observar visualmente. Na ocasião, o uso de frames foi recomendado como básico para se entender a percepção visual, os diálogos em linguagem natural e outros conceitos complexos.

O frame é uma representação de um objeto complexo. Ele é identificado por um nome e consiste em conjunto de slots. Cada frame possui ao menos um frame hierarquicamente superior e, portanto, constitui uma base com mecanismo de herança. Um frame especial é a raiz desta hierarquia de herança.

Sistemas baseados em cadeias semânticas e sistemas baseados em frames podem ser considerados semelhantes com respeito às suas estruturas, mas diferem no que representam. Quer dizer, enquanto cadeias semânticas representam objetos simples, um sistema de frames pode representar objetos complexos.

Uma importante propriedade dos frames, é que eles são idealizados de diversas maneiras. Segundo Lakoff (1987), os frames são modelos cognitivos idealizados. Exemplo: Friday (Sexta-Feira), pode ser um frame dessa maneira. Ele pode ser um frame supersticioso, como um dia de azar, um frame de uma parte da semana, um frame de um dia anterior ao final de semana, ou um frame de uma parte de um dia de trabalho, e até

mesmo um frame do último dia da semana em que se trabalha. Ou seja, o significado de uma palavra depende do tipo do frame com o qual nos conceptualizamos. (Kovecses, Z. 2006, p.65)

3.3. Análise

A carta se inicia como um prefácio atenuador. Padre Antonio Vieira, narra as dificuldades encontradas por falta de embarcações, e dificuldades das navegações. Nesse mesmo prefácio, ele insere a palavra “sucesso”, que pensando no valor desse termo, encontramos diferentes significados daquela época para os dias de hoje. Naquela época sucesso significava “sucessão”, e não “êxito” que é o sinônimo atual dessa palavra. *Ainda que a guerra algumas vezes não impede a pena com que se exprimem os sucessos dela[...]*(Vieira, A. 2003, p.77).

Já em outra frase, encontramos vestígios dos Space Builders. *Todos eles se ocupam em procurar de alcançar a salvação e perfeição própria e das almas, que é o fim da nossa Companhia.*(Vieira, A. 2003, p.77) Retomando o texto dos Space Builders, podemos notar que essa frase se encaixa como preposição, em *de alcançar*, e *das almas*. (melhorar)

Com o grande trabalho e má vida destes tempos caíram enfermos quase todos os deste Colégio: mas, de tal maneira os repartiu a Divina Providência que nunca faltaram sãos que servissem os doentes no corporal e no espiritual, e acudissem aos próximos. Destes enfermos, passou a melhor vida o padre Fernão Cardim. (Vieira, A, 2003, p.78)

Esse trecho nos mostra a crença, cultura e valores daquela época. Tudo que acontecia era atribuído a Deus. Na parte em que diz: *de tal maneira os repartiu a Divina Providência que nunca faltaram sãos que servissem os doentes no corporal e no espiritual, e acudissem aos próximos*, que graças à Divina Providência, Deus, não deixou todos enfermos, ele permitiu que alguns ficassem doentes, e outros não, os que não ficavam doentes, cuidavam dos outros. Pois, naquele tempo não havia remédios,

muito menos antibióticos, eram só preces. Naquele tempo também, morrer era uma graça providencial, o índice de mortalidade era aos 30 anos, e todos acreditavam que quanto mais leve e pura estivesse sua alma, seu espírito, mas cedo era suas ascensões aos céus. A partir disso Vieira (2003) narra, que o Padre Fernão Cardim passou a melhor vida.

Vieira (2003), relacionado à morte também escrevia: “*Chegou, pois, aquela ditosa hora de se partir, a que ele todos os dias convidava sua alma*”. Relacionando aos dias atuais, podemos dizer que, todos temem à morte, e quanto mais velhos morrerem, melhor. Porque hoje o mundo está dividido entre a ciência da evolução e a instrução que cada um tem da Bíblia (o que Deus fala a cada um, indiferente de religião). Ou você acredita que Deus criou Adão e Eva, ou acredita que o homem vem do macaco.

Assemelhando –se a palavra sucesso, na carta também encontramos a palavra “entranhas”, (“*Prova estas suas grandes entranhas...*” Vieira, A. 2003, p.78) que naquele século significava: sentimentos, emoções, afetos que vinham do coração, e hoje, sem nenhuma semelhança, seu significado é intestino.

A parte mais pertinente deste texto foi quando Vieira (2003) narrou a respeito do Padre Fernão Cardim ao entrar na Companhia:

“... depois que entrara na Companhia, tivera má vontade a pessoa alguma, nem escrúpulo de tratar seus súditos com paixão. Estendia-se esta sua caridade também aos de fora, como o experimentaram, e mas particularmente, os presos da cadeia e os pobres do hospital; porque a estes visitava a miúdo, remediando suas necessidades com esmolas; por aqueles intercedia, solicitando suas causas como próprias; e a todos finalmente ajudava com grande amor. E era porque o Divino ardia tanto em seu peito, porque Deus os servia, em Deus os representava, e a Deus neles. A seu corpo tinha ódio santo, castigava-o com disciplina de cada dia, sendo, como era fraco e carregado de anos”. (Vieira, A. 2003, p.78)

Esta parte da carta nos mostra como aqueles homens eram crentes nos valores da época. Padre Fernão Cardim, após sua entrada para a Companhia, tinha o Divino

ardendo dentro do seu peito, era só corpo, pois Deus estava nele, e também naquele que ele estava cuidando. Podemos pensar que antes ele era um pobre pecador, como nós, mas no fim de sua vida, ele estava a serviço de Deus, representava Deus em seu corpo. Quando ele diz que seu corpo tinha ódio santo, remetemos às flagelações que os padres cometiam, pois tinham que vencer às tentações, porque quem estava em sofrimento, acreditavam eles, que venciam melhor as dificuldades do voto de castidade.

Pensando nos Frames, no trecho acima, analisamos a palavra *corpo*, que pode ter como frames: movimento, pensamento, sentimento, sexualidade, etc. Definições e representações diversas.

Fazendo um paralelo daquela época e hoje, a sexualidade é algo bom, porém era um dos maiores obstáculos para os padres antigamente, hoje, está tudo tão “liberado” que essa palavra não aflige mais os padres, pelo contrário, nos tempos de hoje, vemos inúmeros casos de pedofilia e quebra de votos pelos padres.

Pensando nos Frames, no trecho acima, analisamos a palavra *corpo*.

Frame de corpo humano: 2011

Estrutura feita de carne e ossos; atividade vital; capaz de reprodução sexuada.

Frame de corpo humano: 1623

Estrutura feita de carne e ossos; atividade vital; capaz de reprodução sexuada; coisa impura, fonte de pecado.

Fazendo um paralelo daquela época e hoje, a sexualidade é algo bom, porém era um dos maiores obstáculos para os padres antigamente, hoje, está tudo tão “liberado” que essa palavra não aflige mais os padres, pelo contrário, nos tempos de hoje, vemos inúmeros casos de pedofilia e quebra de votos pelos padres.

4. Conclusão

Para considerar coerentes textos de outras épocas, em termos da metarregra de relação, é preciso:

- I. Desabilitar elementos de frames atuais.
- II. Habilitar (reabilitar) elementos de frames da época.

Essa conclusão se estende para a leitura de qualquer texto literário de outras épocas. Exemplo: *D. Casmurro* → Muitos leitores atuais avaliam erradamente Capitu como “alpinista social”.

Capitu é um arquétipo bem brasileiro das meninas pobres que procuram ascender de classe à custa do casamento, arquitetado maliciosamente e por mero interesse em muitos casos. Capitu não mediu esforços e artimanhas para vencer todos os obstáculos à união com Bentinho, desafiando superstições, convenções e desigualdades financeiras. Seu objetivo era claramente subir de situação, entrando para o nível superior em que se encontrava financeiramente a família de Bentinho. [...] A mulher brasileira no século XIX não tinha saída para afirmar-se como pessoa independente e para tornar-se um indivíduo vivendo por si e de acordo com a sua individualidade. Só o casamento lhe propiciava essa chance na sociedade. Ela não podia fazer o que lhe aprouvesse, era obrigada a adaptar-se ao código social vigente e fazer parte daquela sociedade, vivendo conforme os seus valores. (Afrânio Coutinho)

A conclusão desse trabalho aconteceu por meio da aplicação dos parâmetros da Linguística Cognitiva (frames e space builders), das Implicaturas Conversacionais, e da Metarregra de Relação proposta por Charolles (1997). É pertinente reafirmar que textos históricos, muitas vezes, não têm os mesmos valores que os contemporâneos, ou seja, devido à cultura, crenças e novos valores embutidos a sociedade, eles modificam a essência. Frente a isso é interessante aplicar a teoria dos frames, reabilitando os frames de outras épocas e desabilitando os de hoje, para que possamos melhor compreender os valores e sentidos que os autores queriam passar em outros tempos.

Com o presente trabalho, descobrimos que a linguística cognitiva nos leva a ver a linguagem humana, e principalmente, nesse caso, a investigação histórica-cultural, a partir de uma clara conceptualização de mundo, por todos nós seres humanos.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva, uma visão geral e aplicada*, São Paulo: Ateliê, 2010.
- BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. Nova York: Longman, 1980.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Mesa-redonda sobre lingüística cognitiva tradição funcionalista-* Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, FFLCH/USP, 23-25 de maio de 2002. Disponível em <http://www.gel.org.br/estudos/linguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr002.htm> - Acesso em: 12 agosto 2010.
- CHAROLLES, Michel. *Introdução aos problemas da coerência dos textos*. In: GALVES, C. et al. (org.). *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988.
- COBRA, Rubem Queiroz. *Padre Antônio Vieira*. Brasília, 1997. Disponível em www.cobra.pages.nom.br/fmp-vieira.html - Acesso em: 08 junho 2010.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Repensando a textualidade*. IV Fórum de Estudos Lingüísticos. Instituto de Letras da UERJ. 21/10/1999 (conferência).
- COULSON, S. (2001) *Semantic Leaps: frame-Shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EVANS, Vyvyan & GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*, New York: Basic Books, 2002.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Vilaça. *Linguística textual: introdução*. [n.s.]. São Paulo. Cortez, 2002.
- KÖVECSES, Zoltan. *Language, mind, and culture*, Oxford: Oxford University Press, 2006

LIMA, Manoel Nilson de. *Linguística textual e seus avanços*. Mossoró, 2003. Disponível em <http://www.webartigos.com/articles/16368/1/linguistica-textual-e-seus-avancos/pagina1.html#ixzz10SY3bjcH> – Acesso em: 28 agosto 2010.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs). *Introdução a Linguística: domínios e fronteiras*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, v. 01. 2008.

SILVA, Augusto Soares da. *Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva*. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu & GONÇALVES, Miguel (orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, pp.1-18.

SILVA, Luiz Geraldo. *O Brasil dos holandeses*. São Paulo: Atual, 1997.

TAYLOR, R. John. *Cognitive Grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2003.

THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2004.

TURNER, Mark. *The Literary mind: the origins of thought and language*, Oxford: Oxford University Press, 1996.

VALENTE, André. *Coesão e Coerência em Textos Jornalísticos, Comum*. Rio de Janeiro. Vol. 6, nº 16, Jan/Jul, 2001, PP. 5-53.

VIEIRA, Antonio. *Cartas do Brasil*. (org) João Adolfo Hansen. São Paulo: Hedra, 2003.

Metáfora Conceptual Orientacional na língua de especialidade da pesca na comunidade do Baiacu - Vera Cruz - Bahia

Cristiane Fernandes Moreira⁷¹
svencris@yahoo.com.br, svencris@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se com um estudo preliminar, e tem por objetivo relacionar teoria e empiria na dinâmica natural do processo cognitivo humano. Tenta-se demonstrar como o grupo da pesca da comunidade de Baiacu com a sua língua de especialidade experiencia e compartilha conceitos de uma mesma maneira, e como a cultura faz parte dessa interpretação. O *corpus* para explorar essa relação é uma proposta de metodologia com base nas aplicações de inquéritos lingüísticos com pessoas que trabalham na pesca daquela comuna. É constituído por textos orais, que foram coletados, transcritos e elaborados por Moreira (2010), na sua pesquisa de Mestrado. O método utilizado é o de análise de *corpus* (*corpus analysis*, cf. Gonzalez-Marquez, 2007) em que se explora o fenômeno particular de interesse. As unidades/conceitos que servirão de base para a análise se detêm em: metáforas conceptuais (estruturais, ontológicas e orientacionais) e respectivas expressões metafóricas, conforme os seguintes domínios da *maré*: profissão, localização, entre outros. A título de exemplo, citam-se as expressões *Calão de dentro/calão de fora*. Estas metáforas são baseadas na representação da *maré* tanto como ser (pescador) quanto como objeto (espécie de madeira utilizada pelos pescadores). Servem como representação da medida corpórea do homem do mar, revelando a profundidade do mar, se *calão de dentro*; ou superficialidade, ou que efetua trajetória de pescaria muito próxima à superfície da *maré*, se *calão de fora*. Esse processo não é realizado por explicações, mas para produzir uma ação, executar a coisa ou o seu protótipo por manipulação da experiencia corpórea, da realidade cultural e dos costumes desse povo e que não pode ser explicada sem uma constante referência a esses contextos mais amplos.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora conceitual; língua de especialidade; semântica cognitivas.

⁷¹ Universidade Federal da Bahia - BA.

Introdução: Explorando Domínios

O conceito dos modelos cognitivos imagéticos (MCIs) adotado por Lakoff (1987); Miranda (1999); Pelosi (2008) refere-se à expressão do conhecimento e à exploração de *domínios*. Em alguns casos, convida o estudante ou pesquisador curioso a projetar a ideia de troca de papéis entre duas pessoas que organizam sua argumentação em torno de dois MCIs disponíveis em sua cultura: o universo x e y . Desses MCIs emergem suas hipóteses sobre as diferenças entre X e Y nas relações de trabalho e nas relações socio-culturais. O X é bem mais diferente de que o Y . As evidências apresentadas são um conjunto de experiências de vida dos membros de sua comunidade e demonstram que os domínios X e Y estão marcados pela diferença opositiva que identifica a relação de subordinação de y naquele contexto. Talvez essa seja a ideia que se configura no universo dos estudos da metáfora e, quiça, no conceito de metáfora da língua de especialidade: um MCI 1 com um universo (por exemplo, universo de pessoas da labora da pesca) e suas atividades cotidianas, e um MCI 2 com um universo (por exemplo, o de localização, ou artefatos) e suas funções laborais. Diante disso, pode-se refletir o por que do interesse de vários estudiosos em procurar desvendar como se processa a metáfora, e como esta é o problema filosófico central na atualidade.

Uma das primeiras declarações sobre a metáfora se destina aos gregos, e deve-se a Aristóteles a parcela dessa contribuição, o que faz com que, conforme reflexão de Ricouer (1977), a análise racional dessa transferência de nomenclatura seja entendida como similaridade objetiva entre as próprias coisas. Entretanto, o conceito aristotélico começa a ser questionado em estudos de diversos autores. Lakoff e Johnson (1980); (2002⁷²); Lakoff (1987); (1999); (2008), entre outros autores, compartilham a ideia de que a metáfora representa um papel importante no pensamento, está infiltrada no cotidiano. Lakoff e Johnson observam que essas maneiras metafóricas de falar se incorporam à via cotidiana de tal modo que as pessoas passam a viver regidos por elas. Para eles, são verdadeiros sistemas metafóricos e que através deles se pode

⁷² Na tradução do grupo de estudos da Indeterminação e da Metáfora.

compreender a maneira pela qual o indivíduo concebe a realidade. A metáfora, um dos modelos cognitivos idealizados proposto por Lakoff e Johnson, pode ser, então, considerada como uma transmutação ou uma reconfiguração de uma coisa em outra sem que necessariamente a outra coisa seja substituída ou chegue a se desfazer. Os dois domínios, que são distintos, se acham simultaneamente presentes, em momentos um é mais iluminado e o outro se obscurece e vice-versa. Ora são mais transparentes, de fácil identificação, ora são mais opacos, não há relação direta, ora se apresentam de maneira mais imediata à percepção, ora é preciso compreendê-lo a partir de uma maior abstração. Mas não formam uma imagem única, são estruturados a partir de um conceito mais concreto para um mais abstrato. Há uma sobreposição, o sentido de não saber quando termina um e começa outro. É um *continuum*, não há limitação porque a todo o momento se cria uma nova combinação.

Sendo assim, a proposta de trabalho que aqui se insere tem por base os estudos de Lakoff; Johnson na versão original e na estendida, por tais pesquisas serem exploradas por demais outros autores, baseia-se também na Lingüística e Semântica Cognitivas (doravante LC, SC). É um estudo preliminar de um trabalho maior acerca de “As metáforas da maré”, e tem por objetivo relacionar teoria e empiria na dinâmica natural do processo cognitivo humano em compreensão aos aspectos cognitivos, lingüísticos e culturais da linguagem de uso. Tenta-se de demonstrar como o grupo da pesca da comunidade de Baiacu com a sua língua de especialidade produz, experiencia e compartilha conceitos de uma mesma maneira, e como a cultura faz parte dessa interpretação. O *corpus* para explorar essa relação é uma proposta de metodologia com base nas aplicações de inquéritos lingüísticos com pessoas que trabalham na pesca daquela comuna. É constituído por textos orais, que foram coletados, transcritos e elaborados por Moreira (2010), na sua pesquisa de Mestrado. O método utilizado é o de análise de *corpus* (*corpus analysis*, cf. Gonzalez-Marquez, 2007) em que se explora o fenômeno particular de interesse. A transcrição é grafemática, conforme proferida pelas abonações dos informantes. As unidades/conceitos que servirão de base para a análise se detêm em: metáforas conceptuais (estruturais, ontológicas e orientacionais) e respectivas expressões metafóricas, conforme os seguintes domínios da *maré*: profissão, localização, entre outros. Entretanto, como este é um estudo preliminar, explorar-se-ão as metáforas conceptuais orientacionais no domínio da *profissão*. Salienta-se, contudo, que o processo metafórico não é realizado por explicações, mas para produzir uma ação do homem do

mar, pôr em execução a coisa ou o seu protótipo por manipulação da experiência corpórea, da realidade cultural e dos costumes desse povo e que não pode ser explicada sem uma constante referência a esses contextos mais amplos.

1. Metodologia

O *corpus* desta pesquisa constitui-se a partir dos dados obtidos das entrevistas realizadas por Moreira (2010) para a sua dissertação de Mestrado acerca de “As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca da comunidade de Baiacu - Vera Cruz – Bahia”, com informantes da área da pesca daquela localidade, e de leitura e levantamento bibliográfico referentes às informações acerca do tema proposto. Como procedimentos, utilizam-se de coleta e análise dos dados. O método é empírico e segue-se o modelo de pesquisa descritiva e qualitativa. Ressalta-se que a descrição utilizada na análise dos resultados é grafemática, conforme proferida pelos informantes, a fim de manter a integridade e fidedignidade dos dados. Nesse sentido, o *corpus* para explorar a relação entre *metáfora* e cultura é uma proposta de metodologia⁷³ em que retoma algumas idéias desenvolvidas por Gonzalez-Marquez (2007) que apresenta uma cartografia dos métodos utilizados na LC, ou do método semântico – discursivo, tal qual proposto por Cameron (2008;2010). Ao mesmo tempo, revela que há enormes limitações metodológicas, não dá para dissociar o biológico do social, do cultural das ciências humanas, posto que os neurônios humanos são plasticidades, aprendem o que a sociedade produz. Nesse sentido, o método utilizado é o de análise de *corpus* (*corpus analysis*, cf. Gonzalez-Marquez, 2007) em que se explora o fenômeno particular de interesse no *corpus* de pesquisa, observa a frequência com que a expressão particular é usada em vários contextos. Reconhece-se que pode haver limitações nesse método e, se necessário, deve o pesquisador recorrer a outros métodos para o seu entendimento, a

⁷³ No primeiro workshop sobre Métodos empíricos em Linguística Cognitiva (LC), organizado por Gonzalez-Marquez et alii (2007), os autores abordam acerca dos métodos utilizados na LC, tais como: o da introspecção, o da análise de áudio e videografia, o do *corpus* de análise, o método experimental, e o multimodal. Relacionam teoria e trabalho empírico porque a Linguística Cognitiva não faz uso do processo linguístico isolado, mas usa o método para o estudo da cognição adaptando-o à investigação da linguagem. Para o método introspecção, por exemplo, os autores o incluem dentro do significado e da estrutura das formas e expressões linguísticas, quer isolado ou em contexto. O livro sobre “Methods in Cognitive Linguistics” discute o *corpus* com base em pesquisa empírica, metodologia e análise teórica e foi apresentado e discutido pelo GT: Linguística e Cognição, no XXV Anpoll, em julho de 2010, Belo Horizonte. O Grupo propôs a realização de uma cartografia.

exemplo da metodologia semântico-discursiva, proposta por Cameron (2008; 2010), e por Pelosi (2010, em comunicação oral na Conferência sobre Linguística e Cognição).

Diante dessa possível limitação, a pesquisa é empírica e qualitativa em que se tenta observar evidências do processamento de metáforas. Recorre-se à interação entre teoria e dados baseada em experiências e em estudos provenientes das ciências cognitivas em que se apresenta descrições de práticas linguísticas efetivas por meio de colocações de exemplos.

1.1 A fonte: constituição do corpus e técnicas de pesquisa

A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica, 35 informantes entrevistados, gravador, questionário, análise teórica e análise de processamento da metáfora. Esta é complementada com a análise por protótipos, em que se identifica uma categoria e procura entender os demais elementos desta categoria, a partir da experiência. Lakoff; Johnson (1980; 2002), por exemplo, realizam um trabalho com base nessa vertente, em que organizam uma determinada categoria tomando como referência determinado objeto ou coisa, ou pessoa e analisam quais são os elementos que mantêm com ela uma semelhança incontestável. Esse recurso é comumente utilizado por Lakoff ao longo de sua obra, para a descrição das *metáforas* conceptuais, e entre outros pesquisadores. O uso do recurso prototípico foi do mesmo modo utilizado para os estudos das cores que mostram que as cores focais são mais bem lembradas, as categorias primárias ou básicas de cor são *membership*, além de expressar a nossa experiência no mundo. Conforme Rosch (1978), o protótipo é uma representação mental de um exemplar típico de uma dada categoria. Pode ser traduzido como membro central de uma categoria com o qual outros membros mantêm relação de semelhança. Para Silva (1999), funciona como modelos interpretativos de aquisição de novas experiências realizadas à luz de conceitos e categorias já existentes. A partir dessas bases, os campos delimitados para essa pesquisa são referentes à categoria semântica nominal em que se encontram os conceitos mais frequentes para as *metáforas*. A seleção obedece à representatividade ou a pertinência e clareza dos empregos das *metáforas* nos contextos.

1.2 Levantamento dos dados

A definição dos dados básicos se faz em dois níveis: primeiro, baseiam-se em referências aos estudos da Semântica e Linguística Cognitivas e na teoria da *metáfora* conceitual de Lakoff Johnson (1980; 1987; 2002; 2008), e outros autores, e de estudos empíricos; segundo, consideram-se as categorias⁷⁴ das *metáforas* a serem incluídas nesse estudo e que espécie de informações será codificada.

1.3. A comunidade: BAIACU: de onde são os informantes?

Os informantes da pesquisa são pesquisadores artesanais e habitam na comunidade denominada Baiacu. A Vila de pescadores de Baiacu é pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica. Distante de Salvador 43 (quarenta e três) quilômetros, está localizada na contra costa da Ilha, possui variação vegetal pertencente à província atlântica: manguezal, restinga e mata secundária. A localidade é remanescente da primeira ocupação da Ilha, em 1560, sendo a mais antiga colônia de pescador que tem a Ilha. No início, século XVI [1560], Baiacu era a mais importante e tradicional das 27 (vinte e sete) comunidades existentes na Ilha de Itaparica, devido a ter sido o único vilarejo onde o jesuíta Luís da Grã e seus companheiros de catequese aportaram e edificaram a segunda igreja católica matriz no Brasil, sob a invocação do Nosso Senhor da Vera Cruz. O termo *Baiacu* tem sua origem no termo *Mayacu*. Com base em dicionários tupi, o termo [maya'ku] é um termo tupi, que desapareceu na época pós-clássica, devido a motivos fonéticos. A diferenciação pode se dever a causas histórico-lingüísticas. O termo *Baiacu* deve ter surgido por influência do substrato no campo da fonética. Na conjuntura atual, o que se tem percebido na comunidade é que o topônimo *Baiacu* está em processo de mudança em curso, ou variação, entre os termos [Ba'jaku] e [Baja'ku], fato que pode revelar um retrocesso no termo [Baj'aku], pois o som da vogal oral [o] do tupinambá passou a posterior [u]. O pequeno povoado de

⁷⁴ A Linguística Cognitiva diz que a categorização linguística se processa na base de protótipos (exemplares típicos mais representativos), estes agrupam-se por diferentes graus de saliência (não igualdade), por similaridades parciais ou parencas-de-família (conceito tomado de Wittgenstein) e não discrição (ausência de limites e impossibilidade de definições).

Baiacu é composto por marisqueiras e pescadores artesanais que buscam na pesca de peixes e mariscos sua subsistência e única fonte de renda. No que se refere ao manuseio da pesca, os pescadores ainda expressam os hábitos e costumes indígenas, seja no uso de material da pesca, nos hábitos alimentares (farinha de mandioca, bebidas alcoólicas), seja para “perguntar” à natureza se a maré e o tempo estão bons para a pescaria.

2. As Metáforas Conceptuais: algumas considerações

Os cognitivistas afirmam que a metáfora tem característica e propriedade sistemáticas, tais como: convencionais (grau de novidade da metáfora), sistemática (a maneira pela qual se estabelece um campo de comparações, associando vários conceitos), assimétricas (natureza direcional de uma metáfora, transferência de propriedades) e abstratas (organiza novos conceitos e experiências).

Resumidamente, existem algumas correntes teóricas⁷⁵ que apresentam possibilidade de reunir a trajetória dos estudos da metáfora desde Aristóteles à atualidade⁷⁶, são as seguintes:

⁷⁵ Notas de aulas do Curso Psicolinguística e Semântica Lexical, ministrado pelo Professor Doutor Roberto G. de Almeida (Concórdia University Canadá), no período de 09 a 13 de março de 2009, no VI Congresso Internacional da ABRALIN e no XIX Instituto de Linguística, em João Pessoa - Paraíba.

⁷⁶ Há outras linhas que discutem a temática da metáfora com ênfase no uso linguístico, social e cultural e também experiencial, a exemplo de Diniz, Feltes, Kövecses, Lens, Pelosi, Vereza, Zanotto, entre outros, cujos critérios de identificação da metáfora são recolhidos de situações reais de uso. Em alguns desses trabalhos, os dados normalmente são reunidos em corpora eletrônicos (cf. BERBER-SARDINHA, 2007). Existe também autores como Cameron que defende a ideia de metáfora sistemática, contextualizada no uso cuja metodologia semântico-discursiva.

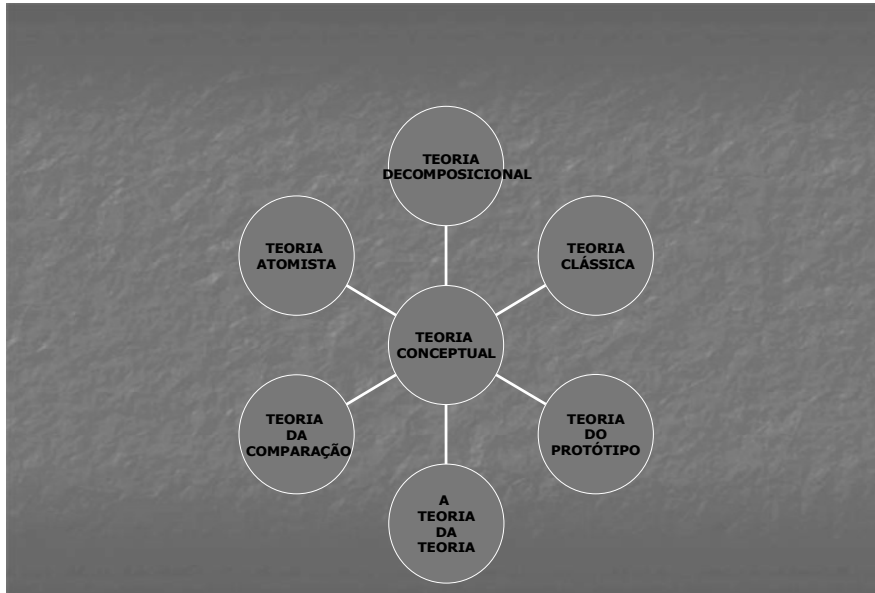


Figura 1: A trajetória dos estudos sobre a metáfora

- (i) teoria decomposicional - cuja convicção é a de que para que se tenha um conceito é preciso de um conjunto de outras coisas. São conceitos compostos por representações primitivas, dependência conceitual;
- (ii) teoria atomista - cujo objetivo é apontar e aplicar a palavra certa àquele objeto. Não tem estrutura interna, quase referencial, tudo o que se sabe são conhecimentos do mundo;
- (iii) teoria clássica - tem como tese o fato de que existe definições, outros elementos que dão traços fundamentais às palavras. As definições são realizações mentais. É conhecida também como teoria da comparação ou semelhança ou substitutiva;
- (iv) teoria da comparação - tenta explicar a metáfora como uma relação entre referências;
- (v) teoria do protótipo- a ideia central é a de que existe o melhor conceito entre todos os conceitos, há elementos cujos traços têm “peso” maior. O conceito central é apenas evocado, não o é referenciado, representado. O protótipo em si é que é representado;
- (vi) teoria da interação - como uma relação entre sentidos e crenças associados a referências. Ao menos uma expressão muda de significado, a metáfora dá início à mudança semântica, em termos

- diacrônicos. Essa teoria é seguida pelos autores anglo-saxônicos que acreditam serem necessárias duas ideias para se fazer uma metáfora;
- (vii) a teoria da teoria - parte do pressuposto de que as definições não existem. É difícil apontar para um elemento específico, inclui vários elementos. A teoria é que serve para representação mental, a todo instante o conceito muda. Refere-se à ligação entre diversos significados de um termo polissêmico.
 - (viii) a teoria conceitual – esta será tratada no corpo do trabalho.

Para o professor Almeida (2009), estas teorias são decomposicionais, pois utilizam critérios para adquirir o conceito. Cabe ressaltar, porém, que o conceito é aqui definido como entidade psíquica e universal que tem como função designar uma categoria ou classe de entidades, relações ou eventos, tal como propaga a teoria da metáfora conceitual de Lakoff e Johnson.

De acordo com Lakoff Johnson (2002) “[...] as metáforas conceptuais são fundamentadas em *correlações* dentro de nossa experiência. Essas correlações experienciais podem ser de dois tipos: co-ocorrência experiencial e similaridade experiencial” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.255). A primeira fundamenta-se em dois tipos de experiências; a segunda, refere-se ao fato de alguém experimentar ações vividas e as possíveis conseqüências dessas ações. Daí os autores afirmarem que: “A metáfora é primordialmente uma questão de pensamento e ação e somente secundariamente uma questão de linguagem” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.253).

A metáfora passa a ser reconhecida como um processo através do qual a experiência é elaborada cognitivamente a partir de outras já existentes no nível conceitual. Daí porque os autores assegurarem que o mapeamento é estruturado, que há superposição de um determinado domínio conceitual sobre o outro e para que seja convencional é preciso que antes seja legitimado socialmente para poder serem vistos como padrões fixos de correspondências. A justificativa para isso é que se podem usar as expressões metafóricas para acessar tais mapeamentos, supondo que existem ligações entre determinados domínios conceituais. Sobre essa questão, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que existe uma preservação da topologia cognitiva do domínio-fonte de forma coerente com a estrutura inerente do domínio-alvo, e isso se deve aos mapeamentos

metafóricos, o que pode acarretar em uma superposição de imagens mentais do indivíduo decorrente da semelhança entre as duas entidades, pois a experiência é base formadora do sistema conceitual humano e a natureza da metáfora é fundamentalmente conceitual, e sua estrutura corresponde a mapeamentos entre domínios conceituais não arbitrários, mas com base no corpo e na experiência e conhecimento cotidianos.

Daí Lakoff e Johnson (2002) insistirem no fato de que as metáforas conceituais são auxiliares do raciocínio, são as metáforas “pelas quais se vive”. Para eles, o conhecimento científico, assim como todo o conhecimento humano é limitado por metáforas. A metáfora afirma uma identidade em vez de fazer uma comparação, daí porque se “pensa com a metáfora” porque estas são produtos naturais do modo como funciona a mente de todo o mundo. No dizer de Pinker (2008) “[...] as metáforas são poderosas porque são como as analogias, que se aproveitam da estrutura relacional de um conceito complexo [...] a metáfora é, sim, a chave para explicar a relação entre *pensamento* e *língua*” (PINKER, 2008, p. 308;317).

Esse olhar específico para a teoria conceitual proposta por Lakoff e Johnson visa a despertar o interesse pela incorporação conceitual que revela as propriedades de certas categorias como consequência da natureza das capacidades humanas biológicas e da experiência de funcionar em um contexto físico e social. Contrasta com a ideia de que os conceitos existem independentes da natureza corporal de seres pensantes e independentes de sua experiência. Nessa perspectiva cognitiva, as experiências mentais e seus dados são obtidos também por auto-observação na forma de introspecções, isto é, observação e registro por parte do indivíduo para descrever a natureza das percepções, pensamentos e sentimentos.

Percebe-se que os estudos sobre a metáfora conceitual preocupam-se com dois elementos básicos para o problema sobre a metáfora: o primeiro a questão da teorização; e o segundo, a metodologia. Esta preocupação é ressaltada em GT Linguística e Cognição, em Conferências, em Congressos, em obras de livros. Por essa razão, atribui-se a este estudo a teoria da metáfora conceitual (doravante TMC) na versão original mas, relacionando-a, de igual modo, às versões expandidas dessa teoria, a exemplo dos estudos de Kovecses (2005); Lenz (2008); Pelosi (2008); Cameron (2008); (2010). Em se tratando da metodologia, conforme salienta Salomão (2010), em curso ministrado na

Conferência Linguística e Cognição, “de alguma forma existe uma motivação metafórica, tem uma base empírica, mas sejamos honestos, até hoje não está elaborada”.

Problematizadas por Lakoff e Johnson como experiências cotidianas, e experiencialistas, as metáforas conceituais são “metáforas que nos guiam”, fazem parte da cultura, das ações e da maneira como se compreende o que se faz. É conceitual porque sua essência é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra “[...] *metáfora* significa *conceito metafórico*” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.48). Tais autores argumentam que as metáforas como expressões linguísticas são possíveis por existirem metáforas no sistema conceitual. É uma sistematicidade que realça e encobre certos aspectos do processo comunicativo. As metáforas conceituais são convencionalizadas por serem inconscientes e autônomas. A sua força decorre da instantaneidade de sua compreensão. A TMC é discutida por Lakoff desde 1939, a partir da metáfora do conduto. É uma teoria cognitiva. Em 1993, Lakoff passa a denominá-la teoria moderna da metáfora, que aparece muito antes da geral, a qual seria discutida em *Metaphor we live by* e em *Philosophy in the flesh*. Em 2008, Lakoff trata as relações metafóricas em redes neurais, através da teoria da rede neural. Com essa versão estendida da TMC, o autor dá a entender que o que existe no processo metafórico é uma emergência de quantificadores. Mas a grande discussão ainda é o que é ou não metáfora, apesar de se saber que a linguagem metafórica é uma manifestação verbal de uma metáfora conceitual. Nessa abordagem há duas concepções: a primeira é o evento como movimento; e a outra é o evento como objeto. Por exemplo, quando se conceitualiza *tempo* é como alguém se deslocando, elementos como movimento, não se conceitualiza como propriedade, não se consegue ter os dois.

Como asseguram Lakoff e Johnson (2002)

A idéia de que metáforas conseguem criar realidades desafia as posições mais tradicionais sobre metáfora. Isso se explica pelo fato de a metáfora ter sido vista tradicionalmente como simples fato da língua e não como um meio de estruturar nosso sistema conceitual e os tipos de atividades diárias que desenvolvemos. É muito razoável presumir que simples palavras não mudam a realidade. Mas a mudança em nosso sistema conceitual realmente alteram o que é real para nós e afetam nossa percepção do mundo, assim como as ações que realizamos em função da percepção (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.243) .

Nesse sentido, a metáfora conceitual inserida em um contexto cultural exprime a compreensão que o indivíduo tem do mundo, das pessoas e das coisas a partir de suas experiências e cultura. Gibbs (1999) afirma não ser necessário distinguir metáfora conceitual de metáfora cultural, já que a metáfora é um fenômeno que engloba aspectos cognitivos, sociais e culturais e também por ser a experiência corpórea a base formadora do sistema conceitual, deve-se admitir que essas experiências surgem do corpo e das interações e relações desse corpo com o mundo cultural, sendo possível afirmar que existe uma interdependência entre as experiências físicas e culturais na formação e utilização de metáforas pelos indivíduos. Tais metáforas são organizadas a partir de conceitos básicos, a exemplo de substância, localização, enquadramento, porque o pensamento está enraizado na experiência corpórea e as metáforas gerativas são construídas por conceitos mais abstratos que captam as semelhanças e diferenças entre o símbolo e o que está sendo simbolizado.

3. A Terminologia : o conceito de metáfora na língua de especialidade

Em uma língua de especialidade como a da pesca, o conceito de metáfora adquire significados que também dependem de pessoas e contextos. É uma abordagem pragmática da metáfora. Implica não em uma forma convencional de se referir a qualquer tipo de pessoa, objeto ou localização, mas como movimento, pessoa e objeto que funcionam como “atributos são propriedades”, no ambiente físico. A questão da corporeidade é mais física, tal qual as inferências. A transferência não é tão clara, não é tão imagética. Ao que parece, na língua de especialidade o mapeamento se mantém no nível genérico para tratar de alguma circunstância. A linguagem cotidiana de especialidade enquanto possível representação de conceitos abstratos revela que não existe verdades absolutas, únicas, incondicionais. Há complexidades inevitáveis, daí os linguistas cognitivistas adotarem a perspectiva de que a verdade depende da percepção humana e a metáfora ser um veículo essencial para essa compreensão, conforme garantem os estudos de Lakoff e Johnson, por exemplo.

A língua de especialidade, linha da Terminologia⁷⁷, na linguística moderna tenta interpretar e ou descrever os termos⁷⁸, na medida do possível, em paralelo com a descrição semântica. A partir do desenvolvimento dos estudos linguísticos se presencia nos últimos anos a possibilidade de se pensar na alternativa de uma prática teórica que concilie língua de especialidade a um todo de significação. E aí se encontra a raiz da seguinte questão: Que tipo de relação existe entre um vocabulário de especialidade e o domínio das metáforas? Esse questionamento pode ser esclarecido através deste estudo preliminar que aqui se arrisca a desenvolver em termos de um projeto maior acerca de “*As metáforas da maré*”, título provisório, e pode sustentar-se em vários trabalhos que associam pensamento, ação, cultura e língua de especialidade, a exemplos dos estudos de Oliveira, Isabelle (2009), Oliveira, Pissolato de (2009; 2010), e outros trabalhos que precedem o contexto histórico da ciência da língua de especialidade, tais como os trabalhos de Alves (1996, 2002, 2009, 2010), Mateus e Correia, (1998), Krieger (2000, 2002, 2004), Oliveira e Isquierdo (2001), Faultstich (2002, 2004, 2007, 2010), Aragão (2007, 2008), Finatto (2004), e demais. A isso cabe delinear o percurso da ciência terminológica dos primórdios à atualidade a fim de tentar justificar o que se propõe como título desse capítulo e chegar a exprimir a importância das metáforas no vocabulário de especialidade.

De acordo com Alves (1996), a Terminologia é um conjunto organizado de unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia. A autora, ao citar Francis Aubert, assegura que as linguagens de especialidade entendem que os termos não existem em isolamento, nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceitual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação, em uso efetivo. A Terminologia é, antes, o reflexo formal da organização

⁷⁷ Em estudos de Krieger (2004), a autora afirma que Eugênio Wüster é o fundador da teoria terminológica, considerando-a como um campo interdisciplinar, no qual a linguística é um dos campos de convergência, ao lado da lógica, da ontologia, da ciência da informação e das diversas áreas do saber. Deve-se a Wüster, explicita a autora, os primeiros princípios de tratamento dos léxicos especializados, proposição desenvolvida a partir dos anos 30 a que se convencionou chamar Teoria Geral da Terminologia (TGT). Para Krieger (2004), a concepção de Wüster é a de que a Terminologia expressa conceitos e não significados e perpassa a concepção de uma estrutura conceitual de uma especialidade, mas conceitua estruturas científicas e não linguísticas, porque estáveis, paradigmáticas, universais. (). Essa mesma afirmativa se percebe nos estudos de Oliveira, Isabelle (2009), que reafirma Eugênio Wüster como fundador da Terminologia, e de acordo com a concepção wüsteriana, o termo não pode ser considerado como uma unidade que abarca à teoria lexicológica, a Terminologia se apóia sob a prescrição em detrimento da descrição. O objetivo da Terminologia é estabelecer os sistemas de noções para a base da normalização (cf. OLIVEIRA, Isabelle, 2009, p. 28).

⁷⁸ Termo é expresso no sentido de Cabré: associação de uma forma um conteúdo, que corresponde a um conjunto de traços, expressos linguisticamente como uma definição ou uma explicação e coincidentes com um nóculo cognitivo em uma estrutura conceitual.

conceitual de uma especialidade, é um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional.

A produção terminológica concomitante à ordenação conceitual se reconhece no uso do léxico científico e técnico. Sager (1990) enfatiza a base semântica da terminologia, que

[...] permite seu estudo a partir de três pontos de vista: o do referente, o da designação e o do uso que se faz da equação referente/designação. Esses três pontos de vista dão à terminologia [...] um tripla dimensão: a cognitiva, que se preocupa com as formas existentes e potenciais de representação das terminologias; e comunicativa, focalizando não apenas o uso das terminologias como também a atividade humana de compilação e processamento delas” (SAGER, 1990, p. 13).

É o caráter polissemico da terminologia. Com base em Sager (1990) e Alves (2002, 2010) qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona criação de um novo elemento, mas nem sempre, para denominar um novo conceito, é criada uma nova unidade, sendo que esse *conceito* corresponde ao sentido wusteriano, i.e., aos elementos comuns que os seres humanos percebem em um grande número de objetos que utilizam como meio de classificação mental (para *entender*), por conseguinte, também para comunicar-se (cf. ALVES, 2002). Pode-se concordar que não se pode fazer terminologia sem levar em consideração a face semântica dos termos, o que implica identificar as relações existentes entre os conceitos que eles representam e comunicam. Tal procedimento possibilita o uso do recurso denominado extensão do significado, transferência semântica, ressemantização ou *metáfora* de termos existentes para abranger outros conceitos. Essa extensão é um procedimento que se põe a ampliação do significado de um termo para que recubra uma realidade próxima, de modo que sempre existe uma espécie de “parentesco” entre o significado original e o novo, atribui-se a um termo um conceito que se acresce ao que já representa, tal como se compreende no conceito de metáforas encontrado no universo da pesca da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia, isto é, compreender que nas linguagens de

especialidade o fenômeno da *metáfora* tem um papel significativo na construção da terminologia. Talvez a autora deste trabalho queira se referir ao fato dos usos metafóricos no domínio da pesca como referencial.

Se se considerar o estudo sobre “Color perception, color description and metaphor”, Plumacher (2007) chama a atenção para o fato de *metáforas* serem transformadas em termos técnicos por definirem a extensão de aplicação com respeito a categoria particular de segmentações de um *continuum* de cor e certamente perceber os feitos psicológicos dos efeitos de interação entre as cores:

Metaphors could be transformed into ‘technical terms’, because they were considered merely a made of speaking, of verbalizing a particular impression of the interacting colors of a picture and referred to ‘lows’ of color perception, to specific groupings of colors , i.e., general color concepts.[...] Many metaphors inherent in our general language only have an indirect relation to an alleged original domain as Lakoff and Johnson show in their *Metaphors we live by* (1980). In many cases metaphors in art descriptions are used to designate particular phenomena of color and color perception. The more they are used to not only to define the phenomena of the target domain in concepts of a source domain, but also to set general categorial distinctions between phenomena of the so-called target domain, the more they gain a meaning of their own, i.e., they receive an original meaning, although an analogy to another domain persists⁷⁹ (PLUMACHER, 2007, p.75).

A metáfora como termo técnico passa a ser definida a partir da experiência e percepção entre domínios. Para Pinker (2007), ao citar o filósofo Richard Boyd, que se posiciona acerca da metáfora na ciência, informa que

[...] o uso da metáfora é um dos muitos dispositivos disponíveis à comunidade científica para realizar a tarefa de *adequar a lingua à estrutura causal do mundo*. Com isso, quero dizer a tarefa de introduzir terminologia, e modificar o emprego da terminologia existente, para que categorias linguísticas se tornem disponíveis para descrever a causalidade e as características explanatórias significativas do mundo. A metáfora, na ciência, [...], é uma versão do processo cotidiano pelo qual uma metáfora é convocada ao serviço para preencher vácuos no vocabulário de uma língua. [...] a palavra em seu novo sentido científico é distinta da palavra no vernáculo [...] A metáfora evolui até virar um termo técnico para um conceito abstrato, que inclui tanto o fenômeno alvo como o fenômeno fonte (PINKER, 2007, p.296).

Pinker busca explicita a questão de como se iniciar uma investigação cuidadosa dos termos para indicar um fenômeno no mundo, e a partir disso perceber como as metáforas científicas funcionam, de um exemplar bem compreendido para um menos compreendido.

Nas pesquisas de Oliveira, Isabelle (2009), por exemplo, a autora se posiciona particularmente sobre a natureza e a função da metáfora na ciência. Para tanto, utiliza-se do domínio da cardiologia. Oliveira, Isabelle (2009) apresenta as metáforas lexicológicas e as metáforas terminológicas como fatores de comunicação indispensáveis para a descrição do domínio da língua geral assim como da língua de especialidade, e demonstra o termo não como conceito taxionômico, mas como aspecto de um grupo social, passível de variações, não uma denominação precisa, unívoca, homogênea, como quisera a terminologia clássica.

Ao desenvolver a tese a partir de metáforas presentes na terminologia do domínio de especialidade do fruto *caju*, Pontes Luciano (2009), ao parafrasear Coracini (1991), afirma que os conceitos metafóricos estão de tal modo arraigados à cultura que estruturam as atividades diárias e científicas, de forma imperceptível e inconsciente, e são, alíás, constitutivos da forma de pensar e agir de uma época. Por isso, muitas metáforas passam a ser percebidas como literais, ou como metáforas convencionais. O autor posiciona-se no modelo cognitivo proposto por Lakoff e Johnson para identificar

metáforas conceituais e reestruturar os domínios de experiência humana a partir de metáforas de uma área de especialidade.

De acordo com Oliveira, Pissolato de (2010), ao estudar sobre a metáfora terminológica no domínio da Genética Molecular,

[...] esse apelo às metáforas na denominação de conceitos científicos se dá graças às exigências de uma comunicação especializada concisa e coerente, e requer o recurso às denominações que remetem à própria conceitualização desses fatos técnico-científicos. [...] quando da especialização dos conceitos via metáfora, o que faz parecer haver, de fato, uma metáfora conceitual subjacente. [...] as metáforas são elementos constituintes das ciências extremamente produtivas em função denominativa e recorrentemente usadas quando das lacunas de denominação de novos referentes (OLIVEIRA, Pissolato de, 2010, p. 671; 673).

Para a autora, o sistema conceitual que orienta o processo denominativo entende a motivação pela qual são construídas as denominações dos conceitos científicos como capacidade linguístico-cognitiva de uma dada comunidade uma vez que explica os diversos papéis que desenvolvem as metáforas em ambiente científico presentes nas associações de conceitos pré-existentes, assim como nas funções em que se evidenciam particularidade e produtividade.

Em sessão de comunicação intitulada “*Cognition and naming processes in terminology*”, na V Conferência de Linguística e Cognição (2010), salienta Pissolato que a metáfora na terminologia da Genética pode aparecer de duas maneiras: em termo culto, e metafórico. As metáforas organizam-se coerentemente nas línguas de especialidade. As metáforas terminológicas apresentam as funções: cognitiva, heurística, denominativa, metalinguística, didática. Já as da divulgação científica apresentam a função estilística.

5. Descrição dos resultados: estudo preliminar

Por se tratar de um estudo preliminar, as unidades/conceitos que servirão de base para a análise se detêm em: metáforas conceptuais orientacionais e respectivas expressões metafóricas, conforme o domínio da *profissão*.

O *conceito* de metáforas revela como os pescadores percebem o mundo, como eles se comportam e o modo como se relacionam com artefatos, pessoas, coisas, e como identificam os conceitos que governam o pensamento deles, assim como suas atividades cotidianas. A atenção dos pescadores está tão ocupada com atividades laborais e lúdicas que, ao significado de tais expressões, soma-se uma coloração emocional específica, só compreensível contra o fundo de sua psicologia grupal, na vida, comércio e outras experiências cotidianas. Nessa perspectiva, O pensamento, a referência é uma adaptação devido aos contextos psicológicos que interligam os elementos em contextos externos, e seja o que for que constitui o significado, os pescadores só se interessa por ele à medida que pode ser representado em termos de imagens associadas ao contexto visto que, do ponto de vista psicológico, o significado é contexto, as imagens associadas como que formam um contexto que dá coesão ao todo e lhe confere um significado definido.

Nesse sentido, a partir de alguns exemplos acerca de a metáfora conceitual *orientacional* percebe-se que, para os pescadores, no mínimo, os exemplos utilizados são elementos que constituem as dimensões naturais da experiência vivenciada por eles na labora da pesca. Para Lakoff & Johnson (2002), as metáforas convencionais, tais como: as orientacionais, ontológicas, estruturais, são freqüentemente baseadas em correlações que se percebem na experiência. Nesse sentido, os nove (09) exemplos aqui selecionados devem ser compreendidos como esquemas imagéticos, uma vez que o objeto descrito não é uma função da descrição dada, do sentido, mas da relação com o meio que gera o significado.

4.1. As metáforas orientacionais

São concretizadas com base na experiência espacial do falante cuja estruturação conceitual é de fundamento emocional e corpóreo, apresenta-se uma mudança postural para caracterizar um estado de comoção, mas sem ser este considerado positivo ou negativo. Indicam a organização de conceitos pela relação que estabelecem entre si e partem da experiência corpórea, física sobre espaço. Conforme revelam Lakoff e Johnson (2002):

A maior parte dos nossos conceitos fundamentais são organizados em termos de uma ou mais metáforas de espacialização. Cada metáfora de espacialização apresenta uma sistematicidade interna [...] Existe uma sistematicidade externa geral ligando as várias metáforas de espacialização (LAKOFF; JOHNSON; 2002, p. 65).

As metáforas orientacionais dão a um conceito orientação espacial, organiza todo um sistema de conceito em relação a outro. São aquelas que envolvem uma direção. Projetam uma orientação e uma estrutura de entidade. Não são arbitrárias, podem variar de uma cultura para outra. Referem-se a toda uma organização a envolver o próprio sistema de conceitos transportando esse sistema para outro, explicam-se pelo fato de terem a ver, em grande medida, com relações espaciais, a exemplo de: *em cima vs em baixo; dentro vs fora; à frente vs atrás; central vs periférico; profundo vs superficial*, em que a configuração do universo é compreensível a partir da experiência corporal do homem como ser falante. Têm uma base na experiência física e cultural do falante.

A partir do elemento físico da metáfora orientacional surge uma série de transferências e aplicações a outros domínios e os dados culturais são relevantes para a construção do sistema de conceitualização. No caso da pesca, esse tipo de metáfora representa a posição e o local em que se encontra o trabalhador pescador sendo este denominado por tal posição. O pescador atribui a essa metáfora outro sentido que só é percebido quando observado a linguagem verbal e não-verbal cujas estruturas emergem da experiência espacial do indivíduo, resultante de sua interação com o ambiente físico.

É um movimento de afastamento e proximidade⁸⁰ a depender da predominância de aspectos cognitivos subjacentes à realidade daquele grupo e que se pode observar a linguagem em uso, de modo que existe uma correspondência entre o domínio conceitual de quantidade e o domínio conceitual de verticalidade (*dentro* é para cima, a parte mais profunda do mar que toma toda a altura do pescador, e *fora* é para baixo, menos profundidade de mar que toma menos da parte do corpo reservada ao joelho do pescador). Percebe-se que a metáfora orientacional envolve uma direção vetorial (oposição), nas seguintes direções: *dentro, fora*, cima ..., perceber que o nível do mar sobe ou desce não literalmente, mas enquanto demarcação da função do pescador. A experiência corpórea se expressa em ideia de movimento ao longo de um caminho. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), essas metáforas estruturam conceitos linearmente, orientando por referência os entendimentos culturais que passam a ser metafóricos.

METÁFORAS ORIENTACIONAIS	EXPRESSÕES METAFÓRICAS
PESCADOR É CENTRAL	1. [...] <i>que ele pesque a rede, que ele vá de mosu, ele diz é pescadô porque den' da pescaria cada um tem sua funçãw, né [...]</i> (INF.04, O.C., 72 anos).
PESCADOR É ESPAÇO DENTRO-FORA	2. <i>Camaroeru quem sai de noiti, redi de camarãw aí é camaroeru, e taïera que é essa redi daqui</i> ((Mostra uma longa rede)), <i>aí se perguntá "vai pescá de quê"?, taïera. Aí vem um taïeru. E assim que são chamado. Ah, e tem a redi di arrasto que é a redi di Moreno</i> (INF.08, A.G.N., 25 anos).
EVENTOS FUTUROS SÃO PARA FRENTE	3. [...] <i>depende da ora, por exemplo, agora ((16:36)) quem vai saí é camaroeru pra pescá de noiti. Não tem ora. Já pra manhã entrá, o raiá do dia é pra pescaria de redi di arrastu, taïera. Pra taïera não tem ora, sai agora, no cravá do sow e sai no amanhecé do dia, taïera e a redi di pegá camarãw [...]</i> (INF.05,

⁸⁰ Para Batóreo (1997), *afastamento* refere-se à marcas limítrofes, e proximidade pode dar lugar a localizações específicas, tais como proximidade, companhia, posição intermediária ou substituição (cf. BATÓREO, 1997, p.427).

	J.A., 49 anos).
REALIDADE AQUÁTICA É PARA CIMA REALIDADE TERRENA É PARA BAIXO	4. <i>Eu, cum dez ano pra mena de idade, co' mena idade vi que meu pai cansó de pescá de calãw, ahenti ficava choranu, e daí ahenti comecemu na maré, e aprendemu que calãw di fora é os mosu que fica co' a água nos peitu.É dois, um na frente, puxa; otro, segura o calãw. Calãw di terra, o mosu que a água fica no jueļu ou abaxo do jueļu (INF. 02, C.P.N., 66 anos).</i>
REALIDADE AQUÁTICA É PARA CIMA REALIDADE TERRENA É PARA BAIXO	5. <i>Os que vão por terra é calãw di terra, é redi di camarãw; os que vão por lá, vão mais pelo fundo, chama calãw di fora porque tá lá na parte de fora, e o que tá mais cá em terra é calãw di terra. Os de lá vai, vai com água na cintura, nas caxa dos peitus, e os daqui vai pelo razo, é calãw di terra. O calãw di terra não se moła (INF. 04, O.C., 72 anos).</i>
REALIDADE AQUÁTICA É PARA CIMA REALIDADE TERRENA É PARA BAIXO	6. <i>O calãw di fora e calãw di dentu é mosu, pesca pra camarãw, patru pessoa. Ali tem o mestri e tem o poperu. O poperu e o mestri, eles dois puxa em terra, mas um de cada vez, mas o calãw di fora todos dois tem que í pescá fora, dois puxa fora e um em terra. Eles são mosu, todos dois.[...] dois mosu arrastano fora e um in terra, qué dizé, quando se fala fora é a pessoa co' a água aqui ((mostra parte do corpo abaixo da cintura)), co' a água aqui assim. E um em terra, em terra, qué dizé, que a água tá por aqui, mais ou menu no jueļu pra arrastá a redi, é o que ahenti chama de calãw di fora e calãw di terra (INF. 05, J.A., 49 anos).</i>
REALIDADE AQUÁTICA É PARA CIMA REALIDADE TERRENA É PARA BAIXO	7. [...] <i>O calãw di fora tem de sé duas pessoa, e o di terra, uma. Intão, uma fica numa corda, na frente puxano, e, e o otro vai sigurano no pau de calãw. Intão, eu tava na corda que chama cabrestu, tava nu cabrestu, puxanu, e ele tava no pau de calãw[...] O calãw di terra vai co' a água aqui ((aponta para o joelho)), Ele vai co' a água nu, no jueļu ou pra baxu</i>

	<p><i>do jueļu, o calãw di terra. E o di fora vai com a água nos peitu, da caxa dos peitu pru umbigu a água. [...]Um discansa uns aos otro, porque um bota a canoa na frenti e o otro leva o arrastu. E no otro arrastu, aquele que levó a canoa já leva o arrastu, e o que levó o arrastu vai pra canoa. E o calãw di fora, não. Todos dois é ali, até cabá a pescaria porque é dois[...]. Essa pescaria é camaroeru (INF.08, A.G.N., 25 anos).</i></p>
<p>Base física: PESCADOR É CONTROLE ou FORÇA É PARA BAIXO</p>	<p>8. Agora, abaxadô, é que abaxa a redi(INF.10, A.N.G, 25 anos).</p>
<p>Base física: PESCADOR É CONTROLE ou FORÇA É PARA BAIXO</p>	<p>9. Eu sou o abaxadô, eu baxu a redi, ele aí ((aponta para o mestre)) puxa, eu ficu deitadu den' d'água puxanu, baxanu a redi, depois eu saiu. Eu gostu mermu de pescá de abaxadô, não gostu de pescá de popa, nem de largadô, nem pé de bancu. Ele ajuda abaxadô, o pé de bancu, quando é imendadu ele ajuda o abaxadô, quando é curto é o abaxadô sozũ. Essa casuera aqui ((mostra a rede)), a metade aqui dexa um. Só a de dentu mermo só, a redi de dentu aí, aí chama curta, chama redi curta, redi pequena que é pra botá na bera da caroa. Imendada, imendada é quando solta, bota a redi quase toda, aí imenda a redi(INF.11, P.R.S., 21 anos).</p>

Quadro 2: Exemplos de Metáforas Orientacionais: Domínio da Profissão

Por conta da delimitação do número de páginas, analisar-se-ão as expressões **Calão de dentro ou terra /calão de fora**. Os demais exemplos serão vistos de modo geral.

1. **Calão de dentro ou terra /calão de fora**

As expressões metafóricas **Calão de dentro/calão de fora** são metáforas baseadas na representação da *maré* tanto como ser (pescador) quanto como objeto

(espécie de madeira utilizada pelos pescadores). Servem como representação da medida corpórea do homem do mar, revelando a profundidade do mar, se *calão de dentro*; ou superficialidade, ou que efetua trajetória de pescaria muito próxima à superfície da maré, se *calão de fora*. A denominação de tais elementos é proveniente de denominações atribuídas àqueles pescadores que desempenham atividade da pesca na profundidade ou superfície do mar. Pode ser considerada também como metonímia, usa-se de uma entidade para representar, referir-se a outra com a qual se encontra relacionada, focaliza certos aspectos da entidade a que se refere, o objeto pelo usuário; o usuário pelo lugar, o usuário pela profissão. Percebe-se a ocorrência dessa metáfora através das seguintes expressões (v. os exemplos das *expressões metafóricas* de 04-07).

A fim de realizar a definição espacial e temporal que se obtém usando indicativos, os pescadores recorrem a certas expressões concretas e específicas, a exemplo de expressões como *fundo, e pode chegar aos conceitos REALIDADE AQUÁTICA É PARA CIMA REALIDADE TERRENA É PARA BAIXO*, e as metáforas orientacionais espaciais do tipo: fora, fundo, dentro, frente, raso, central.

Em todos os casos, o papel da metáfora revela-se estruturantes, como revelam os exemplos citados acima, no sentido sistemático e também conceitual, no sentido imagético e projetéis. Funcionam num contexto situado tanto no genérico como culturalmente.

5. Considerações

Diante de alguns exemplos é provável, embora não ainda comprovado, que os pescadores da comunidade de Baiacu - Vera Cruz - Bahia demonstrem a máxima de Lakoff (2002), a de que é possível ver além das “verdades” de nossa cultura. Esse processo não é realizado por explicações, mas para produzir uma ação, pôr em execução a coisa ou o seu protótipo por manipulação da experiência corpórea, da realidade cultural e dos costumes desse povo e que não pode ser explicada sem uma constante referência a esses contextos mais amplos. Ressalta-se ainda que tais exemplos apresentados não abrangem todos os aspectos cognitivos da metáfora mas, apenas aqueles que podem servir de modelo a principiantes, e contribuir para comentários.

Nada a considerar, por enquanto. As pessoas da pesca fazem uso de pequenos e concretos vocabulários, a maioria de suas palavras é naturalmente adquirida em conexão direta com a experiência. A linguagem delas tem muito das características dos nomes próprios associados a coisas, objetos, entidades. Daí resulta a atitude metafórica em relação às expressões. Todo o vocabulário é ligado e subordinado à ação. Nas metáforas conceptuais orientacionais, *no domínio Profissão*, os pescadores não descrevem o que fazem, mas indicam o que estão a fazer. Esse processo não é realizado por explicações, mas para produzir uma ação, põem em execução a coisa ou o seu protótipo por manipulação da experiência corpórea, da realidade cultural e dos costumes desse povo e que não pode ser explicada sem uma constante referência a esses contextos mais amplos. O universo de significados só pode ser explicado em relação com os seus requisitos reflexivos e cognitivos. A *maré* é uma categoria geral onde os pescadores transpõem atitudes, ações, pessoas, animais, objetos, coisas. É construída segundo critérios seletivos de utilidade biológica, assim como de usos e valores psicológicos e interculturais e sociais. As coisas e os objetos têm um caráter personificado e passam a ser usados como objetos da ação. Essa categoria de ação e estado⁸¹ se presta tanto a ordenar como a indicar as experiências. Os pescadores não processam a metáfora como implicatura, mas decorre da instantaneidade de saber sua compreensão. Usam-na, sabem como usá-la, mas não sabem o que são.

Referências Bibliográficas

- ARAGÃO, A. R.F. *A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil*. v.1, 2007, 251 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- ALMEIDA, R.. *Notas de aulas*. Paraíba: UFPA/ , 1º semestre, 2009. (VI Congresso Internacional da ABRALIN e no XIX Instituto de Linguística).

⁸¹ Sobre o estado é válida a interpretação de Pinker(2008) para quem o estado é concebido como uma localização em um espaço de estados possíveis, e equivalem às construções locativas. Pinker salienta os estudos de Ray Jackendoff que “[...] explorou a maneira como muitas das palavras e construções usadas para movimento, localização ou obstrução do movimento no espaço físico também são usadas para um tipo metafórico de movimento, localização ou obstrução do movimento no espaço-estado”(cf. PINKER, 2008, p. 64).

ALVES, I. M. (Org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. *Cadernos de Terminologia*, São Paulo, n.1, FFLCH/CITRAT,1996.

_____. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In:_____. Neologia técnico-científica na imprensa brasileira contemporânea. In: *Actas de RITERM- VII Simpósio*, 2002.

Alves, I. M. et all. *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*.Volume I. Disponível em <<<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/livros/IVCOLOQUIO.pdf>>>

BATORÉO, H. J. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. 930 p .

BERBER-SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007. 167 p.

CABRÉ, M. T., ESTOPÀ, R. El conocimiento especializado y sus unidades de representación:diversidad cognitiva. In: *Sedenbar*, no.13, p. 141-153, Granada, 2002.

CAMERON, L. Metaphor shifting in the dynamics talk. In: M. S. Zanotto, L. Cameron and M. Cavalcanti (Eds). *Confronting Metaphor in Use: An Applied Linguistic Approach* 45-62. Amsterdam: John Benjamins, 2008b,

CAMERON, L. & MASLEN, R. *Metaphor Analysis: Research Practice in Applied Linguistics, Social Sciences and the Humanities*. London: Equinox Publishing Ltd., 2010.

COSERIU, E. La creación metafórica en el lenguaje. In: _____. *El hombre y su lenguaje: estudios de teoria y metodologia lingüística*. 2. ed. revisada. Madrid: Gredos, 1956. (1961?), p.67-102.

FAULSTICH, E. *A função social da terminologia*. São Paulo: Humanitas. FFLCH, USP, 1984. p. 9-12.

_____. Roteiro para a avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos. In: *Cursos da Arrábida terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. [coord. M.H.Matheus e M. Correia]. Portugal, Publicações Europa-América, nº. 4, 1998, p. 234-235.

_____. *Notas de aulas*. Salvador: UFBA/ PPGLL, 2º semestre, 2010. (Disciplina: LET 678: Seminários Avançados III, Módulo II: Lexicologia e Lexicografia; Terminologia e Terminografia).

GIBBS, Jr. R.W., STEEN, G.J. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Selected papers from the 5th International Cognitive Linguistics Conference, Amsterdam, 1999, 225 p.

GONZALEZ-MARQUEZ M. et ali. *Methods in cognitive linguistic*. John Benjamins Publishing Company, 2007, 452 p.

KÖVECSES, Z. *Metaphor and Culture*. New York: Cambridge University Press, 2005, 314p.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. *DELTA*, São Paulo, v. 16, n° 2, 2007.

KRIEGER, M.G., MACIEL, A.B.M., ROCHA, J.C.C., FINATTO, M.J.B. *Terminografia das leis do meio ambiente: princípios teórico-metodológicos*. TradTerm. Porto Alegre/São Paulo: Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 6, 2000.

_____. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: FLUFMG, 2006. p.157-171.

_____. FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999, 624 p.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002, 254 p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.242 p.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo de estudos da indeterminação e da metáfora (GEIM) sob coord. de Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras: Educ. 2002.254 p.

LAKOFF, G.. Radial categories. In: _____. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987. p. 91-114.

_____. Case study 2: over. In: _____. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987. p. 417-461.

MACEDO, A. P. de; FELTES, H. P. de M.; FARIAS, Emília M. P.. *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. RS: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2008, 303 p.

MACEDO, A. P. de. *Comunicação oral*. Florianópolis: UFSC/ 2º semestre, 2010. (Conferência Lingüística e Cognição).

MIRANDA, N. S.. Domínios conceituais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. In: *Veredas: revista de estudos lingüísticos*. Juiz de Fora, v 3 - n 1 - p. 81 a 95,1999.*a Alves*

MOREIRA, C. F.. *As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/Vera Cruz/Ba*. 2010. 384 f.:il Inclui anexos. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística. Área de Concentração: Linguística Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS. 2001, 277 p.

OLIVEIRA, I.. Métaphore et Terminologie. In:_____. *Nature et fonctions de la métaphore en science : l'exemple de la cardiologie*. Paris : L' Harmattan, 2009, p. 27-56.

OLIVEIRA, L. P. *A Terminologia da Genética Molecular: aspectos morfológicos e semânticos*. 2007. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.*ENTES*

_____. As formações metafóricas na denominação de termos técnico-científicos. In: *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Volume I. Disponível em <<<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/livros/IVCOLOQUIO.pdf>>>

_____. Aspectos funcionais das metáforas terminológicas em contexto científico e de divulgação científica. In: *ANAIS DO SETA*, Número 4, 2010 670, p. 670-681. Disponível em <<<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/viewFile/983/701>>>

OLIVEIRA, I. *Nature et fonctions de la métaphore en science*. L'exemple de La cardiologie. L'Harmattan: Paris, 2009.

PINKER, S. *The stuff of thought: language as a window into human nature*. New York: Viking, 2008, p.499.

PLUMACHER. *Color perception, color description and metaphor*. 2007.

RICOUER, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Rés, 1977, 356p.

ROSCH, E. *Cognition and Categorization*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, 1978.328 p.

SILVA, A. S. da. *A semântica do deixar*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. 686 p.

_____. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, VII, p. 13-75, 2003.

SVOROU, S.. *The grammar of space*. Amsterdam/Philadelphia San Jose State University, John Benjamin, 1994, 01-40 p.

SALOMÃO, M.M.. *Espaços mentais e a gramaticalização das representações espaço-temporais em Português*. Juiz de Fora: UFJF/CNPq, 1996. (Projeto integrado de pesquisa).

_____. *O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso*. Juiz de Fora/Rio de Janeiro: UFJF/UFRJ/UERJ - CNPq, 1999. (Projeto integrado de pesquisa - Grupo Gramática e Cognição).

_____. *Notas de aulas*. Florianópolis: UFSC/ 2º semestre, 2010. (Conferência Lingüística e Cognição).

GONZALEZ-MARQUEZ M. et ali. *Methods in cognitive linguistic*. John Benjamins Publishing Company, 2007, 452 p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo de estudos da indeterminação e da metáfora (GEIM) sob coord. de Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras: Educ. 2002.254 p.

MOREIRA, C. F.. *As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/Vera Cruz/Ba*. 2010. 384 f.:il Inclui anexos. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística. Área de Concentração: Linguística Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RICOUER, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Rés, 1977.

A centralidade das projeções figurativas na rede polissêmica

x-ista

Cryсна Bonjardim da Silva Carmo⁸²
crysnaonjardimsc@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta as projeções figurativas encontradas no interior da rede de construções agentivas denominais em x-ista, a exemplo das ocorrências oftamologista, desenhista, marxista. Isso ganha reforço com o reconhecimento da naturalidade e ubiquidade das projeções figurativas (Silva, 2003, p.36), antes relegadas à periferia, agora ocupando a cena contemporânea das ciências cognitivas. Um exemplo concreto desse fato são as redes polissêmicas-metafóricas, corriqueiras na linguagem, tanto no nível sintático, quanto no lexical – trincheira do presente trabalho. No caso das projeções metonímicas na rede de construções em foco, encontram-se: (1) COMPRESSÃO DE PERSONIFICAÇÃO; (2) PARTE PELO TODO. Já no que se refere às projeções metafóricas, tem-se as seguintes ocorrências: (1) *uma micro-narrativa* (Agente, Ação, Objeto), em termos de esquema imagético (agente desloca/manipula objeto), projetada e comprimida nas cenas dos agentivos denominais em sua expressão sintética; (2) *a metáfora do conduto* presente no elo metafórico entre as construções de movimento e a de adesão constituintes da rede polissêmica do x-ista; (3) a metáfora *mudança de estado é movimento/deslocamento* presente no elo metafórico que liga a construção de movimento à construção de resultado da rede o x-ista; (4) *metáfora orientacional* que, embutida na metáfora estrutural da pirâmide, estrutura não apenas a idéia que temos da sociedade, em termos hierárquicos, mas também o MCI de TRABALHO e, por extensão, os clusters dos agentivos denominais. Tal achado corrobora uma das afirmações principais da Hipótese Sociocognitivista da Linguagem, em seu feixe de princípios, qual seja: o caráter projetivo e imaginativo é um fundamento da cognição humana e, conseqüentemente, da linguagem (Miranda, 1999).

PALAVRAS-CHAVE: Projeções figurativas; Cognição; Linguagem; Construções lexicais.

ABSTRACT

This paper presents the figurative projections found inside the network of agents constructions in x-ista, such occurrences oftamologista, florista, marxista.. This was reinforced by the recognitions of the ease and ubiquity of the figurative projections (Silva, 2003, p.36) before relegated to the periphery, now occupying the scene of contemporary cognitive science. A concrete example this are polisemic networks-metaphorical of everyday language, both at the syntactic level, as in the lexical – trench

⁸² Universidade do Estado da Bahia, UNEB.

of this work. In the case of metonymic projections in the network constructions in focus are: (1) EMBODIMENT OF COMPRESSION; (2) PART BY ALL. In what refers to the metaphorical projections has the following events: (1) a *micro-narrative* (Agent, Action, Object) in terms of image scheme (agent moves/handles object), designed and compressed at the scene agents called in synthetic expression, (2) of *the conduit metaphor* in this metaphorical link between the movement and construction of the constituent membership of the network polysemic x-ista, (3) the *metaphor change of state in movement/displacement* in this metaphorical link that connects the construction of motion network in construction of result x-ista, and (4) the *orientational metaphor*, built on the metaphor of the pyramid what structure just our idea of society, in hierarchical terms, but also WORK MCI. - and by extension, the clusters of agents callec. Such, a findig corroborates the issues of the main of the Sociocognitive Hypothesis of the Language in their bundle of principles, namely, projective and imaginative character is a foundation of human cognition and, consequently, language. (Miranda, 1999)

KEYWORDS: Projections figurative; Cognition; Language; Lexical constructions

Introdução

A Hipótese Sociocognitiva da Linguagem que serve de núcleo teórico a presente pesquisa tem como fundamentos a crença na insuficiência do significante, na natureza sociocultural da cognição e de todos os seus modos, inclusive a linguagem. Tais premissas sustentam-se em um paradigma de ciência cognitiva que investiga os sistemas complexos dentro de seus contextos, considerando aspectos culturais ou biológicos que lhes são inerentes, acreditando que só nestes “cenários” é possível alcançar a magnitude de suas propriedades.

Nesta esteira, nossa agenda analítica se distancia dos trabalhos de tradição gerativista, dado o poder que esses estudos conferem ao significante lingüístico nos seus modelos de processamento, desencarnados das cenas comunicativas, que, ao assumir essa postura cartesiana, concebe a questão da integração conceptual em termos da “Hipótese forte da Composicionalidade”, nos moldes fregeanos⁸³, postulando a existência de regras algorítmicas nos processos de significação lingüística.

Para mostrar tal contraponto, nesse trabalho, apresentamos uma investigação realizada dentro do campo da Morfologia semi-produtiva e, como objeto, as formações agentivas

⁸³ A Hipótese forte da Composicionalidade, em termos fregeanos, significa assumir que o todo é resultado da simples soma de suas partes.

denominais em x-ista. Nossa tarefa consiste em desvelar a rede de relações no sistema formal e conceptual dessas construções no Português do Brasil, bem como a gama de significados e de usos, ressaltando, especialmente, o papel das projeções figurativas nesse processamento.

Para procedermos à análise dessas construções, recorreremos ao arcabouço teórico da Lingüística Cognitiva, especialmente nos trabalhos de Gilles Fauconnier (1994; 1997), Fauconnier & Turner (2002), Mark Turner (1996), Adele Goldberg (1995), Nili Mandelblit (1997), George Lakoff (1987), Lakoff & Jonhson (1980), Ray Jackendoff (2002), e na Hipótese Sociocognitiva nos termos delineados por Miranda (2000; 2003) e Salomão (1999; 2003; 2004).

Contudo, antes de expormos o nosso desenho, apresentamos brevemente as propostas desenvolvidas pela tradição gramatical e pela abordagem lexicalista no que concerne à formação dos agentivos denominais em x-ista no Português do Brasil.

1. A tradição gramatical e o sufixo x-ista

Dentro da tradição gramatical, o processo de formação lexical em –ista, assim como qualquer outro processo similar, recebe tratamento bastante fragmentário. A *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (Cegalla, 1980) é um exemplo disso. Em um capítulo de Morfologia, nomeado como “Estrutura das palavras”, -ista é um tipo de afixo (sufixo) tido como elemento secundário na estrutura da palavra. Em outro capítulo, “Formação de Palavras”, um quadro tipológico dos processos de formação de palavras (por derivação ou composição) aponta a participação dos sufixos no chamado processo de derivação sufixal. Um terceiro capítulo, nomeado “sufixos” apresenta, por fim, uma lista dos principais sufixos nominais (onde –ista aparece) e verbais. É desta lista, mais ou menos simplificada, que emerge, nestes manuais, a descrição semântica do sufixo –ista, como formador de palavras com o sentido de “partidário, ocupação, ofício”, como *comunista e maquinista*.

Esta descrição semântica, abarcada por esse sufixo, é tão marcada que não encontramos divergências nesses manuais de gramática. Exemplos disso são a “Nova Gramática do

Português Contemporâneo” de Cunha & Cintra (1985, p.96) e da “Gramática Secundária da Língua Portuguesa” de M. Said Ali (1969, p.111-112), em que encontramos, grosso modo, a mesma definição, como podemos observar, respectivamente, abaixo:

SUFIXO –ista:

(i) partidário ou sectário de doutrinas ou sistemas (em – ismo), sejam eles políticos, religiosos, filosóficos ou artísticos: *realista, simbolista, Kantista, positivista, federalista, fascista, budista*.

(ii) ocupação, ofício: *dentista, pianista, neurologista, tenista*.

(2) SUFIXO – ista:

sufixo de origem grega que designa, relativamente aos nomes de doutrinas em –ismo, os seus sectários, bem como os atos de acordo com elas: *bramanista, gongorista, socialista*, etc... Também serve o sufixo –ista para designar indivíduos cuja ocupação se relaciona com o objeto a que se refere o termo derivante: *flautista, florista, telefonista, folhetinista, maquinista, latinista, dentista, acionista*, etc”.

Esta definição do sufixo x-ista ainda pode ser encontrada na “Gramática Fundamental da Língua Portuguesa” de Gladstone Chaves de Melo (1968, p.106) e nos “Estudos Práticos da Gramática Normativa da Língua Portuguesa” de J. Nelino de Melo (1968, p.35). Este último define o -ista como um sufixo nominal, formador de substantivo ou adjetivo e como designativo de agente.

2. A resposta lexicalista para as formações em x-ista

Dentro da perspectiva lexicalista de análise, Miranda (1979) reconhece que as formas agentivas em –ista se dividem em dois grandes grupos, podendo ser compreendidas através das seguintes paráfrases: (1) ‘*partidário de x-ismo*’ e (2) ‘*especialista em X*’, como podemos constatar nos exemplos que se seguem:

GRUPO 1 - 'partidário de X'

estruturalista, absolutista, vanguardista, simbolista, futurista, marxista, getulista

GRUPO 2 - 'especialista em X'

Neurologista, patologista, musicista, semanticista, psicanalista, ginecologista, traumatologista

Entretanto, Miranda (1979, p.64) ressalta que existem algumas particularidades em relação ao grupo 2: os agentivos que têm na sua formação a base com o traço semântico /-concreto/ respondem perfeitamente à paráfrase proposta (*'especialista em X'*), mas, quando a base apresenta um traço /+concreto/, a especificação de sua característica vai depender das particularidades sintático-semânticas denunciadas no radical da forma em questão. No entanto, segundo a autora, isto não chega a comprometer o sentido geral do grupo 2, como evidenciam os exemplos abaixo:

pianista:	'que toca piano'
tratorista:	'que dirige o trator'
tenista:	'que joga tênis'
ensaísta:	'que escreve ensaios'
romancista:	'que escreve romances'
figurinista:	'que desenha figurinos'

Além da distinção presente no que toca à composição do sentido geral dos agentivos em x-ista, diferenças no comportamento sintático destas formações são apresentados nos termos que passamos a sumarizar:

Os agentivos do GRUPO 1 têm como forma de base as categorias Nome e Adjetivo. E no caso da categoria de Nome existem duas subcategorias semânticas: [-concreto] e [-comum]. A autora ressalta que os agentivos desse grupo podem funcionar tanto como adjetivos quanto nomes, como ilustram os exemplos abaixo:

1. Os *gerativistas* são ferrenhos defensores da supremacia sintática.

(Nome)

2. As teorias *gerativistas* sofreram um abalo com o advento do Cognitivismo.

(Adjetivo)

Os agentivos do GRUPO 2 têm a base composta sempre pela categoria sintática de Nome, e suas subcategorizações semânticas estão especificadas nos traços de [+concreto] e [-concreto].

Contudo, como esse último traço está presente também no GRUPO 1, é proposta uma nova distinção entre os nomes abstratos dos dois grupos. Miranda (1979, p. 69), aponta o traço de [+especialidade], pois esse está presente em todos os nomes abstratos do GRUPO 2 e nenhum no GRUPO 1. Vejamos esta distinção nos subgrupos abaixo:

Nome [+concreto]

piano / pianista
paisagem / paisagista
trator / tratorista
flauta / flautista
concerto / concertista

Nomes [-concreto]
e [+especialidade]

ortopedia / ortopedista
oncologia / oncologista
patologia / patologista
logopedia / logopedista
anatomia / anatomista

O grupo 2 tem função única de Nome, como atestam os exemplos abaixo:

3. Os *oftamologistas* do SUS estão em greve.

(Nome)

4. * O SUS contratou um SN *oftamologista*.

(Adjetivo)

Diante das distintas configurações semântico-formais dos grupos 1 e 2, Miranda (1979, p.69) postula a *homonímia* para responder aos processos de formação dos agentivos denominais em x-ista.

3. O desenho cognitivista: a rede polissêmica dos agentivos em x-ista

Para a perspectiva sociocognitivista, o agentivo x-ista não é um elemento secundário no processo de formação de palavras, nem se constitui como duas formas homônimas que carregam grupos distintos, tais como advogam, respectivamente, a tradição gramatical e a hipótese lexicalista. Pelo contrário, o agentivo denominal em x-ista se configura em uma rede polissêmica que recobre todas as suas ocorrências. Isso porque, subjacente às formações dos agentivos denominais em x-ista, postula-se que a estrutura conceptual de AÇÃO seria a motivação sociocognitiva básica para a postulação dos enquadres⁸⁴ gerados por esse agentivo denominal.

A fim de verificar tal prerrogativa, coloca-se em relevo a estrutura argumental subjacente a essas construções. Esta estrutura resulta da mescla entre papéis argumentais e relações gramaticais (morfológicas), configuradas na cena de ação. Assim é que, “descomprimindo” as construções mórficas agentivas em x-ista, a estrutura argumental explicitada revela a presença de dois tipos de enquadres definidores de dois *clusters*⁸⁵ básicos de formações agentivas em x-ista, quais sejam:

⁸⁴ Por enquadre entende-se uma estrutura (*frame*) semântico-lingüística que introduz uma perspectiva sobre uma cena conceptual. O enquadre é um recorte que tem o efeito de colocar em **foco** determinadas porções de significado da situação referenciada, subfocalizando ou desfocando outras inferíveis na cena. A tarefa da gramática e do léxico (das construções) é suscitar enquadres diferentes. (MIRANDA, 2000, p.91).

⁸⁵ *Cluster models* são definidos como um conjunto de modelos que se combinam para formar um conglomerado complexo que é psicologicamente mais básico do que os modelos tomados individualmente (LAKOFF, 1987, p.74). Além disso, A postulação da existência de tais conglomerados, parte da natureza associativa da memória, o que significa que falantes, ao categorizar, tentam fazê-lo através de instâncias já aprendidas (GOLDBERG, 1985, p.133).

CLUSTER de ATIVIDADE: a cena enquadrada neste submodelo de agentivos exprime um dado <fazer > (movimento/manipulação de objeto) localizado num intervalo de tempo aberto, delimitado por dois eventos (início e final de uma atividade). Assim, temos um script que implica um *objeto manipulado que pré-existe à ação*:

<i>tratorista:</i>	o homem que DIRIGE trator
<i>pianista:</i>	o homem que TOCA piano
<i>montanhista:</i>	o homem que ESCALA montanhas

CLUSTER de CRIAÇÃO: o script evocado demarca um estado de coisas dinâmico, localizado num dado intervalo, que exprime a passagem de um estado para outro estado. Assim, temos o seguinte script: *o objeto manipulado resulta, é produto da ação exercida sobre ele* (movimento de criação de um objeto):

maquetista:	o homem que CONSTRÓI maquetes
ceramista:	o homem que MODELA a cerâmica
romancista:	o homem que ESCREVE romances

Para Matheus (1989, p.39) tais cenas evocadas envolvem dois tipos de predicadores distintos, quais sejam, *predicador de processo e de evento*. No entanto, a nosso ver, a distinção é, de fato, de *natureza aspectual*. Nessa esteira, a continuidade essencial entre as construções morfológicas e sintáticas é o suposto que permite evocar uma solução construcional para a gama de sentidos das formações em x-ista, em paralelo com uma rede de construções sintáticas.

Analisando a estrutura argumental presente nas construções agentivas em x-ista, em princípio, parece clara a relação semântica entre os *clusters* (ATIVIDADE e CRIAÇÃO) e duas construções sintáticas, pontuadas por Ferreira (2005) motivadas pela construção AGENTIVA: a *construção de movimento-causado* e a *construção resultativa*. Assim é que em “*pianista*”, *cluster* de ATIVIDADE, tem-se uma cena que

focaliza o *início* de uma ação de movimento/manipulação de um objeto (piano); e em “*novelista*”, *cluster* de CRIAÇÃO, temos uma cena que focaliza o *resultado* de uma ação de movimento/manipulação de um objeto (a “*novela*” é resultado).

Observando as características particulares das construções referidas, teríamos os seguintes padrões sintático/semânticos:

<i>CONSTRUÇÕES</i>	<i>SINTAXE</i>	<i>SEMÂNTICA BÁSICA</i>
<i>Movimento-causado</i>	[S V OBJ OBL]	X causar Y mover Z
<i>Resultativa</i>	[S V OBJ X comp]	X causar Y tornar-se Z

Exemplos:

5. Hortência jogou a bola direto na cesta do adversário.

(movimento-causado)

6. O calor passou o gelo a líquido em poucos minutos.

(construção resultativa)

Contudo, a “descompressão” da cena implicada nas construções sintáticas e morfológicas revelaria, nesse caso, uma gênese conceptual, de fato, comum? Nas construções sintáticas, a estrutura argumental resulta da compressão, em uma mescla complexa, de uma seqüência de dois eventos (EVENTO CAUSADOR e EVENTO CAUSADO). No caso da construção de movimento causado, teríamos:

7. Hortência jogou a bola direto na cesta do adversário.

1.Evento causador – Agente1 AGIR

2.Evento causado – Agente2 MOVER direção

Parafraseando as etapas dos eventos, teríamos:

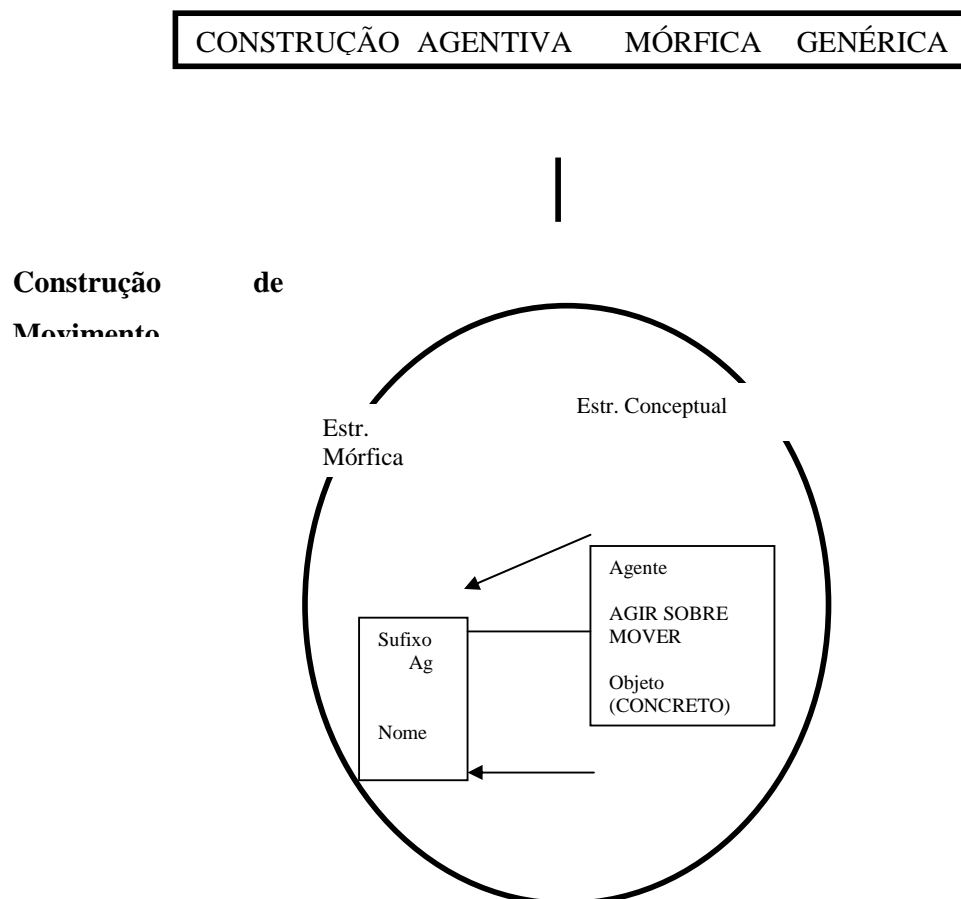
8. “Hortência CAUSOU a bola MOVER-SE em direção à cesta.

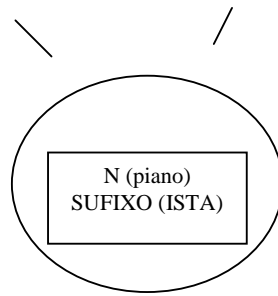
De fato, temos um *script* distinto nas cenas evocadas pela construção agentiva morfológica em x-ista. Trata-se de uma construção transitiva canônica em que se verifica a compressão de um evento causador, *único*, em um *script* de um ato e não de dois, como as construções sintáticas.

3.1. Os elos entre as construções em x-ista

Nessa perspectiva analítica, portanto, a construção agentiva denominal em x-ista se organizaria em uma rede polissêmica em que a *construção de movimento* motivaria a *construção de resultado* e a *construção de adesão* que seriam suas herdeiras, através de *elos metafóricos* distintos. Assim, nesse traçado, teríamos a seguinte rede polissêmica de construções agentivas denominais em x-ista:

Diagrama 1: Rede polissêmica x-ista





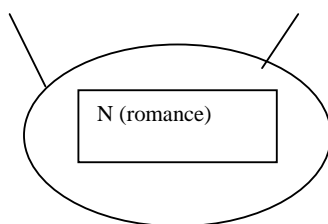
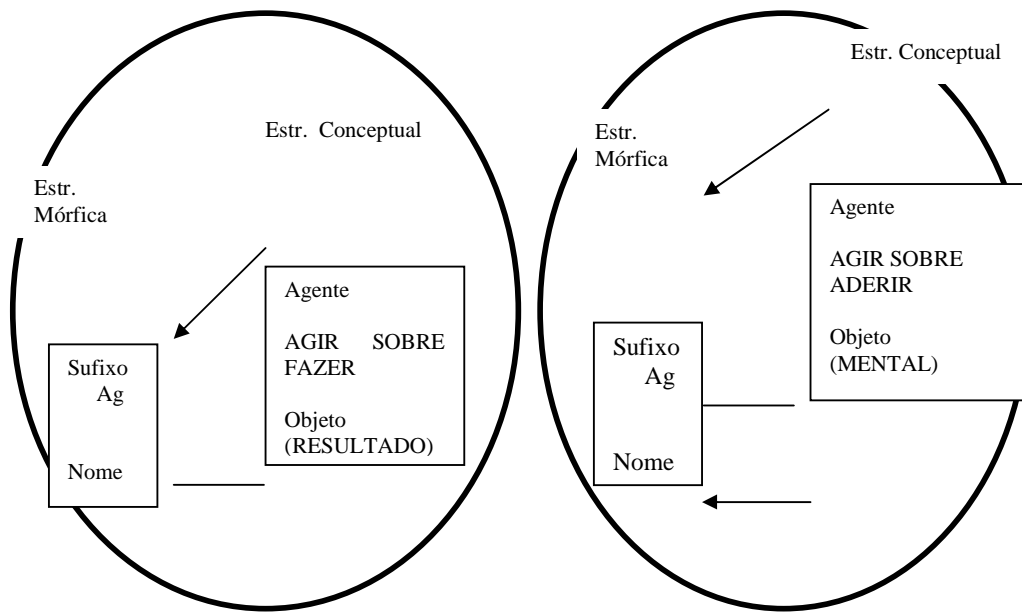
PIANISTA

Construção de Resultado

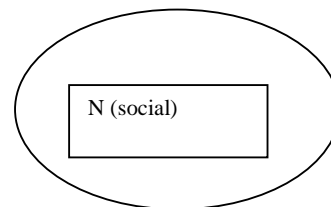
Elo metafórico

Construção de Adesão

Elo metafórico



ROMANCISTA



SOCIALISTA

O diagrama 1 mostra, portanto, uma construção central (Construção de Movimento) que motiva, via elo metafórico, as Construções de Resultado e de Adesão⁸⁶.

Os elos metafóricos presentes nessa herança seriam os seguintes:

Na relação entre a *Construção de movimento* e a *Construção de resultado*, temos uma *projeção metafórica* (Goldberg, 1995:83-84) em que *a mudança de lugar* ou *mudança de estado* são compreendidos como movimento. Exemplos: *maquetista, figurinista, estilista*. Assim em *projetista*, a existência de um objeto novo no mundo, como ‘resultado’ da ação do agente, equivale a uma mudança de estado projetada, metaforicamente, como movimento.

No caso da relação entre a *Construção de movimento* e a *Construção de adesão*, temos a ação do agente sobre um objeto mental (idéias, comportamentos e conceitos). Exemplo: *socialista, teosofista, santista, egoísta, escapista*, etc. A *projeção metafórica* aqui se expressa através da *metáfora do conduto* (Lakoff, 2002. p.15), a qual pode ser evocada para explicar como uma “idéia” pode ser entendida/projetada como um objeto. Nessa metáfora, explicitada por Michael Reddy (1979, apud Lakoff, 2002, p.15-19) a comunicação é concebida como um conduto em que idéias, conhecimentos e significados, são entendidos como objetos e, por sua vez, possíveis de serem transportados de um ponto a outro em um determinado canal – livro, pessoa, fala, música, etc. A *Construção de adesão* cobriria o deslocamento/manipulação desses “objetos mentais”.

3.2. A questão da produtividade

⁸⁶ Não trataremos da relação paradigmática existente entre *x-ista/x-ismo*. Miranda (1979) propõe a existência de um padrão morfológico entre esses sufixos (ver seção 3.3.2 neste trabalho). Vale marcar, no entanto, a expansão, por analogia, das formações em *x-ismo* para outra construção da rede (a construção de movimento (*ciclista / ciclismo; motociclista / motociclismo; turista / turismo*) e mesmo para outras construções do Português do Brasil (*atleta / atletismo; rádio-amador / rádio-amadorismo*)

A questão da produtividade das formações agentivas em x-ista implica duas questões distintas e complementares. A primeira diz respeito ao reconhecimento de que se trata de um padrão lexical produtivo, isto é, de um padrão disponível para novas formações; e a segunda concerne ao território da Morfologia semi-produtiva a partir do qual deve-se indagar as condições limitadoras da produtividade dessa construção. Sendo assim, o reconhecimento de restrições não apenas formais entre os paradigmas concorrentes como x-o e x-eiro, e a invocação de um modelo social de organização do trabalho, constituem-se como uma vigorosa contribuição para a compreensão das condições de produtividade desse agentivos.

O redesenho sociocognitivo dessa proposta, dentro de dimensões semântico-pragmáticas, é o que passamos a apresentar.

Na perspectiva da Hipótese Sociocognitiva, os conhecimentos produzidos socioculturalmente são organizados em esquemas conceptuais, definidos como Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Miranda (1999, p.83) afirma que esses esquemas têm por função possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um determinado conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária (cf. seção 2.2.1). Nesses termos, podemos postular a existência de um MCI de TRABALHO que, em seus submodelos ou *clusters*, definiria as limitações de produtividade dentro do mesmo padrão genérico que recobre as construções em x-o, x-ista e x-eiro.

Como conceito, estruturado pela sociedade, o MCI de TRABALHO pode ser compreendido da seguinte forma:

Como um conjunto de atividades em que se aplicam as forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; como atividade coordenada de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; é uma atividade produtiva por isso remunerada ou assalariada; significa ainda: erveço, emprego, qualquer obra realizada, lida, labuta e local onde se exerce essa atividade. (Dicionário Aurélio, 2000, p.679).

Nesta definição, podemos constatar que este conceito abarca diversos tipos de atividades, que vão desde as atividades braçais, que envolvem força física, até as de natureza intelectual. É a partir dessa divisão do trabalho que se estruturam os *clusters* que nos interessam na presente análise. Tais *clusters* se distribuem verticalmente dentro da *metáfora estrutural*⁸⁷ da pirâmide (Lakoff, 2002. p. 59-69) que, iconicamente, representa a estrutura hierárquica definidora das classes sociais nos seguintes termos orientacionais: STATUS SUPERIOR É PARA CIMA e STATUS INFERIOR É PARA BAIXO (LAKOFF, 2002. p. 63). Assim, da base da pirâmide até o topo, temos a classe social *baixa*, desprovida de bens não só materiais como simbólicos, e as classes, gradativamente mais providas desses bens (classes *média* e *alta*). Tal hierarquia se projeta, associativamente, no MCI de Trabalho nos termos seguintes: na base (em baixo) temos as profissões do “fazer”, envolvidas com a força física, menos prestigiadas. Verticalmente e, gradativamente, temos as profissões especializadas, intelectualizadas, e cada vez mais relacionadas com o “saber”, com *status* superior.

Nesses termos, definiríamos, esquematicamente, três *clusters* do MCI de Trabalho, através dos quais é delimitada a relação de produtividade “complementar” entre as construções denominais x-o, x-ista, x-eiro:

No caso do x-o, teríamos um *cluster* numericamente mais reduzido e organizado em torno de agentivos que definem atividades altamente especializadas, normalmente restritas a ambientes acadêmicos e de pesquisa, a exemplo de *filósofo, sociólogo, paleontólogo, biólogo, arqueólogo*⁸⁸, etc. Já em x-ista, teríamos um *cluster* organizado em torno de agentivos que indicam alguma especialidade, seja intelectual, tecnológica ou artística, atividades que se encontram distribuídas em vários setores sociais, desde a academia até setores públicos e privados, a exemplo de *jornalista, eletricista, lingüista, paisagista, umbandista*, etc. Por fim, com relação a x-eiro, teríamos um *cluster* bastante abrangente, que organizaria atividades que não requerem especialização, normalmente braçais, que alcançam os setores sociais menos prestigiados (*faxineiro, lixeiro, jornaleiro, pedreiro, costureiro*, etc.)

⁸⁷ Metáforas estruturais: estruturam, metaforicamente, certos conceitos em termos de outro. (LAKOFF, 2002, p.59).

⁸⁸ A Origem erudita e o acento proparoxítono contribuem com a restrição numérica e semântico-pragmática do *cluster* em x-o (MIRANDA, 1979, p. 82-83).

Outras expressões metafóricas entram em cena na relação desses *clusters* do MCI de Trabalho com os *clusters* de construções denominais. Botelho (2004), em seu trabalho sobre o x-eiro, vai explicar a grande gama de sentidos dessa construção através da rede polissêmica que, tendo como base prototípica a categoria dos agentivos humanos (*lavadeira, sapateiro, bombeiro, carcereiro*), se expande, através de um processo metafórico de PERSONIFICAÇÃO, para a designação de objetos, fenômenos, estados negativos (*lixreira, nevoeiro, bobeira*, respectivamente). O curioso é que apenas as construções em x-eiro projetem essa herança de AGENTIVIDADE para além do domínio humano. Isto não acontece com x-ista e, muito menos, com x-o. Novamente, uma base metafórica orientacional comparece: PARA CIMA É BOM; PARA BAIXO É RUIM (Lakoff, 2002. p.63). Assim, o *cluster* de x-eiro carrega o peso de estar “em baixo”, apresentando uma rede de construções que herdaram esse *status*. É este aspecto, particularmente, que vai determinar a semi-produtividade da construção x-ista, tendo em vista que este denominal só é usado para referenciar agentividade humana (*tratorista, figurinista, barista, ginecologista, letrista*).

Em síntese, portanto, o *cluster* x-ista pode ser definido pela agentividade marcada pelo traço humano e pelo traço de *status* mais elevado.

Entretanto, esses *clusters* que organizam os agentivos denominais também podem ser entendidos como categorias, e como tal, podem sofrer o que Fauconnier & Turner (2002. p.269) definem como *metamorfozes categoriais*, ou seja, as categorias não se encontram estanques, são passíveis de mudança, como qualquer conhecimento humano de uma determinada época, tendo em vista a necessidade, alargamento ou a imprecisão de suas “fronteiras”. Um exemplo seria o agentivo de “*faxineira*”. Com as últimas mudanças que enquadram tal profissão, a partir do reconhecimento dos direitos trabalhistas, tal profissional passa a receber a designação de “*diarista*”, uma espécie de ascensão dentro da pirâmide – denominal e social.

Aparentemente teríamos também contra-exemplos em formações como *manobrista, frentista, taxista*, dada a posição dessas profissões na pirâmide social, mas tais formações podem ser explicadas por associação/analogia dentro do MCI de PROFISSÕES relacionadas à manipulação de veículos, lideradas pelo agentivo “*motorista*”.

Em termos da Gramática das Construções, as fronteiras de produtividade erigidas entre as diferentes construções agentivas denominais do Português, poderiam ser explicadas pelo *Princípio da Expressividade Maximizada* (o repertório de construções de uma língua é maximizado procurando atender às necessidades comunicativas) e pelo *Princípio da Economia Maximizada* (o repertório de construções não excederá as necessidades comunicativas em uma dada língua) (Goldberg, 1995, p.67).

3.3. Os limites de um padrão construcional

Cabe ressaltar, a essa altura, que a postulação de um padrão construcional para x-ista, nos termos que acabamos de descrever, não significa um “acerto de contas final”. É certo que um padrão construcional como esse não determina qual das construções herdeiras está sendo evocada. Assim, para *tratorista* poderíamos evocar tanto a construção de movimento como é o caso (*‘aquele que dirige, movimenta o trator’*), como a construção de resultado (*‘aquele que faz/constrói o trator’*), só não o fazemos, porque esta forma já está armazenada em nossa memória. Em uma forma nova como *cruzadista*, só o contexto vai ratificar se este agente é *‘aquele que cria palavras’* (construção de resultado) ou *‘aquele que faz uso delas’* (construção de movimento). Em alguns casos, o enquadre metonímico apontado só permitirá a compreensão do sentido do agentivo, dentro de uma cena fortemente marcada pelo contexto de produção. É o caso do neologismo “*barista*” do PB que, ao usar o nome *bar*, aponta o cenário da ação, mas não nos dá a pista do sentido específico (*‘aquele que faz drinks de café em um bar’*) em contraponto ao *barman* que *‘prepara drinks genéricos’* no mesmo cenário.

Nesse ponto vale evocar princípios fundamentais que sustentam a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, quais sejam, o *Princípio da insuficiência do significante* (Salomão, 1999, p. 66) e o *Princípio do partilhamento no processo de significação* (Miranda, 2001, p. 61). Nos termos de Fauconnier (1994: xxii apud Miranda, 2000, p.33), “a linguagem não porta o sentido, mas o guia”. Tais princípios implicam na afirmação séria sobre o caráter compartilhado, dinâmico da construção dos sentidos, enfim, na afirmação do contexto pragmático (atores e enquadre sociointeracional) como

parte da arquitetura do específico lingüístico, ao lado da estrutura formal, e não como seu pano de fundo em “cenas raras”.

Nesses termos, cada formação emergente do padrão construcional x-ista, ainda que carregue consigo a arquitetura semântica da rede, vai evocar enquadre semântico-pragmático específico, metonimicamente, apontado pela sua variável x (o objeto manipulado – o nome de base *trator*, por exemplo) e ratificado pelo contexto pragmático específico gerador do agentivo.

É por tudo isso que cada *output* dessa rede de construções deverá estar listado, pelo menos naquilo que tem de singular, idiossincrático, no léxico como um item lexical (Jackendoff, 2002. p.152-230).

3.4. Projeções figurativas na configuração da rede das construções em x-ista

As projeções figurativas têm um papel fundamental nas análises apresentadas até aqui, conduzindo à ratificação da hipótese, da centralidade dos processos metafóricos e metonímicos na configuração da rede polissêmica do x-ista. De modo a tornar mais explícita esta centralidade, apresentamos, na presente seção, um quadro das principais manifestações figurativas nas construções da categoria radial x-ista.

No caso das projeções metonímicas, temos a sua manifestação principal em três situações na construção x-ista:

na COMPRESSÃO DE PERSONIFICAÇÃO, haja visto que toda expressão mórfica denominal de agentividade é, em si, resultado de uma projeção metonímica (PARTE PELO TODO), o que se tem é toda uma cena comprimida em um elemento, o agente/ATOR (*‘aquele que escala montanhas’/montanhista, ‘aquele que pinta paisagens’/paisagista, ‘aquele que trata dos olhos’/oftalmologista*);

outra projeção metonímica (PARTE PELO TODO) pode estar no Nome que forma a base dos agentivos. Aqui temos, também, um elemento (*parte*) que, iconicamente, aponta a cena enquadrada, remetendo ao *todo*. É assim que *‘tênis’* em *tenista* define o enquadre não pelo objeto manipulado (*a bola*), mas pela designação da atuação esportiva. No caso de *‘desenho’* em *desenhista*, temos o produto da ação do agente evocando a cena da atuação artística.

No caso das construções de adesão, a metonímia vai ter um papel crucial na explicação da diversidade de categorias gramaticais que compõem a sua base. Temos nomes comuns (*futuro/futurista; reforma/reformista*), nomes próprios (*Marx/marxista; Lenin/lenilista; Getúlio/getulista*), adjetivos (*real/realista, concreto/concretista*) e até algumas, ainda que raras, bases verbais (*continuar/continuista, escapar/escapista, entregar/entreguista*). Por trás dessa aparente “desordem”, existe, de fato, uma lógica promovida pela projeção metonímica, que vai conduzir um processo de *nomeação* a partir de uma relação vital *parte/todo*. Assim, qualquer dessas categorias da gramática é um ícone da cena conceptual evocada, servindo, de fato, à nomeação, à designação do todo (a idéia, o conceito ao qual se adere) pela sua parte mais relevante (o mentor da idéia, a substância ou a característica da idéia, a ação focal). Tal processo projetivo comparece igualmente na forma em *x-ismo* que se articula no padrão *x-ista/x-ismo*: *getulismo, marxismo, futurismo, escapismo, realismo*.

No caso das projeções metafóricas que compõem a rede polissêmica do *x-ista*, temos as seguintes ocorrências:

uma *micro-narrativa* (Agente, Ação, Objeto), em termos de esquema imagético (agente desloca/manipula objeto), projetada e comprimida nas cenas dos agentivos denominais em sua expressão sintética;

a *metáfora do conduto* presente no elo metafórico entre as construções de movimento e a de adesão constituintes da rede polissêmica do *x-ista*;

a *metáfora mudança de estado é movimento/deslocamento* presente no elo metafórico que liga a construção de movimento à construção de resultado da rede o *x-ista*;

a *metáfora orientacional* embutida na *metáfora estrutural da pirâmide*, estrutura não apenas a idéia que temos da sociedade, em termos hierárquicos, mas também o MCI de TRABALHO e, por extensão, os *clusters* dos agentivos denominais.

Cabe acrescentar ainda a natureza das relações vitais, comprimidas nessas redes de integração conceptual, geradoras dessas construções metafóricas. Conforme apontado nesta seção, a relação vista PARTE-TODO está fortemente presente, assim como as

relações identidade, analogia, desanalogia, percepção de causa e efeito, papel, representação, categoria, intencionalidade, unicidade.

O desvelamento destas projeções na análise da rede polissêmica do x-ista corrobora a experiência como fundamento no processo de estruturação da cognição, do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem. Em outros termos, afirma-se o fundamento do corpo na constituição do pensamento humano, bem como o papel da imaginação como ferramenta de produção – e projeção – de significados. Nos termos de Turner (1996, p.05), tais projeções metafóricas e metonímicas são uma evidência da capacidade *parabólica* da mente humana, isto é, da capacidade de projetar histórias em outras histórias e mais outras, construindo a gramática, o léxico, os textos, o discurso.

4. Considerações finais

Com a explicitação das respostas para as formações em x-ista, podemos asseverar as diversas vantagens que uma abordagem cognitivista oferece para explicar os processos de configuração forma/sentido de um item lexical, seja este de que natureza for. A primeira dessas vantagens respeita ao fato de que os constructos teóricos erigidos pela Lingüística Cognitiva, tais como a Teoria dos Espaços Mentais, a Gramática das Construções e a Teoria Conceptual da Metáfora, são mais eficazes para explicar não só as manifestações semântico-formais “comportadas” do fenômeno lingüístico, como também aquelas lançadas à periferia pelas abordagens tradicionais, por serem consideradas imprevisíveis, como é o caso dos processos morfológicos derivacionais.

Tal eficácia é imputada ao caráter processual, dinâmico, multidirecional que a Lingüística Cognitiva empresta a seus princípios e categorias e, em contraposição ao traço linear, estrutural ou algorítmico das postulações da tradição formalista.

Concebendo a linguagem (a gramática e o léxico de uma língua) como uma rede de integrações de forma/sentido, mobilizada pela nossa capacidade projetiva e imaginativa, fundada na cultura, a Lingüística Cognitiva atribui ao significante o *status* restrito de pista acionadora dos complexos processos cognitivos, culturais e interacionais imbricados na significação. É dessa forma que o agente nominal x-ista, deixa de

ser, simplesmente, mais um item numa lista aleatória de sufixos depositado no Léxico, ou, ainda, uma forma homônima para responder a complexidade da semântica de suas inúmeras ocorrências, como asseveram, respectivamente, a tradição gramatical e a Hipótese Lexicalista, para ser reconhecido como a pista de uma complexa rede polissêmica de construções, marcada por processos cognitivos, culturais e interacionais dos sujeitos.

Dessa forma, essa perspectiva amplia as fronteiras da análise lingüística para além das formas (o mapa não é o território), para além dos grilhões dos princípios de previsibilidade absoluta e da transparência que aprisionam os sentidos. Afinal, os sentidos, incrustados nas cenas de interação humana, ainda que mapeados por padrões conceptuais/formais em grau relativo de previsibilidade, revelam o jogo vivo da linguagem.

Referências Bibliográficas

BOTELHO, Laura. *Construções agentivas em x-eiro: uma rede metafórica*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

CEGALLA, D. Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paula: Cia Editora Nacional. 1980.

CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. *A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais x-ista: uma abordagem sociocognitiva*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindsay. *Nova gramática do português contemporânea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

CUNHA, A . G. *Dicionário etmológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.1986.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, Maristela da Silva. *Buscar menino no colégio, pular carnaval na Bahia, e, ainda por cima, jogar lenha na fogueira?* Retomada de um diálogo sobre a questão da

geratividade na linguagem. Dissertação(Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

JACKENDOFF, Ray. *Foudations of Language*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAROCA, M. N, de C. *Manual de morfologia do português*. 3ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF. 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press. 1990.

MANDELBLIT, Nili. *Grammmatical Blending: Creative and chematic aspectos in sentence processing and translation*. San Diego: The University of California, 1997.

MIRANDA, Neusa. Salim. *Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

_____. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. (Tese de doutorado)Belo Horizonte: UFMG, 2000.

_____. Projeto de pesquisa CNPq: *A gramática das construções na constituição do léxico*, UFJF, 2003.

_____. *Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais*. In: Veredas, v. 3, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. *O caráter partilhado da construção do significado*. In: Veredas, v. 5, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

MATEUS, Maria Helena Mira. et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho. 1989.

MELO, G. C. *Gramática fundamental de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1968.

MELO, J. N. *Estudos práticos de gramática normativa de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bruno Buccino Editor. 1968.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*, 3 ed., São Paulo: Contexto, 2003.

SAID ALI, M. *Gramática secundária de língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. 1969.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. Veredas, v.2 , Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. *Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem*. Vereda, v.1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

_____. *Estruturas argumentais no Português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais*. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

SILVA, A. S. *O poder cognitivo da metáfora e da metonímia*. In:Revista Portuguesa de Humanidades. V.7.: Braga: Faculdade de Filosofia da U. C. P. 2003.

_____.(Org) *O que é a polissemia nos mostra acerca do significado e da cognição*. In: Separata de Linguagem e Cognição. Braga: Faculdade de Filosofia da U. C. P. 2001

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

Sobre o conceito de metáfora na Teoria Geral dos Signos

Expedito Ferraz Júnior⁸⁹
expeditoferraz@uol.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir o tema da metáfora no contexto da Teoria Geral dos Signos. A abordagem que propomos parte de constatações apontadas por mais de um estudioso da obra de Charles Sanders Peirce. Delas deriva o nosso problema de pesquisa, e nelas se apóia a hipótese interpretativa que formulamos sobre o signo icônico metafórico. A principal constatação diz respeito aos diferentes enfoques dados à metáfora nos escritos peircianos. Baseando-se, por exemplo, nos registros citados por Hausman (1995: 193-203), um leitor de Peirce estaria autorizado a conceber como metáfora: (a) uma das formas embrionárias de que se desenvolvem os símbolos e, conseqüentemente, os sistemas linguísticos; (b) “uma expressão de similitude em que o signo de predicação é empregado em lugar do signo de semelhança”; (c) “uma ampla comparação baseada em caracteres de um tipo formal e altamente abstrato”. Algumas dessas acepções reproduzem conceitos que nos legaram os estudos retóricos, de Aristóteles e Quintiliano a Vico. Nenhuma delas, porém, coincide com esta quarta formulação: (d) signo que “representa o caráter representativo de um representâmen através de um paralelismo”. Trata-se da descrição do terceiro tipo de hipoícone, que Peirce também chamou de metáfora na única passagem conhecida de sua obra em que esse conceito está explicitamente associado ao fenômeno da iconicidade. Segundo Haley, a própria caracterização do hipoícone metafórico se apresenta não como uma definição geral de metáfora, mas como uma descrição centrada nos aspectos que o distinguem das imagens e diagramas — muito embora, a par de sua meta específica, essa passagem acabe por fornecer “uma forte sugestão sobre o tipo de similaridade que é (arque)típicamente metafórica” (Haley, 1988: 20). Diante da variedade dessas formulações, e do caráter parcial que elas adquirem na teoria, questionamo-nos se, em todas essas ocorrências, o que é designado como metáfora corresponde, em gênero e espécie, ao mesmo fenômeno. Consideramos então a hipótese de que esses diferentes usos evocariam ao menos duas especificações de um conceito geral que não está ali explicitado, mas apenas subentendido: enquanto as três primeiras descrições parecem circunscritas ao domínio simbólico da linguagem verbal, apenas a última delas contemplaria o universo da iconicidade metafórica. Isto implica aceitarmos que, também na descrição dos hipoícones, o termo metáfora estaria designando um subconjunto, isto é, que alguns signos icônicos são metáforas, mas nem toda metáfora é um signo icônico — diferentemente do que propõe a linha de interpretação dominante sobre esse tópico.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Semiótica; Peirce.

⁸⁹ Universidade Federal da Paraíba, PB.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the issue of metaphor in the context of the Theory of Signs. The approach we propose is based on a fact frequently mentioned by readers of Charles Sanders Peirce's Semiotics, from which derives the object and the interpretative hypothesis of our research. The main issue concerns to the different approaches to metaphor in Peircean writings. Grounded on the records cited by Hausman (1995, 193-203), one might conceive metaphor as: (a) one of the embryonic forms from which the symbolic systems develop; (b) "an expression of similitude when the sign of predication is employed instead of the sign of likeness"; (c) "a broad comparison on the ground of characters of a formal and highly abstract kind." Some of these meanings reproduce concepts we have inherited from rhetorical studies, namely from Aristotle, Quintilian and Vico. However, none of them coincides with this one: (d) signs which "represent the representative character of a representamen by representing a parallelism". This is the Peircean description for the third type of hypoicon, also called metaphor, in the only known part in the author's work where this concept is explicitly associated with the phenomenon of iconicity. According to Haley (1988), neither this characterization of the metaphorical hypoicon is a general definition of metaphor, since it is rather a description focused on the aspects that distinguish metaphor from images and diagrams — even though, besides its specific aim, this fragment may eventually provide "a powerful suggestion about the kind of similarity which is (arche)typically metaphorical" (p. 20). Given this variety of formulations, and the partial character they acquire in this theory, we question whether all these instances designate the same phenomenon when refer to metaphor. We then consider the hypothesis that those different meanings refer to at least two specifications of a general concept which is not explicit, but only implied: while the first three descriptions seem confined to the symbolic field of the verbal language, only the last one contemplates the universe of metaphorical iconicity. This implies that we accept an understanding which differs from the more common interpretations on this issue: that also in the description of the hypoicons, the word metaphor would designate only a specification of the general phenomenon, that is to say that some iconic signs are metaphor, but not every metaphor is an iconic sign.

KEY-WORDS: Metaphor; semiotics; Peirce.

1. Ocorrências do termo *metáfora* na semiótica peirciana

Um leitor que se aproxime hoje da Teoria Semiótica de Charles Sanders Peirce — vale dizer: tanto dos escritos teóricos acessíveis do autor, como do conjunto das obras de estudiosos que vêm empreendendo sua interpretação — reconhecerá nos usos do termo *metáfora*, nessa teoria, um complexo problema de pesquisa. Baseando-se, por exemplo, nos registros citados por um desses intérpretes (Hausman, 1995, p. 193-203), esse hipotético leitor estaria autorizado a conceber como *metáfora*:

(a) uma das formas embrionárias de que se desenvolvem os sistemas simbólicos de representação:

Todo símbolo é, na sua origem, ou uma imagem da idéia significada, ou uma reminiscência de alguma ocorrência, pessoa ou coisa original, conectados ao seu significado, ou uma metáfora.

[Every symbol is, in its origin, either an image of the idea signified, or a reminiscence of some original occurrence, person or thing, connected with its meaning, or it is a metaphor.]
(Peirce apud Hausman, op. cit., p. 197.)

(b) uma estrutura predicativa, mas com sentido comparativo:

Cuvier afirmou que a Metafísica não é senão Metáfora [...]. Se metáfora for tomada literalmente para significar uma expressão de similitude em que o signo de predicação é empregado em lugar do signo de semelhança — como ao dizermos este homem é uma raposa em vez de este homem é como uma raposa — eu nego inteiramente que os metafísicos sejam dados à metáfora... (Idem, p. 195.)

[Cuvier said that Metaphysics is nothing but Metaphor [...]. If metaphor be taken literally to mean an expression of similitude when the sign of predication is employed instead of the sign of likeness — as when we say this man is a fox instead of this man is like a fox, — I deny entirely that metaphysicians are given to metaphor...]

(c) uma comparação de caráter muito amplo e abstrato:

... mas se Cuvier estava apenas usando uma metáfora ele mesmo, e queria referir-se a uma ampla comparação baseada em caracteres de um tipo formal e altamente abstrato, — então, de fato, a Metafísica confirma ser metáfora. (Ibidem)

[...but if Cuvier was only using a metaphor himself, and meant by metaphor a broad comparison on the ground of characters of a formal and highly abstract kind, — then, indeed, metaphysics professes to be metaphor.]

Todas essas acepções pressupõem ou reproduzem conceitos de metáfora que nos legaram os estudos retóricos, de Aristóteles e Quintiliano a Vico (semelhança e designação, comparação abreviada, forma originária de linguagem). Não parece haver dúvida, portanto, quanto à natureza linguística das representações que estão aí definidas, seja pelo conteúdo das próprias definições, seja pelo contexto em que foram evocadas — a propósito de reflexões sobre símbolos e sistemas simbólicos. Fica assim evidente que, em nenhuma dessas ocorrências, o conceito de metáfora é objeto de uma redefinição, e que o autor se limitou, nesses casos, a adotar concepções já fixadas.

2. O signo icônico metafórico

Situação bem diferente é a que vemos nesta quarta formulação, também referida por Hausman, em que Peirce classifica como metáforas os hipóicones ou signos icônicos “que representam o caráter representativo de um representâmen através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa”. (Ibidem)

É perceptível a peculiaridade dessa última proposição em relação às anteriores, tanto no que se refere ao contexto — trata-se da única passagem conhecida na obra de Peirce em que os conceitos de metáfora e de iconicidade se encontram explicitamente relacionados —, como no aspecto da amplitude conceitual: nenhuma das três primeiras

noções admite, como essa, aplicação a um sistema de representação que não seja o linguístico. Isto porque, ao substituir expressões como “predicação” e “comparação” por “representação de um paralelismo”, sem restringir o modo como deve ocorrer essa representação, o texto peirciano nos conduz indiretamente à distinção entre uma concepção estritamente linguística e retórico-discursiva, e uma concepção propriamente semiótica de metáfora. E, apesar disso, não são raras as interpretações em que todas essas passagens se equiparam, permitindo ao leitor transitar por elas sem cogitar de qualquer variação de contexto, ou mesmo permitindo-lhe recorrer às primeiras para explicar a última, na sugestão de que, em todas elas, o que é designado como metáfora corresponde em gênero e espécie ao mesmo fenômeno. Reforça essa orientação de leitura a constatação de que “Peirce não possuía uma teoria da metáfora” (Hausman, op. cit., p. 195), aliada à convicção de que o signo icônico peirciano nada mais é do que uma nova roupagem para o que já estava formulado na tradição aristotélica (cf. Gumpel, 1984, p. 134).

Ao que tudo indica, o texto peirciano não permite afirmar, senão sob a forma de hipótese, que a leitura hoje dominante constitua um equívoco. O que é certo é que os desdobramentos práticos de uma estrita equivalência entre metáfora linguística e signo icônico metafórico têm-se caracterizado por certas estranhezas teóricas, evidenciadas de formas variadas: seja pela significativa elisão do terceiro tipo de hipóicone do esquema peirciano — como ocorre, por exemplo, em Jakobson (1995) e em alguns leitores que o seguiram no estudo da iconicidade linguística; seja pelos teóricos que, deparando-se com problemas de aplicação, sentiram a necessidade de construir seus próprios modelos teóricos.

A correspondência que existe quanto à ordem entre o significante e o significado encontra o lugar que lhe cabe no quadro das “variedades fundamentais da semioses possível” esboçado por Peirce. Este distinguia entre os ícones duas subclasses diferentes: as *imagens* e os *diagramas*. (Jakobson, op. cit., p. 105)

Entre os casos mais ilustrativos está o de Hausman, que, mesmo tendo invocado a semiótica peirciana em seu estudo sobre artes plásticas (1989), não identificou no hipoícone metafórico uma categoria de análise independente e, partindo da concepção da metáfora como artefato tipicamente linguístico, viu-se obrigado a empreender a adaptação desse conceito ao contexto semiótico pertinente ao seu objeto, enfrentando inevitáveis “dificuldades de se aplicar a metáfora verbal a contextos não-verbais”:

Os componentes das metáforas verbais são palavras, frases e orações com regras gramaticais que são peculiares à linguagem verbal. Uma vez que os componentes não-verbais não são palavras, eles não estão incluídos em unidades maiores que utilizam as regras gramaticais linguísticas. Assim, uma base comum entre a referência do significado verbal e não-verbal poderia ser negada. Em síntese, poderíamos dizer que os significados verbais e não-verbais são intrinsecamente diferentes. (Hausman, op. cit., p. 118)

[The components of verbal metaphors are words, phrases, and sentences with grammatical rules that are peculiar to verbal language. Because nonverbal components are not words, they are not included in larger units that use verbal, linguistic grammatical rules. Thus a common ground between verbal and nonverbal meaning reference might be denied. In short, it might be said verbal and nonverbal meanings are intrinsically different.]

Mais recentemente, Haley (1988, p. 21) queixou-se de que a descrição do hipoícone metafórico não permite distinguir na prática uma metáfora de um símile, e construiu um modelo peirciano, mas original, de metáfora (a que chamou de metaícone), aplicando-o com excelentes resultados ao estudo da linguagem poética. E algumas décadas atrás, Paul Henle contestava o estatuto de signo icônico conferido à

metáfora verbal na semiótica peirciana, associando-a a “uma teoria mais geral do simbolismo”. Henle (1965, p. 177-178) afirmava que “se existe um elemento icônico na metáfora [verbal], está igualmente claro que o ícone não é apresentado, mas meramente descrito [...] o que é apresentado é uma fórmula para a construção de ícones”.⁹⁰

O conjunto dessas dificuldades de aplicação, contestações e retificações imprime ao conceito peirciano de metáfora certa marca de insuficiência ou de inadequação, que parece estar relacionada à divergência entre o caráter geral da teoria semiótica e o caráter restritivo da perspectiva em que o conceito em questão tem sido interpretado. Diante de inquietações como essas, torna-se razoável indagar se o signo icônico metafórico deve ser lido de fato como se referindo estritamente ao código linguístico — pois talvez todos esses questionamentos apontem justamente para o caráter não-verbal do fenômeno de linguagem que Peirce definiu como metáfora na passagem em questão. O impasse que aqui se apresenta ao leitor é, portanto, entre reconhecer as limitações atribuídas à teoria, ou questionar as interpretações vigentes. Em nossa pesquisa, temos perseguido alguns fatores que nos inclinam à segunda hipótese, por considerar que este último caminho é o mais desafiador e o que mais consequências pode acrescentar, caso se confirme, ao estudo do tema em exame. Os argumentos em que nos apoiamos para questionar a equivalência entre o signo icônico metafórico e a metáfora linguística podem ser formulados a partir das questões seguintes.

3. Existe um conceito geral de metáfora na semiótica peirciana?

Entre os autores que afirmaram a inexistência de uma teoria da metáfora na obra de Peirce, Michael C. Haley é o que mais detalhadamente argumentou sobre esse ponto de vista. O raciocínio do autor é tão simples quanto convincente, pois se baseia numa contextualização da passagem em que Peirce descreve as espécies de signos icônicos.

⁹⁰ *But if there is an iconic element in metaphor, it is equally clear that the icon is not presented, but is merely described... one may claim that what is presented is a formula for the construction of icons.*

... a afirmação [de Peirce sobre o hipóicone metafórico] não deveria ser tomada como uma definição global, nem mesmo como uma definição peirciana completa de metáfora. Antes, deveríamos ter em mente que Peirce estava classificando os hipóicones, e não definindo metáfora, e acredito que essa classificação da metáfora lida explicitamente apenas com a identidade icônica da metáfora propriamente dita. [...] Assim uma completa e correta definição peirciana de metáfora como signo não estaria limitada a ou restringida por essa passagem. E o mais importante, as tentativas de concentrar nessa passagem tudo o que precisa ser dito sobre a metáfora à luz da semiótica peirciana invariavelmente distorcem a passagem e obscurecem o que acredito ser o seu verdadeiro potencial — o provimento (embora não desenvolvido aqui por Peirce) para uma compreensão mais profunda da similaridade metafórica propriamente dita, ou da iconicidade metafórica em *epítome*, poderíamos dizer. (Haley, 1988, p. 19-20)

[...the statement should not be taken as a global definition, or even a complete Peircean definition, of metaphor. Rather, we should keep in mind that Peirce was setting out here to classify hypoicons, not to define metaphor, and I believe this classification of metaphor deals explicitly only with the iconic identity of metaphor proper. [...] Thus a complete and correct Peircean definition of metaphor as sign would not be limited to or constrained by this passage. Most important, attempts to pack into this passage everything that needs to be said about metaphor in light of the Peircean semeiotic invariably distort the passage and obscure what I believe is its real potential – a provision (though undeveloped here by Peirce) for a deeper understanding of metaphorical similarity proper, or of metaphorical iconicity in the epitome, we might say.

Haley esclarece então a circunstância em que ocorre a descrição do hipóicone metafórico no texto peirciano, evocando para isso uma analogia que torna evidente a distinção que há entre afirmar, num contexto específico, *isto é metáfora*, e definir, em sentido geral, *metáfora é isto*.

Suponha-se que entramos numa sala onde está acontecendo algum tipo de cerimônia, com um grande número de militares americanos em serviço. Você me explica: “Aqueles vestidos de uniformes azul-marinhos com pequenos chapéus brancos são marinheiros. Aqueles de marrom e cáqui com botas de couro polidas são soldados de infantaria. Aqueles de uniformes camuflados verdes com rifles de comando pendurados sobre os ombros são fuzileiros navais.” Então, você me deu uma definição completa do que é um fuzileiro naval? É claro que não. Você distinguiu os fuzileiros apenas dos soldados de infantaria e dos marinheiros que estavam naquela sala, não de todas as pessoas ou funções, e você o fez apenas no que se refere aos seus uniformes e equipamentos. É certo que o uniforme camuflado verde e os rifles de comando podem de fato fornecer uma poderosa sugestão de alguns atributos do fuzileiro (arque)típico, mas isso não define um fuzileiro.

Do mesmo modo, a descrição peirciana dos hipóicones não fornece uma definição completa de metáfora. Acredito que ela não busca tal definição; ela apenas oferece uma distinção entre metáforas e diagramas e imagens, e apenas com relação às suas respectivas condições icônicas. Quando Peirce afirmou que a metáfora representa não apenas a qualidade simples de uma coisa ou uma estrutura análoga a ela (como fazem a imagem e o diagrama), mas, em vez disso, representa o “caráter representativo” de uma coisa, acredito que ele forneceu uma poderosa sugestão sobre o tipo de similaridade que é (arque)tipicamente metafórica, mas ele não define metáfora. (*Ibidem*)

[Suppose we walk into a room where some sort of social function is going on, with a large number of U.S. servicemen in attendance. You explain to me, “Those dressed in a navy blue uniforms with little white hats are sailors. Those in brown and khaki with polished leather boots are infantrymen. Those in green camouflage with commando rifles slung over their shoulders are marines.” Now, have you given a complete definition of what a marine is? Of course not. You have distinguished the marines only from the infantrymen and sailors in the room, not from all persons or roles, and you have done so only with regard to their uniforms and equipment, at that. True, the green camouflage and commando rifles may indeed furnish a powerful suggestion as to some special attribute of the (arche)typical marine, but it does not define “marine”.

Likewise, Peirce’s description of the hypoicons does not furnish a whole definition of metaphor. I believe it does not attempt such a definition; it only offers a distinction between metaphors and diagrams and images, and that only with regard to their respective iconic conditions. When Peirce said that the metaphor represents not just the simple quality or analogous structure of a thing (as with images and diagrams) but instead the “representative character” of a thing, I believe he offered a powerful suggestion about the kind of similarity which is (arche)typically metaphorical, but he did not define metaphor. [...]

Embora convencidos da coerência dos argumentos de Haley, queremos explorá-lo em sentido diverso do que faz o autor, pois acreditamos que sua acurada leitura poderá nos conduzir a novas hipóteses sobre o uso do termo *metáfora* no texto peirciano. Mesmo demonstrando que não há uma definição geral de metáfora no texto peirciano, Haley acredita na coincidência entre o hipóicone metafórico e certo conceito geral ou “(arque)típico” de metáfora, a que a referida descrição faria alusões. É a partir dessa premissa que Haley desenvolverá seu próprio modelo teórico para explicar a semiose da metáfora poética — um modelo bastante aplicável e coerente, que envolve índices,

símbolos e ícones, pois descreve o processo completo da apreensão desse gênero de metáforas. De nossa parte, partiremos das mesmas constatações: a de que, na passagem em discussão, Peirce não definiu metáfora, apenas descreveu o hipóicone metafórico. Mas divergimos na interpretação do que essa constatação significa. Para nós, ao evidenciar que uma descrição, por mais completa que seja, de um hipóicone metafórico não é suficiente para contemplar o conceito geral de metáfora, o enunciado peirciano nos permite inferir que *nem toda metáfora é um signo icônico*. Nossa hipótese é a de que as várias ocorrências do termo *metáfora* na obra de Peirce corresponderiam a pelo menos duas diferentes especificações de um conceito geral que não está ali explicitado, mas é apenas subentendido. E uma dessas espécies, ou subdivisões, seria a do hipóicone metafórico. Os exemplos que se referem a metáforas verbais, por exemplo, constituiriam outra espécie (não icônica, mas simbólica, como queria Henle) de metáfora. Caso seja uma delimitação do conceito geral, restrita ao contexto específico dos representâmens icônicos, não poderá jamais a descrição de um hipóicone metafórico contemplar o sentido amplo do termo metáfora. Por isso a passagem soa incompleta ou lacônica quando a consideramos como definição geral. Entretanto, devemos concordar com Haley quando ele afirma que a descrição de Peirce fornece fortes sugestões do que seja (arque)tipicamente uma metáfora. Queremos supor que isto é verdadeiro na medida em que se aplica à mais ampla espécie de metáfora: a dos hipóicones metafóricos.

4. Como se classificam, na semiótica peirciana, os paralelismos de natureza não-verbal?

Não se trata apenas de uma evidência lógica no contexto teórico que estamos considerando, mas também de uma constatação empírica: estamos cercados de processos metafóricos alheios ao código verbal. E isso não se deve apenas à expansão dos meios tecnológicos de produção de linguagem nas últimas décadas, quando a manipulação de códigos simultâneos multiplicou as possibilidades de criação de mensagens intersemióticas, favorecendo a polissemia. No campo tradicional das artes plásticas, por exemplo, sempre existiu a possibilidade de leituras em que uma imagem pictórica funciona não apenas como ícone do objeto imediato reproduzido, mas evoca

por similaridade um segundo objeto, a exemplo dos cordeiros e pastores que figuram na pintura de temática cristã, os quais, antes de se erigirem como convenções (símbolos), foram certamente motivados pelas qualidades que representam (o “caráter representativo” da fórmula peirciana) através de equivalências (“paralelismos”) com as virtudes a que remetem. E num sentido ainda mais amplo, quando captamos certas emoções na imagem de objetos ou paisagens, estamos lidando com representações metafóricas. Nem são raros os casos em que componentes metafóricos nitidamente participaram da constituição de símbolos visuais fixados culturalmente ao longo da história, como por exemplo no atributo do equilíbrio representado pela balança, no símbolo da Justiça.

No elucidativo capítulo em que tratam da “pintura codificada culturalmente”, Santaella e Nöth (1999, p. 150 ss.) reproduzem a minuciosa leitura, realizada por Susan Woodford, do retrato renascentista *O casamento de Giovanni Arnolfini e sua esposa Giovanna Cenami* (Jan Van Eyck, 1434). Muito embora a ênfase dos autores esteja nos aspectos simbólicos da imagem analisada, é possível entrever em mais de um detalhe comentado a presença de paralelismos metafóricos: assim, uma vela acesa no candelabro é associada a Cristo, um cachorro representa a fidelidade, um lustre de cristal e um espelho “sem mácula” significam “a pureza”. (op. cit., p. 152) Desnecessário é apontar em cada uma dessas interpretações a atuação de signos icônicos (pintura realista) que representam o caráter representativo (isto é, a luminosidade, a fidelidade e a pureza) de representâmens através da representação de paralelismos com outras coisas (Cristo e o casal retratado substituídos pela imagem da vela acesa, no primeiro caso; e do cachorro, do lustre e do espelho, no segundo).

Se enveredarmos pelo terreno das linguagens e aplicações contemporâneas, encontraremos na publicidade um campo talvez ainda mais fértil para o cultivo de metáforas não-verbais. Vejamos alguns exemplos, iniciando por este anúncio de uma organização de caráter ambientalista, cujo tema é o aquecimento global:



Fig. 1 – Metáfora em anúncio publicitário n° 1 ⁹¹

Toda a composição dessa mensagem está orientada para criar um efeito de ambiguidade visual, de modo que não se pode parafrasear o surrealista René Magritte, afirmando sobre ela que “isto não é um sorvete”, pois isso implicaria desprezar o papel que aqui desempenha esse primeiro contexto na referência a algo frágil e muito precioso (ao menos numa perspectiva infantil) e cuja destruição iminente seria vivenciada com a angústia de uma perda irreversível. O segundo contexto, como em toda metáfora, surgirá das impertinências e estranhezas do primeiro: a escuridão ao redor da imagem central; certa fonte de luz que incide sobre um de seus lados; a figura do sorvete flutuante, solto no espaço; a improvável cor, em que o azul marinho predomina — atributos que, não pertencendo aos sorvetes comuns da nossa infância, só pode pertencer a um segundo objeto, metafórico. Identificá-lo é tarefa fácil, diante da forma arredondada sobre o cone, e das cores — verde, marrom e branco — que se mesclam em menor porção sobre o azul. Resta então decifrar o teor argumentativo da mensagem, centrado na similaridade construída entre os dois contextos. Trata-se de transportar para o contexto ecológico do anúncio os atributos antes despertados pelo contexto infantil: fragilidade, preciosidade, risco da perda irreversível, representado na imagem do planeta/sorvete que se derrete.

⁹¹ Disponível em <http://fottus.com/publicidades/wwf>. Acesso em 20 de julho de 2011.



Fig. 2 – Metáfora em anúncio publicitário n° 2⁹²

Neste segundo exemplo, a mensagem verbal no rótulo do produto seria suficiente para explicitar o que motiva o recurso à metáfora: a marca de cosméticos afirma os benefícios do uso do produto para a pele de sua virtual consumidora, recorrendo para isso ao paralelo com as qualidades do pêssigo (brilho, maciez etc.), numa metáfora bastante rica em sugestões sensoriais. Mas a simples expressão “pele de pêssigo”, impressa nas embalagens, dificilmente teria o mesmo efeito persuasivo que tem a imagem, em que a costumeira figura feminina dos anúncios de cosméticos está representada metaforicamente.



Fig. 3 – Metáfora em anúncio publicitário n° 3⁹³

O grande desafio dos criadores, neste último exemplo, foi traduzir em imagens as qualidades atribuídas ao produto anunciado — isto é, transpor sabor e aroma em signos visuais. Na impossibilidade de fazê-lo, optou-se por ilustrar seus virtuais efeitos,

⁹² Disponível em <http://www.hipersuper.pt/>. Acesso em 20 de julho de 2011.

⁹³ Disponível em <http://www.marketing-xxi.com/marketing-poder-visual.html>.

primeiro no rosto iluminado da figura feminina, que atrai o olhar do observador para o canto inferior da imagem, onde uma expressão de prazer se associa ao aroma exalado pela xícara, que se espalha sinestesticamente nas variações de marrom que se envolvem todo o anúncio. Em seguida, no espaço propriamente metafórico da mensagem, seguimos o movimento dos cabelos da moça, que se espalham em direção ao ângulo oposto do quadro. Ali, as sensações de energia e liberdade supostamente experimentadas pela personagem ganham uma surpreendente tradução visual no hiperrealismo dos cabelos-cavalos selvagens em disparada.

Observe-se que, como em qualquer metáfora, a impertinência da imagem precisa ser resolvida através de um paralelismo lógico (e também sensorial), que coloca em evidência as qualidades compartilhadas pelos contextos em aparente desarmonia. Essas qualidades constituem o caráter representativo do signo metafórico, justificando sua condição de signo icônico. Teoricamente, qualquer imagem pode ser empregada como metáfora, desde que sua associação a um objeto suscite um paralelismo entre uma qualidade do seu objeto imediato e uma qualidade de um segundo objeto que se queira representar. Evidentemente, a demonstração da existência de paralelismos não-verbais e sua adequação ao conceito de signo icônico metafórico não é suficiente para confirmar a nossa primeira hipótese. Entretanto, demonstra a parcialidade das interpretações que se tem feito dessa passagem, destacando a improbabilidade de uma negligência dos processos metafóricos não-verbais numa teoria semiótica de caráter geral.

5. Justifica-se postular a iconicidade da metáfora linguística?

Diante da passagem em exame do texto de Peirce, a maioria dos leitores tem optado, diferentemente, por ler *metáfora* simplesmente como sinônimo de *metáfora verbal*, do que decorrem duas consequências lógicas imediatas. Primeira consequência: a redução de todo o conceito à sua variedade linguística obriga evidentemente a descartar do sistema de classificações peirciano a existência de qualquer forma de metáfora que não possua essa natureza. Tal é o que se dá quando nos orientamos estritamente por exemplos clássicos como “este homem é uma raposa”, citado por Peirce na proposição (b) de nossa primeira seção. Seria então o caso de questionarmos

em qual das categorias semióticas poderíamos situar, por exemplo, as imagens citadas acima, já que nenhuma delas pode conter um “signo de predicação”. Segunda consequência: a evidente necessária inclusão da metáfora de base verbal na categoria dos signos icônicos, o que se tem feito mediante argumentos variados, alguns dos quais passaremos a analisar.

5.1. Híbridez

Ícones são qualidades puras e pertencem, portanto, ao campo das possibilidades. No domínio dos signos existentes, a iconicidade está associada a outras formas de representação. Por isso Peirce chamou de *hipoícones* os signos icônicos (*hipo-*, em menor grau). Um signo icônico será sempre um signo híbrido — um ícone incorporado por meio de índices e símbolos. Este é, com efeito, um dos mais fortes argumentos lógicos em defesa da iconicidade metafórica das formas linguísticas, e para discuti-lo precisamos desdobrá-lo numa outra questão, qual seja: como se manifesta a iconicidade na linguagem verbal?

Consideradas isoladamente, as palavras atuam principalmente como signos convencionais, ou seja, como símbolos. A sequência de sons (ou letras) que formam uma palavra não possui em geral qualquer semelhança ou conexão de fato com a idéia, coisa ou processo que ela representa. Somente um intérprete que conheça as regras de uso de uma palavra (a convenção que é o seu fundamento) é que pode interpretá-la corretamente, traduzindo sons e/ou letras em conceito. Todavia, podemos explorar as qualidades físicas (sonoras, visuais, articulatórias) da palavra para utilizá-la como um signo icônico. Podemos também explorar aspectos como a ordem das palavras na frase e a repetição de certos fonemas com a mesma finalidade. Esses recursos produzirão hipoícones do tipo *imagem*, no primeiro caso, e do tipo *diagrama*, no segundo. Já a metáfora verbal reside numa operação retórica de base semântica, isto é, que depende do componente imaterial do signo linguístico, ou ainda das imagens evocadas pelo significado das palavras. Considerar uma palavra icônica com base nesse componente contradiz o próprio conceito de iconicidade, na medida em que desconsidera o requisito da similaridade entre representâmen e objeto, que é o fundamento da iconicidade, em favor de uma similaridade situada no nível dos interpretantes dos signos. A partir dessa

compreensão é que consideramos o argumento da hibridez dos signos icônicos, atentando, no entanto, para a existência de uma condição necessária para que se possa conceber a iconicidade: a de que o critério da semelhança entre signo e objeto prevaleça sobre os aspectos simbólicos ou indexicais que lhe possam ser concorrentes.

5.2. Degeneração

Noção das mais complexas na semiótica peirciana é a de signo degenerado. Numa passagem bastante citada da teoria, esse conceito é aplicado à categoria dos índices, associando-se a formas linguísticas de referência — isto é, a palavras e expressões que, à maneira dos índices genuínos, têm a função de indicar objetos existentes particulares. Possivelmente por analogia com essa passagem, considera-se que o terceiro tipo de hipóicone, que seria uma terceira primeiridade, corresponderia à representação verbal de uma semelhança entre dois objetos. É preciso, porém, ter em mente uma diferença essencial que há entre essas duas situações. Quando uma palavra é empregada como índice, o fundamento da indexicalidade prevalece sobre o seu fundamento simbólico. Por outro lado, quando uma palavra representa uma semelhança, é ainda o aspecto simbólico (de convenção) que prevalece. Logo, não existe uma analogia perfeita entre os dois casos, o que nos inclina a pensar que o conceito de degeneração não seja suficiente para justificar a inclusão da metáfora verbal na categoria dos signos icônicos.

5.3. Os símbolos contêm ícones

O terceiro argumento que discutiremos é sem dúvida o mais convincente e o mais complexo dos que enumeramos. Refere-se a passagens como esta, do texto peirciano:

... Uma lei necessariamente governa ou “é materializada em” individuais e determina algumas de suas qualidades.

Consequentemente, o elemento constitutivo de um Símbolo pode ser um indicador ou um Ícone. Um homem, caminhando junto com uma criança, levanta o braço, aponta e diz: “Ali vai um balão”. Apontar é parte essencial do símbolo, sem o que este não veicularia informação. A criança, entretanto, pergunta “O que é um balão?” e o homem responde “É algo como uma grande bolha de sabão”, tornando a imagem parte do símbolo. Assim, embora o objeto integral de um símbolo, isto é, seu significado, tenha a natureza de uma lei, ele deve denotar um individual e expressar um caráter... (Peirce, 1975, p. 126-127)

A consequência lógica extraída dessas considerações é que os signos icônicos do tipo metafórico coincidem com o caráter imagístico desse elemento constitutivo que Peirce afirmou existir nos processos de representação simbólica. Ora, se os símbolos contêm ícones, então a diferença entre uma imagem sensorial e uma imagem descrita com palavras é apenas de grau, e não de essência. E se assim for, podemos então subscrever o juízo de Gumpel (op. cit.), segundo o qual a metáfora peirciana é um conceito neoaristotélico, para o que basta evocarmos as semelhanças apontadas nestas observações de Paul Ricoeur (2000, p. 60):

... A metáfora, diz [Aristóteles]: “Faz imagem [lit.: põe sob os olhos]”... dito de outra maneira, ela dá à captação di gênero a coloração concreta que os modernos denominarão estilo imagético, estilo figurado. Aristóteles, é verdade, não emprega de nenhum modo a palavra *eikon*, no sentido em que, a partir de Charles Sanders Peirce falamos do aspecto icônico da metáfora. Mas a idéia de que a metáfora descreve o abstrato sob os traços do concreto já está lá. Como Aristóteles vincula esse poder de “pôr sob os olhos” à palavra? Por intermédio da característica de toda metáfora, que é mostrar, “fazer ver”...

Uma vez que Ricoeur deixa em aberto, na passagem citada, a mencionada distinção entre o conceito peirciano de ícone em relação ao de Aristóteles, somos levados a crer que ambos se referem ao mesmo constituinte imagístico das palavras.

Ora, nesses termos, não há de fato contradição em se associar a metáfora construída com palavras à categoria dos signos icônicos. A questão a se colocar neste ponto é se uma tal configuração não invalidará toda e qualquer distinção entre essas duas categorias, neutralizando-as; e se esse ícone resultante de representações simbólicas deve ser considerado também nas circunstâncias em que o objetivo da teoria é justamente discernir e descrever as formas específicas da iconicidade, o que só pode pressupor um contraste com os modos simbólico e indexical de representação. Pois, levando às últimas consequências esse preceito, qualquer palavra será considerada um signo icônico, e não há portanto razão para se empregar uma metáfora em lugar de uma descrição ou mesmo de um simples adjetivo para se obter uma imagem conceitual das qualidades do objeto representado, a não ser pelo critério dos juízos subjetivos segundo os quais uma ou outra forma seria mais figurada (*mais icônica*) que as outras.

Mas talvez todo esse dilema configure um problema artificial e meramente terminológico. Numa passagem de seu *Panorama da semiótica*, Winfried Nöth (2003) levantou a questão da dupla conotação do termo *signo* na teoria.

Representamen é o nome peirceano do “objeto perceptível” (CP, 2.230) que serve como signo para o receptor. [...] Notamos, porém, que na terminologia semiótica há uma grande confusão terminológica entre esse correlato como um dos componentes do signo e o signo mesmo na sua totalidade, seja triádica ou diádica.

A distinção terminológica entre essas duas perspectivas parciais ou totais do signo é muitas vezes descuidada, a ponto de alguns autores usarem o termo signo no sentido do representâmen peirceano e, outras vezes, no sentido do signo na sua totalidade. Peirce mesmo não foi sempre consequente ao observar essa diferença... (2003, p. 66-67)

Note-se a exata pertinência dessa observação ao problema que estamos considerando. Quando afirmamos que todo símbolo *contém* um ícone, estamos

utilizando o conceito de signo como unidade triádica, constituída por um Representâmen (a parte perceptível do signo), um Objeto (a coisa representada) e um Interpretante (o novo signo tradutor surgido da relação entre Representâmen e Objeto). O que ocorre nesses casos é que estabelecemos uma relação convencional entre esse Representâmen e o Objeto, cujo Interpretante terá a forma dessa “imagem” que “é parte do símbolo” (Peirce). Mas quando tratamos especificamente de signos icônicos — distinguindo-os, portanto, dos símbolos e índices —, e conceituamos a iconicidade como semelhança entre signo e objeto, estamos empregando a noção parcial, em que o termo *signo* corresponde tão-somente ao Representâmen. Nesse caso, não é possível confundir uma representação simbólica e uma representação icônica.



Fig. 4: Representação gráfica do signo peirciano

6. Considerações finais

É possível que esse mesmo problema terminológico, que acaba por ser um problema conceitual, esteja também na base de muitos dos obstáculos que irão se interpor entre o leitor hipotético das primeiras linhas deste artigo e o signo icônico metafórico de Peirce. Afinal, a mesma flutuação entre dois conceitos interfere na compreensão desse tópico: de um lado está o conceito de iconicidade baseado na semelhança entre Signo e Objeto (ou seja, partindo de uma concepção parcial do termo signo, que equivale neste caso ao Representâmen e designa tão-somente a parte perceptível do signo); e do outro lado estão as leituras que tomam o termo *metáfora* como sinônimo de *metáfora verbal* e, apoiando-se numa perspectiva triádica do signo,

associam a semelhança metafórica ao Interpretante, isto é, à imagem obtida como produto final de uma relação simbólica.

Referências bibliográficas

GUMPEL, Liselotte. *Metaphor reexamined: A non-Aristotelian perspective*. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

HALEY, Michael Cabot. *The semeiosis of poetic metaphor*. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

HAUSMAN, Carl R.. *Metaphor and Art: Interactionism and reference in the verbal and nonverbal arts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HAUSMAN, Carl R.. Peirce and the interaction view of metaphor. In: COLAPIETRO, Vincent M., OLSHEWSKY, Thomas M. (ed.). *Peirce's doctrine of signs: Theory, applications and connections*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1995. p. 193-203.

HENLE, Paul. Metáfora. In: HENLE, Paul (ed.). *Language, thought and culture*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1965.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: De Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 2003.

PEIRCE, Charles S.. *Semiótica e filosofia: Textos escolhidos de Charles Sanders Peirce*. São Paulo: Cultrix, 1975.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: 2000.

SANTELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

A enunciação da metáfora

Fernando Silva e Silva⁹⁴
fernandosasilva@gmail.com

RESUMO

A reflexão de Émile Benveniste sobre o ato enunciativo é inegavelmente um marco para os estudos linguísticos. Todo o seu pensamento é completamente fundado sobre o nó essencial homem-linguagem-sociedade e este homem, com o aparelho formal da enunciação, coloca em movimento este laço triplo de forma única e irrepitível a cada vez que produz um enunciado. Este trabalho tem como objetivo considerar que lugar ocuparia a metáfora no quadro de tal pensamento. Primeiramente em nossa exposição, considera-se a leitura histórica que Paul Ricœur realiza do conceito de metáfora em sua obra *La Métaphore Vive*, na qual as ideias de Benveniste ocupam um lugar importante. Em seguida, a partir da reflexão anterior, tentaremos desenhar um quadro conciso da teoria de Benveniste no qual poderia situar-se a metáfora. A hipótese de Ricœur, colocando-a em poucas palavras, é que a metáfora é um fenômeno essencialmente discursivo que se dá apenas em uma situação enunciativa, na qual certa tensão se estabelece no enunciado, devido a uma relação incompatível entre um sujeito lógico e um predicado. Podemos adicionar dois outros elementos a esta primeira consideração: de um lado, a metáfora pode ser considerada mais profundamente no quadro enunciativo, dando um papel mais ativo ao *tu* neste jogo, como aquele que seria responsável por identificar a metáfora. Neste quadro, a metáfora seria uma construção discursiva inesperada ou inovadora, como no pensamento de Ricœur, mas o reconhecimento deste movimento estaria profundamente ligado à percepção do interlocutor. Por outro lado, talvez possamos entender a metáfora, na enunciação, como uma decorrência de uma propriedade meta-referencial da linguagem, na qual duas enunciações estão em relação, não necessariamente explícitas em contiguidade. A metáfora, dessa forma, passa a ser vista como um meio para a construção de uma referência no discurso que supõe outra referência de discurso. Estes três caminhos serão perseguidos e, finalmente, estes três pontos serão contrastados entre si em busca de uma síntese que leve em conta os diferentes aspectos apontados.

PALAVRAS-CHAVE: enunciação; metáfora; Émile Benveniste; Paul Ricœur

ABSTRACT

Émile Benveniste's reflection about the act of enunciation is undeniably a landmark for linguistic studies. All his thought is completely founded upon the essential knot man-language-society and this man, through the formal apparatus of enunciation, sets in movement this triple knot in a unique and unrepeatable manner each time he produces an enunciation. This paper has the goal of considering which place metaphor would occupy in the framework of such thought. First in our exposition, is explored the historical work on the concept of metaphor done by Paul Ricœur in his book *La*

⁹⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

métaphore vive, in which Benveniste's ideas occupy an important place. After, based on the previous developments, we will try to draw a concise frame of Benveniste's theory in which we could situate the metaphor. Ricœur's hypothesis, wording it briefly, is that the metaphor is an essentially discursive phenomenon that occurs only in the context of an enunciation, in which there is a tension in an enunciation due to an incompatible relation between a logic subject and a predicate. We could add two other elements to this first consideration: on one hand the metaphor could be considered more deeply in the framework of enunciation, giving thus a more active role to *you* in this game as the one who would be responsible of identifying the metaphor. In such context, the metaphor would be an unexpected or innovative discursive construction, as in Ricœur's conception, but the acknowledgement of this movement would be deeply connected to the interlocutor's perception. On the other hand, maybe we could comprehend the metaphor, in enunciation, as a result of a meta-referential property of language, in which two enunciations are in relation, not necessarily explicit in contiguity. Metaphor, in such way, would be seen as a means to the construction of a reference in speech which supposes a second reference. These three paths will be followed and, finally, these three conclusions will be contrasted in search of a synthesis which takes into consideration the different highlighted aspects.

KEYWORDS: enunciation ; metaphor; Émile Benveniste; Paul Ricœur.

Introdução

A obra de Émile Benveniste, ou pelo menos alguns seletos textos dentro dela, é considerada por muitos pensadores da linguagem como o marco da passagem da “linguística da língua” à “linguística do discurso”, tomando o primeiro termo como a herança do desenvolvimento conceitual de Ferdinand de Saussure, apresentado primeiramente no *Curso de linguística geral*. Não cabe aqui tratar desta passagem, nem da complexa relação entre o pensamento destes dois linguistas. No entanto, vale a pena citar as palavras de Normand, quando ela declara: “loin de défaire les oppositions saussuriennes, il [Benveniste] les complique, les reformule, en construit d'autres, de façon a ressaisir ce qui a d'abord été exclu [...]. Il ne s'agirait donc que d'aller plus loin” (1986, p. 8-9).

Colocando em um mínimo de palavras o pensamento de Benveniste, poderíamos dizer que se trata de um edifício teórico fundado inteiramente em cima de um único axioma: Homem, Linguagem e Sociedade apareceram os três, de um único golpe, na primeira palavra trocada. Como o autor coloca, estes três se implicam em uma relação de necessidade: “le langage est pour l'homme un moyen, en fait le seul moyen d'atteindre l'autre homme, de lui transmettre et de recevoir de lui un message. Par

conséquent le langage pose et suppose l'autre. Immédiatement, la société est donnée avec le langage” (2008 [original 1968], p. 91)⁹⁵. Este necessário teórico do pensamento de Benveniste está muito distante das teorias linguísticas que pregam que a linguagem tem como função principal, ou única, comunicar. “Bien en avant de servir à communiquer, le langage sert à vivre” (Benveniste, 2008 [original 1967], p. 217). É neste contexto em que se pode falar de enunciação, ao menos no que diz respeito à obra de Benveniste.

Esta introdução será dividida em dois tempos, o primeiro comportará uma justificativa da fundamentação teórica do trabalho através do adiantamento de alguns pontos a serem tratados com mais detalhadamente ao longo do trabalho, enquanto o segundo tempo compreende a descrição de nossas hipóteses, nossos objetivos e do percurso a ser tomado no desenvolvimento deste artigo.

I

Qual seria a contribuição que Benveniste, Ricœur e, direta ou indiretamente, Saussure poderiam dar a esta discussão sobre a metáfora? Ricœur, ao menos, discorre longamente sobre a metáfora e sua relação com a hermenêutica nas suas obras, mas onde entram os outros dois? Ao analisarmos a produção recente, e não tão recente, da corrente anglosaxã no que diz respeito à metáfora, seja ela de orientação pragmática, contextualista, cognitiva ou outra, percebemos que existe um conflito interno neste pensamento justamente sobre o conceito de metáfora. Até que ponto poderíamos ainda considerar metafóricos enunciados do tipo:

- (1) O homem é o lobo do homem.
- (2) Ele me passou a perna.

Ricœur aponta esta mesma falta em diversas reflexões sobre a metáfora quando comenta, por exemplo, as teorias de Max Black e Monroe Beardsley:

⁹⁵ Os artigos de Benveniste são indicados pelo ano de publicação da respectiva edição de *Problèmes de Linguistique Générale*, I ou II, e pelo ano da publicação original do artigo. O intuito é de deixar claro o momento histórico em que se desenvolvia esta reflexão.

Mais après avoir si bien décrit l'effet de sens de la métaphore, lui rendons-nous justice et rendons-nous compte de son pouvoir « d'informer et d'éclairer», en ajoutant simplement, à la polysémie sémantique du mot lexical et aux règles sémantiques qui gouvernent l'emploi littéral des termes lexicaux, le « système de lieux communs associés » et les règles culturelles qui gouvernent leur emploi ? Ce système n'est-il pas quelque chose de mort ou du moins quelque chose qui est déjà établi ? [...]. Il nous faut donc porter notre investigation dans le processus d'interaction lui-même, afin d'expliquer les cas de métaphores neuves dans des contextes neufs (1972, p. 102)

Colocar esse problema é o principal motivo da inclusão de Ricœur neste estudo, as consequências deste questionamento estarão presentes na parte seguinte de nosso texto. No entanto, não muito distante desta reflexão e mesmo a antecipando, Saussure ressalta a dificuldade de definir, ou melhor, separar pontualmente a fala da língua: “cumpro reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato da língua, testemunho do fato coletivo, e o fato da fala.” (2007, p. 145). A princípio esta afirmação pode parecer estranha, principalmente se temos ideias prontas sobre o pensamento do mestre genebrino e tomamos por simples a fórmula “língua = linguagem – fala”. Não seria, no entanto, a este estatuto curioso de determinados discursos que ele se refere? Aquelas expressões que podem parecer “metafóricas” aos que defendem, ou dão continuidade sem mesmo dar-se conta, um sentido literal ou uma referência constante estabelecida entre signo e mundo, são, na verdade, na maioria destes exemplos, formas já incorporadas à língua e não se realizam como atos originais na fala. Afinal, tanto o célebre dito de Plauto, *lupus est homo homini non homo*, quanto a antiga expressão popular para enganar não têm mais o poder de gerar um estranhamento no discurso, de lhe fazer re-emergir novo. É justamente no que diz respeito a este poder do discurso de re-apresentar o mundo e a própria linguagem que os estudos linguísticos de Émile Benveniste nos interessam no entendimento da metáfora num quadro enunciativo. A sua visão de uma dimensão semiótica e de uma dimensão semântica da linguagem permite observar duplamente o fenômeno da metáfora. No primeiro plano, Benveniste aponta o poder que “la langue possède de *subsumer* en un

terme constant une grande variété de types et par suite d'admettre la variation de la référence dans la stabilité de la signification" (2008 [original 1968], p. 98), e à linguagem, considerada na sua dimensão semântica, isto é, do discurso em ação, para ele, é inerente a renovação e reatualização dela mesma e da realidade, como ele diz: "le langage re-produit la réalité. Cela est à entendre de la manière la plus littérale: la réalité est produite à nouveau par le truchement du langage" (2008 [original 1963], p.25).

II

Paul Ricœur na primeira parte sua obra *La métaphore vive* (1975) trata longa e detalhadamente da história dos impasses linguísticos e filosóficos da metáfora desde Aristóteles. O autor define o que ele vê como as três principais tendências no estudo da metáfora através da unidade de referências sobre a qual cada área centra-se. As três entidades linguísticas seriam a palavra, a frase e o discurso, e as áreas do conhecimento, respectivamente, a retórica, a linguística estrutural (sobretudo a linguística de Benveniste) e a hermenêutica. Ao fim deste percurso, ele configura o conceito de "verdade metafórica." Conceito este que desloca tanto o conceito de verdade-como-tal e de realidade, visto que esta verdade metafórica tem o poder de redescrever a realidade. Além disso, Ricœur verifica como esse tal construção aparece no discurso poético e no científico assim como em outros tipos de discurso.

Benveniste não trata explicitamente do papel da metáfora em sua obra. Porém, o rico espaço conceitual que ele cria para pensar a linguagem nos permite, sem dúvida, explorar este fenômeno linguístico de maneira profícua. Primeiramente, sustentaremos a tese de que é possível entender a metáfora num quadro enunciativo, considerando aí a relação eu:tu e o poder renovador da linguagem. Em segundo lugar, apoiando-nos no conceito de Ricœur de "verdade metafórica" e levando em conta algumas das considerações epistemológicas de Claudine Normand sobre a teoria da linguagem de Benveniste (cf. 1985, 1986, 1989), voltaremos a reflexão sobre a enunciação da metáfora e tentaremos pensar a metáfora da enunciação. De que modo a constituição epistemológica deste campo é fundada sobre uma "verdade metafórica."

Dessarte, para tal, começaremos efetivamente o artigo por uma retomada das ideias presentes em *La métaphore vive* de Paul Ricœur, esta seção será dividida em duas partes: (1) “a palavra, a frase e o discurso,” na qual apresentaremos um resumo e uma consideração sobre o percurso da metáfora como visto pelo filósofo e (2) “verdade metafórica”, na qual traçamos as linhas fundamentais deste conceito operatório. A segunda parte deste artigo diz respeito, propriamente, à enunciação da metáfora, isto é, como se pode analisar a metáfora dentro do quadro enunciativo. A terceira parte deste artigo, “a metáfora da enunciação,” inverte a lógica da análise e usaremos a própria metáfora, considerada no seu quadro enunciativo e vista como epicentro do fenômeno tensional da verdade metafórica no discurso, para ler a teoria da enunciação de Benveniste.

1. A metáfora viva (*La métaphore vive*)

Paul Ricœur foi um filósofo francês que morreu recentemente, em 2005. Suas principais correntes de pesquisa envolviam a união de uma perspectiva fenomenológica com um sistema de interpretação originado nas correntes hermenêuticas recentes. Porém seus interesses vão além disso, o autor publicou obras sobre psicanálise, interpretação e ideologia, filosofia política, o tempo na narrativa e realizou incursões também em outras áreas, sempre com uma preocupação que dizia respeito sobretudo à filosofia e sua relação com a linguagem.

A obra em questão, *A metáfora viva*, foi publicada sob os auspícios de diversos linguistas e filósofos e é o resultado de uma série de temporadas de ensino em diferentes universidades. Nesta obra, como já apontamos na introdução, o autor pretende desenhar uma cronologia dos principais estudos sobre a metáfora, sublinhando a mudança dos objetos de estudo e a consequência de tais passagens na constituição de cada pensamento, ou epistemologia, também poderíamos dizer. Ao fim da obra, ele define o conceito de “verdade metafórica” que tem como objetivo delinear o poder do discurso de redescrever a realidade. O objetivo geral da obra, uma justificativa externa, por assim dizer, seria o de delimitar o alcance de cada disciplina no que diz respeito ao estudo da metáfora.

1.1. A palavra, a frase e o discurso

A revisão histórica de Ricœur dos estudos sobre a metáfora começa, como seria de se esperar, com uma leitura de Aristóteles. O caminho escolhido pelo autor para situar a metáfora na produção aristotélica é longo e profícuo. Ele aponta que o conceito de metáfora no filósofo grego está dividido entre duas áreas radicalmente diferentes, campos estes representados exemplarmente por duas obras de Aristóteles, a saber, a *Retórica* e a *Poética*. No primeiro caso, a metáfora é vista no quadro da tripla associação: retórica–prova– persuasão. Enquanto que na *Poética*, as relações são: poiêsis–mimêsis–catárse. “Poésie et éloquence dessinent ainsi deux univers de discours distincts. Or la métaphore a un pied dans chaque domaine. [...] il y aura donc une unique *structure* de la métaphore, mais deux *fonctions* de la métaphore” (Ricœur, 1975, p. 18).

Este caráter duplo da metáfora em Aristóteles, que Ricœur aponta como um *dédoublement*, uma divisão/abertura, e as oposições que ele estabelece em relação à metáfora estabelecem um conceito frequentemente ambíguo e difícil de delimitar. Primeiramente, Ricœur aponta que a própria palavra “metáfora” é, de fato, metafórica, pois é criada a partir do deslocamento de um conceito. O lexema composto metáfora contém μετα e φορά. O segundo, *phora*, indica a ação de carregar ou transportar enquanto o prefixo *meta* denota “com” ou “depois”. Os dois juntos formam o verbo μεταφέρω (*metaphero*), que, na primeira pessoa, como está aqui apresentado, pode ser entendido como “eu transfiro”. Assim, a metáfora indicaria o procedimento linguístico pelo qual um sentido de outra classe ou tipo seria transferido ou transportado para uma frase/discurso (*lexis*) na qual qual ele, a princípio, não teria lugar.

Aqui articula-se a ideia de ἄλλότριος um adjetivo usado para caracterizar a metáfora que quer dizer “que pertence a outro”, “estrangeiro” ou “emprestado”. Este seria o caráter da metáfora na frase que ela integraria. Ela seria um elemento estrangeiro que pertence a outro domínio. Verifica-se, então, na retórica uma concepção geral de metáfora hiperônimo de diversos tipos de transferência ou empréstimo de significado, como podemos ver na seguinte passagem:

O símile é também uma metáfora. A diferença, na verdade, é pequena: sempre que se diz “lançou-se como um leão”, é um símile; mas quando se diz “ele lançou-se um leão”, é uma metáfora. Pois, devido ao facto de ambos serem valorosos, transferindo-se o sentido, chamou-se “leão” a Aquiles. (Aristóteles, 2005, p. 252)

O que Ricœur conclui, finalmente, é que o legado da retórica deixado por Aristóteles foi “amputado” pelos seus pretensos seguidores, os quais preferiram limitar-se a classificar as várias figuras e tropos do discurso sem dar conta da complexa rede de conexões incitadas pela retórica filosófica visionada por Aristóteles. Além disso, o autor aponta que mesmo na sua referência constante a *lexis* (λέξις, que pode ser traduzida como enunciação, discurso, maneira de dizer ou palavra), a teoria da metáfora desenhada entre a *Retórica* e a *Poética* é sobretudo uma teoria da metáfora-palavra (*métaphore-mot*).

Realizando um grande salto temporal, Ricœur vai ao século XIX para que observemos o declínio da retórica na sua forma de então, a tropologia. O expoente desta disciplina, para Ricœur, é Pierre “Émile” Fontanier, autor redescoberto por Gérard Genette ao fim dos anos 60 e trazido ao grande público através da obra *Les figures du discours*, originalmente dois volumes separados que foram publicados em 1821 e 1827 (cf. Sermain, 2007, p. 119-20). Esta obra é escolhida para fazer parte do estudo sobre a metáfora, pois, segundo as palavras de Ricœur, “la prééminence du mot y est affirmée sans ambigüité” (1975, p. 68).

Este texto representa o ápice do “taxonomismo” do discurso que vinha se desenvolvendo desde Aristóteles (e até mesmo antes dele, com a retórica que ainda não havia sido integrada a nenhum sistema filosófico). No entanto, apesar da primazia da palavra e, através disso, da primazia de uma certa ideia “ideológica”, há de se entender o termo etimologicamente, da linguagem, isto é, de que as palavras correspondem a um pensamento e de que o ato de falar significa, entendido como fazer signo, um pensamento determinado, Ricœur verifica na obra de Fontanier também uma certa preocupação com a frase e até mesmo com passagens mais longas do discurso. Segundo o filósofo, o que impediu a tropologia de Fontanier de avançar além da perspectiva

centrada sobre a palavra foi a continuidade de uma ideia de substituição como inerente à metáfora. Assim, mesmo longas passagens textuais, se entendidas como metafóricas, substituem uma única palavra que estaria omitida,

Ainsi le règne du mot, qu'une théorie de la proposition aurait pu équilibrer, est-il réaffirmé jusque dans la distinction du sens littéral et du sens spirituel, au moment même où la notion de sens paraissait être assumée par la phrase dans son ensemble plutôt que par le mot. (Ricœur, 1975, p. 71)

É justamente esta tensão entre metáfora-palavra e metáfora-frase que justifica o lugar de Fontanier no fim desta cronologia desenhada por Ricœur, representando o canto do cisne da tropologia.

O próximo momento da reflexão sobre a metáfora assinalado pelo autor é marcado pelo pensamento de Émile Benveniste. Paul Ricœur assinala o distanciamento realizado pelo linguista da teoria do signo que o precedeu, isto é, o signo de Saussure, ou ao menos, a teoria do signo como encontrada no *Curso de linguística geral* e continuada pelas diversas escolas de orientação saussureana da primeira metade do século XX. Apoiando-se sobre a distinção semiótico/semântico estabelecida no artigo *La forme et le sens dans le langage*, uma topologia que permite ao filósofo analisar a palavra e a frase num novo quadro teórico, o filósofo avança sua reflexão, considerando os diversos elementos sintáticos como sendo também constituintes da metáfora. Uma vez que o signo e a organização sistêmica da língua fazem parte do estudo semiótico e no nível semântico trabalha-se ao nível da frase, tomando como unidade mínima a palavra em sua relação sintagmática, é possível consolidar a conceitualização da metáfora-frase.

Além disso, o quadro enunciativo coloca em questão as propriedades discursivas da metáfora, isto é, por exemplo, seu lugar na relação eu:tu e uma função dêitica autoreferencial da metáfora, através da qual a própria instância de discurso seria recolocado em evidência. Ainda que a linguística enunciativa sirva para o avanço da reflexão de Ricoeur, o autor continua por outros caminhos, uma vez que uma teoria da

metáfora não foi elaborada dentro desta conceitualização, na parte seguinte deste texto será elaborada brevemente as linhas gerais de uma concepção de metáfora dentro do quadro enunciativo.

Na perspectiva hermenêutica, isto é, com uma visão sobre a metáfora que deseja, sobretudo, encontrar soluções para sua interpretação, Ricœur retoma as reflexões da corrente anglo-saxã, com o senão que apontamos na introdução, marcada por autores como Monroe Beardsley e Max Black, para colocar em funcionamento o conceito de tensão. Esta tensão seria o efeito “incômodo” gerado pela presença de uma metáfora numa frase e há diversos tipos dela:

a) tension dans l'énoncé: entre *tenor* et *vehicle*, entre *focus* et *frame*, entre sujet principal et sujet secondaire ;

b) tension entre deux interprétations : entre une interprétation littérale que l'impertinence sémantique défait, et une interprétation métaphorique qui fait sens avec le non-sens ;

c) tension dans la fonction relationnelle de la copule : entre l'identité et la différence dans le jeu de la ressemblance.
(Ricœur, 1975, p. 311)

Estas tensões, num primeiro momento, são indicadas como inerentes à frase metafórica. Porém, para ir em direção do que o autor chama de metáfora-discurso, ele aponta a dupla referência de todo enunciado: uma à linguagem ela mesma e outra à realidade. Assim, estes diferentes tipos de tensão, entendidos em sua radicalidade, seriam capazes de, através do choque de interpretações causado no sujeito causar uma reinterpretação da realidade, o que o filósofo denomina o poder de “redescrição” da linguagem. Além disso, o autor soma a esta primeira problemática um questionamento da função de cópula que o verbo *être* desempenha na metáfora. Segundo ele, ocorre no enunciado metafórico uma tensão dupla sobre a cópula, em que “ser” pode ser visto em oposição a “ser como”, como na passagem da *Retórica* de Aristóteles supracitada, e também em oposição a “não ser”. Ele sublinha que “la métaphore n'est pas une

comparaison abrégée, mais la comparaison une équivalence affaiblie” (1975, p. 312). É do topo desta reflexão que Ricœur lança-se em direção do conceito de verdade metafórica.

1.2. A verdade metafórica

Após a longa retomada histórica na qual Paul Ricœur minuciosamente estabelece as fronteiras de cada disciplina no estudo da metáfora, ele estabelece o conceito de verdade metafórica. O potencial deste conceito é imenso. Como o autor a define, a verdade metafórica retoma em um único movimento todas as ontologias, estando assim diretamente ligada à metafísica, uma vez que seu centro de irradiação é justamente a cópula, tocando assim a estrutura sintática essencial da filosofia, o “o que é...?”, “*qu’est-ce que c’est...?*”, “*was ist...?*” e assim sucessivamente. Como podemos ver, este é um conceito translinguístico, que diz respeito à estrutura mesmo da indagação filosófica e, ultimamente, a uma propriedade da linguagem em geral.

Em seguida, Ricœur observa pontualmente a atuação da metáfora em diferentes organizações discursivas, sobretudo no discurso poético e no discurso filosófico, retomando aqui alguns desenvolvimentos teóricos de Jacques Derrida na sua *Mythologie blanche*. Ricœur ressalva que :

quand donc on parle de métaphore en philosophie, il faut entièrement distinguer le cas, relativement banal, d’un usage ‘extensif’ des mots du langage ordinaire en vue de répondre à une carence de dénomination, du cas, singulièrement plus intéressant à mon sens, où le discours philosophique recourt, de façon délibérée, à la métaphore vive afin de tirer des significations nouvelles de l’impertinence sémantique et de porter au jour de nouveaux aspects de la réalité à la pointe de l’innovation sémantique (1975, p. 370).

Vê-se nesta citação o potencial epistemológico que Ricœur concede à metáfora, especialmente à metáfora viva, pois esta tem o poder, como discutido anteriormente, de renovar a própria essência do sujeito do sintagma predicativo. Um outro procedimento muito interessante que Ricœur aponta é o da renovação de metáforas mortas, como por exemplo: “quand Hegel entend *prendre-vrai* dans *Wahrnehmung*, quand Heidegger entend non-dissimulation dans *a-lêtheia*, le philosophe crée du sens et, de cette manière, produit quelque chose comme une métaphore vive” (p. 370-1), mesmo que ele diga que, às vezes, estes processos sugestivos baseiem-se numa falsa etimologia.

Em suma, o conceito de verdade metafórica circunscreve a capacidade peculiar de certos tipos de enunciado de renovar a conceitualização dos elementos presentes em determinado discurso, que é, então, visto como metafórico. Assim, chega-se a uma visão diferente da contraposição denotação/conotação. Ela não é banida, mas apenas reposicionada, uma vez que o campo da denotação é considerado mais amplo, pois engloba além dos sentidos, ditos, próprios, todas as metáforas mortas e à segunda são exclusivas as metáforas vivas. É fundamental perceber que esta ideia de conotação presume a constante renovação destes “sentidos figurados”, uma vez que metáforas vivas tornam-se mortas, novas metáforas surgem e, até mesmo, metáforas já, por assim dizer, fossilizadas podem ganhar novamente a sua capacidade de re-produzir a realidade.

2. A enunciação da metáfora

Poder-se-ia ser exigido de nós que começássemos esta seção por uma delimitação do conceito preciso de enunciação ao qual aqui se faz referência. No entanto, este esforço nos parece desnecessário. Normand fala de um “‘bricolage’ terminologique” (1986, p. 196) que marca qualquer entrada na teoria da enunciação de Benveniste, mas acredito que podemos elegantemente evitar tal assunto, por agora, tomando o termo “enunciação” e outros relacionados em sua significância, isto é, permitindo que a possível ambiguidade do termo sirva para potencializar nossa reflexão. Tendo posto esta questão em suspenso, podemos nos ocupar do que aqui nos interessa.

Primeiramente, retomemos algumas das ideias de Benveniste sobre a frase, tanto ela “em si” e como parte do discurso. Em seu artigo de 1950, intitulado *La phrase nominale*, o linguista indica os elementos necessários para a construção de um enunciado assertivo finito: “nous définirons le verbe comme l’élément indispensable à la constitution d’un énoncé assertif fini” e “1° il est produit entre deux pauses; 2° il a une intonation spécifique, “finale”, qui s’oppose en chaque idiome à d’autres intonations également spécifiques (suspensive, interrogative, exclamative, etc.)” (p. 154). Os elementos apresentados por último demonstram, sobretudo, uma concepção material do enunciado fundada na fala, ou na instância de discurso, entendida como o ato mesmo de proferir o enunciado. É desta concepção material baseada na prosódia que se define, nos parece, o “sistema frasal” de uma língua. Ainda que esta afirmação feita por Benveniste mereça longo desenvolvimento, este não será dado aqui⁹⁶. O outro critério apresentado na definição do enunciado assertivo final, a necessidade da presença de um verbo, é justificado duplamente pelas funções que o verbo adquire em tal tipo de enunciado: ele engendra a coesão frasal e dá ao enunciado um “predicado de realidade”, como coloca o autor.

Com este último desenha-se claramente a pertinência da pesquisa enunciativa para o estudo da metáfora. Benveniste aponta que “une assertion finie, du fait même qu’elle est assertion, implique référence de l’énoncé à un ordre différent, qui est l’ordre de la réalité” (2010 [original 1950], p. 154). Assim, afirma Benveniste que toda asserção comporta implicitamente uma segunda asserção que declara a existência da primeira: “isto *É!*” e é justamente esta afirmação implícita que causa “l’agencement linguistique au système de la réalité”⁹⁷. É esta predicação que acompanha o primeiro enunciado, poderíamos pensar, que implica o efeito metafórico da primeira. No entanto

⁹⁶ As implicações desta ideia são vastas e implicariam a necessidade de um estudo específico da prosódia dentro da linguística geral que a tomaria como um conceito operatório organizador de um sistema significativo, sistema este particular a cada língua mas inerente à faculdade da linguagem. Sabemos que este estudo foi levado à adiante por diversos autores, basta ver, por exemplo, os anais do terceiro colóquio brasileiro de prosódia da fala do presente ano (2011), porém ignoramos se este diversos projetos de pesquisa orientam-se através um preceito tão radical da função da prosódia na(s) língua(s) como este que é apresentado por Benveniste na passagem do artigo citada.

⁹⁷ Esta concepção de um “sistema da realidade” tem implicações interessantes e diz respeito ao projeto de uma semiologia geral, como imaginada por Ferdinand de Saussure e, por isso, integrada ao projeto linguístico de Benveniste, como podemos ver, principalmente, no seu artigo *Structure de la langue et structure de la société*. Claudine Normand comenta este projeto no seu artigo *Les termes de l’énonciation de Benveniste*: “[este artigo] démarque clairement la spécificité du point de vue sémiologique par rapport au point de vue sociologique, en même temps qu’est proposé le programme ambitieux d’une sémiologie générale” (1986, p.195).

a realização da metáfora como tal só se dá finalmente na referência a esta ordem estranha à linguagem, a realidade.

A referência a este outro sistema força, justamente, como apontam Ricoeur e Benveniste, a existência de uma dupla referencialidade na linguagem. O discurso aponta tanto para ele mesmo quanto para a realidade e é por esse *truchement* (intermédio/intervenção), um termo que o linguista utiliza seguidamente em diferentes artigos, da linguagem, que se fundam e se fundem o discurso e a realidade. O argumento aqui não é o de que a realidade seja constituída de linguagem, propriamente, mas de que tal intervenção do discurso é inevitável na descrição e redescricao da realidade, como falou-se antes, nosso entendimento de uma teoria enunciativa é uma em que o discurso sempre presume no mínimo dois pólos, dois homens que, na e pela linguagem, criam uma sociedade.

Estes dois pólos, a saber, *eu* e *tu*, são repetidamente retomados pela teoria enunciativa, pois como dito anteriormente nesta seção e na introdução, é nesta relação entre locutor e interlocutor que funda-se a linguagem. Diz Benveniste sobre os pronomes que: "l'importance de leur fonction se mesurera à la nature du problème qu'elles servent à résoudre, et qui n'est autre que celui de la communication intersubjective" (2010 [original 1956], p. 254). Junto a isso, é uma boa ideia ter no espírito a distinção das duas dimensões da linguagem que Benveniste delimita, a semiótica e a semântica. Enquanto a primeira diz respeito à coletividade e uma visão das unidades do sistema enquanto signos, podendo estes ser fonemas, morfemas, sintagmas etc., a segunda diz respeito ao discurso, à linguagem em ação.

"Le sémiotique (le signe) doit être RECONNU; le sémantique (le discours) doit être COMPRIS. La différence entre reconnaître et comprendre renvoie à deux facultés distinctes de l'esprit; celle de percevoir l'identité entre l'antérieur et l'actuel, d'une part, et celle de percevoir la signification d'une énonciation nouvelle de l'autre." (2008 [original 1969], p. 65)

Essa faculdade apontada pelo autor como parte do plano semântico da linguagem é justamente a que diz respeito à compreensão que um falante tem de uma metáfora e à assimilação da metáfora na língua. Metáforas como as do exemplo que eu dei na introdução, exemplos (1) e (2), não são compreendidas, mas, de fato, reconhecidas. Claro que esses exemplos, mesmo sendo de conhecimento relativamente geral, não serão necessariamente reconhecidos de maneira automática em todas as situações, mas isto não fere a demonstração. O ponto é que existe uma grande distância entre essas duas faculdades e quando uma metáfora passa a ser reconhecida ao invés de compreendida, ela já foi assimilada ao sistema semiótico.

3. A metáfora da enunciação

Nesta última parte, coloca-se a pergunta: como, através da inserção do conceito de metáfora no quadro da teoria da enunciação e do conceito de verdade metafórica elaborado por Paul Ricoeur, é possível redescrever a própria teoria da enunciação e, além disso, identificar as metáforas constitutivas desta teoria? Primeiramente, é necessário sublinhar que não existe, de nosso conhecimento, uma metalinguagem que não seja metafórica (e nem mesmo uma metafísica, diria Martin Heidegger). Falar de substantivos e adjetivos não é muito distante do vocabulário filosófico das primeiras gramáticas gregas, que falam em nomes de corpos e nomes de acidentes. Tampouco estamos afastados disso quando falamos de um Spec de IP que se manifesta em uma estrutura de superfície. É justamente nas tentativas de definir o que seria uma metáfora, ou outro elemento qualquer da linguagem, que encontramos o maior número de metáforas. A frase seguinte serve de exemplo geral: "qu'est-ce qu'une métaphore si ce n'est une sorte de pirouette de l'idée dont on rapproche les diverses images ou les divers noms ?" (Valéry, 1957, p. 1403).

No que toca à enunciação de Benveniste nesta consideração sobre epistemologia, gostaríamos aqui de analisar um único construto teórico que nos parece tocar mais profundamente o âmbito metafórico do que a maioria dos elementos que fazem parte desta teoria. O conceito de aparelho formal da enunciação. O artigo publicado em 1970, e que porta este mesmo título, pretende definir o quadro formal de realização da

enunciação. Para tal, o autor vale-se, ao longo do texto inteiro, de uma metáfora, a de *aparelho* da linguagem ou da enunciação. Tal metáfora evoca uma série de outras, principalmente o constante emprego da palavra *mécanisme* ao longo do texto, que retoma aparelho. O fato de não sabermos dizer exatamente o porquê de tal escolha ou o que exatamente ela quer dizer é o que nos motiva a ver ela como uma realização discursiva a ser compreendida.

Nos parece aqui que o sintagma “aparelho formal da enunciação,” e especificamente o termo “aparelho” tomando-o metaforicamente, deve ser entendido em todas suas possibilidades. *Appareil*, como nos indica o *Le trésor de la langue française*, diz respeito a várias áreas do conhecimento: a anatomia, a química, a engenharia, a aviação, a publicidade, a filosofia, a estética e outras. Podemos encontrar, nestes exemplos, fundamentalmente, dois sentidos gerais. Aparelho como um dispositivo ou instrumento, *appareil à photo*, *appareil de télévision* e aparelho como um conjunto de órgãos, partes ou disposições funcionando organicamente por um propósito funcional ou estético único como *appareil circulatoire* e *appareil auditif*. Dar lugar ao sentido metafórico na enunciação, e numa epistemologia desta, é, justamente, nos parece, não escolher qual destes sentidos seria o mais apropriado, mas considerar ambos, permitindo que eles colaborem para a significação.

4. Conclusão

Primeiramente, retomemos nosso longo percurso. Na introdução deste artigo apresentamos os fundamentos assim como os objetivos e a justificativa deste estudo. Nossa intenção foi de delimitar o escopo de nosso trabalho, deixando claras as principais bases teóricas do que aqui foi desenvolvido. A primeira parte ocupou-se primeiramente de resumir a reconstrução histórica realizada por Paul Ricoeur dos estudos sobre a metáfora e em seguida de salientar a importância e o potencial do conceito de verdade metafórica. Em suma, verificou-se que existe um longo percurso do estudo da metáfora, no qual houve uma constante evolução deste conceito, tendendo, em geral, para sua ampliação.

Na segunda parte, exploramos algumas possibilidades de inserção do conceito de metáfora dentro do quadro enunciativo e como que ela se relacionaria com a reflexão de Émile Benveniste, em parte assimilando as constatações de Paul Ricoeur, em parte as revendo. O que fica claro ao fim desta segunda parte é que o movimento seguinte apontado por Ricoeur, a entrada na hermenêutica como condição da constituição do conceito de metáfora-discurso e da possibilidade do estudo desta num quadro interdiscursivo é possível, mas não, realmente, necessário. As reflexões sobre a enunciação, como desenvolvidas por Benveniste, permitem um riquíssimo entendimento do evento da linguagem metafórica. A terceira e última parte ocupou-se de, através do conceito de metáfora e de verdade metafórica, repensar, brevemente e ainda de forma incompleta, a epistemologia da teoria da enunciação de Benveniste. Tratou-se fundamentalmente do conceito de aparelho formal de enunciação, mas o resultado de tal análise e os pressupostos que a fundamentam sugerem que um desenvolvimento mais completo desta tese poderia proporcionar um entendimento mais completo da epistemologia enunciativa.

O que resta a fazer é, evidentemente, em primeiro lugar, refinar o conceito de metáfora com o qual se trabalha aqui, situando-o mais profundamente dentro do quadro enunciativo e, principalmente, aumentando as referências ao texto de Benveniste, a situações específicas, a formulações sobre línguas e sobre a linguagem. Em segundo lugar, voltar repetidamente este conceito de metáfora sobre suas próprias fontes e fazer dele um caminho para a releitura da epistemologia Benvenistiana. Aqui, seria interessante também retomar as considerações do próprio autor sobre epistemologia, que não são poucas. Finalmente, como diz Benveniste em uma de suas muitas belas e vagas conclusões, “la tâche entraîne l’obligation de réinterpréter toutes les données acquises et de refondre les catégories établies.” (2010 [original 1949], p.139).

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BENVENISTE, Émile. Sémiologie de la langue. In : _____. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris : Gallimard, 2008 [original 1969], pp. 43-66.

_____. Structure de la langue et structure de la société. In : _____. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris : Gallimard, 2008 [original 1968], pp. 91-102.

_____. La forme et le sens dans le langage. In : _____. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris : Gallimard, 2008 [original 1967], pp. 215-40.

_____. Coup d'œil sur le développement de la linguistique. In : _____. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris : Gallimard, 2010 [original 1963], pp. 18-31.

_____. La nature des pronoms. In : _____. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris : Gallimard, 2010 [original 1956], pp. 251-7.

_____. La phrase nominale. In : _____. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris : Gallimard, 2010 [original 1950], pp. 151-67.

_____. Le système sublogique des prépositions en latin. In : _____. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris : Gallimard, 2010 [original 1949], pp. 132-9.

NORMAND, Claudine. Le sujet dans la langue. *Langages*, v. 19, n° 77, 1985 pp. 7-19.

_____. Les termes de l'énonciation de Benveniste. *Histoire Épistémologie Langage*, v. 8, n° 2, 1986, pp. 191-206.

_____. Constitution de la sémiologie chez Benveniste. *Histoire Épistémologie Langage*, v. 11, n° 2, 1989, pp. 141-69.

RICOEUR, Paul. La métaphore et le problème central de l'herméneutique. *Revue philosophique de Louvain*, v. 70, n° 5, 1972, pp. 93-112.

_____. *La métaphore vive*. Paris : Gallimard, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2007 [original 1916].

SERMAIN, Jean-Paul. *Pierre "Émile" Fontanier : la rhétorique ou les figures de la révolution à la restauration*. Laval : PUL, 2007.

VALÉRY, Paul. Variété: théorie poétique et esthétique. In : _____. *Œuvres volume 1*, Paris : Gallimard, 1957, pp. 1390-403.

Metaphors on volcanoes: axes that support cultural meanings.

The case of Misti volcano in Arequipa, Peru.

Gabriela del Carmen Gonzalez Gonzalez⁹⁸
gabrieladelcarmen11@hotmail.com

The power of the mountain to touch the human heart is infinite. Constanza Ceruti.

ABSTRACT

The aim of this paper is to show that the Misti volcano functions as an identity generator for the people of Arequipa, Peru. This function is created through metaphors for this volcano mediated by its symbolic investment.

The research was carried out from the perspective of Cognitive Linguistics. The field work was done in Arequipa, Peru in April 2009. This is a qualitative study based on semi-structured interviews and ethnography.

The volcanic metaphors are organized into three groups headed by conceptual metaphors: MISTI IS A HUMAN BEING (personification), MISTI IS A GOD (deification) and MISTI IS AN IDENTITY GENERATOR (identity generation); all the groups are firmly attached to the symbolic power of the Misti volcano. The third group explains the features of the material presence of the volcano through its mapping along with its functions linked to characteristics of the *Arequipeños* that are related to their social personality.

The case of the Misti volcano demonstrates that metaphors for volcanoes can function as axes that support cultural meanings, related here to the identity of the *Arequipeños*.

KEYWORDS: metaphor; Misti volcano; identity; symbol; *Arequipeños*.

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar que as funções do vulcão Misti como um gerador de identidade para o povo de Arequipa, Peru. Esta função é criada a través de metáforas para este vulcão mediada por seu investimento simbólico.

A pesquisa foi realizada a partir da perspectiva da Lingüística Cognitiva. O trabalho de campo foi feito em Arequipa, Peru, em abril de 2009. Este é um estudo qualitativo baseado em entrevistas semi-estruturadas e etnografia.

⁹⁸ Universidad de Colima. Colima, Mexico.

As metáforas vulcânicas são organizados em três grupos dirigido por metáforas conceituais: MISTI É UM SER HUMANO (personificação), MISTI É UM DEUS (deificação) e MISTI É UM GERADOR DE IDENTIDADE (geração de identidade); todos os grupos estão firmemente ligados ao poder simbólico do vulcão Misti. O terceiro grupo, explica as características da presença material do vulcão através de seu mapeamento, juntamente com suas funções ligadas a características do Arequipeños que estão relacionados com a sua personalidade social.

O caso do vulcão Misti demonstra que as metáforas de vulcões pode funcionar como eixos que sustentam os significados culturais, relacionados aqui para a identidade do Arequipeños.

PALABRAS-CHAVE: metáfora; Misti vulcão; identidade; símbolo; *Arequipeños*.

Introduction

This is a study on certain metaphors describing the Misti volcano in Arequipa, Peru that show identitarian details. These metaphors emerge from cultural meanings shared by people who live close to Misti. Metaphors are related to thinking, beliefs, emotions and attitudes of people who use them and so their analysis can offer a tool for obtaining vernacular knowledge about the relation between the *Arequipeños* and the Misti volcano. In addition, this approach to volcanic metaphors allows us to understand the perception of volcanic risk and the possible reaction of the *Arequipeños* to an event of this nature.

This study is part of a research project entitled “Seeking universals in geological risk perception. A comparative analysis”, under my charge, in which I make a comparative study of metaphors and cultural schemas reconstructed from local discourse concerning five Latin American volcanoes: the Volcano of Fire in Mexico, Arenal in Costa Rica, Misti in Peru, Tungurahua in Ecuador, and Chaiten in Chile.

In order to better introduce the study object, I will provide a brief contextualization of the Misti volcano and the city of Arequipa. Volcanoes are spread out all over the planet, and some of them house entire villages on their slopes. The Misti volcano in Peru is one of those cases. Arequipa, “The White City”, lies at its feet and the significant influence of this colossus does not only pertain to geographical issues; it also has a profound impact on the way people close to it think.

Misti is an active stratovolcano, 5820 m high (Thouret *et al*, 2001), whose striking conical shape dominates the Arequipa landscape.

The vernacular knowledge of volcanoes provides many details related to the interaction between people and volcanic nature. The threatening nature of some volcanoes disturbs the people who live close to them. Certain contents in the local culture of every community living near volcanoes are determined by the volcanic influence.

The White City is on the slopes of the Misti volcano: Arequipa has one million inhabitants who are put at risk by an eruption.

Future eruptions of El Misti, even if moderate in magnitude, will entail considerable hazards to the densely populated area of Arequipa, warns Jean-Claude Thouret of the Université Blaise Pascal in France and his team of French, Peruvian and British scientists. (...) the possible impact of Misti on Arequipa is as worrisome as that of Vesuvius near Napoli, Thouret says. He and his colleagues urge the implementation of emergency response policy and land-use planning to help regulate city growth (Reed, 2002).

How volcanoes are thought of is very important because it shows people's perceptions and offers insight as to how these people would react in the case of an eruption or a volcanic explosion.

The aim of this paper is to demonstrate that the Misti volcano generates identity through its metaphors in different ways in the local people. The resulting research question is: How does the Misti volcano generate identity in the local inhabitants?

The structure of this paper includes the introduction presented above, theoretical background, methodology, results, discussion, conclusion and references.

1. Theoretical background

This work was carried out from the perspective of Cognitive Linguistics, especially from metaphor theory and metaphor in culture in Kövecses (2007, 2010). I considered topics such as conceptual metaphor, source domain, target domain, mapping, metaphorical linguistic expression, embodiment and the preeminent role of metaphor in the study of cultures.

“A conceptual metaphor consists of two conceptual domains, in which one domain is understood in terms of another” (Kövecses, 2010:4) and it is characterized with the formula A IS B, where the target domain (A) is comprehended through a source domain (B) (Kövecses, 2010:33).

These metaphors are represented by small capital letters in order to indicate that they do not occur in language as such “but it underlies conceptually all the metaphorical expressions listed underneath it” (Kövecses, 2010:4).

There are two conceptual domains involved in the integration of metaphor: source domain and target domain. We draw metaphorical linguistic expressions from the source domain to understand another conceptual domain and we try to understand the target domain through the use of the source domain.

Metaphorical linguistic expressions “are words or other linguistic expressions that come from the language or terminology of the more concrete conceptual domain” (Kövecses, 2010:4); they are realizations or manifestations of conceptual metaphors.

2. Methodology

In relation to methodology, the metaphorical linguistic expressions were identified in the people of Arequipa, Peru, through personal interviews. I conducted 20 semi-structured interviews with men and women born in Arequipa, 25 years and older, with different educations and occupations.

The following question guide was used to conduct the interviews:

What does living close to the Misti volcano mean to you?

What do you feel when you see Misti erupting?

Why do you think Misti erupts?

Are you afraid Misti will kill you?

Do you know some story, tale or legend about Misti?

What is living in a seismic zone like for you?

What do you feel when you remember previous earthquakes?

Why do you think the Earth quakes?

Are you afraid of earthquakes?

Are you afraid of dying in an earthquake?

Why do you continue to live here?

After the interviews were done I transcribed them in Word and identified metaphorical linguistic expressions. Each expression was then systematized in Excel with a special key containing information about the informant.

The metaphorical linguistic expressions were organized into groups according to the conceptual metaphor underlying them. Afterwards, I organized the metaphor groups and established the sequence of metaphor generation related to the identitarian features of the Misti volcano.

3. Results

3.1 Metaphor groups

The metaphorical linguistic expressions about the Misti volcano are integrated into three groups: personification, deification, and identity generation. Each group has a conceptual metaphor as the following table shows:

Table 1. Metaphor groups with their conceptual metaphors.

Metaphor groups	Conceptual metaphors
Personification	MISTI IS A HUMAN BEING
Deification	MISTI IS A GOD
Identity generation	MISTI IS AN IDENTITY GENERATOR

These metaphor groups integrate a causal chain that begins with personification, when people think of the Misti volcano as a human being. Here the metaphorical usage serves as a tool for understanding the volcano through the bodily experience of the informants, and so embodiment is present.

After that, deification emerges when people talk about the Misti volcano as a god, mainly with the word *apu*. They think this spirit operates from the interior of the volcano and his behavior may be good or bad for people; each *apu* has a personality. Hence, the volcano can destroy people or help them.

The third metaphor group explains the identity of the people of Arequipa through several aspects that are based on the natural constitution and function of the Misti volcano.

3.1.1. Personification

“Personification permits us to use knowledge about ourselves to comprehend other aspects of the world, such as time, death, natural forces, inanimate objects, etc.” (Kövecses, 2010:56). The *Arequipeños* use this device when talking about the Misti volcano and it is represented by the following conceptual metaphor: MISTI IS A HUMAN BEING. In this conceptual metaphor, the source domain is a human being and the target domain is the Misti volcano, which is explained through embodiment.

Somos hijos del Misti.

“We are Misti’s children”⁹⁹.

El Misti es el guardián celoso de mi Arequipa

“Misti is the jealous guardian of my Arequipa”.

Cuando no tiene nada, está pues triste y cuando tiene sus nubes o su sombrero, se está vistiendo, decimos.

“When he has nothing, he is sad and when he has his clouds or his hat, we say he is dressing himself”.

Las personas que no se portaban bien, los atrapaba el Misti, los cogía pues la noche y ya no los dejaba salir y al otro día los encontraban muertos.

“Misti caught the people who did not behave well. They were taken by the night and Misti didn’t let them leave again and the next day they were found dead”.

Through these metaphorical linguistic expressions we can appreciate that only some aspects of the source domain are used in understanding the target domain. These aspects stand out and others are hidden. Therefore mapping is partial because only certain features of a human being are used to explain the personification of Misti: his ability to have children, to be a guardian, to wear clothing, to punish people, and to kill them.

3.1.2. Deification

⁹⁹ Reinhard (2006:237) says: “With good reason many of Arequipa’s inhabitants call themselves Mistianos –the “children of Misti”.

The metaphorical deification group is headed by the conceptual metaphor: MISTI IS A GOD, in which the source domain is god and the target domain is the Misti volcano. The features that integrate deification revolve around two issues: the actions of Misti as a god and the actions of the *Arequipeños* towards Misti, the deity.

In the first case, we find he is sacred, he has a personality, he cares for people, and he has supernatural powers. In the second one, we find he is venerated, he is worshiped, he has sanctuaries dedicated to him and people make offerings (payments) to him.

Mountains and volcanoes in the Andean region have long been thought of as gods, as Reinhard (2006: 3) says:

We knew from the early Spanish writings (known as the chronicles) that when the Incas entered this region in the late 1400s, mountains were the principal deities of the peoples they conquered. The Incas believed that statues of precious metals and, especially, human sacrifices were the most important offerings they could make to the gods.

In connection with the sacredness of the Misti volcano “In 1583 the Spanish priest Cristobal de Albornoz listed Misti (using its original name of Putina) as one of the region’s most important deities –and one that needed to be destroyed” (Reinhard, 2006:239).

Regarding the veneration and worship of the Misti volcano, the people of Arequipa think that an *apu* lives inside it. This word may be understood as a spirit, as a god who controls a vast extension of territory that is related to the height of the volcano.

Concerning the personality of the *apu*:

Mountains or rather the tutelar entities that are located inside them, can be sometimes good or bad, and they behave with measure or excess in correspondence to the treatment that they

receive from humans (Martínez, 1983 in Gil and Fernandez, 2008:106).

Hence there is a kind of reciprocity between the *apu* and people who venerate him.

In the past, the god Misti had received offerings in the form of human sacrifices, which were carried out to prevent calamities such as volcanic eruptions and earthquakes. Reinhard (2006) reports that on one of his expeditions to the Misti volcano summit, they discovered six Inca human sacrifices and 47 statues –the most ever found at a single site.

The vision of the volcanoes is differential because some of them are considered as protectors, like Pichu Pichu that fulfills the people's requests and helps the ritual specialists (Nachtigall, 1960 in Reinhard, 2006:170). In contrast, Misti "has a reputation of being ill tempered, causing people harm through illness, eruptions, and earthquakes. Some believe that Misti helps witches, and human sacrifices are rumored to have taken place on its slopes in recent times" (Reinhard, 2006: 239).

To please the *apu* and to be at peace with him, the *Arequipeños* have to make offerings. One of them is the payment to the Earth (Pacha Mama). Reinhard (2006:59) explains the contents of an offering to the mountain gods, called a payment: it usually includes coca leaves and seeds, small pieces of gold and silver foil (representing the minerals), pieces of starfish, incense, maize kernels, llama fat, and other foods deemed appropriate for the gods. The fetuses of llamas, vicuñas, and pigs can also be added for important rituals.

This practice continues today in Arequipa, in different social strata, in August, the month of the Earth. People pay a shaman to make the payment. In an integrated ritual, the shaman digs a hole in the soil and places the offering in it, sometimes in the gardens of the *Arequipeños*' homes.

MISTI IS A GOD

El apu es un espíritu terrestre que nos cuida.

“The *apu* is an earthly spirit that takes care of us”.

La gente que viene de Los Andes piensa que el volcán es un dios.

“The people from the Andes think the volcano is a god”.

Su abuelo había escuchado la voz del apu del Misti, caballeroso, gentil, educado, todo un caballero; en lugar del apu del volcán Saltancaya, cuando los curanderos de la zona invocan al apu, quien se hizo oír, él tenía una voz chillona y agresiva. Cada apu tiene su manera de ser.

“His grandfather had heard the voice of Misti’s *apu*, chivalrous, kind, polite, a true gentleman; on the other hand, when shamans of the zone invoke the *apu* of the Saltancaya volcano and he made himself heard, he had a shrill and aggressive voice. Each *apu* has a particular way of being”.

Si no pagas a la tierra, tú no has sido agradecido y no puedes esperar que la tierra te dé lo mismo.

“If you do not pay the Earth, you have not been grateful and you cannot expect the Earth to do the same for you”.

Hija: siempre tenemos que pagar a la tierra porque nos da frutos, nos cuida la casa, nos va bien en la salud.

“Child: we always have to pay the Earth because she gives us fruits, she cares for our house, we have good health”.

3.1.3. Identity generation.

The capacity of the Misti volcano as an identity generator is based on a conceptual metaphor derived from its natural constitution and its functions. The following mapping explains the conceptual metaphor MISTI IS AN IDENTITY GENERATOR: an identity generator is the source domain and the Misti volcano is the target domain. The target domain is usually an abstraction but in this case I am attempting to understand and explain the Misti volcano not as a mountain but in relation to its symbolic investment. Hence, the Misti volcano is functioning as a symbol within this conceptual metaphor.

Table 2. Mapping of MISTI IS AN IDENTITY GENERATOR.

Identity generator	The Misti volcano
Pride Attachment to land Separateness	Its material presence
Strength Success	Its height
Hard work	Its challenging nature
Bad humor	Its snowy condition

This conceptual metaphor comes into being through several metaphorical linguistic expressions. I will present each characteristic of the Misti volcano with its impact on the behavior of the *Arequipeños* represented by their metaphorical linguistic expressions.

3.1.3.1. The material presence of the Misti volcano

The material presence of the Misti volcano produces several characteristics in the *Arequipeños*, all of them related to their origin of having been born close to this mountain. Such features are pride, attachment to land, and separateness.

Arequipeños are proud.

The pride of having the Misti volcano in their territory seems to be a very comprehensive pride for the *Arequipeños*. The symbolic investment of the volcano is transferred to people born in the White City.

Para mí, el Misti es mi orgullo, y cuidadito, ah, porque yo vengo de Arequipa.

“For me, Misti is my pride, and careful, eh, because I come from Arequipa”.

Hay mucho orgullo del Misti, de vivir al pie del volcán.

“We take a lot of pride in Misti, in living at the foot of the volcano”.

Arequipeños are attached to their land.

People in Arequipa love their land and they have many positive feelings related to it. They have a strong sense of belonging to their land.

Por el arraigo nos seguimos quedando, el arraigo es cariño, es algo que se quiere, como una mujer da a luz a un hijo... le duele, pero quiere más hijos.

“We continue here because of our roots, this hold on us is affection, it is something that is loved, like a woman who gives birth a child... she suffers pain, but she wants more children”.

Nos enorgullece estar en un sitio como Arequipa por el arraigo.

“We are proud to be in a place like Arequipa because we have our roots here”.

Siempre he tenido eso de jalar para mi tierra, primero por la comida, por mis

costumbres, costumbres de los abuelos que no podemos dejar fácilmente.

“I have always been drawn to my land, first because of the food, because of my customs, the customs of our grandparents that we cannot easily forget”.

Arequipeños are different

People born in Arequipa feel that they are different from the rest of Peruvians. They consider Arequipa to be an independent republic. This explains a joke that is present in the social imaginary that says “outsiders need a passport to enter Arequipa”. Arequipa also has its own money called *characato*; both a passport and *characato* can be bought in local stores.

Arequipa can be thought of as a Peruvian subculture, and this would be the case when Kövecses (2007:97) says: “Subcultures often define themselves in contradistinction to mainstream culture, and, often, they can in part be defined by the metaphors they use. And sometimes the self-definition of a subculture involves the unique metaphorical conceptualization of important concepts on which the separateness of the subculture is based”. The contents of the social imaginary of the *Arequipeños* with their independent republic, their passport and their *characato* speaks for its separateness from other Peruvians. They feel very special and different.

Así es, somos diferentes al resto de los peruanos, al menos de los que conozco, los de la capital y los de la sierra norte. Somos emprendedores, más fuertes, más corajudos...

“That’s right, we are different from the rest of the Peruvians, at least the ones I know, those in the capital and northern highlands. We are resourceful, stronger, moodier”.

Somos la república independiente de Arequipa.

“We are the Independent Republic of Arequipa”.

Tenemos nuestro pasaporte y nuestro characato.

“We have our passport and our *characato*”.

No somos ni sierra, ni selva, ni costa, somos Arequipa

“We are neither mountain chain, nor jungle, nor coast, we are Arequipa”.

This case shows that metaphors can be “made real”, as Krzeszowski (2002 in Kövecses, 2007:164) says, because it turns into social-physical reality through passport and *characato*. And as Kövecses says: “Certain social practices may also be based on conceptual metaphors” (2007:176).

3.1.3.2. The height of the Misti volcano

The height of the Misti volcano produces some features in the trends of *Arequipeño* characteristics: strength and the pursuit of success that are represented by

metaphors of power. The Misti volcano's height is also a source of importance and strength for the people of Arequipa and consequently a source of protection.

The Misti volcano may be related to metaphors of power mainly due to its height, as Goatly points out: "Several metaphor themes use size as a source for quality in general, and height as a multivalent source for positive qualities in particular" (2007:35). In relation to that, in the hierarchical organization of the highest snowy mountains, visible from long distances, they commonly exert their power and influence on larger geographical areas and therefore are venerated by many people spread out over wide territories (Allen 2002:27-28; Anders 1986:762-765; Favre 1967:122; Isbell 1978:59; Morissette y Racine 1973:171 in Leoni, 2005:152), as is the case with Misti.

According to the above, the meaning of the Misti volcano for the *Arequipeños* can be explained through the concept of the relationship figure/ground that is used by Cognitive Linguistics from Gestalt Psychology. Conceptually, the figure is the attention focus within a ground and the ground is the environment where the figure is highlighted; the ground produces landmarks and relative stability. In this case, the Misti volcano is the figure by way of its prominence, its height and its dominance of the landscape, which is the ground.

The metaphors of power are related to beliefs, ideologies and cultural practices. The metaphorical linguistic expressions derived from these conceptual metaphors appear in the discourse of the *Arequipeños* associated with the Misti volcano. Some of them are applied to the nature of the volcano and others to the *Arequipeños*; the following pertain to nature:

IMPORTANT IS BIG, IMPORTANT IS HIGH, IMPORTANT IS POWER

Yo soy arequipeña hasta los huesos. Sí, el Misti es parte de ello, su grandeza nos hace un poco más fuertes, nos sentimos bajo ese cobijo.

"I am an Arequipeña through and through. Yes, Misti is part of that, its grandeur makes us a little stronger, we feel its protection".

POWER IS ABOVE

La majestuosidad de su presencia, es muy grande, domina la ciudad. Es muy importante en la vida de nosotros, a pesar de que es algo que nos amenaza pero es un volcán tutelar...

“The majesty of its presence is very big, it dominates the city. It is very important in our lives, even though it is something that threatens us, it is our protector”.

“Additionally, height is a source for success (...). Words for the highest points of objects peak, summit, apex, pinnacle, zenith mean ‘most successful period or point’...” (Goatly, 2007:36). In the case of the Misti volcano, it appears that the influence it exerts by means of its height motivates the *Arequipeños* to achieve targets, to be successful.

“The confluence of these metaphor themes makes size and particularly height impressive symbols of power, success, achievement and importance” (Goatly, 2007:36). All of these features are used by the *Arequipeños* in order to build a specific social personality that is recognized in the entire country of Peru: the *Mistianos* are different from the people of other Peruvian regions.

Misti dominates the landscape of Arequipa, its height gives an impression of protection to the *Arequipeños*. Its grandeur gives it this tutelary character. The people of Arequipa feel that the Misti volcano is their guardian.

The metaphorical linguistic expressions related to *Arequipeños* are the following:

SUCCESS IS HIGH

Yo noto que uno va identificándose con el volcán, el deseo de alcanzar una cumbre, de completar lo más alto.

“I notice that you begin to identify with the volcano, the desire to reach a peak, to complete the highest”.

Arequipeños are strong

Creo que en cierto modo el hecho de haber nacido en Arequipa y de convivir con los volcanes a uno le hace el carácter fuerte y decidido. Creo que altera un poco el carácter.

“I think that in some way the fact of being born in Arequipa and of living together with the volcanoes gives you a strong and determined character. I think that Misti affects a person’s character a bit”.

La ubicación geográfica, el volcán y los sismos nos dan un carácter fuerte.

“The geographical location, the volcano and the earthquakes make us strong”.

La fuerza y la vehemencia con que hago las cosas vienen del Misti.

“The strength and passion I do things with come from Misti”.

3.1.3.3. The threatening nature of the Misti volcano

Misti as a volcano is a source of possible destruction for people. Its threatening nature is not clearly manifested because its activity is low-level, letting out a few sporadic fumaroles, so much so that many people in Arequipa think Misti is a dormant volcano.

However there is a clear idea about the possible danger of a volcanic eruption and the ever-present earthquake risk because Arequipa is located in a seismic zone; this permanent situation of risk is associated with a psychological tendency of *Arequipeños* to be aggressive.

Arequipeños are aggressive

El arequipeño es una persona de mucho empuje, se destacan porque son personas luchadoras, emprendedoras, aventureras, poco agresivas también.

“An Arequipeño is a person full of drive, they stand out because they are fighters, resourceful, adventurous, and a bit aggressive, too”.

Hay radiación de los volcanes y eso influye en los pobladores, somos agresivos, somos una gente muy amable, pero ay que nos hagan algo.

“There is radiation from volcanoes and that influences the people, we are aggressive, we are very nice people but don’t cross us if you know what is good for you”.

3.1.3.4. The challenging nature of the Misti volcano

The people of Arequipa talk about their way of life close to volcanoes. They have three major volcanoes in their territory: Chachani, Misti and Pichu Pichu, but this work focuses on Misti. All three volcanoes are significant in the daily lives of these people. Some view living at the foot of three volcanoes as a challenge to Nature. *Arequipeños* have to be in a permanent state of alert and this extends to all aspects of their lives. They always feel at risk, they always need to be prepared for any surprising event and this condition makes them hardworking.

Arequipeños are hardworking

Por los volcanes somos así, trabajadores, explosivos.

“Thanks to the volcanoes we are hardworking, explosive”.

A mí lo que me arraiga en mi tierra es ese prestigio que el arequipeño tiene afuera, es trabajador, es noble, es cortés y es buena gente, eso es lo que nos llena a nosotros.

“I feel connected to my land because of the prestige that the *Arequipeño* has in the rest of the country, that he is hardworking, noble, polite, and a good person. This is what fills us with satisfaction.”

3.1.3.5. The snowy condition of the Misti volcano

Arequipeños are ill-humored

The *Arequipeños* associate their bad humor with the condition of the Misti volcano called *nevada* (snowfall). They say that when snow falls on Misti, they are gloomy all day. Hence, the supposed affectation that Misti suffers when it is snow-covered is transferred to people in a frame of mind characterized by a bad mood.

La nevada es cuando de pronto se nubla. Los gallos cantan, los burros rebuznan, y a nosotros nos viene el mal genio.

“It suddenly gets cloudy when it snows. Roosters crow, donkeys bray and we get cranky”.

Influye mucho el volcán en la gente, como con la nevada. También influye mucho en la personalidad.

“The volcano has great influence on people, like with the snowfall. It also has a great influence on personality”.

... es un orgullo tener ese volcán, se relaciona mucho con nuestro carácter, cuando está nevando estamos de pésimo genio.

“...it makes us proud to have that volcano. It is closely related to our character, when it snows, we get in a very bad mood”.

The metaphorical linguistic expressions about the identitarian features of the *Arequipeños* are derived from a major conceptual metaphor: MISTI IS AN IDENTITY GENERATOR. That capacity to generate identity most likely emerges from the symbolic quality the volcano has.

3.2 The Misti volcano as a symbol

Over time, the Misti volcano has become a symbol, more precisely a geosymbol. It is defined as “a place, an extension or a geographical accident that for political, religious or cultural reasons has a symbolic dimension for certain communities or social groups, that nourishes and comforts their identity” (Bonnemaison, 1981: 256 in Giménez, 2000:29). The Misti volcano as a geographical accident can be considered to be a very representative geosymbol for the *Arequipeños* and their identity.

The influence of the Misti volcano as a symbol for the *Arequipeño* way of life can easily be seen in aspects of their daily behavior: proud, attached to their land, different, strong, successful, aggressive, hardworking, and ill-humored.

4. Discussion

The Misti volcano generates identity in the *Arequipeños* as can be observed in the metaphorical linguistic expressions used by people in their daily discourse. This identity is an integration of beliefs, experiences, tradition, customs and orality that have been preserved throughout time. The Arequipa culture has been strongly influenced by the Misti volcano for centuries. As Kövecses (2007:95) says “...the physical environment in which dialects or varieties of a language are spoken seems to have an impact on metaphor variation. Clearly, geographic region is an additional dimension of variation in metaphorical language and thought”.

Authors such as Leoni (2005) have recognized that volcanoes or mountains function as an identitarian focus in certain cultures, just as the Misti volcano does for the people of Arequipa.

The high, most visible mountains provide a common focus for wider regional integration. They promote social identities that are reproduced through participation in ceremonies dedicated to honoring these main deities (Allen, 2002, 85 en Leoni, 2005:152).

Misti is a geosymbol that exerts a notable influence in people of Arequipa. It gives way to several features of the social personality: proud, attached to their land, different, strong, successful, aggressive, hardworking, and ill-humored. All of these features are associated with volcanic characteristics.

Kövecses (2007:172) says “Symbols in general and cultural symbols in particular may be based on well-entrenched metaphors in a culture”. And “To understand a symbol means in part to be able to see the conceptual metaphors that the symbol can evoke or was created to evoke” In the case of the Misti volcano, it only evokes conceptual metaphors because it is a natural formation and its own nature has led to their symbolic power.

The metaphors related to the Misti volcano that give way to this identitarian investment are organized into three groups: personification, deification, and identity metaphors. The first metaphor group: personification shows that the Misti volcano is

invested with human characteristics, thus with life and agency. This finding somewhat contradicts Goatly (2007:123): “Traditionally landscape and weather have been viewed as inanimate and incapable of agency, landscape especially”. In the case of the Misti volcano, people think of it as a human being who talks, thinks, punishes or helps, therefore through their metaphors people consider it to be an animate being and capable of agency.

The second group of metaphors refers to the Misti volcano as a god. This is a conceptualization that underlies several behaviors and customs of the *Arequipeños*, such as payment to the Earth that they carry out each August in exchange for food, prosperity, health and work. The existence of *apus* inside volcanoes, and especially inside Misti is included in popular narratives that circulate among the population. Some *Arequipeños* say that these ideas belong to the Andean people, but others are descendants of these people, and their ancestors’ knowledge and beliefs have been handed down to them as part of tradition. This metaphorical group underlies the identity metaphors generated by the Misti volcano, because much of the behavior of the people in Arequipa is related to thinking based on ancient Andean beliefs.

The third metaphor group is made up of metaphorical linguistic expressions derived from the conceptual metaphor MISTI IS AN IDENTITY GENERATOR. The mapping that explains this conceptual metaphor joins some features of the volcano’s material constitution and functions with its impact on the personality of the *Arequipeños*.

The symbolic power of the Misti volcano is firmly established in the three metaphor groups I have described. Each one reinforces the links between the nature of the volcano and the social personality of the people of Arequipa.

Sometimes people talk about Misti as being one of them; he is a friend, a guardian, a parent, and so on. At other times *Arequipeños* consider him to be a deity; they make offerings to him, they venerate him and rescue the beliefs and the ancient worship of mountains and volcanoes from the Andean collective memory. And in their present, they revive the symbolic power of the Misti volcano on a daily basis through distinct behaviors and attitudes that make up their very peculiar way of being, characterized by their pride, attachment to land, separateness, strength, pursuit of success, aggressiveness, hard work, and bad humor and they carry out their lives under

the protection of their powerful guardian. They maintain their identity supported by the symbolic power of the Misti volcano that is frequently verbalized through its metaphors.

The case of the Misti volcano demonstrates that metaphors for volcanoes can function as axes that support cultural meanings, related here to the identity of the *Arequipeños*.

The present work lays the groundwork for the reconstruction of an identitarian cultural schema based on the discourse of the people of Arequipa that focuses on metaphors, key words and reasoning. But that will be a project of mine for the future.

References

GIL, Francisco M. y Gerardo Fernández. El culto a los cerros en el mundo andino: estudio de caso. *Revista Española de Antropología Americana*, v. 38, n. 1, 2008.

GIMÉNEZ, Gilberto. Territorio, cultura e identidades. La región socio-cultural. In

ROSALES, R. *Globalización y regiones en México*. México: UNAM, 2000.

GOATLY, Andrew. *Washing the Brain. Metaphor and Hidden Ideology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor. A practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor in Culture. Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LEONI, Juan. La veneración de montañas en los andes Preincaicos: el caso de Ñawinpukyo (Ayacucho, Perú) en el período intermedio temprano. *Chungara, Revista de Antropología Chilena*, v. 37, n. 2, 2005.

REED, Cristina. *Geotimes*. <http://www.agiweb.org/geotimes/feb02/geophen.html>, febrero de 2002.

REINHARD, Johan. *The Ice Maiden. Inca Mummies, Mountain Gods, and Sacred Sites in the Andes*. Washington, D.C.: National Geographic, 2006.

THOURET, Jean Claude et al. Geology of El Misti volcano near the city of Arequipa, Peru. *GSA Bulletin*; v. 113; no. 12, 2001.

Categorização de SERRA GAÚCHA no discurso turístico publicitário: enquadres e processos de metonimização

Garine Andréa Keller¹⁰⁰

keller.garine@gmail.com

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes¹⁰¹

helocogn@terra.com.br

RESUMO

A Serra Gaúcha é uma região constituída, a partir da perspectiva do setor turístico, por 45 municípios. Entendendo ‘Serra Gaúcha’ como demarcação de determinados setores regionais, parte-se do princípio de que se constitua uma categoria conceitual. O estudo, no âmbito da Linguística Cognitiva, objetiva investigar as diferentes formas de categorizar a região nomeada ‘Serra Gaúcha’ no material de divulgação turística desta região, procurando identificar, através da análise linguística, o que revelam essas formas sobre os modelos cognitivos e culturais subjacentes aos discursos que constituem o *corpus* de estudo. São analisados *folders* impressos, elaborados por entidades públicas, coletados em eventos oficiais de divulgação turística do Estado do Rio Grande do Sul. SERRA GAÚCHA é conceptualizada, metonimicamente, por referência aos produtos e serviços gerados na região, como temos nos exemplos: *Bento Gonçalves*: “*Polo moveleiro do Mercosul; capital brasileira da Uva e do Vinho; aroma do vinho, som da tarantela, farta gastronomia*”; *Vila Flores*: “*As referências de Vila Flores são muitas, porém o pão, o vinho dos freis, a cerâmica, a gastronomia e as flores são marcas indeléveis para os visitantes*”; *Veranópolis*: “*gastronomia típica, a taça do bom vinho, o trabalho. Terra da longevidade [...] Vocação para se produzir artigos esportivos, móveis, pelas de aço microfundidas, frutas, verduras, bebidas*”; *Campos de Cima da Serra*: “*muito rio e cachoeira; Matas de Araucária, os Aparados da Serra, a Curicaca e a Gralha Azul; Fazendas Serranas, o boi franqueiro, os tiros de laço, a cavalgada, o baile gaúcho; comida caseira no fogão a lenha; Nova Petrópolis: Jardim da Serra Gaúcha; Gramado*: “[...] *ruas floridas, arquitetura, hospitalidade, agroturismo, ampla rede hoteleira e gastron mica, op es de compras e grandes centros de feiras e eventos*”. As características (metonimizadas ou metaforizadas) têm o papel de atrair o turista para um mercado de op es de consumo: cultura, etnias, gastronomia, recursos ambientais para diversão ou contempla o, produtos "t picos". Evidencia-se a utiliza o de exemplos t picos, exemplos salientes, padrões, estereótipos (cf. LAKOFF, 1987), como modelos metonímicos na estrutura o de SERRA GAÚCHA a partir de arranjos econômicos, com finalidade turística. Existem indícios de que um modelo cognitivo-cultural constitui a Serra Gaúcha como um local de coloniza o basicamente alemã e italiana, elegendo o trabalho, as belezas naturais e os produtos coloniais como atrativos turísticos.

PALAVRAS-CHAVES: SERRA GAÚCHA; categoriza o; modelos metonímicos; discurso turístico-publicitário.

¹⁰⁰ Universidade de Caxias do Sul, RS

¹⁰¹ Universidade de Caxias do Sul, RS

ABSTRACT

Serra Gaúcha is a constituted area, since a touristic perspective, by 45 cities. Understanding "Serra Gaúcha" as demarcation of certain regional areas, we start from the principle that it constitutes a conceptual category. Through means of Cognitive Linguistics, we investigate how different ways of categorizing the region named "Serra Gaúcha" in the touristic promotional material of this area, seeking to identify, through linguistic analysis, which these forms reveal about the cognitive and cultural models implied in the discourses that constitute the study *corpus*. Printed brochures developed by public entities and collected during touristic promotion official events in the Rio Grande do Sul state are analyzed. SERRA GAÚCHA is conceptualized, metonymically, by reference to the products generated in the region, as example we have: *Bento Gonçalves*: "Mercosur furniture polo; grape and wine Brazilian capital; wine aroma, tarantella sound and abundant gastronomy"; *Vila Flores*: "Vila Flores references are many, but bread, wine of the friars, ceramics, gastronomy and flowers are marks for the visitors"; *Veranópolis*: "typical gastronomy, a good wine glass, work, longevity land [...] vocation to produce sporting products, furniture, micro fused steel, fruits, vegetables, drinks"; *Campos de Cima da Serra*: "many river and waterfall; araucaria forest, the aparados da serra, curicaca and gralha azul birds; serranas farms, franqueiro bull, tiros de laço rodeo, ride hourse, gaúcho balls, homemade food in firewood"; *Nova Petropolis*: "Serra Gaúcha garden"; *Gramado*: "[...] flowery streets, architecture, hospitality, agro tourism, wide net of hotel and restaurants, shopping options and large fairs and events centers". Characteristics (metonymically or metaphorically) have a role in attracting tourists to a market of consumer choices: nature, cultural patrimony, gastronomy, typical products. This study highlights the use of typical examples, salient examples, standards, stereotypes (cf. Lakoff, 1987) as metonymic models in the structuring of Serra Gaúcha from economic arrangements with tourist purpose. There is evidence that a cognitive-cultural model established Serra Gaúcha as a place of colonization basically German and Italian, electing labor, natural beauty and colonial products as tourist attractions.

KEYWORDS: SERRA GAÚCHA; categorization; metonymic models; tourist advertising discourse

Contextualização

Localizada geograficamente a 100 km ao norte de Porto Alegre, na região da Serra no Estado do Rio Grande do Sul, a Serra Gaúcha é considerada uma área densa de vocações turística, histórico-cultural, agroalimentar (sobretudo enogastronômica) e industrial. É constituída, geograficamente, de um recorte que atende a objetivos de demarcação turística, por 52 municípios que estão, por sua vez, agrupados em cinco

microrregiões turísticas: Campos de Cima da Serra, Uva e Vinho, Vale do Paranhana, Hortênsias e Rota das Araucárias.

É possível dizer que a atividade turística na Serra Gaúcha já tem uma tradição, ou seja, é uma atividade consolidada, principalmente entre os municípios com maior infraestrutura, muito embora, cada vez mais, pequenos municípios estejam interessados em atrair turistas. Essa afirmação é corroborada pelo fato de que Bento Gonçalves e Gramado estão entre os 65 Destinos Indutores do Turismo no Brasil (Projeto do Ministério do Turismo), e por esse motivo recebem incentivos destinados ao desenvolvimento do setor turístico.

O crescente interesse pela profissionalização do turismo no Brasil é induzido pela importância do turismo no cenário de globalização atual, em que desburocratizam-se fronteiras e multiplicam-se as opções de viagens ao redor do mundo.

Nesse contexto de globalização da atividade turística, busca-se na identidade cultural regional uma forma de distinção, com o objetivo de destacar-se na amplitude de ofertas turísticas. Os elementos regionais são exaltados na elaboração de roteiros turísticos visando obter um posicionamento do produto turístico no mercado. Conseqüentemente, esses elementos são incorporados pelo discurso publicitário por meio da manipulação dos símbolos regionais na construção discursiva.

Assim, entendendo SERRA GAÚCHA como demarcação de determinados setores regionais, o objetivo deste trabalho é, a partir dos estudos da Linguística Cognitiva, investigar as diferentes formas de categorizar a região nomeada 'Serra Gaúcha' no material de divulgação turística desta região, procurando identificar, através da análise linguística, o que revelam essas formas sobre os modelos cognitivos e culturais subjacentes aos discursos que constituem o *corpus* de estudo.

Verifica-se que há diversas formas de demarcar a Serra Gaúcha, seja através de regiões culturais (definidas em função de traços culturais de cada região), seja através da geografia, seja através do setor turístico (divisão em microrregiões turísticas conforme Secretaria do Turismo do Estado do Rio Grande do Sul), seja através de agrupamentos em função de interesses econômicos (setores moveleiro, vitivinícola e metalúrgico). Essas demarcações demonstram que o que delimita determinada "região" são as diversidades regionais, isto é, o que é diverso em cada região faz a

delimitação. Vemos que a “região” é demarcada (conceitualmente na perspectiva do setor turístico) por seus produtos. Na perspectiva da Semântica Cognitiva, pode-se dizer que, metonimicamente, os produtos gerados na região, que são apenas uma de suas características, definem a região. As características (metonimizadas ou metaforizadas) têm o papel de atrair o turista para um mercado de opções de consumo: cultura (mesmo que estereotipada, sendo o estereótipo uma forma de metonimização), gastronomia, atrativos ambientais para diversão ou contemplação, produtos "típicos", entre outros. Desse modo, as regiões demarcadas pela expressão ‘Serra Gaúcha’ são motivadas pelos interesses de cada setor.

Na etapa que segue este estudo, é apresentado o referencial teórico que serviu de base para a análise dos dados obtidos a partir de um *corpus* constituído de material de divulgação turística da Serra Gaúcha. Por fim, são apresentados os diferentes modelos cognitivos que constituem os frames e subframes para a categoria SERRA GAÚCHA.

1. Referencial Teórico

Os estudos da Semântica Cognitiva se voltam para estudar a relação entre o funcionamento da mente e as formulações linguísticas, que surgem da interação entre corpo e mundo (Lakoff, 1987). Essa relação é representada na forma como categorizamos o mundo, a partir de Modelos Cognitivos, que são detalhados nas próximas seções.

1.1 Categorização

A categorização é o eixo central da Semântica Cognitiva. Conforme Lakoff (1987, p.6), “without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives”. Isso quer dizer que dependemos do processo de categorização para interagir no mundo e com o mundo e que,

consequentemente, nossa compreensão das coisas do mundo está ligada às nossas experiências ou práticas sociais, sempre mediadas pela linguagem.

Para o autor, a maior parte da categorização é automática e inconsciente, e a maioria das categorias não é de “coisas”, mas de entidades abstratas. Segundo Lakoff,

[...] we categorize events, actions, emotions, spatial relationships, social relationships, and abstract entities of an enormous range: governments, illnesses, and entities in both scientific and folk theories, like electrons and colds. Any adequate account of human thought must provide an accurate theory for all our categories, both concrete and abstract (LAKOFF, 1987, p.6).

Assim, a categorização humana é, essencialmente, uma questão tanto de experiência quanto de imaginação – de percepção, atividade motora e cultura, por um lado, e metáfora, metonímia e imagens mentais, por outro.

Sobre a categorização na visão da Semântica Cognitiva, importante foi a abordagem de Wittgenstein, na obra *Investigações Filosóficas*, para quem a categorização está associada à noção de semelhança de família, centralidade e gradação. Além disso, o autor também preconizou o estudo da linguagem em uso. Essa noção é retomada pela Psicologia Cognitiva Experiencialista, desenvolvida por Rosch e colaboradores.

Lakoff (1987) analisa o percurso realizado por Rosch, que forneceu uma perspectiva geral sobre os problemas relativos à categorização. A autora desenvolveu a *Teoria Prototípica*, que se opunha à teoria clássica, e firmou a categorização como um subcampo da psicologia cognitiva. Numa primeira etapa dos estudos de Rosch, a interpretação do protótipo refletia diretamente na categorização humana. Mais tarde, a partir da década de 1970, a autora conclui que os efeitos prototípicos seriam superficiais. Lakoff concorda com essa tese, assumindo que o conhecimento está organizado na forma de modelos cognitivos idealizados, sendo estes a fonte para os

efeitos prototípicos. A tese básica do autor é a de que os efeitos prototípicos resultam da natureza dos modelos cognitivos, que podem ser vistos como teorias sobre alguma matéria.

Geeraerts (1988) sugere uma explicação para demonstrar a eficiência das categorias estruturadas na base da prototipicidade: a flexibilidade, que faz com que possam adaptar-se a diversos contextos, e a estabilidade, pois é possível interpretar novas experiências sem que seja necessário criar novas categorias. Isso demonstra que as categorias linguísticas, por serem flexíveis e polissêmicas, colaboram para a continuidade e para a mudança no significado das palavras dentro de um contexto de desenvolvimento histórico.

A partir da Teoria Prototípica, tem-se o conceito de “semelhanças de família” como fundamental. Ou seja, para definir uma categoria, não é necessário que seus componentes tenham traços necessários e suficientes, compartilhados por todos os membros. O que acontece é que há, entre esses membros, semelhanças entre si. Assim, a pertença à categoria seria motivada por semelhanças de família com os membros prototípicos.

Uma categoria, a partir dessa perspectiva, conforme Mervis e Rosch (1981), existe sempre que dois ou mais objetos ou eventos distinguíveis são tratados de forma equivalente. Ainda segundo os autores, grande parte das categorias é estruturada internamente e não têm fronteiras claramente distinguíveis. Neste sentido, os protótipos são considerados os centros das categorias, atuando como pontos de referência cognitivos.

Geeraerts (1989), nessa mesma linha de argumentação, aponta quatro características estruturais das categorias prototípicas: a) não há um conjunto de atributos necessários e suficientes; b) formam-se a partir da estrutura de semelhança de família; c) há grau de representatividade entre seus membros e d) seus limites não podem ser determinados. O autor, contudo, chama a atenção para o fato de que as quatro características não precisam estar presentes conjuntamente para que seja caracterizada a prototipicidade.

Lakoff afirma que os fenômenos prototípicos

[...] are used instead in thought – making inferences, doing calculations, making approximations, planning, comparing, making judgments – as well as in defining categories, extending them, and characterizing relations among subcategories. Prototypes do a great deal of the real work of the mind and have a wide use in rational processes (LAKOFF, 1987, p.145).

Ou seja, os fenômenos prototípicos têm relação direta com a forma como pensamos e categorizamos o mundo.

1.2 Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Para Lakoff, a capacidade de conceptualização é a capacidade geral para formar modelos cognitivos idealizados. Ou seja, uma categoria é o resultado da relação entre modelos cognitivos, experienciais e o mundo.

Os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) são espécies de construtos que organizam nossa forma de categorizar e pensar o mundo. Segundo Lakoff (1987), organizamos nosso conhecimento por meio de estruturas, e as categorias de estruturas e os efeitos dos protótipos são subprodutos desta organização. O autor explica que as ideias sobre os MCIs têm origem em quatro fontes: A Semântica de *Frames*, de Fillmore (1982), a Teoria da Metáfora e Metonímia, de Lakoff e Johnson (1980), a Gramática Cognitiva de Langacker (1987) e a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1985) (Cf. LAKOFF, 1987, p.68).

Os MCIs apresentam um conjunto de propriedades, quais sejam: são experienciais; têm natureza gestáltica, têm uma estrutura ecológica e são imaginativos e são utilizados para organizar diferentes domínios de experiências, para entender o mundo, para dele construir sentido.

A partir da leitura de Lakoff (1987), apresentam-se os estudos básicos da Teoria Prototípica que levaram à abordagem dos modelos cognitivos:

(i) Algumas categorias, como *HOMEM ALTO* ou *VERMELHO*, são classificadoras, ou seja, têm graus inerentes à adesão, fronteiras difusas, e membros centrais cujo grau de associação (em uma escala de zero a um) é um deles.

(ii) Outras categorias, como *PÁSSARO*, têm limites claros, mas dentro desses limites de efeitos prototípicos são graduados – alguns membros da categoria são melhores exemplos da categoria do que outros. Sobre isso o autor diz que a categoria estrutural desempenha um papel no raciocínio. Em muitos casos, os protótipos funcionam como pontos de referência cognitivos de vários tipos e formam as bases para inferências.

(iii) Os efeitos do protótipo são superficiais. No caso da categoria *HOMEM ALTO*, não há fronteiras rígidas de classificação, ou seja, os efeitos prototípicos podem resultar do grau de adesão da categoria, enquanto no caso das aves, que têm fronteiras rígidas, os efeitos do protótipo deve resultar de algum outro aspecto da estrutura interna da categoria.

(iv) Categorias não são organizadas apenas em termos de simples hierarquias taxonômicas. Em vez disso, as categorias "no meio" de uma hierarquia são as mais básicas em relação a uma variedade de critérios psicológicos: percepção gestáltica, a capacidade de partir de uma imagem mental, interações motoras, facilidade de aprendizagem, memória, e uso. A maior parte do conhecimento é organizada a este nível.

(v) As categorias são organizadas em sistemas com diferentes elementos.

(vi) Categorias humanas não estão objetivamente "no mundo", externas aos seres humanos, algumas estão incorporadas. As categorias de cores, por exemplo, são determinadas conjuntamente pelo mundo externo físico, biologia humana, a mente humana, além de aspectos culturais. A estrutura básica de nível depende da percepção humana, a capacidade de imagem, capacidade motora, etc.

(vii) Efeitos prototípicos são fenômenos superficiais que podem ter muitas fontes.

A partir dessas constatações, surge a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI). Estes Modelos têm uma estrutura complexa constituída de símbolos e utilizam quatro tipos de princípios estruturadores: (a) estruturas de esquemas de imagem; (b)

estruturas proposicionais; (c) mapeamentos metonímicos e (d) mapeamentos metafóricos.

Estes princípios dão origem a cinco tipos básicos de modelos cognitivos: (a) de esquema de imagens; (b) proposicionais; (c) metonímicos; (d) metafóricos; (e) simbólicos.

Cada um desses tipos de modelo contribui para a estruturação de experiências, seja no plano puramente conceptual, seja no plano linguístico-conceptual. Assim, o objetivo básico da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados é descrever e explicar as variadas fontes de efeitos prototípicos, que são a base para a formação de categorias.

Para Feltes (2007, p.89), os modelos cognitivos são entendidos como “idealizados”, pois não precisam ser um retrato da realidade, ou seja, não precisam estar ajustados perfeitamente ao mundo: “o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc.”. Além disso, é possível a existência de modelos cognitivos diferentes para uma mesma situação. Estes modelos são, portanto, o resultado da capacidade de categorização humana. Por isso, também, os modelos cognitivos podem ser culturais, pois cada cultura tem suas diferentes formas de categorizar.

Como já mencionado anteriormente, os MCIs são constituídos a partir de quatro princípios estruturadores (estruturas de imagem-esquemática, estruturas proposicionais, mapeamentos metonímicos e mapeamentos metafóricos). Detalhamos, a seguir, em função dos objetivos de nossa investigação, os Modelos Cognitivos Proposicionais, os Modelos Metonímicos e os Modelos Metafóricos.

1.2.1 Modelos Cognitivos Proposicionais

Os Modelos Cognitivos Proposicionais são constituídos pelas propriedades das entidades e pelas relações obtidas entre elas. Nesses modelos, não há uso de mecanismos imaginativos, como metáfora, metonímia ou imagens mentais; e o conjunto de elementos utilizados no MCI pode ser, ou de elementos ou conceitos de nível básico (entidades, ações, estados, propriedades, etc.), ou de conceitos caracterizados por

modelos cognitivos de outros tipos. Estes modelos são assim classificados por Lakoff: proposição simples; *frame*, cenário ou *script*; feixe de traços, taxonomia e categoria radial. Em nosso estudo, elegemos os modelos proposicionais do tipo *frames e scripts*, já que são os modelos relevantes para a fundamentação da análise.

Segundo Cienki (2007), a noção de *frame* tem sido usada há alguns anos, de várias formas, não só na linguística, mas também em áreas como a psicologia e a Inteligência Artificial.

Na linguística, o termo *frame* foi usado primeiramente por Fillmore (1982), que inicialmente utilizou o termo na linguística somente como descrição. Apenas mais tarde, ele e outros estudiosos estenderam seu uso incluindo a caracterização de estruturas de conhecimento, vinculando, assim, a análise da linguagem para o estudo de fenômenos cognitivos.

Para Fillmore, *frames* são estruturas que têm a função de representar entidades conceptuais. Essas estruturas constituem-se numa grande quantidade de conhecimentos sobre um determinado conceito. Conforme a autora,

Elas (as estruturas) caracterizam uma cena ou situação abstrata como um mecanismo de estruturação cognitiva, sendo algumas partes indexadas por palavras associadas a elas e usadas no processo de compreensão. Desse modo, palavras ou expressões linguísticas evocam *frames*, os quais são conduzidos da memória de longo prazo para, por exemplo, a memória operacional, não como ‘pacotes’ estocados, mas como estruturas em contínua construção a partir da experiência (FELTES, 2007, p135).

Essa noção proposta por Fillmore compartilha com o que Lakoff entende por MCI. No entender de Feltes (2007, p.135), “seria uma estrutura conceitual de formato proposicional, culturalmente definida, que atuaria na organização de inúmeros segmentos da realidade”. Para a Semântica Cognitiva, seriam os *frames* que determinariam a escolha de certos itens lexicais por uma dada comunidade. Dito de outra forma, os *frames* relacionam os conceitos e as palavras que os expressam.

Já o *script* “é uma cadeia de inferências pré-organizadas relativa a uma situação de rotina específica”, afirma Feltes (2007, p.135). Tanto *frames* quanto *scripts* devem situar-se em esquemas sócio-culturais, discriminando-se o que é esperado no ato de sua ativação.

Compartilhando dos estudos de Fillmore, Evans (2009) defende a existência de um *script* cultural, que se constitui de normas interacionais que fornecem o contexto no qual as palavras assumem um significado particular.

Observa-se que Evans (2009) define modelo cognitivo como uma unidade de estrutura conceitual, que consiste de um *frame* ou *frames* embutidos, que dá origem a um conjunto potencialmente ilimitado de simulações. *Frames* têm estrutura complexa e são, no entendimento do autor, de duas naturezas: de coisas e situações.

1.2.2 Modelos Cognitivos Metonímicos

O Modelo Cognitivo Metonímico é uma das maiores fontes de efeitos prototípicos, pois, conforme Feltes,

[...] em sua essência, está estruturado a partir do princípio de que um membro de uma categoria, uma subcategoria ou um submodelo é tomado como representativo da categoria ou do modelo como um todo para uma ampla variedade de propósitos: raciocínio em geral, dedutivo ou indutivo, reconhecimento de objetos; para fazer inferências; para fazer julgamentos, para fazer planos, etc. (FELTES, 2007, p.146).

Os modelos metonímicos são representados estruturalmente pelo esquema CONTAINER, e o mapeamento pelo esquema ORIGEM-PERCURSO-META. O processo metonímico, conforme Lakoff (1987), acontece da seguinte forma: (a) um conceito A precisa ser compreendido num determinado contexto; (b) existe uma

estrutura conceitual que abarca tanto um conceito A quanto um conceito B; (c) o conceito B pode ser parte de A ou estar relacionado a A; (d) comparado com A, B é mais fácil de ser entendido, lembrado ou apenas mais imediatamente acessível em determinada situação; (e) Há uma estrutura conceitual em que B está para A.

Lakoff (1987) aponta algumas fontes metonímicas de efeitos prototípicos: (a) os estereótipos sociais (geralmente usados para fazer julgamentos rápidos sobre as pessoas, definir expectativas culturais, etc.), (b) os exemplos típicos (normalmente são inconscientes e automáticos, mais estáveis e não definem expectativas culturais), (c) os ideais (utilizados para fazer julgamento de qualidade e planos para o futuro), (d) os padrões (modelos de conduta e desempenho), (e) os geradores (existem os membros centrais que geram os demais membros da categoria), (f) os submodelos (principalmente no sentido de fazer aproximações e estimar tamanhos) e (g) os exemplos salientes (exemplo de atividade, acontecimento, atitude, desempenho, etc.).

Segundo Lakoff e Turner (1989) os conceitos metonímicos nos permitem conceituar algo por meio de sua relação com outra coisa. São esses conceitos que estruturam não apenas nossa linguagem, mas nossos pensamentos, atitudes e ações. Isso se confirma no entendimento de Lakoff, para quem:

Metonymy is one of the basic characteristics of cognition. It is extremely common for people to take one well-understood or easy-to-perceive aspect of something and use it to stand either for the thing as a whole or for some other aspect or part of it (LAKOFF, 1987, p.77).

Segundo Cienki (2007), os MCI fornecem o enquadramento para nos permitir fazer uma referência metonímica, na medida em que fornecem um domínio de busca limitado que o destinatário pode usar para identificar o referente metonímico. Estereótipos sociais são um exemplo de como alguns membros proeminentes de uma categoria podem ser usados para representar toda a categoria (parte significando todo), com o risco inerente de que inferências podem ser feitas sobre toda a categoria com base nas características associadas ao subgrupo.

Também Panther e Thornburg (2007) veem a metonímia como um importante processo cognitivo:

Metonymy is a cognitive phenomenon – not just a figure of speech – whose role in the organization of meaning (semantics), utterance production and interpretation (pragmatics), and even grammatical structure is considerable. The same metonymic principles that relate different senses of a Word serve to create and retrieve novel meanings in actual language use. The ubiquity of metonymy can be interpreted as an indication that there a continuum between linguistic meaning and communicative use rather than a strict division of labor between two autonomous components, semantic and pragmatics (PANTHER E THORNBURG, 2007, p.236).

Além disso, a interpretação da estrutura gramatical (construção de significado) parece ser sensível aos princípios metonímicos.

A partir de uma análise sobre como diferentes estudiosos tratam do fenômeno da metonímia, Panther e Thornburg (2007, p. 240) concluem que há um denominador comum aos diferentes estudos sobre metonímia: “metonymy is a cognitive process that operates within *one* cognitive domain or domain matrix and links a given source content to a less accessible target content”. Os autores propõem que essa relação entre o domínio-alvo e o domínio-fonte deve ser considerada contingente, ou seja, ligações metonímicas não existem por necessidade conceitual, elas são criadas nas situações de uso.

Diante de categorizações variadas do fenômeno, Barcelona (2003) pondera que não há uma definição com a qual linguistas cognitivos concordam em todos os detalhes sobre a metonímia. Existem consensos de que há um mapeamento com o mesmo domínio experiencial ou estrutura conceitual. Os principais pontos de divergência giram em torno do caráter diferencial de metonímia e acerca da questão de subdomínios pelos quais a metonímia pode ser mapeada.

A definição mais aceita por Barcelona é a proposta por Kövecses e Radden (1998), na qual metonímia é um processo cognitivo em que uma entidade conceptual, o veículo, promove o acesso mental à outra entidade conceitual, o alvo, com o mesmo domínio, ou MCI.

Barcelona (2003, p.33) propõe, então, um conceito de metonímia: “metonymy is the conceptual mapping of a cognitive domain onto another domain, both domain being included in the same domain or ICM, so that the source provides mental access to the target”. Na visão do autor, uma definição como esta, além de enfatizar o papel cognitivo da metonímia, tem a vantagem de enfatizar a “*uniformização*” *cognitiva*”,¹⁰² entre “prototípico”, metonímia e outros tipos de mapeamentos de domínio.

Já Panther (2006) preconiza uma visão da metonímia como uma relação indéxica entre o significado-fonte e o significado-alvo, contrastando com a metáfora, considerada um tipo específico de relação icônica.

O autor ressalta que os significados metonímicos provêm de conceitos genéricos que são evidenciados na base do conhecimento. A situação de elocução e o contexto linguístico no qual a expressão metonímica ocorre, indicarão o significado da metonímia.

Para Panther (2006), então, metonímia consiste numa operação cognitiva através da qual um conceito (fonte) sustenta um acesso a outro conceito (alvo). Além disso, o significado alvo resultante da mudança metonímica é uma elaboração do significado fonte. A mudança metonímica pode ser observada como uma operação de substituição, mas uma substituição na qual a fonte dos significados não desaparece, e sim permanece como parte da estrutura conceitual do significado alvo. Ou seja, uma análise adequada do uso de recursos metonímicos deve levar em consideração que as metonímias estão encaixadas num contexto situacional e linguístico.

Já Evans (2009) trabalha com a ideia de modelos cognitivos primários e secundários. Na sua visão, os modelos cognitivos secundários são todos aqueles que estão encadeados com relação aos modelos cognitivos primários. Eles formam parte do potencial semântico para que um dado potencial conceito léxico possa acessar a informação, embora não exista uma associação estabelecida entre o conceito léxico e os modelos cognitivos secundários.

¹⁰² Termo utilizado pelo autor: “*cognitive commonality*”.

O autor também destaca, assim como Panther, a importância do contexto extralinguístico no processo de enunciação. O tempo, a modalidade (fala ou escrita), o gênero (ex.: reportagem de jornal *versus* leitura falada) podem contribuir para o significado das palavras e fornecer seu contexto. Evans defende que a construção do significado acontece a partir da interface entre linguagem, comunicação e cognição e só pode ser frutífera se vista num esforço interdisciplinar, que inclui linguistas cognitivos, antropólogos, analistas do discurso, sociolinguistas, estudos de psicologia, gestos e neurociência. Além disso, o autor também reafirma que a construção do significado é influenciada pelo uso, envolvendo atos de fala, gestos, linguagem não-verbal, que também servem para expressar uma situação.

Outra questão abordada por Evans é sobre o conhecimento enciclopédico (*background*), do qual fazem parte o senso comum, sociocultural, de mundo. O autor considera este um conhecimento altamente detalhado, extenso e estruturado, a fim de categorizar as situações, eventos e entidades que encontramos no nosso cotidiano e no mundo. É neste conhecimento que nos baseamos para realizar uma série de outras operações cognitivas superiores, incluindo conceituação, a inferência, a razão, a escolha, ou seja, para interpretar as informações que recebemos. Nesse sentido, Evans reafirma o que outros estudiosos da LC afirmam sobre a relação entre categorização, uso e contexto extralinguístico.

O que é possível perceber acerca dos estudos sobre o fenômeno da metonímia é que há um consenso no que se refere à importância do contexto situacional em que ela ocorre, e que não se trata apenas de uma substituição de significados, com o objetivo de facilitar o entendimento de determinada situação. O que ocorre é que parte-se de algo genérico para o entendimento de algo específico, que, juntamente com o contexto extralinguístico, cria um novo significado, adicionado de outros significados.

Na próxima seção, propõe-se uma reflexão acerca dos modelos cognitivos metafóricos que, juntamente com os modelos metonímicos, são a base para a forma como pensamos.

1.2.3 Modelos Cognitivos Metafóricos

A metáfora, na perspectiva de Lakoff (1987), é um modo de raciocinar sobre o mundo, está inconscientemente estabelecida e sempre presente no cotidiano. Conforme Feltes (2007, p.152) “ela é conceitualmente indispensável ou básica à medida que dispensá-la é, em alguma medida, mudar o modo de pensar”.

Os modelos metafóricos, assim como os metonímicos, são estruturados na forma dos esquemas CONTAINER e ORIGEM-PERCURSO-META e são assim caracterizados, conforme formulação de Feltes (2007), a partir de Lakoff (1987): (a) um domínio conceitual A, denominado domínio-fonte; (b) um domínio conceitual B que deve ser compreendido, o domínio-alvo; (c) existe um mapeamento que conecta o domínio-fonte ao domínio-alvo; (c) esse mapeamento é motivado por uma correlação estrutural associando A a B; (d) a relação especificada é de A para B. Essa correlação de domínio-fonte e domínio-alvo tem o objetivo de entender o domínio mais abstrato através de termos mais concretos.

Barcelona (2003) define a metáfora como um mecanismo cognitivo onde um domínio experiencial é parcialmente mapeado, projetado, a partir de um diferente domínio experiencial. Então, o segundo domínio é parcialmente entendido em termos do primeiro. O domínio que é mapeado é chamado de fonte, e o domínio a partir do qual a fonte é mapeada, é chamado de alvo. Ambos os domínios pertencem a diferentes domínios superordinários. É este basicamente o conceito cognitivo de metáfora, proposto por George Lakoff, Mark Johnson e Mark Turner.

Barcelona (2003) define alguns aspectos importantes sobre a metáfora: (a) a principal questão no mapeamento de metáforas tem sido a chamada “hipótese invariante”, que consiste no entendimento de que o mapeamento não pode violar a estrutura básica do domínio-alvo, explicando, assim, porque algumas metáforas são apenas parciais. Essa limitação deriva da estrutura inerente do domínio-alvo. Além disso, outro aspecto importante sobre a metáfora é que, para que haja sucesso na comunicação, é necessário que os participantes tenham algum conhecimento sobre o domínio-fonte, bem como sobre impressões culturais e estereotípicas das ideias inferidas num enunciado que contenha metáforas; (b) o mapeamento em metáfora é sempre unidirecional: somente a fonte é projetada para um domínio-alvo, mas o domínio-alvo não é, ao mesmo tempo, mapeado para o domínio-fonte.

Para Panther (2006, p.162), a metáfora, é vista como a relação entre dois domínios conceituais separados via um conjunto de mapeamentos unidirecionais. O autor afirma que a metáfora apresenta uma relação entre fonte e alvo criada. Assim, mesmo domínios não similares podem ser conectados através de mapeamentos metafóricos.

No entanto, surge, a partir de Turner e Fauconnier (1995), uma nova teoria para explicar como falantes e ouvintes acessam faixas de valores referenciais e constroem novas inferências através do discurso, geralmente pela construção de domínios conceituais provisórios ou “*blends*”. Essa nova abordagem reivindica que no mapeamento conceitual, como se procede no discurso, o domínio-fonte e o domínio-alvo são mapeados para um espaço provisório (*blend*), no qual a estrutura conceitual não é totalmente derivada daquele espaço dos domínios fontes e domínios-alvos¹⁰³.

1.2.4 Relações Conceituais acerca de Metáfora e Metonímia

Barcelona (2003) considera a teoria cognitiva da metáfora e da metonímia um aspecto fundamental do empreendimento da LC. Conforme o autor, nos últimos anos, é possível perceber o crescente interesse no estudo do processo de metonimização da linguagem. Para Barcelona, a metonímia é vista como um processo cognitivo mais básico do que a metáfora.

Metonímia, segundo Barcelona, é uma projeção conceitual onde um domínio experiencial (alvo) é parcialmente entendido em termos de outro domínio experiencial (fonte) incluído no mesmo domínio experiencial comum. Metonímia é, então, no ponto de vista do autor, um caso especial que ele chama de “ativação”. O mapeamento metonímico causa ativação mental do domínio-alvo.

No entendimento do autor, os processos metonímicos e metafóricos são tipos fundamentais de modelos cognitivos, ambos são experiencialmente motivados e podem ser usados para propósitos pragmáticos imediatos. Ou seja, é preciso deixar claro que metáfora e metonímia são analisadas como mecanismos de cognição mental, e não

¹⁰³ Neste estudo a Teoria da Integração Conceptual ou Teoria das Mesclagens, de Fauconnier, (1994), Fauconnier e Turner (2002) não é adotada.

devem ser confundidas com suas expressões linguísticas. Uma expressão linguística deve, eventualmente, ser usada metaforicamente ou metonimicamente, mas a projeção do conceito correspondente deve ser ativa e ser refletida em outras expressões linguísticas. Além disso, metáfora e metonímia podem não ser necessariamente verbalizadas, podendo ser expressadas através de gestos e outras formas de comunicação não-verbal.

Ainda conforme o autor, metáforas e metonímias convencionais são geralmente automáticas, frutos de mapeamentos inconscientes e que estão presentes na linguagem diária. Sobre este tema, Barcelona constata haver alguns problemas na noção de um domínio experiencial cognitivo. O domínio cognitivo deve ser entendido como um domínio enciclopédico. Então, ele será normalmente variado de pessoa para pessoa. Em muitos casos, não há uma fronteira precisa, o que torna mais complexa a distinção entre metonímia e metáfora. Uma das causas é que metáfora e metonímia interagem uma com a outra, seja no nível conceitual puro, seja através de uma mesma expressão linguística que co-utiliza de uma metáfora e uma metonímia.

Nesse sentido, o autor afirma que, numa larga extensão,

Metaphors and metonymies are to a large extent culture-specific, because the domains of experience are not necessarily the same in all cultures, but the most abstract, overarching metaphors and metonymies seem to have as input or “source” domains universal physical notions like “vercality”, “container”, etc., know as “image schemas”, which are acquired on the basis of our earliest bodily experiences (BARCELONA, 2003, p.6).

Assim, a hipótese do autor é a de que todo o mapeamento metafórico pressupõe um mapeamento metonímico *a priori*, ou, dito de outra forma, a semente para toda a transferência metafórica é encontrada na projeção metonímica.

1.2.5 Metáfora e Metonímia na Publicidade

Ungerer (2003) aborda os fenômenos metafóricos e metonímicos na publicidade, que, para o autor, é particularmente apta para uma análise de metonímia e metáfora. Conforme Ungerer:

The products advertised are never really present in the advert, they are represented by a picture or a brand name, which metonymically stand for the item in question. Similarly, the act of buying, which is the ultimate goal of consumer advertising, is never executed in the advert, but is at Best approached by requests. (UNGERER, 2003, p.321).

No exame do autor, esse processo ocorre mesmo que a publicidade não ordene diretamente e não verbalize o ato da compra. O mais importante na publicidade, é a ligação entre os domínios estabelecidos pelos elementos retratados no anúncio. Na instância cognitiva, essa ligação pode ser entendida como a cristalização de metáforas conceituais com as quais a realização linguística interage. Mas o autor alerta que os publicitários devem ter certeza de que somente os atributos positivos são mapeados para o domínio-alvo do item anunciado.

Para a publicidade, o elemento decisivo é que o objeto é o que se quer apresentar para o consumidor, na expectativa de vendê-lo. Isso é feito através da demonstração de aspectos positivos para provar que ele é desejável. Isso pode ser feito pela verbalização de quão bom o objeto anunciado é para o consumidor, mas a publicidade prefere estratégias indiretas, através das quais é estabelecida uma ligação metafórica com um domínio convencionado representando a qualidade desejada. Joias preciosas e roupas, no exemplo do autor, são usadas para indicar requinte; castelos, nobres e iates são usados para representar prestígio; e um bebê sorridente significa saúde. Todas as ligações metafóricas mencionadas podem ser assumidas pela metáfora O OBJETO DESEJADO É VALIOSO).

Nesta seção buscou-se uma revisão, a partir da leitura de vários estudiosos da LC, da importância do processo de categorização e os processos proposicionais, metonímicos e metafóricos que envolvem a forma como categorizamos o mundo. Destaca-se, ainda, a importância, para o entendimento desses fenômenos cognitivos, do contexto extralinguístico e das situações de uso.

2. Procedimentos metodológicos

O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa qualitativa, por amostragem. A LC se utiliza do método de pesquisa qualitativo, pois sua questão primordial de investigação centra-se nos estudos da linguagem em uso, conectando o conhecimento sobre linguagem com o entendimento de como ela é usada em contextos reais. No âmbito da LC, em que a linguagem reflete a interação de fatores sociais, culturais, psicológicos, comunicacionais e funcionais, examinam-se os fenômenos da metáfora e da metonímia, em um contexto específico de uso – o material de divulgação turística da região Serra Gaúcha.

O *corpus* da pesquisa é constituído de 36 *folders* de divulgação turística de alguns dos municípios que compõem geograficamente a Serra Gaúcha e foi coletado por ocasião do 21º Festival do Turismo de Gramado, que aconteceu de 19 a 22 de novembro de 2009 e Salão Gaúcho do Turismo, de 18 a 21 de março de 2010, em Caxias do Sul. Como critérios de seleção do material, elegeram-se os *folders* impressos, elaborados pelos municípios ou associações de caráter público, que continham a expressão ‘Serra Gaúcha’.

Após a seleção dos *folders* e seu agrupamento em função das microrregiões, foram selecionados os enunciados que caracterizam a Serra Gaúcha, de modo a proceder a uma análise dos segmentos linguísticos significativos para o estudo, procurando identificar os modelos cognitivos e culturais subjacentes ao discurso turístico publicitário.

3. Análise e Discussão dos Dados

Para a análise do material, partiu-se do entendimento de TURISMO como um domínio conceitual, do tipo *frame*, definido como uma estrutura que tem a função de representar uma entidade conceptual. Essa estrutura constitui-se numa grande

quantidade de conhecimentos sobre um determinado conceito. No caso, esse conceito é o de TURISMO.

O turismo, no contexto deste estudo, é entendido como uma atividade econômica, que oferece serviços e produtos que envolvem investimentos, infraestrutura, promoção – através da publicidade –, profissionalização, normalização, qualificação e organização, com o objetivo de proporcionar experiências, emoções e vivências aos consumidores.

O mercado turístico envolve mais do que trocas econômicas, ele pode ser considerado uma prática social coletiva, que gera atividade econômica. Assim, estão envolvidos múltiplos elementos, como elementos culturais, naturais e sociais, formando um mercado turístico.

Segundo a OMT (Organização Mundial do Turismo), o turismo consiste em atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, para fins de lazer, negócios ou outros, caracterizando-se, assim, uma ação experiencial.¹⁰⁴

Outra característica do turismo é a preservação do patrimônio histórico e cultural, que conta, nos locais turísticos, com o apoio financeiro de entidades privadas. Além disso, o turismo é considerado um setor altamente organizado e especializado, já que seu público é exigente. Por isso, investe no aperfeiçoamento de técnicas, na prestação de serviços e no treinamento de pessoas para o atendimento de sua clientela, bem como no desenvolvimento de produtos turísticos específicos, como no caso do ecoturismo e do turismo de aventura.

Assim, em nosso estudo, o *frame*, TURISMO engloba: (i) um SETOR DA ECONOMIA; (ii) um CONJUNTO DE ATIVIDADES QUE PROPORCIONAM ENTRETENIMENTO; (iii) uma ATIVIDADE PROFISSIONAL; (iv) um setor que necessita de INFRAESTRUTURA ADEQUADA; (v) uma disposição para BEM RECEBER O TURISTA

O material publicitário, a partir do qual se constitui o *corpus* de análise deste estudo, analisa os processos de seleção de características prototípicas que representam a região SERRA GAÚCHA. É nesse enquadre conceptual, o do TURISMO, que o *corpus*

¹⁰⁴ Conforme definição dada pela OMT (Organização Mundial do Turismo). Fonte: <http://unwto.org/>

deve ser analisado. Situados em um contexto específico, que é a divulgação de destinos turísticos dessa região, os *folders* são suporte para um discurso constituído de aspectos linguísticos que cumprem o papel de atrair a atenção do consumidor.

De modo mais específico, dentro de um enquadre maior, o *frame* TURISMO engloba o TURISMO DE ENTRETENIMENTO, que compreende um *subframe* ou *frame* embutido, conforme Evans (2009), que se estrutura a partir de elementos básicos que constituem o que é oferecido ao turista: (i) CONTEMPLAÇÃO E CONTATO COM A NATUREZA; (ii) EXPERIÊNCIAS GASTRONÔMICAS; (iii) CONTATO COM O PATRIMÔNIO CULTURAL DO LOCAL VISITADO; (iv) OPORTUNIDADE PARA EFETUAR COMPRAS.

Além destes, outros elementos constituem o *subframe* TURISMO DE ENTRETENIMENTO, como o turismo rural, a prática de esportes junto à natureza, o turismo de eventos, entre outros.

É importante destacar que os *folders*, enquanto material de divulgação turística, são importantes meios de comercializar o turismo, já que, em função de ser um serviço, o turismo só será experienciado no momento em que o turista encontra-se no atrativo turístico. O papel da publicidade, por isso, tem a função de chamar a atenção do turista para que ele se sinta envolvido e convidado a experienciar as vivências propostas.

Levando-se em conta, também, que a análise é feita a partir dos dispositivos da Semântica Cognitiva, é importante recordar o que diz Evans (2009) sobre a importância de se avaliar o contexto situacional. Ou seja, as metáforas e metonímias encontradas nesse material de divulgação turística são válidas estritamente neste contexto de uso.

Após a análise dos dados, os enquadres ou frames identificados foram os seguintes:

(i) NATUREZA: engloba conhecer as paisagens dos cânions, rios, cascatas, cachoeiras, matas de araucárias, vegetação típica, animais e paisagens modificadas pelas baixas temperaturas, os esportes de aventura, trilhas ecológicas, passeios a cavalo e contemplação da paisagem.

(ii) **GASTRONOMIA:** refere-se a comidas e bebidas e constitui-se de degustação de vinhos e espumantes, bem como o conhecimento sobre seus processos de fabricação e comidas típicas.

(iii) **PATRIMÔNIO CULTURAL:** engloba a apreciação da música típica das colonizações predominantes, assim como conhecer seus costumes e tradições, religiosidade, artesanato, música, uso de dialetos, festas folclóricas, o trabalho, aspectos do comportamento da população local, como hospitalidade, alegria, festividades e aspectos da arquitetura local,

(iv) **INFRAESTRUTURA TURÍSTICA:** envolve infraestrutura como centros de eventos, rede hoteleira e de restaurantes, além do comércio local, enfatizando o artesanato, malharias, peças do vestuário, ou seja, tudo o que não é considerado na gastronomia.

Estes *frames*, elencados a partir da análise dos *folders*, ativam subdomínios diferentes, em diferentes microrregiões turísticas.

A partir das análises dos *folders*, é possível identificar diferentes modelos cognitivos culturais compondo o *frame* TURISMO DE ENTRETENIMENTO. Em função das características culturais e naturais, principalmente, há a eleição de elementos metonímicos que representam cada microrregião turística no discurso publicitário.

Assim, após as análises dos *folders* da microrregião *Uva e Vinho*, verifica-se a escolha da NATUREZA, GASTRONOMIA, RELIGIOSIDADE, ARTESANATO, HOSPITALIDADE e TRABALHO como representações metonímicas da região. Esses elementos são utilizados como essenciais para o desenvolvimento econômico e aspectos da vida moderna, explorados em alguns momentos por meio de outro *frame*, o TURISMO DE NEGÓCIOS.

Já sobre a microrregião *Campos de Cima da Serra*, é possível identificar a eleição de características prototípicas diferentes da microrregião *Uva e Vinho*. *Campos de Cima da Serra* destaca alguns dos mesmos domínios da microrregião *Uva e Vinho*: NATUREZA, PATRIMÔNIO CULTURAL e GASTRONOMIA. O que difere são os subdomínios ativados: no caso de GASTRONOMIA, a cultura é determinante na eleição metonímica dos pratos representativos da região, como churrasco, pratos à base de pinhão, etc – o que difere da microrregião *Uva e Vinho*, em que os pratos destacados

não levam em conta produtos típicos da região, mas da cultura italiana, como massas, polenta e os vinhos. Com relação à NATUREZA, ambas as regiões destacam rios, cascatas e vegetação, mas *Campos de Cima da Serra* ressalta aspectos característicos da região, como as matas de araucárias, a imensidão dos campos e as baixas temperaturas que resultam em geadas e neve, o que é pouco citado na microrregião *Uva e Vinho*.

O aspecto mais marcante na análise dos *folders* da microrregião *Vale do Paranhana*, é a questão da ESPIRITUALIDADE, que aparece diferentemente da apresentada na microrregião *Uva e Vinho* (em que são citadas igrejas e capitéis), em função de que um dos principais atrativos daquela microrregião é o Templo Budista.

A microrregião *Hortênsias* é formada por quatro municípios apenas, e cada um apresenta subdomínios diferentes: Nova Petrópolis e Canela destacam a NATUREZA, fazendo referência aos jardins; Canela elege o ECOTURISMO e TURISMO DE AVENTURA em função, especialmente, de seus atrativos naturais como parques ecológicos e cascatas. Já Gramado destaca o TURISMO DE COMPRAS e INFRAESTRUTURA, em função do grande número de hotéis, restaurantes, locais para realização de eventos e compras.

A partir da análise do material elaborado pela Secretaria de Turismo do Estado e dos demais *folders*, é possível perceber que não há um total alinhamento entre a forma como as microrregiões são apresentadas nesse material e na forma como essas microrregiões são referidas nos *folders* em separado, principalmente com relação ao domínio PATRIMÔNIO CULTURAL. As microrregiões *Uva e Vinho* e *Campos de Cima da Serra* mantêm uma unidade com relação aos domínios e subdomínios que envolvem os modelos cognitivos culturais para cada uma: na microrregião *Uva e Vinho*, a cultura italiana e na microrregião *Campos de Cima da Serra* a cultura gaúcha, cujos aspectos são eleitos prototipicamente. Já as microrregiões *Vale do Paranhana* e *Hortênsias* não apresentam uma unidade no aspecto cultural. Em alguns momentos, há referências, em ambos os casos, à cultura alemã, em outros, a referência é à cultura europeia, ou, em alguns casos, não há referências culturais eleitas prototipicamente. No site da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul, por exemplo, a microrregião das *Hortênsias* é definida como uma região de imigração alemã e italiana, ressaltando aspectos culturais e geográficos.

Assim, é possível afirmar que a categoria SERRA GAÚCHA é construída pela eleição de determinadas regiões ou cidades, por meio de um modelo cognitivo, do tipo *frame*, que seleciona o que constitui TURISMO DE ENTRETENIMENTO. Esse modelo cognitivo de TURISMO é definido culturalmente, sendo guiado por fatores políticos e econômicos. Ou seja, conforme é possível inferir das análises, identificam-se diferentes modelos cognitivos culturais para TURISMO – analisando-se TURISMO como uma entidade conceptual cujos significados são culturalmente definidos. Estes modelos cognitivos são formados por *frames* e *subframes*, que são ativados a partir da escolha de itens lexicais.

Também pode-se afirmar que SERRA GAÚCHA é demarcada por regiões ou cidades mais prototípicas ou mais representativas de ‘Serra Gaúcha’ no discurso turístico, pois, quanto mais afastadas as cidades estão do que é considerado como “central”, ou representativo da Serra Gaúcha, menos as cidades são referidas como parte da Serra Gaúcha. Ou seja, existe uma gradação do que é considerado mais representativo de SERRA GAÚCHA e do que é considerado menos Serra Gaúcha: + SERRA GAÚCHA = + CENTRAL e – SERRA GAÚCHA = – CENTRAL.

TURISMO DE ENTRETENIMENTO também se estrutura como um modelo cognitivo cultural do tipo *script*. Conforme Feltes (2007), *scripts* devem situar-se em esquemas sócio-culturais, discriminando-se o que é esperado no ato de sua ativação, ou seja, quando se pensa em TURISMO DE ENTRETENIMENTO NA SERRA GAÚCHA, determinados *frames* e *subframes* são ativados, ou seja, há certas características que são esperadas pelo turista, como atividades que envolvem lazer e cultura. Nesse caso, lazer e cultura envolvem CONTEMPLAÇÃO E CONTATO COM A NATUREZA, APRECIÇÃO DA GASTRONOMIA, CONHECER O PATRIMÔNIO CULTURAL DO LOCAL e, em alguns casos, FAZER COMPRAS.

Dessa forma, a contribuição da LC para a categorização de SERRA GAÚCHA pode ser assim resumida:

(a) É possível confirmar o que os estudiosos da LC afirmam sobre a relação entre categorização, uso e contexto extralinguístico: a semelhança entre as diferentes microrregiões turísticas que compõem a categoria SERRA GAÚCHA é definida por determinados aspectos em comum, partindo de diferentes modelos cognitivos culturais, no contexto específico do turismo, com objetivos especificamente econômicos, através

da criação de produtos turísticos nas mais diversas cidades, com o objetivo de atrair o turista para a visitar a região da Serra Gaúcha.

(b) É possível identificar o modelo cognitivo do tipo *frame* – TURISMO –, e dentro dele o TURISMO DE ENTRETENIMENTO.

(c) Esse modelo guia a construção de uma demarcação de SERRA GAÚCHA sob o ponto de vista econômico, em que aspectos como investimentos, infraestrutura e profissionalização do setor são decisivos para a inclusão ou exclusão de cidades e roteiros dentro de um empreendimento turístico maior.

(d) É possível observar o uso de termos ou expressões linguísticas específicas representativas de um determinado lugar ou cultura, que ativam diferentes modelos cognitivos.

(e) A “região” Serra Gaúcha é demarcada (conceptualmente na perspectiva do setor turístico) por seus produtos. Pode-se dizer que, metonimicamente, os produtos gerados na região, que são apenas uma de suas características identitárias, definem a região, como no caso das designações das microrregiões turísticas (*Uva e Vinho, Campos de Cima da Serra, Rota das Araucárias, Vale do Paranhana e Hortênsias*). As características (metonimizadas ou metafóricas) têm o papel de atrair o turista para um mercado de opções de consumo: cultura, mesmo que estereotipada, sendo o estereótipo uma forma de metonimização, etnias, gastronomia, recursos ambientais para diversão ou contemplação, produtos “típicos”, entre outros.

(f) A publicidade cria *scripts*, que se dão, principalmente, na forma de roteiros, pois a criação de roteiros turísticos é a melhor forma de comercializar determinado produto turístico, já que organiza e cria um itinerário que faz com que o turista em potencial tenha uma ideia do tipo de passeio que está adquirindo. Ou seja, há, na criação de *scripts* no TURISMO, uma motivação econômica, que determina quem integra determinado roteiro.

(g) É possível identificar, nos processos metonímicos e metafóricos levantados nas análises, que as ativações entre domínios, ou *frames* dentro de um mesmo MCI ou mesmo para MCIs diferentes se dão num *continuum*, em que os elementos que surgem no texto ativam subdomínios que levam a diferentes modelos cognitivos culturais, como nos casos em que o domínio NATUREZA ativa o ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA, ou como em domínios em que a partir de uma mesma fonte, levam a alvos diferentes, como nos casos em que o TURISMO DE NEGÓCIOS leva ao TURISMO DE ENTRETENIMENTO.

Destaca-se que, a partir da análise do *corpus*, a categoria SERRA GAÚCHA formada a partir de três arranjos étnico-culturais, em torno dos quais se caracterizam as diferenças nos domínios e subdomínios: região italiana, região gaúcha e região europeia.

A região italiana é constituída pela microrregião *Uva e Vinho* e entre suas características principais estão a predominância de elementos da cultura italiana, como farta gastronomia, preservação de costumes dos antepassados, como dialetos, músicas, festas, etc.

A região gaúcha é formada pelas microrregiões *Campos de Cima da Serra*, como mais prototípica, e *Rota das Araucárias* como mais periférica. Entre suas características estão a valorização das belezas naturais, gastronomia e aspectos da cultura, como história e usos e costumes.

A região europeia é formada, prototipicamente, pela microrregião *Hortênsias* e, periféricamente pela microrregião *Vale do Paranhana*. É caracterizada por uma diversidade étnica, com predominância alemã e italiana, cultural, mesclando elementos ligados à tradição com modernidade, enfatizando elementos como charme e sofisticação. Não há a predominância de uma identidade étnica única.

Dentro de cada uma das regiões, há domínios que são similares, como NATUREZA, GASTRONOMIA e PATRIMÔNIO CULTURAL, justamente por caracterizarem o que se considera, nesse contexto, especificamente, o TURISMO DE ENTRETENIMENTO. O que difere entre essas regiões, são os subdomínios em cada uma delas. O domínio NATUREZA, por exemplo, não tem o mesmo significado nas diferentes regiões: na região italiana, se refere às parreiras de uvas, vales e colinas. Já na região gaúcha refere-se à fauna e flora características da região, as baixas temperaturas, os acidentes geográficos (cânions) e os campos. E, na região europeia, os elementos da natureza surgem na forma de parques, a serviço, principalmente, do Ecoturismo e Turismo de Aventura.

Esses dados comprovam, então, que a região Serra Gaúcha, embora constituída em um único espaço geográfico, é bastante diversa em relação a aspectos culturais e, conseqüentemente, com relação aos diferentes modelos cognitivos identificados.

4. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo investigar as diferentes formas de categorizar a região nomeada ‘Serra Gaúcha’ no material de divulgação turística, procurando identificar, através da análise linguística, o que revelam essas formas sobre os modelos cognitivos e culturais subjacentes aos discursos que constituem o *corpus* de estudo. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma análise linguística dos textos contidos no material de divulgação turística da região ‘Serra Gaúcha’, a partir dos aparatos da LC, procurando categorizar o material a partir de semelhanças, dentro de determinados enquadres: em microrregiões turísticas, divididas em função de motivações de ordem cultural e, num sentido mais amplo, de ordem econômica.

Foi possível observar que ‘Serra Gaúcha’ se torna, em muitos casos, uma marca do setor turístico, sendo utilizada como referência de um destino turístico consolidado socialmente.

Os elementos regionais são exaltados na elaboração de roteiros turísticos visando obter um posicionamento do produto turístico no mercado. Consequentemente, são incorporados pelo discurso publicitário por meio da manipulação dos símbolos regionais na construção discursiva.

Assim, observa-se que SERRA GAÚCHA, enquanto uma categoria conceptual, envolve diferentes modelos cognitivos culturais para o *frame* TURISMO DE ENTRETENIMENTO, demarcando prototipicamente determinadas microrregiões e dentro destas, determinados municípios, como mais representativos da região turística denominada ‘Serra Gaúcha’, a partir de motivações de ordem, principalmente, econômica.

Referências Bibliográficas

- BARCELONA, Antonio. Introduction. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, Antonio (ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. New York: Mouton, 2003. p. 01-28.
- CIENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds). *The handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 170-187.
- EVANS, Vyvyan. *How words mean: Lexical concepts, cognitive models, and meaning construction*. New York, Oxford, 2009.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 1995.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: The Linguistic Society Of Korea (Eds). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-37.
- GEERAERTS, Dirk. Where does prototypicality come from? In: Rudzka-Ostyn, B. (Ed.) *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 207-229.
- GEERAERTS, Dirk. Prospects and problems of prototype theory. *Linguistics*. v. 27, n. 4, p. 587-612, 1989.
- KÖVECSESES, Zoltán; RADDEN, Günter. Metonymy: Developing a cognitive linguistic view. *Cognitive Linguistics*. v. 9, n. 1, p. 37-77, 1998.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphors*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- MERVIS, Carolyn B.; ROSCH, Eleanor. Categorization of natural objects. *Annual Review of Psychology*, n. 32, p. 89-115, 1981.

PANTHER, Klaus-Uwe. Metonymy as a usage event. *In*: KRISTIANSEN, Gitte *et al.* (Eds.), *Cognitive Linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 147-185.

PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. L. Metonymy. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 236-263.

TURNER, Mark; FAUCONNIER, Gilles. Conceptual Integration and Formal Expression. *Journal of Metaphor and Symbolic Activity*. v. 10, n. 3, p. 183-204, 1995.

UNGERER, Friedrich. Muted metaphors and the activation of metonymies in advertising. *In*:

BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. New York: Mouton, 2003. p. 321-340.

Focus on vision: anthropological universals and Basque

Ksenya L. Filatova¹⁰⁵
ksenya.filatova@gmail.com

ABSTRACT

Assuming that quest for the semantic universals is a notoriously complicated endeavor, *universal anthropological models* might easily move to the fore of research, providing a solid basis for cross-linguistic comparison. We propose a holistic approach to perceptual episodes that are conceptualized according to structural and systemic relations between SUBJECT and OBJECT of perception and MEDIUM between them. In the very core of embodied semantics, the so-called perceptual metaphor (Balaban, 1999) stems from the classical one MIND AS BODY (Lakoff & Johnson, 1980; Sweetser, 1990). Universality myth is particularly persistent when *visual perception* is concerned. Despite the evidence of cognitive neurosciences, there is a stubborn eurocentric cliché that (i) seeing is knowing and (ii) the world is given immediately to the visual perception (Jacob, 2004). Besides, a series of studies shows that conceptualizing vision as understanding is not predominant as a metaphoric strategy in a number of languages (for extended review, cf. Ibarretxe-Antuñano, 2008, 2009). Grounding our research in cognitive linguistics, namely, in the primary metaphor theory (Grady, 2003), we aim to explore *visual metaphors used to conceptualize epistemic and ethic reality* (all the phenomenologically given constituents of the visual scenario and their praxeological values: “light”, its forms and characteristics and “darkness”, its opposite, dynamic processes of changing the light; “vision”, its quality, and “eyes”, its organ, “look” as an intentional project; visualized “object” and visibility factors). We demonstrate inner structural coherence of SEEING IS KNOWING and LIGHT IS GOOD in French and Russian. We consider cases of contradictory metaphors based on cultural models of vision (cf. extramission vs intramission and an example of *mauvais oeil* superstition, where visual rays are emitted *from* the eyes, as in Ancient Greek theories). We then move to Basque data and stress the striking differences in metaphorization of the visual scenario: whereas epistemic metaphor is practically the same as in Indo-European examples, ethic metaphor is prone to ambiguities. Among the most surprising tendencies are: negative connotation in SEEING-based metaphors; combination of epistemic and ethic meanings in one metaphor; ambiguous evaluation of light and interesting *evil eye* conception.

KEYWORDS: Semantic universals; anthropological universals; conceptual metaphor; primary metaphor; vision; visual scenario; epistemic metaphor; ethic metaphor; French language; Russian language; Basque language.

RESUMO

¹⁰⁵ Ural Federal University, Yekaterinburg, Russia

Supondo-se que a busca por universais semânticos é um esforço notoriamente complicado, modelos universais antropológicos podem facilmente passar à frente da investigação, fornecendo uma base sólida para comparação cross-linguística. Propomos uma abordagem holística para episódios perceptuais que são conceituados de acordo com as relações estruturais e sistêmicos entre SUJEITO e OBJETO de percepção e MEDIUM entre eles. No cerne da semântica encarnada, a metáfora perceptual (Balaban, 1999) decorre da MIND AS BODY (Lakoff & Johnson, 1980; Sweetser, 1990). O mito da universalidade é particularmente persistente quando a percepção visual está em causa. Apesar das evidências das neurociências cognitivas, há um clichê eurocêntrico teimoso de que (i) ver é saber e (ii) o mundo é dado imediatamente à percepção visual (Jacob, 2004). Além disso, uma série de estudos mostra que a visão conceituada como entendimento não é predominante como uma estratégia metafórica em um número de línguas (para avaliação extensiva, cf. Ibarretxe-Antuñano, 2008, 2009). Aterrada nossa pesquisa em linguística cognitiva, ou seja, na teoria da metáfora primária (Grady, 2003), nosso objetivo é explorar metáforas visuais utilizadas para conceituar a realidade epistêmica e ética (todos os componentes fenomenologicamente dados do cenário visual e seus valores praxeológicos: “luz”, as suas formas e características e “escuridão”, o seu oposto, processos dinâmicos de câmbios da luz, “visão”, a sua qualidade, e “olhos”, seu órgão, “olhar” como um projeto intencional; “objeto” visualizado e fatores de visibilidade). Demonstramos coerência estrutural interna de VER É SABER e LUZ É BOA em francês e russo. Consideramos os casos de metáforas contraditórias com base em modelos culturais da visão (cf. extramissão vs intramissão, um exemplo de *mauvais oeil* superstição, onde os raios visuais são emitidos a partir dos olhos, como em antigas teorias gregas). Em seguida, passamos para os dados bascos e realçamos as diferenças marcantes na metaforização do cenário visual: enquanto metáfora epistemológica é praticamente a mesma que em exemplos indo-europeus, a metáfora ética é propensa as ambigüidades. Entre as tendências mais surpreendentes são: conotação negativa das metáforas baseadas em VER; combinação de significados epistêmico e ético em uma metáfora; avaliação ambígua da concepção interessante de *mauvais oeil*.

PALAVRAS-CHAVE: Universais semânticos; universais antropológicos; metáfora conceitual; metáfora primária; visão; cenário visual; metáfora epistemológica; metáfora ética; língua francesa; língua russa; língua basca.

Introduction

Cognitive linguistics as a discipline is being overtly ambitious about the search for semantic universals, ranging from aspects of meaning to principles of conceptual organization (Talmy, 2008); most semantic findings are easily claimed to be positive absolute universals. In the vein of this universalist semantics, the “natural semantic metalanguage” of Wierzbicka and Goddard is also flourishing, positing that there is a set of semantic primes present in every language and materialized in the form of morphemes, and that every other combination of meanings can be obtained by

juxtaposition of these semantic primes. This very idea of composite meaning construction echoes back in the cognitive theory of meaning – embodiment theory (e. g. Zlatev, 1999; Goschler, 2005) – that elucidates the way we construe metaphorical models of what we have no direct perceptual access to.

However, this quest for the semantic universals is a notoriously complicated endeavor for reasons one can easily imagine. To claim the positive absolute universality status, we might need to address all the languages of the humankind, otherwise the possibility to falsify our hypothesis remains. Therefore, *universal anthropological models* might easily move to the fore of research, providing a solid basis for cross-linguistic comparison and shedding new light on culture versus nurture dilemma. In this article, we propose a holistic approach to perceptual episodes that are conceptualized according to structural and systemic relations between SUBJECT and OBJECT of perception and MEDIUM between them.

1. Vision as the object of study: role of linguistics

The very act of looking, visibility in itself has recently moved to the fore of research, which allows some authors to speak of a “pictorial turn” that has come to replace the “linguistic turn” in humanities (Jay, 1996, p. 3). Linguistic disciplines are most proactive in this field of studies, they mostly focus on the conceptualization of vision and its semantic developments.

Correlation between seeing and knowing as a cognitive strategy for European languages has been reported many times in literature (A. Dundes, 1972; W. Ong, 1977; A. Viberg, 1983; J. Hill, 1988; T. Matlock, 1989; M. Danesi, 1990; E. Rivano, 1997; E. Sweetser, 1990; G. Lakoff and M. Johnson, 1980; A. Wierzbicka, 1996; B. Nerlich, 2002; Т.В. Леонтьева, 2003 et al.). Considering the biological role of vision in human life, some scholars speak about “visual orientation” (Рябцева, 2005, p. 230) of human intellect and of the language it generates; many abstract categories are claimed to have a visual basis (Amm, 2000, p. 226). However, these global statements imply certain Eurocentric view of the problem. Indeed, visual metaphors for intellect are thoroughly analyzed in a number of European languages: English – E. Sweetser, 1990; A. Deignan, 2005; Z. Kövecses, 1992; Spanish – E. Rivano, 1997; German – C. Baldauf, 1997;

Swedish – S. Sjöström, 1999; French– J. Picoche, 1986. Reaching out to the non-Indo-European languages, Chinese example is quite interesting in N. Yu, 2004. However, we also face a number of counter-arguments: Sh. Kanaana, 2005 stands up against the universality myth using Arabic examples; B. J. Hibbitts, 1994 speaks of Hausa; and finally, I. Ibarretxe-Antuñano, 2008 dwells on the analysis of Evans & Wilkins, 2000 who center on auditive metaphors dominating in a number of Australian languages.

There is an ongoing debate on whether seeing can be interpreted as a secondary concept in relation to the basic experience of light. Due to the exceptional importance of this concept in the European cultural space, metaphorization of light is sometimes seen as a bio-psychic mechanism of thought (Marchetti, 2001, p. 245), some call for creating a ‘semantic theory of light’ that should be based at the same time on the understanding the light as a physical phenomenon and as a psychological one (Fontanille, 1995, p. 22). Philosophic and scientific theories of visual perception have been extensively elaborated on in cognitive literature (R. Arnheim, 1967; P. Buser et M. Imbert, 1992; G. Simon, 2003; P. Jacob, 2004; Tr. Thuan, 2007).

Cognitive linguistics as a framework perhaps is more favorable for analyzing linguistic representations of visual perception than other linguistic disciplines. One of its basic tenets – and maybe one of the most interesting ones (Zlatev, 1999, p. 173) – is the idea of the embodied meaning, which implies that some fundamental parts of our conceptual system bear the traces of the structural form of our bodies and their functioning (Goschler, 2005, p. 35). In the context of this theory, vision as a practically universal physiological phenomenon inevitably participated in the organization of the embodied semantics. As a key-element of the basic sensory experience, vision is involved as the ‘concrete and material’ part, as the source domain in the creation of cognitive models that mediate conceptualizing more complicated entities. Therefore, vision a priori partakes in conceptual metaphors.

Visual metaphor is considered as a part of a more vast “perceptual metaphor”, which in its turn is construed on the basis of distinct perceptual abilities (Balaban, 1999, p. 131) and stems from the classical one MIND AS BODY (Lakoff & Johnson 1980, Sweetser 1990). According to a number of studies (e.g. on grammaticalization of evidentials, T. Matlock, 1989; E. Gomez-Imbert, 2003), vision is construed as the most direct way of getting information about the world, while other perceptual data is seen as

oblique and deduced. Following I. Ibarretxe-Antuñano, we claim that the reason why we use the terms of visual perception to conceptualize new mental meanings is grounded in the way we conceptualize our visual experience itself (Ibarretxe-Antuñano, 1999, pp. 34-35). The vision is always,

“from its spontaneous exercise, a fact of culture. Coding and decoding the reality, vision itself is based on a primary code in which participate the status we give to visible object and the idea we make of a glance. There is always an intricate connection between seeing, knowing that one is seeing and knowing what it is to see” (Simon, 2003, p. 59).

In the universals-oriented vein, at the end of the 90-s a number of scholars introduced a division between two main types of conceptual metaphors (J. Grady, S. Taub & P. Morgan, 1996; J. Grady, 1997): primary metaphors were claimed to organize the domains that are “directly and ubiquitously associated in experience”, while all the culture-specific constructs were qualified as compound metaphors (Evans, 2003). If we accept that any metaphor is either made up from a combination of others, less abstract, or is built directly on the sensorimotor experience, then the most evident corollary would be: the primary patterns represent a comparatively small and restricted set of cognitive universals.

In order to distinguish between the majority of conventional metaphors and the primary ones, the following criteria were proposed: (i) restrictions put on the source domain and target domain and on the relations between them; (ii) structural completeness of the resulting conceptual metaphor. First of all, source domain should be represented by a simple concept-image that is described through processing direct sensory perception of the reality. Target domain in its turn is a concept of the reaction that is obtained on the basis of processing the subjectively perceived proprioceptive experience. Natural motivation for the metaphoric transfer between the domains is the so-called primary scene. Joseph Grady defines it as “recurrent patterns of experience, in which simple dimensions of perception are associated with simple dimensions of meaningful interpretation or response”. These primary scenes bind together separate concepts and serve as a basis for elementary metaphoric associations, which later on

offer key structural and semantic components for subjective mental experience organization (Evans, 2003).

Joseph Grady points that the scene in itself is a complex entity made of subscenes – “distinguishable dimensions of recurring, locally defined experience types” that “unfold dynamically (over very brief time spans)” (Grady, 2003, p. 540). As there are two basic types of experience – internal, subjective and external, objective, two subscenes are singled out – perceptive and cognitive. Whatever happens in the perceptive subscene is intrinsically connected with ongoing processes in the cognitive subscene, therefore any shift in sensory data triggers introspective changes.

We do understand that the scene as an anthropological tool is an intentional methodological approximation rather than a bulk of reality. However, the work of J. Grady and Ch. Johnson seems especially valuable because their analysis of the visual episode – as a holistic dynamically developing scenario – is done in the framework of the conceptual metaphor theory, and the structural correlations are established between the elements of these two scenarios – perceptual and cognitive (Fig. 1).

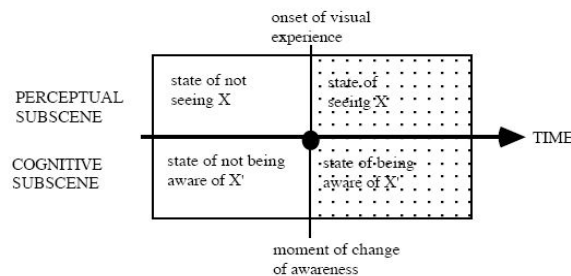


Figure 1. Visual primary scene: becoming aware through seeing

In the next part of our article, we would like to integrate new elements of anthropological analysis into the perceptual subscene and to illustrate our model by some raw data.

2. Visual metaphor: analytical scheme

Grounding our modelization in anthropological research, we claim that the perceptual subscene should be described with the help of its three intrinsic components: the SUBJECT of perception, the OBJECT of perception and what we may tentatively call LIGHT / MEDIUM between them. Each of these three components also possesses two parameters: we characterize its ACTION and its PROPERTIES, which allows to preserve the classical logical structure subject – predicate – qualifier. Summing up, our description of the visual scenario should include such components as:

- objective conditions of visual perception (presence / absence of light, its sources; visual field as medium, its transparency; visual field as space, whether there are disturbing obstacles within);
- subjective conditions of visual perception (physical ability to see / blindness; good / myopic vision; eyes wide open / closed; concentrated attention / distraction; spatial location of the object in relation to the subject);
- objective characteristics of the objects (distance from the subject, size, contour line, color brightness, brilliance, radiance);
- subjective characteristics of the image the perceiver gets (whether it is clearly seen, whether all the details are well distinguished).

Due to the ontological characteristics of visual process, perceptive subscene correlates directly with the cognitive one, and the components we just introduced are also reflected there:

- objective conditions of visual perception correspond to the objective conditions of successfully ‘knowing’ the object (presence of additional components that facilitate understanding, access to sources of information; metagnoseologic processes that accompany understanding);
- subjective conditions of visual perception correspond to the ability to cognize (physical state of the subject, its health condition; level of intellectual development, initial information the subject disposes of to better understand the object);
- objective characteristics of the object correspond to characteristics of the object to be cognized (its ontological nature and inner structure – whether it is ‘objectively’ easy to understand or ‘complicated’; possibility to simplify; whether the object has rich connections with high explanatory force);

- subjective characteristics of the resulting image are also transmitted into the cognitive subscene (veracity / verosimilarity of the idea the subject gets, complexity of the concept formed).

Hence, we suppose the existence of equivalent structures that maintain regular ontological correspondences between entities of two domains and between propositions that bind these entities. After the above-described modification of Grady's scheme, we obtain the following model (Fig. 2):

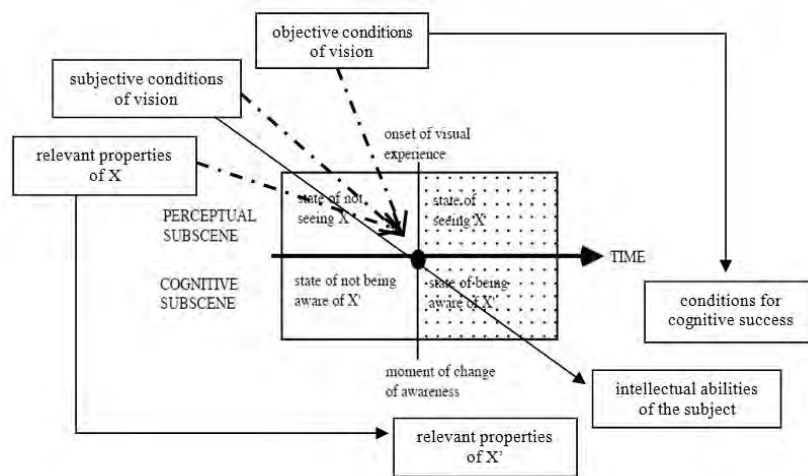


Figure 2. Visual metaphor: anthropological modifications

As we start testing the model on the Indo-European material, we single out from the very beginning two crucial cognitive strategies, the so-called EPISTEMIC VISUAL METAPHOR that establishes relations between seeing and knowing, seeing and understanding, and ETHIC VISUAL METAPHOR that relates light and goodness, darkness and evil. Starting with these conventional metaphors, we reveal the discrepancies whenever we veer from the Eurocentric discourse.

3. Indo-European logic: examples from French and Russian

Comparison of light and knowledge and at the same time, of light and intellect, is a deeply-rooted cognitive strategy. Seemingly well-described, this topic is interesting

for cognitive linguistics as a possibility to study the visual episode from the point of view of anthropology.

3.1. Epistemic metaphor

Epistemic or SEEING IS KNOWING metaphor is analyzed along two axes.

1) Light: conceptualization of medium characteristic. Light as a *sine qua non* condition for visual perception can be conceptualized either as an internal condition for understanding – intellectual abilities of the subject – or as an external one – some additional information which is brought into the cognitive subspace to provide better understanding. The predicative formulae of different actions of the light and with the light – the so-called ‘shedding the light scenario’ – depend on the way visual perception is conceptualized in the context, whether they are internal or external.

Light as intellectual ability participates in enlightening the subject: formally, this is an action ‘from within’, its direct result is seen in the qualitative changes in the internal characteristics of the subject. Light as information is thrown on the object, which, being placed in the spot of light, becomes more visible and more understandable. The obstacles that arise in the way on light, dimming it completely or affecting its brightness, also depend on this internal / external division. If light is conceptualized as intellectual ability, then the obstacles on its way will be different meteorological states and events that interfere with clear visual perception. These events metaphorically represent temporary mental problems that result in problems with understanding. On the contrary, if light is conceptualized as information, it is opposed to the utter darkness which stands for total lack of information about the object, complete ignorance. The metaphorization of light as a dynamic process encountering obstacles can be represented by Fig. 3.

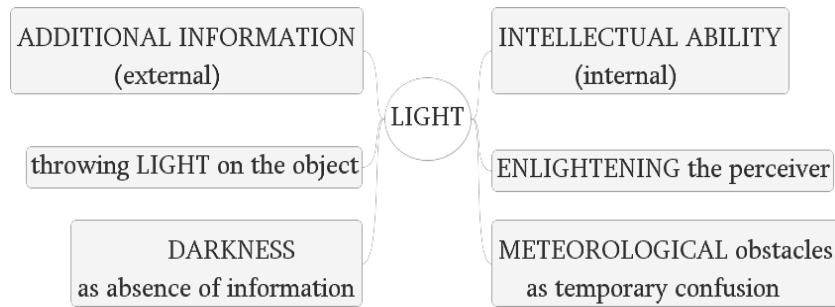


Figure 3. Epistemic metaphor: conceptualizing the medium

2) Vision: encounter between the perceiver and the perceived. The second key element of the visual scene is the visual perception as process, the concept of which brings together the mutually influencing subject and object. Basic transfer working in this direction is the correlation of the quality of vision and quality of understanding. The gradual scale *keen vision – shortsightedness – blindness* is conceptualized as level of intellectual abilities demonstrated. In the same line of thought, extraordinary good vision corresponds to the ability to become aware of things that common people ignore: *clairvoyance*. As for the characteristics of the object, equally relevant to the metaphoric transfer, big / bright / colorful / brilliant / salient objects are easier to spot and, therefore, more understandable. If the subject is physiologically sighted but fails to see the object (looking aside, lack of attention, eyes shut), it is possible to interfere in the scenario showing the object to the subject, diverting his look and attracting his attention, or even opening his eyes to it. These actions represent external influence on the subject and are paired by external influence on the object, which in its turn may be placed into the focus of light from the relative darkness, changing its position and moving it to the fore of other objects that share the visual field with it. The metaphORIZATION of vision and of the roles the subject and the object partake in this process is represented on Fig. 4.

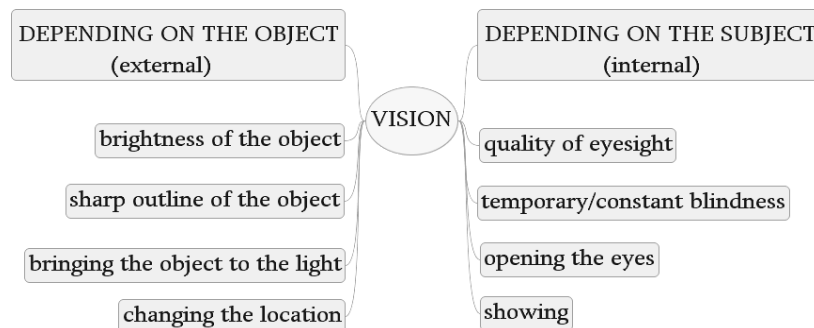


Figure 4. Epistemic metaphor: conceptualizing the subject and the object

As far as comparative data is concerned, in French the situation of obstacles arising on the way of light is more detailed than in Russian; darkening may be either complete and constant, disabling understanding at all, or the metaphor is construed on the basis of meteorological conditions which implies temporary malfunctioning of intellectual abilities, ‘dimming’ the mind.

Unlike French, Russian is less detailed in conceptualizing blindness and deterioration of visual abilities, while recovery of sight is interpreted differently: it means rather ‘forcing’ the obstacle with the help of some visual effort than physically separating the eyelids.

The opposition blind – sighted in French is transformed into the triad blind – sighted / clairvoyant, which is not possible in Russian. Yet another distinction, French metaphors of long-sightedness can have negative connotation, while the very presence of the component зоркость in the word дальновзоркость (literally, keen vision – far-keen-vision) inhibits all the negative implications in Russian.

3.2. Ethic metaphor

The same logic of two axes is preserved in this part of the analysis.

1) When the medium is conceptualized, we distinguish the light emanating from the subject and the light emanating from the object. In both cases there is a direct proportional correlation between the quantity of light and the degree of positive characteristic the ‘emanator’ possesses. Another similar tendency binds together the brightness of this light and the degree of positive characteristic. This conceptualization is represented on Fig. 5.

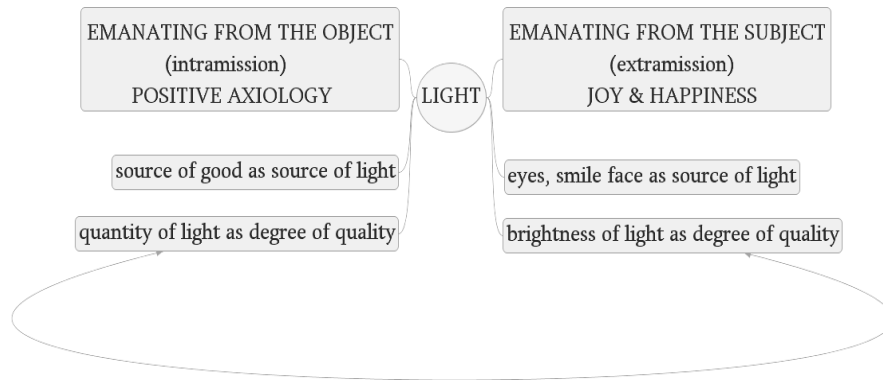


Figure 5. Epistemic metaphor: conceptualizing the medium

2) It is in the domain of vision – conceptualization of the subject and of the object of vision – where most drastic differences between ethic and epistemic metaphors are to be found. Any conscious activity of the subject is practically absent, be it in the visual perception in itself or in formulating some axiological judgement. Visual act as an element of the visual scenario is not considered to be dependent of inner qualities the subject has; visual perception as positive axiological evaluation is related exclusively to the properties of the object that make it ‘noticeable’ and to the external actions that affect this ‘noticeability’ (Fig. 6).

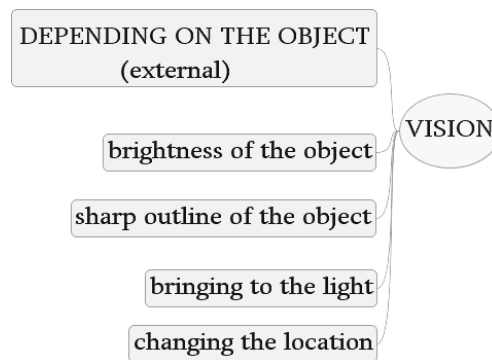


Figure 6. Ethic metaphor: conceptualizing the object

Both in French and in Russian, the main metaphoric strategy for this semantic cluster lies in the juxtaposition of the external light and the good, the object which is positively evaluated, and of the internal light and the positive emotions experienced by the subject. In both languages vision is irrelevant to the ethic conceptualization of the episode. Consequently, such properties as visibility, discernibility play no role, whereas the primary characteristic is ‘noticeability’.

Unlike epistemic metaphor, which implies that brilliance and radiance are purely positive characteristics, ethic metaphorization allows for light produced by negative emotion. This axiological ambiguity can be explained, first, by the idea of fire and burning activated in the conceptual structure of light, and all the destructive force which goes along with it; second, by the idea of excessive shining, which represents a blunt aggression for the human visual system and is liable to prove uncomfortable.

Besides, in French ethic metaphor there is no proper opposition light – darkness: the word *obscurité*, conventional antonym for *lumière*, is replaced by *ombre*, shadow. The same, in Russian the absolute antonym *тьма* is neutrally literal and delegates connotative powers to *мрак*, gloom and *тень*, shadow (opposing to the inner light).

4. Logic of ambiguities: example of Basque

“Archeology of vision” (G. Simon) provides us with numerous interesting cases of contradictory metaphors based on cultural models of vision. Perhaps the brightest one is the clash dating back to Ancient Greece between extramission theories – a very strong relic belief that there is light in the eyes, it goes out from them, and the glance is a way of touching the object, – and intromission theories – the light is external and enters the eyes of the perceiver. Totally based on extramission is the *mauvais oeil* superstition, where malignant visual rays are emitted *from* the eyes.

The Basque, non-Indo-European language with most puzzling origin, has sometimes been claimed to demonstrate pieces of pre-Indo-European cosmology. We decided to move to Basque data and stress the striking differences in metaphorization of the visual scenario: whereas epistemic metaphor is practically the same as in Indo-European examples, ethic metaphor is prone to ambiguities.

Here are the most surprising tendencies:

1). Negative connotation in SEEING-based metaphors. Conceptualization of the visual act is crucial to the models we describe, and in Basque it is quite peculiar. The process verb *to look* is translated into Basque with three words: **begiratu**, **behatu** and **so egin**.

The verb **begiratu** (*begira iezadazu* – look at me) also has meanings that conceptualize looking as an intentional project and thus realize metaphors LOOKING IS PAYING ATTENTION (*to take care (of)*): *Begira ezazu alaba, kalera noa eta* – Take care of the girl, I'm going out; *to respect, to follow*: *Baldintza erraza jarri genion baina ez zuen begiratu* – We set one very simple condition to him, but he did not fulfill it; *to pay attention (to)*: *Begira ezazu zer egiten ari zaren* – Pay attention to what you are doing); LOOKING IS CONSIDERING (*to take into account, to consider*): *Begiratu gabe onak edo txarrak diren* – without considering if they are good or bad); and finally and most surprisingly, LOOKING IS LIBERATING: (*to take care (of), to preserve (from), to liberate (from)*): *Adiskideetatik begira nazazu; etsaietatik neu begiratuko naiz* – liberate me from my friends, from my enemies I will liberate myself; *Begira gaitzazu gaitz guztietatik* – free us of all the evil).

The second verb, **behatu**, along with quite expectable definitions *to look, to contemplate, to observe, to examine*, comes up with options *to attend, to pay attention, to listen attentively, to concern*. At the same time, this verb **behatu** has a homonymic counterpart which means *to bury*. Adjectives **behatuki** and **begiratuki** both mean with *precaution, cautiously*¹⁰⁶.

Finally, the collocation **so egin** actually presents the LOOKING IS PAYING ATTENTION metaphor, as the noun **so** has two meanings that are even not separated in two definitions in the dictionary¹⁰⁷: *mirada, atención* in Spanish, or *look, attention* (*Zer si ezta!* – What a tender look!). Consequently, the whole expression, which literally means 'to do attention / look' comes to mean *to look* and *to consider*.

The verb *to see* in Basque – **ikusi** – shows all the conventional European metaphors as far as the epistemic part is concerned: *to see* (*Nire etxeke leihotik ikusiko duzu* – From the window of my house you will see the sea); *to have an opinion, to think* (*Nola ikusten duzu gure arazoa?* – What do you think of our problem?); *to understand*

¹⁰⁶ In Russian we can also find this visual trace in *cautiously, осмотнительно*, the adverb is derived from the verb *to look around*, as if searching for danger.

¹⁰⁷ http://www.euskara.euskadi.net/r59-15172x/eu/hizt_el/index.asp

(Orduan ez nuen ikusi zer esan nahi zenuen – Then I did not see what you wanted to say); *to examine* (Zuk ekarritako dokumentuak ikusten ari naiz – I am looking through the documents that you have brought to me); *to visit* (Aitona ikustera joango naiz – I will go to visit my grandpa). However, it develops yet another interesting meaning: *to tolerate, to suffer* (Istilu gorriak ikusi zituen – He suffered the undescribable). In this case, SEEING IS EXPERIENCING BAD THINGS.

The composite word **ikusiezin** (**ikusi** = *to see*, **ezin** = *impossible*) is translated into English as *aversion, hatred, animosity; envy*. Logically enough, the verb combination **ezin ikusi** means *to hate, cannot see*: Ezin dute elkar ikusi – They cannot even see each other¹⁰⁸. So impossibility to see someone / something is equal to the climax of negative emotions towards this person or object, and SEEING is correspondent to the MINIMAL CONTACT one can have with another person / object.

2). Combination of epistemic and ethic meanings in one metaphor. For example, the literal word for darkness, **iluntasun** (Ez zen erraza iluntasun hartan atea non zen asmatzen – It was not easy to guess where the door was in that darkness), develops the second meaning *sadness* (gogo-iluntasuna – sadness of soul), and the adjective **ilun** deploys both metaphors: *dark* (alkandora urdin iluna – dark blue shirt); *complicated, difficult to understand* (Esaldi iluna da, ez du ezer argitzen – It is a confusing phrase, it does not make anything clear); *sad, depressed* (Isilik gaude, gogoa ilun – We keep silence, with low spirits); the verbs **ilundu, iluntzen** behave the same way.

Another similar example concerns the expression **begia(k) argitu**, which literally means *to illuminate the eyes* and has two meanings: 1) epistemic – to open somebody’s eyes, to make somebody understand; 2) ethic – to make somebody’s eyes shine with joy (Berri horrekin amaren begiak argitu ziren – With this news the eyes of our mother illuminated).

3). Ambiguous evaluation of light. The word **argi**, *light*, apparently follows the same metaphoric pattern as the Indo-European counterparts. However, in Basque mythology, light is believed to be the souls of our dead ancestors that manifest themselves to the mortals in this luminous way. Therefore, **argiduna** (from **argi** - *light* and **duna** - *who has*) denotes a spirit who appears in the night materialized as light.

¹⁰⁸ Curiously enough, in Russian the word *hatred* – **ненависть** – is formed as a negation of the Church-Slavonic verb **навидѣти**, *to see willingly, to visit*.

Another spirit which is seen the same way, as a source of light in the dark night, **gaueko, gauargi**, is openly hostile to the humans: it is said to be a mysterious force that is kidnapping people. Yet at the same time, the Basque language demonstrates the second conceptualization, much closer to the conventional one in European languages: **gerixeti**, *shadow*, stands for the *wondering soul*. So LIGHT and SHADOW both coincide in denoting a ghost, a soul of the dead man. Along with the topic of spirits, **lauso**, *mist, fog*, denotes an evil spirit send by the sea.

4). Intriguing *evil eye* conception. Another ambiguous phenomenon is the notion of **begizko**. The first meaning is directly negative, *evil eye* (cf. **begizkoa egin** – *to cast evil eye*; **begizkoadun** – *bewitched, under the evil eye*). The second meaning, however, is surprising: *favorite, preferred*. The third meaning is literal again, and this time physical: *ocular* (**begizko lekukoak** – *eyewitnesses*). The magical force emitted by the eyes is called **betadur**.

Summing up, it seems quite logical that the epistemic metaphor, i.e. SEEING and KNOWING correlation, is more or less the same in Basque and Indo-European models. The discrepancies in ethic conceptualization, the ‘ethicalization’ of epistemic metaphor are therefore even more salient.

5. Conclusion

Interdisciplinary vein has always been one of the major advantages of cognitive linguistics. Grounding our research in cognitive paradigm and borrowing the idea of embodied semantics, we proposed our vision of anthropological modeling for analyzing perceptive vocabulary.

One of the plausible perspectives of our study supposes consequent modeling of other perceptive episodes – in the domains of hearing, touching, smelling and tasting – and their thorough application to the analysis of unrelated languages. This complex model will allow to single out anthropological universals and to describe the finest semantic distinctions on the metaphoric level, debunking some persistent myths and creating a new well corroborated basis for the quest of cross-cultural unity.

References

AMM, Marta. Might and magic, lust and language – the eye as a metaphor in literature. *Documenta Ophthalmologica*, № 101, 2000.

ARNHEIM, Rudolf. *La pensée visuelle*. Paris: Flammarion, 1997.

BALABAN, Victor. Self and agency in religious discourse. Perceptual metaphors for knowledge at a Marian apparition site. In: GIBBS, Raymond & STEEN, Gerard. *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

BALDAUF, Christa. *Metapher und Kognition. Grundlagen einer neuer Theorie des Alltagsmetapher*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

DEIGNAN, Alice. *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.

EVANS, Nick & WILKINS, David. In the Mind's Ear: The Semantic Extensions of Perception Verbs in Australian Languages. In: *Language*, 2000, n. 76, v. 3.

EVANS, Vyv. *Evaluating Metaphors for Time: Moving Time, Moving Ego and Primary Metaphor*. 2003. www.sussex.ac.uk/Users/vyv/MetaphorsTime.pdf

FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique du visible. Des mondes de lumière*. Paris : PUF, 1995.

GOMEZ-IMBERT, Elsa. Voir et entendre comme sources de connaissances grammaticalement explicites. In : VANDELOISE, Claude (ed.) *Langues et cognition. Traité des sciences cognitives*. Paris : Hermès Science, Lavoisier, 2003.

GOSCHLER, Juliana. Embodiment and body metaphors. In: *metaphorik.de*, n. 9, 2005. <http://www.metaphorik.de/09/goschler.pdf>

GRADY, Joseph. A typology of motivation for conceptual motivation. Correlation vs ressemblance. In: GIBBS, Raymond W. Jr. & STEEN, Gerard (eds.) *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GRADY, Joseph & JOHNSON, Christopher. Converging evidence for the notions of subsense and primary sense. In: DIRVEN, René & PÖRINGS, Ralf (eds.) *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

HIBBITS, Bernard. Making sense of metaphors. Visuality, aurality, and the reconfiguration of American legal discourse. In: *Cardozo Law Review*, v. 229, 1994. http://faculty.law.pitt.edu/hibbits/meta_int.htm

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Vision metaphors for the intellect: Are they really cross-linguistic? In: *Atlantis*, 2008, v. 30, n. 1.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Metáforas visuais para o intelecto: são realmente interlinguísticas? In: *Cuadernos de Tradução*, 2009, v. 25.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Metaphorical mappings in the sense of smell. In: GIBBS, Raymond & STEEN, Gerard. *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

JACOB, Pierre. Philosophie et neurosciences: le cas de la vision. In: PACHERIE, Elisabeth & PROUST, Joëlle (eds.) *La philosophie cognitive*. Paris : Orphys, Ed. de la maison des sciences de l'homme, 2004.

JAY, Martin. Vision in context: reflections and refractions. In: BRENNAN, Teresa & JAY, Martin (eds.) *Vision in context. Historical and contemporary perspectives on sight*. London: Routledge, 1996.

KANAANA, Sharif. The Arab Ear and the American Eye: A Study of the Role of the Senses in Culture. In: *Cultural Analysis*, v. 4, 2005.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphors of anger, pride and love*. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

ЛЕОНТЬЕВА, Татьяна. *Интеллект человека в зеркале русского языка*. Автореф.канд. дисс. Екатеринбург: Издательство УрГУ, 2003.

NERLICH, Brigitte. Seeing as: metaphors and images in individual and popular consciousness and imagination. In: *Mind, Language and Metaphor – EuroConference on consciousness and the imagination*, 2002. <http://www.info-metaphore.com/articles/nerlich-metaphors-and-images.html>

MARCHETTI, Laura. Light as an original metaphor. In : *Semiotica*, v. 136, n. 1, 2001.

PICOCHÉ, Jacqueline. *Structures sémantiques du lexique français*. Paris: Nathan, 1986.

RIVANO FISCHER, Emilio. *Metáfora y lingüística cognitiva*, 1997.

<http://emiliorivano.semantica.cl/libro/metaf1.html>

РЯБЦЕВА, Надежда. *Язык и естественный интеллект*. – Москва: Academia, 2005.

SIMON, Gérard. *Archéologie de la vision. L'optique, le corps, la peinture*. Paris : Seuil, 2003.

SJÖRSTRÖM, Søren. From vision to cognition. A study of metaphor and polysemy in Swedish. In: ALLWOOD, Jens & GÄRDENFORS, Peter (eds.) *Cognitive semantics, meaning and cognition*. Amsterdam: John Benjamins. 1999.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. Universals of semantics. In: HOGAN, Patrick (ed.) *Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*. Cambridge University Press, 2008.

THUAN, Trinh. *Les voies de la lumière. Physique et métaphysique du clairobscur*. Poitiers: Fayard, 2007.

WIERZBICKA, Anna. *Semantics. Primes and universals*. Oxford University Press, 1996.

YU, Ning. The eyes for sight and mind. In: *Journal of pragmatics*, n. 36, 2004.

ZLATEV, Jordan. Situated embodiment semantics and connectionist modeling. In: ALLWOOD, Jens & GÄRDENFORS, Peter. *Cognitive semantics. Meaning and cognition*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

Estorvo: representação labiríntica

Luciana Ferreira Tavares¹⁰⁹
lucianatavares98@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo reflete sobre a linguagem hibridizada e o processo metafórico na obra de Chico Buarque de Hollanda. Sua manifestação artística nos possibilita compreender a técnica da fusão de contrários desenvolvida por Hugo Friedrich (1978) e a tese defendida por Paul Ricoeur (2005) de que a metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso liberta o poder que certas ficções comportam de redescrever a realidade. Elegemos o âmbito da fenomenologia hermenêutica para discutirmos a construção poético-ficcional buarqueana. Teremos como procedimento literário, o elemento metafórico discursivo na visão do protagonista-narrador do romance “Estorvo”, lançado em 1991. Romance este, que não foi escrito pelo procedimento do fluxo da consciência, mas pelas possíveis e, talvez, prováveis ações simultâneas - tecidas pelas redes fragmentárias - presentes nesta trama que se faz na escritura. Nesse emaranhado, o narrador, pelo olho mágico, revive o Brasil de 64 e o protagonista, redescobre o Brasil - na estaticidade de outrora ao movimento insólito do Ser, do Mundo e da Vida atual. Valores arraigados por uma história nem tão distante nem tão próxima, no entanto redirecionada à circunstância real e imaginada por esse espaço difuso e contraditório chamado criação literária. Objetivamos demonstrar que Chico Buarque se apropria das metáforas para desestabilizá-las e desestruturando-as, rompe as convenções ideológicas operadas na linguagem. Desse modo, o leitor é convidado a des/cobrir às múltiplas camadas de sentido que permeiam este invólucro narrativo. Estudos bibliográficos e analíticos (direcionados às representações simbólicas buarqueanas) atestaram que suas produções artísticas são elaboradas através de recursos estéticos híbridos: ora os de base erudita - voltados para uma leitura verticalizada de sua obra no que tange ao seu discurso retórico e sua disposição poética, ora os de base popular - voltados para um diálogo com o povo, trazendo à tona uma memória coletiva. Por isso, sua obra inteira é

¹⁰⁹ Universidade Estadual do Norte Fluminense, RJ.

uma imagem. De um lado, imagina, poetiza; por outro, descreve lugares, sentimentos e percepções. Sua escrita revive um instante ou uma série de instantes, recriando um mundo contemporâneo de dupla face: a história do Brasil e a releitura de antagônicos brasis.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem Híbridizada; Elemento Metafórico Discursivo; Criação Literária.

TITLE: Estorvo: Maze Representation

ABSTRACT

This article is a reflection about the hybridization of the language and of the metaphorical process in the work of Chico Buarque. His artistic manifestation allows us to understand the Fusion Technique of contraries, developed by Hugo Friedrich (1978) and the thesis upheld by Paul Ricoeur (2005) saying that the metaphor is the rhetorical process by which the speech sets the power free that certain fictions have to rewrite reality. The ambit of the hermeneutic phenomenology is elected to discuss the poetic-fictional construction of Chico Buarque. The metaphorical discursive element will be used as a literary procedure in the view of the protagonist-narrator from the novel *Estorvo*, published in 1991. Such novel was not written through the consciousness flux but by the possible and maybe probable simultaneous actions - composed by the fragmentary network present in this plot. In this entanglement the narrator, through peephole, relives the Brazil of 1964, – the protagonist rediscovers Brazil in the formerly immobile state of this unusual movement of the being, of the world and of the nowadays life. Values settled by a not so close and also not so far history, therefore redirected to real circumstances and imagined by this contradictory and diffuse space called literary creation. The main goal is to show that Chico Buarque takes over the metaphors to unbalance them and by their disintegration break with the ideological conventions operated in the language. This way the reader is invited to discover the multiple layers of meaning present in this compelling narration. Bibliographical and analytical studies (directed to the symbolic representation of Chico Buaque) show that his artistic productions are elaborated with the use of a hybrid esthetic resource.

Sometimes with an erudite base aiming a vertical reading of the piece in relation to his rhetoric speech and his poetic disposition, sometimes with a popular base aiming a dialog with the people bringing up a collective memory. That's why his whole work is an image. In one side he imagines and makes poetry and on the other side he describes places feelings and perceptions. His writings relive one single moment or a series of moments. Recreating a new world with a double face: the history of Brazil and the rereading of many antagonistic brazils.

KEYWORDS: Language Hybridization; Discursive Metaphorical Element; Literary Creation.

Introdução

Este artigo tem como proposta básica a análise do projeto ficcional *Estorvo* (2004), de Chico Buarque, objetivando depreender-lhe sua manifestação artística, segundo a concepção hermenêutica de Hans-Georg Gadamer: “na escrita a linguagem se liberta do ato de sua realização.” Na forma da escrita todo o transmitido está simultaneamente presente para qualquer atualidade. Nela se dá uma coexistência de passado e presente única em seu gênero, à medida que a consciência presente tem a possibilidade de um acesso livre a tudo quanto tenha sido transmitido por escrito. A consciência que compreende – liberada de sua dependência da transmissão oral traz ao presente as notícias do passado, porém voltada imediatamente para a tradição literária – ganha a possibilidade autêntica de avançar os limites e ampliar seu horizonte, enriquecendo assim seu próprio mundo com toda uma nova dimensão de profundidade.

Obviamente a seleção de tal obra não resulta de uma escolha arbitrária, mas do reconhecimento acerca da inquestionável contribuição prestada pelo escritor à evolução da narrativa contemporânea, conforme procuraremos retratar ao longo da pesquisa. Caracterizar os aspectos articuladores da obra mencionada é tarefa que abraçaremos com o intuito de desvendar parte do segredo contido na magia que lhes alimenta a escritura. Para tanto, tornar-se-á indispensável à divisão do nosso percurso em dois estágios: a criação artística pós-moderna e a linguagem híbrida de Chico Buarque e o discurso metafórico buarqueano.

O suporte teórico de que se nutrirá nossa reflexão se origina do conceito de signo, presente na semiótica peirceana – um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Conceito este, posteriormente, analisado por Lucia Santaella.

Encaminharemos as reflexões objetivando demonstrar que a problemática existencial buarqueana, inevitavelmente, converge para o questionamento social que se corporifica em sua manifestação estética. Em relação a esta acepção, significa dizer que sua construção linguística e sua representação mimética do real se projetam num mundo metafórico discursivo – salientado pelo pensamento de Paul Ricoeur – de recriação da realidade e ressignificações de palavras que povoam o seu ambiente ficcional de contrários – como bem equaciona a tese de Hugo Friedrich – e contrastes imagéticos.

1. A criação artística pós-moderna e a linguagem híbrida de Chico Buarque

Sei que é sonho

Incomodado estou, num
corpo estranho

Com governantes da
América Latina

Notando meu olhar ardente

Em longínqua direção

Julgam todos que avisto
alguma salvação

Mas não, é a ti que vejo na
colina

(Chico Buarque)

Para Peirce (2010), não há pensamento sem signos nem tão pouco uma linguagem apenas por meio de símbolos. Há sempre um entrecruzamento de diferentes matrizes – sonora, visual e verbal – que é constitutiva de todo pensamento. De modo que, a relação de interlocução é fundamental para a constituição do pensamento e da linguagem, enquanto modalidade simbólica. Como podemos inferir pelo pensamento de Bakhtin (1992, p. 73-74), “os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem autossuficientes. Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal.” Nesse sentido, tanto Peirce quanto Bakhtin, consideram a linguagem, fundação primeira de todo discurso.

O verbal é uma das manifestações de um tipo dentre muitos outros tipos de signos. O signo pode ser tanto uma unidade constitutiva quanto uma complexidade mais vasta sem limites definidos. Por isso, Santaella (2005, p. 379) nos diz que as linguagens concretizadas são na realidade corporificações de uma lógica semiótica abstrata que lhes está subjacente, sustentada pelos eixos da sintaxe na sonoridade, da forma na visualidade e pela discursividade no verbal escrito. Assim sendo, todas as linguagens, uma vez corporificadas, são híbridas.

Para compreendermos a linguagem textual dos signos, envolvidos nas múltiplas camadas de sentido que permeiam a criação, precisamos (des)cobrir a essência que emana de cada obra artística – “que força o pensamento em seu exercício involuntário e inconsciente, isto é, transcendental”(Deleuze *apud* Machado, 2010, p. 197).

A correlação entre signo e sentido diz respeito a interpretar o que está oculto ou latente em cada enunciado, seja ele musical, pictórico ou literário. É através dessa pluralidade de enunciados artísticos que os signos ganham status de qualidades sensíveis e passam muitas vezes a convergir na sociedade contemporânea numa vertiginosa multiplicidade de representações contextualizadas.

Para a professora em semiótica, Sendra, em *Embornal* – de ensaios literários para leituras a granel, a estruturação sintagmática da obra artística se projeta num jogo de espelhos:

Um universo mimético que não é, pois, um universo fechado; é antes, um universo aberto pelo constante dialogar/silenciar dos tempos e das referências, o do prazer do receptor e o da maestria retórico-poética do emissor. A arte e a relação desta com os filtros da leitura do receptor são o que mais importa para que a verossimilhança e a mimese do texto se efetivem (2010, p. 43).

De acordo com Vasconcelos, a *mimesis* encontra-se na base de toda produção e fruição imagética transcendendo as possibilidades criativas de seu tempo:

[...] a hibridização dos recursos e das formas artísticas na criação pós-moderna, configurada na referenciação, na elaboração intratextual, na montagem figurativa e na mescla estrutural dos estilos, entre outros, assinala o advento de uma estética holográfica portadora de uma nova concepção do belo artístico que reclama o urgente reconhecimento crítico (2010, p. 24).

Nas palavras de Jamroziak – analista e intérprete da arte contemporânea e pós-moderna – as imagens artísticas se revelam como

[...] prontas para absorver sentidos e significados, enfrentam o espectador contemporâneo como fantasmas: intrigantes e intensas, embaraçosas e sedutoras pelo que elas próprias são e pelas cadeias em que podem ser colocadas e em que aparecem graças a seus criadores e a seus receptores inclinados à interpretação. [...]

O autor de imagens pós-modernas é um animador ou apresentador, mais do que criador. [...] A autoria consiste no ato de montar o processo em movimento, enquanto o processo

assim originado não tem em mira algum ponto de objetivação final numa forma reificada, funcionando, em vez disso, de maneira livre e desabrida, através de muitos caminhos – e continua incompleto e aberto...¹¹⁰

Em função dessas considerações, podemos perceber que este recurso estilístico pós-moderno, que se opera de maneira híbrida na obra literária – *Estorvo*¹¹¹ (2004) – de Chico Buarque¹¹², instaura um novo modo de ver e de se relacionar com o mundo: “Estorvo, estorvar, exturbare, distúrbio, perturbação, torvação, turva, torvelinho, turbilhão, trovão, trouble, trápola, atropelo, tropel, torpor, estupor, estropiar, estrupício, estrovenga, estorvo”. A epígrafe desta obra configura as três matrizes da linguagem à medida que manifesta no leitor a sugestão do som enquanto ruído, a percepção de uma confusão labiríntica própria do ambiente onírico e a materialização do elemento insólito¹¹³. Esta reconfiguração da realidade pode ser apreendida por diferentes linguagens, como bem enfatiza Santaella:

1. A linguagem sonora tem um poder referencial fragilíssimo. O som não tem poder para representar algo que está fora dele. Pode, no máximo, indicar sua própria proveniência, mas não tem capacidade de substituir algo, de estar no lugar de uma outra coisa que não seja ele mesmo. Essa falta de capacidade referencial do som é compensada por seu alto poder de sugestão, o que fundamentalmente o coloca no *universo do icônico*, onde operam as mais puras associações por similaridade;
2. Quanto à linguagem visual, sua característica primordial está na insistência com que imagens singulares, aqui e agora, se apresentam à percepção. Ver é estar diante de algo, mesmo que esse algo seja uma imagem mental ou onírica, pois o que caracteriza a imagem é sua presença, estar presente, tomando conta da nossa apreensão. A linguagem visual é quase sempre figurativa, o que a categoriza como *signo indicial*;

¹¹⁰ JAMROZIAK, Anna *apud* BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*; (trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama). Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.135.

¹¹¹ O romance *Estorvo*, de Chico Buarque, terá a seguinte sigla: Est.

¹¹² Chico Buarque de Hollanda será referendado neste artigo ora como Chico ora como Chico Buarque.

¹¹³ “Essa explosão do nome e da significação do nome corresponde à extensão de sentido pela qual, no enunciado metafórico, as palavras satisfazem à atribuição insólita.” (cf. RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*; (trad. Dion Davi Macedo). São Paulo: Loyola, 2005, p.432).

3. O que define basicamente a natureza da linguagem verbal é o seu poder conceitual, a ponto de podermos afirmar que o verbal é o reino da abstração. Isso corresponde com exatidão às características daquilo que Peirce definiu como *signo simbólico*, o universo da mediação e das leis (2005, p. 19). (*grifos nossos*)

Segundo Costa (1995, p. 110), a epígrafe de *Estorvo* é um amontoado de palavras, cuja significação desconexa aponta para a própria linguagem enquanto objeto de representação. Linguagem de obstáculos como uma espécie de torvelinho sonoro, gráfico e conceitual, instância caótica perturbadora da mente humana.

Para Pereira (*apud* Fernandes, 2004, p. 113), a escolha de Chico é pelo rápido para acentuar a falta e, desta forma, aproxima-se de uma linguagem cinematográfica, na qual tudo acontece com rapidez impressionante, numa reprodução da realidade dos grandes centros nas últimas décadas.

Assim, constatamos que a literatura buarqueana aponta para sua natureza híbrida entre o ritmo da palavra e a cápsula que a envolve – imagem-signo –, desencadeando radiações sugestivas derivadas, sobretudo, das forças sensíveis da linguagem. Estas atuam de acordo com o que se poderia chamar de tons semânticos superiores, quer dizer, significações que só se encontram nas zonas limites de uma palavra ou se produzem por uma associação anormal de palavras. O que nos faz lembrar Frye:

A literatura parece ser intermediária entre a música e a pintura: suas palavras formam ritmos que se aproximam de uma sequência musical de sons numa de suas fronteiras e formam padrões que se aproximam da imagem pictórica ou hieroglífica na outra. As tentativas de se chegar tão próximo quanto possível dessas fronteiras formam o corpo principal daquilo que se chama de escrita experimental. Podemos chamar o ritmo da literatura de narrativa, e o padrão, a apreensão mental simultânea da estrutura verbal, de significado ou de significação.

Ouvimos e escutamos uma narrativa, mas quando compreendemos o padrão total de um escritor “vemos” o que ele quer dizer (*apud* Santaella, 2005, p. 385-386).

Portanto, não resta dúvida de que as matrizes da linguagem não são puras, operam o processo da mistura e englobam uma as outras na mais completa variedade de formas e conteúdos - uma representatividade de interpenetrações e interfaces expressionais.

Podemos desse modo, compreender a plurivalência da linguagem buarqueana – esse registro contínuo, penetrante, do movimento circular da sua escrita – como uma manifestação inerente de sua busca por um sentido existencial humano. O artista Chico, diante de sua angustiante consciência histórica, parte para uma poética da vida contemporânea, engendrando assim, a épica do instante. Devolvendo o primitivo nexos entre percepção e expressão, este agenciador do imaginário reconhece na linguagem, - constituinte ou operante - a inseparável intencionalidade de significar, própria do uso flexível dos signos. Essa conquista liberatória – condição do alcance simbólico na forma literária – atesta a existência da obra literária buarqueana como uma fonte abundante de ressignificações da realidade.

Chico Buarque opta por uma linguagem crítica de cunho social, questionando o tempo presente – tempo que se contrai no espaço. Delatando o momento atual –, por meio de signos negativos e repetitivos – este artista da palavra projeta imagens caóticas na tentativa de evidenciar a despersonalização do homem contemporâneo. O que nos faz lembrar Valéry (*apud* Maffesoli, 2003, p.125): “O homem moderno é o escravo da modernidade”, mostrando que não há nenhum progresso que não se torne completa servidão.

Em seu engajamento literário, nos apresenta o retrato sem retoques do sistema dominante (projetos e valores político-sociais capitalistas) que resulta culturalmente, na proliferação do inconstante, como consciência defectiva do transitório – a era da imagem do mundo ou do mundo convertido em imagem. Como podemos entrever nessa passagem:

Quando entro no quarto, o menino e a menina estão bem despertos, acocorados na esteira diante do *aparelho de televisão*. O menino, de uns sete anos e cabeça raspada, avista-me sem me ver e retoma o *comando do videogame*. [...] Não me importei com as crianças porque pensei que fosse deitar e dormir, mas *as minhas pestanas tremelicam com o reflexo do videogame*. Pulsa na tela uma figura semelhante a um intestino, em cujos tubos correm *animaizinhos verdes*. Por algum motivo, esses tubos às vezes se obstruem, obrigando o moleque da cabeça raspada a se contorcer com o comando das mãos. Em consequência, os *animaizinhos* chocam-se uns contra os outros, impelindo-se como *bolas de bilhar e emitindo bips*. Também acontece de eles se entalarem nas paredes dos tubos, numa reação em cadeia que provoca a explosão do intestino, acompanhada de um alarme e um clarão. Os *animaizinhos* boíam na tela branca e *o jogo recomeça inúmeras vezes* [...] (Est., p. 27-28). (*grifos nossos*)

A metamorfose do museu televisivo se aproxima de estilos diferentes, entre os quais não há passagens nítidas, colocados, porém, em pé de igualdade do ponto de vista dos valores plásticos, como objetos estéticos, reunidos assim, numa espécie de espaço transistórico e transcultural do mundo pós-moderno.

A escrita de Chico Buarque objetiva demonstrar que as coisas fundidas entre si, movem-se e trocam-se à vontade, como um caso particular de desrealização da irrealidade sensível, pois tal liberdade consiste na evasão das ordens reais, na fusão do irreal das coisas mais díspares – é o sonho, ou seja, a fantasia superior à realidade. A literatura por meio da metáfora realiza uma transposição daquilo que é objetivo em imagens, que não existem no mundo real. O sentido enigmático, que se estabelece na narrativa ficcional buarqueana, dá origem ao aparecimento do insolúvel – tentativa de reordenar o real reduzindo-o ao seu contrário.

2. O discurso metafórico buarqueano

Estorvo é a escritura caótica que revela, em última análise, o processo referenciador do próprio absurdo da condição humana. Nessa confusão labiríntica, configura-se a fuga do personagem anônimo que como um herói errante às avessas, perambula pela cidade do Rio de Janeiro. Desde o início da narrativa, ao descrever os locais por onde transita, o personagem-narrador não faz menção a nenhum topônimo da capital fluminense, mas por meio das entrelinhas podemos subentender a metáfora em potencial - processo retórico pelo qual o discurso liberta o poder que certas ficções comportam de redescrever a realidade. Como podemos observar através deste fragmento: “[...] sumo correndo na primeira à esquerda [...] eu emboco no túnel, alcanço outro bairro, respiro novos ares [...] eu subo as encostas, as prateleiras da floresta, as ladeiras invisíveis, com mansões invisíveis, de onde se avista a cidade inteira” (Est., p. 11).

Diremos que a escritura tem a missão de redimensionar, revitalizar e preencher todos os componentes e instâncias que se fazem ausentes na existência solitária do protagonista. Reside na escritura, a única possibilidade do narrador fazer renascer o interlocutor em meio a um cenário que instaura uma nova pertinência semântica no nível do enunciado metafórico. Segundo Ricoeur (2005, p. 455), essa metáfora é proveniente da torção imposta a essas palavras pelo fazer sentido com o enunciado em sua totalidade.

De modo que podemos ler, em *Estorvo*, o símbolo do desterro ao qual figura o personagem-narrador, variante do percurso existencial em que viveu o escritor em 1969 – a necessidade de abandonar o cenário brasileiro em virtude do cerceamento de liberdade e de opinião imposta pela ditadura militar. Escritor este, que parece viver a agonia da opressão do passado à liberdade desmedida e inconsequente dos dias atuais. Essa dialética manifesta-se em sua produção literária perfazendo uma alegoria¹¹⁴ sobre o Brasil e suas amarras políticas:

¹¹⁴ A alegoria é um diagrama da significação do discurso. A alegoria torna evidente o procedimento - pela operação sintática - e faz o significado dos termos presentes passar para dentro de outro significado, ausente. (cf. QUINTILIANO, M. F. *apud* HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006, p.43).

Pode ser que eu já tenha visto aquele rosto sem barba, mas a barba é tão sólida e rigorosa que parece anterior ao rosto. O terno e a gravata também me incomodam. Eu não conheço muita gente de terno e gravata, muito menos com os cabelos escorridos até os ombros. [...] Procuo imaginar aquele homem escanhoado e em mangas de camisa, desconta a deformação do olho mágico, e é sempre alguém conhecido, mas muito difícil de reconhecer (Est., p. 8-9).

Essa alegoria do “desconhecido”¹¹⁵ tanto pode ser o signo da tortura de outrora quanto o cerceamento de liberdade – pelo poder paralelo –, nas ruas do Rio de Janeiro. Nesse emaranhado de memórias coletivas¹¹⁶ – páginas revividas da nossa História –, o narrador, pelo olho mágico, revive o Brasil de 64 e o protagonista, redescobre o Brasil - na estaticidade de outrora ao movimento insólito do Ser, do Mundo e da Vida atual. Essa imagem-marca (lembração x esquecimento) assim se constrói:

Agora ele já percebeu que é inútil, que não me engana mais, que eu não abro mesmo, que sou capaz de morrer em silêncio, posso virar um esqueleto em pé diante do esqueleto dele, então abana a cabeça e sai do meu campo de visão. E é nesse último vislumbre que o identifico com toda a evidência, voltando a esquecê-lo imediatamente. Só sei que era alguém que há muito tempo esteve comigo, mas que eu não deveria ter visto, que eu não precisava rever, porque foi alguém que um dia abanou a cabeça e saiu do meu campo de visão, há muito tempo (Est., p. 9).

¹¹⁵ Durante a ditadura militar, o Dops (Departamento de Ordem Política e Social), o DOI-Coi (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna), bem como o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) operavam a todo vapor; sequestrando e assassinando presos políticos. (cf. HOMEN, Wagner. *Histórias de canções*: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009, p. 55-94).

¹¹⁶ “O registro da memória – que é fragmentário calcado na experiência individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos – não tem como meta a tradução integral do passado. Na sociedade dá-se constantemente um embate entre diferentes leituras do passado, entre diferentes formas de enquadrá-lo.”(cf. SILVA, Márcio-Seligmann. *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003, p. 65-67).

Esse torpor do passado, em paralelo à reconfiguração dessa realidade no presente, estabelece um ambiente semiótico da nadificação, atuando de modo ambivalente na consciência do narrador. A vivência radical do vazio impõe-lhe o confronto de duas forças contrárias. A ele restaria a possibilidade de abandonar a si mesmo. Todavia, caso o fosse, transformar-se-ia em mais um ser entre tantos outros que pereceram:

[...] Recebo a lâmina inteira na minha carne, e quase peço ao sujeito para deixá-la onde está [...] (Est., p. 151).

Permanecendo, tem o narrador a experiência única de desfrutar a plenitude de seus desejos¹¹⁷. Nesses termos, é o seu caminhar errante que o impulsiona para a sua verdadeira face guardada na memória: “Abandonei e esqueci isto aqui durante cinco anos. Talvez a inércia do sítio na minha mente, mais do que a longa estiagem, explique agora essa claridade dura, a paisagem chapada.”(Est., p.23). A memória do narrador é a única fonte capaz de legitimar-lhe o discurso, visto que tudo mais é fragmentado e obscuro:

A insônia verdadeira principia quando o corpo está dormente. Semilesado, o cérebro não tem boas ideias, e é incapaz de resistir à chegada do homem do olho mágico, por exemplo, que pode ser um amigo que perdi de vista, e que viria falar de assuntos vencidos, e que não suportaria a minha indiferença, e que, se fosse um sonho, arrancaria exasperado a própria barba e não teria queixo, convertendo-se no proprietário do imóvel que vem cobrar o aluguel. Mas ainda não é sonho e nada devo ao proprietário, pois minha irmã é avalista, adiantou seis meses a título de fiança, e quando mamãe morrer, meu quinhão na

¹¹⁷ “O desejo que lança o homem para fora de si mesmo o arrasta e faz com que ele transponha os limites impostos pela razão.” (cf. SENDRA, Arlete Parrilha. *Embormal* – de ensaios literários para leituras a granel. Rio de Janeiro: Academia Campista de Letras, 2010, p.204).

herança não paga o que devo à mana, por isso ela pode ter dado meu endereço a um advogado, um oficial de justiça, um tabelião barbudo no olho mágico. Estou para ingressar no sonho quando lembro que quem tem meu endereço é minha ex-mulher; deixei recado na casa dela, uma mensagem formal [...] (Est., p. 28-29).

Uma obscuridade e um aniquilamento existencial que provoca uma potencialidade delirante na tentativa de vencer a insônia e se entregar ao sonho. O que nos faz lembrar a conceituação de sonho por Jung:

O sonho é uma porta estreita, dissimulada naquilo que a alma tem de mais obscuro e íntimo; essa porta se abre para a noite cósmica original, que continua a alma muito antes da consciência do eu e que a perpetuará muito além daquilo que a consciência individual pode atingir. Pois toda consciência do eu é esparsa; distingue fatos isolados, procedendo por separação, extração e diferenciação; só o que pode entrar em relação com o eu é percebido. A consciência do eu, mesmo quando aflora as nebulosas mais distantes, é feita de enclaves bem delimitados. Toda consciência específica. Mediante o sonho, inversamente, penetramos no ser humano mais profundo, mais geral, mais verdadeiro, mais durável, mergulhado ainda na penumbra da noite original, quando ainda estava no Todo e o Todo nele, no seio da natureza indiferenciada e despersonalizada. O sonho provém dessas profundezas, onde o universo ainda está unificado, quer assuma as aparências mais pueris, as mais grotescas, as mais imorais (1975, p. 360).

Sendo a fragmentação o elo da cadeia narrativa, torna-se inevitável a diluição dos fatos na consciência subjetiva do narrador, o que lhe possibilita o salto para um mundo em constante movimento – uma reprodução da realidade dos grandes centros

urbanos nas últimas décadas –, porém a sensação de vazio e de imobilidade ecoam com força nas fendas de sua escrita.

O homem, assim como o protagonista de *Estorvo*, vivencia uma situação-limite: uma cidade repentinamente recebe o impacto da tecnificação, projetando-a num *modus vivendi* artificial. A primitiva espontaneidade é adulterada em favor do dinamismo progressista do século pós-industrial.

De acordo com Nietzsche (*apud* Berman, 2007, p. 32), em *Além do bem e do mal*, encontramos uma explanação em que, tal como em Marx, tudo está impregnado do seu contrário: “[...] Outra vez o perigo se mostra mãe da moralidade - grande perigo - mas deslocado sobre o indivíduo, sobre o filho de alguém, sobre o coração de alguém, sobre o mais profundo e secreto recesso do desejo e da vontade de alguém.”

O que está impregnado do seu contrário gerando uma realidade imprópria e desconectada se mimetiza na construção linguística e semântica como reconhecimento de um mundo familiar que se converte em estranheza sensível e de significado invertido:

Eu esperava por ela em casa. Habituei-me sem ela em casa, andava nu, cantava. Mudava a arrumação da sala, planejava empapelar as paredes. Já gostava mais da casa sem minha mulher. Sozinho em casa eu tinha mais espaço para pensar na minha mulher, e era nela fora de casa que eu mais pensava. [...] Um dia ela propôs a separação. E entendi e disse que ia continuar pensando nela do mesmo jeito, a vida inteira. Já deixar a casa foi mais difícil. Eu não saberia como me lembrar da casa. Era dentro da casa que eu gostava da casa, sem pensar (Est., p. 41).

Friedrich (1978, p. 206-208) nos relata que a metáfora se transforma no meio estilístico mais adequado à fantasia ilimitada. A lírica moderna – *mutatis mutandis* a literatura – graças à capacidade metafórica fundamental de unir algo próximo com algo

distante, desenvolveu as combinações mais desconcertantes, ao transformar um elemento que já é longínquo num absolutamente remoto, sem se importar com a exigência de uma realizabilidade concreta ou, mesmo, lógica. Tais metáforas criam um mundo em antítese ao mundo familiar. Obscurecem o real para ganhar maior clareza poética. Eis por que o reino poético tanto quanto o ficcional é o mundo irreal que existe só graças à palavra, ao discurso.

Mesmo onde a escrita se apresenta de forma suave, possui aquela estranheza cuja aflição pode ser o desencanto das ruínas da história ou o encanto dos mistérios e da fantasia de um personagem enigmático e incongruente¹¹⁸ no seu tempo e no seu espaço de fuga e de procura - muitos brasis se descortinam nas curvas da linguagem e da tensão desta narrativa neorrealista, como podemos assim observar:

Se eu soubesse que minha irmã dava uma festa teria ao menos feito a barba. Teria escolhido uma roupa adequada, se bem que ali haja gente de tudo que é jeito; jeito de banqueiro, jeito de playboy, de embaixador, de cantor, de adolescente, de arquiteto, de paisagista, de psicanalista, de bailarina, de atriz, de militar, de estrangeiro, de colunista, de juiz, de filantropa, de ministro, de jogador, de construtor, de economista, de figurinista, de contrabandista, de publicitário, de viciado, de fazendeiro, de literato, de astróloga, de fotógrafo, de cineasta, de político, e meu nome não constava da lista (Est., p. 58).

Em tempos como esses, o indivíduo ousa-se individualizar. De outro lado, esse “ousado” indivíduo precisa desesperadamente de um conjunto de leis próprias, de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação. As possibilidades são ao mesmo

¹¹⁸ O recurso estilístico utilizado por Chico Buarque de Hollanda na construção metafórica do discurso, em *Estorvo*, é o que Hansen denomina de *Malla affectatio*, *Inconsequentia rerum* ou Incoerência. Observa-se que na *mala affectatio* ou incongruência, ocorre uma espécie de contrariedade, não se respeitando as diferenças específicas que são condição de um conceito proporcionado ou da figuração ordenada. A naturalidade bem conseguida é, assim, a da alegoria imperfeita, situada a meio caminho entre a autonomia do procedimento (incoerência) e o fechamento total da significação (enigma). (cf. HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006, p.67-68).

tempo gloriosas e deploráveis. Esses instintos podem agora voltar-se em todas as direções; ele próprio é uma espécie de caos. O sentido que o homem pós-moderno possui de si mesmo e da história vem a ser na verdade um instinto apto a tudo. Mas muitas estradas se abrem a partir desse ponto. Como farão homens e mulheres para encontrar os recursos que permitam competir em igualdade de condições diante desse tudo? Nietzsche (*apud* Berman, 2007, p. 33) observa que há uma grande quantidade de mesquinhos e intrometidos cuja solução para o caos da vida é tentar deixar de viver: “para eles tornar-se medíocre é a única moralidade que faz sentido”.

Não há mais possibilidade de retomar o passado. A retomada se tornara inviável. O testemunho de que ali houvera vida se concretiza na única forma possível: a escritura. Esta é a um só tempo o reduto do fracasso e da redenção. A errância surgirá do confronto entre o protagonista e a linguagem, atando a destruição à criação, o fim ao princípio. Será a trajetória errante a condição reveladora desse personagem diante da circularidade do seu próprio existir: “[...] Sinto que, ao cruzar a cancela, não estarei em algum lugar, mas saindo de todos os outros.” (Est., p. 23).

Esse dinamismo semântico-discursivo - próprio da metáfora buarqueana - possibilita à significância narrativa¹¹⁹ uma ficcionalidade de ganho de sentido e de referência onde o singular e o universal se entrecruzam entre atos e fatos do Brasil e da aldeia global:

Parte desses convidados ocupa as mesas redondas que foram armadas no jardim. Como não conheço ninguém, tenho liberdade para contornar as mesas e emendar fragmentos de discursos, discussões, gargalhadas. [...] Posso observar como se comporta um círculo, como se fecha, como se abre, como um círculo se incorpora a outro. Vejo circunferências que se dilatam exageradamente, até que se rompem feito bolhas e dão vida a novas rodas de conversa. Vejo rodas sonolentas, que

¹¹⁹ “A narrativa apresenta-se como uma série de elementos mediatos e imediatos, fortemente imbricados; a distaxia orienta uma leitura horizontal, mas a integração superpõe-lhe uma leitura vertical: há uma espécie de encaixamento estrutural, como um jogo incessante de potenciais.” (cf. BARTHES, Roland *apud* SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p.322).

permanecem rodas pela geometria, não pelo assunto. Tento acompanhar assuntos que saem de uma roda para animar outra, e a outra, como uma engrenagem (Est., p. 58-59).

Segundo Ricoeur, esse dinamismo semântico confere à significância uma historicidade, novas possibilidades de significância aberta, encontrando apoio nas significações já adquiridas. Essa historicidade diz ele,

[...] é conduzida pelo esforço de expressão de um locutor que, querendo dizer uma nova experiência, procura na rede já fixada de significações um portador adequado de sua intenção. É então a instabilidade da significação que permite ao objetivo semântico encontrar o caminho de sua enunciação. De modo que, é sempre em uma enunciação particular - Benveniste chama de instância do discurso - que a história sedimentada das significações mobilizadas pode ser retomada em um objetivo semântico novo (2005, p. 457-458).

Numa época em que os sólidos enunciados particulares de uma história¹²⁰-paradigmas político-ideológicos do passado - se estilhaçaram quase por completo, o mundo passa a ser percebido de forma imprecisa, algo desnorteado num estado de alucinada lucidez. Isto permite ao protagonista-narrador perceber que é ele o incômodo desse esboço de vida:

¹²⁰ O golpe militar pegou Chico ainda na faculdade. Mesmo com toda truculência que depôs um governo constitucional e botou a tropa na rua, o país ainda respirava. Embora a resistência ao governo militar tenha começado no dia 1º de março de 1964, por parte da classe artística - principalmente o pessoal da música e do teatro -, a repressão não se iniciou de forma violenta e o cerco só foi apertando à medida que o tempo passava. A censura, até 1968, era relativamente amena, e Chico só teve que enfrentar de fato a repressão a partir do Ato Institucional nº5. (cf. ZAPPA, Regina. *Cancioneiro Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Jobim Music, 2008, p.57).

[...] Saio do prédio, e logo em seguida fica tudo escuro; penso num dia que se apagasse a cada minuto. Apoio-me na parede de chapisco, deixo-me arriar ralando as costas, e sento-me com a cabeça entre as pernas. Convertido em concha, ouço vozes longínquas, julgo ouvir sirenes. Quando me levanto, posso estar vendo as coisas mais nítidas do que são. [...] Vejo a multidão fechando todos os meus caminhos, mas a realidade é que sou eu o incômodo no caminho da multidão (Est., p. 114-115).

Se o personagem representa “a metáfora da vida” que se impõe neste ponto da argumentação é porque o jogo da imaginação e do entendimento recebe uma tarefa das “Ideias” da razão, às quais nenhum conceito pode igualar-se. Mas lá onde o entendimento fracassa, a imaginação tem ainda o poder de apresentar a Ideia. É esta apresentação pela imaginação que força o pensamento conceitual a pensar a mais. A imaginação não é outra coisa senão essa demanda dirigida ao pensamento conceitual” (Ricoeur, 2005, p. 464-465).

Os demais fatos testemunhados por este sujeito, semelhantemente, não apresentam uma resposta conclusiva para suas questões, como bem salienta Faria (1999, p. 164-175): “caracterizando um aspecto sintomático da deformação do olhar que a cidade proporciona, negando qualquer idiosincrasia para quem está na turba”.

Esse sujeito submerso na metrópole, incapaz de observá-la como um todo, limita-se à descrevê-la de forma nua e crua, denunciando ao leitor as mazelas do caos urbano, mas sem proposta alguma que possa solucioná-las; a não ser pela constatação do mesmo: “[...] O gêmeo diz ‘grandes camarões’, e volta a proteger a erva com as folhas de bananeira, como quem protege uma criança” (Est., p. 93).

Se nos adiantarmos um quarto de século, até Nietzsche, na década de 1880, encontraremos outros preconceitos, devoções e esperanças; no entanto, encontraremos também, uma voz e um sentimento, em relação à vida moderna, surpreendentemente, similares ao nosso contexto atual. Para ele, assim como para Marx, as correntes da história moderna eram irônicas e dialéticas: os ideais cristãos da integridade da alma e a

aspiração à verdade levaram a implodir o próprio cristianismo. O resultado constituiu os eventos que Nietzsche chamou de a morte de Deus e o advento do niilismo.

Para Portella (1981, p. 30-310), foi uma acrobacia fácil o salto da dessacralização para a desumanização, da morte de Deus (Nietzsche) para a morte do homem (Foucault). O homem se viu estigmatizado como um dos anacronismos da sociedade industrial. Michel Foucault não vacilou em afirmar que em nossos dias não se pode mais pensar senão no vazio do homem desaparecido. A noção atualizada de arte é, nas mãos dos críticos da cultura, uma representação valorizada do homem; deste homem que, inegavelmente, se encontra numa encruzilhada.

A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades. O mundo é o espaço em que se produzem os signos; a obra literária é o lugar onde os signos são lidos e reproduzidos através da função mediadora e criadora do autor, razão por que Castro (1982, p. 108) reconhece que: “[...] o autor, enquanto agente e celebrador, efetua uma leitura. O autor é um leitor”.

Por compreender-se o autor como um leitor do mundo, justifica-se a peculiaridade de cada obra. Da leitura que o autor (sujeito) faz do mundo (objeto), resultará uma ou outra realidade discursivo-literária. Segundo este ensaísta, esta tensão espetacular de identidade na diferença e de diferença na identidade projeta-se e reflete-se nos elementos funcionais que constituem as duas realidades (ficcional e vivencial), através de uma terceira: a realidade discursivo-literária.

O projeto ficcional em estudo registra de forma indiscutível que a preocupação de Chico Buarque se encontra na procura de um sentido para o estar-no-mundo. Esta é a identidade presente, a partir da qual desfila a condição humana, assinalada pela perplexidade perante um mundo hostil, a demonstrar a impossibilidade do indivíduo, fora da visão utópica, reconquistar o significado heroico que em tempos outros a epopeia registrou.

O herói não habita mais o paraíso, simplesmente por não mais haver paraíso. A constatação de que a existência gloriosa é um projeto irrecuperável não destrói apenas a figura do herói, mas põe em risco a própria representatividade do indivíduo. A pós-modernidade, sustentada pelo discurso da ciência, suposto reduto da verdade e do poder,

rouba do indivíduo o direito de sentir-se agente da história, para apenas reservar-lhe a condição de figurante cuja função é compor a cena e preencher os vazios da imensa teia global e globalizante. Tudo acontece ao redor do indivíduo, mas este nada sabe e nada vê. Sua existência está à mercê de um poder decisório distante do seu controle. Os intensos conflitos e as densas paixões cederam ao silêncio, à solidão, ao desencanto e ao absurdo, assim verificado na cena: “Ela preenche o cheque, e seus cabelos castanhos não me permitem ver se está mesmo sorrindo, nem se esse sorriso quer dizer que eu sou um pobre diabo” (Est., p. 17).

Tais situações mostram como este sujeito é posto à margem, seja pela classe que detém o poder econômico, seja pela que domina o poder paralelo. Nesse plano social, a ordem que gera os excluídos é repensada pelo discurso metafórico buarqueano através da concepção tensional de verdade trazida à luz pela configuração do personagem-narrador.

O ambiente em que vive o personagem é de não pertencimento. Por esse círculo da enunciação do personagem, a experiência do (não) pertencimento inclui o homem no discurso e o discurso no ser. A leitura intratextual das amarras costuradas e descosturadas no discurso fragmentado deste personagem nos possibilita entrever a crítica desvelada de Chico Buarque diante dessa América Latina pré e pós-64: “o escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural” (Santiago, 1978, p. 28).

A posição do escritor - Chico Buarque - é de se utilizar das metáforas discursivas para desestabilizá-las e desestruturando-as, romper as convenções ideológicas operadas na linguagem. Essa técnica de inversão semântica buarqueana foi citada por Costa, em *Ficção Brasileira: paródias, histórias e labirintos*, que passo a transcrever:

Estorvo contém tão intensamente o recurso da significação invertida das palavras, que se pode afirmar que existe na obra como que uma poética da inversão. Essas declarações alteram a lógica semântica da língua e perturbam a compreensão do

sentido do enunciado. Para promover essa diluição paródica do âmbito normal da linguagem, o narrador apresenta no seu discurso alguns procedimentos técnico-estilísticos, a exemplo das inversões semânticas e do experimentalismo com o significante (1995, p. 112-113).

Esse procedimento estilístico buarqueano nos conduz ao pensamento dialético-discursivo de Ricoeur:

O pensamento especulativo apoia seu trabalho na dinâmica da enunciação metafórica e a ordena em seu próprio espaço de sentido. Sua réplica só é possível porque o distanciamento, constitutivo da instância crítica, é contemporâneo da experiência de pertencimento, aberta ou reconquistada pelo discurso poético, e porque o discurso poético, enquanto texto e obra, prefigura o distanciamento que o pensamento especulativo leva ao seu mais alto grau de reflexão. Finalmente, a duplicação da referência e a redescrição da realidade, submetida às variações imaginativas da ficção, aparecem como figuras específicas de distanciamento, quando essas figuras são refletidas e rearticuladas pelo discurso especulativo (2005, p. 482).

Esse discurso especulativo - latente na obra ficcional de Chico Buarque - nos projeta para as fraturas dos estamentos sociais brasileiros. A representatividade do personagem - signo da marginalidade - nos permite considerá-lo um elemento de fronteira, situado de forma escorregadia entre um passado harmonioso (representado pelo paraíso perdido do sítio familiar) e um presente dissonante, marcado pela intolerância, pela falta de diálogo, como pode ser observado nas inúmeras desistências do narrador de conversar com sua mãe:

Fico desequilibrado, sozinho naquela mesa oval, olhando o mel, o queijo de cabra, o chá de rosas, pensando na minha mãe. O copeiro traz uma bandeja com o telefone sem fio; é um aparelho de teclas minúsculas, que dedilho rápido e sem olhar direito, um pouco querendo esbarrar noutros números. Ouço tocar uma, duas, cinco vezes, telefone de casa de velho. Mamãe atende mas não fala nada, nunca fala quando atende ao telefone, porque acha vulgar mulher dizer alô. Eu digo “mamãe”, e posso senti-la colar o fone na orelha, para travar o tremor da mão esquerda. O copeiro entra com um carrinho, pergunta “terminou”? e retira os pratos sem sobrepô-los. Eu repito “mamãe”, mas também não tenho muito assunto, e o copeiro amassa o guardanapo que eu deixara intato á minha frente, em forma de canoa. Mamãe não deve ter entendido que era eu, e pouco depois cai a linha (Est., p. 18-19).

De modo que não possa ser identificado por seu próprio nome ou por sua função social, este sujeito tece seu discurso em busca de respostas, nem sempre encontradas. Imagem das grandes cidades, onde meticulosamente é forjada toda a sorte de “característica desumana, que faz com que se torne difícil que rostos humanos se reconheçam” (Faria, 1999, p. 144).

Essa ausência de rosto nos faz refletir sobre a questão da metrópole tomada como um lugar situado no limite extremo e poroso entre realidade e ficção, como se suas ruas e edifícios, atravessados por uma enorme multiplicidade de imagens formassem algo como um labirinto onírico. Gomes (1999, p. 19-30), assim nos informa: “aceitando [...] o fragmentário, o descontínuo, e contemplando as diferenças, os discursos contemporâneos cenarizam e grafam a cidade [...], na busca de decifrar o urbano”.

A desfigurativização e a banalização do eu é facilmente detectada na produção ficcional buarqueana: “Não lembro se o conheço da televisão, de fotos nos jornais, de capas de revistas, mas sei que se trata de um homem famoso; alguém que as pessoas

encontram e olham em dois tempos, porque no primeiro a pele parece falsa, e é a fama” (Est., p. 134-135).

Essa identidade, formadora de um descentramento do eu pós-moderno, é o que nos faz retornar a formulação conceitual proposta por Hall:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (2006, p. 38-39).

(Grifos do autor)

Certo, é a instauração da dialética da identidade e da diferença estabelecida na manifestação literária buarqueana onde escolhe estar face a face com uma escrita pensante e pensada em sua individuação¹²¹ - a dos poetas que poetizam sobre a linguagem. É o pensamento especulativo de Chico Buarque, com seus recursos metafóricos da linguagem, criando possibilidades de sentido, que nos permitem responder às inquietações da vida em sociedade.

3.Considerações finais

¹²¹ A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da realização de seu *si-mesmo*, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia pois, traduzir a palavra individuação por realização de *si-mesmo*. (cf. JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*; (trad. de Dora Ferreira da Silva). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p.355). (Grifos do autor)

É importante descobrir o ritmo de uma determinada época. Podemos caracterizá-lo segundo as especificidades presentes nas obras artísticas. Trazendo ao nosso propósito esta questão, podemos dizer que a produção artística buarqueana – em especial, *Estorvo* – pressupõe um ritmo narrativo que envolve uma fusão de contrários entre a estabilidade e o movimento, como a nos dizer que a sociedade atual vive seu momento trágico. Reconhecendo a brevidade da vida, o personagem assim como o homem, parte para gozá-la ao máximo. O crescimento e a decadência de cada ser humano e de cada coisa, social, política, ficcional ou natural, inscrevem-se no ritmo da natureza universal. É essa narrativa de temporalidade descontínua que encontramos em nossos dias.

Chico nos mostra que rememorar o tempo passado e os lugares sentenciados – de páginas encardidas da nossa História – caracteriza esse gosto inefável por um tempo sempre e de novo presente, por ser um ontem que se desdobrou no hoje, em diminuto pedaço de espaço. Espaço este, que se projeta nas páginas dos romances de Chico Buarque, a retratar uma poética ficcional da banalidade, que se instaura, no mundo contemporâneo. Personagens que são aventureiros do cotidiano, que já não refletem suas esperanças em hipotéticos ideais remotos, mas se aprazem a viver – na melhor das oportunidades – a vida em sua imediatez. Apenas o presente e a aceitação do seu destino.

Com efeito, a obra buarqueana convida-nos a presenciar por escrito e sem rasura, nossa primitividade, nossa brutal convivência em sociedade que nos serve de expressão. Eis que sua imagem poética nos revela - a vida, pois, não é senão uma sucessão de ensaios-erros, de experiências, de atitudes fora das normas, que asseguram, em última instância, sua fragilidade e inconstância. A degenerescência é tudo o que parece ainda permanecer no rodapé da nossa história. Essa degenerescência, que vive o personagem anônimo em *Estorvo*, advém da ausência de comprometimento ético com a instituição da qual faz parte: a família.

A grande metáfora buarqueana sem dúvida é de provar algo do qual já sabemos, através de um saber incorporado por anteriores gerações, que a vida não se divide. A vida inclui sombras e luzes, generosidades e baixezas. Convém compreender sua inteireza. Essa sensação amarga – própria da realidade trágica – que lhe serve de fundamento, traz à tona a sabedoria popular: o imoral volta ao palco e se consagra um

herói singular. Esse herói pós-moderno se consagra pela beleza da ambivalência. O elemento contraditório que não poderemos jamais superar dialeticamente. A besta reside no ser e sua alteridade absoluta está no cerne do próprio fundamento da humanidade – mundos subterrâneos e monstruosos convivem, mais além, nos transmundos, em outras faces do mesmo homem.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Robert Stam. *Da Teoria Literária à Cultura de Massas*; (trad. de Heloísa Jahn). São Paulo: Ática, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*; (trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*; (trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUARQUE, Chico. *Estorvo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

CASTRO, Manuel Antônio de. *O acontecer poético: a história literária*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

CORDEIRO GOMES, Renato. *A cidade, a literatura e os estudos culturais: Do tema ao problema*. Ipotesi: Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora, v.3, n.2, 1999.

COSTA, Lígia Militz da. *Ficção brasileira: paródia, história e labirintos*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

FARIA, Alexandre. *Detetor de ausências. O homem côncavo*. In: *Literatura de Subtração*. Rio de Janeiro: Papiro Editora, 1999.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*; (trad. de Marise M. Curioni). São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*; (trad. de Flávio Paulo Meurer). Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; (trad. de Tomaz Tadeu da Silva). Rio de Janeiro: DP7A, 2006.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria – construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.

HOMEM, Wagner. *Histórias de canções*: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos, Reflexões*; (trad. de Dora Ferreira da Silva). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*; (trad. de Rogério de Almeida e Alexandre Dias). São Paulo: Zouk, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*; (trad. de José Teixeira Coelho Neto). São Paulo: Perspectiva, 2010.

PORTELLA, Eduardo. *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*; (trad. de Dion Davi Macedo). São Paulo: Loyola, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SENDRA, Arlete Parrilha. *Embornal – de ensaios literários para leituras a granel*. Rio de Janeiro: Academia Campista de Letras, 2010.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *Quem canta comigo: representações do social na poesia de Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SILVA, Márcio-Seligmann. *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

ZAPPA, Regina. *Cancioneiro Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Jobim Music, 2008.

A Semiótica Cognitiva como modelo de análise do discurso de pacientes com esquizofrenia.

Marcus Lepesqueur Fabiano Gomes¹²²
marcus.le@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a Semiótica Cognitiva de Per Aage Brandt como um modelo de investigação capaz de descrever parte dos processos cognitivos subjacentes à utilização da linguagem envolvidos na significação delirante de pacientes com esquizofrenia. Parte-se da hipótese de que os modelos da Linguística Cognitiva, por trabalharem principalmente a partir da língua em uso, com ambas as noções de linguagem e de cognição, podem oferecer operadores teóricos para se pensar as alterações de linguagem desses pacientes e potencialmente ajudar a esclarecer aspectos do seu diagnóstico. Mais especificamente propõem-se aqui que as reformulações teóricas do Modelo de Mesclagem Conceptual e da Metáfora Conceptual, propostas por Brandt e Brandt (2005) e Brandt (2000, 2004, 2007), podem auxiliar na descrição de parte do processo de construção de significado delirante. De forma geral, sugere-se que a investigação da produção desses pacientes pode revelar a existência de *frames* ou esquemas cognitivos formando redes conceptuais internalizadas que estão relacionadas à forma como esses indivíduos estruturam o próprio *self* e seus sintomas. Propõem-se um modelo para análise de como esses pacientes estão construindo os significados, muitas vezes delirantes, dos eventos de sua experiência com base nesses padrões internalizados e recorrentes.

Este trabalho tem como ponto de partida os impasses teóricos de Kiang (2005), ao analisar a significação delirante como um processo de integração conceptual. Nesta proposta, o autor não conseguiu, a partir da teoria clássica da mesclagem, explicar porque certos elementos são selecionados na organização da mescla e aponta que trabalhos futuros podem elucidar como fatores biológicos, psicológicos e culturais

¹²² Universidade Federal de Minas Gerais, MG.

determinam esses *frames* organizadores ativados em uma desordem psiquiátrica. Propõe-se aqui que as noções de Espaço Semiótico e *frame* de Relevância, propostos por Brandt e Brandt (2005), poderiam oferecer elementos para responder parte das questões levantadas por Kiang (2005). Essa hipótese pode ser corroborada por Harrod (1986), que destaca que alguns sintomas da esquizofrenia são exemplares para se pensar essa psicopatologia como um distúrbio semiótico. O modelo de Brandt (2005) traz justamente contribuições semióticas às teorias semânticas da Metáfora Conceitual e da Teoria da Mesclagem e, conseqüentemente, pode auxiliar a compreender como se dá a seleção e a organização desse processo de integração conceptual.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Cognitiva; Esquizofrenia; Teoria da Integração Conceptual.

ABSTRACT

This paper aims to present the Cognitive Semiotics of Per Aage Brandt as a research model able to describe some of the cognitive processes underlying the use of language involved in delusional signification of patients with schizophrenia. It starts with the hypothesis that the models of Cognitive Linguistics, for working primarily in a usage-based perspective with both notions of language and cognition, can offer theoretical operators to think the language alteration of these patients and potentially help clarify aspects of their diagnosis. More specifically, it is proposed here that the theoretical reformulation of the Blending and the Conceptual Metaphor Models proposed by Brandt and Brandt (2005) and Brandt (2000,2004, 2007) may support the description of part of the process of constructing delusional meaning of schizophrenia patients. In general, it is suggested that the investigation of these patients' production may reveal the existence of cognitive schemas or frames forming internalized conceptual frameworks that relate to how these individuals structure their selves and their symptoms. It is proposed a model for analysis of how these patients are constructing meaning, often delirious, of the events of their experience based on these pattern internalized and recurrent.

This work has, as its starting point, the theoretical impasses of Kiang (2005) when analyzing the delusional meaning as a process of conceptual integration. In his proposal,

the author could not, from the classical theory of blending, explain why certain elements are selected in the organization of the blending and indicated that further work might elucidate how biological, psychological and cultural factors determine these organizing frames activated in a psychiatric disorder. We claim that the notions of Semiotic Space and Frame of Relevance, proposed by Brandt and Brandt (2005), could provide elements to answer most questions raised by Kiang (2005). This hypothesis can be corroborated by Harrod (1986), which highlights that some symptoms of schizophrenia are examples that allow us to think this psychopathology as a semiotic disorder. Brandt's model (2005) specifically brings semiotic contributions to the semantic theories of Conceptual Metaphor and Blending and, consequently, may help us understand how the selection and organization of this process of conceptual integration occurs.

KEYWORDS: Cognitive Semiotics; Schizophrenia; Conceptual Integration Theory.

Introdução

Esse artigo visa a apresentar uma proposta de análise e investigação da produção linguística de pacientes com diagnóstico de esquizofrenia a partir do quadro teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente das reformulações teóricas do Modelo de Mesclagem e da Metáfora Conceptual, propostas Brandt e Brandt (2005) e Brandt (2000, 2004, 2007). Busca-se descrever um conjunto teórico que possa auxiliar na explicação de parte do processo de construção de significado delirante e subsidiar pesquisas linguísticas no âmbito das psicopatologias.

Para tal, têm-se, como ponto de partida para a discussão, os impasses teóricos de Kiang (2005) ao analisar a significação delirante como um processo de integração conceptual. Nesta proposta, o referido autor não conseguiu, a partir da teoria clássica da Mesclagem, explicar porque certos elementos são selecionados na organização da mescla envolvida na significação delirante.

Propõe-se aqui que as noções de Espaço Semiótico e *frame* de Relevância, definidos por Brandt e Brandt (2005), podem oferecer elementos para responder parte

das questões levantadas por Kiang (2005). Além disso, a articulação realizada por esse autor entre uma teoria da estrutura do *self*, domínios semânticos e processos de integração conceptual, apresentadas a seguir, pode também ajudar a descrever o que Parnas (2005) assinala como essencial da esquizofrenia: uma alteração na configuração do *Eu* e sua relação com o mundo.

Assim, serão apresentados a seguir os elementos teóricos da Semiótica Cognitiva de Per Aage Brandt, considerados centrais para uma abordagem dos fenômenos psicopatológicos a partir da Linguística Cognitiva.

1. Esquizofrenia e Linguagem

Apesar de as alterações de linguagem em pacientes com diagnóstico de esquizofrenia, alterações tanto semânticas quanto gramaticais, serem amplamente reconhecidas em grande parte da bibliografia especializada, existe um extenso debate sobre a relevância dessas alterações para o processo de diagnóstico e compreensão dessa patologia.

Historicamente, a importância dessas alterações se faz presente desde Kraepelin (1919) e Bleuler (1916) até as classificações diagnósticas mais recentes, tais como a 4ª Edição do Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) e a Classificação Internacional das Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), que propõem critérios diagnósticos com base na avaliação direta de aspectos da linguagem.

Classicamente, há uma diferença de interpretação do papel das alterações de linguagem na esquizofrenia: por um lado, essas alterações podem ser vistas como evidências de um distúrbio da própria linguagem, seguindo um modelo mais próximo à definição de Kraepelin; por outro, podem ser tomadas como evidências de um distúrbio do pensamento, conforme definido por Bleuler. (Morice e McNicol, 1986).

Apesar da visão mais tradicional entender a esquizofrenia como um distúrbio de pensamento com efeitos na linguagem, atualmente a questão tem sido extensamente retomada a partir das contribuições da linguística. Segundo DeLisi (2001), em uma

revisão da literatura sobre o tema, há evidências de alteração da compreensão e da produção da linguagem em pacientes com esquizofrenia e déficits referentes a aspectos específicos da linguagem podem estar presentes na origem dessa patologia. Morice e Don McNicol (1986) confirmam a presença de mudanças mensuráveis na complexidade das estruturas linguísticas desses pacientes. Chaika e Lambe (1986) sugerem alterações no nível pragmático da língua e apontam a necessidade de se levarem em consideração as alterações na estrutura da linguagem antes de se fazerem inferências sobre o pensamento e a cognição. Para Harrod (1986), há evidência de que, na esquizofrenia, os distúrbios de pensamento e de composição linguística são secundários a um distúrbio no domínio semiótico.

A fim de se abordar o tema entre linguagem e esquizofrenia, este artigo parte da hipótese de que a Linguística Cognitiva, enquanto um quadro teórico que trabalha, principalmente a partir da língua em uso, com ambas as noções de linguagem e de cognição como entidades inseparáveis, pode oferecer operadores teóricos para se pensar as alterações de linguagem desses pacientes.

Em termos gerais, a Linguística Cognitiva se organiza sobre alguns pressupostos, o principal deles da relação intrínseca entre linguagem e cognição, ou seja, o pressuposto de que a linguagem não se constitui separadamente de nossas capacidades cognitivas. Assim, compreende-se que processos cognitivos já amplamente investigados no âmbito das Ciências Cognitivas, especialmente pela Psicologia Cognitiva, tais como solução de problemas, categorização, princípios gestálticos etc., são fundamentais para a estruturação da linguagem. No geral, as noções da Linguística Cognitiva têm colaborado para pesquisas em psicologia, mostrando que a investigação de fenômenos linguísticos, sob essa perspectiva, pode ter grande relevância para outras áreas do conhecimento.

Conforme postulado pela Linguística Cognitiva, a utilização das formas linguísticas está inter-relacionada a processos cognitivos. Pode-se esperar, portanto, que condições psicopatológicas apresentem reflexos na linguagem e que estes reflexos possam ser analisados linguisticamente. Assim, o estudo de alterações de linguagem em pacientes com esquizofrenia pode contribuir tanto para a compreensão do processamento da linguagem, quanto para a compreensão das próprias psicopatologias.

De forma mais específica, sugere-se que a investigação da produção linguística desses pacientes pode revelar a existência de *frames* ou esquemas cognitivos formando redes conceituais internalizadas que estão relacionadas à forma como esses indivíduos estruturam o próprio *self* e seus sintomas. Pretende-se então, apresentar um conjunto teórico que parece ser fundamental para uma análise de como esses pacientes estão construindo os significados, muitas vezes delirantes, dos eventos de sua experiência com base nesses padrões internalizados e recorrentes.

Esses *frames* e esquemas envolvidos na significação delirante podem ser compreendidos a partir do modelo de Mesclagem proposto por Brandt e Brandt (2005), que tem o potencial de subsidiar explicações, no nível cognitivo, sobre o processo de construção de significado, assim como ajudar a delimitar algumas características da estruturação do *self* de tais pacientes.

Além disso, como ressalta Kiang (2005), se as desordens psiquiátricas puderem ser descritas em termos de um modelo da Linguística Cognitiva, isso ajudaria a compor uma validade ecológica¹²³ para esse modelo, acrescentando um conhecimento empírico dos princípios que governam o fenômeno estudado.

2. A Semiótica Cognitiva na análise do discurso esquizofrênico.

Este artigo pretende discutir a utilização da proposta de Per Aage Brandt, denominado Semiótica Cognitiva, na descrição do processo de significação delirante. Para tal, parte-se da discussão do trabalho de Kiang (2005) que analisa um delírio do tipo paranoide¹²⁴, sintoma presente em quadros de esquizofrenia, a partir da Teoria da Mesclagem Conceptual de Fauconnier & Turner (1996).

O termo delírio se refere a alterações de base mórbida, presentes em mais de um quadro psicopatológico. Dalgarrondo (2000), retomando a proposta fenomenológica

¹²³ Validade ecológica diz respeito à capacidade de o modelo descrever fenômenos fora de ambientes controlados (laboratórios).

¹²⁴ O termo paranoide, usado pelo autor, se refere ao conteúdo persecutório do delírio analisado.

de Jasper, define o delírio como juízos patologicamente falseados. De forma semelhante, Kiang (2005) define delírio como uma crença falsa que não pertence ao plano cultural do paciente e que são fixadas, ou seja, tais paciente não admitem alternativas possíveis de interpretação.

Kiang (2005) considera que os delírios estariam relacionados não a uma incapacidade de realizar construções de mesclas conceptuais, mas sim a uma seleção de inapropriada de *inputs* para os processos de integração conceptual. Para este autor, portanto, o delírio pode ser compreendido como o produto do mesmo tipo de integração conceptual presente em outras capacidades cognitivas tais como analogia e criatividade.

A figura 1, proposta pelo autor, ilustra esquematicamente a integração conceptual do delírio analisado no trabalho citado. Trata-se de uma análise do discurso de um paciente de 42 anos de idade, casado, sem histórico de transtornos psiquiátricos, que após uma demissão começa a apresentar comportamento persecutório. Seu delírio consiste, em resumo, da crença de que carros brancos que, repentinamente passavam na sua rua, continham atiradores com a intenção de matá-lo, a mando de seu supervisor.

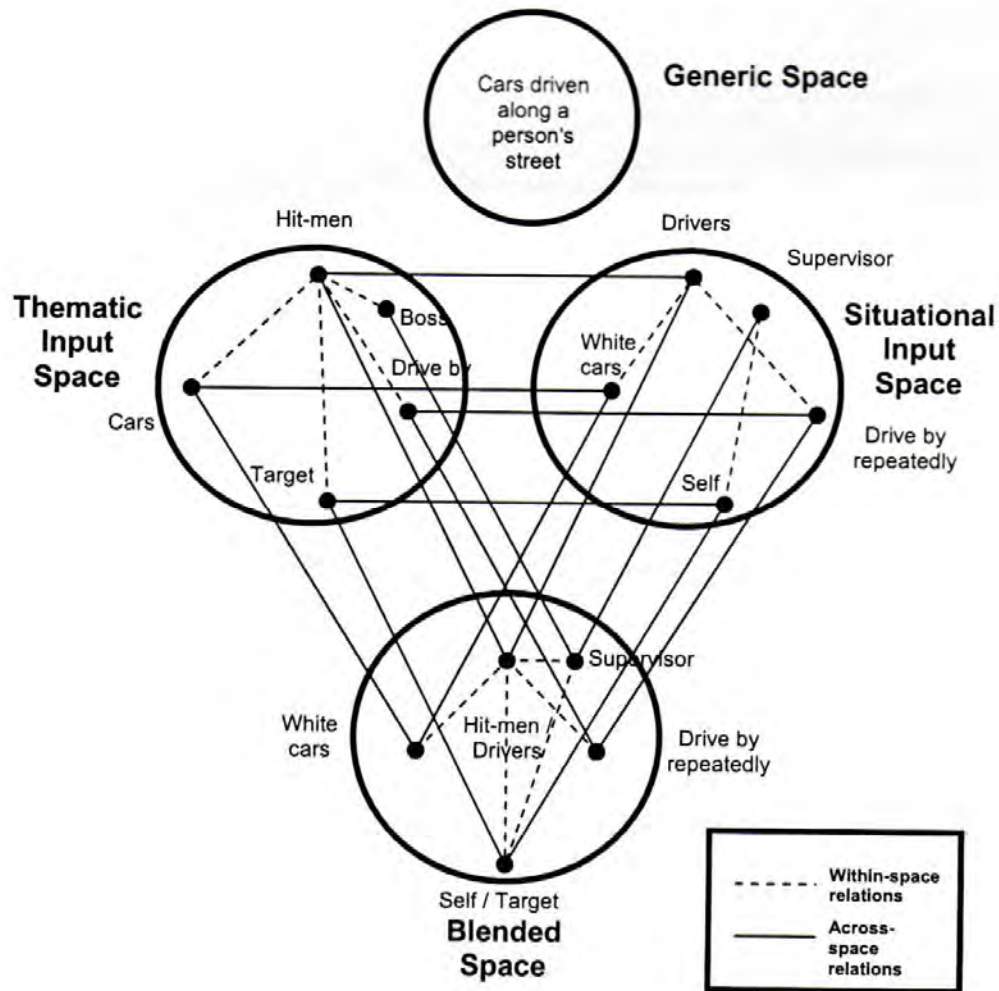


Figura 1: Modelo de Integração Conceptual de um delírio paranoide em Kiang (2005)

Para Kiang (2005), a significação delirante está relacionada a um processo de integração conceptual entre um Espaço Temático (*Thematic Input Space*), contendo um *frame* com a estrutura do delírio, e um Espaço Situacional (*Situational Input Space*), que contém elementos da experiência do paciente.

No delírio analisado, o espaço temático contém o esquema de um atirador, com intenção de matar uma vítima a mando do seu chefe, dirigindo na avenida onde vive essa vítima. No espaço situacional existem os elementos da própria experiência do paciente: ele mesmo, seu supervisor e os carros vistos na rua em que vive. As relações

dessa estrutura delirante são então projetadas em um espaço mescla, ajudando a construir erroneamente o significado dos elementos da experiência do paciente.

Kiang (2005) não conseguiu, no entanto, a partir da teoria clássica da Mesclagem Conceptual, explicar porque determinados elementos são selecionados na organização da mescla e aponta que trabalhos futuros podem elucidar como fatores biológicos, psicológicos e culturais estariam relacionados a esses *frames* organizadores ativados em uma determinada desordem psiquiátrica.

Parte dos impasses teóricos desse autor se deve ao fato de que, para a Teoria da Mesclagem clássica, é a estrutura comum aos dois espaços *input* que organiza o processo de integração conceptual. Em sua análise, portanto, Kiang precisou pressupor um *frame* temático específico, representado no Espaço Temático, que contivesse necessariamente a mesma estrutura da experiência do paciente, representada no Espaço Situacional, o que permitiria, assim, o processo de integração conceptual.

Na perspectiva de Kiang e da teoria clássica da Mesclagem Conceptual é necessário postular *frames* específicos, contendo a mesma estrutura dos elementos da experiência do paciente, envolvidos em cada significação delirante. Esses *frames* são exclusivos a uma determinada instanciação do delírio e possuem, por sua especificidade, pouca possibilidade de generalização. Assim, seria necessário, por exemplo, outro espaço temático na análise do delírio do mesmo paciente, caso este passasse a acreditar que o mesmo supervisor estava colocando veneno em sua comida, ao invés de enviar atiradores.

Neste artigo, propõe-se uma alternativa de investigação do fenômeno da significação delirante, discutindo como as reformulações teóricas apresentada por Brandt e Brandt (2005) e Brandt (2000; 2007), no quadro geral da Semiótica Cognitiva, podem ajudar a descrever esse processo de significação delirante de forma mais ampla.

Classicamente, a mesclagem, na teoria de Fauconnier & Turner (1996), é entendida como um processo envolvendo quatro espaços mentais: dois espaços *Input*; o Espaço Genérico, que contém a estrutura comum aos espaços *Input*, e o Espaço Mescla propriamente dito. Brandt (2005) propõe um diagrama mais complexo para a compreensão desse processo, que inclui o *Semiotic Space* (Espaço Semiótico) e os *frames* de Relevância. O Espaço Semiótico representa, neste quadro teórico, a relação discursiva no ato de construção de significado. Ele contém a representação das circunstâncias do ato comunicativo propriamente, do seu respectivo contexto, conforme estruturado pelos participantes, e a própria representação de um mundo fenomenológico. Já os *frames* de Relevância, que têm como base o Espaço Semiótico,

são responsáveis por organizarem o processo da mesclagem. A figura 2 é o diagrama proposto por Brand (2005) para representar seu modelo:

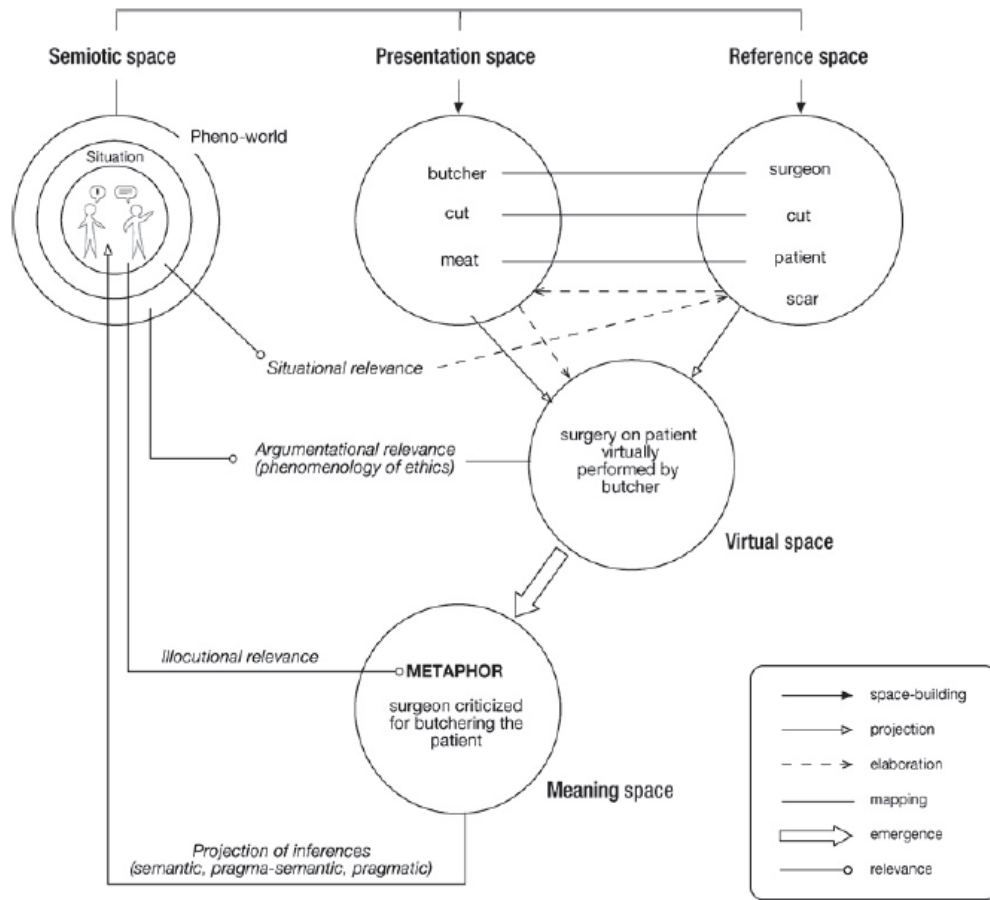


Figura 2: Modelo de Integração Conceptual de Brandt e Brandt (2005)

A figura 2 foi utilizada pelo autor para analisar a metáfora “This surgeon is a butcher”. Esta metáfora foi utilizada também por outros autores para auxiliar na compreensão do processo de significação. Na figura, estão representados os dois espaços *Input* classicamente considerados na Teoria da Meclagem, renomeados por Brandt de *Presentation Space* (Espaço de Apresentação) e *Reference Space* (Espaço de Referência). O Espaço de Apresentação é comparado, nos termos da teoria da Metáfora Conceitual, à noção de domínio-fonte e o Espaço de Referência, em conjunto com os *frames* de Relevância, à noção de domínio-alvo. O autor não inclui em seu modelo a noção de Espaço Genérico, baseado na crítica de que não existe uma estrutura comum, a

priori, entre os espaços *Input*, mas sim *frames* específicos que determina em que termos uma entidade é entendida a partir de outra quando ocorre um processo de integração conceptual. Assim, *frames* de Relevância (que na figura aparecem distintos em *Situational, Argumentational e Illocutional Relevance*), com base no Espaço Semiótico, funcionarão, na integração conceptual, como elementos organizadores do processo.

Ao contrário da proposta de Kiang (2005), partindo do modelo de Brandt é possível pressupor a existência de um *frame* organizando a construção do significado delirante, sem que este necessariamente possua, *a priori*, uma estrutura análoga aos eventos da experiência do paciente. Pelo contrário seria este *frame* de Relevância o próprio responsável por parte da estrutura final do espaço mescla e, portanto, do significado delirante atribuído pelo paciente a sua experiência.

Essas noções de Espaço Semiótico e *frame* de Relevância podem oferecer alguns elementos para responder os impasses de Kiang (2005). Essa hipótese pode ser corroborada por Harrad (1986), que destaca que alguns sintomas da esquizofrenia são exemplares para se pensar essa psicopatologia como um distúrbio semiótico. Em suas palavras:

Other symptoms taken to be differential for schizophrenia, such as thought insertion, thought roadcasting, thought withdrawal, and running commentary provide further examples of a disordering of the semiotic structure. Conversely, these symptoms do not reflect some sort of linguistic composition disorder; nor do they reflect some sort of "thought" disorder, if by "thought" one means, e.g., logic, reflection on intentionality, evaluation of social performance, etc. (Harrod, 1986, p. 13)

O modelo de Brandt (2005) traz justamente contribuições semióticas às teorias semânticas da Metáfora Conceitual e da Teoria da Mesclagem e, conseqüentemente, pode auxiliar a compreender, através do *frame* de Relevância e do *Espaço Semiótico*, como se dá a seleção e organização desse processo. Em uma breve passagem do texto, e de forma ilustrativa, Brandt e Brandt (2005) sugerem que pacientes com esquizofrenia

tipicamente apresentam dificuldades na interpretação metafórica por não processarem justamente a estruturação relativa ao *frame* de Relevância.

Um tipo de análise como a descrita neste artigo se enquadra dentro da proposta de uma Fenomenologia Estrutural, conforme proposta por Brandt (2004), compreendida como um projeto de se explorar as regularidades do significado experienciado, partindo do pressuposto que essa experiência pode ser dividida em partes mais ou menos estáveis e pode ser analisada e interpretada estruturalmente a partir da linguagem.

Nessa perspectiva, busca-se analisar padrões recorrentes da significação delirante, compreendendo que tal significação é organizada por esquemas cognitivos conforme descrito pelo conjunto teórico apresentado. Seria preciso então uma análise e uma metodologia adequada que visasse a descrever a natureza desses esquemas cognitivos, buscando estabelecer a relação entre tais esquemas e a experiência desses pacientes, numa perspectiva da corporeidade.

A relação entre *frames* importantes para o processo de significação e a noção de domínios de experiência foi especificamente tratada, fora do âmbito das psicopatologias, por Brandt em outro trabalho intitulado *The Architecture of Semantic Domains. A grounding hypothesis in Cognitive Semiotics*. Para o autor, esquemas importantes para a significação são estruturados de acordo com diferentes domínios de experiência, compreendidos não apenas no sentido da experiência sensorio-motora, conforme proposto na teoria dos Esquemas Imagéticos de Johnson (1987), mas na experiência humana como um todo, em suas mais variadas possibilidades (Brandt, 2000).

De acordo com esta visão, diferentes esquemas estão ancorados em um mundo causal, de objetos se movendo de acordo com uma dinâmica de forças, mas também em um mundo de experiências sociais, com seres animados e intencionais; em um mundo de experiências e imagens mentais (sonhos, recordações, desejos, medos, sensações e emoções); e em um mundo de trocas comunicativas, em uma relação face-a-face. Esses tipos básicos de experiência são semioticamente ancorados e, de sua estrutura, decorrem esquemas dinâmicos próprios.

Neste contexto, esquemas são compreendidos como abstrações baseadas em padrões recorrentes de interações que servem de base para a estrutura conceptual. São

gestalt, dinâmicas, compostas de partes organizadas e unificadas em um todo e fundamentalmente ligados à experiência, mais especificamente a padrões de interações que estabelecemos com nosso corpo. A significação está relacionada, então, à projeção da estrutura desses esquemas para outras experiências.

Dentro dos estudos em psiquiatria, a noção de esquema também foi apontada por Muscari (1979) que sugere que estruturas cognitivas imagéticas estão ligadas a noções do próprio ser do sujeito e considera que, aparentemente, pacientes esquizofrênicos não possuem “*imagistic scheme of self, others, and place that is either an ordered world in itself or a logically possible world for us.*” (Muscari, p. 339). Para o autor, a lógica de tais imagens tem de ser condição necessária para qualquer consideração acerca da esquizofrenia.

Alguns desses esquemas, relacionados à estrutura do *self* especificamente, foram trabalhados por Brandt (2007) em um trabalho mais recente intitulado *On Consciousness and Semiosis*. Neste trabalho o autor propõe um Cenário Básico da Consciência, apresentando uma relação fundamental entre a estrutura do *self*, os domínios semânticos e os estudos em semiótica. Para ele, em todos os domínios, somos capazes de reconhecer signos que lhes são característicos: físicos/causais (índices), sócio-convencionais (simbólicos), mentais (conceptuais) e empáticos (icônicos). Esses signos estabelecem relações específicas, semelhantes ao tipo de interação de cada domínio semântico. De cada uma dessas relações decorrem esquemas cognitivos próprios que estão relacionados à forma como ordenamos e damos significado à experiência.

Dessa reflexão, Brandt pensa a constituição da subjetividade e do sistema conceptual a partir de um drama multisubjetivo¹²⁵. Esse drama constitui-se de 3 tipos básicos de interação, essencialmente semióticas e esquematicamente representadas: uma relação entre o sujeito e o objeto (S-O1), via atração indexical; outra relação entre o sujeito e um antagonista (S-O2), em uma relação icônica; e uma relação entre o sujeito e um adjuvante (S-O3), em uma relação simbólica. O autor irá então descrever os esquemas básicos para a consciência em termos das relações semióticas. Esses esquemas, que para Brandt comporiam a parte mais básica da estrutura da consciência, estariam presentes desde o início no processo de significação.

¹²⁵ Multisubjetivo, porque envolve várias subjetividades.

Apesar de não ser explicitamente tratada a natureza da relação entre o Cenário de Consciência e a teoria dos Domínios Semânticos (a não ser indiretamente, mediada por uma análise semiótica), o próprio autor considera, em suas conclusões, que a proposta de estudo do *self* através do cenário de consciência contém, ao menos como embrião, a integração dos domínios semânticos.

Qual a relação entre esses esquemas, especialmente os descritos no cenário de consciência de Brandt, e a significação delirante? Existe uma relação entre o núcleo conceptual de um delírio e a sua expressão em construções gramaticais? Em que medida esquemas distintos estão relacionados a quadros psicopatológicos distintos? Essas são algumas questões que podemos responder a partir de uma investigação ampla no campo das psicopatologias e na qual, sem dúvida, a articulação entre a estrutura do *self*, domínios semânticos e processos de integração conceptual possuem um estatuto central na medida em que oferece o instrumental necessário para uma análise da subjetividade através dos estudos linguísticos e para a construção de novas metodologias para o estudo em psicologia e psiquiatria.

3. Conclusão

A hipótese apresentada neste artigo é que uma análise linguística pode contribuir para se desenhar aspectos da organização cognitiva dos pacientes portadores de esquizofrenia. A Linguística Cognitiva tem caminhado no sentido de desenvolver uma metodologia, baseada na língua em uso, ligada aos estudos de fenômenos cognitivos e subjetivos. Nesse sentido, ela tem o potencial para auxiliar no desenvolvimento de novas formas de abordar os fenômenos psicopatológicos.

A descrição linguística de fenômenos psicopatológicos, especialmente a descrição do processo de significação delirante, a partir do quadro teórico apresentado neste artigo, oferece um novo modelo de pesquisa que tem o potencial de auxiliar na definição de critérios complementares e diferenciais de diagnóstico.

Além disso, tal descrição pode ajudar a esclarecer o que hoje é uma falta de consenso nas definições da esquizofrenia tanto no que diz respeito a sua origem, quanto

à especificação de quais funções estão alteradas nesse quadro. Para Kelly e Murray (2005, p. 63), existe atualmente uma “Torre de Babel de definições operacionais diferentes, algumas das quais, como os critérios do DSM, são modificadas com regularidade desconcertante”. A essa variedade de definições acrescenta-se ainda o caráter algumas vezes arbitrário de certos critérios que, aliados à ausência de fatores etiológicos e patogênicos suficientemente esclarecidos, geram limites pouco nítidos e uma imensa dificuldade de realização do diagnóstico.

Ao estabelecer a relação entre linguagem e cognição, o conjunto teórico apresentado permite, a partir de análises linguísticas, inferir estruturas no nível cognitivo. Esse tipo de análise pode revelar redes conceituais ligadas à maneira como se constrói significado em quadros psicopatológicos. Entendendo a produção linguística, mesmo que singular, de pacientes com quadros de esquizofrenia pode auxiliar na compreensão geral de aspectos tanto da linguagem como das psicopatologias. Além disso, se sintomas como o delírio ou mesmo aqueles sintomas diretamente relacionados à linguagem como “fala desorganizada” (presente no DSM- IV) ou “incoerente” (presente no CID-10) puderem ser descritos através de uma análise linguísticas, isso ajudaria a compor critérios diagnósticos menos subjetivos.

Especialmente o conjunto teórico proposto por Per Aage Brandt em uma série de trabalhos que compõem a proposta da Semiótica Cognitiva parecem fornecer um importante arsenal teórico para se abordar o fenômeno.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. DSM IV. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BLEULER, Eugen. (1916). *Psiquiatria*, 15ªEd. Rio de Janeiro: Guannabara Koogan, 1985.

BRANDT, Line.; BRANDT, Per Aage. Make sense of a blend: A cognitive-semiotic approach to metaphor, *Annual Review of Cognitive Linguistics*, v. 3, n. 1, 2005.

BRANDT, Per Aage. On Consciousness and Semiosis, *Cognitive Semiotics*, v. 1, n. 1 2007.

BRANDT, Per Aage. The Architecture of Semantic Domains. A grounding hypothesis in Cognitive Semiotics. *Revista Portuguesa de Humanidades* v. 4 n. 11, 2000.

BRANDT, Per Aage. *Dynamic schematism and the cognitive semantics of language*. Disponibilizado pelo autor em: <http://www.case.edu/artsci/dmll/larcs/documents/Dynamic_schematismandthecognitivesemanticsoflanguage.pdf>, 2004.

CHAIKA, Elaine.; LAMBE, Richard. Is Schizophrenia a Semiotic Disorder?. *Schizophrenia Bulletin*, v. 12, n. 1, 1986.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 2000.

DELISI, Lynn E. Speech Disorder in Schizophrenia: Review of the Literature and Exploration of Its Relation to the Uniquely Human Capacity for Language, *Schizophrenia Bulletin*, v. 27, n. 3, 2001.

FAUCONNIER, Gilles.; TURNER, Mark. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, Adele E. (Ed.) *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford: CSLI. Distributed by Cambridge University Press, 1996.

HARROD, James B. Schizophrenia as a Semiotic Disorder, *Schizophrenia Bulletin*, v. 12, n. 1, 1986.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. University of Chicago Press, 1987.

KELLY, Jane.; MURRAY, Robin M. Um século de Esquizofrenia é Suficiente?. In: MAJ, Mario e SARTORIUS, Norman. (Org). *Esquizofrenia*, Porto Alegre: Artmed, 2005.

KIANG, Michael. Conceptual blending theory and psychiatry. *Cognitive Science Online*, v. 3, n. 1 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

MORICE, Rodney.; MCNICOL, Don. Language Changes in Schizophrenia: A Limited Replication, *Schizophrenia Bulletin*. v. 12, n. 2, 1986.

MUSCARI, Paul G. Language, Reality, and Schizophrenia, *Schizophrenia Bulletin* v, 5, n. 2, 1979.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. CID-10. vol.1, 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.

PARNAS, Josef. Da definição de Esquizofrenia. In: MAJ, Mario e SARTORIUS, Norman. (Org). *Esquizofrenia*, Porto Alegre: Artmed, 2005.

O significado metafórico nos ditados populares

Marina Chiara Legroski¹²⁶

RESUMO

Neste trabalho, apresentaremos o tratamento e as conclusões chegadas por (Legroski, 2011), que pretende propor um tratamento para os ditados populares imaginando que eles podem ser processados de uma forma análoga ao processamento das metáforas. É fato que há diversas maneiras de pensarmos a metáfora dentro dos estudos linguísticos – em tratamentos que vão do cognitivo àquilo que é estritamente inscrito dentro da língua – e, apesar de a semântica formal não ser a forma mais *mainstream* para se pensar em um fenômeno tão multifacetado quanto a metáfora, parece haver uma forma de propor um tratamento coerente e relativamente consistente dentro de uma teoria com esse tipo de pressuposto. Este trabalho, assim, opta por utilizar a semântica dinâmica como ferramenta para pensar a metáfora contida dentro dos ditados populares. Essa teoria, apesar de ser formal, tenta trazer para dentro do cálculo do significado algum tipo de informação contextual, o que nos parece extremamente pertinente. O que a semântica dinâmica propõe (Vogel 1998, 2001) para a metáfora é pensar nela como uma realização linguística que projeta dois conjuntos de significado: um literal e um não literal. Assim, cada significado metafórico, por meio de uma operação que tem a ver com o contexto da enunciação, é inserido dentro do conjunto de significados literais para aquela instância enunciativa. As implicações disso são graves, principalmente no que diz respeito à concepção de metáfora utilizada pelo autor, que está muito mais próxima do que pensava Davidson (1978) do que pensam Lakoff e Johnson (1980) ou mesmo Black (1981). No entanto, isso nos possibilita incluir no tratamento metáforas mortas (como “*Maria é um doce, João é um gato*, ou mesmo as metonímias) e mesmo os ditados populares, uma vez que sabemos que a sua significação é, de certa forma, estável (pensemos, por exemplo, que não podemos utilizar um ditado popular em qualquer circunstância enunciativa). Dessa forma, este trabalho pretende apresentar uma

¹²⁶

Universidade Federal do Paraná, PR.

forma inovadora de pensar os ditados populares, baseado em uma alternativa interessante de tratamento de metáforas.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; ditados populares; semântica formal.

ABSTRACT

In this paper, we present the treatment and the conclusions reached by (Legroski, 2011) which intends to propose a treatment for popular quotes imagining that they can be processed in an analogous way to the metaphors. It is a fact that there are several ways to think about metaphor in language studies – on treatments ranging from cognitive to what is strictly within the written language – and, although the formal semantics is not the most mainstream way to think of a phenomenon so multifaceted as metaphor, there seems to be a way to propose a coherent and relatively consistent treatment within a theory with this kind of assumption. This work chooses to use the dynamic semantics as a tool for thinking about the metaphor contained within the popular quotes. This theory, although formal, attempts to bring into the account of mean some kind of contextual information, which seems highly relevant. The dynamic semantics that proposes Vogel (1998, 2001) think of metaphor as is a linguistic realization designing two sets of meanings: a literal and a nonliteral. Thus, each metaphorical meaning, through an operation that has to do with the context of utterance, is inserted into the set of literal meanings for that discursive instance. The implications of it are serious, especially with regard to the concept of metaphor used by the author, which is much closer to Davidson (1978) than of what Lakoff and Johnson (1980) or Black (1981) thought. However, this treatment allows us to include in dead metaphors (like “Mary is sweet”, “John is a bull”, or even metonymy) and even popular quotes, since we know that its significance is somewhat stable (consider, for example, that we cannot use a popular quote in any circumstances). Thus, this work intends to present an innovative way of thinking about popular sayings, based on an interesting alternative treatment of metaphors.

KEYWORDS: Metaphor; popular quotes; formal semantics.

Introdução

Pensar o significado de ditados populares por um viés metafórico não é, sem dúvida, a forma mais corriqueira de se olhar para esse fenômeno. Na verdade, a julgar pela experiência que tive com a apresentação da minha dissertação (Legroski, 2011), pareceu mais uma coisa como “colocar o ovo em pé”: não havia nada semelhante a isso na bibliografia a que tive acesso, mas o resultado do trabalho é tratado como algo relativamente óbvio. Parte disso pode se dever ao fato de a maior parte dos estudos a respeito deste fenômeno estar mais preocupada com o seu uso – e, portanto, levando os pesquisadores a concluir que apenas linhas teóricas que trabalhassem com este pressuposto tivessem algo a oferecer – e parte por certo desprestígio de teorias formais no cenário nacional.

O nosso objetivo é demonstrar, no entanto, que nenhuma das razões que levaram o fenômeno a ter sido deixado de lado até o presente momento faz muito sentido, uma vez que, considerando que certos aspectos serão deixados de lado – como acontece generalizadamente com qualquer tratamento científico de qualquer objeto em qualquer área da ciência –, não há razão para não tentar um tratamento diferente. Inclusive, justamente pelo fato de esta abordagem não ser a mais corriqueira é que este trabalho se coloca como uma possibilidade.

Dessa forma, este trabalho apresentará, brevemente, uma caracterização do que são os ditados populares, um breve apanhado teórico a respeito da metáfora dentro dos estudos formais e, por fim, o paralelo que traçamos entre estes dois fenômenos e o tratamento dos dados que apresentamos, como trabalho de um mestrado, em Legroski (2011).

1. Ditados populares

O que estamos chamando de “ditados populares” é aquilo que o senso comum convencionou chamar assim ou, ainda, chama de provérbios. Esse tipo de nomenclatura não é essencialmente acadêmica, mas corresponde exatamente ao fenômeno que é o escopo deste trabalho. Na literatura, encontramos mais comumente a designação “expressões idiomáticas”, embora essa classificação abrigue também algumas

expressões com configurações ligeiramente diferentes. Os ditados populares podem ser entendidos tanto como uma categoria autônoma de expressões idiomáticas quanto como uma subcategoria delas. Como não há unanimidade a esse respeito, essa é uma questão que deixaremos de lado, embora prefiramos a hipótese de que se trate de um tipo de expressão idiomática com um funcionamento um pouco distinto.

Quando olhamos para a definição de expressões idiomáticas, encontramos a seguinte constatação de Pottier: “as lexias são formadas ao atingir um grau de aderência tão forte entre os termos que se tornam estáveis como um vocábulo, apresentando, assim, as características essenciais da palavra: a inseparabilidade e irreversibilidade das partes articuladas.” (Pottier apud Cardoso, 2008, p. 118).

Essa não parece ser uma característica dos ditados populares, porque apesar de eles terem um grau de aderência forte, suas partes não são completamente inseparáveis ou irreversíveis (pensemos, por exemplo, em situações nas quais o ditado é apenas parcialmente enunciado, como “*Quem semeia ventos...*” ou “*(...) A César o que é de César...*”, ou, ainda, em um enunciado como “*O coração não sente o que os olhos não veem*”, na qual a ordem canônica do ditado foi invertida).

Outra diferença bastante importante dos ditados populares em relação às expressões idiomáticas prototípicas é o fato de que, enquanto estas se aplicam a diversas situações, os ditados populares parecem trazer certa “verdade geral”, ou uma aplicabilidade a uma gama de situações delimitada por certas características comuns, ou seja, se aplicam apenas em contextos mais restritos.

É pertinente destacar o que Biderman (2005) afirma sobre os ditados populares. Para ela, esse seria “o caso mais extremo de unidade complexa e heterogênea” (Biderman, 2005:756). Por apresentar uma grande rigidez, esse tipo de expressão não é entendido como uma sequência discursiva, mas sim como um fruto da cultura, herdada junto com o léxico.

É preciso enfatizar que a questão das EIs [expressões idiomáticas] nos remete ao domínio da norma e não da língua. Assim sendo, [os ditos populares] são aprendidos de cor como se aprende o vocabulário do idioma e eles fazem parte do acervo da cultura e não do sistema linguístico. Por outro lado, sabemos

que estas expressões vão sendo armazenadas na memória individual e na memória coletiva e passam a fazer parte do léxico da língua. (Biderman, 2005, p.756)

Corazzari (2005) acrescenta mais uma voz a essa discussão. Para ela, “cada termo deste sintagma [um ditado popular] não conserva sua identidade própria e se torna assim não-analisável. Por essa razão, os constituintes de uma EI que seja ao mesmo tempo um ditado popular se tornam indissociáveis, não permitindo a supressão ou acréscimo de um elemento. As EIs são típicas de uma nação e enraizadas na sua cultura.” (Corazzari, 2005, p.756), embora nós possamos objetar que há expressões idiomáticas que se repetem em culturas distintas, o que modularizaria a interpretação dessa afirmação.

Como já deve ter ficado claro, não concordamos com a ideia de que as expressões idiomáticas não podem ser tratadas formalmente e nossa tentativa a esse respeito é discutir suas possibilidades de tratamento.

Poderíamos, por exemplo, categorizar essas expressões de acordo com a sua semântica. Numa teoria de tipos semânticos, como utilizada pela Gramática Categorial, o conjunto das expressões idiomáticas poderia ser classificado, juntamente com as demais expressões da língua, como argumentais (que denotam uma entidade do tipo $\langle e \rangle$), ou como predicativas (que denotam uma propriedade, como $\langle e, t \rangle$). Dessa forma, haveria expressões do tipo “o bode expiatório” que denotariam um indivíduo, cuja categoria seria $\langle e \rangle$, e expressões como “perna de pau”, do tipo $\langle e, e \rangle$; expressões como “quebrar a cara”, “bater as botas”, que selecionariam um $\langle e \rangle$ e são, portanto, do tipo $\langle e, t \rangle$. No entanto, como esse tipo de semântica não diferencia as expressões idiomáticas das outras, ela não é suficiente para a explicação que pretendemos atingir.

Como essa perspectiva semântica não está preocupada diretamente com o significado intensional dessas expressões e, sim, com a sua denotação, não nos deteremos nesse tipo de classificação. A semântica que queremos propor aqui, longe de não ser formalizável, precisa estar preocupada não apenas com a denotação ou com as condições de verdade, mas também com a não-composicionalidade e com o significado não literal dessas expressões.

Aparentemente, há algo no interior da significação das expressões idiomáticas que é mais ou menos estável, mais ou menos calculável: não se diz, por exemplo, em uma situação em que o filho de um escritor famoso se torna também um renomado escritor que “em casa de ferreiro o espeto é de pau”, por exemplo.¹²⁷ Assim, parece que estamos diante de um fenômeno linguístico que, ao mesmo tempo em que possui uma significação não-composicional e, portanto, deveria estar excluído dos estudos da semântica, faz uso de mecanismos muito semelhantes àqueles que utilizamos para interpretar expressões metafóricas, discutidas e analisadas por teorias filiadas a essa disciplina.

Não é óbvio, no entanto, que toda expressão com significado conotativo traga à tona uma “novidade”: algumas dessas expressões não têm mais *status* de metáfora, sejam os casos de certos tipos de metáforas já lexicalizadas, como “Maria é um doce”, “João é uma baleia” e “Pedro é um gato”, por exemplo, ou os casos de metonímia e sinédoque. Essas expressões, como muitas outras, são um caso cuja significação pode ser deduzida, de certa forma, *a priori*. Além disso, se pensarmos em termos pragmáticos, esses usos linguísticos se dão em contextos bastante previsíveis, e parece pouco provável que alguém se interesse em gastar tempo ‘desvendando’ os enigmas desse tipo de metáfora. As mais interessantes, acredito, são aquelas cuja significação precisaríamos depreender no momento da enunciação.

Por outro lado, há algo nos ditados populares que os torna diferentes da metáfora – entre outras coisas, porque a sua significação é estável e dada *a priori*. Dessa forma, parece que estamos diante de um fenômeno que apresenta traços marcantes de sua significação dependendo tanto do nível pragmático quanto do semântico. Longe de precisar ser um fenômeno excluído pelas duas teorias, as metáforas podem ter um tratamento dentro da semântica formal por meio da semântica dinâmica, uma corrente bastante desenvolvida na Holanda, criada por Jeroen Groenendijk e Martin Stokhof. A

¹²⁷ Por outro lado, pode-se argumentar, com base nas máximas conversacionais de Grice, que se um interlocutor de fato emprega esse “dito popular” nessa situação está querendo significar alguma outra coisa. Não é, entretanto, o que estou querendo dizer. Evidentemente, falantes podem fazer coisas muito inusitadas com a língua, e podem inclusive trabalhar com as nuances de significado entre “famoso escritor” e “renomado escritor”, mas a questão é puramente de adequação à situação.

aplicação que pretendemos fazer da semântica dinâmica à aos ditados populares será discutida adiante.

2. A metáfora na semântica

Antes, porém, de entrarmos diretamente no tratamento que a semântica dinâmica apresenta para as metáforas, é necessário demonstrar que há certa consistência em pensar este fenômeno dentro de um viés formal. Apenas para ilustrar, traremos aqui o que Davidson (1978) propõe. Este texto é um divisor de águas dos estudos da metáfora, pois, a partir dele, um semanticista formal poderia ou concordar com o autor e, com isso, negar que as palavras possuam um sentido metafórico capturável pela semântica (o que significa dizer que a metáfora é uma questão do uso e não do significado, principalmente a partir de uma filiação fregeana, como é o caso de Davidson), ou discordar dele, e partir então para novos postulados, novas formas de entender o que há por trás desse processo.

Para Davidson, e para diversos semanticistas que vêm em sua esteira, a metáfora não possui nada de especial além daquilo que qualquer outra operação linguística possui. Além disso, Davidson afirma que todas as discussões levantadas sobre a metáfora não passam de versões diferentes da mesma ideia: a de que é possível pensar que ela se trata de uma comparação entre dois termos. “A ideia aparece em textos que sustentam que uma paráfrase literal de uma metáfora pode ser produzida, mas também é compartilhada por aqueles que argumentam que nenhuma paráfrase tipicamente literal pode ser encontrada”. (Davidson [1978] 2006, p. 210)¹²⁸

Para sustentar essa visão de metáfora dentro de uma semântica de valores de verdade, Davidson afirma que não é necessário pensar que as palavras, quando têm uso metafórico, possuam condições de verdade diferentes das que têm em usos normais.

Ainda, esse ponto de vista também vê a metáfora como uma forma de comunicação paralela à linguagem comum, a metáfora

¹²⁸ “The idea appears in writings which maintain that a literal paraphrase of a metaphor can be produced, but it is also shared by those who hold that typically no literal paraphrase can be found.”

transporta verdade ou falsidade sobre o mundo assim como a linguagem mais simples, embora a mensagem possa ser considerada mais exótica, mais profunda ou mais revestida de perspicácia. (Davidson [1978] 2006, p. 210)¹²⁹

Apesar disso, o ponto de Davidson não é afirmar que as metáforas não tenham sentido ou que não sejam um fenômeno da linguagem. Seu ponto é dizer que o fato de as metáforas não poderem ser parafraseadas não significa que elas dizem algo tão novo que não possa ser captado pelo sentido literal, mas, simplesmente, que não há nada para ser parafraseado, uma vez que, para ele, a metáfora não é nada além de mais um dos sentidos possíveis para aquela palavra.

Apesar de mencionar rapidamente que a ideia da metáfora clássica é repetida até hoje pelo tratamento relacionado à similaridade, Davidson não foge muito dessa concepção clássica ao formular a seguinte comparação: podemos dizer que duas coisas no mundo são “rosas” se elas compartilharem os mesmos predicados, as mesmas características de rosas, ou seja, se for verdadeiro que cada uma delas é uma rosa.

Porém, isso não significa dizer que Davidson afirma que a metáfora é uma relação de similitude, como ficará mais claro adiante. Segundo o autor, podemos dizer coisas como “O espírito de Deus moveu a face das águas” e pensar que, em um sentido amplo de “face”, essa palavra poderia ser aplicada à água. Esse sentido amplo, segundo ele, não seria nada mais que pensar que o conjunto dos significados dessa palavra conteria, agora, um novo elemento: água. Porém, segundo ele, é possível pensar que a água realmente tenha uma face, então esse uso metafórico não seria nada além de acrescentar mais um significado à palavra tomada literalmente. Pensar dessa forma, segundo Davidson, implicaria que “fazer uma metáfora é assassiná-la”¹³⁰ (Davidson [1978] 2006, p. 212), porque cada vez que uma metáfora fosse colocada em cena, a extensão do conjunto da palavra estaria aumentando.

¹²⁹ “*Yet this view too sees metaphor as a form of communication alongside ordinary communication; metaphor conveys truths or falsehoods about the world much as plainer language does, though the message may be considered more exotic, profound, or cunningly garbed.*”

¹³⁰ “*To make a metaphor is to murder it.*”

Davidson levanta, ainda, uma questão sobre o que é o “significado original” de uma palavra porque, segundo ele,

quer a metáfora dependa de um significado novo ou expandido, quer não, ela certamente depende de alguma forma do significado original; um tratamento adequado da metáfora precisa permitir que os significados primários ou originais das palavras permaneçam ativos na sua configuração metafórica. (Davidson [1978] 2006, p. 212)¹³¹

Esse sentido original, aparentemente, está relacionado com o que é o “sentido literal” de uma palavra ou, ainda, com o significado prototípico de uma palavra. Para o autor, dificilmente estaria correta uma teoria que postulasse que uma palavra com sentido metafórico é ambígua (ou seja, tem um sentido metafórico e outro não) e que isso seria determinado pelo contexto, porque isso acarretaria que qualquer usuário da língua identificasse prontamente se o contexto exige um significado ou outro. Além disso, pensar na metáfora como ambiguidade implicaria a coexistência de dois significados, pois se esperaria que o interlocutor captasse dois significados simultaneamente, enquanto um uso metafórico aniquila a ambiguidade ao prever apenas uma interpretação.

Outro problema que o autor aponta a respeito de uma teoria desse tipo é que ela não explica como se dá a transição de um significado para ou outro. “A regra, pelo menos em muitos casos prototípicos, diz que em seu papel metafórico a palavra se aplica a tudo a que se aplicaria em seus sentidos literais e, então, a outros”. (Davidson [1978] 2006, p. 213)¹³². Segundo Davidson, apesar de parecer complexo, pensar dessa forma é bastante semelhante a pensar como Frege, quando este propôs um tratamento para atitudes proposicionais, como crença e desejo. Nesse tratamento, cada termo possuiria pelo menos dois significados: um ancorado em contextos normais e o outro

¹³¹ “Whether or not metaphor depends on new or extend meanings, it certainly depends in some way on the original meanings; an adequate account of metaphor must allow that the primary or original meanings of words remain active in their metaphorical setting.”

¹³² “The rule, at least for many typical cases of metaphor, says that in its metaphorical role the word applies to everything that it applies to in its literal roles, and then some.”

ancorado em contextos especiais, introduzidos por operadores modais ou por verbos psicológicos. “A regra que conecta os dois significados pode ser posta desta forma: o significado da palavra em contextos especiais torna a referência nesses contextos idêntica à do significado em contextos usuais”¹³³ (Davidson [1978] 2006, p. 213). De qualquer forma, estaríamos pensando em palavras com várias referências por meio de uma regra que as relacionasse e, ainda assim, não estamos livres do problema para identificar o que Davidson chamou de “significado original”.

Apesar de ter sofrido uma drástica simplificação, o ponto principal do pensamento de Davidson, espero, deve ter ficado claro. Para ele, não faz sentido pensarmos na metáfora como uma relação de similaridade, porque a similaridade entre duas coisas se dá quando elas compartilham os mesmos predicados e, na sua concepção, não há esses **mesmos** predicados a serem compartilhados. Nesse caso, portanto, não faz sentido sequer pensar em paráfrases. O que resta, então? Qual a regra para a interpretação de uma metáfora quando é sabido tratar-se de uma? Para Davidson, o que diferencia uma sentença metafórica de uma sentença literal é o seu contexto de uso. E, dentro das possibilidades teóricas do autor, isso significava deixá-la relegada aos estudos da pragmática.

Por termos condições de pensar em uma teoria que leve em conta o contexto sem que ela seja, necessariamente, pragmática, discordamos do ponto de vista de Davidson (1978) e esperamos responder a algumas dessas questões a seguir.

3. A proposta da semântica dinâmica

Há fenômenos linguísticos que não são suficientemente descritos e explicados por algumas teorias – tanto as metáforas quanto os ditados populares ainda têm zonas obscuras em seu funcionamento. Isso poderia levar a um debate interno sobre o poder heurístico de tais teorias e ocasionaria, possivelmente, o aparecimento de uma

¹³³ “The rule connecting the two meanings may be put like this: the meaning of the word in the special contexts makes the reference in those contexts to be identical with the meaning in ordinary contexts.”

alternativa teórica capaz de dar conta do fenômeno em questão. Por vezes o debate pode ser tão impactante que leva ao surgimento de uma nova disciplina.

No entanto, as semânticas dinâmicas não parecem um caso prototípico disto que estamos afirmando. É cedo para afirmar que elas sejam uma protodisciplina, mas parecem compartilhar tanto de características de uma semântica formal (por se apoiarem na lógica) quanto trazerem algo inovador: incluir em sua epistemologia o contexto, tradicionalmente legado à pragmática.

Ao contrário do que acontece com as semânticas formais, capazes de calcular o significado de uma proposição isolada de seu contexto por meio de suas condições de verdade, as correntes teóricas dinâmicas entendem que o significado não é determinado dessa forma, mas pelo “potencial de mudança de contexto” que ela traz consigo. Assim, “conhecer o significado de uma sentença é conhecer o modo como ela muda um contexto” (Groenendijk e Stokhof, 1996, p. 01)¹³⁴.

Os autores Martin Stokhof e Jeroen Groenendijk (1999) afirmam, ainda, que a diferença essencial entre essas duas concepções teóricas semânticas não é admitir que a interpretação das sentenças dependa do contexto – porque isso também é assumido pela semântica formal, uma vez que as condições de verdade são parâmetros dentro dos quais uma sentença se revela verdadeira ou falsa dentro de um mundo possível –, mas que, além disso, um enunciado é capaz de alterar e mesmo criar o contexto.

Groenendijk e Stokhof (1999) acrescentam ainda que

ao considerar tanto a dependência quanto a alteração do contexto, as abordagens dinâmicas para a interpretação se defrontam com o círculo hermenêutico. Obviamente, não é a observação da interdependência entre o contexto e a interpretação que é original, mas sim sua incorporação a um empreendimento formal. (Groenendijk e Stokhof, 1999, p. 04)¹³⁵

¹³⁴ “*to know the meaning of a sentence is to know how it changes a context.*”

¹³⁵ As citações desse texto correspondem à tradução feita pelo professor Luiz Arthur Pagani, disponível em <http://people.ufpr.br/~arthur/>

Além disso, da comparação entre essas duas vertentes emerge uma diferença metodológica: enquanto a semântica formal toma por objeto de análise as sentenças, a semântica dinâmica parte de fragmentos de discurso. Para Groenendijk e Stokhof, a ideia não é mais que as sequências de sentenças sejam atiradas na “lata de lixo”, mas, “ao invés disso, elas são consideradas noções centrais da semântica e, portanto, do significado. Esta sim pode ser considerada uma inovação”. (Groenendijk e Stokhof, 1999, p. 02) Portanto, não se trata simplesmente de uma escolha pela inclusão do contexto, mas da escolha de um aparelho formal capaz de explicar as “intervenções” do contexto no significado.

Outra assunção da semântica dinâmica, segundo os autores, é identificar o contexto com um “estado informacional” e o significado de uma sentença com uma “função de atualização dos estados informacionais”. O conceito de *informação* pode nos levar a pensar que, em geral, informações são geralmente incompletas ou não verdadeiras: grande parte daquilo que acreditamos saber não é verdadeiro. Porém, isso não impossibilita que as informações possam ser analisadas.

De acordo com os autores, é possível conceber que nosso estado informacional é um conjunto de possibilidades, “mais especificamente, as possibilidades que se mantêm abertas de acordo com as informações” (Groenendijk e Stokhof, 1999, p. 05). Dessa forma, teríamos um pano de fundo conversacional modalizado pela situação. “Se as informações dizem respeito ao ‘mundo’, um estado informacional pode ser identificado com um conjunto de mundos possíveis, mais especificamente, aqueles mundos que forem compatíveis com nossas informações (parciais).” (1999:05).

Para os autores, então, cada conjunto de possibilidades seria uma extensão¹³⁶ de um mundo diferente, que seria ajustado de acordo com a situação enunciativa em questão.

Cada um desses mundos representa uma condição diferente na qual o mundo real poderia estar de acordo com o desenrolar das informações. Desta perspectiva, o acréscimo de informações

¹³⁶ Utilizamos aqui o termo extensão, como na lógica, para nos referirmos ao significado extensivo, ou seja, ao conjunto de indivíduos que podem ser caracterizados por meio de um mesmo predicado. Falar que cada conjunto de possibilidades seria uma extensão de um mundo diferente, nesse caso, significa dizer que, em cada mundo possível, teríamos um conjunto de informações denotado e ativado por aquelas informações.

sobre o mundo acarreta a eliminação de determinadas possibilidades. Se um estado informacional é atualizado através de uma sentença, os mundos nos quais aquela sentença é falsa são eliminados, restando apenas os mundos nos quais aquela sentença for verdadeira. (Groenendijk e Stokhof, 1999, p. 05)

Pensar em uma semântica dinâmica, porém, reserva descobertas ainda mais interessantes. Uma delas é a contraposição que Groenendijk e Stokhof fazem dessa perspectiva em relação às condições de verdade. Segundo eles, há um problema em pensar no significado dinâmico em relação às condições de verdade, principalmente porque as condições de verdade se atualizam junto com o discurso. Para os autores, não seria necessário propor uma nova nomenclatura caso as condições de verdade, como as conhecemos, fossem capazes de dar conta daquilo que eles pretendem explicar.

Porém, esse não é o único motivo pelo qual os autores pretendem suplantar a noção de condições de verdade. “(...) Existem diversos motivos para se afirmar que o conteúdo de condições de verdade não é a noção básica que lubrifica as engrenagens do mecanismo de interpretação.” (Groenendijk e Stokhof, 1999, p. 05).

Assim, segundo Groenendijk e Stokhof,

A partir do ponto de vista da semântica dinâmica, estas duas sentenças diferem no modo como elas alteram as informações. Porém, o que está em questão nestas sentenças não é a informação sobre o mundo em si, já que seus conteúdos de condição de verdade são os mesmos, mas outro tipo de informação que é transmitido através do discurso. Aparentemente, os estados informacionais não dizem respeito apenas ao mundo descrito pelo discurso, mas também ao próprio discurso. Portanto o significado não visa apenas uma realidade extra-linguística, mas também engloba elementos que, num certo sentido, são 'auto-referenciais'. Não é apenas o que é descrito que pertence ao significado e que exerce um papel no processo de interpretação, mas também a forma como isso é feito. (Groenendijk e Stokhof, 1999, p. 05)

O contexto, para essa teoria, precisa ser definido cuidadosamente, porque é a ele que se atribui a capacidade de alternar os “mundos possíveis” nos quais a informação pode ser ancorada. Dessa forma, a semântica dinâmica conta com uma “perspectiva representacional”, que permite que a representação do discurso seja feita passo a passo. Segundo esses autores, “esta representação constitui o contexto para a interpretação da próxima sentença” além de que “a contribuição desta sentença consiste no acréscimo de 'referentes discursivos' e de restrições para suas interpretações” (Groenendijk e Stokhof, 1999:06).

As estruturas de representação discursiva, afirmam os autores, apesar de não serem informações, as representam. Esse material, afirmam os autores, é linguístico, e não apenas semântico, o que evidencia certo afastamento desses dois pólos dentro dessa perspectiva, ainda que não tenha ficado muito claro qual é o ponto dessa diferenciação.

A dinamicidade, porém, não está no significado:

A interpretação das estruturas de representação discursiva assume o formato padrão de uma definição (estática) de condições de verdade. Portanto, o significado por si mesmo não é uma noção dinâmica: o significado de uma representação e, portanto, o (pedaço do) discurso que ele representa, é identificado com o conjunto de modelos (mundos possíveis) nos quais a representação é verdadeira. (Groenendijk e Stokhof, 1999, p. 06)

A interpretação só se torna dinâmica no processo de representação passo a passo e não na representação como um todo. Ou seja, não basta dizer que temos um modelo dinâmico, é necessário que essa dinamicidade se traduza na medida em que as informações vão atualizando o contexto. De acordo com o raciocínio de Groenendijk e Stokhof, o que diferencia uma perspectiva dinâmica representacional de uma semântica dinâmica é que

Numa semântica dinâmica, os contextos não são representações de informações, mas sim as próprias informações; ou seja, são objetos semânticos, e não objetos linguísticos. Dessa maneira, a dinâmica é uma característica intrínseca dos significados das

expressões, e não do processo através do qual as representações são construídas. Consequentemente, numa semântica dinâmica, um nível representacional é, por princípio, supérfluo, o que significa que as possíveis implicações mentalistas podem ser evitadas. (Groenendijk e Stokhof, 1999, p.06)

Como vimos até agora, a semântica dinâmica dialoga com a epistemologia da semântica formal e é dentro desse tipo de teoria que pretendemos apontar uma solução para o problema das metáforas.

3.1 O tratamento dinâmico da metáfora

Como temos visto, é fundamental para uma disciplina que ela tenha seus objetos de estudo perfeitamente delimitados. A metáfora, dessa forma, ficou de fora de alguns recortes formais, embora tenha sido incorporada por outras. Percy (1958) afirma que “a filosofia formal da linguagem foi influenciada pelas opiniões segundo as quais a metáfora, como uma forma de linguagem não literal, é essencialmente defeituosa ou não mais que ornamental, mesmo que seu uso incorra em *insights* cognitivos” (Percy, 1958, apud Vogel, 2001, p.03)¹³⁷, ou seja, parece consenso que a metáfora é deixada de lado por tratamentos formais por estar fora do recorte epistemológico proposto por eles.

Vogel (2001) afirma, no entanto, que existem diversas teorias com motivações e pressupostos diferentes entre si unidas pelo interesse sobre a metáfora. Uma dessas teorias, precursora do pensamento sobre as metáforas como parte da cognição, é a de Lakoff e Johnson (1980), na qual os autores a definem como sendo o processo de base da apreensão de conceitos abstratos. Para esses autores, é a partir de certos conceitos concretos (que aprendemos com base na nossa apreensão física do mundo – noções como *frente* e *atrás*, *acima* e *abaixo*, *movimento* ou *estagnação*) que chegamos a conceitos abstratos (como *futuro* e *passado*, *coisas positivas* e *negativas*, por exemplo).

¹³⁷ “*Formal philosophy of language has been influenced by opinions that metaphor, as a form of nonliteral language, is essentially defective or no more than ornamental, even if its use does offer cognitive insights.*”

Há, por outro lado, perspectivas de abordagem da metáfora que estão “no meio do caminho”, segundo Vogel; ou seja, nem só devotadas ao sentido literal, nem só devotadas a explicar o seu uso em proposições. Essas seriam “pesquisas em inteligência artificial que analisam a metaforicidade através de processamento de modelos” (Vogel, 2001, p.03)¹³⁸. Esses modelos de processamento assumem que o significado de uma metáfora provém da comparação entre domínios, ou seja, parecem trabalhar muito de perto com a definição clássica de metáfora. Assim, a crítica feita por Vogel a esses modelos consiste em que eles não são capazes de fornecer uma teoria a respeito da significação não literal. O objetivo do autor, portanto, é apresentar uma teoria capaz de integrar um modelo formal de semântica e de sintaxe com as expressões metafóricas. Ele afirma que

(...) os significados devem remeter a sentenças metafóricas usando o mesmo aparato formal que os sentidos literais, ainda que com o *locus* da metaforicidade apropriadamente identificado dentro do sistema. O principal ponto é demonstrar que a metaforicidade não está fora do alcance da semântica da língua natural.¹³⁹ (Vogel, 2001, p. 04).

As condições de verdade, para Vogel, são uma parte profundamente essencial do significado de uma sentença, porque é através delas que as extensões do significado se dão e é a partir desses conjuntos que o processamento da metáfora pode se estabelecer. Sem esse tipo de cálculo – mesmo que os conjuntos resultantes das condições de verdade sejam mal formados ou deficitários, conforme ressalta o autor – não pode haver o que ele chama de “individualização”, ou seja, não se podem mapear as características da extensão de cada item lexical para que uma comparação seja possível. Vogel vai além e

¹³⁸ “(...) *research in artificial intelligence that analyzes metaphoricity through process models.*”

¹³⁹ “*It is an assumption of this paper that meanings must be delivered for metaphorical sentences using the same formal apparatus as the literal senses, albeit with the locus of metaphoricity appropriately identified within the system. A major point is to demonstrate that metaphoricity is not outside the remit of natural language semantics.*”

afirma que “a metáfora traz uma mudança de conceitos possíveis. Ela está no coração da ontogênese da língua literal”¹⁴⁰. (Vogel, 2001, p. 05)

Em geral, as condições de verdade de uma metáfora são tratadas como sendo trivialmente falsas e, quando negadas, trivialmente verdadeiras. Vogel acrescenta que, no entanto, as comparações (que ele afirma serem “contrapartes da metáfora”) não podem ser falsas. “Isto é bastante conhecido, assim como o fato adicional de que uma asserção metafórica pode ser verdadeira ou falsa em seus próprios termos não-literais”¹⁴¹ (Vogel, 2001, 05), ou seja, é possível pensarmos em valores de verdade que incluam o estatuto metafórico da sentença.

No entanto, reitera Vogel, abordagens semânticas têm, em geral, concordado com a visão de Davidson (1984), segundo quem “a metaforicidade é uma propriedade do uso da língua e, portanto, não é da conta dos semanticistas” (Vogel, 2001, p. 05)¹⁴². No entanto, o autor considera esse tipo de visão extremamente pessimista, fato pelo qual demonstrou em Vogel (1998) que certos aspectos da pragmática podem ser recuperados em outros tipos de modelos teóricos.

O autor complementa afirmando que as “metáforas envolvem, e seu primeiro uso cria, sentidos especiais para as expressões em questão” (2001:06)¹⁴³. É nessa perspectiva do uso primeiro de uma metáfora que estamos tentando aproximar os ditados populares, também em seu primeiro uso – ou na primeira vez que o falante consegue compreender a expressão não-composicionalmente.

A proposta de Vogel (1998) é a de que uma linguagem lógica, de predicados de primeira ordem, é capaz de dar conta de enunciados literais e não literais, diferenciando as duas possibilidades. Aparentemente, a ideia é que cada palavra irá projetar dois

¹⁴⁰ “*Metaphor brings about a change of possible concepts. It is at the heart of the ontogenesis of literal language.*”

¹⁴¹ “*This is well-known, as is the additional fact that a metaphorical assertion can be true or false in its own nonliteral terms.*”

¹⁴² “*Davidson(1984), in fact, argues that metaphoricity is indeed a property of language use, and hence not the business of semanticists.*”

¹⁴³ “*Metaphors involve, and their first uses create, special senses of the expressions at stake.*”

conjuntos de significados, um com os literais e outro, vazio a princípio, com os não-literais. Vogel afirma que

Isto significa que em um sistema formal bastante simples, que seja completamente extensional na sua análise do significado (no qual o significado de um termo é completamente especificado pelo conjunto de itens que o termo verdadeiramente denota), é possível fornecer um tratamento da metaforicidade em língua natural. Uma vantagem de uma abordagem lógica, como a proposta aqui (...) está em sua metodologia: nós entendemos completamente a sintaxe e semântica dessa língua, e, por isso, podemos ser totalmente explícitos em formular a teoria da metáfora nesses termos, bem como a forma pela qual a teoria da metáfora integra outros fenômenos semânticos. (Vogel, 2001, p. 07)¹⁴⁴

No entanto, o modelo lógico que Vogel propõe difere, segundo ele próprio, em dois pontos do uso clássico do modelo dos predicados de primeira ordem: o primeiro é que esses significados denotariam, de saída, dois conjuntos de significados extensionais; o segundo, é que essa “técnica” adota os pressupostos da semântica dinâmica, que considera que a interpretação das sentenças trará uma mudança para o contexto, ou seja, que cada proposição enunciada serve de *input* para a proposição subsequente. Segundo Vogel, “certas expressões não literais têm a capacidade de adicionar elementos aos conjuntos de predicados característicos envolvidos na sentença metafórica em questão” (Vogel, 2001, p. 07)¹⁴⁵, ou seja, expressões metafóricas são capazes de mudar o

¹⁴⁴ “*This means that in a very basic formal system, one which is completely extensional in its analysis of meaning (in that the meaning of a term is fully specified by the set of items that the term truthfully denotes), it is possible to provide an account of metaphoricity in natural language. An advantage of a logical approach such as the one proposed here (...) is in its methodology: we understand completely the syntax and semantics of the language, and therefore we can be fully explicit in stating the theory of metaphor in its terms, as well as how the theory of metaphor integrates with other semantic phenomena.*”

¹⁴⁵ “*Essentially, certain nonliteral expressions have the capacity to add elements to the characteristic sets of predicates involved in the metaphorical sentence under interpretation.*”

contexto, como todas as outras sentenças, além de selecionar o conjunto de extensões que vão projetar a depender desse mesmo contexto.

Aparentemente, o grande ganho teórico que Vogel pretende é de, em apenas um modelo, poder dar conta de dois tipos de interpretação para os dados: o literal e o não-literal, sem procurar prever qual dos dois está sendo usado naquele determinado contexto. “Além disso, essa abordagem acomoda o aspecto dinâmico do significado na linguagem não literal – interpretar uma sentença não literal estende o significado dos predicados em questão pela adição de entidades predicativas não literais para o conjunto de características correspondente.” (Vogel, 2001, p. 08)¹⁴⁶.

Um problema desse modelo, apontado pelo próprio autor, é que não é possível barrar algum dos significados e nem mesmo a multiplicidade de significados metafóricos que seria possíveis em determinados contextos. O exemplo que ele dá é que dizer “Leslie é uma biblioteca” pode significar tanto que ela sabe muita coisa quanto que ela vive emprestando livros. Nenhum dos dois significados é literal, mas o modelo não dá conta de decidir, dentro do conjunto de significados não literais, qual dos dois é o da sentença. Vogel atribui isso a uma ineficiência de qualquer modelo semântico em lidar com ambiguidade. Particularmente, acreditamos que esse tipo de coisa que pode ser resolvido pelo contexto (que é incorporado nessa teoria) da enunciação assim como qualquer outra ambiguidade e, portanto, não deveria ser uma preocupação nesse momento, embora admitamos que esse é um problema do modelo atual.

A ideia central dessa teoria, como vimos, é mostrar que a metáfora pode ser tratada formalmente dentro do escopo de uma teoria que leve em consideração uma semântica de base formal. No entanto, a formalização *per se* não diz absolutamente nada sobre o fenômeno: ela é apenas uma possibilidade a partir da teorização feita. Dessa forma, não nos deteremos aqui em apresentar a formalização, mas em apresentar o raciocínio que está por trás dela.

Para Vogel *et alii* (1997), aplicar esse método de análise é inovador por ele estar preocupado com a interpretação entre sentenças, e não com a interpretação de apenas

¹⁴⁶ “Moreover, the approach accommodates the dynamic aspect of meaning in such nonliteral language - interpreting a nonliteral sentence extends the meaning of predicates at issue by adding nonliterally predicated entities to the corresponding characteristic sets.”

uma delas. O modelo serve apenas para expressões metafóricas com cópula, que são a estrutura mais comum para esse tipo de expressão. Assim, Vogel *et alii* (1997) apresentam duas formas de predicção possíveis: **ser**_{lit+} (literal) e **ser**_{lit-} (metafórica).

Segundo os autores, nada interessante acontece com **ser**_{lit+}. A parte mais interessante é a que acontece com **ser**_{lit-}. “O efeito da definição para **ser**_{lit-} é adicionar ao sujeito a extensão do predicado, se (por acaso) ele não estiver lá já na interpretação inicial”¹⁴⁷ (1997:05) e, além disso, “a extensão de sentido é modelada aumentando a extensão do predicado envolvido”¹⁴⁸ (1997:05). Dessa forma, predicar sobre determinado indivíduo algo metafórico não é predicar algo trivialmente falso a respeito dele, mas realizar uma operação metafórica devidamente identificada pelo modelo. Essa operação acarreta a ampliação do conjunto de denotações daquele predicado.

Se pensarmos, por exemplo, em “palito”, consideremos que “palito” denota, extensionalmente, um conjunto de indivíduos recobertos pela intensão “ser roliço”, “ser de madeira” etc. Assim, quando dizemos “João é um palito”, em que “ser palito” é tomado como não literal (**ser**_{lit-}), o que esse predicado faria, segundo Vogel, é adicionar à extensão do conjunto definido por **ser palito**_{lit+} o indivíduo João, provocando assim a ampliação do conjunto das denotações originais.

Para ilustrar o que vem a ser essa solução, os autores apresentam a seguinte formulação sobre a extensão do sentido.

Ao invés de considerar a verdade relativa a um domínio e a uma função de interpretação, nós permitimos que a interpretação de uma sentença amplie a função de interpretação em jogo. É a semântica dinâmica que usa a função de interpretação como *input* e *output* para o processamento da sentença. As sentenças literais certamente não ampliam a função de interpretação. O uso de uma nova metáfora, por outro lado, tem o efeito de

¹⁴⁷ “The effect of the definition for **is**_{lit-} is to add the subject to the extension of the predicate, as (by hypothesis) it is not there in the initial interpretation.”

¹⁴⁸ “Sense extension is modeled by increasing the extension of the predicate involved.”

ampliar a extensão do predicado metafórico a fim de incluir a entidade (ênupla) na predicação. (Vogel et alii, 1997, p. 06) ¹⁴⁹

Assim, a metáfora é caracterizada como a possibilidade de aumentar o conjunto possível das denotações daquele predicado, ou seja, é uma função que amplia o conjunto inicial de significados daquela palavra. A semântica dinâmica prevê que as sentenças precisam estar encadeadas e que servem de *input* ou *output* para outras a fim de que o enunciado seja interpretado como um todo. Assim, o que é “literal” para essa teoria é o que é literal para aquele momento de enunciação, a partir da extensão ampliada do predicado em questão.

Além disso, essa vertente teórica torna as extensões da interpretação inicial preservadas, *i.e.*, não se trata de negar ou alterar uma interpretação inicial, qualquer que ela tenha sido, pois os “acarretamentos que sustentam a interpretação não são afetados pela extensão não literal” (1997:07). Os autores acrescentam, ainda, que

Contudo, este não é (necessariamente) o caso para extensões não literais. Isto está de acordo com a intuição de que um sistema fechado (em termos de elementos do domínio e de expressões básicas da língua) que também admite ainda que uma extensão de sentido tenha como resultado, no limite, a trivialidade: para cada predicado na língua, é possível atribuir sua extensão não literal usando um quantificador universal, tornando cada predicado verdadeiro para todos os elementos no domínio. Nada impede isso. A intuição é que, se tudo tivesse interpretação não literal, então nada que fosse não trivial poderia ser transmitido de fato.¹⁵⁰ (Vogel et alii, 1997, p. 07-08)

¹⁴⁹ “Instead of making truth relative to a domain and interpretation function we allow for the interpretation of a sentence to extend the interpretation function at stake . It is a dynamic semantics in that it uses the interpretation function as the input and output states of processing the sentence. Literal sentences do not extend the interpretation function at all. The use of a new metaphor, on the other hand, has the effect of extending the extension of the metaphorical predicate to include the entity (tuple) under predication.”

¹⁵⁰ “However, this is not the case for non-literal extensions (necessarily). This accords with the intuition that a closed system (in terms of elements of the domain and basic expressions in the language) which

O modelo também prevê predicções não literais para expressões não atômicas (compostas por mais de um termo¹⁵¹), como “ $x \text{ ser}_{\text{lit-}} P^n$ ” (onde P é predicção e n o termo da predicção). A consequência, segundo os autores, é que “isso mantém a restrição do sistema original no qual a própria predicção P^n , ela mesma, é atômica ($P^n \in R$).” (1997:08) (sendo R o universo relativo àquela enunciação). Por exemplo, uma sentença como (01) não pode, de forma alguma, ser interpretada metaforicamente.

(01) $x \text{ é}_{\text{lit-}}$ um grampeador e um calço.

No entanto, podemos ter sentenças como

(02) $x \text{ é}_{\text{lit-}}$ um grampeador. $x \text{ é}_{\text{lit-}}$ um calço. $x \text{ é}_{\text{lit+}}$ um grampeador e um calço.

Segundo os autores, a interpretação em (01) não é possível, mas a interpretação de (02) estaria licenciada para ser utilizada literalmente apenas porque temos, como *input*, o conjunto ampliado das denotações de “grampeador” e de “calço”. Essa interpretação está disponível porque a predicção metafórica foi dada atômicamente e, como entendemos, porque a extensão de “grampeador” e “calço” foi modificada a ponto de incluir, entre seus membros, x. Assim, (01), como não tem um *input* atômico metafórico, não pode ser interpretada atômicamente – o que veta qualquer interpretação. Já (02) pode ser interpretada literalmente porque a extensão dos predicados contém “x”. Os autores afirmam que

Isto está de acordo com a intuição a respeito da distinção entre os limites expressivos em funcionamento durante a ampliação do sentido em oposição àqueles em funcionamento quando uma expressão previamente ampliada é usada (ou seja, a geração da

still admits sense extension has triviality as its result in the limit: for each predicate in the language it is possible to assert its nonliteral extension using a universal quantifier, making each predicate true of all elements in the domain. Nothing prevents this. The intuition is that if everything is meant nonliterally, then nothing nontrivial can actually be meant at all.”

¹⁵¹ Depreende-se da leitura de Vogel que o autor entende termo como uma unidade sintática e de sentido.

metáfora versus seu reconhecimento).¹⁵² (Vogel et alii, 1997, p.08)

Podemos imaginar que os ditados populares não sejam expressões atômicas. De qualquer forma, poderíamos, como um exercício, “fatorar” os ditados de forma a acomodá-los nessa análise. Assim, a sentença

(03) Em casa de ferreiro, o espeto é de pau.

seria entendida como uma expressão **ser**_{lit-} da seguinte forma:

(03a) **ser**_{lit-} O espeto é de pau.

O que serve de *input* para a outra parte da sentença

(04) **ser**_{lit-} em casa de ferreiro.

Ou seja, há uma dinâmica de forma que uma parte da sentença serve de *input* metafórico para a outra parte. No entanto, diferentemente da sentença em (02), o *output* não é **ser**_{lit+}, mas **ser**_{lit-}. É o mesmo que acontece com outros ditados populares sem sujeito determinado, como (05) abaixo:

(05) Quem não tem cão, caça com gato.

Da mesma forma, a interpretação de (05) acima se daria da seguinte maneira:

(05a) **ser**_{lit-} Não ter cão.

(05b) **ser**_{lit-} Caçar com gato.

E, novamente, (05a) e (05b) serviriam de *input* para

(05c) **ser**_{lit-} Quem não tem cão, caça com gato.

De qualquer forma, entendemos que aqui não importa tanto a decomposição em átomos para o processamento da interpretação, porque entendemos que um ditado

¹⁵² “This accords with intuitions about the distinction between expressive limits at work during sense extension as opposed to those at work when a previously extended expression is used (i.e. metaphor generation vs. recognition).”

popular não parece predicar sobre indivíduos, mas, no máximo, sobre situações ou sobre eventos.

Por outro lado, uma questão que fica dessa análise é em que momento a interpretação metafórica seria implementada na sentença, ou seja, é necessário saber de antemão, pelo *input*, que a sequência do enunciado será metafórica? Talvez sim, mas, por outro lado, Vogel (2001) afirma que é possível e esperado que, algumas vezes, as expressões metafóricas sejam introduzidas por expressões como “metaforicamente falando” e “literalmente” (usada com ironia). E, ainda, que a “interpretação, na ausência de algum outro indício, é relativa ao sentido que o ouvinte acha pertinente”¹⁵³ (Vogel, 2001, p.11) – *i.e.*, na ausência de qualquer indício que aponte para outra interpretação desejada, o default é o sentido literal.

Por outro lado, poderíamos pensar que a fatoração em átomos que fizemos acima serviria de *input* para a interpretação da seguinte forma: a partir do momento em que “juntamos” as duas partes atômicas em uma expressão complexa, definiríamos que o significado não poderia mais ser literal. Dentro da perspectiva dessa linha teórica, entendemos que a interpretação das sentenças tem um *input* e um *output* e que este serve como *input* para a interpretação da sentença subsequente e assim por diante.

Pensar a interpretação de uma forma dinâmica pode trazer consequências interessantes, como a criação de novos índices ou de novos conjuntos de predicados, com características ampliadas, a partir de índices preexistentes. Para os ditados populares, isso poderia significar que há uma flexibilidade daquilo que o ditado popular pode significar em determinada ocasião. Segundo Vogel (2001), neste segundo caso, o processo é o mesmo tanto para a ampliação de significado literal quanto para a do não literal.

Simplesmente, o conjunto de características do predicado designado em um índice é ampliado a fim de incluir elementos adicionais. No caso de geração de um novo sentido global, o mundo fornecido como *input* para a interpretação é entendido como o padrão – todas as denotações de outros predicados não relacionados ao predicado ampliado mantêm os seus conjuntos

¹⁵³ “*Interpretation, in absence of a signal, is relative to the sense a hearer finds germane.*”

de características existentes. Estipula-se que o predicado ampliado e quaisquer outros predicados relacionados têm, em suas extensões, a ênupla focalizada. O resultado estará disponível para o discurso subsequente. A teoria não oferece um método para decidir quais outros predicados ampliar. Nem estipula um método para identificar qual mundo ampliar quando o sentido não está assinalado. (Vogel, 2001, p.14)¹⁵⁴

Ou seja, esta proposta de Vogel prevê a possibilidade de ampliação do conjunto de significados de determinada expressão, mas é incapaz de prever qual será essa ampliação e em qual dos seus significados isso ocorrerá. É uma “faca de dois gumes”, porque, ao mesmo tempo em que a teoria é interessante pela possibilidade de trabalhar bem próximo do processamento que o falante ou o ouvinte irão fazer para interpretar (que pode ser ampliar qualquer significado a depender do que foi dado, anteriormente, pelo discurso; ou seja, algo imprevisível), ela não explica como determinados significados serão vetados.

Como o que nos interessa aqui é o ditado popular, é bastante pertinente pensar que algo no discurso serviu de *input* para que ele seja interpretado como uma metáfora da situação como um todo. Em geral, esse tipo de expressão é utilizado como um “fecho”, uma “conclusão” de determinado processo enunciativo. Isso nos permite explicar porque as sentenças (06a) e (06b) abaixo, apesar de utilizarem o mesmo ditado popular, têm interpretações diferentes.

(06a) O Otávio mudou outra vez de emprego e estava reclamando que não consegue nunca juntar dinheiro pra mudar de casa. É como dizem, “pedra que rola não cria limo”.

¹⁵⁴ “(...) simply, the characteristic set of the designated predicate at an index is extended to include additional elements. In the case of generating a new sense altogether, the world given as the input to interpretation is taken as the standard - all the denotations of other predicates unrelated to the extended predicate maintain their existing characteristic sets. The extended predicate and any related predicates are stipulated as having in their extension the focused tuple. The result is available for subsequent discourse. The theory does not offer a method for deciding which other predicates to extend. Nor does it stipulate a method for identifying which world to extend when the sense is not signaled.”

(06b) O Otávio mudou outra vez de emprego e vai fazer outro curso de capacitação. Agora vai atuar como gerente de TI. É como dizem, “pedra que rola não cria limo”.

De alguma forma, é todo o discurso que cria a interpretação possível para a sentença “fecho”. Por outro lado, a ampliação do significado não é completamente caótica, porque acontece dentro de um conjunto possível e preexistente de significados.

Vejamos (07) abaixo:

(07) Filho de peixe, peixinho é.

(07a) A Maria está se tornando uma acadêmica tão influente quanto a mãe.

(07b) O Mário está se tornando um bandido tão perigoso quanto o pai.

Se utilizarmos, por exemplo, (07) como “conclusão” do discurso em (07a) ou (07b), podemos perceber que não estamos fazendo exatamente a mesma utilização do ditado – porque em um caso, afirmamos algo positivo sobre a pessoa e, no outro, algo negativo. No entanto, em ambos os casos, “ser filho de peixe” significa “apresentar um padrão de comportamento similar ao dos pais”, e o significado pretendido pode variar apenas dentro do conjunto de significados preexistentes.

Por fim, Vogel (2001) afirma que “identificar quais predicados são pertinentes para um complexo implicado pela metáfora é exatamente o trabalho dos modelos de processamento de mapeamento estrutural”¹⁵⁵ (Vogel, 2001, p.18), ou seja, a sua proposta não é capaz de prever que significações são possíveis para os predicados metafóricos – e, segundo acreditamos, também para os ditados populares –, mas prevê que há a possibilidade de ampliar as suas significações e de mostrar como determinadas interpretações não funcionam em determinadas situações.

¹⁵⁵ “Identifying which predicates are pertinent to a metaphor’s implicative complex is exactly the business of structural mapping process models.”

De qualquer maneira, acreditamos que o modelo de interpretação da metáfora como o proposto por Vogel (2001) pode acomodar também os ditados populares, cuja interpretação seria atribuída através da marcação inicial, positiva ou negativa, a respeito da sua literalidade, e cuja significação cabal será dada no domínio atualizado pela somatória dos discursos precedentes. Isso porque, assim como entendemos que a metáfora era a função que mapeava de forma não literal um indivíduo dentro da extensão do predicado, ampliando assim esse domínio; estamos entendendo o ditado popular como a função que estabelece uma relação de sentido não literal com os discursos precedentes e amplia, assim, a extensão de predicados possíveis para aquela situação.

Referências Bibliográficas

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico”. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O.M; SILVA,F. (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

CARDOSO, M.M. O estudo dos sintagmas bloqueados no gênero informe. *Cadernos do CNLF*, Vol. XI, Nº 11. CIFEFIL: Rio de Janeiro, 2008.

DAVIDSON, R. D. What metaphors mean. In SACKS, S. (ed.) *On Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press. 1978.

GROENENDIJK, J. e STOKHOF, M. Meaning in Motion. In: von HEUSINGER, K. & EGLI, U. (orgs.), *Reference and Anaphoric Relations*, Dordrecht, Kluwer, 1999, pp. 47-76. Versão em português disponível em <http://people.ufpr.br/~arthur/>

GROENENDIJK, J. ,STOKHOF, M e VELTMAN, F. Coreference and Contextually Restricted Quantification. In: M. Krifka (ed), *Proceedings of the Fourth Conference on Semantics and Linguistic Theory*, Ithaca, New York. 1997.

LEGROSKI, M. Definindo metáfora. *Voos Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*. Vol. 1, nº2. 2010.

VOGEL, C. “Dynamic Semantics for Metaphor”. Disponível em <http://tinyurl.com/63n57wk>. *Último acesso em 17/09/2009*.

VOGEL, C. e BOUCHET, C. “Semantic Ambiguity, Vagueness, and Constitutional Ramifications for the Family Law Act of 1996”. 1998. Disponível em <http://tinyurl.com/696ds4u>. *Último acesso em 17/09/2009*.

Histórias sobre histórias: integração conceptual como estratégia retórica em textos de opinião

Marta Maria Pagadigorria¹⁵⁶
marta_pagadigorria@yahoo.com.br

RESUMO

Tem este artigo o objetivo de relatar uma pesquisa cujo objeto de análise foi o desenvolvimento de estratégias para capacitar os alunos do ensino médio a aumentar sua proficiência em leitura. O corpus analisado constitui-se de textos que envolvem uma estrutura de parábola, textos em que uma primeira parte narra um evento e, a seguir, a segunda parte projeta esse evento naquilo que de fato é a ideia defendida pelo autor. Esse tipo de texto configura, indiretamente, uma argumentação por analogia e, ao mesmo tempo, a utilização de um recurso de presença, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988). O modelo teórico escolhido foi o da linguística cognitiva e, dentro dele, mais especificamente, a teoria da Integração conceptual ou *blending* conceptual, desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002) e revista por Bache (2005) e Hougard (2005).

Metodologicamente trabalhou-se com artigos de opinião publicados na mídia impressa, que foram apresentados a uma classe de alunos da 1ª série do ensino médio de uma escola pública do Estado de São Paulo. Primeiramente, sem nenhuma explicação, foi pedido que descrevessem o que tinham entendido do texto. A seguir, foi explicado o processo cognitivo de integração entre as duas partes do texto. Antes da explicação, quase sempre os alunos se fixavam na história inicial sem entender o processo global de projeção. Depois da explicação, os alunos conseguiram construir em suas mentes o processo de projeção e entender o que, de fato, o autor pretendia dizer, aumentando bastante sua capacidade de entendimento e interpretação de leitura.

PALAVRAS-CHAVES: parábolas; integração conceptual; desintegração; projeção.

ABSTRACT

The aim of this article is to expose a research whose objective was to develop high school students' ability through strategies for increasing their reading skills. Its focus was texts involving parable structures. The first part of these texts narrates an event and, next, the second part projects this event onto what the idea defended by the author actually is. This kind of text sets out, indirectly, an argumentation by analogy and, at the same time, the use of a presence resource, according to Perelman and Olbrechts-Tyteca (1988). The chosen framework was the cognitive linguistics, more specifically,

¹⁵⁶ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Araraquara

the conceptual integration theory or conceptual blending developed by Fauconnier and Turner (2002).

Texts such as those, articles published in the press media, were presented to two groups of students in the 1st grade of high school, in a public school of São Paulo state. Firstly, without any explanation, the students were only asked to describe what they had understood from the text. Next, it was explained the integration cognitive process between the two parts of the text. Before the explanation, the students almost always focused on the initial story, with no awareness about the global projection process. After the explanation, the students achieved to set up in their minds the projection process and to understand what, in fact, the author intended to say, and thus raising a lot their ability at understanding and interpreting reading.

Introdução

Este artigo trata do processo de projeção ou integração conceptual entre dois textos, em artigos de opinião. Um deles, de natureza narrativa, cria apenas um “script” para o segundo, de natureza argumentativa, configurando aquilo que se pode chamar de parábola.

Esses processos proporcionam a um texto grande força argumentativa. Procuramos explorar os mecanismos retóricos criados a partir da projeção de parábolas e imagens nesses textos jornalísticos. A escolha por esse gênero justifica-se pelo fato de que, nesse tipo de texto, essas estratégias costumam ser amplamente utilizadas.

Em termos pedagógicos há também outro fato considerável nessa escolha: a opção por narrativas curtas, o que permite ao aluno numa mesma aula a experiência da leitura, a reflexão, a observação da força persuasiva que esses recursos acrescentam ao texto, tornando-o mais convincente. O aluno deve perceber isso, e é essa percepção que vai movimentar a sua imaginação.

Num primeiro momento, fiz em classe apenas a leitura dos textos escolhidos e solicitei uma compreensão textual. Os alunos fizeram resumos, paráfrases, porém não foram capazes de “fazer uma ponte” entre a primeira e a segunda história. A projeção que deveria ter sido feita pelo aluno entre uma história e outra não se realizou. Nesse sentido, a compreensão do texto deixou a desejar, visto que, de uma maneira geral, eles só se preocupavam em recuperar apenas a primeira história. O sentido do texto acabava sempre sendo prejudicado, pois a parábola nos artigos de opinião não deve ser desprezada, pois, trata-se de um importante recurso cognitivo da argumentação.

Não é surpresa para ninguém a grande dificuldade que os professores enfrentam na tentativa de realizar um bom trabalho com os alunos no que se refere à compreensão de leitura. Estes chegam até nós com grandes dificuldades de escrita, de entendimento e pouquíssimo conhecimento de mundo. São o resultado de uma progressão continuada que, infelizmente, nos coloca diante de um problema muito sério: o analfabetismo funcional.

Diante disso, resolvi trabalhar com os textos, ensinando aos alunos os principais processos argumentativos. A pesquisa foi composta por 71 estudantes da 1ª ano do ensino médio. O primeiro passo desse trabalho foi apresentar a eles a concepção de metáfora proposta por Lakoff e Johnson na obra *Metaphors we live by* (1980). Antes dessa conversa, eles já haviam estudado a metáfora como figura de linguagem e é essa concepção tradicional que até hoje se encontra nos livros didáticos, que apresentam a metáfora apenas como um recurso poético, opondo o sentido figurado ao sentido literal.

Lakoff e Johnson (1980) revolucionam o que havíamos aprendido sobre as figuras de linguagem. Os autores nos apresentam a metáfora como um recurso cognitivo conceptual amplamente utilizado por nós no nosso dia a dia e defendem a ideia de que a metáfora estrutura nosso pensamento, uma vez que qualquer pessoa, mesmo sem nenhuma escolaridade, fala por metáforas, costumeiramente. Nós nos comunicamos por metáforas o tempo todo, e nem ao menos percebemos que a linguagem acontece dessa forma. Foi uma surpresa para os alunos essa afirmação. Sugerimos alguns exemplos triviais da vida diária, como:

Estou tão para baixo hoje.

Hoje estou com a cabeça cheia.

Se eu não entregar o trabalho até amanhã, vou para o paredão.

Depois de algumas aulas, os alunos já estavam mais preparados para observar e mesmo utilizar em seus textos, a partir de instrumentos da linguística cognitiva, os recursos e a funcionalidade argumentativa das parábolas e imagens. Os textos foram entregues novamente a eles e houve um progresso considerável. A reescrita textual dos alunos comprovou que eles entenderam as estratégias de projeção das parábolas e imagens, e esse aprendizado foi de suma importância para o seu aprimoramento, uma vez que esse recurso, uma vez compreendido, proporciona ao discente entendê-lo, também, em outros textos.

Nosso objetivo, com essa metodologia, foi fazer com que os alunos fossem capazes de, tendo entendido a natureza de um primeiro trecho de um texto, possam projetá-lo em sua segunda parte, construindo o sentido da parábola. Estudamos a metáfora sob uma perspectiva cognitivo-funcional e as atividades práticas foram desenvolvidas em sala de aula, para que os alunos percebessem que poderiam usá-la como importante ferramenta no processo argumentativo.

Procuramos demonstrar como as parábolas e imagens podem influir no aspecto retórico dos assuntos tratados. Dessa forma, nossa contribuição consistiu em fazer com que o aluno aumentasse sua capacidade de leitura por meio da aquisição da competência em “decifrar” parábolas e imagens, o que teve como consequência ampliar o conhecimento enciclopédico de mundo dele, com efeito de capacitá-lo mais adequadamente ao exercício da leitura.

Sabemos que o conhecimento só se concretiza quando o leitor se torna apto a ressignificar o texto que leu. Esse fator é de suma importância, pois, é por meio da reflexão e da leitura crítica, que o leitor pode ser levado, de forma consistente, a construir o seu discurso. Como diz Koch (2002, p. 30):

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido. Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que **o sentido não está no texto**, mas se constrói **a partir dele**, no curso de uma interação. Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com frequência à metáfora do *iceberg*: como este, todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

1. A teoria da integração conceptual

Fauconnier e Turner (2002) assumem como uma das premissas básicas da Teoria da Integração Conceptual a seguinte afirmação: as formas linguísticas por si só, não são portadoras de sentido, apenas servem de guia para sua produção. Nessa perspectiva, as formas linguísticas são desencadeadoras de significados e esses se processam a partir de operações básicas, complexas e, muitas vezes, de forma inconsciente, de Identificação, Integração e Imaginação, as quais constituem uma única operação mental, denominada Integração Conceptual.

Os autores utilizam a metáfora do guerreiro Aquiles e sua armadura para exemplificar esse conceito referente às formas linguísticas:

Forma é a armadura, mas o sentido é o de Aquiles que faz a armadura tão formidável. A forma não apresenta o sentido, mas ao contrário, captura as regularidades que ocorrem através dos sentidos. A forma sugere o sentido e deve ser adequada à sua tarefa, assim como a armadura de Aquiles teve de ser feita para seu tamanho e habilidades. Mas, ter a armadura nunca é ter Aquiles; ter a forma [...] não é nunca ter o sentido para o qual a forma foi feita. (Fauconnier e Turner, 2002, p. 5)¹⁵⁷

Nessa teoria, os autores nos asseguram que até mesmo para realizar raciocínios aparentemente simples e cotidianos, como perceber semelhanças e diferenças, temos que envolver operações mentais muito complexas, tais como inferir, hipotetizar, inventar, criar mundos, realizar analogias etc. Fazemos essas operações e não percebemos o quanto nosso pensamento é complexo.

A integração conceptual é a habilidade que o homem desenvolveu para imaginar identidades entre conceitos e integrá-los para buscar novas formas de pensamento e ação.

Esse processo de integração é realizado comumente por meio da metáfora que nos permite estruturar e entender o conhecimento entre diferentes domínios, por

¹⁵⁷ No original: Form does not present meaning but instead picks out regularities that run throughout meanings. Form prompts meaning and must be suited to its task, just as the armor of Achilles had to be made to his size and abilities. But having the armor is never having Achilles; having the form [...] is never having the meaning to which the form has been suited.

intermédio dos quais estabelecemos conexões entre coisas aparentemente não relacionadas.

Essa estratégia de construção assume normalmente o caráter de *single-scope networks* (cf. FAUCONNIER e TURNER 2002), procurando criar uma espécie de harmonia entre dois frames diferentes. Em alguns casos, contudo, essa construção assume o caráter de *double-scope networks* (cf. FAUCONNIER e TURNER, 2002), necessitando de desintegração, de acordo com Bache (2005).

A operação de integração conceptual consiste num processo que estabelece identidades entre conceitos para resultar em algo novo. Necessariamente, envolve no mínimo, a integração de dois espaços, o factual e o seu contrafactual, na produção de significados emergentes.

A contrafactualidade é uma propriedade da mente humana muito importante, pois é ela que nos permite construir significados essenciais para a compreensão daquilo que a mente humana produz. Consiste na habilidade de operar mentalmente com mundos diversos, por meio da criação e integração de espaços mentais.

O esquema da integração conceptual ocorre da seguinte forma: integra-se um domínio de origem (input 1) e um domínio alvo (input 2), num espaço mental chamado blend.

Para esclarecer o conceito de contrafactualidade, Fauconnier e Turner (2002), nos apresentam o seguinte enunciado: “Não há leite no refrigerador”. Nesse exemplo, há dois espaços; o primeiro é o factual que nos remete a realidade do enunciador. Já o segundo espaço, representa o contrafactual. Nele temos a indicação de o refrigerador ser o local adequado para encontrarmos esse tipo de alimento. Isso não aconteceria se, ao invés de leite, procurássemos sapatos.

O esquema da integração conceptual ocorre da seguinte forma: integra-se um domínio de origem (input 1) e um domínio alvo (input 2), num espaço mental chamado blend.

A integração conceptual é efetuada pela mente humana por meio de dois processos; a compressão e a descompressão no chamado espaço blend.

Temos, nesse caso, uma única operação mental, sendo que esta se divide em três partes, as quais receberam a seguinte denominação: Imaginação, Identidade e Integração. Denominadas os 3 I da mente, essas são operações humanas universais, e é a partir delas que alcançamos o espaço blending ou mesclado.

Esse espaço mesclado é resultado da mescla de dois ou mais espaços entre os quais a nossa mente foi capaz de imaginar, identificar e construir esse espaço por meio da integração dessas identidades.

2. Aplicação da teoria ao desenvolvimento da leitura

Acreditamos que essa teoria possa nos auxiliar no trabalho de compreensão leitora dos alunos, sabemos que o grande desafio na área da educação na contemporaneidade é o combate ao analfabetismo funcional; em outras palavras, trata-se de pessoas que não conseguem fazer a leitura consistente de um texto ou apresentam dificuldades para escrevê-lo. Embora seja um fenômeno mundial, no Brasil, estatísticas mostram uma porcentagem alarmante; 70% da população economicamente ativa se encontra nessa situação. A UNESCO define como analfabetos funcionais as pessoas que sabem ler e escrever frases simples, porém não possuem as habilidades e competências necessárias para as demandas do século XXI. Essa incompetência está na incapacidade de compreender, contextualizar e estabelecer correlações a partir de uma informação.

Com toda a tecnologia que é oferecida nos dias de hoje, o que falta aos nossos alunos não é informação. Basta clicar o mouse na internet e tudo está lá, mas é preciso saber selecionar informações seguras, interpretá-las e usá-las. É preciso saber transformar informação em conhecimento. Portanto, é necessário trabalhar o senso crítico dos alunos, para que eles sejam capacitados a exercer a vigilância epistêmica e, dessa forma, evitar a alienação e a massificação. Os próprios PCNs (Planos Curriculares Nacionais) põem ênfase nesse aspecto:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar

decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental : língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. (MEC/ SEF , 1998, PP.69-70.)

Segundo a proposta cognitivista, a linguagem não se limita à simples faculdade comunicativa; é entendida como um domínio cognitivo que interage com outros domínios. Ela conceptualiza a realidade e reflete essa conceptualização. Portanto, para analisá-la, teremos que investigá-la de uma forma interdisciplinar, e devemos fazer isto buscando nas inúmeras áreas de estudo das Ciências Cognitivas. O campo se beneficia da produção de vários métodos complementares de pesquisa. Pesquisadores da linguística, Psicologia, Sociologia, Antropologia e as Neurociências, todos primam por aprofundar o conhecimento da cognição humana, visto que a mente humana é um sistema complexo envolvendo a aquisição, o armazenamento, a transformação e a transmissão de informações. Segundo Fauconnier (1998, p. 96)¹⁵⁸:

A linguagem é apenas a ponta de um espetacular iceberg cognitivo e, quando nos empenhamos em qualquer atividade de linguagem, seja ela comum ou artisticamente criativa, buscamos, inconscientemente, imensos recursos cognitivos, trazemos à lembrança inúmeros modelos e “frames”, estabelecemos múltiplas conexões, agregamos uma grande quantidade de informação, e nos empenhamos em mapeamentos criativos, transferências e elaborações.

Essa teoria busca descrever os mecanismos das operações cognitivas com base na experiência da linguagem em uso. Tem como foco entender o pensamento humano. Compreende o fenômeno da linguagem como resultado da experiência física, social e cultural de um indivíduo. Procura explicar de que forma o pensamento é representado e

¹⁵⁸ No original: Language is only the tip of spectacular cognitive iceberg , and when we engage in any language activity , be it mundane or artistically creative, we draw unconsciously on vast cognitive resources, call up innumerable models and frames, set up multiple connections, coordinate large arrays of information, and engage in creative mappings, transfers, and elaborations.
Todas as traduções desta tese são de minha autoria.

organizado, como acontece o processamento da linguagem e da aprendizagem, os mecanismos de apreensão da vivência biológica, cultural e social.

As ciências cognitivas postulam que nosso raciocínio atua por meio de frames, metáforas conceptuais e blendings. Essas estruturas nos permitem a organização do pensamento, dentro daquilo que Fauconnier chama de espaços mentais. Diz ele:

Grande parte do nosso pensamento é inconsciente – ou seja, é fundamentalmente inacessível à nossa introspecção direta e consciente. A maioria dos nossos pensamentos cotidianos nos acontece muito rapidamente e em nível muito baixo em nossa mente para ser acessível. (...) Todos nós temos sistemas conceptuais que usamos quando pensamos, mas não podemos nos posicionar conscientemente sem esse inventário de conceitos. Podemos chegar rapidamente a conclusões numa conversa, mas não temos acesso consciente a cada inferência aos nossos mecanismos inferenciais durante a produção de inferências, que é colossal a cada segundo. Todos nós falamos uma língua que tem uma gramática, mas não juntamos as sentenças conscientemente palavra por palavra, conferindo, conscientemente, se estamos seguindo as regras gramaticais de nossa língua. Para nós, parece fácil: falamos, escutamos e fazemos inferências sem o menor esforço. Mas o que acontece em nossa mente, atrás das cenas, é altamente complexo e extremamente inacessível à nossa consciência. (LAKOFF e NÚÑEZ, 2000, apud COSCARELLI p.27).

Essa estratégia de construção assume normalmente o caráter de *single-scope networks* (cf. FAUCONNIER e TURNER 2002), procurando criar uma espécie de harmonia entre dois frames diferentes. Em alguns casos, contudo, essa construção assume o caráter de *double-scope networks* (cf. FAUCONNIER e TURNER, 2002), necessitando de desintegração, de acordo com Bache (2005).

Vejamos o seguinte trecho de um artigo de Carlos Heitor Cony:

Tive experiência anterior, quando, numa das Copas do Mundo, fui obrigado a ouvir pelo rádio um jogo de duas seleções de países árabes, transmitido por um exaltado locutor marroquino ou egípcio – não tenho certeza. Durante 90 minutos, com o descanso regulamentar do primeiro para o segundo tempo, fiquei sem nada entender do que ouvia, percebendo apenas uma palavra que me parecia íntima: “Mustafá”. A impressão era a de que havia 22 Mustafás em campo, distribuídos nos dois times. [...]

É mais ou menos assim que me sinto diante do noticiário sobre escândalos nacionais. Mal me habituo com um Mustafá que pagava deputados para votar a favor do governo e surge outro Mustafá eu explorava casas de bingo, substitutos de outros Mustafás que compravam ou vendiam ambulâncias.

No caso em pauta, o *input* 1 contém o núcleo duro de seu frame: (cf. KÖVECSES, ANO) futebol, jogador de futebol e identidade difusa dos jogadores.

O *input* 2 contém políticas brasileiras, ações políticas e corrupção.

No espaço *blend*, o jogo de futebol é projetado nas ações políticas (jogo da política) de corrupção e o elemento *identidade difusa* projetada em seus autores que, pelo seu grande número e ações idênticas, se tornam não identificáveis.

Fauconnier em entrevista (COSCARELLI, 2005) nos fala que atividades mentais muito complexas são realizadas nesses elementos. Como exemplo, ele nos oferece uma metáfora : “Se Clinton fosse o Titanic, o iceberg é que teria afundado”. Como o ex-presidente norte-americano foi extremamente criticado pelos seus inimigos e pela mídia, por ter se relacionado amorosamente com uma estagiária na Casa Branca, era de se supor, que sofresse impeachment. Mas, para a surpresa de todos, o efeito foi oposto. A sua popularidade aumentou e ele se manteve firme no governo. Desse fato, surgiu a metáfora. Vejamos o exemplo de Fauconnier dentro do esquema de mesclagem.

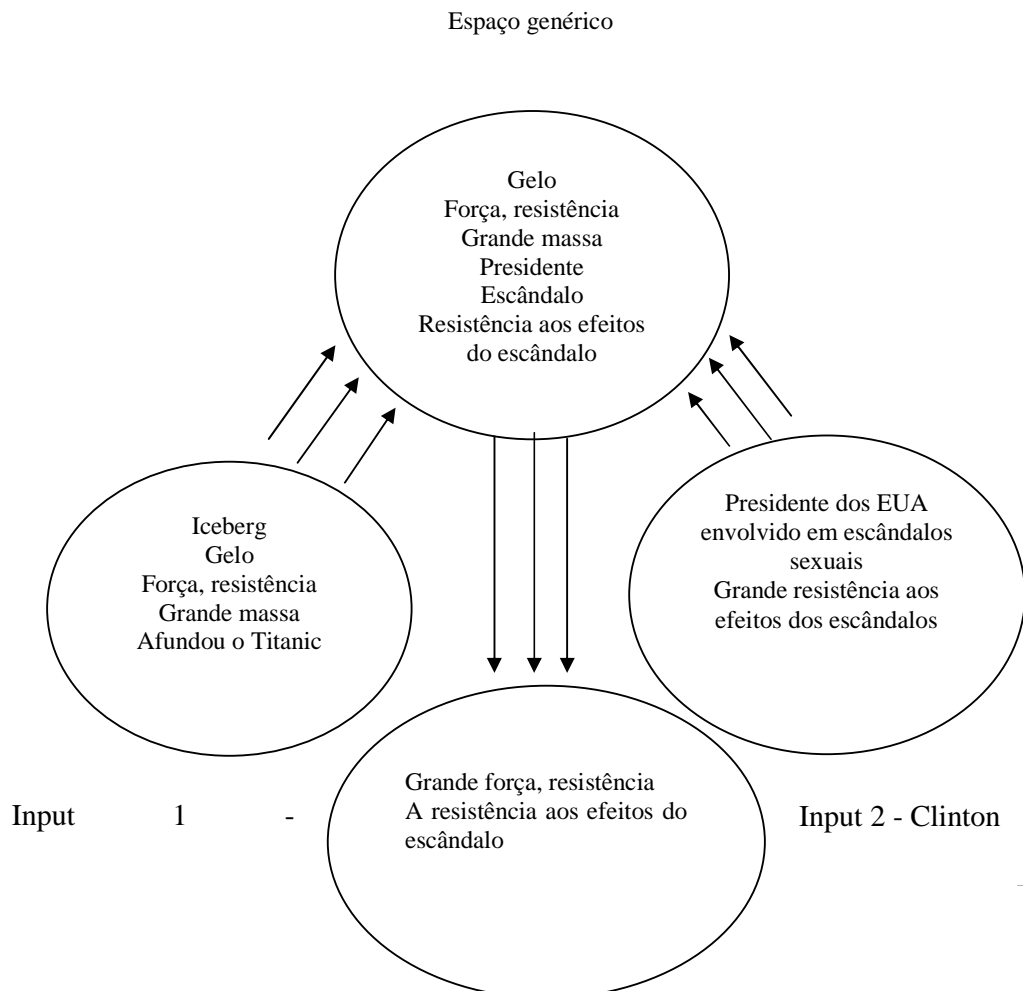
Para que haja compreensão desse exemplo, temos que abrir um espaço mental da história do Titanic, o navio inglês que afundou ao bater em um iceberg em 1912, em uma viagem inaugural. Faz-se necessário também, abrir outro espaço relativo às acusações sofridas por Clinton. E, por último, precisamos construir um terceiro espaço a partir dos dois já existentes. Como resultado, teremos um Clinton-Titanic, cuja força é

maior que um iceberg. Mesmo que não encontremos nenhuma analogia de qualquer natureza entre esses exemplos, é tarefa da nossa atividade mental relacioná-los.

Uma visão mais geral dos processos de projeção é oferecido pelo conceito de integração conceptual ou blending (mesclagem) que consiste num conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais. Veremos que ela está presente não apenas na metáfora, mas em muitas outras áreas da cognição relacionando-se com a metonímia, analogia e parábola.

Fauconnier e Turner (2002) elaboraram a teoria da integração conceptual. Trata-se da habilidade que o homem desenvolveu para imaginar identidades entre conceitos e integrá-los para buscar novas formas de pensamento e ação. Ela está presente em nossa vida em inúmeras circunstâncias, mas, como nós a fazemos muitas vezes de forma inconsciente, não percebemos sua existência. É um processo cognitivo que está presente desde as formas mais simples de pensamento até as mais complexas.

Vejamos o seguinte exemplo ilustrativo:



Espaço Blending

“Clinton é um Iceberg, não o Titanic”.

A partir dessa metáfora “*Clinton é um Iceberg, não o Titanic*”, podemos observar o frame do input 1 (*Iceberg*) contém : *gelo, força, resistência*. O elemento *gelo* é desabilitado. Essa metáfora de Iceberg para representar Clinton põe ênfase na idéia de o ex- presidente ser uma pessoa muito resistente aos escândalos em que ele se envolveu.

Nessa história temos um exemplo de integração por compressão. Comprimos os eventos em uma história bem mais simples. Nela, a relação de causa e efeito foi reduzida a um único evento. Fauconnier e Turner (op. cit.) asseguram que a compressão obtida por meio das mesclas é um dos aspectos mais importantes que comprovam nossa criatividade e eficiência.

Nós não estabelecemos espaços mentais, conexões entre eles e mesclas à toa. Fazemos isso porque isso nos dá um insight global, uma compreensão em escala humana e novos significados. Isso nos torna eficientes e criativos. Um dos aspectos mais importantes da nossa eficiência, insight e criatividade é a compressão conseguida por meio das mesclas.

(FAUCONNIER e TURNER, 2002, p.92).

A partir do exemplo acima, é possível perceber que a mesclagem ou integração conceptual é uma operação mental que nos possibilita criar novas realidades. E é essa capacidade de imaginar que nos possibilita o desenvolvimento das artes, linguagem, cultura, ciência, religião, etc.

Esse processo implica a configuração de dois domínios de conhecimento, os chamados input 1 e 2; um terceiro domínio, o espaço genérico que reflete e define a correspondência entre esses domínios; e um quarto domínio, o espaço mescla. Nele encontramos propriedades dos dois inputs; ele também apresenta propriedades originais e uma estrutura própria que resulta numa estrutura emergente.

3. A parábola

Parábola, originária do grego *parabole*, significa uma narrativa curta ou apólogo. Sua característica é ser protagonizada por seres humanos e possuir sempre uma razão moral que pode aparecer tanto implícita como explicitamente. Há muito tempo vem sendo utilizada para ilustrar lições de ética por vias simbólicas ou indiretas. Esse tipo de história sempre fez parte da cultura humana. Cristo utilizava parábolas para ilustrar o Evangelho.

A parábola começa com a imaginação narrativa — o entendimento de um complexo de objetos, eventos e atores organizados por nosso conhecimento da história. Combina-se história com projeção: uma história é projetada na outra. A essência da parábola é sua combinação intrincada de duas de nossas formas de conhecimento — história e projeção. Essa combinação clássica produz um de nossos processos mentais mais perspicazes para construir significado. A evolução do gênero parábola não é, desse modo, nem acidental nem exclusivamente literária: constrói-se, inevitavelmente, a partir da natureza de nossos sistemas conceituais. As motivações para parábola são tão fortes quanto às motivações para a visão da cor, para a estrutura da sentença ou para habilidade de acertar com uma pedra um objeto distante. (op. cit. p. 5).¹⁵⁹

Neste trabalho utilizo parábola, num sentido bastante amplo, como qualquer narrativa que seja utilizada como projeção em uma outra situação. Vejamos, a título de exemplo, uma parábola aparece no início de um livro sobre Administração de Empresas escrito por Kaplan e Norton (1997, p. 1 – 2):

Medidas e Gerenciamento na Era da Informação

¹⁵⁹ Parable begins with narrative imagining — the understanding of a complex of objects, events, and actors as organized by our knowledge of story. It then combines story with projection: one story is projected onto another. The essence of parable is its intricate combining of two of our basic forms of knowledge — story and projection. This classic combination produces one of our keenest mental processes for constructing meaning. The evolution of the genre of parable is thus neither accidental nor exclusively literary: it follows inevitably from the nature of our conceptual systems. The motivations for parable are as strong as the motivations for color vision or sentence structure or the ability to hit a distant object with a stone.

Imagine-se entrando na cabine de um moderno avião a jato onde houvesse apenas um único instrumento. Como você se sentiria após a seguinte conversa com o piloto?

P: Não imaginei que você pilotasse o avião com um único instrumento. O que ele mede?

R: A velocidade do ar. Estou controlando rigorosamente a velocidade do ar neste vôo.

P: Ótimo. A velocidade do ar deve ser importante. Mas e a altitude? Um altímetro não ajudaria?

R: Aprendi a controlar a altitude nos últimos vôos e já sou um mestre nisso. Agora tenho que prestar atenção na velocidade do ar.

P: Mas você nem tem sequer um medidor de combustível. Não seria útil?

R: Claro; o combustível é importante, mas não consigo me concentrar em tantas coisas ao mesmo tempo. Por isso, neste voo a minha preocupação é com a velocidade do ar. Quando aprender a dominá-la tão bem quanto a altitude, vou me dedicar ao consumo de combustível nos próximos voos.

Acreditamos que, depois dessa conversa, você não embarcaria mais. Mesmo que o piloto mostrasse um desempenho excepcional no controle da velocidade do ar, você morreria de medo de se chocar com montanhas altas ou ficar sem combustível. Obviamente, essa conversa é uma fantasia, pois nenhum piloto se arriscaria a comandar uma nave complexa como um avião a jato por espaços aéreos congestionados com o auxílio de um único instrumento. Pilotos experientes processam informações provenientes de um sem-número de indicadores com naturalidade. No entanto, conduzir as organizações modernas em meio a um ambiente competitivo complexo é, no mínimo, tão complicado quanto pilotar um avião a jato. Por que deveríamos acreditar que os executivos podem se contentar com um conjunto incompleto de instrumentos para dirigir suas empresas? Os executivos, assim como os pilotos, precisam de indicadores sobre vários aspectos do ambiente e desempenho organizacional, sem o que não teriam como manter o rumo da excelência empresarial.

O *Balanced Scorecard* (BSC) oferece a esses executivos os instrumentos de que necessitam para alcançar o sucesso no futuro.

Nesse exemplo, a parábola do avião foi utilizada como função retórica, cujo objetivo é convencer seu público alvo, de que o *Balanced Scorecard* pode contribuir para que ele possa administrar melhor sua empresa.

O ponto de partida teórico desse trabalho considera que, tanto as parábolas quanto as imagens são recursos cognitivos utilizados pela espécie humana como categorias de conhecimento. Nesta pesquisa, utilizo principalmente a parábola como projeção de uma história em um acontecimento conjuntural. Essa história pode ser uma lembrança pessoal de quem escreve, fatos históricos conhecidos ou desconhecidos ou ter natureza ficcional. Busquei fundamentação teórica em Turner (1996) que nos diz:

Os trabalhos escritos chamados de narrativas ou histórias podem ser postos em estantes numa seção especial das livrarias, mas o instrumento mental que eu chamo de narrativa ou história é básico para o pensamento humano. Os trabalhos literários conhecidos como parábolas podem ter seu lugar dentro da ficção, mas o instrumento mental que eu chamo de parábola tem a maior utilidade no uso diário da mente. (1996, p.7) ¹⁶⁰

3. 1. Integração conceptual e desintegração ou desabilitação de elementos do frame do conto de fadas

Há certas expressões que nos remetem ao conto de fadas. Ao ouvirmos frases como “era uma vez”, “e viveram felizes para sempre”, imediatamente ativamos o frame que compõem o imaginário infantil: príncipes que enfrentam dragões para salvar as princesas, histórias que utilizam uma estrutura narrativa padronizada. Em outras palavras, no final da história, a mocinha é salva e vive feliz para sempre com seu amor. Temos, então, os elementos do frame do conto de fadas: príncipe, princesa, vilão, obstáculo, final feliz.

O processo de desintegração ocorre na pequena história que relatamos a seguir, pois “o príncipe” não consegue superar o “imprevisto”, e viver feliz para sempre. Essa felicidade é interrompida pelo aparecimento de alguém que não estava nos planos e se mostra muito melhor do que ele.

Fora dos planos

E viveram felizes para sempre, que durou até um pequeno imprevisto. O imprevisto era alto, loiro, de olhos azuis, tinha um papo mais divertido e tirava notas melhores do que ele. ¹⁶¹

¹⁶⁰ Written works called narratives or stories may be shelved in a special section of the bookstores, but the mental instrument I call narrative or story is basic to human thinking. Literary works known as parables may reside within fiction, but the mental instrument I call parable has the widest utility in the everyday mind.

¹⁶¹ Marques, Miguel Nakajima. Fora dos planos. In: Rossato, Edson (org). Contos ao mar: antologia de contos e microcontos. São Paulo: Andross, 2006.

Para que o aluno alcance uma compreensão leitora, temos que considerar uma série de fatores que podem influir nesse processo. Alguns fatores que podem ocasionar numa interpretação falha, podem ser: o desconhecimento do léxico, pouca bagagem cultural.

Como a tarefa de integração das histórias se processa na mente de quem lê, usei a integração conceptual ou *blending*, com bastante êxito, para transformar alunos do ensino médio em melhores leitores. Vejamos o seguinte texto:

Em 1939, quando Carmen Miranda foi para os EUA, os americanos achavam que, como toda artista vinda da "América Latina", ela precisava de um retoque na biografia. Daí lhe deram uma família "nobre" — seu pai, o português "seu" Pinto, deixou de ser barbeiro para se tornar um rico exportador de frutas — e inventaram que ela fora interna num colégio de freiras.

Mas o melhor desse retoque era a história de que seu pai, contrário a que a filha fosse artista, só descobriu que Carmen era cantora quando ela foi para Nova York. Ou seja, nos dez anos anteriores, em que Carmen foi a mulher mais importante do Brasil, vendendo discos aos milhares, estrelando programas de rádio, filmes musicais e capas de revistas, e saindo todas as noites para cantar no Cassino da Urca, "seu" Pinto nunca percebeu que a filha que morava com ele era a estrelíssima Carmen Miranda!

Com outros atores, a história se repete no escândalo dos grampos na imprensa britânica. Executivos e editores de Rupert Murdoch, alguns com décadas de intimidade com o tubarão, armam uma rede de escuta que vasculha a família real, políticos importantes, heróis de guerra e celebridades internacionais, com a cumplicidade da Scotland Yard, o silêncio de primeiros-ministros e possíveis queimas de arquivo — e Murdoch, consternado, pede desculpas. Ele não sabia.

Da mesma forma, o dominó macabro em diversos departamentos do nosso –deles - Ministério dos Transportes, com a queda do ministro e de seus diretores, a descoberta de verbas fluindo para empresas de seus filhos, irmãos e mulheres, e a lama escorrendo por prefeituras e governos de Estados. Com tanta gente fazendo lambança, só os altos escalões pareciam não saber.

Na verdade, "seu" Pinto sabia muito bem que era pai de Carmen Miranda, e se orgulhava dela. Quem sabe, sabe.

(Ruy Castro. Em *Folha de S. Paulo*, 20.07.2011)

A tarefa do aluno, nesse caso, é entender, primeiro, a partir da história inicial de Carmem Miranda e seu pai, a impossibilidade de ele não saber o que sua filha fazia, diante de toda a publicidade em torno de sua carreira. Em seguida, aplicar esse mesmo princípio (argumentação por incompatibilidade, segundo Perelman & Tyteca) à atuação de Murdoch e dos nossos ministros de estado.

4. Conclusão

Partindo do princípio de que um texto é uma proposta de construção de sentidos e da importância da obtenção de repertórios para a leitura, o conhecimento dos princípios básicos da linguística cognitiva por parte do professor pode ajudá-lo a levar para a sala de aula leituras-suportes vinculadas a assuntos tratados anteriormente e, depois, apresentar novos textos que tratem do mesmo assunto ou de assuntos semelhantes, para avaliar em que medida seus alunos são capazes de, criando novos espaços mentais, integrar esses novos conhecimentos tanto na leitura de textos quando em sua produção. Afinal, todos nós temos, potencialmente, essa capacidade.

Se o professor souber “atualizar” as informações de seus alunos por meio de leituras, primeiramente de autores infanto-juvenis e, depois, de autores para público adulto, os textos produzidos por seus alunos ficarão com certeza mais consistentes. Essa atualização deve também ser feita a partir de textos da mídia, como propagandas comerciais, por exemplo.

A pesquisa demonstrou que o trabalho com a produção textual a partir desse modelo teórico fundamentado na lingüística cognitiva permite ultrapassar a compreensão passiva dos textos, contribuindo para a formação de alunos.

A contribuição da pesquisa pode ser constatada na produção textual feita pelos alunos após a explicação das estratégias cognitivas. Houve um acentuado e significativo progresso na compreensão mais ampla não somente dos textos oferecidos à leitura, como também no entendimento dos recursos cognitivos, o que possibilitou aos alunos empregá-los em outros textos similares.

Referências Bibliográficas

BACHE, C. Constraining conceptual integration theory: Levels of blending and disintegration. *Journal of Pragmatics*, 37, 1615-1635, 2005.

COSCARELLI, Carla V. *Uma conversa com Gilles Fauconnier*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v.5, n.2, p.291-303, 2005.

_____. *Entre textos e hipertextos*. In: COSCARELLI, C.V. (org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *Espaços hipertextuais*. Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição, jun.2003, FAE – UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. (CD – ROM).

FAUCCONIER, Gilles, & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*, New York: Basic Books, 2002.

HOUGAARD, Anders. Conceptual disintegration and blending in interactional sequences: A discussion of new phenomena, process vs. products, and methodology, *Journal of Pragmatics*, 38, 1653 -1685, 2005.

KAPLAN, Robert S. e NORTON, David P. *Estratégia em ação: Balanced Scorecard*, Rio de Janeiro, Elsevier, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*, São Paulo: Contexto, 2002.

KÖVECSES, Zoltán. *Language, Mind, and Culture: a Practical Introduction*, Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphor we live by*, Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

PERELMAN, Chaïm et OLBRECHTS-TYTECA. *Traité de L'Argumentation: La nouvelle rhétorique*, 5^a ed., Bruxelles, Editions de L'Université de Bruxelles, 1988.

O modelo cognitivo metafórico no processo de categorização

Natália Elvira Sperandio¹⁶²
Antônio Luiz Assunção¹⁶³
thaiasperandio@yahoo.com.br

RESUMO

A preocupação em apreender a forma pela qual o ser humano nomeia, defini e categoriza o mundo ao seu redor é antiga. Mas esse processo vem passando por algumas transformações nas últimas décadas, deixando de ser visto como individual para ser abordado em sua dimensão social e cultural como constitutivo de nossa percepção da realidade. A partir desses recentes estudos acerca do processo de categorização, o presente artigo possui a finalidade de abordar a produção de sentido como sendo um processo cognitivo e cultural. Para isso, teremos como base teórica a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, em especial um de seus modelos: o metafórico. Dessa forma, analisaremos as metáforas como sendo uma das operações cognitivas utilizadas pelos falantes no processo de categorização, sendo esse situado culturalmente. Como forma de ampliarmos o campo de investigação do modelo metafórico utilizaremos a Teoria da Metáfora Conceitual, considerada a base para esses modelos, e, sua versão contemporânea, a Teoria Neural da Metáfora. Para abordarmos o caráter cultural desse modelo recorreremos ao Método Decomposicional de Lakoff e Johnson (1999), a Variação Metafórica, proposta por Kövecses (2007), e o Filtro Cultural desenvolvido por Yu (2008). Para este trabalho delimitamos, na mídia impressa, duas revistas semanais de grande circulação sendo uma brasileira, a revista Veja, com a reportagem intitulada “Sem terra e sem Lei”, e outra estadunidense, a revista Newsweek, com a reportagem intitulada “Giving Them Land Was Supposed To Liberate Millions Of Brazilian Peasants. It Hasn't. What The World--And Billions Of The Landless Poor-- Can Learn From A Dream Gone Sour”. Assim, compõem o corpus duas reportagens que tiveram publicação nos anos de 2000 e 2002. A partir de nossas análises foi possível observar a forma pela qual o modelo metafórico organiza e constrói os sentidos

¹⁶² Universidade Federal de Minas Gerais, MG.

¹⁶³ Universidade Federal de São João Del-Rei, MG.

produzidos pelas reportagens, articulando para isso nossas experiências culturalmente compartilhadas.

PALAVRAS-CHAVE: Categorização; Modelo Cognitivo Idealizado; Metáfora.

ABSTRACT

The concern to grasp the way in which human beings shall appoint, define and categorize the world around you is old. But this process has been going through some changes in recent decades, no longer seen as an individual to be addressed in their social and cultural dimension as constitutive of our perception of reality. From these recent studies on the categorization process this article has the purpose of approach the production of meaning as a cognitive process and cultural. For this we used the Idealized Cognitive Model Theory, specifically one of their models: the metaphorical. Thus, we analyze the metaphors as one of the cognitive operations used by speakers in the process of categorization, culturally situated. As way of broadening the field of investigation of the metaphorical model we used the Conceptual Metaphor Theory, including its latest version, the Neural Theory of Metaphor. To approach the cultural character of this model used the decompositional method of Lakoff and Johnson (1999), metaphorical variation as proposed by Kövecses (2007) and the cultural filter developed by Yu (2008). For this we used as a corpus two printed reports published in two magazines of large circulation, the magazine Brazilian Veja, with the report entitled “Sem terra e sem lei” and the magazine American Newsweek with the report entitled “Giving Them Land Was Supposed To Liberate Millions Of Brazilian Peasants. It Hasn't. What The World--And Billions Of The Landless Poor--Can Learn From A Dream Gone Sour”. From our analysis we visualized how metaphorical cognitive models organize and construct meanings produced by reports we used as a corpus by articulating shared cultural experiences.

KEYWORDS: Categorization; Idealized Cognitive Model; Metaphor

Introdução

A categorização é um processo inerente ao ser humano. Desde os nossos primeiros momentos de vida possuímos a capacidade de categorizar as coisas que estão ao nosso redor. A preocupação de como categorizamos é antiga, desde a época de Aristóteles havia o interesse nas práticas de nomear, definir e categorizar. Mas, com o surgimento da ciência cognitiva, esse processo deixou de ser visto como individual para ser considerado em uma dimensão cultural e social como constitutivo de nossa percepção da realidade. A partir dos recentes estudos dedicados à categorização temos como objetivo, neste trabalho, abordar a produção de sentido como um processo cognitivo e cultural. Para atender a essa finalidade utilizaremos a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposta, em 1987, pelo linguísta cognitivo George Lakoff, e, em especial, um de seus modelos: o metafórico.

Como forma de visualizarmos as categorias resultantes dos modelos metafóricos utilizaremos como corpus duas reportagens que possuem como alvo o Movimento dos Trabalhadores sem Terra, mais conhecido como MST. Tais reportagens foram extraídas de duas revistas semanais de grande circulação, *Veja* (Brasil) e *Newsweek* (Estados Unidos). Assim, faremos o levantamento das metáforas utilizadas por cada texto na construção de Reforma Agrária e MST, verificando a forma pela qual esses sentidos são organizados e produzidos a partir do modelo metafórico. Optamos por essas reportagens como forma de verificarmos a dimensão cultural das metáforas atestadas, tendo como base a hipótese de que, por lidarmos com textos de culturas distintas cada reportagem irá recorrer a modelos metafóricos diferentes na construção de uma determinada categoria. Para isso, teremos como base teórica a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCIs), em especial o modelo metafórico, em conjunto com a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), já que essa é considerada a base para esses modelos. Como forma de ampliarmos o campo de investigação dos modelos metafóricos recorreremos a Teoria Neural da Metáfora, vista como a versão contemporânea da TMC, juntamente com teorias que abordam o caráter cultural da metáfora como o Método Decomposicional, os estudos de Variação Metafórica e o Filtro Cultural.

1.A categorização: da teoria clássica aos modelos cognitivos idealizados.

A categorização é um processo inerente ao ser humano. Desde os nossos primeiros momentos de vida possuímos a capacidade de categorizar as coisas que estão ao nosso redor. A preocupação de como categorizamos as coisas presentes no mundo é antiga; desde a época de Aristóteles havia interesse nas práticas de nomear, definir e categorizar. Foi por meio desse autor que tivemos a distinção entre a essência de uma coisa e seus acidentes:

- a) é a essência que faz a coisa ser o que ela é, são suas partes imanentes que indicam sua individualidade;
- b) enquanto que o acidente não desempenha papel na construção do sentido.

Nessa perspectiva a categoria era definida por um conjunto limitado de condições suficientes e necessárias, sendo essas condições limitadas como claras, discretas ou essenciais. Essa abordagem clássica não era fruto de um estudo empírico, mas de reflexões filosóficas.

Dessa forma, na teoria clássica da categoria, havia o pressuposto de que a categorização era feita através de características suficientes e necessárias, ou seja, as coisas eram categorizadas a partir da base daquilo que possuíam em comum. Desde Aristóteles até um dos últimos trabalhos de Wittgenstein, as categorias eram vistas como recipientes dentro dos quais estariam as coisas e na parte exterior sua identidade organizacional no grupo era definida pelas características comuns, de forma que, nessa caracterização clássica, nenhum membro da categoria poderia possuir “status” especial, já que todos dividiam propriedades em comum.

Essa posição foi colocada como inquestionável e considerada como verdadeira, mas a partir dos trabalhos desenvolvidos na psicologia cognitiva a categorização tornou-se um campo maior de estudo. O avanço ocorreu com os estudos desenvolvidos por Eleanor Rosch e seus colaboradores ao proporem a “Teoria Prototípica” e as “Categorias de nível-básico”.

A teoria prototípica teve início em meados dos anos 1970 a partir dos estudos propostos na pesquisa psicolinguística de Eleanor Rosch. De acordo com Lakoff (1987) é a partir dos estudos propostos por Brent Berlin e Paul Kay que Rosch inicia seus achados sobre os protótipos. Nesse estudo os autores investigaram, em diferentes línguas, a categorização das cores e observaram que havia algumas regularidades nos termos básicos: 1) eram designados por apenas um morfema, 2) não eram restritos a um

número pequeno de objetos e 3) possuíam uso comum e geral. Também foi observado que os limites entre as cores sofria variação de uma língua para outra e que uma pequena regularidade poderia ser percebida na identificação do foco mais representativo, o foco central, que foi denominado por Rosch como protótipo.

Diante disso, Rosch passou a investigar se o foco central era enraizado na linguagem ou na cognição linguística. A preocupação da autora era provar que as categorias são formadas em torno de protótipos, que funcionam como ponto de referência. A partir de suas pesquisas ela e seus colaboradores desejavam demonstrar, empiricamente, que há membros ou instancias no interior de uma categoria com características especiais. Ou seja, os membros de uma categoria não são representativos da mesma forma, tendo efeitos prototípicos entre eles. O protótipo é considerado o melhor exemplo, se possuir as propriedades consideradas típicas de uma categoria. Sendo dessa forma, o exemplo típico.

Outra questão investigada por Rosch e Mervis (1975) foram as categorias de nível básico. Segundo as autoras é nesse nível que os objetos concretos do mundo se dividem em categorias. Assim, teremos:

SUPERORDENADO	Animal	Mobília
NÍVEL BÁSICO	Cachorro	Cadeira
SUBORDENADO	Cão de caça	Cadeira de Balanço

O nível básico é o primeiro a ser nomeado, aprendido e a entrar no léxico da língua. Nesse uma única imagem mental pode refletir toda a categoria. É o nível mais inclusivo da categoria, onde as formas dos objetos são parecidas, e dessa forma, reconhecidas mais facilmente. Para Lakoff (1987) grande parte de nosso conhecimento é organizado nesse nível.

Os trabalhos de Rosch podem ser divididos em três fases:

FASE 1: a distinção dos protótipos era feita basicamente por: a) saliência perceptual; b) maior memorabilidade, ou seja, são apreendidos mais facilmente; e c) a generalização feita através de um estímulo para outro que lhe seja similar fisicamente.

FASE 2: os efeitos prototípicos promovem a caracterização da estrutura interna da categoria. Assim, os melhores exemplos poderiam refletir a estrutura interna da categoria.

FASE 3: os efeitos prototípicos teriam fontes não determinadas. Esses efeitos determinam a possibilidade do que poderia ser uma representação, mas não há correspondência entre os efeitos e a representação mental.

Lakoff (1987), assumindo a terceira fase da autora, advoga que os efeitos prototípicos são superficiais, a partir disso, o autor passa a trabalhar as questões semânticas tendo como ponto de partida o processo de categorização. O autor faz a ligação da psicologia cognitiva com a linguística, assim, o significado de uma expressão linguística está associado à natureza da categorização humana, sendo essa relação compreendida a partir dos estudos da prototypicalidade. Diante disso, passa a depender de uma teoria dos modelos cognitivos.

Diante disso, os fenômenos prototípicos são considerados superficiais e suas fontes são os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), que são produtos da cognição humana. Os efeitos prototípicos são considerados subprodutos de estruturas cognitivas complexas, consequência da forma pela qual nossos conhecimentos e experiências são organizados em nossa mente. Dessa forma, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) possui como finalidade a identificação das várias fontes desses efeitos.

A TMCI sustenta uma semântica conceitual sendo esta fundamentada na capacidade de conceitualização humana. Lakoff destaca que a categorização é possível apenas via um MCI, sendo ele o responsável pela organização de todo conhecimento. Os modelos cognitivos são considerados idealizados porque são estruturados a partir de uma seleção de estímulos (crenças, valores bio-socio-culturais que orientam o raciocínio e o agir social do indivíduo). O caráter idealizado desses modelos permite: a) que eles não se adéquem de forma necessária e perfeita ao mundo, resultado do fato de que, como são frutos do aparato cognitivo humano e da realidade, o que consta em um modelo cognitivo é determinado pelas necessidades, crenças, valores, etc; e b) faz com que se tenha a possibilidade de construção de diferentes modelos para a compreensão de uma determinada situação, sendo que esses modelos podem ser contraditórios entre si.

A TMCI é construída tendo como base quatro fontes:

- 1) A Semântica de Frame de Fillmore
- 2) A Teoria da Metáfora e da Metonímia de Lakoff e Johnson
- 3) A Gramática de Langacker
- 4) A Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier

Essa teoria congrega basicamente os postulados dessas quatro fontes, sendo essas situadas na linguística cognitiva. Ela é a base da Semântica Cognitiva de Lakoff, que possui cinco tipos de modelos que contribuem para a estruturação de nossas experiências físicas tanto no plano puramente conceitual quanto no linguístico conceitual. Os tipos são:

Os modelos de esquemas de imagem são conceitos apreendidos de forma direta e utilizados, metaforicamente, para estruturar conceitos complexos. Esses modelos possuem natureza corpórea-cinestésica, fazendo com que sejam compostos por imagens sinestésicas, ou seja, da percepção que possuímos de nosso corpo, do movimento corporal, do formato dos objetos. Eles impõem estrutura à experiência de espaço e são projetados para domínios conceituais abstratos através de metáforas e metonímias, estruturando modelos cognitivos complexos. Alguns exemplos desses modelos são: contêiner, parte-todo, ligação, centro-periferia, origem-percurso-meta.

Os Modelos Cognitivos Proposicionais também são apreendidos de forma direta e constituídos das propriedades dos elementos e as relações obtidas entre eles. Esses modelos possuem uma ontologia que é o conjunto de elementos utilizados no MCI, sendo esses elementos ou conceitos de nível básico – entidades, ações, estados, propriedades, etc – ou podem ser conceitos caracterizados por modelos cognitivos de outros tipos. Exemplos desses modelos são: proposição simples, cenário, feixe de traços, taxonomia e categoria radial.

Os Modelos Cognitivos Metonímicos constroem o sentido pelo fato de serem sustentados indiretamente nas experiências concretas. Esses modelos ocorrem em um único domínio conceitual, onde há dois elementos, A e B, sendo que A pode ser “representado por” B. Nesse modelo tomamos um aspecto considerado ou bem-entendido, ou de fácil percepção, “que é utilizado para representar a coisa como um todo ou algum outro aspecto ou parte dela”. (Lakoff, 1987, p.77), dessa forma, temos um conceito A que deve ser compreendido em, uma estrutura conceitual que contém

tanto A quanto outro conceito B, sendo esse ou parte de A, ou associado a ele na estrutura. A escolha de B determinará A nessa estrutura, sendo que comparado a A, B ou é de fácil compreensão, ou mais fácil de ser lembrado, reconhecido ou imediatamente útil para a proposta em um dado contexto, e assim, o modelo metonímico é um modelo que exemplifica como A e B são relatados em uma estrutura conceitual, sendo a relação especificada pela função de B para A. A estrutura desses modelos é produzida em termos dos esquemas CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-META.

Os Modelos Cognitivos Metafóricos, da mesma forma que os metonímicos, são indiretamente significativos, já que consistem da projeção de domínios concretos da experiência para domínios abstratos. Esses modelos caracterizam-se pela existência de um domínio fonte A, considerado bem estruturado; domínio alvo B, que precisa ser estruturado para a sua compreensão; o mapeamento, responsável pela ligação do domínio fonte ao domínio alvo e do mapeamento ou projeção metafórica, sendo essa naturalmente motivada através da correlação estrutural existente entre esses domínios. Esses modelos, da mesma forma que os metonímicos, são estruturados em termos dos esquemas CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-META.

Os Modelos cognitivos Simbólicos, diferente dos acima que são considerados puramente conceituais, são produzidos a partir da associação dos elementos linguísticos com os elementos conceituais em um MCI. Exemplos desses modelos seriam os itens lexicais, categorias gramaticais e construções gramaticais.

Diante disso, devemos considerar que os MCIs são estruturas conceituais complexas que organizam todo o nosso conhecimento, sendo que eles não podem ser considerados como representação interna de uma realidade externa, pois são construtos resultantes da interação do indivíduo com o seu ambiente, que muitas vezes são construídos com o auxílio de mecanismos imaginativos, via corporalidade, como a metáfora e metonímia.

Como o objetivo deste trabalho é abordar a produção de sentido como processo cognitivo e cultural, utilizando para isso o MCI metafórico, faremos abaixo uma breve apresentação da Teoria da Metáfora Conceitual, já que essa serviu de base para a criação desse modelo. Como forma de ampliarmos o campo de investigação desse modelo utilizaremos a versão contemporânea desta teoria, a Teoria Neural da Metáfora,

em conjunto com teorias que abordam o caráter cultural da metáfora como o método decomposicional, os estudos de variação metafórica e o filtro cultura.

2. O modelo metafórico sob a perspectiva cognitiva e cultural

Desde a antiguidade a metáfora tem oferecido subsídios, a filósofos e especialistas em retórica, para uma reflexão sobre a linguagem. Na tradição retórica, a metáfora era considerada um fenômeno de linguagem, ou seja, um ornamento linguístico. Era concebida como um desvio da linguagem usual, própria de determinados usos, como a linguagem poética e a persuasiva.

Mas a partir de 1970, uma mudança paradigmática com uma ruptura profunda do pressuposto objetivista, possibilitou uma reformulação em nossa maneira de conceber a objetividade, a verdade, o sentido e a metáfora. A metáfora dentro do novo paradigma, passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, deixando de ser uma simples figura de retórica para uma operação cognitiva fundamental.

Reddy (1979) por meio de uma análise rigorosa de diversos enunciados procurou investigar a questão do problema da comunicação na língua inglesa. A metáfora do canal, proposta por ele, revela que a linguagem é concebida como um “canal” que transfere, corporeamente, os pensamentos de uma pessoa para outra, como se as pessoas inserissem seus pensamentos e sentimentos nas palavras, e essas fossem conduzidas de uma pessoa para outra e que, ao ouvir ou ler, extraem esses pensamentos e sentimentos novamente. A metáfora do canal está na base da concepção da linguagem como transmissão, em que se fundamenta a crença de que a comunicação é concebida como um “tête-à-tête” ideal.

2.1 A metáfora Conceitual:

Seguindo os passos de Reddy, Lakoff e Johnson, em 1980, lançam “Metaphors we live by”, que produz uma revolução nos estudos sobre metáfora, por assumir como

tese central a pressuposição de que a metáfora é onipresente e essencial na linguagem e no pensamento. Os autores trabalharam, de forma mais explícita, a metáfora do canal proposta por Reddy e propuseram as metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas. Assim, nossas expressões linguísticas são governadas por generalizações: as metáforas conceptuais ou conceitos metafóricos. (Lakoff e Johnson, 2002, p.17)

A partir dessa tese, a compreensão de mundo passa a ser vinculada a concepção da metáfora, uma vez que grande parte de conceitos básicos, como tempo, quantidade, estado, ação etc., além dos conceitos emocionais, como raiva e amor, são compreendidos metaforicamente. Isso evidencia o importante papel da metáfora na compreensão do mundo, cultura e de nós mesmos.

A metáfora passa a fazer parte do cotidiano das pessoas, não apenas na linguagem, mas também nas ações e no pensamento na medida em que todo sistema conceptual ordinário, sistema através do qual pensamos e agimos, passa a ser concebido como predominantemente metafórico por natureza.

Como, na maioria das vezes, pensamos e agimos automaticamente, uma das formas de descobirmos o funcionamento desse sistema é através da linguagem, já que nossa comunicação é baseada no mesmo sistema que utilizamos para pensar e agir. A partir desse pressuposto, Lakoff e Johnson examinam expressões linguísticas buscando encontrar evidências da predominância metafórica de nosso sistema conceptual e, ao identificar metáforas que estruturam nossa maneira de agir, pensar e perceber, defendem essa categoria como uma forma de compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Nesse contexto, Lakoff e Johnson propõem um mapeamento sistemático entre dois domínios: o domínio-fonte, que é a fonte de inferências, e o domínio-alvo, o local, de acordo com o qual as inferências serão aplicadas.

2.2 A Teoria Neural da Metáfora

Com os estudos desenvolvidos na área neural houve uma modificação na forma pela qual compreendemos nossa mente e cérebro e, conseqüentemente, a teoria da metáfora. De acordo com Lakoff (2008) os esboços fundamentais nos estudos sobre a

metáfora permanecem ainda válidos, mas com o desenvolvimento da ciência cerebral e da computação neural há um enriquecimento da sua concepção.

Assistimos, nos últimos dez anos, ao desenvolvimento interdisciplinar da Teoria Neural da Linguagem (Neural Theory of Language), liderada no campo da linguística por Lakoff e no campo da ciência da computação por Jerome Feldman. Essa teoria assume que o circuito neural é moldado pela experiência, o que define como central a ligação entre corpo e mente para a proposição de um conceito de semântica proposta por ela: a semântica da simulação. Segundo essa semântica, na produção de significados de conceitos físicos, os significados são vistos como simulações mentais, ou seja, a ativação dos neurônios necessita da imaginação, percepção ou desempenho de uma ação. Assim, quando imaginamos, relembramos ou sonhamos certas performances de movimento, ativamos grande parte dos mesmos neurônios que são ativados quando nós realmente desempenhamos esses movimentos. “Se você não pode imaginar alguém pegando um copo, você não pode compreender o significado de alguém pegou um copo”. (Feldman apud Lakoff, 2002, p.19).

Seguindo essa concepção de semântica, a Teoria Neural da Linguagem, coloca que o significado de conceitos concretos é diretamente corporificado. Diante disso, passamos a ter evidências consideráveis de que a linguagem ativa as áreas motoras ou perceptuais correspondentes.

É nesse contexto que a Teoria Conceptual da Metáfora sofre sua transformação mais recente e radical transformando-se em Teoria Neural da Metáfora (TNM). Essa promove uma forma diferente de concebermos o processamento metafórico. Essa visão se opõe às anteriores que consideravam hipóteses bidominiais, nas quais tínhamos o processamento do domínio fonte no cérebro antes do mapeamento do domínio alvo. A TNM propõe que o processamento é feito em paralelo. Quando, por exemplo, ouvimos uma expressão metafórica, o circuito do domínio fonte será ativado pelos significados literais das palavras e o circuito do domínio alvo será ativado pelo contexto. E juntos, domínio fonte e domínio alvo, ativarão o circuito do mapeamento. Como resultado, teremos um circuito integrado, já que há a ativação de ambos os domínios e o processamento sobre ambos ao mesmo tempo. A partir disso, podemos perceber que as compreensões das linguagens baseadas em metáforas conceptuais não estão tão longe do processamento não metafórico baseado em frames normais. (Lakoff, 2008, p.27)

Em face à esse raciocínio, a TNM nos oferece uma forma de compreendermos melhor como trabalham pensamento e linguagem e como se adéqua, nessa questão, o pensamento metafórico, modificando a forma pela qual analisamos a metáfora e redefinindo, mesmo que de maneira sutil, sua análise. Lakoff (2008) alega que uma nova notação foi desenvolvida “Nós temos inventado uma notação que correlaciona o circuito com propriedades computacionais apropriadas, mas que podem ser utilizadas por analistas sem que haja a preocupação com os detalhes computacionais” (Lakoff, 2008, p.36). Teremos, portanto, o modelo de notação abaixo:

Metáfora: AMOR É UMA VIAGEM

Domínio fonte: Viagem

Domínio alvo: Amor

Mapeamento

Viajantes → Amantes

Veículo → Relacionamento

Destinações → Objetivos de vida

Impedimentos para o movimento → Dificuldades

Mapeamento Evoca:

A Metáfora PROPOSTAS SÃO DESTINAÇÕES, com:

Destinos = Ego. Fonte. Destinações

Propostas = Ego. Alvo. Objetivos de vida

A Metáfora DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA O MOVIMENTO, com

Impedimentos para o movimento = Ego. Fonte. Impedimento para movimento.

Dificuldades = Ego. Alvo. Dificuldades.

A Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:

Proximidade = Ego. Fonte. Proximidade dos Viajantes dentro do Veículo.

Intimidade = Ego. Alvo. Intimidade dos Amantes.

A Metáfora UMA RELAÇÃO É UM CONTÊINER, com:

Contêiner = Ego. Fonte. Veículo

Relacionamento = Ego. Alvo. Relacionamento

Como justificativa para tal notação Lakoff expõe a seguinte explicação: o título da metáfora representa um nóculo gestáltico. As setas correspondem a circuitos de conexão. O mapeamento especifica que elementos estão sendo projetados no alvo. O “evoca” coloca os circuitos de ligação ativando as metáforas componentes com vinculações neurais entre AMOR É UMA VIAGEM (denominado ego sobre formalismo) e as várias metáforas componentes.

2.3 Metáfora e Cultura

Uma questão que tem instigado o interesse de muitos linguístas, no campo da metáfora, é a relação estabelecida entre a metáfora conceitual e a cultura. Um dos questionamentos que perpassa essa discussão é a distinção feita entre as metáforas de

culturas específicas e as consideradas universais. Nesse contexto as metáforas primárias são modelos que possuem uma grande probabilidade de serem encontradas em diferentes culturas. Em contraposição, há longas listas de metáforas que são específicas de algumas linguagens. Como forma de tentar elucidar essa questão Lakoff e Johnson (1999) propõem o método da decomposição baseado na distinção entre dois tipos de metáforas conceituais: metáforas primária e complexa

2.3.1 Metáfora Primária

As metáforas primárias são concebidas como sendo resultados diretos de nossa experiência, frequentemente, de nossa experiência corporal comum, por isso, são consideradas universais.

As metáforas primárias fazem parte de nossa inconsciência cognitiva e são adquiridas automática e inconscientemente através do processo normal de aprendizagem neural. Quando nossas experiências corporificadas sobre o mundo são universais as metáforas primárias correspondentes serão universalmente adquiridas. É necessário ressaltarmos que mesmo sendo metáforas conceituais universais, elas não são inatas, mas apreendidas.

Adquirimos esse tipo de metáfora apenas por sermos entidades humanas, ou seja, por nos movermos e percebermos o mundo constantemente da forma que fazemos. Nessas metáforas, teremos um domínio de experiência subjetiva ou julgamentos que é co-ativado regularmente com o domínio sensório-motor. Essas conexões promovem a estrutura inferencial e a experiência qualitativa, que serão ativadas sobre os sistemas sensório-motoras para os domínios subjetivos que estão associados a eles.

Na perspectiva neural, as metáforas primárias são conexões neurais apreendidas através da co-ativação. Elas estendem-se através do cérebro entre áreas dedicadas às experiências sensório-motoras e áreas dedicadas à experiência subjetiva. A grande complexidade inferencial dos domínios sensório e motor oferecem a essas metáforas um caráter assimétrico, com inferências que seguem em apenas uma direção.

2.3.2 Metáforas complexas

A formação das metáforas complexas será feita através de metáforas primárias mais formas de conhecimentos de um lugar comum, como, por exemplo, modelos culturais, teorias populares, ou, simplesmente, de conhecimentos e crenças que são amplamente aceitos em uma cultura determinada. Como exemplo de metáfora complexa, Lakoff e Johnson (1999) propõem a metáfora UMA PROPOSTA DE VIDA É UMA VIAGEM. Possuímos em nossa cultura um modelo popular, de acordo com o qual, as pessoas devem possuir propostas de vida e há algo de errado com quem não a possui. Se não temos propostas em nossas vidas estamos perdidos, como se estivéssemos sem direção. Como resultado teremos a metáfora complexa acima que é construída sobre metáforas primárias e a crença cultural.

Outro autor que compartilha dessa visão é Kövecses (2007). A metáfora é, considerada por ele, ao mesmo tempo linguística, conceptual, neural, corporal e social. Kövecses elenca três questões possíveis para a universalidade das metáforas: i) por acidente, ii) através do empréstimo de metáforas de uma linguagem para outra ou iii) pela motivação universal que permite as metáforas emergirem nessas culturas. Como resposta mais plausível temos a terceira, sendo essa baseada na afirmação de que as metáforas primárias são motivadas por correlações universais sobre a experiência corporal.

A variação metafórica, segundo esse autor, pode surgir a partir de duas formas: entre culturas diferentes e na mesma cultura. A variação entre culturas diferentes é resultado de dois processos: O primeiro denominado por ele de “congruência”, ou seja, as metáforas constituem um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que a possui. Com o preenchimento ele recebe um conteúdo cultural único do nível específico. “O nível genérico da metáfora conceptual é instanciado sobre formas culturais específicas em um nível específico”. (Kövecses, 2007, p.07)

Outra forma dessa variação são as metáforas alternativas. Podemos ter diferenças na área das metáforas conceptuais (ou mais precisamente na área do domínio fonte) que as culturas possuem disponível para a conceptualização de um domínio alvo particular.

A variação também é possível dentro de uma mesma cultura:

Nós sabemos por meio de trabalhos no campo da sociologia, antropologia, sociolinguística, etc. que as linguagens não são monolíticas, mas surgem a partir de variedades que refletem as divergências da experiência humana. (Kövecses, 2007, p. 09).

Nesse contexto faz sentido que haja variação metafórica dentro de uma única cultura, sendo essa variação resultante de dimensões que incluem social, regional, étnico, estilo, subcultural, diacrônico e individual. A dimensão social inclui a diferenciação da sociedade entre homem e mulher, jovem e velho, entre outras, e as diferentes metáforas que são utilizadas por cada grupo. A dimensão regional refere-se às novas metáforas que são desenvolvidas quando há o movimento da linguagem de seu local de origem, são os considerados dialetos locais e nacionais. A dimensão subcultural engloba as metáforas próprias de cada subcultura que constitui uma cultura particular. Dimensão individual consiste do uso criativo que cada indivíduo faz da linguagem, cada indivíduo possui suas metáforas idiossincráticas e, por último, a dimensão estilística que é determinada por fatores como o interlocutor, o assunto e o contexto que determinarão a escolha pelo estilo padrão ou informal.

Trilhando o mesmo caminho temos Ning Yu (2008). O autor considera, como os acima citados, que a metáfora conceptual é resultado da interação entre corpo e cultura. Sendo o corpo visto como uma fonte potencialmente universal, enquanto a cultura funcionando como um filtro que seleciona aspectos da experiência sensório-motora e os conecta com a experiência subjetiva e julgamentos para o mapeamento metafórico. Ou seja, “as metáforas são fundamentadas na experiência corporal, mas moldadas pela compreensão cultural, elas são corporificadas sobre o seu ambiente cultural”. (Yu, 2008, p.247)

Essa visão do autor é baseada no fato de os seres humanos possuírem uma estrutura corporal básica e dividirem experiências e funções corporais comuns, as quais nos definem como entidades humanas. A partir disso, a base cultural da metáfora consiste em sua função interpretativa, vendo certas partes do corpo ou aspectos da

experiência corporal como salientes e significativos na compreensão de conceitos abstratos. Em outras palavras “a cultura possui um papel crucial na ligação de experiências corporificadas com as experiências subjetivas para o mapeamento metafórico” (Yu, 2008, p.257). Nesse contexto, os modelos culturais possuem um importante papel, sendo eles os responsáveis de conduzir certos elementos do domínio-fonte para serem mapeados sobre o domínio-alvo, selecionando quais aspectos da experiência corporificada são vistos como particularmente salientes e significativos. Diante disso, a metáfora corporificada é moldada pelas experiências sociais e culturais. Passemos agora para a análise de nosso corpus com base nas teorias acima expostas.

3. Análise

A análise de nosso corpus será dividida em duas fases. Propomos uma primeira fase pautada em uma análise intracategorial, ou seja, faremos a análise individual das metáforas conceituais retiradas de cada reportagem do corpus. Nessa fase, as metáforas atestadas, serão analisadas de acordo com a notação proposta por Lakoff (2008) na Teoria Neural da Metáfora. Por estarmos no domínio da TMCI recorreremos também, nessa fase de análise, aos pressupostos que estão envolvidos nessa teoria, em especial no MCI Metafórico. Assim, devemos nos ater as seguintes questões:

- 1) Esses modelos são estruturados a partir de dois tipos de esquemas: CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-META.
- 2) Estamos no âmbito de uma projeção que possui base experiencial, a partir de um MCI em um domínio para um MCI em outro domínio.

Diante disso, concentraremos, também nessa fase analítica, nossos estudos nos esquemas imagéticos presentes na estruturação de cada metáfora e os MCIs nela envolvidos.

Como segundo passo de nosso estudo propomos uma análise intercategorial. Essa fase intenciona uma análise entre as categorias produzidas por cada texto, nela verificaremos a dimensão cultural das metáforas atestadas, tendo como base a hipótese de que por estarmos trabalhando com textos oriundos de culturas distintas, cada reportagem irá recorrer a modelos metafóricos diferentes na construção de uma

Metáfora: REFORMA AGRÁRIA É GUERRA

Domínio-Fonte: GUERRA

Domínio-Alvo: REFORMA AGRÁRIA

Mapeamentos:

SOLDADOS \iff SEM-TERRA

ARMAS \iff FOCIES, PEDAÇOS DE PAU, COQUITEIS MOLOTOV, CARABINAS

CONQUISTAS \iff PROPÓSITOS

CAMPOS DE BATALHA \iff FAZENDAS, PRÉDIOS PÚBLICOS

INIMIGOS \iff LATIFÚNDIOS

VENCER \iff OBTER DINHEIRO PÚBLICO

Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego. Fonte. VENCER

MUDANÇA = Ego. Alvo. OBTER DINHEIRO PÚBLICO

Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:

OBJETOS DESEJADOS = Ego. Fonte. CONQUISTA

PROPÓSITOS = Ego. Alvo. PROPÓSITOS

Metáfora FAZENDAS/PRÉDIOS PÚBLICOS SÃO CONTÊINERS, com:

CONTÊINERS = Ego. Fonte. CAMPO DE BATALHA.

FAZENDAS/PRÉDIOS PÚBLICOS = Ego. Alvo. FAZENDAS/PRÉDIOS PÚBLICOS.

determinada categoria. Para o seu desenrolar, recorreremos à teoria decomposicional, de Lakoff e Johnson, tomando como pressuposto a tese da distinção entre metáfora primária e metáfora complexa; ao filtro cultural de Yu, onde o autor propõe que cada cultura funcionará como filtro na seleção dos aspectos da experiência sensório-motora e os conecta com a experiência subjetiva para o mapeamento metafórico; e os estudos de variação cultural de Kövecses (2007), em especial, a variação entre culturas distintas.

Começaremos com a reportagem da revista Veja intitulada “Sem terra e sem lei”:

Expressões Metafóricas:

- 1) *Marcha* frustrada: no Paraná a polícia barrou manifestantes, cinquenta foram feridos e um morreu
- 2) A má distribuição de terra no Brasil tem razões históricas, e a *luta* pela reforma agrária envolve aspectos econômicos, políticos e sociais.
- 3) Um dos coordenadores da invasão, Jairo Amorim Sol, deu entrevistas informando que os sem-terra haviam preparado vários *coquetéis Molotov*, aquela *bomba incendiária* feita com gasolina.
- 4) Vamos tentar resistir aqui fora e depois vamos jogar *coquetel Molotov* e fazer *barricadas* dentro do prédio do Incra", disse Sol.
- 5) Nas inúmeras invasões realizadas pelo MST, as únicas *armas* eram foices e pedaços de pau, e havia casos esporádicos de carabinas calibre 12 e revólveres 38.

Seguindo os pressupostos da TMCI podemos observar, nessa metáfora, a existência de dois MCI_s, o MCI da GUERRA, que será o responsável pela estrutura do MCI da REFORMA AGRÁRIA. Como advoga Lakoff (1987), é comum que um número de modelos cognitivos combine-se para formarem um conjunto complexo que é considerado psicologicamente mais básico do que os modelos colocados individualmente. Diante disso, consideramos como modelo complexo de guerra aquele que a considera um confronto sujeito a interesses de disputa entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos mais ou menos organizados, utilizando-se de armas para tentar derrotar o adversário. Mas como esse modelo não consegue dar conta de todos os casos há a construção de submodelos, como, por exemplo, os modelos de guerra civil, guerra psicológica, guerra fria, guerra de guerrilha e guerras religiosas. Diante disso, podemos considerar que há formas variadas de guerra, sendo que cada uma possui propriedades específicas. Temos abaixo algumas expressões linguísticas que demonstram a utilização dos submodelos de guerra:

É essa divisão radical da sociedade que dá à *luta* pela reforma agrária uma característica de guerra santa. "E, como toda guerra santa, é uma guerra sem alternativas, sem saídas políticas". (Guerra Religiosa)

Nas inúmeras invasões realizadas pelo MST, as únicas *armas* eram foices e pedaços de pau, e havia casos esporádicos de carabinas calibre 12 e revólveres 38. (Guerra Civil e Guerra de Guerrilha)

Como os MCI_s metafóricos são estruturados por esquemas, tem-se, nessa metáfora, a presença do esquema ORIGEM-PERCURSO-META: um AGENTE (ORIGEM) uma AÇÃO (PERCURSO) e um ALVO (META) que pode ser exemplificado da seguinte forma: ORIGEM (SEM-TERRA) – PERCURSO (AÇÃO) – META (DINHEIRO). Nesse caso, teríamos uma ação que é dirigida ou a alguém, ou a alguma coisa. Podemos afirmar que além desse esquema cinestésico, o modelo pode incorporar o de CONTATO. Ou seja, como estamos falando de FORÇA FÍSICA, haveria contato. De fato, acreditamos que ao falarmos de guerra um dos aspectos mais salientes seria o emprego da força física, que nesse caso é empregado contra alguém, o adversário. Outro modelo que pode ser verificado nessa metáfora é o do MOVIMENTO, como os próprios verbos (marchar, lutar, alistar, treinar e atacar) indicam para que haja a reforma agrária é preciso que se tenha ação, movimento. A partir disso podemos produzir como acarretamentos:

REFORMA AGRÁRIA PRECISA DE MOVIMENTO

MOVIMENTO DISPENDE ENERGIA

Assim,

REFORMA AGRÁRIA É MOVIMENTO

REFORMA AGRÁRIA É IR EM DIREÇÃO A UM OBJETIVO (ORIGEM-PERCURSO-META).

Metáfora: MST É UMA PESSOA

Domínio-Fonte: PESSOA

Domínio-Alvo: MST

Mapeamentos:

PESSOA \implies MST

CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS \implies ATRIBUTOS DO MST

Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:

POSSES = Ego. Fonte. CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS

ATRIBUTOS = Ego. Alvo. ATRIBUTOS DO MST

Expressões Metafóricas:

- 1) Em sua maior *ofensiva*, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra *invade* prédios públicos em quinze capitais e um militante é morto pela polícia.
- 2) O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra *concretizou* na semana passada *sua ação* mais espetacular desde que *foi criado*, há quinze anos
- 3) Em onze, o MST *escolheu* escritórios do Ministério da Fazenda.
- 4) Na prática, quem observa a *trajetória* do MST verifica que, pouco a pouco, ele *modifica sua visão* a respeito desses objetivos. Numa palavra, o MST *não quer* mais terra. O movimento *quer toda* a terra, *quer tomar* o poder no país por meio da revolução e, feito isso, *implantar* por aqui um socialismo tardio, onze anos depois da queda do Muro de Berlim, num momento em que Cuba e Coréia do Norte são praticamente o que resta de modelos a imitar nessa área. É o próprio MST que *diz isso*. Sem *constrangimento* algum.
- 5) Em uma terceira fase, o MST *deixou* a área rural, mas *permaneceu* nas pequenas cidades do interior. *Organizou saques* a supermercados, *invadiu* delegacia de polícia para libertar companheiros presos e *ocupou* agências bancárias como forma de protesto contra as altas taxas de juro. *Chegou a encenar* uma ação de grande visibilidade, ao *organizar* uma marcha nacional sobre Brasília há três anos.

A metáfora conceitual acima utiliza como domínio fonte o MCI PESSOA, sendo esse o responsável pela estruturação do MCI presente no domínio alvo. Consideramos,

baseado nos estudos de Feltes (2007) sobre a categoria Violência¹⁶⁴, que o conceito de pessoa é estruturado a partir de três modelos cognitivos:

M₁. Espiritual: relacionado ao domínio da alma, ao estado transcendente, o e extrafísico-psíquico.

M₂. Corporal: relacionado ao domínio do corpo, suas ações.

M₃- Psíquico: relacionado ao domínio da atividade psíquica, ou seja, ao sentir, julgar, raciocinar, posicionar-se intelectualmente.

Diante disso, pode-se observar, na metáfora MST É UMA PESSOA, que não há a utilização de apenas um desses modelos, mas a sobreposição na construção do MCI PESSOA e, conseqüentemente, no MCI MST que passa a ser estruturado por esses modelos:

Cria-se assim um mundo em que o MST *desempenha o papel do Bem*, num cenário maniqueísta em que o governo FHC é o Mal.(MODELO ESPRITUAL e PSÍQUICO)

Em sua maior *ofensiva*, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra *invade* prédios públicos em quinze capitais e um militante é morto pela polícia. (MODELO CORPORAL)

Numa palavra, o MST *não quer* mais terra. O movimento *quer toda* a terra, *quer tomar* o poder no país por meio da revolução e, feito isso, *implantar* por aqui um socialismo tardio, onze anos depois da queda do Muro de Berlim, num momento em que Cuba e Coréia do Norte são praticamente o que resta de modelos a imitar nessa área. (MODELO PSÍQUICO e CORPORAL)

O esquema de imagem presente nessa estrutura é do CONTÊINER, ou seja, como afirma Lakoff (1987), as pessoas experienciam o próprio corpo como um contêiner, tendo um interior, exterior e uma fronteira. Diante dessa metáfora, MST É UMA PESSOA, uma idéia importante a ser acrescentada é a de ATIVIDADE. Ou seja, podemos ter, dependendo do modelo de PESSOA, um tipo de ATIVIDADE a ele relacionada. Assim, no MODELO CORPORAL teremos a ATIVIDADE ligada ao CORPO FÍSICO, nas ações por ele executadas; já no MODELO PSÍQUICO temos a

¹⁶⁴ Para um estudo aprofundado pesquisar Feltes (2007)

ATIVIDADE MENTAL que se relaciona ao pensamento, lembranças, sonhos, fantasias.

Acarreta-se a partir disso que:

PESSOA É UMA ENTIDADE

PESSOAS EXECUTAM ATIVIDADES MENTAIS E FÍSICAS

MST É UMA ENTIDADE

MST EXECUTA ATIVIDADES MENTAIS E FÍSICAS

Passemos agora para a análise da reportagem da revista Newsweek intitulada “Giving Them Land Was Supposed To Liberate Millions Of Brazilian Peasants. It Hasn't. What The World--And Billions Of The Landless Poor--Can Learn From A Dream Gone Sour”.

Metáfora: REFORMA AGRÁRIA É GUERRA

Domínio-Fonte: GUERRA

Domínio-Alvo: REFORMA AGRÁRIA

Mapeamentos:

SOLDADOS \implies SEM-TERRA

ARMAS \implies MEIOS DE COMUNICAÇÃO

CONQUISTAS \implies PROPÓSITOS

VENCER \implies OBTER A TERRA

CAMPO DE BATALHA \implies ASSENTAMENTO

Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego. Fonte. VENCER

MUDANÇA = Ego. Alvo. OBTER A TERRA

Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:

OBJETOS DESEJADOS = Ego. Fonte. CONQUISTA

PROPÓSITOS = Ego. Alvo. PROPÓSITOS.

Metáfora ASSENTAMENTO É UM CONTÊINER, com:

CONTÊINER = Ego. Fonte. CAMPO DE BATALHA

ASSENTAMENTO = Ego. Alvo. ASSENTAMENTO

Expressões Metafóricas:

- 1) Mas a *luta* pela terra, especialmente, incendiava a imaginação latino-americana - dos camponeses desafiadores dos muros de Diego Rivera aos rebeldes Zapatistas mascarados do México.
- 2) 3.000 colonos *marcharam* pelo direito a terra no Pará, na Amazônia

- 3) ... colunas de homens, mulheres e crianças *marchando* em formação, ao longo da estrada de um país, reunindo-se em um nó de raiva em uma praça pública.
- 4) Che pode ser seu ícone favorito, mas a internet é sua *arma* poderosa, o site do MST é traduzido em seis línguas.
- 5) Militantes a vasculhar incansavelmente novos *recrutados* nas favelas das cidades, Campus da Universidade, até mesmo no exterior entre os brasileiros que migraram para encontrar trabalho no Paraguai.

Como já observamos o modelo de GUERRA é construído sobre o conhecimento que a considera um confronto, onde temos a disputa entre dois ou mais grupos que se utilizam de armas na tentativa de derrotar o outro, considerado seu adversário. A partir desse modelo teremos a construção de outros modelos cognitivos de acordo com alguns critérios que serão ditados pelo contexto, como os modelos de Guerra civil, psicológica, religiosa, fria, de guerrilha. Considerando a TMCi sabemos que por estarmos diante de modelos idealizados podemos construir mais de um modelo para uma mesma situação, podendo ocorrer a sobreposição. Fato que pode ser verificado, através das expressões metafóricas acima expostas, já que se recorre aos modelos de guerra civil e de guerra de guerrilha.

Acreditamos que, como já exposto na análise da primeira metáfora, temos a presença do modelo de CONTATO, ou seja, por estarmos trabalhando com o domínio de GUERRA há a FORÇA FÍSICA através do contato. Outro modelo seria o de MOVIMENTO, como indicam os verbos acima expostos, nas expressões metafóricas vinculadas a essa metáfora. Isso acarreta que:

REFORMA AGRÁRIA PRECISA DE MOVIMENTO

MOVIMENTO DISPENDE ENERGIA

Assim,

REFORMA AGRÁRIA É MOVIMENTO

REFORMA AGRARIA É IR EM DIREÇÃO A UM OBJETIVO (ORIGEM-PERCURSO-META).

O esquema de imagem responsável pela estrutura dessa metáfora é ORIGEM-PERCURSO- META, com um AGENTE (ORIGEM) uma AÇÃO (PERCURSO) e um ALVO (META), que aqui pode ser exemplificado da seguinte forma: ORIGEM _(SEM-TERRA) – PERCURSO _(AÇÃO) – META _(TERRA).

Metáfora: MST É UMA MÁQUINA

Domínio-Fonte: MÁQUINA

Domínio-Alvo: MST

Mapeamentos:

MÁQUINA \implies MST

PROPRIEDADES DA MÁQUINA \implies ATRIBUTOS DO MST

Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:

POSSES = Ego. Fonte. PROPRIEDADES DA MÁQUINA

ATRIBUTOS = Ego. Alvo. ATRIBUTOS DO MST

Expressões Metafóricas:

- 1) O MST é uma sofisticada *máquina* de esclarecimento político
- 2) Como uma *máquina* de movimento político perpétuo, militantes a vasculhar incansavelmente novos recrutas nas favelas da cidade, no campus da universidade, até mesmo no exterior entre os brasileiros que migraram para encontrar trabalho no Paraguai.
- 3) Esses brasileiros sem-terra de hoje *são fabricados*.

A partir das expressões acima podemos pressupor que:

MST É UMA MÁQUINA

A POLÍTICA É A ENGRENAGEM

SEM-TERRA SÃO PRODUTOS PRODUZIDOS POR ESSA MÁQUINA

Sabemos que o modelo utilizado para o conceito de máquina é aquele que a considera como todo dispositivo mecânico que executa ou ajuda no desempenho de alguma tarefa e que por isso necessita de uma fonte de energia, dessa forma podemos produzir os acarretamentos abaixo:

A MÁQUINA DEMANDA ENERGIA PARA O SEU FUNCIONAMENTO

O MST DEMANDA ENERGIA PARA O SEU FUNCIONAMENTO

A POLÍTICA DISPENDE ENERGIA PARA O SEU FUNCIONAMENTO

Logo:

MST É UMA ENTIDADE (COISA)

MST É UM CONTÊINER, assim, esse será seu esquema imagético.

MST É FORÇA, já que utiliza energia

MST É MOVIMENTO.

Iniciaremos, a partir de agora, a segunda fase de nossa análise. Nesse estágio iremos focalizar a dimensão cultural das metáforas conceituais acima expostas e para essa meta propomos uma análise intercategorial, ou seja, por estarmos trabalhando com textos oriundos de culturas diferentes faremos uma análise entre as metáforas utilizadas na conceitualização de um mesmo domínio, verificando se ocorre ou não a variação cultural. Para isso, como já exposto, iremos nos fundamentar no modelo decomposicional johnson-lakoffiano, na tese do filtro cultural de Yu e nos estudos de Kövecses sobre variação.

Começaremos nossa análise intercategorial com as metáforas utilizadas na conceitualização de reforma agrária. Podemos observar que ambos os textos, mesmo sendo produzidos em culturas distintas, recorrem a domínios idênticos, o da guerra, para conceitualizarem o domínio da reforma agrária. Tendo como base o modelo decomposicional Johnson-lakoffiano, podemos observar que a metáfora complexa REFORMA AGRÁRIA É GUERRA evoca três metáforas primárias, sendo essas idênticas para ambas as culturas:

Revista Veja e Newsweek:

REFORMA AGRÁRIA É GUERRA (metáfora complexa)

MUDANÇA É MOVIMENTO (metáfora primária)

PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS (metáfora primária)

CATEGORIAS SÃO CONTÊINERS (metáfora primária)

Podemos dizer que o modelo de reforma agrária que perpassa nossa cultura, e a cultura americana, é aquele que pressupõe a reorganização da estrutura fundiária tendo como objetivo promover a distribuição mais justa de terra. Assim, a reforma agrária é o termo empregado para designar o conjunto de medidas que visam desconcentrar a propriedade de terras cultiváveis a fim de torná-las produtivas e melhorar o nível da população rural.

Como advoga Yu (2008) as metáforas são fundamentadas pelas nossas experiências corporais e moldadas pela cultura. Como o autor afirma, a cultura é vista como filtro, ou seja, são os modelos culturais os responsáveis pela condução dos elementos do domínio fonte que serão mapeados para o domínio alvo. Para ele somente as culturas que selecionarem os mesmos elementos para a projeção metafórica, que tiverem as mesmas metáforas primárias na composição da metáfora complexa, o mesmo conhecimento de lugar comum, possuíram as mesmas metáforas. Isso ocorre com a metáfora acima, já que a metáfora complexa REFORMA AGRÁRIA É GUERRA é

Mapeamentos:

Revista Veja:

SOLDADOS \Rightarrow SEM-TERRA

ARMAS \Rightarrow FOCIES, PEDAÇOS DE PAU, COQUITEIS MOLOTOV, CARABINAS

CONQUISTAS \Rightarrow PROPÓSITOS

CAMPOS DE BATALHA \Rightarrow FAZENDAS, PRÉDIOS PÚBLICOS

INIMIGOS \Rightarrow LATIFÚNDIOS

VENCER \Rightarrow OBTER DINHEIRO PÚBLICO

Revista Newsweek:

SOLDADOS \Rightarrow SEM-TERRA

ARMAS \Rightarrow MEIOS DE COMUNICAÇÃO

CONQUISTAS \Rightarrow PROPÓSITOS

VENCER \Rightarrow OBTER A TERRA

CAMPO DE BATALHA \Rightarrow ASSENTAMENTO

composta, nos dois textos, pelas mesmas metáforas primárias, pelo mesmo

conhecimento cultural e os mesmos elementos do domínio fonte utilizado no mapeamento para o domínio alvo, como os mapeamentos abaixo demonstram:

Na conceitualização de MST temos a ocorrência de metáforas distintas, havendo, dessa forma, variação cultural. Podemos observar, nesse caso, o que Kövecses

Revista Veja:

MST É UMA PESSOA (metáfora complexa)

ATRIBUTOS SÃO POSSES (metáfora primária)

Revista Newsweek

MST É UMA MÁQUINA (metáfora complexa)

ATRIBUTOS SÃO POSSES (metáfora primária)

denomina de metáforas alternativas, variação que ocorre entre culturas diferentes quando há a utilização do mesmo domínio alvo, mas com domínios fontes diferentes.

Dessa forma, temos:

Uma observação interessante a se fazer é que, mesmo tendo domínios fonte distintos, ambas as culturas evocam a mesma metáfora primária. Como podemos observar acima, as duas metáforas utilizadas na conceitualização de MST possuem como base a metáfora primária ATRIBUTOS SÃO POSSES. Em relação aos elementos apresentados no mapeamento dos domínios, podemos observar que quando há a utilização de metáforas distintas cada cultura seleciona elementos diferentes para a projeção:

3. Considerações Finais

Desde o início deste trabalho pontuamos como objetivo abordar o processo de produção de sentido considerando sua dimensão cognitiva e cultural. Para desenvolvermos essa proposta recorremos a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados em conjunto com teorias que pudessem nos auxiliar em nossas análises. Nessa teoria os MCIs passam a ser considerados os responsáveis pela organização mental do conhecimento e da experiência, compreendendo-se, que a estrutura de categorias e os efeitos prototípicos são resultados dessa organização.

Procuramos demonstrar, a partir das análises acima, como os sentidos são organizados e produzidos a partir do modelo metafórico. Na primeira fase de nossa análise, denominada intracategorial, visualizamos que cada estrutura conceitual foi produzida a partir de dois MCIs distintos, esses considerados domínio fonte e domínio alvo, sendo o primeiro responsável pela estruturação do segundo. Também verificamos os esquemas imagéticos presentes na estrutura de cada uma das metáforas atestadas,

Mapeamentos:

Revista Veja:

PESSOA \iff MST

CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS \iff ATRIBUTOS DO MST

Revista Newsweek:

MÁQUINA \iff MST

PROPRIEDADES DA MÁQUINA \iff ATRIBUTOS DO MST

sendo esses ou do CONTÊINER, ou ORIGEM-PERCURSO-META, como proposto pela TMCIs.

A partir da notação proposta por Lakoff, tivemos a possibilidade de verificarmos os elementos mapeamentos em cada uma das metáforas analisadas, como também, as metáforas primárias evocadas na composição de cada metáfora complexa.

A análise intercategorial apresentou como a cultura interfere na construção desses modelos, a partir do método decomposicional, observamos como as metáforas complexas, produzidas por cada reportagem, resultam das metáforas primárias mais o conhecimento específico de cada cultura. Observamos que tanto a revista brasileira quanto a estadunidense recorrem ao mesmo domínio fonte, selecionam os mesmos elementos para o mapeamento e compartilham do mesmo modelo cultural, tendo dessa forma a mesma metáfora na conceitualização de reforma agrária. Em contraposição, tivemos, na conceitualização de MST, a variação cultural denominada por Kövecses de metáforas alternativas, por terem o mesmo domínio fonte, mas com domínio alvo distinto. Uma questão que observamos na análise das metáforas utilizadas na conceitualização de MST é que ambas evocam a mesma metáfora primária. Acreditamos que isso ocorra pelo fato de essas metáforas serem consideradas universais, por serem apreendidas de forma direta a partir de nossas experiências corporais.

A discussão teórica juntamente com a proposta analítica, evidenciou, mesmo que de forma sucinta, as dimensões cognitivas e culturais presentes no processo de construção de sentido. O modelo metafórico, objeto de nosso estudo, demonstrou, a partir das análises acima, que as categorias, utilizadas por nós para a compreensão de nossa realidade, resultam da forma pela qual elas são organizadas em nossas mentes, experienciadas pelo nosso corpo e pela interação com a cultura em que estamos inseridos.

Referências Bibliográficas

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. George Lakoff's Theory of Cognitive Models: a metatheoretical and methodological assessment based on an analysis of abstract concepts (W- C- PF). In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES Miguel (org.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. II, 2004.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in Culture: universality and variation*. New York: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. *Variation in Metaphor*. In: Revista Ilha do Desterro. Florianópolis, n. 53, 2007

LAKOFF, George. *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS, Ray (org). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida Cotidiana*. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) – Campinas. São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Edpuc, 2002.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MERVIS, Carolyn & ROSCH, Eleanor. *Categorization on natural objects*. Annual Review on Psychology, v.32, n. 01, 1981

ROSCH, Eleanor. *Cognitive representations of semantic categories*. Journal of Experimental Psychology: General, v. 104, n. 03, 1975

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, Timothy. (org). *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, 1973. .

ROSCH, Eleanor & MERVIS, Carolyn. *Family Resemblances: studies in the internal structures of categories*. Cognitive Psychology, v. 7, n. 4, 1975.

SPERANDIO, Natália Elvira. *O Modelo Cognitivo Idealizado no Processamento Metafórico*. 2010. 99f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Crítica da Cultura, Universidade Federal de São João Del-Rei. São João Del-Rei, 2010.

YU, Ning. Metaphor from body and culture. In: GIBBS, Ray (org). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford University Press, 2008.

A metáfora na produção do conhecimento matemático: projeção recursiva de esquemas imagéticos

Liliane Souza Amaral¹⁶⁵

lisouzamaral@yahoo.com.br

Marcelo Wagner de Lima e Souza¹⁶⁶

celowagner@yahoo.com.br

Renata dos Santos Mendes¹⁶⁷

renatamendes@unifei.edu.br

RESUMO

A partir da discussão sobre a natureza da matemática apresentada em Lakoff e Núñez (2000), cujo objetivo é compreender o papel da metáfora na constituição do conhecimento matemático, este estudo propõe demonstrar que o processamento metafórico, base para a construção da matemática, é derivado da recursão, propriedade básica da linguagem. Nessa perspectiva, é necessário especificar o que se entende por metáfora. Para tanto, inicialmente, partir-se-á da noção de mente corporizada (Johnson, 2007), segundo a qual, para se produzir sentido, é necessário um cérebro operando em um corpo humano que interage com o seu ambiente. Essa noção implica quatro conceitos importantes: a) nicho, que se refere ao modo como o ser se relaciona com o ambiente (Gibson, 1986); b) *affordances*, relacionado às interações do ser com seu nicho sociobiocultural (Gibson, 1979 apud Sinha, 2009); c) esquemas imagéticos, os quais são padrões que emergem da interação do ser com o ambiente (Johnson, 2007); e d) recursão, operação natural que é realizada para se produzir sentido. Partindo da Teoria da Integração Conceitual (Fauconnier; Turner, 2002), refere-se ao processo de integração de espaços referenciais em que um espaço resultante da integração de outros espaços pode ser usado como input para novas integrações. Nessa medida, a produção de sentido tem como base a experiência corporal (Lakoff; Johnson, 2003), cujo processo envolve o processamento metafórico; logo as atividades corporizadas são condição para a construção metafórica. A seguir, propõe-se a articulação desses conceitos, considerando-se que o processamento metafórico tem como base a projeção recursiva de esquemas imagéticos, cuja base são as experiências sensório-motoras e, a partir de Lakoff e Núñez (2000), que a matemática decorre do processamento metafórico. Portanto, a matemática é um produto da capacidade neural do cérebro, da natureza dos corpos, da evolução, do meio ambiente e da longa história social e cultural (Lakoff; Núñez, 2000). Com este estudo, pode-se compreender que matemática é uma construção humana que só é possível a partir do modo de o ser humano funcionar no mundo, no seu nicho. Ela decorre da capacidade humana de metaforizar, de projetar espaços, tendo

¹⁶⁵ Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG.

¹⁶⁶ Mestrando em Linguística e Língua Portuguesa; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG.

¹⁶⁷ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG; professora assistente de Língua Portuguesa - Universidade Federal de Itajubá (*campus* Itabira), MG; apoio: Fapemig.

como base os esquemas imagéticos e a recursão como o centro desse processo. Assim, o processo que gera a linguagem é o mesmo que gera a matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Conhecimento matemático; Recursão; Esquemas Imagéticos.

ABSTRACT

From the discussion about the nature of mathematics presented in Lakoff and Núñez (2000), whose objective is to understand the role of metaphor in the constitution of mathematical knowledge, this study proposes to demonstrate that metaphorical processing, basis for the construction of mathematic, is derived recursion, basic property of language. From this perspective, it is necessary to specify what is meant by metaphor. For that, initially, it will be from the notion of embodied mind (Johnson, 2007), whereby, in order to produce meaning, you need a brain operating in a human body that interacts with its environment. This notion implies four important concepts: a) niche, which refers to how the being is related to the environment (Gibson, 1986), b) affordances, be related to interactions with their niche (Gibson, 1979 apud Sinha, 2009), c) pictorial schemes, which are patterns that emerge from the interaction of being with the environment (Johnson, 2007), and d) recursion, natural operation is performed to produce meaning. Based on the conceptual integration theory (Fauconnier; Turner, 2002), it refers to the process of integration of spaces in which a referential space resulting from the integration of other spaces can be used as input for new integrations. To that extent, the production of meaning is based on bodily experience (Lakoff; Johnson, 2003), a process that involves processing metaphor; therefore activities are embodied in order to construct metaphorical. Then, it proposes the articulation of these concepts, considering that metaphorical processing is based on the recursive projection of image schemes, which are based on sensory-motor experiences, from Lakoff and Núñez (2000), the mathematical result of the metaphorical process. Therefore, mathematic is a product of the brain's neural capacity, the nature of bodies, of evolution, the environment and the long social and cultural history (Lakoff; Núñez, 2000). With this study, we can understand that mathematic is a human construction that can only come from the way human beings function in the world in its niche. It stems from the human capacity for metaphor, designing spaces, based on pictorial schemes and recursion as the center of this process. Thus, the process that generates the language is the same that generates the mathematic.

KEYWORDS: Metaphor; Mathematical knowledge; Recursion; Image Schemes.

Introdução

O processamento metafórico, pautado na concepção de Lakoff e Núñez (2000), possui papel fundamental na constituição do conhecimento matemático. A produção de sentido, mesmo no que concerne aos conceitos mais abstratos, envolve o processamento

metafórico e tem como base a experiência corporal, corroborando com a ideia de que as metáforas conceituais têm relevante papel na linguagem.

Esse pressuposto refere-se à capacidade da mente humana, que a partir de experiências corporais, possibilita a emergência de conceitos e artefatos culturais dos mais diferentes níveis de complexidade.

Diante disso, por meio da pesquisa bibliográfica, este artigo objetiva discutir o papel da metáfora na construção do conhecimento matemático, cujo embasamento teórico se pauta, principalmente, em: Lakoff e Núñez (2000), Lakoff e Johnson (2003), Fauconnier e Turner (2002), bem como Gibson (1986). Este estudo também apresentará informações acerca da compreensão do que é uma mente corporizada e de como tal compreensão – juntamente com outros conceitos como nicho, *affordances*, esquemas imagéticos, Teoria da Integração Conceitual e recursão – pode contribuir no melhor entendimento da cognição humana.

Pretende-se argumentar que todos esses conceitos se articulam, considerando-se que o processamento metafórico tem como base a projeção recursiva de esquemas imagéticos, cuja base são as experiências sensório-motoras. Assim, o pensamento matemático pode ser, então, compreendido como sendo uma das possíveis emergências do processamento metafórico, recorrendo-se, principalmente, à concepção proposta por Lakoff e Núñez (2000).

O desenvolvimento do artigo está seccionado em três partes: na primeira, serão apresentadas informações quanto à linguagem e à produção de sentido tendo em vista, especialmente, as proposições de Johnson (2007), Sinha (2009), Gibbs (2005) e Chomsky (2005); na segunda parte, abordar-se-ão informações acerca da metáfora como um recurso da linguagem e do pensamento, um mecanismo cognitivo que permite o entendimento de um domínio em termos de outro; na terceira parte, serão articulados os conceitos apresentados nos capítulos anteriores, cujo objetivo é mostrar que a matemática decorre do processamento metafórico, tendo como base a projeção recursiva de esquemas imagéticos.

1. Sobre Linguagem e Produção de Sentido

Ilari (2003), à luz dos trabalhos de Carlos Franchi sobre a natureza da linguagem, afirma que a linguagem não é uma “nomenclatura”, ela não representa algo que está “lá fora”; “[...] a comunicação linguística não se reduz à discriminação de mensagens, e as mensagens possíveis não constituem, em nenhum sentido válido, um repertório pré-estabelecido” (Ilari, 2003, p. 48). Ao contrário, a linguagem é uma “atividade constitutiva” e criativa, não um produto.

Essa noção de linguagem permite que se reflita sobre a construção de sentido que, segundo Johnson (2007), trata de um processo que o ser vivo é capaz de realizar a partir de um cérebro operando em um corpo em interação com seu ambiente: “[...] significados não residem em nosso cérebro, nem em nossa mente descorporizada. Significado requer um cérebro funcionando em um corpo vivo que envolve seu ambiente – ambientes que são sociais e culturais, bem como físicos e biológicos”¹⁶⁸ (Johnson, 2007, p. 152, tradução nossa).

Em consonância com essa visão, Sinha (2009) aborda a linguagem em uma perspectiva “biocultural”, em que significado e contexto estão integrados. Dentro dessa abordagem, é necessário especificar dois conceitos importantes: nicho e *affordances*. Quanto ao primeiro, Gibson argumenta:

Os ecologistas têm o conceito de nicho. Sabe-se que uma espécie animal utiliza ou ocupa certo nicho no meio ambiente. Isso não é exatamente o mesmo que o habitat da espécie; um nicho refere-se mais ao modo como o animal vive do que onde ele vive. Eu diria que um nicho é um conjunto de possibilidades. (GIBSON¹⁶⁹, 1986, p. 128 apud SANTOS, 2010, p. 66).

O autor ainda considera que o meio ambiente natural proporciona muitas maneiras de vida ao passo que os diversos animais possuem hábitos cotidianos diferentes. Nesse caso, o nicho presume um tipo de animal que, por sua vez, implica um

¹⁶⁸ “[...] meaning does not reside in our brain, nor does it reside in a disembodied mind. Meaning requires a functioning brain, in a living body that engages its environments – environments that are social and cultural, as well as physical and biological.”

¹⁶⁹ GIBSON, J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1986.

tipo de nicho. Em síntese, nicho se refere ao modo como o ser se integra e interage ao seu ambiente.

Quanto ao segundo conceito importante, *affordances*, Gibson¹⁷⁰ (1986 apud Sinha, 2009, p. 294, tradução nossa) destaca que são “[...] propriedades do nicho ecológico que proporcionam ou apoiam determinados tipos de ação tornados possíveis pelo sistema motor e morfológico do animal. Tais ações são ao mesmo tempo típicas da espécie (não necessariamente de uma única espécie) e adaptativas”¹⁷¹.

Ou seja, *affordances* são as interações ativas do ser com seu nicho sociobiocultural, das experiências perceptuais do ser humano com o ambiente (o que inclui ação corporal, manipulação de objetos), a partir das quais, estruturam-se padrões, em mapas neurais, denominados esquemas imagéticos.

1.1 Esquemas Imagéticos

Para se considerarem as operações cognitivas de produção de sentido, reconhecendo a relação do ser humano em seu nicho sociobiocultural, deve-se também compreender o conceito de Esquemas Imagéticos (*Images Schemas*), originalmente apresentado em Johnson (1987)¹⁷² e Lakoff (1987)¹⁷³, ambos citados por Araújo (2008).

De acordo com o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, as estruturas de significação humana emergem de estruturas conceituais que, por sua vez, emergem de estruturas corporais, levando-se em conta que tal noção está intimamente ligada com o conceito de Significado Corporal (*Embodiment Meaning*). Como explicitado anteriormente, a construção de sentido ocorre pela íntima relação entre corpo e mente (que não podem ser dissociados) em constante interação com o nicho sociobiocultural do qual o sujeito é parte.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ “[...] properties of the ecological niche affording or supporting specific kinds of action made possible by the motor system and morphology of the animal. Such actions are both species-typical (though not necessarily species unique) and adaptive.”

¹⁷² JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

¹⁷³ LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

Nas palavras de Gibbs (2005, p. 8, tradução nossa), depreende-se que “[...] a compreensão das pessoas dos significados linguísticos não são dissociadas de suas experiências, mas são fundamentalmente condicionadas por eles de forma previsível”¹⁷⁴.

Ainda segundo o autor:

[...] o elemento-chave desta premissa é a ideia de que a compreensão da natureza corporificada da cognição humana demanda que pesquisas específicas investiguem as possíveis relações entre mente-corpo e linguagem-corpo. Compreender a experiência [...] exige o reconhecimento de como as pessoas se movem dinamicamente no mundo físico/ cultural. A mente está intimamente relacionada com representações cerebrais do corpo e às atividades do corpo no mundo real.¹⁷⁵(Gibbs, 2005, p. 9-10, tradução nossa).

Assim, as experiências corporais, de interação com o mundo, desde manipulação de objetos, deslocamento de espaços, verticalização postural, dentre outras, são base estrutural para a conceptualização de sentido.

Essa conceptualização, por sua vez, relaciona-se aos Esquemas Imagéticos (*Images Schemas*) que derivam da interação com o mundo e da observação que se tem deste. De acordo com Araújo (2008, p. 18), “[...] os esquemas imagéticos são estruturas abstratas que organizam os padrões recorrentes da experiência sensorio-motora que emergem da estrutura corpórea do ser humano e da forma como se dá a interação do corpo com o mundo em sua volta”.

¹⁷⁴ “[...] people’s understanding of linguistic meanings are not divorced from their embodied experiences, but rather are fundamentally constrained by them in predictable ways.”

¹⁷⁵ “[...] the key feature of this premise is the idea that understanding the embodied nature of human cognition demands that researches specifically look for possible mind-body and language-body connections. Understanding embodied experience (...) demands recognition of how people dynamically move in the physical/cultural world. The minds are closely related to brain representations of the body and to the body’s continued activities in the real world.”

Quanto a isso, Evans e Green (2006, p. 182, tradução nossa) apresentam a seguinte consideração:

[...] esquemas imagéticos derivam de experiência corporizada, eles derivam da maneira como alguém se relaciona com o mundo. Para ilustrar essa ideia, considere o esquema imagético para FORÇA. Este esquema imagético surge a partir da experiência de agir sobre outras entidades, ou de ser posta em prática por outras entidades, resultando na transferência de energia de movimento.¹⁷⁶

É possível compreender essas estruturas como *gestalts*, nas quais as diversas modalidades perceptivas visuais, auditivas, táteis são integradas (ARAÚJO, 2008).

Dessa forma, a maneira como se experiencia o corpo em relação ao mundo permite a emergência de sentido. Por exemplo, o fato de, ao longo da evolução da espécie humana, tomar-se a postura vertical como padrão faz com que se tenha de vencer a gravidade, com isso a possibilidade de compreensão de conceitos como alto, baixo ou sentenças como “a bolsa de valores caiu”, ou “a economia brasileira está decrescendo”.

Exemplifica-se, ainda, com um exemplo do esquema imagético contêiner, que pode ser traduzido como continente. Tal esquema pode ser conceptualizado a partir da relação do ser humano com o ambiente, pois aquele está circundado por outros objetos e pela possibilidade de estar em diferentes espaços permitindo a compreensão de sentenças como “você está fora do assunto”, ou “ela entrou em minha vida”, e ainda compreender conceitos matemáticos como: $x \in A$ (elemento x pertence ao conjunto A).

Considerando os exemplos citados, é possível notar que um mesmo esquema imagético pode estar na base de várias emergências de produção de sentido, sendo a partir dos esquemas imagéticos – como o esquema contêiner –, que a recursão é construída.

¹⁷⁶ “[...] image schemas derive from embodied experience, they derive from the way in which we interact with the world. To illustrate this idea, consider the image schema for force. This image schema arises from our experience of acting upon other entities, or being acted upon by other entities, resulting in the transfer of motion energy.”

1.2 Recursão

As noções de mente corporizada, de construção de significado, propostas por Johnson (2007), e a visão “biocultural” da linguagem de Sinha (2009) vão ao encontro da caracterização de linguagem apresentada por Chomsky (2005). Segundo este autor, a mente e a linguagem são objetos do mundo natural e, por isso, passíveis de investigação como qualquer outro elemento da natureza:

Gostaria de discutir uma abordagem da mente que toma a linguagem e os fenômenos similares como elementos do mundo natural a ser estudados por meio de métodos ordinários de pesquisa empírica. Usarei os termos “mente” e “mental” aqui sem significação metafísica. Assim, entendo “mental” como estando no mesmo nível de “químico”, “ótico” ou “elétrico” [...]. Os termos são usados para selecionar certos aspectos do mundo como um foco de pesquisa. Com o vocábulo “mente” quero indicar apenas os aspectos mentais do mundo [...]. Usarei os termos “lingüístico” e “linguagem” da mesma maneira (CHOMSKY, 2005, p. 193).

Desse modo, Chomsky (2005) propõe um estudo da linguagem, considerando-a como objeto do mundo natural, como parte do indivíduo/sujeito biológico.

Procurando responder à pergunta sobre como se pode adquirir um conhecimento linguístico tão complexo com exposição a pouco estímulo, Chomsky (2005) parte do princípio de que há um “componente particular da mente humana” – Faculdade da Linguagem –, um “mecanismo de aquisição da linguagem” que origina o conhecimento da língua a partir de experiências linguísticas, convertendo essa experiência em um sistema de conhecimento de determinada língua. Segundo Chomsky (1997):

A faculdade da linguagem pode razoavelmente ser considerada como “um órgão linguístico” no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou

sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa. Nós temos a esperança de compreender a complexidade do todo em sua plenitude através da investigação das partes que têm características distintivas, e das interações entre elas. Do mesmo modo procede o estudo da faculdade da linguagem.

A Linguagem envolve necessariamente significado/sentido e sua materialidade (som e/ou gestos). O órgão da linguagem opera a junção entre essa materialidade e sentido por meio de computações. Segundo Hauser, Chomsky e Fitch (2002), a Linguagem pode ser dividida em dois “sensos”: a Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo (FLB) e a Faculdade da Linguagem em Sentido Restrito (FLN).

A FLB é composta pelo sistema computacional interno (que corresponde à FLN), pelo sistema sensório-motor (responsável por ler as instruções fonéticas de uma determinada língua), trata-se do componente articulatório perceptual (AP), e pelo sistema intencional-conceitual (CI) (relacionado aos aspectos semânticos e formais). A FLN é um componente da FLB, um sistema computacional linguístico abstrato que interage com os outros sistemas e é a interface entre os sistemas sensório-motor e conceitual-intencional. A FLN gera as representações mentais e as mapeia para o sistema sensório-motor, mediado pelo sistema fonológico, e para o sistema intencional-conceitual, mediado pelo sistema semântico, ou seja, a FLB pressupõe as operações/computações de FLN. É esta que possibilita a elaboração de um número infinito de expressões a partir de um número finito de elementos, e isso é possível porque a sua propriedade nuclear é a recursão.

Segundo Hauser, Chomsky e Fitch (2002, p. 1570, tradução nossa):

A Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo (FLB) inclui o sistema sensório-motor, o sistema conceptual-intencional e outros possíveis sistemas (os quais deixamos em aberto); a Faculdade da Linguagem em Sentido Restrito (FLN) inclui as

computações gramaticais nucleares que nós sugerimos serem limitadas à recursão.¹⁷⁷

Em outras palavras, compreende-se a linguagem como um conjunto funcional de processos do homem, comparado como um órgão biológico (tomando, por exemplo, o coração que também possui um conjunto funcional de processos). Nesse sentido, como organismo interno, a linguagem pode ser desdobrada de duas maneiras, em sentido externo (FLB) e interno (FLN). O segundo está incluído no primeiro, sendo responsável pelas possibilidades de construção de arranjos possíveis de manifestações sintáticas de uma determinada língua.

1.2.1 Recursão e a Teoria da Integração Conceitual

A recursão, operatoriamente central na linguagem, é uma forma de explicar a Teoria da Integração Conceitual (Fauconnier; Turner, 2002). Segundo os autores, a produção de sentido ocorre na dinâmica do processo de criação, articulação e integração de espaços mentais, que são ativados e integrados num único espaço denominado Espaço Base, que é o espaço da realidade do falante. Essa integração ocorre por meio de uma operação denominada Integração Conceitual (*Blending*), a qual é possível devido à recursão, que operacionalmente manifesta o princípio natural dos seres humanos, da FLN, a recursividade.

Pela recursão, um processo de autoencaixe, constitui-se um espaço (domínio/*blended*) resultante da integração de outros espaços que, por sua vez, pode ser usado como espaço fonte (*input*) para a construção de novas redes de integrações de espaços discursivos. A essa operação que configura redes de integrações recursivas, Fauconnier e Turner (2002) denominam “integração de duplo escopo”. Segundo esses autores, a capacidade do ser humano de realizar integrações de duplo escopo é o que caracteriza a especificidade do ser humano e é o que permite desenvolver a criatividade,

¹⁷⁷ “FLB includes sensory-motor, conceptual-intentional, and other possible systems (which we leave open); FLN includes the core grammatical computations that we suggest are limited to recursion.”

como arte, matemática, ciência e linguagem, habilidades que diferenciam o ser humano das demais espécies.

Operacionalmente, o processamento metafórico compreende a integração de espaços referenciais, pois, segundo a Teoria da Integração Conceitual, toda e qualquer construção de sentido ocorre por meio da criação e integração recursiva de espaços mentais (aqui compreendidos como espaços referenciais¹⁷⁸).

2. Sobre a metáfora

Na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), utilizada por Lakoff e Núñez (2000), a metáfora, para além de um recurso da linguagem, é um mecanismo cognitivo que permite pensar em um domínio em termos de outro.

Lakoff e Johnson (2003, p. 6, grifos dos autores) apresentam a metáfora como a essência de “[...] compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra” . Um exemplo disso, exposto por Furman e Gallo (2000), é a metáfora do cérebro como computador. Ou seja, o conceito metafórico pode organizar e estruturar as percepções sensoriais, emoções, pensamentos e comportamentos relacionados ao cérebro como um objeto mais familiar à experiência sensorial cotidiana.

Ainda de acordo com a TMC, a metáfora embasa o pensamento, uma vez que fornece estruturas conceituadas por meio das experiências pessoais e sociais (perceptomotoras em relações com o mundo exterior), e a partir das quais se constroem os conceitos abstratos. Lakoff e Johnson (2003) concebem, ainda, que a metáfora não é só questão de linguagem, mas existente no sistema conceitual do ser humano, a saber:

Para a maior parte das pessoas, a metáfora é um instrumento da imaginação poética e da elaboração retórica – um fenômeno da

¹⁷⁸ A adoção da nomenclatura “Espaços Referenciais” e não “Espaços Mentais” deve-se ao entendimento de que “Espaços Referenciais” enfatiza o caráter processual e dialógico das operações de integração, em acordo com Nascimento e Oliveira (2004), Paiva e Nascimento (2009).

linguagem extraordinária, mais do que da linguagem corrente. Além disso, a metáfora é geralmente vista apenas como característica da linguagem, algo que diz respeito às palavras, mais do que ao pensamento ou à ação. [...] Nós, pelo contrário, descobrimos que a metáfora é onipresente na linguagem do dia-a-dia e ocorre não só na linguagem, mas também no pensamento e na ação. O nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é essencialmente metafórico por natureza.¹⁷⁹ (Lakoff; Johnson, 2003, p. 3, tradução nossa).

Nessa perspectiva e de acordo com Lakoff e Núñez (2000), infere-se que a metáfora conceitual tem interferência fundamental nas ideias matemáticas. Com base nessa proposta, Lakoff e Núñez (2000) apresentam as seguintes visões sobre a matemática:

- a) é natural do ser humano e surge do corpo, do cérebro e das experiências cotidianas;
- b) é um assunto importante para o estudo científico, não havendo nada de misterioso, mágico, místico ou transcendente. Atua como uma consequência da evolução humana, capacidades cognitivas, cultura e neurobiologia;
- c) é considerada um dos maiores produtos da imaginação coletiva humana, construída por milhões de pessoas, ao longo de dois mil anos, e mantida por inúmeros estudiosos, professores e pessoas que a utilizam cotidianamente;
- d) é criativa e aberta, podendo ser estendida, em virtude da metáfora e integrações conceituais, para criarem-se novas formas;
- e) é conceitualmente rica como qualquer outra parte do sistema humano conceitual, permitindo visões alternativas e versões de conceitos (muitas noções de infinito, dezenas de milhares de lógicas formais, rica variedade de conceitos de número e

¹⁷⁹ “Metaphor is for most people a device of the poetic imagination and the rhetorical flourish – a matter of extraordinary rather than ordinary language. Moreover, metaphor is typically viewed as characteristic of language alone, a matter of words rather than thought or action. [...] We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.”

- grande variedade de teoria de conjunto, geometria ou estatística);
- f) é um exemplo da beleza, complexidade, riqueza, diversidade e importância das ideias humanas assim como um testemunho maravilhoso do que a mente humana é capaz;
- g) sua criação é responsabilidade dos seres humanos, os quais permanecem como responsáveis pela manutenção e prorrogação dela.

Não obstante, as metáforas podem ser convencionais e criativas. Pela argumentação de Lakoff e Johnson (2003), enquanto a primeira estrutura o sistema conceitual comum e reflete a linguagem cotidiana, a segunda é capaz de atribuir uma nova compreensão da experiência, dando novo significado ao passado, à atividade diária e ao que se conhece e crê. Ou seja, “[...] novas metáforas têm o poder de criar uma nova realidade”¹⁸⁰ (Lakoff; Johnson, 2003, p. 146, tradução nossa). Entretanto, ambas têm vínculos que permitem a inclusão de outras metáforas (ou não) e de outros vínculos, resultando em uma rede destes com um todo coerente.

Desse modo, tendo em vista a ressignificação do passado por meio da criação de uma nova realidade, as metáforas permitem a experiência por meio da reverberação, a qual conecta e desperta a memória de vivências do passado que atuam como guia para as futuras. Quanto ao sentido de reverberar, Lakoff e Johnson (2003) apresentam cinco explicações: a primeira aponta que a metáfora destaca algumas características enquanto suprime outras; a segunda reforça que a metáfora implica outros conceitos e aspectos muito específicos destes; a terceira expõe que a metáfora destaca experiências importantes, com efeito de feedback, tornando-as coerentes e guiando as ações futuras; a quarta aborda que as metáforas podem ser apropriadas haja vista que sancionam ações, justificam inferências e colaboram com o alcance de objetivos; e a quinta determina que o significado de uma metáfora terá que ser em parte culturalmente determinada e ligada às experiências passadas, cujos conceitos variam de cultura para cultura.

3. A metaforização no processo de matematização

De acordo com Lakoff e Núñez (2000), o ser humano não é capaz de explicar

¹⁸⁰ “New metaphors have the power to create a new reality.”

exatamente o que e como entende boa parte do conhecimento matemático cotidiano. Isso pode ser explicitado cognitivamente pelo processamento metafórico que, tendo como base a recursão, permite compreender a emergência das propriedades básicas das ideias matemáticas. Diante disso, e contribuindo com argumentos sobre a metáfora conceitual, Núñez (2008, p. 343, tradução nossa) destaca que “[...] a metáfora conceitual desempenha um papel crucial na realização do processo de matematização, estendendo a organização inferencial de experiências cotidianas enraizadas para domínios abstratos”¹⁸¹. Com isso, a partir dos argumentos apresentados por Núñez (2008), pode-se compreender que o estudo científico contemporâneo, com esforços interdisciplinares da neurociência à linguística, esclarece que a mente humana, ao criar os sistemas conceituais, permite que as ideias matemáticas sejam possíveis de se compreender. É fato, pois, que a natureza da matemática é uma questão científica que utiliza mecanismos cognitivos, como a recursão, para a caracterização de conceitos matemáticos.

Convém explicitar, ainda, que o supracitado reforça a facilidade de acesso às ideias matemáticas pelos não-matemáticos, amenizando (ou até mesmo cessando) a asserção de que as belezas e profundidades matemáticas somente são acessíveis aos matemáticos. Com isso, depreende-se que as metáforas conceituais estão enraizadas no pensamento matemático, não sendo, pois, meros mecanismos auxiliares utilizados para visualização ou facilidade de compreensão. Isso, para Lakoff e Núñez (2000, p. 7, tradução nossa), significa “[...] que revelar a estrutura cognitiva da matemática torna-a mais acessível e compreensível. Porque as metáforas são baseadas em experiências comuns, as ideias matemáticas que as usam podem ser entendidas na sua maior parte em termos cotidianos”¹⁸².

O processamento metafórico é natural, reestruturando aspectos da experiência, do pensamento e da linguagem; um meio natural por meio do qual se manifestam os pensamentos. Se é parte da natureza do pensamento e ação o processamento metafórico, logo a noção de Esquemas Imagéticos está na base dessa concepção de metáfora, pois, como abordado anteriormente, tratam-se de esquemas corpóreos construídos em

¹⁸¹ “[...] conceptual metaphor plays a crucial role in realizing the very mathematicization process, by extending the inferential organization of everyday bodily grounded experiences to abstract domains.”

¹⁸² “[...] that revealing the cognitive structure of mathematics makes mathematics much more accessible and comprehensible. Because the metaphors are based on common experiences, the mathematical ideas that use them can be understood for the most part in everyday terms.”

affordances com o nicho sociobiocultural, a partir dos quais a emergência de sentido é possível.

Como exemplos do processo de metaforização no processo de matematização, cita-se a noção de cardinalidade, a qual é um processo recursivo em que a ideia de 5º (quinto), por exemplo, compreende os quatro primeiros cardinais, o 10º implica os 9 primeiros, e assim com os demais cardinais. Trata-se de projeções metafóricas recursivas relacionadas à capacidade de o ser humano identificar-se como “um”, de criar-se como “um” diante do outro e então criar o “dois”.

A Teoria dos Conjuntos implica o mesmo processo: a ideia de pertinência, por exemplo, tem como base a projeção do esquema imagético contêiner, possibilitando a emergência das noções “dentro/fora”, permitindo a compreensão de enunciados como: “o conjunto A pertence ao conjunto D”. A partir de Lakoff e Núñez (2000), o processamento metafórico que subjaz esse entendimento, e outros relacionados à Teoria dos Conjuntos, implica a projeção de dois domínios (fonte e alvo), possibilitando entender uma coisa em termos de outra, o que corresponde à Teoria da Metáfora Conceptual. Partindo da articulação teórica proposta neste trabalho, entende-se um conjunto dentro de outro (pertinência) por meio de projeções metafóricas que são recursivas, projeções essas que, na perspectiva da Teoria da Integração Conceptual, também são resultantes de outras integrações recursivas.

Outro exemplo citado por Lakoff e Núñez (2000) refere-se à capacidade de somar, subtrair, multiplicar, que está na base da potenciação, da raiz. Uma das projeções metafóricas, segundo os autores, é a de que a “Aritmética é coleção de objetos”, em que a experiência humana de colocar e tirar objetos de uma coleção leva à subtração e adição de números, a caracterização do tamanho da coleção leva à classificação de conjunto maior e menor. Essa projeção metafórica proposta pelos autores pode ser melhor visualizada a partir Quadro 1:

Aritmética é coleção de objetos

–

Domínio-fonte		Domínio-alvo
Coleção de Objetos		Aritmética

Coleções de objetos do mesmo tamanho	-->	Números
O tamanho da coleção	-->	O tamanho do número
Maior	-->	Mais
Menor	-->	Menos
A menor coleção	-->	A unidade (um)
Colocando coleções junto	-->	Adição
Tomando uma pequena coleção de uma grande	-->	Subtração

Quadro 1: Aritmética é coleção de objetos

Fonte: Adaptado de Lakoff e Núñez (2000, p. 55, tradução nossa)

Outro exemplo está nas ideias matemáticas que são compostas por metáforas conceituais, a saber pela Sentença 1:

Sentença 1: Com esse discurso enfadonho, o político de que se falou há pouco se tornou um imenso *zero*.

Em uma análise sobre a emergência de produção de sentido a partir da Sentença 1, pensando na Teoria da Metáfora Conceptual, há projeção de elementos do domínio de vazio, da ausência de uma coisa (domínio-fonte, que corresponde a sistemas mais concretos) para o domínio de escassez, de falta de capacidade (domínio-alvo – sistemas novos e abstratos). Por sua vez, na perspectiva da Teoria da Integração Conceptual, pensa-se na projeção de um espaço referencial relacionado à noção de “competência inexistente”, que já é resultado de uma integração metafórica, e projetar espaços referenciais indiciados pelas definições do termo zero – integração de duplo escopo. Na emergência dos *blends*, encontram-se estruturas dos espaços *inputs* e elementos novos ao passo que a enunciação também é parte desse processo de integração que é recursivo.

Em relação à integração metafórica, Lakoff e Núñez (2000, p. 52) consideram que a capacidade cotidiana de metaforização ocorre quando se é “[...] capaz de conceituar números cardinais e operações aritméticas em termos de suas experiências de vários tipos - experiências com grupos de objetos, com a estrutura parte-todo de objetos, com distâncias, com o movimento e locais, e assim por diante”¹⁸³. Isso mostra que a matemática tem fundamentação na experiência corporizada, estruturada por metáforas conceituais.

Dessa forma, a matemática é vista como um produto da capacidade neural do cérebro, da natureza dos corpos, da evolução, do meio ambiente e da longa história social e cultural, tendo em vista que a matemática é uma construção humana somente possível a partir do modo de o ser humano funcionar no mundo, no/com seu nicho sociobiocultural.

Conclui-se que a matemática não existe fora do ser vivo e emerge no mundo natural refletindo os padrões sensório-motores; ela decorre da capacidade humana de criar metáforas, cuja base é a projeção recursiva de esquemas imagéticos.

4. Considerações finais

¹⁸³ “[...] to be able to conceptualize cardinal numbers and arithmetic operations in terms of your experiences of various kinds – experiences with groups of objects, with the part-whole structure of objects, with distances, with movement and locations, and so on.”

O pensamento matemático, delimitado e estruturado pela mente humana tem, a partir das elucidações da ciência cognitiva, importante contribuição para a compreensão do funcionamento da mente humana. Diante disso, infere-se que as representações metafóricas são essenciais ao pensamento matemático, haja vista que são um mecanismo cognitivo inerente ao domínio do pensamento.

Corroborando com isso, Lakoff e Núñez (2000) expõem que, tendo em vista o conhecimento científico atual e previsível, a matemática humana é matemática, ao passo que os conceitos matemáticos humanos estão diretamente relacionados aos conceitos matemáticos. Assim, levando em consideração que o pensamento matemático é integrado naturalmente por metáforas conceituais, estas são mecanismos cognitivos que permitem que a estruturação de um domínio conceitual forneça elementos para que se raciocine sobre um outro domínio conceitual, através da integração de espaços referenciais. Lakoff e Núñez (2000) reforçam, com isso, que as metáforas conceituais são usadas como parte da própria matemática quando se analisa a ideia matemática baseada na mente humana.

Percebe-se, então, que as ideias matemáticas são corporizadas; encontram-se delimitadas e estruturadas pelo cérebro, corpo e mundo, o que remete a Johnson (2007): a produção de sentido ocorre por meio da experienciação/vivência, ou seja, mente + corpo vivo + ambiente (nicho sociobiocultural). Dessa forma, a matemática é produzida pela interdependência entre capacidade neural do cérebro, natureza dos corpos, evolução, meio ambiente e histórias cultural e social (Lakoff; Núñez, 2000).

Por fim, compreendendo a recursão como base do processo de metaforização, ou seja, da construção de sentido, seja essa emergência de sentido relacionada ou não a conceitos matemáticos, logo o processo que gera a linguagem é o mesmo que gera a matemática.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. *Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições para e em na fala de comunidades quilombolas*. 2008. 116 f. Dissertação

(Mestrado em Linguística)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-17082009-161718/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

CHOMSKY, Noam. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. *Documentação de estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Delta)*, v. 13, n. especial, São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501997000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 jul. 2011.

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Tradução: Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: UNESP, 2005.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FURMAN, Mark Evan; GALLO, Fred P. *The neurophysics of human behavior: explorations at the interface of brain, mind, behavior, and information*. Florida: CRC Press LLC, 2000.

GIBBS, Raymond W. *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press, 2005.

GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1986.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? In: LARSON, R. K.; DÉPREZ, V.; YAMAKIDO, H. *The Evolution of Human Language: biolinguistic Perspectives*. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 14-42.

ILARI, Rodolfo. Linguagem: atividade constitutiva (idéias e leituras de um aprendiz). *Revista Letras*, Curitiba: editora UFPR, n. 61, especial, p. 45-76, 2003.

JOHNSON, Mark. *The Meaning of the Body: a esthetics of human understanding*. London: The University of Chicago Press, 2007.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press, 2003.

_____.; NÚÑEZ, Rafael. *Where mathematics comes from: how the embodied mind brings mathematics into being*. New York: Basic Books, 2000.

NASCIMENTO, Milton; OLIVEIRA, Marco Antônio de. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: NEGRI, Ligia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Org.). *Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 285-299.

NÚÑEZ, Rafael. Conceptual Metaphor, Human Cognition, and the Nature of Mathematics. In: GIBBS JR, Raymond W. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. New York: Cambridge University Press, 2008. cap. 19, p. 339-362.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira; NASCIMENTO, Milton. Hipertexto e complexidade. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n.3, p. 519-547, set./dez. 2009.

SANTOS, Andréa Cattermol Izar. *Linguagem e gêneros discursivos: sistemas adaptativos complexos*. 2010. (Tese)-Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

SINHA, Chris. Language as a biocultural niche and social institution. In: EVANS, Vyvyan; POURCEL, Stéphanie (Ed.). *New Directions in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins North America Inc., 2009. p. 289-309.

Integração conceptual e esquemas de imagem no emprego metafórico dos verbos de movimento em inglês

Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues¹⁸⁴, Antônio Suárez Abreu¹⁸⁵
rosanaferrareto@yahoo.com.br, tom_abreu@uol.com.br

RESUMO

Estudos sobre a representação linguística do significado dos verbos estão na seara de vários ramos da teoria linguística, entre eles a sintaxe e a semântica, especialmente os relacionados ao aspecto e modo. Estudos semânticos já apontaram que, além dos traços composicionais, há de se considerar o componente pragmático dos verbos, observando a teoria de *frames* proposta por Fillmore (1982). Contudo, apenas recentemente, vários linguistas têm agregado a essas descrições modelos teóricos cognitivistas para tentar entender, por exemplo, por que parece haver uma nítida preferência pelos falantes de português e também de outras línguas em utilizar, metaforicamente, verbos de movimento no lugar de verbos de sentido conceptual. O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição e análise de verbos de movimento em inglês, usando as teorias dos esquemas de imagem (cf. Hampe, 2005, Peña, 2008) e da integração conceptual (cf. Fauconnier and Turner, 2002 e Bache, 2005). Entendemos que investigar o diferente funcionamento dos usos metafóricos de cada língua pode elucidar questões relacionadas ao ensino de leitura em inglês como língua estrangeira. Muitas vezes, a dificuldade de compreensão da leitura em inglês ocorre devido à significativa recorrência desses verbos em projeções metafóricas. Ao ler em inglês, o falante nativo de português aciona os mesmos modelos cognitivos e/ou representações mentais mobilizados para entender português e acaba fazendo projeções equivocadas do uso da língua de origem para a língua-alvo. Esse processo não funciona porque cada língua está ligada a uma cultura, história e usos diferentes. Como exemplo, poderíamos tomar o seguinte enunciado:

¹⁸⁴ Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Araraquara, SP; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, *campus* de São João da Boa Vista, SP.

¹⁸⁵ Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Araraquara, SP.

“Caminhei muito na minha pesquisa”, que, em inglês, seria “*Work on the project is progressing well*”. Em contrapartida, o enunciado “*She'll walk the interview - the job is practically hers already*” não poderia ser traduzido como “Ela vai caminhar a entrevista - o trabalho já é praticamente dela”. Nesse caso, *walk* significa *passar, ganhar*. Em ambos os exemplos, temos a projeção do espaço no tempo. Pretendemos mostrar como as teorias da metáfora e da integração conceptual são complementares em vários aspectos no emprego metafórico de verbos de movimento em inglês.

PALAVRAS-CHAVE: esquemas de imagem; integração conceptual; metáfora; polissemia; verbos de movimento em inglês.

ABSTRACT

Studies on the linguistic representation of the meaning of verbs are in the harvest of various branches of linguistic theory, including syntax and semantics, especially those related to aspect and manner. Semantic studies have pointed out that in addition to compositional traits, the pragmatic component of the verbs should be considered, noting the theory of frames proposed by Fillmore (1982). However, only recently, many linguists have added to these descriptions cognitive theoretical models in order to attempt to understand, for example, why there seems to be a clear preference for speakers of Portuguese and other languages for using, metaphorically, verbs of motion rather than verbs of conceptual sense. The aim of this paper is to present a description and analysis of motion verbs in English, using the theories of image schemas (cf. Hampe, 2005, Peña, 2008) and conceptual integration (cf. Fauconnier and Turner, 2002 and Bache 2005). We believe that investigating the different functioning of the metaphorical uses of each language can clarify issues related to teaching reading in English as a foreign language. Often, the difficulty of reading comprehension in English is due to significant recurrence of such verbs in metaphorical projections. When reading English, the native speaker of Portuguese triggers the same cognitive models and/or mental representations mobilized to understand Portuguese and thus causes wrong projections from the source to the target language. This process does not work because each language is linked to a culture, history and different uses. As an example, we could

observe the following statement: “*Caminhei (walked) muito na minha pesquisa*”, which in English would “Work on the project is *progressing* well”. In contrast, the statement “She’ll *walk* the interview - the job is hers already” practically could not be translated as “Ela vai *caminhar (walk) a entrevista - o trabalho já é praticamente dela*”. In this case, “walk” means “pass, succeed, win”. In both examples, we have the projection of the space in time. We intend to show how the theories of metaphor and conceptual integration are complementary in several aspects of the metaphorical uses of verbs of motion in English.

KEYWORDS: image schemas; conceptual integration; metaphor; polysemy; verbs of motion in English.

Introdução

Em inglês, em português, e muito provavelmente em todas as línguas do mundo, é comum o uso não literal dos verbos de movimento. Parece haver uma nítida preferência dos falantes por empregar metaforicamente esses verbos. Se em português podemos dizer que *a reputação de alguém anda manchada*, em inglês teríamos de dizer que *his/her reputation has been stained* ou *There is a stain on someone’s reputation*. Essa frase em português, de corrente uso, não emprega o sentido conceptual do verbo *andar*, enquanto a frase de sentido equivalente em inglês tampouco é construída com o verbo *walk*.

Uma vez que esta investigação tem como proposta a descrição de alguns usos metafóricos de uma categoria de itens lexicais – os verbos de movimento –, não se pode deixar de reconhecer que os itens lexicais tipicamente têm mais de um significado ligado a eles. Quando esses significados estão associados, temos a ocorrência de polissemia. A polissemia acontece devido ao fato de as palavras estarem ligadas a redes (*networks*) de conceitos e não simplesmente a um único conceito. Lakoff (1987) propôs que as unidades lexicais devem ser tratadas como categorias conceptuais, organizadas em relação a um *modelo cognitivo idealizado (ICM)*¹⁸⁶ ou protótipo. O trabalho de Lakoff sobre os *ICMs* tem exercido grande influência nos estudos de semântica lexical.

¹⁸⁶ *Idealized Cognitive Model*

Ao falar de modelos cognitivos idealizados, esse autor salienta, assim, a natureza psicológica ou idealizada dos modelos cognitivos. Johnson (1987) teoriza a noção de *esquemas imagéticos*, demonstrando a natureza imagética e pré-conceptual de alguns modelos cognitivos.

O objetivo deste artigo é, portanto, explorar a polissemia dos verbos de movimento, utilizando o modelo da linguística cognitiva, para oferecer hipóteses que possam justificar essa preferência pelo seu emprego metafórico.

1. Metáfora e polissemia

Lakoff & Johnson (1980) mudaram a visão tradicional de que a metáfora seria apenas uma figura retórica. Eles observaram que a linguagem metafórica parece estar relacionada a um sistema metafórico subjacente, um “sistema de pensamento”. O que a torna conceptual ao invés de puramente linguística é a ideia de que a motivação para a metáfora está no nível dos domínios conceptuais. Dessa forma, alguns empregos de verbos de movimento polissêmicos são metafóricos em sua natureza porque são simplesmente reflexos de uma associação conceptual subjacente. As metáforas conceptuais têm base experiencial, ou seja, são fundadas na natureza de nossa interação diária com o mundo. Os mapeamentos metafóricos são unidirecionais e há um padrão em termos de quais domínios funcionam como origem (*source*) e quais funcionam como alvo (*target*).

Baseado em ampla pesquisa, Kövecses (2002) descobriu que os domínios de origem mais comuns para mapeamentos metafóricos são os domínios relacionados ao CORPO HUMANO, ANIMAIS, PLANTAS, COMIDA e FORÇAS. Os mais comuns entre os domínios-alvo estão as categorias EMOÇÃO, MORTALIDADE, PENSAMENTO, RELACIONAMENTOS HUMANOS e TEMA. De acordo com o autor, “domínios-alvo são abstratos, difusos e carecem de um delineamento claro; como resultado eles ‘clamam’ por conceptualização metafórica” (Kövecses, 2002, p. 20). Os domínios de origem, por outro lado, são mais concretos e, portanto, mais tangíveis, palpáveis. Com base nessa conclusão, esquemas de imagem podem ser associados aos domínios de origem, uma vez que eles derivam de nossa experiência corporal, o que os

torna altamente significativos. A consequência marcante que emerge dessa teoria é que o pensamento abstrato e o raciocínio, facilitados pela metáfora, são considerados como tendo base esquemática e, conseqüentemente, corporificada.

A partir desse postulado cognitivista, que vê a metáfora como projeção de conceitos entre um domínio de origem e um domínio alvo, o ponto de partida teórico desse trabalho considera que os empregos metafóricos dos verbos de movimento polissêmicos são recursos cognitivos utilizados pela espécie humana como categorias de conhecimento. Em enunciados como, por exemplo, “*How to make your computer run faster?*”, em um manual de informática, o domínio de origem é o homem (aquele que corre, como um dos elementos do *frame* de “*run*”) e o domínio-alvo é a máquina (*computer*). Verificamos aí a personificação da linguagem, ao entendermos a máquina como ator da ação de “funcionar/rodar”. Estão então presentes nesse processo de integração conceptual as projeções denominadas por Turner (1996, p. 39) como *EVENTS ARE ACTIONS* (eventos são ações) e *ACTORS ARE MOVERS* (atores são coisas que se movem).

É por isso que uma visão mais geral dos processos de projeção (entre eles, a metáfora) e da mesclagem (*blending*) culmina, como veremos a seguir, na noção de integração conceptual, que consiste em um conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais.

A partir do referencial teórico dos esquemas de imagem e da metáfora, vista esta modernamente como ancorada na experiência corporal, pretendemos descrever os verbos de movimento polissêmicos em algumas projeções metafóricas que acontecem devido ao mecanismo da integração conceptual. De acordo com esse ponto de vista, “a polissemia aparece porque as palavras estão ligadas à uma rede de conceitos lexicais em vez de estarem ligadas a um conceito individual” (Evans & Green, 2006, p. 169).

Para Fauconnier e Turner (2003, p. 80),

a polissemia é difusiva na língua e aparece de muitas formas. Não é apenas um acidente da história ou da sincronia, mas uma manifestação essencial da flexibilidade, adaptabilidade, e riqueza no significado potencial que jaz no coração da

linguagem e do seu uso. É também um sintoma da maneira pela qual várias operações cognitivas permitem a criatividade em muitos níveis.

“Os linguistas cognitivistas argumentam que a polissemia não se restringe ao significado das palavras, mas é uma característica fundamental da linguagem humana” (Evans & Green, 2006, p. 36).

Além disso, uma questão que tem intrigado os linguistas cognitivistas diz respeito a:

como a polissemia é motivada, isto é, como um único item lexical vem a ter uma multiplicidade de significados distintos, ainda que relacionados, ligados a ele. Lakoff (1987) argumenta que um importante fator motivador das extensões de significado e, portanto, da existência da polissemia, é a metáfora (Evans & Green, 2006, p. 39).

No que diz respeito ao modelo teórico adotado nesta pesquisa, Fauconnier e Turner (2003, p. 84) afirmam que a polissemia é um resultado rotineiro e inevitável da integração conceptual: “*blending provides a continuum for polysemy effects*” (a mesclagem fornece um contínuo para efeitos polissêmicos). Os autores explicam que “a notabilidade da polissemia é a função da disponibilidade de certos *frames* por meio de padrões, contextos ou cultura” (Fauconnier e Turner, 2003, p. 84).

Um dos princípios que guiam o desenvolvimento da polissemia é “a projeção de seleção: as expressões aplicadas a um *input* podem ser projetadas e aplicadas na contraparte do *blend*. Desse modo, os *blends* aproveitam palavras existentes para expressar novos significados que dele se originam” (Fauconnier e Turner, 2003, p. 83). Por exemplo, no enunciado do domínio discursivo da informática, “*Software business is said to be run by this ‘returns law’*” (Tyrväine; Jansen, S.; Cusumano, 2010, p. 78), traduzido como “Dizem que esse negócio de software é dirigido por essa ‘lei de retorno’”, o emprego de “*run*” com sentido de “administrar” surge *do blend* resultante

da integração entre *run* (input 1) e *manage* (input 2), em inglês; e *dirigir* (input 1) e *administrar* (input 2), em português. “Run” e “dirigir” são verbos de movimento aplicados também à contraparte do *blend* (input 2) devido aos esquemas de imagens ligados aos verbos (movimento à frente) e à sua integração a elementos dos *frames* desses verbos (operar um sistema por meio de uma operação bem sucedida), o que os tornam palavras aproveitadas para expressar novos significados – “manage” e “administrar”.

2. Linguística cognitiva e a construção do significado

A Linguística Cognitiva surgiu nos últimos vinte e cinco anos como uma influente abordagem de estudos da linguagem, dos sistemas conceituais, da cognição humana e da construção do significado

Segundo Fauconnier (2006, p. 1),

A Linguística Cognitiva reconhece que o estudo da linguagem é o estudo da linguagem em uso e que quando estamos engajados em qualquer atividade linguística, experienciamos inconscientemente vastos recursos culturais e cognitivos, evocamos modelos e *frames*, estabelecemos múltiplas conexões, coordenamos uma série de informações, e nos envolvemos em transferências, elaborações e mapeamentos criativos.

Para os cognitivistas, a língua não “representa” o significado. Ela incita à construção do significado em contextos particulares por meio de recursos cognitivos e modelos culturais e desperta o falante para o desempenho de operações cognitivas complexas. Para Fauconnier (2006, p. 2) “grande parte dos estudos cognitivistas centram-se na construção criativa *online* do significado à medida que o discurso se manifesta em contexto”.

Uma das capacidades cognitivas humanas centrais que usamos sistematicamente na construção *online* do significado é a integração conceptual.

Antes de tratarmos dessa teoria, apresentaremos a seguir uma subsecção que visa a apresentar um histórico de como a construção do significado tem sido pensada. Essa contextualização tem como fim expor, na sequência, o modo pelo qual, recentemente, os modelos teóricos cognitivistas têm sido agregados a descrições semânticas para tentar entender, por exemplo, operações cognitivas mais complexas que ficam, muitas vezes, nos bastidores da estrutura visível da língua.

2.1 A contribuição da semântica de *frames* para pensar o significado

Pesquisas recentes que se concentraram nos estudos dos verbos, especialmente na área da semântica lexical, já questionaram se as palavras têm elementos fixos em seus significados. É amplamente conhecida a ideia de que os significados são relativizados a cenas, o que Fillmore (1982) chamou de *frames*, noção a partir da qual os significados têm uma estrutura interna determinada relativa a uma idealização de um objeto, ação, experiência, memória ou percepção individualizada e coerente. Em nosso caso particular, os verbos, vale lembrar que, de acordo com a Semântica de *Frames*, a estrutura de argumentos de um verbo inclui o número de participantes e argumentos requeridos, bem como a natureza desses argumentos, isto é, os papéis semânticos assumidos pelos participantes. Para a Semântica Cognitiva, os verbos têm base imagético-esquemática que emerge da experiência corporificada.

É indiscutivelmente importante reconhecer a contribuição da Semântica de *Frames* para explicar alguns aspectos semânticos de uma palavra que não estão contidos em sua definição. O conceito de *frame* trazido por Fillmore (1982) engloba traços semânticos das palavras, e de conhecimentos e valores compartilhados necessários para compreender o significado de certos conceitos pressupostos pela definição em si. Nesta perspectiva, os valores, juntamente com informações factuais, constituem parte integrante da semântica de uma palavra. Além disso, no *frame* de Fillmore, os níveis linguísticos e culturais parecem sobrepor-se (Macagno e Walton, 2009, p. 2010 *apud* Fillmore, 2003). Aliada a essa noção, está a de Langacker (1987), que propõe a noção

de domínio cognitivo. Fillmore (1982) e Langacker (1987) têm oferecido argumentos persuasivos quanto à concepção de que as palavras das línguas naturais nunca são representadas independentemente de seus contextos. Ao contrário, esses linguistas argumentam que as palavras são sempre entendidas em relação a seus *frames* ou domínios de experiência.

Como vimos, a teoria de *frames* proposta por Fillmore (1982) abriu caminhos para se pensar a estrutura do significado em domínios de conhecimento e caracterizar a construção do significado em termos de esquematizações baseadas na experiência de mundo do falante. Desde então, tem sido rejeitada a visão de definibilidade dos dicionários para o significado de uma palavra, em favor de uma visão enciclopédica de mundo.

Embora a Semântica de *Frames* considere que o significado de uma palavra depende de sua subjacência conceptual como conhecimento necessário para seu uso apropriado, ela, muitas vezes, assume como objetivo uma representação uniforme para os significados das palavras, frases e textos (Fillmore, 1982) e apresenta *frame* como um termo para a “representação de uma estrutura de dados em situações estereotipadas” (Minsky, 1975, p. 212). Essa abordagem tem sido amplamente aplicada nos estudos lexicográficos e também nos estudos sobre Inteligência Artificial. Na *FrameNet*¹⁸⁷ de Berkeley, por exemplo, o verbo *walk* está assim definido: The Self-Mover, a living being, moves under its own power in a directed fashion, i.e. along what could be described as a Path, *with no separate vehicle*. Essa pode ser uma representação uniforme e/ou uma visão estereotipada verificada no uso corrente desse verbo na língua inglesa. Mas, sabemos que seu uso equivalente em português, o verbo *andar*, em frases como “Ontem, andei de avião pela primeira vez”, permite o sentido “mover-se sem veículo separado”. Por isso, temos em português “andar de carro, avião, barco, bicicleta, a cavalo”.

A busca por teorias que possam agir na interface de uma língua nativa e uma língua estrangeira, e ser aplicadas na esfera do ensino, é uma preocupação desta pesquisa. Como diz Kövecses (2006, p. 69), “os *frames* que usamos não são só cognitivos em sua natureza, mas são também construídos culturalmente. Modelos

¹⁸⁷ <http://framenet2.icsi.berkeley.edu/>

culturais podem diferenciar de uma cultura para a outra, de grupo para grupo, e até de indivíduo para indivíduo”.

Entendemos que a teoria de Fauconnier (1985) sobre espaços mentais pode contribuir porque visa a descrever o modo pelo qual os modelos cognitivos são construídos no ato do discurso como constructos temporários. Estudar integração conceptual para descrever a polissemia dos verbos de movimento e elucidar questões relacionadas ao ensino de leitura em inglês como língua estrangeira, por exemplo, faz entender que usamos cotidiana e inconscientemente redes integradas conceptualmente na construção *online* do significado. Verificar que muitas integrações são inéditas, outras mais impregnadas ao uso, leva a perceber que a estrutura do significado não pode ser emoldurada por teorias que a expliquem sem recorrer à dinamicidade, imaginação e criatividade da cognição humana.

Além de tudo, a Linguística Cognitiva é um modelo que responde a esses tipos de inquietação nessa investigação porque considera que a estrutura linguística emerge do uso da linguagem, assim o contexto social e cultural em que a língua é usada tem impacto nas estruturas que são criadas. Ademais, abordar polissemia e metáfora sob a tríade língua, uso e cognição aponta para a noção de que “há influência pragmática como fator de mudança semântica”, segundo Bybee (2010, p. 204), o que explicaria os vários novos usos metafóricos dos verbos de movimento tanto em inglês como em português.

2.2 A construção do significado via integração conceptual e esquemas de imagem

Para os cognitivistas, abordar os aspectos dinâmicos do significado é entender que o léxico de uma língua representa não um referente no mundo, mas a ideia desse referente. O significado associado ao símbolo linguístico está ligado a uma representação mental particular denominada conceito. Os conceitos, por sua vez, derivam da percepção humana que, por sua vez, derivam do mundo. As informações perceptuais são integradas em imagens mentais que constroem significados codificados por símbolos linguísticos que se referem à realidade projetada do falante. Desse modo, uma maneira de pensar a língua é como “um sistema de estímulos para integrações”

(Fauconnier e Turner, 2003, p. 90). É devido a esse princípio que sob a ótica da integração conceptual, a língua é um sistema de representação em que a projeção do ponto de vista do usuário ocorre para a construção do significado. Do ponto de vista da percepção, um dos fenômenos defendidos pelos estudiosos da linguística cognitiva é o da corporificação da linguagem, ou seja, o significado é corporificado.

Segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 79), tem sido útil pensar, ao abordar tais aspectos,

em esquecer noções tais como “significado da expressão”, “representação semântica”, “função de verdade” e coisas parecidas, e pensar, ao invés disso, em “significado potencial de uma forma linguística”. Significado potencial é essencialmente o número ilimitado de maneiras pelas quais uma expressão pode incitar processos cognitivos dinâmicos, que incluem conexões conceptuais, mapeamentos, mesclagens e simulações.

Tais processos são inerentemente criativos e explicam fatos linguísticos em termos de propriedade e mecanismos da mente humana, o que faz da língua uma capacidade humana única.

A Semântica Cognitiva postula, contrariamente ao senso comum, que o significado não está contido nas palavras. A língua é um sistema de expressão do significado, cujas funções simbólica e interativa corroboram o conceito de que a construção do significado é um processo dinâmico. Para tratar essa questão, em contraposição aos problemas tradicionais sobre a construção do significado, é que surgiu recentemente outro tema de interesse central para os cognitivistas: a teoria da Integração Conceptual. Essa abordagem, também denominada *blending* ou mesclagem, deriva de duas tradições dentro da semântica cognitiva: as teorias da metáfora conceptual e dos espaços mentais.

Fauconnier e Turner, na obra *The Way We Think* (2002), desenvolveram essa teoria do *blending* ou mesclagem, destacando que ela se trata de uma teoria geral da

cognição que procura descrever a capacidade humana de imaginar identidades entre conceitos e integrá-los de maneira que formem novos modelos de pensamento e ação. Por meio da integração conceptual, o homem realiza um conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais. De acordo com Turner (2007, p. 377),

A integração conceptual está em conformidade com um conjunto de princípios constitutivos: (i) Um mapeamento parcial cross-space conecta algumas contrapartes nos espaços mentais de *input* - (*input* 1) e (*input* 2); (ii) Há um espaço mental genérico, que mapeia cada um dos *inputs* e que contém o que ambos os *inputs* têm em comum; (iii) Há um quarto espaço mental, o espaço de mesclagem (*blending*), geralmente chamado de “*the blend*”; (iv) Há uma projeção seletiva dos *inputs* para o *blend*. É importante enfatizar que nem todos os elementos e relações dos *inputs* são projetados para o *blend*.

Podemos citar, como exemplo de aplicação da integração conceptual, parte da análise de um dos dados do nosso *corpus*: o verbo de movimento “andar”. Em um enunciado como “Meu computador anda dando problema”, temos o emprego metafórico de *andar* como verbo auxiliar. Quando empregado no seu sentido conceptual como verbo principal, temos, no *input* 1 (o domínio de origem), como elementos do *frame* de “andar”: “locomoção a pé” e “duração breve”. No *input* 2 (o domínio alvo), o enunciado de sentido metafórico, verificamos a integração do conceito “duração breve”, mas o conceito “locomoção a pé” não é selecionado do espaço genérico para o espaço *blend*. Ele é desabilitado ou desintegrado (cf. Bache, 2005). Essa desintegração conceptual fica mais evidente quando comparamos esse enunciado com o verbo “andar” com outro bem parecido com o verbo “viver”: “Meu computador vive dando problema”. O verbo “viver”, também empregado metaforicamente na posição de verbo auxiliar, traz no seu *frame* os conceitos “atividade vital” e “duração longa”. Nesse caso, há desintegração conceptual do elemento “atividade vital” no emprego metafórico.

Outro exemplo seria o seguinte enunciado: “Caminhei muito na minha pesquisa”, que, em inglês, seria “*Work on the project is progressing well*”. Em contrapartida, o enunciado “*She'll walk the interview - the job is practically hers already*” não poderia ser traduzido como “Ela vai caminhar a entrevista - o trabalho já é praticamente dela”. Nesse caso, *walk* significa passar, ganhar. Em ambos os exemplos, temos a projeção do espaço no tempo. No domínio de origem (input 1), o elemento do *frame* SOURCE-PATH-GOAL em foco é o de que progredir no caminho é positivo, pois, quando se faz isso, o destino fica mais próximo. Para que a conceptualização metafórica ocorra, o *blending* funciona como um processo “online” e oportuno.

A partir desses exemplos, podemos afirmar que “uma das bases fundadoras dessa capacidade de conceptualização são os esquemas mentais, em que a estrutura especial é mapeada em termos de estrutura conceptual” (Evans & Green, 2006, p. 47). Nos exemplos que acabamos de oferecer, o esquema de imagem empregado nos enunciados com “andar” é o PATH (percurso) que indica movimento à frente, com foco na duração, no caso do emprego metafórico. E as associações metafóricas, segundo Grady (2005, p. 1597), muitas vezes são explicadas como derivadas de correlações recorrentes entre tipos particulares de experiências mentais. “A teoria da integração conceptual reconhece as metáforas como um tipo particular de conceptualização” (Grady, 2005, p. 1596).

Os domínios de origem (*source*) são sistematicamente usados para estruturar domínios-alvo (*target*) via mapeamentos metafóricos. Como exemplo,

Nossa maneira geral de falar e pensar sobre a estrutura de eventos ocorre em termos de movimento. Nesse mapeamento metafórico, estados são lugares, mudança de estado é mudança de lugar, causas são forças, motivos são destinos, meios são percursos para um destino, ações guiadas são movimentos guiados, etc. (Fauconnier, 2006, p.6).

Essa descoberta do grupo de pesquisa de Berkeley elucidava muitas questões relacionadas ao nosso objeto de estudo, os verbos de movimento. Fauconnier (2006, p.

6) explica que o fato de pensarmos a estrutura de eventos em termos de movimento se reflete de modo extensivo no uso do léxico e da gramática. Os exemplos oferecidos pelo autor são de empregos metafóricos dos verbos de movimento *go* (ir), *enter* (entrar), *throw* (jogar, arremessar), *hit* (bater), *move* (mover): *He went crazy* (Ele ficou louco); *She entered a state of euphoria* (Ela entrou em um estado de euforia); *The home run threw the crowd into a frenzy* (O home run – um tipo de pontuação no *baseball* – levou a multidão a um frenesi); *I've hit a brick wall* (“Bati em um muro de tijolos”- tradução literal. A expressão é usada para descrever uma situação irritante em que nada que se faz parece produzir algum resultado); *We're moving at a standstill* (Estamos parados). A descrição da estrutura de eventos ilustra a interação entre a teoria da metáfora e a dinâmica de forças, que é um esquema de imagem.

“Os esquemas de imagem têm fornecido material conceptual para a construção de muitas expressões linguísticas” e, além disso, constituem “relações naturais que motivam a polissemia” (Peña, 2008, p. 1041-1042). Esses esquemas são padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensorio-motora que, quase sempre, servem para estruturar conceitos complexos. Sua origem está ligada à nossa estrutura física. Utilizando nosso próprio corpo como ponto de observação, criamos conceitos como direita, esquerda, frente, atrás, acima, abaixo. Como somos seres dotados de movimento, criamos conceitos como origem, caminho, destino, obstáculos. Como somos confrontados com forças que nos puxam ou empurram (vento, animais, outros seres humanos), criamos um conceito chamado de FORÇA DINÂMICA. Os principais esquemas de imagem são: PERCURSO (com início, meio e fim, dirigido à frente, ao alto ou para baixo); CONTAINER (com suas partes: fora, dentro e limites); LIGAÇÃO (entre partes, entre unidades etc.); FORÇA DINÂMICA (resultado do contato dinâmico entre partes); EQUILÍBRIO (de força, de massa, de luz etc.); PARTE-TODO (tanto no sentido parte-todo quando no sentido todo-parte) (cf. Lakoff & Johnson, 1999). Para fins de mais um exemplo, citamos novamente o verbo “andar”. Em português, é possível empregá-lo com o sentido de “ter relações carnavais” em “Soube-se que ele andava com a empregada”. O esquema de imagem é o de percurso (SOURCE-PATH-GOAL ou INÍCIO-MEIO-FIM) com foco no aspecto durativo do percurso, vinculado ao *frame* de estar acompanhado, relacionar-se com outra pessoa. O traço de “movimentar-se dando passos” é desintegrado durante o processo de *blend* (mesclagem). Em inglês,

não verificamos esse emprego de *walk* e, portanto, o enunciado equivalente seria “He’s having an affair with the maid” (tendo um caso com).

Segundo Johnson (1987), nossa experiência corporificada se manifesta no nível cognitivo em termos de esquemas de imagem. Desse modo, pode-se perceber que a estrutura conceptual está intimamente relacionada com a nossa experiência corporificada, ou seja, os conceitos aos quais nós temos acesso são “funções” de nossa corporificação: nós só podemos falar sobre o que conseguimos perceber e conceber, e as coisas que nós conseguimos perceber e conceber derivam de nossa experiência corporificada, seja pela experiência sensório-motora (espaço, temperatura, etc.), seja pela experiência introspectiva (tempo, emoções, etc.). Por exemplo, embora os vários sentidos dos verbos de movimento, para alguns semanticistas estruturalistas ou gerativistas, sejam considerados homonímia entre itens lexicais com redes semânticas diferentes, para os semanticistas cognitivistas essa profusão de sentidos a partir de um único item lexical pode ser explicada pelo processo de integração conceptual. O nosso sistema perceptual, portanto, pode motivar os modelos conceptuais encontrados nas expressões de nossa língua.

3. Análise de verbos de movimento: uma proposta de descrição de “walk” e “andar/caminhar”

O *corpus* desta pesquisa está sendo construído a partir da coleta de enunciados de pequenos textos de publicações de jornais e revistas de grande circulação nos países de língua inglesa e no Brasil, além do uso de dicionários Português/Inglês e Inglês/Português (bilíngues) e de Português e Inglês (monolíngues). Optamos por investigar os usos metafóricos na polissemia dos verbos de percurso (PATH), que indicam movimento à frente: *go* (ir), *walk* (caminhar) e *run* (correr).

Neste artigo, apresentamos os dados referentes ao emprego metafórico de *walk* e de andar/caminhar, a partir das ocorrências nos textos pesquisados, o que constitui um pequeno *corpus* de doze enunciados.

Um de nossos objetivos é fornecer subsídios para o trabalho com a Língua Inglesa em sala de aula, utilizando essa abordagem como recurso metacognitivo para ampliar a competência de leitura do aprendiz de inglês como língua estrangeira. Por essa razão, decidimos promover uma interface com a língua portuguesa a partir do emprego de verbos de movimento também nessa língua. Acreditamos ser importante que o professor descreva aos alunos as duas redes polissêmicas diferentes em cada língua, no Português e no Inglês, durante suas tentativas de verter enunciados do inglês para o português que contenham empregos metafóricos de palavras e/ou expressões polissêmicas. Assim, evitam-se as projeções equivocadas entre línguas diferentes e seus funcionamentos durante as aulas de leitura.

Mais do que inventariar novas acepções desses verbos, pretendemos descrever os seus variados usos metafóricos a partir dos esquemas de imagem e da integração conceptual. Vejamos o seguinte trecho:

- (1) At that point you've got the basic character of the creature. Now you can start actually animating the shots. You can take the walk and mix it with the chill cycle, so the creature **walks in** and eats something. (BBC_1)

Este enunciado descreve o processo de filmagem de *Walking with beasts* (Caminhando com feras), um documentário sobre dinossauros. Em “A criatura **chega** (*walks in*) e come algo”, verificamos o emprego do *phrasal verb* em lugar do verbo de sentido conceptual *arrive* (chegar). Temos aqui os esquemas de imagem PERCURSO com foco no destino e CONTAINER. O CONTAINER é virtual, talvez uma referência à cena capturada, uma vez que as feras são filmadas ao ar livre. *Walk in* poderia ser lido como *entrar*, mas, nesse enunciado, o uso da preposição *in* revela a integração entre o lugar onde há comida e a chegada, corroborada pela metáfora primária *Purposes are destinations* (motivos são destinos) em que “realizar um propósito é um julgamento subjetivo” e “alcançar um destino é uma experiência sensório-motora” (Lakoff & Johnson, 1999, p. 52).

- (2) The agency allowed more than 1,700 weapons to flow to the straw buyers, abandoning its normal tactic of trying to interdict such weapons. As a result, hundreds of the guns that “**walked**” later showed up at crime scenes, murders and drug seizures on both sides of the border. (RN_1)

Aqui temos o emprego de *andar* em lugar de *desaparecer* (*disappear*), que projeta a combinação CONTAINER + DINÂMICA DE FORÇAS em que subjaz a metáfora CHANGE IS MOTION (mudança é movimento). Segundo Kövecses (2002, p. 43), “o movimento é uma experiência básica e envolve mudança de lugar. As forças afetam várias mudanças sobre as coisas com as quais atuam”. Novamente, o *container* é virtual, uma vez que as armas desapareceram do escopo do olhar dos investigadores do crime reportado na notícia. Em português, também dizemos que *algo criou pernas* quando desaparece. As armas são vistas como atores. Como diz Turner (1996, p. 28), é bastante comum, na linguagem humana, acontecer a projeção de seres inanimados em atores. Ou podemos pensar que parte do traço “mover-se com as pernas” foi desabilitado nesse uso. As pernas estão desintegradas do ato de andar nesse emprego de *walk* com o sentido de *desaparecer*.

- (3) Letting Bankers **Walk** - Ever since the current economic crisis began, it has seemed that five words sum up the central principle of United States financial policy: go easy on the bankers. (NYT_1)

Walk nesta frase foi empregado em lugar de *move* e projeta o esquema de imagem oposto ao BLOCKAGE (em DINÂMICA DE FORÇAS). O conceito de BLOQUEIO de movimento se refere à experiência de obstáculos que resistem a algum tipo de força. Apesar da crise econômica sofrida nos Estados Unidos na transição de governo Bush/Obama, houve especulações para que, frente a práticas hipotecárias abusivas, o novo presidente alterasse as leis de falência dos bancos para facilitar que as famílias ficassem em suas casas. Frente à resistência de Obama (o obstáculo, o bloqueio), a opinião pública pediu permissão para que os banqueiros pudessem “andar”, o que revela a projeção de PERCURSO, com foco em PATH (caminho) e em que

subjaz a metáfora ACTIONS ARE SELF-PROPELLED MOTIONS, a partir da qual se pode entender o enunciado como “Deixe os banqueiros trabalharem”.

- (4) Entrepreneurs are renowned for building successful companies even when—or especially when—it seems impossible. Still, there are times when the universe is trying to tell you something. Here are five signs that it could be time to **walk away** from your business. (RBW_1)

O *phrasal verb walk away* (literalmente traduzido como andar + distante) é empregado no sentido de *leave* (partir, deixar). O momento oportuno de *deixar* os negócios deve ser identificado pelos empreendedores que constroem suas empresas em tempos difíceis. A projeção aqui empregada é a combinação de PERCURSO + CONTAINER. Nesse emprego, temos *partir* como metáfora, agregando o *frame* de mudança, com projeção no tempo. A partir do *frame* de separação (as partes que se separam ficam distantes) cria-se o sentido de “partir-se de algum lugar”, via integração do movimento trazido pelo verbo de movimento *walk* subjacente à noção de que CHANGE IS MOTION. Quem parte muda de cenário. O foco fica no destino (GOAL): *away* estabelece o lado de fora do *container*.

- (5) At least 145,000 South African municipal workers will **walk off** the job on Monday in a strike aimed at shutting down services including garbage collection, in the latest dispute to disrupt Africa's biggest economy. (AR_1)

Walk off pode ser traduzido como *sair sem prévio anúncio*. Em vez do emprego de *leave without announcing*, verificamos a preferência pelo *phrasal verb* que projeta os esquemas de imagem de PERCURSO, com foco no fim, CONTAINER e LINK. O foco é o movimento de sair de um CONTAINER, neste caso de sair fora de uma situação indesejada, na qual se sente insatisfação. Em contexto de greve, uma grande massa de trabalhadores se “desliga” de seus empregos, fato evidenciado pela preposição OFF via movimento WALK, em que o fim é livrar-se da situação indesejada. O esquema de imagem de LIGAÇÃO (LINK) manifesta a metáfora de que relacionamentos são considerados um *link* entre as pessoas.

- (6) Concerned about a strong civil-rights platform, Southern delegates lobbied for states' rights. When they failed, delegates from Mississippi and Alabama **walked out**. (AN_1)

Abandon as kind of protest é o sentido de *walk out* neste enunciado. Aqui temos uma associação dos esquemas PERCURSO + CONTAINER. Os delegados dos partidos políticos se movimentam para fora do *container* virtual, que corresponde à situação de fracasso.

- (7) “In Time” se passa no final do século 21, onde todo mundo **anda** com um “contador de vida” no braço. Para comprar comida ou cigarros, é preciso vender seu tempo, literalmente. (FSP_1)

Em inglês, não teríamos o equivalente a esse emprego usando o mesmo verbo: *everybody walks with a timer on their arm*, o que estaria associado ao traço de companhia que, devido ao uso da preposição *with*, deveria estar ligada a outro agente do verbo *walk* na mesma enunciação. No emprego metafórico em português, para podermos utilizar o sentido “ser acompanhado (de alguém)”, parte da estrutura foi desabilitada do *frame*. Afinal, o contador de tempo não pode movimentar-se com as pernas, mas podemos, via integração conceptual, criar um novo sentido para andar: “ser acompanhado (de algo)”. “A desintegração serve para fragmentar e dividir o todo conceptual em elementos, traços e estruturas parciais que podem ser recrutadas em projeções individuais para o espaço *blend*” (Bache, 2005, p. 1616). Por essa razão, entendemos que, em português, *andar* foi empregado como *carregar*, que corresponderia em inglês a *carry* ou, neste enunciado especificamente, *have*.

- (8) Neymar **anda** em helicóptero acrobático de patrocinador. (FSP_2)

O sentido de “ser conduzido ou transportado” nesse tipo de enunciado em inglês seria expresso pelo verbo *ride*, cujo sentido seria *to sit on a vehicle and control it as it moves along*. No emprego em português, o movimento do ser humano (andar: mover-se,

deslocar-se, por força própria) foi integrado ao do veículo que, não necessariamente, se move com as pernas.

(9) Por onde anda o metaleiro Alice Cooper? (RV_1)

É comum constatar a ausência prolongada de alguém por meio desse tipo de questionamento construído com o verbo *andar*. *Estar*, *sentir-se*, *viver* e *existir* são sentidos normalmente a ele atribuídos. Verificamos que esse uso metafórico é possível por meio da integração do traço *deslocar-se no espaço* e também via projeção do espaço no tempo com foco na decorrência desse tempo. Em inglês, a versão para o enunciado seria: *Where has Alice Cooper been?*

(10) E para embasar o tom mais positivo, Orlando Silva manteve a previsão de estádio concluído até o final do próximo ano. "As obras estão caminhando. No final de 2012 teremos 8 dos 12 estádios prontos", garantiu. (ESP_1)

(11) Ao contrário: a democracia (não o socialismo) e a luta por liberdade (não por igualdade) têm criado, a cada dia, um mundo... melhor! A liberdade induz o homem à justiça. (...) O "modelo" que aí está — que agora parece tão perverso — financiou um formidável avanço técnico; nunca se caminhou tanto em tão pouco tempo. Estamos, de fato, assistindo a uma revolução. (RV_2)

(12) Caso haja menos consumo, o mundo poderá caminhar para uma recessão, afirmou Mantega. (FSP_3)

Nesses últimos três exemplos, o verbo *caminhar*, como pertencente ao esquema de imagem de PERCURSO, revela a metáfora primária subjacente: *purposes are*

destinations (motivos são destinos). Em (10) e (11), o foco é no percurso e há projeção do espaço no tempo. Em (12), o foco é no destino que, mesmo modalizado pelo verbo *poder*, aponta para uma chegada não feliz ao fim, a recessão, contrariando convencionalmente a metáfora primária “chegar ao fim é bom”. Em inglês, para expressar essa ideia de *change of state* das obras da copa, dos modelos de governo e das situações econômicas, poderíamos empregar metaforicamente o verbo *go*, mas não o verbo *walk*.

Até aqui, esperamos ter oferecido hipóteses plausíveis para explicar, cognitivamente, alguns empregos metafóricos do mesmo verbo de movimento em inglês e em português. Qual seria, então, a aplicação dos dados dessa análise como recursos metacognitivos? É o que veremos a seguir.

4. Metacognição

Atualmente, quase ninguém questiona a realidade ou importância da metacognição. Pesquisadores têm estudado a metacognição por mais de vinte anos. A maioria deles concorda que “cognição e metacognição diferem: as habilidades cognitivas são necessárias para se desempenhar uma tarefa, enquanto as metacognitivas, para entender como uma tarefa é realizada” (Schraw, 1998, p. 113 *apud* Garner, 1987).

Definida como conscientização do processo de aprendizagem, a metacognição inclui habilidades artificiais como esboços, *mnemonics*, diagramação, entre outras estratégias. Se baseados em habilidades cognitivas naturais, os recursos metacognitivos otimizam a aprendizagem porque baseiam esse processo no conteúdo estudado.

Ensinar metacognição é recomendado pelos estudiosos da área, porque, além de estar ligada a aspectos motivacionais, a capacidade metacognitiva “melhora o desempenho dos alunos em vários aspectos, incluindo melhor uso de recursos de atenção, melhor uso de estratégias já existentes, e uma maior conscientização sobre a compreensão” (Schraw, 1998, p. 114).

Um tema comum abordado pelos estudiosos da metacognição, e que encoraja os alunos a desempenharem um papel mais ativo em seus estudos, é a noção de agenciamento:

Alunos bem sucedidos se encarregam de sua própria aprendizagem. No mínimo, assumir o comando requer que os alunos tenham consciência da sua aprendizagem, para avaliar suas necessidades de aprendizagem, para gerar estratégias que satisfaçam as suas necessidades, e para implementar essas estratégias. Autoconhecimento, autodeterminação e autossuficiência são as características que Kluwe (1982) usou quando descreveu as pessoas como "agentes de seu próprio pensamento" (p. 222). Como agentes de nosso próprio pensamento, construímos a nossa compreensão de nós mesmos e do mundo, controlamos nossos pensamentos e comportamentos, e monitoramos as consequências delas (Hacker, Dunlosky, Graesser, 2009, p. 1).

Schraw (1998, p. 117) destaca o fato de que “o conhecimento metacognitivo pode também compensar a baixa habilidade ou falta de conhecimento prévio” sobre um assunto. Isso atesta, por exemplo, que usar esquemas de imagem e integração conceptual para aprender empregos polissêmicos de verbos de movimento geralmente fornece pistas/dicas sobre o significado original da palavra, expressão ou enunciado, escondidos no sistema linguístico, do qual os alunos podem derivar novos usos metafóricos. Esses procedimentos cognitivos podem ser adotados como recursos metacognitivos tanto para alunos aprendizes de inglês iniciantes, como para os que já têm um certo domínio do idioma. Ambos os tipos de alunos podem se beneficiar da metacognição, como vemos na afirmação de Schraw (1998, p. 117-118),

Enquanto altos níveis de conhecimento de um domínio específico podem facilitar a aquisição e uso de metacognição, o

conhecimento de um domínio não garante níveis mais altos de metacognição. Além disso, indivíduos com alto nível de consciência metacognitiva usam esse conhecimento para compensar seu deficiente conhecimento de um domínio específico.

Com o advento da Linguística Cognitiva, surge a oportunidade de oferecer aos professores de língua estratégias metacognitivas que, em vez de serem artificiais, têm a vantagem de ser fruto de atividades cognitivas naturais dos falantes nativos da língua estudada.

Sendo assim, faz-se necessário repensar os processos metacognitivos tradicionais, que delegam aos alunos um papel de aprendiz passivo, como o de ensiná-los a decorar todas as possíveis traduções dos verbos. Essa diligência contribui para que os alunos não tenham apenas uma estratégia metacognitiva superficial, mas sejam capazes de aprofundar outras mais motivadas.

Essa iniciativa, por parte dos professores, é incentivada por autores diversos. Schraw (1998, p. 123) afirma que

O ponto de partida é a tentativa dos professores de perguntarem a si mesmos que habilidades e estratégias são importantes dentro do domínio específico que eles ensinam, como são construídas essas habilidades dentro de seu próprio repertório de habilidades cognitivas, e como eles podem orientar seus alunos sobre o uso dessas estratégias com sabedoria.

Esta pesquisa corrobora essa reflexão e aponta a integração conceptual e os esquemas de imagem ligados aos verbos como recursos metacognitivos que podem

capacitar os aprendizes de inglês como língua estrangeira a desenvolver sua habilidade cognitiva da leitura.

5. Considerações finais

Acreditamos ter conseguido neste trabalho oferecer proposições bastante plausíveis para descrever o emprego metafórico dos verbos de movimento em inglês, em sua interface com o português, utilizando as teorias da integração conceptual e dos esquemas de imagem. Esperamos que os resultados dos dados da análise possam ser aplicados no ensino de inglês como língua estrangeira como recursos metacognitivos.

Referências Bibliográficas

BACHE, Carl. Constraining conceptual integration theory: levels of blending and disintegration. *Journal of Pragmatics*, v. 37, n. 1615-1635, 2005.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

EVANS, Vyvyan & GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2006.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, Mass. and London: Mit Press/Bradford, 1985.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. Polysemy and conceptual blending. In:

NERLICH, Brigitte; HERMAN, Vimala; TODD, Zazie; CLARKE, David (eds.). *Polysemy: flexible patterns of meaning in mind and language*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2003.

- FAUCONNIER, Gilles. Cognitive linguistics. In: WILEY, John & Sons (eds.). *Encyclopedia of cognitive science*. Wiley Online Library. DOI: 10.1002/0470018860.s00214, 2006.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: FILLMORE, Charles, J. *Linguistics in the morning calm*. The Linguistic Society of Korea (eds). Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.
- FILLMORE, Charles. Double-decker definitions: the role of frames in meaning explanations. *Sign Language Studies*. v.3, n.3, Charleston: Bibliolife, 2003.
- HACKER, Douglas J; DUNLOSKY, John; GRAESSER, Arthur C. *Handbook of metacognition in education*. New York: Routledge, 2009.
- HAMPE, Beate. *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. New York: Mouton de Gruyter, 2005.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- KÖVECSESES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*, v. I, Theoretical Prerequisites, Stanford, California, Stanford University Press, 1987.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- MACAGNO, Fabrizio e WALTON, Douglas. What we hide in words: emotive words and persuasive definitions. *Journal of Pragmatics*, v. 42, n. 1997-2013, 2010.
- MINSKY, Marvin. A framework for representing knowledge. In: WINSTON, Patrick Henry. *The psychology of computer vision*. New York: McGraw-Hill, 1975.

PEÑA, M. S. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. *Journal of Pragmatics*, v. 40, n. 1041–1066, 2008.

SCHRAW, Gregory. Promoting general metacognitive awareness. *Instructional science*, v. 26, Kluwer Academic Publishers, 1998.

TURNER, Mark. *The literary mind: the origins of thought and language*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

TURNER, Mark. Conceptual integration. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert

(Orgs.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

TYRVÄINE, P.; JANSEN, S.; CUSUMANO, M. A. (eds.). Software business: first international conference, ICSOB 2010 Jyväskylä, Finland, June 21-23 2010 proceedings. Jyväskylä: Springer, 2010.

Referências dos textos que compõem o corpus

REDE DE TV BBC

BBC_1

THE MAKING OF Walking with Beasts. BBC Online. TV & Radio. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/sn/prehistoric_life/tv_radio/wwbeasts/making_of2.shtml> Acesso em: 16/08/2011.

REVISTA NEWSWEEK

RN_1

SOLOMON, John. Justice's Bungled Gun Sting. *Revista Newsweek Online*. 26 jul. 2011. U.S. News. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/articles/2011/07/26/gun-sting-bungled-house-panel-blasts-justice-department-over-atf-operation.html>> Acesso em: 16/08/2011.

JORNAL *THE NEW YORK TIMES*

NYT_1

KRUGMAN, Paul. Letting Bankers Walk. *Jornal The New York Times Online*. 17 jul. 2011. Opinion. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/07/18/opinion/18krugman.html?_r=1&scp=2&sq=walk&st=cse> Acesso em: 16/08/2011.

REVISTA *BUSINESSWEEK*

RBW_1

WHEN to walk away. *Revista Businessweek Online*. 17 out. 2008. Small business. Disponível em: <http://www.businessweek.com/magazine/content/08_70/s0810040740702.htm> Acesso em: 16/08/2011.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS *REUTERS*

AR_1

FLAK, Agnieszka. S.Africa's municipal workers start wage strike. *Reuters Online*. 14 ago. 2011. Article. Edition U.S. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/08/15/safrica-strikes-idUSL5E7JE04020110815>> Acesso em: 16/08/2011.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS *NEWSEUM*

AN_1

KENNEDY, Kate. Drama is the Convention For Presidential Nominations. *Newseum Online*. 16 mai. 2008. News. Disponível em: <<http://www.newseum.org/news/2008/05/presidential-nominations/drama-is-the-convention-for-presidential-nominations.html>> Acesso em: 16/08/2011

JORNAL *FOLHA DE S. PAULO*

FSP_1

JUSTIN TIMBERLAKE volta ao cinema com "In Time"; veja trailer. DA EFE. *Folha de S. Paulo Online*. 6 ago. 2011. TV Folha. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/955643-justin-timberlake-volta-ao-cinema-com-in-time-veja-trailer.shtml>> Acesso em: 16/08/2011.

FSP_2:

NEYMAR ANDA em helicóptero acrobático de patrocinador. *Folha de S. Paulo Online*. 2 ago. 2011. Esporte. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/958982-neymar-anda-em-helicoptero-acrobatico-de-patrocinador.shtml>> Acesso em: 16/08/2011.

FSP_3

FLOR, Ana. Mantega diz que crise mundial pode deter crescimento do Brasil. *Folha de S. Paulo Online*. 8 ago. 2011. Notícias. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/956490-mantega-diz-que-crise-mundial-pode-deter-crescimento-do-brasil.shtml>> Acesso em: 16/08/2011.

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO

ESP_1:

BRASIL NÃO SABE quanto vai custar a copa do mundo de 2014. *O Estado de S. Paulo Online*. 09 ago. 2011. Esportes. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,brasil-nao-sabe-quanto-vai-custar-a-copa-do-mundo-de-2014,755903,0.htm>> Acesso em: 16/08/2011.

REVISTA VEJA

RV_1

SETTI, Ricardo. Por onde anda o metaleiro Alice Cooper? *Revista Veja Online*. 11 jun. 2011. Blogs e Colunistas. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/disseram/por-onde-anda-o-metaleiro-alice-cooper/>> Acesso em: 16/08/2011.

RV_2

AZEVEDO, Reinaldo. Mais uma vez, o fim do capitalismo está próximo! *Revista Veja Online*. 11 ago. 2011. Blogs e Colunistas. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/mais-uma-vez-o-fim-do-capitalismo-esta-proximo/>> Acesso em: 16/08/2011.

A MORTE como domínio-fonte de metáforas no Português do Brasil

Thais Fernandes Sampaio¹⁸⁸
thais.fernandes@ufjf.edu.br

RESUMO

Este estudo assume os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SILVA, 1997; SALOMÃO, 1999) e tem como objeto o uso metafórico do léxico da MORTE no Português do Brasil. Seu escopo teórico central é a *Teoria da Metáfora Conceptual* (LAKOFF; JOHNSON, 2002; LAKOFF, 1993) e a *Gramática das Construções* (LAKOFF, 1987; GOLDEBERG, 1995; SALOMÃO, inédito). Além disso, considera a discussão sobre a *Interação entre Metáforas e Metonímias* – nos termos de Antonio Barcelona (2003) – e o trabalho de Zoltán Kövecses (2002) sobre o *Escopo da Metáfora*. Nossa análise de um banco de dados, constituído através de pesquisa na internet (*site* de revistas da Editora Abril), partiu da sua confrontação com o *frame* de Morte – disponibilizado pelo Projeto FrameNet, da Universidade de Berkeley, Califórnia – de onde surgiu o critério para a divisão dos dados em dois grupos: (1) Protagonista Ser e (2) Protagonista Entidade. No grupo com Protagonista Ser, mais de 90% das ocorrências envolvem o que nomeamos **Construções Superlativas Nominais** (*ela morria de medo que a achassem ridícula*) e **Verbais** (*Morri de rir com O Auto da Compadecida*). Segundo nossa hipótese analítica, tais construções definem um domínio semântico de gradação de INTENSIDADE na extremidade da escala (SAMPAIO; MIRANDA, no prelo). Neste momento, focaremos no grupo com protagonista ENTIDADE, para o qual nossa hipótese analítica partiu do reconhecimento de três possíveis sentidos para a MORTE: (i) "**deixar de existir**" (*A Qualita's tinha tudo para ser mais um dos muitos negócios brasileiros que todos os anos nascem para logo depois morrer.*); (ii) "**parar de funcionar**" (*Parado no sinal, Marcus pensou em dar ré ou em inventar que o carro tinha morrido.*); (iii) "**tornar-se ultrapassado**" – (*Isso não significa que o PC esteja morto. As vendas mundiais chegam a 200 milhões de unidades.*).

¹⁸⁸ Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

Assim, considerando que os *frames* são evocados por Unidades Lexicais (ULs) – que são pareamentos de uma palavra (ou expressão) com um sentido específico (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003) –, postulamos três *frames metafóricos de MORTE*: um para cada um dos sentidos identificados. Assumindo a proposta de Kövecses (2002) de que cada domínio-fonte pode ser associado a um foco principal de sentido, verificamos que o foco principal de sentido do domínio-fonte MORTE é a referência a um **fim**. Tal constatação nos parece bastante coerente, já que a concepção de Vida em nossa cultura é marcadamente influenciada pela metáfora VIDA É PERCURSO (ou VIDA É VIAGEM), que tem como consequência natural a conceptualização da Morte como o fim do percurso (ou da viagem).

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Léxico da morte; *Frame*.

ABSTRACT

This study assumes the theoretical constructs of Cognitive Linguistics (LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SILVA, 1997; SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2000) and focuses on the metaphorical use of the lexicon of MORTE/DEATH in Brazilian Portuguese. The work has as central theoretical scope the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 2002; LAKOFF, 1993) and Construction Grammar (LAKOFF, 1987; GOLDEBERG, 1995; SALOMÃO, unknown). It also considers the discussion concerning the Interaction between Metaphor and Metonymy – as defined by Antonio Barcelona (2003) – and the work of Zoltán Kövecses (2002) on the Scope of Metaphor. Our analysis of the *corpus*, comprising material gathered through research on the Internet (Editora Abril's website), was based on its confrontation with the frame of *Morte* (Death) – as described in the FrameNet Project of the University of California at Berkeley – based on which emerged the criterion for division into two groups: (1) Protagonist 'Being' and (2) Protagonist 'Entity'. In the Protagonist 'Being' group more than 90% of the occurrences involve what we call **Nominal Superlative Constructions** (*Ela morria de medo que a achassem ridícula* [she was deadly afraid of being thought of as weird.]) and **Verbal Superlative Constructions** (*Morri de rir com O Auto da Compadecida*. [I laughed myself to death when I saw "O Auto da Compadecida"]]). According to our analytical hypothesis, such constructions are part of a semantic

domain that expresses INTENSITY at the highest end of the scale (SAMPAIO; MIRANDA, no prelo). In this paper we focus in the Protagonist ENTITY group. In this group, we recognized three possible meanings of the word *MORTE* (DEATH), from which we establish three metaphorical *frames* for *Morte* (Death): “DEATH as ceasing to exist”, “DEATH as stopping to function”, “DEATH as becoming outdated”. Assuming Kövecses’ (2002) idea that each source domain can be associated with a main focus of meaning, we find that the main focus of the domain of death is the source reference to an end. This finding seems quite consistent, since the conception of life in our culture is strongly influenced by the metaphor LIFE IS JOURNEY, with the natural consequence of the conceptualization of death as the end of the course (or trip).

KEYWORDS: Metaphor; Lexicon of death; Frames.

Introdução

Apesar de *a morte* ser um daqueles temas que as pessoas em nossa sociedade preferem, de modo geral, evitar, voltando um olhar mais atento para nossa linguagem cotidiana, percebemos que o léxico da morte é sistematicamente recrutado nos mais diversos contextos de uso linguístico. Comumente, *morremos de raiva*, se o *celular morre* quando mais precisamos dele; *morremos de curiosidade* de saber o que provocou a *morte daquela marca tão famosa*; *morremos de rir*, se o *carro do nosso amigo morre* bem na hora em que ele está paquerando a garota do carro ao lado; e *morremos de sofrer*, se um *amor, julgado eterno, morre* sem maiores explicações...

Em pesquisa recentemente realizada (cf. SAMPAIO, 2007) constatamos que, no Português do Brasil (PB), é bastante comum o uso do léxico da Morte como manifestação de projeções metafóricas que envolvem a Morte como domínio-fonte na expansão conceptual de outros domínios-alvo. Nesse uso metafórico do léxico da morte, uma construção que se destaca por sua frequência e produtividade é aquela em que o verbo *morrer* aparece seguido da preposição *de* e de um sintagma nominal (SN) ou de um sintagma verbal (SV), como nas expressões destacadas abaixo:

- (1) *Morro de vontade de ir, mas sozinha não tenho coragem.* (Revista Cláudia)

- (2) *Quem deve fazer: iniciantes que querem entrar para o maravilhoso mundo da malhação e sedentárias que **morrem de preguiça** de levantar do sofá.* (Revista Boa Forma)

- (3) *ai a professora perguntou pq eu estava chorando ai eu falei q eu tava **morrendo de cólica** ... kkkk ... era pura mentira* (Revista Capricho)

Acompanhando uma forte tendência contemporânea nos estudos da linguagem, nos propomos a explicar o domínio metafórico em foco, a partir de manifestações linguísticas reais, e constatamos que a construção MORRER DE X (analisada em SAMPAIO; MIRANDA, no prelo) é bastante frequente, mas não é o único contexto de ocorrência do uso metafórico do léxico da morte. Para realização da pesquisa, montamos um banco de dados com, aproximadamente, 650 ocorrências de uso metafórico do léxico da Morte, identificadas em treze revistas de circulação nacional, da Editora Abril.

O ponto de partida para a análise dos dados coletados foi a descrição do *frame* de MORTE/DEATH disponibilizada pelo FrameNet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>) – projeto do International Computer Science Institute da Universidade de Berkeley, na Califórnia. A descrição do *frame* de MORTE nesse programa, apresentando como elemento de frame (EF) central o [protagonista] – definido como o SER ou ENTIDADE que morre – orientou a divisão das ocorrências do banco de dados em dois grupos: EF [protagonista SER] e EF [protagonista ENTIDADE]. Assim, procedemos à análise dos dados de cada um desses dois grupos.

No caso específico do grupo EF [protagonista ENTIDADE], nossa análise identificou três possíveis sentidos para a MORTE nas construções com EF [protagonista ENTIDADE] disponibilizadas em nosso banco de dados:

- (i) Morte como "deixar de existir": (4) *A Qualita's tinha tudo para ser mais um dos muitos negócios brasileiros que todos os anos nascem para logo depois morrer.*

- (ii) Morte como "parar de funcionar": (5) *Parado no sinal, Marcus pensou em dar ré ou em inventar que o carro tinha morrido.*

- (iii) Morte como "tornar-se ultrapassado": (6) *Isso não significa que o PC esteja morto. As vendas mundiais chegam a 200 milhões de unidades.*

Neste artigo, apresentamos nossa análise das ocorrências desse grupo. Procuramos, portanto, descrever e analisar usos metafóricos do léxico da morte em que o protagonista da morte é uma entidade. Considerando que os *frames* são evocados por Unidades Lexicais (ULs) – que são pareamentos de uma palavra (ou expressão) com um sentido específico (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003) –, postulamos três *frames* metafóricos de MORTE: um para cada um dos sentidos identificados.

1. Os Dados

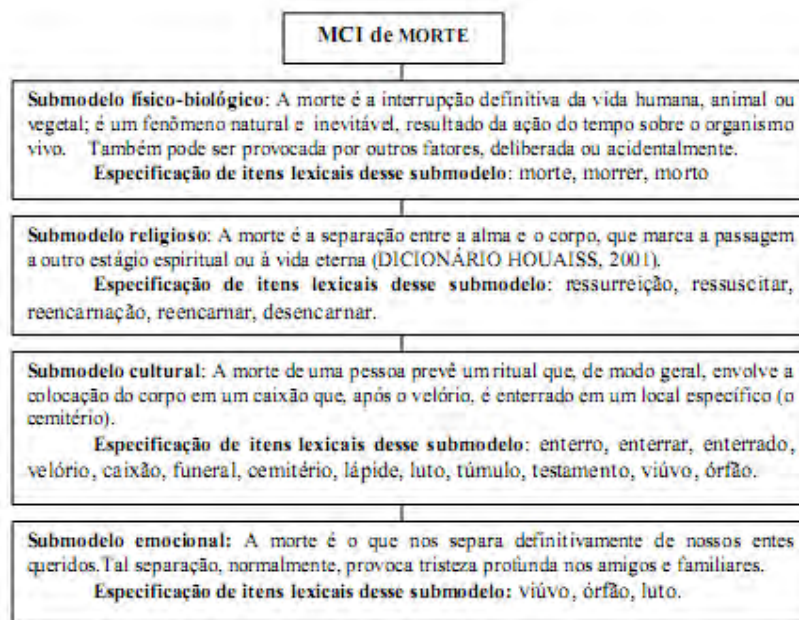
A internet é, indubitavelmente, um recurso que diminui a distância entre o linguista e o dado linguístico. Além de disponibilizar conjuntos de *corpus* – de língua escrita e falada – organizados por sérios grupos de pesquisa do país inteiro, ela nos põe diante de outras ricas fontes de dados como *blogs*, versões *on-line* de jornais e revistas, documentos oficiais, salas de bate-papo, etc. Diante dessa profusão de possibilidades de pesquisa, a rigorosa delimitação dessas fontes é fator imprescindível para o sucesso e, até mesmo, para a viabilidade de um estudo com caráter científico.

Conscientes dessa necessidade, a busca de dados foi limitada a revistas de circulação nacional e, para garantir a possibilidade de usar os instrumentos automáticos

de busca existentes, optamos por revistas que apresentavam uma versão eletrônica. Esse recorte inicial levou-nos ao *site* da Editora Abril, que publica várias revistas de circulação nacional, todas com uma página disponível na internet. O próximo recorte foi feito com base no tipo de mecanismo de busca disponibilizado por cada revista. Consideramos adequados à nossa pesquisa os instrumentos de busca que apresentavam um resultado no qual o termo da busca aparecia em negrito dentro de um contexto linguístico satisfatório, que nos permitisse verificar de imediato se a palavra havia sido usada no seu sentido básico ou se era um caso de projeção figurativa; os casos duvidosos foram desconsiderados.

Assim, concentramos nossas buscas nas páginas da internet das seguintes revistas da Editora Abril: *Boa Forma, Bons Fluidos, Capricho, Claudia, Contigo!, Elle, Exame, Info, Nova Escola, Nova, Quatro Rodas, Vida Simples, Viva Mais!*.

Após a fase de seleção e caracterização geral das revistas do *corpus*, passamos à definição dos termos de busca. Isso foi feito a partir da descrição do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) complexo de MORTE e seus submodelos em nossa cultura, nos termos de Lakoff (1987), como apresentamos a seguir no quadro (1).



Quadro 1: MCI de morte com submodelos

A especificação dos itens lexicais de cada submodelo foi, de certa forma, limitada àqueles considerados mais básicos, por questões práticas, como tempo para

execução do trabalho e dimensão da pesquisa. No total de 671 ocorrências, a distribuição em relação aos itens lexicais de cada submodelo pode ser visualizada na tabela (1):

Tabela 1: Número de ocorrências de cada item lexical

Submodelo físico-biológico:	
morte	78
morrer	426
morto	59
Total	563 (84%)
Submodelo religioso:	
ressurreição/ ressuscitar	56
reencarnar	2
Total	58 (9%)
Submodelo cultural e emocional:	
caixão	6
velório	1
enterro	6
enterrado (a)	11
enterrar	13
funeral	1
órfã (o)	3
cemitério	7
testamento	1
viúvo (a), lápide, túmulo	0
Total	50 (7%)

Observamos na tabela (1) que, embora a maioria dos termos de busca tenha vindo do submodelo cultural (12; contra 4 do biológico, 3 do emocional e 3 do religioso), tal submodelo, no nosso *corpus*, foi o menos freqüente – 50 ocorrências, apenas 7% do total de dados. Creditamos isso, ao menos em parte, ao fato de que palavras como *caixão*, *cemitério* e *velório*, por remeterem muito prontamente a uma experiência que é culturalmente associada à perda, sofrem um veto pragmático. No caso dos termos do submodelo biológico, essa associação não é tão direta devido à enorme gama de possíveis usos dessas palavras. De modo geral, como veremos durante a análise, tais termos podem ser usados em contextos diversos que, segundo a visão dos dicionaristas pelo menos, não têm qualquer relação com a morte de um ser humano.

2. O *Frame* de morte e a configuração dos dados a partir do EF [Protagonista]

Como já adiantamos, nossa análise partiu da submissão dos dados obtidos ao frame de MORTE descrito pelo FrameNet, sendo esta uma etapa fundamental à organização dos mesmos e ao recorte analítico. O FrameNet é um projeto lexicográfico computacional, coordenado por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, que identifica e descreve *frames* semânticos. Esse projeto do *International Computer Science Institute* dessa Universidade, tem como produto final um *site* que possibilita uma pesquisa eletrônica baseada nesses *frames*. Em poucas palavras, os *frames* são representações esquemáticas das estruturas conceptuais e dos padrões de crenças, práticas, instituições, etc., que fornecem as bases de conhecimento comuns de uma dada comunidade de fala (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003).

Atualmente, está em desenvolvimento, na Universidade Federal de Juiz de Fora, o Projeto FrameNet Brasil (www.framenetbr.ufjf.br/). Contudo, para realização da pesquisa, consultamos o FrameNet de Berkeley, no qual o *frame* que buscávamos já se encontrava descrito. Verificamos que, de modo geral, o *frame* semântico evocado pela unidade lexical DEATH, no inglês, equivale àquele evocado pela unidade lexical MORTE, no Português. Apresentamos, a seguir, uma versão traduzida do resultado dessa consulta, com exemplos do português¹⁸⁹, acompanhados dos exemplos originais em inglês.

¹⁸⁹ Os exemplos apresentados são resultados de uma busca na internet, através do *google*, de ocorrências que se aproximassem ao máximo do exemplo que é dado, em inglês, pelo FrameNet. Por buscar essa aproximação, inclusive, é que não utilizamos os exemplos do nosso corpus, pois todos os nossos exemplos são metafóricos e o Framenet não inclui essas projeções figurativas.

Morte

Definição: As palavras neste *frame* descrevem a morte de um **Protagonista**. A **Causa** da morte também pode ser expressa obliquamente.

Elementos do Frame (EFs):

Central:

- **Protagonista** – O EF **Protagonista** é o ser ou entidade que morre. Com os verbos deste *frame*, o **Protagonista** é o argumento externo.

"Cuidou do animal com todo zelo, mas o **peixe MORREU**." (The goldfish died.)

Não-centrais:

- **Causa** – O EF **Causa** expressa qualquer objeto ou eventualidade que leva o **Protagonista** à morte.

"A outra vira-lata **MORREU de velhice**." (The cat **DIED** of old age.)

"Nas aldeias não lhes podia ser fornecido qualquer abrigo ou alimento e eles lentamente **PERECERAM de fome e de frio**." (The children **PERISHED** from hunger.)

- **Gráu** – Alguma medida do evento, geralmente frequência.

"**Tudo dá MORRE** brasileiro com bala perdida ou encaminhada." (You know, I wouldn't want to live in a Shakespearian play; people **DIE** in them a lot.)

- **Descrição** – O EF **Descrição** denota o estado do **Protagonista** na ocasião da morte.

"Este **MORREU feliz**, conseguiu realizar seus sonhos." (I think he **DIED** happy.)

- **Modo** – Qualquer descrição do evento que não é coberta por elementos mais específicos do *frame*, incluindo força, efeitos secundários, e descrições gerais que comparam eventos.

"O povo da minha tribo **MORREU horrivelmente** no dilúvio." (He **DIED** **horribly**; I won't describe it.)

- **Lugar** – O EF **Lugar** indica onde a morte ocorreu.

"Três **MORRERAM no local** e a última **FALECEU no hospital**." (Your father **PASSED AWAY** in his hospital bed.)

- **Razão** – O EF **Razão** denota uma condição que precedeu a morte do **Protagonista** e que resultou na morte do mesmo.

"Se Ananias **MORREU por causa da infidelidade**, por que Safira **MORREU**?" (He **DIED** for his treachery!)

- **Resultado** – O EF **Resultado** indica o que ocorreu como resultado da morte do **Protagonista**.

If we don't find something soon, we'll all starve **to death**.

- **Sub-evento** – Este EF identifica o Sub-evento no qual o **Protagonista** morre.

"Funcionária da TAM que **MORREU no acidente** tinha dez anos de casa." (The pilot **DIED** in the crash.)

- **Tempo** – O EF **Tempo** denota quando a morte ocorreu.

"Chico Science, que **MORREU há dez anos** em Recife." (Your father **PASSED AWAY** about four minutes)

Quadro 2: *Frame* Básico de Morte

Apesar de ter sido constituído com base em dados do Inglês, o resultado da busca no

FrameNet parece ser, também, uma descrição bastante coerente da cena suscitada pelo léxico da MORTE no Português do Brasil. Como é possível verificar na nossa versão traduzida do mesmo, todos os elementos do *frame* previstos para o Inglês podem ser exemplificados com dados do Português.

Entretanto, considerando a breve apresentação do projeto no *site* e o tipo de informações que o projeto disponibiliza ao usuário, duas questões podem ser levantadas. Primeiro, quando o projeto propõe dar conta das possibilidades combinatórias sintáticas e semânticas (as valências) de cada palavra *em cada um de seus sentidos*, é preciso ter em mente que tal pretensão não inclui as estruturas conceptuais metafóricas. Assim, apenas um sentido do verbo morrer – *interrupção definitiva da vida humana, animal ou vegetal* – é considerado na descrição. O segundo ponto, e de certa forma consequência do primeiro, é o fato de que, apesar de afirmar que as palavras do *frame* descrevem a morte de um Protagonista e que este Protagonista é o ser *ou entidade* que morre – o que, sem dúvida, é um "deslize" metafórico –, todos os exemplos versam sobre a morte de um ser vivo (animal ou, principalmente, humano).

Assim, se nosso objeto é um *frame* metafórico, em que medida o *frame* básico poderia nos ser útil?

Essa questão nos obriga a retomar rapidamente o chamado Princípio da Invariância (LAKOFF, 1992), que é um ponto bastante discutido no estudo e análise das metáforas conceptuais. Segundo essa hipótese, os mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva do domínio fonte, de um modo consistente com a estrutura inerente do domínio alvo. Nessa perspectiva, ao tomarmos a MORTE como domínio-fonte, sabemos que os processos metafóricos envolvendo esse domínio implicam projeções de padrões referenciais e padrões lexicais dessa fonte. Nesses termos, a expectativa natural é que a cena descrita pelo *frame* básico com seus EFs se projete em domínios-alvo com seus padrões inferenciais e lexicais.

Assim, tomando o *frame* de Morte (quadro 2), temos que o elemento que instancia um componente conceptualmente indispensável ao *frame*, ou seja, o seu EF central é o EF [protagonista]. Com isso, a busca pelo Protagonista em *frames* metafóricos tornou-se nosso parâmetro inicial para divisão e organização dos dados do nosso corpus em dois grandes grupos: (1) EF [protagonista Ser]; (2) EF [protagonista Entidade]. Tal recorte analítico. Levou-nos a seguinte configuração dos dados:

Tabela 2: Distribuição geral dos dados a partir do tipo de protagonista

Protagonista SER	Protagonista ENTIDADE	Total
311 ocorrências (46%)	360 ocorrências (54%)	671 ocorrências

Passamos, então, à descrição e análise das ocorrências com Protagonista Entidade.

3. O uso metafórico do léxico da morte com Protagonista ENTIDADE

Conforme apresentado na tabela (2), 360 ocorrências do nosso banco de dados, o correspondente a 54% dos dados, são construções que expressam a morte de uma ENTIDADE. Tal tipo de ocorrência emerge quando da definição do EF central do *frame* de Morte – o Protagonista – como o SER ou ENTIDADE que morre. Ressalte-se, entretanto, que o FrameNet descreve o que estamos chamando de *frame* básico de Morte (aquele evocado pela UL "morte como fim da vida"), mas a definição do EF [protagonista] como *entidade*, em contraposição a *ser*, já estabelece um possível elo para com os *frames* metafóricos que passamos a descrever.

No grupo de Protagonista SER dispúnhamos de três possibilidades de ocorrências semânticas – *animal*, *vegetal* ou *humano* – mas apenas este último foi encontrado em nossos dados, o que nos deixou com um grupo homogêneo, no que diz respeito à natureza do EF [protagonista SER]. No caso do EF [protagonista ENTIDADE], contudo, essa homogeneidade não se repetiu. Encontramos, como protagonistas neste grupo, sintagmas nominais com núcleos dos mais variados tipos (amor, carro, PC, negócios, cinema, álbum de fotografia, comunismo, etc.) e, nesse sentido, o uso do termo *entidade* pelo FrameNet nos pareceu bastante apropriado, pois uma das acepções do termo "entidade" no dicionário é exatamente: "tudo o que tem existência, tudo o que existe, na realidade ou na ficção" (HOUAISS, 2002). E esse parece ser exatamente o caso dos elementos deste grupo. Em contextos específicos e, de

modo geral, remetendo a significados diversos, *tudo* pode morrer, como ilustram os exemplos abaixo:

- (7) *Por fim, os filósofos taoístas lembram que **amor, como tudo o que é vivo, pode morrer**. A imagem de outro hexagrama, "Desintegração", é clara: (Revista Cláudia)*
- (8) *Parado no sinal, Marcus pensou em dar ré ou em inventar que **o carro tinha morrido**. Mas, empurrado pelas buzinas, desistiu da idéia. (Revista Quatro Rodas)*
- (9) *Isso não significa que **o PC esteja morto**. As vendas mundiais chegam a 200 milhões de unidades. A versatilidade do equipamento (Revista Exame)*
- (10) *A Qualita's tinha tudo para ser **mais um dos muitos negócios brasileiros que todos os anos nascem para logo depois morrer**. Instalada num escritório de 6 metros quadrados na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, a empresa ...
...(Revista Exame)*
- (11) *agências de publicidade online do país. "É natural que isso seja mais atraente do que ver a novela das 7." **O cinema não morreu** com o videocassete, o rádio não sucumbiu à televisão (Revista Exame)*
- (12) ***O velho álbum de fotografias não morreu**, mas ganhou um concorrente de respeito no mundo virtual. A organização e o armazenamento de imagens na Internet recebem (Revista Info)*

(13) *para um partido de inspiração marxista: justamente quando o comunismo, ou o que restava dele, estava sendo conduzido ao cemitério no resto do mundo. Como poderia ter dado certo? Seria o equivalente a fundar ...*(Revista Exame)

Considerando o conjunto de nossos dados, nossa proposta de análise parte do reconhecimento de três possíveis sentidos para a MORTE nas construções com EF [protagonista Entidade]:

- (i) Morte como "deixar de existir" – exemplos (7), (10), (13).
- (ii) Morte como "parar de funcionar" – exemplo (8).
- (iii) Morte como "tornar-se ultrapassado" – exemplos (9), (11), (12).

Vale pontuar, a esta altura, que, nos termos da Linguística Cognitiva, o sentido não é "uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta", ou seja "uma construção situada no jogo, no drama da interação" (MIRANDA, 2001, p. 58). Desse modo, a categorização proposta não implica qualquer afirmação de condições necessárias e suficientes. Estamos falando, pois, em modelos de organização "familiar", de categorias radiais, com centros prototípicos e periferia (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995). Nesses termos, é natural reconhecer a possibilidade de intersecções, já que estamos lidando com uma rede de sentidos metaforicamente relacionados. Assim, o propósito da identificação dessas possibilidades gerais de sentido é, pois, demarcar como os diferentes grupos de entidades remetem *prototipicamente* a um determinado sentido.

Além desse, outro pressuposto orientou nosso percurso analítico. Sabendo que projeções metafóricas implicam herança de padrões lexicais, construcionais e inferenciais, vimos mapeando a estrutura conceptual metafórica da MORTE pelo seu *frame* básico proposto pelo FrameNet. Nessa perspectiva, considerando que os *frames* são evocados por ULs – que são pareamentos de uma palavra (ou expressão) com um sentido específico –, postulamos três *frames* metafóricos de MORTE: um para cada um dos sentidos apresentados. Convém ressaltar que, apesar de um *frame* ser evocado por

uma UL, não precisamos necessariamente postular um *frame* diferente para cada pareamento; isso porque diferentes ULs podem evocar um mesmo *frame*.

(14) *O negócio virtual ideal do início do novo milênio será uma pontocom com o nome de e-cemitério, para poder enterrar todos os 99% de empresas de internet que vão falecer, segundo as previsões mais pessimistas.* (Revista Info)

Em (14), as palavras destacadas são ULs distintas, mas, em última análise, evocam o mesmo *frame*: o da morte como fim da existência de uma entidade (neste caso, de *empresas*).

3.1 *Frame* Metafórico da MORTE 1: "o fim da existência de uma Entidade"

Consideremos, inicialmente, a *morte como fim da existência de uma entidade*. De modo geral, nas construções que remetem ao fim da existência de uma entidade, temos no papel de Protagonista aquelas que estamos nomeando *Entidades Abstratas* (emoções, sentimentos, etc.) e *Entidades Culturais* (organizações políticas, sociais, econômicas, etc).

Em linhas gerais, o *frame* metafórico evocado pelos dois tipos de entidades tratados nesta seção é, entre os três que estamos postulando, o que mais se aproxima do *frame* básico descrito pelo FrameNet. De fato, conseguimos encontrar nas ocorrências com Entidades Abstratas e Entidades Culturais pelo menos um exemplo para quase todos os EFs que o FrameNet identifica no *frame* de *Morte como fim da vida*, como mostra a descrição do Frame Metafórico 1, que propomos a seguir.

Frame 1 – "A MORTE como fim da existência da Entidade"

Definição: As palavras neste *frame* descrevem o fim da existência de um **Protagonista-Entidade**.

Elementos do *Frame* (EFs) :

Central:

- **Protagonista** – O EF **Protagonista** é a Entidade Abstrata ou Cultural que deixa de existir.

Casamento é para toda a vida da relação, não quer dizer que seja para toda sua vida. Relacionamentos podem morrer antes. Depende da intensidade. A força da paixão que fez vocês ficarem juntos vai ser o fiel da balança (Revista Cláudia)

Não-centrais:

- **Causa** – O EF **Causa** expressa qualquer objeto ou eventualidade que leva o **Protagonista** à morte.

A idéia foi encampada no projeto da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), que morreu de inanção dada a falta de interesse mostrada pelos países mais importantes da região – incluindo o Brasil e os Estados... (Revista Exame)

- **Grão** – Alguma medida do evento, geralmente frequência.

é melhor, portanto, que tenha alguma paixão em relação a ele." No cotidiano das vezes, essas excitações morrem. Como um adolescente que não sabe se quer ser médico ou administrador de empresas. (Revista Você S/A)

- **Modo** – Qualquer descrição do evento que não é coberta por elementos mais específicos do *frame*, incluindo força, efeitos secundários, e descrições gerais que comparam eventos.

O excesso de pragmatismo leva a uma morte precoce da capacidade de sonhar e vislumbrar possibilidades e perspectivas que criam e mantêm nossa individualidade, fator extremamente (Revista Você S/A)

- **Lugar** – O EF **Lugar** indica onde a morte ocorreu.

nós, mulheres, não queremos que as nossas frases _ que ou começam com por que...? ou terminam com você não acha? _ morram no ar. Ninguém mais propicia a completá-las do que a pessoa que está ali bem ao nosso lado. (Revista Cláudia)

- **Razão** – O EF **Razão** denota uma condição que precedeu a morte do **Protagonista** e que resultou na morte do mesmo.

Meus guias afirmam que as religiões vão morrer porque estão dividindo as pessoas. (Revista Cláudia)

- **Resultado** – O EF **Resultado** indica o que ocorreu como resultado da morte do **Protagonista**.

Aquele trança está morta para sempre, e com sua morte, tem surgido um período de grande luminosidade para aqueles que detêm poder e riqueza (Revista Você S/A)

- **Sub-evento** – Este EF identifica o Sub-evento no qual o **Protagonista** morre.

RW5 têm a vantagem de poder ser regravados sempre, com informações atualizadas, enquanto que a versatilidade do CD-R morre na primeira, única e definitiva utilização, pois o formato só permite uma gravação. (Revista Info)

- **Tempo** – O EF **Tempo** denota quando a morte ocorreu.

Uma das poucas esperanças de a companhia continuar viva foi enterrada nos últimos dias com o desfecho negativo das negociações de um ... (Revista Exame)

2

Quadro 3: Frame Metafórico 1 - o fim da existência de uma entidade

3 Comparando este *Frame* Metafórico 1 com o *frame* básico do FrameNet, percebemos que o único EF para o qual não encontramos exemplos em nosso conjunto de dados foi o EF [descrição], que denota o estado do Protagonista na ocasião da morte. Não acreditamos, porém, que o fato de ele não aparecer em nossos dados signifique que ele não faça parte deste *frame* metafórico. Provavelmente, com dados mais abrangentes

(ou um outro tipo de dados), seja possível encontrar instanciações nas quais esse EF apareça.

3.2 Frame Metafórico da MORTE 2: "a Entidade para de funcionar"

Nas construções com o léxico da morte que remetem à *interrupção do funcionamento de uma Entidade*, temos como Protagonista uma *Entidade Tecnológica* (mais especificamente, uma máquina ou um equipamento). No quadro (4), apresentamos nossa proposta de descrição desse *frame*.

Frame 2 – " a MORTE como fim do funcionamento da Entidade "
Definição: As palavras neste *frame* descrevem a interrupção do funcionamento de um **Protagonista-Entidade**.

Elementos do Frame (EFs) :

Central:

- **Protagonista** – O EF **Protagonista** é a Entidade Tecnológica que pára de funcionar.

*Parado no sinal, Marcus pensou em dar ré ou em inventar que o **carro** tinha morrido. Mas, empurrado pelas buzinas, desistiu da idéia. Teve que passar, a 0,5 km/h. "Me sentí mal. Desencanei do curso (Revista Quatro Rodas)*

Não-centrais

- **Causa** – O EF **Causa** expressa qualquer objeto ou eventualidade que leva o **Protagonista** à morte.

*Tampouco alguém tem saudade da fase em que o **motor** falhava ou **morria** por causa de um misterioso defeito na marcha lenta. Mas a verdade é que o pequeno Chevrolet surpreendeu. (Revista Quatro Rodas)*

- **Carro** – Alguma medida do evento, geralmente frequência.

*pesados. Além de carregar esse chumbo na mala de mão, tive uma amarga surpresa ao ligá-lo após o jantar. A **bateria** morreu **num piscar de olhos**. Nada de colina, nada de jogo. Moral da história. Aqui estou no meio do corredor do aeroporto (Revista Info)*

- **Modo** – Qualquer descrição do evento que não é coberta por elementos mais específicos do *frame*, incluindo força, efeitos secundários, e descrições gerais que comparam eventos.

*Todas as **lâmpadas** são iguais. Ao **morrerem** **queimadas**, nenhuma tristeza provocam. Só o incômodo de terem de ser trocadas por outras. As velas são diferentes. (Revista Bons Fluidos)*

- **Resultado** – O EF **Resultado** indica o que ocorreu como resultado da morte do **Protagonista**.

*Para avaliá-la, dê a partida. Se o **carro** **morrer** logo ou **trabalhar** de **língua** vez, será preciso trocá-la, uma despesa de até 300 reais. Os bancos também merecem uma análise detalhada (Revista Quatro Rodas)*

- **Prevenção** – O EF **Prevenção** indica possíveis maneiras de se evitar a morte do **Protagonista**.

*A **embreagem** tem um curso pequeno, exigindo certo cuidado na hora de sair, **para não deixar o carro morrer**. **Devesse** manter o ponteiro perto dos 2000 **giros**. Mas, nessa minha experiência alemã com o M3, eu tinha as **piores** **intenções** possíveis (Revista Quatro Rodas)*

- **Reversão** – O EF **Reversão** indica possíveis maneiras de reverter (ainda que temporariamente) a morte do **Protagonista**.

*Se o **disco rígido** **morreu**, o freezer pode **ressuscitá-lo** por algum tempo Não, não é brincadeira nem primeiro-da-abril (Revista Info)*

Quadro 4: Frame Metafórico 2 - interrupção do funcionamento

Como é possível observar no quadro (4), no *frame* de interrupção do funcionamento, evocado por ULs do tipo Entidades Tecnológicas, só encontramos exemplos de cinco dos dez EFs que aparecem no *frame* básico: [protagonista] (que continua sendo o EF Central), [causa], [modo], [grau] e [resultado]. Entretanto, identificamos neste *frame* dois EFs que não são previstos pelo *frame* básico, os quais nomeamos EF [prevenção] e EF [reversão].

Como este *frame* envolve o (não-) funcionamento de máquinas e aparelhos, nos parece razoável que ele inclua esses elementos que chamamos de EF [prevenção] e EF [reversão]. Isso porque num domínio em que máquinas param de funcionar, nos parece que, de fato, serão elementos importantes a Prevenção (referência ao que poderia impedir a interrupção do funcionamento) e a Reversão (referência à possibilidade de se consertar a máquina para que ela volte a funcionar normalmente).

Em relação aos EFs que não pudemos exemplificar com os dados de que dispomos –[descrição], [lugar], [razão], [sub-evento], [tempo] –, não temos, neste momento, como afirmar que não fazem parte desse *frame*. Na verdade, intuitivamente, acreditamos que, em um *corpus* mais amplo poderíamos encontrar exemplos de todos ou, pelo menos, da maioria deles.

3.3 *Frame* Metafórico da MORTE 3: "a Entidade torna-se ultrapassada"

Finalmente, consideremos a terceira possibilidade de sentido identificada, em que *morrer* corresponde a *tornar-se ultrapassado*. Nas construções do nosso banco de dados que fazem referência ao fato de uma entidade tornar-se ultrapassada, temos novamente como Protagonistas as Entidades Tecnológicas. Neste caso, entretanto, temos um grupo mais abrangente que envolve "técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana" (Houaiss, 2002). Na verdade, temos um grande grupo de técnicas, máquinas e instrumentos criados pelo homem. Além deste grupo ser mais abrangente, uma importante diferença em relação ao grupo que acabamos de analisar é que, neste caso, as referências são sempre genéricas.

Por exemplo, ao contrário do que acontecia no grupo anterior, neste caso não é feita referência a um carro ou a um computador específico, mas a um modelo de carro ou aos computadores de modo geral; como evidenciam os exemplos abaixo:

(15) *Com a chegada do modelo, o Corsa Sedan 1.0 deve morrer. A GM nega, mas afirma que, se o carro tiver uma boa queda em vendas, não há por que mantê-lo no mercado.* (Revista Quatro Rodas)

(16) *E apesar de ter sua morte anunciada várias vezes pelos futuristas de plantão, o PC resiste vendendo feito pão quente* (Revista Info)

Frame 3 – "A MORTE como o fim da presença da Entidade "
Definição: As palavras neste *frame* remetem ao fato de que o **Protagonista-Entidade** tornou-se ultrapassado.

Elementos do Frame (EFs) :
Central:

- **Protagonista** – O EF **Protagonista** é a Entidade Tecnológica que se torna ultrapassada.

Um dos mitos em que muita gente acredita é que **a TV está morrendo**. Não é verdade. As horas de gente assistindo TV bateram recorde no último ano.

Não-centrais:

- **Modo** – Qualquer descrição do evento que não é coberta por elementos mais específicos do *frame*, incluindo força, efeitos secundários, e descrições gerais que comparam eventos.

A Oracle resolveu, então, substituir o PL/SQL aos poucos, sem provocar sua morte súbita e optou pela linguagem de Internet criada pela Sun.

- **Razão** – O EF **Razão** denota uma condição que precedeu a morte do **Protagonista** e que resultou na morte do mesmo.

Assim, as vantagens da tecnologia seriam reduzidas a zero. Nesse nível, ou **a tecnologia morre** porque não tem outros usos ou se torna universal e, portanto, não confere vantagem (Revista Exame).

- **Resultado** – O EF **Resultado** indica o que ocorreu como resultado da morte do **Protagonista**.

Evite revoluções internas, como as que acontecem quando **a tecnologia utilizada morre e precisa ser trocada de uma só vez**. (Revista Info)

- **Tempo** – O EF **Tempo** denota quando a morte ocorreu ou quando vai ocorrer.

O programinha tem data marcada para morrer? de Janeiro. A sentença de **morte** já podia ser pressentida pelas cada vez mais frequentes quedas dos seus servidores.

- **Reversão** – O EF **Reversão** indica possíveis maneiras de reverter (ainda que temporariamente) a morte do **Protagonista**.

Muitas empresas têm planos de desenvolver aplicações próprias para rodar em Linux ou até mesmo **ressuscitar** velhos sistemas, como **oz/VM para mainframes**, que ganhou uma versão que roda sobre o Linux. Portanto, fique ligado.

Quadro 5: *Frame* Metafórico 3 - tornar-se ultrapassado

Neste *Frame* Metafórico, foi mais difícil identificar os EFs participantes, provavelmente por ser o que mais se afasta do *frame* básico. De fato, entendemos que uma descrição mais completa deste *Frame* Metafórico demandaria a análise de um número maior de ocorrências. Como mostra o quadro (5), nessa pesquisa identificamos, além do EF [protagonista], os EFs [modo], [razão], [resultado], [tempo]. Também, identificamos neste *frame* o EF [reversão], sendo que aqui, este que é um elemento periférico, suscita uma interpretação diferente daquela do *Frame* Metafórico 2 ("a Entidade pára de funcionar"). Neste caso, tal EF remete à idéia de que a Entidade Tecnológica pode voltar a ser usada, sendo atualizada ou sofrendo uma releitura.

Tendo feito a descrição dos três *Frames* Metafóricos anunciados, passamos a considerar a gênese metafórica dos mesmos.

3.4 A Origem dos *Frames* Metafóricos da Morte

Segundo Lakoff e Johnson (1980 [2002]), as metáforas ontológicas mais óbvias são aquelas nas quais entidades não-humanas são concebidas como pessoas. Assim, a *Personificação* nos permitiria compreender uma grande variedade de experiências relacionadas a essas entidades, em termos de motivações, características e atividades humanas. Esses autores afirmam que a personificação não é um processo geral e único, pois cada personificação difere em termos dos aspectos humanos que são selecionados. Para Lakoff e Johnson, o que todas as metáforas de personificação teriam em comum seria o fato de se tratarem de extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos em termos humanos; termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características. Esse é, aliás, de acordo com Fauconnier e Turner (2002), o objetivo principal dos processos de integração conceptual: *converter à escala humana*.

No caso das Entidades que morrem, temos um abrangente fenômeno de personificação, através do qual *atribuímos vida a tudo que existe*. Assim, a metáfora conceptual EXISTÊNCIA É VIDA estaria na origem dos três tipos de projeções

discutidas na seção anterior. No Site da Metáfora Conceptual (<http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/>), tal metáfora é ilustrada pelos seguintes exemplos:

3.1.1

EXISTENCE IS LIFE (EXISTÊNCIA É VIDA)

(17) *That was the birth/death of my interest.*

(Foi o nascimento/ a morte do meu interesse.)

(18) *That killed their play-off hopes.*

(Aquilo matou as esperanças dele)

(19) *The Social Security program healthy, or is it terminally ill?*

(O programa de Seguridade Social está saudável ou em estado terminal?)

Verificamos que, nesses exemplos, as entidades às quais se atribui vida são exatamente do tipo que estamos chamando de Entidades Abstratas e Entidades Culturais. De fato, entendemos que a projeção "*morrer como deixar de existir*" é um vínculo metafórico da metáfora EXISTÊNCIA É VIDA, relacionada a Teorias Populares do tipo "*pra morrer, basta estar vivo*".

Nesse sentido, se, via metáfora conceptual, atribuímos vida a essas Entidades Abstratas e Culturais, podemos conceptualizar o fim da existência dessas Entidades como a Morte das mesmas. Na verdade, entendemos que o significado da Morte de uma Entidade dependerá – além das condições específicas da situação de uso – do tipo de “vida” que, via metáfora conceptual, é atribuída a essa Entidade.

No caso de "*morrer como deixar de existir*", identificado quando o EF [protagonista] é uma Entidade Abstrata ou uma Entidade Cultural, entendemos que a metáfora da vida envolvida na projeção é VIDA É PERCURSO. Assim, é essa

conceptualização da vida como percurso que nos permite fazer referência ao fato de uma Entidade deixar de existir usando o léxico da Morte. Uma proposta de descrição da origem do *Frame* Metafórico 1 é apresentada no quadro (6).

Metáforas conceptuais:	EXISTÊNCIA É VIDA	
	VIDA É PERCURSO	
	MORTE É O FIM DO PERCURSO	
Teoria Popular:	"Pra morrer, basta estar vivo."	
<i>Surgimento/criação da Entidade</i>	_____	<i>Nascimento</i>
<i>Existência como realidade subjetiva ou objetiva</i>	_____	<i>Vida</i>
<i>Fim dessa existência</i>	_____	<i>Morte</i>

Quadro 6: Origem metafórica do *frame* 1 - fim da existência de uma entidade

Nesses casos, *o amor, o comunismo, a esperança, a empresa, etc.*, são entidades que, durante certo tempo, estiveram "vivas" numa realidade objetiva ou subjetiva, podendo ser personificadas na figura de um trajetor, que parte de um ponto de origem e chega a um destino final; assim como cada um de nós, em relação à nossa própria vida.

Já no caso de "*morrer como parar de funcionar*" (*frame* 2), temos uma certa especialização da metáfora EXISTÊNCIA É VIDA. Na verdade, nesse caso, a reunião de metáforas conceptuais gera uma metáfora mais complexa e mais específica. Uma metáfora conceptual que desempenha um papel importante nessa projeção é MÁQUINAS SÃO PESSOAS. No *Site* da Metáfora Conceptual, essa metáfora é ilustrada com os seguintes exemplos:

3.1.2

MACHINES ARE PEOPLE (MÁQUINAS SÃO PESSOAS)

(20) *The blender just died.*

(O liquidificador acabou de morrer.)

(21) *This battery has a life of 3 years*

(Esta bateria tem uma vida útil de 3 anos.)

(22) *The typewriter went crazy*

(A máquina de escrever ficou maluca.)

Como sugerimos que, nas projeções que vimos analisando, o foco está no tipo de vida atribuída à determinada Entidade, podemos dizer que às metáforas conceptuais EXISTÊNCIA É VIDA e MÁQUINAS SÃO PESSOAS se agrega a metáfora VIDA É ATIVIDADE. É essa conceptualização de vida como atividade que nos permite falar de inatividade (interrupção do funcionamento) como Morte de uma Entidade. No quadro (7), apresentamos uma proposta de descrição da Origem Metafórica do *Frame* da MORTE 2.

Metáforas conceptuais:	EXISTÊNCIA É VIDA
	MAQUINAS SÃO PESSOAS VIDA É ATIVIDADE MORTE É INATIVIDADE
<i>Invenção da máquina</i>	_____ <i>Nascimento</i>
<i>Funcionamento da máquina</i>	_____ <i>Vida</i>
<i>Duração da capacidade de Funcionamento da máquina</i>	_____ <i>Tempo de vida (vida útil)</i>
<i>Interrupção do funcionamento</i>	_____ <i>Morte</i>

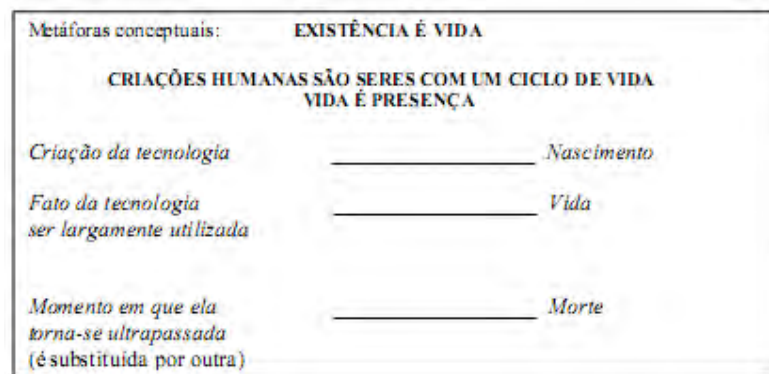
Quadro 7: Origem metafórica do *frame* 2 - interrupção do funcionamento

Finalmente, em relação à projeção em que emerge o sentido de "*tornar-se ultrapassado*", temos, associada à metáfora EXISTÊNCIA É VIDA a metáfora conceptual CRIAR É DAR A LUZ (<http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/>), que nos permite conceptualizar as CRIAÇÕES HUMANAS COMO SERES COM UM CICLO DE VIDA. E a metáfora da vida que entra na constituição dessa metáfora complexa é VIDA É PRESENÇA (que se manifesta em instanciações do tipo "*João não está mais entre nós*"). Isso nos permite usar o léxico da Morte para nos referirmos ao fato de uma

Entidade tornar-se ultrapassada, deixar de ser utilizada, sair de moda, ou seja, *estar ausente*, não ser mais vista.

A diferença dessas projeções para aquelas em que o sentido é "*parar de funcionar*" – já que, nos dois casos, o EF [protagonista] é uma Entidade Tecnológica – tem a ver exatamente com as metáforas mais específicas que integram as duas metáforas complexas. No primeiro caso, tínhamos EXISTÊNCIA É VIDA, MAQUINAS SÃO PESSOAS e VIDA É ATIVIDADE e, no segundo, temos EXISTÊNCIA É VIDA, CRIAÇÕES HUMANAS SÃO SERES COM UM CICLO DE VIDA e VIDA É PRESENÇA.

Por isso, no primeiro caso, o EF [protagonista] é sempre um exemplar específico de uma categoria de máquinas (um carro específico, um computador específico, etc.) e, no segundo caso, o EF [protagonista] é não um exemplar específico, mas as próprias categorias (os carros, os computadores, etc.). Isso porque, nesse caso, a projeção seleciona as Entidades Tecnológicas enquanto criações humanas e não enquanto máquinas ou aparelhos específicos. Assim, no quadro (8), apresentamos nossa proposta de descrição da Origem Metafórica do *Frame* da MORTE 3



Quadro 8: Origem metafórica do *frame* 3 - tornar-se ultrapassado

É curioso perceber, ao chegarmos neste ponto quase final de nossa caminhada investigativa acerca do sistema conceptual que subjaz o uso metafórico do léxico da Morte, que as metáforas da Morte nos levaram às metáforas da Vida. De fato, só podemos falar de fim da existência, de inatividade e de ausência como Morte de uma Entidade, porque conceptualizamos Vida como Percurso, como Atividade e como

Presença. Com isso, diante da análise realizada nesta seção, somos obrigados a concordar com aqueles que dizem que "quando falamos de morte é quando mais falamos de vida".

4. Considerações finais

A descrição e a análise do uso metafórico do léxico da morte podem ser consideradas na perspectiva do trabalho de Kövecses (2002) sobre o Escopo da Metáfora. Segundo Kövecses, cada domínio-fonte pode ser associado a um **foco principal de sentido**, que será mapeado em diferentes domínios-alvo. Nesses termos, um questionamento natural, após a análise de tantas projeções envolvendo a Morte como domínio-fonte, seria: qual o foco principal de sentido do domínio-fonte MORTE?

Considerando as análises realizadas, verificamos que o que todo esse uso metafórico do léxico da Morte tem em comum é a **referência a um fim**. No caso das Construções Superlativas, temos a Morte como **o fim numa escala de intensidade**. Já nos casos em que o Protagonista é uma Entidade, nos quais reconhecemos três possibilidades gerais de sentido, a Morte será **o fim da existência** (FM 1), **o fim da atividade** (FM 2) ou **o fim da presença** (FM 3).

De acordo com Kövecses (2002), o foco principal de sentido representa um certo conhecimento básico sobre um determinado domínio-fonte, que é amplamente partilhado por uma dada comunidade de fala. Com isso, é bastante coerente que o foco principal de sentido do domínio-fonte MORTE seja **o fim**, pois devemos reconhecer que a concepção de Vida em nossa cultura é marcadamente influenciada pela metáfora VIDA É PERCURSO (ou VIDA É VIAGEM), que tem como consequência natural a conceptualização da Morte como o fim do percurso (ou da viagem). A conceptualização de Morte como fim é, pois, muito forte em nossa cultura, o que justificaria sua atuação direta nas projeções figurativas que envolvem nosso domínio de conhecimento sobre a Morte.

Referências bibliográficas

ABRIL.COM – Notícias *online*, atualidades e sites Abril. Disponível em <<http://www.abril.com.br/>>. Acesso em: dez. 2006 – maio 2007.

CONCEPTUAL Metaphor Home Page. by George, University of California, Berkeley. copyright (c) 1994. Disponível em: < <http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/>>.

FAUCONNIER, G.;TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE C.; JOHNSON C.; PETRUCK M. Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.

FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et all. (coord.) Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet> >.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, A. (Ed.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. *Women, Fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 1980 [2002].

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. *Revista Veredas*. EDUFJF. Juiz de Fora, v.5, n.1, 2001. 57-81.

SAMPAIO, T. F.; MIRANDA, N. S. “Nunca vi ninguém morrer de estudar” – Uma análise das dimensões semântica e de uso da construção X MORRER de Y. *Revista Moara*. No prelo.

SAMPAIO, T. F. *O uso metafórico do léxico da Morte*. Juiz de Fora, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Velhice em tempos de guerra: uma análise do discurso metafórico

Valeria Silva de Oliveira¹⁹⁰
voliveirj@gmail.com

RESUMO

O uso metafórico da língua não compete apenas aos grandes poetas ou aos eruditos que, por gozarem do privilégio do domínio da linguagem, frequentemente utilizam-se desse recurso linguístico objetivando a ornamentação e embelezamento do discurso. Uma observação mais acurada do uso da linguagem na vida cotidiana nos revela que a metáfora tem um papel muito importante na comunicação e interação dos participantes de uma comunidade. Esse recurso linguístico é capaz de exprimir uma série de concepções que apropriadamente se adequa ao contexto em que é usado dependendo da visão de mundo e/ou experiência prévia dos interlocutores. Nesse sentido, a metáfora torna-se um fenômeno social e, por isso, seu estudo na linguagem cotidiana pode sugerir tendências ou até mesmo crenças de uma determinada comunidade, dentro de um determinado contexto. Assim, a pesquisa objetivou investigar as expressões linguísticas metafóricas presentes nas práticas sociais contemporâneas da sociedade brasileira que são utilizadas para referirem-se à velhice. A metodologia adotada implica a coleta de amostras autênticas da língua em uso, ou seja, do discurso, e de um banco de dados online. Essas amostras foram analisadas e os resultados sugerem que, possivelmente, estamos em estado de guerra contra a velhice. Há uma tendência de se abordar a velhice como um inimigo em potencial, o que justificaria o uso da palavra ‘guerra’ e todas outras expressões metafóricas que estão a ela associadas.

PALAVRAS-CHAVES: metáforas conceptuais, análise do discurso, velhice

ABSTRACT

The metaphorical use of language is not ascribed solely to great poets or to any other kind of erudite people that often make use of this tool so as to embellish or ornament a discourse. A more acute observation of daily language use reveals a very especial role to metaphor in communication and interaction among participants of a community. This linguistic tool allows one the ability to express several conceptions. Most importantly, these various conceptions suit successfully to the context in which they are used as far as interlocutors' previous experience/background is concerned. Thus, metaphor might become a social phenomenon and, therefore, its study as part of daily language might suggest tendencies or even beliefs of a target community. Taking everything into

¹⁹⁰ Graduação em Letras (Inglês e respectivas literaturas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Pos-graduação lato sensu em Linguística Aplicada: Ensino/Aprendizagem do Inglês como Língua Estrangeira – Universidade Federal Fluminense pós-graduação stricto sensu em Estudos de Linguagem (em curso) – Universidade Federal Fluminense.

consideration, this research aimed at investigating linguistic metaphorical expressions used when elderliness is the subject in issue in Brazilian contemporary social interaction. The methodology entails the analysis of samples of authentic use of language, that is, samples of discourse, and the analysis of samples collected from online data bank. These samples were analyzed and the results suggest that Brazilian society has probably declared war against elderliness. Indeed, there might be people willing to approach elderliness as an implacable enemy and this would lead not only to the use of the word ‘war’, but also many other words inherently related to it.

KEYWORDS: conceptual metaphors, discourse analysis and elderliness

Introdução

Muitas pessoas ainda *torcem o nariz* quando o assunto é metáfora por ainda a considerarem uma ferramenta para embelezamento e ornamentação do discurso, cujo domínio de uso competiria apenas aos poetas, estudiosos, acadêmicos e sábios. Segundo uma visão mais contemporânea, tal pressuposto omite a função real da metáfora que se caracteriza por não ser apenas um recurso utilizado para fins de embelezamento do discurso, mas também, acima de tudo, é um meio/ um veículo/ uma ferramenta de comunicação do interlocutor com o mundo e vice-versa. Assim, justifica-se um programa popular de televisão utilizar metáforas como, por exemplo, “ (...) e o regime *tá indo* bem?”, “Você imagina essa *fera*¹⁹¹ (...)”. Esses são exemplos de usos não-literais da língua. Os exemplos citados são metáforas, pois juntam conceitos díspares (Sardinha, 2007: 11-12), tais como, regime e viajar; a artista competente e um animal feroz, respectivamente. O uso dessas metáforas não é aleatório. O apresentador emprega-as por acreditar que esse é um modo de falar que faz parte do cotidiano do povo e, por isso, o uso de tais expressões linguísticas garantirá maior possibilidade de compreensão e comunicação.

A verdade é que, conforme sugere Sardinha (2007), as metáforas são tão inerentes ao nosso habitat natural, que muitas delas não são sequer percebidas. De fato, é muito comum a não percepção da ocorrência das metáforas de nossa vida cotidiana nas práticas sociais, conforme relato a seguir. Conversando com uma professora de língua portuguesa, que também é aluna do curso pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal Fluminense, sobre a possibilidade de utilizar como corpus para presente pesquisa artigos de jornal cujo tópico central era economia, a aluna e também professora em questão questionou surpresa: “Por que vai selecionar um assunto tão sério para

¹⁹¹ Referindo-se a uma atriz da globo.

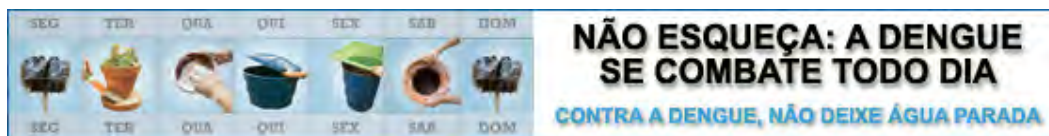
tentar encontrar metáforas?”. Em resposta ao questionamento da colega de profissão, citei as metáforas orientacionais encontradas já nas primeiras linhas do primeiro parágrafo do artigo *Declínio da economia global está desacelerando, diz FMI*¹⁹²: “O Fundo Monetário Internacional (FMI) deve revisar *para cima* sua previsão para a economia global em 2010, já que há sinais de que *o declínio* econômico está moderando (...)” Após contemplar o exemplo por alguns minutos, a colega de profissão abriu um largo sorriso e disse: “Gostei!”. A resposta dessa professora ratifica a idéia de que as metáforas estão, de fato, tão incorporadas à linguagem da vida cotidiana que há quem encontre dificuldades em identificá-las. Na prática, esse modo de falar é tão recorrente que é possível questionar o que é linguagem literal, já que são tantas as metáforas:

As metáforas são um recurso natural de qualquer língua. Muitas não são aprendidas formalmente, e mesmo assim são adquiridas. Assim como aprendemos nossa língua materna antes de ir para a escola e de termos aulas de português, as metáforas são usadas desde a mais tenra infância pelos pais ao falarem com seus filhos e até mesmo pelas crianças. (Sardinha, 2007:16)

Embora as metáforas sejam inconscientemente utilizadas por muitos, elas também são frequentemente usadas conscientemente, como um recurso retórico, por políticos, jornalistas, *marketeiros*, escritores e outros (Sardinha: 2007). Seu uso frequente se justifica por sua capacidade de exprimir uma série de conceitos em uma só palavra.

Elas (as metáforas) são meios econômicos de expressar uma grande quantidade de informação. Ao mesmo tempo, são um modo simples de expressar um rico conteúdo de idéias, que não poderia ser bem expresso sem elas. (Sardinha, 2007: 14)

Um exemplo são metáforas usadas pelo Ministério da Saúde¹⁹³ para se comunicar com a população (ex: O Brasil está unido contra a dengue, O Dia D etc).



http://portal.saude.gov.br/saude/area.cfm?id_area=920

O exemplo acima mostra como o *frame*¹⁹⁴ de guerra é construído. Esse *frame* não nos causa um estranhamento, pois mesmo que jamais tenhamos experienciado uma guerra, a linguagem que compõe o *frame* faz parte do sistema conceptual da cultura na

¹⁹² Texto integral em anexo.

¹⁹³ A metáfora conceptual DENGUE É GUERRA foi observada e pesquisada pelo Prof. Dr. Sérgio Carvalho da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁹⁴ Estruturação coerente da experiência, moldura.

qual vivemos. De fato, diariamente os noticiários mostram imagens desse evento realizando-se em outros países e esse *frame* é visto e revisto. A própria história de uma nação que é aprendida nos bancos escolares é constituída de vários eventos bélicos. O uso dessas expressões contidas em um *frame* de guerra (ex. *combate, contra, O Dia D*) denuncia um inimigo em comum da nação: a Dengue. E para vencermos o inimigo, medidas são necessárias e justificadas. Conforme sugere a propaganda acima, essas medidas devem ser tomadas diariamente. Embora a população não esteja vivenciando uma guerra atualmente, a propaganda do Ministério da Saúde é amplamente compreendida, pois há um conhecimento desse evento compartilhado dentro de uma mesma cultura. E é assim que, de um modo econômico e simples, a metáfora pode expressar um rico conteúdo de idéias. (Sardinha, 2007: 4).

Esse recurso retórico poderoso contribui para associarmos o velho, o já conhecido, ao novo através de uma relação de semelhança entre as partes. No caso do exemplo acima, o contexto de guerra é a informação antiga. Já o cenário grave da dengue foi um contexto novo naquele momento. Em toda humanidade, a guerra é uma situação-limite que frequentemente resulta de longos processos de negociação. A morte desenfreada de cidadãos é uma das conseqüências da guerra. Da mesma forma, após a tomada de todas as medidas cabíveis, as autoridades sanitárias encontraram-se em uma situação-limite onde a ocorrência de mortes aumentava diariamente. Essa relação de semelhança, que pode não pré-existir mas ser criada pela metáfora, provavelmente justifica o emprego de metáforas de guerra para divulgar para a população a gravidade da situação. Essa, porém, é apenas uma interpretação.

As metáforas ocorrem na linguagem e na nossa mente. Conforme sugere Sardinha (2007:14), “Embora sejam usadas na linguagem, por qualquer um, desde cedo, elas são ditas porque existem na nossa mente, como meios naturais de estruturar nosso pensamento”. Por exemplo, se devemos agir *contra* a dengue, é porque a dengue não deve ser algo bom, não é nosso amigo, pois só devemos agir *contra* àquilo que nos faz mal, que nos prejudica. Àquilo que nos faz mal, já que não é nosso amigo, é nosso inimigo. Assim, a dengue é um inimigo. Tal inferência (*entailments*) está contida no mapeamento licenciado metáfora conceptual DENGUE É GUERRA.

Outro aspecto importante em relação à metáfora, diz respeito ao fato de que somente através desse recurso é que muitas concepções são entendidas. Por exemplo, como conceptualizar a vida? A vida é um termo abstrato que muitos passaram a entender ou conceptualizar metaforicamente em termos de viagem. Tal concepção é

possível de ser observada em expressões como “preciso tomar um novo rumo na vida”, “há uma pedra no meu caminho”, “a vida é uma jornada¹⁹⁵” entre outros.

A metáfora é um recurso humano e poderoso por sua capacidade de expressar uma gama de informação. Quando o Presidente Lula diz que “O Estado nada mais é que uma mãe, e a mãe sempre vai dar mais atenção ao filho mais fraquinho¹⁹⁶” ele não só quer ganhar a simpatia do povo incluindo as mães brasileiras, mas provavelmente deseja também justificar as medidas de uma política paternalista cujo foco seria atender àqueles que o governo julgar ‘fraquinho’, ou seja, àqueles incapazes de se manterem ou crescerem financeiramente. Tal colocação de Lula certamente tocou na alma de muitos brasileiros, incluindo muitas mães brasileiras que conhecem na prática o trabalho que dá ter um filho mais fraquinho, pois este requer toda a atenção. São esses tipos de metáforas, que “tocam a alma”, ou seja, que emocionam e fazem surgir simpatizantes pois tratam de uma experiência vivida e corporificada, que nos convence a aceitarmos uma situação ou a agirmos radicalmente já que acabamos convencidos de que os fins podem justificar os meios. Não é a toa que nos surpreendemos ao nos depararmos adotando dietas radicais ou todo o tipo de medida contra o envelhecimento sob a justificativa de que estar acima do peso ou velhice é um mal, ou melhor, um inimigo. Nossa cultura ocidental criou uma série de metáforas mentais que sustenta tal visão e os fabricantes de produtos milagrosos utilizam-se dessas metáforas para convencer o consumidor que medidas radicais ou o consumo de produtos diversos são justificáveis para se alcançar um padrão ideal.

A presente pesquisa pretende investigar as expressões metafóricas utilizadas quando o assunto é velhice/envelhecimento que são licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE/ENVELHECIMENTO É GUERRA. Acredito que os diversos meios de comunicação apropriam-se dessa metáfora conceptual para tratar de uma situação-limite segundo parâmetros da cultura ocidental pós-moderna e convencer o interlocutor a aderir às sugestões milagrosas em detrimento do que os profissionais de saúde diariamente prescrevem como indicação para um envelhecimento prioritariamente saudável.

A seção seguinte tratará de uma breve revisão bibliográfica onde será discutido o conceito de metáfora a partir da visão tradicional e na visão contemporânea. Discutir todas as teorias recentes da metáfora fugiria do escopo do presente trabalho. Assim,

¹⁹⁵ Da música *Amazing* do Aerosmith “Life is a journey not a destination”

¹⁹⁶ <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10945>

focaremos apenas em apresentar uma discussão da fundamentação teórica relevante para a presente pesquisa cuja teoria central será a metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980) e implicações da cultura segundo Kovecses (2005). Na seção III será brevemente discutida a velhice na contemporaneidade segundo pesquisas no campo das Ciências Sociais e Psicologia. Na seção subsequente será realizada a análise dos dados e, por último, a conclusão da pesquisa.

I - Fundamentação Teórica:

Esta seção pretende definir metáfora a partir da visão clássica e discutir alguns pressupostos de teorias mais contemporâneas. Algumas tendências cognitivistas da metáfora foram priorizadas já que discutir todas as tendências estudadas durante o Curso de Metáfora fugiria do escopo da presente pesquisa. Tal discussão se faz necessária para observarmos que a metáfora sempre desempenhou uma função básica e importante na linguagem ao longo dos séculos, àquela de transferência de sentido conforme será discutido mais amplamente a seguir. O que mudou foram as perspectivas das diferentes teorias que surgiram e que contribuíram para ampliar o conceito e o uso da metáfora.

A origem etimológica do termo ‘metáfora’ é grega, *metaphorá*, e nasceu da junção de dois elementos que a compõe: *meta* e *pherein*, que significam ‘mudança’ e ‘transporte’, respectivamente. Nesse sentido, a origem do termo surge como sinônimo de ‘transporte’, ‘transferência’, sugerindo a idéia de uma “transposição do sentido de uma determinada palavra para outra, cujo sentido originalmente não lhe pertencia¹⁹⁷.” Essa visão, que surge da origem etimológica do termo, reflete a noção mais antiga e tradicional da metáfora, sugerida por Aristóteles do séc. IV a.C. que definia que a, “(...) metáfora é o uso do nome de uma coisa (“B” = veículo ou fonte) para designar outra (“A” = tenor ou alvo)” (Sardinha: 2007), ocorrendo uma símile não explicitada, já que haveria uma relação de similaridade anterior de alguns aspectos específicos entre um termo “A” e o termo “B” (e.g. Julieta é o sol). Segundo Leezenberg (2001:33), essa definição de metáfora de Aristóteles limita-se a apontar para o evento da ‘transferência’

¹⁹⁷ [HTTP://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metáfora.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metáfora.htm)

dos termos. Essa visão não estabelece uma doutrina ou esclarece como as metáforas devem ser interpretadas.

Na definição de Aristóteles, a metáfora é entendida como um recurso lingüístico, ou seja, uma figura de linguagem do discurso poético ou retórico com a função de “ornamentação” e “manipulação”, respectivamente.

Os políticos, por exemplo, usariam frequentemente a metáfora para “esvaziar” o seu discurso (retórico) ou para desviar a atenção do que seria tido como “sério” (que seria literal) por meio de enunciados de impacto, mas sem qualquer compromisso com o que ‘realmente importa’. (Vereza, 2006: 2)

Por sua natureza figurativa, a metáfora não representaria no discurso o real ou a verdade, apenas o imaginário.

Um princípio da teoria de interpretação figurativa surgiu ainda dentro da visão Aristotélica, apenas quando exemplos foram discutidos, apresentando quatro tipos de metáforas: do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para a espécie e de analogia. A noção de metáfora de Aristóteles era mais ampla, incluindo o que hoje chamaríamos de hipérbole e sinédoque, além da comparação direta. No livro III de Retórica, Aristóteles retoma a noção de metáfora tratando da importância de seu emprego principalmente por sua capacidade de expressar um conhecimento ou uma idéia nova que o ouvinte não tinha até então. Sardinha (2007: 21) observou que “(...) Sendo nova (a idéia), ela (a metáfora) exige do ouvinte ou leitor um trabalho mental para encontrar o ponto em comum entre as entidades presentes na metáfora”. Nesse sentido, o reconhecimento da existência de um trabalho mental “(...) pode sinalizar que Aristóteles reconheceu o papel cognitivo da metáfora, na medida em que ela propicia aprendizado (de conceitos, palavras etc), não sendo a sua visão a de que a metáfora seria apenas um artifício vazio”. (op. cit., p. 21)

A maior crítica feita atualmente em relação à visão de Aristóteles é que o filósofo deixou muitas questões não respondidas (Leezenberg: 2001), como por exemplo, a distinção entre a linguagem literal e a metafórica. Porém, ele ainda é considerado, talvez por muitos, o “pai da metáfora”, já que ao se buscar uma origem para a teoria da metáfora, estudiosos dificilmente não resgatam como ponto de partida alguns paradigmas aristotélicos, mesmo que seja para discordar.

Segundo Sardinha (op.cit.), foi possivelmente durante a Renascença, quando classificar o mundo em categorias era uma tendência, que a metáfora inicial de

Aristóteles foi desmembrada em muitas figuras de linguagem. Essa é provavelmente a origem da metáfora como figura de linguagem associada a uma visão prescritiva da língua e como recurso de embelezamento e ornamentação do discurso. “Ela é geralmente estudada em literatura como uma técnica de poetas para expressar sentimentos e também como um traço particular que ajuda a definir o estilo de um escritor; até por isso, às vezes as figuras são chamadas de figuras de estilo”. (Sardinha, 2001: 23).

Já a dominância do modelo lógico-positivista da ciência da primeira metade do século XX *jogou a metáfora para o escanteio* por esta ser considerada na época um desvio do sentido literal que se caracteriza pela exposição da verdade pura e simples. Passado o momento de dominância desse modelo, muitos estudiosos fundaram suas próprias teorias devolvendo à metáfora sua posição de figura mestra, outrora sugerida por Aristóteles. Segundo Vereza (2006), a *teoria da interação* (Richards: 1936; Black: 1962) contribuiu amplamente para construção de uma nova visão da metáfora, já que não apenas o papel lingüístico, mas também seu papel cognitivo foi destacado. Segundo essa teoria a similaridade existente entre os termos nasce da interação entre o tópico e o veículo, “A” e “B” respectivamente. Em ‘Julieta é o sol’, por exemplo, não existiria nenhuma relação de similaridade anterior entre o veículo ‘sol’ e o tópico ‘Julieta’.

Certamente podemos pensar literalmente no sol sem nunca incluir qualquer atributo relacionado à Julieta, até porque muitos de nós nem a conhecemos. Por outro lado, não há nada na definição de Julieta que nos diga que ela possa ser o sol, ou a lua ou qualquer outro corpo celeste. (Sardinha, 2007:29)

Assim, apenas através da interação entre veículo e tópico seria possível estabelecer uma relação de similaridade resultando em um sentido para a expressão ‘Julieta é o sol’. Essa similaridade não é real, mas é criada, através da interação, pelo efeito cognitivo da metáfora que vai selecionar algumas características do ‘sol’ em detrimento de outras para compor o perfil de ‘Julieta’ (Vereza: 2007).

A teoria da interação foi precursora de uma teoria de base cognitivista que viria a ser formulada por George Lakoff e Mark L. Johnson no final da década de 1970 e divulgada em seu livro *Metaphors We Live By*, de 1980, que foi posteriormente traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana* e publicado em 2002. Essa teoria representou uma mudança de paradigma, pois é através dela que a metáfora deixa de ter apenas o status de figura de linguagem e assume o status de figura de

pensamento. Lakoff e Johnson (1980/2002), a partir da análise de expressões linguísticas, deduziram que o sistema conceptual que influencia nosso pensamento, a nossa atividade cotidiana e a maneira como nos comportamos; que estrutura o que percebemos; que influencia o modo como nos relacionamos com outras pessoas e que está implícito na linguagem é em grande parte metafórico. Ou seja, compreendemos, experienciamos e falamos sobre as coisas em termos de outras. Falamos, agimos e experienciamos metaforicamente, pois nossos pensamentos são estruturados metaforicamente. O pensamento faz parte de nosso cotidiano, logo a metáfora também o faz revelando-se um recurso fundamentalmente cognitivo. Essa visão revela que a metáfora está primeiramente em nossa mente e se manifesta através da linguagem. Nesse sentido, a crença de que a linguagem convencional é essencialmente literal não é exata. Esses autores acreditam que a linguagem cotidiana é predominantemente metafórica.

A visão da metáfora como um poderoso recurso do sistema conceptual e não só como ornamento linguístico já tinha sido sugerida por antropologistas. A novidade em Lakoff e Johnson é que eles foram os primeiros a abordarem a metáfora a partir dessa visão conceptual “(...) de forma sistemática, generalizável, e experimentalmente testável¹⁹⁸” (Koveceses:2005,9).

A teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2002) parte do principio que “a linguagem é secundária, pois (esta) é apenas uma manifestação do pensamento” (Sardinha: 2007). A linguagem, embora secundária, é uma fonte de evidências muito importante do sistema conceptual, pois, normalmente, não temos consciência desse sistema. “Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam apreender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem” (op.cit.:2002, 46). É a linguagem que legitima a metáfora conceptual e seus mapeamentos.

Dizer que a metáfora manifesta-se inconscientemente significa dizer que ela não depende da vontade do indivíduo. Ou seja, a metáfora conceptual não é normalmente criada por um indivíduo. Ela é convencional; ou seja, criada e compartilhada em sociedade e utilizada em nossa vida cotidiana com o objetivo de dar sentido à experiência outrora corporificada.

¹⁹⁸ Tradução feita por mim. Original: “They (Lakoff & Johnson) were the first to claim it in a systematic, generalizable, and experimentally testable way”. (koveceses: 2005, 9)

Na visão de Koveceses (2005), a abordagem sistematizada da metáfora que sugere não só sua natureza lingüística e conceptual, mas também corporificada, foi um outro importante passo na teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1985/2002). A hipótese da corporificação trata-se de todas as impressões registradas pelo corpo enquanto estamos engajados em uma determinada atividade. Por exemplo, quando temos uma doença grave ou quando morremos, somos forçados a ficar deitados. Essa experiência com o corpo é a base física que origina a metáfora conceptual SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA: DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO. Essa metáfora conceptual licencia expressões lingüísticas metafóricas do tipo *Ele caiu doente, a gripe o derrubou, Ele está no topo de sua forma física, Ele caiu morto*, etc (Lakoff e Johnson, 2002: 61). Essas idéias foram seguidas e refinadas posteriormente por Joe Grady em sua noção de metáfora primária. “A idéia principal é que o pensamento abstrato, em grande parte metafórico, é o resultado de como o corpo humano confina o modo que nós pensamos sobre abstrações como tempo, sentimento, moral e política”¹⁹⁹ (Koveceses, 2005).

Na visão da teoria conceptual da metáfora, a metáfora se caracteriza como meio econômico de convencionalmente, e inconscientemente expressar ou conceptualizar uma grande quantidade de informação/ ou domínio de experiência em termos de outro. Por exemplo, ‘dinheiro’ é facilmente conceptualizado devido a sua natureza concreta. Podemos sentir, tocar e experimentar mais concretamente/materialmente as conseqüências de ter ou não dinheiro. Por outro lado, é difícil de ser falar de tempo sem recorrer a outros domínios. Já que o tempo não é concreto, temos que falar dele através de nossas impressões e experiências mais concretas de outros domínios. Atualmente, as pessoas que vivem em um país capitalista têm as horas de seu dia comercializadas. Essa relação de dinheiro x tempo é uma prática que já se tornou convencionalizada, ou seja, faz parte de nosso inconsciente. Paga-se por hora/aula ou por 40 horas semanais. O ócio, que se configuraria pela não comercialização do tempo, é muitas vezes visto pejorativamente como ‘desperdício’. Assim, a cultura ocidental convencionou falar de tempo em termos de dinheiro, dando origem à metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO.

¹⁹⁹ Tradução feita por mim. Original: “The main idea in all this work was that abstract thought, largely defined by metaphor, is the result of the way the human body constrains the way we think about abstractions such as time, emotion, morality, and politics”. (koveceses: 2005, 9)

Nesse sentido, as metáforas conceptuais consistem em dois domínios onde o domínio mais abstrato (A), é entendido em termos de outro domínio mais concreto (B). Em TEMPO É DINHEIRO, DINHEIRO é o domínio fonte e TEMPO é o domínio alvo. O domínio fonte é mais concreto em relação ao domínio alvo e por isso DINHEIRO é mais claramente delineado em nossa experiência. É esse domínio que norteará o sentido do domínio alvo TEMPO. Ocorre que há uma tentativa de se entender a experiência do domínio alvo através da experiência do domínio fonte. Essa relação entre domínios se estabelece através de uma correspondência sistemática de elementos conceptuais entre o domínio fonte e o domínio alvo. Esse processo é conhecido na teoria conceptual da metáfora como mapeamento. Vejamos, por exemplo, a metáfora conceptual AMOR É VIAGEM. Kovecses(2002: 7) sugere o seguinte mapeamento:

Fonte: VIAGEM	Alvo: AMOR
Os viajantes	os amantes
O veículo/transporte	a relação amorosa em si
A jornada/a viagem	os eventos da relação
A distância percorrida	o progresso conquistado
Os obstáculos encontrados	as dificuldades experienciadas
Decisões quanto a qual caminho seguir fazer	decisões em relação ao que
O destino da viagem	os objetivos da relação

Dessa forma quando dizemos ‘Veja *a que ponto chegamos*’, *a que ponto chegamos* significa, literalmente, o destino da viagem. A palavra ‘nós’ que está oculta refere-se aos viajantes. Porém, quando ouvimos essa frase dentro de um contexto de uma relação amorosa, a frase é interpretada apropriadamente e metaforicamente dentro desse contexto onde viajantes dá lugar aos amantes, e, nesse sentido, “nós” passa a se referir aos amantes. São esses mapeamentos que caracterizam a metáfora conceptual segundo Kovecses (2002). E o mais surpreendente é que é difícil falarmos de amor outros em termos. Isso significa, segundo Kovecses (2002), que dificilmente amor é conceptualizado independentemente do domínio de viagem. Em nossa cultura, falamos de amor em termos de viagem, porém esse mapeamento não é consciente.

As metáforas conceptuais realizam-se através de expressões metafóricas. Dizemos que as expressões linguísticas metafóricas são licenciadas por uma metáfora exemplar. Por exemplo, a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM se realiza em diferentes expressões linguísticas metafóricas:

Veja *a que ponto chegamos*. (Lakoff e Johnson, 2002: 104)
Esta relação é *um beco sem saída*. (op. cit)

Não podemos *voltar atrás agora*. (op. cit.)

A questão que diz respeito à justificativa do porquê escolhermos determinadas metáforas conceptuais em detrimento de outras para conceptualizarmos domínios mais abstratos, está ligada, segundo Gibbs (1999), à nossa experiência corporificada. Por exemplo, em AMOR É UMA VIAGEM, a experiência de viagem é muito concreta e muitas vezes vivenciada no nosso dia a dia quando nos deslocamos em um veículo. Sempre temos um ponto de partida e um ponto de chegada, um destino, porém, às vezes, podemos nos perder e nos encontrarmos em um beco sem saída; para nos encontrarmos novamente temos que voltar todo o caminho percorrido. Segundo Gibbs (1999), citando Johnson, “essas diversas experiências corporais, levam ao desenvolvimento de uma *gestalt* experiencial, chamado esquema imagético²⁰⁰” (op.cit, p. 147). Esse *esquema imagético*, baseado em diversas dimensões de nossa experiência, contribui para o entendimento do conceito de domínios mais abstratos quando elaboradas metaforicamente.

Um outro fator importante são os desdobramentos ou inferências (*entailments*) que partem da metáfora conceptual. No caso de AMOR É UM VIAGEM, por exemplo, podemos inferir que se “uma viagem é longa e cansativa, então um casal que vive junto há muitos anos pode cansar do relacionamento”. (Sardinha, 2007: 32)

Acredito ser importante definir também a metonímia já que a literatura que trata da teoria da metáfora conceptual procura sempre deixar marcada a diferença entre metáfora e metonímia. Enquanto a metáfora se caracteriza por uma relação de similaridade criada entre entidades conceitualmente díspares (por exemplo, TEMPO É DINHEIRO), a metonímia caracteriza-se por já existir uma relação de proximidade entre as partes. Por exemplo, quando a garçonete diz: “O hambúrguer quer um refrigerante diet”, o termo ‘hambúrguer’ é utilizado para representar o freguês que pediu o hambúrguer e não aquele outro freguês que pediu o cachorro quente. Essa é uma relação do PEDIDO PELO FREGUÊS. Aqui não há a comparação de dois domínios diferentes como ocorre na metáfora, mas a comparação de dois aspectos de um mesmo domínio/área de conhecimento.

As metáforas conceptuais podem ser classificadas em *metáfora orientacional*, *ontológica*, *primária e estrutural*. A *metáfora orientacional* é aquela que tem base em nossa experiência cultural e física em relação à orientação espacial (e.g. para cima- para

²⁰⁰ Tradução feita por mim. Original – “These various, occurring bodily experiences give rise to the development of an experiential gestalt, called an image schema, for CONTAINMENT (Johnson 1987).

baixo, dentro – fora, frente – trás, etc) e, por isso, não são arbitrárias. Os conceitos podem ser experienciados diferentemente em outras culturas. Por exemplo, na nossa cultura é muito frequente o uso da metáfora conceptual MAIS É PARA CIMA; MENOS É PARA BAIXO. Porém, na cultura monástica onde o mais virtuoso é aquele que tem menos, MENOS É PARA CIMA e MAIS É PARA BAIXO. A *metáfora ontológica* ocorre quando atividades, emoções, idéias e outros conceitos abstratos são concebidos como entidades e substâncias. Segundo Vereza, (2007) seria a coisificação do mundo abstrato. Por exemplo, a seguinte expressão metafórica *Inflação devora a indexação dos salários*²⁰¹ é licenciada pela metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE.

Nesses casos, conceber a inflação como uma entidade permite referirmo-nos a ela, quantificá-la, identificar um aspecto particular dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela, e talvez, até mesmo acreditar que nós a compreendemos (Lakoff e Johnson, 2002:77)

Já a metáfora estrutural ocorre quando um domínio é mapeado (ou estruturado) em termos de outro domínio. Em outras palavras, um conceito é estruturado em termos de outro. É a metáfora estrutural a responsável pela estruturação de nosso sistema conceptual (estruturam nosso modo de perceber, agir e pensar). Segundo os autores (op.cit., p 133),

As metáforas estruturais permite-nos fazer mais do que simplesmente orientar conceitos, referirmo-nos a ele, quantificá-los etc., como fazemos com simples metáforas ontológicas e orientacionais; somado a tudo isso, elas nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito.

E por fim, a *metáfora primária* é motivada por aspectos físicos do corpo, associada, geralmente, a emoções e sentimentos. Por exemplo, AFEIÇÃO É CALOR, INTIMIDADE É PROXIMIDADE.

A teoria da metáfora conceptual fundamenta muitas pesquisas até os dias atuais. Lakoff e Johnson (1985/2002) além de sugerir que as metáforas conceptuais estão em nossa mente e não apenas na linguagem, também sinalizou as implicações culturais em muitas metáforas conceptuais. Dizer que as metáforas conceptuais são culturais significa que elas podem refletir como um determinado grupo experiência e vê o mundo.

²⁰¹http://www.bomdia.lu/index.php?option=com_content&task=view&id=1056&Itemid=76

Mais recentemente, as relações entre a cultura e metáfora vêm sendo gradativamente consideradas teoricamente. Gibbs (1999), por exemplo, aposta na importância do fator cultural como motivador do pensar metafórico. “Ele (Gibbs) acredita ser a metáfora uma propriedade emergente das interações do indivíduo com o mundo, e não das mentes individuais (...) a cognição emerge e é continuamente revivenciada, quando o indivíduo interage com o mundo cultural” (Lakoff e Johnson, 2002: 32). Além disso, as metáforas conceituais serviriam para diminuir o trabalho mental no uso diário do pensamento e da linguagem; isso significa que parte do mundo cultural constituem partes importantes do pensamento e linguagem metafóricos. Nesse sentido, para Gibbs (1999), não haveria necessidade de estabelecer uma distinção muito rígida entre a metáfora conceitual e a cultural.

Somente a partir de Kovecses (2005), foi atribuída maior importância à cultura dentro dos estudos da metáfora. Em sua visão, a metáfora é um fenômeno “(...) que envolve não só a linguagem, mas também o sistema conceitual, assim como a estrutura sócio-cultural e atividades corporais e neurais²⁰²” (op. cit. P, 9). Segundo Kovecses (2005), metáfora pode estar relacionada à cultura na literatura, conforme aprendemos nos bancos escolares. Porém não é essa relação discutida pelo autor. Sua abordagem central parte de pressupostos da antropologia que considera a cultura um conjunto de crenças/conhecimentos compartilhados e que caracterizam um determinado grupo. Esses conhecimentos, além de peculiares de uma determinada cultura, podem realizar-se metaforicamente. O fato das metáforas conceituais se caracterizarem como um meio de se expressar de conhecimentos e conceitos, que podem variar de cultura para cultura, levou Kovecses a sugerir que há tanto universalidade quanto variação nas metáforas. Um exemplo de universalidade seria a metáfora conceitual PROXIMIDADE É INTIMIDADE. Desde crianças as pessoas mais próximas fisicamente, que nos rodeiam mais frequentemente, são as pessoas que nos conhecem mais intimamente. Por isso é comum dizer “Vejam como eles são próximos”, significando não só a proximidade física, mas homologando tudo aquilo que está incluído no conceito do termo *intimidade*. Já variação consiste na manifestação de uma metáfora diferente da universal para expressar um determinado conceito alvo. Kovecses (2005) exemplifica a ocorrência da variação citando como o amor pode ser igualmente conceituado em diversas culturas

²⁰² Tradução de minha autoria. Texto original “(...) metaphor is a many sized phenomenon that involves not only language, but also the conceptual system, as well as social-cultural structure and neural and bodily activity.”

como viagem, incluindo a cultura chinesa. Porém, alguns dialetos chineses falam de amor em termos de ‘pipa empinada’²⁰³. Outro exemplo, fala-se comumente da vida em termos de ‘viagem’, mas em Hmong (língua falada principalmente no Laos e na Tailândia) a VIDA É CORDA FINA/BARBANTE²⁰⁴.

Nesse sentido, Kovecses (2005) afirma que a variação metafórica pode ocorrer não só entre culturas diversas como também em subculturas. Tal constatação foi ignorada por linguistas cognitivistas, o que levou Kovecses (op.cit) a sugerir uma atualização da teoria lingüística cognitivista da metáfora para que essa dê conta das variações metafóricas. A teoria lingüística cognitivista da metáfora sugere que existem muitas metáforas primárias (e.g. AFEIÇÃO É CALOR, PROGRESSO É MOVIMENTO PARA FRENTE, DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS, entre outras) que são combinadas para formar metáforas mais complexas (e.g. A VIDA É UMA VIAGEM, O AMOR É UMA VIAGEM). As metáforas primárias, por serem motivadas pelas experiências universais do corpo (ex. calor, frio, dor etc) teriam maiores chances de serem universais do que as complexas. A novidade na teoria proposta por Kovecses (2005) é que a cultura exerceria grande influência no processo de formação das metáforas complexas. Nesse sentido, se existem culturas radicalmente diferentes há uma grande possibilidade de as metáforas complexas variarem.

À teoria *standard* cognitivista da metáfora conceptual foram sugeridas algumas modificações após análise de dados pelo autor. Primeiramente, Kovecses (2005) considera tanto a metáfora primária quanto a metáfora complexa importante no sentido cognitivo e cultural respectivamente. Porém, segundo o autor, “São as metáforas complexas, - não as primárias – que as pessoas utilizam para engajarem seus pensamentos em eventos culturais reais. De alguma forma, as metáforas primárias são ‘sem vida’ em comparação as metáforas complexas carregadas de influência cultural²⁰⁵,” (op.cit., p 11).

A segunda modificação seria a visão de que há um significado/tema no domínio fonte que prevalece (*a major theme or themes*) que representa o conhecimento básico e central desse domínio. Esse conhecimento central é estabelecido dentro da comunidade

²⁰³ Termo original LOVE IS A FLYING KITE. (Kovecses: 2005)

²⁰⁴ Termo original STRING. (kovecses: 2005)

²⁰⁵ Tradução feita por mim. Original: It is complex metaphors – not primary metaphors – with which people actually engage in their thought in real cultural contexts. In a way, primary metaphors often look ‘lifeless’ in comparison to culturally embedded complex ones (Kovecses, 2005: 11).

pelos falantes da língua. Essa noção do ‘significado focal’ ou ‘tema principal’²⁰⁶ é a forma que Koveceses (2005) encontrou para falar das coisas que a noção de metáfora primária pode explicar, porém essa nova visão permite abordar o domínio fonte como associado a idéias básicas que são convencionalizadas dentro de uma comunidade de falantes. Nesse sentido, a idéia de ‘tema principal’ mostra uma perspectiva primordialmente cultural do domínio fonte. Com essa visão, as metáforas primárias não perdem seu valor, ao contrário, elas e a abordagem do ‘tema principal’ constituiriam os dois lados de uma mesma moeda. Essa nova abordagem das metáforas conceptuais, que parte do princípio do ‘tema principal’, apenas daria conta de explicar de forma mais pontual um evento observado. Koveceses cita o exemplo da metáfora primária DESEJO SEXUAL É CALOR. O mapeamento que caracteriza essa metáfora deveria ser universal, segundo definições da metáfora primária. Porém, há línguas como Chagga em que isso não ocorre, já que nessa cultura ‘calor’ não é mapeado em termos de desejo sexual, mas em termos das qualidades desejáveis de uma parceira do sexo feminino. Assim, foi observado que “a noção de foco principal do significado é mais ‘culturalmente sensível’ que a de metáfora primária²⁰⁷” (op.cit., 12).

Uma característica singular do pensamento metafórico segundo Koveceses (2005: 27) é que existem várias formas de se definir ou caracterizar os conceitos mais básicos do domínio alvo. Essas metáforas conceptuais primárias podem se juntar e dar origem à metáforas mais complexas. Por exemplo, a expressão metafórica complexa RAIVA/ÓDIO É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM CONTAINER (ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER). O container seria o corpo humano, o líquido quente é a raiva/ódio, o grau de calor do líquido é a intensidade da raiva. Nesse sentido, quanto mais raiva a pessoa tiver, mais calor e pressão esse líquido terá e conseqüentemente maior velocidade. Uma pessoa pode chegar a *explodir* de raiva. O mapeamento básico seguido de uma experiência esquemática (*schemata experience*) nos leva a concluir que a metáfora complexa, RAIVA/ÓDIO É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM CONTAINER, provém da junção das seguintes metáforas primárias: INTENSIDADE É CALOR (Houve um debate *caloroso* sobre a questão / There was *heated* debate about the issue); INTENSIDADE É QUANTIDADE (ex. Eu me preocupo *muito* com você / I care *a lot* about you); INTENSIDADE É VELOCIDADE (ex. *rápido* crescimento

²⁰⁶ *main meaning focus* ou *major theme*

²⁰⁷ In other words, the notion of main meaning focus seems to be more “culture-sensitive” than that of primary metaphor”. (Koveceses, 2005: 12)

econômico / *sudden growth in the economy*). “Esse exemplo mostra muito claramente que metáforas complexas são baseadas em metáforas simples que, por sua vez, são baseadas na correlação de experiências locais²⁰⁸”. (Koveceses, 2005: 28)

Uma outra observação de Koveceses (2005) consiste na possibilidade de se encontrar expressões metafóricas que entrem em conflito com o conceito convencionalizado através da experiência corporificada. Além disso, o fato de existirem metáforas universais não significa que serão encontradas em todas as línguas.

Em *Variação na metáfora*²⁰⁹ (2007), Koveceses enfoca, em sua discussão, as diversas formas de variação metafórica que ocorre entre culturas e em subculturas. Entre culturas essas diversas formas de variação metafórica consistem em congruência, na manifestação de metáforas conceptuais peculiares de uma determinada cultura, no uso de diversos domínios fonte para um determinado domínio alvo, no uso de um determinado domínio fonte para conceptualizar diversos domínios alvos. Além do caso de, por exemplo, embora duas línguas utilizarem os mesmos domínios fonte para conceptualizar um domínio alvo, uma das culturas manifesta preferência por um determinado domínio fonte em detrimento dos outros domínios.

Já as variações dentro de culturas (ou em subculturas) ocorrem mais especificamente na dimensão social (entre gêneros, ocupação social, faixa-etária etc), regional, étnica, estilo, subcultural, diacrônica e individual.

Todos os componentes da metáfora estão envolvidos na variação metafórica. Segundo a visão lingüístico-cognitiva esses componentes são: a base experiencial, o domínio fonte, o domínio alvo, a relação entre a fonte e o alvo, a expressão metafórica, os mapeamentos, as inferências, as combinações que resultam em informação nova (*blend*), a realização não lingüística (“... ou seja, as metáforas conceptuais não só se materializam na linguagem e no pensamento, elas também se materializam na realidade social”²¹⁰) e os modelos culturais.

As metáforas variam, segundo Koveceses (2007), devido às nossas diferentes experiências como seres humanos e diferentes processos cognitivos na formação de conceitos abstratos. Enquanto seres humanos nossas experiências podem divergir em níveis contextual, social, e (história) pessoal.

²⁰⁸ This situation shows very clearly that complex metaphors are based on simple ones, which are in turn based on tight, local correlations in experience”.

²⁰⁹ Variation in metaphor

²¹⁰ Conceptual metaphors often materialize in nonlinguistic ways, that is, not only in language and thought but also in social reality”. (Koveceses, 2007:25)

A discussão do papel da cultura na realização das metáforas conceituais é muito mais ampla. Porém para a presente pesquisa me limitarei às discussões já propostas, pois serão esses princípios que orientarão a análise dos dados coletados.

II- Um adendo sobre a velhice na contemporaneidade

Muitas pesquisas nos campos das Ciências Sociais e Psicologia (Bauman, 1998; Pitanga, 2006; Couto & Goellner. 2007 Maia, 2008) revelam uma sociedade brasileira entregue ao hábito de dar atenção ao corpo de forma muitas vezes exagerada. Procura-se atingir um padrão ideal de beleza, forma e vigor que muitas vezes não são possíveis devido às limitações naturais que a idade impõe. Maia (2008:704), em seu artigo *Corpo e velhice na contemporaneidade*, inspirado – segundo suas próprias palavras - na “inegável atenção dada ao corpo na sociedade”, afirma que

A velhice e a inexorabilidade da morte apresentam-se para este ideal (de beleza, forma e vigor) como incômodos que devem ser afastados através de diversos hábitos “saudáveis” e “rejuvenescedores”, como a ginástica, os cosméticos, as vitaminas, procedimentos estético-cirúrgicos, entre outros.

Em *O mal-estar na velhice como construção social*, Santos e Damico (2009) discutem o corpo como construção social somente compreendido na cultura que o produziu. Tendo como referência o que o Michael Foucault denomina biopolítica, acredita-se que

(...) parte do projeto contemporâneo de saúde integra o exercício do biopoder, porque envolve disciplinamento e aprendizagem de normas de comportamento cujo objetivo é promover um determinado tipo de saúde, definido como a “boa saúde”, para um conjunto de indivíduos que constituem um grupo ou uma população. Isso ocorre por meio de processos educativos diversos que prescrevem ou sugerem a adoção de determinados hábitos, capacidades e comportamentos apresentados como adequados para atingir uma vida saudável.

Nesse artigo, há um entendimento de que a ditadura do culto ao corpo é mais uma forma de controle social sobre os indivíduos. O ‘envelhecer’ adquire uma nova ‘roupagem’ associado a novos estilos de vida. Nesse sentido, há uma recodificação do ser velho na sociedade contemporânea a partir de um pressuposto de que só é velho quem deseja ser. A busca pela sonhada jovialidade e vigor torna-se uma meta e aqueles

que não se engajam nessa busca acabam por serem considerados ultrapassados, estranhos e deslocados na sociedade. Maia (2008) afirma que

Esse fato abre espaço para a proliferação de estratégias de combate à deteriorização e decadência do corpo, que enfatizam a prevenção ao envelhecimento uma tentativa de retardá-lo ou, até mesmo, evitá-lo. A juventude aparece, deste modo, não mais como uma categoria específica, mas como um estilo de vida, que deve ser perseguido pelos indivíduos de diferentes idades.

As imagens construídas em torno do envelhecimento na atualidade baseiam-se na associação da velhice com a decadência. Essas imagens são evidenciadas nos apelos da mídia que constantemente alimentam a contemporânea obsessão pelo corpo jovem e sem marcas da passagem do tempo. Em revistas semanais vendidas a preços mais populares (R\$ 1,49), voltada para o público feminino, a estética, principalmente o milagre do rejuvenescimento ou do corpo ideal, é assunto de toda semana. Mais recentemente, a revista *Veja*, edição nº 2121 de 15 de julho, dedicou uma reportagem especial de 36 páginas (em anexo) para tratar do que foi categorizado de “Geração sem idade”. Essa geração caracteriza-se por um grupo de pessoas que conseguiram ‘parar de envelhecer’ segundo critérios da própria reportagem. O sucesso dessa geração atribui-se ao comprometimento a uma luta permanente contra a inevitável velhice através da adoção de práticas diversas. Milhares de pessoas de todas as idades de todo mundo realizam cirúrgicas com o objetivo puramente estético. Isso pode significar que há uma relutância na sociedade atual em aceitar as mudanças que ocorrem em nosso corpo em conseqüência do tempo, da má alimentação e, até mesmo, da vida moderna.

É assim que o envelhecimento é experienciado na sociedade contemporânea como um inimigo em potencial. Esse adversário implacável suscita uma tentativa de ataque e defesa e de fazer o possível e o impossível para que esse inimigo se renda. Acredito que esse comportamento dentro da sociedade em relação à velhice é um desencadeador da construção de esquemas imagéticos ou *gestalt* experienciais baseadas na experiência corporificada do ‘estar em guerra’. Essas experiências corporificadas dão origem às metáforas conceituais que são evidenciadas através da manifestação das expressões metafóricas que estão presentes no discurso escrito e falado nas práticas sociais. A manifestação dessas expressões metafóricas homologa, por sua vez, as crenças de uma cultura, já que essas expressões são a evidência não só de como

pensamos mas também de como falamos, agimos e, principalmente, de como entendemos o envelhecimento dentro da nossa cultura.

III- Análise

Nesta seção pretendo investigar ocorrências de expressões linguísticas metafóricas presentes nas práticas sociais contemporâneas cujo tópico seja o envelhecimento e que são licenciadas pela a metáfora conceptual VELHICE É INIMIGO. Essas amostras podem ilustrar como a sociedade brasileira atual e a mídia incorporou a idéia da velhice como um inimigo. Acredito que essa concepção, evidente através da manifestação das expressões metafóricas conforme será ilustrado posteriormente, motiva as pessoas a realizarem qualquer sacrifício pela beleza e juventude. Esses sacrifícios vão de produtos caríssimos a cirurgias plásticas.

As expressões linguísticas aqui listadas são amostras autênticas da língua em uso, ou seja, do discurso. Segundo Samino (2008: 1), o discurso se caracteriza pelo uso natural da língua: “exemplos reais de escrita e fala os quais são produzidos e interpretados em circunstâncias particulares e para objetivos específico²¹¹”. Nesse sentido, amostras foram extraídas de revistas de publicação recente e de páginas da internet.

O método utilizado para identificar as metáforas consistiu na leitura de materiais escritos para encontrar expressões metafóricas específicas licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE É GUERRA. Esse método foi sugerido por Sardinha (2007: 145) e é caracterizado por sua natureza manual, ou seja, esse procedimento é realizado sem a ajuda da informática. Porém, “(..) isso não significa que os textos precisem estar impressos ou manuscritos em papel. O analista pode perfeitamente ler o texto na tela do computador e usar recursos de um processar de texto para buscar palavras e anotar, copiar e colar as ocorrências de metáfora que encontrar” (op. cit).

Para a presente análise, foi utilizada uma ferramenta de pesquisa online. Essa ferramenta de pesquisa é utilizada por qualquer usuário de internet em busca de maiores informações sobre assuntos em geral. Nessa pesquisa ela será adaptada como um banco de dados já que é possível extrair diversos exemplos autênticos da língua portuguesa em

²¹¹ By discourse as the term is used in the title, I mean naturally occurring language use: real instances of writing or speech which are produced and interpreted in particular circumstance and for particular purposes.

uso. Primeiramente, foi digitado apenas a palavra ‘velhice’ objetivando fazer um levantamento de expressões que ocorrem com o termo. Não obtive sucesso inicialmente, pois as primeiras páginas do *Google* buscaram textos com definições muito genéricas de velhice. Em seguida digitei apenas ‘rugas’ que é um dos efeitos da velhice. A ferramenta *Google* listou, em vinte segundos, 876.000 ocorrências e logo na primeira página apareceram expressões do tipo: *prevenir* rugas, *estágios das rugas*, *Dicas contra as rugas*, *novo tratamento anti-rugas*, *oito passos para evitar as rugas*, *quem ainda não chegou na casa dos ‘enta’ já pode e deve pensar em se prevenir contra as ruguinhas e pés de galinha na região dos olhos, você conhece a solução para as rugas?*²¹². Esses exemplos sugerem a possibilidade de a experiência da velhice poder ser estruturada em termos de guerra. A seguir, com base nos dados sugeridos a partir das expressões encontradas com a pesquisa realizada com a palavra ‘rugas’, busquei outras expressões metafóricas que seriam licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE É GUERRA. As expressões pesquisadas foram digitadas entre aspas para que a ferramenta buscasse apenas os casos em que as palavras ocorressem juntas²¹³. Todas as páginas pesquisadas seguem em anexo.

Fonte: *Google*²¹⁴ (14 segundos de pesquisa)

Ocorrências: 74.000 para ‘vencer a velhice’ (em anexo)

Exemplos:

Universidades seniores: como vencer a velhice.

A velhice não é uma batalha; a velhice é um massacre (...)

Você acha que envelhecer é vencer?

Acredito que o negócio não é vencer a velhice, pois é impossível, mas não se entregar a

Ela (...)

²¹² <http://www.google.com/search?q=rugas&hl=en&lr=&start=0&sa=N>

²¹³ Ao se fazer uma busca sem colocar as aspas, o sistema vai buscar todos os casos em que as palavras ocorrem, porém não necessariamente juntas.

²¹⁴

<http://www.google.com/search?hl=en&lr=&q=%22combater+a+velhice%22&btnG=Search&aq=f&coq=&aqi=> Pesquisado em 22/07/2009

Fonte: Google ²¹⁵ (25 segundos de pesquisa)

Ocorrências: 166.000 para 'combater a velhice' (em anexo)

Exemplos:

*Como **combater** a velhice.*

*Dançar para **combater** a velhice.*

*Deve-se **combater** a velhice por meio de exercícios físicos e de boa alimentação(...)*

*(...) é necessário **combater** a velhice através de cremes rejuvenescedores.*

Fonte: Google (28 segundos de pesquisa)

Ocorrências: 17.200 para 'a velhice é um massacre' (em anexo)

*A velhice é um **grande massacre**.*

Fonte: Google (19 segundos de pesquisa)

Ocorrências: 7.190 para 'contra a velhice' (em anexo)

*(...) vacinar **contra** a velhice. (a velhice é um vírus, logo, é um inimigo).*

***Batalha conta** a velhice.*

***Luta contra** a velhice.*

***Ataque contra** a velhice.*

*(...) um escudo e defesa **contra a** velhice.*

Outras expressões metafóricas licenciadas pela metáfora conceptual VELHICE É GUERRA:

Exemplo 1:

Título: Elastinol no **combate** à velhice²¹⁶

²¹⁵ Pesquisado em 22/07/2009

*A cada dia novas tecnologias parecem **salvar** homens e mulheres vaidosos que querem – a todo custo – **retardar** os **efeitos nocivos** da **implacável** velhice.*

*Um dos mais **revolucionários produtos** destinados ao tratamento dos sinais de envelhecimento da pele, o elastinol, é fruto de investimento científico nacional.*

*Um dos resultados mais imediatos do tratamento com o elastinol é tornar a pele mais firme e redensificada, resultando em um potente produto **anti-rugas**.*

*A pele fica mais elástica, **mais protegida e resistente**.*

*A linha Chronos incorporou talasferas (...) que **protegem** as vitaminas mais puras (...) da epiderme.*

Exemplo 2²¹⁷:

*Para o alcance de uma velhice bem-sucedida é muito importante **tomar** algumas **medidas preventivas** e **munir-se** de informações sobre essa etapa da vida. (extraído do texto Solidão na velhice: refúgios e silêncios dentro de si)*

Exemplo 3: propaganda de produtos de beleza²¹⁸

*Novo Natura Chronos Multi **Proteção**.*

***Bloqueio** dos radicais livres.*

Exemplo 4: (extraído de um blog²¹⁹)

*(...) a velhice **impede** que entre mais coisa, a porta vai fechando, atrofiando (...).*

Exemplo 5: (texto original em anexo²²⁰)

*Título: **Aliados na prevenção** e no **combate** aos sinais do tempo*

*Não é possível parar o tempo ou **impedir** que o nosso organismo envelheça.*

*A cada dia surgem cosméticos mais eficientes, capazes não só de **prevenir**, mas também de amenizar os efeitos do tempo sobre a pele (...).*

*Para pessoas com pele clara, o FPS 15 dos cosméticos não oferece **proteção** suficiente.*

²¹⁶ Fonte: http://cyberdiet.terra.com.br/cyberdiet/colunas/031017_bel_elastinol.htm (acessado em 22/07/2009)

²¹⁷ Elisandra Villela Gasparetto Sé é Fonoaudióloga, Mestre em Gerontologia - UNICAMP, Doutoranda em Linguística - UNICAMP, Membro do Ambulatório de Neuropsiquiatria e Saúde Mental do Idoso do HC-UNICAMP e Co-autora do livro "Exercite sua Mente. Ela escreve para a coluna *Mente na Terceira Idade* no site <http://www2.uol.com.br/vyaestelar> (acessado em 22/07/2009)

²¹⁸ Fonte: Revista Veja, editora Abril, edição 2121 – ano 42 – nº28 de 15 de julho de 2009, pág.: 66-67.

²¹⁹ <http://coisasqueescrevi.blogspot.com/2009/05/pimp-my-mind.html> (acessado em 22/07/2009)

²²⁰ <http://www.maisquebeleza.kit.net/env-prod.htm>

*O uso de cosméticos **antiidade** ou **anti-sinais** pode ser iniciado aos 25 anos de idade, fase em que o metabolismo fica mais lento.*

Exemplo 6: (texto original em anexo²²¹)

Título: Namoro na terceira idade

*Não se pode **eliminar** a velhice, mas se pode mudar a maneira de envelhecer.*

*Com o passar dos anos, as pessoas tendem a querer ficar juntas como forma de **proteção**, pois percebem que ficar sozinhas gera tristeza e que demonstrações de carinho não são uma “**fraqueza**”.*

*(...) é preciso que o casal idoso estabeleça **estratégias de enfrentamento**, nas quais a serenidade e o amor sejam partilhados.*

*Algumas **atitudes adotadas estrategicamente** pelos idosos ao iniciarem um relacionamento afetivo funcionam como medida facilitadora da entrada dessa nova pessoa no seio da família.*

*Saber encarar com maturidade e tranqüilidade as mudanças que ocorrem nesse novo momento é a **conquista satisfatória** nessa fase da vida.*

Exemplo7: (artigo da revista Veja²²²)

*O **desafio** é fazer com que esses anos a mais sejam vividos com saúde e alegria.(pag. 68)*

*Embora seja impossível **deter a marcha** do calendário, nos últimos 100 anos a medicina **deu passos largos** no sentido de **retardar** processos ligados ao envelhecimento.(pag. 68)*

*Agora, está em curso um novo e **revolucionário** capítulo da ciência d longevidade.(pag. 68)*

*Os estudos que identificaram esses fatores como **inimigos** da juventude do organismo marcaram o começo de uma **revolução** que ainda está em curso na medicina e não tem data para **acabar**. (pag.72)*

A partir dos dados levantados é possível observar como a experiência da velhice pode ser parcialmente conceptualizada em termos de guerra, principalmente nas propagandas de cosméticos. E tal observação vem da nossa experiência do que implica uma guerra. Nos exemplos anteriores verificarmos que, ao conceito de velhice foram adicionadas as seguintes dimensões do conceito de guerra (Lakoff e Johnson , 2002:157-158):

²²¹ <http://www.iecbr.com.br/jornal-ler.asp?id=119> (acessado em 22/07/2009)

²²² Fonte: Revista Veja, editora Abril, edição 2121 – ano 42 – nº28 de 15 de julho de 2009, pág.: 66-67

Participantes: os tipos de participantes são pessoas ou grupo de pessoas. Elas desempenham papel de adversário. Aqui houve um processo de personificação da velhice, a velhice se tornou-se um adversário.

- *Partes:* planejamento de estratégias / ataque / combate / massacre / luta / proteção / resistência / medidas preventivas / munição / prevenção / conquista / impasse
- *Estágios:*

Condições iniciais: Participantes têm diferentes posições. Pelo menos um deseja que o outro se renda. Cada participante assume que pode defender sua posição.

No caso da velhice, pode-se tentar retardar os seus efeitos nocivos, mas ela é um adversário implacável.

Início: Um adversário ataca (a velhice chega)

Meio: combinação de defesa/de manobra

Fim: ou trégua, ou impasse ou rendição / vitória

- *Causalidade:* ataque resulta em defesa, ou recuo, ou fim.
- *Propósito:* Vitória

Essas dimensões nos orientam no sentido de perceber como a velhice é experienciada parcialmente em termos de guerra na sociedade contemporânea. Segundo Lakoff e Johnson (2002) os estágios, os objetivos, os participantes etc, são algumas das várias dimensões de nossa experiência. “Classificamos nossa experiência nesses termos. E vemos coerência em experiências diversas quando conseguimos categorizá-las em termos de *gestalts* (ou esquemas) com, pelo menos, essas dimensões” (op. cit.,159).

IV - Conclusão:

Os dados apresentados apontam que, de fato, conforme sugerido por Lakoff e Johnson (2002), Gibbs (1999) e Kovecses (2005; 2007), imaginamos, nos expressamos e agimos metaforicamente na vida cotidiana. As metáforas conceptuais estão presentes em nosso cotidiano e são diariamente atualizadas e homologadas através de diversas expressões metafóricas. Além disso, essas metáforas conceptuais que constituem um protótipo de experiências outrora corporificadas sinalizam a forma que determinada cultura concebe e interage com o mundo. Nesse sentido, é possível observar que a sociedade brasileira contemporânea concebe a velhice de uma forma diferente de muitas

culturas e/ou subculturas orientais, por exemplo, onde a velhice é primordialmente associada à sabedoria. Em nossa cultura, há uma luta constante, uma guerra declarada contra um mal implacável: a velhice. Muitos fabricantes de cosméticos e a mídia em geral aproveitam-se cada vez mais de uma propaganda negativa da irreversível natureza humana do envelhecimento através da oferta da esperança do rejuvenescimento. É essa esperança a principal força motriz para aquisição de novos produtos. Cada produto, por sua vez, sempre apresentados como ‘revolucionários’, é a materialização e a renovação da esperança daqueles que se encontram em uma busca incansável pelo rejuvenescimento ou até mesmo a cura e derrota da velhice.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BLACK, Max. *Models and Metaphors: studies in languages and philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Viladre. (orgs). *Corpos Mutantes: Ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS Ed, 2007. P. 73-87.

GIBBS, Raymond W., Jr. Taking metaphor out o four heads and putting it into the cultural world. In Raymond W. Gibbs and Gerald J. Steen (eds), *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam / Philadelphia John Benjamins, 1999. p. 145-65.

KOVECSES, Zoltan. *Metaphor A Practical Introduction*. Oxford University Press, 2002.

_____. *Metaphor and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Variation in metaphor. In Josalba Ramalho Vieira e Solange Coelho Vereza (eds), *Ilha do Desterro*. Florianópolis, nº 53, 2007. p. 013-039.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Cambridge: Cambridge University Press. *Metaforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEEZENBERG, Michiel. *Contexts of Metaphor*. University of Amsterdam, The Netherlands. Editora Elsevier, 2001. p. 31-43.

MAIA, Gabriela Felten da. *Corpo e velhice na contemporaneidade*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ. Ano 8, nº 3, p. 704-711, 2008. (<http://WWW.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8nea11.pdf> , acessado em 07/06/2009)

PITANGA, Danielle de Agrade. (2006). *Velhice na cultura contemporânea*. 191f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) & Centro de Teologia e Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

RICHARDS, Ivor Armstrong. *The Philosophy of Rhetoric*. London: Oxford University Press, 1936.

SEMINO, Elena. *Metaphor in Discourse*. UK: Cambridge University Press, 2008.

SANTOS, Flávia da Cruz; DAMICO, José Geraldo Soares. O Mal-Estar na Velhice como Construção Social. *Pensar a Prática*, Vol. 12, nº 01. UFG, 2009. (<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/4439/4519>, acessado em 20/07/2009)

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Editoria Parábola, 2007.

VEREZA, Solange. Coelho. Novos caminhos para o estudo da metáfora. In: ZYNGIER, Simone, VIANA Vander e SPALLANZANI, A. *Linguagens e tecnologias: estudos empíricos*. Rio de Janeiro: Publit, 2006.

_____. *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*. Niterói: Editora EdUFF, 2007.

O papel da metáfora na construção do leitor em parábolas tradicionais: um estudo sobre *A figueira estéril* e *A moeda perdida*

Aliana Georgia Carvalho Cerqueira²²³
alianageorgia@hotmail.com
Dr^a Vânia Lúcia Menezes Torga²²⁴
vtorga@uol.com.br

RESUMO: O presente estudo objetiva investigar a metáfora – categoria do jogo alusivo – como mediadora da construção do leitor nas parábolas tradicionais *A moeda perdida* e *A figueira estéril*. Propõe-se, ademais, analisar o jogo metafórico presente em cada uma como categoria do jogo alusivo no processo de produção e recepção do texto literário, partindo da hipótese de que ele possibilita a construção do leitor no discurso dessas narrativas. Como procedimentos de análise são empregados a fenomenologia dialética de Karel Kosik e a pesquisa bibliográfica. O modelo teórico adotado fundamenta-se nos constituintes da alusão, perspectiva teórica que dá conta do caráter de inacabamento que caracteriza o texto literário. Norteiam a investigação Bakhtin (1997), Eco (2004), Kosik (2002), Le Guern (1976), Lockyer (2001), Lopes (1987), Sant’ Anna (2010), Sardinha (2007), Torga (2004) e Zilberman (1989). Desse modo, observa-se que a metáfora é a base onde se desenvolve a estratégia de leitura/escrita nas parábolas, cujos sentidos aludidos constituem-se por filiação aos já-ditos, às redes de memória evidenciadas pelo discurso. Essas últimas são acionadas pelas metáforas que constituem o jogo alusivo e intertextual, no movimento de ir, vir, devir. Percebeu-se que n’*A Figueira Estéril* o movimento alusivo se estabelece pela relação contraditória instaurada pela metáfora da figueira e a impossibilidade de tréplica por parte dos interlocutores e n’*A dracma perdida* o sentido constrói-se pela alusão a outras parábolas do mesmo tema e por sua diferenciação ao ter incluída a metáfora da sensibilidade feminina. Logo, aos interlocutores fica a tarefa de metaforizar cada uma das partes da parábola para

²²³ Universidade Estadual de Santa Cruz, BA.

²²⁴ Universidade Estadual de Santa Cruz, BA.

construir o todo narrativo. A leitura de parábolas torna-se um ato dialógico, onde a metáfora, categoria do jogo alusivo, é uma estratégia a mediar, evidenciar/esconder os sentidos do discurso e intenções daquele que escreve e daquele que ouve ou lê. O estudo contribuiu para direcionar novas (re)leituras a respeito do gênero investigado e ressaltar a importância da metáfora na sua construção estético-literária: ambas as parábolas possuem um discurso que se instaura nas entrelinhas do material alegórico, visando objetivos didáticos. Evidencia-se o fascínio e o poder da linguagem pictórica, metafórica.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Alusão; Estética; Dialogismo; Jogo metafórico

ABSTRACT: This study aims to investigate the metaphor - the game elusive category - as a mediator of the construction of the reader in the traditional parables *The fruitless fig tree* and *The lost coin parables*. It is proposed, moreover, analyze the game metaphor present in each category of the game as elusive in the process of production and reception of literary text, assuming that it enables the construction of the reader in the discourse of these narratives. As examination procedures are employed dialectical phenomenology Karel Kosik and literature. The theoretical model is based on the constituents of allusion, the theoretical perspective which reflects the character of incompleteness that characterizes the literary text. Guide research Bakhtin (1997), Eco (2004), Kosik (2002), Le Guern (1976), Lockyer (2001), Lopes (1987), Sant 'Anna (2010), Sardinha (2007), Torga (2004) and Zilberman (1989). Thus, it is observed that the metaphor is the foundation that develops the strategy of read/write in parables, whose meanings are alluded to by affiliation to the already-said, to memory networks as evidenced by discourse. The latter are driven by metaphors that are allusive and intertextual play in the movement going, coming, becoming. It was noticed that in the barren *The fruitless fig tree* commemorating the movement is established by the contradictory relationship established by the metaphor of the fig tree and the impossibility of rejoinder by the interlocutors and *The lost coin parables* meaning is constructed by reference to the parables of the same theme and its differentiation by having included the metaphor of feminine sensibility. Thus, the interlocutors is the task of each metaphor in the parable of the parties to build the whole narrative. So, reading parables becomes a dialogical act, where the metaphor, the class of elusive game, is a

strategy to mediate, to show/hide the senses of speech and intentions of the writer and one who hears or reads. The study contributed to direct new (re)reading about the genre investigated and the importance of metaphor in literary-aesthetic construction: both parables have a discourse that establishes the lines of the material allegorical, seeking educational goals. It is evident the allure and power of pictorial language, metaphorical.

KEYWORDS: Read; Allusion; Esthetic; Dialogism; Metaphoric game

INTRODUÇÃO

As parábolas sempre foram conhecidas como histórias que contêm situações da vida real com o fim de ensinar verdades. Desde a antiguidade os povos orientais as utilizavam como recurso para instruir de maneira eficaz, Jesus as utilizou frequentemente para ensinar sobre o Reino de Deus aos seus seguidores. Mas pouco se tem buscado conhecer cientificamente o que a arte presente nesses textos narrativos tem a oferecer aos estudos linguísticos, principalmente no Brasil. Sabe-se que tais textos são metafóricos e mnemônicos, que além das contribuições à Teologia, podem contribuir significativamente na compreensão do mundo e do homem no uso da linguagem. Ademais, “... as parábolas são os melhores textos que possuímos para compreender o verdadeiro discurso do Jesus histórico” (Tracy, 1992, p. 95). Assim, deve-se estudá-los “não meramente como instrumentos classificatórios ou taxonômicos, mas como genuinamente produtores de significado” (Tracy, 1992, p. 100).

Dessa forma, objetiva-se investigar, nos caminhos da narrativa, a metáfora como mediadora da construção do leitor nas parábolas selecionadas, propondo, ademais, analisar o jogo metafórico presente em cada uma como categoria do jogo alusivo no processo de produção e recepção do texto literário.

No estudo que ora é exposto foram utilizadas como *corpus* as parábolas *A moeda perdida* e *A figueira estéril*, que compreendem o gênero narrativo parábola tradicional (ou bíblica), cujo valor literário tem-se confirmado pela verificação linguística. Esses textos não são aqui entendidos como textos religiosos, e ainda que se verifique nessas narrativas a função didático-religiosa, elas apresentam as mesmas

características e potencialidades de um texto literário e, por conseguinte, são analisadas como tal. As duas parábolas podem ser encontradas no livro de Lucas, que está contido na Bíblia, no Novo Testamento, onde esse gênero mais se desenvolveu e constituiu sua forma literária, como esclarece Sant'Anna (2010). *A figueira estéril* incluída no capítulo 13 e *A moeda perdida* no capítulo 15.

O presente estudo revela-se pertinente no sentido de que possibilitará uma maior compreensão sobre a narrativa metafórica e, por conseguinte, poderá contribuir para a formação de leitores de textos literários, em especial, de parábolas e demais narrativas breves. A proposta também revela sua importância por adentrar com maior profundidade no universo da pesquisa da linguagem que tem propósitos de intrigar ou conquistar o leitor, de provocar-lhe a construção de um olhar, de um “ver” a si mesmo quando vê no outro (ficcional) a sua “própria imagem”.

METODOLOGIA

A proposta do estudo indica uma pesquisa de caráter eminentemente bibliográfico a qual teve por método de abordagem a fenomenologia dialética de Karel Kosik, tendo em vista que este parte de proposições que afirmam a importância dos fenômenos na compreensão da realidade. Assim, a investigação apontou para a leitura dos textos literários *Escritura* e as parábolas e do referencial teórico que dão suporte à investigação: alusão, dialogismo bakhtiniano, estudos discursivos da metáfora e perspectivas da estética da recepção.

No que tange à fenomenologia, consideramos que a compreensão do objeto estudado perpassa pela compreensão conceitual da realidade investigada e análise dos dados encontrados nos textos, como pontua Kosik (2002). Assim, para o entendimento dos fenômenos presentes nos textos ficcionais em análise, os quais contribuem na construção do significado, recorre-se à alusão, estratégia mediadora dos sentidos produzidos pelo autor e pelo leitor e que indicia as relações de simetria e assimetria que um e outro mantêm entre si. Os fundamentos desse modelo teórico inscrevem-se nos constituintes da perspectiva bakhtiniana, que dá conta do caráter de inacabamento que caracteriza o texto literário. A alusão age como mediadora entre as partes e o todo, na

construção do “mosaico” que é o texto, e indicia o movimento da construção de sentido, onde o leitor empírico seguindo o caminho traçado pelo autor (estratégia conhecida como leitor-modelo) preencherá as lacunas para um possível acabamento desse texto.

Partindo da leitura das referidas obras, e para atingir o objetivo que norteia a investigação, foram seguidos os passos: no primeiro momento foram feitas leituras das narrativas ficcionais bem como do referencial teórico, sob o qual se redigiu resenhas, fichamentos e se obteve a construção de conceitos. O segundo momento foi dedicado à identificação dos dados que corroboraram com a hipótese, direcionados pela teoria, e o desenho de quadros caracterizadores – traços linguístico-discursivos no *corpus* da pesquisa e análise comparativa dos resultados.

“VEREDAS” DA METÁFORA NA CONFIGURAÇÃO DAS PARÁBOLAS

1. Da alusão

A leitura de textos literários pressupõe uma experiência de fruição, prazer, memória, comunicação ou, até mesmo, encontro com o outro. No entanto, em se tratando da narrativa de discurso alegórico, diversas questões sobrem. Buscou-se na pesquisa, também, perceber como se caracteriza o processo de escrita/leitura desses gêneros que se apresentam, antes de tudo, como signo ideológico vivo e dinâmico que, segundo Bakhtin (1997), pode ser instrumento de reflexão e refração do ser. Nesse sentido, fundamentadas nos constituintes do jogo alusivo, movimento interdiscursivo cunhado por Torga (2001), podemos traçar as estratégias de escrita e leitura das parábolas bíblicas, isto é, compreender o processo de construção do leitor-modelo e do autor modelo nas referidas narrativas em análise. Com essas reflexões possibilita-se delinear o papel da metáfora como mediadora na construção do leitor na prosa alegórica das parábolas considerando as instâncias da produção e da recepção.

A alusão corresponde a uma estratégia de leitura que prevê diversas leituras da obra literária possibilitados pelo autor e leitor modelo. Como esclarece Torga (2001), o papel da alusão, além de fazer avançar/recuar a narrativa, é formar a figura do todo, a

partir, principalmente, das metáforas, enquanto partes desse todo. Na teoria de leitura com a alusão, a metáfora - categoria do jogo alusivo - media os significados do texto, permite o movimento de ir, vir, devir, e indicia os sentidos cujo leitor empírico, vestido de leitor-modelo, articulará na reconstituição do todo proposto pelo autor empírico.

Entende-se aqui alusão não como figura de linguagem, mas como uma estratégia de leitura que, pela contradição, pode construir significados, sentidos, os quais a obra literária permite evocar no movimento dialético de produção e recepção da linguagem, pois: “ler e escrever, também, com a alusão, é pensar em relação dialógica. É entender e prever que o autor-modelo que faz alusão, precisa pensar na ação responsiva, precisa da ação de seu leitor-modelo” (Torga, 2007, p. 7).

Nessa perspectiva teórica, temos o texto literário como um processo/produto em construção no ato de ler. Como pontua Eco, a narrativa ficcional constrói um mundo com múltiplos acontecimentos e personagens, e, não podendo dizer tudo sobre ele, alude a esse mundo e pede ao leitor que preencha as lacunas deixadas. Isso implica que “... todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça parte de seu trabalho.” (Eco, 2004, p. 9). Destarte, a articulação linguístico-semântica que operacionaliza a alusão, denota a perspectiva intertextual de leitura e escrita. O leitor-modelo e o autor-modelo não correspondem ao leitor ou autor empírico, mas antes, “Uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar.” (ECO, 2004, p. 15). Isto é, são estratégias textuais, direções traçadas na escrita objetivando determinadas leituras. Para ler um texto literário é preciso conhecer as regras que o permeiam, o leitor-modelo, por conseguinte, é alguém que pode jogar esse jogo. O autor-modelo, por sua vez, é a tentativa de simetria com o leitor-modelo, é a “voz” anônima que inicia a história:

[...] o autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo (Eco, 2004, p. 21).

O autor-modelo e o leitor-modelo constituem-se como ações que estabelecem o movimento parte/todo inerente a essas categorias” (Torga, 2004, p. 88). Percebe-se a importância da alusão para a construção dos sentidos possibilitados pelo texto, a qual ativa a capacidade de relacionar os discursos produzidos entre o *eu* e o *outro* na reconstrução do social e do individual presentes no texto.

Desse modo, observa-se que o jogo alusivo, presente nas narrativas, é mediador da significação nesses textos e indicia este inacabamento que caracteriza o homem e a linguagem. A partir de certo afastamento do sujeito da vida ética, o sujeito da vida estética pode ser melhor compreendido, segundo os pressupostos bakhtinianos. Ainda de acordo com o teórico russo, tem-se a interrelação dos discursos, a produção e o processo de construção da arte, posto que, entre a vida e a arte há uma relação de interconstituição dialógica que as integra Sobral (2005). Através desse caráter dialógico da linguagem, a teoria da alusão explica as operações conceituais que articulam o processo metafórico e o processo metonímico. As categorias do jogo alusivo também compreendem categorias estéticas que visam delinear não somente as estratégias de escrita-leitura, mas também os discursos que a obra literária, em especial as parábolas, podem evocar e que dão ao leitor a possibilidade de acabamento.

Nesse aspecto, sabe-se que “a narrativa literária inclui uma pluralidade discursiva” (Machado, 1995, p. 47). A literatura, tal qual a *palavra* para Bakhtin (1997), é orientada em função do interlocutor e comporta duas faces: direciona-se a um interlocutor e varia em função deste, em relação ao grupo social, hierarquia, época etc. A palavra determina-se tanto pelo fato de que procede de alguém como para alguém, ela “é o território comum do locutor do interlocutor” (Bakhtin, 1997, p. 113). Portanto, como prevê a teoria da alusão, a estratégia de leitura aciona a recomposição dos espaços abertos a serem preenchidos pelo leitor/ouvinte e habitados pelos espaços entre locutor e interlocutor, serão preenchidos pelo jogo alusivo, pelo outro que se instala no movimento da produção textual, constituindo assim, o leitor que foi projetado pelo autor, como esclarece Torga (2004).

Dessa maneira operacionaliza-se o jogo alusivo. Segundo Torga (2004, p.10) “a alusão é criadora do movimento de ir e vir, devir²²⁵, porque exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída mnemonicamente, pela cooperação”. Na leitura das parábolas nota-se esse movimento de ir, vir, devir, mediados pelo jogo simbólico de toda a narração. Podemos dizer, *a priori*, que se trata de uma grande metáfora. Esta é a principal categoria do jogo alusivo que temos investigado, verificamos, então, como ela constrói o autor e leitor-modelo nas parábolas selecionadas.

Com os pressupostos da alusão, da leitura dialógica, nota-se que o autor-modelo pode constituir o jogo alusivo. Como será visto adiante, os sentidos evocados pelas parábolas constituem-se por filiação aos já-ditos, às redes de memória evidenciadas pelo discurso. Estas redes de memória, que alguns autores mais tradicionais consideram como figura de linguagem, são determinadas pela metáfora que aqui corresponde a uma estratégia que condensa duas faces de um mesmo todo. Cumpre destacar brevemente algumas teorias sobre a metáfora, pelas quais se constrói o conceito metafórico que podem corresponder tanto à estratégia de leitura quanto às próprias narrativas analisadas.

1.2 Metáfora - um ornamento ou uma estratégia comunicativa?

Extrapolando as teorias tradicionais da metáfora, verifica-se que os estudos linguísticos baseados nos pressupostos bakhtinianos atestam que não há ato comunicativo que exclua as diferenças intersubjetivas, a conotação, o subentendido, a elipse, os excessos de sentido, enfim, os jogos de palavras. Com isso, entende-se que “Ao invés de ser uma imperfeição, é esse risco inerente ao jogo de palavras que

²²⁵ Ou “vir a ser”. Conceito, originado em Heráclito, do fenômeno que permeia a realidade e constitui também o movimento dialético da leitura.

viabiliza a possibilidade da melhor, mais bela e mais eficaz compreensão, de melhor comunicação” (Lopes, 1987, p. 7).

Logo, a metáfora, tida por Le Guern (1976) como “rainha” das figuras de linguagem, é concebida a partir de uma nova perspectiva, mas não “perde a majestade”. Semioticistas, como Lopes (1987) não a consideram como um luxo, um procedimento redundante ou mero ornamento do discurso. Este estudioso esclarece que sem ela, em certos discursos, haveria perdas no conjunto das informações transmitidas. Assim: “é o conjunto dos valores implicados na metáfora que faz dela um modo de dizer insubstituível por qualquer outro modo de expressão não figurada” (Lopes, 1987, p. 102).

No mesmo sentido, Marcuschi (2007) mostra a metáfora além de um simples fenômeno linguístico de natureza semântica. Como assinala o autor, “a metáfora é essencialmente mais do que uma simples transferência de significado baseada em certos artifícios semanticamente explicáveis, e, muito mais do que uma simples comparação abreviada” (Marcuschi, 2007, p. 121). Logo, verificando na metáfora em seu aspecto de criação à margem do instituído, pode-se substituir a noção de transposição e comparação de sentido para a noção de composição e criação.

As expressões metafóricas sugerem aspectos que as palavras com sentido literal não poderiam apresentar, desse modo, seu campo de uso pode ser considerado o ambiente de formação de conceitos que de outra maneira não teriam condição de êxito na comunicação ou seriam impossíveis. Outra qualidade da metáfora é o “efeito-surpresa” que ela causa, um certo elemento não-previsto que referencia a outro e indica um momento criativo. Assim, pode-se afirmar que a metáfora tem uma finalidade em si e não exige uma definição explícita, mas sugere um sentido e funde objetos: “Enquanto a comparação distancia os objetos ao estabelecer relações entre eles, a metáfora funde e impossibilita a penetração das partes” (Marcuschi, 2007, p. 131). Portanto, a metáfora não se compreende apenas nos limites da linguagem nem nas relações lógicas. Ela é “a dimensão mais radical da linguagem, uma vez que é a convivência direta da linguagem com o mundo e não uma convivência do mundo pela razão” (Marcuschi, 2007, p. 131).

Isso posto, vê-se que a metáfora não constitui um modo excepcional de utilização da linguagem (no sentido de desvio, atribuído pelos antigos retóricos), mas sim à maneira como a língua, entremeada de conceitos e ideias metafóricas, funciona.

Nesse sentido, encontram-se as parábolas bíblicas, plenas de abstração de significados, onde o jogo metafórico viabiliza a construção do sentido e com a alusão pode “criar” o autor e o leitor modelo de cada texto expresso.

2. As parábolas tradicionais: um caminho dialógico

As parábolas são narrativas amiméticas de grande valor lógico-semântico. Apresentam-se como modalidade discursiva que atinge seus objetivos através do trabalho com a linguagem e por meio da disposição dos seus elementos estruturais – temática, forma composicional, discurso moral e estilo –, assim, firma-se o compromisso em analisá-las para apreciar a complexidade da linguagem simbólica, das suas operações discursivas e de seu caráter estético.

Sabendo que a metáfora viabiliza a possibilidade de maior comunicação, numa primeira leitura das parábolas pode-se notar que se trata de grandes metaforizações de sentido. Para análise de cada uma delas foi necessário, a priori, conceituá-las. Com base nos teóricos da hermenêutica bíblica e pesquisadores (teólogos e linguistas) desse gênero literário, tais como Angus (1951), Luis Bravo (2002), Lockyer (2001) e Sant’Anna (2010), foi possível caracterizar esse gênero narrativo como estratégia discursiva não apenas como método de ensino, mas também de confronto de ideias por meio da linguagem.

Aventuramos-nos, então, pelos bosques ficcionais das parábolas, narrativas que se operacionalizam por meio da leitura com a alusão e possuem certo pioneirismo como objeto de estudos da linguagem, sobretudo no Brasil, pois existem poucas obras que tratem da parábola e das teorias a ela relacionadas. A parábola corresponde a um gênero da narrativa breve pouco conhecido ou confundido com a fábula e o conto. Diferente destes últimos, essa narrativa tem suas peculiaridades. Gênero que inspirou as parábolas modernas de Kierkegaard e Brecht, as parábolas bíblicas possuem estrutura e construção do sentido interpretativo próprios e requerem procedimentos hermenêuticos da Teoria da Literatura.

Como toda narrativa linear, as parábolas possuem, em geral, início, meio, clímax e desfecho. Dentre as peculiaridades da parábola encontramos a brevidade, a facilidade para a memorização e transmissão oral, em relação às categorias das personagens, do espaço e do tempo, não há vínculos diretos com a realidade empírica. As personagens apresentam-se como tipos, geralmente sem indicação de nomes próprios, nem especificações individualizantes. Após o desfecho da história há sempre uma moral explícita ou implícita.

Etimologicamente, parábola (do grego *parabolé*) é uma narração criada com o fim de transmitir verdades importantes. Sant’Anna (2010) esclarece que o sentido do termo corresponde a “comparar” ou “colocar lado a lado”, pois o termo *parabolé* deriva do verbo *paraballo* (*pará* = lado a lado e *ballo* = jogar, trazer, colocar). Nas regras hermenêuticas de Angus (1951), a interpretação de uma parábola é possível após perceber o seu escopo, que pode ser encontrado no princípio da parábola e outras vezes no fim. Enquanto gênero discursivo, sua finalidade, isto é, prática social, corresponde ao ensino, à instrução. São narrativas breves, de caráter proverbial. Bravo (2002) esclarece que a parábola é uma comparação tomada da vida cotidiana que atrai o ouvinte por sua simplicidade e, por deixar à mente certa dúvida sobre sua aplicação exata, estimula uma reflexão ativa, possibilitando também penetrar nos pontos mais fracos do adversário (interlocutor).

Destarte, de acordo com os dados conceituais, pode-se afirmar que a parábola indica a constituição da metáfora, enquanto categoria do jogo alusivo, que constrói o sentido pela diferença. Não obstante, a parábola, “traduz por contrastes e similaridades, as leis e os fatos naturais, empregando os termos da vida espiritual” (Bond *apud* Lockyer, 2001, p. 12). Ela instaura o sentido pela diferença, possibilita o confronto entre o eu e o outro. A parábola é, sobretudo, a justaposição de duas coisas que divergem em quase todos os seus aspectos e são concordantes em alguns deles.

Esses diferentes e divergentes sentidos instaurados pela parábola compreendem a metáfora que é essa narrativa e constituem a leitura com a alusão. Entende-se a alusão como provocadora do movimento dialógico, e nesse “dialogicizar” o autor-modelo das parábolas vai construindo o seu leitor-modelo. Enunciações secretas? Pistas de um significado latente? Se para o entendimento das parábolas é preciso saber o contexto discursivo, social e cultural em que foram escritas, nota-se que há uma construção com

a linguagem a ser investigada, um discurso a ser compreendido, uma estratégia de leitura específica concebida, enfim, a presença de um discurso heterogêneo.

Nas parábolas há um processo alegórico a partir do qual os elementos que o leitor/ouvinte conhece são articulados com os que ele desconhece. Nesse procedimento de metaforização, foi verificado se as situações concretas são narradas de maneira que os elementos que compõem o jogo alusivo são empregados somente para ilustrar conceitos abstratos e verdades morais/religiosas ou fazem parte da construção do discurso implícito em cada uma delas. Esse mostrar/esconder, desconhecer/conhecer, que constitui o movimento em espiral entre o todo e as partes e entre as partes e o todo, mediado pelo jogo metafórico, corresponde tanto a estratégia de se ler as parábolas como a metodologia e investigação de leitura adotadas na presente análise.

O texto constrói uma leitura que deixa espaço de interrelações, de preenchimentos pelas estratégias de decifração, de entrelinhas, de jogo e da alusão, como bem esclarece Torga (2004). Assim, a interpretação dessas narrativas orienta-se pela sua intenção original, que é determinada pela ocasião e pela circunstância em que foi proferida. Para analisá-las, então, foi necessária, além das teorias, a leitura do contexto em que foram veiculadas. A primeira parábola pontuada foi *A figueira estéril*:

Então Jesus contou esta parábola: – Certo homem tinha uma figueira na sua plantação de uvas. E, quando foi procurar figos, não encontrou nenhum. Aí disse ao homem que tomava conta da plantação: “Olhe! Já faz três anos seguidos que venho buscar figos nesta figueira e não encontro nenhum. Corte esta figueira! Por que deixa-la continuar tirando a força da terra sem produzir nada?”. Mas o empregado respondeu: “Patrão, deixe a figueira ficar mais este ano. Eu vou afofar a terra em volta dela e pôr bastante adubo. Se no ano que vem ela der figos, muito bem. Se não der, então mande corta-la. (Lucas 13: 6-9 NTLH).

A razão de Jesus ter utilizado essa parábola, segundo Lockyer (2001), era ampliar e impor a declaração feita anteriormente. Mas, ao longo da análise, foi

percebido que ela não serviria apenas para enfatizar o discurso proferido. Para essa constatação, foi necessário verificar seu contexto, isto é, os fatos anteriores à narração e os sentidos que cada componente da parábola representava para aquele povo e, naquele momento histórico.

Sabendo do sentimento autocomplacente que alguns judeus demonstraram ao relatar-lhe a história bárbara de alguns homens maus que foram mortos por Pilatos, demonstrando que se sentiam superiores a tais homens, Jesus faz uma réplica ao que expuseram. Ele perguntou-lhes se pensavam que aqueles homens que padeceram eram mais pecadores do que todos os outros galileus. Declarou também que se não se arrependessem, também pereceriam de igual maneira. A partir de então, ele narra a parábola.

Diante do exame detalhado da construção da parábola, exposto por Lockyer (2001), pode-se verificar nessa narrativa, mais do que a função de ampliar o ensinamento que foi dado. Na narração, a figueira plantada numa vinha, retiraria desse solo todos os nutrientes de que precisava para se desenvolver. Não era uma planta proibida, ela foi plantada ali, no solo favorável, protegida. Logo, vê-se a crítica através do discurso alegórico transmitido pela parábola: "O privilégio peculiar da figueira ilustrava a nação judaica, e a vinha, que encerrava dentro de si aquele privilégio, simbolizava a nação separada de todas as outras, e honrada por Deus de forma especial" (Lockyer, 2001, p. 311).

Sabendo que, para os judeus, a videira era o símbolo mais apreciado para referir-se ao seu povo, Jesus empregou a metáfora da figueira (árvore não muito nobre entre eles) com o intuito de rebaixar o orgulho de seus interlocutores. Ainda assim, a estrutura da parábola alude ao privilégio de Israel, de sua separação das demais nações, através de sua fé, dos grandes profetas e conquistas histórico-políticas. Tem-se a metáfora "homens são árvores", que devem produzir "bons frutos". O objetivo do homem ao plantar uma figueira na vinha era o de colher o fruto no seu devido tempo, contudo ela dava sinais de esterilidade: "eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não o acho" (Lucas cap. 13, verso 7 parte b). Três anos sem fruto era prova que a figueira era estéril, por isso ordenou que fosse cortada, aquele solo era valioso para ser desperdiçado. Os três anos na parábola podem indicar os três anos de dedicação e

esforço de Jesus para convencer os judeus. Mesmo insistindo, através de suas palavras e atitudes, fora rejeitado.

Em contrapartida à sentença do proprietário, o empregado pediu que a figueira fosse poupada por um tempo. Ele pediu mais um ano para adubá-la e estimular aquela árvore a ser frutífera. Nesse apelo, tem-se, de acordo com Lockyer (2001), uma ilustração da relutância de Jesus em permitir o afastamento entre a nação judaica e ele. Assim, na parábola descrita o intercessor representa o próprio Jesus, pedindo que a figueira (aqueles homens complacentes) não fosse destruída e embora dando sinais de “esterilidade” (arrogância e rejeição), concedia-lhe outra chance.

Por conseguinte, percebe-se que o processo comparativo viabilizado pela parábola produz um entendimento ou conclusão dos leitores/ouvintes que, como conclui Sant’Anna (2010, p. 147-148): “não poderia ser reduzidos para nossa maneira convencional analítica de comunicar”. A narrativa encontra-se como uma possibilidade de múltiplas interpretações, através da intertextualidade, pela a estratégia de leitura (alusão) onde se mobiliza a experiência do interdiscurso. Com relações produzidas pelo jogo metafórico, o projeto de leitor-modelo da parábola se atualiza em diversos sentidos, obedecendo ou não aos caminhos traçados pelo discurso poderá atingir o significado proposto ou não, respectivamente.

A outra parábola, *A moeda (dracma) perdida*, inicia-se com uma pergunta:

Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, e varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la? E tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido. Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende (Lucas 15: 8-10 RA).

Essa parábola foi contada após a narração de outras duas parábolas, sobre o mesmo tema. As primeiras foram narradas após Jesus ser criticado porque

compartilhava refeições com pessoas mal vistas pela sociedade da época, tais como os cobradores de imposto cuja fama era de serem desonestos. O uso da conjunção “ou” faz uma conexão com o que havia sido dito antes, como se fosse uma continuação do ensino central da parábola anterior. Essa questão indica o sentido da parábola. Após a história de um homem que perdera uma ovelha, encontramos no mesmo capítulo uma narrativa onde a personagem é uma mulher a procurar o que ela perdera. Lockyer (2001) sugere que essa variação foi no intuito de causar interesse a diferentes ouvintes. Nesse contexto, fica claro o leitor-modelo que se delineia na nova parábola. Diferente do público masculino, as mulheres tinham pouca experiência em procurar uma ovelha perdida do rebanho. Outro ponto a ser considerado, é que, na época, era mais natural para uma mulher procurar algo perdido em casa do que para um homem.

Uma das aplicações dessa parábola, dadas por Lockyer (2001), é que a mulher da narração poderia ser pobre; assim, perder apenas uma, das suas dez moedas de prata (dracmas) seria uma perda considerável, por isso esmerou-se em buscá-la e ainda festejou quando a encontrou (a dracma, na época, uma moeda de prata de pouco valor monetário). Outra explicação é que, naquele tempo, as mulheres judias usavam um diadema, ou tiara, acima das sobrancelhas, chamado *semedi*. Ele continha dez dracmas, não tinha muito valor monetário, mas representava autoridade, a mulher que utilizava esse diadema indicava que era noiva ou casada.

Ainda que o ensino dessa parábola seja equivalente às anteriores do capítulo, ela não é uma mera repetição, que seria superficial. Novas características são acrescentadas ao discurso com a nova metáfora, mais que uma “mera variação ornamental de imagens” (Lockyer, 2001, p. 328). Assim, o autor amplia seu público e possibilita novos entendimentos àqueles que o podem distinguir em suas pistas estruturais narrativas.

Segundo Torga (2001), o momento constitutivo do jogo alusivo, em que o *outro* pode emergir no discurso, se dá nos espaços abertos, nas entrelinhas. É nesse ponto de contradição inicial do jogo metafórico da parábola que o leitor-modelo se configura. O leitor/ouvinte pode recompor os espaços em branco e pode preenchê-los através do jogo alusivo para construir o sentido da narrativa em geral, onde cada lacuna é um indício dos discursos proferidos através da parábola.

Desse modo, observa-se que o jogo alusivo, presente em cada parábola pontuada, é mediador da significação nesses textos. A teoria da alusão repousa “nas

operações conceituais que articulam o processo metafórico e o processo metonímico. O autor-modelo e o leitor-modelo constituem-se como ações que estabelecem o movimento parte/todo inerente a essas categorias” (Torga, 2004, p. 88). Nessa leitura interativa, os ouvintes/leitores significam o texto, em atitude dialógica, cooperando na construção de seu sentido. Então se tem o ouvinte/leitor como a principal ligação e parte integrante do processo literário e, conseqüentemente, discursivo. Na parábola *A Figueira Estéril* o movimento alusivo se estabelece pela aparente reprovação ou relação contraditória (da figueira sem frutos e seu intercessor) impossibilitando a tréplica por parte dos interlocutores. Já em *A dracma perdida*, o sentido constrói-se pela alusão a outras parábolas do mesmo tema e na grande distinção desta em relação às primeiras, ao incluir a metáfora da delicadeza e cuidado femininos quanto ao amor divino.

3. Considerações finais

A investigação realizada permitiu a percepção dos discursos introduzidos pelas parábolas *A figueira estéril* e *A dracma perdida*, e de como seu autor, utilizando uma linguagem adequada aos seus interlocutores com narrativas de temas cotidianos, construiu a estratégia de leitura para atingir seus objetivos didáticos.

Por meio da alusão verificou-se a metáfora exerce função essencial na construção da narrativa parabólica. A alegoria por ela configurada constrói um leitor autônomo e possibilita leituras diferentes. Assim, como as operações da alusão articulam o processo metafórico nessas parábolas e o auto-modelo e o leitor-modelo constituem-se como ações a estabelecer o movimento de construção desse processo, verifica-se que a metáfora é a base onde se desenvolve a estratégia de leitura/escrita desses textos literários. Na primeira parábola há a contradição da figueira, na segunda, o ineditismo da personagem feminina. Logo, a partir dos discursos de outrem, do contexto social e histórico dos interlocutores, o autor das parábolas evoca outros discursos sob os quais se constituem o leitor-modelo.

Com os pressupostos da alusão, da leitura dialógica e da metáfora pôde-se constatar que para atingir os objetivos didático-religiosos, o autor segue o apelo à função sugestiva, através do estético-literário. Os sentidos evocados pelas parábolas

constituem-se por filiação aos já-ditos, às redes de memória evidenciadas pelo discurso. Estas redes de memória correspondem às metáforas que constituem o jogo alusivo e intertextual, no movimento de ir, vir, devir. Aos seus interlocutores fica a tarefa de metaforizar cada uma das partes da parábola para construir seu todo narrativo.

Sempre a reservar ao leitor/ouvinte o preenchimento das lacunas deixadas pela narração, a leitura de parábolas torna-se um ato dialógico, onde a alusão não é senão uma estratégia a evidenciar/esconder os sentidos do discurso e intenções do autor e do leitor/ouvinte. A investigação não se encerra na proposta que foi desenvolvida, mas abre caminhos para novas inquietações a respeito da parábola e sua(s) metáfora(s), e evidencia o fascínio e o poder da linguagem pictórica, alegórica, metafórica.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ANGUS, Joseph. *História, doutrina e interpretação da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Pereira Maria E. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 25-107; 327-359; 399-414.

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BRAVO, Luís. *La pedagogia de las parábolas: uma perspectiva psicológica*. *Teologia y Vida*. v. XLIII. Santiago, 2002. (p. 503-511). Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/tv/v43n4/art02.pdf>>. Acesso: 10 dez 2010.

ECO, Umberto; FEIST, Hildegard. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 158p.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Cancian, Atílio. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Trad. Neves, Célia e Toríbio, Alderico. 6ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LE GUERN, Michel. *La Metafora y La Metonimia*. Madrid: Ediciones Catedra, 1976.

LOCKYER, Herbert. *Todas as parábolas da Bíblia: uma análise detalhada de todas as parábolas das Escrituras*. Trad. Editora Vida. São Paulo: Vida, 2001.

LOPES, Edward . *Metáfora: da Retórica à Semiótica*. São Paulo: Atual, 1987.

MACHADO, Irene. *O Romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikailóvick Bakhtin*. São Paulo: Imago/FAPESP, p. 35-77, 1995. (Série Diversos).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues. *O gênero da parábola*. São Paulo: Unesp, 2010.

SOBRAL, Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas. In.: BRAIT, Beht (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. *O movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de ler, escrever e fazer conta de cabeça, de Bartolomeu Campos Queirós*. 2001. 98 f. (Dissertação – Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Aludir é melhor que nomear: a leitura e a alusão no texto literário. *A cor das letras*. Feira de Santana, n. 8, 2007. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/publicacoes/cor_das_letras/cordasletras_8-2007.pdf> Acesso: 25 maio 2010.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Crônicas de Machado de Assis: pra quem sabe lê, um “pinguêlê”. In.: *XI Encontro regional da ABRALIC*, 2007, São Paulo. Anais. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Jogo%20alusivo%20nas%20cr%C3%B4nicas%20oitocentistas%20de%20Machado%20de%20Assis.pdf> Acesso: 18 mar 2010.

Metáforas conceptuais – atualizando a gramática

Alvanira Lucia de Barros²²⁶

alvanirabarros@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise das metáforas conceptuais atualizadas pelo verbo *bater* em contextos de língua escrita. Os dados considerados para análise constituem um recorte do jornal Folha de S. Paulo, referentes aos anos de 1997/1998, 2007/2008. Nossa análise percorre as atualizações de *bater* do sentido mais concreto para o mais abstrato, considerando os contextos em que ela se insere e as funções por ele desempenhadas na sua forma mais abstrata. Este verbo quando inserido em contextos de verbo + nome, em sua maioria, em situações lingüísticas específicas, denominadas de Construções Lexicais Complexas, perde sua função lexical plena e adquire funções mais gramaticais, como nas construções com *bater*: *bater martelo*, *bater o terço*, *bater-boca*, *bater com a língua nos dentes* etc. Os dados têm apontado que um item lexical como *bater* em processo de Construção Lexical Complexa, apresenta-se sob realizações diversas o que requer, para entendermos o processo, voltarmos ao contexto para recuperarmos a significação dos enunciados. Em geral, os novos significados emergem como veiculadores de metáforas, as quais são estritamente ligadas a nossa vida cotidiana. Adotamos como base teórica a linguística cognitiva de base experiencialista de Lakoff e Johnson (2002), pela interface que essa área de estudo estabelece com a linguística funcional. É amparada nessa visão funcional e experiencialista que analisamos as atualizações apresentada pelo verbo *bater*, destacando que a natureza da linguagem é essencialmente metafórica (LAKOFF e JOHNSON, 2002; VOTRE, 1996, p. 32). Esse fato contribui para que surjam novos significados, considerando formas já disponíveis na língua. Nesse contexto, a metáfora constitui um campo produtivo de mudança lingüística que renova seus sentidos a partir de motivações disponíveis no discurso.

PALAVRAS - CHAVE: Metáfora; Verbo *bater*; Construções Lexicais Complexas.

ABSTRACT

This paper aims to present an updated analysis of conceptual metaphors hit by the verb in contexts of written language. The data considered for analysis is a clipping from the

²²⁶

Universidade Federal de Campina Grande-PB.

Newspaper of S. Paul, for the years 1997/1998, 2007/2008. Our analysis covers the updates to hit the concrete to sense the most abstract, considering the contexts in which it is inserted and the functions it performed in its most abstract. This verb when inserted in the context of verb + name, mostly in situations specific language, called Complex Lexical Constructions, lexical loses its function fully and get more grammatical functions, such as in buildings with hitting batting hammer, hit the third, mouth hit, hit with the whistle and so on. The data have shown that a lexical item like hitting Lexical Complex construction process, presents itself under various achievements which requires, to understand the process, to recover back to the context the meaning of statements. In general, new meanings emerge as backers of metaphors, which are strictly related to our everyday lives. We adopted as the theoretical basis of cognitive linguistics experiential basis of Lakoff and Johnson (2002), the interface area of study that establishes with the functional language. It is supported in this view we analyze the functional and experiential updates presented by the verb hit, noting that the nature of language is essentially metaphorical (Lakoff and Johnson, 2002; Votre, 1996, p. 32). This contributes to new meanings that arise, considering ways already available in the language. In this context, the metaphor is a productive field of language change that renews your senses from motivations that are available in the speech.

KEYWORDS: Metaphor; Word beat; Complex Lexical Constructions.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise das metáforas conceptuais atualizadas pelo verbo *bater* em contextos de língua escrita. Este verbo, quando inserido em contextos de verbo + nome, em sua maioria, em determinadas situações linguísticas, perdem sua função lexical plena e adquirem funções mais gramaticais, como nas construções com *bater*: *bater martelo*, *bater o terço*, *bater asas*, *bater-boca*, *bater com a língua nos dentes* etc. Tais construções são denominadas de Construções Lexicais Complexas com o verbo *bater* - CLC(B)s.

Alves (1998, 2008, 2009), em estudo das Construções Lexicais Complexas com o verbo *levar*, explica que ocorre uma transposição de sentido com base na metonímia, através da qual *levar* sofre um processo de reorganização sintática estabelecida pela contiguidade, pela proximidade dos elementos, como em: “...a lição que eu dei nele, né? Parece que ele *levou aquilo na cabeça* aí num brigou mais, não bebeu mais” (ALVES, 1998, p. 156).

Nos usos de *bater*, na acepção verbo de ação, onde se evidencia um aspecto de atividade atrelada ao sujeito, o termo sofre alterações sintático-semântico-pragmáticas quando se insere nas construções lexicais complexas.

Assim, quando estamos diante de construções atualizadas por *bater*, em novos contextos sinalizadores de funções diferentes das tradicionalmente conhecidas, surgem dificuldades para descrever o seu funcionamento, em virtude do leque de possibilidades semânticas apontadas pelo verbo. A flutuação semântica do verbo aponta para um possível processo gradual de mudanças, estando na metáfora o cerne do distanciamento entre os seus sentidos concreto e abstrato.

Lakkof e Johnson (2002, p. 45) definem a metáfora como “compreender e experienciar uma coisa, em termos de outra”. Os autores acrescentam que a metáfora é um instrumento fundamental do nosso aparato cognitivo, portanto, essencial à compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos. Baseamo-nos, principalmente, nesta concepção de metáfora para compreender as atualizações linguísticas do verbo *bater*.

Os dados considerados para a composição do *corpus* constituem textos que apresentam construções elaboradas com o *verbo bater + nome ou variações* – passíveis de metáforas. A fonte dos dados é baseada no *corpus* do jornal Folha de S. Paulo, referente aos anos de 1997/1998, 2007/2008. Em paralelo, coletamos registros de *bater* em diferentes dicionários, a partir do latim clássico, estendendo-se ao português contemporâneo. Essa busca, nos dicionários, nos permitiu o acesso a significações já tradicionalmente reconhecidas e registradas.

A análise que desenvolvemos baseia-se na observação do uso linguístico do verbo *bater* em textos escritos. Não se trata de uma análise quantitativa, mas visa, a partir dos dados coletados, interpretar o funcionamento linguístico e semântico de *bater*.

Nesse enfoque volta-se para os usos em contextos os mais diversos, razão porque adotamos uma análise funcionalista e cognitiva. Calcados no modelo de base funcionalista cognitivista da gramática, consideramos como hipóteses principais: o sentido polissêmico atribuído ao verbo *bater*, nas Construções Lexicais Complexas, não ser determinado pelo verbo, considerado suporte, leve ou veiculador de funções, mas pelo nome ou variações, elementos formadores de CLC(B)s. E, as CLC(B)s apresentam uma base cognitiva metafórica fundamentada em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência cotidiana com o campo semântico GUERRA.

1 Traços da iconicidade

O princípio da iconicidade linguística prevê motivação na relação entre forma e função, isto é, entre forma e significado. Hopper & Traugott (apud Neves, 2004, 1993, p. 26) definem iconicidade como “a propriedade de similaridade entre um item e outro”. Essa definição nos permite entender que a língua é produto do experiencialismo. O significado é natural e parte de nossas experiências físicas e corpóreas decorrentes do ambiente em que vivemos, como afirmam Lakoff e Johnson (2002). Por isso, existe um item que remete para outro, iconicamente.

Esta relação entre forma e significado também prevista em Saussure (1995, p.152), quando aponta que “apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo”.

Conforme Bolinger (1977), o princípio da iconicidade prevê, como condição natural de uma língua, a preservação de uma forma para um significado e de um significado para uma forma. Sob essa ótica, as atualizações do verbo *bater* não ocorrem aleatoriamente.

Para Votre (1996, p. 28), a relação entre forma e significado é aparentemente arbitrária. Nem tudo é icônico, há partes em que a relação é opaca.

A opacidade referida por Votre se dá quando o uso provoca o desgaste semântico de referência. Assim, por exemplo, em relação aos usos de *bater*, nos deparamos com situações como “*Bater o medo*”, “*Bater o desespero*”, nas quais *bater* faz referência a sentir, sem perder a ideia de movimento, embora a noção de atrito quase não exista.

Quando a gramática é considerada um “sistema adaptável” (Cf. Du Bois, 1985), entram em competição motivações interna e externa, provavelmente provenientes das competições argumentativas em que uma forma linguística, por analogia semântica, pode motivar a produção das CLC(B)s. No plano das motivações externas, tanto pode haver pressão da funcionalidade como da forma. Desse modo, “forças motivadoras”, originadas por fenômenos externos, penetram no domínio da língua onde se encontram com forças internas.

No caso das CLC(B)s, entendemos que o aspecto sistêmico da gramática, por exemplo, não é condição suficiente para explicar as variadas atualizações provenientes dos usos que o verbo *bater* experimenta.

Ao incorporarmos uma perspectiva de análise linguística contemplando abordagens sintático-semântico-pragmáticas, temos como objetivo dar conta dos usos de *bater* nos

contextos diversos das CLC(B)s, impulsionados pelos *inputs* discursivos responsáveis pelos deslocamentos sintáticos da categoria verbal.

O verbo *bater* estabelece relações discursivas de cunho metafórico, quando constitui CLC(B)s, apresentando variações funcionais diretamente relacionadas às necessidades comunicativas. Com essa visão, partimos do aspecto funcional para interpretarmos os usos que se estendem nas CLC(B)s, fugindo portanto do paradigma formal tradicional.

Vejamos a seguir alguns exemplos retirados de nosso *corpus*:

(1) *Ciro bate boca* com Letícia Sabatella ao defender transposição do São Francisco.

O deputado *Ciro Gomes* (PSB-CE) *bateu boca* nesta quinta-feira no plenário do Senado com a atriz *Letícia Sabatella* por divergências sobre a manutenção das obras de transposição do rio São Francisco. *Ciro* disse que escolheu como opção de combate sobre o tema “manter a mão na massa e às vezes, [a mão fica] suja de cocô”.

Não sei se estou no mesmo lugar que o seu, mas é parecido(...). (*Corpus* Folha online S.PAULO, 04/02/2008[42]. Destaque nosso)

(2) Avaliação e expansão do ensino superior por *Paulo Renato de Souza*

A análise isenta do tema torna claro que não seria benéfica ao sistema a proibição à abertura de novos cursos, desde que mantenham qualidade. Especialmente para profissões ligadas às políticas de governo, como educação e saúde, onde o padrão superior dos serviços é essencial. (...)

O corporativismo de algumas áreas não impedirá a necessária expansão do ensino superior brasileiro. *Bater martelo* contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais. É uma condenação que privaria milhões de jovens de uma profissão que sonharam e para qual se sentem vocacionados. (*Corpus* Folha-SP, 21/12/1999[44]. Destaque nosso)

(3) Saiba como encarar a reta final do vestibular

É dada a largada. No dia 18, ocorre a prova da Unicamp, e no dia 25, a da Fuvest, o maior vestibular do país. Nesta hora, só dá para contar com as três principais palavras que fazem parte do vocabulário do vestibulando: estudo, disciplina e governo.

.....

Confira algumas dicas para encarar os vestibulares:

- organize seu tempo e faça um cronograma de estudo. (...)
- estude o máximo que puder, mas, quando *bater o cansaço físico e mental*, feche o livro e vá relaxar.
- escolha lugares tranquilos e silenciosos para estudar.(...) (*Corpus Folha online S.PAULO, 06/11/ 08[52]. Destaque nosso*)

Essas citações, de acordo com os princípios funcionalistas, nos permitem afirmar que o caminho para compreender os novos usos do verbo encontra-se no processo polissêmico. Nesse processo, quando o verbo *bater* se junta a um nome ou variações abstratiza-se e perde sua função plena. No item (1) *bate boca/bateu boca* assemelha-se a discutir/brigar, como se depreende do texto “Defensor das obras, *Ciro entrou em choque* com a atriz que o interrompeu várias vezes enquanto ele discursava no plenário do Senado”. *Bater boca* constitui uma expressão abstrata que, sendo associada ao contexto, recupera a ideia de briga, via transferência semântica que incide no processo metafórico.

Em (2) *Bater martelo*, expressão peculiar ao discurso jurídico, nesta menção foi retomada como uma expressão abstrata que se adequa perfeitamente aos argumentos defendidos na ocasião, como se entende no próprio texto: “ *Bater martelo* contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais. É uma condenação que privaria milhões de jovens de uma profissão que sonharam e para qual se sentem vocacionados.”

Em (3) *bater o cansaço físico e mental* integra o rol de usos polissêmicos presentes no cotidiano linguístico, que se dão via motivação icônica da metáfora.

Desse modo, o que está em jogo, fundamentalmente, é a construção de sentido dos enunciados em uso, o sistema semântico da língua, melhor dizendo, o sistema de significados disponíveis na língua. Tais construções ultrapassam a simples função comunicativa.

A assertiva de que toda a explicação linguística deve se basear na relação entre a linguagem, o seu uso e o contexto social, conduz à tarefa de explicar o fenômeno das CLC(B)s tendo como referência o contexto sociointeracional no qual estão situados os produtores de textos escritos em suas múltiplas vozes, produtores/leitores (falantes/ouvintes), e as informações pragmáticas de ambos. Por isso, nossa pesquisa considera os diversos processos integrantes do jogo linguístico na acepção de Halliday (1989), o que permite explicitá-los.

2 Da tradição literária aos contextos de usos

Passemos, agora, a observar questões relativas à tradição literária e a trajetória da flutuação dos usos do verbo *bater* no contexto da gramática.

Consideramos os significados de *bater* e suas formas sintáticas contidos nos principais dicionários, P. Machado (1952?), Saraiva (2000, p. 142-143); Borba (1999 *et. al.*, p. 143-143); Neves (2003, p. 118); Houaiss (2001) e Aurélio (2004), desde os registros mais antigos, aos atuais, bem como de dados extraídos do *corpus*, entre os anos 1999-2000 e 2007-2008. Destacamos as relações semânticas entre os elementos que contribuem para a coerência interna do verbo.

Estes autores enquadram *bater* considerando-o do ponto de vista da natureza das relações entre predicado e argumento, por considerá-las responsáveis pelo estatuto sintático-semântico dos verbos. No enquadramento através da descrição dos verbos, partem de sua estruturação na frase, o verbo como núcleo do predicado, em torno da qual os argumentos se arranjam em graus diferentes de coesão e dependência. Assim sendo, o verbo estabelece com seus argumentos relações de dependência que constituem uma Valência.

Nessa perspectiva, todo verbo possui de um a três argumentos. O argumento sendo ativo superficialmente na função de sujeito, o verbo será de ação. Sendo o argumento afetado, o verbo será de processo. Se for ativo ou causativo, implicando num argumento afetado/efetuado, o verbo será de ação-processo. Constituindo um verbo inativo, não afetado nem causativo, será de estado.

De acordo com os dados catalogados, inicialmente podemos distinguir a presença de dois grupos semânticos. O grupo semântico concreto, que transmite a ideia de atrito, choque, e o abstrato, significando superar, alcançar, chegar etc.

Os sentidos concretos permanecem presos às ocorrências, nas construções em que o verbo predica uma ação. No campo abstrato, os sentidos passam a figurar expandindo-se nas CLC(B)s, de forma metafórica, às vezes metonímica, como a seguir:

(4) “Tenho um tempo que é sagrado para a minha família e dedico meus

domingos, para almoçar e *bater um papo* com minha filha e meus netos. Só um assunto muito urgente me tira de casa aos domingos”, afirmou Roseana, ao recordar das negociações para a votação da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) no Senado, no fim do ano passado (...) Mas independente do cargo que a mulher pretenda ocupar na política, Roseana acredita que elas têm capacidade de administrar e dar opiniões onde quer que esteja. “No mundo inteiro a mulher já está preparada para o poder. Do século passado pra cá, a mulher está começando a pôr a cara para *bater*”, disse. (*Corpus Folha online S.Paulo, 24/02/08 – 08h00[5]. Destaque nosso*)

(5) (...) Arlindo Chinaglia (PT) ou Gustavo Fruet (PSDB) vença a eleição, os petistas devem "*bater chapa*" contra Serra no Estado. Após o PSDB lançar a candidatura de Fruet, o PT... (*Corpus Folha online S.PAULO, 23/01/07[94]. Destaque nosso*)

No objetivo de compreender os fenômenos envolvidos na significação de *bater*, nossa inquietação maior refere-se à motivação do processo de evolução semântica do verbo, isto é, como ele migrou de um polo concreto de ação, passando a ser utilizado mais intensamente em contextos variados, sem ter necessariamente a função de causar atrito?

P. Machado (1952?) afirma que *bater* é de origem latina, e apresenta numerosos sentidos. Nossa intuição é que tal pluralização está relacionada ao aumento da saliência discursiva incorporada pelo verbo (agredir, combater, lutar), principalmente em função da força por ele possuída atualmente nos contextos de competitividade. Relativamente aos significados conferidos ao verbo, constatamos que, além da veiculação de sentidos como item lexical pleno, também lhes são atribuídas outras classificações de base funcional que residem em sua propriedade abstrata, conforme pode ser constatado nas referências literárias.

Referendada pela literatura citada, a descrição procedida até o momento nos propicia uma visão geral das atualizações atribuídas a *bater*. Abstraímos as caracterizações descritas e enumeramos os sentidos listados no Quadro 1, visando melhor percorrer os campos semânticos de usos do termo, conforme se pode observar em seguida.

Quadro 1: Representação semântica de *bater*

Atrito (contra algo/alguém) (*)			
Superar <input type="checkbox"/>	Chamar <input type="checkbox"/>	Ir/chegar <input type="checkbox"/>	Morrer <input type="checkbox"/>
Fazer/tirar <input type="checkbox"/>	Enfrentar <input type="checkbox"/>	Conversar <input type="checkbox"/>	Andar à toa <input type="checkbox"/>
Chegar <input type="checkbox"/>	Usar/repetir		

(*) **Bater** na acepção inicial.

Sabemos que o ato da comunicação humana encontra-se povoado por palavras que concorrem e ocorrem em nossa mente, objetivando a consecução da fala melhor dita, a mais expressiva, a mais convincente, e que reflita e refrate a realidade dos indivíduos como retrato de uma sociedade. Do processo de comunicação social emergem palavras inovadoras e frases surpreendentes, como reflexos de nossas experiências.

Segundo Vilela (2002, p. 170-171), as frases se apresentam com características próprias e são costumeiramente classificadas como expressões idiomáticas (EI). Nesta mesma situação são enquadrados muitos outros rótulos, dentre eles os provérbios, as expressões metafóricas (EM), os clichês, as frases feitas, os fraseologismos, e as lexias complexas²²⁷.

De um modo geral, a metáfora mostra-se presente nos idiomatismos e fraseologismos. As CLC(B)s podem ser entendidas como fraseologismos, pois tanto elas quanto as metáforas perdem seu significado individual e assimilam um novo significado. As construções com o verbo *bater* são veiculadoras de metáforas. Além disso, nessas construções, o primeiro de seus elementos, o verbo suporte, conserva o seu valor externo e mantém a forma, variando ou abandonando o seu significado de base (a noção de atrito), enquanto o outro elemento, pertencente à classe dos nomes, é livre, embora seu valor seja atribuído a partir da combinação com o outro. Exemplos: *bater pênalti*, *bater de frente*, *bater asas*.

As CLC(B)s constituem combinações entre *verbo + nome*, ou *variações*, mas não funcionam como complemento, no sentido de verbo e objeto, entretanto sua composição global resulta em um único lexema, apresentando propriedades que lexicalizam as emoções, as atitudes e as interpretações subjetivas. Por exemplo, em

²²⁷ Vilela dedica uma profícua reflexão sobre as expressões idiomáticas e fraseologias no livro *Metáforas do Nosso Tempo*, (2002, p. 169).

“*bater as botas*”, o termo *as botas* não funciona como complemento do verbo *bater*, como no exemplo a seguir:

- (6) O sorriso de Isabella assombra o Brasil, diz uma crônica publicada na tarde de quarta-feira no site do jornal francês Le Monde. O texto, assinado pelo jornalista Jean-Pierre Langellier, diz que há várias semanas o Brasil parece "assombrado pelo sorriso de Isabella, assim como ficou a Inglaterra há um ano pelo sorriso da pequena Madeleine McCann, que desapareceu em Portugal e até hoje não foi localizada". "O anúncio do crime provocou uma verdadeira comoção social em um país que *bate os recordes* de violência com 50 mil homicídios por ano", diz o diário francês. (*Corpus* Folha online S. Paulo, 15/05/08, 04h41[44]. Destaque nosso)

Na constituição de CLC(B)s, o verbo *bater* sofre o processo de “desfuncionalização primária” (Cf. Alves, 1998, p. 39), condição essencial para a formação dessas construções, como no exemplo (4) citado.

No exemplo citado, *bater um papo* significa *bater papo*, correspondendo a uma CLC(B) de base metafórica. Em *a cara para bater*, o contexto nos permite afirmar que, também tratando-se de metáfora, o evento não constitui uma CLC(B).

Como reforço de sequência, notemos que o exemplo anterior confirma as CLC(B)s como ocorrências constituídas de metáforas que figuram em nosso cotidiano.

3 Sobre as atualizações linguístico-discursivas

Apresentamos aqui as discussões sobre as construções com o verbo *bater*. Partimos da análise por temas sugeridos no *corpus* com vistas a estabelecer uma referência entre os usos mais comuns do verbo, e assim traçar-lhe um perfil.

Assim sendo, constatamos inicialmente que, lexicalmente, sempre estamos diante de uma mesma unidade: o verbo *bater* em processo de CLC(B)s. O funcionamento do verbo, entretanto, se apresenta sob realizações diversas o que requer, para entendermos o processo, voltarmos ao contexto, sem nos determos em frases isoladas que se mostram insuficientes para recuperar a significação dos enunciados.

Estando as metáforas estreitamente ligadas a nossa vida cotidiana, o item “comparação” não funciona como uma pré-condição da metáfora, pois é na compreensão que seu significado emerge.

Num segundo momento, constatamos que as metáforas encontram-se de forma abundante nos textos jornalísticos, independentemente do gênero considerado. Este fato é relevante para a pesquisa porque revela que as atualizações sofridas por *bater* – “raro” no passado e abonável em Plauto (P. Machado (1952?)) – nos dias atuais, participa do cotidiano linguístico com inúmeros sentidos evocados e atendendo aos mais diversos contextos de uso.

Considerando outras relações linguísticas da amostra, parece-nos ser apropriado remeter algumas delas para o campo das metáforas estruturais, tendo como referência a metáfora estrutural DISCUSSÃO RACIONAL É GUERRA.

Lakoff e Johnson (2000, p. 133-134) afirmam que as metáforas estruturais além de orientarem conceitos, também nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara, com a finalidade de estruturar outro conceito.

As metáforas são fundamentadas em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência cotidiana, por exemplo, os significados das construções seguintes apresentam uma estreita correlação com o campo semântico GUERRA, no qual as construções linguísticas são atualizadas pela metáfora

ENFRENTAR É BATER.

- *Bater* de frente
 - *Bater* o pé
 - *Bater* martelo
 - *Bater* duro
 - *Bater* boca
 - *Bater* alguém
 - *Bater* em retirada
- } ENFRENTAR É *BATER* (É “GUERRA”)

Nos textos jornalísticos retirados da amostra, que tratam de política, economia ou esporte, temas predominantes nos exemplos desta pesquisa, a linguagem reflete e se materializa, conceptualizando esse embate de forças presente em nosso cotidiano, como afirmam Lakoff e Johnson (2002, p. 136) abaixo:

[...] não apenas nossa concepção de discussão, mas também a nossa maneira de desenvolvê-la fundamentam-se em nosso conhecimento e em nossa experiência de combate físico. Mesmo que você não tenha jamais em sua vida experienciado uma luta física, muito menos provavelmente uma guerra, você ainda concebe discussões e discute de acordo com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, porque tal metáfora faz parte do sistema conceptual da cultura na qual você vive. Todas as discussões consideradas “racionais”, aquelas que se enquadram no ideal de DISCUSSÃO RACIONAL, não são apenas concebidas em termos de guerra, mas quase todas contêm, de maneira subjacente, as táticas “irracionais” e “desleais” que as discussões racionais, em sua forma ideal, não deveriam apresentar.

Nesse sentido, entendemos a capacidade dos falantes desenvolverem conceitos mais abstratos como consequência de sua percepção e ação no mundo. Quanto mais os produtores/leitores (falantes/ouvintes) abstratizam determinadas construções linguísticas, mais expressões metafóricas (EMs) são produzidas.

A partir dos exemplos demonstrados nos quadros seguintes, deparamo-nos com atualizações que adquirem um sentido pragmático, em função de sua contextualização e não de seus aspectos sintáticos, conforme pode-se averiguar no quadro a seguir:

Quadro 2: Construções linguísticas que atualizam metáforas

POLÍTICA/ECONOMIA	
<i>Bater</i> no parlamento	CRITICAR É BATER
<i>Bater</i> no adversário	
<i>Bater</i> no ex-presidente	
<i>Bater</i> em FHC	

<i>Bater</i> a burocracia	EMPANCAR, INTERROMPER É BATER
<i>Bater</i> nas entrevistas	ARGUMENTAR É BATER
<i>Bater</i> a China <i>Bater</i> a TV Globo <i>Bater</i> sucessivos recordes	SUPERAR É BATER
<i>Bater</i> em R\$ 2,00 <i>Bater</i> na classe média alta <i>Bater</i> nas crianças	ATINGIR É BATER
<i>Bater</i> num homem	SEDUZIR É BATER
<i>Bater</i> martelo <i>Bater</i> bumbo <i>Bater</i> na mesa	DECIDIR/DISCUrir É BATER DECIDIR É BATER PROTESTAR É BATER

Retomamos alguns contextos, como *bater bumbo*, para melhor esclarecer os sentidos. Desta forma, constatamos que *bater bumbo* estabelece relação com o movimento contínuo de tocar o bumbo. Tocar bumbo significa fazer barulho, entretanto, nesse contexto, seu sentido é transposto metaforicamente: FALAR É BATER BUMBO. Assim o que seria fazer barulho, adquire o sentido de melhor divulgar os projetos do governo FHC, isto é, fazer alarde sobre as realizações governamentais, como se tem a seguir.

(7) TÍTULO - FHC cobra "barulho" para ações no social

O presidente Fernando Henrique Cardoso cobrou ontem de sua equipe melhor divulgação das ações do governo na área social. "Vamos *bater mais bumbo*, fazer mais barulho." FHC negou corte na distribuição de cesta básica. A verba desse item caiu 33,7% este ano sobre 98. (*Corpus Folha-SP*, 04/03/99[150]. Destaque nosso)

(8) TÍTULO - Lula chega à Finlândia e fala sobre etanol

[...] desembarcou ontem, às 19h (13h em Brasília) em Helsinque, precedido por um potente *bater de bumbo* para o Brasil, ao afirmar em entrevista ao jornal "Helsingin Sanomat." (*Corpus* Folha-SP, 10/09/07[49]. Destaque nosso)

Em *bater nas crianças*, como a seguir, a metáfora atualiza-se em ATINGIR É BATER. Se destituído do contexto, o exemplo indica um verbo transitivo com função gramatical de veiculador de sujeito.

(9) TÍTULO – Uma questão de atitude por João Sayad

Para ter inflação é preciso: câmbio permanentemente crescente; trabalhadores que exigem salário fixado em outra moeda que não a moeda nacional, em dólares ou em índices de preços;(...)

No Brasil, nada disso está acontecendo. Nem parece prestes a acontecer. (...)

Os trabalhadores, coitados, há muito tempo que não negociam salários. Discutem apenas emprego. (...)

Não há indícios de volta do dragão - a inflação permanente. Não é preciso aumentar taxas de juros, cortar gastos ou *bater nas crianças*. (*Corpus* Folha-SP, 06/12/99[28]. Destaque nosso)

Consideremos o exemplo *bater com o pau na mesa*. Num primeiro momento, o verbo aparenta estar em sua acepção de transitivo com função gramatical, no entanto, o contexto revela que sua atualização ocorre através da metáfora PROTESTAR É BATER, portanto, protestar com veemência.

Ocorrência igual se dá em *bater num homem*. Nesse contexto, a atualização do verbo estabelece uma discussão metalinguística em torno da questão do que seja “bater num homem”. Trata-se de uma propaganda que utiliza a metáfora - SEDUZIR É BATER. como recurso discursivo.

(10) Propaganda ruim: Um dos grandes shopping da BR inaugura uma das lojas mais caras do mundo com uma propaganda das mais ridículas: “O jeito mais elegante de bater num homem”. Tem jeito elegante de bater? Será que é tão difícil fazer uma propaganda decente para uma marca de luxo num shopping de sucesso? (*Corpus* Folha-SP, 29/08/99[93]. Destaque nosso)

No quadro abaixo, selecionamos exemplos de situações em contextos diversos de uso em que *bater* é atualizado.

Quadro 3: Construções linguísticas que atualizam metáforas

DIVERSOS	
<i>Bater</i> o olho	VER É BATER
<i>Bater</i> asas	NAMORAR É BATER ASAS
<i>Bater</i> o pé	INSISTIR/BRIGAR É BATER
<i>Bater</i> boca <i>Bater</i> de frente A cara para <i>bater</i>	BRIGAR É BATER
<i>Bater</i> pernas	ANDAR É BATER
<i>Bater</i> o desespero <i>Bater</i> medo <i>Bater</i> aquele branco Esse <i>bater</i> terrível	SENTIR É BATER
<i>Bater</i> continência	CUMPRIMENTAR/OBEDECER É BATER
<i>Bater</i> em retirada	SAIR É BATER
<i>Bater</i> no assunto <i>Bater</i> na tecla	DISCUTIR SOBRE ALGO É BATER
<i>Bater</i> lá na minha porta	CHAMAR É BATER
<i>Bater</i> em tintim	COMEMORAR É BATER

Dados do *corpus* Folha-SP, 1998, 1999, 2007 e 2008.

Observando a atualização do verbo em *bater asas*, inicialmente somos remetidos para a ideia de partir, entretanto, o contexto indica que *bater asas* significa estar junto, namorando (exemplo 11). Significa uma projeção metafórica na qual há aquisição de um novo sentido – NAMORAR É BATER ASAS. Assim, o sentido contextual assume

relevância importante, porque percebemos a necessidade de recorrer ao mesmo, no objetivo de alcançar o sentido mais apropriado.

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo “levar” (CF. Alves, 2009), que transfere para as CLCs a noção de movimento (para frente, para trás, circular etc), *bater* preserva a ideia de movimento constante, repetido, transferido-os para as CLC(B)s. Em verdade, na maioria das CLC(B)s, predomina esse tipo de movimento como característica das Construções Lexicais Complexas. Nesse sentido, partindo de nossas experiências movimentamo-nos para expressar nossos sentimentos e agimos provocando situações de mudanças através de nossas emissões linguísticas.

(11) No embalo das festas de final de ano na Bahia, o mais novo casal de periquitos começa a *bater asas*. Junta o campeão dos superpenas Acelino Freitas, o Popó, e Carla Perez. Os dois estão circulando, juntinhos da silva em Salvador. (*Corpus Folha-SP*, 23/12/99[157]. Destaque nosso)

4 Discussão dos resultados

Nas ocorrências de textos envolvendo construções linguísticas que atualizam metáforas constituídas com o verbo *bater* em CLC(B)s de contexto variados, constatamos que algumas das metáforas citadas estruturam-se com base no conceito de GUERRA. Por exemplo, como em DISCUSSÃO É GUERRA, Lakoff & Johnson (2002, p. 153), apresentam um deslocamento do domínio físico, concreto, para o campo abstrato.

Nos vários contextos dos dados analisados, o termo *bater* pode ser compreendido a partir do movimento das metáforas: VENCER É *BATER* > LUTAR É *BATER* > SUPERAR É *BATER* > GANHAR É *BATER* > IMPOR-SE É *BATER* > DECIDIR É *BATER*. Se vencer ou ganhar é *bater*, podemos estruturá-las tendo como referência o conceito de batalha, portanto pertencentes ao domínio GUERRA, onde *bater* atua como sinônimo de luta, porque exprime uma atitude de repressão, de enfrentamento.

O mapeamento das atualizações de *bater* é experienciado através de cenas recorrentes, nas quais concorrem ação física vs movimento. O verbo apresenta uma carga semântica que imprime a ideia de força, de atrito, de choque, sendo que, ao se formar a composição, resulta uma tensão menor do ponto de vista da concretude dos fatos. O efeito de expressão deixa subjacente uma atitude de embate, de competição,

porque a experiência cotidiana mostra que uma disputa física se ganha com força, ação – luta. Na linguagem, esse movimento reflete-se no discurso e as atualizações de *bater* co-ocorrem em direção ao movimento do embate.

Considerando a experiência humana, podemos dizer que *bater* faz parte do nosso cotidiano sociocultural, relacionando-se a lutar, disputar, brigar para conseguir algo, entretanto, na composição metafórica, o termo perde a essência de embate físico, migrando para o campo eminentemente abstrato das ideias.

Lakoff e Johnson (2002, p. 160) classificam as experiências específicas como *gestalts* experienciais que existem no nosso sistema conceptual. Entretanto, torna-se necessário distinguir a experiência em si dos conceitos que empregamos para estruturá-la, ou seja, as *gestalts* multidimensionais. Com base na experiência cotidiana, selecionamos aspectos importantes e passamos a categorizá-los, entendê-los e recuperá-los na memória.

Assim, nas metáforas LUTAR É *BATER* e VENCER É *BATER*, a *gestalt* de LUTAR estrutura-se através de correspondências com elementos da *gestalt* de *BATER*. Essa correlação entre experiência e *gestalts* multidimensionais é condição necessária para que a nossa experiência seja coerente.

O verbo *bater*, nas construções que aqui foram selecionadas e analisadas, reflete nossas experiências em estruturas que traduzem movimento. Ou seja, o movimento expresso pelo verbo em um determinado ponto é conceptualmente entendido como ponto do início de determinado estado de coisas. Há deslocamentos no sentido de se atingir um objetivo, uma meta, qual seja a de ultrapassar, superar; de chegar primeiro. Assim, podemos representar que algo *bateu o/em/na*.

Nos exemplos citados, encontramos atualizações que adquirem sentido próprio, onde *bater* perde a função sintática em benefício do contexto pragmático. Tal fato implica em considerarmos as realizações discursivas que permeiam a gramática da língua como algo fundamental na obtenção de resultados que dêem conta da funcionalidade dos enunciados nas circunstâncias pragmáticas.

Os dados advindos da amostra também evidenciam que o papel verbal desempenhado por *bater* aponta para uma diversidade produtiva de construções gramaticais atualizadas nas CLC(B)s em contextos metafóricos.

Essa dinâmica da língua verificada em nossos apontamentos, confirma as constatações de Hopper (1980) de que todas as partes gramaticais estão em permanente mudança, descartando a noção de gramática estável. Nesse sentido, em geral, os

fenômenos gramaticais podem ser considerados como envolvidos em um processo de gramaticalização.

Considerações finais

Mesmo tendo sido ainda constatada a existência de vínculos entre *bater* e o seu sentido original, as atualizações que o termo sofre quando constituído em CLC(B)s, confirmam sua inserção num processo de ressemantização parcial, em deslize para outros sentidos. Dentre as mudanças incorporadas por *bater*, destacam-se:

- a) a perda da transitividade, quando o verbo não mais estabelece uma relação de contiguidade verbal relativamente ao nome ao qual se junta;
- b) a perda da função gramatical de veiculador de sujeito e de objeto, e;
- c) a aquisição da dependência semântica em relação ao nome que lhe acompanha na composição das CLC(B)s.

Além das três constatações destacadas, a pesquisa denota que o verbo isoladamente não se responsabiliza por produzir outros sentidos. A produção de outros sentidos somente ocorre quando o verbo se compõe com nomes ou variações. Esse processo de expansão de usos promovido pela ocorrência de CLC(B)s enriquece o léxico da língua, notadamente pela riqueza dos sentidos metafóricos.

Depreendemos também que a compreensão do fenômeno das CLC(B)s, depende de se percorrer um caminho bastante complexo, principalmente considerando as circunstâncias que envolvem a natureza da metáfora e da metonímia. Mesmo assim, se nos deparamos com uma CLC(B), quase sempre estaremos diante de uma metáfora.

As metáforas veiculam informações inusitadas, com sentidos próprios, frutos das intenções dos falantes, não se resumindo a simples recursos de analogia, mas refletindo experiências linguísticas da vida cotidiana.

No tabuleiro das metáforas, as palavras vivem em movimento, por isso desfrutam de uma liberdade relativa em que os seus significados dependem das situações reais de uso. Em função dessa realidade, utilizando-nos de processos cognitivos, podemos estabelecer o mapeamento de *bater* e seus deslizamentos em sentidos correlatos, nos contextos de usos.

Os resultados obtidos na análise dos exemplos oriundos da nossa amostra confirmam Lakoff e Johnson (2002): a linguagem reflete e se materializa, conceptualizando nossas experiências cotidianas.

Nesse sentido, a capacidade dos falantes desenvolverem conceitos mais abstratos mostra-se como reflexo de sua percepção e de sua ação no mundo. Finalizando, quanto mais abstratização houver nas construções linguísticas, mais produção haverá de construções metafóricas.

Referências Bibliográficas

ALVES, Eliane F. Os sentidos de construções lexicais complexas constituídas com o verbo “levar”. In: MARCUSCHI, LUIZ A. *Um Linguista: orientações diversas*. Vol 2. Org. DIONÍSIO *et. al.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 61 - 76.

CHAFE, Wallace. *Significado e estrutura linguística*. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sônia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: livros Técnicos e Científicos, 1979.

DIK, S. C. *Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson. EUA: Foris Publications, 1978.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER Mark. *Conceptual Projection and Midle Spaces*. Universidade da California San Diego, 1994.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York. Academic Press, 1979.

_____. *Syntax. A functional – Typological introduction*. Vol. 2. Amsterdam: Benjamim, 1990.

HEINE *et al.* *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hambourg: Helmut Busque, 1984.

HOPPER, P. H. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

Jornal Folha de S. Paulo. São Paulo. Anual, 1998. 1CD-ROM.

Jornal Folha de S. Paulo. São Paulo. Anual, 1999. 1CD-ROM.

Jornal Folha online de S. Paulo. São Paulo. Anual, 2007. Disponível em <http://www1.Folha.uol.com.br>. Acessos diversos.

Jornal Folha online de S. Paulo. São Paulo. Anual, 2008. Disponível em <http://www1.Folha.uol.com.br>. Acessos diversos.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980-2002.

LAKOFF, George. *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, The University of Chicago Press, 1987

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa* – com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 1ª edição. Lisboa: Editorial Confluência, [1952?].

MARCUSCHI, E. *Compreensão de expressões idiomáticas da língua portuguesa por falantes brasileiros*. Recife-PE, mimeo, 1986.

NEF, Frédéric. *A linguagem – uma abordagem filosófica*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1916-1995.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina. (2002).

VOTRE, Sebastião *et. al.* *Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, 1996.

A metáfora como recurso didático em textos de divulgação científica

Ana Carolina Sperança-Criscuolo²²⁸

carolinasperanca@yahoo.com.br

RESUMO

Com o desenvolvimento da linguística cognitiva no final do século XX, foi possível perceber que a metáfora não é apenas um recurso linguístico, tal como considerada a partir de uma visão tradicional desse fenômeno. Lakoff e Johnson (1980) mostraram que a interação do homem com o ambiente que o cerca motiva inúmeras associações de natureza metafórica, o que significa que o pensamento metafórico é parte da própria cognição humana, pois permite ao homem conceptualizar o mundo. Esse processo tem reflexo no uso da linguagem, desde a construção de definições e nomeações até sua manifestação como estratégias pragmáticas na interação entre Falante e Ouvinte. Neste trabalho, verifica-se o papel da metáfora como recurso didático em revistas de divulgação científica (Pesquisa/FAPESP, Superinteressante e Galileu). A partir da teoria da Integração Conceptual proposta por Fauconnier e Turner (2002), observa-se como se constroem as metáforas nesse contexto discursivo. Os textos de divulgação têm por objetivo atingir um público leigo no assunto, e a metáfora se revela como um recurso didático que facilita a compreensão de conceitos específicos, tendo por isso uma função discursiva muito importante: a acessibilidade do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; recurso didático; divulgação científica.

ABSTRACT

The rise of cognitive linguistics at late 20th century made clear that metaphor is not only a stylistic feature of the language, unlike traditionally considered until then. Lakoff

²²⁸

Universidade Estadual Paulista, SP.

and Johnson (1980) showed that human-environment interaction motivates countless metaphorical language uses, meaning that metaphorical thinking is part of human cognition itself, since humans conceptualize the world through it. Metaphorical thinking is reflected in language uses, from construction of definitions to pragmatic strategies applied to Speaker-Addressee interaction. In this work, we verify how metaphor works as a didactic tool in popular scientific magazines (Pesquisa/FAPESP, Superinteressante and Galileu). Concerning the theory of Conceptual Integration proposed by Fauconnier and Turner (2002), we observe how metaphors are built in this discursive context. Popular scientific texts have the goal of reaching a lay audience, and metaphor can be seen as a didactic tool which makes the comprehension of specific subjects easier, having an important discursive function: knowledge accessibility.

KEYWORDS: metaphor; didactic device; scientific magazines.

Introdução

Os estudos clássicos acerca da metáfora sempre apontaram esse fenômeno como um recurso linguístico associado à retórica (uma disciplina focada na arte de bem falar e persuadir a partir de determinadas técnicas) e à estilística (focada na manipulação estética da linguagem, especialmente no âmbito literário). Dessa maneira, a metáfora (assim como a metonímia) assumiu o estatuto de “figura de linguagem” e, sob essa perspectiva, manteve-se ligada a noções como *literal x não literal*, *objetivo x subjetivo*, sendo especialmente vista como uma manifestação da subjetividade.

Nos últimos 30 anos, contudo, estudos na área da Linguística Cognitiva possibilitaram uma revisão do conceito tradicional de metáfora, atentando para sua natureza intrínseca à organização do pensamento, à conceptualização do mundo e ao uso da linguagem. Muito mais que um recurso linguístico, a metáfora se revela um processo cognitivo básico da mente humana. Segundo Lakoff e Johnson (1980: 3), “Nosso sistema conceitual ordinário, em termos de como pensamos e agimos, é fundamentalmente de natureza metafórica.”²²⁹ Isso significa dizer que entendemos as

²²⁹ No original: “*Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.*”

coisas, essencialmente, em termos de outras das quais temos maior domínio ou conhecimento. Talvez pelo fato de nosso entendimento/conhecimento se manifestar, em grande parte, via linguagem, ainda seja forte a percepção da metáfora como um recurso linguístico. Porém, o que se explicita na linguagem é resultado de um processo cognitivo que nos permite compreender melhor o mundo e interagir nele.

Essa primeira abordagem cognitivista da metáfora resultou na Teoria da Metáfora Conceitual (Lakoff e Johnson, 1980), a partir da qual conceitos mais abstratos são conceptualizados a partir de experiências básicas, mais concretas, das quais o homem possui maior domínio e conhecimento. Mapeamentos entre diferentes domínios (domínio de origem e domínio alvo) possibilitam ao homem conceptualizar experiências diversas, mais gerais ou mais específicas (no caso das diferentes culturas), favorecendo também o uso metafórico da linguagem como meio de interação com o mundo e com o outro, e não apenas como um recurso retórico ou de estilo.

Mais recentemente, Fauconnier e Turner (2002) propuseram um modelo de processamento cognitivo denominado Integração Conceptual (ou *Blending*), a partir do qual tornou-se possível explicar mais profundamente os mapeamentos entre diferentes domínios (ou, de acordo com a teoria, espaços mentais), muitas vezes não explicados satisfatoriamente por uma relação unidirecional entre *domínio fonte* e *domínio alvo*. Nesse sentido, segundo muitos estudiosos, o processo de Integração Conceptual (IC) veio para enriquecer e complementar a Teoria da Metáfora Conceitual, permitindo a compreensão de construções e expressões mais complexas (Grady et al., 1999).

O processo de IC envolve, no mínimo, quatro espaços mentais (Fauconnier, 1994, 1997): dois espaços *input*, um espaço genérico e um espaço *blend*. Primeiramente, há um mapeamento parcial entre os elementos dos inputs; em seguida, a estrutura ou os elementos compartilhados (ou não) pelos inputs são projetados, de forma seletiva, no espaço genérico, onde ocorre a integração que compõe, enfim, o espaço *blend*. Este possui uma nova estrutura que, embora contenha elementos parciais dos inputs, tem suas características próprias. Um exemplo interessante de IC é a utilização do nome *Bluetooth*²³⁰ para se referir à tecnologia de união de redes e dispositivos que utiliza ondas de rádio e não cabos. *Bluetooth* era o apelido de um rei dinamarquês, Harald Blatand, conhecido por unificar a Dinamarca e a Noruega. A IC que dá origem a

²³⁰ Exemplo de António Suárez Abreu, comunicação pessoal.

esse apelido e a sua utilização para nomear o dispositivo tecnológico é representada na Figura 1:

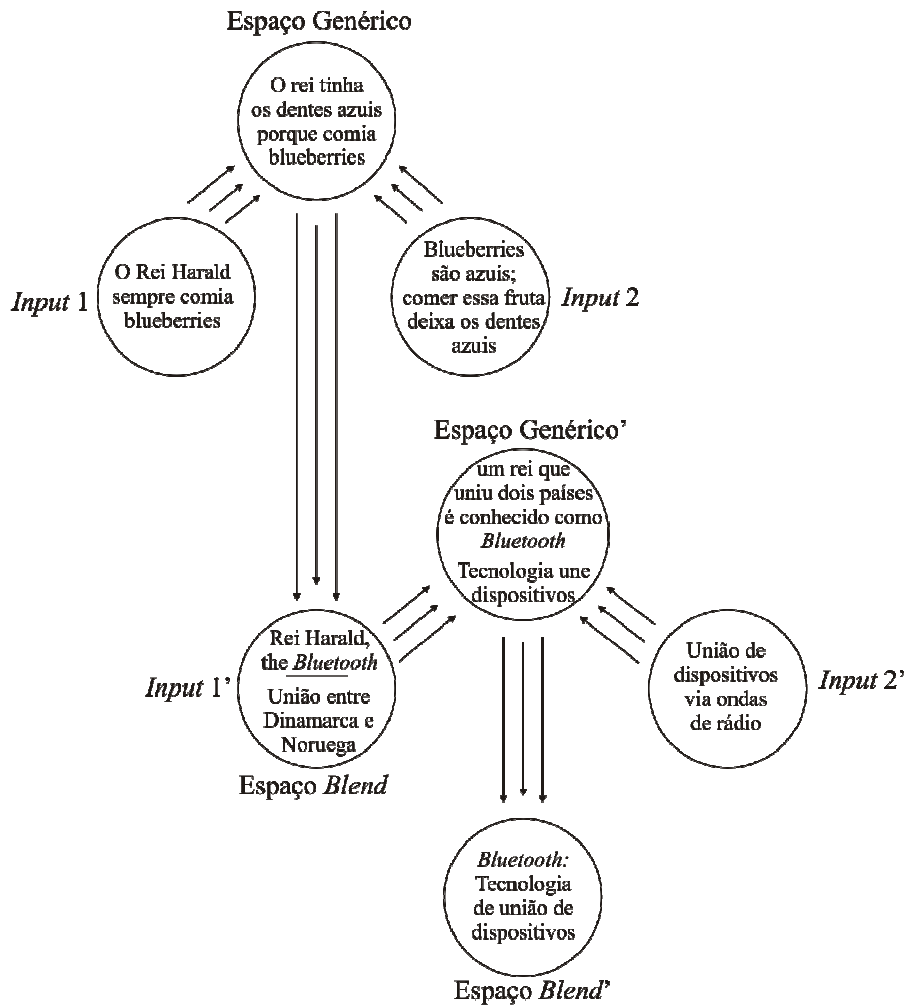


Figura 1: Exemplo de Integração Conceptual

Como se pode observar, esse é um exemplo mais complexo, em que se tem uma dupla IC (ou, um “*multiple blending*”): primeiramente, o apelido do rei Harald resulta da associação entre comer *blueberries* e ficar com os dentes azulados. Desse mapeamento entre causa-efeito (uma relação vital) resulta *Bluetooth*, cujo sentido literal é projetado, numa relação metonímica, na figura do rei. Um dos grandes feitos desse rei foi a unificação da Dinamarca, e é em alusão a esse fato que o apelido *Bluetooth* foi escolhido, metaforicamente, para nomear a tecnologia que proporciona a unificação de variados dispositivos *wireless*.²³¹

²³¹ Fauconnier e Turner (2002) reconhecem poder haver uma diversidade de tipos de redes de integração. Os autores, contudo, delimitam quatro tipos básicos num *continuum*: a) redes de integração

Como se pode observar, o processo cognitivo que promove essa associação (rei Harald – *Bluetooth* – união de dispositivos) tem conteúdos mais específicos nos inputs, tendo em vista que a compreensão dos mapeamentos estabelecidos remete a um conhecimento social, histórico e cultural a eles vinculado. De qualquer forma, seja um conhecimento básico mais geral ou mais específico, é interessante notar que o uso da metáfora revela experiências do homem e sua capacidade de traduzir o que lhe é abstrato/desconhecido em termos do que é concreto/conhecido.

Neste artigo, pretende-se mostrar de que maneira o processo de IC explica a construção de metáforas utilizadas em textos de divulgação científica e que aspectos discursivos estão associados ao seu uso nesse gênero textual.

1. Funcionalidade da metáfora

Considerando-se a abordagem clássica da metáfora, como já dito, observa-se que o fenômeno era visto apenas como um recurso linguístico cuja funcionalidade era garantir o caráter retórico ou estético dos textos. Do ponto de vista cognitivista, é possível dizer que tais funcionalidades se mantêm (e outras se manifestam), contudo são vistas de uma maneira mais aprofundada: desde a motivação cognitiva, sócio-cultural e física das construções metafóricas até os resultados/benefícios que propiciam ao homem na conceptualização do ambiente ao seu redor, na interação com o outro e no uso da linguagem. Segundo Kövecses (2006, p. 126), a metáfora não é um fenômeno exclusivamente linguístico, mas também um fenômeno conceitual, sócio-cultural, neural e físico/sensorial, e está presente em todos esses níveis ao mesmo tempo. Considerem-se, a seguir, algumas funções que desempenha a metáfora em diferentes contextos.

1.1 Metáfora com função estética

simples (*simplex networks*), em que apenas o *input* 1 possui um *frame*, o mesmo que estruturará o espaço *blend*; b) redes de integração espelhada (*mirror networks*), em que todos os espaços compartilham o mesmo *frame*; c) redes um de único escopo (*single-scope networks*), em que cada *input* possui um *frame* distinto, mas apenas um deles será projetado no espaço *blend*; d) redes de duplo escopo (*double-scope networks*), em que os espaços *input* possuem *frames* distintos, os quais servirão de base para a estrutura emergente do espaço *blend*. Esse é o tipo de rede que promove integrações altamente criativas e inovadoras.

A função estética da metáfora está associada às primeiras percepções acerca deste fenômeno, em grande parte presente no contexto literário. Sendo este um contexto em que a subjetividade é uma das principais características, verifica-se que a metáfora acrescenta um valor emocional, subjetivo, ao que é dito, tornando o texto mais expressivo, como se pode observar no fragmento abaixo:

(01)

– Ele pediu a sua mãe que o deixasse trazer consigo, e ela, que é boa como a mãe de Deus, consentiu; mas ouça-me, já que falamos nisto, não é bonito que você ande com o Pádua na rua.

– Mas eu andei algumas vezes...

– Quando era mais jovem; era criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço, e ele tomando confiança. D. Glória, afinal, não pode gostar disto. A gente Pádua não é de todo má. *Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.* Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! A adulação! (Assis, M. *Dom Casmurro*)

Neste trecho, José Dias se refere aos olhos de Capitu como tendo sido dados “pelo diabo” (que, metaforicamente, concretiza a maneira “negativa” como o personagem conceptualiza Capitu), como “de cigana oblíqua e dissimulada”. Essa ideia poderia ter sido expressa de maneira mais objetiva, como “*Capitu, apesar daqueles olhos que deixam transparecer a astúcia, a esperteza, o fingimento...*”. Contudo, o uso de termos metafóricos torna o texto mais expressivo e, de certa forma permite, nesse exemplo, que José Dias preserve sua face, uma vez que fala o que pensa de Capitu de maneira indireta. Embora seja inegável que o arranjo da linguagem torna o texto esteticamente mais complexo, é importante ressaltar que não se trata apenas de um recurso linguístico e superficial: as associações que permitem a construção dessas

metáforas têm motivações de natureza perceptiva e cognitiva. É pelos olhos de Capitu que José Dias percebe sua personalidade, sua capacidade de dissimular.

A subjetividade que se vincula, muitas vezes, à construção das metáforas não se manifesta apenas em textos literários (como é sugerido tradicionalmente), mas também na linguagem do cotidiano, proporcionando um uso mais expressivo da linguagem. Segundo Abreu (2010: 51), o uso da metáfora “acrescenta um aspecto emocional àquilo que falamos, ao trabalhar com imagens, potencializando a comunicação”. Ainda segundo o autor, quando alguém diz que está “quebrado” ao invés de dizer que está “exausto”, transmite uma mensagem emocional mais intensa ao seu interlocutor.

1.2 Metáfora com função argumentativa

O estudo da metáfora em diferentes contextos, enquanto processo cognitivo, demonstrou sua manifestação como um recurso argumentativo de grande potencial, o que nos remeteria, a princípio, à arte retórica (especialmente focada no discurso político). Mais que uma técnica de linguagem, no entanto, a metáfora mostra-se eficaz do ponto de vista discursivo, da interação entre Falante e Ouvinte, revelando que a argumentação não se realiza apenas com base na razão (com argumentos lógicos e concretos), mas também na emoção. É especialmente por essa via que a metáfora atua como um recurso argumentativo: ao evocar em seu interlocutor experiências, emoções e conceptualizações próprias, através da construção dos argumentos, o enunciador aumenta as chances de adesão aos seus propósitos (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005) e, conseqüentemente, de convencimento.

Muitas vezes, a persuasão se dá justamente por emocionar, e não por fazer raciocinar. É o sentimento que a metáfora causa no interlocutor (por sua expressividade, intensidade) que o faz agir como espera o outro ou se convencer do seu discurso. A seguir, um exemplo em que se verifica a associação metafórica entre a política brasileira e o carnaval:

(02) No Brasil, políticos trocam de fantasia sem medo do ridículo. Neste ano, a moda são os liberais disfarçados e

socialistas, mas o enredo é sempre o mesmo. (VEJA, Ed. 2207, março/2011, p. 40-47)

A partir da teoria da IC, é possível reconhecer, no *input* 1, o cenário da política (partidos políticos; políticos que devem zelar pelo bem da nação; discursos políticos; leis...); no *input* 2, o do carnaval (festa do povo; espaço para brincadeiras; fantasias; música/enredos; liberdade/ausência de regras...). A integração conceptual que resulta do mapeamento entre esses inputs explicita uma realidade da política brasileira²³² que a revista quer não apenas informar ao seu leitor, mas para a qual também espera despertar sua atenção e indignação. Entender a “política” a partir da experiência/conceptualização que se tem de “carnaval” seria reconhecer, mais concretamente, a gravidade dessa realidade.

No discurso da propaganda também é bastante presente o uso de metáforas que participam da rede argumentativa do texto:

(03) Potência, robustez e taxa zero para ninguém sair quebrado de uma aventura. (Propaganda *Ford Ecosport*, VEJA, Ed. 2207, março/2011, p.6-7)

Nesse caso, a expressão “sair quebrado”, cujo sentido literal resulta de uma experiência primária (machucar-se em alguma aventura), é usada metaforicamente para se referir a problemas financeiros. Tem-se a integração das conseqüências de se “quebrar” (sofrimento, não poder sair, ter várias limitações, etc...) a um contexto em que se esteja sem dinheiro. Na propaganda, devido às boas condições de pagamento, ninguém terá problemas financeiros (sairá quebrado) comprando o produto anunciado.

1.3 Metáfora com função didática

Neste trabalho, tem-se o objetivo de discutir, com maior atenção, o papel da metáfora como um recurso didático. Considerando-se a essência da metáfora, que é

²³² A troca descarada de partidos pelos políticos que, apesar do discurso sempre em favor do povo, visam apenas a interesses próprios.

“entender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff e Johnson, 1980)²³³, pode-se dizer que sua função didática está ligada, fundamentalmente, à sua própria essência. Porém, é interessante observar que, nesse contexto, tem-se uma mudança de perspectiva: um enunciador utiliza um conhecimento (ou experiência) comum ao seu interlocutor, explicitando-o, de maneira a fazê-lo compreender a informação que pretende transmitir. Por exemplo, num contexto em que o pai quisesse chamar a atenção do seu filho para a necessidade de se empenhar mais nos estudos (estudar em casa, fazer exercícios para apreender os conceitos, tirar dúvidas...), poderia dizer: “*Filho, estudar é como aprender a andar de bicicleta. É preciso se dedicar, insistir*”. A partir de uma experiência concreta do filho, o pai tenta transmitir seu ensinamento. Isso torna sua fala mais didática e promove maior chance de o filho compreender o que está tentando dizer (e, de fato, reconhecer a necessidade do seu esforço). Dessa forma, a metáfora pode ser vista como um recurso didático, fundamentalmente de natureza conceitual, ligado às relações interpessoais.

A partir dessas noções, pretende-se considerar a função didática da metáfora em textos de divulgação científica, veiculados pelas revistas Pesquisa/FAPESP, Superinteressante e Galileu. Passemos agora a algumas considerações sobre esse gênero textual, cujo principal objetivo principal é a popularização da ciência.

2. O gênero “divulgação científica”

Considerar a natureza do gênero discursivo em que se observa um determinado fenômeno – em nosso caso, a metáfora – pressupõe também uma análise de questões linguísticas, sócio-culturais e funcionais, de maneira geral (Marcuschi, 2008). Essa interação entre diversos fatores comprova, pois, a complexidade das relações que se estabelecem nas manifestações do homem.

O gênero *divulgação científica* pode ser considerado um gênero híbrido (Cavalcante Filho, 2010) por comportar, de um modo geral, características do discurso

²³³ No original: “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another.”

científico (tendo em vista o conteúdo) e do discurso jornalístico (tendo em vista o objetivo de informar). No entanto, constitui-se um gênero discursivo próprio, e não o que se poderia dizer uma “simplificação” do discurso científico. Segundo Marcuschi (2008: 150), “cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação”. Embora o autor considere a funcionalidade como a principal determinante de um gênero discursivo, reconhece que também aspectos formais (conteúdo, organização linguística, estratégias textuais...) compõem sua caracterização.

Considerando-se as revistas de divulgação científica sob análise neste trabalho, pode-se dizer que se organizam num *continuum* entre o domínio científico e o domínio jornalístico (Figura 2):

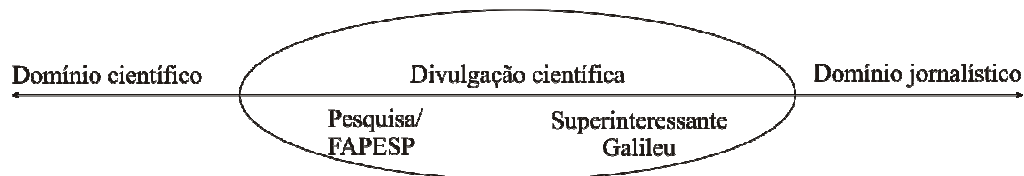


Figura 2: Continuum dos gêneros de divulgação científica

A revista Pesquisa/FAPESP estaria mais próxima do domínio científico²³⁴, tendo em vista a presença também de conteúdos mais específicos, nem sempre frequentes no cotidiano das pessoas; pode-se dizer que a linguagem nesta revista é acessível, embora tenda a um registro mais formal. As revistas Superinteressante e Galileu, por outro lado, estariam mais próximas da esfera jornalística, cujo objetivo é levar informação (neste caso, relacionada à ciência) a um maior número possível de pessoas (um público leitor leigo, mais generalizado e abrangente); a linguagem é mais próxima e familiar ao cotidiano do leitor, e é especialmente nesse contexto que as metáforas entram como um recurso didático, facilitando compreensão de conceitos e o acesso ao conhecimento divulgado. Metáforas, comparações, analogias, etc., apresentam-se como recursos bastante frequentes em textos de divulgação científica (aparecendo nas três revistas do *corpus*), justamente por aproximarem o público leitor. A objetividade – uma característica marcante do discurso científico – passa a dividir o espaço com

²³⁴ Considere-se o domínio científico o campo da pesquisa, propriamente, das revistas científicas especializadas, cujo público alvo seriam pesquisadores e estudiosos de áreas similares.

elementos/recursos mais subjetivos, tendo em vista a necessidade de conquistar o público leitor.

Com base nestas considerações, é possível dizer esse gênero textual funciona como um atrator, nos termos de Bybee (2010), motivando certos fenômenos, neste caso, o uso das metáforas. A necessidade de tornar acessível o conhecimento “atrai” o uso deste recurso (primariamente de natureza cognitiva, conceitual).

3. Metáforas como recurso didático em textos de divulgação científica: um estudo de sua aplicação nas revistas Pesquisa/FAPESP, Galileu e Superinteressante

A partir da teoria da Integração Conceptual proposta por Fauconnier e Turner (2002), pretende-se discutir, nesta seção, de que maneira as metáforas do *corpus* se constroem, dos pontos de vista cognitivo e interdiscursivo. A aplicação da metáfora enquanto recurso didático, a princípio, pode parecer redundante, tendo em vista que a essência deste processo, como já dito, é entender uma coisa em termos de outra da qual se tem maior domínio (ou seja, facilitar a compreensão). Contudo, é interessante ressaltar que o fenômeno tem sido considerado não da perspectiva da conceptualização de X, mas de como X compõe/utiliza uma metáfora para fazer Y compreender algo.

(04) Numa infecção, os linfócitos B migram do sangue para órgãos linfoides como as amígdalas ou os linfonodos da axila. Ali se agrupam no chamado centro germinativo, onde há alta concentração de pedaços dos agentes infecciosos (antígenos) presos à superfície de outras células do sistema imune, as células dendríticas foliculares, além de linfócitos T recrutados por esses antígenos. Nesses centros os linfócitos B inserem alterações aleatórias nos genes que codificam os anticorpos e geram células com genoma diferente do das demais células do corpo. A maioria das células mutantes é menos eficiente que o linfócito B original, mas umas poucas se tornam altamente eficazes e são selecionadas para produzir anticorpos. Nesse sentido, *os centros germinativos são como bibliotecas*: guardam grande quantidade

de informação que pode estimular e aperfeiçoar habilidades ou propagar dados após uma sugestão instigadora. “É ali que os anticorpos evoluem em tempo real e permitem responder a patógenos com ciclo evolutivo mais rápido que o nosso”, explica Victora. “Sem isso, sempre perderíamos a corrida evolutiva contra as infecções.” (Pesquisa/FAPESP, Ed. 179, janeiro/2011)

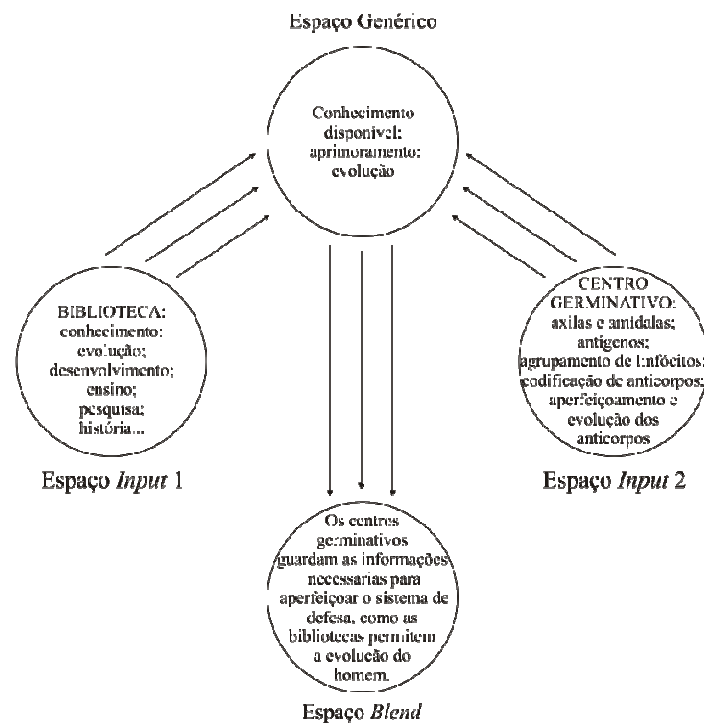


Figura 3: Metáfora “os centros germinativos são bibliotecas”

Neste exemplo, tem-se no *input 1* a ativação de um conhecimento de mundo acerca do que é uma *biblioteca*: é onde se guardam livros – o conhecimento cultural, histórico e científico que permite ao homem pesquisar, se desenvolver, evoluir, melhorar; no *input 2*, tem-se um conteúdo específico, do qual são projetados elementos que estabelecem uma relação com o *input 1*, já conhecido do interlocutor. Assim, torna-se mais fácil compreender que os “*centros germinativos*” são lugares onde se localizam células do sistema imunológico que guardam informações sobre infecções e antígenos (como “livros”), eficazes na produção de anticorpos (e cujo “conhecimento” possibilita o aperfeiçoamento e a evolução do sistema imunológico).

(05) No Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), Aline e um grupo restrito de pessoas – cerca de três a cada mês – passam por uma terapia chamada dessensibilização, que tenta *domar* a resposta disparada pelo sistema de defesa contra componentes dos alimentos. Como em outras alergias, o sistema imune de quem tem hipersensibilidade a algum alimento costuma *reagir de modo exagerado*, provocando sinais que vão de uma incômoda coceira na pele ou um ruidoso ataque de espirros a dores abdominais. (Pesquisa/FAPESP, Ed. 186, agosto/2011)

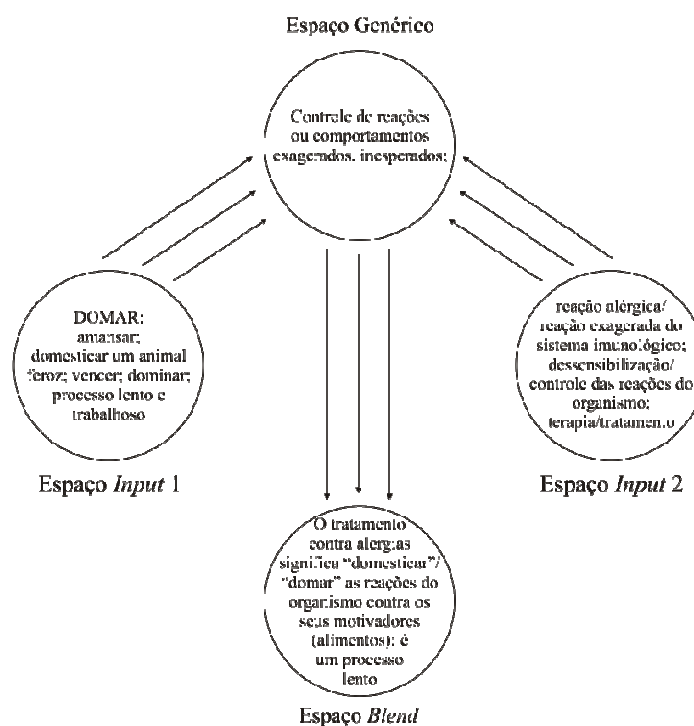


Figura 4: Metáfora “domar o sistema de defesa do organismo”

Neste exemplo, ao contrário de (05), o conteúdo se revela mais frequente e comum no cotidiano das pessoas: alergia a alimentos. Ao trazer informações sobre um tratamento para o problema, é utilizada a metáfora “domar o sistema de defesa do organismo”. O tratamento de dessensibilização é visto como o processo de amansar um animal feroz (as reações do organismo): um processo trabalhoso e lento, mas que pode ter bons resultados.

(06) Não é fantasia. O próprio Watson pode servir para tarefas bem mais humanas que responder perguntas. Programado adequadamente, ele pode fazer diagnósticos com mais precisão que um médico - da mesma forma que uma calculadora de bolso é mais rápida que qualquer gênio da matemática.

(...)

O erro nessas horas é imaginar que as máquinas são uma espécie à parte. *Computadores são só alicates e martelos mais complexos.* E quando você marreta o dedo não é culpa da natureza do martelo, mas sua, que não soube "programar" a martelada. A vida é melhor com martelos. Com supercomputadores também. A vitória de um é uma vitória da humanidade. E sempre será, mesmo no dia em que uma máquina puder escrever um texto como este bem melhor do que a gente. (Superinteressante, Ed. 290, abril/2011)

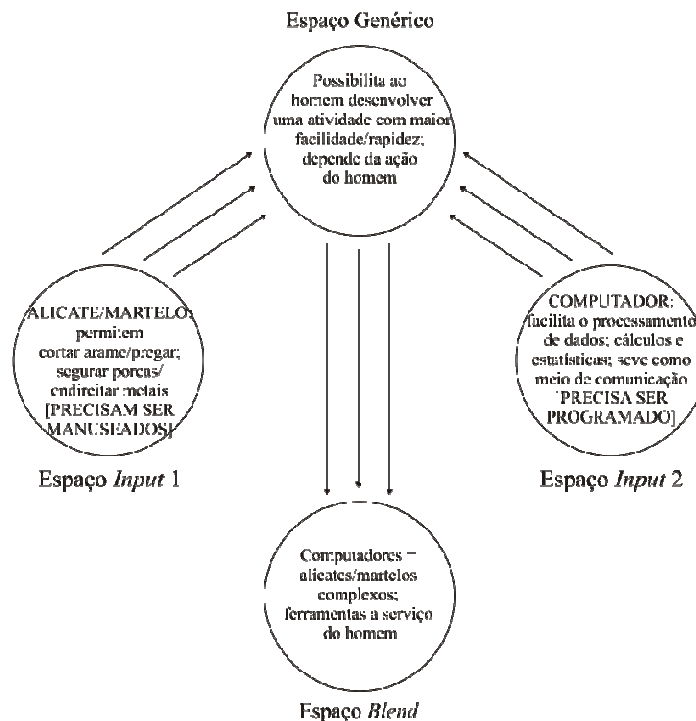


Figura 5: Metáfora “computadores são alicates e martelos modernos”

Neste exemplo, verifica-se o mapeamento entre um domínio tecnológico mais abstrato (computação, inteligência artificial) e um domínio de ferramentas concretas (martelos, alicates) comuns ao cotidiano das pessoas. Pelo processo de IC, são selecionados dos inputs alguns elementos que motivam a construção da metáfora, destacando-se a (1) dependência que tanto computadores quanto martelos têm da ação do homem (tendo em vista uma possível preocupação de as máquinas tornarem-se “independentes” com o desenvolvimento da inteligência artificial) e (2) a importância destas ferramentas na vida do homem, tendo em vista que possibilitam a realização de diversas tarefas de maneira mais fácil e rápida.

(07) Filas gigantescas, ingressos caríssimos. E, quando chega a hora do show, a qualidade do som muitas vezes decepciona, principalmente para quem quer ouvir o vocalista lá do finalzinho da pista. Isso acontece porque *o som consegue viajar somente uma determinada distância no ar*. Frequências mais altas, como guitarra e vocal, se tornam difíceis de ouvir. Pensando nisso, o pesquisador da Universidade Tecnológica da Dinamarca, Jacob Eg Larsen, desenvolveu um aplicativo de celular que transforma seu aparelho numa caixa de som particular e melhora a experiência sonora em shows ao ar livre. (Galileu, Ed. 168, maio/2011)

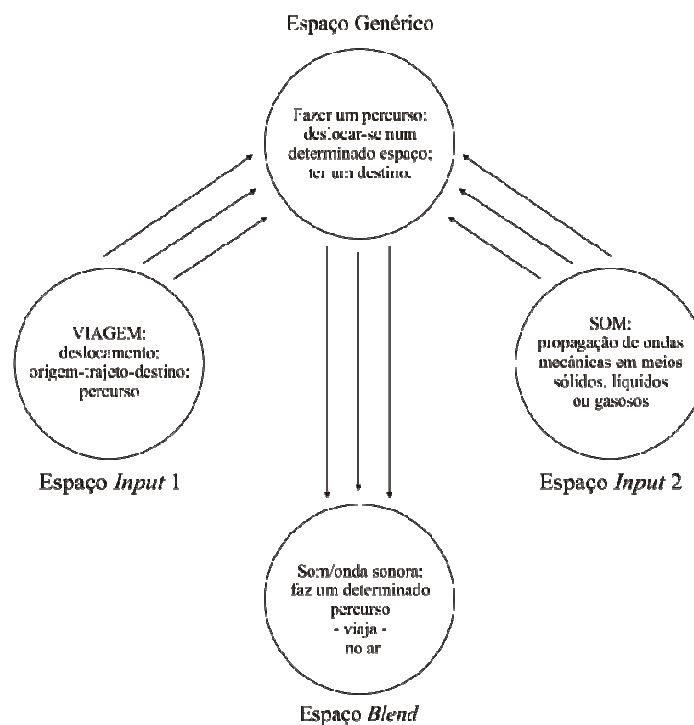


Figura 4: Metáfora “o som viaja no ar”

A partir de uma situação bastante comum a qualquer pessoa – ir a um show e, dependendo de onde estiver, ter dificuldades em ouvir a banda – procura-se divulgar o desenvolvimento de um aplicativo para celulares, cujo objetivo seria resolver esse problema. O enunciador utiliza metaforicamente o verbo “viajar” para explicar a causa do problema: o som se propaga a uma distância limitada no ar. Tendo em vista a experiência básica de *locomoção* (deslocar-se de um ponto de origem, fazer um percurso e chegar a um destino), torna-se bem mais fácil a compreensão do contexto.

Do ponto de vista cognitivo, é possível perceber que o processo de Integração Conceptual explica, de maneira bastante satisfatória, a maneira como se constroem as metáforas utilizadas no contexto de divulgação científica: o estabelecimento de mapeamentos entre domínios conhecidos (*input 1*) e domínios desconhecidos (*input 2*), bem como a projeção seletiva de elementos desses domínios, favorecem a compreensão da informação divulgada, ainda que não seja comum ao cotidiano do leitor (uma vez que integra, conceptualmente, experiências e conhecimentos que ele já possui). Isso comprova, de fato, a natureza da metáfora enquanto um recurso cognitivo. Em termos interdiscursivos, o uso das metáforas aproxima o leitor (num contexto que poderia torná-lo receoso), trazendo para o texto algo que ele já conhece.

4. Considerações finais

Sendo a metáfora não apenas um recurso de linguagem, mas também um processo pelo qual o homem conceptualiza, compreende e interage com o mundo, foi possível perceber que pode assumir diversas funções, entre elas estética, argumentativa e didática. No caso da função didática – foco deste trabalho – verificou-se que o uso da metáfora no contexto de divulgação científica é bastante recorrente e produtivo, tendo em vista que possibilita a compreensão de conceitos dos quais o leitor não tem domínio, a partir de experiências e conhecimentos que já possui.

Acredita-se que a função discursiva da metáfora enquanto recurso didático é promover, fundamentalmente, a acessibilidade do conhecimento. Falar em termos metafóricos não significa, necessariamente, falar de conceitos mais fáceis, mas sim, tornar mais fácil a compreensão de um conceito, o que é bastante necessário quando se consideram – em especial – os conteúdos relacionados a teorias e descobertas científicas.

Referências Bibliográficas

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva: Uma visão geral e aplicada*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAVALCANTE FILHO, Urbano. Da ciência à divulgação científica: natureza e funcionalidade do discurso. *Cadernos do CNLF*, v. XIV, n. 2, t. 1, 2010.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think*. Conceptual Blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

GRADY, Joseph E.; OAKLEY, Todd; COULSON, Seana. Blending and Metaphor. In: STEEN, Gerard, GIBBS, Raymond. (ed.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999. Disponível em: <http://cogweb.ucla.edu/CogSci/Grady_99.html> Acesso em: Maio/2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University Press, 1980.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Gen-Meta: a hybrid reasoning and data-oriented approach to generating metaphor

Andrew Gargett²³⁵
andrew.gargett@uaeu.ac.ae
John Barnden²³⁶
j.a.barnden@cs.bham.ac.uk

ABSTRACT

There is currently a recognisable body of research on the understanding of metaphor in natural language. Yet, the generation of metaphor is relatively under-researched at present, with basic questions being still very much open. Given the ubiquity of figurative language in everyday discourse (e.g. Lakoff & Johnson 1980), then any system designed to generate language in as naturalistic a way as possible should be capable of employing metaphorical forms of expression. Yet, we are still far from an adequate solution of how to properly generate metaphor, especially in a way that is contextually appropriate, as humans do all the time when communicating with one another.

We propose a novel combination of generation and metaphor modelling solutions. For metaphor modelling, we employ Barnden's ATT-Meta approach, an AI system for modelling metaphor as reasoning-by-simulation (e.g. Barnden 2009). While ATT-Meta has until now been used for metaphor *understanding*, it turns out to be fairly straightforward to extend it to *generation*, due to a novel feature of the system, namely its ability to transfer information in reverse from target-to-source, as well as in the more usual source-to-target direction. The reversed transfer is held to be crucial for the understanding of some metaphor, but can be adapted also for generation. Here we report our initial investigations into generating metaphor by bolting a Natural Language Generation (NLG) system front-end onto ATT-Meta. Our approach to NLG is in line with a growing body of corpus-driven research (e.g. Deignan 2008), which is concerned with investigating the use of metaphor as a core feature of human discourse and communication (see also Cameron 2008). After considering the relative limitations in current work on data-oriented vs. inference-based approaches to modelling metaphor, we propose a way of combining the reasoning capabilities of ATT-Meta with the coverage of data-driven methods for generating metaphor. The result potentially increases coverage of the patterns of the uses of metaphor in talk, as well as enabling ATT-Meta's forms of reasoning to be adjusted in a contextually sensitive way to the nuances of such talk.

KEYWORDS: metaphor; generation; ATT-Meta; dialogue.

²³⁵ United Arab Emirates University, Al Ain, Abu Dhabi, U.A.E.
²³⁶ Birmingham University, Birmingham, U.K.

1. Introduction

Working out why a speaker might choose to use metaphor is very much an open question. The related question of why, after having decided to express things metaphorically, a speaker may choose one metaphorical expression over another is perhaps a slightly more tractable problem, although still one that which is very much open. And it is by way of attempting to answer the latter, more tractable question that we have been exploring ways of meeting the challenge of generating metaphor.

In this paper, we propose an approach to metaphor generation which uniquely combines reasoning with data-oriented techniques, which has the potential to account not only for more conventional forms of metaphorical expression, but also novel extensions to established forms of metaphor. We are currently working toward a proof-of-concept system, providing a natural language generation (NLG) front-end for a state-of-the-art metaphor processing framework, ATT-Meta (Barnden 2009). We aim to extend ATT-Meta with up-to-date corpus-driven methods for discovering and incorporating patterns of metaphorical expression from corpora, thereby conveniently increasing the coverage of our system. For this initial stage, our modest aim was to bolt an off-the-shelf generation system, the one provided with the OpenCCG distribution, onto ATT-Meta, which enabled a detailed investigation of the requirements of our approach to combining approaches to metaphor and NLG. In this way, we discovered various issues and problems which we report here. Along the way we also suggest some solutions for proceeding to the next stage of our project.

2. Natural Language Generation (NLG)

2.1 Overview

Producing an utterance in a natural language involves an extensive set of choices. Consider how to one might go about accomplishing a transactional activity such as buying a bottle of milk at a checkout in a local shop. Having walked up to the checkout counter, with the bottle of milk in hand, there arises a need to say something in order to succeed with the purchase. What happens next is typically modeled computationally, for example in NLG, as coordinating both what to say, as well as how

to actually say it. Regarding the content, i.e. what to say, one might begin formulating thoughts or ideas relevant to expressing a desire within a purchasing domain, so that arriving at something that expresses a desire to purchase milk would be sufficient. Regarding how to say it, there are some relatively high level decisions to make about the required discourse, such as deciding whether to present the desire for purchasing milk as a statement or request, with a request perhaps being the canonical means for this. Having decided on sentential type, choices about individual lexical items may then be attended to, in order to resolve any referring expressions (e.g. *the milk*), as well as selecting relevant lexical items, like *can*, *I* and *have*. Further, there are a range of other issues to be considered, such as levels of formality, politeness, etc. So hitting the right degree of formality, or even colloquiality is important, and if you were, for instance, in Australia, this might be achieved by simply saying: *Hi. Just the milk thanks mate.*

As Dale and Reiter (2000) point out, there are two standard approaches to modeling such decision-making. On the one hand, rather like a pipeline, questions about what to say might be addressed before others about how to say it, leading first to discourse- and sentence-planning, then to resolving referring expressions, and finally to surface realisation such as lexical selection and the like. On the other hand, generating a request to buy some milk could be thought of as the outcome of applying many different constraints on content (must be from a purchasing domain, specifically exchange of money for goods), discourse structure (must be a request), forms of referring expressions (*milk*, *it*, etc), the relevant lexical items (e.g. *milk*), and finally surface form (specific grammatical requirements, like word order, tense, aspect, mood, etc). Dale and Reiter point out that the set of constraints could be sent to a general reasoning module (e.g. a theorem-prover) to come up with an answer maximally satisfying the constraint set.

These two scenarios perhaps represent the extremes, from pipelines to lists of constraints, of models that have been put forward in Natural Language Generation (NLG), the study of the use of computational techniques for adequately generating strings of natural language, from deciding what to say (the basic content of the utterance), through to determining how to say it (including resolving forms of reference, planning discourse structure, realising the surface linguistic forms). NLG tackles directly the modeling the choices that go into producing an utterance, from planning the content of an utterance, and discourse structure, to deciding how to resolve forms of reference, lexical selection, and realising surface linguistic forms.

In terms of how any particular approach to producing a string of natural language might be implemented, NLG can be categorised as being of three broad kinds (e.g. Lemon 2011):

- Templates, where the objective is to generate according to predefined slots within a template structure, apparently the industry standard.
- Pipelines, where indeed each step, from planning content through to realising surface content, might be modelled as a point along the way where a decision has to be made about what to say or how to say it, and each of these stages contributes to a sort of production line, aimed at producing the final outputted natural language string (see Dale & Reiter 2000 for comprehensive coverage of this).
- Trainable modules, which can learn to adapt to particular domains and/or users (Lemon 2011).

While the second approach best describes the initial phase of our work, it is the third approach which most closely characterises how we plan to proceed in future work (details later).

For the initial phase reported here, we have put together a model which steers a path between, on the one hand, a set of approaches within NLG described by Jacobs (1987) as “knowledge intensive” NLG, which provide metaphorical extension through inferential processing, and on the other hand, more data-oriented approaches, which are crucial for modelling the wide variety of forms that are available for expressing oneself metaphorically.

2.2 Data-oriented approaches to NLG

A key aim of our approach is to produce texts that reflect patterns of metaphorical expression found in corpora, in order to arrive at output more directly reflecting actual language use. One strategy for producing naturalistic text in NLG is to adopt a *data-oriented* perspective of some kind. Of course, much (if not all) NLG takes into account data in some fashion or other. For us then, *data-oriented* NLG is more

specifically any approach to generating natural language which directly incorporates actual patterns of expression found within corpora, using statistical and/or other techniques to make such selections. Thus, statistical NLG (SNLG) approaches directly deal with the so-called “knowledge bottleneck” (Langkilde 2000), tackling the immense amount of (lexical, morphological, syntactical, etc) knowledge required to generate natural language, by employing statistical models based on large-scale corpora.

Alternatively, data-oriented NLG approaches have also used instance-based reasoning. For example, Varges and Mellish's (2010) instance-based NLG (IBNLG) approach employs a base of instances, or exemplars, drawn from an annotated corpus as a store of generation candidates, with an optimal candidate selected through a ranking procedure. The advantage over SNLG approaches, from our perspective, is that IBNLG involves (re)using actual instances from corpus data that have been previously encountered, rather than selection being mediated by an abstract statistical model. Since one of our main objectives is for coverage of typical, or even formulaic, forms of metaphorical expression, then with this purpose in mind, it would be relatively straightforward to extend the IBNLG mechanism for reusing specific patterns.

2.3 Data-oriented approaches to metaphor

As mentioned above, we are also interested in incorporating corpus studies of metaphor within our approach. Such an approach seems justified by recent evidence across a range of languages and cultures, people typically employ formulaic language when expressing all kinds of figurative language such as metaphor (e.g. Dobrovolskij & Piirainen 2011). Two previous approaches which have guided our initial exploration of this area are those by Deignan (2008) and Cameron (2008).

Deignan (2008) prefers a corpus-driven rather than corpus-based approach to modelling metaphor. The advantage of corpus-driven work is that it may evoke taxonomies determined from the corpora concerned, while corpus-based work may tend to employ inadequate taxonomies derived from prior work on some other, potentially quite distinct corpus. However, as Deignan (2008:282) herself points out, many corpus-driven studies of metaphor, tend to start “by necessity... with some sort of working

hypothesis, but this is explored and tested through the data rather than being preimposed on them.”

Of some relevance to our work, Cameron (2008) presents interesting corpus evidence of how metaphor may be tuned during actual interaction between speakers. Cameron relates the use of metaphor tuning during reconciliation talks between offenders and victims (within the context of acts of terrorism), in particular the way in which a victim increases the impact of their contribution during mediated discussion with an offender, by employing metaphor in an extended description of the effect on their personal lives of the offender's actions. Now, an incremental approach to generation, such as the one we are pursuing, opens up the potential for a speaker to heighten the emotional impact of their speech by choosing whether to extend specific metaphors, based on their ongoing monitoring of a hearer's reactions. This is an area we are very much interested in pursuing in future work.

We consider below some role for data-oriented approaches to NLG in the context of metaphor production. Ultimately, we will be aiming for an optimal balance of rule-based/inferential techniques with data-driven modelling, and we discuss our initial efforts to strike the right balance in Section 4 below.

3 Generating metaphor

3.1 Overview

A key issue in NLG is the problem of building models that produce expressions that are in some sense “more natural”. So being able to generate a phenomenon as ubiquitous in everyday human communication as metaphor (e.g. Lakoff & Johnson 1980, Cameron 2008) should then be a priority within NLG, one would think. Yet, while there is currently a recognisable body of research on the understanding of metaphor in natural language, from more rule-based approaches (e.g. Martin 1988), to work on automatic recognition (e.g. Shutova 2010), relatively much less research has been devoted to generating metaphor (Horvas et al. 2007). Modelling the understanding of metaphorical expressions (in a particular context) continues to present difficult implementation issues (apparently requiring solutions to substantial parts of core artificial intelligence), and essentially the same issues are faced by NLG researchers. While the direction of modelling for understanding is from concrete words to

representation of the meaning of those words, the direction of modelling for generation is the other way round, from meanings (content) to the words used to express those meanings. One consequence of this is that much NLG research has left aside the thorny issue of generating content itself, by assuming such content to be given, thereby allowing the focus to be instead on how to realise such content in actual linguistics strings, typically decomposed into a series of sub-tasks, including resolving referring expressions, choosing appropriate lexical items, and other aspects of the surface linguistic form. In contrast to this way of approaching generation, modeling metaphor is very much about modelling the representation and processing of content.

Now, the task of generating metaphor faces the issue of modelling the decision to speak metaphorically. A first take on this might consider that opting to metaphorically express an idea implies a person has strategically chosen this form of expression for a specific context as more suitable over another, perhaps simpler form (e.g. consider the complexities concerning the use of metaphor in emotionally charged encounters, such as reported in Cameron 2008). While, there are no current NLG systems that can generate metaphor in a way that is contextually appropriate, as humans do all the time when communicating with one another, there have been a variety of past attempts at generating metaphor, of varying degrees of complexity and comprehensiveness. Past approaches to metaphor generation range from those focusing on rule- or constraint-based methods (e.g. Jacobs 1987, Martin 1988, Jones 1992, Su & Zhou 2005, Hervas et al. 2007), to more recent data-intensive methods (e.g. Abe et al. 2006, Veale & Hao 2007, Terai & Nakagawa 2009). We will discuss each of these in turn.

3.2 Inferential approaches to modelling metaphor

3.2.1 MIDAS

Martin's (1988) “computational theory of metaphor” yielded the MIDAS system, with the capacity to both understand and generate metaphors in a specific domain, namely those having to do with the operating system UNIX. Examples include (Martin 1988: 189):

- (1) How can I *get into* mail?

- (2) How can I *get out of* emacs?
- (3) How can I *kill* a file?

All of the italicised items are metaphorical in these contexts, where a direct reading of the verbs involved, *get into*, *get out of*, or *kill*, would not make sense in these examples, e.g. *killing a file* here cannot mean, directly, ending the life of something that is alive, but it can mean, less directly, ending a computer process, and even deleting some item of information stored on a computer. The idea implemented by MIDAS is that many such metaphors are largely conventional (Lakoff & Johnson 1980), in that they reflect larger conceptual classes of which they are members (other examples being **Argument-Is-War**, **Time-Is-Money**). MIDAS stores such conventional metaphors in its lexicon, this being an instance of a knowledge-rich approach to metaphor processing, whereby understanding a particular (conventional) metaphor is largely a matter of being able to access the entry for that metaphor.

MIDAS is specialised to processing and producing metaphorical expressions in a specific domain. Fass (1991) points out that while MIDAS is apparently over-specialised to the domain, incorporating conventional metaphors like **Is-At-Variable-Value**, which may have been “added to MIDAS especially for interpreting particular sentences”, but that nevertheless the coverage of MIDAS is certainly impressive. Since MIDAS, there have been few knowledge-rich approaches which have led to substantial increase in coverage. Here, as elsewhere in NLG, how to model content adequately has proved to be the chief bottleneck in making progress.

3.2.2 ATT-Meta

Our approach to metaphor employs Barnden's ATT-Meta system, a state-of-the-art AI system for modelling metaphor as reasoning-by-simulation (e.g. Barnden 2008, 2009). This form of reasoning employed by ATT-Meta is “arguably often necessary for metaphor interpretation”, so the aspects of a metaphorical expression like *How do I get out of emacs?* which are clearly not about reality (specifically, exiting a computer program is not a process on a par with exiting some actual physical space, as in *How do I get out of this house?*), are dealt with in a distinct mental space, a so-called

metaphorical pretence cocoon²³⁷, wherein “such propositions and inferences arising about them are kept aside from propositions and reasoning about reality” (Barnden 2008: 320).

While ATT-Meta has until now been used for metaphor understanding, it turns out to be fairly straightforward to extend it to generation, due to a novel feature of the system, namely its ability to transfer information from target-to-source, as well as in the more usual source-to-target direction. The reversed transfer is held to be crucial for the understanding of some metaphor, but can be adapted also for generation. As we noted above, while in its day, MIDAS represented an innovation, it was somewhat specialised to the task it was built for, whereas ATT-Meta presents a number of interesting features allowing greater generalisation, yet at the same time it retains a certain specificity in its operation which provides a basis for contextualised reasoning.

While ATT-Meta's reverse use of mappings can readily be deployed as a part of the process of generating metaphorical utterances, we need some way of causing a reverse use to happen, bearing in mind that ATT-Meta works entirely by **backward-chaining reasoning**, or goal-directed reasoning, i.e. a form of AI reasoning which works backwards from a goal formulated as a query about whether something holds, checking the query against known propositions, with additional sub-queries being formulated as needed. This form of reasoning is commonly used in rule-based systems, such as ATT-Meta. For example, a rule held within the system might be that if someone is a student, then they are poor (example taken from Barnden 2008), so that a query about whether Bob is a student might lead to a sub-query about whether Bob is poor.

Now, given this use of backward-chaining reasoning, then we need either to add a forward-chaining capability to ATT-Meta (so that, given a reality-space representation, reasoning would step forwards into the pretences space²³⁸ across a mapping), or to emulate such forward chaining by constructing a certain type of rule of the following intuitive form:

(R1) IF reality situation X corresponds to pretence situation Y, and Y holds THEN
can-state(Y).

where X and Y are variables. Here we are helped by a distinctive feature of ATT-Meta

²³⁷ What might also be termed a **pretence space**, in contrast to a reality space.
²³⁸ Where ATT-Meta reasons about a source scenario in its own terms.

mappings, in that they have the form:

(R2) IF guard-condition G holds THEN real-U corresponds to pretend-V.

Thus, rule (R1) would only pick up those mappings whose guard conditions are satisfied. Then crucial to understanding the claim that *Bill has a cold*, would require presuming a cold as a physical, and hence possessable, object, permitting only mappings whose guards (antecedents in these conditional rule forms) are satisfied by that presumption.

Let's consider an example wherein utterances of the kind (i) *Bill has a cold* or (ii) *Bill gave Bob a cold*, are regarded as expressing the metaphorical notion of a cold as a physical thing. Só, in ATT-Meta terms, utterances (i) and (ii) might be represented, respectively, as follows:²³⁹

(Ex1) *Bill has a cold* → the_episode(being_infected, john, johncold)

(Ex2) *Bill gave Bob a cold* → the_episode(transfer, bill, bob, billcold)

Regarding terminology, “the_episode” refers to an instance of some general event, labelled here as a “being_infected”, and the phrase “billcold” being an abbreviation for possession of a cold. Now, since our task is generation, let's focus on the right-hand side of (Ex1) and (Ex2). Assuming, as already mentioned above, that someone's cold can be regarded as a physical object, then only those mappings whose guards are satisfied by that condition will be picked up. Moreover, the satisfaction of the guard is relative to specific entities and facts, so the satisfaction of the guard causes, for example, some very specific instance of a mapping to hold, rather than having this hold of anyone's cold. So, John's having his cold is deemed to correspond to John's physically-possessing his cold (as in (Ex1) above). Thus, rule (R1), by the very fact of picking up on such specific mappings instances, will already at least partially instantiate Y to that specific situation.

We have already started to work on including rules such as (R1), but there are significant technical difficulties, resulting from the fact that ATT-Meta has a way of dynamically based open-endedly generating variants of mappings (see discussion of so-

²³⁹ We have suppressed some additional information which the ATT-Meta system also represents, such as time.

called view neutral mappings in Barnden 2008). There is a danger, therefore, that (R1) would cause prolific over-generation, and in future work we will address this problem more directly.

3.3 Data-driven approaches to modelling metaphor: Sardonicus

More data-intensive approaches require modelling patterns of actual metaphor usage from corpora. Veale and Hao (2007) present a way of mining the world-wide web in order to process and generate “apt” metaphors. Their approach involves finding metaphorical expressions based on the grammatical markedness of similes, and having found metaphors expressed using relatively simple similes, such as **T[enor] is as P[property] as [a] V[ehicle]**, from these can be extracted information about the target and sources involved (e.g. that **P** is both a salient aspect of **T**, is shared by both **T** and **V**, etc). Mining the web like this provides their system, Sardonicus, with a set of cases from which it can generate metaphorical expressions which are deemed *apt*, perhaps due to their relatively high frequency of occurrence.²⁴⁰ One consequence of this approach is that Sardonicus has effectively two case bases to draw on, one for regular similes, and another for ones which are deemed *ironic* (e.g. *as fruitless as a butcher shop, as pointless as a beach ball*). An interesting problem arises here, as with any kind of data-intensive approach, which is how to determine ironic similes, which clearly have a great deal of creativity involved, and Veale and Hao employ human annotation to solve this, a rather resource-expensive solution.

The generation system employed by Sardonicus is guided by a user. On their approach, the generation task faces the problem that finding a vehicle for a term like *graceful* is potentially an open-ended task (e.g. *as a swan? as an elephant?*), exploding the search space for choosing the most apt metaphor. To deal with this, the search procedure is directed toward a goal, whereby the user specifies a tenor as well as a property to be focused on. However, a purely data-intensive approach has drawbacks regarding coverage, in that it can only generate examples exemplified in its source

²⁴⁰ Note that by using actual cases mined from the web, Veale and Hao are quite close to both the instance-based NLG (IBNLG) approach of Varges and Mellish (2010) mentioned earlier in Section 2.2.

corpus.²⁴¹ Veale and Hao provide an interesting example that will serve to illustrate the problem. Given a tenor such as the expression *Paris Hilton* referring to recent celebrity, the user can direct Sardonicus to generate apt metaphors focusing on the property *skinny*. This means that Sardonicus then has the task of evaluating a range of possible vehicle nouns (e.g. *twig*, *pole*, *rake*, *cadaver*). In order to direct the search, a query is formulated of the form **V-like T**, which could be instantiated as *twig-like Paris Hilton*, and Veale and Hao report that the possible metaphors that are returned through this method include (presented in Sardonicus format, bracketted numbers are counts):

{post(46), pole(42), stick(38), miser(34), stick insect(26)}

In turn, these can be analysed with respect to their properties:

{straight(387), skinny(369), thin(353), slim(204), stiff(20),
scrawny(8)}

However, Sardonicus has no knowledge of Paris Hilton, since it is basically a purely data-intensive approach, lacking more sophisticated reasoning capacities. Indeed, Veale and Hao also report on various ways in which they can supply Sardonicus with additional resources to make up for this limitation, such as hypotheses derived from collocational analysis of large corpora (thereby enabling the system to hypothesise what a noun like *myth* means, based on the words with which it keeps company).

4. Combining inferential and data-oriented approaches to generating metaphor

4.1 Overview

In our review of the literature, we have seen that previous approaches have adopted rule-based methods, as well as data-intensive methods, for generating metaphor, but that seemingly very little work has combined both kinds of approaches for generating metaphor. The case-based approach of Sardonicus seems to be an exception, but here the reasoning modules were rather limited (e.g. simple hypotheses),

²⁴¹ Note that this is something potentially also faced by an IBNLG approach.

and while MIDAS also had some blend of rules with cases, Veale and Hao point out that these were limited to a “small number of highly productive conventional metaphors”.

From our perspective, there is then a gap here to be filled, by a truly hybrid approach to generating metaphor, combining data-intensive methods with a state-of-the-art reasoning module. A key motivation for our approach is the perhaps commonsense presumption that a speakers will be driven to use a specific metaphor by the experiences they have had in expressing similar ideas in the past (or even from things they have heard other speakers say). So not only reasoning, but also the conventional ways of expressing certain ideas, will feed into how a speaker chooses to express their ideas, including those with specific metaphorical content.

4.2 Case study: a front end generator for ATT-Meta

4.2.1 NLG front-end

For our feasibility study of bolting an off-the-shelf generator onto ATT-Meta, we have chosen OpenCCG. This is a well-supported framework that is relatively adaptable to a range of implementation scenarios. OpenCCG is an implementation of Combinatory Categorical Grammar (CCG, e.g. Steedman 1996), distributed as open source. A key advantage of using a framework like OpenCCG is that, since specification of the lexicon and grammar constituting the surface forms is essentially done in a meta-language replicating the CCG formalism, then grammar engineers do not need to refactor code in order to implement the grammatical theory they are testing (although the available OpenCCG distribution is eminently extensible).

As noted already, realisation is the process of choosing the surface form for expressing the desired content. The OpenCCG realiser (White 2005) employs chart-based realisation (Kay 1996), which is the inverse essentially of chart parsing. While chart parsing involves storing partial parsing results in a chart for reuse at later stages in parsing (thereby avoiding having to construct them anew), chart realization can search such a store of candidate strings on the way to realizing the intended content.²⁴²

²⁴² An interesting additional feature of OpenCCG, albeit one we are yet to take advantage of, is the means to set weights in order to rank viable candidates.

4.2.2 Realising ATT-Meta output

In order to interface between ATT-Meta for the purposes of engineering an appropriate grammar within OpenCCG, we need a procedure for transducing the notational system of the former into the latter. The result should be a logical form in OpenCCG. We use the following kinds of transduction procedures for this:²⁴³

(P1) `the_episode(being_infected, john, poss(john,cold), beforehand) □`

`@g1:action(BEING_INFECTED: Predicate, john: Participant1,
johncold: Participant2, beforehand: Time)`

(P2) `the_episode(transfer, john, bill, poss(john,cold), beforehand) □`

`@g1:action(TRANSFER: Predicate, john: ParticipantPosition1, bill:
ParticipantPosition2, johncold: ParticipantPosition3, beforehand: Time)`

This accomplishes simple notational replacement. An additional question is what to do with a resulting form such as:

(P3) `@g1:action(TRANSFER: Predicate, john: ParticipantPosition1, bill:
ParticipantPosition2, johncold: ParticipantPosition3, beforehand: Time)`

The capitalization of the predicate name indicates the issue here – we do not as yet have a specific predicate to aim for in rendering this logical form into a surface linguistic form. Of course what we need is a metaphorical expression, such as *give* or *caught*, as in:

(11) *John gave Bill a cold*

(12) *Bill caught a cold from Bill*

In line with other approaches to modelling metaphor and the like, such as Embodied Construction Grammar (e.g, Feldman 2010), ATT-Meta output expresses

²⁴³ Some explanation of formalism: “@g1:action” encodes an action event type, using hybrid logic notation implemented in this version of CCG. Predicate labels are all typed, so that, e.g., for the general predicate “BEING_INFECTED”, “john” is labelled “Participant1”, which is a type of participant role.

aspects of conceptual meaning, as seen in the examples in this section (as well as Section 2.2). This means that what we are attempting to express, while perhaps formally similar to OpenCCG, goes somewhat beyond linguistic semantic meanings.

4.3 Realising conventionality of figurative language

Now that we have demonstrated an approach to adding an NLG front-end to ATT-Meta, we are in a position to consider how to tackle the other part of our project, the conventionality of figurative language. From the outset we have sought to develop an approach to NLG which covers the patterns of actual use of metaphor. In particular, as with many forms of figurative language, metaphor would seem to be often expressed in highly conventional ways. With respect to this aspect of metaphor, we consider two phenomena which have been flagged within the literature on metaphor: (i) formulaic language (Keysar et al. 2000, Deignan 2008), and (ii) the use of so-called “tuning devices” (Cameron & Deignan 2003).

Keysar et al. (2000) report a series of experiments which they claim calls into question a long-standing proposal in the literature regarding the conventionality of metaphor (e.g. Lakoff & Johnson 1980), and they argue that their results show that conventional expressions are not more likely to instantiate metaphorical mappings than novel expressions. However, Deignan (2008) disputes their findings, specifically targetting assumptions made by Keysar et al. (2000) about what counts as conventional vs. novel expressions. Deignan employs a corpus-driven approach to target the “known unreliability of intuitive judgments in comparison to the examination of naturally occurring data”, and in this way is able to marshal some convincing evidence in support of her position, calling into question the experimental approach of Keysar et al. (2000) on a number of counts. On the one hand, we have some sympathy with the notion that metaphorical language is conventional, while on the other, our own approach would seem to support the suggestion of Keysar et al. (2000) that processing metaphorical language may well involve a substantial degree of inference. While *giving*, *receiving* or *catching*, may well be conventional forms of expressing how diseases may be transferred from one person to another, this conventionality of transferring states of health can be extended to novel situations, even to entities not normally considered to

be susceptible to illness. For example, consider how the idea about the so-called *economic well-being* of a nation might be extended as follows: *Several European countries have caught the recent economic flu that seems to be going around.* It is perhaps arguable that some analogy with bodily states is encouraged through considering more deeply the rather anthropomorphic notion of a nation's *economic well-being*. In line with such apparently mixed phenomena, our own combination of inferential with corpus-oriented approaches to generating metaphor has the potential to capture both the relative conventionality of metaphorical expression, and at the same time its extension through inference.

Cameron and Deignan (2003) examined the use of what they call tuning devices, such as *just*, *like*, and *sort of*, used to modify metaphorical expressions in a fine-grained way, especially for adding emotional color. An interesting finding is that tuning devices are used just as frequently with conventional (or routine) metaphorical expressions as with more deliberately crafted metaphors (and which have a higher degree of novelty). Implementing such an approach for facilitating the emotional coloring of generated metaphor, would require identifying such devices commonly used in some target domain (i.e. the tuning devices used with e.g. metaphors of illness and disease), and deploying these via some suitable reasoning mechanism. Given our approach to combining inferential with corpus-oriented generation of metaphor, we are well-placed to incorporate such linguistic devices.

4.4 Toward strategic generation of metaphors

One of our aims is to replicate not only the patterns of speech which humans employ for metaphorical expression, but also to capture something of the purposes for metaphor in communication. Being able to replicate such behaviour might in fact boost machine performance, rather than degrade it, particularly in situations where metaphorical expression is not only more natural, but could be the most effective and efficient way of solving the problem at hand. Consider the following contrastive examples:

(4) *Bob gave Bill a cold.*

vs.

(5) *Bob infected Bill with a rhinovirus.*

Presuming an informal context, the first example is not only more natural, but arguably simpler by avoiding technical jargon. However, within a similar context, the following are perhaps similarly acceptable as metaphors:

(6) *Bill got his cold from Bob.*

(7) *Bob spread his cold to Bill.*

(8) *Bob passed on his cold to Bill.*

Note that on a more abstract level these are valid alternative expressions of TRANSFER; an important question is then how to choose between such alternatives. On our approach, such choice is informed by corpus work providing evidence for one form of expressions being more common, contextually appropriate, etc, means of expressing TRANSFER.

A range of work has been carried out on the communicative functions of figurative language. Certainly ironic and persuasive communication rely very much on figurative expressions, but so does the expression of emotional meanings. Such formulaic forms of expressing figurative meaning are often more concrete than their non-figurative alternatives. Speaking of being in a *heavy* or *light* mood, rather than *being depressed* or *elated* has an additional emotional impact, largely due to the concreteness of the language used. Its use in reconciliation talk for emotional affect has been detailed by Cameron (2007). Similarly, using a more concrete figurative expression increases the likelihood that the speaker will be understood by their audience, particularly when more abstract, specialised language is an obvious alternative, such as exhibited by the following example (from Lee 2006, emphasis added):

(9) Doctor: What I can do is I can refer you to our Pain Relief Team, who... also have quite a lot of other *avenues* for treatment of pain...

So the word *avenues*, in the context of different treatment plans, fulfills a range of functions, including emotional modulation (perhaps increasing rapport). We can also see similar use of figurative language, when dealing with uncertainty during novel

tasks, such as in the following extended example from the Maze task corpus (Garrod & Anderson 1987):

- (10) A: You know the extreme right, there's one box.
B: Yeah right, the extreme right it's sticking out like a sore thumb.
A: That's where I am.
B: it's like a right indicator.
A: Yes, and where are you?
B: Well I'm er: that right indicator you've got.
A: Yes.
B: The right indicator above that.
A: Yes.
B: If you go along there. You know where the right indicator above yours is?
A: Yes.
B: If you go along to the left: I'm in that box which is like:one, two boxes down.

The Maze task involves one person (say B), guiding another person (A) around a maze configuration on a computer screen. So the *right indicator* concretely describes some maze configuration, and seems to be picked up by both parties (explicitly by B, implicitly by A), as a stable means of referring to this configuration. Note that this use of figurative language to employ concrete terms to cope with novel situations is a potentially distinct, yet important feature of figurative language, to exploit the concreteness of the vehicle terms to *ground* some aspect of the speaker's experience of the immediate situation in a way that would presumably be more readily understandable by the hearer. This leads to metaphor being a key resource for grounding linguistic meanings, an aspect of metaphor that has long been noticed (e.g. Gibbs & Matlock 2008), although the implications of this for dialogue has seldom been studied extensively (see Glucksberg 1989, for a rare exception).

4.5 Summary of results

Our feasibility study of the bolting together of ATT-Meta with an off-the-shelf generation system, OpenCCG, revealed a number of interesting issues that will drive

our project in future stages. Apart from the issue of how to deal with the formulaicity of figurative language in general, and metaphor in particular, there is also the issue of the emotional colouring of metaphor and the like. Finally, we considered the use of metaphor for grounding linguistic meaning, and for future work we are especially interested in examining this role of metaphor in dialogue.

5. Conclusions

While we would seem to be working in the area of content planning, we have deliberately limited our task to the delivery of metaphorical content alone, avoiding the rather more difficult task of modelling the decision to speak metaphorically in the first place. And the way we have framed our approach means that it involves the relatively more circumscribed task of how to interface the content delivered by ATT-Meta, through a process of reasoning about metaphorical meanings. We have argued for the need to combine this reasoning approach with a corpus-based approach to generating metaphor, thereby focusing on the kinds of language speakers typically use to express metaphorical content, in line with recent work demonstrating the connections between formulaic and figurative language across a range of languages and cultures (Dobrovolskij and Piirainen 2011). Our initial prototype system implements this by extending OpenCCG, in part using hand-crafted rules connecting ATT-Meta representations of metaphorical meanings to lexical entries in an OpenCCG grammar.²⁴⁴ We have exposed gaps in the coverage of our current approach, and we have put forward solutions to this that we intend taking up in future work, notably the use of corpus-driven investigation of actual patterns of metaphorical expression (e.g. searching for and deploying devices for fine-tuning the emotional color of metaphorical meanings). Longer term aims include coupling the currently implemented ATT-Meta approach to understanding with our resulting generation model, to form a dialogue system capable of, for example, handling metaphor in new and interesting ways (such as modelling the role of metaphor in grounding interaction during dialogue).

²⁴⁴ There is an interesting comparison to be made between the way that we interface ATT-Meta representations with OpenCCG logical forms, and how schemas and constructions are related in ECG (e.g. Feldman 2010). In future work, we will explore this connection between our approach and that of ATT-Meta.

References

- Abe, Keiga, Kayo Sakamoto & Masanori Nakagawa. A Computational Model of Metaphor Generation Process. *Proceedings of the 28th Annual Meeting of the Cognitive Science Society*. 2006.
- Barnden, John. Metaphor and context: A perspective from artificial intelligence. *Metaphor and Discourse*. Palgrave Macmillan. 2009.
- Barnden, John. Metaphor and Artificial Intelligence: Why They Matter to Each Other. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge Handbooks in Psychology. Cambridge: Cambridge University Press. 2008.
- Belz, Anja. Automatic generation of weather forecast texts using comprehensive probabilistic generation-space models. *Natural Language Engineering* 14(4). 2008.
- Cameron, Lynne. Metaphor and talk. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge Handbooks in Psychology. Cambridge: Cambridge University Press. 2008.
- Cameron, Lynne & Alice Deignan. Combining Large and Small Corpora to Investigate Tuning Devices Around Metaphor in Spoken Discourse. *Metaphor and Symbol* 18(3). 2003.
- Dale, Robert & Ehud Reiter. *Building natural language generation systems*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 2000.
- Deignan, Alice. Corpus linguistics and metaphor. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge Handbooks in Psychology. Cambridge: Cambridge University Press. 2008.
- Fass, Dan. Review of A Computational Model of Metaphor Interpretation by James H. Martin. *Computational Linguistics* 17(1). 1991.
- Feldman, Jerry. Embodied Language, Best-fit Analysis, and Formal Compositionality. *Physics of Life Reviews* 7(4). 2010.
- Gibbs, Raymond & Teenie Matlock. Metaphor, Imagination, and Simulation: Psycholinguistic Evidence. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge Handbooks in Psychology. Cambridge: Cambridge University Press. 2008.
- Glucksberg, Sam. Metaphors in conversation: How are they understood? Why are they used? *Metaphor and Symbolic Activity* 4(3). 1989.
- Hervas, Raquel, Rui P. Costa, Hugo Costa, Pablo Gervas & Francisco C. Pereira. Enrichment of Automatically Generated Texts Using Metaphor. *MICAI 2007: Advances in Artificial Intelligence (LNAI 4827)*. 2007.

- Kay, Martin. Chart generation. *ACL '96 Proceedings of the 34th annual meeting on Association for Computational Linguistics*. 1996.
- Keysar, Boaz, Yeshayahu Shen, Sam Glucksberg & William S Horton. Conventional language: How metaphorical is it? *Journal of Memory and Language* 43. 2000.
- Jones, Mark. Generating a specific class of metaphors. *ACL '92 Proceedings of the 30th annual meeting on Association for Computational Linguistics*. 1992.
- Lakoff, George & Mark Johnson. *Metaphors We Live By*. University of Chicago. 1980.
- Langkilde, Irene. Forest-based statistical sentence generation. *Proceedings of the North American Meeting of the Association of Computational Linguistics (NAACL-00)*, Seattle, Washington DC. 2000.
- Lemon, Oliver. Learning what to say and how to say it: Joint optimisation of spoken dialogue management and natural language generation. *Computer Speech and Language* 25. 2011.
- Su, Chang & Changle Zhou. Constraints for automated generating Chinese metaphors. *Third International Conference on Information Technology and Applications, 2005 (ICITA), Vol.1*. 2005.
- Terai, Asuka & Masanori Nakagawa. A Neural Network Model of Metaphor Generation with Dynamic Interaction. *Artificial Neural Networks - ICANN 2009 (LNCS 5768)*. 2009.
- Varges, Sebastian & Chris Mellish. Instance-based natural language generation. *Natural Language Engineering* 16(3). 2010.
- Veale, Tony & Yanfen Hao. Comprehending and Generating Apt Metaphors: A Web-driven, Case-based Approach to Figurative Language. *AAAI'07: the 22nd AAAI Conference on Artificial Intelligence*. 2007.
- Veale, Tony. & Yanfen Hao. Talking Points in Metaphor: A Concise Usage-based Representation for Figurative Processing. *ECAI 2008, the 18th European Conference on Artificial Intelligence* Patras, Greece. 2008.
- White, Michael. Designing an extensible API for integrating language modeling and realization. In: *ACL-05 Workshop on Software*. 2005.

Metáfora e Função de Registro: A visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais

Celso Ferrarezi Jr.²⁴⁵
cferrarezij@superig.com.br

RESUMO

O presente trabalho visa a demonstrar de que forma diversas comunidades falantes do português brasileiro e falantes de línguas indígenas da América do Sul promovem o registro de aspectos histórico-culturais através de nomeações pela via da construção metafórica funcional. São apresentados exemplos que mostram que esses nomes têm uma importância maior do que sua função indicial e que alertam para o fato de que a perda de tais nomes implica a perda de conhecimentos histórico-culturais importantes, o que pode implicar em perda da identidade e de valores importantes para a comunidade de falantes.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Metáfora. 2. Metáfora funcional. 3. Línguas naturais e função de registro. 4. Língua e identidade cultural.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate how different communities of Brazilian Portuguese speakers and indigenous languages of South America speakers promoting the registration of historical and cultural aspects through nominations through the functional metaphorical construction. Examples are presented that show that these names have a greater importance than its indexical function and alert to the fact that the loss of these names implies the loss of important historical and cultural knowledge, which can result in loss of identity and values important to the community of speakers.

KEY - WORDS: 1. Metaphor. 2. Functional metaphor. 3. Natural languages and registration function. 4. Language and cultural identity.

Introdução

²⁴⁵ Professor doutor do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. Autor de “Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie” (Mercado de Letras, 2010).

Considerada como um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos (cf. Ferrarezi, 2010), uma língua natural também serve a seus falantes como forma de registro de seus conhecimentos, de toda sua construção cultural.

Não é sem razão que vários estudiosos têm proposto que a metáfora apresenta uma propriedade estruturante em relação à organização cultural do mundo, isto é, de como o vemos, organização que é levada a efeito pelos falantes de uma língua de forma ora mais, ora menos consciente (cf. Lakoff & Kövecses, 1987). Assim, uma língua natural, o que inclui suas metáforas, participa de forma ativa na construção da visão de mundo desses falantes, embora isso não implique um tipo de determinismo linguístico nos moldes whorfianos. Por isso mesmo, as metáforas devem ser compreendidas e estudadas no ambiente cultural em que foram geradas, uma vez que, desde sua construção, elas guardam estreito vínculo com esse mesmo ambiente e com a visão de mundo que o organiza. Pode, assim, afirmar, que o ambiente funcional pleno de uma metáfora é o ambiente cultural em que a língua em que essa metáfora foi construída é adotada como meio regular e natural de comunicação.

Uma das formas comuns e mais importantes de proceder a esses registros culturais na e pela língua se dá quando atribuímos nomes às coisas. Os processos de nomeação nem sempre são imotivados e ocorrem, muitas vezes, de forma metafórica.

Quando uma metáfora de nomeação exerce uma função clara de registro cultural, pode ser denominada *metáfora funcional* (cf. Ferrarezi, 2010), que é definida como “*uma construção figurativa na qual a palavra metaforicamente construída apresenta uma clara função de depósito cultural, uma função de registro de algum tipo de conhecimento resultante das experiências vivenciais dessa mesma comunidade que atribuiu esse nome metafórico a um referente*” (p. 198).

No presente artigo, demonstraremos de que forma essas metáforas funcionam como registro da visão de mundo dos falantes, servindo como forma de expressão da organização cultural das experiências vividas pela comunidade de falantes e, assim, com marca de identidade.

1. Metáfora e metáfora funcional

A Semântica de Contextos e Cenários²⁴⁶ postula que não há sentidos pré-definidos, literais, para palavras das línguas naturais. De acordo com essa visão do funcionamento de uma língua natural teoria, tudo pode ser expresso por tudo, desde que a construção cultural e o compartilhamento social da expressão assim o permitam. Pode-se identificar qualquer referente usando qualquer palavra desde que haja uma construção social que explicita (ou implícite) esse processo; assim, também, pode-se expressar quaisquer sentidos, mesmo os mais complexos, com qualquer palavra ou expressão, desde que esse sentido seja associado à expressão no processo de criação do cenário enunciatório, compartilhado pelos interlocutores. Cabe ressaltar que “cenário”, aqui, é

além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural, ... todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais. Esses fatores incluem todo o complexo conjunto situacional que envolve a enunciação. (Ferrarezi, 2010)

Assim, não existe nenhum sentido *a priori*, nenhum padrão pré-definido de significação: apenas regras de atribuição de sentido. O que existe - e que nos dá essa sensação de pré-existência dos sentidos - é um conjunto de construções mais comuns em uma comunidade, construções que, em uma época definida, já tiveram sentidos a elas comumente associados, e que, justamente por isso, são mais conhecidas e repetidas pelos falantes. Mas essas construções mais comuns são tão passíveis de modificação quanto quaisquer outras estruturas da língua. Esses sentidos comumente associados às palavras de uma língua são chamados de *sentidos costumeiros*.

É importante ressaltar que, na construção dessas associações de sentido às palavras parece não haver nenhuma regra puramente “linguística”, ou seja, de ordem puramente sistêmica e gramatical, ao contrário do que há na construção das formas

²⁴⁶ Cf. Ferrarezi Jr. (2010). Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie. Campinas: Mercado de Letras.

linguísticas em si, como as palavras e as estruturas sintáticas. Provavelmente foi isso Saussure percebeu como sendo o *caráter arbitrário* do que ficou conhecido como o *signo linguístico*, ou seja, o resultante da associação entre um elemento significante e uma ideia²⁴⁷. Nesse ponto específico do funcionamento de uma língua natural, a gramática (considerada como elemento estruturante apenas) parece não ser nada mais do que uma construção em segundo plano, tão momentânea quanto o restante do processo de especialização do sentido da expressão.

Assim como acontece em relação à necessidade de um cenário, o sentido de uma palavra ou expressão linguística qualquer só pode se especializar em um contexto. “Contexto”, aqui, é tomado

como o nome sugere, como o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto, num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos. (Ferrarezi, 2010)

O contexto, por sua vez, só se especializa em um cenário. E é por essa razão que nenhuma palavra ou expressão tem sentido *a priori*, mas somente pode ser plenamente entendida em ambiente linguístico (contexto) e em ambiente cultural (cenário). Assim é que a palavra recebe o seu sentido no processo de comunicação entre interlocutores, processo em que são consideradas muito mais informações do que as etimologias e as peculiaridades gramaticais das palavras de uma língua. Aliás, como diz Bakhtin²⁴⁸, é somente quando falantes podem desprezar a consciência dos aspectos gramaticais de uma língua, quando não precisam mais ficar racionalizando suas construções linguísticas para criar expressões inteligíveis e especializar os sentidos das expressões dos outros, que se pode dizer que realmente falam essa língua.

²⁴⁷ Como sabemos, no Curso de Linguística Geral (Saussure, 1987), Saussure apresentou esse ideia como uma imagem mental que o falante cria, que seria o significado da palavra. Isso, porém, já foi mais do que largamente contestado e comentado na bibliografia da área.

²⁴⁸ Cf. M. Bakhtin (1999). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.

Aceitar essa concepção de que nenhuma construção linguística tem um sentido a priori representa aceitar implicações muito vastas para a teoria linguística. Mas, para os fins deste artigo, uma implicação sobre a especialização de sentidos de palavras e expressões na comunicação é especialmente importante: a de que, no bojo do processo de comunicação, toda construção é funcional. E funcional por três razões básicas:

- a. porque deve funcionar como elemento de comunicação;
- b. porque, além de ser elemento de comunicação, deve funcionar adequadamente dentro de um contexto e de um cenário;
- c. porque, funcionando adequadamente no contexto e no cenário, terá a função de consolidar o processo de compartilhamento de conteúdos entre os interlocutores, sendo elemento, ao mesmo tempo, constituído e constituinte desses mesmos contexto e cenário.

Voltemos, deste ponto, à metáfora. Em um artigo anterior sobre metáfora e metonímia²⁴⁹ consideramos que uma metáfora é um tipo de construção linguística que permite a atribuição de um sentido construído dentro de um paradigma cultural definido a outra palavra (ou construção multivocabular) que, em seu sentido costumeiro, isto é, no sentido usual dessa palavra ou expressão na comunidade de falantes, pertencia a outro paradigma cultural estabelecido. Assim é que quando chamo João de “touro”, estou transferindo, deslocando, reapropriando sentidos de um paradigma cultural (paradigma “animais”) para outro paradigma cultural (paradigma “seres humanos”).

Como uma construção metafórica implica, portanto, nessa transferência de sentidos entre paradigmas culturalmente construídos, uma construção desse tipo só pode ser definida como tal, de forma única e independente, dentro de cada cultura, uma vez que em cada cultura teremos classificações semânticas naturais diferentes, agrupamentos categoriais distintos, paradigmas distintos. Isso é que permite que uma associação de ideias seja metafórica em uma cultura, por exemplo, e não metafórica em outra.

Cumprе notar, também, que a metáfora, na maioria das línguas, não é obrigatoriamente uma construção lexicalmente complexa, nem obrigatoriamente

²⁴⁹ Ferrarezi Jr., Celso (2000). “Metáfora e Metonímia: uma Análise através dos Paradigmas Semânticos”. In: *Discutindo Linguagem com Professores de Português*. São Paulo: Terceira Margem.

multivocabular e com tratamento estético de tipo poético. Ao contrário, esse parece ser um tipo de mais raro de metáfora, cuja finalidade estética sobrepõe-se à função de transferência de informações das metáforas do cotidiano. Grande parte das metáforas presentes em uma língua se concretiza nos nomes atribuídos pela língua aos diversos referentes que representam. Trata-se de palavras comuns, de uso diário, de nomes de coisas do dia-a-dia, de pessoas ou nomes na forma de alcunha atribuídos a esses referentes.

Ora, como vimos, toda construção linguística – e toda metáfora, por conseguinte – é, em certo sentido, funcional. Mas, quando nos referimos explicitamente à “metáfora funcional”, o fazemos em relação a uma construção com função muito mais específica e bastante relevante na formação e perpetuação de uma cultura, função que não é exercida por palavras ou expressões que deixarem de ser consideradas como “figuras da realidade”, palavras que só são entendidas pelos falantes como índices de referentes, como se fossem, seguindo a tradição gramatical, *literais*.

Podemos definir uma metáfora funcional como *uma construção figurativa na qual a palavra (ou expressão) metaforicamente construída apresenta uma clara função de depósito cultural, uma função de registro de algum tipo de conhecimento resultante das experiências vivenciais dessa mesma comunidade que atribuiu esse nome metafórico a um referente*.

Tomemos, então, a título de exemplificação, o tipo de construção metafórica que se dá em certos processos de nomeação, e que considero objetos deste artigo. Quando se chama uma árvore que produz goiabas de “goiabeira”, constrói-se um nome a partir de uma motivação meramente linguística e não se oferece nenhuma informação cultural adicional além daquela que permite a utilização da terminação “eira/eiro”, juntada a um nome qualquer de fruta, para indicar a árvore que produz essa mesma fruta. Tenho, nesse caso, *goiab(a) + eira = goiabeira*, ou seja, a “árvore que produz goiabas”.

É claro que essa se constitui uma informação que acaba passando para a cultura, mas de um tipo muito mais restrito do que, por exemplo a fornecida pelo caboclo que chama a goiabeira de “trava-ventre”. Ao chamar a árvore de “goiabeira”, se repassa uma informação que é, do ponto de vista da lógica emanada da estrutura gramatical da língua, como que *inerente* às representações desse referente. É quase como que uma

construção “automática”. Isso se repete em muitas outras árvores. Quando ela é chamada de “trava-ventre”, a construção é bem mais complexa.

Nesse caso e em muitos outros no Brasil, os sufixos são interpretados pelos falantes como “árvore que produz a fruta x”. Isso tem utilidade na língua e na cultura, mas a motivação da construção é, *stricto sensu*, gramatical, ou seja, não é fruto de uma experiência extralinguística e o nome atua em sentido costumeiro, não metafórico, no vocabulário da língua. Mas, ao usar o nome “trava-ventre”, o falante interiorano, distante muitas vezes do “remédio de farmácia”, registra uma informação muito mais complexa do que com o nome “goiabeira”, uma informação que não é inerente às formas costumeiras de representação linguística do referente, cuja motivação não pode ser atribuída ao sistema da língua e que se distingue da primeira por várias razões:

a. como sua construção não é óbvia no sistema, sua compreensão demanda um processo interpretativo muito mais complexo e que não se dá com base em aspectos meramente gramaticais;

b. as informações contidas nesse nome têm implicações culturais funcionais muito mais amplas do que a mera identificação da árvore da goiaba;

c. essa informação registrada no nome se constitui numa construção cultural funcional – agora no sentido que atribuo à metáfora funcional - uma espécie de informação da utilidade terapêutica da árvore, que pode ser bastante útil em situações de risco²⁵⁰ em ambiente ermo;

d. essa construção é muito mais regionalizada, muito mais específica de uma comunidade do que a palavra “goiabeira”.

Assim, se por um lado, a metáfora “comum” já é uma forma de registro de informações de ordem cultural, especialmente em relação aos procedimentos e critérios culturais de categorização do mundo, a metáfora funcional vai bem além, permitindo o registro de informações mais amplas, mais complexas, históricas, resultantes dos conhecimentos de uma comunidade e com uma finalidade evidente de perpetuação de todo esse cabedal de saber.

²⁵⁰ Brotos, folhas e frutos da goiabeira constituem um dos principais remédios para tratamento de diarreias em regiões interioranas do Brasil, tanto em crianças como em adultos.

2. Nomeações e metáforas

Como dito anteriormente, grande parte das metáforas da língua se concretiza nos processos de nomeação. Porém, o estudo dos nomes das línguas, do ponto de vista de sua característica como formas de registro de saberes, tem uma importância muitas vezes desprezada. Isso fica mais evidente se consideramos que as línguas são como que “depósitos” naturais de conhecimento humano - depósitos de cultura – e percebemos que esses depósitos são feitos, muitas vezes, pela nomeação dos referentes.

Consideremos que toda língua possui um conjunto de palavras nominais – e, algumas línguas, apenas radicais nominais – das quais nenhum falante é capaz de recuperar a motivação de sua atribuição como significante de um referente qualquer. Uso o termo *motivação* no sentido saussureano²⁵¹. Assim, *não-motivada* será uma palavra qualquer da qual o falante não possa recuperar o tipo de recurso utilizado em sua construção e será por ele considerada arbitrária, sem motivo aparente para sua construção. Essas são palavras cuja origem quase sempre só pode ser identificada por profundos estudos etimológicos e, mesmo assim, nem sempre sendo possível identificar as atribuições e derivações do sentido. São palavras, em sua maioria, oriundas de uma herança linguística de tempos ancestrais, de colonizações, de contatos linguísticos. Por outro lado, existem nomes que têm o sentido de sua construção facilmente identificado, que atuam de forma mais complexa do que como meros significantes-índices de um referente qualquer.

Tomando isso como certo - e creio que não há grande contestação dessa afirmação na bibliografia – podemos, então, grosso-modo, dividir os nomes de uma língua em dois grupos principais: motivados e não-motivados²⁵². Estes constituiriam um grupo básico de palavras *de uso em sentido costumeiro*; o outro grupo, sobre o qual os falantes podem recuperar de alguma forma a motivação de sua atribuição, parece ter duas origens distintas: uma meramente linguística e a outra, mais complexa, uma motivação de origem cultural.

²⁵¹ Cf. Saussure, 1987.

²⁵² Cf. Ferrarezi Jr., Celso (1997). *Nas Águas dos Itenês*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

A atribuição de um nome a partir de uma construção meramente linguística é a que acontece com a palavra “goiabeira”, em que há elementos linguísticos pré definidos que permitem uma construção quase óbvia. É o que se repete em “pedreiro” ou “casamenteiro”, em “lancheira” e “escrivantina”, por exemplo, em que palavras de uso comum são tomadas em seu sentido costumeiro e recebem afixos (entre outras possibilidades) para formar novos nomes. Podemos dizer que, portanto, essa é uma forma de construção muito mais baseada em aspectos estruturais do sistema da língua.

As construções cuja motivação é cultural, porém, podem ocorrer de formas variadas. Por exemplo, a partir de metáforas (João é um “touro”) ou pela motivação direta do nome por características culturalmente atribuídas aos referentes (“bumbo”, “bombom”). Estes seriam nomes motivados ou, em última instância, nomes figurativos, ou seja, baseados em algum tipo de figuratividade cultural. No primeiro caso (João = touro), temos uma metáfora; no segundo caso (bumbo) uma imitação sonora, um tipo de onomatopéia, que também tem influência cultural, uma vez que os sons prototípicos atribuídos aos elementos do mundo variam de cultura para cultura e são diferentemente materializados nas respectivas línguas com base, até, nas restrições fonológicas da própria língua. Para os fins deste artigo, interessa-nos mais o primeiro tipo, ao qual voltaremos adiante.

Deve-se observar que os nomes, como significantes nocionais utilizados para identificar cada um dos elementos de cada cultura, sem exceção, quando são construídos de forma metafórica, acabam comportando-se como indicadores das características desses elementos e alteram nossa forma de pensar o referente. As palavras nominais de uma língua atuam na configuração e na categorização que fazemos de nosso mundo, na visão que temos dos elementos que o constituem. Braúna (2009)²⁵³, demonstrou de que forma diversas classes sociais mudam sua imagem de uma mulher quando lhe é associado o nome “mãe solteira”. O artigo em questão evidenciou que os diferentes sentidos atribuídos pelos entrevistados a esse “rótulo” têm relação direta com sua visão de mundo e com a construção dessa visão de forma direta. Da mesma forma, podemos observar que as alcunhas das cidades, das instituições, de certas práticas, enfim, todas elas têm o mesmo efeito estruturante: por atuarem como nomes, alteram a percepção que o falante/ouvinte tem do referente.

²⁵³ Braúna, M.M.A (2009). A Relação entre Cultura e Construção de Sentido na Expressão “Ser Mãe Solteira”: Um Estudo em Guajará-Mirim, RO. Guajará-Mirim: UNIR. Trabalho de Conclusão de Curso.

Aí reside um fator de grande importância na relação entre língua e cultura: dessa forma, os nomes atuam como depósitos de conhecimento, que podem ser mais ou menos reconhecidos pelos falantes, mas definitivamente como depósitos. E, como tal, são utilizados pelos falantes, que recorrem a seu conteúdo informativo o tempo todo. Uma das provas mais evidentes que temos disso é que o falante recorrerá a uma renomeação do referente – e geralmente através de uma metáfora - quando ocorrem dois fatos concomitantemente:

a. o falante sentir necessidade de que o nome traga em seu sentido alguma informação relevante para uma construção cultural desejada e específica e;

b. esse mesmo falante não mais conseguir identificar nenhuma informatividade no nome usado como significante desse referente em questão – agora, por isso mesmo, tido como uma palavra de sentido costumeiro – além da indicação direta do referente.

É esta a razão que leva um grupo de adolescentes a atribuir as alcunhas aos membros da turma, uma vez que, *João, Maria, Joana*, etc... não conseguem mais do que meras indicações diretas dos seus referentes, ao passo que, na hierarquização de um grupo social como os de adolescentes, se faz necessária uma discriminação das características que justificam as posições ocupadas. Por isso, também na organização social, não apenas adolescentes, mas como todos seus membros, sentimos necessidade de atribuir nomes como *professor, aluno, mestre, doutor, prefeito, presidente, marginal, mercenário*, etc.. - porque as informações contidas nos antropônimos nem sempre denotam as peculiaridades desejadas para a organização social, ou seja, nem sempre os antropônimos dão informações sobre os referentes como as desejamos evidenciar. Na verdade, nas chamadas modernas culturas ocidentais, essa informatividade do antropônimo é quase nula, preferindo-se a sonoridade do nome a sua significação.

Também por essa razão, algumas culturas, principalmente as antigas culturas orientais e as culturas indígenas tradicionais, têm um apreço muito maior pela significação dos nomes do que as culturas capitalistas ocidentais. Os nomes cheios de significados de alguns povos orientais e dos indígenas expressam aspirações dos que nomeiam em relação aos nomeados, planos, desejos pessoais, bênçãos e maldições, características físicas ou familiares, entre tantas outras marcações culturais.

A troca de nomes, bastante comum em algumas nações, como, por exemplo, entre os judeus (como evidenciando na Bíblia: Abrão para Abraão, Jacó para Israel, Simão para Pedro, Saulo para Paulo, entre tantos outros citados) é uma prova bastante clara dessa função do nome na organização social, na marcação de funções, no evidenciamento de aspectos idiossincráticos, enfim e portanto, na construção cultural.

Os nomes, então, quando construídos metaforicamente, passam de mero “índice de referência” a depósitos de informações consideradas relevantes, esclarecedoras, dignas de registro em uma comunidade. Essas construções metafóricas, como dissemos, não obrigatoriamente têm uma grande complexidade vocabular ou gramatical, ou se obrigam a estruturas esteticamente trabalhadas: pode tratar-se de uma simples palavra ou de uma palavra composta sem rebusques estéticos. Em outros termos, essas metáforas quase sempre nos passam despercebidas por tratar-se - e geralmente assim o é - de nomes comuns de uso cotidiano.

Isto posto, passaremos a mostrar, por meio de dois exemplos de culturas distintas, a função de registro de metáforas utilizadas em nomeações. Outras metáforas com função de registro merecerão abordagem própria em outro artigo.

3. A organização do mundo: a piaba

Um evento que muito nos impressionou, deu-se numa ocasião em que pescávamos com um indígena da etnia Oro Nao, no Rio Ouro Preto, no município de Guajará-Mirim, RO. Os Oro Nao são parte de um grupo de mais de uma dezena de etnias próximas, localizadas nos vales dos rios Pacaás Novas, Mamoré e Guaporé, na região ocidental de Rondônia e parte da Bolívia. Atualmente, algumas dessas etnias estão reduzidas a poucas pessoas, enquanto outras sobreviveram em número mais expressivo, embora todas tenham passado por um grave processo de dizimação. Na Antropologia e na Linguística brasileiras passaram a ser conhecidos como povos Wari ou povos Chapakura, embora eles não reconheçam esses nomes como legítimos. Suas línguas apresentam pequenas diferenças entre si.

O fato que desejamos narrar se deu em função da necessidade de classificação de elementos do mundo e foi provocado por nós em uma ocasião em que o

indígena havia nos levado para uma pescaria de canoa. Para demonstrar sua superioridade, como homem da floresta, sobre nós, “apenas um homem da cidade”, o indígena somente levou uma linha para peixes grandes, que obviamente ficou com ele, e colocou-nos na popa da canoa para remar e para pegar as iscas vivas que ele usaria na sua pescaria. Esse trabalho subserviente deveria ser feito com um pequeno caniço de taquara. Diante da condição constrangedora, para me “vingar”, como homem da cidade e da Ciência, começamos a indagar o indígena sobre os nomes de todos os peixinhos que íamos pescando, os quais seriam usados como iscas. À medida em que eram pescados, nós os mostrávamos ao índio e perguntávamos como o tal peixinho se chamava. Algo que se desenrolou mais ou menos nesses termos e em português brasileiro:

- *Que peixe é este?*

- *Piaba.*

- *Que peixe é este outro?*

- *Piaba também.*

- *Mas, é diferente do outro...*

- *Eu sei. Mas, é piaba também.*

- *E este, que peixe é?*

- *Piaba.*

- *Mas, é diferente dos outros dois...*

- *Mas, é piaba também.*

Isso se repetiu com nove pequenos peixes, todos diferentes uns dos outros. Então, perguntei:

- *Todo peixe é piaba?*

- *Não.*

- *Então, porque esses peixes todos, que são diferentes, são piaba?*

(espaço de alguns minutos)

- Porque é tudo isca.

(pequena pausa)

- Mas “piaba” não é palavra da língua de vocês...

- Não, é da língua de branco...

- Então, por que você chama todos esses peixes de piaba?

- Por que é isca...

- Então “piaba” significa “isca”?

- Isso! Piaba é isca.

- Como diz “peixe que a gente usa de isca” na sua língua?

(pequena pausa)

- Não tem. Não dá pra dizer. Fala piaba mesmo.

Nesse caso interessantíssimo, existe uma confluência de processos que incluem a questão do contato linguístico, a da categorização do mundo e a da construção metafórica em si.

Primeiramente, deve-se notar que “piaba” realmente não é uma palavra de nenhum dos dialetos ou línguas das etnias Wari. Ela foi aprendida do contato com os brancos, que usam a palavra piaba de forma diferente para designar peixes de diversas espécies ao redor do Brasil. Na região de Guajará-Mirim (em questão) a designação piaba é dada a pequeninos peixes da família *Characidae*, especialmente aqueles que são popularmente conhecidos como “lambari” em grande parte do país. Entretanto, naquela região, esses peixes não são consumidos como alimento, mas utilizados como isca na pescaria de peixes maiores. A constante referência de brancos aos índios, em situações de contato, afirmando a necessidade de “pegar piabas” para pescar peixes maiores, fez com que os índios entendessem que “piaba” era sinônimo de “peixe-isca” e não o nome

de uma espécie de peixe. Afinal, outros tipos de isca, como massas, frutos e pedaços de carne eles não denominam “piaba”.

Desse aprendizado equivocado de que a palavra “piaba” seria a designação genérica de peixes que servem para isca e não o nome de uma espécie de peixe, os índios passaram a aplicar essa palavra equivalente a peixe-isca a todos os peixes pequenos que eles, índios, utilizam, agora, como iscas em suas pescarias devidamente modernizadas. Observe-se que:

a. anteriormente, os índios não pescavam com anzol, mas apenas com flechas e armadilhas. Assim, a figura da “isca” não existia na cultura, nem na língua. O conceito de isca teve que ser aprendido pelos índios quando aprenderam a pesca de anzol;

b. os índios possuem em sua língua um conjunto de palavras específicas para todos os peixes que conhecem no rio. Dos maiores ao menores, todos têm um nome específico. Mas, nas situações de contato, especialmente envolvendo pesca, eles compreendem que o interesse do interlocutor é outro: peixes-iscas e peixes que podem ser consumidos como alimento. Da mesma forma, agora que eles praticam a pesca de anzol, surge a necessidade de caracterizar certos peixes menores como iscas. Assim, nessas situações, eles passam a operar com uma categorização cultural diferente, que não é a original de sua cultura e não está registrada em sua língua;

c. Nesse ponto, os nomes originais dos peixes na língua indígena são metaforicamente substituídos pelo nome “piaba”, que tem, para eles, o significado de “peixe-isca”. É o caso típico de uma metáfora funcional, cuja função de registro cultural evidente permite a todos os índios uma reclassificação dos elementos de seu mundo e o registro da utilidade desses peixinhos na consecução de alimento para a comunidade.

Pode-se perceber, naquela conversa, que há alguns aspectos morfológicos e alguns aspectos funcionais que determinam a nova categorização. Todos os nove tipos diferentes de peixinhos de escama, sem ferrão e sem ser piranha, que consegui pescar naquela tarde foram categorizados, em português, como *piaba*. Na verdade, em português os ribeirinhos também utilizam essa palavra genericamente para esses peixinhos usados como isca. Alguns outros detalhes merecem atenção:

a. insisti com o índio, depois, que precisava haver um nome para esses peixes-isca em sua língua. Ele apenas conseguiu apresentar um nome genérico significava

literalmente “comida” e que era usado, agora indistintamente como “isca”, mas que não correspondia a “peixes que servem como isca”, como ocorria com a palavra “piaba”. Ou seja: houve um empréstimo que substituiu a necessidade de criação de uma nova palavra na língua.

b. insisti, ainda, sobre quais seriam os nomes específicos, na sua língua, para cada um deles. Ele conseguiu fornecer cinco nomes para as nove espécies, mas afirmou que todas as outras tinham nome, embora ele não lembrasse no momento. Para as quatro que ele não foi capaz de identificar nomes, chamou-as de “primas” das outras. Realmente, esses peixinhos não nomeados tinham marcantes semelhanças morfológicas com alguns dos nomeados, embora fossem claramente diferentes em alguns aspectos.

c. em português, ele não sabia os nomes específicos de cada peixinho. Porém, quanto aos peixes grandes que foram capturados no evento, (na verdade, quatro espécies, cujos nomes locais são *jatuarana*, *tucunaré*, *pescada e surubim*), todos eles foram nomeados separadamente e com prontidão nas duas línguas.

Creio que algumas lições relevantes podem ser aprendidas dessa ocorrência, quer sobre o contato linguístico, quer sobre a forma como seu deu a construção da metáfora em questão (peixe = isca). Mas, uma das mais interessantes, a meu ver, está no fato de que embora os “peixes-iscas” pudessem se incluídos em uma mesma categoria (ou, em última instância, em uma subcategoria, uma vez que todos, grandes e pequenos, foram reconhecidos como “peixes”), essa categoria não era original da cultura nem da língua. Assim, essa constituição exigiu uma adaptação da visão de mundo dos falantes que, por sua vez, exigiu a presença de uma nova palavra na língua, o que se resolveu com um empréstimo. Isso evidencia que a visão de mundo do falante se reflete na estrutura linguística, mas que, também, as adaptações que vierem a ser realizadas deverão ser capazes de, em algum momento, registrar as mudanças no âmbito cultural. Ainda mais quando se trata de uma necessidade existencial, como o é a pesca para os indígenas daquela região.

Finalmente, podemos dar relevo ao fato de que, assim como em outros tantos casos, não é tanto o que se percebe (objetivamente, do ponto de vista sensorial) que interfere na categorização dos objetos, mas como aquilo é culturalmente percebido. Não se trata de um caso de “ver o mundo”, mas de “como ver o mundo” o que realmente define as categorias que criamos e representamos por meio de nossa linguagem. Isso

parece ser um processo explicável apenas sob a égide de valores e preceitos culturalmente estabelecidos.

4. O registro do fato histórico-cultural: o chapa

Passemos, agora, para outro fenômeno interessante de registro de fatos culturais, em que não ocorreu uma reorganização da visão de mundo, mas a função de registro da metáfora é ainda evidente: o uso da palavra “chapa” para designar trabalhadores estivadores ou que se ocupam de carregar e descarregar manualmente cargas de caminhões em todo país.

A origem do uso da palavra “chapa” para nomear trabalhadores parece ser desconhecida até mesmo de alguns sindicatos e federações, uma vez que já encontraram a palavra constituída quando a profissão se modernizou. Alguns entrevistados alegam que a palavra remete às relações de amizade entre os trabalhadores; outros que se trata de uma alusão ao companheirismo exigido na profissão, uma vez que a palavra “chapa” é usada no Brasil com tal sentido. Mas, não passam de hipóteses movidas pela necessidade de explicar o sentido de uma palavra cuja construção parece ter sido perdida para a maioria dos trabalhadores da área. Pessoalmente, pesquisamos a origem desse uso da palavra por cerca de doze anos. A informação final que permitiu a reconstrução do processo de criação da metáfora veio do senhor Raimundo de Albuquerque, 83, estivador aposentado da Portobrás, que iniciou seus trabalhos como trabalhador avulso cerca de seis décadas atrás, antes da constituição de muitos dos atuais sindicatos de trabalhadores da estiva. Quando perguntado sobre a origem do uso da palavra “chapa” para os estivadores, respondeu prontamente e de forma muito segura (depoimento transcrito com correções e acréscimos de cunho elucidativo):

No começo, a estiva não era muito organizada. Quem chegava ficava brigando pra trabalhar, pois a gente recebia por produtividade e não tinha salário (fixo). Quem não tinha emprego ia pra estiva fazer bico pra dar de comer à família. Se aguentasse dois sacos de feijão na cabeça podia ir

pra estiva. Isso acontece ainda hoje com os trabalhadores avulsos nos portos, que recebem uma ficha (de identificação). Pois, naquele tempo, a gente chegava de madrugada no porto e a Companhia distribuía uma placas de alumínio com uns números. Só trabalhava no dia quem tivesse a placa. Só tinha algumas placas pra muita gente, era muito trabalhador desempregado. Quem chegava primeiro pegava placa. Eram placas grandes de metal que a gente pendurava no pescoço como um colar. Quando a gente passava com a carga no controle, o controlador anotava pelo número da placa, pra dar a produtividade no final do dia. Essa placa era a “chapa”, que comparava com a chapa de carro, de caminhão, entende? Por isso, as pessoas falavam que tinham que pegar a chapa pra trabalhar naquele dia. Só entrava quem tinha chapa.

Muitas vezes, o sujeito estava doente, mas mesmo assim ia pra fila pegar a chapa. Ele trabalhava um pouco e depois alugava a chapa pra outro que estava esperando. Muitas vezes, ele alugava a chapa quando ia almoçar ou se tivesse que sair pra fazer alguma coisa. Como só tinha pouca chapa e muito trabalhador, tinha comércio com as chapas. A Companhia nem queria saber disso, porque o que interessava pra ela era que tivesse os homens pra carregar as coisas. Os que eram fixos da companhia tinham uma chapa fixa, e depois tinha um uniforme, mas foi bem depois. Mas, mesmo assim, tinha comércio e eles podiam alugar a chapa no dia em que não podiam trabalhar. Por isso os estivadores eram chamados de chapa, porque tudo era controlado pela chapa do sujeito. Hoje, eles chamam todos os carregadores de chapa, mesmo quem não trabalha no porto, mas é por isso.

A descrição é muito consistente com o histórico de funcionamento dos portos brasileiros. Os trabalhadores avulsos, como citado, inclusive ainda trabalham em regime

semelhante, como se lê na página eletrônica do Sindicato de Estivadores de São Francisco do Sul²⁵⁴, um dos mais antigos do país:

O Sindicato faz junto ao OGMO (Órgão Gestor de Mão-de-Obra), a escala dos trabalhadores TPA's (Trabalhadores Portuários Avulsos) em todas as funções; as listas de chamadas são feitas em sistema numérico escalonado, sendo todos os associados chamados em sistema de rodízio igualitário. Os rodízios de chamada ocorrem às 7:00 horas, 13:00 horas e 19:00 horas. Estivadores rumo ao Porto Francisco Paulo Camargo recebe as Fichas Função dos Estivadores.

Como se vê, o sistema de chamada e distribuição de fichas de trabalhadores avulsos ainda segue o padrão da ficha numérica e também, pelo visto, existem mais trabalhadores do que vagas.

No caso específico de nossa análise aqui, temos uma metáfora bastante complexa, em que a placa de identificação do trabalhador estivador é metaforicamente comparada à placa de identificação que permite a circulação e o controle dos veículos automotores no porto. Por analogia, a placa de identificação começa a ser chamada de “chapa”. A partir desse ponto, está estabelecido o caminho da passagem do próprio estivador para “chapa”, que parece acontecer por metonímia num processo de associação por contiguidade, mas que também ocorre em relação aos carros no país, em que os táxis são chamados de “chapas vermelha” e os carros oficiais de “chapa branca”. Temos, então, uma trajetória como a que segue na forma de um quadro:

Passo	Fato histórico-cultural
1º	Trabalhadores estivadores avulsos são identificados com chapas metálicas numeradas para permitir alguma organização no

²⁵⁴ http://www.estiva-sfs.com.br/2011/texto/index.php?idTexto=ESTIVA_NjE=. Acesso em 09 ago. 2011.

	serviço portuário.
2º	<p>Há uma associação entre as placas numeradas dos trabalhadores estivadores e as chapas (placas numeradas) dos automotores que circulam no porto. Ocorre uma metáforização e os trabalhadores com suas placas são vistos como os veículos de carga dos portos.</p> <p>Neste ponto, especificamente, ocorrem diversos registros histórico-culturais:</p> <ol style="list-style-type: none"> a. os trabalhadores da estiva são identificados por chapas, como os automóveis; b. o trabalho da estiva é tão pesado quanto o dos caminhões que fazem o transporte de carga; c. os trabalhadores da estiva são tratados pela “Companhia” de forma impessoal, como máquinas; d. como o que importa é a chapa e não quem a carrega, isso permite a existência de um comércio “paralelo” de chapas.
3º	<p>Por metonímia, automóveis no Brasil são costumeiramente nomeados, pela cor da chapa, simplesmente como “chapa vermelha” ou “chapa branca”, por exemplo. Uma metonímia semelhante permite chamar os trabalhadores da estiva de chapas, o que significa, em última instância, “veículo de carga do porto”.</p>

Como se pode ver, a riqueza do registro histórico-cultural da palavra “chapa” é muito maior do que apenas dizer que ela se refere ao companheirismo na estiva. É essa riqueza cultural que se encontra nas palavras que faz da língua um depósito cultural tão importante e, de forma especial, tão determinante para a constituição de nossa identidade. A perda de uma “simples” palavra - ou uso específico de uma palavra - pode, assim, ser muito mais significativa do que costumeiramente se pensa.

5. Conclusões

Como se pôde verificar, de forma geral a língua atua como depósito cultural inestimável e, muitas vezes, subestimado.

Nos casos de nomeações por meio de metáforas, vimos a riqueza desse processo em dois casos específicos aqui: um primeiro, em que uma reorganização da visão de mundo após uma situação de contato cultural gerou uma metáfora com clara função de registro concretizada por um empréstimo linguístico e um segundo, em que uma metáfora associada a uma metonímia, permitiu um registro múltiplo de fatos histórico-culturais muito significativos para uma determinada classe de trabalhadores.

Os dois casos tornam evidente a relação existente entre a visão de mundo dos falantes e a estrutura linguística construída, o processo de nomeação e a construção da metáfora. Isso torna bastante claro o fato de que os nomes que utilizamos no cotidiano exercem uma influência silenciosa, mas efetiva, sobre a forma como construímos e representamos linguisticamente nossa visão de mundo.

Desprezar a função de registro das palavras e, ainda mais, a incrível capacidade de registrar informações da história e da cultura por meio de nomeações metafóricas, pode ser um erro sem volta em relação à identidade cultural dos falantes de uma comunidade, especialmente quando uma língua é subjugada por outra em situação de contato.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

FERRAREZI Jr., C. *Nas Águas dos Itenês*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1997.

FERRAREZI Jr., C. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

LAKOFF, G. *Categories and Cognitive Models*. University of Califórnia of Berkeley, 1982

LAKOFF, George e KÖVECSES, Zoltán. “The Cognitive Model of Anger Inherent in American English”. In: Holland, D. e Quinn, N (eds.). *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 195-221, 1987.

LUCY, J. A. *Language Diversity and Thought*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.

MORAIS, R. A. F. A Metáfora Funcional como Forma de Nomeação de Plantas Medicinais em Guajará-Mirim, RO. Trabalho de Conclusão de Curso. Guajará-Mirim: UNIR, 2009.

ROSCH, E.. *Natural Categories*. *Cognitive Psychology* 4: 328-350, 1973.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1987.

WIERZBICKA, Anna (1996). *Semantics: Primes and Universals*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

http://www.estiva-sfs.com.br/2011/texto/index.php?idTexto=ESTIVA_NjE=. Acesso em 09 ago. 2011

Inferências metafóricas na interface semântico-pragmática

Cláudia Strey²⁵⁵
claudiastrey@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo objetiva demonstrar que a interface entre a Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson, e a Teoria da Metáfora Conceitual, de Lakoff & Johnson é mais relevante e adequada para explicar as inferências metafóricas. Primeiro, caracterizam-se as abordagens: para a TR, a metáfora deve ser tratada da mesma forma que a linguagem literal; enquanto para a TMC, ela é parte do sistema cognitivo humano, considerada um fenômeno do pensamento. Após, constrói-se uma interface entre as teorias, de acordo com a Metateoria das Interfaces (Campos, 2007), e evidencia-se a importância dessa construção para a explicação do fenômeno metafórico. Através de exemplos ilustrativos, evidencia-se que o pensamento metafórico, logo a metáfora, é guiado pelo Princípio da Relevância.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora Conceitual; Teoria da Relevância; Interfaces.

ABSTRACT

The present study aims to demonstrate that an interface between two theories that study metaphors - Relevance Theory (Sperber & Wilson - 1995, 2006), and Conceptual Metaphor Theory (Lakoff & Johnson - 1980, 1999) - is more relevant and appropriate to explain inferences derived from metaphors. To Relevance Theory, metaphor is part of the language and should be analyzed as literal language; whereas, to Conceptual Metaphor Theory, metaphor is part of the human cognitive system, a phenomenon of thought rather than of language. Moreover, the study builds an interface between both theories, according to Metatheory of Interfaces (Campos, 2007), and highlights the importance of this construction to explain metaphorical inferences. Therefore, it shows that the Principle of Relevance guides the metaphorical thought.

KEYWORDS: Conceptual Metaphor, Relevance Theory; Interfaces.

Introdução

As metáforas são tradicionalmente definidas como “a transferência do nome de uma coisa para outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia” (ARISTÓTELES). Essa definição aristotélica,

²⁵⁵

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS.

aceita como verdadeira por vários séculos, é a de que uma ou mais palavras são usadas fora de seu significado convencional para expressar um outro significado. Além disso, na perspectiva aristotélica, as metáforas restringem-se apenas à linguagem poética, não sendo encontradas na linguagem convencional.

Esse modelo, no entanto, foi considerado inadequado por muitos estudiosos, visto que a metáfora, nessa perspectiva, não poderia explicá-las, apenas descrevê-las. Lakoff (1993; ver também Lakoff & Johnson, 1980, 1999) propõe uma teoria que vai de encontro às idéias clássicas e demonstra que as metáforas não são só palavras que adquirem significados diferentes, mas que, acima de tudo, são parte do sistema cognitivo humano. Ou seja, a metáfora está no pensamento, e não somente na linguagem: “the locus of metaphor is not in language at all, but in the way we conceptualize one mental domain in another” (LAKOFF, 1993, p.202).

Entretanto, uma outra abordagem é feita pela Teoria da Relevância, de Sperber & Wilson (1995). Ela também assume que a metáfora não é um dispositivo retórico e que faz parte da cognição humana, assim como assume Lakoff. Entretanto, há uma diferença essencial entre as teorias, pois, enquanto Lakoff e Johnson assumem que o principal aspecto da cognição humana é o processo metafórico, para Sperber & Wilson, o princípio da cognição é o da relevância, em sua relação custo-benefício. As metáforas, para a TR, são processadas assim como qualquer outro enunciado literal, e consideradas como um tipo especial de uso vago (*loose use*).

O tema deste artigo envolve, portanto, a descrição de duas abordagens da metáfora: a da Linguística Cognitiva e a da Teoria da Relevância. As questões norteadoras, refinadas de acordo com as intenções do trabalho, são: (a) Como se dá o processo inferencial das metáforas? (b) Pode-se afirmar que há um mapeamento definitivo em cada metáfora, ou o processo é guiado pelo princípio da relevância? (c) Uma possível interface entre as duas teorias explicaria o fenômeno metafórico mais adequadamente?

Para responder tais perguntas, algumas hipóteses são formuladas: (a) A interpretação das metáforas é guiada pelo princípio da relevância, valendo-se da relação custo-benefício; (b) Os mapeamentos fazem parte do processo inferencial, mas ele é guiado pela relevância; (c) Uma interface entre a teoria da Metáfora Conceitual e a Teoria da Relevância é mais eficiente para tratar o processo metafórico, fornecendo um suporte teórico para descrever e explicar os processos inferenciais.

O artigo está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta a perspectiva da Teoria da Relevância; o segundo, a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual; o terceiro, uma proposta de interface entre as teorias. Por fim, serão apresentadas algumas considerações finais a respeito do trabalho realizado.

1 A perspectiva da Teoria da Relevância

Sperber & Wilson, doravante S&W, (1995), partindo do modelo inferencial de Grice (1975), propõem uma teoria inferencial de comunicação, que busca explicar como se dá o processo de compreensão dos enunciados. A Teoria da Relevância é um modelo de comunicação ostensiva, no qual o falante tornará manifesta a sua intenção informativa e comunicativa, e inferencial; e o ouvinte deverá construir o contexto para chegar à interpretação do enunciado. Há duas propriedades essenciais para a teoria que não podem ser dissociadas: a ostensão por parte do falante, e a inferência por parte do ouvinte.

A comunicação humana é, assim, guiada por dois princípios: um cognitivo e um comunicativo. O Princípio Cognitivo postula que “A comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância” (SPERBER & WILSON, 1995). Por relevância máxima, entende-se uma relação custo-benefício, em que o custo é a quantidade de esforço mental exigido para interpretar o enunciado, e benefício é o efeito contextual derivado. Ou seja, a relevância será maior na medida em que houver mais efeitos contextuais e menos esforços de processamento; entretanto, mesmo que haja mais esforços de processamento, compensado por mais efeitos contextuais, a relevância aumenta.

O segundo princípio fundamental é o Princípio da Comunicação: “Todo estímulo ostensivo comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (SPERBER & WILSON, 1995). Em relação à noção de relevância ótima, os autores afirmam que um estímulo será otimamente relevante se, e somente se, ele for:

- a. relevante o suficiente para merecer esforço de processamento da audiência;
- b. o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. (WILSON & SPERBER²⁵⁶, 2005).

²⁵⁶ Referente ao artigo publicado na revista *Linguagem em (Dis)curso* (2005). O texto foi publicado originalmente em inglês em: HORN, L.; WARD, G. (Eds.). *The handbook of Pragmatics*. London: Blackwell, 2004, p. 607-632

A compreensão através da Teoria da Relevância leva em conta não somente os conteúdos explícitos, mas também os implícitos. Esse processo se dá através de um cálculo lógico não-trivial, que, combinado com as informações armazenadas na memória, deriva conclusões válidas. Segundo Vanin (2007, p.59), “o mecanismo interpretativo-dedutivo proposto por Sperber & Wilson toma como *input* um conjunto de suposições e dele deduz todas as conclusões possíveis”. Essas conclusões não são passíveis de prova, mas são confirmadas pela força das premissas, originadas de várias fontes, como a percepção (através da visão, audição, tato, olfato, paladar), a decodificação linguística, e as suposições armazenadas na memória. Segundo Sperber & Wilson (1995, p.86), os *inputs* são estruturados a partir de três fontes de informação:

(a) entradas lógicas – conjunto de regras de dedução aplicadas às formas lógicas que constituem os *inputs*;

(b) entradas enciclopédicas – conjunto de informações sobre acontecimentos e/ou propriedades que representam o conceito;

(c) entradas lexicais – conjunto de informações sobre o conceito em linguagem natural (informações sintáticas, morfológicas, fonológicas).

Dentro da perspectiva pragmática da Teoria da Relevância, as metáforas são compreendidas da mesma maneira que a interpretação literal, ou seja, não é necessário um mecanismo específico. Para S&W (2006), a metáfora é

as simply a range of cases at one end of a continuum that includes literal, loose and hyperbolic interpretations. In our view, metaphorical interpretations are arrived at in exactly the same way as these other interpretations. There is no mechanism specific to metaphor, no interesting generalisation that applies only to them. (S&W, 2006:172)

Além de ser considerada como uso vago, duas outras características são dadas como essenciais para a descrição da metáfora:

(a) os enunciados não podem ser literalmente verdadeiros, para que o ouvinte consiga fazer inferências eficazes (por isso que metáforas são consideradas uso vago);

(b) um enunciado metafórico carrega mais informações que o equivalente mais literal e mais direto.

Para ilustrar esses dois aspectos, considere (01):

(01) *Esse jogador joga como um touro.*

O enunciado atende a (a), pois um ser humano não pode ser um touro, o que torna o enunciado literalmente falso. Além disso, ele também atende a (b), pois, caso utilizássemos o equivalente literal (*Esse jogador joga com muita vontade para defender o seu time*), várias outras inferências possíveis não seriam realizadas, visto que a metáfora carrega características do touro que não são prototípicas, mas que estão presentes.

As informações extras que a metáfora carrega podem ser de extrema importância para que a cognição do ouvinte busque por mais inferências possíveis. A metáfora *Esse jogador joga como um touro*, caso fosse proferida em um ambiente em que dois amigos conversam sobre futebol, refere-se ao jogador, descreve uma característica dele, e ainda expõe a intenção comunicativa do falante. Caso fosse usada o equivalente literal, ele estaria apenas referindo-se ao jogador, e não exerceria nenhuma outra função.

A pergunta, no entanto, é: se as metáforas estão em um mesmo *continuum* de interpretação dos enunciados literais, como diferenciar um mesmo termo usado literal ou metaforicamente, como visto em (06) e (07)? Segundo Carston (2002), além de existirem conceitos decodificados somente através do contexto, há outros construídos como conceitos *ad hoc*, que é o caso desses conceitos metafóricos.

Segundo Gibbs e Tendhal (2006, p. 393), “*Ad hoc* concepts are loosening or narrowings that are constructed on-line via inferences from the lexical concepts in the logical form of the utterance”. Esses dois processos que constroem os conceitos *ad hoc* se dão de maneiras diferentes: *ampliação*²⁵⁷ é o processo que inibe algumas informações lógicas e enciclopédicas do léxico para que ele passe a denotar conceitos mais amplos; enquanto *delimitação* é o processo de restringir as informações do léxico para que ele denote conceitos mais restritos. Essa restrição pode ocorrer em graus e em direções diferentes. Carston (2002) também afirma que esses dois processos podem acontecer ao mesmo tempo.

Esses processos nos levam a perceber que, muitas vezes, o conceito comunicado é mais amplo ou mais restrito do que o conceito codificado. Os conceitos *ad hoc* são parte da proposição que o falante quis comunicar, e não parte das implicaturas. Isso faz com que não haja mais esforços para que o conceito seja compreendido, pois ele faz parte da

²⁵⁷ Gibbs e Tendhal (2006) usam o termo *loosening*, enquanto Wilson e Carston (2007) usam *broadening*. Optou-se por traduzir o termo por *ampliação*. Já *delimitação* é a tradução para *narrowing*.

explicatura, da proposição. Para os autores que aceitam a perspectiva da teoria da relevância, *ampliação e delimitação* são parte do processo inferencial. Segundo Wilson e Carston (2007), cada vez que um conceito é comunicado, ele é ajustado automaticamente, através de um processo on-line, para formar a explicatura. Uma vez ajustado, através de restrições ou ampliações, o conceito *ad hoc* é criado e o processo inferencial continua através da construção das implicaturas.

As autoras afirmam que a construção dos conceitos *ad hoc* não ocorre apenas nas metáforas, mas no *continuum* em que elas estão inseridas, que vai do literal ao metafórico, passando pelas hipérboles, aproximações e outros usos vagos. Esses processos, segundo as autoras, ocorrem na interpretação de vários léxicos, incluindo as metáforas. Entretanto, parece que, nas metáforas, esses processos são muito mais radicais. Carston (2002) afirma que o processamento de metáforas envolve um rápido processo on-line para ajustar pragmaticamente o conceito, através de ampliação ou restrição, criando um conceito *ad hoc*, como pode ser visto abaixo:

(02) A: Carolina pode ajudar na limpeza da garagem?

B: Ela é uma princesa.

O significado expresso pela palavra “princesa” é o conceito PRINCESA*, mais restrito do que PRINCESA, pois ela não faz parte da realeza, mas também mais amplo, pois faz referência às mulheres que são mimadas, têm tratamento especial, etc. É importante ressaltar que a escolha de qual parte do conceito está sendo acessada é dada através da busca pela relevância, havendo um ajuste do significado do conceito PRINCESA. Wilson & Carston (2008, p.2) afirmam que

(...) the speaker might be seen as asserting that Caroline is a PRINCESS*, where PRINCESS* is a modification of the encoded concept PRINCESS, and the proposition that Caroline is a PRINCESS* is both a part of what is explicitly communicated and a vehicle for implicature.

No exemplo (02), A desenvolve um cálculo dedutivo não-trivial em relação às palavras de B, formando um conjunto de premissas que levam a uma conclusão. Nesse caso, o conceito *ad hoc* já faz parte da explicatura, construída em um processo on-line.

Explicatura: Carolina é uma PRINCESA*.

Implicaturas: PRINCESAS* não limpam garagens.

Conclusão Implicada: Carolina não vai ajudar a limpar a garagem.

A característica de que PRINCESAS NÃO LIMPAM GARAGENS não está presente na memória enciclopédica, mas ela é rapidamente construída a partir das informações já armazenadas.

O exemplo (03), abaixo, difere-se do primeiro, no sentido em que em (02) poderia, em algum contexto, ser verdadeira, o que não ocorre em (03):

(03) A: Como foi o jantar com Maria ontem?

B: Ela é um bloco de gelo.

Em (03), como se daria a construção do conceito *ad hoc*? Qual é o ajuste de significado que ocorre? Ampliação ou restrição? Como se dá a inferência de que Maria é reservada e não demonstra seus sentimentos? Essas características não são de água solidificada, mas de um ser humano. Como se constroem, então, esses conceitos?

Wilson & Carston (2008) afirmam que essa inferência não se dá através de mapeamentos, como assume Lakoff), e que o exemplo (03) é uma prova contra essa perspectiva e a favor da visão de que há uma continuidade entre os usos literais e vagos. Na interpretação do enunciado, automaticamente se ativaria o conceito BLOCO DE GELO, que pode ser associado com ÁGUA CONGELADA e outras suposições enciclopédicas:

a. QUADRADO, SÓLIDO, FRIO, RÍGIDO, INFLEXÍVEL.

b. DIFÍCIL DE TOCAR, DE INTERAGIR E DE SE ADAPTAR AOS AMBIENTES.

c. TORNA A ATMOSFERA DESCONFORTÁVEL.

d. FAZ COM QUE AS PESSOAS QUEIRAM IR EMBORA.

Algumas das suposições enciclopédicas presentes no conceito BLOCOS DE GELO podem ser aplicadas para alguns humanos. Como resultado de um processo de ajuste mútuo, B pode ser entendida como dizendo que Maria é um BLOCO DE GELO*

(em que BLOCO DE GELO* é algo rígido, difícil de interagir e chegar perto, e incapaz de se adaptar ao ambiente), implicando que o jantar foi um fracasso, porque Maria, sendo um BLOCO DE GELO*, possui poucas habilidades para interagir e revelar suas emoções.

Nesse sentido, entende-se que os adjetivos FRIO, RÍGIDO, INFLEXÍVEL são ampliados para criar conceitos muito mais amplos: FRIO*, RÍGIDO*, INFLEXÍVEL*, que não são somente físicos, mas possuem instâncias físicas e psicológicas. Dessa maneira, um bloco de gelo pode ser descrito como FRIO, mas também como FRIO*. Já Maria é descrita como sendo um BLOCO DE GELO*, que contém as características de FRIO*, RÍGIDO* e INFLEXÍVEL*.

Outra questão essencial para a Teoria da Relevância é a questão de custo-benefício. Poder-se-ia dizer, em um primeiro momento, que o uso de metáforas acarreta mais custos cognitivos. Entretanto, Tendhal (2009) afirma que não é possível prever se uma metáfora irá acarretar mais esforços cognitivos ou não. Ressalta, ainda, que metáforas convencionais parecem ser processadas em bloco, não havendo mais custos, mas que metáforas poéticas podem demandar mais esforços, visto que são novas.

A pergunta, nesse momento, é: será que as metáforas exigem, realmente, mais custos do que seus equivalentes literais? E, caso não exijam tais custos extras, como se daria a compreensão de uma comparação entre coisas aparentemente desconectadas? Será que há um mapeamento pré-existente entre conceitos? Ou será que há alguma outra característica na cognição humana que explique a tendência para o uso de metáforas?

Essas perguntas serão norteadoras para o desenvolvimento da próxima seção, que irá demonstrar a perspectiva da Linguística Cognitiva, mais precisamente a Teoria da Metáfora Conceitual, de Lakoff & Johnson (1980).

2 A perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual

Lakoff & Johnson, em sua obra *Metaphors we live by* (1980), propõem uma nova perspectiva para a compreensão do fenômeno metafórico: a metáfora não é somente um fenômeno linguístico, como as teorias clássicas observam, mas está presente no dia-a-dia, através dos pensamentos e das ações. Isso significa dizer que o sistema conceitual do ser humano é fundamentalmente metafórico por natureza, e que as metáforas não

são encontradas nas regras gramaticais ou nos léxicos, mas no sistema conceptual que subjaz à língua. O estudo da linguagem torna-se importante porque, através das metáforas, é possível ter uma evidência importante para a compreensão de como funciona a cognição humana.

A metáfora é compreendida através do mapeamento entre conceitos abstratos em relação a conceitos mais concretos. Entender a metáfora significa perceber que há dois domínios cognitivos que estão sendo mapeados, ou seja, há uma projeção de dois domínios conceptuais: o domínio-fonte (Source Domain), de natureza concreta e experiencial, e o domínio-alvo (Target Domain), de caráter abstrato. O mapeamento seria a relação existente entre o domínio-fonte que permite melhor compreender o domínio alvo. A forma de representar as relações ontológicas entre os dois domínios se dá através da forma mnemônica DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE ou DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE.

É importante ressaltar que, na Teoria da Metáfora Conceitual, o mapeamento é unidirecional, ou seja, as relações são sempre feitas do domínio-fonte para o domínio-alvo. Lakoff e Turner (1989) explicitam esses aspectos, mostrando a diferença, por exemplo, entre as metáforas PESSOAS SÃO MÁQUINAS e MÁQUINAS SÃO PESSOAS, que, apesar de aparentemente parecidas, possuem mapeamentos diferentes. Na primeira, os atributos funcionais e mecânicos dos computadores, como a eficiência e a velocidade, são mapeados em termo de pessoas (*Ele é tão eficiente, parece uma máquina*); enquanto na segunda, é a noção de desejo e de vontade que são mapeados em termos de máquina (*Meu computador me odeia, está sempre sumindo com os arquivos; Meu carro tem vontade própria*). Mesmo que dividam os mesmos domínios, as metáforas são diferentes, pois cada mapeamento se dá de uma forma.

Kövecses (2002) demonstra que os conceitos do domínio fonte normalmente são relacionados a CORPO HUMANO, ANIMAIS, PLANTAS, COMIDA e FORÇAS. Já os conceitos do domínio alvo relacionam-se à EMOÇÃO, à MORAL, a PENSAMENTO, a RELACIONAMENTOS HUMANOS e a TEMPO. Isso mostra que os conceitos-alvo são mais abstratos e, ao mesmo tempo, não suscetíveis à experiência física, enquanto os conceitos-fonte são fundamentados na experiência. Por esse motivo, segundo Kövecses, os conceitos mais abstratos clamam por uma conceitualização metafórica.

Lakoff (1993, p.212) propõe o Princípio da Invariabilidade: “*Metaphorical mappings preserve the cognitive topology (that is, the image schema structure) of the*

source domain, in a way consistent with the inherent structure of the target domain". Ou seja, o domínio-fonte projeta padrões de inferências sobre o domínio-alvo, garantindo que o mapeamento aconteça de forma coerente e consistente. O autor ainda afirma que a estrutura do esquema de imagem do domínio-alvo limita as possibilidades de mapeamento. Por exemplo, na metáfora AMOR É UMA VIAGEM, a estrutura de amor limita as inferências que podem ser feitas a partir do domínio-fonte (viagem).

Há, na perspectiva de Lakoff, três tipos de metáforas: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. As metáforas estruturais são aquelas cujos conceitos são estruturados um em relação ao outro. Segundo Lakoff e Johnson (1980, p.61):

Structural metaphors allow us to do much more than just orient concepts, refer to them, quantify them, etc., they allow us, in addition, to use one highly structured and clearly defined concept to structure another.

A questão da forma como essas metáforas se estruturam diz respeito, também, ao fato de que há uma relação de subcategorizações entre as próprias metáforas, como é o exemplo de TEMPO É DINHEIRO, que implica TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, que, por sua vez, implica TEMPO É UM VALIOSO ARTIGO DE CONSUMO. Isso significa dizer que há um sistema metafórico, em que uma metáfora conceitual interage com outras.

As metáforas orientacionais, por sua vez, são relacionadas à orientação espacial. Esse tipo de metáfora não é arbitrária e tem base na experiência física e, assim como as estruturais, na experiência cultural. Elas recebem esse nome, pois possuem relações com as orientações espaciais: DENTRO-FORA, ALTO-BAIXO, FRENTE-TRÁS, LIGADO-DESLIGADO, PROFUNDO-RASO, CENTRO-PERIFERIA. Para Lakoff e Johnson (1980, p.14): "*These spatial orientations arise from the fact that we have bodies of the sort we have and that they function as they do in our physical environment.*" Um exemplo é a metáfora HAPPY IS UP: o fato de estar feliz ser orientado para cima leva a expressões como: "estou me sentido *nas alturas* hoje." Outros exemplos são GOOD IS UP; BAD IS DOWN, RATIONAL IS UP; EMOTIONAL IS DOWN, entre outras. Para cada metáfora orientacional, podem-se observar aspectos físicos, como a posição do corpo, as questões sociais, etc.

Já as metáforas ontológicas são também baseadas nas nossas experiências, mas em relação a outros objetos físicos e ao nosso corpo. Para Lakoff e Johnson (1980, p.25),

Our experiences with physical objects (especially our own bodies) provide the basis for an extraordinary wide variety of ontological metaphors, that is, ways of viewing events, activities, emotions, ideas, etc., as entities and substances. Understanding our experiences in terms of objects and substances allow us to pick out parts of our experience and treat them as discrete entities or substances of a uniform kind. Once we can identify our experiences as entities or substances, we can refer to them, categorize them, and quantify them – and, by this means, reason about them.

Um dos domínios conceituais utilizado para a formação de metáforas ontológicas é RECIPIENTE. Para os autores, os seres humanos podem ser categorizados como containers, pois a pele nos separa do resto do mundo. Além disso, casas, objetos sólidos, bem como a natureza são considerados containers, visto que, se não possuem fronteiras, o ser humano delimita-as em função do instinto de territorialidade. O campo visual, os eventos, ações, atividades e estados também são vistos como containers.

É importante lembrar que, em qualquer dos três tipos de metáfora, o mapeamento ocorre entre dois conceitos, e não entre as palavras que representam esse mapeamento, já que a metáfora não está na língua, mas na cognição humana. Além disso, as relações existentes no mapeamento não possuem um padrão fixo de correspondências conceituais, mas uma aberta possibilidade de correspondências potenciais dentro desses padrões.

Observe os exemplos, adaptados de Lakoff (1993):

- (04) (a) Ela atacou todos seus pontos fracos.
- (b) Os argumentos dele foram todos destruídos.
- (c) As críticas foram bem no alvo.
- (d) Se você usar essa estratégia, ele vai te destruir.

A metáfora conceitual presente em todos os enunciados em (04) é ARGUMENTAÇÃO É GUERRA, pois todas, de alguma maneira, relacionam conceitos

concretos de guerra (*atacou, destruídos, no alvo, estratégia*) a conceitos abstratos sobre a argumentação. O mapeamento proposto por Lakoff (1993) dessa metáfora é:

- Guerra corresponde a debate.
- Armas correspondem a argumentos.
- A relação entre os adversários na guerra corresponde à relação entre oponentes em um debate.
- O objetivo de vencer a guerra e destruir o adversário corresponde ao objetivo de ter argumentos válidos contra o oponente.

Além dos mapeamentos individuais que cada metáfora conceitual carrega, eles também trazem informações adicionais. Segundo Evans e Greens (2006), isso ocorre porque aspectos presentes no domínio-fonte que não são explicitados podem ser inferidos. Em ARGUMENTAÇÃO É GUERRA, os argumentos são as armas, a argumentação é a estratégia e os oponentes do debate são os adversários da guerra. No domínio-fonte, pode haver uma deserção, algum combatente pode morrer, entre outras, e essas inferências são transferidas para a argumentação. São as associações entre os domínios que permitem inferir que as mesmas ações que ocorrem em um possam ocorrer em outro.

Lakoff e Johnson (1980) afirmam que as metáforas não são só ditas, mas vivenciadas. Isso significa falar que as metáforas conceituais são construídas de acordo com a cultura. Se, por exemplo, em alguma cultura, argumentação fosse vista como dança, a metáfora conceitual seria ARGUMENTAÇÃO É DANÇA. A questão principal não é que somente a metáfora é diferente, mas a forma como argumentação é compreendida é diferente. Por esse motivo, a experiência seria fundamental para compreender como a metáfora é estruturada.

A pergunta que cabe nesse momento é simples: quais são os critérios que definem quais aspectos de um conceito vão ser estruturados em termos de outro? Por que, quando se fala na metáfora ARGUMENTAÇÃO É GUERRA, não emergem outros aspectos da guerra, como a destruição da vida, a morte, a tristeza? Como se dá a construção da metáfora?

Lakoff & Johnson (1980) observam que o mapeamento entre os conceitos da metáfora realmente não traz à tona todos os aspectos que envolvem o ato de guerrear, por exemplo. Em outras palavras,

The very systematicity that allows us to comprehend one concept in terms of another will necessarily hide other aspects of the concept. In allowing us to focus on one aspect of the concept, a metaphorical concept can keep us from focusing on other aspects of the concept that are inconsistent with that metaphor.(LAKOFF & JOHNSON, 1980, p.10)

É importante citar a importância de essa estrutura metafórica ser apenas parcial. Caso um conceito fosse totalmente relacionado com outro, ele *seria* o outro, e não apenas entendido *em termos* do outro conceito. Se todos os aspectos do conceito ARGUMENTAÇÃO fossem relacionados à GUERRA, os dois conceitos seriam um só. Ou seja, *when we say that a concept is structured by a metaphor, we mean that it is partially structured and that it can be extended in some ways but not others* (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p.13).

Como, então, explicar como esses mapeamentos ocorrem? Se a essência da metáfora é entender e experienciar um termo em relação a outro (LAKOFF & JOHNSON, 1980), como explicar que, às vezes, uma parte do domínio fonte é utilizado, e, em outras vezes, uma parte do conceito, que até o momento não havia sido usada, passa a ser tão importante para a metáfora conceitual? Além disso, como explicar que uma mesma metáfora pode ser compreendida diferentemente? Pode-se explicar através do princípio da relevância, mostrado na seção anterior?

3 A construção de uma possível interface

A Metateoria das Interfaces, desenvolvida por Campos (2007), sugere que o estudo das ciências deve ser feito por meio de interfaces, pois só assim se consegue explicar uma maior quantidade de fenômenos adequadamente. Para a Filosofia da Ciência (e, conseqüentemente, da Linguística), isso implica construir um objeto de acordo com a perspectiva adotada, e não observar um objeto pré-existente a essa perspectiva. Segundo Campos²⁵⁸,

²⁵⁸ In: <http://www.jcamposc.com.br/filosofia%20da%20ciencia%20e%20interfaces.pdf> Acesso em 10/07/2010.

A tentativa de uma reorganização metateórica das ciências da linguagem passa pelo levantamento de problemas cruciais sugeridos pela Filosofia da Ciência em geral e por uma tentativa de reavaliar metateoricamente os programas potenciais de investigação.

No momento em que se constroem as interfaces, é necessário que as intradisciplinas linguísticas estejam relacionadas entre si, mas, ao mesmo tempo, relacionadas às intradisciplinas das áreas externas. Ou seja, o presente estudo, encontra-se na interface externa entre Linguística e Psicologia Cognitiva, e relaciona, internamente, a Semântica e a Pragmática às subteorias cognitivas que investigam o cérebro. É dentro da perspectiva da Teoria das Interfaces, portanto, que se construirá uma proposta de interface entre a Teoria da Relevância e a Teoria da Metáfora Conceitual.

Observe seguinte diálogo entre duas amigas:

(05) A: Como foi o encontro com João?

B: Ele é um cachorro.

A: Então ele foi um cafajeste contigo e te deixou sozinha.

B: Não, pelo contrário, ele ficou grudado em mim e não saiu do meu pé a noite inteira.

Analisando (05) na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual, pode-se construir um mapeamento entre um domínio-alvo (SER HUMANO) e um domínio-fonte (CACHORRO), construindo a metáfora conceitual SER HUMANO É CACHORRO, que faria parte de uma metáfora maior: SER HUMANO É ANIMAL.

Entretanto, apesar de Lakoff & Johnson (1980) proporem uma teoria de metáfora cognitiva, eles não explicam como se dá o processo inferencial de compreensão delas. Ao afirmarem que a metáfora é central para a cognição humana, parece que todo o processo inferencial decorre somente a partir do mapeamento entre um domínio-fonte, baseado na experiência corpórea, e um domínio-alvo, mais abstrato. Mas o que parece estranho, talvez, seja o fato de que, se a construção da metáfora é baseada na experiência, como saber se todos os falantes constroem o mesmo mapeamento de uma mesma metáfora?

Como explicar, na perspectiva da Metáfora Conceitual, que A associa João a alguém desprezível, que faz coisas desonrosas, e que B associa João a alguém que está

sempre querendo atenção? Os mapeamentos de A e de B para a metáfora SER HUMANO É CACHORRO são diferentes, como pode ser visto na tabela abaixo.

Mapeamento de A	Mapeamento de B
JOÃO corresponde a CACHORRO. Quando um CACHORRO está com FOME, ele FAZ COISAS TERRÍVEIS PARA ALCANÇAR SEU OBJETIVO, e isso corresponde ao fato de que, quando JOÃO QUER ALCANÇAR SEU OBJETIVO, ELE FAZ COISAS DESPREZÍVEIS.	JOÃO corresponde a CACHORRO. Quando um CACHORRO está CARENTE, ele QUER ATENÇÃO DO DONO, e isso corresponde ao fato de que, quando JOÃO ESTÁ EM UM ENCONTRO, ELE QUER TER TODA ATENÇÃO PARA ELE.

Tabela 1: Mapeamento da metáfora: SER HUMANO É CACHORRO

A teoria não explica claramente como a mesma metáfora pode ter mapeamentos tão diferentes. Lakoff & Johnson (1980, p.53-55) dizem que um mesmo conceito pode ter metáforas diferentes em função da cultura, e que novas metáforas podem ser construídas, utilizando partes dos domínios não-convencionais. Talvez fosse possível, nessa perspectiva, explicar que as duas interpretações fazem parte dos dois domínios, e que elas estão presentes, mas não são acessadas. A pergunta, no entanto, não é respondida: como explicar que A compreende a metáfora diferentemente de B? E como explicar, ainda que a interpretação de A é a mais típica, mas que, caso houvesse (06), a interpretação típica seria a de B?

(06) A: Como foi o encontro com João?

B: Ele é um cachorrinho.

Uma forma de tentar responder a essas questões é construir uma interface com a abordagem da Teoria da Relevância, que compreende a comunicação humana como sendo guiada pelo princípio da relevância, buscando maiores efeitos cognitivos com menor custo de processamento. Além disso, um outro princípio é o de que prestamos atenção aos *inputs* que estão mais manifestos.

A principal contribuição da Teoria da Relevância para a das Metáforas Conceituais é justamente a questão de relevância: no momento em que as suposições

enciclopédicas são acessadas, cada pessoa acessa o que é mais relevante para si. No caso, as entradas enciclopédicas de CACHORRO para A e B são:

Entrada enciclopédica de CACHORRO para A	Entrada enciclopédica de CACHORRO para B
- Cachorros que são brabos fazem coisas terríveis. - Cachorros podem ser desleais quando estão com fome ou querem cruzar com uma cadela.	- Cachorros sempre querem atenção do dono. - Cachorros, quando querem atenção, são chatos e ficam em volta do dono.

Tabela 2 – Entrada Enciclopédica CACHORRO

Além da questão da memória enciclopédica, pode-se afirmar que, para A, o fato de cachorros serem desleais está mais manifesto do que o fato de eles serem carentes; ao contrário de B. O mesmo raciocínio pode ser feito para (06). O fato de CACHORRO estar no diminutivo faz com que outros aspectos mais relevantes sejam acessados:

- Cachorrinhos são filhotes, que precisam ser cuidados com atenção e carinho. Eles precisam constantemente de ajuda.

Mostra-se, assim, que o princípio da relevância explica o motivo pelo qual as pessoas fazem diferentes mapeamentos para uma mesma metáfora. Entretanto, outra questão emerge: por que não aceitar a abordagem da Teoria da Relevância como a mais relevante, através da construção de conceitos *ad hoc*? Parece que essa abordagem falha ao explicar metáforas que não sejam do tipo $A \text{ é } B^{259}$, como (07)

(07) Nossa relação está em um beco sem saída.

Como se daria a construção do conceito *ad hoc*? Ele teria que passar por um processo de ampliação e restrição para que pudesse se referir também à relação amorosa. No entanto, mesmo assim, o enunciado é ostensivo e leva a efeitos cognitivos relevantes. Na interpretação de (07), automaticamente ativaria-se o conceito BECO SEM SAÍDA*, que pode ser associado às seguintes suposições enciclopédicas:

a. É UM LUGAR QUE NÃO POSSUI SAÍDA.

²⁵⁹ A noção de que a Teoria da Relevância não explica exemplos metafóricos que não tenham a estrutura $A \text{ é } B$ é defendida por Tendhal (2009, p.141), que propõe uma teoria híbrida da metáfora.

b. PARA SAIR DELE, É PRECISO VOLTAR ATRÁS.

c. QUEM ESTÁ EM UM BECO DE SAÍDA PRECISA TOMAR UMA DECISÃO.

Essas suposições formam o conceito BECO SEM SAÍDA*, que se relacionariam também ao conceito de RELAÇÃO AMOROSA. O enunciado veicularia, assim, várias implicaturas fracas, entre elas:

S1: Se recomeçarmos a relação, precisaremos buscar outra rota.

S2: Se acabarmos a relação, o beco sem saída desaparece.

S3: Se continuarmos com a relação, precisaremos superar os obstáculos

Entretanto, será que a construção do conceito *ad hoc* é a melhor forma de explicar a metáfora? Se for, como eles são construídos? Parece que o caminho mais rápido para o processamento da metáfora seja mapear um domínio em relação ao outro. Wilson & Carston (2006, p.427) afirmam:

The relations between ‘domain mapping’ accounts of metaphor and fully inferential accounts deserve fuller exploration than we can give them here, and we hope to address them in future work. For now, we simply note that, if our arguments for the continuity view are correct, and if emergent properties can be derived using only the independently motivated inferential mechanisms (...), then domain mappings may be best seen as contributing to metaphor interpretation on the effort side, by altering the accessibility of contextual assumptions and implications, rather than playing the central role assigned to them in most cognitive linguistic accounts

Parece claro, então, que uma interface entre as duas teorias é a melhor forma de explicar como as metáforas são processadas. Tendhal (2009, p.146) afirma que

In Tendhal & Gibbs (2008), the authors support the idea that mappings play a significant role in accessing contextual assumptions and that metaphor interpretation works according to expectations of relevance. (...) [they] claim that mappings do not just modify the accessibility of assumptions and thereby the

processing effort of interpreting metaphors, they rather believe that mappings are responsible for the connection between, for example, physical and psychological senses of concept attributes like *powerful*.

Nessa interface, portanto, assumir-se-á que a metáfora conceitual é construída on-line, ou seja, durante a interpretação do enunciado. Ela é, também, parte da explicatura, pois é a proposição que o falante quis comunicar. Dessa forma, cria-se um conceito *ad hoc* que aponta para a metáfora conceitual, e constroem-se, simultaneamente, as implicaturas. Resolve-se, assim, o problema de como conceitos *ad hocs* são construídos em metáforas não-convencionais, como em (07), em que conceitos aparentemente desconexos são ligados.

Para demonstrar como a interface ajudaria na compreensão dos enunciados metafóricos, considere o exemplo (08):

(08) A: Como está teu marido depois da briga?

B: Um leão domesticado.

O processo inferencial de (08) implicaria que A rapidamente desenvolvesse um cálculo dedutivo não-trivial acerca das palavras de B, formando explicatura e implicaturas que se ajustariam mutuamente para levar a uma conclusão.

A explicatura seria: [O marido de B] é um LEÃO* domesticado.

O conceito *ad hoc* LEÃO* indicaria a metáfora conceitual de que HOMEM É LEÃO e, conseqüentemente, o mapeamento entre os dois domínios: o HOMEM corresponde ao LEÃO, a forma como o HOMEM se comporta na SOCIEDADE corresponderia à maneira como o LEÃO age em sua TRIBO. Esse mapeamento, construído a partir do princípio da relevância, pode ser considerado como as suposições enciclopédicas do conceito *ad hoc*/metáfora conceitual, de acordo com o contexto.

A partir dessa explicatura, o interlocutor A pode construir em seu ambiente cognitivo as seguintes suposições:

S1: Um leão é forte, chefe de sua tribo e responsável por tomar as decisões.

S2: Ser domesticado significa estar submetido à vontade de seres humanos.

S3: O marido de B é um leão domesticado pela mulher.

Conclusão Implicada: B manda em sua casa, e não seu marido.

No nível da explicatura, reconhece-se a metáfora conceitual, que, aliada ao conhecimento enciclopédico e ostensivo, automaticamente constrói um mapeamento

relevante à comunicação. Nessa perspectiva, ao contrário do que era afirmado na Teoria da Relevância, os conceitos *ad hoc* apontam para uma metáfora conceitual, e não apenas passam por um processo de ampliação ou delimitação. Da mesma maneira, as metáforas conceituais passam a ser essenciais para o processo inferencial.²⁶⁰

Como explicar, então, que a construção de metáforas é baseada na experiência. Por que pode haver ARGUMENTAÇÃO É GUERRA e ARGUMENTAÇÃO É DANÇA? O fato é que parece que além da experiência, o que vai definir se uma ou outra metáfora deve ser usada é, no final de tudo, o princípio da relevância. Talvez seja mais relevante, em um certo momento, conceitualizar argumentação como guerra, e, em outro, como dança.

Dessa maneira, assume-se que o Princípio da Relevância guia a cognição humana, inclusive para avaliar se a Metáfora Conceitual constitui-se como o menor custo de processamento para maiores benefícios. Tendhal (2009), que propõe uma teoria híbrida para explicar as metáforas, faz uma observação extremamente relevante que vai ao encontro da proposta de interface desse trabalho:

This work certainly shows that after more than two millennia of metaphor research, there are still many open questions, and I believe that we can only progress if scholars from different theoretical approaches and different disciplines cooperate in their efforts. (TENDHAL, 2009, p.260)

Como pode ser visto, ao longo dessa seção, buscou-se demonstrar que a interface construída entre a Teoria da Metáfora Conceitual e a Teoria da Relevância é capaz de explicar mais adequadamente o fenômeno da metáfora.

4 Considerações Finais

Nesse artigo, buscou-se realizar um estudo que procurasse mostrar que a interface entre as Teoria da Relevância e da Metáfora Conceitual pode explicar mais adequadamente o processo de inferencial das metáforas. O primeiro passo foi apresentar

²⁶⁰ Em relação ao fato de, para Lakoff & Johnson (1980), a metáfora é central à cognição, a construção da interface assumiria que conceitualizar o mundo metaforicamente é, em alguns momentos, o mais relevante.

a abordagem da Teoria da Relevância para as metáforas; o segundo foi mostrar a abordagem da Teoria da Metáfora Conceitual; e o terceiro foi construir uma interface entre as teorias, a partir da perspectiva da Metateoria das Interfaces.

Mostrou-se, de maneira geral, que os problemas cruciais para a Teoria da Relevância e para a Teoria da Metáfora Conceitual podem ser dissolvidos na interface. Ou seja, em relação ao problema da metáfora, uma interface entre as duas teorias explicitadas parece ser mais eficiente. De modo particular, a interface entre as teorias ofereceu respostas satisfatórias às questões norteadoras deste estudo. É necessário reconhecer, também, que a Metateoria das Interfaces (Campos, 2007) mostra-se eficiente no papel de reorganizar a Ciência da Linguagem, relacionando fundamentos e potenciais de aplicação de perspectivas incomensuráveis ao nível teórico.

Espera-se que este trabalho possa ter contribuído com o estudo acadêmico sobre as metáforas, assunto que se mostra inesgotável e complexo, fonte de estudo durante milênios. Da mesma forma, mais pesquisas que envolvam a interface entre Teoria da Relevância e Semântica Cognitiva parecem ser necessárias, inclusive no que se refere à natureza de processos inferenciais dentro da perspectiva efeito/esforço.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética: Os Pensadores*. São Paulo, SP: Abril, 1999.

CAMPOS, Jorge. Ciências da Linguagem: Comunicação, Cognição e Computação – Relações Inter/Intradisciplinares. In: AUDY, J. L. N. & MOROSINI, M. C. (Orgs.) *Inovação e Interdisciplinaridade na Universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____. *Filosofia da Lingüística, Filosofia da Ciência e Metateoria das Interfaces*. Disponível em <<http://www.jcamposc.com.br/filosofia%20da%20ciencia%20e%20interfaces.pdf>> Acesso em 10 de julho de 2010.

CARSTON, Robin. Metaphor, ad hoc concepts and word meaning – more questions that answers. *UCL working papers in linguistics* 14. 2002. p. 83-105.

EVANS, V & GREEN, M. *Cognitive Linguistics – an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2006.

GIBBS, R. & TENDHAL, M. Cognitive Effort and Effects in Metaphor Comprehension: Relevance Theory and Psycholinguistics. *Mind & Language*. 2006. v. 21, n. 3, p. 379–403.

GRICE, Paul. Logic and Conversation. 1975. In: DAVIS, Steven. *Pragmatics*. New York: Oxford University Press, 1991. p. 305-315.

KÖVECSESE, Zoltán *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: A. Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202–251.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. 1980

_____. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: Communication and cognition*. 2 ed. Cambridge: Basil Blackwell, 1995.

_____. A deflationary Account of Metaphor. In: GIIBS, R. *The Handbook of Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

TENDHAL, M. *YA Hybrid Theory of Metaphor: Relevance Theory and Cognitive Linguistics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

VANIN, Aline Aver. *A relevância em comunicação : a construção de inferências internas e externas a filmes publicitários*. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, 2002.

WILSON, D & CARSTON, A. A unitary approach to lexical pragmatics: relevance, inference and ad hoc concepts. In: BURTON-ROBERTS (ed). *Advances in Pragmatics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007, p. 230-260.

_____. Metaphor and the ‘emergent property’ problem: A relevance-theoretic treatment. *The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*. 2008. v. 3: A Figure of Speech: 1-40.

WILSON, D & SPERBER, D. 2005. Teoria da Relevância. *Linguagem em (Dis)curso*. UNISUL, v. especial, n. 5, 2005.

A metáfora na leitura em língua estrangeira: efeitos de uma intervenção pedagógica

Cláudia Valéria Vieira Nunes Farias²⁶¹

profclaudiafarias@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo é o resultado da pesquisa para a dissertação de mestrado com o mesmo título e que teve como foco a compreensão da linguagem metafórica em textos de língua estrangeira. A pesquisa se propôs a verificar se e até que ponto a presença de expressões metafóricas pode constituir um obstáculo para a compreensão de um texto em língua estrangeira e a investigar de que forma esse obstáculo poderia ser minimizado com uma sensibilização pedagógica voltada para a ocorrência de metáforas na linguagem cotidiana, de uma maneira geral e no gênero horóscopo, de forma específica.

A pesquisa utilizou dois eixos teóricos principais: o das teorias de leitura e o das teorias de metáfora. No primeiro caso, adotou-se uma visão interacional e sócio-histórica de leitura (Nunes, 1992, Amorim, 1997). No segundo, seguiu-se a abordagem cognitiva da metáfora (Lakoff e Johnson, 1980/2002), em que essa figura é vista como uma figura de pensamento, e não só de linguagem presente no discurso do dia-a-dia e mantendo uma forte relação com a cultura (Kövecses, 2005).

A metodologia adotada foi de base qualitativa e a pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola pública, tendo como instrumentos atividades escritas e protocolo verbal em grupo. Um texto rico em linguagem metafórica do gênero horóscopo e em língua inglesa foi utilizado como base para as atividades de leitura e de verificação da compreensão. Essas atividades foram realizadas em duas etapas diferentes e foram intercaladas por uma etapa de sensibilização dos alunos para a ocorrência de metáforas em língua materna e em língua estrangeira.

A análise dos resultados indicou que, após uma sensibilização pedagógica conduzida pela professora, houve um aprimoramento, por parte dos alunos, da compreensão das expressões metafóricas presentes no texto, corroborando assim a visão de Lazar (2003) e Lima (2005) sobre a importância de se abordar a metáfora pedagogicamente. Este estudo sugere, então, a partir dos resultados obtidos, que a conscientização dos alunos para a ocorrência de expressões metafóricas seja feita de maneira sistemática durante as aulas de língua estrangeira.

PALAVRAS - CHAVE: metáfora; pesquisa-ação; protocolo verbal; leitura.

²⁶¹ Colégio Pedro II – RJ

ABSTRACT

This study is the result of the research implemented as part of the master's terminal paper with the same title which focused on the comprehension of metaphors in foreign language texts. The research aimed at verifying if and to what extent the presence of metaphors may represent an obstacle to the comprehension of a foreign language text and also to investigate how this obstacle could be overcome or minimized through pedagogic intervention focused on metaphor which is present in daily language.

The study is based on two theoretical axes: the theories of reading and the theories of metaphor. In the first case, an interactional and socio-historical view of reading (Nunes, 1992, Amorim, 1997) was adopted; in the second case, a cognitive approach to metaphor, within which this trope is viewed as a figure of thought and not merely as a figure of language (Lakoff e Johnson, 1980/2002), was followed.

The methodology adopted was qualitative and an action research was carried out with secondary school foreign language pupils in a public school. The instruments consisted of two written activities, group verbal protocol and pedagogic intervention. A text rich in metaphorical language inscribed in the genre horoscope was used as reading material and some comprehension activities were proposed. Those activities were proposed in two different moments and were separated in time by a different activity, namely, a class which the main focus was analyzing metaphors in general.

The analysis of the data indicated that there was enhancement in the metaphor comprehension in the students' reading process after the pedagogic intervention, which corroborates the claim advocated by several scholars (Lazar, 2003, Lima, 2005) that teaching about metaphors brings benefits to language learning in general and to reading.

KEY - WORDS: metaphor, action research, verbal protocol, reading.

Introdução

A prática reflexiva sugere que o professor reflita continuamente sobre a sua experiência pedagógica visando o aperfeiçoamento da sua prática. Identificar as principais dificuldades do aluno torna-se imprescindível como uma forma de buscar alternativas que facilitem o seu aprendizado. A partir da reflexão sobre a prática em sala de aula e de entrevistas informais com os alunos para tentar identificar os problemas que encontram no aprendizado de língua estrangeira (doravante LE), pude perceber que uma das principais queixas é a sensação de insegurança que experimentam ao ler textos em língua inglesa. Isso ocorre principalmente quando eles se deparam com um item lexical desconhecido ou um parágrafo confuso. Normalmente interrompem a leitura porque, segundo Farrell (2003), essa se torna “dolorosa, enfadonha, nada divertida e muito difícil”. (FARRELL, 2003: III).

Podemos, em um primeiro olhar, procurar na natureza do próprio texto as fontes dessa insegurança. A presença de palavras desconhecidas e a referência a informações não compartilhadas pelo aluno em função de lacunas em seu conhecimento prévio são alguns dos fatores frequentemente apontados como obstáculos à compreensão do texto em língua estrangeira. Há, porém, um nível específico de complexidade do texto que é, muitas vezes, negligenciado e que não é contemplado pelos procedimentos descritos, mas que deve merecer a atenção do professor. O aluno pode se deparar com um texto cujo gênero é conhecido e cujo vocabulário e gramática estão ao seu alcance e, ainda assim, deixar de perceber outras possibilidades de sentido de determinadas palavras ou expressões presentes no texto. O aprendiz de leitura em LE, ao se deter no sentido literal de muitas expressões usadas figurativamente, vivencia um estranhamento que parece interferir na compreensão do texto. O aluno tende a buscar o sentido literal das palavras, o sentido dicionarizado. A metáfora, mais especificamente, aparece como uma das situações em que o que está escrito requer, muitas vezes, um processamento cognitivo por parte do aluno que vai além do simples reconhecimento da palavra e da compreensão do seu sentido literal.

A linguagem metafórica pode implicar grande dificuldade para o aluno de Ensino Médio que, embora já esteja amadurecido linguisticamente e cognitivamente para usar e perceber metáforas na língua materna (doravante LM), pode não apresentar a mesma desenvoltura e segurança para compreendê-las em LE. Essa não transferência automática da habilidade de compreender a metáfora em LM para a compreensão dessa figura em LE pode ser explicada por alguns fatores, como, por exemplo, o fato de o leitor em LE parecer se prender muito ao sentido literal. Ao tentar buscar o sentido literal de uma palavra e, não conseguindo inseri-lo no contexto e no gênero do texto em questão, ele pode se sentir inseguro e duvidar do seu conhecimento lexical antes de tentar atribuir ao vocábulo um uso metafórico.

Outro fator seria o aspecto cultural da metáfora. O leitor pode não compartilhar do conhecimento sócio-cultural que é imprescindível para a compreensão da metáfora. A dificuldade na compreensão da metáfora pode comprometer o entendimento do texto como um todo. Dessa forma, acreditamos que a linguagem figurada deva receber um tratamento pedagógico específico a fim de sensibilizar o leitor-aprendiz para a presença dessa figura no texto em LE. Investigar como a sensibilização do leitor-aprendiz para a ocorrência da linguagem metafórica em textos em LE pode aprimorar a sua habilidade leitora são, assim, a motivação principal desta pesquisa.

1 – Fundamentação teórica: Leitura e metáfora

A fundamentação teórica deste trabalho se apoia em dois eixos principais que nortearam a presente pesquisa: teorias de leitura e de metáfora. Esse último eixo será abordado a partir de duas perspectivas: conceituação e compreensão de metáfora.

Freire (1995) defende que a leitura está em tudo, uma vez que aprendemos a estar no mundo através dela. É importante conceituarmos o ato de ler e, para sermos coerentes com o objetivo deste estudo, percebermos o lugar que a metáfora pode ocupar na compreensão do texto por parte do leitor aprendiz.

Definir o processo de leitura é uma tarefa árdua, pois, como demonstra Kato (1995), a leitura se presta a vários tipos de abordagens e indagações. A visão tradicional do processo de leitura parte do pressuposto de que o significado de um texto estaria somente nele próprio, cabendo ao leitor, então, decodificá-lo. Esse modelo, chamado inicialmente de “modelo de decodificação”, teve o seu auge entre os anos 30 e 60 e, mais tarde, ficou conhecido como modelo *bottom-up* ou ascendente. Nesse modelo, o processo de leitura equivale à decodificação linear, sendo considerada uma atividade perceptiva e mecânica, centrada no processamento gráfico em que a informação parte do texto para o leitor. O significado é inerente ao texto e o leitor desempenha um papel passivo.

A partir de meados da década de 60, surge o modelo psicolinguístico, também conhecido como “top-down”, ou descendente, que defende que o fluxo da informação parte, fundamentalmente, do leitor para o texto. Dessa forma, segundo Amorim (1997), o conhecimento prévio do leitor passa a ter um papel igual, ou, até mesmo, mais importante do que a informação contida no texto. A leitura passa a ser considerada um ato cognitivo e ativo, já que o leitor traz para essa tarefa uma vasta gama de informações, ideias, atitudes e crenças. Segundo Aebersold e Field (1997, p.18): “a corrente “top-down” de teoria da leitura argumenta que os leitores “encaixam” o texto no conhecimento (cultural, sintático, linguístico

e histórico) que eles já possuem, depois verificam quando informações novas e inesperadas aparecem.²⁶²

O terceiro modelo, o modelo interacional, combina os dois modelos anteriores, sendo que o termo “interacional” se refere ao tipo de processamento da informação. Dessa forma, o leitor usa ambos os processos ascendente e descendente continuamente, ao mesmo tempo ou não, como forma de construir o significado do texto. O fluxo da informação é bidirecional, ou seja, o leitor faz previsões sobre o texto, levando em conta a sua experiência, confirmando-as ou refutando-as, a partir de elementos linguísticos contidos no texto. Como esses elementos foram escolhidos pelo autor, ou seja, o autor opta por determinadas estruturas para escrever o texto, esse modelo interacional, além de ser a combinação dos dois anteriores, realça o papel do autor. Afinal, segundo Bakhtin (1999, p.113), toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém, constituindo justamente o produto da interação entre locutor e ouvinte. Por isso, para alguns autores, o termo interacional remete à interação entre leitor e autor, via texto.

Mais recentemente, o termo “sócio-interacional” surgiu como referência a um modelo posterior ao interacional, que leva em conta o contexto histórico e as características sociais em que o texto foi produzido. Nessa perspectiva, Soares (1995) acredita que a leitura não é um ato solitário, mas a interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros.

O termo metáfora, por sua vez, deriva do grego “*metapherein*” em que *meta* = mudança e *pherein*=carregar, transferir. A metáfora envolveria, então, a transferência de significado de um objeto para outro (Lazar, 2003). O termo, provavelmente cunhado por Aristóteles, foi considerado até a década de 80 uma figura de linguagem presente no discurso retórico ou no poético. No primeiro caso, o objetivo seria o de “ludibriar, enganar” o leitor ou o ouvinte para convencê-lo das ideias do autor ou do falante. Já no discurso poético, a metáfora era considerada apenas como um artefato característico da linguagem literária, ou presente na linguagem não literária por opção do autor em variar o seu estilo.

²⁶² (minha tradução): “The top down school of reading theory argues that readers fit the text into knowledge (cultural, syntactic, linguistic, historical) they already possess, then check back when new or unexpected information appears.”

Na obra “Metáforas da Vida Cotidiana”, Lakoff e Johnson (1980/2002) sistematizam o que alguns autores como Black (1962), Richards (1936) e Ricoeur (1978) já vinham sugerindo há algum tempo em obras isoladas: a metáfora seria bem mais do que um simples ornamento no discurso. Eles retomam o conceito de metáfora não mais como uma figura de linguagem desprovida de qualquer dimensão cognitiva, mas sim como uma figura do pensamento com manifestações linguísticas; como um mecanismo cognitivo em que um domínio é parcialmente mapeado, ou seja, projetado em outro de forma que um deles é entendido em termos do outro (Barcelona, 2003). Já que a metáfora conceitual subjaz várias expressões linguísticas características de diversos gêneros e situações discursivas, ela será de grande interesse para o profissional que se dedica a ensinar línguas e leitura. Especialmente em língua estrangeira, conscientizar o aluno sobre a ocorrência desse tropo e sobre a sua natureza figurada pode ajudá-lo a se tornar um leitor mais proficiente.

Cortazzi e Jin (1999) citam estudos que comprovam a eficácia do uso da metáfora no ensino de outras disciplinas. Eles mostram também que a metáfora pode permear várias disciplinas e pode migrar de um campo de conhecimento a outro. É o caso, por exemplo, da metáfora do “andaime” (*scaffolding*) em que o aprendiz recebe um suporte cognitivo de um par mais competente e esse suporte é gradativamente retirado à medida que ele passa a desenvolver a habilidade sem necessidade de ajuda.

A eficácia do uso da metáfora como ferramenta de ensino pode ser explicada pelo fato de que sua compreensão envolve uma participação mental ativa para ligar domínio-alvo e domínio-fonte, segundo Cortazzi e Jin (1999), Petrie (1979, in GIBBS, 1996, p.221) sugere que a metáfora pode agir como um estímulo para um aprendizado movido por hipóteses uma vez que a incongruência e a falta de completude das expressões metafóricas estimulam a experimentação por parte do aprendiz, ou seja, estimulam a participação cognitiva. Tanto no ensino de LM como no de LE, o estudo da metáfora como uma figura de pensamento poderá ajudar o aprendiz a perceber significados que estão além do sentido literal. Esse conhecimento pode permitir ao leitor interpretar as expressões metafóricas e, dessa forma, perceber as nuances de significado que justificaram a escolha da metáfora pelo autor do texto em detrimento da linguagem literal.

Compartilhando as conclusões de várias pesquisas citadas e o que defendem muitos autores (Lakoff e Johnson, 1980/2002; Gibbs, 1996; Lazar, 2003; Gomes, 2004), acreditamos que, mais do que uma figura, a metáfora se impõe como uma ferramenta

primordial para a compreensão do texto e para o entendimento, por parte do aprendiz, do funcionamento da língua. Esse conhecimento o capacitará a se tornar cada vez mais proficiente como usuário da língua e, de acordo com o foco específico deste estudo, como leitor de textos em inglês como língua estrangeira, permitindo, assim, que os andaimes sejam, aos poucos, retirados.

2 – Metodologia

A pesquisa foi feita com alunos do Ensino Médio de uma escola pública federal na área urbana do Rio de Janeiro, de ambos os sexos, entre 15 e 18 anos, aproximadamente. O nível de proficiência na língua estrangeira é bastante variado. O trabalho pedagógico é feito a partir da leitura de textos e o estudo da gramática acontece a partir da sua ocorrência nesses textos. Os textos são autênticos, compilados em apostilas e versam sobre assuntos variados. Os alunos são ensinados a usar estratégias de leitura como *scanning*, *skimming*, inferência lexical, referência pronominal, estudo de afixação, entre outras, de maneira a perceberem o significado do vocabulário desconhecido e chegarem às ideias principais do texto.

Dentro desse contexto, os alunos estão familiarizados com a noção de gênero textual. Eles compreendem que a identificação do gênero pode ser uma das ferramentas para ajudá-los a fazer previsões e ajudá-los nas hipóteses sobre o texto que formularão antes da leitura e que serão refutadas ou confirmadas no decorrer do processo de leitura. Esse conhecimento foi fundamental para a nossa pesquisa, porque a ocorrência de expressões metafóricas no texto pode parecer, num primeiro momento, uma dificuldade para os alunos, por ir de encontro às previsões que esses fazem sobre o vocabulário esperado no texto. A nossa hipótese era a de que, ao perceberem que o vocabulário, que fora considerado inadequado em um primeiro momento, é coerente com a metáfora conceitual subjacente ao texto, ou que ele é usado para facilitar a compreensão do leitor sobre o assunto, os alunos parecem adquirir mais confiança. Dessa forma, seriam capazes de chegar ao significado do texto fazendo uso de mais um instrumento – um conhecimento mais aprofundado sobre a metáfora. Para explorarmos essa hipótese, adotamos a pesquisa-ação, informada por diferentes instrumentos.

Na pesquisa-ação o professor é o pesquisador da sua própria prática e pode, portanto, optar por investigar questões específicas da sua sala de aula com vistas a contribuir para um melhor desempenho de seus alunos. Além da pesquisa-ação, utilizamos o protocolo verbal em grupo ou evento social de leitura. O protocolo verbal é uma atividade que, usada como procedimento de pesquisa, busca revelar as estratégias cognitivas envolvidas no processo de leitura (Zanotto, 1997). Essa atividade consiste em levar o leitor a verbalizar, ou seja, explicitar verbalmente seu pensamento (*think aloud* ou “pensar alto”) à medida que ele lê o texto e procura compreendê-lo (Gomes, 2004).

3. – Atividades:

3.1 – Atividade 1

Na primeira etapa da pesquisa os alunos, divididos em grupos, responderam a questões sobre o texto escolhido (Atividade I), pertencente ao gênero “horóscopo”, durante uma aula de 90min. Seguindo os procedimentos do evento social de leitura, eles discutiram as questões e negociaram as respostas com seus colegas, tentando chegar a um consenso entre os membros do grupo, uma vez que essa atividade é colaborativa e o que se busca são as respostas do grupo e não respostas individuais.

A atividade foi aplicada na turma dividida em sete grupos e a discussão de um dos grupos foi gravada. Os alunos foram orientados a verbalizar todas as suas dúvidas sobre as questões e, tanto quanto possível, explicitar também o raciocínio que seguiram para chegar a determinada resposta. Os alunos, divididos em grupos de quatro ou cinco, receberam o seguinte material:

- a- um texto do gênero “horóscopo” estruturado em nove parágrafos de acordo com os signos tratados, o que faz com que cada parágrafo seja um texto em si, já que contém informações e conselhos para aquele determinado signo.
- b- um glossário para assegurar que não houve influência de dificuldades lexicais para a compreensão do texto. O intuito foi garantir que o foco estivesse na linguagem figurada e não no vocabulário desconhecido;

c- uma folha de respostas para o grupo com questões sobre o texto que visaram verificar até que ponto os alunos perceberam o uso das marcas metafóricas presentes e como essas marcas os ajudaram ou não a compreender o sentido geral do texto;

3..2 – Atividade 2: intervenção pedagógica

A segunda etapa foi feita novamente com os alunos e incluiu uma aula de 90min versando basicamente sobre o conceito de metáfora. Os alunos foram expostos a textos escritos e não escritos (imagens) e discutiram sobre o que entendiam por metáfora. Eles foram estimulados a refletir sobre os seguintes aspectos:a) as expressões metafóricas que ocorreram nos textos e aquelas usadas no cotidiano;as metáforas conceituais subjacentes;

c) a compreensão de metáforas e a importância do conhecimento cultural; d) a importância do uso de metáforas e a intenção do autor ao optar pelo seu uso, entre outras questões.

O objetivo geral da aula foi tornar o leitor-aprendiz mais proficiente na compreensão da metáfora e, conseqüentemente, na construção do sentido do texto como um todo. A eficiência pedagógica – ou não – dessa sensibilização foi verificada na terceira fase.

3.3 –Atividade II

Nessa fase, os alunos foram expostos ao mesmo texto usado na primeira atividade e levados a responder a questões sobre ele. Eles receberam um material semelhante àquele utilizado na primeira fase: o texto, o glossário, a atividade II na qual as respostas deveriam ser colocadas e folhas com a atividade II para serem utilizadas apenas como referência. As questões da segunda atividade foram mais elaboradas e enfocaram a percepção dos alunos das marcas linguísticas metafóricas e das metáforas conceituais subjacentes, quando apropriado.

A análise dessas respostas permitiu a verificação da capacidade leitora dos alunos, principalmente de um texto rico em expressões metafóricas. A discussão dos resultados deste

trabalho englobou a comparação das respostas da atividade I com as da atividade II, e teve como objetivo avaliar se houve desenvolvimento na qualidade da leitura realizada pelos alunos depois desses terem sido expostos ao conceito de metáfora.

4

– O texto

O texto escolhido para esta pesquisa foi um exemplo do gênero horóscopo chamado “STARS” e publicado na revista britânica “The Express” em 18/12/1998. Além de propiciar o uso da linguagem metafórica, o horóscopo nos pareceu o gênero mais adequado para esta pesquisa por ser bastante familiar aos alunos. Além disso, o enfoque na leitura de textos em LE a que os alunos estão acostumados faz com que eles estejam conscientes de que é importante conhecer a intenção do leitor ao ler determinado gênero textual para escolher o tipo de leitura. Parece haver um “jargão” típico do gênero horóscopo e, como parte desse “jargão”, estaria a presença de muitas expressões metafóricas. Se o horóscopo tem como finalidade fazer previsões sobre o futuro do leitor e considerações sobre o presente, é natural que as metáforas conceituais relacionadas aos domínios VIDA, FELICIDADE, OBJETIVOS, AMOR, entre outros, sejam as mais comuns nesse gênero. O exemplo escolhido para este trabalho não é uma exceção e contém expressões linguísticas licenciadas por uma metáfora conceitual que une os domínios VIDA e VIAGEM. A riqueza do texto está também na ocorrência de expressões metafóricas inusitadas e que não fariam parte deste domínio conceitual, como a que sugere que o leitor “faça uma limpeza no armário”.

Muitas metáforas usadas no texto estudado pelos alunos, mesmo não correspondendo a expressões idiomáticas cristalizadas, remetem a metáforas conceituais bastante comuns, tendo inclusive já sido exploradas por Lakoff e Johnson (1980/2002), Kövecses (2002 e 2005), entre outros. Na língua inglesa, há expressões como *to come out of the wardrobe* (assumir o seu lado reprimido) e *to have skeletons in the wardrobe* (ter segredos). O “armário” pode ser também uma metáfora para a organização dos vários aspectos da vida, o que remeterá a uma provável metáfora conceitual ARMÁRIO ORGANIZADO = VIDA ORGANIZADA. No caso da expressão *clearing out the wardrobe*, que significa literalmente fazer uma “limpeza” no armário, jogando fora tudo o que não é usado, deixando apenas o essencial, remete também a uma “faxina da vida”. Há, portanto, um duplo sentido do armário (armário literal e armário como *container* de vários aspectos da

vida). O armário, assim, parece ser uma metáfora bem típica da cultura de língua inglesa (um lugar de segredos, pecados, desejos e fantasias recalçadas). Verificar se e como essas e outras metáforas são percebidas por leitores aprendizes de inglês como língua estrangeira e se uma intervenção pedagógica facilitaria sua compreensão foram os objetivos das atividades propostas.

5 – Atividade I e análise

A atividade I continha uma série de atividades de compreensão do texto visando recuperar o conhecimento de gênero textual dos alunos fazendo com que eles criassem expectativas em relação não só ao assunto do texto, como também à forma como esse assunto seria abordado no texto. O aluno deveria fazer previsões sobre o vocabulário esperado e elas foram extremamente importantes porque o aluno pôde compará-las ao vocabulário efetivamente encontrado no texto e, comparando-as, pôde concluir que houve itens lexicais não previstos.

A segunda parte da atividade, feita após uma leitura mais cuidadosa do texto, teve como objetivo avaliar se o aluno foi capaz de perceber a linguagem figurada usada abundantemente pelo autor. As perguntas eram mais abertas e o aluno teria mais oportunidade de expressar livremente a sua reação às expressões metafóricas encontradas.

A terceira parte continha perguntas mais direcionadas e guiaram o aluno que não percebeu o uso figurado ou que não soube como fazer a distinção entre o sentido literal e o figurado. Algumas perguntas da atividade funcionaram como uma atividade de pós-leitura em que os alunos foram requisitados a refletir sobre o uso da linguagem figurada e fazer a relação entre o texto estudado e aqueles do mesmo gênero encontrados no dia-a-dia.

A análise das respostas a atividade I mostraram o conhecimento dos alunos sobre gênero textual e sobre as diferentes finalidades discursivas de cada gênero. Amorim (1997, p.16) ressalta que o conhecimento prévio pode ter um papel mais importante do que a informações efetivamente contidas no texto. Isso foi demonstrado pela capacidade que os alunos demonstraram em responder corretamente às primeiras perguntas sem que tenham

feito uma leitura cuidadosa do texto, ou seja, a partir apenas do conhecimento que já detêm sobre o gênero e as expectativas que trazem para o ato de ler.

Quanto à previsão sobre o tempo verbal, seis dos sete grupos indicaram o futuro como aquele escolhido pelo autor, demonstrando, mais uma vez, conhecimento do gênero e de sua finalidade por parte dos alunos. Quanto ao tipo de linguagem, dois grupos sugeriram a linguagem informal. As respostas a essa questão foram muito importantes para que os alunos ativassem os esquemas que possuem sobre o vocabulário pertinente a um texto do gênero horóscopo.

Na questão quatro os alunos perceberam a função dos parágrafos do texto.

Na segunda parte da atividade apenas um grupo alude à linguagem figurada. Isso foi considerado muito natural porque a questão era aberta. A resposta do grupo I é aquela que mais se aproxima da expectativa deste trabalho ao formular a questão: “ele (o autor) usa a linguagem figurada, pois assim a pessoa assimila e compara sua vida com os objetos citados”. A resposta alude indiretamente à hipótese de vivacidade da metáfora, defendida por Gibbs (1996) para explicar porque a experiência do dia-a-dia é feita através de mapeamentos metafóricos. É o que alguns autores (Cameron, 2003, por exemplo) chamam de aspecto didático da metáfora, ou seja, a noção de que a metáfora é mais facilmente apreendida e que, portanto, usar expressões metafóricas para explicar conceitos tende a produzir um efeito didático positivo.

As outras respostas demonstraram que os alunos perceberam a expressão metafórica e, a partir das respostas dadas. Pudemos inferir a existência de duas metáforas conceituais propostas pelo autor ao escolher a metáfora do armário e que poderiam ser formuladas como “A VIDA É UM ARMÁRIO” ou “O SER HUMANO É UM ARMÁRIO” (a resposta do grupo III: “O armário representa você”). Embora os alunos não fossem capazes de explicitar a metáfora conceitual, provavelmente por não compartilharem a metalinguagem desse conceito, de certa forma, o grupo III formula a metáfora conceitual quando responde “O armário é você”. A compreensão do teor metafórico da expressão por quase todos os grupos pode ter sido facilitados pela indicação da autora do texto estudado da duplicidade de sentido (literal e metafórico) com o uso da oração *whether it's clothes or a deeper aspect of your personality you are determined on a makeover*.

A transcrição do protocolo verbal indica que os alunos construíram a noção de metáfora relacionada ao vocábulo *wardrobe* juntos e as contribuições mais pertinentes foram: “é como se fosse renovar, arrumar sua vida, limpar”, “é fazer comparação, é comparar sua vida com um armário”, “a gente tá querendo dizer para você dar um novo sentido a sua vida”.

Os grupos, com exceção de dois dos sete, concordaram que havia palavras não esperadas e um deles citou a palavra armário (*wardrobe*) recuperando, então, a sugestão da questão seis. As outras respostas também foram muito pertinentes e revelaram a capacidade de percepção dos alunos quanto a um vocabulário que não faz parte das expectativas que o leitor traz para o processo de leitura.

Quanto à comunidade discursiva estudada neste trabalho, o grupo gravado sugere que o uso da linguagem figurada está relacionada ao gênero do texto como em: “eles usam muito a palavra no sentido figurado...por exemplo, você vai ter um bom trabalho, nunca tá escrito assim...você precisa...um bloco”. Apesar de não exemplificar a expressão não figurada que seria equivalente ao exemplo dado, o aluno demonstra conhecimento de que a linguagem figurada é esperada no gênero estudado.

Dos sete grupos analisados, seis perceberam a mensagem segundo a qual o nascido sob o signo de Aquário deveria estar aberto a novas amizades e apenas um grupo se deteve na primeira e na última linha do parágrafo e interpretou a mensagem parcialmente sem aludir a “amigos/amizade”. Foi interessante perceber a interpretação das expressões metafóricas. A expressão *to pull them into your circle* foi corretamente analisada pelo grupo um como “colocar as pessoas novas no seu círculo de amigos”. Entretanto, a expressão metafórica *different company to travel with* foi aparentemente ignorada pelos grupos que não fizeram alusão a ela. O grupo três não percebeu a metáfora conceitual “A VIDA É UMA VIAGEM” e traduziu a expressão por “você deve procurar novos amigos e viajar com eles”. O grupo demonstrou que não passou do primeiro estágio proposto por Searle (1993), ou seja, o da interpretação literal. Até mesmo o conhecimento prévio não foi suficiente para sinalizar para o grupo que o texto provavelmente estaria se referindo a assuntos menos práticos.

Em outras perguntas os alunos conseguiram relacionar o uso da linguagem figurada ao objetivo do autor em facilitar a compreensão do leitor, em comparar duas dimensões ajudando o leitor a entender os seus sentimentos e fazer um contraste entre coisas reais e irreais, ou ainda, aquelas relacionadas ao aspecto físico e ao aspecto dos sentimentos.

A análise das respostas também demonstrou que os alunos estão cientes de que a linguagem figurada pode ajudar o leitor a compreender melhor a mensagem e que o autor, de posse dessa informação, permeia o seu texto de expressões metafóricas com o intuito consciente de ajudar o leitor. É o que defende a terceira hipótese sugerida por Gibbs (1996) para justificar o uso de expressões metafóricas, ou seja, a hipótese da vivacidade da metáfora segundo a qual a linguagem figurada pode conter uma imagem mais vívida e descrever atributos de forma mais eficiente do que a linguagem literal. Em nenhuma resposta foi encontrada alusão ao estilo, ou seja, à possibilidade de a escolha da linguagem figurada ser decorrência do estilo pessoal do autor. O grupo quatro, inclusive, relaciona esse uso à característica do gênero textual horóscopo. A linguagem figurada teria sido usada porque os horóscopos tendem a refletir a vida das pessoas tanto pelo aspecto físico quanto em relação aos sentimentos. Esse tipo de resposta demonstra que os alunos relacionaram o assunto “sentimentos” ao uso da linguagem figurada, ou seja, eles entendem que esse tipo de linguagem parece ser mais apropriado ao se falar de sentimentos, por exemplo. Essa visão se coaduna com a hipótese da falta de expressividade da linguagem literal (Gibbs, 1996).

6 – Intervenção pedagógica: Aula sobre metáfora

A aula sobre metáfora foi estruturada em três eixos. No primeiro momento, os alunos foram estimulados a pensar e conversar sobre a linguagem figurada a partir de seis figuras que representavam as expressões idiomáticas em português na sua acepção literal. Depois de conversar sobre as figuras e sobre o que elas suscitaram em termos de ativação do conhecimento, os aprendizes foram estimulados a sistematizar as novas informações adquiridas. Finalmente os alunos foram convidados a responder oralmente a uma questão de vestibular em que a metáfora aparecia como elemento principal.

Durante a exposição às figuras a reação mais comum, que era a esperada, foi a de humor em relação às figuras. Alguns alunos sorriam apenas e outros riam à medida que visualizavam as imagens. Os alunos foram estimulados, então, a debater sobre as diferentes reações que haviam tido às figuras. A reação de humor foi a mais estimulada. Perguntei o porquê de eles terem sentido vontade de rir diante das figuras. As respostas se referiam ao fato de que as figuras eram engraçadas porque representavam situações impossíveis e “sem

sentido”. Alguns alunos formularam as expressões que as figuras representavam, mas a grande maioria não se lembrava ou nunca tinha ouvido algumas das expressões.

Nesse momento, foi introduzido o termo metáfora, mostrando que as expressões de sentido figurado eram expressões metafóricas. A seguir, coloquei no quadro negro três das seis expressões estudadas formando duas colunas. A primeira coluna com as expressões idiomáticas e a segunda com a “tradução” para o sentido literal das expressões. O objetivo era fazer com que os alunos visualizassem e respondessem à pergunta sobre o porquê de se utilizar uma expressão figurada, ou melhor, o porquê de as expressões citadas serem usadas no lugar da expressão literal. Uma das conclusões a que os alunos chegaram, em função do aspecto visual da comparação, foi a economia da expressão figurada. A diferença entre as duas colunas nos exemplos 2 e 3 era o tamanho da segunda coluna em termos de número de palavras, ou seja, a necessidade de se usar mais itens lexicais e gramaticais para parafrasear a expressão figurada. Esta conclusão corrobora a hipótese da compactação da metáfora (Gibbs, 1996) segundo a qual a capacidade de síntese da metáfora faz que ela seja, muitas vezes, preferida à linguagem figurada.

Perguntei se o sentido era o mesmo, ou seja, se seria indiferente usar a expressão figurada ou a metafórica. A conclusão da maioria foi de que a expressão figurada teria muito mais apelo, transmitindo a mensagem com mais eficácia do que a literal, aludindo à hipótese da vivacidade da metáfora. Passei, então, à fase de sistematização, mostrando aos alunos a origem da palavra metáfora, as definições normalmente encontradas nos dicionários e a ideia de metáfora que normalmente as pessoas têm. Para demonstrar a presença de expressões metafóricas, mesmo onde os alunos não percebiam, introduzi o conceito de metáfora conceitual, mostrando que há várias expressões usadas cotidianamente que estão ligadas entre si e a uma metáfora maior, que seria a metáfora conceitual. Para tanto, usei a metáfora do “guarda-chuva”, dizendo que a metáfora conceitual seria como um grande guarda-chuva embaixo do qual estariam as expressões metafóricas por ela “protegidas”. Passei a explorar a metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM, citando algumas de suas expressões lingüísticas como: “Nossos caminhos se cruzaram”, “Você é meu companheiro de viagem”, “Estou num beco sem saída”, “Estou numa encruzilhada”.

Nesse momento da aula, retornei ao tópico do humor, referindo-me ao momento em que os alunos tinham comentado sobre a reação às figuras, tentando mostrar que as expressões metafóricas são muito usadas com o objetivo humorístico quando os sentidos

literal e metafórico são justapostos. Para ilustrar esse fenômeno, passei a trabalhar com uma história em quadrinhos encontrada comumente em jornais em que o personagem Cebolinha diz ao pai que a gasolina do carro está saindo pelo ladrão, ao que o pai responde que o tanque deve estar muito cheio e, no segundo e último quadrinho, vê-se um ladrão (sentido literal) roubando a gasolina do carro.

Para exemplificar a metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM, usei um outro quadrinho em que os personagens Frank e Ernest estão num carro e um diz para o outro que “a estrada da vida seria mais interessante se não fosse de mão única”. No quadrinho nota-se uma placa com os dizeres: “Estrada da vida” e uma seta.

Com o intuito de mostrar ao aluno a importância de se estar atento a esse tropo, trabalhei com uma questão de vestibular de língua inglesa em que a capacidade de compreensão do sentido figurado é avaliada. Na primeira figura da questão, o personagem acha muito engenhoso o fato de o computador ter uma tecla *undo* (desfazer – sentido metafórico), ao mesmo tempo em que um lápis com uma borracha na sua ponta é deixado de lado e se ressentido dizendo “Engenhoso? Eu tenho um *undo* na minha cabeça há décadas...”. Na segunda figura (anexo 6.9) da mesma questão, vê-se dois peixinhos fêmeas conversando no fundo do mar. Uma diz a outra que está certa que o seu marido está surfando na *net* (sentido metafórico) enquanto elas conversam, ao que a outra responde que sabe o que ela quer dizer já que o marido dela também deve estar *online* (sentido metafórico) naquele momento. Mais acima, perto da superfície, vê-se os dois peixinhos citados. Um deles está realmente na rede de um pescador (*net* – sentido literal), enquanto o outro foi fisgado por uma linha de pesca – está *online* (sentido literal).

Debatemos a resposta à questão proposta na prova de vestibular e discutimos ainda o fato de o computador ter trazido novos termos para a linguagem do dia-a-dia, ou ainda, como foi dito no enunciado, o fato de o computador ter dado novos sentidos (metafóricos) a termos já existentes. Os termos *surfing the net* e *online* constituem dois exemplos. Tentei mostrar, então, a importância de se compreender a metáfora já que a escolha dos termos citados dependeu de uma característica do seu sentido literal que foi incorporada pela linguagem de computador. Por haver uma coincidência de atributos entre o sentido literal e o metafórico da palavra “rede”, ou seja, o fato de os computadores fazerem parte de uma rede (metafórica) que parecia bem explicada pela definição de rede (literal), fez com que esse termo, especificamente, fosse o escolhido e não outro.

A mesma situação ocorre com o termo *online* também privilegiado pela questão. Lembrei o uso da palavra *web* (teia) como outro exemplo e mostrei o significado da sigla *www* (*worldwide web*). Alguns alunos se surpreenderam quando conseguiram fazer a correlação do sentido literal com o metafórico e com o fato de fazerem uso de termos cujo significado metafórico conhecem, sem que tenham tido conhecimento do sentido literal. Ou seja, tinham sido expostos e aprenderam a usar um termo no sentido metafórico antes mesmo de conhecerem o seu sentido original (literal).

A aula se encerra depois de um resumo do seu objetivo geral, ou seja, o de demonstrar que a metáfora ocorre com muito mais frequência do que se supõe e, porque ela ocorre tão comumente, ela é essencial para a compreensão de vários textos pertencentes a vários gêneros, não só o literário. Por essa razão, haveria agora uma tendência de se explorar a linguagem metafórica em questões de vestibular que é, no contexto atual, uma preocupação do adolescente e um de seus objetivos ao estudar inglês no Ensino Médio.

7 –Atividade II e análise

A atividade II usa o mesmo texto, porém privilegia outros parágrafos que, por serem independentes entre si, permitem que sejam avaliados como textos dissociados contendo expressões metafóricas diferentes que não se relacionam, necessariamente, com as expressões dos outros parágrafos.

A primeira parte da atividade visou, assim como a primeira parte da atividade I, perceber o conhecimento de gênero dos alunos. Essa primeira parte deveria ser respondida com um olhar ainda muito superficial sobre os parágrafos sugeridos. Da mesma forma que Gomes (2004), acredito que conduzir o processo de leitura a partir de um enquadramento cognitivo que parta do gênero do texto torna esse processo (inclusive a compreensão da linguagem figurada bem mais eficiente).

A pergunta três, similar à pergunta quatro da atividade I, tinha como objetivo perceber se os alunos relacionam a diagramação do texto, ou seja, o seu aspecto visual, à sua função. Embora nenhum grupo tivesse tido dificuldade em responder à questão quatro da atividade I, essa pergunta foi considerada relevante uma vez que ela seria uma forma de

ativar o conhecimento dos alunos sobre o gênero, facilitando as previsões sobre o seu conteúdo e melhorando o desempenho deles nas perguntas subsequentes.

A segunda parte se inicia com a questão quatro, cuja finalidade é a de suscitar no aluno a reflexão sobre o uso de vocábulos que, em outros contextos seriam esperados, mas que, no gênero em questão, podem parecer deslocados e inusitados.

A questão cinco exige do aluno um esforço criativo ao lhe pedir sugestões para substituir os vocábulos que estariam “deslocados”. As sugestões poderiam ser dadas em português uma vez que o objetivo não era testar o conhecimento de vocabulário em LE. Além disso, o aluno poderia sugerir o que quisesse e não ficaria restrito aos vocábulos que conhecia em LE. A função dessa questão era a de tentar colocar o aluno no lugar do autor para que ele, a partir da visão do emissor, percebesse a importância dos vocábulos inusitados para a compreensão do texto. Ao tentar sugerir outras formas de falar sobre a mensagem do autor, o aluno se depara com orações substituindo pequenas expressões ou palavras (hipótese da capacidade de síntese) e que, ao mesmo tempo, não exprimem satisfatoriamente o sentido que o autor pretende dar ao texto (hipótese da inexpressividade) como defendido por Gibbs (1996). Dessa forma, ele experimentaria o mesmo dilema do autor ao fazer suas escolhas lexicais e verificaria, na prática, como autor, o que ele já havia percebido como leitor na atividade I – que a linguagem figurada pode expressar melhor as situações abstratas.

Verificar até que ponto o leitor percebe essa dificuldade e as estratégias usadas por ele para resolvê-la é o objetivo da questão seis (6- Que relação você pode estabelecer entre a coluna de vocábulos usados e a de sugestões?).

A questão sete (7- Na sua opinião, qual o objetivo do autor ao utilizar palavras que não “combinam” com o assunto do texto?) visa a conclusão do aluno sobre o que ele, ajudado pelas questões propostas, refletiu a respeito do uso da linguagem figurada. Espera-se que o aluno discorra sobre o uso da linguagem figurada como uma vantagem para o leitor que compreende a mensagem do texto e, no caso do texto estudado, passa a compreender melhor, inclusive, seus sentimentos, como apontado por um dos grupos. Além disso, o autor também se beneficia com o uso dessa linguagem porque percebe que sua mensagem flui mais naturalmente e mais eficientemente do que sem o seu uso.

Novamente as respostas demonstraram o conhecimento dos alunos sobre o gênero textual. Todos os grupos interpretaram o título no sentido literal, ou seja, “Stars” se referindo às estrelas e aos astros do universo e relacionados, portanto, à astrologia, que seria

o conceito-chave do gênero horóscopo. A maior parte dos grupos explicou a separação em parágrafos pequenos em função da divisão do texto por signos do Zodíaco e um deles sugeriu que o objetivo da divisão era dar ênfase. A resposta de um grupo sugere que a diagramação do texto em colunas é “um padrão nesse gênero de texto”, demonstrando conhecimento por parte dos alunos, não só sobre a diagramação característica do gênero, mas, também, conhecimento sobre a metalinguagem associada a esse conceito.

O grupo quatro relaciona a escolha lexical ao estilo “esotérico” do texto sem, contudo, explicar melhor como esse “estilo” justificaria o uso das palavras. Os outros quatro grupos usam nas suas respostas as expressões “sentido figurado” (grupos um, dois e cinco) e “figura de linguagem (metáfora)” (grupo seis). As respostas à pergunta quatro, no que diz respeito ao uso de linguagem apropriada para falar sobre a ocorrência de metáfora, parecem demonstrar uma sensibilização por parte dos alunos para essa figura depois da intervenção pedagógica.

O grupo gravado demonstrou a negociação da resposta consensual, já que um dos alunos sugere que os vocábulos são uma forma de falar de maneira figurada sobre viagens, ao que outro aluno replica que é uma maneira figurada de falar sobre a vida.

A seleção de palavras que não “combinariam” foi quase unânime e seis grupos escolheram a palavra *wardrobe* e a expressão *clearing out the wardrobe*. Para explicar o sentido figurado, ou seja, como sugestões para substituir o uso das expressões escolhidas, os alunos escolheram a idéia de renovação e de transformação. Para um grupo, o armário se referia à “vida pessoal” e para outro, “à mente”. Esse último pode ter optado por compreender a expressão metafórica relacionando-a com a última observação do parágrafo em questão *whether it's clothes or a deeper aspect of your personality*. Isso mostra que a interpretação da metáfora no contexto de um texto requer uma articulação entre os diferentes segmentos de um texto.

O grupo quatro, entretanto, recorre à intertextualidade e faz alusão ao filme “Crônicas de Narnia” em que os personagens são levados de um mundo a outro através de um armário. Mesmo que o uso metafórico do mesmo vocábulo *wardrobe* nos dois exemplos, o do texto e o do filme, não sejam exatamente os mesmos, ainda assim a correlação feita pelos alunos foi extremamente pertinente. Eles perceberam que o uso de *wardrobe* nos dois casos pertencia a uma linguagem diferente da literal. Se tivessem entendido *wardrobe* como

um armário físico, poderiam fazer alusão a alguma fábrica ou loja de móveis ou, ainda, à cor do armário que têm em casa.

Para o parágrafo referente ao signo de Capricórnio, os alunos escolheram majoritariamente o vocábulo *scalling*, interpretando-o como alcançar as metas, melhorar, subir na vida. As outras escolhas foram *Flying ahead* e *Shinning light on hidden places*, e as sugestões versaram sobre seguir em frente e trazer à tona o que estava esquecido, respectivamente. As respostas demonstraram que os alunos foram bem-sucedidos em perceber o sentido metafórico das expressões escolhidas.

No parágrafo referente ao signo de Aquário, os alunos escolheram *circle* e compreenderam que aquele círculo se referia ao círculo de amigos, de seu ambiente e da sua vida social. O vocábulo *travel* foi escolhido por apenas dois grupos e, mesmo assim, um deles escolheu o sentido literal e propôs como substituição o verbo “viajar”. O outro grupo substituiria *travel* por viver ou conviver o que indica que, provavelmente, este grupo percebeu a metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM, embora não tenham sido capazes de explicitá-la verbalmente. Lakoff e Johnson (1980/2002) defendem o caráter conceitual e inconsciente da metáfora, ou seja, a metáfora está na mente. Logo, o fato de o grupo não verbalizar a metáfora, mas ser capaz de identificá-la na expressão linguística, parece demonstrar que a metáfora está no pensamento, corroborando assim a visão dos autores.

Para o signo de Peixes, os alunos selecionaram *flourish*, *shoulders* e *seed* e as substituições sugeridas demonstraram que eles perceberam o uso metafórico dos vocábulos. Uma das substituições propostas para a palavra *seed* foi “idéia”, o que demonstra a capacidade dos alunos de abstrair completamente do literal para o figurado, fazendo uso da metáfora conceitual IDÉIA É UMA SEMENTE, um desdobramento da metáfora mais abrangente A VIDA É UMA COLHEITA, já presente em nossa cultura/linguagem como em “cada um colhe o que planta”, “colher os frutos do trabalho”, entre outras expressões.

Para Áries o grupo quatro, que já havia feito uma leitura literal do vocábulo *travel* no quarto parágrafo, retoma essa tendência e sugere, como substituição a *canvas*, o termo “tenha hobbies” como se o termo citado estivesse se referindo à “tela de pintura”. O grupo um, no extremo oposto, sugere para *painting* uma outra metáfora: “trilhar os caminhos”, voltando à metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM.

Em Touro, as sugestões de substituição estiveram voltadas para a locução *building block* e versaram sobre estrutura e planejamento, remetendo à metáfora conceitual A VIDA É UMA ESTRUTURA (Lakoff, 1987). O grupo quatro, mais uma vez, substituiria a locução pelo imperativo “More bem”, ou seja, aludindo somente ao sentido literal da expressão (tijolo, por exemplo). O grupo sete, ao contrário, relacionou *building block* a uma “pedra no caminho que deve ser retirada”, e substituiria o termo por dificuldade. Novamente, há a alusão à metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, com seus desdobramentos (dificuldade é obstáculo, dificuldade é pedra no caminho).

Em Gêmeos, houve uma grande diversidade de respostas e a mais comum foi *wipe the slate clean*. Os alunos escolheram vocábulos cuja qualidade de serem inusitados, a partir do seu horizonte de expectativas, pode ser discutida. É o caso, por exemplo, de *fulfillment* e *relationships*, vocábulos perfeitamente esperados dentro da linguagem do gênero horóscopo.

Para o último parágrafo, Câncer, os alunos escolheram *racing machine*, *fuel*, *batteries* e os substituiriam por “O corpo precisa de descanso”, no caso do primeiro, e “energia” para os dois últimos. O grupo quatro opta, novamente, pelo caminho literal e, além de escolher uma palavra não inusitada (*health*), substituiria essa palavra pelo imperativo “Cuide-se!”. O efeito pragmático geral (“cuide de sua saúde”) foi percebido, porém o modo como o autor explorou essa mensagem, ou seja, o uso da metáfora conceitual O CORPO É UMA MÁQUINA e seus desdobramentos, parece não ter sido percebido pelo grupo.

O grupo seis, ao contrário, não só escolhe *racing machine* como uma expressão dificilmente encontrada em horóscopos, como também recupera a metáfora conceitual “O CORPO É UMA MÁQUINA”, explorando as expressões metafóricas do parágrafo que estão licenciadas por esse conceito (“O corpo humano é uma máquina que deve funcionar perfeitamente e que deve ser tratado cuidadosamente – no texto: com combustível apropriado, boa manutenção e paradas para descanso).

Quando perguntados sobre a relação que estabeleceriam entre a coluna de vocábulos usados no texto “deslocados” e a de sugestões para substituí-los os grupos sugerem que a relação que ocorre é de similaridade, ou seja, as duas colunas expressam a mesma ideia. Para esclarecer melhor, os grupos seis e sete se referem ao termo metáfora para explicar a similaridade: Ex.: O grupo seis, inclusive, ressalta que a metáfora está ali para expressar uma ideia complexa, o que se coaduna com a hipótese de uma melhor adequação da metáfora para explicar conceitos complexos em função do seu aspecto didático.

Sobre o motivo de o autor utilizar palavras que não “combinam” com o assunto do texto as respostas ressaltaram que o uso da linguagem figurada deixa o texto mais agradável, mais interessante e facilita a leitura porque ela é feita a partir de experiências do cotidiano. O grupo seis conclui a atividade ressaltando que a linguagem figurada “ajuda, através de expressões que ilustram melhor uma determinada situação, o entendimento da ideia expressa”, corroborando uma vez mais a hipótese da falta de expressividade da linguagem literal, justificando o uso de expressões metafóricas (GIBBS, 1996).

8 - Discussão dos Resultados:

Este trabalho teve como principais objetivos verificar a capacidade do leitor aprendiz em perceber e interpretar expressões metafóricas em um texto em língua estrangeira e, ao mesmo tempo, o de investigar os efeitos que uma intervenção pedagógica, nesse caso uma aula sobre metáfora, poderia produzir na compreensão leitora desse aprendiz. Duas atividades escritas foram aplicadas e a comparação das respostas dos alunos a essas atividades pode nos ajudar a explorar essas questões, já que as atividades foram intercaladas pela intervenção pedagógica. Para avaliar se os objetivos propostos foram contemplados, tentaremos responder a algumas perguntas que os objetivos sugerem em função das respostas dadas pelos alunos nas atividades:

8.1 - O aluno percebe expressões metafóricas no texto em LE?

Na atividade I houve 21 oportunidades de respostas aludindo à presença de expressões metafóricas. Em 10 oportunidades os alunos demonstraram essa capacidade.

Na atividade II, houve quatorze oportunidades, das quais sete delas foram aproveitadas pelos grupos. Logo, não houve uma diferença significativa entre a atividade I e II no que concerne à habilidade dos alunos em perceberem as metáforas (cerca de 50% em ambos os casos).

Nossa interpretação sobre essa análise é a de que uma grande parte dos alunos já tinha conhecimento da figura em função do estudo de língua portuguesa e, portanto, em metade dos casos, foram capazes de reconhecer (mas não necessariamente interpretar) a presença de expressões metafóricas no texto estudado.

8.2- Essas expressões constituem uma dificuldade a mais para a compreensão do sentido geral do texto?

Como ressaltam Ferling (2005) e Gomes (2004:131), a presença de expressões metafóricas no texto em língua estrangeira representa para os alunos um obstáculo extra. Enquanto no texto em língua materna o leitor tem que lidar apenas com o aspecto da metaforicidade, ou seja, perceber a intenção do autor ao usar determinada expressão, no texto em língua estrangeira o leitor tem que resolver os problemas de vocabulário para só então verificar a possibilidade do aspecto metafórico. Dessa forma, ele se depara com uma tarefa dupla: compreender o vocabulário e depreender o sentido da expressão metafórica de que ele está revestido. Assim como no trabalho de Ferling (2005) e Gomes (2004), a nossa interpretação nesta pesquisa é a de que a presença de expressões metafóricas constituiu uma dificuldade em potencial para nossos informantes. Isso fica demonstrado não só pela interpretação das várias oportunidades em que os alunos não perceberam o uso metafórico das expressões, mas também pela diferença de qualidade das respostas das duas atividades escritas, demonstrando que os alunos passaram a perceber melhor a metáfora depois da intervenção pedagógica e passaram a usar esse conhecimento para sugerir possibilidades de sentido para o texto.

8.3- Se isso ocorre, que estratégias o aluno utiliza para resolver essa dificuldade?

No nosso trabalho os alunos usaram, principalmente, a inferência lexical e a tradução para resolver os problemas gerados pela presença das expressões metafóricas. Entretanto, a estratégia mais utilizada foi ao conhecimento de gênero textual e da finalidade discursiva do gênero em questão. Os informantes tenderam a interpretar as expressões como conselhos já que percebiam o gênero horóscopo com aquele em que o autor dá conselhos ao leitor. As respostas à primeira parte das duas atividades demonstraram essa predisposição.

8.4- A presença de expressões metafóricas vai ao encontro das expectativas que o leitor fez antes de começar a ler o texto em função do seu gênero?

As respostas às questões da atividade II mostraram que a presença de expressões metafóricas em um texto de horóscopo se coaduna com os esquemas que os informantes parecem ter sobre esse gênero (SCHNEUWLY, 1994). Em várias oportunidades, os alunos sugerem que o horóscopo ressalta aspectos não-físicos da experiência humana (sentimentos,

futuro, relacionamentos) e as expressões metafóricas são compreendidas como as mais adequadas para explicitar e explorar esses aspectos.

8.5- Que tipo de metalinguagem o leitor usa para falar das expressões metafóricas?

Os termos “linguagem figurada”, “comparação”, “representação”, “metáfora”, “exemplo/exemplificação” aparecem em seis oportunidades em cada uma das atividades. Essa constatação é importante para compreender como os leitores aprendizes entendem o papel da metáfora, ou seja, o de comparar/representar/exemplificar.

8.6- Até que ponto uma intervenção pedagógica direcionada para a metáfora promove o aprimoramento da sensibilidade metafórica do aluno diante do texto em LE?

Depois da aula sobre metáfora, os alunos pareceram demonstrar maior aptidão em perceber as expressões metafóricas. As respostas mais elaboradas e o número bem maior de respostas em relação ao número de abstenções parecem indicar que a sensibilidade metafórica dos aprendizes aumentou consideravelmente.

8.7- Aprimorando sua sensibilidade metafórica, o aluno adquirirá maior compreensão leitora?

A partir do aumento dessa sensibilidade metafórica é natural supor que os leitores aprendizes se tornem mais proficientes no processo de leitura tanto em língua estrangeira quanto em língua materna. Principalmente em língua estrangeira, um conhecimento mais desenvolvido sobre a metáfora permitirá ao aluno superar os obstáculos a que se refere Gomes (2004), quais sejam, o desconhecimento da língua e de suas possibilidades metafóricas.

9 – Conclusões

A avaliação dos resultados desta pesquisa indicou que os alunos se sentiram mais confiantes para realizar atividades que tinham como foco o reconhecimento e a compreensão de expressões metafóricas, depois de terem assistido a uma aula sobre metáfora. Essa confiança demonstrada nas respostas escritas durante as atividades e em algumas observações e *insights* dos alunos durante o protocolo verbal em grupo podem justificar o foco na

metáfora como uma figura do pensamento não só no ambiente acadêmico, mas também no ambiente pedagógico. Embora um estudo cuidadoso da relação metáfora x gênero textual não tenha sido o foco principal deste trabalho, algumas breves conclusões podem ser desenhadas sobre a sua ocorrência no gênero horóscopo, a partir da presente pesquisa: a riqueza metafórica desse gênero, a possibilidade de ele permitir a ocorrência de várias metáforas independentes entre si em função da independência dos parágrafos que normalmente o compõem, a importância do conhecimento prévio dos alunos para que esses compreendam as possibilidades de sentidos metafóricos, entre outras.

Retomando o foco principal deste trabalho, a avaliação dos resultados mostrou que os alunos parecem desenvolver mais confiança como leitores depois de sensibilizados para a ocorrência de expressões metafóricas. Apesar de o assunto “metáfora” ser normalmente abordado durante as aulas de língua materna, o enfoque parece ser o da metáfora como uma figura de linguagem, presente abundantemente em textos literários. O olhar sobre a metáfora como uma figura do pensamento traz para o aprendiz a possibilidade não só de aprender a língua, mas, principalmente, de pensar sobre ela e sobre a sua relação com o pensamento e a cultura. O aluno pode perceber que a língua não é apenas a representação do pensamento, ela tem uma função ainda mais importante na concepção do próprio pensamento. Através da língua, conceitos podem ser formados e desenvolvidos, numa relação linguagem-pensamento tão intrínseca que justifica o que Vygotsky (1962) chamou de “vai e vem do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento”.

No contexto da escola pública, especificamente no ensino de língua estrangeira no âmbito do ensino médio, o foco na leitura tem se mostrado, nos últimos anos, ser o mais apropriado. Com o intuito de melhorar o desempenho dos alunos nessa prática, esta pesquisa pretendeu investigar uma estratégia de conscientização dos aprendizes para a possibilidade de sentido figurado que a língua pode apresentar.

Os resultados da pesquisa, tanto no que se referem à melhora na compreensão da linguagem figurada, por parte dos alunos, como ao próprio processo (durante a intervenção pedagógica) deram maior base empírica à crença no potencial educacional da metáfora. Dessa forma, defendo a inclusão de atividades pedagógicas voltadas para o ensino da metáfora num programa de ensino de leitura e de língua estrangeira de um modo geral.

Referências Bibliográficas

- AEBERSOLD, J.A e FIELD, M.L.1997. What's Reading ? In Aebersold, J.A.e Field, M. L.1997. From Reader to the Reading Teacher. Cambridge: Cambridge University Press.
- AMORIM, M.1997. Ensinando leitura na sala de aula de inglês: teoria e prática, In Taddei, E.1997. Perspectivas: O Ensino de Língua Estrangeira. Rio de Janeiro: secretaria municipal de educação.
- BAKHTIN, M.1999. Marxismo e filosofia da linguagem. 9 ed. São Paulo: Hucitec.
- BARBIER, R.2002. A Pesquisa-ação. Brasília: Liber livro.
- BARCELONA. A. (ed.), 2003, Metaphor and Metonymy at the Crossroads – A Cognitive Perspective, Berlin – New York: Mouton de Gruyter.
- BLACK M.1962. Models and metaphors – Studies in Language and Philosophy. New York: Cornell University Press.
- CORTAZZI , M. e JIN, L., 1999, Bridges to Learning : Metaphors of Teaching, Learning and Language, in Cameron, L e Low G., Researching and Applying Metaphor, Cambridge: Cambridge University Press.
- FARRELL, T. S. C.2003. Planejamento de atividades de leitura para aulas de idiomas. Portfolio SBS 6. São Paulo. SBS.
- GLUCKSBERG, S., 2001, Understanding Figurative Language – From Metaphors to Idioms, New York: Oxford University Press
- HADLEY, G.2004. Pesquisa de ação em Sala de Aula. São Paulo: SBS.
- KATO, M.A.1995. Como a criança aprende a ler: uma questão platoniana, In Zilberman R. e Silva E.T. (orgs) Leitura: Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo, Editora Ática.
- KLEIMAN, A. 1992. Oficina de Leitura. Campinas: Pontes.
- KOVECSES, Z.2005. Metaphor and Culture- Universality and Variation, Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M.2002. Metáforas da Vida Cotidiana. São Paulo: EDUC/Mercado de Letras. Tradução do Grupo Geim. Original 1980 (Metaphors we live by).
- LAZAR, G.2003. Meanings and Metaphors. Cambridge: Cambridge University Press.
- MELO, J.M.1995. Comunicação social: da leitura à leitura crítica. In Zilberman R. e Silva E.T. (orgs) Leitura: Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo, Editora Ática.
- MENEZES, D. A, 2004, Leitura e formação de leitores: Atividades compartilhadas, in Pesquisas em Discurso Pedagógico – Práticas de Letramento, v. 3(1),Rio de Janeiro: PUC-IPEL.

- NUNES, M. 2005. Visão sócio-interacional de leitura. In Oficina de leitura instrumental: planejamento e elaboração de materiais – coletânea de documentos. CD. Rio de Janeiro: PUC/IPEL.
- NUTTALL, C.1996 . Teaching Reading Skills in a Foreign Language. Oxford: Heinemann.
- ONEL, Z. 1997. Teacher initiated research: action research. In Forum, vol 35, No 1, January-March 1997, p. 56.
- RICHARDS, I. A.1936/1979. The Philosophy of Rhetoric. Oxford: Oxford University Press.
- RICOEUR, P.1993/1994. The rule of metaphor. London: Routledge.
- SOARES, M. B.1995. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In Zilberman R. e Silva E.T. (orgs) Leitura: Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo, Editora Ática.
- VEREZA, 2000. O que esta palavra quer dizer ?: o sentido literal como metáfora cognitivo-pragmática. Rio de Janeiro: UFF - Revista Gragoatá, p.97-111.
- ZANOTTO.1997. A Leitura como Evento Social para um Enfoque Humanístico do Ensino de Línguas.

A metáfora como marca de opinião em redes sociais

Débora Taís Batista de Abreu e Rove Luiza de Oliveira Chishman²⁶³

dtb.abreu@hotmail.com; rove@unisinis.br

RESUMO

A pesquisa em questão objetiva identificar e descrever marcas de sentimento implícitas em textos de opinião virtuais por meio da análise da linguagem metafórica presente no discurso de interlocutores usuários de redes sociais. Buscam-se ocorrências de metáforas linguísticas presentes em textos oriundos destes ambientes, os quais constituem o *corpus* de análise, para identificar marcas positivas e negativas no discurso dos falantes, de forma a se obter um mapeamento do sentimento em redes sociais. Assim, a pesquisa argumenta que é essencial a análise da expressão metafórica para a compreensão da emoção e, conseqüentemente, do sentimento e da opinião no conteúdo textual. Pelo seu interesse na linguagem utilizada para expressar emoção e opinião e pelo seu viés linguístico-computacional, esta pesquisa está vinculada à área de estudo denominada *Sentiment Analysis* (análise do sentimento) ou *Opinion Mining* (extração de opinião). A proposta de *Sentiment Analysis* está direcionada a textos avaliativos que contêm opiniões ou sentimentos sobre determinados elementos e objetiva extrair atributos acerca dos elementos avaliados. Ocorre que, com o advento de recursos eletrônicos que oportunizam e divulgam a manifestação da opinião, esta área tem se revelado estreitamente relacionada com os esforços de tratamento automático da opinião e da emoção, devido à necessidade de desenvolvimento de sistemas que consigam identificar e reproduzir informações oriundas da análise de sentimento. É evidente a necessidade do desenvolvimento de sistemas que facilitem o acesso e a compreensão de dados de opinião no ambiente virtual. No entanto, para que isto seja possível, é necessário que se investiguem e se descrevam marcas semânticas presentes nestes discursos para se identificar o cunho das opiniões e disponibilizá-las de uma forma organizada e de fácil entendimento para os usuários. Sendo assim, este trabalho colabora para este fim, pois apresenta uma proposta de mapeamento de marcas semânticas em textos de opinião a partir do levantamento da linguagem metafórica presente nestes discursos.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; mapeamento de opinião; redes sociais.

ABSTRACT

²⁶³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS

This research aims at identifying and describing sentiment marks implicit in virtual opinion texts through the analysis of the metaphorical language present in the social network user's speech. We look for occurrences of linguistic metaphors present in texts from this environment, which constitute the corpus for analysis, in order to identify positive and negative marks in the speaker's speech, obtaining a sentiment mapping in social networks. Thus, the research argues that the analysis of the metaphorical expression is essential for emotion comprehension and, consequently, for sentiment and opinion comprehension in the textual content. Due to its interest in the language used to express emotion and opinion and its computational linguistic application, this research is associated to the area called Sentiment Analysis or Opinion Mining. The Sentiment Analysis proposal is directed to evaluative texts which have opinions or sentiment about determined elements and aims at retrieving attributes concerning the evaluated elements. It happens that, with the developing of electronic resources which allow and divulge the opinion expression, this area has become closely related with the efforts for the automatic treatment of opinion and emotion, due to the necessity of developing systems able to identify and reproduce information from sentiment analysis. It's evident the need to develop systems that make easier the access and the comprehension of opinion data in the virtual environment. However, in order to enable this, the investigation and the description of semantic marks in these speeches are necessary for identifying the kind of opinions and making them available in an organized and comprehensible way for users. Therefore, this work cooperates to reach this target, as it presents a proposal for the mapping of semantic marks in opinion texts through the identification of the metaphorical language in these speeches.

KEYWORDS: metaphor; opinion mapping; social networks.

Introdução

Este texto relata algumas reflexões e alguns resultados preliminares de um trabalho de pesquisa em nível de doutorado, o qual está em desenvolvimento e tem como desafio detectar e descrever a expressão da emoção de interlocutores que fazem uso de redes sociais para expressar sua opinião acerca de assuntos diversos, na tentativa de buscar alternativas para o tratamento computacional da opinião, do sentimento e da subjetividade.

Por esta razão, este estudo está vinculado a uma área de estudo que está em ascensão e que tem recebido muita atenção nos últimos anos devido ao grande avanço da tecnologia: *sentiment analysis* (análise do sentimento) ou *opinion mining* (extração de opinião).

De acordo com Liu (2009), a proposta de *sentiment analysis* está direcionada a textos avaliativos que contêm opiniões ou sentimentos sobre determinado elemento e,

assim, objetiva extrair atributos e componentes do elemento e determinar se os comentários acerca do elemento são positivos, negativos ou neutros.

Ocorre que, com o advento de recursos eletrônicos que oportunizam e divulgam a manifestação de opinião, tais como redes sociais, blogs, fóruns e sites de opinião, a área de *sentiment analysis* tem se revelado estreitamente relacionada com os esforços de tratamento automático da opinião e da emoção, devido à necessidade de desenvolvimento de sistemas que consigam identificar e reproduzir informações oriundas da análise de sentimento.

Com a popularidade da internet, as pessoas usam a *web* para divulgar e consultar opiniões sobre produtos em geral, serviços, pessoas, política, entre outros. No entanto, conforme aponta pesquisa realizada por Horrigan (2008), a maioria dos usuários de internet, embora revelem experiências positivas em seu contato com pesquisas de opinião, apontam que as informações disponibilizadas *online* muitas vezes são confusas, incompletas, mal organizadas, muito amplas ou extensas, de forma que se torna difícil uma sistematização destas informações disponibilizadas.

Liu (2009) argumenta ainda que, em muitos casos, as opiniões presentes na *web* estão escondidas em postagens longas de fóruns e blogs, sendo difícil para um leitor humano encontrar fontes relevantes, extrair sentenças pertinentes, ler as informações, resumi-las e organizá-las em um formato útil. Percebe-se então a demanda de recursos de mapeamento e exposição de opiniões.

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade do desenvolvimento de sistemas que facilitem o acesso e a compreensão destes dados por aqueles que buscam opiniões no ambiente virtual. No entanto, para que isto seja possível, é necessário que se investiguem e se descrevam marcas semânticas presentes nestes discursos para se identificar o cunho das opiniões e disponibilizá-las de uma forma organizada e de fácil entendimento para os usuários.

O desafio está, em um primeiro momento, em como identificar os sentimentos expressos nos documentos disponibilizados e as opiniões quanto a características ou aspectos particulares dos itens ou tópicos que estão sendo analisados. Em um segundo momento, depara-se com o problema de como apresentar os dados vinculados ao sentimento dos interlocutores de uma forma informativa, acessível, resumida e interessante aos consulentes.

Assim, a pesquisa em desenvolvimento objetiva identificar e descrever marcas de sentimento implícitas em textos de opinião virtuais pelo viés da análise da linguagem metafórica presente no discurso dos interlocutores dos textos a serem analisados.

Trata-se aqui a metáfora como mecanismo cognitivo de expressão da subjetividade e, por isso, partimos do ponto de vista de que o levantamento da expressão metafórica nos levará a mapear os sentimentos dos falantes manifestados linguisticamente em ambientes virtuais.

Vale lembrar que falar em análise de sentimento e de opinião implica falar em análise de subjetividade. Conforme atestam Pang e Lee (2008), *sentiment analysis* e *opinion mining* estão no mesmo campo de estudo e podem ser consideradas uma subárea da análise da subjetividade.

Dessa forma, pretende-se buscar ocorrências de metáforas linguísticas presentes em textos de opinião virtuais, os quais constituirão o *corpus* de análise desta pesquisa, na tentativa de identificar marcas positivas e negativas no discurso dos falantes, de forma que esses resultados possam contribuir para o diagnóstico do sentimento em redes sociais.

1. Análise de sentimento e mapeamento de opinião

Conforme já apontamos, este trabalho está inserido na área de pesquisa de *sentiment analysis* (análise de sentimento), também conhecida como *opinion mining* (extração de opinião), dado o seu caráter aplicado ao reconhecimento de opinião no ambiente virtual.

De fato, esta área é muito nova, tem recebido muita atenção e carece de muitos estudos. De acordo com Pang e Lee (2008), é somente no início do século XXI que se passa a falar mais efetivamente dos problemas de pesquisa e das oportunidades que surgem com a análise do sentimento e com o mapeamento da opinião e, conseqüentemente, a partir deste momento, passam a ser publicados centenas de artigos sobre o assunto.

Nas palavras de Dave et al (2003), “a ferramenta ideal de mapeamento de opinião deve processar um conjunto de resultados de pesquisa para um dado item, gerando uma lista de atributos do produto (qualidade, características, etc.) e agregar opiniões sobre cada um deles (por exemplo, ruim, mediano, bom)” (pág. 9-10). Dessa

forma, este trabalho visa a se adequar a esta perspectiva e buscar recursos para extrair e analisar julgamentos sobre vários aspectos de determinados itens.

É importante mencionarmos aqui, até como forma de justificar o interesse na pesquisa em questão, que grande parte das publicações que têm apresentado pesquisas relacionadas à análise do sentimento apontam o expressivo número de empresas que têm se preocupado e procurado se valer dos resultados obtidos com os estudos de *sentiment analysis*.

Este interesse se dá pelo reconhecimento da importância das informações divulgadas virtualmente acerca de produtos, serviços, marcas, personalidades, partidos, questões políticas, etc. De fato, empresas e demais organizações, partidos políticos, órgãos governamentais e pessoas em geral que desejam obter e compartilhar informações têm interesse em acessar de forma produtiva a riqueza de dados presentes em textos de opinião.

Setores voltados para o desenvolvimento de negócios empresariais têm revelado um interesse muito significativo em pesquisas que envolvem extração e detalhamento de opinião (PANG e LEE, 2008). As empresas desejam usufruir de resultados finais da manifestação de opinião de clientes de produtos e serviços em vez de ler potencialmente inúmeras versões de comentários relativos a determinado item, correndo o risco de interpretar de forma equivocada os textos analisados.

Conforme Pang e Lee (op. cit.), a inteligência governamental é outra aplicação produtiva da análise de sentimento e este segmento também tem procurado se valer de alternativas de *opinion mining* para monitorar o discurso relativo a partidos, candidatos, governantes, governo, ações do governo, entre outras questões.

Assim, sinalizamos que esta proposta de pesquisa objetiva colaborar com os interesses de instituições e do público em geral em acessar de forma organizada e detalhada as manifestações de opinião disponibilizadas virtualmente.

Por outro lado, pretende-se colaborar para o desenvolvimento de sistemas de PLN²⁶⁴ que se preocupam com o processamento do léxico da emoção, contribuindo para os estudos na área de *sentiment analysis*, na medida em que se apresenta uma proposta de mapeamento do sentimento e da opinião através da identificação da linguagem metafórica e da anotação de *corpus* eletrônico.

²⁶⁴ Processamento de Linguagem Natural

É importante esclarecermos que a detecção da subjetividade, no contexto das pesquisas relacionadas a *sentiment analysis* e *opinion mining*, corresponde à tarefa de identificar palavras, expressões ou sentenças subjetivas, ou seja, terminologias que expressem a opinião ou o sentimento dos falantes a respeito de qualquer tópico (WIEBE,1999). Nesse sentido, os esforços de detecção de sentimento preocupam-se em determinar o sentimento positivo ou negativo das palavras.

A detecção da subjetividade é fundamental para diferenciarmos as opiniões dos fatos, o que é necessário para a análise dos sentimentos dos falantes. As informações textuais podem ser classificadas em duas categorias principais, fatos e opiniões. Conforme Liu (2009), ‘fatos’ são enunciados objetivos sobre entidades e eventos no mundo e ‘opiniões’ são enunciados subjetivos que refletem os sentimentos ou as percepções das pessoas sobre entidades e eventos.

Trabalhos desenvolvidos no âmbito de *sentiment analysis*, assim como propõem Rentoumi et al (2008), têm indicado que os sentidos não literais, tais como aqueles da linguagem metafórica, tendem a indicar subjetividade, funcionando como sinalizadores da polaridade de opiniões. Estudos deste gênero veem a subjetividade como uma propriedade da linguagem que está diretamente relacionada aos sentidos das palavras.

Neste contexto, surge a problemática de como desenvolver sistemas que sejam capazes de lidar com textos com conteúdo emocional, como os textos de opinião. Surge, então, a necessidade de codificar o conhecimento das emoções humanas de forma que estes dados possam ser aproveitados pelos sistemas. Estudos de descrição semântica da linguagem da emoção, tais quais como o que propomos aqui, revelam-se alternativas para o desenvolvimento de programas que processem de forma inteligente o conteúdo emocional.

Destaca-se aqui que a proposta de mapear sentimento em textos de opinião pelo viés da análise de expressões figurativas que possam conceptualizar diferentes dimensões de domínios de emoção revela-se inovadora, pois os estudos em *sentiment analysis* ainda não têm se voltado com muito afinco para o tratamento da linguagem figurada, sobretudo em pesquisas voltadas para o português brasileiro.

2. A metáfora como marca de sentimento e de opinião

Este estudo parte do ponto de vista de que a identificação e a análise da linguagem metafórica são procedimentos essenciais para a compreensão da emoção e, conseqüentemente, para a construção de sistemas inteligentes que deem conta do tratamento automático de sentimento e de opinião.

Entende-se que a avaliação e a expressão da opinião são atitudes subjetivas que envolvem a emoção e que para a compreensão da manifestação desta emoção é pertinente atentar para a configuração da linguagem metafórica presente no discurso dos interlocutores.

A este respeito, Ahmad (2008) destaca: “a compreensão de como a emoção é expressa e percebida na linguagem não é completa sem o reconhecimento do papel da linguagem figurada e da metáfora como andamento básico ou ferramenta para modular o conteúdo textual afetivo” (pág. 02).

A ideia de metáfora que trazemos aqui é aquela que tem sido difundida pela linguística cognitiva e que transcende o conceito de mero ornamento da linguagem. Nesta perspectiva, a metáfora é entendida como uma operação cognitiva, de natureza conceptual, que reflete nossa experiência no mundo, com nosso corpo e sentidos.

Conforme Lakoff (1993), a metáfora é um aspecto fundamental do pensamento humano e está presente na linguagem comum, cotidiana que utilizamos para conceptualizar o mundo a nossa volta. Nas palavras do autor, os falantes usam recorrentemente a linguagem metafórica para conceptualizar experiências (mais abstratas) em termos de outras experiências (mais concretas).

Sendo assim, torna-se válida a hipótese desta pesquisa de que os falantes usam expressões metafóricas para falar de suas emoções, já que estas correspondem a domínios abstratos que costumam ser expressos via linguagem figurada.

De fato, os estudos envolvendo metáfora no âmbito da linguística cognitiva, com destaque para Lakoff e Johnson (1980/2002), Turner (1987), Sweetser (1990), Gibbs (1993) e Kövecses (2002), reforçam a onipresença da metáfora no pensamento e na linguagem e reconhecem que as metáforas formam estruturas mentais ou esquemas que se manifestam lexicalmente, sendo que estas estruturas são chamadas de metáforas conceptuais.

Kövecses (2002) explica que as metáforas conceptuais empregam conceitos mais abstratos como domínio alvo e conceitos mais concretos como domínio fonte. Assim, por exemplo, a emoção ‘amor’, que é um conceito mais abstrato, muitas vezes, é conceptualizada em termos do conceito mais concreto ‘viagem’, o que se verifica em

expressões metafóricas como *nossa relação não está indo a lugar algum, nós fomos muito longe, precisamos seguir caminhos distintos*. A ocorrência destas expressões sinaliza a existência da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM.

Ocorre que, quando amamos, seguimos algumas rotinas e conceptualizamos sistematicamente o amor em termos de viagem. Usamos a nossa experiência cotidiana com viagens para conceptualizar o amor em termos de trajetória, partida, despedida e chegada.

Segundo Kövecses (op. cit.), este mapeamento entre domínios, dito metáfora conceptual, ocorre porque, na tentativa de compreender, definir e expressar um conceito abstrato, nós facilitamos esta compreensão fazendo uso de conceitos mais concretos. Desta forma, nossas experiências com o mundo físico servem de referência lógica para o entendimento de domínios mais abstratos.

Compartilha-se aqui deste mesmo ponto de vista e, desta forma, argumenta-se que os discursos presentes em textos de opinião apresentam frequentemente ocorrências metafóricas, como forma de expressão de domínios abstratos envolvendo emoção e sentimento.

Em obra que trata sobre metáfora e emoção, Kövecses (2000) destaca três grupos em que pode se manifestar a linguagem de emoção: os termos expressivos, os termos que literalmente descrevem tipos particulares de emoção e as expressões figurativas que descrevem aspectos particulares de emoção.

Entre a linguagem expressiva da emoção, temos ocorrências como *droga!, uau!, oba!*. Considerando os termos que literalmente descrevem emoção, são exemplos *raiva, tristeza, medo, alegria, amor*. Já em sentenças como *Ele está explodindo hoje, Eu estou nas nuvens, Joana se apagou depois do resultado, O professor ficou de coração partido*, temos a ocorrência de expressões figurativas que descrevem emoções.

A respeito destas três possibilidades de manifestação da emoção, o autor argumenta que o grupo das expressões figuradas é o mais amplo e, contudo, é o grupo que tem recebido menor atenção no estudo da linguagem da emoção. As considerações trazidas pelo referido teórico parecem reveladoras para esta pesquisa, pois, de fato, ratificam a nossa ideia de que a linguagem metafórica é recorrente na expressão da emoção e confirmam a relevância de estudos que se atenham às expressões figurativas que descrevem a emoção.

Como forma de demonstrar que a metáfora está, muitas vezes, implícita na linguagem que as pessoas usam para falar de emoção e que também ela é essencial para

a compreensão de muitos aspectos da conceptualização da experiência emocional, apresentamos, a seguir, a título de ilustração, alguns exemplos de metáforas conceptuais envolvendo conceitos variados no domínio da emoção, os quais foram extraídos da obra de Kövecses (2000).

RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE

Ela está *fervendo* de raiva

MEDO É UM TORTURADOR

Minha mãe foi *torturada* pelo medo

FELICIDADE É PARA CIMA

Eles estavam *para cima* naquele dia

TRISTEZA É ESCURO

Ele está vivendo *no escuro*

AMOR É FOGO

O casal está *ardendo* em paixão

DESEJO É PRESSÃO DENTRO DE UM RECIPIENTE

Seu corpo inteiro explodiu de paixão

ORGULHO É SUPERIOR

A sua *alto-estima* não a deixou fazer o que pretendia.

VERGONHA É UMA PESSOA DESPIDA

Eu me senti *nua* com o acontecido

SURPRESA É UMA FORÇA FÍSICA

Ficamos *impactados* com a notícia

As ocorrências citadas acima expressam conceitos de emoção prototípicos, os quais têm recebido atenção de muitos estudos voltados para a linguagem da emoção.

Costumam ser apontados como conceitos representativos de emoção a raiva, o medo, a felicidade, a tristeza, o amor, desejo, orgulho, vergonha e surpresa (KÖVECSES, 2000). Percebe-se, assim, que ocorrências metafóricas, como as que listamos acima, são expressões de conceitos básicos de emoção e são recorrentes no discurso emotivo.

Assim, a partir do que expomos até aqui sobre como a metáfora permeia nossa cognição e revela-se um mecanismo para a conceptualização de muitos domínios abstratos, sobretudo domínios relacionados à emoção, argumenta-se que a expressão de opinião, enquanto manifestação da subjetividade dos falantes, pode ser investigada através da análise de como os interlocutores usam a linguagem metafórica.

3. A anotação semântica de *corpus* de opinião

Com o intuito de trazer maiores subsídios para o processamento computacional do léxico da emoção, a anotação semântica constitui uma etapa futura da pesquisa. Pretende-se anotar semanticamente sentenças contendo expressões metafóricas extraídas de redes sociais, o que constitui o *corpus* de análise. Contudo, esta etapa não será ilustrada na seção de análise de dados deste artigo, tendo em vista não ter sido realizada ainda.

De qualquer forma, achamos pertinente mencionar o que se pretende para esta etapa, já que consideramos que o objetivo central deste texto não se concentra na apresentação de resultados, mas na discussão de idéias para um trabalho em desenvolvimento.

A anotação semântica será realizada utilizando-se o léxico computacional FrameNet²⁶⁵ (FONTENELLE, 2003), que corresponde a uma base de dados lexicais baseada na semântica de *frames*. Assim, com o auxílio da FrameNet, serão identificados os *frames* subjacentes às sentenças e anotados os elementos de *frame*.

A anotação semântica de um *corpus* de opinião permitirá não apenas identificar sinais de reprovação ou de satisfação nos textos analisados, mas também apresentará informações adicionais, como, por exemplo, quanto ao tópico de que se está tratando ou quanto ao falante que está exprimindo seu ponto de vista.

²⁶⁵ Disponível para consulta e download no site <http://framenet.icsi.berkeley.edu/>

Considerando este contexto, esta pesquisa insere-se no projeto FrameCorp (CHISHMAN et al, 2008), que objetiva realizar investigação semântico-computacional do léxico do português do Brasil com vistas à construção de *corpus* anotado com base na semântica de *frames* e na FrameNet.

Em sua primeira fase, o projeto FrameCorp envolveu-se com a anotação semântica de textos jornalísticos da seção Ciência do jornal Folha de São Paulo. Em um segundo momento, como extensão do projeto, surgiram subprojetos como a anotação de textos do domínio jurídico e do domínio do futebol, estudos que estão em desenvolvimento.

Já este subprojeto em nível de doutorado corresponde a uma próxima etapa do projeto FrameCorp, que visa à anotação de *corpus* de emoção para o processamento computacional, constituindo uma interface com a área de *sentiment analysis*.

Vale lembrar que a criação e a anotação de *corpus*, assim como se pretende neste estudo, colaboram para o aprimoramento do processamento computacional da linguagem que exprime opinião e, conseqüentemente, sentimento.

Wiebe et al (2005) defendem a importância da construção de *corpora* relacionados à análise de sentimento para os procedimentos de *opinion mining* e explica que, dentro da linguística computacional, tem havido um recente e pertinente interesse na criação de *corpora* em que expressões de emoção sejam anotadas.

Percebe-se que o foco das pesquisas em *sentiment analysis* tem sido a identificação de palavras com conteúdo emocional. Turner et al (2006) reconhecem que a identificação do léxico relacionada à emoção é um componente essencial para o processamento automático do sentimento, contudo apontam que há carência de pesquisas em como esse conteúdo deve ser apresentado e detalhado para os usuários.

Dessa forma, esperamos contribuir com uma proposta produtiva de apresentação de dados, tanto para os consultantes comuns quanto para os sistemas de PLN. Acreditamos que a análise da linguagem metafórica nos levará a mapear com mais propriedade a polaridade das opiniões, trazendo indícios como intensidade, causa, controle, entre outros. Já a apresentação de *corpus* anotado através de *frames* semânticos possibilitará uma visão mais ampla do contexto e de outros fatores envolvidos no discurso dos falantes.

4. A metáfora em redes sociais: uma verificação de ocorrências

O exercício de verificação apresentado nesta seção é um primeiro passo em direção à análise que se pretende realizar durante o desenvolvimento da pesquisa proposta e compreende-se que servirá também para testar a aplicabilidade da rede social Twitter²⁶⁶ como fonte de *corpus* de opinião e de ocorrências metafóricas.

Para esta ilustração, objetivou-se investigar em que medida manifestações de opinião podem estar presentes nas postagens de usuários do Twitter e verificar se expressões metafóricas de fato podem ser identificadas neste *corpus* e podem servir como indicadores de polaridade de opiniões.

A escolha de uma rede social como fonte do *corpus* se deve ao fato de estes ambientes estarem se tornando cada vez mais populares como ferramenta de comunicação entre os usuários da internet. Assim, optamos por utilizar o Twitter para este exercício pelo fato de esta rede social estar entre as três maiores no Brasil, conforme aponta o infográfico apresentado pela BBC News²⁶⁷, a partir de pesquisa realizada pela Nielsen Company. Também são diferenciais do Twitter a facilidade de acesso a informações compartilhadas pelos usuários e a possibilidade de busca de conteúdo textual a partir de tópicos determinados.

Para a coleta de postagens de texto, decidimos buscar ocorrências relacionadas com futebol e política, por percebermos que os usuários da rede social em questão frequentemente se manifestam a respeito destas questões e por acreditarmos que estes assuntos despertam as emoções dos interlocutores e o seu interesse em expressar sua opinião.

Dessa forma, optou-se por utilizar, para este exercício, os tópicos de busca “Grêmio”, “Inter” e “Dilma”, excluindo-se as postagens por parte de veículos de notícias, dada a tendência de imparcialidade deste tipo de texto. A partir destes critérios, foi coletado um total de cento e trinta postagens de texto.

Objetivou-se, então, em um primeiro momento, fazer uma análise do conteúdo textual destas postagens na tentativa de selecionar aquelas que indicariam opinião e de comprovar a prevalência do caráter opinativo e emotivo deste tipo de texto.

De fato, o número de ocorrências em que se verificou opinião por parte dos interlocutores foi alto. Das cento e trinta postagens, oitenta e seis foram destacadas

²⁶⁶ [HTTP://twitter.com](http://twitter.com)

²⁶⁷ <http://www.bbc.co.uk/news/technology-10719042>

como conteúdo textual opinativo acerca dos tópicos em questão, de cunho positivo ou negativo.

Assim, estes textos foram classificados em três categorias: textos de opiniões positivas, em que se verificam emoções positivas, como felicidade, contentamento e divertimento; textos de opiniões negativas, em que se verificam emoções negativas, como tristeza, raiva e desapontamento; e textos mais objetivos que se restringem a um conteúdo mais neutro, não sendo clara a manifestação de opinião. São exemplos destas categorias as seguintes ocorrências:

Textos com opinião negativa:

Tópico Inter:

time colorado perdido em campo. Wilson Mathias é um dos piores volantes do Inter. so nao perde pro Marcio.

Tópico Dilma:

Dima dá um milhão para reformar estádios e um milhão para acabar com a pobreza. Essa é a lógica deles.

Textos com opinião positiva:

Tópico Grêmio:

Parabéns Minotauro, porque futebol é com o Grêmio.

Tópico Dilma:

Nosso governo representa a continuidade e o aprofundamento das conquistas do Governo Lula.

Textos de caráter neutro:

Tópico Inter:

Sabia que tinha visto um cara diferente no Inter, agora que fui perceber que o time ta de branco e não de vermelho.

Tópico Dilma:

Dilma diz que crise pode durar mais tempo do que se espera.

Tendo realizado esta classificação do conteúdo textual extraído do Twitter, nos concentramos naquelas ocorrências definidas como opiniões positivas e negativas para a realização da próxima etapa da análise: a verificação de ocorrências metafóricas nas sentenças que expressam opinião.

A partir da análise das oitenta e seis postagens com conteúdo opinativo, localizamos quarenta sentenças com ocorrências de expressões metafóricas, o que consideramos ser um número significativo e de validade para a análise das opiniões expressas pelos interlocutores, como prevíamos.

Dos quarenta casos de sentenças contendo expressões metafóricas, encontramos, coincidentemente, vinte ocorrências de manifestações de opinião positiva e vinte ocorrências em que foi detectada opinião negativa. Na sequência, realizamos a identificação de metáforas conceptuais que estariam implícitas nestas ocorrências, seguindo o que propõem Lakoff e Johnson (2002), na tentativa de realizarmos uma análise linguística do significado associado a estas expressões.

O que chama atenção nestes dados é o fato de estas metáforas estarem estritamente associadas com o conteúdo opinativo. Através do levantamento das metáforas conceptuais presentes nestas sentenças, verificou-se que, de fato, as expressões metafóricas conceptualizam significados positivos ou negativos, não estando isentas nestes discursos. Como ilustração, apresentamos, a seguir, alguns exemplos de ocorrências de expressões metafóricas extraídas das sentenças de opinião.

Grêmio é superior: vence o clássico Grenal por 2 x 1, com gols de Marquinhos e Douglas, e abre 3 pontos do Z4.

Como é bom começar a semana com um belo céu azul! Dalhe Grêmio!!!!

Boa Grêmio!!! Só pra constar quem manda no RS...

E ontem ficou provado pq o gremio é imortal u.u

Lá vamos nós para mais um título que representa o time, VAMOinter!!

O que tô gostando é que *Dilma tá sendo firme em suas palavras.*

A Dilma Rousseff é a terceira mulher mais poderosa do mundo: Isso sim que é *ser guerreira.*

Bá Inter não pode ficar *levando pressão* desses cara!

Meu deus esse bolivar tem que sair do inter imediatamente tah loco *ele é muito burro* olha essa falta que ele fez.

Time colorado perdido em campo. Wilson Mathias é um dos piores volantes do Inter. so nao perde pro Marcio.

O Inde ainda nao fez gol *nessa peneira q eh a zaga do inter...* Fala sério.

A vontade desses jogadores do Inter ficou em porto alegre com a torcida.

Dilma JÁ *ESTÁ nos braços dos fisiologistas. É ela própria a engenheira-chefe da corrupção federal,* meu Deus! FHC, ACORDA!

5. Considerações finais

Conforme sinalizamos ao longo do texto, este artigo teve a finalidade de expor as principais ideias de uma pesquisa que está no seu início e que tem a proposta de investigar como expressões metafóricas podem servir de mapeamento de opinião e de sentimento dos interlocutores em textos de opinião disponíveis em redes sociais.

De uma forma geral, no referencial teórico, procuramos contextualizar a pesquisa na perspectiva de *sentiment analysis* e *opinion mining* e apresentar indícios de como a teoria de metáfora à luz da linguística cognitiva pode estar relacionada com análise de emoções e de opiniões. Também tivemos a intenção de expor alguns aspectos do percurso metodológico que se pretende seguir para a análise do conteúdo textual opinativo.

O exercício de verificação apresentado na última seção não é um exemplo da análise que se pretende realizar, dada a necessidade de ampliação de nosso aporte teórico e metodológico para uma investigação bem fundamentada. Contudo, a análise realizada objetivou testar a possibilidade de a rede social Twitter ser utilizada como fonte de coleta de *corpus* de sentenças de opinião e verificar em que medida expressões metafóricas estão presentes em textos de cunho opinativo e podem funcionar como marcas positivas ou negativas nestes textos.

Acreditamos que os resultados apresentados apontam para a funcionalidade do Twitter para o resgate de informações postadas pelos usuários sobre tópicos diferenciados e para o acesso a conteúdo textual de opinião, haja a vista o alto índice de ocorrências classificadas como opinião entre as postagens analisadas.

Também podemos verificar entre as sentenças analisadas um número alto de expressões metafóricas, o que nos leva a concluir que os interlocutores usam frequentemente expressões metafóricas quando querem expressar a sua subjetividade e o seu ponto de vista. Sendo assim, esses dados tendem a confirmar que não é possível analisar integralmente textos de opinião sem a consideração do papel de expressões metafóricas na construção de significado.

Considerando a relação verificada entre textos de opinião e ocorrências metafóricas, podemos perceber, a partir do exercício de análise, que as expressões metafóricas podem funcionar como marcas de polaridade de opiniões, tendo um caráter bastante informativo para os procedimentos de análise de sentimento e de mineração de opinião.

Referências bibliográficas

AHMAD, K. The role of emotion, metaphor, ontology, and terminology (EMOT) in sentiment analysis. In: LREC/2008 – SIXTH LANGUAGE RESOURCES AND EVALUATION, 2008, Marrakech, Marrocos. **Proceedings...** Marrakech: European Language Resources Association, 2008, p. 7-10.

CHISHMAN, R. L. O.; BERTOLDI, A.; LERNEN, L.; PADILHA, J. G. *Corpus* e anotação semântica: um experimento para a língua portuguesa a partir da semântica de frames. In: WEBMEDIA 2008 – XIV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS MULTIMÍDIA E WEB, 2008, Vila Velha, ES. **Anais...** Vila Velha: Sociedade Brasileira de Computação – SBC, 2008, v. II, p. 321-325.

DAVE, D.; LAWRENCE, A.; PENNOCK, D. Mining the Peanut Gallery: opinion extraction and semantic classification of product reviews. In: INTERNATIONAL WORLD WIDE WEB CONFERENCE (WWW'03), 2003, Budapest, Hungria. **Proceedings...** Budapest: International World Wide Web Conference Committee, 2003. Disponível em: <http://www2003.org/cdrom/papers/refereed/p451/package/p451-dave.html/>. Acesso em: 01 nov. 2010.

FONTENELLE, Thierry. FrameNet and frame semantics. *The International Journal of Lexicography*, Oxford, v. 16, n. 3, p. 363-366, 2003.

GIBBS, R. Process and products in making sense of tropes. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 252-276.

HORRIGAN, J. A. Online Shopping. *Pew Internet and American Life Project Report*, Washington, D.C., 2008. Disponível em: http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2008/PIP_Online%20Shopping.pdf. Acesso em: 05 nov. 2010.

KÖVECSES, Z. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 224p.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002. 285p.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980. [Tradução brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*; Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto – Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo, 2002.]

LIU, B. Opinion mining. In: LIU, L.; ÖZSU, M. (ed.). *Encyclopedia of Database Systems*. Nova York: Springer, 2009, p. 1986-1990.

PANG, B.; LEE, L. Opinion mining and sentiment analysis. *Foundations and Trends in Information Retrieval*, v. 2, nos. 1-2, p. 1-135, 2008.

RENTOUMI, V.; KARLALETIS, V.; VOUIROS, G.; MOZER, A. Sentiment analysis exploring metaphorical and idiomatic senses: A Word sense disambiguation approach. In: INTERNATIONAL WORKSHOP ON COMPUTATIONAL ASPECTS OF AFFECTUAL AND EMOTIONAL INTERACTION, 2008, Patras, Grécia. **Proceedings...** Patras: Skel, 2008.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: the mind-as-body metaphor in semantic structure and semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TURNER, A.; HETZLER, E.; GREGORY, M.; CHINCHOR, N.; WHITNEY, P.; CARTER, R. User-directed sentiment analysis: visualizing the affective content of documents. In: WORKSHOP ON SENTIMENT AND SUBJECTIVITY IN TEXT, 2006, Sydney. **Proceedings...** Sydney: Association for Computational Linguistics, 2006, p. 23-30.

TURNER, M. *Death is the mother of beauty: mind, metaphor, criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

WIEBE, J.; 1999. Development and use of a gold standard data set for subjectivity classification. In: *ACL-99*, 1999, Maryland. **Proceedings...** Maryland: University of Maryland, 1999, p. 246-253.

WIEBE, J.; WILSON, T.; CARDIE, C. Annotating expressions of opinions and emotions in language. *Language Resources and Evaluation*, Nova York, n. 39, p. 165-210, 2005.

As metáforas no futebol: um estudo baseado na Semântica Cognitiva

Deise Gabriele Boll.²⁶⁸ Rove Chishman.²⁶⁹

deiseboll@ibest.com.br; rove@unisinos.br

RESUMO

O presente estudo tenciona apresentar e discutir a abordagem lakoffiana da metáfora como dimensão fundamental da linguagem e da cognição. Objetivamos investigar em que medida a abordagem da Semântica Cognitiva, em especial a teoria de Lakoff e Johnson (2002), nos auxilia na explicação do emprego das metáforas no domínio futebolístico. O objetivo da pesquisa é abordar a metáfora estrutural FUTEBOL É GUERRA como processo cognitivo e como seu uso ocorre em textos do nosso cotidiano, em especial nesta pesquisa, textos relacionados ao universo do futebol, desfazendo-se, assim, a concepção da existência da metáfora somente em textos literários. Para investigar como se dá o mapeamento entre os domínios conceptuais, como as características das metáforas conceptuais se aplicam ao domínio do futebol e o grau de convencionalidade de sua realização linguística, constituímos o *corpus* do trabalho com textos dos *sites* Globo.com e Terra, obtidos entre 13 de junho de 2010 e 12 de julho de 2010, acerca da Copa do Mundo de 2010. Os dados revelaram que o conceito metafórico *futebol é guerra* estrutura a forma como se concebe, cultural e socialmente, essa prática esportiva e compreende uma infinidade de expressões que focalizam uma relação entre esses dois domínios experienciais, estruturando uma forma cultural e linguística de se pensar o esporte, legitimada pela sociedade. Neste conceito contempla-se o futebol pelo viés competitivo e pelos movimentos de ataque e de defesa na configuração do espaço físico do campo desportivo. Dessa forma, palavras e expressões do domínio bélico, como por exemplo, “batalha”, “bombardeio”, “esquema tático” são usadas no domínio futebolístico, estruturando uma forma de concepção do futebol. Nesta análise identificamos que a metáfora não só está presente nos textos de cunho futebolístico para atrair a atenção do leitor, como se relaciona ao nosso modo de pensar as coisas, retratando uma forma de se conceber a realidade, o que comprova a teoria proposta por Lakoff e Johnson (2002) de que nossa linguagem é repleta de metáforas que regem nosso pensamento e nossa ação.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Metáfora conceptual; Futebol; Guerra.

ABSTRACT

²⁶⁸ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS.

²⁶⁹ Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS.

This study intends to present and discuss the Lakoffian approach of metaphor as a fundamental dimension of language and cognition. Our aim is to investigate to what extent the approach of Cognitive Semantics, in particular the theory of Lakoff and Johnson (2002), helps us to explain the use of metaphors in the soccer field. The aim of this research is to approach the structural metaphor SOCCER IS WAR as a cognitive process and how its use occurs in everyday life texts, especially in this research, texts related to the soccer world, torn apart, the conception of the existence of the metaphor only in literary texts. To investigate how is the mapping between conceptual domains, how the features of conceptual metaphors are applied to the soccer field and the level of conventionality of its linguistic realization, we constituted the corpus with texts from the sites Globo.com and Terra, obtained from June 13, 2010 to July 12, 2010, about the 2010 World Cup. The data pointed out that the metaphorical concept soccer is war structures the way we conceive, culturally and socially, this sport practice and includes an infinity of expressions that focus on a relationship between these two experiential domains, structuring a cultural and linguistic way of thinking the sport, legitimized by the society. In this concept the soccer is contemplated by the competitive way and by the attack and defense movements in the configuration of the sport field space. Thus, words and expressions of the military (war??) domain, for example, "battle", "bombing", "tactical plan" are used in the soccer field, structuring a way of soccer conception. In this analysis we identified that the metaphor appears not only in the soccer field texts to attract the reader's attention, it also relates to our way of thinking, showing a way of conceptualizing reality, which proves the theory proposed by Lakoff and Johnson (2002) that our language is full of metaphors that govern our thought and action.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics; Conceptual metaphor; Soccer; War.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo apresentar e discutir a abordagem lakoffiana da metáfora como dimensão fundamental da linguagem e da cognição. Objetivamos investigar em que medida a abordagem da Semântica Cognitiva, em especial a teoria de Lakoff e Johnson (2002), nos auxilia na explicação do emprego das metáforas no domínio futebolístico.

A tradição dos estudos linguísticos nos mostra que a metáfora sempre atraiu a atenção de estudiosos da linguagem desde os antigos filósofos gregos, porém sempre focalizada como uma figura de linguagem. Nos anos 80, no entanto, Lakoff e Johnson (2002) nos mostram que a metáfora não é expressa apenas através da linguagem e das palavras, o pensamento humano é, em grande parte, organizado metaforicamente. A metáfora está presente em nossa vida cotidiana, na linguagem, no pensamento e nas ações.

A metáfora é um fenômeno natural de nossa comunicação diária, pois ocorre no processo do raciocínio experiencial. Usamos metáforas para nos comunicar na escrita, na oralidade e até em nossos gestos, quando, por exemplo, levantamos o dedo polegar em sinal positivo, passamos a ideia de que estamos bem, de que estamos “para cima” (metáfora orientacional).

Dentre os inúmeros contextos em que se pode investigar o uso das metáforas, destaca-se o contexto do futebol. Escolhemos investigar o domínio futebol pelo fato de ele ser rico em expressões metafóricas e também para mostrar, de acordo com a teoria cognitivista de Lakoff e Johnson (2002), que a metáfora está presente sim na linguagem cotidiana e não apenas na linguagem poética.

Tal estudo justifica-se uma vez que, nas pesquisas, o papel meramente ornamental da metáfora está sendo substituído por sua função cognitiva, na medida em que é possível verificarmos seu uso no dia a dia e confirmar seu alto grau cognitivo.

Pretendemos, com base na teoria de Lakoff e Johnson (2002), mostrar que as metáforas estão presentes no léxico do futebol e são recursos cognitivos que se expressam na língua. Por isso, estão tão presentes em nossa vida cotidiana e muitas vezes as utilizamos sem perceber, pois estão incorporadas em nossa cultura, permitindo que seu uso faça parte, inclusive, de textos de domínio do futebol.

Para atingir tal objetivo, organizamos este trabalho em quatro seções. Feitas as considerações iniciais na Introdução, reservamos a seção um para falar da Linguística Cognitiva e da Semântica Cognitiva. Mostramos brevemente suas trajetórias e a ideia central destas teorias de que a linguagem está direta e intimamente associada à cognição.

A segunda seção inicia mostrando o tratamento que a Retórica dispensa à metáfora. Em seguida, analisamos os estudos cognitivistas, foco desta pesquisa, enfatizando que nosso pensamento é de base metafórica e que as metáforas estão internalizadas em nosso consciente.

Na terceira seção apresentamos a metodologia que empregamos – de investigação da metáfora em um *corpus* real. Já na quarta seção, tratamos do objeto deste estudo: a análise das metáforas no domínio do futebol. Nosso *corpus* foi selecionado analisando-se a mídia escrita, mais especificamente sites, sendo que a condição primordial para a seleção dos exemplos foi a presença da metáfora. Identificada, ela passou a ser alvo de interesse desta pesquisa. O estudo mais minucioso aqui apresentado é o da metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA.

A última seção oferece nossas conclusões deste estudo. Através de nossas análises foi possível comprovar que o futebol é metaforicamente estruturado em termos bélicos através de expressões como “confronto”, “contra-ataque”, “menor poder de fogo que o adversário”, entre tantas outras. A análise nos permitiu perceber também que, de acordo com Lakoff e Johnson (2002), do ponto de vista cognitivo, não existem metáforas mortas, o que existe são expressões convencionalmente estabelecidas no léxico da linguagem do futebol.

1 Linguística Cognitiva e Semântica Cognitiva

A instauração da Linguística Cognitiva como paradigma científico data, conforme Silva (2004), de 1989, quando se realizou a primeira Conferência Internacional de Linguística, na Alemanha. Entretanto, afirma o autor que desde o início da década de 1980 já é possível encontrar indícios do nascimento e propagação desse paradigma em diferentes lugares, com a publicação de diversos trabalhos, dentre os quais os de George Lakoff (Lakoff e Johnson 1980, Lakoff 1987), Ronald Langacker (1987, 1990, 1991) e Leonard Talmy (1983, 1988).

De acordo com Silva (2004), a ideia fundamental da Linguística Cognitiva é de que

a linguagem é parte integrante da cognição (e não um “módulo” separado), se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural.

Silva (2004) ainda afirma que fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e sócio-culturais são indispensáveis na caracterização da estrutura linguística para a Linguística Cognitiva, representada por uma perspectiva funcionalista, enquanto a Linguística Generativa, que apresenta uma perspectiva formalista, os toma como secundários.

A Semântica Cognitiva tem uma trajetória ligada ao surgimento da Linguística Cognitiva que se desenvolve como resultado de alguns confrontos epistemológicos, em especial com a Linguística de Noam Chomsky.

Os primeiros passos na pesquisa sobre Semântica Cognitiva no Brasil foram dados com os estudos sobre metáfora a partir da obra consagrada de Lakoff e Johnson (1980), *Metaphors we live by*. Lakoff é, sem dúvida, considerado um dos fundadores da Semântica Cognitiva.

A Semântica Cognitiva é uma subárea da Linguística Cognitiva. Ambas defendem a ideia de que a linguagem está associada à cognição e de que a interação entre mente, corpo e mundo são fatores indispensáveis para a estruturação de nosso sistema conceptual.

2 O percurso da metáfora: do ornamento à cognição

Como sabemos, tradicionalmente, a metáfora tem sido estudada no âmbito da criatividade poética. Tendemos a estudá-la como figura de estilo.

De acordo com Lakoff (apud ORTONY, 1993, p. 202), teóricos clássicos desde Aristóteles viam a metáfora como instâncias da linguagem poética, como um problema da língua. Nesta visão clássica, as metáforas não faziam parte da linguagem cotidiana, usavam mecanismos fora do terreno da linguagem cotidiana convencional. A palavra “metáfora” era definida como uma expressão poética da língua em que uma ou mais palavras de um conceito eram usadas fora do seu significado convencional normal para expressar um conceito “semelhante”.

Em contrapartida à visão da Retórica, Lakoff (apud ORTONY, 1993, p. 203) afirma que as generalizações que regem as expressões metafóricas poéticas não estão na língua, mas no pensamento: eles são mapeamentos gerais através de domínios conceptuais.

Lakoff (apud ORTONY, 1993, p. 203-204) faz uma homenagem à Reddy dizendo que a teoria contemporânea de que a metáfora é essencialmente conceptual, convencional, e parte do sistema ordinário do pensamento e da linguagem deve ser atribuída a ele (Reddy), no seu clássico ensaio “The Conduit Metaphor”. Tal teoria nos permitiu perceber que nossa linguagem cotidiana é amplamente metafórica, dissipando a visão tradicional de que a metáfora existe essencialmente no domínio da linguagem poética ou “figurada”. Lakoff ainda pontua que Reddy mostrou de maneira significativa que o lugar da metáfora é o pensamento e não a linguagem, que a metáfora é uma parte principal e indispensável de nossa maneira ordinária e convencional de conceptualizar o

mundo e que nosso comportamento cotidiano reflete nossa compreensão metafórica da experiência.

2.1 “Conceitos da vida cotidiana”

Estudiosos têm mostrado que a metáfora é importante e até indispensável no processo de entendimento da compreensão humana, portanto não é mais considerada um ornamento do discurso. Lakoff e Johnson (2002, p. 45) sustentam que a metáfora faz parte sim do pensamento e da ação e não apenas da linguagem:

a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Ainda, para Lakoff e Johnson (2002), o mais importante é esclarecer que as metáforas não estão relacionadas unicamente à linguagem, mas que estão estreitamente ligadas aos processos de pensamento e o estruturam pelo menos parcialmente, ou seja, “as metáforas como expressões lingüísticas (sic) são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós” (2002, p. 48). Eles categorizam as metáforas como estruturais, orientacionais e ontológicas, conforme descrevemos abaixo.

A relação entre o domínio fonte e o domínio alvo nas expressões metafóricas é questão de debate da Linguística Cognitiva. Para Lakoff e Johnson (2002) e Kövecses (2010), existe um mapeamento sistemático entre o domínio-fonte, que é uma fonte de inferências, e o domínio-alvo, ao qual as inferências se aplicam. Os autores afirmam que “a essência de uma metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 47-48). Entendemos, por exemplo, a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA porque temos um conhecimento sistematicamente organizado sobre o domínio conceptual GUERRA, no qual nos apoiamos para compreender o domínio conceptual DISCUSSÃO. Portanto, a metáfora conceptual é assim chamada porque ela conceptualiza algo, nesse caso a discussão. A representação das metáforas conceptuais é dada por meio de um mapeamento

estruturado sistematicamente destacando-as em letra maiúscula: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.

A metáfora DISCUSSÃO É GUERRA está presente em nossa linguagem cotidiana numa grande variedade de expressões, como por exemplo: *Seus argumentos são indefensáveis* ou ainda, *Suas críticas foram direto ao alvo*. Ainda de acordo com Lakoff e Johnson (2002), não somente falamos em discussão em termos de guerra, mas podemos de fato perder ou ganhar uma discussão. Planejamos e usamos estratégias, vemos as pessoas com quem discutimos como adversários, atacamos suas posições e defendemos as nossas. Embora não haja batalha física, há uma batalha verbal, que se reflete na estrutura de uma discussão. A metáfora DISCUSSÃO É GUERRA é vivida em nossa cultura; ela estrutura as ações que realizamos numa discussão.

2.2 A natureza da estrutura metafórica

Sobre a natureza da estrutura metafórica, Lakoff e Johnson (2002, p. 123-125) nos dizem que exemplos como *pé da montanha* são idiossincráticos, isolados e não sistemáticos, pois não interagem com outras metáforas, não desempenham papel importante em nosso sistema conceptual e, portanto, não são metáforas que vivenciamos. Afirmam ainda que exemplos como esses são os únicos que poderiam ser considerados como “metáforas mortas”, não fossem os lampejos de vida que apresentam, nesse caso, compreendidas, em parte, em termos de conceitos metafóricos marginais como MONTANHA É UMA PESSOA. Lakoff e Johnson (2002, p. 125) ainda complementam essa ideia dizendo que,

Expressões como *perder tempo, atacar posições, seguir caminhos diferentes* etc., são reflexos de conceitos metafóricos sistemáticos que estruturam nossas ações e pensamentos. São “vivas” no sentido mais fundamental: são metáforas que vivenciamos. O fato de estarem estabelecidas convencionalmente no léxico da língua não as torna menos vivas.

Percebemos, dessa forma, que, do ponto de vista de Lakoff e Johnson (2002) vírg. não existem metáforas mortas, o que existem são metáforas convencionalmente estabelecidas no léxico da língua.

2.3 Base formadora do sistema conceptual

Partindo do princípio de que a maior parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, Lakoff e Johnson (2002, p. 127-128) dizem que os conceitos espaciais simples como PARA CIMA são compreendidos diretamente, pois emergem de nossa experiência espacial, emergem do conjunto de funções motoras constantemente realizadas, resultantes da posição ereta em relação ao campo gravitacional no qual vivemos. A estrutura dos nossos conceitos espaciais emerge da nossa constante experiência espacial, ou seja, da nossa interação com o ambiente físico. Conceitos como estes são vividos de maneira mais fundamental. A chamada “experiência física direta” é proveniente de toda experiência que acontece dentro de uma vasta bagagem de pressuposições culturais. Ainda no que se refere a essa questão, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que seria equivocado falarmos em experiência física direta como se houvesse um conjunto central de experiências imediatas que nós apenas iríamos interpretar em termos de nosso sistema conceptual.

Conforme afirmam Lakoff e Johnson (2002, p. 128),

Suposições, valores e atitudes culturais não são conceitos que acrescentamos à experiência. Seria mais correto dizer que toda a nossa experiência é totalmente cultural e que experienciamos o “mundo” de tal maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si.

Outro aspecto interessante tratado por Lakoff e Johnson (2002, p. 129) que não pode ser esquecido é a distinção entre experiências “mais” físicas, tais como, ficar de pé, e aquelas “mais” culturais, tais como, participar de uma cerimônia de casamento.

Experiências emocionais são muito menos claramente descritas em termos do que fazemos com nossos corpos, mesmo nossa experiência emocional sendo tão fundamental quanto nossa experiência espacial e perceptiva. É a partir de correlações sistemáticas existentes entre nossas emoções, como felicidade, e nossas experiências sensoriais e motoras, como postura ereta, que se forma a base dos conceitos metafóricos orientacionais, como FELIZ É PARA CIMA. Através dessas metáforas, é possível conceptualizar nossas emoções em termos mais exatos, mais claros e relacioná-las com

outros conceitos que dizem respeito a bem estar geral, como SAÚDE, VIDA e CONTROLE. Podemos falar assim em *metáforas emergentes* e *conceitos emergentes*.

A respeito da fundamentação dos conceitos, Lakoff e Johnson (2002, p. 131) afirmam que de forma alguma a experiência física é mais básica que outros tipos de experiência, seja ela emocional, mental, cultural ou de outra natureza. Habitualmente conceptualizamos experiências não físicas em termos de experiências físicas, conceptualizamos algo que não é claramente delineado em termos de algo que é mais claramente delineado. Alguns exemplos como os que seguem, citados por Lakoff e Johnson, mostram que nenhum domínio tem prioridade sobre outro em termos de experiência; são todas experiências igualmente básicas: “Harry está *na* cozinha”, “Harry está *no* Elks (clube)” e “Harry está *em* estado de amor/ Harry está amando”, estes exemplos referem-se respectivamente a três domínios da experiência: espacial, social e emocional.

Concluimos que o fator cultural, se não é essencial no processo de compreensão da metáfora, é, no mínimo, um fator de simplificação e facilitador do entendimento de seu significado e que o uso da metáfora permite mostrar uma visão de mundo.

2.4 A estruturação da experiência

Lakoff e Johnson (2002, p. 153) falam da “estruturação coerente da experiência” dizendo que, para compreendermos o que está envolvido na estruturação metafórica, precisamos primeiramente ter uma ideia do que significa uma experiência, ou um conjunto de experiências ser coerente por ter uma estrutura. Inicialmente, precisamos ver o que está envolvido em uma conversa. O tipo mais básico de conversa envolve duas pessoas falando uma com a outra, onde geralmente uma delas inicia a conversa e as duas revezam o tópico em questão. Independentemente dos propósitos que a conversa tenha para os participantes, ela geralmente cumpre o propósito de interação social polida.

Lakoff e Johnson (2002, p. 154) apresentam seis dimensões de estrutura que podem ser vistas mesmo num caso simples como o de uma conversa polida entre duas pessoas: participantes, partes, estágios, sequência linear, causalidade e propósito. As mesmas seis dimensões de estrutura da conversa se fazem presentes numa discussão, a esta, porém, são acrescentados conceitos de GUERRA.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 156), é a sensação de estarmos em uma batalha a diferença básica entre uma conversa e uma discussão. Numa discussão, um participante tem uma opinião diferente do outro: para que você convença o outro de que a sua opinião é importante, você precisa “ganhar” a discussão. A discussão é também uma conversa, embora a polidez possa desaparecer ao passo que a discussão se torna acirrada.

A sensação de estar em uma batalha vem da experiência pessoal com situações semelhantes a uma guerra, apesar de o combate não ser real. Lakoff e Johnson (2002, p. 156) afirmam

Você experiencia o outro participante como um adversário, você ataca a posição dele, você tenta defender a sua própria e você faz o que pode para fazê-lo render-se. A estrutura da conversa assume aspectos da estrutura de guerra e você age de acordo com essa estrutura bélica.

Na quarta seção do presente trabalho, abordaremos a metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA, na qual faremos uma análise mais aprofundada do conceito de guerra.

2.5 Tipos de metáfora conceptual

Partindo da visão da teoria da metáfora conceptual, Lakoff e Johnson (2002) descrevem três tipos diferentes de metáfora: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. Os diferentes tipos obedecem às funções que elas desempenham. Lakoff e Johnson (2002, p. 134) apontam que todos os tipos fundamentam-se em correlações sistemáticas encontradas em nossas experiências.

As metáforas estruturais são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Elas se baseiam em nossas experiências. Em decorrência deste enfoque, Lakoff e Johnson (2002, p. 133) afirmam que a metáfora DISCUSSÃO RACIONAL É GUERRA é um exemplo de metáfora estrutural e que tal metáfora permite elaborar um conceito (como a discussão) com grande detalhamento e permite também encontrar meios apropriados de salientar alguns aspectos desse

conceito e obscurecer outros, nos permite usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito.

As metáforas orientacionais organizam “todo um sistema de conceitos em relação a um outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59). Esses conceitos estão ligados à orientação espacial, ao nosso corpo e “têm uma base na nossa experiência física e cultural” e, apesar de estarem ligadas à natureza física, variam de acordo com a cultura. Um exemplo disso é a metáfora de espacialização PARA CIMA – PARA BAIXO, que pode ter surgido de nossa experiência física e cultural: Eu estou me sentindo para cima.

Metáforas ontológicas são aquelas nas quais os conceitos abstratos são transformados em entidades, coisas ou seres. A personificação desempenha um importante papel nesse processo. Utilizamos o exemplo MENTE É UMA ENTIDADE para demonstrar como ela é vista em nossa cultura, e um conceito que demonstra essa relação é MENTE É UMA MÁQUINA, como vemos em: A minha mente não está funcionando hoje.

2.6 A metáfora no universo futebolístico

Alegria, tristeza, expectativa, desapontamento, vibração, euforia, surpresa e espanto são alguns dos sentimentos que o torcedor de futebol vivencia após a rodada de cada final de semana. Eles geram reações que são incorporadas ao dia a dia do torcedor com numerosos reflexos em seu comportamento social e, conseqüentemente, em sua linguagem.

Conforme Franco Júnior (2007, p. 348), o futebol é metáfora de várias instâncias do viver humano graças ao fato de ele ser uma linguagem. A linguagem existe sem língua, como entre animais, porém o contrário não ocorre. Partindo do que nos trouxe Franco Júnior (2007), analisaremos a linguagem do futebol, em especial neste trabalho a metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA. “Futebol é linguagem corporal (por isso mais próxima às línguas faladas que às escritas), mais flexível e mais comunicativa que outras assemelhadas, daí sua popularidade” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 350).

A linguagem que envolve o mundo do futebol é cercada das mais diversas metáforas. Poderíamos dizer, por exemplo, que FUTEBOL É RELIGIÃO quando temos uma frase como: “Autores de gols mexicanos sobre a França ganham ‘devotos’”, ou

ainda, FUTEBOL É ALIMENTO em: “Robert Green, que engoliu um enorme e *indigesto peru* na primeira rodada, diante dos Estados Unidos, ficou no banco.”

O foco deste estudo, porém, é a investigação e análise da metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA.

“A paciência dos 64.100 torcedores se esgotou aos 40 minutos, quando Gerrard tentou mandar uma *bomba* da intermediária e saiu apenas um *tirinho* fraco, rasteiro, para longe do gol.”

“Goleiros, *atacantes*, meias, zagueiros, todos cometem erros.”

“É um apoio muito leal da parte da nossa torcida - gritou Rooney ao deixar o gramado ao fim do *confronto*.”

Dados estes exemplos, podemos ver que grande parte da maneira como falamos sobre futebol deriva da maneira como falamos sobre guerra.

O futebol é um dos esportes mais populares no mundo. Praticado em centenas de países, este esporte desperta tanto interesse em função de sua forma de disputa atraente.

A guerra em campo é ilustrada através das palavras de Franco Júnior (2007, p. 235-236) que diz:

Futebol é guerra simbólica. Seu caráter guerreiro transparece em diversos indícios. A linguagem usada nele tem expressões significativas, como “matar a bola”, “matar a jogada” ou “matar o jogo”. O jogador encarregado de fazer a maior parte dos gols da equipe é o “artilheiro”, o “matador”, o carrasco dos adversários. O representante do time junto ao árbitro é conhecido por uma patente militar, “capitão” [...] A própria partida é “confronto”, “duelo”, “embate”, “encontro”, “peleja”.

O técnico é conhecido como o comandante da equipe, ele tem a função de, como um general, manter a tropa em boas condições de vencer. Ele é o responsável por determinar as regras internas enfatizando que deve haver sempre disciplina, e tentando manter a equipe unida na concentração. Os treinadores mais rígidos na aplicação desses princípios são conhecidos como “sargentões”.

3 Metodologia

Para investigar como se dá o mapeamento entre os domínios conceptuais, como as características das metáforas conceptuais se aplicam ao domínio do futebol e o grau

de convencionalidade de sua realização linguística, optamos por uma análise baseada em *corpus*, que permite descobrir quais expressões do domínio fonte metafórico são convencionalmente usadas para acionar o domínio alvo.

O método que melhor atende às nossas necessidades de proposta de pesquisa é o de leitura. Embora alguns autores o considerem antigo, ele propicia o posicionamento do analista frente à constituição do *corpus*. Além do mais, a identificação de metáforas conceptuais exige uma reflexão do analista, visto que elas são mentais e abstratas. Os outros métodos, mesmo implicitamente, também trazem a subjetividade, apesar de procurarem, a princípio, o distanciamento por meio do uso de programas de computador.

Faremos a análise através de mídia escrita (*on line*), mais especificamente, reportagens de *sites*, e identificaremos as metáforas nelas existentes do ponto de vista cognitivo. Dessa forma, poderemos verificar que a metáfora é um recurso presente no domínio do futebol e, portanto, presente no sistema conceptual das pessoas de uma forma geral.

A coleta de dados restringiu-se a um levantamento de textos ligados à cobertura da Copa do Mundo de 2010, coletados dos *sites* Globo.com e Terra, a partir de um recorte cronológico com início em 13 de junho de 2010 até 14 de julho de 2010.

4 Análise

Tomando como base a fundamentação teórica, em especial a teoria cognitivista de metáfora proposta por Lakoff e Johnson (2002), apresentaremos a análise do *corpus*. Nosso foco para análise será a metáfora estrutural FUTEBOL É GUERRA.

Na seção 4.2, ilustraremos, através dos exemplos do *corpus*, como se aplica a teoria da metáfora conceptual, ou seja, mostraremos como se dá o mapeamento dos conceitos. Dos 45 exemplos extraídos dos textos, selecionamos alguns que julgamos serem os mais representativos, em que o critério foi que correspondessem às seis dimensões de estrutura de uma conversa, de acordo com o exemplo de Lakoff e Johnson (2002, p. 157-158) DISCUSSÃO É GUERRA. Essas dimensões são: participantes, partes, estágios, sequência linear, causalidade e propósito. Dimensões semelhantes às seis que estruturam uma conversa também estruturam o evento futebol.

Na seção 4.3, através do conjunto de exemplos, retomaremos as características das metáforas de acordo com Lakoff e Johnson (2002) e Caçado (2005), fazendo uma análise quanto à convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração.

4.1 Nosso *corpus*: a metáfora no futebol

Analisaremos, nesta seção, as manchetes, *leads* e demais enunciados dos *sites* Globo.com e Terra relativos ao futebol, no que diz respeito à linguagem metafórica. Para tanto, iremos recorrer ao estudo acerca da metáfora em uma abordagem cognitiva com base nos posicionamentos de Lakoff e Johnson (2002). Faremos a análise, neste estudo, da metáfora estrutural, já que ela define uma relação entre dois universos experienciais, fazendo um mapeamento entre o domínio fonte e o domínio alvo. Determinemos na análise da metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA, fazendo uma investigação das relações metafóricas entre o futebol (domínio alvo) e a guerra (domínio de origem, ou domínio fonte).

O futebol, desde sua origem, sempre foi envolto em simbolismos. No caso da metáfora aqui analisada, são focalizados os aspectos competitivos dessa modalidade esportiva, ampliando a visão de ataque e de defesa da partida, o que recupera tanto as suas representações mais remotas como treinamento militar quanto a sua inserção em uma política ditatorial brasileira.

4.2 Mapeamentos entre domínios conceptuais

Neste tópico, o futebol será analisado por suas relações de similaridade com a guerra. Destacaremos as características comuns entre os dois domínios experienciais, construindo um espaço comum entre ambos os domínios. A partida é uma batalha, um confronto, uma luta por território; os jogadores são soldados em campo e o campeonato de futebol adquire as características de uma guerra. Guerra é um confronto sujeito a interesses da disputa entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos mais ou menos organizados, utilizando-se de armas para tentar derrotar o adversário.

Estabelecendo uma relação entre os domínios experienciais da guerra e do futebol, nos diz Oliveira (2004, p. 88):

Nos dois domínios experienciais, busca-se a vitória sobre o adversário, que é determinada pela conquista do espaço alheio. Na guerra, esse espaço é representado pela conquista, por meio de ações violentas, de um grupo, de uma comunidade ou de uma nação; no futebol, esse espaço é representado pela conquista e invasão do campo de ataque e, especialmente, pela conquista do gol, símbolo da vitória sobre o time adversário.

O conceito FUTEBOL É GUERRA estrutura a forma como se concebe, cultural e socialmente, essa prática esportiva. As frases retiradas dos *sites* Globo.com e Terra exemplificam essa relação semântica.

De acordo com Oliveira (2004, p. 88),

O futebol pode ser parcialmente estruturado pelo conceito de guerra, na medida em que, pelo aspecto cultural, se pode contemplar esse esporte pelo viés competitivo e pelos movimentos de ataque e de defesa na configuração do espaço físico do campo desportivo.

É nesse sentido que palavras pertencentes ao universo semântico guerra, como, por exemplo, “atacante”, “bomba”, “tirinho fraco”, “batalha”, “estopim”, “canhão”, entre outras, podem ser utilizadas no léxico do futebol, já que estes conceitos são metaforicamente estruturados em termos de conceitos bélicos.

Os conceitos metafóricos são maneiras de se estruturar parcialmente uma experiência em termos de outra. Lakoff e Johnson (2002) nos dizem que, para compreendermos o que está envolvido em uma estruturação metafórica, precisamos primeiramente ter uma ideia do que significa uma experiência ser coerente por ter uma estrutura. A discussão é uma conversa parcialmente estruturada pelo conceito de GUERRA, temos então a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. No caso de uma conversa, geralmente estão envolvidas duas pessoas falando uma com a outra. Uma delas inicia a conversa e eles se revezam falando sobre um tópico; manter o tópico em questão ou mudá-lo exige uma certa cooperação. “Até mesmo num caso tão simples como uma conversa polida entre duas pessoas, muitas dimensões de estrutura podem ser vistas” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 154). São seis as dimensões de estrutura de uma conversa trazidas por Lakoff e Johnson (2002, p. 154-155): participantes, partes, estágios, sequência linear, causalidade e propósito.

Os participantes envolvem pessoas ou grupos de pessoas que desempenham o papel de adversários. As partes envolvem as duas posições, o planejamento de

estratégias, o ataque, a defesa-recuo, a manobra, o contra-ataque, o impasse, a trégua e a rendição/ vitória. No que se refere aos estágios, tem-se o início, quando um adversário ataca; o meio, quando existem as combinações de defesa/ de manobra/ de recuo e de contra-ataque; o fim, ou trégua, ou impasse rendição/ vitória. O último estágio é o estado final, em que o vitorioso domina o perdedor.

Podemos dizer que dimensões semelhantes às seis dimensões de estrutura de uma conversa que são aplicadas à metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA estão presentes na metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 157-158),

O que oferece coerência a essa lista de coisas que transformam uma conversa em discussão é que elas correspondem a elementos do conceito de GUERRA. O que se adiciona do conceito de GUERRA ao conceito de CONVERSA pode ser visto em termos das mesmas seis dimensões de estrutura que fornecemos em nossa descrição da estrutura da conversa.

No caso do futebol, os *participantes* são, de modo geral, os jogadores das duas equipes, os treinadores, o árbitro e a torcida. Nas *partes*, está envolvido tudo o que diz respeito ao planejamento das jogadas, as estratégias de cada equipe, aos lances de ataque e contra-ataque, por exemplo. Os *estágios*, com início, meio e fim, correspondem às etapas do jogo. Uma das equipes começa atacando, a outra precisa utilizar-se de algum meio para se defender ou reagir. Para isso, ela pode optar por “cozinhar a partida”, como nos diz o exemplo 8, ou planejar um contra-ataque: “No contra-ataque, Eto'o recebeu na área e bateu de canhota na trave da Dinamarca.” A *sequência linear* diz respeito à “ordem lógica” das etapas do jogo: o recuo, a defesa ou o contra-ataque depois do ataque. É a maneira como a equipe adversária reage ao ataque. O *propósito* é a vitória para ambas as equipes. Caso a equipe esteja perdendo, ela primeiramente precisa reagir para empatar a partida: “Estatísticas: Bombardeio levou os norte-americanos à **reação no fim.**”

A seguir descrevemos as seis dimensões de estrutura que Lakoff e Johnson (2002) nos fornecem para a descrição da estrutura da conversa aplicadas a estrutura do futebol para estruturarmos parcialmente o futebol em termos de guerra.

PARTICIPANTES: “Os tipos de participantes são pessoas ou grupos de pessoas. Elas desempenham papel de adversários.”

O comandante do English Team culpou a Jabulani, a bola oficial da Copa do Mundo que vem sendo crucificada, pelo gol sofrido por Green. (17-06-2010)

Ao técnico do time geralmente é dado o título de “comandante”. Técnico, treinador, ou ainda, comandante, é aquele que organiza a equipe para a partida, é ele quem define as posições que os jogadores irão ocupar em campo e as funções que terão de desempenhar. Devido ao fato de o técnico não poder entrar em campo para disputar a partida, ele designa um dos jogadores para “comandar” o time durante a partida, a este é dado o nome de “capitão”.

PARTES: “A Argélia, de **menor poder de fogo que o adversário**, preferiu cozinhar a partida para garantir um ponto.” (18-06-2010)

A escolha lexical utilizada neste enunciado nos permite uma compreensão clara do futebol em termos de guerra, na medida em que, com base no posicionamento de Lakoff e Johnson (2002, p. 49), forma uma maneira sistemática de expressar os aspectos bélicos do futebol. Entende-se nesta oração que a Argélia possui um time menos ofensivo que o adversário e, portanto, optou por um jogo mais “neutro”, conseguindo assim um empate no placar.

“ESTÁGIOS: Início: Um adversário ataca”

Os alemães partiram para o **ataque**, como sempre. (18-06-2010)

“Meio: Combinação de defesa/ de manobra/ de recuo/ de contra-ataque”

Defesa-recuo:

A Argélia, de **menor poder de fogo que o adversário**, preferiu cozinhar a partida para garantir um ponto. (18-06-2010)

Manobra:

A ideia é devolver a **força ofensiva do adversário** na mesma moeda para evitar pressão no Moses Mabhida. (18-06-2010)

A presença dele não foi descartada pelo treinador, mas é mais uma **tática** para incomodar o Japão do que confiança na plena recuperação do astro do Bayern de Munique. (18-06-2010)

Contra-ataque:

No **contra-ataque**, Eto'o recebeu na área e bateu de canhota na trave da Dinamarca. (19-06-2010)

Após a derrota de 1 a 0 na estreia para Gana, e, pior, a péssima atuação, eles passaram a encarar a partida com os germânicos como se fosse uma **batalha** - nada comparado, é

claro, às divergências entre católicos alemães e eslavos ortodoxos sérvios que acabaram sendo o **estopim para o início da Primeira Guerra Mundial**. (18-06-2010)

“Fim: Ou trégua, ou impasse ou rendição / vitória”

Estatísticas: **Bombardeio** levou os norte-americanos à reação no fim (manchete) (18-06-2010)

SEQUÊNCIA LINEAR: “Recuo depois de ataque”

A Argélia, de **menor poder de fogo que o adversário**, preferiu cozinhar a partida para garantir um ponto. (18-06-2010)

“Contra-ataque depois de ataque”

No **contra-ataque**, Eto'o recebeu na área e bateu de canhota na trave da Dinamarca. (19-06-2010)

CAUSALIDADE: “Ataque resulta em defesa, ou contra-ataque, ou recuo, ou fim.”

A ideia é devolver a **força ofensiva do adversário** na mesma moeda para evitar pressão no Moses Mabhidá.

PROPÓSITO: “Vitória”

Estatísticas: **Bombardeio** levou os norte-americanos à reação no fim (manchete) (18-06-2010)

Baseado nos exemplos acima descritos, podemos ver que o conceito metafórico *futebol é guerra* compreende uma infinidade de expressões que focalizam uma relação entre esses dois domínios experienciais. Muitos aspectos da guerra e do futebol podem ser metaforicamente estruturados.

Na figura que segue temos o mapeamento dos conceitos metafóricos; a transferência dos conceitos do domínio fonte para o domínio alvo, conforme nos propõe Lakoff e Johnson (2002, p. 45-52). Percebemos, dessa forma, através da análise de nosso *corpus*, que “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 47-48).

4.3 Características das metáforas

Nesta seção, faremos a análise das características das metáforas conceituais de acordo com o que nos trazem Lakoff e Johnson (2002) e Caçado (2005). Tais características são divididas em convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração.

De acordo com o que nos fala Caçado (2005, p. 101), a convencionalidade diz respeito à questão do grau de novidade da metáfora. Ela nos diz que alguns autores como Searle (1979) argumentariam que uma expressão como “O aluno voou na sala” seria uma expressão fossilizada, ou ainda, uma metáfora morta. Lakoff e Johnson (2002, p. 123-125), no entanto, de acordo com uma visão cognitivista, defendem a ideia de que nem mesmo um exemplo como pé da montanha, que é uma expressão que não desempenha papel importante em nosso sistema conceitual e não é uma metáfora que vivenciamos, pode ser considerada morta, pois apresenta lampejos de vida e é compreendida em termos de conceitos metafóricos marginais, neste caso, MONTANHA É UMA PESSOA.

Na tentativa de tentar aproximar essa característica do nosso corpus, podemos dizer que expressões como “atacante”, “capitão” e “contra-ataque”, por exemplo, já estão estabelecidas convencionalmente no léxico da linguagem do futebol. Mesmo a metáfora “capitão”, que é usada de forma “natural” por comentaristas esportivos e pela mídia de modo geral, pois não é comum que se diga “o jogador escolhido pelo técnico para comandar a equipe dentro de campo”, não pode ser considerada morta, pois possui uma natureza metafórica e é vivenciada em nossa cultura.

A sistematicidade, de acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 49-52), é a maneira como conceptualizamos sistematicamente um conceito em termos de outro, no caso deste estudo, o modo como conceptualizamos o futebol em termos de guerra.

Por meio da metáfora FUTEBOL É GUERRA, podemos ver que expressões provenientes do vocabulário de guerra, como, por exemplo, comandante, enfrentar o adversário, estratégia, contra-ataque e bombardeio etc., formam uma maneira sistemática de expressar os aspectos bélicos da prática do futebol.

Ao encontro disso, Caçado (2005, p. 101-102) nos diz: “estabelece-se uma associação não somente entre um conceito e outro, mas entre vários dos conceitos participantes do mesmo campo semântico do alvo e da fonte”.

Na metáfora aqui analisada, FUTEBOL É GUERRA, muitos dos conceitos envolvendo noções de guerra são transportados para os conceitos envolvendo futebol:

- a) Os alemães partiram para o ataque, como sempre.
- b) A ideia é devolver a força ofensiva do adversário na mesma moeda para evitar pressão no Moses Mabhida.
- c) Estatísticas: Bombardeio levou os norte-americanos à reação no fim (manchete)
- d) No contra-ataque, Eto'o recebeu na área e bateu de canhota na trave da Dinamarca.

A terceira característica da qual nos fala Caçado (2005) é a assimetria, que se refere à natureza direcional de uma metáfora. Essa característica estabelece uma relação unidirecional entre os domínios, ou seja, as propriedades do domínio fonte são projetadas no domínio alvo. A compreensão do domínio alvo depende do domínio fonte, sendo que o contrário não ocorre. É este o sentido de se conceber uma coisa em termos de outra, conforme Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48).

Os conceitos do domínio fonte são utilizados para que se possa compreender o domínio alvo, ou seja, os conceitos de guerra são utilizados para explicar o conceito de futebol. Abaixo seguem alguns exemplos:

- a) A presença dele não foi descartada pelo treinador, mas é mais uma tática (domínio fonte) para incomodar o Japão do que confiança na plena recuperação do astro do Bayern de Munique.
- b) O comandante (domínio fonte) do English Team culpou a Jabulani, a bola oficial da Copa do Mundo que vem sendo crucificada, pelo gol sofrido por Green.
- c) Morten Olsen ressalta importância do atacante (domínio fonte) do Arsenal na equipe e o compara à principal arma adversária neste sábado: Samuel Eto'o (lead)

- d) A Argélia, de menor poder de fogo que o adversário (domínio fonte), preferiu cozinhar a partida para garantir um ponto.

A última característica trazida por Cançado (2005) é a abstração, que está relacionada à assimetria. A tendência na língua é a de que se use uma fonte mais concreta para se descrever um alvo mais abstrato. Se analisarmos a metáfora discussão é guerra, veremos que a guerra é um confronto físico e é muito mais concreta que a discussão.

Cançado (2005) nos diz, porém, que esta não é uma característica necessária das metáforas, pois podem ocorrer metáforas em que tanto a fonte como o alvo são igualmente concretos ou abstratos. É o caso da metáfora futebol é guerra, em que ambos os domínios são concretos.

- a) O comandante do English Team culpou a Jabulani, a bola oficial da Copa do Mundo que vem sendo crucificada, pelo gol sofrido por Green.
- b) O arqueiro voltou a levar um susto aos 22, quando Barrios deu belo passe de calcanhar para Valdez, recebeu de volta e mandou a bola rente ao travessão.
- c) No contra-ataque, Eto'o recebeu na área e bateu de canhota na trave da Dinamarca.

A palavra “comandante” é tão concreta quanto a palavra “técnico ou treinador” à qual ela está se referindo. Da mesma forma, o domínio fonte “arqueiro” é igualmente concreto ao domínio alvo ao qual se refere: “o que defende o gol”. É nesse sentido que se pode dizer que, na metáfora conceptual analisada neste estudo, FUTEBOL É GUERRA, o mapeamento de conceitos se dá entre dois domínios concretos, sendo o domínio fonte tanto quanto o domínio alvo concretos.

5 Considerações finais

O estudo do *corpus* se constituiu da pesquisa com base nos postulados da Linguística Cognitiva. Nessa abordagem, a metáfora caracteriza-se como uma importante estratégia de conceptualização da realidade, em que a imaginação e o sentimento concorrem para a aquisição de um valor semântico. Dessa forma, a visão

cognitiva acerca da metáfora rompe com a visão aristotélica, a qual a concebia como um recurso linguístico com motivação, fundamentalmente, poética ou retórica. No âmbito da cognição, a metáfora permeia todos os tipos de discurso, pois é constitutiva da própria linguagem humana.

Ao propormos pesquisar as metáforas cognitivas em textos do domínio futebolístico, pudemos confirmar a tese de Lakoff e Johnson (2002) de que elas não devem ser vistas somente como embelezamento do texto e sim como um recurso que faz parte de nosso sistema conceptual. Pensamos metaforicamente e utilizamos a metáfora em nosso dia a dia, ela está presente inclusive na comunicação de massa.

Nesta análise identificamos que a metáfora não só está presente nos textos de cunho futebolístico para atrair a atenção do leitor, como se relaciona ao nosso modo de pensar as coisas, retratando uma forma de se conceber a realidade, o que comprova a teoria proposta por Lakoff e Johnson (2002) de que nossa linguagem é repleta de metáforas que regem nosso pensamento e nossa ação.

Referências Bibliográficas

CANÇADO, Márcia. Metáforas. In: CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 99-107.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **A linguagem popular do futebol**. São Paulo: IBRASA, 1988.

CARVALHO, Sérgio N. de. A metáfora conceitual: uma visão cognitivista. In: CÍRCULO FLUMINENSE DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 7., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-04.html>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. United Kingdom: Cambridge, 2003.

FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. **Semântica cognitiva e modelos culturais: perspectivas de pesquisa**. In: STROGENSKI, Paulo J. R. Semântica e pragmática. [2005?]. Disponível em: <http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/semantica%20cognitiva_introducao.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2010.

FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERNANDEZ, Maria Do Carmo L. De Oliveira. **Futebol: fenômeno lingüístico**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1974.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIBBS JUNIOR, Raymond W. Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, future challenges. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 22, p. 1-20, 2006. Número especial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22nspe/a03v22s.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

KÖVECSSES, Zoltán. **Metaphor**: a practical introduction. 2. ed. New York: Oxford, 2010.
LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. p. 269-303.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Educ, 2002.

LIMA, Paula Lenz Costa. About primary metaphors. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 22, p. 109-122, 2006. Número especial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22nspe/a09v22s.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

LOPES, Edward. **Metáfora**: da retórica à semiótica. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987. (Documentos).

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1989. (Biblioteca universitária de língua portuguesa, 8).

MOSCA, L. L. S. "Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos." In: MOSCA, L. L. S. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas – FFLCH/ USP, 2004. p. 17-54. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=-j_L_OoER78C&printsec=frontcover&dq=retóricas+de+ontem+e+de+hoje&source=bl&ots=L_LC-RWt78&sig=vjKzdlpbLMrWOoi1AlrpoMWtzy4&hl=pt-BR&ei=_6yGTOYrKoGB8ga65IyNAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 07 set. 2010.

OLIVEIRA, Adilson Silva. **Metáforas em campo**: o futebol e sua plurivalência metafórica no jornal *Agora São Paulo*. 2004. p. 85-92. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.

ORTONY, Andrew. **Metaphor and thought**. 2nd ed. Cambridge University Press, 1993.

PONTES, Eunice. **A metáfora**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. (Pesquisa).

SACKS, Sheldon. **Da metáfora**. São Paulo: EDUC, 1992.

SARDINHA, Tony Berber. Banco de dados e ferramentas de análise. In: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Programa de Estudos Pós-

Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. **CEPRIL**: informações. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora>>. Acesso em: 13 out. 2010.

SARDINHA, Tony Berber. Lingüística de Corpus: Histórico e Problemática. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2010.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA, Augusto Soares da. **A semântica de deixar**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. Linguagem, cultura e cognição, ou a lingüística cognitiva. **Jornal de ciências cognitivas**, Braga, dez. 2005. Disponível em: <http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11_silva.html>. Acesso em 13 jul. 2010.

VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./ dez. 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0703/9%20art%207.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

ZANOTTO, Mara Sophia; NARDI, Maria Isabel Asperti; VEREZA, Solange Coelho. Ensaio sobre a metáfora na linguagem e no pensamento. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 22, p. ix-xvi, 2006. Número especial. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502006000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 jul. 2010.

Locação, posse e temporalidade na realização de argumentos: como a gramática utiliza a metáfora da locação.

Eduardo Correa Soares²⁷⁰, Sérgio de Moura Menuzzi²⁷¹

soares_ec@yahoo.com.br, smenuzzi@gmail.com

RESUMO

Na literatura sobre realização de argumentos, há uma hipótese muito aceita de que possuidores (animados ou não) podem ser interpretados como locações. Da mesma forma, eventos temporalmente relacionados podem ser vistos como extensões metafóricas da ideia de locação. Neste trabalho, procuramos avaliar essas ideias, verificando se tais metáforas atuam no modo como são realizados os argumentos dos predicados verbais. Para isso, percorremos alguns dos principais trabalhos dentro da chamada Hipótese Localista (ou Hipótese das Relações Temáticas), que trata de padrões de complementação verbal lexicalmente associados aos significados dos verbos. Ao longo da apresentação das ideias essenciais dessa hipótese, apontamos suas principais contribuições para a teoria da ligação entre sintaxe e semântica lexical e sua formalização. Mostramos que as metáforas são plenamente produtivas para relacionar os padrões sintáticos à certas classes de verbos – especificamente, os verbos de causação de posse e de perda de posse, e os verbos de causação de ação e os verbos de cessação de ação. A classe dos verbos ditransitivos, por exemplo, parece ser largamente sensível à metáfora da locação, pois, quando o verbo está cognitivamente associado à ideia de que *um objeto vai para o possuidor*, a preposição selecionada é "para", como em *João*

²⁷⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

²⁷¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

deu/enviou/emprestou o livro para Maria; bem como, quando o verbo está associado à ideia de que *um objeto se vai do possuidor*, a preposição selecionada é "de", como em *João roubou/tomou/pegou o livro de Maria*. De modo semelhante, verbos ditos de causação de ação parecem estar associados ao fato de um agente causar *um participante subordinado ir para um determinado "estado de coisas"*, como em *João forçou/obrigou/desafiou Maria a correr*; enquanto, verbos de prevenção de ação parecem apresentar uma ideia de um agente causar *um participante subordinado se ir de (ou sair de) um determinado estado-de-coisas*, como em *João desmotivou/desestimulou/dissuadiu Maria de correr*. Concluimos que a estrutura argumental destes predicados fornece evidência para a Hipótese Localista, de que a semântica básica de qualquer evento ou estado é uma relação espacial, que é capaz de codificar a realização sintática dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; realização de argumentos; semântica lexical; preposições; causação de posse; causação de ação.

ABSTRACT

One of the widespread hypotheses argued for in the literature on argument realization is that (animate) possessors are conceived of as locations. In the same vein, predicates denoting sets of temporally related events can also be seen as relations between locations. In this paper, we try to evaluate these ideas investigating the possibility that argument realization is constrained by such metaphors. In order to develop this analysis, we examine some of the core works in the so-called Localist Hypothesis (or Thematic Relation Hypothesis), which concern verbal argument realization patterns associated to the lexical meaning of verbs. Along the presentation of essential assumptions of this hypothesis, we point out its main contributions for the theory of argument linking and its formalization. We show that the metaphors are fully productive with respect to the syntactic patterns related to certain verb classes – specifically, verbs of causation of possession and of loss of possession, as well as verbs of causation of action and of cessation of action. The class of ditransitive verbs, for example, seems to be largely sensible to the locational metaphor: when a verb is cognitively associated with the idea that an object goes to the possessor, the preposition selected is *para*, as in *João deu/enviou/emprestou o livro para Maria*; on the other hand, when the verb is associated with the idea that an object goes from the possessor, the preposition selected

is "de", as *João roubou/tomou/pegou o livro de Maria*. Likewise, verbs of causation of action seem to be associated to the idea that an agent causes a subordinate participant to go to a determined state-of-affairs, as *João forçou/obrigou/desafiou Maria a correr*; while verbs of cessation of action seem to present an idea that an agent cause a subordinate participant to go (away) from a determined state-of-affairs, as *João desmotivou/desestimulou/dissuadiu Maria de correr*. We conclude that the argument structure of these types of predicates provides evidence for the Localist Hypothesis that the basic semantics of any event or state is a spatial relation, which is able to encode the syntactic realization of participants.

KEYWORDS: Metaphor; argument realization; lexical semantics; prepositions; causation of possession; causation of action.

Introdução

É uma proposta bastante difundida na literatura sobre realização de argumentos a de que possuidores podem ser interpretados metaforicamente pela gramática como locações, (*Possessor-as-Location Hypothesis*), para fins da ligação da semântica dos argumentos com a sua respectiva representação na sintaxe (realização de argumentos). Do mesmo modo, há um intenso debate sobre o fato de a realização de argumentos de eventos temporalmente relacionados serem extensões metafóricas da ideia de locação (*Time-as-Location Hypothesis*). Neste trabalho, buscamos avaliar se a dimensão semântico-cognitiva dessas metáforas, de fato, interfere na representação gramatical. Para isso, analisamos padrões de complementação verbal e sua relação com os significados lexicalmente associados a verbos, buscando evidências de que a gramática "enxerga" a informação de natureza locacional e estende essa informação a outros campos – especificamente, aos campos possessional e temporal.

Para analisar esses fenômenos, nossa proposta se baseia em larga medida na Hipótese Localista tal como incorporada à discussão gramatical contemporânea por Gruber (1965) e Jackendoff (1985). Segundo esta hipótese, a semântica básica de qualquer evento é essencialmente de locação e de deslocamento. Procuraremos mostrar, no que segue, que a metáfora é plenamente produtiva para se derivar os padrões

sintáticos associados a certas classes de verbos, como os verbos bitransitivos de causação de posse e de perda de posse, bem como os verbos de causação de ação e os verbos de cessação de ação.

Para chegarmos a esse resultado, na seção um deste artigo, introduzimos a Hipótese Localista tal como proposta por Gruber e Jackendoff, especialmente as duas principais restrições formais formuladas por Jackendoff para a representação semântica dos verbos: a *Grammatical Constraint*, ou "Restrição Gramatical", que é comumente aceita na literatura sobre a realização de argumentos, e Hipótese Localista (ou *Hipótese das Relações Temáticas*) propriamente dita – isto é, formulada formalmente. Na seção 2, apresentaremos os argumentos (linguístico-gramaticais) essenciais da Hipótese Localista, bem como o esboço da teoria de associação lexical entre sintaxe e semântica que utilizaremos implicitamente; por fim, ainda nessa seção, introduziremos alguns primitivos locacionais com que trabalharemos em seguida. Na seção 3, apresentaremos a "Hipótese do Possuidor-como-Locação" (*Possessor-as-Location Hypothesis*), buscando confirmá-la com a análise dos verbos de causação de (perda de) posse. Na seção 4, apresentaremos a "Hipótese do Tempo-como-Locação" (*Time-as-Location Hypothesis*), buscando também confirmá-la com a análise dos verbos de causação de (cessação de) ação.

1. A Hipótese Localista

Na literatura sobre ligação entre sintaxe e semântica (realização de argumentos), adota-se (às vezes, implicitamente) a Restrição Gramatical (*Grammatical Constraint*), que Jackendoff formula do seguinte modo (1985, p. 13-16): "representações semânticas sustentadas por generalizações sintáticas são preferidas".²⁷² No caso da realização sintática dos argumentos, por exemplo, tais representações devem ser preferidas se permitirem que se vislumbre uma "motivação natural" para a ligação entre certos tipos de argumentos semânticos e certas funções sintáticas. Muitos dos autores que trabalham com fenômenos relacionados à realização de argumentos sustentam que o elemento fundamental, neste caso, é o "modo de participação" do argumento no tipo de

²⁷² No original, "The Grammatical Constraint says that one should prefer a semantic theory that explains otherwise arbitrary generalizations about the syntax and the lexicon".

evento denotado pelo verbo. Esta idéia pode ser formulada de vários modos e é o que está incorporado a qualquer teoria dos chamados "papéis semânticos, ou *temáticos*".²⁷³ Aqui, defenderemos uma visão particular destes papéis, baseada na ideia de que a estrutura de eventos e a realização dos argumentos envolvem primitivos *temático-locacionais*, como os propostos originalmente por Gruber (1965) e, posteriormente, por J. Anderson (1971), Miller & Johnson-Laird (1976), Ostler (1979) e, especialmente, Jackendoff (1972, 1976, 1985, 1987 e 1990).

Dentro dessa perspectiva, a semântica dos predicados verbais corresponde a uma representação de sua "estrutura de eventos"; e, nessa estrutura, o elemento central é uma "relação locacional", que pode ser estática (locação propriamente dita) ou dinâmica (mudança de locação). Como salientam Menuzzi, Ribeiro e Soares (2011), numa versão forte desta teoria, *todos* os eventos refletem um "núcleo conceitual locacional"; eventos que parecem não envolver locação ou deslocamento espacial devem ser concebidos, por "extensão metafórica", como tal. A formulação precisa de Jackendoff (1985, p. 188) para a hipótese é a seguinte:

“Hipótese das Relações Temáticas :

Em qualquer campo semântico de [EVENTOS] ou de [ESTADOS], as principais funções de evento, de estado, de deslocamento e de locação são um subconjunto das funções que são usadas para a análise de uma locação ou de um deslocamento. Os campos diferem em somente três possibilidades:

- a. que tipo de entidades podem aparecer como tema;

²⁷³ Presumimos aqui, como em Soares & Menuzzi (2010b), que os papéis temáticos são este tipo de objeto. Como dissemos naquele trabalho, "desde o fim da década de 1960, a noção de papel temático vem sendo largamente adotada como uma forma de representação do significado lexical que é útil na explicação da 'interface' entre sintaxe e semântica. Mais especificamente, papéis temáticos como agente, paciente, etc. (...) representariam, de um lado, o modo como conceitualizamos o tipo de situação ou acontecimento do mundo expresso pelo verbo, codificando o modo como uma entidade – o argumento verbal – participa dessa situação ou evento; por outro lado, esses papéis seriam a informação que indicaria para a gramática da língua quais mecanismos gramaticais – como posição na frase, concordância, preposições, etc. – utilizar na expressão de um determinado argumento." Para uma discussão mais detalhada da concepção de papéis temáticos ao longo da história da gramática, ver Levin & Rappaport-Hovav (2005), Soares & Menuzzi (2010b), e referências lá citadas.

b. que tipo de entidades podem aparecer como objetos de referência espacial;

c. que tipo de relação assume o papel desempenhado pela [relação de] locação no campo das expressões espaciais.”²⁷⁴

Por exemplo, no campo da posse, temas e objetos de referência devem ser COISAS;²⁷⁵ e a relação que assume o papel da relação de *locação* – isto é, a relação que é "concebida conceitualmente" como a correspondente metafórica de "X está em Y" – é a relação de *posse*, ou "Y possui X". Em outros termos: "Y possui X" deve ser interpretada como uma instanciação da "estrutura de eventos" [Estado X ESTAR [Lugar EM Y]], composta por duas "funções locativas primitivas" – o predicado de locação estativa [Estado X ESTAR [Lugar Z]] e a função de lugar [Lugar EM Y].

Os autores que sustentam essa hipótese têm desenvolvido a teoria tentando mostrar que certos padrões gramaticais e lexicais comuns a campos semânticos aparentemente não-relacionados são, na verdade, manifestações paralelas das funções locativas básicas. Vejamos alguns destes argumentos.

2. Argumentos Essenciais

O problema geral que dá origem à Hipótese Localista é a tentativa de sistematizar famílias de papéis temáticos, pois uma lista não estruturada permitiria, em princípio, um número infinito de tipos semânticos de argumentos.²⁷⁶ Assim, em

²⁷⁴ No original: "Thematic Relation Hypothesis (TRH): In any semantic field of [EVENTS] and [STATES], the principal event-, state-, path-, and place-functions are a subset of those used for the analysis of spatial location and motion. Fields differ in only three possible ways: a. what sorts of entities may appear as theme; b. what sorts of entities may appear as reference objects; c. what kind of relation assumes the role played by location in the field of spatial expressions."

²⁷⁵ COISAS (em inglês, THINGS) são entidades ontológicas que se referem a uma "coisa" no mundo, um objeto ou ser capaz de ser individualizável (humanos, animais, objetos, etc.). A teoria semântica de Jackendoff fornece caracterizações conceituais para vários outros tipos de "entidades" de nossa experiência, incluindo EVENTOS, ESTADOS, TRAJETÓRIAS (em inglês, PATHS), LUGARES, etc. Para mais detalhes, ver Jackendoff (1985, capítulo 3)

²⁷⁶ Em Fillmore (1968), texto considerado fundador da teoria de papéis temáticos, há uma lista de papéis presumivelmente universais. No entanto, o autor deixa em aberto a questão de quantos e quais são

Jackendoff (1972) e em trabalhos subsequentes, o autor toma como base as propostas de Gruber (1965), que buscava adicionar restrições às possibilidades de tipos de argumentos, explicitando-as numa versão inicial da já citada “Hipótese das Relações Temáticas”. Esta hipótese, que depois veio a ser conhecida também como “Hipótese Localista”, é a primeira teoria organizada dos papéis temáticos – isto é, a primeira tentativa de fornecer algum limite para os papéis possíveis. Gruber (1965), chega essa hipótese observando o comportamento sistemático das preposições em classes de verbos de diferentes campos semânticos. Um dos casos mais claros é o paralelismo da distribuição das preposições *to* e *from* em verbos de locação e de posse.

- (1) a. The letter went from New York to Philadelphia.
'A carta foi de Nova Iorque para Filadélfia'
b. John obtained a book from Mary.
'João obteve um livro da Maria.'
c. John gave a book to Bill.
'João deu um livro para Bill.'

(Gruber, 1965, p. 47-48)

Em (1a), com um verbo de movimentação espacial, temos um tema, "a carta", que se desloca da origem do movimento, "Nova Iorque", expressa pela preposição *from/de*, até a meta, "Filadélfia", expressa pela preposição *to/para*. Da mesma forma, com verbos de transação de posse, como *obtain/obter* e *give/dar* em (1b,c), quando o sintagma nominal designa a origem da transação – como "Maria" em (1b) –, é antecedido pela preposição *from/de*; já quando o sintagma nominal designa a meta – como como "Bill" em (1c) –, é antecedido pela preposição *to/para*. Gruber (1965, p. 47-53; 101-109) demonstra que diversos usos de preposições podem ser descritos estendendo-se a ideia de locação a outros campos tais como o da posse.²⁷⁷

os papéis possíveis. Os trabalhos subsequentes que utilizam listas de papéis temáticos têm aumentado substancialmente seu número, divergindo cada vez mais sobre quais são e como se definem. Para detalhes a respeito desses problemas, ver Jackendoff (1972), Levin & Rappaport-Hovav (2005), Soares & Menuzzi (2010b), entre muitos outros.

²⁷⁷ Aqui, utilizamos os papéis temáticos provenientes da Hipótese Localista. Para a presente exposição, seguimos Jackendoff (1972, p. 29-31) assumindo que *tema* é o elemento localizado ou em deslocamento; *meta* e *origem* são os objetos de referência dessa localização ou desse deslocamento, sendo o primeiro o ponto de chegada e o segundo o ponto de partida. Estas noções devem ser tomadas em sentido abstrato, já que se estendem a relações de posse, a relações entre eventos, etc.

Encontramos muitas muitas evidências de que a língua portuguesa opera com essa extensão particular. Admitindo-se que o possuidor é um local no qual está o tema, pode-se compreender o paralelo que encontramos na realização de argumentos nos pares de sentença em (2) e em (3):

- (2) campo semântico: posse
 - a. A faca pertence a/ está com/ coube a/é de João.
 - b. João tem/possui/recebeu/adquiriu/perdeu a faca.
- (3) campo semântico: locação
 - a. A geleia se encontra/ se localiza/ está/ ficou no pote.
 - b. O pote contém/inclui/sustenta/aguenta/permite 200g de geleia.

Em (2a) e (3a), o tema (o argumento que está sendo localizado/possuído) aparece como sujeito, e sua locação (ou possuidor), como complemento oblíquo. Em (2b) e (3b), a locação (ou possuidor) aparece como sujeito, enquanto o tema aparece como objeto direto. Assim, há uniformidade de expressão sintática entre os dois campos, em particular no que diz respeito à ordem de acesso à função de sujeito, uniformidade que pode ser expressa pela seguinte generalização: em predicados cujos argumentos são tema e locação, locação tem prioridade de acesso à função de sujeito e só dá lugar ao tema se "demovido" para uma posição oblíqua (processo semelhante ao que ocorre na voz passiva). Mas, observe-se, o ponto crucial é que só é possível fazer esta generalização se se admite que ambos os campos compartilham as mesmas relações temáticas, ou seja, possuidor é conceitualmente paralelo a locação.

Além disso, conforme Gruber e Jackendoff observaram, há polissemia sistemática e pervasiva de "verbos básicos", que tendem a ocorrer em diversos campos semânticos, expressando analogias capturadas pelas extensões metafóricas da Hipótese Localista. Abaixo apresentamos exemplos deste fenômeno em português (adaptados de Menuzzi, Ribeiro e Soares 2011):

- (4) Verbo "ser"
 - a. Campo locacional: O xerox é no segundo andar.
 - b. Campo temporal: O encontro é na Segunda-feira.
 - c. Campo da posse: O livro é do João.
- (5) Verbo "passar"

- a. Campo locacional: O sofá passou do quarto para a sala.
 - b. Campo temporal: A aula passou de terça para quarta
 - c. Campo da posse: A casa passou do pai para o filho.
- (6) Verbo “manter”
- a. Campo locacional: Nós mantivemos o sofá na sala.
 - b. Campo temporal: Nós mantivemos a aula na terça.
 - c. Campo da posse: Nós mantivemos as jóias da vovó na família.

(Menuzzi, Ribeiro & Soares, 2011, p. 8)

Como podemos ver, em (4), o verbo *ser* pode ser empregado em diferentes campos semânticos (locacional, temporal e possessivo), e a estruturação sintática é semelhante: o "tema" é o sujeito e o objeto de referência é um sintagma preposicional. Em (5) e (6), vemos fenômenos semelhantes com *passar* e com *manter*. (Note-se a distribuição perfeitamente padronizada das preposições nestes dois últimos casos.)

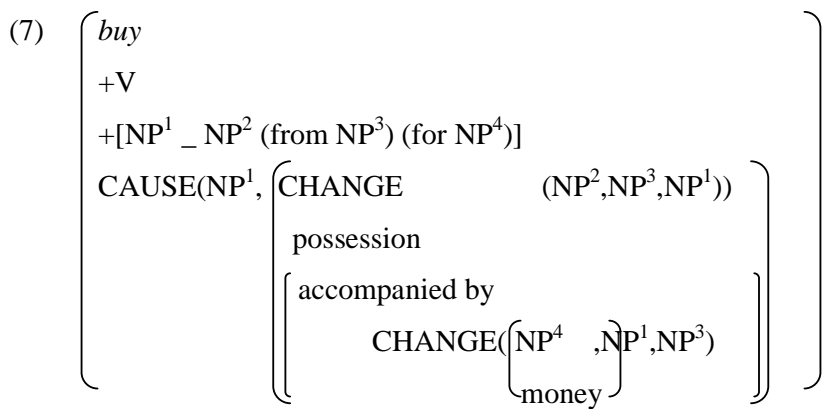
Olhando para esses diversos padrões, no entanto, uma pergunta emerge: como se dá a associação entre um significado lexical e sua expressão sintática? Gruber (1965) e Jackendoff (1972) concebiam esta associação de maneira diferente. Gruber (1965) sustentava a idéia de um nível pré-lexical na sintaxe, no qual as preposições teriam um papel atribuidor e depois seriam deletadas (ou incorporadas) no decurso da derivação. Mas Jackendoff (1972), baseado em Gruber (1965), Katz (1966) e nos trabalhos da semântica gerativa, sugeriu pela primeira vez a concepção que exploraremos daqui para frente:²⁷⁸ os papéis temáticos, na verdade, são os argumentos de funções semânticas mais primitivas que compõem os itens lexicais, e essas funções se relacionam com a sintaxe na representação lexical do verbo.

Essa ideia provém do debate instaurado pela hipótese de Katz & Postal (1964), segundo a qual toda a informação semântica deveria aparecer na estrutura profunda da sentença, hipótese posteriormente explorada pela semântica gerativa. (Ver, por exemplo, Lakoff 1970, 1971; McCawley 1968; e S. Anderson 1971.) Para Jackendoff (1972, p. 37), uma maneira particular de se conceber a hipótese de Katz & Postal (1964)

²⁷⁸ A semântica gerativa, segundo Newmeyer (1980, p. 112), foi um grupo de pesquisadores que, por volta do começo dos anos 1970, passou a conceber a estrutura profunda de maneira mais abstrata do que geralmente era concebida. Segundo esses autores, ela deveria representar se não toda, pelo menos boa parte da informação semântica contida em uma sentença. Para diferentes perspectivas sobre o movimento, ver Newmeyer (1980) e Harris (1993).

é assumir que há um elemento do componente semântico a partir do qual se derivam as relações temáticas para a estrutura profunda.²⁷⁹ Nesse sentido, como dissemos, a entrada lexical do verbo é enriquecida, permitindo que se possam correlacionar as propriedades gramaticais e as temáticas do predicado.

Assim, Jackendoff (1972) inicia a articular aquilo que, posteriormente, seria considerado como a teoria da "decomposição lexical" dos significados verbais em "predicados primitivos". Para ele (1972, p. 39), há, inicialmente, duas funções semânticas relevantes, CAUSE e CHANGE, para os eventos, às quais se adiciona BE, para os estados. Segundo ele, as relações temáticas seriam definidas a partir dessas funções, presumivelmente universais. Ainda de acordo com Jackendoff, esses primitivos não seriam capazes de expressar toda a informação semântica do item lexical, mas somente a informação relevante para ligar as relações semânticas às relações gramaticais. Dentro desta concepção, todo item lexical apresentaria uma estrutura como a de *buy* 'comprar' em (7):



(Jackendoff, 1972, p. 40)

A entrada lexical, de acordo com essa concepção, seria composta da informação fonológica, sintática e semântica, e faria a ligação entre essas informações. Na notação em (7), os índices sobrescritos expressam a correspondência entre as funções semânticas

²⁷⁹ A forma como Jackendoff assume a hipótese de Katz e Postal (1964) é um tanto distinta da versão vislumbrada por estes autores, tendo em vista que boa parte das informações são representadas nas entradas dos itens lexicais, e não na Estrutura Profunda – que é uma representação gramatical da sentença. Para Jackendoff (1972), a representação lexical pertinente pertence a um nível diferente de representação, não "sintático": este nível possui seus próprios primitivos e "conversa" com a sintaxe por princípios de correspondência diferentes dos que relacionam as diferentes representações sintáticas da frase (isto é, as transformações).

e as relações gramaticais exigidas pelo verbo *buy*. Especificamente, (7) expressa a ideia de que o primeiro sintagma nominal causa uma troca de um objeto (o segundo sintagma nominal) que, implicitamente descrito, vai do terceiro sintagma nominal (associado arbitrariamente à preposição *from*), acompanhado por uma troca (o segundo CHANGE) de dinheiro – o quarto sintagma nominal (associado arbitrariamente à preposição *for*).

Uma dificuldade que podemos observar desse exemplo é que, na primeira formulação que Jackendoff propôs para a "Hipótese Temática", não é apresentada qualquer tentativa explanatória para a escolha das preposições (o que nos interessa muito nesse trabalho): elas simplesmente são listadas na subcategorização (como um traço) e associadas à sua interpretação semântica no nível conceitual. Isso feriria a Restrição Gramatical.

Para resolver esse e outros problemas, algumas reelaborações, principalmente no componente semântico, foram feitas nos trabalhos Jackendoff (1985, 1987 e 1990), cujo objetivo primordial foi refinar e reelaborar as funções semânticas primitivas.

Analisando alguns fenômenos semântico-sintáticos do inglês, Jackendoff (1985, p. 163-175) adiciona a CAUSE (que basicamente codifica o desencadeador de qualquer evento) e a BE novas funções primitivas, como as abaixo especificadas:

(8) [PLACE]=> [_{Place} IN/AT/ON/UNDER... ([THING])]

[PATH] => [_{Path} TO/FROM/TOWARD/AWAY-FROM...([THING/PLACE])]

[EVENT]=> { [_{Event} GO ([THING], [PATH])
[_{Event} STAY ([THING], [PLACE])] }

[STATE]=> { [_{State} BE ([THING], [PLACE])
...] }

(adaptado de Jackendoff, 1985, p. 161-174)

Em (8), à esquerda de "=>" estão as categorias ontológicas elencadas por Jackendoff (1985). Essas são vistas como elementos basicamente capazes de serem individualizáveis pela cognição humana de modo coerente. À direita de "=>", estão os tipos de eventos, estados, locações e trajetórias (as "funções locacionais" primitivas), cada uma com suas peculiaridades de significado. Por exemplo, IN codifica a possibilidade de se estar dentro de um determinado objeto de referência, já ON e UNDER codificam a possibilidade de se estar em cima ou embaixo de um objeto de referência. TO e FROM (como tipos de trajetória, *paths*) codificam as ideias de ponto de chegada e

ponto de partida; já TOWARD e seu correlato AWAY FROM codificam as mesmas ideias de TO e FROM, com a diferença de que não se atinge o ponto de chegada ou de partida. GO representa um evento de deslocamento em um trajetória, enquanto STAY, um evento de permanência em uma locação. BE, introduzido em Jackendoff (1972), mas não desenvolvido, codifica o estado em que se encontra o tema quando em repouso (essencialmente, um "estado de locação").

É importante salientar que essas funções são objetos semânticos (ou seja, são "conceitos"), e não elementos sintáticos (o que faria a mediação entre a sintaxe e a semântica, como dissemos, seriam os itens lexicais). Então, o conjunto dessas funções é presumivelmente maior do que o que está descrito aqui, pois deve corresponder a tantas quantas forem as conceitualizações espaciais primitivas utilizadas pela língua. Assim, eximimo-nos de apresentar uma lista exaustiva das funções temáticas primitivas; no que segue, concentrar-nos-emos em apresentar como algumas delas operam em alguns fenômenos da gramática do português brasileiro (e do inglês). Quanto à teoria de associação entre semântica e sintaxe, assumiremos que a Restrição Gramatical atua como mediadora da escolha das representações semânticas e que a associação de um determinada representação a uma sintaxe particular é, em grande medida, natural e decorrente da associação de itens lexicais particulares à semântica de uma classe verbal.

3. Hipótese do Possuidor-come-Locação – o caso dos verbos de causação (de perda) de posse

Como vimos, um dos argumentos a favor da Hipótese Localista é a possibilidade de estender a semântica dos verbos (preposições, etc.) do campo locacional a verbos de outros campos. Essas extensões operam, via de regra, como metáforas, e uma das extensões metafóricas mais comumente feitas é do campo locacional para o campo da posse. Nessa perspectiva, Jackendoff (1985, p. 192) propõe a seguinte extensão:

(9) Campo de Posse Alienável:

a. [THINGS] aparecem como tema.

b. [THINGS] aparecem como objetos de referência.

c. O possuidor cumpre o papel de locação; isto é, "y ter/possuir x" é conceitualmente

paralelo "x está em y".²⁸⁰

A extensão que Jackendoff propõe estabelece que os argumentos das funções locacionais sejam "coisas" (em inglês, "things"), interpretadas enquanto entidade ontológica que se refere a uma coisa no mundo (humanos, animais, objetos, etc.), como já salientamos (ver nota 6). Além disso, estabelece um esquema de interpretação em que as noções espaciais sejam vistas como noções abstratas de posse (que inclui todos os conceitos relevantes de "posse", como propriedade, custódia, disposição para fins de uso, conhecimento, etc.).

No caso da realização da preposição *para*, essa análise explica de onde provém a forma preposicionada sem recorrer a ideia de deslocamento²⁸¹, que parece de fato não estar relacionada a alguns verbos de causação de posse, como:

- (10) a. João deu uma casa para a Maria.
- b. O pai deixou um carro para seu filho.

Os verbos em (10a,b) parecem não ter nenhuma espécie de deslocamento físico implicados em seu significado. Para explicar, então, a utilização da preposição *to*, Jackendoff (1990, p. 135-137) propõe que a semântica, segundo a Hipótese Localista, seja feita dividindo-se os verbos de causação de posse em duas subclasses ("Verb-sensitive Approach", ver, ainda, Levin & Rappaport-Hovav 2005, Levin & Rappaport-Hovav 2008, Levin 2008 e Levin 2010). A primeira classe seria constituída por verbos que têm significado somente de posse (ou seja, que não denotam deslocamento físico). Estes incluem²⁸²:

- (11) (a) verbos que inerentemente significam atos de dar:
dar, passar, vender, pagar, emprestar, doar, ceder, alugar

²⁸⁰ No original, "Alienable Possession: a. [THINGS] appear as theme; b. [THINGS] appear as reference object; c. Being alienably possessed plays the role of location; that is, "y has/possesses x" is the conceptual parallel to spatial "x is at y".

²⁸¹ Proposta feita em trabalhos como Green (1974), Gropen et al. (1989), Pinker (1989), Beck & Johnson (2004), Harley (2003), Krifka (1999, 2004), entre outros.

²⁸² As subclassificações em (11) e em (13) foram extraídas de Levin & Rappaport-Hovav (2008), que se baseiam em Green (1994), em Gropen et al. (1994) e em Pinker (1989).

(b) verbos de posse futura

oferecer, prometer, deixar, alocar, garantir, permitir,

reservar

(c) verbos de tipo de mensagem comunicada

contar, mostrar, perguntar, ensinar, escrever, pregar,

exibir

(d) verbos de instrumento de comunicação:

telegrafar, telefonar

(e) verbos de desejo

restituir, creditar, confiar, jurar, fornecer

(f) verbos de maneira de falar:

gritar, murmurar, cochichar, sussurrar, berrar, resmungar,

clamar

(g) verbos de proposições e atitudes proposicionais:

dizer, perguntar, afirmar, reclamar, duvidar

Para esses verbos, Jackendoff propõe a seguinte estrutura semântica²⁸³:

(12) [CAUSE(x,[GO_{POSS}(z,[TO ([IN (y))])])])]

(Jackendoff, 1990, p. 135)

Em (12), vemos a semântica básica de toda essa classe de verbos: há um iniciador do evento que causa um subevento de o tema "ir para" o destinatário da posse. O diacrítico subscrito *POSS* indica que o esquema de interpretação foi "estendido metaforicamente" para um outro campo semântico – portanto, com possível perda de traços conceituais do predicado básico. É interessante notar que um aspecto da metáfora é mal capturado na notação de Jackendoff: normalmente, extensões metafóricas ocorrem por *perda* de traços conceituais, permitindo uma aplicação mais geral de um determinado conceito. No entanto, na notação de Jackendoff, as extensões metafóricas recebem diacríticos, por oposição ao conceito básico – o que pode sugerir, erroneamente, que o conceito estendido *ganhou* algum traço conceitual. O que acontece

²⁸³ Jackendoff(1990, p. 197-200) distingue duas subclasses somente: verbos com significado somente de posse e verbos com significado de deslocamento e de posse simultaneamente. A divisão feita neste trabalho, em subclasses menores, provém dos trabalhos de Green (1974), Pinker (1989), Gropen et al. (1989) e Levin (1993).

é precisamente o contrário. Independentemente dessa questão ortogonal, a representação semântica de Jackendoff nos permite dizer que, embora verbos de causação de posse sejam concebidos como eventos de GO-TO, não envolvem necessariamente deslocamento físico; apenas o "deslocamento abstrato" relativo ao campo da posse.

A outra classe cujos verbos estão associados a causação de posse são os verbos que têm significado de posse e de deslocamento simultaneamente. De acordo com Jackendoff (1990, p. 197-200), esses verbos têm um deslocamento físico, o que, por uma regra de inferência, leva-nos a associá-los também à posse. Essa classe é dividida em três subclasses:²⁸⁴

(13) (a) verbos de causação instantânea de movimento balístico:

jogar, chutar, arremessar

(b) verbos de envio:

enviar, mandar

(c) verbos de causação contínua de movimento com direção deiticamente especificada

levar, trazer

Para esses verbos, Jackendoff propõe a seguinte estrutura semântica:

(14) [CAUSE_{LAUNCH} (x, [GO (z^α, [TO ([IN (y^β)])])])])²⁸⁵
[GO_{POSS} (α, [TO ([IN (β)])])]²⁸⁶

(Jackendoff, 1990, p. 199)

O esquema conceitual básico dessa classe de verbos é de deslocamento propriamente dito, diferentemente da classe descrita por (12). A associação com um esquema de posse se dá por uma regra de inferência. Ou seja, segundo Jackendoff (1990), GO_{poss} não está na estrutura conceitual do verbo, a princípio; mas, somos

²⁸⁴ Subclassificação de Levin & Rappaport-Hovav (2008). Ver nota 13.

²⁸⁵ O diacrítico *launch* é adicionado por Jackendoff (1990, p. 138-139) para dar conta do fato de que somente verbos de movimento balístico instantâneo podem sofrer a alternância dativa (*John threw the ball to Mary./Jonh threw Mary the ball.* vs. *John carried the ball to Mary./*Jonh carried Mary the ball.*). A restrição já havia sido observada em Gropen et al. (1989) e em Pinker (1989). Ver também Michotte (1954).

²⁸⁶ A coindexação em Jackendoff (1990, p. 61-64) é utilizada para representar o caso em que um único argumento recebe mais de um papel temático (ou seja, está em mais de uma posição argumental na estrutura conceitual).

levados à representação em (14), que não é a “básica” do conceito, como resultado de um processo de inferência que opera sobre a classe. Como vemos em (14), essas classes de verbos têm um esquema conceitual de movimento propriamente dito (GO-TO sem diacrítico), o que prediz a utilização da preposição *para/a* em sua realização morfossintática. Além disso, segundo Jackendoff (1990, p. 198), estar associado a um esquema de deslocamento espacial possibilita uma gama maior de advérbios espaciais em adjunção, como vemos em (15a,b).

- (15) a. João deu a bola para a Maria/ *para fora da janela.
 b. João jogou a bola para a Maria/ para fora da janela.

O exemplo em (15a) mostra que os verbos da primeira classe (ou seja, os que têm significado somente de posse) barram certos adjuntos adverbiais de lugar. Por outro lado, os verbos da classe que têm significado de deslocamento e de posse simultaneamente, como em (15b), aceitam esses adjuntos adverbiais.

A realização da preposição *de*, nos verbos que denotam causação de perda de posse, encontraria, de acordo com a análise proposta acima, uma explicação análoga à dos verbos que denotam causação de posse: ambas as classes teriam como esquema de interpretação o campo semântico de posse, especificado pelo diacrítico *POSS*, o que nos faz interpretá-los como causação de (perda de) posse. À diferença dos verbos que selecionam *para*, esses verbos teriam uma estrutura conceitual que provém da ideia básica de "ir(-se) de" – isto é, o predicado básico não seria GO-TO, mas GO-FROM. Com Jackendoff (1983, 1987 e 1990), é possível propor, portanto, uma decomposição semântica para essa classe que explica a preposição utilizada em português, como exemplificado em (16):

- (16) A Maria tirou/tomou/roubou de mim os melhores filmes.

Assim, tendo esquema conceitual semelhante dos verbos de causação de posse, os verbos que denotam causação de perda de posse poderiam ter, de acordo com a nossa análise, uma caracterização análoga a (18).

- (17) [CAUSE (x, [GO_{POSS} (z, [FROM ([IN (y))])])])]

Em (17), a caracterização expressa um evento em que há a causação de um “movimento no campo da posse” – o tema “vai-se do ex-possuidor”, que deixa de ter sua posse. Isso explica a preposição utilizada. Esta classe compreende os verbos em (18).

(18) Verbos de perda de posse:

tomar, roubar, sacar, remover, extrair, capturar, apanhar

Assim, a seleção das preposições nos verbos de causação de posse e de perda de posse parece ser sensível, em larga medida, às funções eventivas primitivas de deslocamento, de acordo com a Hipótese Localista. Isto é, são estas funções que constituem seu núcleo situacional. Concluimos que, de fato, a gramática estende metaforicamente os primitivos de representação espacial a verbos associados à ideia de causação de (perda de) posse.

4. Hipótese do Tempo-como-Localização – o caso dos verbos de causação (de cessação) de ação

Há outros domínios conceituais cuja semântica básica dos verbos pode ser derivada das relações de localização e de deslocamento. Por exemplo, é recorrente na literatura a ideia de que *tempo* pode ser visto como uma noção espacial (ver, por exemplo, Talmy 2000 e Haspelmath 1997). Com efeito, acreditamos que as funções eventivas espaciais de Jackendoff introduzem inerentemente relações temporais, como mostraremos nessa seção. Para que isso seja possível, precisamos de outra extensão da Hipótese Localista de Jackendoff (1985), segundo a qual entidades ontológicas com temporalidade também são localizações (1985, p. 198):

(19) Campo Situacional:

a. [THINGS] aparecem como tema.

b. [EVENTS] e [STATES] aparecem como objetos de referência.

c. "y é a situação de x" cumpre o papel espacial de "x está em y".²⁸⁷

²⁸⁷ No original, "Circumstantial Field: a. [THINGS] appear as theme; b. [EVENTS] and [STATES] appear as reference object; c. "x is a character of y" plays the role of "x is at y".

(Jackendoff, 1985, p. 198)

A diferença em relação ao campo possessional diz respeito ao objeto de referência: neste campo, deve ser um estado ou um evento em que o tema se encontra (se encontrará ou se encontrou). Ainda, (19) estabelece um esquema de interpretação em que as noções espaciais devem ser vistas como noções de situacionalidade ou de circunstancialidade; ou seja, de como o tema está no (ou entra no, ou sai do) "estado de coisas" especificado pelo objeto de referência. Como dissemos, (19) possui uma propriedade interessante, quando tomada em conjunção com os primitivos espaciais introduzidos na seção um (propriedade que Jackendoff não explora): permite que as relações estabelecidas pelos esquemas de interpretação sejam lidas como "temporais", já que o objeto de referência é uma situação na qual o tema pode entrar ou da qual pode sair. De fato, pode-se demonstrar que os verbos de causação e cessação de causação são largamente sensíveis a essa extensão. Considere-se (20) e (21) abaixo:

(20) João persuadiu/forçou/obrigou/desafiou Maria *a* sair.

(21) João dissuadir/impedir/proibir/dispensou/desobrigou Maria *de* sair.

Como vemos em (20), os verbos ditos de causação de ação parecem estar associados ao fato de algo causar que um participante subordinado *vá para* uma determinada situação ou "estado de coisas". Representando essa semântica, Jackendoff (1985, p.200-201) propõe (22):

(22) [CAUSE(x,[GO_{SIT}(z,[TO ([IN ([Event/State]))]])])]

Esses verbos têm em seu significado, por consequência de (19) e do predicado [GO([TO([IN(x))])]), uma semântica que, inerentemente, expressa um intervalo de tempo futuro dentro do campo situacional. Dessa forma, essa classe coerentemente expressa a semântica de temporalidade futura acarretada pelos predicados espaciais por meio da preposição *a*, que expressa a relação TO em português. Desse conjunto de verbos listamos alguns em (23).

(23) verbos de causação de ação:

persuadir, forçar, obrigar, desafiar, pressionar, compelir,
constranger, levar, coagir, sujeitar, submeter, motivar

De modo paralelo, vemos em (21) que os verbos de cessação de ação parecem apresentar a ideia de que algo faz com que um participante subordinado *se vá de* (ou saia de, ou se afaste de) uma determinada situação ou estado de coisas. Para representar a semântica dessa classe, propomos a seguinte representação:

(24) [CAUSE(x,[STAY/GO_{SIT}(z,[(AWAY)FROM([IN ([Event/State])])])])]

Esses verbos têm em seu significado, também por consequência de (19) e do predicado [GO([FROM([IN(x)])])], uma semântica que implica, dentro do campo situacional, temporalidade passada. Considere um contexto em que Maria fumava ou estava fumando. Neste contexto, “João impediu Maria de fumar” será interpretada como uma situação em que: (a) Maria estava, num momento *t*, numa certa “posição circunstancial” *F* – a de “ter o hábito, ou a de praticar a ação, de fumar”; e (b) Maria “se afastou” desta “posição circunstancial” – portanto, deixou o hábito, ou a ação, de fumar –, de modo que não está mais em *F* em um momento *t'* posterior a *t*. Crucialmente, a expressão sintática do “objeto de referência”, nessa classe, é feita por meio da preposição *de*, que expressa a relação FROM em português – é esta a preposição que expressa a ideia de afastamento, que, no domínio circunstancial, pode implicar ter estado, no passado, numa certa situação.

Observe-se que (24) expressa a ideia de que alguns verbos de cessação de causação significam algo como “cause X stay away from Z”. Este significado pode, é claro, ser aproximado à ideia de “cause X not to be at Z”, razão pela qual *away from Z* é analisado, por Jackendoff (1985 e 1990), precisamente como “not at Z”, sendo talvez melhor nomear os verbos de que aqui tratamos como *verbos de prevenção de ação*, pois em muitos casos o tema nem chega a praticar a ação. Crucialmente para nossa discussão, de acordo com esta análise, a preposição *from*, em seu uso em (24), torna-se “não relacionada à função de origem expressa por FROM” (1985, p. 200).²⁸⁸ Este passo parece antecipar a análise que Jackendoff propõe para estes verbos em *Semantic Structures*, que abandona completamente a utilização de predicados espaciais para

²⁸⁸ No original, “unrelated to the source-function expressed by from.”

descrevê-los (Jackendoff 1990, p. 131). É o que mostramos em (25) e em (26) abaixo, em que os predicados espaciais utilizados na análise semântica de *Semantics and Cognition* são abandonados em favor de uma análise com o predicado primitivo AFFECT (x,y), que codifica basicamente relações de afetação e de benefacção. Além desse predicado, Jackendoff recorre ainda ao operador de negação NOT e a bem-aceita função de causação CAUSE.

(25) Sue forced Jim to sing.

'Sue forçou Jim a cantar'

1985: [CAUSE ([SUE], [GO_{SIT} ([JIM]_i, [TO_{SIT} ([SING (i))])])]

1990: { CAUSE ([SUSIE], [SING ([JIM]])
AFFECT ([SUE], [FRED]) } }

(26) Sue prevented Jim from singing.

'Sue impediu Jim de cantar'

1985: [CAUSE ([SUE], [STAY_{SIT} ([JIM], [NOT AT_{SIT} ([SING (JIM))])])]

1990: { CAUSE ([SUE], [NOT [SING (JIM)])
AFFECT ([SUE], [FRED]) } }

(adaptado de Menuzzi, Ribeiro & Soares, 2011, p. 28)

O predicado AFFECT (x,y) é o modo como Jackendoff (1990, p. 125-151) tenta incorporar em sua semântica o sistema de “dinâmica de forças” de Talmy (1988): o argumento *x* de AFFECT, é o que Talmy chama de “antagonista” – aquele que atua como um “vetor de força” sobre uma outra entidade – e o argumento *y* é o “agonista”, aquele cuja “tendência inerente” sofre a ação do “antagonista”. Em outros termos, AFFECT procurar codificar, de maneira conceitualmente mais interessante, a idéia de "ator" e “afetado” – ou “agente” e “paciente”. Nessa análise, a escolha das preposições, com estes predicados, teria um fundamento não espacial: *a* representaria a *causação positiva* do evento descrito pelo predicado subordinado, enquanto *de* representaria a *causação negativa* – isto é, o *impedimento* – deste evento.

Como Menuzzi, Ribeiro e Soares (2011, p. 15) observam, esta análise implica a perda completa da relação entre os usos destas preposições com estes verbos e seus usos espaciais. Obviamente, isso é comprometedor, pois preposições são basicamente expressões que codificam, em seus usos primitivos, ideias espaciais (ver, por exemplo,

o estudo de Haspelmath (1996) acerca das preposições em adjuntos adverbiais tanto de tempo como de locação). Em (25) e em (26), para análise de Jackendoff (1990), a oposição *a* versus *de* codifica um operador semântico de negação, padrão nada comum e pouco (ou nunca) atestado nas línguas.

Um outro problema para a representação semântica de Jackendoff (1990), que está presente também em Jackendoff (1985), é a utilização do modalizador de negação para caracterizar o uso de *from* 'de'. Como amplamente discutido nos trabalhos de Koenig & Davis (2000, 2001) e em Menuzzi & Soares (2010a), Soares (2010), componentes de modalidade na representação semântica dos verbos, como o operador de negação, normalmente não afetam a realização de argumentos: trata-se da Hipótese Insensibilidade à Modalidade Sublexical, segundo a qual elementos de natureza modal do significado dos verbos não são relevantes para a expressão sintática dos argumentos verbais; apenas o “núcleo eventivo” do predicado. De acordo com esta hipótese, a oposição *a* versus *de* não poderia ser o resultado de uma oposição semântica criada pela presença do primitivo NOT na estrutura conceitual do verbo.

Um terceiro problema que pode ser colocado para a análise de Jackendoff (1990) é a utilização de verbos "impessoais" como predicados subordinados aos verbos *impedir* e *proibir* – isto é, é possível usar com estes verbos predicados subordinados que não possuem um participante sobre o qual o “antagonista” atua, como vemos em (27):

(27) a. Você não pode impedir de haver estrelas no céu.

b. Secamos o chão, arranjamos lonas pra impedir de chover lá dentro e então fomos arrumar a mesa.

Como a função AFFECT (x,y) é um predicado de dois argumentos, seria preciso dizer que, em (27), o argumento y está ausente. Embora Jackendoff (1990), por vezes, utilize essa função com somente um argumento, para a proposta de Talmy (1988), em quem Jackendoff se baseia, essa análise seria impossível: essa função codifica um sistema de “dinâmica de forças”, isto é, de interação entre dois vetores de força; sua semântica deve ser, portanto, eminentemente relacional (uma “antagonista” precisa de um “agonista”, e vice-versa).²⁸⁹

²⁸⁹ A utilização de construções impessoais com verbos como *prevent*, *resent*, *etc.* é um problema amplamente discutido na literatura sobre a Gramática Gerativa. Conforme Pollard & Sag (1994, p. 118-123), do qual foi extraída a ideia essencial, esses exemplos colocam grandes problemas para propostas de

Haveria uma saída possível se se optasse pela ideia (semelhante a que desenvolveremos a seguir) de que há um argumento afetado subentendido. No entanto, esses verbos podem ter um participante subordinado que não é afetado, ou seja, sua semântica não estaria ligada a ideia de que o participante subordinado obrigatoriamente deve ser afetado. Para ver isso, observe que, como (28) mostra, podemos ter como “agonista” de um verbo de impedimento referentes denotados por expressões como *a situação*.

(28) a. A segurança impediu a situação de se tornar mais severa.

b. Nem isso impediu a situação de chegar aonde está: a
limitação do tabaco nos países ricos.

Entretanto, de acordo com o único teste de afetação que Jackendoff (1990, p. 125-137) propõe – a paráfrase *o que x fez com y foi... – a situação* nos exemplos em (28) não pode ser afetado, pois as frases *o que a segurança fez com a situação foi impedi-la de se tornar mais severa* e *o que isso fez com a situação foi impedi-la de chegar aonde está* soam semanticamente estranhas. Dessa forma, parece-nos que a função AFFECT (x,y) não é capaz de codificar corretamente a semântica de *impedir* e de *proibir* (exemplos como os acima podem ser facilmente reproduzidos com este último verbo). Assim, acreditamos que a representação semântica proposta por Jackendoff (1990) para a classe dos verbos de cessação de ação não se sustenta. No que segue, argumentaremos em favor de um retorno a uma semântica de base espacial. A nosso ver, os verbos de cessação/prevenção de ação não colocam um problema que sejam “intratável” por meio da análise localista; e, como dissemos, a análise de Jackendoff (1990) não nos parece tão satisfatória a ponto de tornar a alternativa localista pouco atraente. Assim, em consonância com as ideias centrais da Hipótese das Relações Temáticas e da Restrição Gramatical, sustentaremos aqui que preposições diagnosticam as “funções locacionais” subjacentes, pois a representação semântica baseada na metáfora locacional explica menos arbitrariamente padrões de representação sintática.

isomorfismo entre sintaxe e semântica, como o que se incorpora no Critério Temático e no Princípio de Projeção da teoria de princípios e parâmetros (Chomsky 1981, 1986). Essencialmente, para uma frase como *We can prevent there from being a riot on Sunday*, em abordagens que postulam isomorfismo entre sintaxe e semântica, é difícil explicar como *there* não recebe uma interpretação semântica mesmo sendo um argumento do verbo. Para maiores detalhes ver Pollard & Sag (1994, p. 100-123).

Para acomodar melhor a semântica dos verbos de causação de não-ação, ressalve-se, é preciso fazer uma separação das seguintes subclasses.

- (29) Verbos de cessação de ação
desmotivar, desestimular, dissuadir, eximir

- (30) Verbos prevenção de ação
proibir, impedir

- (31) Verbos de permissão de omissão
dispensar, desobrigar, liberar

Nos verbos em (29), o tema tem o propósito de (ou até chega a) estar no evento ou no estado, mas o causador o faz sair desse estado de coisas; por isso, a eles pode ser associada a representação (32) abaixo.²⁹⁰

- (32) [CAUSE(x,[GO_{SIT}(z,[(AWAY)FROM_{SIT} ([IN ([Event/State])])])])]

Quanto aos verbos de prevenção de ação em (30), neles o tema não está em um determinado estado de coisas, nem esteve, e o causador tampouco quer que ele chegue a estar nessa situação; assim, pode-lhes ser atribuída a semântica descrita em (33).

- (33) [CAUSE(x,[GO_{SIT}/STAY_{SIT}([Thing/State/Event],
[AWAY FROM_{SIT} ([IN ([Event/State])])])])]

Note-se, também, que a representação em (33) é compatível com os dados em (28), pois o tema pode ser um estado – *a situação* – que passa a um outro estado ou evento, mas que não é afetado. Além disso, é possível ver uma explicação para a utilização dos verbos em (30) com verbos "impessoais", como em (27): há um estado subentendido nas frases em (27). Isso é corroborado pelo fato de que é possível extrair de (27a) o acarretamento de que *há um estado de que há estrelas o céu* e, de (27b), o

²⁹⁰ Deixamos de lado um componente modal de intencionalidade que parece atuar nesses verbos, pois, de acordo com a Hipótese da Insensibilidade à Modalidade Sublexical, ele não é relevante para a realização de argumentos. Para detalhes Koenig & Davis (2001), Soares e Menuzzi (2010a) e Soares (2010).

acarretamento de que há *um estado de que não está chovendo lá dentro*. A semântica da sentença (27a) poderia ser (aproximadamente) parafraseada como "Você não pode causar que um estado de haver estrelas saia do estado de haver estrelas" e, da sentença (27b), como "lonas causam que um estado de não estar chovendo permaneça fora do estado de estar chovendo".

Quanto aos verbos em (31), acreditamos que é possível representar-lhes a semântica como em (34) abaixo: nela, o "agente", em vez de fazer algo, parece somente permitir uma situação; essa diferença semântica, porém, não é relevante para a discussão aqui proposta.²⁹¹

(34) [LET(x,[STAY_{SIT}(z,[AWAY FROM_{SIT} ([IN ([Event/State]))])])])]

Apesar das pequenas diferenças semânticas entre esses verbos, o que se deve ressaltar, em termos de conformidade com a Hipótese Localista, é que todas as representações mantêm constante a ideia de [AWAY FROM_{SIT} ([IN ([EVENT/STATE]))]), o que mantém essencialmente os pontos de acordo com a elaboração de Jackendoff (1985) da Hipótese das Relações Temáticas. Isso pode ser observado tendo-se em vista que a extensão especificada em (19) para o campo situacional é corroborada nas representações em (22) e em (32)-(34). Essas representações também estão em conformidade com a Restrição Gramatical, tendo em vista que a associação entre a semântica das funções TO e (AWAY) FROM e as preposições *a* e *de* é nelas menos arbitrária: basicamente, são mais um caso da metáfora "tempo-como-locação".

5. Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos analisar se a dimensão semântico-cognitiva de algumas metáforas, de fato, governa alguns fenômenos da gramática. Para isso, examinamos alguns padrões de realização de argumentos verbais e sua ligação com os significados associados aos itens lexicais (verbos), tratando de obter sinais de que a

²⁹¹ É possível que a diferença entre as classes descritas em (29), em (30) e em (31) seja descrita em termos de valores modais. No entanto, analisar essa hipótese extrapolaria os objetivos e limites desse trabalho.

gramática é sensível ao significado locacional e estende esse significado (assim como seus padrões de representação sintática) a outros campos – neste trabalho, especialmente aos campos possessional e temporal. Buscamos, dessa maneira, confirmar a proposta, bastante difundida na literatura sobre realização de argumentos, de que possuidores podem ser interpretados metaforicamente pela gramática como locações, bem como a ideia de que eventos temporalmente relacionados são extensões metafóricas da ideia de locação.

Para chegarmos a esse resultado, na seção um deste artigo, apresentamos a Hipótese Localista tal como proposta por Gruber e por Jackendoff, essencialmente as duas principais restrições formais elaboradas por Jackendoff para a representação semântica dos verbos: a "Restrição Gramatical", que é comumente aceita na literatura sobre a realização de argumentos, e a Hipótese Localista (ou *Hipótese das Relações Temáticas*) propriamente dita – isto é, em sua versão formalizada. Na seção dois, introduzimos os argumentos (linguístico-gramaticais) essenciais da Hipótese Localista, além do resumo da teoria de associação lexical entre sintaxe e semântica que utilizamos implicitamente ao longo do trabalho; ao final ainda da mesma seção, apresentamos os primitivos locacionais com que trabalhamos na sequência do artigo. Na seção três, analisamos a "Hipótese do Possuidor-como-Locação", procurando confirmá-la confrontando-a com os dados dos verbos de causação de (perda de) posse. Na seção quatro, analisamos a "Hipótese do Tempo-como-Locação", de modo a também confirmá-la aplicando-a à análise dos verbos de causação de (cessação de) ação.

Para analisar os fenômenos envolvendo esses verbos, nossa proposta se baseou em larga medida na Hipótese Localista tal como incorporada à discussão gramatical contemporânea por Gruber (1965) e Jackendoff (1985), especialmente em sua versão formalizada. Para eles, a semântica básica de qualquer verbo é basicamente ligada a ideia de locação e/ou de deslocamento. Mostramos, neste artigo, que a metáfora que associa essa ideia a outros campos semânticos é plenamente produtiva para se derivar os padrões sintáticos associados a certas classes de verbos, como os verbos bitransitivos de causação de posse e de perda de posse, bem como os verbos de causação de ação e os verbos de cessação de ação.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, J. *The Grammar of Case: Towards a Localistic Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- ANDERSON, S. On the Role of Deep Structure in Semantic Interpretation. *Foundations of Language* 7, 1971. 387-396.
- BECK, S. & K. JOHNSON. Double objects again. *Linguistic Inquiry* 35. 2004. 97-124.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.
- EMONDS, J. Evidence that Indirect-Object Movement is a Structure-Preserving Rule. *Foundations of Language* 8, 1971, 546-561.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: E. Bach & R. T. Harms, eds., *Universals in Linguistic Theory*. New York, 1968. 1-90
- FODOR, J. Three Reasons for not Deriving "Kill" from "Cause to Die". *Linguistic Inquiry* 1, 1970. 429-438.
- GREEN, G. *Semantics and Syntactic Regularity*. Indiana University Press: Bloomington, 1974.
- GROPEN, J. et al. Learnability and Acquisition of Dative Alternation. *Language* 65:2, 1989, p. 203-257.
- GRUBER, J. S. *Studies in Lexical Relation*. Tese de doutorado. Cambridge: MIT, 1965.
- HARLEY, H. Possession and the double object construction. *Yearbook of Linguistic Variation* 2. 2003. 29-68.
- _____. If You Have, You Can Give. In: B. AGBAYANI and S. TANG (eds) *Proceedings of WCCFL XV*. Stanford: CSLI, 1996. 193-207.
- HARRIS, R. A. *The linguistic wars*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HASPELMATH, M. *From space to time: Temporal adverbials in the world's languages*. (Lincom Studies in Theoretical Linguistics, 3.) Munich & Newcastle: Lincom Europa, 1997. 181 pp. Disponível eletronicamente em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/staff/haspelmath/pdf/SpaceTime.pdf>
- JACKENDOFF, R. *Meaning and the Lexicon: The Parallel Architecture 1975-2010*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____. *Foundations of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. *The Architecture of Language Faculty*. Massachusetts: MIT Press, 1997.
- _____. Conceptual Semantics and Cognitive Linguistics. *Cognitive Linguistics* 7, 1996. 93-129.
- _____. *Semantic Structures*. Massachusetts: MIT Press, 1990.
- _____. The status of thematic relations in linguistic theory. *Linguistic Inquiry* 18, 1987, p. 369-412.

- _____. *Semantics and Cognition*. 2ª edição. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.
- _____. Toward an Explanatory Semantic Representation. *Linguistic Inquiry* 5.4, 1976. 481-506.
- _____. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- KATZ, J. *The Philosophy of Language*. New York: Harper & Row, 1966.
- KATZ, J. & P. POSTAL. *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Cambridge: MIT Press, 1964.
- KOENIG, J. P. & A. DAVIS. Semantically transparent linking in HPSG. In Stefan Muller (ed.) *Proceedings of the HPSG03 Conference*. Stanford: CSLI Publications, 2003.
- _____. Sublexical Modality and the Structure of Lexical Semantic Representations. *Linguistics and Philosophy* 24. 2001. 71–124.
- KRIFKA, M. Semantic and pragmatic conditions for the dative alternation. *Korean Journal of English Language and Linguistics* 4, 2004. 1–32.
- _____. Manner in dative alternation. *WCCFL* 18. Somerville, MA: Cascadia Press, 1999. 260–271
- LAKOFF, G. *On Syntactic Irregularity*. New York: Holt, Reinhart and Winston, 1971.
- _____. On Generative Semantics. In: D. STEINBERG & L. JACOBOWITS (eds.). *Semantics*. Cambridge: CUP, 1970. 232-296.
- LAKOFF, G. & M. JOHNSON. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LEVIN, B. Verb Sensitivity in Altaic Ditransitive Sentences. *Proceedings of WAFL* 6. Nagoya, 2010.
- _____. Dative Verbs: A Crosslinguistic Perspective. *Linguisticae Investigationes* 31, 2008, 285-312.
- _____. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. IL, Chicago: University Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B. & M. RAPPAPORT-HOVAV. The English Dative Alternation: The Case for Verb Sensitivity. *Journal of Linguistics* 44, 2008b, 129-167.
- _____. *Argument Realization*. Cambridge: CUP, 2005.
- MCCAWLEY, J. The Role of Semantics in Grammar. In: E. Bach & R. T. Harms, eds., *Universals in Linguistic Theory*. New York, 1968. 125-170.
- MENUZZI, S., P. RIBEIRO & E. C. SOARES. *Revisitando a Hipótese Locacional: algumas razões para voltar atrás...* Apresentação no Seminário de Teoria e Análise Lingüística, PPGL/UFRGS, Porto Alegre, 2011.

- MICHOTTE, A. *La perception de la causalité*. Segunda edição. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1954.
- MILLER, G. A. & P. JOHNSON-LAIRD. *Language and Perception*. MA, Cambridge: Harvard University Press, 1976.
- NEWMAYER, F. J. *Linguistic Theory in America: The First Quarter-Century of Transformational Generative Grammar*. London: Academic Press, 1980.
- OEHRLE, R. *The grammatical status of the English Dative Alternation*. Tese de Doutorado submetida no MIT. 1976.
- OSTLER, N. *Case-linking: a theory of case and verb diathesis applied to classical Sanskrit*. Tese de Doutorado submetida ao MIT. 1979.
- POLLARD, C. & I. SAG. *Head-Driven Phrase Structure Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- PINKER, S. *Learnability and Cognition: The Acquisition of the Argument Realization*. Massachusetts: MIT Press, 1989.
- SOARES, E. C. *Cliticização em Português: Evidência para Arquitetura Paralela*. Comunicação apresentada no XI SIC da PUC-RS. 2010a. Resumo expandido disponível eletronicamente em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Linguistica/Linguistica/84207-EDUARDOCORREASOARES.pdf>
- _____. *A Semântica do Verbos Dativos em Inglês e em Português: Propriedades e Questões*. Trabalho de Conclusão de Curso UFRGS. 2010b. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29198>
- SOARES, E. C. & S. MENUZZI. Modalidade Sublexical e Dativização. In: 9º Encontro do CELSUL, 2010, Palhoça. *Anais do 9º Encontro do CELSUL*. Palhoça: Unisul, 2010a.
- _____. Introduzindo e problematizando Papéis Temáticos e Hierarquias Temáticas: um lugar para interfaces. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 35 n.59, p. 1343, jul.-dez., 2010b. Disponível eletronicamente em <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>.
- _____. Dativização em Português - Algumas Restrições. In: Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática, 2009, Brasília. *Anais do Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática*. Brasília : UNB, 2009.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. v. 1 e 2. Cambridge: MIT Press, 2000.
- _____. Force Dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science* 12, 1988. 49-100. (Republicado em *Toward a cognitive semantics*. v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.)
- WECHSLER, S. *The Semantic Basis of Argument Structure*. CSLI Publications: Stanford, 1995.

A descrição da polissemia através de um rede de sentidos metafóricos, metonímicos e taxonômicos

Isa Mara da Rosa Alves²⁹²; Rove Luiza de Oliveira Chishman²⁹³

¹:ialves@unisinis.br; ²rove@unisinis.br

RESUMO

Fundamentando-se no paradigma cognitivo de descrição de língua, este trabalho tem como objetivo representar a polissemia de nominais de modo útil a sistemas computacionais. A tarefa desenvolveu-se em três domínios mutuamente complementares: linguístico, linguístico-computacional e computacional. Olhar para o fenômeno do significado múltiplo sob o viés cognitivo possibilitou descrever os sentidos como uma entidade complexa, estruturada em termos de uma rede de sentidos metafóricos, metonímicos e taxonômicos.

PALAVRAS-CHAVE: Polissemia; Redes de Polissemia; Relações de Sentido; Polissemia Metafórica; Polissemia Metonímica; Polissemia Taxonômica.

ABSTRACT

Based on the cognitive framework of language description, this paper aims at representing noun polysemy so that it can be useful to computational systems. The task is tackled in three mutually complementary domains: linguistic, computational-linguistic, and computational domains. Regarding the phenomenon of the multiple meaning from the cognitive perspective has allowed for describing meanings as a complex entity, structured in terms of a network of metaphoric, metonymic and taxonomic senses.

KEYWORDS: Polysemy; Polysemy Network; Sense Relations; Metaphoric Polysemy; Metonymic Polysemy; Taxonomic Polysemy.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS.

²⁹³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS.

1. Introdução

Não importa se você tem um *cão* Shipdog ou uma cadela Rotweiller, todo *cão* precisa ser vacinado periodicamente.

Vamos combinar o seguinte: o José vai escolhendo a melhor *fonte* para o panfleto, enquanto a Maria descobre a *fonte* daquelas informações.

Criamos os enunciados acima para exemplificar o fenômeno linguístico em foco aqui: a *polissemia* de nominais. Não há como definir polissemia²⁹⁴ sem um comprometimento teórico, mas, em sua forma mais simples, ela pode ser entendida, sincronicamente, como a propriedade que certos itens lexicais têm de poder ser empregados em mais de um contexto instanciando sentidos²⁹⁵ distintos, mas relacionados. É o que pretendemos ilustrar com os usos de *cão* e *fonte* na abertura desta seção. Embora não tenha sido fornecido mais do que um contexto sentencial para cada um desses itens polissêmicos, por representarem usos comuns em português brasileiro, é altamente provável que qualquer falante de português compreenda facilmente cada uma das situações, delimitando adequadamente os sentidos em cada contexto. Além disso, é provável que os falantes percebam a existência de alguma similaridade entre os sentidos. Nós, humanos, executamos tarefas como essas intuitivamente e com muito sucesso. Entretanto, assim como ocorre com a maior parte das atividades, a facilidade que humanos têm para armazenar, acessar e processar múltiplos sentidos associados a um mesmo item é inversamente proporcional à dificuldade que os sistemas computacionais enfrentam. Armazenar as informações semânticas de itens lexicais polissêmicos de maneira suficientemente precisa, estruturada e manipulável para que sistemas computacionais realizem inferências sobre tais conteúdos é um grande desafio.

²⁹⁴ Quando usarmos o termo *polissemia* pretendemos denotar o fenômeno como um todo, tanto polissemia regular quanto irregular.

²⁹⁵ Os termos sentido e significado são empregados neste trabalho de maneira intercambiável, como variações estilísticas, assim como fazem, por exemplo, Taylor (1995; 2003), Tyler e Evans (2003) e Soares Da Silva (2006).

Tal situação ilustra o contexto deste estudo, que se propõe a representar a polissemia de nominais de maneira útil ao Processamento Automático de Língua Natural (PLN)²⁹⁶, tarefa que requer uma representação precisa e robusta do sentido das palavras.

Esta pesquisa propõe um “modelo de redes” como uma estratégia de representação vantajosa para modelar a polissemia lexical em recursos de PLN. O modelo foi especialmente proposto para bases de dados lexicais do tipo *wordnet* e usa a WordNet.Br (Dias-da-Silva, 2010) para ilustrar sua aplicação. Sabe-se que as *wordnets* são entendidas como recursos semânticos e que, conforme afirma Voorhees et al. (2010), cada uma é considerada primeiramente um léxico, tendo em vista que é estruturada a partir de conjuntos de sinônimos, nomeados *synsets*, os quais representam um conceito lexicalizado. Seguindo o paradigma cognitivo de descrição de língua, adotamos a posição de Pévot et al. (2010) que concebe o léxico como um local de armazenamento de conhecimento pessoal que pode ser facilmente recuperado a partir de dicas lexicais.

A metodologia do trabalho está baseada em Dias-da-Silva (1996; 2006), que propõe atividades organizadas em três domínios mutuamente complementares para o desenvolvimento de sistemas e recursos de PLN: o linguístico, o linguístico-computacional e o computacional. O domínio linguístico-computacional forneceu o tema para esta pesquisa e articulou a relação entre os domínios linguístico e computacional. Das investigações realizadas no cenário linguístico-computacional, destacamos a relevância da introdução de níveis distintos de generalidade entre os sentidos em uma base de dados de modo a reduzir a quantidade de processamento lexical a ser realizada pelo sistema.

De forma concisa, o modelo representacional apresentado aqui é o modelo *polyset*. *Polysets* são estruturados em termos de redes de polissemia. Constructos que permitem representar diferentes níveis de generalidade de sentido, diferentes graus de proeminência de sentido e diferentes tipos de relações de polissemia.

A Semântica Lexical Cognitiva (SLC) mostrou ser o paradigma teórico e descritivo mais adequado para os propósitos do modelo, tendo em vista que seu

²⁹⁶ A área conhecida como Processamento Automático de Língua Natural, também denominada Linguística Computacional, tem como objetivo “capturar” em estruturas formais o conteúdo linguístico.

ferramental é rico o suficiente para descrever o fenômeno da multiplicidade de sentidos em termos de redes de sentidos”, uma estratégia suficientemente flexível para nossos propósitos.

Por fim, o domínio computacional envolveu as atividades de codificação das representações propostas no domínio linguístico-computacional em programas de computador. Para dar conta do domínio computacional, propomos, seguindo van Assem *et al.* (2006), uma estratégia para a codificação dos *polysets* em Ontology Web Language (OWL) com auxílio do editor de ontologias Protégé-OWL.

O restante do trabalho está estruturado do seguinte modo: a Seção 2 apresenta o cenário linguístico-computacional da pesquisa; as Seções 3 e 4 discutem o ferramental teórico de base para a definição do constructo *polyset*. As Seções 5 e 6 ilustram a proposta de construção do *polyset*, a primeira focaliza o planejamento linguístico do modelo e a última sua implementação; a Seção 7 sinaliza a relevância da inclusão do modelo *polyset* para as *wordnets* no contexto dos recursos lexicais.

2. A WordNet de Princeton e a polissemia

As *wordnets* podem ser definidas, em linhas gerais, como repositórios de conteúdo semântico estruturados em termos de relações paradigmáticas. A partir da WordNet de Princeton (WN.Pr) (Fellbaum, 1998), diversos projetos surgiram e redes, seguindo proposta similar, têm sido construídas individualmente para diferentes línguas (ex.: português, alemão, italiano, japonês, latim, espanhol, hebreu, romeno, japonês, *etc.*). A arquitetura de uma *wordnet* traz de um dicionário tradicional a inserção de glosas para representar o sentido de nominais, verbos, adjetivos e advérbios. Entretanto, dele se diferencia por não seguir o critério alfabético em sua macroestrutura, mas o de estruturação semântica. Em tais bases de dados, o léxico de uma língua é representado por meio de uma rede de formas lexicais que mapeiam para um ou mais sentidos representados por meio de *synsets* (Boas e Fellbaum, 2009). Desse modo, um item lexical é representado por uma sequência de caracteres (*strings*), e um sentido é representado por um conjunto formado por um ou mais itens lexicais sinônimos (o *synset*). Os *synsets* são formados por itens lexicais de mesma classe gramatical que

podem ser substituídos em pelo menos um contexto de uso (Vossen, 1998), são os *sinônimos contextuais* ou *cognitivos*. Por exemplo, o *synset* {carro, automóvel} tem seus elementos intersubstituíveis no contexto *Ele precisa de um ____ para ir ao trabalho* e aponta para o sentido glosado por “veículo de quatro rodas impulsionado por um motor de combustão interna”²⁹⁷. Cada *synset* define os sentidos associados a uma forma lexical de maneira implícita a partir dos seus membros (os outros itens lexicais do *synset*) e possibilita que o sentido seja inferido automaticamente por sistemas computacionais a partir das relações léxico-conceituais explicitamente codificadas entre os diferentes *synsets*. A figura 1 ilustra o *synset* da WordNet de Princeton (versão 2.0) do qual *book* é parte e as diferentes informações a ele associadas.

{02870092} <noun.artifact>S: (n) book, volume (physical objects consisting of a number of pages bound together) "he used a large book as a doorstop"

Figura 4 – O *synset* *book* e informações associadas

O *synset* em que se insere *book*, identificado pelo número {02870092}, é formado pelos itens lexicais *book*, *volume* e recebe como *tipo semântico* (*unique beginner*) o rótulo <noun.artifact>. Os *synsets* organizam-se hierarquicamente. No topo da hierarquia, estão os *unique beginners*, conceitos genéricos que iniciam diferentes hierarquias que englobam o vocabulário pertencente a campos semânticos distintos, sendo que cada campo semântico é representado por um *unique beginner* (ex.: objeto natural, fenômeno natural, ser humano, emoção, etc.). A partir de cada *unique beginner*, os demais *synsets* são, hierarquicamente, apresentados através de relações semânticas ou conceituais, que conectam *sentidos* ou *conceitos* associados aos itens lexicais distintos, isto é, que conectam *synsets*.

Sob o enfoque topológico, entende-se que cada *synset* constitui um nó da rede e que as relações léxico-semânticas são os arcos que ligam esses nós. A existência de um

²⁹⁷ Não se pode confundir a noção de sinonímia adotada pela *wordnets*, a sinonímia contextual, com a rara ou inexistente noção de sinonímia absoluta, fenômeno que, sob uma perspectiva contextual, corresponde à completa identidade de sentidos em todos os contextos; ou com a noção de sinonímia proposicional, quando dois itens lexicais podem ser substituídos em qualquer proposição sem alteração na verdade condicional, havendo apenas diferença na expressividade da significação, no nível estilístico (coloquial/ formal) ou no campo pressuposto de discurso (Cruse, 2000). Uma *wordnet* adota, portanto, uma noção bastante ampla de sinonímia.

arco entre os *synsets* representa, por exemplo, a proposição *um cachorro é um tipo de animal*. Outro tipo de arco, expressando parte, pode relacionar *cachorro* e *patas*, expressando o fato de que *patas são parte de cachorro* e, através de herança, uma *pata* é parte de todos os tipos de *cachorro*, tais como *Rottweiler*, *Schnauzer*, *Poodle*.

Tendo em vista que nas *wordnets* os sentidos são agrupados em conjuntos de sinônimos cognitivos (*synsets*) e relações são estabelecidas entre tais conjuntos e não entre itens lexicais isoladamente, incluir relações entre sentidos polissêmicos nesse recursos exige, de início, desafiar seus princípios globais. Embora as soluções não tenham sido implementadas, como veremos a seguir, a inclusão de polissemia nas *wordnets* é reconhecida como relevante por pesquisadores envolvidos com a construção da WN.Pr e das demais, por exemplo, a WordNet.Pt (Marrafa, 2001) e a GermaNet (Hamp and Feldweg, 1997).

Na WN.Pr²⁹⁸, a multiplicidade de sentidos é codificada sob o rótulo genérico de *polissemia*. Um item lexical é definido “polissêmico” quando ele participa de mais de um *synset* associado à mesma categoria sintática, independentemente de quão similares são os sentidos a ele associados (Boas e Fellbaum, 2009). O rótulo *polissemia* é empregado, portanto, de uma maneira mais geral do que a que estamos adotando neste trabalho. Trata-se de um parâmetro para demonstrar o grau de familiaridade (*familiarity*) dos itens lexicais, apresentando uma contagem de *polissemia* (*polysemy count*) que indica o número de *synsets* em que a unidade ocorre. Nenhum desdobramento maior dessa noção é levado em conta, fato que resulta na não-discriminação sistemática da relação existente entre os múltiplos sentidos associados a uma mesma forma lexical, ficando esta difusamente representada em termos de índices e ocorrências de uma mesma forma em *synsets* distintos. O item lexical *bank*, por exemplo, está associado ao número de *polissemia* 10, indicando que essa unidade ocorre em 10 *synsets* distintos. A figura 2 ilustra esses *synsets* e suas respectivas informações associadas.

²⁹⁸ Disponível em <http://wordnetweb.princeton.edu/perl/webwn>.

10 senses of bank

Sense 1

<noun.group> depository financial institution, bank, banking concern, banking company -- (a financial institution that accepts deposits and channels the money into lending activities; "he cashed a check at the bank"; "that bank holds the mortgage on my home")

Sense 2

<noun.object> bank1 -- (sloping land (especially the slope beside a body of water); "they pulled the canoe up on the bank"; "he sat on the bank of the river and watched the currents")

Sense 3

<noun.possession> bank -- (a supply or stock held in reserve for future use (especially in emergencies))

Sense 4

<noun.artifact> bank, bank building -- (a building in which commercial banking is transacted; "the bank is on the corner of Nassau and Witherspoon")

Sense 5

<noun.group> bank1 -- (an arrangement of similar objects in a row or in tiers; "he operated a bank of switches")

Sense 6

<noun.artifact> savings bank, coin bank, money box1, bank1 -- (a container (usually with a slot in the top) for keeping money at home; "the coin bank was empty")

Sense 7

<noun.object> bank -- (a long ridge or pile; "a huge bank of earth")

Sense 8

<noun.possession> bank1 -- (the funds held by a gambling house or the dealer in some gambling games; "he tried to break the bank at Monte Carlo")

Sense 9

<noun.object> bank2, cant, camber -- (a slope in the turn of a road or track; the outside is higher than the inside in order to reduce the effects of centrifugal force)

Sense 10

<noun.act> bank -- (a flight maneuver; aircraft tips laterally about its longitudinal axis (especially in turning); "the plane went into a steep bank")

Figura 5 - Synsets que contêm o item lexical *bank* na WN.Pr.2.0

Na figura 2, observamos as limitações da rede para tarefas de desambiguação: uma delas é a não-distinção entre polissemia e monosssemia, e a outra é em relação à não-diferenciação entre níveis de generalidades entre os sentidos polissêmicos. Observa-se que os *synsets* 1 e 2 remetem a sentidos sem qualquer relação: (1) *instituição financeira* e (2) *margem, costa* (de rio, por exemplo) – caracterizando a *homonímia*. Os *synsets* 1 e 4 expressam sentidos que não são excludentes, mas complementares, remetendo tanto a (1) *instituição* quanto a (4) *prédio* – caracterizando a *polissemia regular*. Entre os *synsets* (1, 3, 4, 6, 8), há um traço semântico compartilhado: *local para armazenamento de algo de valor*. O mesmo ocorre entre os *synsets* (2, 7, 9, 10), sendo *elevação* o traço comum. Esses dois grupos de *synsets*, {1,3,4,6,8} e {2,7,9,10}, ilustram, cada um, a *polissemia irregular*.

Miller (1998) justifica a falta de indicação de graus de similaridade e de níveis distintos de sentidos polissêmicos com base no imenso custo que essa tarefa exigiria,

uma vez que depende de delicados julgamentos de humanos sobre propriedades semânticas altamente sutis. Acrescenta, ainda, que discordâncias entre os julgamentos, em razão da sutileza das nuances de sentidos, seriam frequentes. Embora o agrupamento de sentidos similares tenha sido implementado apenas para certos *synsets*-exemplo, Miller (1998) sugere uma alternativa para extração e codificação de conexões entre sentidos similares, criando um segundo nível de refinamento de sentido. Entre as estratégias para a utilização das relações da WN.Pr para a identificação de tipos de similaridade entre sentidos, são apresentadas as relações de: *cousins* (primos) e *sisters* (irmãs), de relevância comprovada também por outros estudos (ex.: Vossen, 1998).

Se dois sentidos associados a um mesmo item lexical são similares, então os sentidos dos seus hipônimos deveriam ser também similares da mesma maneira (Miller, 1988). Esse é o primeiro critério de similaridade proposto por Miller, denominado *primo*. A partir desse critério, é possível localizar classes de nomes regularmente polissêmicos. A tarefa de localizar itens lexicais primos exige que sejam encontrados nós da rede em posição mais alta possível, de modo que estabeleçam um tipo de similaridade comum a um conjunto de itens, como ocorre entre *animal* e *alimento* (exemplo adaptado de Miller, 1998, p. 42). Para *peixe*, por exemplo, a relação se dá do seguinte modo: se dois sentidos de *peixe* estão relacionados tanto a *animal* quanto a *alimento*, então também todos os seus hipônimos (ex.: *lambari*, *sardinha*, *garoupa*, *bacalhau*, etc.) terão a mesma relação. Se o sentido de *sardinha*₁ é hipônimo de *peixe*₁ (animal) e *sardinha*₂ é hipônimo do alimento *peixe*₂ (alimento), essas relações caracterizam o fato de que os dois sentidos de *sardinha* estão também relacionados tanto a *peixe* ('animal') quanto a *peixe* ('alimento'), conforme mostra a figura 3.

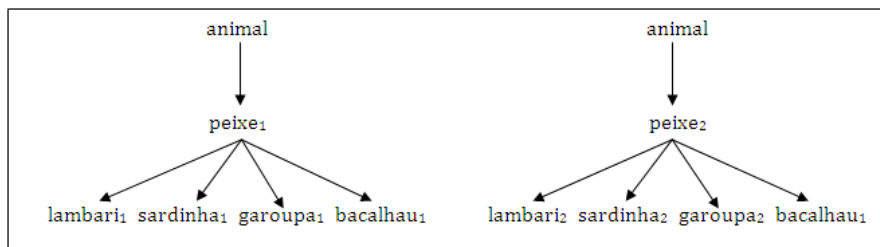


Figura 6 – Exemplo de itens lexicais primos

Conforme mostra a figura 3, os pares de sentidos indicados pelos índices 1 e 2 são primos: *peixe*, *lambari*, *sardinha*, *garoupa*, *bacalhau*. Essa metodologia foi automaticamente testada, e Miller chama a atenção para a necessidade de criação manual de uma lista de exceções, o que dificulta a geração automática de itens lexicais primos. Adaptando o exemplo do autor, citamos *coral*; embora seja hipônimo tanto de *animal* quanto de *alimento*, um coral não é alimento do mesmo modo que um peixe, visto que não é seu corpo que é comestível, mas parte dele (referindo-se a *lobster roe* – ovas de crustáceos comestíveis).

O segundo critério de agrupamento de sentidos similares proposto por Miller é a relação de itens lexicais irmãos (*sister*), frequentemente encontrada em estruturas arbóreas e caracterizada quando dois sentidos associados a uma mesma forma lexical são hipônimos imediatos de um mesmo nó. Essa relação é também conhecida como *co-hiponímia* em uma perspectiva de relação léxico-semântica. O pressuposto é que são irmãos dois sentidos associados a uma mesma forma lexical que compartilham o mesmo hiperônimo. O exemplo originalmente citado pelo autor é *flounder*₁ e *flounder*₂, que têm como hiperônimo *flatfish* já que *flounder* refere-se a diferentes tipos de *flatfish*. Em português brasileiro, um exemplo semelhante é o de *faca*, que pode ser visto, por exemplo, como ‘arma branca’, como ‘utensílio doméstico’ ou, em uso informal, como ‘instrumento cirúrgico’, conforme mostra a figura 4.



Figura 7 - Exemplo sentidos irmãos

A relação *primos* é equivalente ao que definiremos como polissemia regular. A relação de *irmãos* é equivalente ao que descreveremos *autohiponímia*, visto que entre os sentidos associados a um mesmo item pode ser percebida uma relação que segue a mesma lógica da relação de hiponímia convencional. Para estruturar a WN.Pr, Miller sugere que os critérios de agrupamentos apresentados sejam considerados como uma alternativa à visualização por frequência de ocorrência dos *synsets*.

Vimos nesta seção que as propostas já apresentadas constam ainda no plano da teoria e são parciais, evidenciando a grande dificuldade na representação da polissemia em tais bases, mesmo sem considerar as dificuldades implicadas em sua definição. Destacamos, por fim, que a grande dificuldade reside no fato de que a representação da polissemia requer um olhar para o léxico sob a perspectiva semasiológica e as *wordnets*, por definição, são representações onomasiológicas.

3. A polissemia como uma rede de sentidos

A Semântica Lexical Cognitiva (SLC) argumenta que o sentido é, por si só, uma entidade complexa, isto é, trata-se de uma categoria (Lakoff, 1987) que descreve os sentidos (potenciais) convencionalmente associados a uma estrutura fonológica, estruturada (forma lexical) em forma de uma *rede*. A seguir, algumas palavras sobre polissemia, homonímia e categorização.

Conforme argumenta Blank (2003), quando dizemos que um item lexical é polissêmico não significa dizer que todos os sentidos associados àquele item estão relacionados ou que possuem algo em comum. A polissemia precisa ser entendida como uma corrente ou uma rede de sentidos, afirma o autor. O estudo da polissemia está, portanto, intimamente ligado ao estudo da homonímia e da monossemia; não há uma fronteira bem definida entre esses três fenômenos. Assim, os problemas relacionados ao fenômeno remetem aos limites imprecisos entre polissemia e monossemia, de um lado, e entre polissemia e homonímia, de outro. Distinguir polissemia de monossemia implica reconhecer a existência de diferentes sentidos ou de simples modulação contextual. Sabe-se que a polissemia, assim como a homonímia, é um fenômeno que pode causar *ambiguidade lexical*, ou seja, mais de uma possibilidade de interpretação de um enunciado em razão da presença de pelo menos uma palavra associada a mais de um sentido. Embora essa distinção seja relativamente clara e possa parecer simples de ser aplicada, diversas questões surgem ao tentarmos demarcar os limites entre um único sentido e mais de um.

Entender a polissemia como um fenômeno categorial implica entender que o fenômeno é caracterizado quando for possível delimitar certas porções de conteúdo conceitual (i) como um agrupamento de sentidos (potencial de sentidos) relacionados

(ii) que fazem parte da estrutura semântica (categoria de sentidos) subjacente a uma unidade linguística, que tem *status* simbólico. A negação de (i) reduz os múltiplos sentidos como instância de homonímia por não serem percebidos como um conjunto (uma categoria), fato que pode ter como consequência considerar que estão sendo percebidos dois ou mais itens sem relação (e não um) instanciados na superfície da língua a partir da mesma estrutura fonológica. A negação da parte (ii) leva a entendermos a variação semântica como uma simples especificação contextual da estrutura semântica (categoria de sentidos), caracterizando a monosssemia. (Alves, 2009)

A SLC argumenta que uma representação linear (ex.: dicionários tradicionais; léxicos enumerativos) são problemáticos para a descrição de itens lexicais polissêmicos e apresenta a representação em redes como modelo alternativo para descrever o sentido como uma categoria (Geeraerts, 2006; Taylor, 1995; 2006). Logo, esse é o paradigma de representação que está na base do modelo *polyset*.

Embora a organização ideal do léxico mental humano seja ainda desconhecida, sob o viés teórico, o conceito de rede pode ser – pelo menos até certo ponto – a melhor alternativa para representá-lo. Langacker (1987; 2002), por exemplo, argumenta que um item lexical instancia uma categoria complexa, isto é, uma categoria de sentidos, que é um complexo de sentidos relacionados com diferentes graus de incrustamento. Entende-se que esse tipo de estrutura facilita o funcionamento de rotinas cognitivas de acesso a diferentes porções de conteúdo conceitual a partir de diferentes pontos de ativação (Croft e Cruse, 2004). Para Sandra e Rice (1995), o mínimo que pode ser dito é que o modelo de redes é comprometido com o processo psicológico da categorização humana. Do ponto de vista metodológico, uma alta flexibilidade é percebida nessa construção, conforme Taylor (1995), na medida em que o foco desce para sentidos específicos, o item vai sendo visto como mais polissêmico e à medida que o foco passa para os níveis mais altos, mais esquemáticos, o item é visto como menos polissêmico, ou até monossêmico.

Em suma, destacamos que: (a) os sentidos são registrados em nosso léxico mental em diferentes níveis de especificidade, estabilidade e sensibilidade ao contexto, de modo que a representação ideal é determinada pelo objetivo do analista em relação ao que se pretende registrar; (b) há evidências de que a representação mental não é igual para todos os sentidos (nem para todas as pessoas); (c) a escolha por uma das estratégias

- monossêmica, polissêmica ou homonímica - precisa levar em conta, de um lado, a (in)existência de relação entre os sentidos e, de outro, a participação mais ou menos efetiva do contexto na delimitação do sentido. Infere-se, portanto, que, para que sejamos fiéis à variedade de informações semânticas associadas aos itens lexicais, precisamos de um modelo flexível e igualmente robusto e múltiplo. Por fim, enfatizamos que as relações de polissemia deveriam ser modeladas em um nível mais profundo de representação de relação semântica, isso se deve à sutileza das semelhanças de sentido que as redes de polissemia são designadas a expressar.

4. O modelo de rede *polyset*

Um *polyset* é um constructo lexical, de base semântica. Ele representa uma rede de sentidos que define agrupamentos de sentidos polissêmicos (incluindo tanto regulares quanto irregulares). Nas redes de polissemia sincrônicas, um item lexical é concebido como uma categoria conceitual na qual uma variedade de sentidos relacionados são agrupados (Tyler e Evans, 2003).

Ao falarmos de rede, o modelo gráfico talvez seja o primeiro que venha à nossa mente: um constructo composto por *nós*, representando os sentidos, e *arcos*, representando as relações entre eles – elementos que podem ser estruturados visualmente de diferentes formas. São várias as propostas de redes para tratar do léxico em perspectiva onomasiológica ou semasiológicas: rede radial (Brugman, 1981; Lakoff, 1987), rede esquemática (Langacker, 1987; 2002); rede multidimensional (Geeraerts (2006 [originalmente, 2001])); e rede de polissemia sincrônica (Blank, 2003). As redes de polissemia sincrônicas, contendo relações entre sentidos polissêmicos metafóricos, metonímicos e taxonômicos, em sua configuração livre e multidimensional, conforme propõem Blank (2003) e Geeraerts (2006), demonstraram ser a estratégia descritiva mais adequada à representação da flexibilidade do sentido com fins computacionais.

A construção de um *polyset* requer a identificação dos itens lexicais polissêmicos e a representação de seus sentidos com base em *corpus*. A seguir, caracterizaremos cada componente da estrutura do *polyset* que contribui para a caracterização dos *nós* (sentidos) e dos *arcos* (relações) que constituem da rede, são

eles, o *item lexical polissêmico*, a *constante*, os *sentidos polissêmicos*, os *conjunto de sentidos*, os *tipos de sentidos* e seus *efeitos de saliência*.

4.1 O item lexical polissêmico

Consideramos os itens lexicais entidades simbólicas que estabelecem o pareamento entre forma (estrutura fonológica) e sentido (estrutura semântica/conceitual). Isso significa que um item lexical com múltiplos sentidos é aquele que ativa um determinado tipo de rotina cognitiva, de modo que uma mesma estrutura fonológica provê acesso a diferentes porções relacionadas do espaço conceitual (Croft and Cruse, 2004). Classificar um item lexical como polissêmico pressupõe, assim, entender que seu conteúdo é formado por sentidos múltiplos que apresentam algum tipo de similaridade.

4.2 A constante

A denominação *constante* é empregada para descrever a *estrutura fonológica/grafêmica* de um item lexical, por esta ser a porção formal comum aos sentidos que compõem o *polyset*. A constante tem papel fundamental no modelo, visto que o reconhecimento da polissemia passa pela identificação de uma mesma estrutura fonológica/grafêmica (simples ou complexa) associada a uma estrutura semântica complexa, ou seja, a múltiplos sentidos relacionados. Em termos práticos, a constante tem aqui duas funções principais: servir como rótulo ou identificador do *polyset* e como chave de busca nas *wordnets*, nos dicionários e nos *corpora*.

4.3 Os sentidos polissêmicos

Sob a denominação *sentido polissêmico*, incluímos tanto sentidos plenos quanto subsentidos (facetas e microssentidos), noções propostas por Croft e Cruse (2004). Ambos representam os *nós* da rede de polissemia que estrutura o *polyset*. A

identificação dos sentidos foi feita a partir da análise combinada de diferentes fontes (dicionários, *wordnets* e *corpus*). O conteúdo dos *nós*, portanto, pode ser registrado a partir de um dos seguintes elementos, seguindo critério de clareza: (a) uma glosa reduzida; (b) um hiperônimo suficientemente específico; (c) um sinônimo representativo ; (d) uma noção geral, (que codifica um conteúdo semântico esquemático, explicitando o tipo de similaridade percebida entre eles e serve).

4.4 Um conjunto de sentidos

Identificados os sentidos que marcam os *nós* da rede de polissemia, o próximo passo é construir o *conjuntos de sentidos* de acordo com a percepção de alguma similaridade; os tipos de sentido não são relevantes nesta etapa. O objetivo neste momento é especificar os fatores de coerência entre os sentidos que contribuem para a construção do *polyset*. No contexto das *wordnets* como um todo, um *polyset* adiciona uma modelagem da polissemia às informações dos *synsets*.

4.5 A delimitação dos tipos sentidos para a construção dos polysets

A noção de *delimitação de sentidos* é tema de debates em SLC. Para alguns autores (ex.: Geeraerts, 2006; Cruse, 1986; Tuggy, 2003), não se pode falar em delimitação de fronteiras entre sentidos, visto que elas são imprecisas e indefinidas na maioria das situações, justificando o rótulo de fronteiras difusas (*fuzzy*). Por outro lado, há autores (ex.: Croft e Cruse, 2004) que defendem a construção de fronteiras entre sentidos como uma das rotinas cognitivas responsáveis pelo processo de construção de significado (*construal of meaning*). Definir onde estão esses limites e como eles são é imprescindível para identificarmos quais devem ser os “pontos” da rede que estrutura uma categoria de sentidos polissêmicos e para guiar a representação das conexões e dimensões responsáveis por sua estruturação.

Em busca de estratégias para delimitar os sentidos polissêmicos, levaremos em consideração diferenças em relação ao *grau de antagonismo* e *de autonomia* identificados a partir dos critérios apresentados em Croft e Cruse (2004) e Cruse (1995)

- texto muito semelhante ao de Cruse (1986). Levando em consideração o que observamos no parágrafo anterior, podemos entender que Cruse (1986) é incompatível com Croft e Cruse (2004) por estes terem posições contrastantes sobre a existência de limites entre os sentidos. Embora não se possa negar essa oposição (salientada pelos próprios Croft e Cruse), entendemos que ambos os textos contribuem para a discussão que levaremos a efeito a partir desta seção por diferentes motivos.

O primeiro deles é o fato de que podemos claramente perceber nesses dois conjuntos de obras espaço para situações não típicas na construção do significado e para questionamentos sobre a validade de regras únicas e gerais para todas as situações. O segundo motivo é que, tendo em vista que a natureza do fenômeno da polissemia é múltipla, o tipo de tratamento que ele requer é também múltiplo. Conforme Taylor (1995), precisamos buscar *o meio-termo*. Por fim, enfatizamos que a argumentação de Croft e Cruse (2004) a favor da existência de fronteiras claras não toma como base a negação da existência de flexibilidade entre os sentidos. O que os autores defendem é que essas variações podem ser explicadas como “construções de fronteiras diferentes das convencionais, não sendo necessário recorrer ao conceito de fronteiras difusas” (Croft e Cruse, p.95), noção que, segundo eles, vai contra a própria concepção de categoria como um constructo que demarca o que está *dentro* e o que está *fora* de um conjunto. Feito esse esclarecimento inicial, passaremos à caracterização da noção de *delimitação de sentidos* adotada aqui.

A natureza da *delimitação de sentidos* dos *polysets* deve ser entendida a partir de três tópicos diretamente associados aos princípios de fundo da SLC. O primeiro deles remete ao fato de que o conteúdo lexical pode ser explicado em termos de um *continuum* de sentidos e de que esse *continuum* não é uniforme (Croft e Cruse, 2004). A justificativa é a de que, à medida que esse conteúdo vai sendo instanciado na superfície da língua, agrupamentos de sentidos vão sendo construídos no espaço conceitual, graus distintos de saliência, de similaridade, de antagonismo, de cooperação e de disretude vão sendo estabelecidos por convenção, explicam Croft e Cruse (2004). O segundo tópico envolve a relação entre esse *continuum* de sentidos e a polissemia. Quando o acesso a esse conteúdo semântico/conceitual se dá a partir de uma mesma estrutura fonológica, temos caracterizada a multiplicidade de sentidos; dependendo do espaço onde essa “porção densa” de conteúdo conceitual se posiciona no *continuum*, teremos homonímia, polissemia ou monossemia. O terceiro ponto a destacar remete ao *status*

que as fronteiras entre sentidos adquire nesse contexto. Segundo Croft e Cruse (2004, p. 111), a delimitação dos sentidos é caracterizada a partir da percepção de espaços vazios entre eles, “linhas falhas”, que podem ser maiores ou menores, dependendo de como o sentido é construído em cada situação, o que caracterizará maior ou menor autonomia entre os sentidos. Sob essa perspectiva, portanto, a polissemia é definida como uma questão de “construção de limites entre os sentidos” que compõem o espaço conceitual acessível por determinado item lexical (Croft e Cruse, 2004, p. 110), ou seja, é uma questão de delimitação de fronteiras entre porções do conteúdo semântico associado a um item lexical.

A especificação dos tipos de sentidos do modelo *polyset* segue a proposta de Croft e Cruse (2004) sobre a identificação de coerência e de autonomia entre sentidos. Conforme são delineadas as fronteiras entre os diferentes sentidos, as diferentes leituras podem ser classificadas como *sentidos plenos* ou subsentidos do tipo *facetas* e *microsentidos*. Sob o rótulo *sentido pleno*, estão aqueles sentidos que apresentam distinções marcantes, bem estabelecidos, incrustados no léxico da língua e fortemente restritos por restrições convencionais estáveis. Sob o rótulo de *subsentidos*, estão aqueles sentidos considerados *facetas*, pois constituem-se partes de um mesmo sentido geral, e aqueles considerados *microsentidos*, pois são sentidos que são entendidos como uma especialização de um sentido mais geral. Os sentidos do tipo *facetas* são percebidos como componentes distintos de um único sentido global (o sentido é formado pela cooperação entre diferentes *facetas* de sentido). São aqueles sentidos polissêmicos que apresentam (a) significativo grau de autonomia, mas não são (b) antagônicos. A principal evidência de coerência entre as *facetas* de sentido é o fato de o leitor não precisar selecionar apenas uma delas para a interpretação de um enunciado, apenas colocar uma delas em evidência. O principal indício de autonomia é o fato de que as *facetas* não são capazes de estabelecer relação de taxonomia (*é um tipo de*) com um único elemento. Esse tipo de leitura gera o que entendemos como *polissemia regular*. Como exemplo, destacamos os sentidos convencionalmente associados a *livro*, que são ‘objeto físico’ (ex.: *Levarei o livro amarelo*), ‘conteúdo’ (ex.: *Adorei o livro indicado pela professora, a narrativa é ótima!*) e ‘texto físico’ (ex.: *O livro está com uma diagramação péssima.*). Os sentidos do tipo *microsentidos*, por sua vez, (a) apresentam um significativo grau de autonomia, embora possam ser unificados como hipônimos de uma mesma categoria e (b) baixo grau de antagonismo,

tendo em vista que funcionam como *co-autohipônimos* de um sentido geral. Além de tais propriedades, há o fato de que o hiperônimo não tem *status* padrão. Por exemplo, *faca*, que pode ser concebido como uma ‘arma’, como um ‘utensílio doméstico’, ou como um ‘instrumento cirúrgico’.

4.6 Efeitos de saliência entre os sentidos

Refletir sobre as propriedades de *saliência* é essencial para entendermos as diferentes nuances que podem ser percebidas entre os sentidos, contribuindo para definirmos a disposição dos espaços em uma rede de polissemia e auxiliar futuros trabalhos voltados à geração e interpretação de textos. O conteúdo pressuposto nessas questões é o de que nem todos os elementos de uma categoria de sentidos têm o mesmo *status*.

Para compreendermos a natureza dos efeitos de saliência, é preciso compreendermos a operação cognitiva da "percepção" que constrói o elo entre o mundo exterior e a representação mental. A percepção é uma das formas através das quais a cognição corporificada restringe o seu *input*. Sabe-se que a língua não é um espelho do que temos na mente, e a explicação para isso é que o conteúdo linguístico é construído via mecanismos de percepção, de modo que o que nós percebemos não é necessariamente o mesmo que nós experienciamos diretamente (Evans e Green, 2006).

Para a identificação do núcleo de uma categoria de sentidos representada em termos de um *polyset*, consideraremos dois critérios fundamentais: (a) a predominância do sentido na rede de polissemia e (b) a frequência da ocorrência em *corpora*. O sentido considerado predominante é o sentido que possui maior número de conexões na rede. Ele é, portanto, o sentido com maior saliência funcional. O critério é considerado válido por duas razões: entende-se que ele é o sentido cognitivamente mais saliente e, portanto, o que tem maior vantagem psicológica, por facilitar o acesso aos demais. Embora a primeira razão seja suficiente para os propósitos da análise sincrônica, é relevante mencionar que o critério é também válido para a identificação dos sentidos primários em abordagens que fazem interface entre a sincronia e a diacronia (típicas em SLC). O fato de o sentido ocorrer com um número maior de relações (os *links* na rede) pode ser

indicativo de que seus componentes estejam mais frequentemente presentes em outros sentidos. O sentido mais frequente no *corpus* é aquele que possui maior saliência estrutural. Para a contagem do peso estrutural de um sentido integrante de um *polyset* foi feita uma busca orgânica no Google™.

4.7 Os arcos da rede de polissemia e a caracterização das relações entre os sentidos

Os *arcos* de uma rede de sentidos polissêmicos representam as *relações* entre os diferentes sentidos polissêmicos. São as relações as responsáveis por dar forma e por justificar o agrupamento dos sentidos em um *polyset*. É somente após a conclusão dessa fase de análise que o *polyset* é caracterizado por completo. O tipo de codificação da relação determina (a) o grau de generalidade ou de especificidade entre os sentidos, (b) o sentido mais saliente da rede (isto é, aquele que tem maior peso estrutural por ocorrer com um número maior de *links*) e (c) o grau de produtividade da combinação de sentidos no léxico como um todo. Nas subseções seguintes, descreveremos as propriedades essenciais de cada uma das relações sincrônicas de polissemia.

4.7.1 A polissemia irregular: relação entre sentidos metafóricos

O primeiro tipo de polissemia em foco é a polissemia metafórica (Blank, 2003) ou irregular (Croft e Cruse, 2004). Os sentidos polissêmicos relacionados por metáfora remetem a sentidos originados em domínios conceptuais distintos, de modo que podemos dizer que há algum grau de similaridade entre eles. Trata-se de uma relação horizontal entre sentidos com grau médio de antagonismo e significativo grau de autonomia que se associam de algum modo a uma mesma “noção geral”, isto é, que compartilham alguma similaridade (objetiva ou subjetiva). Destacamos como exemplo *cabeça* ‘membro do corpo humano’ e *cabeça* ‘chefe’ e *posição* ‘local ocupado’ e *posição* ‘opinião’. O rótulo a ser utilizado para codificar essa é *é-similar-a*.

4.7.2 A polissemia regular: relação entre sentidos metonímicos ou taxonômicos

A polissemia regular pode ocorrer por meio da relação entre sentidos metonímicos ou taxonômicos (Blank, 2003). A polissemia regular por meio de metonímia ocorre entre subsentidos denominados por Croft e Cruse (2004) de facetas e a polissemia taxonômica ocorre entre subsentidos do tipo microsentidos, nos termos dos autores.

A polissemia regular por metonímia é aqui entendida sincronicamente como a relação entre subsentidos do tipo microsentidos que apresentam relação semântica regular do tipo *automeronímia/autoholonímia* (relação de PARTE-TODO) (Cruse, 2000). A similaridade entre tais sentidos é alta, de modo que constituem componentes distintos de um mesmo sentido geral. Como principal característica está o fato de que não é necessário selecionar somente um deles no contexto, embora, muitas vezes, aconteça de apenas um deles ser o foco. Como exemplo clássico, destacamos *livro* como ‘objeto físico’ e como ‘conteúdo’. Para a identificação de tal tipo de polissemia, a aplicação da seguinte fórmula lógica precisa ser verdadeira: *A é parte de B*, e A e B são facetas de sentido. A regularidade da relação se dá na medida em que podemos perceber outros pares de sentidos relacionados também por *automeronímia*. Lembramos que a *automeronímia* abarca uma família de relações que não constituem partes em sentido estrito, tais como *objeto-substância*, *continente-conteúdo*, *objeto físico-conteúdo*, etc. O rótulo da relação é *é_automeronímia_de* e o seu reverso é *é_autoholonímia_de*.

A polissemia regular por taxonomia é aqui entendida como a relação entre subsentidos do tipo facetas que apresentam relação semântica regular do tipo *autohiponímia/autosuperordenação* (relação É-UM) (Cruse, 2000). Como exemplo, destacamos *livro* ‘objeto físico’ e *livro* ‘conteúdo’. O rótulo da relação é *é_automerônimo_de* e o seu reverso é *é_autoholônimo_de*. Tal tipo de polissemia ocorre quando um dos subsentidos (microsentidos) é construído de modo mais específico em relação aos outros (Cruse, 2000). A similaridade entre os microsentidos sentidos é funcional, de maneira que o microsentido subordinado é um subtipo do superordenado e herda todas as suas características, acrescentando, porém, outras que o distingue dos seus co-autohipônimos. Como ocorre em relações hierárquicas, os co-autohipônimos em um mesmo nível hierárquico são mutuamente incompatíveis. Como

exemplo, destacamos *faca* como ‘utensílio doméstico’, ‘arma branca’ e ‘instrumento cirúrgico’. O rótulo da relação é *é_automerônimo_de* o do seu reverso é *é_autosuperordenado_de*. Para a identificação da relação regular de polissemia do tipo autohiponímia, a aplicação da seguinte frase lógica precisa ser verdadeira: *A é um B*, ou *A é um tipo de B*, e A e B são micros sentidos. A regularidade da relação se dá na medida em que detectamos outros pares de sentidos relacionados também por autohiponímia.

O quadro 1 sintetiza as propriedades centrais de cada relação.

PROPRIEDADES	POLISSEMIA REGULAR		POLISSEMIA IRREGULAR
	Rótulo		Rótulo
	Por metonímia <i>é_automerônimo_d</i> <i>e</i> ou <i>é_autoholônimo_de</i>	Por taxonomia <i>é_autohipônimo_de</i> ou <i>é_autosuperordenado_d</i> <i>e</i>	Por metáfora <i>é_similar_a</i>
Tipo de sentido	Faceta	Microsentido	Pleno
Tipo de Relação	Regular	Regular	Irregular
Tipo de similaridade	Hierárquica Relação entre parte-todo e variantes	Hierárquica Relação entre geral e específico	Horizontal Relação objetiva ou subjetiva a uma noção geral
Grau de similaridade	Alto	Funcional	Intermediário

Grau de autonomia	Mínimo	Incompatibilidade mútua de micros sentidos (co-autohipônimos)	Alto
Grau de antagonismo	Inexistente	Mínimo	Médio
Fórmula lógica	[<i>A é parte de B</i> , e A e B são facetas de sentido]	[<i>A é um B</i> , ou <i>A é um tipo de B</i> , e A e B são micros sentidos]	Um item lexical A com os sentidos a1 e a2 apresenta polissemia irregular se NÃO existir nenhuma outra unidade lexical B com sentidos b1 e b2 que sejam semanticamente distintos um do outro exatamente de maneira diferente da distinção entre a1 e a2

Quadro 1 - Propriedades centrais da relação de polissemia.

5. A face linguística de construção do *polyset*

As etapas linguísticas de construção de um *polyset* são realizadas em dois momentos. O primeiro deles é ilustrado no quadro 2, que serve como modelo para a

descrição das etapas preliminares de construção do *polyset*, que buscam a definição dos nós da rede de polissemia e a indicação dos conjuntos de sentidos.

DEFINIÇÃO DO NÓ DE UM <i>POLYSET</i>	
5 Constante	Indicar a constant
6 Exemplo	Indicar um exemplo para cada sentido em análise
7 Chave de busca em inglês	Indicar a chave de busca correspondente a cada sentido
8 Glosa reduzida	Indicar (fonte: <i>wordnets</i> e dicionários)
9 Hiperônimo relevante	Entre as possíveis traduções dos hiperônimos fornecidos pela WN.Pr, indicar o hiperônimo mais representativo, quando relevante. O hiperônimo representará o nó da rede somente se for considerado o componente mais relevante para descrever o sentido em análise e suficientemente específico.
10 Sinônimo relevante	Entre as possíveis traduções dos sinônimos fornecidos pela WN.Pr, indicar o sinônimo mais representativo, quando relevante. O sinônimo representará o nó da rede somente se for considerado o componente mais representativo do sentido em análise.
11 Nó do <i>polyset</i>	O conteúdo do nó da rede de polissemia deve servir como referência ao analista humano, que contará também com a frase-exemplo para facilitar/complementar sua delimitação. Seu conteúdo pode ser composto por: <ul style="list-style-type: none"> a. um sinônimo representativo b. um hiperônimo suficientemente específico c. uma glosa reduzida
12 Conjunto de sentidos	Agrupar os sentidos em conjuntos rotulados pela <i>constante</i> .

Quadro 2 - Resultado das etapas preliminares de construção do *polyset*

O segundo passo é ilustrado no quadro 3. Ele consiste na especificação da rede de polissemia propriamente dita, representando graficamente as diferentes relações de polissemia e os efeitos de saliência entre os sentidos.

CONSTRUÇÃO DA REDE DE POLISSEMIA	
1. Organização da rede	Nesta etapa é construída uma rede manual que ilustra a distribuição dos sentidos.
2. Rótulo das relações	Os rótulos com os quais trabalharemos são <i>é-similar-a</i> , <i>é_autohipônimo_de</i> , <i>é-autosuperordenado-de</i> , <i>é-automerônimo-de</i> , <i>é-autoholônimo-de</i> .
3. Noção geral	*Componente identificado somente em itens irregularmente polissêmicos. Ele serve como especificação do tipo de similaridade.
4. Status dos sentidos I	Os tipos são: sentido pleno, faceta, microssentido. O tipo de sentido ficará evidente no modelo a partir da organização hierárquica e das relações entre sentidos.
5. Status dos sentidos II	
a. saliência psicológica	Determinada pela predominância.
b. saliência estrutural	Frequência no <i>corpus</i> .

Quadro 3 - Resultado das fases de construção do *polyset*

12.1

Para ilustrar a seção, apresentaremos a seguir os dois passos descritos acima em funcionamento para a descrição do item lexical *banco*. O item *banco* é um exemplo

clássico de homonímia, por não haver similaridade entre seus dois sentidos nucleares: ‘instituição financeira’ e ‘assento’. Esses não são, no entanto, os únicos sentidos convencionalmente associados ao item: conforme as figuras 5 e 6 ilustram, ele pode ser associado a dois *polysets* independentes, como os exemplos do *corpus* mostram (quadro 4).

BANCO	
Exemplos	<p>1a. “Ao digitar sua senha do banco para confirmar a operação, o Itaú Shoptline se comunica com a operadora do cartão que autoriza o pagamento ao estabelecimento comercial onde a compra foi feita.”</p> <p>1b. “Nos demais Estados do país a greve nos bancos privados será suspensa a partir desta quinta, segundo a Contraf”.</p> <p>1c. “Nos dias 25, 31 e 1º de janeiro, os bancos ficarão fechados.”</p> <p>1d. “Fácil comodidade para fazer consultas, efetuar pagamentos, transferências e outras transações sem precisar ir ao banco.”</p> <p>2a. Voluntários fazem campanha por banco de órgãos do ABC.</p> <p>2b. O banco de sangue de São Paulo obedece normas nacionais e internacionais de segurança.</p> <p>2c. O banco de olhos não escolhe e nem tem preferência de qualquer espécie, pois a pessoa que irá receber os olhos entrará numa lista de espera seguindo uma ordem cronológica de inscrição.</p> <p>3a. O objetivo principal de um sistema de banco de dados é possibilitar um ambiente que seja adequado e eficiente para uso na recuperação e armazenamento de informações.</p> <p>3b. O banco de imagens <i>on-line</i> que disponibiliza o trabalho de fotógrafos de todo o mundo, e que se destaca pelos preços que pratica para imagens de elevadíssima qualidade: entre um e cinco dólares por imagem.</p> <p>4. Jovem versátil sai do banco e garante vitória no fim do jogo.</p> <p>5. Sua ergonomia é ótima, pois o controle de altura do banco e a regulagem da direção proporcionam uma boa posição para dirigir.</p> <p>6. As doações diárias de sangue não completam as necessidades do banco.</p> <p>7. As andorinhas vêm das ilhas costeiras da costa da América do Norte e Europa e utilizam o banco como parada obrigatória todos os anos, entre setembro e março.</p>

Quadro 4 – exemplos de *banco*

Para ilustrar agrupamento polissêmico 1 associado a *banco*, observemos a figura 5.

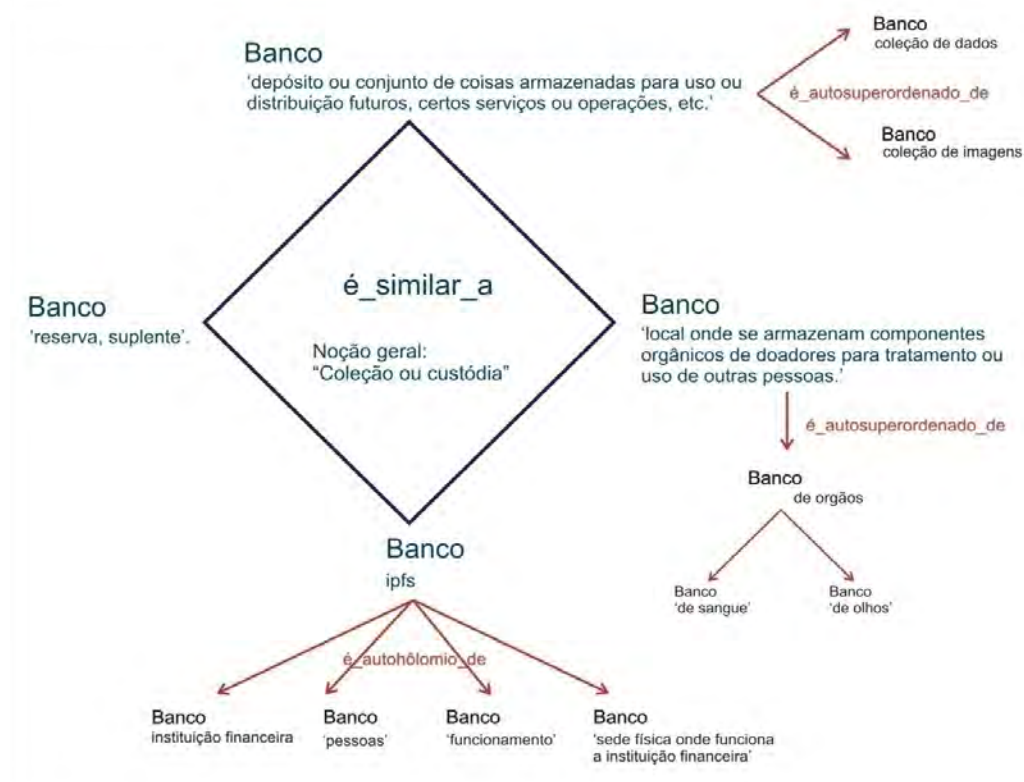


Figura 5 - Poliset1 banco

A figura 5 representa o primeiro *polyset* associado a *banco*. A rede é estruturada em termos de polissemia regular e irregular. Optamos por organizar o conjunto de sentidos identificados para *banco* associados à noção geral 'coleção ou custódia' de algo de valor em diferentes níveis. O primeiro nível relaciona três sentidos por similaridade subjetiva (em azul), que tem como referência a função de armazenamento de algo de valor, são eles: (a) 'depósito ou conjunto de coisas armazenadas para uso ou distribuição futuros, certos serviços ou operações, etc.'; (b) 'reserva, suplente'; (c) 'local onde se armazenam componentes orgânicos de doadores para tratamento ou uso de outras pessoas'; (d) uma 'Instituição Financeira' (representada pela figura pelas

iniciais das facetas de sentidos, *ipfs*, ‘instituição’, ‘pessoas’, ‘funcionamento’ e ‘sede física onde funciona a instituição financeira’.

Um segundo nível de relações associa os sentidos por polissemia regular, no qual os sentidos (c) é o conteúdo esquemático para as leituras codificadas como microssentidos: ‘banco de sangue’ e ‘banco de córnea’, uma relação de polissemia taxonômica por autohiponímia/autosuperordenação. As facetas em (d) (‘instituição’, ‘pessoa’, ‘operação’ e ‘sede física onde funciona a instituição financeira’) estão relacionadas por polissemia metonímia por *automeronímia*. Há regularidade porque outros itens lexicais podem ser descritos como sendo associados a facetas de sentido similares: *escola, creche, universidade*.

A figura 6 ilustra o *polyset2*, e relaciona os sentidos ‘assento’ e ‘aglomeração de areia, conchas, fósseis e detritos de rochas’ por polissemia metonímia. A similaridade que construímos entre os sentidos *banco* como ‘assento’ e ‘aglomeração de areia, conchas, fósseis e detritos’ foi motivada especialmente pela combinação entre a acepção ‘qualquer assento improvisado’ (Borba, 2002). A partir da combinação dessas informações, entendemos que tais sentidos de *banco* associam-se em termos da similaridade subjetiva relacionada à noção geral *função de apoio* ou da similaridade objetiva baseada na forma de um banco do tipo móvel e um banco de areia ou fósseis e detritos. Não percebemos, no entanto, os sentidos acima mencionados como microssentidos de um sentido mais geral em razão do fato de que o uso de um banco de areia, por exemplo, como apoio ou assento constrói-se apenas em situações especiais, como foi o que ocorreu no exemplo (9); fato que impossibilita preenchermos um dos critérios principais da relação de *autohiponímia*, que é a capacidade de unificação do tipo *é-um*. Há alto grau de autonomia e antagonismo entre esses sentidos, configurando-se como sentidos plenos relacionados por polissemia metafórica.

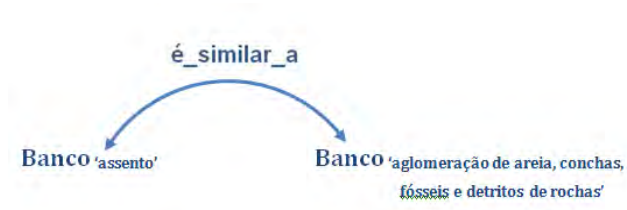


Figura 6 - *Polyset2* banco

6. A face computacional de construção do *polyset*

O *polyset* é facilmente implementado com o editor de ontologias Protégé-OWL. A escolha pela linguagem Ontology Web Language (OWL) deve-se ao fato de que é a linguagem recomendada pela World Wide Web Consórcio (W3C) para a codificação de ontologias em ambientes de Web Semântica. De acordo com essa proposta, as seguintes categorias devem ser codificadas (i) *words*, equivalente à constante; (ii) *wordsense* e *noun wordsense*, equivalente a sentido e sentido de nominais; e (iii) *synsets* e *noun synsets*, categoria que será substituída pelas categorias *polyset* e *noun polyset*. Além dessas informações, o editor permite que sejam codificadas propriedades e relações entre as entidades do tipo (i) e do tipo (ii), possibilitando a codificação das seguintes relações: diferentes sentidos a um mesmo *polyset*, diferentes sentidos a *polysets* distintos, sentidos a sentidos e a propriedade de saliência de sentido.

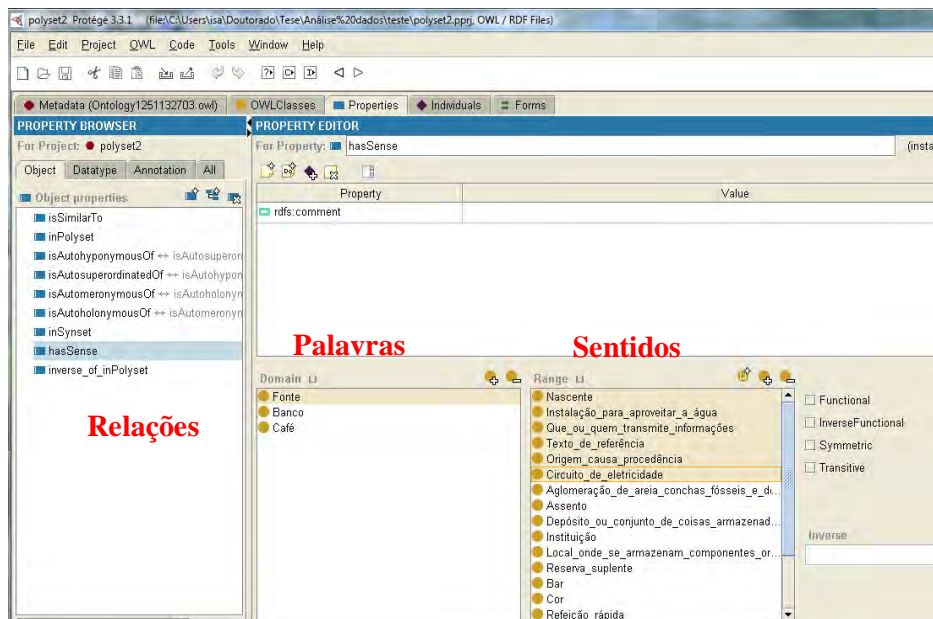


Figura 7 - Protégé-OWL

A figura 7 ilustra a implementação das partes desses elementos: da esquerda para a direita, relação (*relation*), palavra (*word*), sentido (*word sense*).

7. Conclusão

Escolher adequadamente o sentido de um item lexical, ou seja, desambiguar esse item lexical, é tarefa central para uma série de aplicações, entre elas, a de recuperação de informações. Conforme explica Towell e Voorhees (1998), encontrar o(s) documento(s) desejado(s) em um conjunto heterogêneo de textos requer a compatibilização adequada entre a palavra de busca e o conteúdo do documento. Sabe-se que o grau de detalhamento do conteúdo exigido pelos diferentes sistemas de PLN pode variar: em alguns momentos, a intenção pode ser apenas identificar o tópico do texto (sistema de classificação de textos); em outros, a intenção pode ser identificar o texto que contém a chave de busca (sistema de busca de informação); pode haver, ainda, a necessidade de o sistema construir uma resposta a partir da pergunta do usuário (sistema de pergunta e resposta). Portanto, a realização inadequada de inferências sobre o sentido do item lexical a ser delimitado pode levar à recuperação de documentos e informações irrelevantes pelo sistema, tornando-o ineficiente. Tal fato justifica a importância de enriquecer sistemas de recuperação de informação com estratégias de desambiguação fundamentadas em um léxico robusto, tal como as *wordnets*, que possibilitam extensões tais como aquelas discutidas neste trabalho.

Procuramos mostrar aqui, portanto, que uma abordagem flexível como a de redes de polissemia é uma alternativa útil à estruturação de ontologias linguísticas semi-formais por permitir a representação dos sentidos polissêmicos em seus diferentes níveis de generalidade. Destaca-se, por fim, que oferecer uma representação linguístico-computacional da polissemia de nominais útil a sistemas de PLN via *wordnet*, especialmente, WN.Br, é relevante para contribuir para a solução de uma das limitações identificadas nas *wordnets qua*: a relativa baixa densidade de relações.

Referências Bibliográficas

ALVES, I.M.R. (2009) *Polyset: modelo linguístico-computacional para a descrição da polissemia de nominais*. 197f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)—Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

BLANK, A. Polysemy in the lexicon and discourse. In: NERLICH, B. et al (Ed.). *Polysemy: flexible patterns of meaning in mind and language*. Hawthorne, N.Y.: Mouton de Gruyter, p. 267-293, 2003.

Vossen P., Fellbaum C. Universals and Idiosyncracies in Multilingual WordNets, In: Ed. H.C. Boas. *Multilingual FrameNets in Computational Lexicography, Methods and Applications*, Mouton de Gruyter: Berlin, p. 319-346, 2009.

BORBA, F. S. (Coord.). *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

BOYD-GRABER, J.; FELLBAUM, C.; OSHERSON, D.; SCHAPIRE, R. Adding dense, weighted connections to WordNet. In: *Proceedings of the 3rd International WordNet Conference*, Jeju Island, Korea. 2006.

BRUGMAN, C. *Story of over*. M.A. thesis--University of California, Berkeley, 1981.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRUSE, D.A. Polysemy and related phenomena from a cognitive linguistic viewpoint. In: SAINT-DIZIER, P.; VIEGAS, E. (Eds.). *Computational lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 33-49, 1995.

CRUSE, D.A. *Meaning in language: an introduction to semantics and pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DIAS-DA-SILVA, B. C. *A face tecnológica dos estudos da linguagem: o processamento automático das línguas naturais*. 272 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)—Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 1996.

DIAS-DA-SILVA, B. C. Brazilian Portuguese WordNet: a computational-linguistic exercise of encoding bilingual relational lexicons. In.: *International Journal of Computational Linguistics and Applications*, v.1, p.137 – 150, 2010.

- DIAS-DA-SILVA, B. C. O estudo linguístico-computacional da linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, p.103-138, 2006.
- EVANS, V.; GREEN M. *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 2006.
- EVENS, M. W. *Relational Models of the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- FELLBAUM, C. (Ed.). *WordNet: an electronic lexical database*. Cambridge: The MIT Press, p. 23-46, 1998.
- FELLBAUM, C.; MILLER, G.A. *Whither WordNet*. Power Point Presentation, 2007.
- GEERAERTS, D. *Words and other wonders: papers on lexical and semantic topics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- HAMP, B.; FELDWEG, H. GermaNet - a Lexical-Semantic Net for German. In: *Proceedings of ACL workshop Automatic Information Extraction and Building of Lexical Semantic Resources for NLP Applications*. Madrid, 1997.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R.W. *Foundation of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, v.1: Theoretical prerequisites, 1987.
- LANGACKER, R.W. The cognitive basis of grammar. Berlin: Mouton de Gruyter, ed. 2, 395p. , 2002.
- MARRAFA, P. *WordNet do Português: uma base de dados de conhecimento linguístico*. Lisboa: Instituto Camões, 2001.
- MILLER, G.A. Nouns in WordNet. In: FELLBAUM, C. (Ed.). *WordNet: an electronic lexical database*. Cambridge: The MIT Press, p. 23-46, 1998.
- Miller G. A., and C. Fellbaum. WordNet then and now. In. *Language Resources and Evaluation*, 41 (2). 209-214, 2007.
- PÉVOT et al. Ontology and the lexicon: a multidisciplinary perspective. In. HUANG, C. et al. (orgs.) *Ontology and the lexicon*. Cambridge: University Press, 1-25, 2010.
- SANDRA, D.; RICE, S. Network analyses of prepositional meaning: mirroring whose mind – the linguist’s or the language user’s? In.: *Cognitive Linguistics*, v. 6, n. 1, p. 89-130, 1995.
- TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. London: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1995.

TAYLOR, J. R. Polysemy and the lexicon. In. KRISTIANSEN, G et al (Eds.), *Cognitive Linguistics: Current Application and Future Perspectives*. Berlin- New York: Mouton de Gruyter, p. 51-80, 2006.

TOWELL G. e VOORHEES E. M. Disambiguating highly ambiguous words. *Computational Linguistics 24:1*, 1998.

TUGGY, D. Ambiguity, polysemy, and vagueness. In. Dirk G. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. P. 167-184, 2006.

TYLER, A; EVANS, V. Reconsidering prepositional polysemy networks: the case of over. In: NERLICH, B. et al. (Ed.). *Polysemy: flexible patterns of meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 95-160, 2003.

van ASSEM, M., GANGEMI, A., SCHREIBER, G. Conversion of WordNet to a standard RDF/OWL representation. In *Proceedings of LREC2006*, Genova, Italy, 2006.

VOSSSEN, P. (ed) EuroWordNet: a multilingual database with semantic networks. *Computers and the Humanities*, Dordrecht, v. 32., n. 2-3, p. 73-89, 1998.

A emergência da linguagem figurada no discurso sobre violência urbana

João Paulo Rodrigues de Lima²⁹⁹

jptranslater@yahoo.com.br

RESUMO

O mundo, a cognição e a linguagem são entendidos como sistemas instáveis (Sistemas Dinâmicos), que podem ser estabilizados de acordo com as necessidades que configuram o contexto discursivo, assim, os conceitos não são aparentemente pré-definidos, mas emergidos ao longo da interação discursiva entre os interlocutores. Cada interlocutor contribui com o discurso através da sua formação sócio-cultural, que por sua vez tem aspectos individuais e outros compartilhados socialmente. Sendo os sistemas diferentes entre os indivíduos, como estes podem se comunicar de forma compreensível na elaboração dos conceitos? Deve haver algo conceitualmente comum entre eles. Logo, sugere-se que os Sistemas Dinâmicos são constituídos de elementos que uma vez já foram instáveis, mas alcançaram uma estabilidade mais duradoura a partir das experiências básicas corpóreas comuns a todos os seres humanos. A estruturação destas experiências são iguais, básicas e simples a todos os indivíduos – esquemas imagético-cinestésicos (Lakoff, 1987). Todas as pessoas já passaram por experiências em que entendem as noções de PARTE-PELO-TODO, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, CONTAINER, VERTICALIDADE, ENTENDER É VER e ORIGEM-PERCURSO-DESTINO. Segundo os Sistemas Dinâmicos, os agentes se encontram em algum nível de desorganização, que dependendo de fatores contextuais e intencionais, serão ativados, emergidos e estabilizados; estes são elementos sócio-culturais e julgamentos pessoais que permitem a emergência de particularidades durante o desenvolvimento do tema do discurso. Todavia, também se sugere a existência de estruturas mais profundas, mais básicas e mais simples que os componentes sócio-culturais, organizadas desde as primeiras experiências no mundo. A metáfora não pode ser mais estudada somente a partir de um âmbito conceitual, mas percebe-se que ela é muito mais coletiva e discursiva, isto é, como estados dinâmicos dos elementos que foram ativados e emergidos durante o discurso dos interlocutores – metáforas sistemáticas (Cameron, 2007). Conclui-se que a emergência da linguagem figurada dá-se em dois níveis: discurso e cognição em contínua dinamicidade na construção de conceitos sobre violência urbana, o qual foi o tema de estudo escolhido, devido à preocupação em contribuir com possíveis soluções a uma das temáticas mais rotineiras na mídia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Sistemas Dinâmicos; Esquemas Imagéticos; Metáforas Sistemáticas

²⁹⁹ Universidade Federal do Ceará, CE

ABSTRACT

The world, language and cognition are understood as unstable systems (Dynamic Systems), which can reach stability as the needs come up in the discourse. Thus, the concepts are not apparently pre-defined, but they emerge as the interaction between the interlocutors flows in the conversation. Each person contributes to the discourse with his or her socio-cultural background, which, for instance, has some individual aspects and some others that are shared socially. If the individual systems are not exactly the same, how can the interlocutors communicate in a comprehensible way, elaborating concepts? There must be something conceptually in common between them, beyond the cultural background. Then, it is suggested that the Dynamic Systems are constituted of elements that once were unstable, but now they have reached a more lasting stability due to basic bodily experiences common to all human beings. The structuring of these experiences are the same, basic and simple to all people – image-kinesthetic schemas (Lakoff, 1987). Every person has been through experiences that allow them to have the notions of PART FOR THE WHOLE, LINKING, CENTER-PERIPHERY, CONTAINER, VERTICALITY, UNDERSTANDING IS SEEING and SOURCE-PATH-GOAL. According to the Dynamic Systems, the agents are found in some level of disorganization, which depends on the contextual and intentional reasons to be activated, emerged and stabilized; these are socio-cultural elements and personal judgments that allow the emergence of particularities along the development of the discourse topic. However, it is also suggested that there are some deeper, simpler and more basic cognitive structures organized since the first bodily experiences in the world. The metaphor phenomena can no longer be studied only through a conceptual view, but metaphors are more discursive and collective, meaning they are dynamic states resulted of the activated and emerged elements along the discourse – systematic metaphors (Cameron, 2007). It can be concluded the emergence of figurative language belongs to two levels: discourse and cognition in continuous dynamicity to construct the concepts on the urban violence topic, which was chosen due to the possible contributions this paper may offer to one of the most recurrent topics in the Brazilian media nowadays.

KEYWORDS: Dynamic Systems; Image Schemas; Systematic Metaphors

Introdução

A violência tem se firmado como um fenômeno presente internacionalmente, assumindo aspectos diferenciados, com propósitos dos mais diversos, quer sejam particulares ou políticos, por exemplo. Entre os tipos de violência, destacam-se atos como o terrorismo, os assaltos nas cidades, as guerras, o seqüestro, o estupro, o assassinato, a tortura etc. Como é possível perceber, a violência não se caracteriza por afetar somente o físico ou o material, mas também o psicológico e, por isso, merece ser estudada com a finalidade de se buscar medidas de segurança mais eficazes no combate a estes atos. Debates incessantes sobre o tema têm se insurgido no cenário mundial, quer seja no Direito, como na Sociologia, na Psicologia, no Jornalismo, na Política e em

outras áreas. Aqui, o tema é abordado visando uma análise lingüística, cognitiva e social, descrevendo os conceitos e sentimentos que afligem as vítimas da cidade de Fortaleza, Ceará.

O termo violência vem do latim *vis*, que quer dizer força. De acordo com o Dicionario de la Real Academia (1970, p. 37), violento é aquele que “está fora do seu estado, situação ou modo natural, que age com ímpeto e força ... que age contra a regularidade, ou fora da razão ou justiça”³⁰⁰. A violência se caracteriza como a aplicação da força contra si e contra outro, sendo todos deslocados de sua normalidade. Ser vítima direta ou indireta de agressões produz mudança de comportamento, reconfigurando a normalidade das pessoas. Martin-Baró (2003) ressalta a diferença entre agressão e violência: esta entendida como a força que desloca os indivíduos de sua condição normal, a primeira, como a força que produz danos a outra pessoa, sendo também uma forma de violência. Estes danos podem ser de ordem moral, psicológica, física, emocional etc. Os danos são as razões que levam o indivíduo a mudar seus comportamentos, procurando evitar a repetição da situação violenta. Às vezes, tal mudança é capaz de provocar mais agressão que, por sua vez, gera mais violência.

A violência apresenta múltiplas formas que, segundo Lubek (1979 apud Martin-Baró, 2003, p. 80), trata-se de “um conjunto mutável de condutas e atitudes, ao invés de um esquema comportamental bem definido”³⁰¹. Dentre os diversos tipos de violência, Martin-Baró (2003) aponta a violência educativa, na qual os pais e professores obrigam as crianças a fazerem certas atividades, a violência interpessoal que é caracterizada pela agressão interpessoal, isto é, o ataque moral, psicológico ou físico a outra pessoa por raiva ou ira, a violência pessoal, que é realizada para fins pessoais, cumprir determinada obrigação, por exemplo, quando se executa um ato violento para atender necessidades físicas, sobrevivência.

A violência é um fenômeno que engloba fatores individuais e sociais, portanto deve ser observada holisticamente. Devido ao seu caráter histórico, ela não pode ser entendida fora do seu contexto social e cultural: “A necessária vinculação entre violência e justificação obriga a examinar o ato de violência no marco dos interesses e

³⁰⁰ o aquello que está fuera de su natural estado, situación o modo. Que obra com ímpetu y fuerza .. que se ejecuta contra el modo regular o fuera de razón y justicia. RAE. Dicionario de la lengua española. Madrid: Real Academia Española, 1970, 37

³⁰¹ un cambiante conjunto de conductas y actitudes, no de esquema comportamental permanente y bien definido.

valores concretos que caracterizam cada sociedade ou cada grupo social em um determinado momento de sua história”³⁰² (Martin-Baró, 2003, p. 81). Haber e Seidenberg (1978 apud Martin-Baró, 2003, p. 90) também corroboram com a construção social da violência, listando alguns fatores que torna sua ocorrência justificável:

(...) a violência é construída socialmente, no sentido de que cada ordem social estabelece as condições que se pode produzir a violência de forma justificada. Este processo de construção social depende de quatro fatores e circunstâncias que não residem no próprio ato de violência: a) o agente da ação: tem que ser considerado como um agente legítimo para realizar esse ato violento, o que significa que o poder estabelecido oferece o “direito” de exercer essa força; b) a vítima: quanto mais baixo o status social de uma pessoa ou grupo, mais facilmente se aceita a violência contra elas; c) a situação em que se realiza: um ato de violência com o qual a pessoa se defende de outra agressão parece ser mais justificável que um ato de violência realizado por si mesmo como expressão passional ou por outros objetivos; d) o grau do dano feito na vítima: quanto maior o dano produzido na vítima, mais justificável aparenta ser o ato de violência.³⁰³

Falar de perspectiva social é também falar de como entender o outro, é discutir a relação agressor-vítima-motivos. A violência produz nos indivíduos uma imagem distorcida do outro, provocando uma mudança comportamental que desestabiliza e estabiliza o sistema novamente. A partir das mudanças comportamentais, o outro passa a ser visto como inimigo, em outras palavras, há a construção da imagem do inimigo, desconstruindo o ser: “trata-se de um processo que varia entre a polarização e a desumanização da vítima: o estereótipo do inimigo”³⁰⁴ (Martin-Baró, 2003, p. 88). Todo ser humano é constituído de traços positivos e negativos. Quando observado somente de uma perspectiva negativa, com os seus traços negativos amplificados, os positivos são ofuscados e pode-se dizer que há o processo de desumanização: deixa ser humano para ser alguma outra coisa repleta de negatividade, um instrumento para as outras pessoas.

³⁰² La necesaria vinculación entre violencia y justificación obliga a examinar el acto de violencia en el marco de los intereses y valores concretos que caracterizan a cada sociedad o a cada grupo social en un momento determinado de su historia.

³⁰³ (...) la violencia es construida socialmente, em el sentido de que cada orden social establece las condiciones en que se puede producir la violencia de forma justificada. Este proceso de construcción social depende de cuatro factores y circunstancias que no residen en el acto mismo de violencia: a) el agente de la acción: tiene que ser considerado como un agente legítimo para realizar ese acto violento, lo que significa que el poder establecido le haya dado el “derecho” de ejercer esa fuerza; b) la víctima: cuanto más bajo el estatus social de una persona o grupo, más fácilmente se acepta la violencia contra ellos; c) la situación en que se enmarca: un acto de violencia con el que una persona se defiende contra una agresión, resulta en principio más justificable que un acto de violencia buscado por sí mismo como expresión pasional o instrumento de otros objetivos; d) el grado del daño producido a la víctima: cuanto mayor sea el daño producido a la víctima más justificado tiene que aparecer el acto de violencia.

³⁰⁴ (...) se trata del proceso que media entre la polarización y la deshumanización de la víctima: el estereotipo del enemigo.

A construção da imagem do outro e do conceito cognitivo de violência dá-se socialmente, daí a análise de tal fenômeno a partir de uma perspectiva sócio-cognitivista, onde são considerados os conceitos particulares que constroem ou já foram construídos a partir da interação do indivíduo no meio social. Entende-se também a sociedade como um Sistema Dinâmico Complexo, em que a violência, como um agente, é capaz de alterar as configurações desse sistema, de modo que venha desestabilizá-lo e logo após estabilizá-lo com outros parâmetros: uma sociedade mais temerosa, mais fechada e/ou mais agressiva.

1. Sistemas dinâmicos complexos

Aplicada em diversos campos do saber, tais como a lógica, a matemática, a biologia, a filosofia, as ciências humanas e cognitivas, a Teoria dos Sistemas Dinâmicos tem recentemente também tocado nas questões relativas à corporificação (os problemas sobre a relação mente-corpo) e a fenomenologia (a intencionalidade) (Walmsley, 2008). Os sistemas dinâmicos abordam a noção ecológica do comportamento humano. Um sistema dinâmico complexo é composto de vários tipos diferentes de agentes ou elementos que interagem dinamicamente por meio de diferentes relações e conexões. É dito complexo, não somente devido à multiplicidade de elementos e conexões entre os componentes, mas, pelas mudanças que constantemente ocorrem nas relações entre os elementos, o que resulta em auto-organizações e emergências. Isto mostra que os sistemas complexos não são sistemas fechados, auto-contidos, mas estão abertos a novas energias e interagem com elementos externos e internos a eles próprios, estando altamente propensos a mudanças. É desta instabilidade que decorrem adaptações e evoluções no sistema, o que equivale a dizer que o sistema dinamicamente se adequa ou muda a ponto de fazer emergir uma nova ordem. As mudanças podem acontecer de forma suave e contínua ou podem ser repentinas à medida que o sistema muda de comportamento.

Os Sistemas Adaptativos Complexos são compreendidos através de suas diversas propriedades. Aqui estão algumas consideradas as mais importantes:

- a. **Emergência:** a interação entre os agentes não se dá de maneira controlada ou planejada, mas de forma aparentemente aleatória, caótica, emergindo comportamentos e padrões variados no sistema.

- b. **Co-evolução:** todo sistema está contido em seu ambiente, que se este mudar, o sistema também deve mudar para que sobreviva nesta nova configuração do ambiente. O sistema tem a capacidade adaptativa de acordo com as mudanças sofridas no ambiente.
- c. **Sub-ideal:** o sistema não precisa ser perfeito para se adequar ao seu ambiente, basta que seja melhor que outras possibilidades para adaptar-se temporariamente ao ambiente.
- d. **Variedade:** se o sistema tem a capacidade de variar muito, isso o torna forte. Quanto mais flexível o sistema for, mais garantida será a sua sobrevivência.
- e. **Conectividade:** as relações entre os agentes são geralmente mais importantes que os próprios agentes, pois estas relações são o que na verdade os especificam.
- f. **Regras Simples:** para que a variedade seja possível e posteriormente encontre a sua auto-organização temporária, é necessário um número mínimo de regras. Os Sistemas Adaptativos não são complicados, exigem regras simples para as possibilidades de equilíbrio sejam diversas. O discurso é regido por regras mínimas (os papéis sociais, por exemplo) para que possibilite as mais variadas interações entre os participantes.
- g. **Auto-organização:** não controle ou planejamento, mas uma série de adaptações do sistema para encontrar o melhor ajuste com o ambiente.
- h. **Iteração:** pequenas mudanças nas condições iniciais do sistema podem ter efeitos significativos nas emergências dos novos comportamentos e padrões.
- i. **Sistemas Aninhados (*Nested Systems*):** os sistemas se encontram aninhados em outros sistemas que, por sua vez, também estão contidos em outros sistemas, e assim sucessivamente. No momento da interação discursiva, outros sistemas estão aí aninhados, como por exemplo, os sistemas sócio-culturais e cognitivos de cada indivíduo.

A Teoria dos Sistemas Dinâmicos oferece um modo de pensar o mundo e a vantagem de realizar análises para além dos dados, ao prever que possíveis organizações o sistema poderia ter tomado (como se fosse uma bifurcação de possibilidades), e descobrir que elementos específicos causam desestabilização no sistema, ou seja, uma sequência de estados, uma trajetória através do espaço: “Dado um estado inicial, a sequência temporal de estados determinada pela lei dinâmica constitui uma trajetória por meio do espaço” (Walmsley, 2008, p. 343)³⁰⁵. John Holland (1998 apud Walmsley, 2008) afirma que são as leis da mudança que especificam a sucessão de estados; porém para elaborar um modelo dinâmico, deve-se procurar por leis imutáveis que promovem configurações mutáveis.

Para um entendimento adequado de representações sócio-cognitivas relacionadas ao fenômeno da violência urbana, é necessário entender os modos de conceitualização do fenômeno, ou seja, o uso da linguagem na forma de metáforas, metonímias, imagens, esquemas corpóreos, como elementos integrantes de sistemas sócio-cognitivos complexos, com os quais fatores neurofisiológicos, psicológicos, ecológicos e sócio-culturais interagem dinamicamente.

2. Uma nova concepção de metáfora

Por muitos anos, a metáfora foi entendida como um recurso retórico para estabelecer comparações entre fatos, entidades e coisas. Em 1980, Lakoff & Johnson propõem uma nova visão sobre a metáfora, que passa a não ser mais concebida como acessório linguístico, mas como uma forma de pensamento. A metáfora se constitui como um processo mental para expressar mensagens de sentido figurado a partir de domínios experienciais básicos. Assim, ela é chamada de conceitual, por operar, cognitivamente, com conceitos abstratos e concretos, revelando-se lingüisticamente. Trata-se de um mapeamento entre dois domínios: o domínio-fonte (mais concreto, de onde partem todas as noções básicas para expressar o outro domínio) e o domínio-alvo (mais abstrato, que se beneficia dos termos concretos para poder ser expresso).

³⁰⁵ Given an initial state, the temporal sequence of states determined by the dynamical law constitutes one trajectory through the space.

A crítica que se faz a este modelo bidimensional é o fato de que nem todos os elementos pertencentes a um domínio-fonte são mapeados para o domínio-alvo, quando, na verdade, deveriam ser, pois pressupõe que há uma correspondência conceitual direta, unidirecional e completa entre estes domínios. Além disso, sendo as metáforas um encadeamento conceitual amplo, não se entende porque sua distribuição é irregular e inconsistente na linguagem, ou seja, não é uma suposta estrutura cognitiva que converge conceitos, limitada a um trecho específico do discurso, mas que, de fato, pode ser verificada em diferentes trechos elaborados em diferentes momentos do discurso, por interlocutores distintos (Cameron & Deignan, 2009).

A metáfora conceitual já se apresentou até então problemática ao restringir o caráter imaginativo da linguagem à cognição. Cameron (2007) discute uma compreensão de metáfora pertencente ao nível do discurso, e sua análise deve ser feita através do mesmo. Portanto, a metáfora aparenta ser algo muito mais linguístico que cognitivo, o uso da linguagem é o que motiva o aspecto imaginativo da mente humana, através das trocas conceituais. Os elementos linguísticos que evidenciam as metáforas (veículos metafóricos) não aparecem mais estanques, mas distribuídos ao longo do discurso, de modo que, ao observar suas recorrências e distribuição, infere-se a presença de uma ou mais metáforas na elaboração de conceitos. Estas metáforas são denominadas por Cameron (2007) como metáforas sistemáticas: emergentes do próprio discurso.

A teoria dos Sistemas Dinâmicos prevê que existem caos organizados, isto é, que de elementos que estão aparentemente desorganizados podem emergir um comportamento padrão de acordo com a exigência do contexto, como já foi abordado anteriormente. Adotando esta perspectiva para a análise metafórica no discurso (Cameron, 2007), a interação discursiva apresenta-se como um caos que vive em constante desestabilização e estabilização. Quando os participantes contribuem com suas particularidades pragmáticas e cognitivas, há a instauração ou reformulação de um conhecimento sócio-cultural, como afirma a autora: “Sistemas Dinâmicos são individuais e sociais. A conversa face-a-face é um sistema complexo surgindo da interação e co-adaptação dos sistemas discursivos individuais” (Cameron, 2007, p. 111)³⁰⁶. Porém, para que haja a efetiva comunicação entre os indivíduos de uma situação discursiva, deve haver elementos do Sistema Dinâmico que são previamente

³⁰⁶ Discourse systems are individual and social. Face-to-face conversation is a complex system arising from the interaction and co-adaptation of individual discourse systems.

compartilhados, ou talvez, universais e cognitivamente estruturados, mas ao mesmo tempo abertos às particularidades culturais, permitindo a potencial organização do caos.

Lakoff (1987, 1999) afirma que os seres humanos passam por vivências básicas com o corpo, de modo que venham a elaborar esquemas mentais que podem ser utilizados para, mais tarde, compreender noções mais abstratas. Essas experiências, comuns em todas as culturas, são denominadas de esquemas imagético-cinestésicos, isto é, de base sensório-motora. Apesar de tal universalidade, o modo como virão a se manifestar linguisticamente será determinado pelos aspectos sócio-culturais do discurso, pois estes mesmos esquemas estão abertos a se adequarem a representações sócio-culturais.

Os esquemas imagético-cinestésicos possuem base sensório-motora, que instigam a criação de imagens (mentais, visuais, de movimento) evocadas para a compreensão e produção. Isto explica porque as pessoas entendem e produzem sentenças como “Meu coração arde de tanto ódio que vou explodir” ou “Coloque suas idéias para fora”. Estas sentenças claramente refletem as imagens presentes no pensamento, podendo ser talvez traduzidas como: RAIVA É UM FLUIDO QUENTE PRESSURIZADO e CORPO É RECIPIENTE, respectivamente (Gibbs, 2003). O ser humano não percebe isto ao enunciar tais frases, mas estes processos ocorrem mentalmente devido a estruturas esquemáticas construídas na sua cognição. Lakoff (1987) lista alguns esquemas:

a. Esquema Recipiente (*container schema*): o corpo humano experiencia tanto ser um recipiente como também estar dentro de um. Este esquema define a distinção mais básica de, por exemplo, dentro e fora. Inúmeras são as experiências diárias de interioridade e exterioridade com o corpo: inspirar e expirar, estar dentro de um quarto ou fora deste, ingerir e expelir etc. Daí, algumas expressões são elaboradas, usando elementos estruturais que se referem a limites, interioridade e exterioridade. Por exemplo, em um texto, é possível ler expressões que situam o assunto *dentro* de parágrafos ou frases: “no próximo parágrafo”, “nesta sessão” etc. Ou seja, o abstrato está sendo dito através de noções básicas e concretas.

b. Esquema parte-pelo-todo (*part-whole schema*): o corpo é constituído de partes que se ligam e formam o conjunto. Frequentemente, fala-se de família como as partes (os filhos, os pais, os avós e netos) que constituem uma família (o todo). Um

casal que se divorcia, está se separando, ou seja, antes era um todo que se desvencilhou em partes.

c. Esquema de ligação (*link schema*): a primeira ligação que o corpo humano experimenta é a do cordão umbilical. Vale observar que as pessoas geralmente falam de relacionamentos em termos de ligação: “cortar os laços familiares ou de amizade”, “desligar-se de uma empresa” etc.

d. Esquema central-periférico (*center-periphery schema*): o corpo possui partes que são mais centrais (tronco, coração e outros órgãos internos) como também partes que são consideradas extensões (mãos, dedos, pés, braços e pernas). Nota-se que o que é central é mais importante, por exemplo, se uma árvore perde as suas folhas, ela ainda continua sendo árvore, mas se perde o seu tronco, deixa de existir. Metáforas também são produzidas no cotidiano que usam esta imagem, como por exemplo, quando se fala de teorias – elas têm seus pontos centrais e seus princípios periféricos.

e. Esquema origem-percurso-meta (*source-path-goal schema*): o corpo constantemente se locomove, sai de um determinado ponto em direção a um destino. Todas as vezes que se expressa em termos de origem, percurso, direção e destino, este esquema é acionado. Por exemplo, é possível ouvir pessoas em palestras usando expressões como “vamos para o próximo tópico”, “seguindo a diante”, “vamos pular esta sessão” etc. Ao falar de objetivos e propósitos, é possível identificar expressões como “chegar ao objetivo final”, “não se desvie dos seus propósitos”, “continue a jornada até atingir as suas metas” etc.

Violência pode também ser definida como a distribuição de força física a outro indivíduo ou uma coação psicológica direcionada ao outro. Portanto, os conceitos de FORÇA FÍSICA e COAÇÃO são vistos como deslocados, ou em trajeto, para o corpo de outra pessoa, justificando talvez o uso deste esquema para entender o conceito de VIOLÊNCIA: um indivíduo (origem) que desloca (impõe) a COAÇÃO e/ou FORÇA FÍSICA a outro sujeito (meta).

f. Esquema de verticalidade (*verticality schema*): a posição ereta do corpo humano também auxilia na expressão linguística de noções abstratas. Os conceitos de PARA CIMA SER MAIOR QUANTIDADE e PARA BAIXO SER MENOR QUANTIDADE são constantemente observáveis na linguagem. Quando alguém afirma que “as ocorrências de violência urbana estão subindo”, ou que “as projeções gráficas

de violência urbana apontando para baixo indicam a diminuição desses índices”, mostra a estreita relação entre verticalidade e quantidade. O corpo humano experimenta o seu desenvolvimento e crescimento para cima, por isso há a associação esquemática mental desses dos conceitos de verticalidade e quantidade.

Turner (1991) também comenta sobre os esquemas imagéticos como “representações esqueléticas”, estruturas simples que formam imagens mentais a partir das experiências. Ele acrescenta alguns esquemas aos já sugeridos por Lakoff (1987): superfície plana, movimento para frente, contato, orientação para cima e para baixo, orientação para frente e para trás, expansão e outros³⁰⁷.

Uma noção muito próxima dos esquemas de imagem é a das cenas primárias de Grady (1997). As cenas primárias podem ser definidas como as experiências subjetivas de um evento básico, formadas a partir da correlação entre o aspecto perceptual do evento e reação cognitiva do indivíduo a esta percepção. Por exemplo, quando alguém se aproxima de algum desconhecido, geralmente mantém-se uma espécie de distância de “segurança”, respeitando o espaço do outro indivíduo. Mas, quando alguém chega muito próximo de outra pessoa, isto sugere que há um nível de intimidade entre os dois indivíduos, mudando até o comportamento desta pessoa e permitindo o contato físico. Portanto, a proximidade (que é um evento básico) sugere intimidade (a resposta cognitiva). Estas dimensões discretas e individuais da experiência humana – proximidade e intimidade – são denominadas de subcenas³⁰⁸ (Grady, 1997). Estas cenas primárias são condições de existência para as metáforas primárias, que são metáforas cognitivamente mais básicas que as conceituais, já que são produtos de eventos e correlações básicas. Porém, entende-se aqui, nesta pesquisa, que a metáfora não está somente carregada de aspectos cognitivos, mas também sócio-culturais, históricos e particulares, os quais não estão previstos na teoria da metáfora primária, por ser este resultado de experiências universais. Portanto, a metáfora é pertencente ao discurso situado culturalmente e é fomentada com a cognição (cenas primárias ou esquemas de imagem). Daí, concordar parcialmente com as propostas de Grady (1997) e de Lakoff (1987), respectivamente.

³⁰⁷ Flat surface, forward motion, contact, up-down orientation, front-back orientation, expansion and others.

³⁰⁸ subscenes

Vale ressaltar que esquemas imagéticos não são cenas primárias e/ou vice-versa. Os esquemas se comportam como uma abstração cognitiva das experiências básicas do ser humano, enquanto as cenas primárias aparentam ser uma conceptualização básica a partir da correlação entre o evento básico e a resposta cognitiva. Na busca da universalidade, Grady (1997) procurou por estruturas que fossem tão simples e contidas em si mesmo, ao ponto de isolar fatores culturais, históricos e geográficos. Para o mesmo, isto contraria a proposta dos esquemas de serem estruturas cognitivas básicas e simples. No entanto, é importante lembrar que por mais básico que seja o evento, ele sempre estará situado em uma cultura, localização e história específicas. O próprio teórico admite que “os esquemas de imagem (...) podem incluir representações de conceitos que são altamente dependentes da cultura, geografia e história”³⁰⁹ (Grady, 1997, p. 188). Por serem estruturas cognitivas abertas a representações sócio-culturais, prefere-se aqui trabalhar com os esquemas imagético-cinestésicos como agentes pertencentes a um sistema dinâmico e repleto de conexões com outros agentes, dentre eles culturais.

As estruturas mentais não são arbitrárias ou já nascem prontas, mas são motivadas e construídas socialmente através das vivências situadas com o corpo, as quais são tão básicas que todo ser humano já as experimentou. Os esquemas imagéticos revelam importante evidência de que o pensamento abstrato é uma questão de: (a) a razão ser baseada na experiência corpórea, (Lakoff, 1987) e de (b) a figuratividade da linguagem ativar conceitos concretos para expressar o abstrato.

De acordo com Cameron (2007), as emergências de linguagem figurada envolvem, além de processos lingüísticos em si, processos cognitivos, os quais não são especificados pela autora, já que sua análise é estritamente voltada para o plano discursivo. A fim de investigar se a emergência metafórica realmente se dá em via de mão dupla (discurso-cognição e cognição-discurso), há o interesse aqui de saber: a. se os veículos metafóricos possibilitam a emergência de metáforas sistemáticas através de um processo metonímico; b. se é possível encontrar esquemas imagético-cinestésicos ao longo da construção das metáforas sistemáticas no discurso; e c. a frequência destes esquemas de imagem durante esta construção, se eles realmente aparecerem durante as emergências metafóricas. Acredita-se aqui, de antemão, que os esquemas imagético-

³⁰⁹ (...) image-schemas (...) can include representations of concepts which are highly dependent on culture, geography, and history.

cinestésicos sempre participam na construção de sentido das metáforas sistemáticas, junto com os veículos metafóricos. Além disso, entende-se que a emergência de metáforas sistemáticas ocorre por meio de processos metonímicos vinculados a veículos metafóricos, que estão agrupados sob um mesmo tópico.

3. Sistemas dinâmicos e metáforas a partir do discurso

Cameron (2007) acredita que para se compreender a metáfora é necessário estudá-la no seu uso dialógico como parte integrante do uso da língua, por sua vez, igualmente entendida como sistema dinâmico complexo e não como instanciação de uma competência fixa e pré-existente. Como já foi esclarecido, será adotada esta postura, porém não será desprezada a competência mental e neural que se mostra bastante significativa nos estágios iniciais do desenvolvimento cognitivo necessário para uma atuação efetiva no discurso posteriormente. Pensamento e fala são processos dinâmicos que requerem interpretação constante por parte dos participantes e o ajuste a partir dessa compreensão à medida que intenções e emoções evoluem no fluxo do discurso. Na opinião de Gibbs e Cameron (2007),

“as abordagens dinâmicas enfatizam a dimensão temporal dos processos sociais e cognitivos e as maneiras que um comportamento de um indivíduo emerge a partir da interação cérebro-corpo-ambiente, incluindo a interação com outros sujeitos. Os padrões comportamentais simples e complexos, incluindo o desempenho metafórico no discurso, são produtos super ordenados e emergentes de processos que se auto-organizam. Assim, o comportamento surge da freqüente interação não-linear entre os componentes de um sistema, ao invés de mecanismos cognitivamente e neurologicamente especializados”³¹⁰. (GIBBS & CAMERON, 2007, p. 4)

As metáforas emergem no discurso como tentativas de estabilizar a dinâmica e a variabilidade discursiva. Conseqüentemente, padrões metafóricos são gerados quando os interlocutores assumem um “pacto conceptual” de como falar sobre determinados

³¹⁰ Dynamical approaches emphasize the temporal dimension of social and cognitive processes and the ways in which an individual’s behavior emerges from the interaction of brain, body and environment, including interactions with other persons. Simple and complex behavior patterns, including metaphor performance in discourse, are higher-order, emergent products of self-organizing processes. Thus, purposive behavior arises from the usually nonlinear interaction of a system’s components rather than from specialized cognitive or neurological mechanisms.

tópicos. São as metáforas que são situadamente “escolhidas” para tópicos, contextos e interações discursivas específicas através do discurso freqüente sobre este ou aquele tópico. Espera-se observar metáforas frequentes no discurso a ser coletado sobre a violência urbana. Com base nisto, as metáforas não possuem significados similares em contextos diversos, mas são dinamicamente recriadas, dependendo das histórias particulares de cada participante na ação discursiva.

Gibbs & Cameron (2007) comparam o sistema dinâmico a um jogo de sinuca. No jogo, a bola que é usada para rebater outras modifica o jogo e precisa ser rebatida de acordo com a configuração do jogo atual. Duas tacadas nunca são iguais, pois elas dependem desta configuração, da mutável natureza do jogo. O mesmo ocorre para as metáforas, que nunca são idênticas ou simplesmente armazenadas na memória, sendo relativo o seu uso e dependentes da natureza do discurso que se configura no momento de interação.

As análises de Cameron (2007) foram realizadas a partir do discurso de reconciliação entre vítima e agressor, através de uma conversa face-a-face, método entendido como “conversar-e-pensar”³¹¹. Um membro do IRA³¹² explodiu um hotel onde estavam reunidos líderes do governo inglês. Dentre eles, o pai da vítima que, anos depois, decidiu ter esse encontro com o autor do atentado para entender os motivos e razões que o levaram a cometer o crime. Cameron (2007) analisa as metáforas que emergem durante o discurso, e é interessante ressaltar como elas são negociadas durante as falas dos interlocutores. Cameron (2007) chama de veículos metafóricos aquilo que pode ser entendido como um item lexical que tem seu significado contrastado com o significado que se apresenta no contexto discursivo, isto é, um significado situado para determinado discurso. Em um primeiro momento, quando o veículo emerge, há certa instabilidade no discurso, até o momento em que o outro utiliza o mesmo veículo metafórico ou expressões relacionadas a ele para comunicar os seus sentimentos e pensamentos: “A introdução de veículos no texto pareceu criar um tipo de força

³¹¹ Em inglês, a autora denomina este método como *talking-and-thinking*, justificando a hifenização devido à inseparabilidade entre linguagem e pensamento.

³¹² *Irish Republican Army*: grupo militante contra o domínio político inglês sobre a Irlanda do Norte

cognitiva centrífuga que abre *links* potencialmente infinitos para outros conceitos (...)” (Cameron, 2003, p. 191)³¹³.

Ao longo do desequilíbrio do sistema discursivo, os veículos atravessam o que é denominado de mudança metafórica³¹⁴ (Cameron, 2008), um fenômeno da metáfora em uso. Quando as pessoas estão envolvidas em um diálogo, elas raramente produzem metáforas que estejam contidas em uma só afirmação, mas observa-se que elas estão distribuídas, ajustadas e desenvolvidas ao longo das várias sentenças. “Os tipos de mudança metafórica identificados aqui nos mostra algumas das possibilidades disponíveis aos falantes e seus resultados em contextos discursivos particulares”³¹⁵ (Cameron, 2008, p. 60). Estes são:

- a. O *reemprego* do veículo metafórico: quando o mesmo termo ou um item lexical semanticamente próximo é reutilizado com um tópico diferente. Isto é, há o que é chamado de mudança da referência tópica, e também ocorre a *apropriação metafórica* (quando outro participante faz uso deste mesmo veículo em outro tópico discursivo).
- b. O *desenvolvimento* do veículo metafórico: quando o mesmo termo é repetido, explicado, exemplificado, contrastado e/ou relexicalizado dentro do mesmo tópico discursivo ou em tópicos conexos.
- c. A *literalização* do veículo metafórico: quando um termo tem o seu simbolismo carregado do seu uso literal. Isto é, metonimicamente, o veículo contextualiza tópicos discursivos aparentemente distantes, inserindo-os em um só tópico ao servir como “ponte” e símbolo para o novo tópico.

O resultado de um conjunto acumulado de veículos conectados ou relacionados é denominado como metáfora sistemática emergente. A metáfora sistemática emergente é a estabilização temporária na dinâmica discursiva e pode variar na frequência, nas formas gramaticais e lexicais, e no significado, além de permitir revisitar o tópico através de termos relacionados a ela durante a progressão do discurso. Estas metáforas são mais específicas e adequadas ao discurso que as metáforas conceituais (Lakoff &

³¹³ The introduction of Vehicle terms into the text seemed to create a kind of centrifugal cognitive force that opens up potentially endless links to other concepts (...).

³¹⁴ A terminologia utilizada pela autora é *Metaphor shifting*.

³¹⁵ The types of metaphor shifting identified here show us some of the possibilities available to speakers and their outcomes in particular discourse contexts.

Johnson, 1980); por exemplo, o discurso de reconciliação analisado por Cameron (2007) apresenta a metáfora sistemática específica RECONCILIAÇÃO ENVOLVE A MUDANÇA DE UMA IMAGEM DISTORCIDA DO OUTRO, o que é mais evidente no discurso do que a metáfora COMPREENDER É VER.

Os termos-veículo são a dinamicidade da progressão discursiva e mantêm o sistema aberto às mudanças por parte de fatores externos (sócio-históricos) e internos (mentais, crenças particulares etc). Eles potencializam links infinitos a outros conceitos (Cameron, 2008). A reutilização destes veículos se assemelha a propriedade de “multivalência” dos átomos e moléculas, já que eles possuem a capacidade de funcionar estabilizadamente com diferentes Tópicos Discursivos (os assuntos que estão sendo discutidos pelos interlocutores na interação). A multivalência sugere a dinamicidade do sistema discursivo. Trabalhar com a noção de termos veículos ao invés de palavras apresenta a vantagem de observar não significados estanques, mas metáforas inseridas em metáforas que emergem em tempo real.

4. As relações entre metonímia e metáfora

De modo geral, entende-se a metonímia como mais um recurso de linguagem figurada, que se refere a uma parte, a um elemento ou a um aspecto de determinado conceito expressando a totalidade deste mesmo conceito, isto é, pode-se falar do todo através das partes que o integram. Conforme os exemplos abaixo:

(1) O Itamarati está disposto a realizar novas ações diplomáticas.

(2) A universidade entrou em greve mês passado.

Entende-se, no exemplo 1, que o Itamarati não se refere ao lugar literalmente, mas ao governo federal, o qual, por sua vez, está situado em Brasília, no chamado Palácio do Itamarati. O local remete ao presidente e aos seus ministros. Semelhantemente, ocorre no exemplo 2, em que a universidade em si não pode entrar em greve, mas aqueles que nela trabalham, estes sim, podem parar suas atividades. Portanto, nos exemplos anteriores, há uma extensão do traço de lugar para figuradamente referir-se àqueles que lá se encontram e desempenham suas funções – metonímia.

“A metonímia pode exercer um papel vital na gênese das expressões metafóricas”³¹⁶ (Croft & Cruse, 2004, p. 218). A metáfora RAIVA É CALOR³¹⁷ é gerada através de um processo metonímico, em que se imagina a RAIVA como um fluído quente pressurizado, pronto para explodir a qualquer instante. O traço de um fluído quente sob pressão é só uma das experiências possíveis com o CALOR, mas suficiente para originar a metáfora mencionada. Outra metáfora é MAIS É PARA CIMA³¹⁸, em que o aspecto crescente de uma pilha de livros mostra o aumento vertical do seu volume quando mais livros são adicionados. E é este traço que é considerado na hora de se expressar figuradamente, quando as pessoas dizem que “os preços estão subindo”, “as temperaturas estão mais altas”, “o índice de desemprego decola” etc (Croft & Cruse, 2004).

Assim sugere ser também no fluir do discurso, em que os conceitos são colaborativamente construídos, em que os termos apontam sentidos figurados ainda em negociação ao longo da interação. E quando os conceitos finalmente alcançam estabilidade ao longo do diálogo, pode-se afirmar que houve uma emergência metafórica: “Desta forma, a elaboração metonímica da expressão precede a elaboração metafórica da mesma expressão”³¹⁹ (Croft & Cruse, 2004, p.219).

Observe o seguinte exemplo, deixado por Croft & Cruse (2004, p. 221), para análise:

(3) A temperatura na minha casa caiu devagar, horas escorregando profundamente na calma manhã.³²⁰

Os termos “caiu” e “profundamente” sugerem o aspecto de verticalidade, que descreve a temperatura. Um aspecto é suficiente para dar o sentido figurado à noção de temperatura, que literalmente não se move verticalmente. Além disso, o verbo “escorregando”, no gerúndio, e o advérbio “devagar” estão empregados para reforçar ainda mais este movimento, que é lento e vertical, como se fosse algo impossível de segurar. São traços da experiência sensório-motora que se estendem à “temperatura”.

³¹⁶ (...) metonymy can play a vital role in the genesis of metaphorical expressions.

³¹⁷ ANGER IS HEAT

³¹⁸ MORE IS UP

³¹⁹ The metonymic construal of the expression thus precedes a metaphorical construal of the same expression.

³²⁰ The temperature in my house slowly dropped, hours slipping deeper into the still morning.

Por fim, a metonímia se constitui aqui como uma fundamental ferramenta para elaborar e emergir metáforas nas estabilizações do discurso. Sua aparição ainda se dá no meio da instabilidade discursiva, a fim de encaminhar as emergências.

5. Metodologia

O estudo se caracteriza como uma pesquisa de cunho descritivo, observando, registrando, analisando e correlacionando opiniões que possibilitem o estudo do fenômeno da emergência metafórica no discurso através de aparatos cognitivos como os esquemas imagético-cinestésicos. Para tal, foi realizada uma entrevista com um grupo focal, composto por 6 alunos universitários, na faixa etária de 20 a 30 anos, residentes em Fortaleza, Ceará, sendo estes jovens adultos vítimas diretas e/ou indiretas de violência urbana. O método de Grupos Focais atendeu adequadamente aos objetivos e à fundamentação teórica da pesquisa. De acordo com Flick (2009), “o grupo transforma-se em uma ferramenta para a reconstrução de opiniões individuais de forma mais apropriada”, ou seja, através da interação discursiva, as opiniões, de certa forma, deixam de ser individuais para se tornarem coletivas, atendendo ao objetivo geral de investigação – a produção metafórica coletiva na negociação de sentidos no âmbito discursivo.

A entrevista foi gravada em vídeo e áudio, sendo transcrita posteriormente. Os entrevistados foram conduzidos por um moderador, com perguntas pré-elaboradas, podendo haver um direcionamento tópico com a introdução de novas perguntas que visem o aprofundamento das opiniões e do tópico em discussão (Flick, 2009). O moderador teve uma postura mais passiva que ativa durante a entrevista, isto é, ouviu mais que falou, permitindo mais espaço para que os entrevistados manifestassem suas respostas.

A transcrição foi realizada com base nos procedimentos descritos por Cameron e colegas (2009), tendo como padrão as unidades de entonação. Estas são hipotéticas realizações da atividade cognitiva, manifestas linguisticamente (Chafe, 1994 apud Cameron, 2007). Cada linha da transcrição corresponde a uma unidade de entonação, geralmente marcada pelo fôlego da produção oral, ou seja, entende-se como uma unidade o que é dito em um só fôlego. Durante a transcrição, os verdadeiros nomes dos

entrevistados foram substituídos por nomes fictícios a fim de manter sigilo sobre as suas identidades.

A análise dos dados iniciou-se com a identificação dos veículos metafóricos nos discursos produzidos nas entrevistas, de acordo com os parâmetros de identificação apontados por Cameron (2007): “(1) a presença de um item lexical (o veículo) que tem um significado que pode ser contrastado com o seu significado no contexto discursivo, e (2) o potencial para um significado extra a ser produzido como resultado da combinação destes”³²¹. Cameron (2007) justifica os parâmetros de identificação ao afirmar que a metaforicidade dos itens lexicais ocorre quando o respectivo significado literal coloca-se em contraste com o significado abstrato assumido no discurso, isto é, há uma disjunção de significados. Entretanto, este significado literal pode ser recuperado para contraste através do novo sentido que o item assume dentro do contexto discursivo, portanto, é uma ruptura de significados que em algum ponto do discurso se culminam para contraste. Ao afirmar um significado potencial, entende-se não como ter acesso direto e objetivo aos processos cognitivos dos participantes, mas o que se tem são evidências desses processos através do que realmente pode ser observável: a linguagem humana.

A análise foi conduzida sob o método hipotético-dedutivo, pois teve como base a premissa de que os esquemas imagético-cinestésicos estariam presentes em todas as emergências metafóricas no discurso, hipótese esta passível de confirmação ou não, através da dedução (interpretação, avaliação e descrição) dos dados já categorizados. Esta categorização de esquemas imagético-cinestésicos, veículos metafóricos, tópicos discursivos e metáforas sistemáticas teve como auxílio o software ATLAS.ti 6.2, para a organização das categorias nos próprios dados.

6. Resultados

6.1. Dos tópicos discursivos

³²¹ “(1) the presence of a lexical item (the vehicle) that has a meaning that can be said to contrast with its meaning in the discourse context, and (2) the potential for extra meaning to be produced as a result of bringing these together” (Cameron, 2007, p. 118).

Entre os vários tópicos que apareceram durante o discurso, três recebem destaque devido a frequência ter sido maior em relação aos outros: a mudança da rotina pessoal devido à insegurança, possíveis soluções para a insegurança e a banalização da violência. A ampla frequência destes tópicos só evidencia que a interação foi bem-sucedida entre os participantes, pois os tópicos não foram desenvolvidos somente por um, mas por quase todos. Logo, a troca de opiniões e de experiências foi favorável para o desenvolvimento dos tópicos.

Alguns tópicos tiveram sub-tópicos, como o da banalização da violência, em que foram feitas menções sobre a mídia e como os indivíduos reagem a esta, conforme os exemplos a seguir:

Tabela 1: exemplos de tópicos e subtópicos envolvidos

122 Igor: Bem,	1794 Vânia: você trata, trata
123 o interessante em relação a isso	1795 .. aquilo com normalidade,
124 é que	1796 é como o caso dos programas,
125 .. em relação a mídia,	1797 das novelas,
126 até o pessoal do jornalismo pode me ajudar em relação a isso,	1798 a gente já trata aquilo como normalidade,
127 é que	1799 a gente acha até estranho
128 .. é mais interessante	1800 quando isso não acontece na nossa vida,
129 .. pra mídia	1801 na nossa realidade,
130 colocar a violência,	1802 e faz alguma pra acontecer.
131 ... expor a violência	
132 do que expor outros	
133 ... outros,	
134 ... outras matérias,	
135 porque chama mais atenção	
136 a negatividade	

137	.. do assunto	
138	do que a positividade.	
139	.. O telespectador,	
140	ele sente mais,	
141	eu não diria prazer,	
142	mas ele sente mais vontade de ver	
143	o que tá acontecendo de ruim	
144	.. no mundo	
145	do que o que tá acontecendo de bom.	
146	... Eu tive uma professora	
147	quando eu fazia jornalismo	
148	que ela era jornalista	
149	e ela vivia dizendo	
150	.. hoje tá horrível lá no meu trabalho	
151	e eu preciso que um avião caia hoje.	

6.2. Dos veículos metafóricos, dos esquemas imagético-cinestésicos e das metáforas sistemáticas

Nem todos os itens lexicais em sentido figurado conseguiram alcançar a estabilidade no discurso. Alguns foram usados pouquíssimas vezes, ou por apenas um só participante. Durante a interação discursiva, observou-se a frequência que os termos-veículo tiveram e se foram aceitos e reutilizados por outros participantes, quer seja na forma de sinônimos, ou explicações, exemplos, expansões etc, como já foi mencionado anteriormente quanto aos tipos de mudança metafórica. Porém, ocorreram duas estabilizações no discurso que merecem comentários, as metáforas sistemáticas:

VIOLÊNCIA URBANA É GUERRA e *ESTAR SEGURO É ESTAR DENTRO*³²², como mostram alguns fragmentos a seguir:

Tabela 2: VIOLÊNCIA URBANA É GUERRA

603 Mateus: ... <i>vamos chegar num ponto</i>	1454 Renato: tem que <i>ir á luta,</i>
604 que a gente <i>vai partir pro ataque,</i>	1455 <i>não a luta no sentido de lutar,</i>
605 <i>aí é quando,</i>	1456 <i>de violência,</i>
606 <i>no meu ponto de vista</i>	1457 <i>...de gerar violência,</i>
607 vai ser a pior fase de todas,	1458 a luta assim de cobrar seus
611 <i>não cheguei no ponto do ataque,</i>	direitos,
612 eu tô no ponto da <i>defesa,</i>	

Tabela 3: ESTAR SEGURO É ESTAR DENTRO

526 Ana Livia: porque o carro tava parado	594 Mateus: é a fase da defesa
527 e eles <i>quebraram o vidro</i>	595 que é onde a maior parte da
528 e eu fiquei meio amedrontada,	sociedade
(...)	596 vive atualmente,
1204 <Q olha, vamos	597 <i>.. se tranca,</i>
1205 .. procurar não ser assaltado,	598 <i>se prende,</i>
1206 <i>feche os vidros dos seus carros Q>,</i>	599 <i>não deixa o menino sair,</i>
	600 procura condomínio,
	601 quem tem uma condição melhor

³²² As metáforas sistemáticas são graficamente expressas em caixa alta e itálico, diferenciando-se da grafia das metáforas conceituais (Cameron, 2008).

Na tabela 2, os termos “*ataque*” e “*defesa*” conceitualizam violência urbana como guerra; noção esta que foi reaproveitada por Renato, posteriormente, ao usar o termo-veículo “*luta*”. Já na tabela 3, metonimicamente, o veículo “*vidro*” se apresenta como se fosse uma barreira protetora, que distinguisse fronteiras entre o que é estar seguro e não estar. No momento em que o vidro foi quebrado, a participante se sentiu amendrontada, pois o seu espaço tinha sido invadido. “*Fechar os vidros*” indica estabelecer esta fronteira, garantindo a segurança. O mesmo pode ser dito aos veículos “*se tranca*” e “*se prende*”, oferecendo a noção de que a violência urbana força a sociedade a viver em prisão, “*sair*” seria símbolo de insegurança. Portanto, nitidamente, os veículos destacados referem-se a um conceito que coletivamente construído de que *ESTAR SEGURO É ESTAR DENTRO*, o contrário também se torna verdadeiro a partir dos mesmos veículos: *ESTAR COM MEDO OU INSEGURO É ESTAR FORA*.

Estas são metáforas que foram verificadas especificamente neste discurso, neste contexto específico, o que não quer dizer que não possam emergir novamente em outro discurso, mas entende-se que o caminho percorrido para emergi-las foi bem peculiar com relação às circunstâncias discursivas e cognitivas do momento. Portanto, são metáforas que pertencem a este discurso, e que potencialmente podem emergir em outras situações, mas não estão fixas na cognição humana.

Junto com os veículos, observa-se a presença dos esquemas imagético-cinestésicos. Dos esquemas sugeridos por Lakoff (1987), mencionados anteriormente, merecem destaque os de esquemas de container, de entender-é-ver e de origem-percurso-meta, devido às suas frequentes participações ao longo do discurso, e mais especificamente, na emergência das metáforas sistemáticas em discussão.

Nos trechos referentes à *VIOLÊNCIA URBANA É GUERRA*, é possível perceber a noção de movimento que indica a presença do esquema origem-percurso-meta e a noção de compreensão e opinião expressa através da experiência sensorial, a visão (esquema entender-é-ver – “*no meu ponto de vista*”). Claramente, o participante disse o ponto de partida (*a defesa*) e o seu destino (*o ataque*), um movimento conceitual. Ambos os esquemas estão auxiliando na articulação do que se quer dizer sobre a violência, de como isto incomoda socialmente e muda comportamentos (as mudanças de fase, por exemplo).

É interessante também observar que esta é uma metáfora que foi reutilizada diversas vezes para tópicos distintos. Por exemplo, Mateus estava falando das mudanças de comportamento na sociedade, enquanto Renato, momentos depois, utiliza a ideia da “luta” como forma de adquirir soluções para o problema da insegurança. Apesar das situações diferenciadas que o discurso foi assumindo, e até mesmo do tópico discursivo em que a metáfora se encontra, o esquema em si é o mesmo, isto é, o mesmo agente do sistema que estabeleceu uma relação diferente com outro agente (o tópico).

Com relação a *ESTAR SEGURO É ESTAR DENTRO*, a própria noção da metáfora indica uma compreensão mínima de conteúdo e *container*. O carro e o condomínio funcionam como *containers* que garantem a proteção para o ser humano, o conteúdo. Esta compreensão básica foi necessária para que tornasse possível esta figuratividade específica no discurso, isto é, sem esta noção, não seria possível imaginar espaços distintos entre a segurança e a insegurança, criando fronteiras entre eles.

Outras emergências metafóricas também ocorreram, como por exemplo, *VIOLÊNCIA URBANA É DOENÇA* e *VIOLÊNCIA URBANA É ORGANISMO VIVO*. No entanto, por questões de objetividade exigidas no presente artigo, optou-se por explanar as emergências mais frequentes ao longo do discurso coletado. Estas são análises preliminares, mas já se apresentam bastante sugestivas de que os processos metafóricos realmente emergem em via de mão dupla: discurso-cognição e cognição-discurso, em uma interação de sistemas repletos de oscilações e equilíbrios.

Referências Bibliográficas

CAMERON, L. Confrontation or complementarity: Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, 5, 107-135, 2007

CAMERON, Lynne. Metaphor shifting in the dynamics of talk, chapter 2, In: ZANOTTO, M. S., CAMERON, L. & CAVALCANTI, M. C. (orgs). *Confronting Metaphor in Use: an applied linguistic approach*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008

CAMERON, L., MASLEN, R., TODD, Z., MAULE, J., STRATTON, P. & STANLEY, N. The Discourse Dynamics Approach to Metaphor and Metaphor-led Discourse Analysis. *Metaphor and Symbol*, 24, 2, p. 63 – 89, 2009

CAMERON, L. & DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. (traduzido FARACO, S. & VEREZA, S.) **In:** SIQUEIRA, Maity. Cadernos de Tradução. Porto Alegre. nº 25, jul-dez, 2009, p. 1-278

CROFT, William e CRUSE, D. Alan. Cognitive Linguistics. University Press, Cambridge, 2004

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

GIBBS, R. Embodied experience and linguistic meaning. *Brain Language*, 84, 1 – 15, 2003

GIBBS, R. W. & CAMERON, L. The social-cognitive dynamics of metaphor performance. *Cognitive System Research*, 1- 12, 2007

GRADY, J. Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes. Berkeley: University of California, Berkeley, PhD Dissertation, 1997

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: Chicago University Press, 1980

LAKOFF, George. Women, Fire and Dangerous Things. The University of Chicago Press, 1987

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought. NY: Basic Books, 1999

MARTIN-BARÓ, Ignacio. Poder, ideologia y violencia. Madrid: Editorial Trotta, 2003

TURNER, Mark. Reading Minds: the study of English in the age of cognitive science. Princeton: Princeton University Press, 1991

WALMSLEY, Joel. Explanation in Dynamical Cognitive Science. *Minds & Machines*. p. 333-348, 2008

<http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Violencia> (site consultado no dia 28 de junho de 2010, às 14 horas e 35 minutos)

<http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Violentar> (site consultado no dia 28 de junho de 2010, às 14 horas e 40 minutos)

<http://fabianocaruso.com/propriedades-de-sistemas-adaptativos-complexos/> (site consultado no dia 13 de setembro de 2011, às 2 horas e 20 minutos)

Interação humano-computador e as metáforas em uso

Lafayette Batista Melo³²³

lafagoo@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é buscar uma nova forma de análise da interação humano-computador-humano com base em metáforas. É mostrado como os estudos de interação humano-computador (IHC) têm tratado a construção e avaliação de interfaces computacionais com suporte em metáforas, de modo a mostrar os limites de projeto e possíveis soluções para avaliar a interação com fundamentação na linguística. Verifica-se que a concepção de metáforas empregadas pelos projetistas de interface baseiam-se em semelhanças a entidades físicas, combinação de conceitos novos com antigos e analogias. É proposta uma abordagem para tratar interfaces que considere as metáforas em uso, construídas sócio-interativamente, em processos criativos. Abandona-se a abordagem de metáforas com base em transposição de conceitos, já que o enfoque desta pesquisa trata da investigação situada em usos concretos feitos pelos usuários. A pesquisa aborda a IHC de duas maneiras. Em primeiro lugar, faz-se uma revisão de conceitos e exemplos clássicos adotados nos projetos de interface para compreender como as metáforas em uso proporcionam construção de sentido criativa, válida, mas muitas vezes não esperada pelos projetistas. No segundo enfoque, é feita uma análise de uso de redes sociais na plataforma Facebook, através da qual usuários realizam suas ações não apenas para interagir com o sistema, mas para operarem com interfaces e interagirem entre si, em atividades pedagógicas. Esta análise utiliza como proposta um quarto nível básico de metáforas de interação humano-computador denominado suporte à interação humana, incorporando-o aos três níveis metafóricos já utilizados em pesquisas anteriores. Conclui-se que o nível básico proposto – suporte à interação humana – é útil para o estudo de metáforas em uso na rede social, bem como que o estudo de IHC poderia ser mais bem aproveitado se combinado com pesquisas em

³²³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, PB.

lingüística, de modo a construir novos métodos de projeto e avaliação de interface, até trazer novos enfoques para os estudos da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: interação humano-computador; metáforas em uso; interface; redes sociais.

ABSTRACT

The objective of this work is to seek a new way of analysis of human-computer-human interaction based on metaphors. It is shown how the study of human-computer interaction (HCI) have dealt with the construction and evaluation of computer interfaces supported in metaphors, in order to show the limits of design and evaluate possible solutions to the interaction based on linguistics. It appears that the design of metaphors used by interface designers is based on similarities to physical entities, combining old with new concepts and analogies. It is proposed an approach to treat interfaces to consider the metaphors in use, constructed in socio interactional terms and in creative processes. It is not used the approach of metaphors based on the transposition of concepts, since the focus of this research is situated in concrete uses made by users. The research addresses the HCI in two ways. First, a review of concepts and projects adopted in the classic examples of interface metaphors to understand how the building in use is creative and valid, but often not expected by the designers. In the second approach, it examines the use of social networking on the Facebook platform, through which users perform their actions not only to interact with the system, but with interfaces to communicate each other and interact in educational activities. This analysis uses as proposed fourth basic level metaphors of human-computer interaction called human interaction support, incorporating it into the three levels metaphorical already used in previous researches. It is concluded that the proposed basic level - human interaction support - is useful for the study of metaphors in use in the social networking as well as the study of HCI could be better utilized if combined with research in linguistics, in order to build new methods of interface design and evaluation, to bring also new approaches to the study of language.

KEYWORDS: human computer interaction; metaphors in use, interface, social networking.

Introdução

A presença da tecnologia e das relações humanas permeadas pela tecnologia são hoje uma realidade indiscutível e com isso vem a necessidade de também haver pesquisas que unam o que é mostrado por diferentes disciplinas. A área de interação humano-computador (IHC), que pertence a área maior da computação, aborda essas relações com objetivos de construir melhores interfaces para dar melhor suporte aos sistemas computacionais. Um dos tópicos que a IHC trata é o uso de metáforas. A lingüística também trata de metáforas, mas com intuito de compreender o funcionamento da linguagem humana.

O objetivo deste trabalho é buscar uma nova forma de análise da interação humano-computador-humano com base em metáforas, integrando conceitos da IHC com enfoques da lingüística. Para tanto, na seção a seguir são melhor delineados alguns conceitos e preocupações da área de interação humano-computador. Na seção 3, são introduzidas as abordagens lingüísticas de interesse desta pesquisa e é mostrado como e por que é criado o nível de metaforização denominado **suporte à interação humana**. Na seção 4, é efetivamente aplicado o nível de metaforização proposto em conjunto com outros níveis para avaliar a interação mediada por computador na rede social Facebook, no desenvolvimento de atividades pedagógicas. Na última seção, são feitas algumas constatações sobre o trabalho como um todo e são apontadas preocupações no sentido de se fazer novas pesquisas que envolvam interação mediada pela tecnologia e de forma interdisciplinar.

2. Metáforas na interação humano-computador: conceitos e exemplos clássicos

Os estudos de interação humano-computador (IHC), invariavelmente tocam nos assuntos de metáfora e os relacionam com interação, em alguns momentos para prover formas de avaliar usabilidade e, em outros para o desenvolvimento de projetos de interface [(Preece, 2005); (Shneiderman, 1998); (Boy, 2011); (Dix, 2004); (Barbosa, 2010)]. Colocaremos adiante alguns dos principais aspectos apontados pela bibliografia específica da área.

Em primeiro lugar, é descrita a definição de modelo conceitual como enfatiza Preece (2005), a partir do qual as metáforas serão concebidas: “Uma descrição do sistema proposto – em termos de um conjunto de idéias e conceitos integrados a respeito do que ele deve fazer, de como deve se comportar e com que deve se parecer – que seja compreendida pelos usuários da maneira pretendida.” A questão é que este conjunto de idéias, que pode estar na mente do projetista ou do usuário, pode ser baseado em **atividades**, **objetos** (artefatos gerais como um livro ou ferramenta) e **metáforas**.

As atividades são:

- instrucionais – o usuário diz ao sistema o que fazer através, por exemplo de um menu;
- conversacionais – o sistema seria projetado de acordo com os postulados da análise da conversação;
- manipulação e navegação – descreve a atividade de manipular objetos e navegar por espaços virtuais, explorando o conhecimento que os usuários têm do mundo físico e
- formas de exploração e pesquisa.

As metáforas para a IHC seguem conceitos muito cognitivistas como pode ser observado na própria definição de metáfora de Preece (2005): “modelo conceitual construído para ser semelhante a aspectos de uma entidade física, mas que também tem seu próprio comportamento e propriedades”. Tais modelos poderiam se basear em atividades, objetos ou ambos.

Os usos de metáforas para a IHC são dos mais variados:

- Para conceitualizar um estilo particular de interação. Por exemplo, o sistema como ferramenta.
- Para instanciar parte de uma interface. Por exemplo: mesa de trabalho (desktop).
- Para descrever operações específicas: Por exemplo: recortar e colar.

Também são estudadas em IHC as principais vantagens e desvantagens no caso de se fazer avaliação ou projetos baseados em metáforas. As vantagens incluiriam trazer familiaridade para os usuários e tornar o uso do computador mais fácil tanto para leigos quanto para experientes. As desvantagens envolveriam uso muito literal por parte dos usuários sem explorarem todas as possibilidades do programa, quebra de regras no uso de uma interface para procurar o que ela não fornece, conflitos com a experiência do

designer/projetista, não estender o uso do sistema além das metáforas, uso de modelos ruins e limitação da imaginação.

Alguns exemplos clássicos que envolvem tensão entre o projeto e o uso efetivo são os do Clipsi do Office e o da criação de mundos em três dimensões para representar a navegação em um sistema. O Clipsi do Office tinha o formato de um rosto risonho e aparecia nas situações mais inesperadas para ajudar os usuários em programas utilitários. Apesar de se basear na metáfora de assistente para ajudar nas tarefas com os programas, causou mais frustração do que ajuda efetiva. Ainda hoje são projetados sistemas em três dimensões para simular espaços físicos reais como uma casa ou um museu, onde em cada compartimento se encontra uma funcionalidade do sistema ou dados específicos. Este tipo de metáfora desconsidera que é muito mais eficiente para o usuário, utilizar uma lista direta como um menu, pois nem toda imitação do mundo real leva a uma prática mais adequado de uso com o computador.

Apesar da IHC descrever bem os usos e alguns problemas com base em metáforas, não tem ferramentas teórico-metodológicas para compreender o processo de construção de metáforas por parte do usuário. Outro problema é que, apesar de hoje termos muito sistemas colaborativos e baseados em redes sociais, parece que os conceitos desta área ainda estão amarrados a relações humano-computador mais do que humano-computador-humano. Como os objetivos da IHC não são compreender o funcionamento da linguagem, mas avaliar e construir interfaces, falaremos na próxima seção de contribuições que podem ser realizadas pela integração desta disciplina da computação com as ciências da linguagem, eminentemente a lingüística com enfoque sócio-interacional.

3. Metáforas como um processo criativo e em uso aplicadas à IHC

Os estudos de IHC, como vimos, têm seus objetivos e já algumas ponderações sobre o papel da metáfora na interface do computador. Nesta seção, vamos ver como a lingüística pode orientar os estudos de metáfora e definir uma linha de pesquisa que mais se adéque a compreender a realidade vivenciada pelos usuários na comunicação que realizam entre si.

Em primeiro lugar, conforme relatado por Sardinha (2007), a maneira como concebemos metáfora tem uma importância sem igual na comunicação humana diária.

A importância na comunicação cotidiana, muitas vezes relegada a um segundo plano e não observada conscientemente estaria em frases como “Vamos economizar tempo”, “Meu namoro está indo muito bem” ou “Ele passou a idéia de que tudo daria certo”. Em cada uma dessas frases estaria a idéia de junção de conceitos díspares: tempo e dinheiro, namoro e viagem, comunicar e deslocar.

Conforme Halliday (2004), até expressões como “acho que sim” seriam metafóricas, pois “acho que” poderia estar fazendo o papel de dizer algo mais natural para dizer “provavelmente”, de forma não consciente. Não é de se estranhar que o usuário de computador empregue termos sem maiores processos de conscientização, pois muito do que se diz está cristalizado pela cultura ou pelo uso na informática. Desde a própria palavra “computador”, que antes dos anos de 1940 se referia a pessoas, até um componente da interface como um botão, onde se clica, é muito pouco provável que as pessoas façam um pré-processamento para compreender a metáfora.

Sardinha (2007) ainda coloca como razões para estudo da metáfora os seguintes pontos: uso retórico por profissionais e artistas, modo simples de expressar um conjunto rico de idéias, meios naturais de estruturar o pensamento, valor cultural e instrumento para criar novo conhecimento. Este ponto é crucial na vida de projetista e usuários. Basta observar os exemplos do botão “Iniciar” e da lixeira do Windows – os projetistas não poderiam imaginar como os usuários iam conceber, o que para eles eram conseqüências óbvias das metáforas empregadas (a busca de um botão “Finalizar” para fechar um programa e o questionamento de a lixeira estar em cima da mesa de trabalho). Desse modo, sempre é estabelecido um ponto de tensão sobre o conhecimento que o projetista imagina que o usuário lançará mão e efetivamente o que será construído no uso ou ressignificado.

É crucial atentar para o modo como Marcushi (2007) alerta sobre o uso e estudo das metáforas em suas várias abordagens linguísticas e os caminhos que podem ser seguidos. O autor procura fugir da definição aristotélica que concebe a metáfora como transferência de sentido de um campo de conhecimento para outro, bem como da visão de metáfora como analogia e comparação. A metáfora não seria constituída em respeito à realidade, como na linguagem denotativa, não seria resultado de operações lógicas, mas de uma intuição pré-lógica. Metáfora não seria fruto de comparação, e sim, no máximo, base para uma comparação *a posteriori*. A ordem psicológica teria prioridade sobre a ordem lógica e a metáfora fundaria a comparação, não o contrário.

Outra questão salientada por Marcuschi (2007) seria o papel criativo natural da metáfora. Não haveria dicotomia significante-significado, pois estes estariam em um plano conceitual. Haveria sim uma esfera do “não previsto” e a metáfora seria como que o foco para se identificar um mundo que a linguagem conceitual tenta apenas reorganizar. Portanto, haveria necessidade de a metáfora ultrapassar o limite da discussão semiótica e criar um domínio próprio de investigação.

Sobre a consciência ou não do uso linguístico, Marcuschi (2007) afirma que grande parte de nossa linguagem cotidiana baseia-se em metáforas “conscientes” ou mesmo “já congeladas”. Referindo-se a Jean Paul, o autor cita a afirmação sobre a língua não passar de “um dicionário de metáforas empalidecidas”. Há, porém, casos bem claros de metáforas facilmente reconhecíveis. Isso ocorreria em usos mais recentes de termos ainda não incorporados à língua.

Para nossa pesquisa, essas reflexões têm uma grande importância, pois se no uso da interação humano-computador, há incorporação de termos relativamente novos à língua, por outro lado, dentro do jargão da informática, algumas expressões parecem já ter sido incorporadas rapidamente, seja com palavras do português brasileiro ou pela inserção de termos em inglês. Vejamos as seguintes situações:

Quando falamos mouse, pensamos em um animal?

Quando falamos em janela (do Windows), pensamos em algum momento em partes de um quarto?

Quando dizemos pasta e arquivo (do Windows) pensamos antes nos objetos do escritório?

Quando falamos página Web, pensamos em página de papel?

Quando falamos em rede social, estamos pensando hoje antes em pessoas ou como elas estão conectadas através da Internet?

Quando falamos em tuitar, publicar mensagem, linkar, comentar uma postagem (dentro do contexto de uso de uma rede social), estamos antes pré-concebendo alguma forma de comunicação no mundo fora da Internet?

Talvez para quem não use computador ou comece a usá-lo pela primeira, essas associações passem pela cabeça, mas não é o que ocorre na construção de sentido real ao experienciar atividades práticas que façam parte do cotidiano do indivíduo.

Sobre a questão da criatividade, que Marcuschi (2007) diz que deve ser eficaz e baseada em algo, há mais o efeito surpresa que ela causa, um elemento não previsto que evidencia a própria criatividade.

Podemos levar isso em consideração, questionando o alcance da criatividade do usuário em relação ao que foi projetado e construído por um desenvolvedor, considerando estes dois exemplos:

Quando foi projetado no Twitter, um campo principal, para se colocar informações sobre o que se estava fazendo, algum projetista pensou em outro uso?

Quando se colocou no Facebook, um campo principal para informação de status da pessoa, algum projetista pensou em outros usos?

Marcuschi (2007) e Lima (2005) ainda fazem uma série de ponderações sobre os trabalhos de I. Richards adotados por Max Black. Para este autor, do ponto de vista da semântica, e segundo uma *teoria da interação*, a metáfora resultaria de uma interação entre dois conteúdos semânticos distintos, formada pelo que ele designa de *focus* (conteúdo primário – a palavra usada metaforicamente) e *frame* (conteúdo secundário – que representa o contexto literal onde a metáfora é situada). Para Marcuschi (2007), embora a teoria da interação supere a transposição de significado como propriedade basilar da metáfora, abre espaço para uma possível comparação. Para Lima (2005), a metáfora predicativa exemplificada por Black (“*O homem é um lobo*”), antes de ser produto de uma comparação, forma e condiciona uma comparação. De todo modo, o que importa para esta pesquisa são as considerações sempre orientadas para fugir da mera transposição ou analogia e não um provável exemplo mal aplicado de Black. Até porque na interação dos usuários, o que se pretende investigar é como eles usam e-mails, postagens, mensagens etc. Eles não dizem, por exemplo, que “o e-mail é um correio eletrônico”, simplesmente usam o e-mail e suas funções.

Reforça-se a este aspecto as considerações de Lakoff (2002), quando descarta a semelhança e analogia como *modus operandi* da metáfora. Se há substituição de um termo por outro, estaria-se mais propriamente falando de metonímia e não de metáfora. Usuários vêem as indicações de suas ações nas interfaces e simplesmente agem, não há um ou outro termo para a função de postar dentro de um mesmo sistema, em um uso concreto. Ações semelhantes com nomes diferentes só podem permear diferentes sistemas.

Para que apliquemos as diretrizes apontadas, é relevante considerar as linhas teóricas trabalhadas hoje em dia. Segundo Sardinha (2007), as linhas teóricas podem envolver basicamente:

- Metáfora conceitual – um fenômeno cognitivo, com processos mentais;
- Metáfora sistemática – uso recorrente da metáfora na linguagem real;

- Metáfora gramatical – com aporte na lingüística sistêmico-funcional.

Conforme Sardinha (2007) e Cameron (1999), há algumas características da abordagem da metáfora sistemática, que merecem considerações para o presente trabalho, embora ainda não pertençam a uma teoria definida:

- Esta abordagem é chamada também abordagem discursiva ou metáfora em uso e advém da característica de que o ponto de partida são metáforas recorrentes, através das quais os participantes estão ativando algum tipo de representação metafórica.
- O principal ponto a ser considerado nas pesquisa é *a metáfora em uso*. O uso é um fim em si mesmo e quaisquer suposições sobre o processamento mental das pessoas é secundário e só pode ser feito se houver dados para isso, referentes ao evento discursivo em questão.
- Não deve haver acepções sobre o uso de metáforas que não foram provadas, como ocorre na metáfora conceitual.
- Só pode haver alegações de que um usuário acessou alguma metáfora abstrata e mental se houver instância para isso, em um determinado contexto real de uso.

Como a abordagem das metáforas em uso ou sistemáticas abre espaço para adequações com teorias ou outras orientações metodológicas, vamos considerar as observações de Fineman (2004), que incorporam preocupações da interação humano-computador. Iremos acrescentar a proposta de uma noção que nos parece adequada para investigar as metáforas em uso – **o suporte à interação humana** – de modo que façamos apropriadamente a aplicação da análise, mostrada na seção seguinte.

Fineman (2004) define três níveis básicos de metáforas da interação humano-computador, algumas vezes referidas por outros autores como estilos de interação ou modelos de interação:

Manipulação direta – pode ser expressa como “O DADO É UM OBJETO FÍSICO”. Casos especiais envolvem a imagem de objetos físicos que podem ser manipulados: arquivos, documentos, páginas, livros, janelas etc. Os usuário manipulariam dados conforme o conhecimento que têm para manipular objetos físicos como nas operações de “arrastar e soltar”, por exemplo. A mesa de trabalho seria o exemplo clássico. Também utilizada como interface gráfica, através da qual são operadas janelas (Windows), Icones, Menu e apontadores (Pointers) – WIMP.

Navegação – pode ser expressa como “O DADO ESTÁ NO ESPAÇO”. Casos especiais desta metáfora retratados do mundo real poderiam envolver locais como prédios, quartos, superfícies, oceanos, bares, lojas etc. O exemplo clássico é o da World Wide Web, espaço pelo qual se navega através de páginas (interfaces Web) com o auxílio do browser. O link é um elemento básico

Interação humana – pode ser expressa como “COMPUTADORES SÃO PESSOAS”. Casos especiais envolvem amigos, ajudantes, crianças, orientadores etc. Usuários pensariam que poderiam se comunicar com computadores como se fossem pessoas por meio de escritas imitando a conversação, perguntas, pedidos, mensagens etc. Interagir com o computador seria semelhante a conversar com uma pessoa.

Como pretendemos avaliar não apenas a interação humano-computador, mas a interação humano-computador-humano, consideramos que esses três níveis não são suficientes. Desta forma, criamos um quarto nível:

Suporte à interação humana – poderia ser expresso por “OBJETOS DA INTERFACE ABREM ESPAÇO PARA A COMUNICAÇÃO”. Casos especiais no mundo real envolveriam formas de acesso para olhares, gritos, perguntas, porém, na conversa face a face as pessoas simplesmente se comunicam. Esta metáfora estaria relacionando a interface não com objetos, espaços ou relações do mundo real presencial e físico, mas com elementos de outras formas tecnológicas. No telefone, para termos acesso à comunicação com alguém, precisamos antes discar. Para que alguém receba uma carta ou telegrama, precisamos encontrar uma maneira de enviar. Desse modo, esse nível representaria uma metáfora para o acesso em si através de elementos que poderiam ser de manipulação ou navegação: links ou botões como Reply e Retweet no Twitter, Comentar e Postar no Facebook etc.

Como veremos na análise adiante, há várias pistas na interface para o **suporte à interação humana**, mas os usuários ressignificam suas finalidades conforme o emprego da metáfora em uso, que pode envolver formas melhores de adequar a comunicação, bem como objetivos do contexto da atividade em que as pessoas se encontram.

4. Aplicação do nível metafórico suporte à interação humana para análise de uma rede social

Nesta seção, vamos analisar as construções metafóricas construídas sócio-interativamente em uma rede social, independentemente do que foi projetado e pretendido pelo projetista do sistema. As análises são aplicadas à plataforma Facebook, através da qual foi dado suporte a duas disciplinas (“Análise e projeto de sistemas” e “Interface”) de um curso tecnológico presencial, no último período de 2010 e no primeiro período de 2011. A investigação é feita qualitativamente e em profundidade, observando interações reais e concretas realizadas na rede, conforme orientação desta pesquisa. Cada turma tem cerca de 30 alunos, perfazendo um total de quatro turmas nos dois períodos. O professor criou **grupos** próprios para trabalhar na rede e orientou os alunos que fossem “**amigos**” dele para que fossem cadastrados em cada grupo. Sobressai, antes mesmo do uso do sistema, as metáforas grupo e amigos que, apesar de terem equivalentes fora da rede social, adquirem contornos específicos para uma nova conceitualização em torno de procedimentos de interação. A idéia de amigo em outras redes é referida como seguidor, colaborador etc. Além disso, a adjetivação de amizade para professor e alunos que estão se conhecendo não é o que podemos entender como a amizade que surge entre colegas ou conhecidos depois de algum tempo de convivência. Haverá, porém, um amplo espectro de possibilidades de interação proporcionado pelo conjunto de suportes de interação dados pelo sistema como um todo – amigos podem estar associados com outras pessoas de outras formas, além dos grupos (listas, páginas de grupo etc). Portanto, fica difícil compreender que nesta situação há uma transposição de conceitos. Mesmo a idéia de grupo não encontra associação ou comparação direta com um grupo social comum. No Facebook, os grupos podem ser configurados como aberto, fechado e secreto. Optou-se por desenvolver as aulas em **grupos fechados**, que são aqueles através dos quais um membro não administrador pode convidar outra pessoa para participar e qualquer pessoa pode ver o grupo e quem está nele, menos as publicações das mensagens. O grupo aberto é público e o secreto é privado – só existe para aqueles que foram cadastrados. Desse modo, no grupo fechado, um aluno, que não é o administrador do grupo, pode cadastrar outro aluno. Novamente, pertencer a um grupo, na verdade é estar ligado a um dos três tipos de suporte de interação humana que o sistema provê. A própria idéia de **administrador** do grupo é de alguém que simplesmente o criou através de uma operação de interface. Se esta mesma pessoa vai controlar as atividades – isso só poderá ser constatado, apesar de esperado – durante o processo de uso do ambiente pelo professor no respectivo período letivo. As pistas de comunicação para um administrador de grupo e criação de um amigo estão

respectivamente no links “criar grupo” e no botão “adicionar aos amigos” dentro da página de outra pessoa no Facebook – nesse caso, para efetivamente haver a consolidação da “amizade”, será necessário que a outra pessoa responda positivamente através de outro botão.

Estabelecida a forma como os grupos foram concretamente trabalhados, vamos identificar o processo de “**entrar**” no grupo. A metáfora de um espaço virtual onde havia divisões não causou qualquer estranheza, nem para aqueles que usaram o Facebook pela primeira vez. O procedimento de ser **autorizado pelo sistema** após fornecer login e senha (com pistas que envolviam campos para preenchimento e botão “entrar”), depois **entrar na sua página**, e, em seguida, **clicar no link do nome do grupo**, constituíram ações comuns para **percorrer os passos** que levam ao respectivo grupo, através dos três primeiros níveis de metáfora na interação humano-computador (manipulação direta, navegação e interação humana – esta especialmente em mensagens de erro). Após todo esse procedimento, ficam novamente à disposição um conjunto de metáforas do quarto nível (suporte à interação humana), que possibilitam o pontapé inicial para que alunos e professores interajam, enviando mensagens com avisos sobre as aulas, compartilhando vídeos, links e outras modalidades de informação, tirando dúvidas, alertando sobre exercícios a serem entregues etc. Vamos relacionar alguns usos peculiares da metáfora de nível quatro dentro do grupo, que entendemos como suporte à interação humana, de acordo com a figura 1 (os quadros em branco cobrem informações para proteger a identidade dos participantes).

No alto da segunda coluna, há três suportes à interação humana com pistas em forma de link: “**Escrever mensagem**”, “**Adicionar foto**” e “**Perguntar**”. O sistema provê esses textos com idéias gerais iniciais do que deve ser feito, mas os usuários criam contornos criativos que podem ser os mais diversos.

Em **Escrever mensagem**, o professor pôde colocar o seguinte nas situações presenciada: texto no campo: “AULA 1 – Apresentação da turma” ou links para livros em formato PDF ou no Google Books, endereços no Youtube com vídeos para aulas gravadas por ele ou por outro professor, links para outros sites com material didático complementar, avisos sobre prova ou cancelamento da aula, links para aplicações referentes ao material da aula. É verdade que para alguns endereços como os vídeos do Youtube, o Facebook coloca uma amostra em miniatura do material dentro da própria página. Os alunos também podem colocar o que quiserem em escrever mensagens, mas são orientados para fazer referência ao que é discutido na disciplina. Este suporte à

interação humana adquire contornos bem diferenciados de, por exemplo, transmitir uma mensagem no dia-a-dia, já que o conjunto do texto com os links, vídeos e imagens, dentro do grupo com finalidades pedagógicas, ao mesmo tempo que expande, delimita os possíveis significados interacionais dentro do campo disciplinar.

Adicionar foto não é simplesmente o que o texto poderia sugerir, mas abre outros três possíveis suportes à interação humana: carregar foto ou vídeo – que implica fazer o upload de um arquivo de imagem ou de vídeo; usar webcam – para gravar vídeo ou fotografar em uma câmera do computador e criar álbum de fotos – através do qual é criada uma sequência de imagens. Além do link “adicionar foto” abrir outras sugestões diferentes do esperado, possibilita suporte à interação humana, porque é a partir deste recurso que pode ser estabilizado um contato inicial identificado pela própria abertura para uma comunicação. No contexto das disciplinas, é utilizado para carregar vídeos de aula ou imagens ilustrativas para explicação de determinado assunto. Em outras palavras, há criação de sentido novo não previsto pelo projetista – e não transposição ou analogia propriamente –, construído adequadamente para o contexto em uso da atividade dos participantes.

Em **Perguntar**, temos na verdade a geração de uma enquete com perguntas e um conjunto de opções a serem marcadas. O professor utilizou este suporte para identificar o nível e a expectativa dos alunos e perfis. Por exemplo, foi perguntado em quais categorias profissionais os alunos mais se enquadrariam (analista de sistemas, programador, webdesigner ou gerente de projetos). Nesse caso, o uso foi feito pelo professor, relacionando-o sempre a um conteúdo da disciplina. Os alunos poderiam acrescentar novas opções às perguntas e mesmo criar novas enquetes. Não foi identificada criação de enquetes por parte dos alunos e esta função só foi disponibilizada pelo Facebook em 2011.

Para cada postagem no grupo (com Escrever mensagem, Adicionar foto e Perguntar), podem ser a elas vinculadas novas funcionalidades que também identificamos como suporte à interação humana: **Curtir**, **Comentar**, **Seguir publicação** (na época ainda não disponibilizado pelo Facebook) e **Compartilhar**.

Em **Curtir**, ao se clicar o link, aparece a mensagem no número de pessoas que “curtiram” a publicação. Consideramos suporte à interação humana na medida em que abre espaço para comunicar alguma satisfação por parte do usuário. De todo modo, algumas mensagens do professor com conteúdo adicional foram “curtidas”, mas a

grande maioria de marcações por parte os alunos deveu-se a avisos de adiamento de provas ou acréscimo de pontos em tarefas da disciplina.

Em **Comentar**, podia haver o uso do espaço para uma resposta de um exercício (normalmente cobrado pelo professor, podendo ser obrigatório) bem como eram colocadas correções das postagens pelo professor ou pedidos de esclarecimento de dúvidas por parte dos alunos. Alguma vezes, professor e aluno encontravam endereços na Web para materiais adicionais e os colocavam no local destinado a comentar. Houve uma diversidade de usos no grupo para o contexto pedagógico, mas em um sentido que transcende muito a ação de comentar algo dentro de uma sala de aula. **Compartilhar** proporciona que o usuário divida com seus amigos em geral as informações postadas se isso for autorizado no grupo. Como a informação compartilhada fica na página específica do usuário, não foi um aspecto observado.

Pode-se ver na coluna à direita, uma série de funcionalidades (**Adicionar amigos ao grupo, Conversar com o grupo, Criar documento, Criar evento, Exibir fotos, Editar grupo e Deixar Grupo**, bem como a lista de documentos criados). Identificamos algumas delas como níveis metafóricos de suporte à interação humana, manipulação direta (Adicionar amigos, Criar documento, Criar evento, Exibir fotos Editar grupo e Deixar grupo) e navegação (todas as que abriam uma nova sequência de links para dar prosseguimento à atividade) ou que possibilitavam interação humana (todas as que geravam uma mensagem do sistema simulando comunicação – por exemplo, ao Deixar grupo ou Criar um Documento, o sistema emitia uma mensagem no grupo dizendo que determinado usuário havia realizado a ação). Como o que nos interessa é o suporte à interação humana, apesar de algumas ações de manipulação direta serem visualizadas pelos usuário e eles partirem para o início do processo comunicativo, elas não eram destinadas às interações entre humanos. Desse modo, no quarto nível metafórico propriamente, podemos identificar a funcionalidade Conversar com o grupo. Não vamos nos ater a ela, já que gera também navegação e manipulação direta em uma janela à parte (dentro de um programa de bate-papo). Porém, dos usos específicos nos grupos, podemos destacar alguns: 1) nas aulas em laboratório com o sistema aberto, alunos deixavam dúvidas escritas que o professor podia decidir se as comentava oralmente no momento ou no final da aula; 2) para fazer exercícios em laboratório, os alunos se comunicavam entre si ou com o professor; 3) muitos alunos utilizavam o recurso online de casa para conversar com o professor e tirar alguma dúvida e 4) até mesmo conversas em paralelo com assuntos não propriamente da aula

eram realizadas. A metáfora de conversa ou bate-papo adquiriu contornos bem específicos, mas ainda dentro do contexto das relações professor-aluno e aluno-aluno.

Na terceira coluna bem à direita, há uma lista de todos os amigos com nome e foto, marcados com um círculo verde quando estão online. O suporte à interação humana na forma de bate-papo pode ser encontrado após clicar na pessoa com a qual se deseja comunicar. Aparece suporte de interação humana um a um, ou seja de uma pessoa para outra, que são conversas de bate-papo privadas entre duas pessoas, mas no mesmo formato da janela do bate-papo geral e usadas entre professor e alunos também do mesmo modo.

Por último vale comentar as funções de mensagem e cutucar. As mensagens funcionam como um e-mail (talvez agora mensagem funcione como metáfora para e-mail dentro da rede social), acessadas a partir do botão mensagem na página da outra pessoa ou no segundo ícone de balãozinho, na própria página. Quando o professor precisava mandar uma mensagem para apenas um aluno que não estivesse online, sempre usava esse recurso e o mesmo para os alunos. Há um função peculiar denominada **Cutucar**, quando entra-se na página de alguém. Esta função foi projetada para envio de mensagens indiretas, sem texto. A idéia é de que ao clicar no botão, a pessoa que recebe a “cutucada” tenha como marcação o seguinte texto na sua página: “fulano cutucou você, deseja também cutucar fulano?” Pretendia-se dar suporte a uma interação humana em que as pessoas quisessem chamar atenção de alguém sem necessariamente dizer porquê (uma lembrança, uma paquerada, uma ameaça etc). Isso só poderia ser entendido no contexto de convivência dos dois usuários. Para os participantes do grupo, este uso não ocorreu, talvez por metaforizar funções comunicativas muito informais ou não cabíveis no ambiente acadêmico. De todo modo, é uma função pouco utilizada no Facebook de uma maneira geral, o que mostra que a lógica do projeto de metáfora e da metáfora em uso podem ambos fazer sentido, mas não necessariamente terem correspondência.



FIGURA 1: – estrutura do Facebook para os 4 níveis de metaforização humano-computador

5. Algumas constatações

Neste trabalho, pudemos constatar como a área de interação humano-computador (IHC) tem tratado as questões da metáfora para o usuário e vimos exemplos clássicos de como algumas soluções desenvolveram-se concretamente. Também escolhemos uma linha de pesquisa para dar apoio à IHC com base na lingüística de caráter eminentemente sócio-interacional e enfoque situado.

Pudemos observar que a proposta desta pesquisa do quarto nível de metaforização humano-computador – **o suporte à interação humana** – encontra respaldo para compreender melhor a metáfora em uso (de “Escrever mensagem” no grupo a “Cutucar”), considerando um contexto situacional, no caso o pedagógico. Pudemos notar que idéias de funções comunicativas concebidas em projetos conhecidos como o Facebook, à luz de estudos da metáfora em uso, pode trazer uma série de constatações sobre o modo de se avaliar/implementar e como realmente os usuários empregam/constroem/ressignificam as metáforas. Um primeiro momento de ação do usuário pode até ter como base o que é sugerido nos textos da interface, mas não explica o efetivo papel da metáfora que decorre de processos interacionais concretos. Isso nos leva a considerar que estudos de IHC poderiam ser melhor aproveitados considerando a abordagem lingüística aqui tratada em conjunto com os estudos da computação. Se não para fazer melhores projetos de interface ou avaliá-las, ao menos para compreender o sentimento ou forma de aprendizado do usuário na sua interação com outros usuários

mediados pelos recursos de interface. Além disso, vale salientar que estudos da ação mediada pelo computador para comunicação humano-humano parecem constituir um lugar privilegiado para compreender o funcionamento da linguagem sob o aparato atual da tecnologia. Novas formas de estudar estes fenômenos precisam ser abordadas em seus vários *modus operandi* dentro de sistemas sócio-colaborativos, que incluem não apenas outras redes sociais como a importância de vários dispositivos, tais como os que são representados pela computação móvel.

Finalmente, é fundamental que repensemos as metodologias de pesquisa e a urgência de seu caráter interdisciplinar. Para estudos diferentes do aqui empregado, baseados em engenharia semiótica ou análises de enunciado, resultados bem diferentes poderiam ser empregados. Uma coisa seria ver o texto e as imagens e analisá-los, outra seria supor como o usuário iria se comunicar a partir do que é coletado textualmente como um produto na tela. Ainda uma outra orientação, que é a ressaltada neste trabalho, é a análise concreta de processos de metaforização em uso, com usuários reais e em tarefas que lhes façam sentido (até porque em um primeiro momento professor e aluno podem até ter uma idéia inicial de como utilizar a interface, que só adquire sentido concreto no uso contínuo para as atividades pedagógicas). Isso não quer dizer que esta é a melhor forma de pesquisar, mas que – para cada abordagem –, também precisamos de adequações e experimentações ao modo como o mundo tecnológico estreita suas relações com a linguagem humana.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, S.D.J.; Silva, B.S. *Interação Humano-Computador*. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2010.

BOY, Guy A. *The handbook of human-machine interaction: a human-centered design approach*. England-USA: Ashgate, 2011.

CAMERON, Lynne. & Low, G. Metaphor. *Language Teaching*, 32, 77-96, 1999.

DIX, A. *Human-computer interaction*. USA: Pearson/Prentice-Hall, 2004.

FINEMAN, Benjamin. *Computers as people: human interaction metaphors in human-computer interaction*. Pittsburg: Carnegie Mellon, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3rd edition. London: Arnold, 2004.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. L. *As metáforas da vida cotidiana*. Campinas-São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LIMA, Aldo de. A metáfora: da analogia à técnica de fusão de opostos. *Investigações*, v. 18, n. 1, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito da metáfora. In: _____. *Fenômenos da linguagem: Reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PREECE, Jennifer, ROGERS, Yvonne, SHARP, Helen. *Design de interação: além da interação homem-computador*, Porto Alegre: Bookman, 2005. Versão eletrônica: <http://id-book.com>

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SHNEIDERMAN, Ben. *Designing the user interface: strategies for effective human-computer interaction*. EUA: Addison-Wesley, 1998.

Para bom enunciador, um domínio só basta?

Patricia Ferreira Neves Ribeiro³²⁴

patleitura@gmail.com

Leonardo Nazar Martinho³²⁵

mail@leonardonazar.com

RESUMO

No quadro do domínio jornalístico, observamos, cotidianamente, a grande circulação de enunciados cristalizados, isto é, criações proverbiais. Trata-se inclusive de fenômeno produtivo em artigos de opinião típicos do jornalismo dirigido à elite intelectualizada. Nesse caso, entretanto, esses enunciados sofrem, frequentemente, um desvio, a que Grésillon e Maingueneau (1984) designaram por *détournement*. Tal fenômeno consiste em um *desvio* da forma proverbial cristalizada por meio de substituições, acréscimos, supressões, etc. com propósito lúdico ou militante. Nesta pesquisa, nosso interesse recai, justamente, sobre provérbios passíveis de recriação. Além disso, interessa-nos ver como uma metáfora conceptual subjacente à superfície linguística desses provérbios (Lakoff, Turner, 1989) pode contribuir para o sucesso argumentativo do referido *desvio*. No *corpus* de artigos de opinião selecionado para este trabalho, pretendemos compreender a relação semântica entre os domínios de conhecimento projetados nessas metáforas e os refletidos nos novos termos impelidos aos provérbios por meio de substituições e acréscimos. Sob a ótica da *Teoria da Metáfora Conceptual*, em que a metáfora é vista como uma projeção de um domínio de conhecimento mais concreto e bem delimitado em um outro domínio mais abstrato e carente de estruturação (Lakoff, Johnson, [1980]/2003), escolhemos, para a composição do *corpus*, as recriações que, de alguma forma, colocassem essa projeção em evidência. Servimo-nos também das reflexões de Dominique Maingueneau (1997, 2002, 2008) acerca da inseparabilidade do texto de seu quadro social, vislumbrando analisar como, através da *recriação proverbial*, os enunciadores manifestam suas opiniões e organizam suas argumentações. Na amostragem das recriações proverbiais, investigamos o real engajamento dos enunciadores em suas atividades de produção e de interpretação, valendo-se ora de processos de *literalização* das metáforas subjacentes, ora de procedimentos de extensões ou elaborações efetuadas a partir de componentes da história-fonte.

PALAVRAS-CHAVE: provérbios; intertextualidade; *détournement*; metáfora conceptual; criatividade.

³²⁴ Universidade Federal Fluminense, RJ

³²⁵ Universidade Federal Fluminense, RJ

ABSTRACT

Within the field of journalism, we can notice daily the wide circulation of crystallized statements, i.e., proverbial creations. It is also a productive phenomenon in opinion articles and typical of the kind of journalism aimed at an intellectual elite. In this case, however, these statements often undergo a deviation, which Grésillon Maingueneau (1984) named *détournement*. This phenomenon is a deviation from a crystallized proverbial form by means of substitutions, accretions, deletions, etc., with either playful or idealistic purposes. In this research, our interest lies precisely on proverbs that can rebuild. In addition, we are interested in checking how a conceptual metaphor underlying the linguistic surface of proverbs (Lakoff, Turner, 1988) may contribute to the success of the argumentative *deviation*. Our *corpus* consists of opinion articles, through which we intend to understand the semantic relation between the domains of knowledge mapped in the metaphors and the new terms that were added or substituted in the proverbs. From the perspective of the *Conceptual Metaphor Theory*, in which metaphor is seen as a projection of a more specific and well-defined domain of knowledge into another more abstract domain, lacking in structure, (Lakoff, Johnson, [1980]/2003), we selected for the *corpus* the recreations which somehow made the projection more prominent. We have also made use of the reflections by Maingueneau Dominique (1997, 2002, 2008) on the inseparability of the text from its social context, seeking to analyze how, through the *proverbial recreation*, speakers express their points of view and organize their arguments. In the sample proverbial recreations, we investigated the real engagement of the speakers in their production and interpretation activities, using either *literalizations* of the underlying metaphors or, sometimes, *extensions* or *elaborations* made from components from the source-story.

KEYWORDS: proverbs; intertextuality; *détournement*; conceptual metaphor; creativity.

Introdução

Diversas definições de provérbios enfatizam seu *status* como expressão fixa e metafórica (Mieder, 1993; Lopes, 1993; Schapira, 2000), o que comprovamos pelos exemplos abaixo enunciados:

- (1) “Pior a emenda do que o soneto”
- (2) “Vão-se os anéis, ficam os dedos”

Apesar disso, Grésillon e Maingueneau (1984) identificaram serem os provérbios passíveis de sofrerem o fenômeno do *détournement*, que consiste em um *desvio* da forma proverbial cristalizada por meio de substituições, acréscimos, supressões, etc. com propósito lúdico ou militante. De modo particular, o *détournement*

do tipo militante pode manter ou subverter a orientação argumentativa da versão original, conforme ilustram os enunciados a seguir:

(3) “Pior a emenda do que o soneto de pé quebrado” (Villas-Bôas Corrêa. *Jornal do Brasil*. 21/8/1998).

(4) “Sem descuidar dos anéis, trata de salvar os dedos” (Villas-Bôas Corrêa. *Jornal do Brasil*. 24/3/2006).

A respeito dessa recriação proverbial, interessou-nos, particularmente, neste trabalho, verificar como uma metáfora conceptual subjacente à superfície linguística do provérbio (Lakoff, Turner, 1989) pode contribuir para o sucesso argumentativo de um *desvio*. Mais especificamente, buscamos a relação semântica entre os domínios de conhecimento projetados nessas metáforas e os refletidos nos novos termos impelidos aos provérbios por meio de substituições e acréscimos.

Para nossa análise, selecionamos, primeiramente, no âmbito do domínio jornalístico, *recriações proverbiais* encontradas em textos assinados por Villas-Bôas Corrêa, Jô Soares e Luis Fernando Veríssimo. A partir dessa listagem, pesquisamos os significados dos provérbios originais e determinamos o seu *grau de metaforicidade* com base no léxico que os compõe. Por seguirmos a orientação da *Teoria da Metáfora Conceptual*, em que a metáfora é vista como uma projeção de um domínio de conhecimento mais concreto e bem delimitado em um outro domínio mais abstrato e carente de estruturação (Lakoff, Johnson, [1980]/2003, 1999), escolhemos os provérbios formados por elementos mais metafóricos (de maior incongruência semântica entre seu significado básico e seu significado na sentença) e suas respectivas reenunciações para a composição do *corpus*.

Sob esse enquadre, analisamos os acréscimos e as substituições lexicais das reenunciações proverbiais, visando não só identificar a que domínios de conhecimento pertencem, mas também compará-los aos domínios mapeados nas metáforas subjacentes às partes inalteradas dos provérbios originais.

Desejamos, assim, verificar se certos desvios valem-se ou não de um processo de *literalização* dado pelo acréscimo ou substituição de termos oriundos do domínio-fonte da metáfora conceptual subjacente.

Nesse jogo discursivo da recriação proverbial, acreditamos que, apesar de ser evidente seu aspecto lúdico, é na argumentação que os vemos funcionar como uma estratégia de sedução para que o leitor venha a aderir às teses apresentadas nos textos, segundo aquilo

que Maingueneau (1997, 2002, 2008) já enunciara acerca da inseparabilidade do texto de seu quadro social.

1. Fundamentação Teórica

1.1. Détournement

A fim de abordarmos, no plano teórico, o fenômeno da re-enunciação proverbial é importante salientarmos o pressuposto de que os ditos populares são enunciações essencialmente polifônicas. Ao serem proferidos, são remetidos à outra voz, a da sabedoria popular, cujo *ethos* sentencioso serve para distanciar o enunciador do asseverador, responsável pela asserção (Maingueneau, 2002, p. 170).

Ressalta, todavia, Maingueneau (2002), que, de certa maneira, o locutor do provérbio tem também responsabilidade sobre a assertiva, uma vez que cada enunciador liga-se, indiretamente, à instância genérica (*vox populi*). Essa ligação, contudo, só pode mesmo ser indireta haja vista o conhecimento consensualmente difundido ultrapassar os locutores reais, proveniente que é de experiência imemorial. Daí o caráter atemporal dos provérbios, o que, segundo Obelkevich (1996, p. 44), seria vantajoso uma vez que o provérbio é capaz de nos dar aquilo que foi dito por muitas pessoas em inúmeras ocasiões da vida. Além disso, dada a sua autonomia é passível de ser atualizado a cada novo emprego.

Pois bem, com apoio no caráter imemorial dos provérbios e em propriedades lingüísticas particulares, o locutor que os enuncia mantém-se fiel, por um lado, ao consenso, e, por outro, o reelabora por submeter-se a uma nova situação comunicativa. Há que se ressaltar, desse modo, que o provérbio é resultado de sua forma de re-enunciação particular: “o referente do provérbio é o enunciador e o re-enunciador na sua relação com aquela situação de enunciação. Dessa forma cada enunciação constrói um referente próprio” (Lysardo-Dias, 2001, p. 18).

Esse aspecto, aplicado ao emprego das palavras em geral, encontra origem no pensamento de Bakhtin (1992, p. 294):

...contudo o emprego das palavras na comunicação discursiva sempre é de índole individual-contextual. Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos:

como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheias de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (...) essa expressão nasce no ponto do contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual.

A reelaboração inerente à enunciação proverbial é potencializada quando, na nova enunciação, o sujeito opera nos ditos tradicionais uma transformação lingüística que acaba por reorientá-los. E, apesar de, nessa reorientação, os provérbios, sob nova roupagem, adquirirem retoques lingüísticos que lhes garantam certo ineditismo, são preservadas, em graus variados, propriedades típicas da tradição, como sua aura de atemporalidade e de verdade imutável dos aspectos estáticos da natureza humana.

Mesmo re-enunciados, os provérbios continuam compactos e funcionando como veículo do conhecimento moral e prático: “as pessoas usam o provérbio (ainda que reelaborado) para dizer a outras o que fazer ou que atitude tomar em relação a uma determinada situação” (Obelkevich, 1996, p. 45).

Apesar de resguardar traços típicos dos “velhos ditos”, a nova versão, entretanto, afirma-se como um enunciado ainda mais polifônico do que a versão original. Nas palavras de Bakhtin, “essas palavras dos outros trazem consigo sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (1992, p. 295).

A recriação proverbial configura-se como um fenômeno amplo de polifonia uma vez que se configuram, explicitamente para suas construções, diversas vozes enunciativas que remetem mais propriamente à mobilidade (subversão) do que à fixidez (captação) do dito. Sabendo que essa polifonia é atestada, neste caso, pela presença de um intertexto, aceitamos que na recriação proverbial ocorre uma das mais importantes manifestações polifônicas, verdadeira aliada da polifonia: a intertextualidade.

A intertextualidade *stricto sensu* é a superposição de um texto a outro, ou seja, é a inserção de um texto anteriormente produzido – integrante da memória ou do campo de referências de uma comunidade – em outro que toma aquele como ponto de partida.

Nesse processo de apreensão de um texto sobre outro, ocorre uma espécie de atualização do texto citado, a qual se manifesta ora explícita ora implicitamente. A intertextualidade será explícita se no texto atualizado houver citação à fonte do intertexto, caso comum às resenhas, referências, menções etc. Em contrapartida, a intertextualidade implícita ocorre quando o intertexto é inserido no texto mais recente sem que se faça qualquer referência à fonte, conforme exemplificam enunciados irônicos, apropriações, concessões etc.

Nesse jogo de apreensão da voz alheia para fazê-la interagir com a do enunciador, a intertextualidade serve-se de duas estratégias opostas: a captação e a subversão (Grésillon e Maingueneau, 1984). Visando tomar a mesma direção argumentativa do texto fonte, o derivado constitui-se pelo processo da captação, verificado em paráfrases, aproximadas do texto original. A fim de ridicularizar ou argumentar em sentido oposto ou *diferente* ao do texto matriz, adota-se a estratégia da subversão na elaboração do texto derivado, reconhecida nos enunciados parodísticos.

Um exemplo desse emprego de reacentuação (Bakhtin, 1992, p. 284) recai justamente sobre o alvo desta pesquisa: os provérbios re-enunciados (reacentuados) transferidos para o domínio jornalístico.

Incluídas como formas de intertextualidade, a paródia proverbial bem como a paráfrase de um provérbio identificam-se com um conceito proposto por Grésillon e Maingueneau (1984), o *détournement*. Consoante esses autores (*op.cit.*:114), o “*détournement* consiste em produzir um enunciado que possui marcas lingüísticas de uma enunciação proverbial, mas que não pertence ao estoque de provérbios reconhecidos”.

Segundo Schapira (2000), o *détournement* seria um mecanismo ilustrativo daquilo que ela denominou por *déproverbialisation*. Tal mecanismo não se define pela oposição ao termo *proverbialisation*, mas se constitui como um meio de restituição do provérbio ao discurso livre, ou seja, de *descristalização* discursiva. Acrescenta ainda que, paradoxalmente, a desproverbialização implica e reforça a proverbialização: o *détournement*, na verdade, consolida tanto o provérbio padrão, pois o manipulado lhe faz referência, quanto o explicitamente empregado (Schapira, *op.cit.*: 93). Instaure-se assim um debate quanto à validade do estereótipo que o “novo provérbio” veicula (*op.cit.*: 97).

Por sua vez, Kleiber (1999) considera que a simples introdução de um verbo de opinião diante de um enunciado proverbial já caracterizaria a desproverbialização, já que, nesse caso, o provérbio estaria desprovido de seu “status” de denominação.

Sob a ótica de Schapira (2000), o *détournement* como um caso ilustrativo de desproverbialização demonstra a existência de um movimento de manipulação de formas proverbiais, com vistas a empregá-las ou sob um tom lúdico ou de banalização. A autora propõe essa divisão face aos dois tipos de *détournement* já pontuados por Grésillon e Maingueneau (1984).

Os autores atestam a existência de dois tipos de “desvio”: o lúdico – em que se apela apenas para um jogo de sonoridades entre o novo enunciado e o evocado, sem que se estabeleça relação de sentido entre eles, havendo, nesse caso, o plano limitado da alusão; e o militante – que consiste na produção de um enunciado que esteja a serviço de uma estratégia política ou ideológica. Koch (1998) observa que aqui o objetivo é, pois, levar o enunciador da recriação proverbial a ativar o provérbio original com vistas a argumentar a partir dele, adquirindo um valor a que Grésillon e Maingueneau (1984) denominam captação; ou então “ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, *adaptá-lo a novas situações ou orientá-lo para outro sentido diferente do original*” (Koch, 1998, p. 116), estratégia denominada subversão.

Nesse enquadre, portanto, as recriações proverbiais podem ser concebidas como um *détournement* do tipo militante, que compreende casos de “captação”, correspondentes às recriações que seguem a orientação argumentativa da versão original, e de “subversão”, que se configuram como um procedimento de reorientação da versão original, isto é, como “uma descaracterização de um dizer convencional e, sobretudo, uma reformulação de um enunciado já estabilizado socialmente” (Lysardo-Dias, 2001, p. 198).

Neste trabalho, assumimos, a princípio e por suposição, a recriação dos provérbios em Villas-Bôas Corrêa, Luís Fernando Veríssimo e Jô Soares como, sobretudo, um *détournement* do tipo militante. Além disso, concebemos, em especial, a subversão não como um procedimento exclusivamente devastador, mas, sobretudo, recriador, renovador, no sentido de que põe em diálogo o “dito velho” e o “dito novo”. Afastamo-nos, assim, de definições que tomam a subversão como mecanismo puramente de depreciação para a assumirmos, tal qual Machado, como um fenômeno da heterogeneidade constitutiva, isto é, visto “em sua forma implícita, enquanto ato

transformador/revelador de uma certa visão de mundo, com suas implicações ideológicas e culturais” (1999, p. 327).

Essas são as bases sobre as quais encaramos a recriação proverbial nesta pesquisa. Em síntese, trata-se de um fenômeno polifônico, isto é, de uma forma de intertextualidade com provável valor de subversão, que, ao se configurar como um tipo de alteração do texto-fonte, visa, a partir dele, à produção de novos sentidos. Entretanto, estrategicamente, as expressões proverbiais podem ser re-enunciadas por captação da orientação argumentativa da versão original. Capturá-los, por meio da investigação das marcas lingüísticas que instauram o novo dito, será trabalho necessário para alcançarmos os resultados almejados.

1.2. Metáfora Conceptual

Vista tradicionalmente como “mera linguagem”, “mecanismo de embelezamento do texto” ou “uso desviante”, a metáfora é comumente definida como uma “comparação, mas sem a presença da conjunção **como**” (Cadore, 1994, p. 31, ênfase no original).

Em **Metaphors We Live By** ([1980]/2003), Lakoff e Johnson apresentam uma nova abordagem da metáfora que transfere seu **locus** da linguagem para o pensamento (Vereza, 2010), abordagem esta conhecida como **Teoria da Metáfora Conceptual** (doravante TMC). Neste paradigma, a metáfora é considerada parte de nosso sistema conceitual, instanciada neuralmente, baseada, em geral, em nossas experiências sensório-motoras, interacionais, emocionais e culturais (Lakoff, Johnson, 1999).

A metáfora consiste, neste modelo, em uma projeção entre domínios de conhecimento semanticamente incongruentes, que sanciona expressões como “tivemos uma recepção **calorosa**” ou “ela me cumprimentou tão **fria**” em que, no contexto de avaliação de afetividade, vemos termos relacionados a **calor** – um domínio bem delimitado e apreendido por meio de nosso aparelho sensório-motor (domínio-fonte) – utilizados em referência à **afetividade** – um domínio mais abstrato e subjetivo (domínio-alvo). Esses dois exemplos servem como evidência da metáfora **Afetividade É Calor**.

A TMC abarca também a noção de metonímia em que um elemento mais saliente de um conceito pode representar todo o conceito. Como raiva provoca um aumento na temperatura corporal, “comecei esquentar conforme ele confessava tudo” evidencia um componente do domínio de conhecimento no lugar do termo que representa o domínio (Gibbs, 1994; Kövecses, 2008; Lakoff, Johnson, [1980]/2003; 1999).

Provérbios, assim como vários tipos de expressões usadas para “se dizer algo de outra maneira”, são motivados, em geral, pelas mesmas metáforas conceptuais encontradas em expressões do dia a dia, sejam linguísticas ou não (Gibbs, 1994; 1999; Lakoff, Turner, 1989; Lakoff, Johnson, 1999). Em português, por exemplo, é comum conceitualizarmos problemas como volumes de água. Evidências dessa projeção são vistas tanto em expressões como *afundar-se em dívidas*, *tempestade em copo d’água*, quanto no gesto que indica o “nível da água” que acompanha a expressão *estar por aqui de problemas*. Essa projeção apresenta-se como a metáfora mais transparente no provérbio *Quem entra na chuva é para se molhar*. Além de *Problemas São Um Volume De Água* (chuva, molhar), vemos no provérbio a composição de duas outras metáforas, *Ação É Deslocamento* (atualizada por meio do verbo *sair*) e *Estados São Lugares* (indicada pela preposição *em*), que acarretam em *Mudanças De Estado São Mudanças de Lugar*. Tomado literalmente, o provérbio poderia fornecer a (pouco provável) leitura “quem se desloca deliberadamente de um abrigo para expor-se à chuva acaba coberto de água”. Entretanto, o usuário compreende, sem grande esforço, a correspondência entre *sair na chuva* e *expor-se a inconveniências ou riscos*, assim como entre *molhar-se* e *sofrer consequências*. Para que haja a inserção do provérbio em uma situação real de comunicação, essa correspondência funciona como um molde de nível genérico para a projeção entre os esquemas do provérbio (história-fonte) e da situação extralinguística (história-alvo), de nível específico. Lakoff e Turner (1989) nomearam esse processo de *Genérico É Específico*, uma metáfora que permanece “aberta” até que seu encaixe seja feito no discurso.

Embora alguns autores (Crisp, 2003, Gibbs, 1994; Lakoff, Turner, 1989; Semino, Steen, 2008; Stockwell, 2002) vejam mais uma continuidade que uma ruptura entre as expressões mais convencionais e as mais criativas, Lakoff e Turner identificaram alguns mecanismos presentes nas expressões criativas, dos quais dois merecem destaque:

- *Extensão*: em que são feitos mapeamentos estranhos à projeção convencional, e

- *Elaboração*: em que elementos incomuns oriundos do domínio-fonte preenchem os espaços no mapeamento.

Esses conceitos são altamente relevantes para a análise do *détournement*: como a metáfora *Genérico É Específico* determina quais mapeamentos irão ocorrer durante enunciação do provérbio, um desvio pode ser o resultado tanto de extensões ou elaborações efetuadas a partir de componentes da história-fonte, quanto da literalização desses componentes.

Charteriz-Black (2004, 2005) propõe a Análise Crítica da Metáfora, que explora o caráter político-ideológico da metáfora no discurso. O autor postula que a metáfora “somente pode ser explicada ao se considerar a interdependência de suas dimensões semântica, pragmática e cognitiva”³²⁶ (2004:2). A análise, segundo o autor, deve consistir em identificar expressões e elementos metafóricos, interpretá-los e explicá-los em relação ao sistema de crenças da comunidade e ao contexto sócio-histórico da enunciação (2005:26-29).

2. Metodologia

2.1. Caracterização do *Corpus*

O *corpus* desta análise consiste em três recriações extraídas de textos assinados por Villas-Bôas Corrêa, Jô Soares e Luis Fernando Veríssimo, inseridos em contextos de avaliações de eventos políticos brasileiros. São recriações claramente militantes, mas que não deixam de flertar com o lúdico.

Os textos de Veríssimo e Jô Soares consistem em listas de recriações proverbiais. Assim, após a identificação dos provérbios originais, a escolha dos exemplos foi definida a partir de seu grau de metaforicidade. Estabelecemos como critério determinante a incongruência semântica entre os significados mais convencionais dos itens lexicais e seus sentidos nos provérbios ou nas recriações. Foram selecionados os exemplos em que essa incongruência fosse transparente na sentença convencional ou perdesse a opacidade após a recriação.

³²⁶ “Metaphor can only be explained by considering the interdependency of its semantic, pragmatic and cognitive dimensions.”

Quanto ao artigo de opinião de Villas-Bôas a identificação baseou-se na definição de Mieder (2004, p. 3): “uma sentença popular curta, amplamente conhecida, [...] fixa e memorizável [...].”³²⁷ Uma vez encontrada uma recriação potencial, a consulta ao dicionário ratificou seu *status* como um desvio e sua inclusão no corpus. O Dicionário de ditados, provérbios, alusões, citações e paródias, de Barros (2008) serviu como nossa referência.

2.2. Procedimentos

Determinado o *corpus*, procedemos à identificação das metáforas por meio do procedimento apresentado pelo grupo Pragglejaz (2007), que consiste em:

- leitura do texto para definição do tema,
- determinação do sentido contextual de cada termo, e
- verificação de contraste com o sentido básico do termo (mais concreto, mais preciso, historicamente mais antigo e relacionado a percepções sensório-motoras).

Uma vez elencados os termos usados metaforicamente, determinamos quais domínios de conhecimento estão em jogo no contraste entre seus sentidos e estabelecemos a metáfora conceptual motivadora subjacente.

O mesmo procedimento foi executado nos acréscimos e substituições para avaliarmos se a metáfora foi conservada, comutada ou anulada e quais sentidos foram gerados a partir das novas sentenças.

3. Análise

3.1. “Quem entra na chuva é para se molhar”.

A Pré-Campanha Escorrega Na Galhofa

Nada poderia acontecer de pior a pré-campanha, antecipada pelo presidente com o lançamento da candidatura da ex-ministra

³²⁷ “A proverb is a short, generally known sentence of the folk [...], fixed and memorable form [...].”

Dilma Rousseff do que a escorregadela no chão molhado por tantos equívocos e erros grosseiro da galhofa. A consulta ao confiável Houaiss na busca por um adjetivo menos rude não ajuda, antes multiplica o embaraço. Confirmam a lista dos sinônimos: gracejo – o mais suave – risota, zombaria, deboche, pândega. Creio que basta e até sobra.

O presidente mandou um recado indireto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que já aplicou duas multas no modesto total de R\$ 15 mil pelas suas centenas de infrações à legislação eleitoral, com o truque de misturar a fiscalização de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Minha Casa Minha Vida, sempre na companhia da sua candidata, com todas as características de atos de campanha eleitoral: palanque, com microfone para a discursaria, platéia garantida pela convocação dos operários, faixas, cartazes, um forró de arromba.

Quem entra na chuva, mesmo com a capa da autoridade presidencial, acaba respingado ou, se é chuarada firme, ensopado da cabeça aos pés. [...]

(Villas-Bôas Corrêa, JB, 14 de abril de 2010, ênfase nossa)

O trecho em itálico acima é uma recriação do provérbio *Quem entra na chuva é para se molhar* que equivale a “Ao entrar numa situação, saiba suas consequências” (Barros, 2008, p. 68). A sentença original consiste em duas partes que apresentam um sujeito que se expõe deliberadamente a uma situação desfavorável (“Quem sai na chuva”) e sua consequência (“é para se molhar”). Como visto acima (1.2), essa leitura é propiciada pelas metáforas *Problemas São Volumes de Água e Mudanças De Estado São Mudanças de Lugar*.

No artigo de Villas-Bôas, a história-alvo da enunciação proverbial é a insistência do então presidente Lula em apresentar Dilma Rousseff como candidata a sua sucessão na presidência antes do período determinado pelo STE e sua desconsideração pelas decorrentes sanções penais.

A avaliação é atualizada na forma de um desvio que, apesar de captar a orientação argumentativa do texto-fonte, consiste na substituição da segunda parte do

provérbio por extensões e elaborações com termos relacionados à chuva, um caso específico do domínio-fonte *Volumes de Água*. O texto original do provérbio é vago quanto à intensidade da chuva e, conseqüentemente, quanto ao estado final do sujeito. Não é prevista, também, a possibilidade de equipamento de proteção.

Desse modo, vemos, na reformulação, a pretensa imunidade de Lula como uma capa de chuva, as possíveis conseqüências mais insignificantes como respingos e o risco de conseqüências sérias e desagradáveis como chuvarada firme, contra a qual nem mesmo a “capa presidencial” pode proteger.

É interessante notar que o verbo *escorregar* no título do artigo e a expressão “a escorregadela no chão molhado”, como instâncias da metáfora *Problemas São Volumes De Água*, estabelecem previamente um ponto de partida para a leitura do provérbio.

Na recriação, as acusações ao presidente Lula e o apoio à sanção aplicada pelo TSE são efetuados por meio de uma estratégia elegante, que favorece uma apreciação do talento retórico de Villas-Boas, ao mesmo tempo em que deprecia a atitude de Lula de uma forma indireta.

3.2. “Há males que vêm para o bem.”

Os “males” são reificados como objetos que percorrem uma trajetória em direção ao experienciador e, paradoxalmente, causam-lhe o bem. Essa formulação é indicativa das metáforas *Atributos São Entidades*, *Existir É Estar Aqui* e *Mudança É Movimento*.

A reificação dos “males” é, de certa forma, opaca e determinada pelo significado básico do verbo “vir”: apenas elementos concretos deslocam-se no espaço. A incongruência entre esse significado do verbo e seu significado no texto, como sinônimo de “ocorrer”, é o que permite o jogo na recriação de Jô Soares – *Há malas que vêm para o bem*.

Como “malas” são entidades do mundo físico que podem ser deslocadas no espaço, o termo provoca a literalização do verbo “vir” e favorece a leitura (provisória) “Há alguém que é beneficiado quando determinadas malas são recebidas”. Ainda assim, necessitamos recorrer ao contexto sócio-histórico para podermos compreender a recriação.

A sentença faz parte de uma lista intitulada *Provérbios do Planalto*, publicada na revista *Veja* em 2 de outubro de 1991, época em que surgiram diversas evidências de casos de propina envolvendo Paulo César Farias, o tesoureiro de campanha do então presidente Fernando Collor de Mello (Nêumane, 1992, p. 69-72). Malas, como contêineres para transporte de dinheiro, correspondem, metonimicamente, aos subornos. A leitura final do provérbio recriado deve ser “Há alguém que é beneficiado quando subornos são recebidos”.

Com uma alteração mínima na forma do provérbio, Jô Soares subverte seu sentido e cancela sua metáfora mais transparente ao mesmo tempo em que o mantém facilmente reconhecível.

3.3. “Quem tem boca vai a Roma.”

Como o texto de Jô Soares (3.2), o desvio do provérbio acima também encontra-se em uma listagem, mas parte das recriações de Veríssimo é inequivocamente lúdica. O que chama atenção no *détournement* resultante é a referência à ditadura no termo adicionado: “Quem tem boca vai a Roma, exilado”.

A leitura do provérbio original é, segundo Barros (2008, p. 233), “Quem ousa perguntar para informar-se chega ao seu destino”.

O termo “destino” é ambíguo por poder ser interpretado literalmente (ponto final de uma trajetória) ou metaforicamente (objetivo). A boca, como instrumento da fala, meio prototípico de troca de informação, representa metonimicamente o domínio *Perguntar*. A leitura do provérbio é, então, baseada nas metáforas *Ação É Deslocamento*, com o subcaso *Objetivos São Destinos*, e na metonímia *Ter Boca é Poder Perguntar*.

O acréscimo lexical (“exilado”) é oriundo de um caso específico do domínio-fonte *Deslocamento*, indicativo de uma viagem forçada. Ao evocar nossa memória sobre os exilados durante o período da ditadura no Brasil, Veríssimo cancela a leitura metafórica de “ir a Roma”, que passa a representar um banimento literal em um dos vários lugares possíveis e recategoriza “ter boca” que passa a representar, ainda metonimicamente, o domínio *Posicionar-se*. O novo sentido da recriação passa a ser “Quem ousa posicionar-se é exilado”.

Com essa reformulação, o sentido original de incitação a agir por intermédio dos meios disponíveis é subvertido em uma advertência contra posicionamento do sujeito em um regime totalitário.

4. Conclusão

A Teoria da Metáfora Conceptual vem contraindo relações, ao longo de seus 31 anos de existência, que a levam muito além do seu caráter originalmente centrado em questões semânticas. Esse modelo tem oferecido respostas em áreas de conhecimento tão diversas como a etimologia (Sweetser, 1990), as línguas de sinais (Taub, 1997), a psicologia (Gibbs, 1994), a filosofia (Johnson, 1993, 2008) e a música (Zbikowski, 2008). Porém, apenas recentemente, começa a surgir uma nova tendência mais voltada “para a linguagem a partir de uma perspectiva discursiva, ou seja, para o *uso* da metáfora em situações reais de linguagem em uso” (Vereza, 2007, p. 490, grifo no original), cuja vantagem é a inclusão de elementos importantes, como contexto e propósitos retóricos, que acrescentam uma nova dinâmica às pesquisas na TMC.

Nosso trabalho procurou demonstrar como o reconhecimento de aspectos discursivos, cognitivos e históricos pode fornecer não só uma leitura mais rica de um enunciado, como também motivos para apreciação do talento retórico de seus produtores. O estranhamento causado pelo jogo entre os termos originários dos domínios-fonte das metáforas e suas reenunciações, embora possa minimizar a fronteira entre o *lúdico* e o *militante*, não dispensa jamais o contexto da enunciação, em que podemos apreender o sentido ideológico contido nas recriações e identificar seus referentes.

Desse modo, acreditamos poder responder à pergunta lançada no título deste trabalho: Para bom enunciador, um domínio só basta? Frente ao exposto acima, nossa resposta tende a ser negativa.

Por intermédio dos três desvios analisados, vemos, progressivamente, como o trabalho criativo pode reorientar ou literalizar a metaforicidade de uma sentença proverbial. Na recriação de Villas-Bôas, foram adicionados termos incomuns do domínio-fonte da metáfora mais transparente, estabelecendo novas correlações. Nas reformulações impelidas por Jô Soares e Veríssimo, encontramos a recategorização de seus componentes lexicais em domínios diferentes dos originais, literalizando elementos dos provérbios.

Todas essas operações são somente possíveis a partir da identificação da incongruência semântica entre os significados básicos dos termos tomados individualmente e seus significados no provérbio. Mesmo nos casos em que a metafóricidade do termo é cancelada, as correlações estabelecidas entre os elementos do domínio-fonte e do domínio-alvo nas formas canônicas dos provérbios têm de ser reconhecidas para causar o efeito e o sentido pretendidos, no que pese sua força argumentativa e poder de sedução sobre o leitor.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, L. A. *Dicionário de ditados, provérbios, alusões, citações e paródias*. Niterói, RJ: Nitpress, 2008.
- CADORE, L. A. *Curso prático de português: Literatura, gramática e redação*. Programa completo 2º grau. São Paulo: Ática, 1994.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. New York: Palgrave, 2004.
- _____. *Politicians and rhetoric: The persuasive power of metaphor*. New York: Palgrave, 2005.
- CRISP, P. Conceptual metaphor and its expressions. In: GAVINS, J.; STEEN, G. (ed.) *Cognitive Poetics in Practice*. London: Routledge, 2003.
- GIBBS, R. *The Poetics of Mind: Figurative thought, language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. Taking metaphor out of ours heads and into the cultural world. In: R. Gibbs & G. Steen (Eds.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1999.
- GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre. *Langages*, 19e année, n. 73, 1984.
- JOHNSON, M. *Moral Imagination: Implications of cognitive science for ethics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

- _____. Philosophy's debt to metaphor. In: GIBBS, R (ed.) *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- KLEIBER, G. *Les proverbes: des dénominations d'un type "très très special"*. Langue française, n. 123, setembro, 1999.
- KOCH, I. G. V. O texto e a (inevitável) presença do outro. *Letras*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, n. 14, 1998.
- KÖVECSES, Z. Metaphor and Emotion. In: GIBBS, R (ed.) *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. 2.ed. Chicago: University of Chicago Press, [1980]/2003.
- _____; _____. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G; TURNER, M. *More than Cool Reason: A field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- LOPES, A. C. M. *Texto Proverbial Português: Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de Doutorado. Coimbra, 1992
- LYSARDO-DIAS, D. *Provérbios que são notícia: uma análise discursiva*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, Faculdade de Letras: UFMG, 2001.
- MACHADO, I. L. A paródia vista sob a luz da análise do discurso. In: MARI et alii (orgs.). *Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges – NAD/FALE/UFMG, 1999.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes, UNICAMP, 1997.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008
- MIEDER, W. *Proverbs: A handbook*. Greenwood Press: Connecticut, 2004.
- NÊUMANNE, J. *A República na Lama*. São Paulo: Geração Editorial, 1992.

OBELKEVICH, J. Provérbios e História Social. In: BURKE, P.; PORTER, R. (org.) *História Social da Linguagem*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

PRAGGLEJAZ Group, MIP: A Method for Identifying Metaphorically Used Words in Discourse. *Metaphor and Symbol*, vol. 22 (1), 2007.

SCHAPIRA, C. Proverbe, proverbialisation et déproverbialisation. *Langages*, 34^e année, n. 139, 2000.

SEMINO, E.; STEEN, G. Metaphor in Literature. In: GIBBS, R (ed.) *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

STOCKWELL, P. *Cognitive Poetics*. London: Routledge, 2002.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAUB, S. *Language from the body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

VEREZA, S. Metáfora e Argumentação: Uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, v. 7, n. 3, Set/Dez, 2007.

_____. O *lócus* da metáfora: Linguagem, Pensamento e Discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição*, n. 41, 2010.

ZBIKOWSKI, L. M. Metaphor and Music. In: GIBBS, R (ed.) *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Futebol e metáfora

Luciane Corrêa Ferreira³²⁸
lucianeufmg@gmail.com
Bárbara de Lima Gonçalves¹
babi.bio@gmail.com

RESUMO

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora desempenha no cotidiano, além de uma função estética, também uma função cognitiva. Conforme esses autores, a essência da metáfora reside no fato de que, por meio dela, compreendemos algo ou um evento em termos de outro. Vejamos a metáfora VIDA É UM JOGO, em que conceitualizamos vida por meio de nossa experiência concreta com jogo. Considerando que a cultura brasileira possui uma ligação forte com o futebol, muitas metáforas e expressões idiomáticas em português são motivadas pela experiência com esse esporte, por exemplo, o uso de expressões como “show de bola” e “dar um cartão vermelho”. Objetivamos discutir as seguintes questões: o futebol vai motivar que outros domínios experienciais? que outros domínios experienciais fonte vão motivar o discurso sobre futebol? Descobrimos que alguns contextos motivam o uso de futebol como domínio-fonte, por exemplo, política, enquanto outros contextos motivam o uso de futebol como domínio-alvo. Os resultados apontam como a experiência com o futebol vai motivar expressões em diferentes domínios, como RELIGIÃO, GUERRA, POLÍTICA, ALIMENTO, MÁQUINA, ARTE, e vice-versa, refletindo a marcante experiência do futebol no cotidiano dos povos brasileiro e alemão.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; cognição; futebol; linguística cognitiva

ABSTRACT

According to Lakoff and Johnson (1980), metaphors plays not only an esthetic role in our daily lives, but a cognitive role as well. According to them, the essence of

³²⁸ Universidade Federal de Minas Gerais, MG

metaphors lie in the fact that, through them, we understand a thing or an event by means of something else. Observe the metaphor LIFE IS A GAME, in which we conceptualize live through our concrete experience playing games. Considering that Brazilian culture has a strong link with football, many metaphors and idioms in Portuguese are motivated by the experience with that sport, for example, the use of expressions such as "show de bola" (a show of ball) and "dar um cartão vermelho" (to give a red card). Our goal was to discuss the following questions: What other experiential domains does football motivate? What other experiential source domains motivates the discourse about football? We realised that some contexts motivate the use of football as source domain, e.g. politics, whereas other contexts motivate the use of football as target domain. Our results indicate that the experience with football motivates expressions in different domains, such as RELIGION, WAR, POLITICS, FOOD, MACHINE and ART and vice-versa, reflecting the strength of the football experience in both Brazilian and German daily lives.

KEY-WORDS: metaphor; cognition; football; cognitive linguistics

Introdução

Vejamos a letra de uma canção chamada "Sem saída" de autoria de Cid Campos e Augusto de Campos:

A estrada é muito comprida

O caminho é sem saída

Curvas enganam o olhar

Não posso ir mais adiante

Não posso voltar atrás

Levei toda a minha vida

Nunca saí do lugar

Este trecho apresenta algumas metáforas conceptuais. A estrada está relacionada com a metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM (LAKOFF e JOHNSON, 1980), em que utilizamos a nossa experiência com o domínio experiencial viagens para falar sobre o conceito abstrato vida. Sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual, a compreensão ocorre por meio de mapeamentos metafóricos entre diferentes domínios da nossa experiência, isto é, do domínio experiencial concreto VIAGEM para o domínio experiencial abstrato VIDA, como no esboço que segue:

VIDA É UMA VIAGEM

Mapeamento metafórico

<i>Fonte</i>		<i>Alvo</i>
a viagem	→	a trajetória da existência
os viajantes	→	as pessoas
a estrada	→	a vida
curvas	→	percalços
o caminho sem saída	→	problema sem solução
o destino da viagem	→	o destino da vida
ir adiante	→	progredir
voltar atrás	→	desistir de algo

No caso específico dessa canção, os autores retomam um mapeamento estruturado sistematicamente e bastante rico em que as pessoas que percorrem a estrada correspondem a viajantes que tomam um ‘caminho’ comprido e sem saída. As ‘curvas’ correspondem aos problemas que enfrentamos na nossa vida, ‘ir adiante’ corresponde a

progredir e ‘voltar atrás’ a desistir de algo ou a mudar de idéia. Enfim, essa metáfora conceitual é frequentemente utilizada na linguagem poética. Tais significados são motivados pela experiência de nossos corpos em ação no mundo (GIBBS, 2006), e não são arbitrários. Por isso mesmo, quando alguém utiliza uma expressão metafórica, geralmente compreendemos de maneira automática tal enunciado.

De acordo com a visão experiencialista (LAKOFF, 1987), o significado é definido em termos da nossa experiência corpórea, isto é, a nossa experiência corpórea no e com o mundo define a esfera do que é significativo para nós e determina a nossa maneira de compreender o mundo. O experiencialismo atribui um papel central à experiência corpórea na constituição do significado, na compreensão e no raciocínio. Na mesma linha do experiencialismo na filosofia, a Teoria Contemporânea da Metáfora (LAKOFF, 1993) postula que o sistema conceitual humano é, em grande parte, metafórico na proporção que contém mapeamentos de inferências de domínios mais concretos para domínios mais abstratos. Tais mapeamentos não são arbitrários, mas sim motivados por nossa natureza corpórea, sensório-motora, isto é, como nossos corpos funcionam e interagem no mundo.

Tendo a metáfora (2) *Decidimos tomar caminhos distintos, pois a nossa relação acabou* como exemplo, seriam considerados inconsistentes com essa metáfora algumas características do amor, tais como: o custo do amor e o tempo de duração do amor. Assim, “quando um conceito é estruturado por uma metáfora, significa que ele é parcialmente estruturado e pode ser entendido de algumas maneiras, mas não de outras” (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 13). Evidências obtidas por meio de estudos empíricos, apresentadas por estudiosos da metáfora (GIBBS, 2006; CIENKI, 2005; GIBBS, LIMA e FRANÇOSO, 2004), trazem à luz como a experiência sensório-motora, isto é, o nosso corpo em ação no mundo, motiva o pensamento e, conseqüentemente, o uso e a compreensão de linguagem metafórica. Esses estudos experimentais demonstram que as experiências corpóreas recorrentes dos indivíduos freqüentemente desempenham um papel em como eles compreendem o significado metafórico e porque muitas palavras e expressões têm um determinado sentido. Por exemplo, pode ser que os indivíduos criem simulações das mensagens ouvidas que envolvam processos do tipo “como deve ser isso” que utilizem experiências tácteis e cinestésicas (GIBBS, 2006). Nosso sistema conceitual não é estruturado independentemente de nossas interações com o ambiente. Em decorrência disso:

“Nossos conceitos não podem ser reflexos diretos de uma realidade externa, objetiva, abstraída da mente visto que nosso sistema sensório-motor desempenha um papel crucial em modelá-los. Por outro lado, é o envolvimento do sistema sensório-motor no sistema conceitual que o mantém em contato próximo com o mundo”. (LAKOFF & JOHNSON 1999, p. 44)

Outra questão instigante para os lingüistas cognitivos é se todas as correspondências das metáforas conceituais são compreendidas e estariam associadas quando se tenta compreender um enunciado metafórico. Esta discussão será feita a seguir.

1. Cognição e a compreensão de metáforas

Além da dificuldade de se determinar qual é a metáfora conceitual que emerge da análise sistemática de expressões convencionais, há também o problema de se descobrir como as correspondências de determinada metáfora conceitual são criadas e armazenadas. Gibbs e Ferreira (*a sair*) investigaram se os sujeitos entendem umas, algumas ou todas as correspondências associadas com a metáfora conceitual quando processam expressões metafóricas convencionais motivadas por determinada metáfora conceitual. A literatura na área de lingüística cognitiva não apresenta uma resposta para esta pergunta porque ela nunca havia sido colocada anteriormente. Já sob uma perspectiva psicolingüística, provavelmente existam várias respostas, dependendo do momento da compreensão analisado. Outro objetivo do estudo foi descobrir porque algumas correspondências de metáforas conceituais estão mais relacionadas do que outras. Por exemplo, ao ouvir o enunciado metafórico “Ela lutou contra a sua raiva”, perguntou-se se o indivíduo reconhecia que as várias correspondências associadas com a metáfora conceitual RAIVA É UM Opositor (em uma briga) (LAKOFF, 1987, p. 392) estavam implicadas. Ou se o sujeito ao ler “Ela lutou contra a sua raiva”, julgava expressões como “Ela explodiu de raiva” ou “Ela ficou cheia de raiva” como não sendo relacionadas com a primeira, porque elas são motivadas por uma metáfora conceitual distinta que é RAIVA É UM Líquido aquecido em um recipiente (KÖVECSES, 2005: 39), embora elas se refiram ao mesmo domínio-alvo RAIVA, mas

têm um domínio-fonte diferente (RECIPIENTE) que dá origem a um conjunto diferente de correspondências do que para a metáfora conceitual RAIVA É UM OPOSITOR (em uma briga). A hipótese preditiva foi de que itens com uma metáfora conceitual, metáfora lingüística e correspondência consistentes, por exemplo, o enunciado metafórico "Ela ficou cheia de raiva" combinado com "sentir raiva é como sentir uma substância ou objetos contidos em um recipiente", cuja metáfora conceitual é RAIVA É UM LÍQUIDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE, assim como itens que têm enunciados metafóricos com um domínio-fonte comum, tal como OPOSITOR em "Ela lutou contra a sua raiva" ou "Ela foi dominada pela sua raiva" seriam julgados com uma pontuação alta. Por outro lado, também foi previsto que os sujeitos, ao lerem enunciados metafóricos com domínios-fonte diferentes e, portanto, não relacionados, como "Ela ficou cheia de raiva" (DF: RECIPIENTE) não conseguiriam associá-los à correspondência "o indivíduo luta contra a raiva, assim como luta contra o opositor em uma briga" (DF: OPOSITOR). Os resultados apontam que os sujeitos julgaram com pontuação maior os enunciados metafóricos com as correspondências consistentes do que os não relacionados. Isso sugere que os indivíduos parecem reconhecer que uma metáfora verbal implica certos significados relacionados à metáfora conceitual subjacente, embora a compreensão de metáforas verbais não pareça implicar diretamente correspondências com o domínio-alvo que emergem de metáforas conceptuais diferentes. Tal resultado constitui evidência de que as pessoas conseguem inferir ao menos uma pequena gama de correspondências motivadas por uma metáfora conceitual subjacente quando lêem enunciados metafóricos convencionais.

Como aparece nas críticas de Haser (2005) à Teoria da Metáfora Conceptual, assim como em outros estudos que abordam problemas metodológicos da teoria, por exemplo, Semino et al. (2004), Keysar et al. (2000) e Ferreira (2010), um dos maiores desafios da lingüística cognitiva é elucidar qual é o caminho percorrido da metáfora conceitual até se chegar à metáfora lingüística, isto é, fornecer uma descrição geral de como a compreensão ocorre no quadro da teoria, mas também esclarecer quais metáforas conceptuais são acessadas ao se tentar compreender um domínio abstrato específico e, principalmente, por que optamos por um grupo particular de metáforas conceptuais, e não por outro. Enfim, os estudiosos da metáfora estão comprometidos em solucionar tais questões que constituem uma lacuna da teoria (Veja-se GRUPO PRAGLEJAZZ, 2009). Uma questão para a qual os estudiosos da metáfora ainda não apresentaram uma resposta é o problema de uma metáfora lingüística poder ter

motivações conceituais distintas. Como foi discutido em Ferreira (2007), pode haver mais de uma motivação conceitual para o enunciado *The temperature went from boiling to subzero*. Semino et al. (2004) apontam as dificuldades com as quais pesquisadores da metáfora se defrontaram ao identificar duas metáforas conceituais diferentes, que poderiam ter motivado uma expressão metafórica em um corpus de conversas sobre câncer. Ferreira (*op. cit.*) deparou-se com o mesmo problema. O significado do enunciado *The temperature went from boiling to subzero* refere, em inglês, uma mudança brusca. Contudo, essa mudança ocorre na temperatura. A metáfora conceitual que motivou o enunciado poderia ser MUDANÇA É MOVIMENTO, mas também poderia ser INTENSIDADE DE EMOÇÕES É CALOR. Segundo Grady (1997), MUDANÇA É MOVIMENTO estabelece a correlação entre a percepção do movimento e estar ciente de uma mudança no estado das coisas no mundo a nossa volta, enquanto INTENSIDADE DE EMOÇÕES É CALOR correlaciona temperatura da pele e agitação, i.e. “a correlação entre o calor dos objetos e a agitação que eles provocam em nós quando os tocamos/ estamos próximos deles (GRADY, 1997, p. 295)”.

Agora vejamos a seguir dados acerca da utilização de metáforas de futebol em português.

2. Metáfora e futebol

Uma pesquisa recente revela que 10% dos participantes da capital São Paulo acreditam que o futebol melhor representa a cultura brasileira, depois da música (13%) e do carnaval (12%) (Folha de São Paulo, 20/10/2010). As culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 1999, p. 50). A *narrativa da nação* (p. 52) fornece estórias, imagens, símbolos e rituais nacionais, como o jogo de futebol, que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Segundo Lakoff (1987), a linguagem figurada de uma comunidade talvez seja encarada como

Avaianos em pé, chegou a nossa hora de glória/ Amém. Amém. Amém.

(FERREIRA, P., 2011, p. 53)

FUTEBOL É RELIGIÃO

FUTEBOL RELIGIÃO

Em uma análise preliminar, P. Ferreira (2011) constatou que o domínio-experiencial RELIGIÃO é o motivador utilizado para as letras do hino de diferentes clubes de futebol. Ela ilustra isso com um vídeo do time catarinense Avaí e afirma que nesse vídeo ocorre uma associação do caminho para a vitória com o caminho para Deus seguindo o esquema de imagens FONTE-CAMINHO-META (JOHNSON, 1987), em que o juiz é como Deus e os torcedores de um clube são como os seguidores de uma religião.

Vejamos a metáfora VIDA É UM JOGO, em que conceitualizamos a vida (domínio abstrato) por meio de nossa experiência concreta com jogo. Considerando que as culturas brasileira e alemã possuem uma ligação forte com o futebol, muitas metáforas e expressões idiomáticas nesses idiomas são motivadas pela experiência com o jogo, por exemplo, o uso de expressões como “show de bola” e “dar um cartão vermelho” e *jemandem eine rote Karte zeigen*, em alemão, são tomadas emprestadas do universo do futebol. Buscamos responder às seguintes questões: quais domínios experiências alvo são mapeados pelas metáforas de futebol? Que domínios fonte vão motivar o mapeamento metafórico, cujo domínio alvo é o futebol?

Semino & Maschi (1996) demonstraram como Silvio Berlusconi se alinhou com os eleitores italianos durante a sua campanha para primeiro-ministro da Itália, utilizando o seu conhecimento de futebol e o seu poder como dono do A.C. Milan, a fim de fazer oposição à esquerda e ganhar as eleições italianas no início dos anos noventa. Semino & Maschi constataram que Berlusconi mapeou principalmente dos domínios-fonte FUTEBOL, GUERRA e RELIGIÃO para o domínio-fonte POLÍTICA.

Assumimos que a função fundamental da linguagem é social. Os processos de interação humana, assim como os processos cognitivos de domínio geral moldam a

estrutura e conhecimento da linguagem. Pesquisas recentes em várias disciplinas das ciências cognitivas demonstraram que os padrões de uso afetam intensamente a maneira como a linguagem é adquirida, é estruturada, é organizada em cognição e muda ao longo do tempo. Entretanto, há um número crescente de evidências de que os processos de aquisição, uso e mudança da linguagem não são independentes uns dos outros, mas sim aspectos de um mesmo sistema. Beckner et al. (2009) postulam que esse sistema é mais bem compreendido como um *sistema adaptativo complexo* (SAC). A linguagem como um SAC de uso dinâmico e a sua experiência envolvem as seguintes características chave: (a) o sistema consiste em múltiplos agentes (os falantes na comunidade de fala) interagindo uns com os outros; (b) o sistema é adaptável, ou seja, o comportamento dos falantes é baseado em suas interações anteriores e as interações atuais e as anteriores impulsionam juntas o comportamento futuro; (c) o comportamento de um falante é consequência de fatores que competem uns com os outros, que vão desde a mecânica da percepção às motivações sociais; (d) as estruturas da linguagem emergem de padrões de experiência inter-relacionados, interações sociais e processos cognitivos (p.2).

Numa perspectiva dinâmica da relação entre pensamento e fala, consideramos que as palavras que as pessoas usam e a linguagem que utilizam no discurso são fluidas. A fala constitui-se, dessa forma, em verbalizações provisórias e tentativas de ideias que podem, elas próprias ser, igualmente, fluidas e provisórias (PELOSI, 2011). As circunstâncias do discurso no qual os falantes e interlocutores estão envolvidos influenciarão suas ideias e atitudes, assim como aquelas dos outros participantes. (CAMERON, 2003; SLOBIN, 1998).

A seguir discutiremos a metodologia empregada no estudo.

3. Metodologia

Evidências de pesquisas interlinguísticas revelam como diferentes línguas levam os falantes a dar ênfase a diferentes aspectos de eventos em uma narrativa. Padrões conceituais de uma língua vão influenciar o modo como se descreve um evento no discurso, o que Slobin (1998) chama de “pensar para falar” (*thinking for speaking*).

Primeiro, fizemos uma análise dos dados discursivos a partir de uma perspectiva da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos por meio da qual buscamos as metáforas que emergem no discurso (CAMERON, 2003, 2009) e que não é somente uma análise *top down*, nem *bottom up*.

Os dados foram retirados de jornais brasileiros (Folha SP, Estado de Minas e blogs de torcedores) e de uma revista semanal alemã (*Der Spiegel*). Examinamos mais detalhadamente as expressões “dar um cartão vermelho” e “adversário indigesto”, em português; e *jemandem eine rote Karte zeigen*³²⁹, em alemão.

Os procedimentos adotados para a análise das metáforas foram os seguintes:

1. Identificação das expressões metafóricas que emergem nos textos, por exemplo, em jornais online e *sites* de torcidas;
2. Identificação do domínio conceitual da metáfora (domínio-fonte e domínio-alvo);
3. Análise dos domínios conceituais envolvidos e da metáfora conceitual de cada expressão metafórica do estudo.

A seguir serão apresentados e analisados os resultados da pesquisa das expressões acima mencionadas.

4. Resultados e discussão

A partir da perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual, o exemplo abaixo, encontrado em um site sobre esportes durante a época da Copa do Mundo de 2010, apresenta a possibilidade de uma interessante discussão:

Slovênia derruba o muro alemão. (Yahoo esportes, 18/06/2010)

Como discutimos anteriormente, estudos como o de Semino et al. (2004) e de Ferreira (2010) apontam as dificuldades com as quais pesquisadores da metáfora se

³²⁹ Mostrar um cartão vermelho para alguém

defrontaram ao identificar duas metáforas conceituais diferentes como possíveis motivadoras de uma mesma expressão lingüística. No presente estudo, a questão é se “muro” está sendo usado metaforicamente para referir defesa, motivado pela metáfora conceitual FUTEBOL É GUERRA, ou se “muro” refere metonimicamente muro como a defesa da seleção alemã de futebol, conforme o esquema a seguir: Muro alemão → Muro de Berlim → política → defesa, sendo a expressão metafórica, então, motivada pela metáfora conceitual FUTEBOL É POLÍTICA.

Ao comentar a performance da seleção alemã de futebol às portas da Copa de 2010, a revista *Spiegel* menciona o “duelo” contra a Austrália, expressão licenciada pela metáfora conceitual FUTEBOL É GUERRA:

Obwohl Bundestrainer Joachim Löw die Spieler wahrscheinlich erst am Samstagabend informieren wird, ob sie in Durban von Beginn an spielen oder nicht, scheint Cacau bereits zu ahnen, dass Löw trotz der zuletzt schwachen Leistung seines Kollegen Miroslav Klose an dessen Stärke glaubt und dem mit 96 Länderspielen erfahrensten Spieler noch eine Chance in der Startelf für das Duell gegen Australien geben wird. (Spiegel, 12.06.2010)³³⁰

Assim como o primeiro-ministro Berlusconi (SEMINO & MASCHI, 1996), o ex-presidente Lula utiliza muitas metáforas de futebol para falar sobre política com o objetivo de se alinhar com o seu eleitor, como no exemplo “Estou chegando ao primeiro ano de governo com a sensação de leveza, com a sensação da **primeira etapa do jogo ganha** em todas as áreas.” (Folha de São Paulo, 21/12/2003). Segundo Guimarães (2011), Lula utiliza primeira etapa e jogo (domínio-fonte) para fazer referência a seu governo (domínio-alvo). Por outro lado, a imprensa alemã, por sua vez, vai utilizar muito mais expressões do domínio de JOGO DE CARTAS para falar sobre o domínio POLÍTICA, como no seguinte exemplo:

Lange sah sie wie die Chef-Taktikererin im **Machtpoker** aus - doch nun bekommt die SPD-Chefin von NRW, Hannelore Kraft, Druck von überall: Kanzlerin Merkel nennt sie verantwortungslos. Die Grünen

³³⁰ Embora o treinador Joachim Löw vá informar os jogadores somente no sábado à noite, se eles vão jogar em Durban desde o início ou não, Cacau parece já desconfiar [...]dará mais uma chance no time dos onze **para o duelo contra a Austrália** (Spiegel, 12.06.2010).

sind sauer, weil Kraft lieber die Opposition als eine Minderheitsregierung führen will (*Spiegel*, 14.06.2010).³³¹

A estratégia discursiva do ex-presidente Lula, de utilizar expressões do domínio experiencial de futebol para falar de política, também foi utilizada como uma fórmula que deu certo por sua companheira de partido, a atual Presidenta Dilma Russel durante sua campanha eleitoral para a presidência (veja-se propaganda veiculada em rede nacional de TV em 24.10.2010 e disponível no *site youtube*).

De acordo com a teoria da metáfora conceitual, as metáforas são entendidas como modelos de associação dentro de redes neurais ativadas (LAKOFF, 2008). Quando afirmamos que “Paulo é um leão”, cremos que entre “leão” e “pessoa corajosa” há sobreposição de um traço, a coragem, que eles compartilham. A ativação desse traço ocorre por semelhanças percebidas pelo ser humano; entre um comportamento de um ser irracional e um comportamento de um ser racional. O mesmo tipo de fenômeno vai ser observado na metáfora de imagem discutida a seguir.

Vejam agora uma outra expressão analisada, que é *dar cartão vermelho*. Existe uma similaridade experiencial entre as ações que desempenhamos em nossas vidas e a prática de jogos (LAKOFF e JOHNSON, 1980). O futebol representa uma parte importante da vida e das culturas brasileira e alemã. Além de muitas expressões serem motivadas pelo futebol, muitas imagens e gestos também são influenciados pelo jogo. No Brasil, recentemente o senador Suplicy deu um cartão vermelho para o senador Sarney no congresso com o objetivo de expulsá-lo. Pode ser que observemos aqui o fenômeno designado por Grady (1997) como metáfora de semelhança. As metáforas conceituais, portanto, ou são geradas por correlação entre domínios experienciais distintos, como é o caso das chamadas metáforas primárias ou por percepção de semelhança entre objetos – ou de ações, como ocorre com as metáforas de semelhança; as metáforas de imagem e as metáforas do tipo genérico/específico. Cameron e Deignan (2009) reiteram que uma dimensão importante da dialogia da metáfora é o uso para expressar afeto e atitudes juntamente com o conteúdo ideacional da imagem. No caso do

³³¹ Há tempos ela parecia a chefe de tática no **poker do poder** – mas agora a chefe do Partido Socialdemocrata da Alemanha (SPD) no estado de Nordrhein Westphalen (NRW), Hannelore Kraft, está sendo pressionada por todos os lados: a Chanceler alemã Ângela Merkel a está chamando de irresponsável. Os verdes estão chateados porque Hannelore Kraft prefere liderar a oposição do que um governo com minoria.

uso da metáfora imagética *dar um cartão vermelho*, o senador Suplicy utiliza o gesto do domínio-fonte FUTEBOL para expressar seu repúdio à conduta do colega.

De acordo com a teoria da metáfora conceitual, as metáforas são entendidas como modelos de associação dentro de redes neurais ativadas (LAKOFF, 2008). Quando afirmamos que “João é um leão”, cremos que entre “leão” e “pessoa corajosa” há sobreposição de um traço, a coragem, que eles compartilham. A ativação desse traço acontece por percepção da semelhança pelo ser humano. O mesmo tipo de fenômeno vai ser observado na metáfora de imagem discutida a seguir. No caso do senador Suplicy, ele claramente teve o objetivo de chamar a atenção do público por meio de uma metáfora gestual (MÜLLER, 2008), cuja motivação foi o domínio-experiencial fonte FUTEBOL. Futebol serviu como domínio-fonte e política como alvo, sendo a metáfora conceitual subjacente POLÍTICA É FUTEBOL.

Em um estudo anterior, utilizando metodologia da lingüística de corpus, Ferreira (2009) obteve os seguintes resultados para a expressão “dar cartão vermelho” no Webcorp: 72 concordâncias, das quais 37 são usos metafóricos e 14 usos literais. Tais dados apontam que tal expressão é mais utilizada metaforicamente para falar de outras experiências que não o futebol. O mesmo estudo revela os seguintes resultados para o alemão: a expressão *Den Rechten die rote Karte gezeigt* [mostrar o cartão vermelho para a direita], acusou, cf. uma busca na ferramenta Webcorp 63 concordâncias, das quais 59 foram usos metafóricos e somente 4 usos literais. Os resultados revelam que essa metáfora possui uso predominantemente metafórico tanto em português quanto em alemão. Na mesma linha do que propõe Cameron e Deignan (2009), utilizamos uma perspectiva emergentista com o objetivo de relacionar os aspectos lingüístico, conceitual e sociocultural da metáfora em uso. Partindo do pressuposto que a metáfora emerge da dinâmica da linguagem e do pensamento, ela é igualmente conceitual e lingüística, estabelecendo uma relação entre a linguagem e o pensamento que é de deslocamento constante em um sistema dinâmico complexo.

Em alemão, é muito freqüente a referência aos jogadores da seleção brasileira como sendo aqueles que praticam o futebol arte. Lakoff & Johnson (1980) postulam a metáfora conceitual VIDA É UMA OBRA DE ARTE. Tal metáfora pode motivar expressões em alemão, como a que segue: “*Eine Wundertüte hat man diese Mannschaft*

genannt vor dem Spiel: Schon lange ist klar, dass einiges drinsteckt in diesem Team.”
(*Spiegel*, 14.06.2010)³³²

Ferreira, P. (2011) chama atenção para os paralelos existentes entre uma peça de teatro e um jogo de futebol. Por meio da tabela abaixo, ela ilustra como expressões do domínio ARTE vão motivar expressões metafóricas utilizadas para referir ações ou eventos do universo do futebol.

Tabela 1: FUTEBOL É ARTE

FUTEBOL	ARTE
Tradicional	Clássico
Time	Elenco
Jogador	Ator/personagem
Campo	Palco
Jogo	Espetáculo
Atleta	Artista
Público	Platéia

No próximo exemplo, que apareceu num blog de fã, o time do Santo André, do ABC paulista, uma metáfora licenciada pelo domínio-fonte ALIMENTO é usada para descrever o time no exemplo “O Ramalhão é um **adversário indigesto** para o Timão. Ano passado foi o único time a não ser batido por nós na Série B” (Fan blog, yulebisetto/2009/07/29).

³³² „Antes do jogo, este time foi chamado de uma **caixa de supresas**: há tempo que já se sabe que esse time promete.” (*Spiegel*, 14.06.2010)

No exemplo seguinte, o domínio-fonte MÁQUINA e o domínio-alvo FUTEBOL são utilizados para ilustrar a discussão sobre a saída de um jogador do time no mesmo blog de fã: “Mas o futebol é “business” e ao que parece tais saídas estavam previstas. A janela acabou de abrir e fato é que podemos **repor as peças** a altura e mesmo que seja tarde demais para brigar...” (Fan blog, yulebisetto/2009/07/29). Nesse mapeamento, os jogadores seriam como peças de uma máquina em que o futebol é a própria engrenagem que põe o sistema a funcionar.

Ao analisar os contextos de uso de metáforas de futebol, gerados pela ferramenta Webcorp, descobrimos que alguns contextos motivam o uso de futebol como domínio-fonte, por exemplo, política, enquanto outros contextos motivam o uso de futebol como domínio-alvo. Esse é o caso quando os jogadores falam em “sacrifício” pelo time de futebol, uma alusão à metáfora subjacente FUTEBOL É RELIGIÃO, em que os jogadores vão fazer um sacrifício físico, uma prática comum nas religiões que passa pela experiência corpórea – no discurso metafórico sobre futebol fala-se também em *dar o sangue por um time*, para atingir um objetivo no futebol.

5. Considerações finais

Encontramos nos dados expressões metafóricas motivadas pelas seguintes metáforas conceituais: FUTEBOL É RELIGIÃO, FUTEBOL É GUERRA, FUTEBOL É POLÍTICA, FUTEBOL É ALIMENTO, FUTEBOL É MÁQUINA, FUTEBOL É ARTE. A expressão metafórica *dar um cartão vermelho*, assim como a expressão *jemandem eine rote Karte zeigen* em alemão, motivadas pelo domínio-fonte FUTEBOL, são um exemplo de como dados de linguagem em uso podem revelar que uma expressão apresenta uso predominantemente metafórico. Os resultados da pesquisa feita para tal expressão em português com a ferramenta WebCorp apontaram 37 concordâncias com uso metafórico e 14 concordâncias com uso literal. Por fim, resultados preliminares apontam que o domínio experiencial FUTEBOL serve de domínio-fonte para expressões metafóricas, mas também serve de domínio-alvo. O domínio FUTEBOL vai motivar expressões metafóricas tanto em português como em alemão. No português, verificou-se o uso, em larga escala, de expressões motivadas pelo domínio FUTEBOL para se falar sobre POLÍTICA.

O presente estudo servirá de ponto de partida para um amplo exame das metáforas de futebol presentes no discurso da mídia em português e alemão a partir de uma perspectiva da linguística aplicada.

Referências Bibliográficas

BECKNER, C.; BLYTHE, R. ; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M; CROFT, W; ELLIS, N. ; HOLLAND, J. ; KE, J.; LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language Is a Complex Adaptive System: Position Paper. *Language Learning*. 59:Suppl. 1, 2009, pp. 1–26

CAMERON, L. *Metaphor in Educational Discourse*. London: Continuum, 2003.

_____. The Discourse Dynamics Approach to Metaphor and Metaphor-led Discourse Analysis. *Metaphor and Symbol*, 24(2), 2009, pp. 63–89

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. *Cadernos de Tradução*, Nº25, [Tradução de Solange Faraco; Solange Vereza], Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

CAMPOS, C.; CAMPOS, A. *Sem saída*. In CALCANHOTTO, A. Maré, CD, Sony, 2008.

CIENKI, A. Metaphor in the “Strict Father” and “Nurturant Parent” cognitive models: theoretical issues raised in an empirical study. *Cognitive Linguistics* 16(2), 2005, p. 279-312.

DEIGNAN, A. Corpus-based research into metaphor. In: L. Cameron, e G. Low (Eds.) *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 177-199.

FERREIRA, L. C. *A Compreensão da Metáfora em Língua Estrangeira*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

_____. Cognição, Metáfora e Linguística de Corpus. In: PELOSI DE MACEDO, A. C.; FELTES, H.; FARIAS, E. (Eds). *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. *Metáfora e futebol*. Projeto de pesquisa. Concurso para Professor Adjunto. Aprovado em primeiro lugar. FALE, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

_____. Applying Corpus Linguistics Methodology to Psycholinguistic Research. *Delta*, Vol. 26, Nr. especial, 2010, pp 545-570

FERREIRA, P. U. *Futebol é Religião*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GIBBS Jr, R. W. *The Poetics of Mind: figurative thought, language, and understanding*. New York: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. Por que a lingüística cognitiva deveria se preocupar mais com métodos empíricos? In: MITTELBERG, I. *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. [Tradução de Débora Taís Batista de Abreu e Emerson Santos. Supervisão técnica: Luciane Corrêa Ferreira], a sair em *Cadernos de Tradução*, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

GIBBS Jr., R. W., P. LIMA, E. FRANÇOZO. Metaphor is grounded in embodied experience. *Journal of Pragmatics*, 36: 1189-1210, 2004.

GIBBS Jr., R. W., FERREIRA, L. C. Do People Infer the Entailments of Conceptual Metaphors During Verbal Metaphor Understanding? In: FUCHS, M. and M. BRDAR (Eds.). *Converging and Diverging Tendencies in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. (a sair)

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. University of California, Berkeley: Ph.D. Dissertation, 1997.

GRUPO PRAGGLEJAZ. PIM: Um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. *Cadernos de Tradução*, Nº25, [Tradução de Dalby Hubert], Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

GUIMARÃES, M. D. *O futebol no discurso do Presidente Lula: um estudo das metáforas*. Comunicação apresentada na II Semana de Letras do DA. FALE, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HASER, V. *Metaphor, metonymy, and experientialist philosophy: Challenging cognitive semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- KEYSAR, B; YESHAYAHU, S; GLUCKSBERG, S; HORTON, W. Conventional Language: How Metaphorical Is It? *Journal of Memory and Language*, 43, 2000. p. 576-593.
- KÖVECSESES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University press, 2002.
- _____. *Metaphor in culture. Universality and variation*. Cambridge: CUP, 2005.
- LAKOFF, G. Metaphor. Conferência proferida no congresso *Communication, Language, Cognition*. University of Brighton, Inglaterra, 2008.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- _____. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.) *Metaphor and Thought*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MÜLLER, C. What gestures reveal about the nature of metaphor. In Cienki, A, Müller. C. (eds.) *Metaphor and Gesture*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- PELOSI, A. C. *Metáfora e Violência Urbana: uma análise discursiva e cognitiva da emergência de empatia no discurso de vítimas do fenômeno*. Comunicação oral apresentada no IX CBLA, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- SEMINO, E.; HEYWOOD, J; SHORT, M. Methodological problems in the analysis of metaphors in a corpus of conversations about cancer. *Journal of Pragmatics*, 36, 1271-1294, 2004.

SEMINO, E.; MASCHI, M. Politics is football: metaphor in the discourse of Silvio Berlusconi in Italy. *Discourse and Society*, Vol 7 (2), 1996, p. 243-269.

SLOBIN, D. Aprendendo a pensar para falar: língua materna, cognição e estilo retórico. *Cadernos de Tradução*. N°3 [Tradução de Luciene Simões] Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 1998.

O discurso pedagógico em interação com a linguagem literária na exploração da metáfora como mecanismo enunciativo de argumentação

Márcia Helena dos Santos³³³
márcia.profa@hotmail.com

RESUMO

Uma das dificuldades em atividade de leitura apresentadas em sala de aula encontra-se na apreensão do tema de textos usados, entre outras coisas, como ponto de partida para a produção textual. Tal situação torna-se mais crítica quando a tarefa envolve texto literário. Assim, ancorada na perspectiva teórica que considera o texto lugar de interação de sujeitos dialogicamente constituídos, ativos, que (re) constroem os sentidos a partir das pistas lingüísticas e na concepção de metáfora abordada por Charaudeau & Maingueneau (2004) e Lakoff & Johnson (2002), este trabalho tem como pressuposto que a exploração da metáfora como mecanismo enunciativo da argumentação poderá contribuir na construção desses sentidos. Para tanto, utilizaram-se como *corpus* da pesquisa alguns excertos do conto de Machado de Assis “O Espelho”. Verificou-se, então, que as metáforas encontradas no conto são mecanismos enunciativos de argumentação articulados pelo discurso de um narrador, que conduzem à construção dos sentidos nesses enunciados dos excertos.

PALAVRAS - CHAVE: metáfora; mecanismo de argumentação; O Espelho.

The pedagogical speech in interaction with literary language in the use of metaphor

ABSTRACT

One of the difficulties in reading activity that occurs in the classroom is, among other things, the apprehension of the theme of the texts used as a starting point for textual

³³³ Universidade Plesbiteriana Mackenzie, SP.

production. Such situation becomes more critical when the task involves literary text. Thus, anchored in the theoretical perspective that considers the text as a place of interaction of individuals dialogically constituted, active, who (re) construct meanings from linguistic clues, and also in the conception of metaphor used by Charaudeau & Maingueneau (2004) and Lakoff & Johnson (2002), this paper takes as its premise that the teaching of use of metaphor as an enunciative mechanism of argumentation may contribute to the construction of these meanings. So, it were used some excerpts of the story by Machado de Assis - The Mirror as a corpus of this research. It was then found that the metaphors in the tale are mechanisms of argumentation articulated by the discourse of the narrator, leading to construct the meanings contained in these enunciations of the excerpts.

KEYWORDS: metaphor, mechanism of argumentation, The Mirror.

Introdução

Uma das atividades que gera muitas dificuldades em sala de aula é a leitura de texto literário, talvez pela plurivalência de seus signos.

Há estudos sobre a metáfora que nos revelam que, os processos do pensamento humano são amplamente metafóricos, ou seja, as metáforas estão no plano conceitual humano, por isso se produzem e se entendem as metáforas.

Este trabalho, então, parte de um olhar que recorre à exploração da metáfora que, além de criar efeitos novos, atrai a atenção do leitor, quebra o óbvio, e também pode funcionar como mecanismo enunciativo de argumentação para a construção do sentido dos enunciados no conto machadiano.

As metáforas machadianas encontradas no conto “O Espelho” são muito mais que um “ornamento brilhante”, pois revelam valores ideológicos de forma “condensada” e funcionam como uma lente que nos permite enxergar o conteúdo semântico existente na crença do enunciador.

2. Discurso pedagógico e linguagem literária

Dentre várias características do discurso pedagógico, há de se ressaltar a argumentativa e a polêmica. Esta por ser instigante, e aquela pelo seu dialogismo e pela sua democracia possibilitam o diálogo, a troca de experiências, a presença de ponto de vista divergente no contexto de sala de aula. Esse discurso se faz necessário principalmente em atividades de leitura, pois permitirá o diálogo entre autor-texto-leitor, em que o aluno poderá fazer inferências, levantar hipóteses, e construir os sentidos no texto. Essa troca de experiências não deixa que “o professor perca de vista seu objetivo que é ensinar e o do aluno que por sua vez busca a ação de aprender.”(Vasconcelos, 2009, p.14).

Nesse contexto de ensino, é possível trabalhar a linguagem literária como arte, a qual permite uma nova descoberta a cada olhar em suas duas faces indissociáveis: a estética, no nível da expressão; e a ideológica ou temática, no do conteúdo. São esses dois aspectos que permitem, em sala de aula, fazer uso dela na construção dos sentidos dos enunciados no texto, para que se possa enxergar a literatura não somente pela estética, mas também como veículo de conteúdos temáticos e ideológicos, que se revelam com precisão na complexa dinâmica homem-mundo.

Há alguns professores que criticam o texto literário em atividades de leitura em contexto escolar, por seu aspecto plurívoco. No entanto, esquece-se de que todo texto possui inúmeras portas por onde se adentra de acordo com os óculos sociais de cada leitor, os quais são ou não capazes de identificar as marcas textuais presentes na obra. E, se o professor possuir criatividade, saberá não só explorar, no âmbito do ensino, com inúmeras atividades, essa linguagem plurivalente inerente a todo texto literário, mas também “apreciar o poder dessa linguagem na recriação e problematização do mundo” (Pereira, 2009, p.67).

Nesse campo fértil dos textos literários, possibilita-se o trabalho com os aspectos cognitivos, que levam o leitor a alcançar proficiência em leitura, como: localizar informações explícitas, reconhecer o tema principal ou a proposto do autor, inferir informações, compreender relações, construir sentido e conexões entre os textos, integrar e ordenar várias partes de um texto para identificar a ideia principal, compreender o sentido de uma palavra ou de uma frase e construir relações, comparações, explicações ou avaliações sobre um texto. Atividades, portanto, que poderão encontrar campo fértil no discurso pedagógico, cujas características principais são a argumentação e a polêmica (Santos, 2008, p. 12).

Ainda que seja um desafio trabalhar com texto literário, deve-se considerar que a metáfora é uma ferramenta para se trabalhar a leitura como prática social, a qual permite ao indivíduo ser um sujeito agente na sociedade em que vive. A este respeito, Bakhtin (1997, p.41) assevera que

A leitura está penetrada literalmente em todas as relações entre os indivíduos, nas relações de colaboração, nas de bases ideológicas, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político. Então, limitar a nossa leitura àqueles textos coincidentes com nossas crenças, idéias e opiniões é limitar desnecessariamente uma atividade cujo grande mérito é o fato de nos permitir o acesso a outros mundos, além daqueles acessíveis por meio da experiência direta.

A metáfora é carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (parafrazeando o filósofo russo), que possibilita ao leitor, no texto literário, explorá-la como mecanismo enunciativo de argumentação.

3. Metáfora, mecanismo enunciativo de argumentação.

Conforme Citelli (1998, p.20), alguns processos são próprios da metáfora: a transferência ou transposição, que é uma operação de passagem do plano de base (a significação própria da palavra, ou expressão) para o plano simbólico (representativo, figurativo); e a Associação subjetiva entre a significação própria e o efeito figurativo que ocorre num processo de transposição. Um exemplo disso ocorre neste verso de Olavo Bilac: *“O último ouro do sol morre na cerração”*. Nele, *ouro do sol* e *morte na cerração* podem ser associados ao fim de tarde, ao crepúsculo. Esse lingüista ressalta a metáfora como uma das mais importantes figuras da Retórica, usada como recurso enunciativo de argumentação, essencial na constituição da própria linguagem literária.

Outros estudiosos a reconhecem como um fenômeno cognitivo social, do qual se depreendem valores ideológicos de uma cultura em que está inserida. Sobre isso os estudos de Stella (2006), em suas leituras sobre a teoria bakhtiniana, postula que é

impossível desvincular o estudo dos signos e o estudo das ideologias. Há entre eles uma relação de dependência que nos obriga a atentar para a natureza dos signos a fim de deprender os valores desses dentro do discurso. A palavra seria, nesse sentido, um elemento concreto de feitura ideológica, produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. O enunciador dialoga com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores, os quais devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor.

Dessa forma, acredita-se que as metáforas não seriam recursos de estética, mas de uma escolha de cunho ideológico.

Charaudeau e Maingueneau (2004) também fizeram referência ao conceito de metáfora, segundo a Retórica tradicional, estudada por Aristóteles (2005), como uma substituição de palavra por analogia ou uma comparação abreviada. No entanto, apontaram também as concepções de teóricos contemporâneos. Acrescentam ainda que os semanticistas modernos consideram a metáfora segundo duas direções: seu caráter discursivo e seu processo utópico. Nesse, estabelece-se uma interseção analógica entre dois domínios; naquele, ela se opõe à metonímia. Para os pragmáticos, a metáfora é um fenômeno linguageiro ordinário. Para a pragmática é apenas um caso de linguagem indireto (Meu vizinho é um urso), entenda-se (Meu vizinho é um homem solitário). Essa analogia URSO/ HOMEM solitário aparece nos momentos dos cálculos interpretativos do receptor. Nessa concepção, a metáfora se constitui um caso de emprego fluido das palavras, visando assegurar, ao menor custo, o rendimento máximo da comunicação. Depreende-se dessa metáfora o extremo estado de solidão de uma pessoa (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 329). Além dessas concepções, eles apontam ainda outro semiótico Jakobson, cujas pesquisas também consideram a metáfora um dos grandes polos da linguagem, extrapolada aos domínios semióticos mais diversos, porque envolve as “relações de similaridade”.

Esses dois semióticos atribuem ainda à metáfora três funções discursivas: a função estética, a função cognitiva e a função persuasiva. Aduzem que a primeira concerne sobretudo aos enunciados literários; a segunda, como traz a força conceptual, está presente nos discursos pedagógicos, filosóficos, científicos ou simplesmente cotidianos. Por último, a função persuasiva cujo uso se faz para impor opiniões sem demonstrá-las. Essa metáfora pode ser encontrada nos discursos políticos, morais, jurídicos, midiáticos. Essa força persuasiva da metáfora fornece, segundo alguns linguistas uma “analogia condensada” e um “julgamento de valor concentrado”.

Ainda se devem acrescentar aqueles que vêem a metáfora “infiltrada na vida cotidiana”, “entendimento de um conceito em termos de outro”. Nessa concepção os teóricos cognitivistas asseveram que

[...] a metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária.[...] usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. [...] Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (Lakoff & Johnson, 2002, p. 45).

Para esses linguistas, ela revela o modo de pensar e agir, sendo o sistema conceptual fundamentalmente metafórico. Nesse sentido, acredita-se que a metáfora conceptual torna-se uma ferramenta relevante na construção de significados dos enunciados do texto.

A partir das concepções apresentadas, importa reafirmar que a finalidade deste trabalho é identificar as metáforas presentes no conto *O Espelho* não somente como ornamento poético, mas também como mecanismo enunciativo de argumentação, por meio do qual os sentidos do texto são construídos e o modo de conduzir o leitor a esses sentidos é desvelado.

4.Delimitação do corpus da pesquisa

O conto *O Espelho* foi publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1882 e reunido em livro com o título *Papéis Avulsos*. Nesse conto, desenvolve-se uma trama com pretensões filosóficas, que conduzem o leitor a reflexões sobre a identidade do ser humano e sobre o desdobramento da personalidade, estudado por Meyer (1975). Em

outras palavras, a temática abordada é a dualidade da alma: da alma externa e da alma interna; o conflito do ser para si e do ser para o outro.

A narrativa inicia-se, como diz o próprio narrador, com quatro ou cinco cavalheiros debatendo sobre várias questões de alta transcendência. Dentre eles, Jacobina, o qual permanecia no canto da sala calado, pois

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna (Assis, 2004, p.345).

Ao ser desafiado por um dos presentes, ele aceita a falar-lhes sobre um caso de sua vida, em que se ressalta a mais clara demonstração acerca do assunto tratado, porém exigiu dos presentes que o ouvissem calados, sem conjectura, sem opinião. A personagem, a partir disso, narra uma história ocorrida em sua juventude que atesta a veracidade da teoria que será proposta por ele. Após uma infância pobre, Jacobina conta que é nomeado alferes da Guarda Nacional e que tal fato encheu de orgulho sua família e os cidadãos que o conheciam. Quando foi passar uma temporada na casa de uma tia, esta o cobria de regalias como prova de orgulho pelo posto conquistado. A tia orgulhosa dá-lhe de presente um espelho muito bonito, oriundo da Família Real Portuguesa. No início Jacobina não se importava com os elogios da tia e de todos que frequentavam a casa. No entanto, depois de um tempo, ele percebe que tais elogios o fazem se sentir uma outra pessoa. Um dia, a tia viaja e o deixa sozinho com os escravos, estes aproveitam o momento e fogem. O sobrinho vê-se só e abandonado e vai se olhar no espelho, que ele recebera de presente de sua tia, ao fazer isso, sente a inexistência de sua identidade (sua patente) em razão da ausência dos outros, ou melhor, dos elogios alheios. Isso pode ser notado no trecho que segue: “Não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra” (Assis, 1973, p. 34). Então, na busca de uma forma para recuperar a si mesmo, vem-lhe à mente a idéia de se vestir com a farda de alferes. Já vestido, olha-se novamente no espelho e vê a antiga imagem recuperada pela sua patente, a alma exterior. Ao terminar essa narrativa, e talvez para

evitar discussões, ele desce as escadas, deixando os demais cavalheiros no mais cândido silêncio reflexivo.

Para análise desse conto, selecionaram-se três enunciados de excertos da narrativa machadiana para que se possa cumprir o que foi proposto para este trabalho.

5. Análise dos excertos machadianos

O primeiro excerto a ser estudado:

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... (...) **A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação.** Há casos, por exemplo, em que **um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc.** Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam **o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja.** Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma (Assis, 1983, p. 32).

Foram destacadas as metáforas que definem a alma exterior: um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Observa-se que predominam nessas metáforas substantivos abstratos; em outras metáforas, temos: um simples botão de camisa, a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Já, nesses elementos metafóricos, predominam os

substantivos concretos que definem a alma exterior. Esta que se forma a partir de valores alheios ao indivíduo, mas indispensáveis a sua concepção. Um exemplo disso é a afirmação de que a alma exterior de Shylock, o personagem da peça O Mercador de Veneza de Shakespeare, são os ducados. Considerando essas afirmações, seria possível depreender uma crítica ao materialismo e aos cultos vazios da sociedade do século XIX (SHWARZ, 1997) e por que não dizer também aos deste século. Machado, enfatizando o contraste entre a essência (abstrato) e a aparência (concreto), desvela o jogo das relações sociais.

Para Jacobina, um jovem da Guarda Nacional, a alma exterior era a farda, sua marca no contexto social. A farda conquistava os elogios, os aplausos, que alimentavam o ego de Jacobina, atribuindo-lhe uma identidade, formada a partir dos elogios e/bajulações do outro, dos olhos do outro. Isso poderia representar o drama vivido por alguns indivíduos que sentem uma suprema necessidade de enxergar-se apenas através do olhar alheio, como se o eu não existisse sem o outro. Em outras palavras, ao perder a alma exterior (construída a partir do olhar do outro), perde-se a própria identidade.

No mesmo excerto, outra metáfora completa a nossa tese, *homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja*. Algumas observações sobre o termo laranja são importantes para se compreender a metáfora construída pelo narrador. Essa fruta, quando partida, suas metades lembram o sol que, devido à luz, pode ser associado ao conhecimento. As metades dessa fruta também podem representar as duas almas que formam o ser humano: a interior e a exterior. Quando se perde uma das metades (almas) perde-se uma metade da existência e, em alguns casos, a existência inteira, já que alguns indivíduos ignoram a alma interna, pois sua identidade é pautada somente numa dessas metades, ou seja, na alma exterior. Tal afirmação é exemplificada com o caso do judeu, que ao perder seus ducados sente-se morto devido a essa perda material.

Além dessa comparação, do homem com a laranja, ainda é possível inferir o complemento que há nas duas partes (o Eu e o Outro). Pode-se transcender numa interpretação buscando na história da laranja, cujo início deu-se na França, essa fruta passa a ser denominada de orange, adaptado do nome dado pelo povo asiático (narang). Com esse nome, ela veio a ser associada à cor do ouro. A palavra *or* em Francês significa ouro; metal que reúne brilho. Significado de brilho no dicionário (Houaiss & Vilar, 2001, p.513): s. m. luz que um corpo irradia. Então teríamos uma argumentação para o fato de que a falta do outro lhe torna um ser inanimado (sem alma), sem luz, sem vida. (...) Nosso encontro com o outro não se realiza com base no respeito ou na

tolerância, que são iniciativas do eu. O outro **impõe sua alteridade irreduzível sobre o eu**. (Ponzio, 2009, p. 23³³⁴).

O segundo excerto abaixo apresenta enunciados metafóricos que corroboram o já dito. A alma ausente se refere ao outro (elogios da tia, dos escravos), a qual ele descobre recolhida no espelho, depois de vestir a farda. O termo **alferes** poderia remeter o leitor por meio da troca da consoante **f** pela consoante **t** (uma parece a outra invertida), ao termo **alter**, que significa outro. O outro que lhe traz luz, vida e plasma a alma exterior de Jacobina.

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e...não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, **o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho**. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. **Não era mais um autômato, era um ente animado**. (Assis, 1983, p. 39)

Outra metáfora relevante na construção da temática machadiana é a farda, símbolo e matéria do *status*. O eu que se constitui na farda de alferes, nos elogios e aplausos que esta lhe proporciona ao olhar do outro. Sem ela, ele dispersa-se, esfuma-se. Fica, então, sem unidade. Ter status significa existir no mundo em estado sólido. (Bosi, 1999, p.99).

³³⁴ Grifo nosso

E finalmente o terceiro excerto conclui a temática do conto.

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado(Assis, 1983, p. 35).

O Eu (alma interior) é aniquilado pelo outro (alma exterior). Uma similaridade pode ser vista nos versos de Fernando Pessoa, em Tabacaria, “quando quis tirar a máscara/ Estava pegada à cara.” Nesses versos, o eu-lírico mostra a impossibilidade, muitas vezes, de uma pessoa se desvencilhar de uma imagem forjada. O uso constante de uma máscara acaba por “grudar-se” à cara, e então torna-se difícil reconhecer a própria identidade (EU). Machado revela a mascaração, a fragilidade do homem, o conflito entre o ser e o parecer.

Sentidos esses que se conseguem construir devido, como postula Ricoeur (2000, p.108), à palavra ser portadora do efeito do sentido metafórico; é da palavra que se diz tomar um sentido metafórico.” Isto porque é no discurso que a palavra “encarna” sua identidade semântica.

6.Considerações finais

As metáforas presentes no conto, portanto, poderiam ser consideradas como mecanismos enunciativos de argumentação que constroem a tese segundo a qual o objeto espelho reflete a alma exterior, que é a opinião alheia, a imagem que somos para os outros, assim como afirmou Meyer (1975). O Olhar que não sente a aura do olhar do outro, busca o espelho, pois o espelho dirá que o eu parece ser.

Jacobina, despojado do olhar do outro, encontra o EU, a alma interior, que, sem o OUTRO, é nada “[...] porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... e não tornava.”(Assis, 1983, p.38). Nesse processo de argumentação, a metáfora contribui, primeiramente, para determinar alguns sentidos dos enunciados, para os quais o leitor é conduzido. Ela é um mecanismo enunciativo de argumentação, ainda que sua essência clássica seja compreender e experienciar uma coisa em termos de outra (Lakoff & Johnson, 2002, p. 45).

Vale ressaltar ainda os valores ideológicos da sociedade que são expressos por meio da metáfora, os quais sugerem ao enunciatário crenças que se somam as que ele já possui para compreensão dos enunciados. Isso porque “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (Freire, 1999, p.16). No processo de argumentação, a metáfora contribui para determinar um sentido dos enunciados, para o qual o leitor é orientado, o que a torna um mecanismo enunciativo de argumentação.

Por meio desse mecanismo, pode-se depreender que o autor ironiza a sociedade da época cuja crença era a existência de uma única alma. Segundo Fiorin (2008, p. 143), é um truísmo nos estudos machadianos a afirmação de que Machado é um homem cético e cínico, que se vale de um tom irônico em sua obra. Essas características se constroem a partir da totalidade de sua obra, em sua materialidade discursiva. Nela é possível verificar as marcas do *éthos* do enunciadador. De alguns enunciados emanam essa ironia: “*Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.*”(discurso de seu personagem Brás Cubas em Memórias Póstumas de Brás Cubas). Nessa mesma obra, o enunciadador fala em tom irônico, usando de falta de paralelismo semântico: “*Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.*”

O cinismo machadiano se revela nas máscaras que o homem afivela à consciência, de maneira tão firme, que acaba por aniquilá-lo. Isso se analisa em sua metáfora: “*O alferes eliminou o homem.*”(Assis, 1983, p. 35)

Na materialidade discursiva do Espelho, desde o início, ele já sugere a incerteza sobre as coisas mundanas, sobre o próprio ser humano que se perde por ter sua identidade formada somente a partir das opiniões alheias, do que é material. Por isso, Jacobina poderia ser um esboço de um indivíduo hodierno, um ser na sua incompletude, um sujeito fragmentado, um sujeito que não se identifica como ser individual, que vive um conflito entre a essência e a aparência. Ele é um ser cindido em dois pontos de vista distintos.

E nesse conflito, aparência anula a essência. Em outras palavras, tirando a carcaça exterior de natureza social, nada resta ao sujeito. Assim, é possível depreender, nos enunciados machadianos, uma outra tese: a supremacia da sociedade em relação ao ser humano.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O espelho*. In: *Os Melhores Contos Machado de Assis*. Seleção de Domício Proença Filho. 4ª. Ed. São Paulo: Global Editora, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o Enigma do Olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1999
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.
- MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1975.
- PEREIRA, Helena Bonito Couto. *Em Confluência: literatura, cinema e ensino*. In: VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho & PEREIRA, Helena Bonito Couto (organizadoras). *Linguagens na sala de aula do ensino superior*. Niterói: Intertexto, 2009.
- PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*/ Augusto Ponzio; [coordenação de tradução Valdemir Miotello]. 1. ed. 1ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- RICOEUR, Paul. *La Métaphore vive*. Paris: Éditions du Seuil, Paris, 1975.
- SANTOS, Márcia Helena. *A construção do tema a partir de coletânea formada por textos de diferentes gêneros discursivos*. Dissertação de Mestrado. In: Vilson J. Leffa (Org). *TELA3 (Textos em Linguística Aplicada)*. [CD – ROM]. Pelotas: Educat, 2007.

SHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 3ª. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1997.

STELLA, Paulo Rogério. *In Bakhtin: conceitos-Chave*. In BRAIT, Beth (org.). 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. *Docência: discurso e ação*. In: VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho & PEREIRA. Helena Bonito Couto (organizadoras). *Linguagens na sala de aula do ensino superior*. Niterói: Intertexto, 2009.

As metáforas da informação

Marcos Gonzalez
gonzalez@jbrj.gov.br

RESUMO

A Ciência da Informação, surgida em meados dos anos 1960, continua enfrentando o desafio de definir o que entende por *informação*: “tem sido assinalada a ausência, na área, de um corpo de fundamentos teóricos que possam delinear o seu horizonte científico, e ainda se encontra em construção a epistemologia da ciência da informação ou a investigação dos conhecimentos que a permeiam” (Pinheiro e Loureiro, 1995). Quando se apoiou na Teoria Matemática da Comunicação (ou Teoria da Informação), de Claude Shannon (1948), observou-se uma separação fundamental entre os diversos conceitos: “informação”, segundo Capurro e Hjørland (2007 [2003]), “parece ter perdido sua conexão com o mundo humano, e passou a ser aplicada, através de uma metáfora mais ou menos adequada, para todo tipo de processo por meio do qual algo está sendo mudado ou in-formado”. Tomamos as palavras de Capurro e Hjørland para, nesse trabalho, identificar que metáforas “mais ou menos” adequadas seriam essas, a fim de verificarmos por que “algo” parece estar sempre em transformação. Tomando como base a Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980), identificamos três metáforas para os nexos históricos sobre *informação* (INFORMAR É FABRICAR; INFORMAR É MUDAR; INFORMAÇÃO É OBJETO). Concluimos, com base nos resultados, que Lakoff e Johnson seria uma “prova” definitiva de que Shannon apoiou-se em um mito muito conhecido, o “mito da objetividade”, o que sugere à Ciência da Informação uma mudança de perspectiva na discussão sobre o termo *informação*. Trazemos, como contribuição, Hofkirchner (2011, p. 372), que vem promovendo uma nova e interessante perspectiva, ao considerar uma *Science of Information*³³⁵ no lugar da atual *Information Science*, como uma disciplina que se debruçaria em processos de informação em sistemas naturais, sociais e tecnológicos, ampliando assim o escopo dessa ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência da Informação; Teoria da Metáfora Conceptual; Conceito de Informação; Mito da objetividade

ABSTRACT

The Information Science, founded in the mid-1960s, continues to face the challenge of defining *information*: “has been a observed the absence, in this area, of theoretical

³³⁵ Mantivemos o texto no original, pois, em português, tanto *Science of Information* como *Information Science* são traduzíveis para *Ciência da Informação*. De qualquer forma, em algum momento – caso a proposta de Hofkirchner se consolide como paradigma – será preciso encontrar uma solução para a língua portuguesa.

foundations that can outline its scientific horizon, and yet is in construction the epistemology of information science and research knowledge that round it” (Pinheiro and Loureiro, 1995). Once supported in the Claude Shannon’s (1948) Mathematical Theory of Communication (or Information Theory), there was a fundamental split between the various concepts: “information”, according Hjørland and Capurro (2007 [2003]), “it seems to have lost their connection to the human world, and has been applied through a metaphor more or less suitable for every type of process by which something is being changed or in-formed”. In this work, we take this words of Capurro and Hjørland to identify what “more or less suitable” metaphors are these in order to verify this “something” that seems to be changing. Based on the Theory of Conceptual Metaphor, by Lakoff and Johnson (1980), we identified three metaphors for the links on historical information (TO INFORM IS TO FABRICATE; TO INFORM AND TO CHANGE, INFORMATION IS OBJECT). We conclude, based on the results, that Lakoff and Johnson gave a final “proof” that Shannon was based on a popular myth, the “myth of objectivity”, which suggests, to the Information Science, a change of perspective in the discussion of the term *information*. As a contribution, we bring Hofkirchner (2011, p. 372), which is promoting a new and interesting perspective, considering a *Science of Information* in place of the current *Information Science* as a discipline which will focus on information processes in the natural, social and technology, thus expanding the scope of this science.

KEYWORDS: Information Science; Theory of Conceptual Metaphor; Concept of Information; Myth of Objectivity

Introdução

Pela dinâmica de transferência e transposição de modelos de cientificidade próprios às ciências exatas, a “teoria matemática da comunicação” (ou teoria da informação), de Claude Shannon (1948), ocupou um papel central na segunda metade do século XX. Nessa abordagem, a *informação* é uma propriedade estatística da fonte das mensagens, um elemento componente de um sistema, onde a importância está centrada no canal e na sua capacidade em veicular uma mensagem a um baixo custo (Araújo, 1997). Tal noção adquiriu seu estatuto de símbolo calculável e, ao fazê-lo, tornou-se o lema que assegurou o livre intercâmbio conceitual entre diversas disciplinas (Mattelart e Mattelart, 2000, p. 57).

Mas alguns problemas logo apareceram. No campo da Ciência da Informação (CI), por exemplo, o nexos shannoniano não contemplava questões relacionadas à procura, seleção ou indexação de fontes de informação, atividades que se relacionam ao conteúdo e significado das mensagens, não apenas ao seu armazenamento físico e à transmissão. Segundo Capurro e Hjørland (2007 [2003]), a “confusão” piorou com o advento das TICs (tecnologias da informação e da comunicação).

A CI, surgida em meados dos anos 1960, continua enfrentando o desafio de definir o que entende por *informação*, levando-a a equívocos e incompatibilidades metodológicas: “Tem sido assinalada a ausência, na área, de um corpo de fundamentos teóricos que possam delinear o seu horizonte científico, e ainda se encontra em construção a epistemologia da ciência da informação ou a investigação dos conhecimentos que a permeiam” (Pinheiro e Loureiro, 1995). O que se observa é que qualquer modelo que formule a transferência de informação a partir de um emissor “não explica completamente o fenômeno informacional”, como diz Araújo (1997, p. 70): talvez sirva à informação comunicada, mas não àquela que é apropriada, por exemplo, por um receptor que obtém informações por si mesmo, sem que, neste processo, haja necessariamente um interlocutor ou mesmo um mediador. Aqueles que “se informam” diretamente na Natureza, por exemplo. Essa aporia obrigará a pensadores como Umberto Eco (2008, p. 6) a postular que “o solitário transforma-se em remetente e destinatário”.

É consenso na literatura que o termo *informação* é polissêmico; seu sentido varia de uma língua para outra, de uma área do conhecimento para outra, de um país para outro e em relação a diferentes contextos e discursos. Capurro e Hjørland (2007 [2003]) observaram uma separação fundamental entre os diversos conceitos, supostamente oriunda da distinção entre a *informação* vista como coisa ou objeto e a informação concebida como um conceito subjetivo: “informação”, segundo esses autores, “parece ter perdido sua conexão com o mundo humano, e passou a ser aplicada, através de uma metáfora mais ou menos adequada, para todo tipo de processo por meio do qual algo está sendo mudado ou in-formado”.

Tomamos as palavras de Capurro e Hjørland para, nesse trabalho, identificar que metáforas “mais ou menos” adequadas seriam essas, a fim de verificarmos por que “algo” parece estar sempre em transformação. Nossa base teórica advém da Linguística Cognitiva de George Lakoff, sistematizada inicialmente em *Metaphors we live by* (“*Metáforas da vida cotidiana*”), obra em co-autoria com o filósofo Mark Johnson (Lakoff e Johnson, 2002 [1980])³³⁶ que provocou uma revolução nas pesquisas sobre a metáfora e representou o lançamento de um programa inovador de pesquisa (Zanotto *et al.*, 2002, p. 15).

³³⁶ Doravante neste texto, faremos referências a essa edição citando-lhe apenas a página.

1. Pressupostos teóricos

Lakoff e Johnson postulam que os mapeamentos metafóricos são estruturados sistematicamente – hipótese que vem sendo, desde então, comprovada e aprimorada (Lakoff, 2008). A metáfora deixa de ser concebida não mais como uma questão de linguagem apenas, mas de pensamento e razão. A linguagem, nessa teoria, é observada como um reflexo do mapeamento, “já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema” (Lakoff e Johnson, 2002 [1980], p. 46).

A língua como um todo tem sido vista como um *output* interessante para investigar aspectos diversos sobre a natureza humana, nas mais variadas áreas do conhecimento. Mais do que a mera comunicação de uma ideia, a forma como falamos (incluindo-se, entre outros, a escolha do léxico, a estrutura gramatical, os tons e alturas dos sons, a postura física) parece carrear um mundo rico em aspectos cognitivos, sociais, culturais e ideológicos (Macedo *et al.*, 2009, p. 44). Sua indeterminação (polissemia, ambiguidade, vagueza, generalidade) ocorre, segundo Moura e Zanotto (2009, p. 10), “quando o princípio da homologia é rompido, e a uma forma linguística, podem ser atribuídas diferentes interpretações”.

Muitos linguistas argumentam que a mudança semântica que ocorre em processos de gramaticalização é fortemente motivada por processos metafóricos. Segundo Heine *et al.* (1991, p. 45ss), a metáfora envolvida na gramaticalização, diferentemente daquela relacionada às figuras de linguagem, seria pragmaticamente motivada e voltada para a função na gramática. A partir dela, não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações por meio da extensão de significados: é a “metáfora emergente”, cuja origem seria de natureza “categorial”.

Bybee (2001) sustenta que o léxico mental está em constante processo de adaptação e mudança, já que aspectos como variação linguística, frequência de uso das unidades lexicais, memória fonética, entre outros, interagem sistematicamente. Segundo tal modelo, a palavra é o elemento básico da representação mental, já que, ao contrário do morfema, tem autonomia cognitiva. Cada palavra é codificada na memória, que localiza as representações paramétricas detalhadas daquilo que é ouvido e dos padrões articulatórios experimentados em itens específicos do item lexical em questão. A relação morfológica emerge das similaridades semânticas e fonéticas entre os itens

lexicais, e a categorização se estabelece a partir da relação entre conteúdo sonoro e semântico.

Ao estudarmos as metáforas que estariam por trás das variações semânticas de um lexema³³⁷ (*informar, informação*), temos então a oportunidade de trazer para primeiro plano “a explanação de como se pode chegar a mais de uma interpretação de um mesmo enunciado metafórico”, para usar as palavras de Moura e Zanotto (2009, p. 10), segundo quem

nas tradições dominantes no estudo da metáfora, a indagação principal é de que modo se transmite conteúdo cognitivo através da metáfora: tudo se passa como se o interesse teórico sobre a metáfora residisse na capacidade que ela tem de criar e transmitir conteúdos, e não na intrínseca ambivalência e indeterminação desse uso da linguagem.

Em função da indeterminação da metáfora, ela pode receber um número indefinido de paráfrases, inclusive paráfrases que são outras metáforas (Moura e Zanotto, 2009, p. 20). A natureza das relações de herança é posta em termos da emergência da gramática a partir de padrões de *frequência* de uso, reconhecendo a sensibilidade dos padrões construcionais da gramática e do léxico à frequência de ocorrência/*token* e à frequência de tipos/*types*. Expressões linguísticas como *informar*, portanto, devem ser compreendidos como “reflexos (i.e. *tokens*) das metáforas conceituais supervenientes (i.e. *types*) que licenciam tais expressões” (Macedo *et al.*, 2009, p. 47).

Nesse enquadre, correlaciona-se o primeiro tipo de frequência com o processo de *convencionalização* da construção, enquanto o segundo é vinculado a padrões criativos, isto é, à *produtividade* da construção. Tais parâmetros, norteadores do processo analítico, têm o mérito de trazer à cena, de modo vigoroso, a questão da diversidade linguística e de promover uma virada metodológica no seio da Linguística Cognitiva (Miranda, 2009, p. 68).

A estrutura metafórica dos conceitos, na concepção de Lakoff e Johnson, é necessariamente parcial e reflete-se no léxico da linguagem, inclusive no léxico

³³⁷ *Lexema* é uma palavra pertencente a uma das classes abertas da língua (verbos, substantivos etc.), considerada como unidade abstrata. Tem significação lexical e pode apresentar variações (Rosa, 2000:83).

fraseológico, que abriga expressões de forma fixa, como, por exemplo, “estar sem base”. Uma vez que os conceitos são estruturados metaforicamente, de forma sistemática, como, por exemplo, TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES³³⁸, é possível usar expressões (base, construir, alicerce) de um determinado domínio (CONSTRUÇÃO) para falar de conceitos correspondentes no domínio definido metaforicamente (TEORIAS). O que *alicerce* ou *base*, por exemplo, significam no domínio metaforicamente definido (TEORIA) dependerá dos detalhes de como o conceito metafórico TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES for usado para estruturar o conceito de TEORIA (p. 121).

Cada uma das expressões metafóricas é usada, portanto, no interior de um sistema global de conceitos metafóricos – conceitos que usamos constantemente ao viver ou pensar. Essas expressões, como todas as outras palavras e itens lexicais frasais da língua, são fixadas por convenção. Além desses casos, que fazem parte de sistemas metafóricos globais, existem expressões metafóricas idiossincráticas, que ficam isoladas, e não são usadas de maneira sistemática quer na linguagem, quer no pensamento (p. 123).

2. Metodologia e *corpora*

A teoria interacionista de Lakoff e Johnson é capaz de explicar como a interação inesperada entre signos (*informar, informação*) permite uma apreensão de novos aspectos da realidade. Partindo dos signos, pode-se chegar ao valor cognitivo da metáfora, sendo que a metáfora equivale a um modelo de funcionamento da cognição humana, e os signos são apenas a roupagem visível desse modelo mental (Moura e Zanotto, 2009, p. 21). Se a metáfora constitui uma manifestação linguística de um processo cognitivo partilhado, como querem Lakoff e Johnson, “qualquer tipo de texto, seja ele de caráter geral, ou específico, bem como qualquer ato discursivo, será, potencialmente, um *locus* de metáforas” (Fernandes, 2000, p. 204).

Há, segundo Berber Sardinha (2009, p. 85), essencialmente duas metodologias gerais de identificação de metáforas em *corpora*: “baseada em *corpus*” (*corpus-based*) e “movida a *corpus*” (*corpus-driven*). Adotamos a primeira, que tem como característica principal

³³⁸ Para designar o nome do mapeamento, Lakoff e Johnson adotaram como estratégia representá-lo em letras maiúsculas, seguindo a forma: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, ou também, DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE (Zanotto *et al.*, 2002:25).

o fato de que “o pesquisador delimita os candidatos de antemão” – no caso, os candidatos são *tokens* do lexema *informar*. Nossa análise parte das metáforas linguísticas apresentadas em Lakoff e Johnson (2002 [1980]) para identificar as metáforas conceptuais correspondentes aos usos, uma metodologia que a literatura classifica como *top-down*.

Contamos para tal com um banco de dados de *tokens* da língua portuguesa entre os séculos XIII e XX, extraído principalmente do “*Corpus do Português*” (Davies e Ferreira, 2006-) ³³⁹, com mais de 45 milhões de palavras, oriundas de quase 57.000 textos dessa língua. Fizemos ainda um levantamento sobre o uso do lexema *informar* no projeto NURC-RJ (Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) ³⁴⁰, no projeto Discurso & Gramática ³⁴¹, no projeto Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais ³⁴² e na amostra publicada do *Corpus Português Fundamental (PF)* ³⁴³. Quanto a dados lexicográficos, contamos com o acervo das bibliotecas públicas e universitárias, além da nossa própria. Dispusemos ainda dos acervos digitalizados da Biblioteca Nacional Digital de Portugal ³⁴⁴, que faz parte da Europeia ³⁴⁵, e do Google Books ³⁴⁶.

3. A metáfora prototípica: INFORMAR É FABRICAR

Conforme Lakoff e Johnson, a maioria das ações de manipulação direta, como, por exemplo, quando acionamos os interruptores de luz, abotoamos nossas camisas, abrimos portas etc. partilha aspectos do caso “prototípico” ou “paradigmático” de causalidade direta. O conceito de causalidade “fundamenta-se no protótipo da manipulação direta, que emerge diretamente de nossa experiência”, afirmam Lakoff e Johnson (p. 152).

Embora o conceito de causalidade seja básico na atividade humana, dizem Lakoff e Johnson, não é um “primitivo” no sentido de bloco construtor, isto é, não é inalisável e indecomponível. O conceito, segundo os autores, é claramente delineado “em um grande número de instâncias”.

O sucesso de nossa atividade no mundo envolve a aplicação do conceito de causalidade a cada novo domínio de atividade por

³³⁹ <http://www.corpusdopotugues.org>

³⁴⁰ www.letras.ufrj.br/nurc-rj

³⁴¹ www.discursoegramatica.letras.ufrj.br

³⁴² www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php

³⁴³ www.clul.ul.pt/pt/recursos/84-spoken-corpus-qportugues-fundamental-pfq-r

³⁴⁴ <http://purl.pt>

³⁴⁵ <http://www.europeana.eu>

³⁴⁶ <http://books.google.com.br>

meio de intenção, plano, inferências etc. O conceito é estável porque “continuamos a funcionar com sucesso fundamentando-nos nele”. Dado um conceito de causalidade que emerge de nossa experiência, podemos aplicá-lo a conceitos metafóricos. (p. 146-147).

Para além do aspecto de “instanciação” das metáforas, Lakoff e Johnson argumentam ainda que “uma compreensão adequada da causalidade exige que ela seja percebida como um conjunto de outros componentes” – uma “*gestalt* experiencial”, definida como “um todo que nós, seres humanos, consideramos mais básico que suas partes” (p. 144). Assim, a *causalidade* não é um termo primitivo inalisável, porque é caracterizada em termos de semelhanças de família com o protótipo da *manipulação direta*, o protótipo da *manipulação direta* em si é uma *gestalt* indefinidamente analisável de propriedades naturalmente co-ocorrentes, e a essência prototípica de *causalidade* é elaborada metaforicamente de várias maneiras (p. 152).

O conteúdo semasiológico fundamental (“literal”) de *informar* é o sentido de “dar forma”, que segundo Capurro e Hjørland (2007 [2003]), “teria sido forjado no contexto primitivo da cerâmica”. Em Alinei (2010), porém, vemos o lexema no contexto da “informação” do queijo, disseminado na Europa a partir do sul da França (lat. *caseus formaticum*, ou simplesmente *formaticum* > franc *fromage*, franc. ant. *formage*, *furmaige* ou *fromache*, prov *formatge* ou *fromatge*, port **formage*, cat *formatje* e ital *formaggio*). São conhecidos, ainda, outros contextos (Valpay, 1816; Lewis e Short, 1879): nos versos de Virgílio (70-19 a.C.) sobre Vulcano e os Cíclopes produzindo (*informatum*) flechas de raios para Zeus (*Eneida* 8, 426 ; [1]) ou um enorme escudo para Enéas (*Eneida* 8, 447; [2]); no manual de agricultura de Columela (4-70? d.C.), o verbo é aplicado na explicação de como deve ser feita, na falta de pedras, uma tampa a partir do entrelaçamento de cordas .

[1] Ferrum exercebant uasto Cyclopes in antro, / Brontesque Steropesque et nudus membra Pyragmon. / His informatum manibus iam parte polita / fulmen erat, toto genitor quae plurima caelo / deicit in terras, pars imperfecta manebat (*Eneida* 8, 424-428)..

[2] Ingentum clipeum informant, unum omnia contra / tela Latinorum, septenosque orbibus orbes / impediunt (*Eneida* 8, 447-449).

- [3] Vel si nee lapis erit nee glarea, sarmentis connexus velut funis informabitur in eam crassitudinem, quam solum fossae possit angustae quasi accommodatam coartatamque capere (Columella, lib. ii).

Informar (e, mais tarde, *enformar*³⁴⁷), com esse sentido, seria então um caso de “manipulação direta”, que Lakoff e Johnson descrevem como “um tipo de experiência fundamental que caracteriza a noção de causalidade direta”. Tomemos, do *token* [1], “*His informatum manibus*”: como observa Conington (1876), a parte inacabada do raio é moldada “por suas mãos”, isto é, pelas mãos dos Cíclopes. O uso adere perfeitamente ao sentido de “dar forma” e atende às propriedades acima apresentadas, confirmando o que muitos lexicógrafos já afirmaram: “dar forma”, o sentido de maior causalidade possível em relação às acepções que o verbo tenha tido ou venha a ter, é o protótipo da ação *informar*. Amaro de Reboredo, em seu *Raizes da lingua latina: mostradas em hum tratado, e dictionario...* (1621) ainda é ainda mais específico: “*infôrmo, as: informar, dar a primeira forma*”.

Nesse caso, para Lakoff e Johnson, trata-se de um caso simples de causalidade direta, a “fabricação” de objetos. A *fabricação* envolve manipulação direta prototípica, com todas as propriedades por eles listadas, mas ela tem uma característica adicional que a diferencia de outras manipulações diretas: como resultado da *fabricação*, nós vemos o objeto como um tipo diferente de coisa, isto é, nós o categorizamos de maneira diferente, com forma e função diferentes. Por exemplo, “o que era um pedaço de papel passa a ser um avião de papel”. Até mesmo uma simples mudança de estado, como a mudança da água em gelo, pode ser vista como um exemplo de *fabricação*, uma vez que o gelo tem forma e função diferentes da água.

Vejamos então, alguns exemplos para a língua portuguesa, extraídos do nosso *corpora*, de usos derivados do verbo *informar/enformar* que refletem a metáfora da FABRICAÇÃO:

- [4] (...) Et era home de bõ entêdemento et falua tã ben et tã saborosament que o amauã todos quãntoslo vijã. Et auja o nariz alto por mesura et a boca ben feyta et dentes ben postos et brãcos et o queixo quadrado et o colo longo et as espádoas anchas et os peytos moyto enformados. Et auja as

³⁴⁷ Até o final do séc. XV, o lexema em estudo ocorria exclusivamente como variações de *enformar*. O fenômeno, que estamos estudando em paralelo, já havia sido constatado por Antônio Geraldo da Cunha (Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval, 2007) e não é exclusivo de nossa língua, mas certamente também no galego (Salgado, 2009) e no inglês (Kurath, 1953).

mãos et os braços moy ben feytos, et era bentallado ãna çentura (Cronica Troyana, 1344)

- [5] E a esta cobiiça de veer a verdade he junto desejo daver senhorio, em tal guisa que o coração bem enformado per a natureza nom queira obedecer a algüu [...] (D. Pedro, Livro dos ofícios de Marco Tullio Ciceram, séc. XV)
- [6] o cacau e mistura-se com açúcar e outros produtos, ficando num estado pastoso; enformação que consiste em dar a forma que se pretende ao chocolate (portal “Região de Leiria³⁴⁸: matéria “a tentação dos chocolates”, 1997)

O termo “enformação” é muito útil, hoje, na descrição de processos envolvendo *objetos*, *substâncias* e *recipientes*, como a *fundição* (“A fundição contínua é um método de enformação de lingotes, barras e placas que consiste em vaziar o metal fundido no molde”; “Os objectos moldados são, muitas vezes, enformados e vulcanizados em moldes aquecidos”). Esses casos nos remetem, seguindo Lakoff e Johnson, a uma maneira de conceptualizarmos a atividade de *informação*: a metáfora SUBSTÂNCIA ENTRA DENTRO DO OBJETO (p. 149), sendo o *objeto* visto como um *recipiente* (“fôrma”) para a *substância*, que adquire então uma *forma* (“fórma”).

Lakoff e Johnson nos lembram que, em sua teoria, não há espaço para propriedades objetivas inerentes, apenas propriedades interacionais, que repetem o modo como concebemos os fenômenos mentais por meio de metáforas (p. 246). Assim, conceitos como OBJETO, SUBSTÂNCIA e RECIPIENTE são diretamente emergentes, isto é, construídos pela interação. Segundo os autores, “experenciemos a nós mesmos como entidades separadas do resto do mundo – como recipientes com um lado de dentro e um lado de fora” (p. 130). Nós somos seres físicos, demarcados e separados do resto do mundo pela superfície de nossas peles; experenciemos a nós mesmos como sendo feitos de substâncias – isto é, carne e osso – e experenciemos o resto do mundo como algo fora de nós como sendo feitos de vários tipos de substâncias – madeira, pedra, metal etc. Cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora. Projetamos a nossa própria orientação dentro-fora sobre outros objetos físicos que são delimitados por superfícies. Assim, concebemos esses objetos como recipientes com um lado de dentro e outro de fora. Cômodos e casas são

³⁴⁸ <http://www.regiaodeleiria.pt>

recipientes óbvios. Movimentar-se de um cômodo a outro é o mesmo que se movimentar de um recipiente para outro, isto é, movimentar-se para fora de um cômodo e para dentro de outro. Nós podemos atribuir essa orientação até mesmo a objetos sólidos, como quando quebramos uma pedra para ver o que há dentro dela. Impomos também essa orientação ao nosso meio-ambiente natural (p. 81). Experimentamos muitas coisas, por meio da visão e do tato, como tendo fronteiras definidas e, quando as coisas não têm fronteiras definidas, frequentemente projetamos fronteiras nelas – por exemplo, florestas, clareiras, nuvens etc.

Conceptualizamos, assim, um grande número de mudanças, tanto naturais quanto manufaturadas, em termos dessa metáfora. Com efeito, a lexicografia da língua portuguesa vem, ao longo de muitos séculos, apresentando-a explicitamente: a descrição do verbo *enformar* é “meter nas formas” desde o *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562), do humanista Jerônimo Cardoso, que estabelece o início da dicionarização do português (Verdelho, 2002, p. 18). Também está no primeiro dos dicionários bilíngues conhecidos, o *Dictionarium Lusitanico Latinum* de Agostinho Barbosa (1611). Joachim-José Costa Sa, no *Diccionario italiano e portuguez* (1773, p. 734), vai além: “*metter na forma; o que se diz dos çapatos, e dos chapeos*”. Donde extraímos que INFORMAR É ENTRAR DENTRO DO OBJETO. O *token* a seguir nos mostra que *substâncias* também podem, por extensão, *sair de objetos*.

[7] x: e vai a ferver um bocado para tomar um bocadinho de ponto. depois tira-se, deixa-se arrefecer. Deitam-se seis gemas de ovos batidas, depois desse açúcar [...] ah, esqueci-me de dizer que se mistura também bocadinhos de ananás partidos muito miudinho, mas não todo, não todo o... da lata. depois no dia seguinte desenforma-se. Enfeita-se com o resto do ananás, como se quiser [...] (CLUL/PortFundamental – Portugal, entrevista 467, transcrição de fala, 1970)

Mas aquilo a que damos *forma* não precisa, necessariamente, ser algo material: pode ser a mente, de outrem ou a própria, reflexivamente. Em determinadas situações comunicativas, sugere Fernandes (2000, p. 211), pode-se manifestar preferência conceptual por uma categoria lexical que convoque uma imagética mais acentuada, “capaz de conferir maior nitidez ao discurso”. MENTE (OU ALMA) É UM RECIPIENTE, metáfora que estabelece uma similaridade entre a mente, alma e o corpo, todos sendo RECIPIENTES, ampara bem o uso de *informar* em contextos que Capurro e Hjørland (2007 [2003]) chamam de “intangíveis ou espirituais”, pois dizem respeito

aos “usos morais e pedagógicos”: *informar* como *ensinar*, *doutrinar* etc. Tertuliano de Cartago (ca. 160-220 d.C.), o “criador do latim cristão teológico” (Drobner, 2008, p. 161), chama Moisés de *populi informator* – educador ou modelador de pessoas. No já citado *Dictionarium Lusitanico Latinum* de Agostinho Barbosa (1611), com base em Cícero, temos “dar enformação” com o sentido de *docere*, isto é “dar formação, educar”, e no *Thesouro da Lingoa Portuguesa*, de José Bento Pereira (1697), temos *enformador* como *docens, entis* (ou seja, como “professor”); *enformado*, como *edoctus, a, um*; *enformar* como *doceo, es* (“ensinar”). Vejamos outros exemplos do português extraídos dos *corpora*:

- [8] Este rey Recaredo e seu irmão Hermenegildo, o que matou seu padre, foron ensynados e doutrinados daquelle sancto Leandre, arcebispo de Sevyilha, que os enformou e fundou na sancta fe catholica. E esta foy a causa principal por que seu padre o fez desterrar (Crónica Geral de Espanha, 1344)
- [9] Cathezizas que quer dizer ensynar ou ãformar ou doutrinar por que qual quer que he ja de discriçom & ven aho bautismo primeira mente deue seer enformado & ensynado & doutrinado en a ffe & em a crença e na ãcarnaçon de jhesu xpisto (Clemente Sanches de Vercial, Sacramental, 1488?)
- [10] Enforma a tua mente tenra com estudos mais ásperos (Boosco deleitoso, séc. XV)
- [11] (...) primeiros clarões da inteligência de Susana que o pai se impusera a adorável missão de enformar e trazer gradualmente à luz aquela alma, que vinha a ser o inocente reflexo (Fernanda Botelho, O Angulo Raso, 1957)

4. Informação é Mudança

Independentemente do uso na elaboração do conceito de FABRICAÇÃO, Há outra metáfora também conceptualiza vários conceitos do “caso especial de causalidade”: a MUDANÇA.

O mais antigos usos do verbo *informare* são do séc. II a.C., período em que o latim arcaico entrava em contato com o grego nas colônias do sul da Itália (Ilari, 2008, p.

149). Os textos gregos dessa época, o senso fundamental de *morphē* “figura, aparência”, havia se tornado mais produtivo em contextos de mudança, como *morphóomai* “tomar forma”, *morphoō* “dar forma” ou *metamorphoō* “transformar”, inclusive com sentido mágico, expresso “por meio da dança e da música” (Bernal, 2006, p. 450). São Paulo (I d.C.) explora vários de seus cognatos: em Gálatas 4:19, *morphóomai* se refere ao desenvolvimento interno e à manifestação externa da vida de Cristo adequados ao crente (Motyer, 1993, p. 110); em Romanos 12:2, explica a diferença entre *schema* com *morphē* (Ogden, 2003, p. 107):

Não vos conformeis com este mundo (*syschematizomai* “conformar-se”, no sentido de “adaptar-se, como um camaleão, ao entorno”), mas transformai-vos (*metamorphoomai*), renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito.

As metáforas para MUDANÇA emergem naturalmente, segundo Lakoff e Johnson, da experiência do nascimento, “seguramente a experiência humana mais fundamental”: no nascimento, um objeto (o bebê) sai de um recipiente (a mãe). Ao mesmo tempo, a substância da mãe (sua carne e sangue) está no bebê (objeto recipiente). A experiência do nascimento (também o crescimento na agricultura) fornece, nesse caso, a fundamentação para o conceito geral de CRIAÇÃO, que tem como essência o conceito de FABRICAÇÃO de um objeto físico, mas que se estende para entidades abstratas também (p. 150-151).

Varro (116-27 a.C.) já descrevera como um feto está sendo informado (*informatur*) pela cabeça e coluna vertebral. Os *tokens* a seguir dão-nos outros exemplos de como INFORMAÇÃO É FECUNDAÇÃO e INFORMAR É CRIAR, no caso da agricultura:

[12] Mas quando Deus cria a alma para que ela informe o feto preparado, é de necessidade absoluta, pela igualdade e justiça do Creador, que tôdas as almas entrem nos corpos com as mesmas numéricas qualidades naturais próprias e constitutivas da perfeição de uma alma (J. Cunha Brochado, Cartas, 1707)

[13] Tenho lá no Sincorá muitas lavras que comprei por baixo preço, mas que informam muito bem; estão em abandono por me faltar uma pessoa de confiança que possa pôr à testa do serviço, e meus negócios não me

deixam tempo para ficar ali preso à cola dos bateiros, como é indispensável (Bernardo Guimarães, O Garimpeiro, séc. XIX)

À medida que se muda, constroi-se. Metáforas do RECIPIENTE e da CONSTRUÇÃO, dizem Lakoff e Johnson, “misturam-se livremente em virtude da correspondência”. A correspondência aqui se baseia em implicações compartilhadas, uma vez que uma CONSTRUÇÃO tem uma parte mais profunda, da mesma forma que um RECIPIENTE. Uma vez que a profundidade caracteriza o aspecto básico em ambas as metáforas, a parte mais profunda é a parte mais básica. O conceito PARTE MAIS BÁSICA pertence, portanto, à parte comum às duas metáforas e é neutro entre elas (p. 187). Nos recipientes criados e usados de forma mais eficaz, ocupa-se toda a superfície para abrigar o conteúdo. Idealmente, quanto maior for a superfície, maior será a substância abrigada no recipiente e, conseqüentemente, maior será o conteúdo (p. 173). Com efeito, pelos dados, achamos indícios de que quanto mais *informado*, maior é o recipiente MENTE:

[14] algumas perguntas a que se lhe respondeo, chegando-se ao Irmão, se começou a informar mais em particular das couzas que tinha ouvido, e sentia-se nelle ter bom dezejo (Frois, Historia do Japam 1, 1560-1580)

[15] em dezassete dias chegou a ella, onde mais largamente foy informado pelo Chalagonim seu capitão, de tudo o que era passado no reyno (Peregrinação, Fernão Mendes Pinto, 1603)

Registram-se usos para *informar* com o sentido de “instrução de processos” ([16]) que nos remete à metáfora INFORMAÇÃO É CONSTRUÇÃO. Ela leva o usuário da língua a pensar em *informações* ordenadas e hierarquicamente organizadas ([17]).

[16] (...) os Juizes das terras mandarom que os dictos procuradores ponham as dictas enformações nos fectos³⁴⁹ pera averem de ser vystas e enxemyradas no casso das apellações (Cortes portuguesas, 1498)

[17] A distribuição retórica de um texto-fonte é baseada em sua macro-estrutura: as categorias distintas de informação que caracterizam os segmentos mais genéricos do texto são responsáveis por indicar a funcionalidade (...) (Raimundo de Moraes, Os Igarauínas, 1938)

Segundo Lakoff e Johnson, mudanças de um estado ao outro, adquirindo nova forma e função são conceptualizadas ainda em termos da metáfora OBJETO SAI DA

³⁴⁹ “*Fectos*”, isto é, *feitos* são, para o Direito Processual, “o processo ou o conjunto dos autos da demanda, da causa ou do pleito” (Houaiss, 2001)

SUBSTÂNCIA. Numa sentença hipotética como “Da argila, eu fiz uma estátua”, a substância argila é vista como RECIPIENTE (via metáfora SUBSTÂNCIA É UM RECIPIENTE) do qual o objeto – a estátua – emerge. Por essa razão, a preposição *de* (em inglês, a locução prepositiva *out of*, “*fora de*”) é usada: o gelo é visto como algo que emerge (sai fora) *da* água; o avião é visto como algo que emerge *do* papel; a estátua é vista como algo que emerge *da* argila.

Isso significa que FABRICAÇÃO é uma instância de um conceito diretamente emergente, a saber, MANIPULAÇÃO DIRETA, que aqui “é mais elaborado pela metáfora OBJETO SAI DA SUBSTÂNCIA” e, no nosso caso, INFORMAR É SAIR DA SUBSTÂNCIA. Na língua portuguesa, temos usos como em frases de uso corrente como “um campo magnético uniforme permite extrair mais informação sobre a natureza das partículas” ou “os trabalhadores de um determinado sector de actividade podem obter facilmente informação específica ao sector”.

Informação torna-se aqui um objeto, aquele objeto que “sai da substância”. Deixa de representar o *processo* de informar para significar o produto desse processo. É o que a morfologia linguística chama de “resultado ou efeito” do *processo de informação*. No nosso entender, eis um fato importante, pois “quando a semelhança de família com o protótipo [“dar forma”] é insuficiente”, dizem Lakoff e Johnson, “deixamos de caracterizar o que acontece como causalidade” (p. 146). Por exemplo,

num caso em que houvesse múltiplos agentes e em que a ação deles estivesse distante no tempo e no espaço da mudança do paciente e em que não houvesse desejo, nem plano, nem controle por parte do agente, nós provavelmente não consideraríamos esse caso uma instância de causalidade, ou pelo menos teríamos dúvidas sobre ele.

Ora, isso é o que acontece quando INFORMAÇÃO torna-se objeto: a metáfora afasta-se radicalmente do protótipo INFORMAR É FABRICAR. Halliday & Matthiessen (2004) diriam que mudamos de processos materiais (“informar = fazer, acontecer”), para verbais (informar = “dizer”) ou mentais (“informar-se”). Por conta dessa opaca expressão metafórica, Votre (2004) coloca *informar* entre os verbos proposicionais de enunciação (como *declarar, dizer, anunciar, falar, escrever, avisar, afirmar, garantir, sustentar, jurar*). Capurro e Hjørland (2007 [2003]), como vimos, já haviam observado “essa separação fundamental entre os diversos conceitos”. INFORMAÇÃO É OBJETO, por tudo isso, marca uma ruptura estrutural para a semântica do lexema.

5. INFORMAÇÃO e a metáfora do CANAL

Para Lakoff e Johnson, *objetos* são um aspecto estrutural daquilo que eles chamam, sem querer pejorar, de “mito do objetivismo”. Segundo este mito,

o mundo é constituído por objetos. Eles têm propriedades independentes de quaisquer pessoas ou outros seres que os experienciem. Tomemos, por exemplo, um rochedo. Ele é um objeto separado e é duro. Mesmo se não existissem no universo outras pessoas ou outros seres vivos, ainda assim ele seria um objeto separado e ainda seria duro (p. 295-297).

Adquirimos nosso conhecimento do mundo experienciando os objetos e chegando a saber que propriedades os objetos têm e como eles se relacionam entre si. Por exemplo, nós nos damos conta de que uma pedra constitui um objeto separado olhando-a, sentindo-a, deslocando-a etc. Descobrimos que ela é dura ao tocá-la, ao tentar apertá-la, ao chutá-la, ao jogá-la contra algo mais macio etc.

O mito do objetivismo nos levaria a pensar que INFORMAÇÕES SÃO OBJETOS, “uma projeção do status de entidade sobre o fenômeno mental via uma metáfora ontológica” (p. 328), como no caso do *token* a seguir.

[18] pois existem muitos nativos de Gêmeos tímidos e calados, mas ainda para estes a informação e a palavra são imprescindíveis, pois suas mentes sempre em atividade também se rejubilam (Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, séc. XX)

INFORMAÇÕES SÃO OBJETOS nos vincula a outros tipos de causalidade, menos prototípicos, mas ainda ações ou eventos que apresentam suficiente semelhança com o protótipo.

Eles incluiriam a ação a distância, a ação não humana, o uso de agente intermediário, a ocorrência de dois ou mais agentes, uso involuntário ou não controlado do programa motor etc. Na causalidade física, o agente e o paciente são eventos, uma lei física assume o lugar de um plano, do objeto e da atividade motora, e todos os aspectos peculiarmente humanos são descartados (p. 146).

Na medida que são categorizadas como *objetos, informações* passam a integrar uma rede de metáforas conceptuais que formam a complexa metáfora do CANAL: “O falante coloca idéias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as idéias-objetos das palavras-recipientes” (p. 54-55). Lakoff e Johnson seguiram aqui o caminho aberto por Reddy (1979), que investigou, numa análise rigorosa de enunciados linguísticos, como nós conceptualizamos metaforicamente o conceito de comunicação, no seu ensaio “*The conduit metaphor*”, “metáfora do canal” na tradução Zanotto *et al.* (2002, p. 15).

Reddy percebeu que um grande número (70%) de enunciados que usamos para falar de comunicação podem ser organizados em quatro categorias que constituem o “arcabouço principal” da metáfora do canal, pois esses enunciados evidenciam que (1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente (Zanotto *et al.*, 2002, p. 16).

Não há coincidência entre suas ideias e as de Claude Shannon e muitos outros, que idealizaram um canal ligando duas pessoas, na verdade Reddy vê a teoria dos autores da Segunda Cibernética como prova de sua própria teoria. Lakoff reconheceu a relevância do trabalho de Reddy, por ter contribuído para afastar de uma vez por todas a visão tradicional da metáfora como desvio da linguagem cotidiana e como fenômeno de linguagens especiais, como a poética e a persuasivo. Reddy conseguiu demonstrar, por meio de um caso significativo, que a metáfora faz parte da linguagem cotidiana e que é componente essencial do modo ordinário de conceptualizar o mundo. Embora outros teóricos tenham observado algumas destas características da metáfora, Reddy foi o primeiro a demonstrá-las por meio de rigorosa análise linguística, afirmando generalizações sobre grande número de exemplos (Zanotto *et al.*, 2002, p. 18).

Lakoff e Johnson, porém, mostram que os enunciados analisados por Reddy são, no fundo, manifestações linguísticas de metáforas conceptuais: MENTE É UM RECIPIENTE (“Não consigo *tirar* essa música da minha cabeça”, “Sua cabeça *está recheada* de idéias interessantes”, “Será que vou conseguir *enfiar* essas estatísticas na tua cabeça?”), IDÉIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS (“Quem te *deu* essa idéia?”), “Não consegui *achar* essa idéia em nenhum lugar do texto”, “Você *encontrará* idéias melhores que essa na biblioteca”), PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUISTICAS

SÃO RECIPIENTES (“Não consigo pôr minhas idéias *em* palavras”, “O significado é o que *está nas palavras*, bem aí”, “Quando você tiver uma boa idéia, tente *colocá-la imediatamente em palavras*”), COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE (“Até que enfim você está conseguindo *passar* suas idéias para mim”, “Vou tentar *passar* o que tenho na cabeça”, “Eu lhe *dei* essa idéia”), COMPREENDER É PEGAR/VER (“*Peguei* o que você quis dizer”, “Não consegui *pegar* o sentido desse texto”, “Você pode ver idéias coerentes nesse trabalho?”).

A metáfora é tão poderosa que deixa traços nos étimos. O significado original mais antigo “pegar” está presente no verbo *catar* no português brasileiro: o lat *capere* “pegar” → *captus* → *captare* “tentar pegar” > *catar* ≈ *captar*. Do valor original de tato, passou-se logo a outro, em que *catar* † “pegar (com os olhos)” >> “olhar” (cf. rom *a cãta* “procurar com os olhos”). Outra metáfora conhecida é “pegar (com o pensamento)” >> “entender” (Viaro, 2011, p. 189-194), confirmando Lakoff e Johnson. Do *token* [19], extrai-se um significado que, hoje, é *default* não do verbo *enformar*, mas de *informar*. Podemos ler em “*que as enforme de chus pequenos beçeros*” os traços primordiais, em língua portuguesa, da acepção de “*fazer saber*” (Houaiss, 2001), o que está de pleno acordo com a importância do gênero *notícia* nos primórdios na história da língua: “os documentos particulares escritos em português até 1255 se restringem na verdade a dois gêneros, o testamento e a *notícia*, ou talvez apenas um, a *notícia*” (Martins, 2007, p. 164).

[19] Sabede que se as uaquas grãdes ese primeyro anno que las dã morerẽ que as enforme de chus pequenos beçeros e se morerã Ao Segũdo anno enformarẽ dos beçeros de #ij^a annos e sse morerã Aos #ij annos enformar dos beçeros de #ij annos Item das uacas que se perderẽ unde nõ deu sinal. ffaçede uíj’r per dãte uos e se omẽ que guarda as uacas e aduga o sinal quer osso quer corno quer coyrrro quer rabo. quer orrelha. e Jure perante uos por deus e pela cruz (Foros de Garvão, séc. XIV),

As mentes ainda são recipientes, mas agora INFORMAÇÕES SÃO OBJETOS, que *informam* RECIPIENTES, *informados* (enviados por intermédio de um canal) por *informantes* e “captadas” por mentes-recipientes. INFORMAÇÕES, segundo Grady (1998, p. 215), tornam-se o próprio CONTEÚDO daquilo que se transmite. Admitem-se então, como previram Lakoff e Johnson, “a ação a distância, a ação não humana, o uso

de agente intermediário, a ocorrência de dois ou mais agentes, uso involuntário ou não controlado do programa motor etc.”

Para ficar apenas em um exemplo, extraído da literatura da Ciência da Informação, Bouche (1988, p. 100) descreve esse campo como “uma parte da ciência da comunicação que diz respeito ao ato completo da comunicação, em particular seus aspectos humano, econômico, jurídico e social”. *Informação*, para esse autor, é “uma forma que circula sobre o canal, do emissor ao receptor”. Ela não possui valor em si; para o emissor ela possui um valor de partida, mas adquire um outro valor mais ou menos diferente do precedente para o receptor quando ele a recebe.

Com relação à vida e à morte, INFORMAÇÕES SÃO OBJETOS manifesta-se como INFORMAÇÕES SÃO ORGANISMOS, “geradas” ou “produzidas”, BENS DE CONSUMO, que podem ser “empacotadas” ou “compradas” num “mercado”, ou RECURSO, que se “esgota” e devem ser “economizadas”. Finalmente, INFORMAÇÃO É DINHEIRO, e são vistas como um “tesouro” (daí os *tesauros*). Em decorrência, complementa Fernandes (2000, p. 219),

A observação de contextos de uso mais recorrentes no discurso da actualidade dos *media*, permite afirmar que *informação* não é uma mercadoria qualquer: a *informação* é um *fruto*, cujos proventos revertem a favor dos *grandes latifundiários* do espaço mediático – as agências noticiosas, as grandes cadeias de televisão e outros agentes econômicos detentores de tecnologias de informação e comunicação (*grifos no original*).

O resultado é um verbo de transitividade estilhada: intransitivo ([20]), transitivo direto ([21]), bitransitivo de duas regências ([22] e [23]), pronomial ([24]), chegando ao extremo de ser “bi-transitivo indireto” (exemplos [25] e [26]). O mesmo fato já fora antes constatado no estudo sobre a regência do verbo no galego (Salgado, 2009).

[20] sempre lembro com orgulho os projectos onde tantos cumprimos esta nobre missão de informar, de contar histórias, de agitar consciências (Jornal Terras da Beira, Portugal, ed. 30 de maio de 1997)

[21] a única pessoa que se lhes dirigiu foi uma senhora “a informar onde se acendiam as luzes para o palco” (Jornal Terras da Beira, Portugal, ed. 30 de maio de 1997)

[22] Com o mais profundo respeito cumpre-me informar também ao senhor Vice-Rei que as necessidades do serviço continuam a reclamar a imediata

organização (Joaquim Manuel de Macedo: As Mulheres de Mantilha, 1870)

- [23] aí chegou na/ no final da rua praticamente ela virou pra mim e perguntou que horas eram... aí eu informei as horas a ela... acabei perguntando a ela se não tinha nada pra fazer... perguntei “pô... onde é que tem um lugar legal... pra se divertir aqui?” (corpus Discurso & Gramática Rio de Janeiro 1, Informante 23: narrativa de experiência pessoal, 1993)
- [24] Uma das coisas que eu aprendi a gostar de fazer, este ano, é redação. Antes de fazer uma redação, eu pego o tema e procuro me informar bastante. Leio muito. (corpus Discurso & Gramática Rio Grande, Informante 5: relato de procedimento, 1993)
- [25] O senador Irala foi encarregado de ir a Plicomaio informar ao Gontira de que pode vir à capital (Emílio de Menezes: Prosa de circunstância, 1911)
- [26] IV - Acompanhar e informar ao Tribunal sobre a vida pregressa de candidato ao cargo de Juiz, de Juízes Federais Titulares e Substitutos, seus desempenhos funcionais e suas estatísticas (art. 5º do regimento interno da Corregedoria-geral do TRF 5ª Região, Recife, em 15 de setembro de 1989)

As *metáforas estruturais* de nosso sistema conceptual, caso da metáfora do CANAL, também criam similaridades. Baseando-nos em Lakoff e Johnson, que estabeleceram que IDEIAS SÃO ALIMENTO, por analogia, o mesmo poderíamos dizer que a metáfora INFORMAÇÕES SÃO ALIMENTO. Mais uma vez, a etimologia atesta-o: port *aluno* < lat. *alumnus*,i “criança de peito, lactente, menino, aluno, discípulo” der. do v. *alĕre* “fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer etc.” (Houaiss, 2001).

Em português, a associação mais antiga que encontramos nos *corpora*, mais especificamente no *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval*, de Antônio Geraldo da Cunha (2007), vem de um pseudo-Aristóteles, “Segredo dos segredos” (séc. XV): “E emnobreceo o glorioso deus per vij forcas que som forca atractiua [...] E nutritiua Enformatiua”. Muitos séculos depois, a Revista TMP, edição de junho de 2001, escreveria “elas [outras revistas] vão te nutrir de informações importantíssimas sobre o assunto”. Assim como IDEIAS, também INFORMAÇÕES podem ser digeridas ([27]), “engolidos, devorados e re-aquecidos e ambos podem nutrir você”.

[27] Adhian digeriu a informação durante um momento. - E diz ele que Rashid vai ser rei? (João Aguiar, O homem sem nome, 1986)

Segundo Lakoff e Johnson, essas similaridades não existem independentemente da metáfora. O conceito de engolir comida é independente da metáfora, porém o conceito de engolir idéias (e informações) surge somente em virtude da metáfora. Na verdade, a metáfora INFORMAÇÕES SÃO ALIMENTO estaria baseada em metáforas ainda mais básicas. Por exemplo, está fundamentada parcialmente na metáfora do CANAL, de acordo com a qual IDEIAS (INFORMAÇÕES) SÃO OBJETOS que vem a nós do exterior. Ela também presume a metáfora MENTE É UM RECIPIENTE. Juntamente com a metáfora do CANAL, temos uma metáfora complexa na qual INFORMAÇÕES SÃO OBJETOS QUE ENTRAM NA MENTE, tal como pedaços de alimento são objetos que entram no corpo. É nessa similaridade, criada metaforicamente entre informações e alimento, que a metáfora INFORMAÇÕES SÃO ALIMENTOS é parcialmente baseada (p. 246).

6. Conclusões

O sentido prototípico “dar forma”, mesmo em sua versão mais abstratizada (“ensinar, doutrinar”), pode ser explicado pela projeção metafórica primária da *fabricação*. Na Idade Média, já se observa nitidamente (em estudos paralelos) uma transição das noções de *forma* e *informação*, inspirada em uma muito apropriada metáfora jurídica INFORMAR É MUDAR (daí construções do tipo “informar processos”), e basta um exemplo para atestá-lo: *informação* passa a ser usada como sinônimo de *inquisição*. A questão que ainda está por ser compreendida é a mudança estrutural que possibilitou, como disseram Capurro e Hjørland (2007 [2003]), uma “separação fundamental” entre esses e aqueles conceitos de “*informação* vista como coisa ou objeto”, sob uma metáfora bastante distinta, estruturalmente falando, a *metáfora do canal*.

Para Lakoff e Johnson, nossas atividades amparadas pela *metáfora do canal* (discussão, solução de problemas, administração do tempo etc.), parecem ter se tornado “uma realidade mais profunda, alterando nosso sistema conceptual e as percepções e ações a que esse sistema deu origem”. Muito das mudanças culturais surge da introdução de novos conceitos metafóricos e da perda de antigos (p. 242-243). As metáforas novas, da mesma maneira que as convencionais, podem ter o poder de definir a realidade. Elas o fazem por meio de uma rede coerente de implicações que iluminam alguns aspectos da realidade e ocultam outros. A aceitação da metáfora, que nos obriga a focar apenas os

aspectos da nossa experiência que ela ilumina, leva-nos a enxergar como verdadeiras as implicações da metáfora (p. 259).

A Ciência da Informação, apesar dos esforços em aprimorar abordagens teóricas alternativas, não conseguiu, na opinião de Hofkirchner (2011) e outros, desenvolver um corpo teórico que fosse reconhecido como uma teoria mais geral da *informação*: permanece presa à *metáfora do canal*. Certamente, a área ocupa-se das “teorias da comunicação baseadas na metáfora do CANAL”, que são perfeitamente aceitáveis para Lakoff e Johnson (p. 351), se forem tomadas como *mito*.

Os mitos oferecem-nos maneiras de compreendermos a experiência; eles organizam nossas vidas. Como as metáforas, os mitos são necessários para fazer sentido do que se passa ao nosso redor. Todas as culturas têm mitos e as pessoas não podem viver sem eles assim como não podem viver sem a metáfora. E assim como consideramos frequentemente as metáforas de nossa cultura como verdades, do mesmo modo também consideramos frequentemente os mitos de nossa cultura como verdades.

O mito do objetivismo não é em si mesmo objetivamente verdadeiro. Mas isso não deve torná-lo “alvo do desprezo e do ridículo”. O mito do objetivismo faz parte da vida cotidiana de cada membro da nossa cultura. Ele deve ser examinado e compreendido. Porém, o *mito do objetivismo* (INFORMAÇÃO É OBJETO) é também “insidioso”:

Não somente ele pretende não ser um mito, como também ele rebaixa e menospreza os mitos e as metáforas: segundo o mito do objetivismo, os mitos e as metáforas não podem ser levados a sério, pois eles não são objetivamente verdadeiros.

Ser objetivo é sempre relativo a um sistema conceptual e a um conjunto de valores culturais. Trata-se de uma “construção mental abstrata de uma ordem utópica”, “visão-de-mundo”, enfim, uma *ideologia* (Esparza, 2010, p. 12). Quando a sociedade vive em larga escala pela metáfora do CANAL, prosseguem Lakoff e Johnson, “o equivoco, a perseguição e muitos outros males são resultados prováveis”. Uma objetividade razoável pode ser impossível “quando há sistemas conceptuais conflitantes ou valores culturais conflitantes, e é importante poder admitir e reconhecer quando isso ocorre” (p. 344). Quando aplicadas indiscriminadamente em grande escala, o *mito do canal* “muda para o perverso” (p. 351), por exemplo, “na fiscalização do governo ou nos arquivos

computadorizados”. Nesse caso, o que é mais decisivo para a verdadeira compreensão quase nunca é incluído e assume-se que as palavras no arquivo têm sentido em si mesmas – “sentido descorporificado, objetivo, compreensível”.

Mas entre pessoas, dizem Lakoff e Johnson, “o sentido quase nunca é comunicado de acordo com a metáfora do CANAL”, isto é, “quando uma pessoa transmite uma proposição fixa e clara para uma outra pessoa por meio de expressões em uma linguagem ordinária, em que ambas as partes têm em comum todo o conhecimento relevante, os princípios, os valores etc.”. Esse mundo faz sentido, mas apenas como *mito*.

Quando a situação está complicada, o sentido é negociado: você lentamente descobre o que vocês têm em comum, sobre o que é mais seguro falar, como você pode comunicar experiências não compartilhadas ou criar uma visão compartilhada. Com a necessária flexibilidade para alterar sua visão de mundo e, com sorte, com capacidade e tolerância, você pode alcançar uma compreensão mútua. (p. 350)

O que Lakoff e Johnson nos deixam como mensagem, se assim podemos interpretá-la, é a emergência, para a Ciência da Informação, de uma mudança de perspectiva, capaz de apontar-lhe um conceito para *informação*. Hofkirchner (2011, p. 372), para ficar só num exemplo, vem promovendo uma nova e interessante perspectiva:

Currently, a *Science of Information* does not exist. What we have is *Information Science*. Information Science is commonly known as a field that grew out of Library and Documentation Science with the help of Computer Science: it deals with problems in the context of the so-called storage and retrieval of information in social organizations using different media, and it might run under the label of Informatics as well. A *Science of Information*, however, would be a discipline dealing with information processes in natural, social and technological systems and thus have a broader scope.³⁵⁰

Eis, para finalizar, uma sugestão de Lakoff e Johnson para empreitadas como essa (p. 344-345):

³⁵⁰ Ver nota 1.

Desistir do postulado da verdade absoluta poderia tornar a prática científica mais responsável, uma vez que haveria uma consciência geral de que uma teoria científica pode esconder ao mesmo tempo que revela. Uma noção geral de que a ciência não produz a verdade absoluta sem dúvida mudaria o poder e o prestígio da comunidade científica bem como as práticas financiadoras do governo federal. O resultado seria uma avaliação mais racional do que é o conhecimento científico e de quais são suas limitações.

Bibliografia

- ALINEI, Mario. Archeologia etimologica: alle origini del formaggio. Da lat. *coagulum* ‘caglio’ a lat. *caseus/-m* ‘formaggio’; **formaticum* e **toma*. *Quaderni di Semantica*, v.XXXI, n.1, p.73-112. 2010.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga. Transferência de informação como processo social: uma proposta de paradigma. *Informação & Sociedade: Estudos*, v.7, n.1, p.68-73. 1997.
- BARBOSA, Agostinho. *Dictionarium Lusitanico Latinum: juxta seriem alphabeticam optimis, probatisq. doctissimorum auctorum testimonijs perutili quadam expositione locupletatum: cum... Latini sermonis indice, necnon libello uno aliquarum regionum, civitatum, oppidorum, fluviorum, montium, & locorum, quibus veteres uti solebant / omnia in studiosae inventutis gratiam, & usum collecta per Augustinum Barbosam Lusitanum... -*. Bracharae. 1611.
- BERBER SARDINHA, Tony. Questões metodológicas de análise de metáfora na perspectiva da linguística de corpus. *Gragoatá*, v.26, p.81-102. 2009.
- BERNAL, Martin. *Black Athena: the linguistic evidence*. USA: Rutgers University Press. 2006.
- BOUCHE, Richard. Ciência da Informação: ciência da forma. *Ciência da Informação*, v.17, n.2, p.99-104. 1988.
- BYBEE, Joan L. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, v.238. 2001.
- CAPURRO, Rafael e Birger HJØRLAND. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciências da Informação*, v.12, n.1, p.148-207. 2007 [2003].
- CARDOSO, Jerônimo. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem. Ulissypon: ex officina Ioannis Aluari*: 106 p. 1562.

- CUNHA, Antônio Geraldo. Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval, versão 1.0. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa 2007.
- DAVIES, Mark e Michael FERREIRA. Corpus do Português (45 milhões de palavras, 1300s-1900s), disponível em <http://www.corpusdoportugues.org> 2006-.
- DROBNER, Hubertus. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Editora Vozes. 2008.
- ECO, Umberto. *As formas do conteúdo (trad. Pérola de Carvalho)*. São Paulo: Perspectiva. 2008.
- ESPARZA, José Javier. Los Indoeuropeos - la memoria de Europa. *Urkultur: edición transversal de cultura europea originaria (revista digital)*, v.1: Indoeuropeos: mito y memoria, p.9-15. 2010.
- FERNANDES, Joana Alexandra. Polissemia e metáfora no paradigma verbal do Português : o verbo *Colher*. *Revista da Faculdade de Letras, Universidade do Porto: Línguas e Literaturas*, v.17, p.203-230. 2000.
- GRADY, Joseph. The “conduit metaphor” revisited: a reassessment of metaphors for communication. In: J.-P. Koenig (Ed.). *Discourse and cognition: bridging the gap*. Stanford: CSLI, 1998.
- HEINE, Bernd, Ulrike CLAUDI e Friederike HÜNNEMEYER. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press. 1991.
- HOFKIRCHNER, Wolfgang. Toward a new Science of Information. *Information*, v.2, p.372-382. 2011.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da língua Portuguesa, versão 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Editora Objetiva 2001.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática. 2008.
- Kurath, Hans. *Middle English Dictionary*. Michigan: University of Michigan Press, v.10. 1953.
- LAKOFF, George. The neural theory of metaphor. In: R. W. Gibbs Jr. (Ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LAKOFF, George e Mark JOHNSON. *Metáforas da vida cotidiana (coord. trad. Maria Sophia Zanotto)*. Campinas/São Paulo: EDUC/Mercado de Letras. 2002 [1980].
- LEWIS, Charlton T. e Charles SHORT. A latin dictionary - founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. Revised, enlarged, and in great part rewritten. Oxford: Clarendon Press 1879.

- MACEDO, Ana Cristina Pelosi Silva, Emilia Maria Peixoto FARIAS e Paula Lenz Costa LIMA. Metáfora, cognição e cultura. *Gragoatá*, v.26, p.43-60. 2009.
- MARTINS, Ana Maria. O primeiro século do português escrito. In: A. I. B. Agrelo (Ed.). *Na nosa lingoage galega. A emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega/Instituto da Lingua Galega, 2007.
- MATTELART, Armand e Michéle MATTELART. *História das teorias da comunicação* São Paulo: Loyola. 2000.
- MIRANDA, Neusa Salim. Construções gramaticais e metáfora. *Gragoatá*, v.26, p.61-80. 2009.
- MOTYER, J. Alec. *El mensaje de Filipenses: Jesucristo, nuestro regocijo*. Misiones: Editorial Portavoz. 1993.
- MOURA, Heronides e Mara Sophia ZANOTTO. Investigando teórica e empiricamente a indeterminação da metáfora. *Gragoatá*, v.26, p.9-42. 2009.
- Ogden, Greg. *Transforming discipleship: making disciples a few at a time*. Madison: InterVarsity Press. 2003.
- PEREIRA, José Bento. *Thesouro da lingua portuguesa, vol. 1*: Oficina de Paulo Craesbeeck. 1697.
- PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro e José Mauro Matheus LOUREIRO. Traçados e limites da ciência da informação. *Ciência da Informação*, v.24, n.1, p.42-53. 1995.
- ROBOREDO, Amaro. *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario: isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck. 1621.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto. 2000.
- SA, Joachim-José Costa. *Diccionario italiano e portuguez, extrahido dos melhores lexicografos, como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, do Diccionario da Crusca e do da universidade de Turin...* Lisboa: Regia officina typografica. 1773.
- SALGADO, Xosé A. Fernández. Sobre o réxime do verbo *informar* en galego. *Estudos de Lingüística Galega*, v.1, p.209-223. 2009.
- SHANNON, Claude. A mathematical theory of communication. *Bell System Technical Journal*, v.27, p.379-423, 623-656. 1948.

VALPAY, A. J. Notice of *M. T. Ciceronis de Officiis libri III., juxta editionem J. M. et J. Fr. Heusingerorum. Aecedunt, in gratiam juventutis, nota quaedam Anglice scripta.* In: (Ed.). *The Classical journal*. London, v.12, 1816.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: J. H. Nunes e M. Petter (Ed.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto. 2011.

VOTRE, Sebastião Josué. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: S. J. Votre, M. M. Cezario, et al (Ed.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

ZANOTTO, Maria Sophia, Heronildes Maurílio Melo MOURA, Maria Isabel Asperti NARDI e Solange Coelho VEREZA. Apresentação à edição brasileira. In: (Ed.). *George Lakoff & Mark Johnson, 1980: Metáforas da vida cotidiana (coord. trad. Maria Sophia Zanotto)*. Campinas/São Paulo: EDUC/Mercado de Letras, 2002.

Metáforas Conceituais empregadas na Conceptualização da Vida na poesia de Autores da Literatura Brasileira

Marcos Helam Alves da Silva³⁵¹

marcohelam_sfp@hotmail.com

RESUMO

Por mais de dois mil anos, com base nos pressupostos aristotélicos presentes nas conceituadas obras *Retórica* e *Poética*, a metáfora foi vista como um adorno ou figura de linguagem de uso exclusivo da feitura poética. Porém, com o lançamento do livro *Metaphor we live by*, em 1980, de George Lakoff e Mark L. Johnson, uma nova perspectiva de abordagem da metáfora é configurada. Nesta obra pioneira, os autores erigem a Teoria da Metáfora Conceitual, situada no campo mais abrangente da Linguística Cognitiva, a qual concebe a cognição como corporificada. Ou seja, a cognição envolve necessariamente a interação mente-corpo-mundo. Frente a esse novo paradigma, a metáfora é entendida como integrante da nossa vida cotidiana e não apenas como uma simples figura de linguagem. De acordo com a proposição dos autores, a metáfora é primeiramente um fenômeno cognitivo, por estar presente no nosso sistema conceitual. Somente depois, dada a nossa necessidade de manifestação linguística, ela passa a ser uma questão ligada a palavras. Para Lakoff e Johnson ([1980] 2002), portanto, o sistema conceitual humano é de natureza essencialmente metafórica. Com isso, considerando a proposta de Lakoff e Johnson ([1980] 2002 e colaboradores), o propósito deste estudo é fazer uma investigação sobre as metáforas conceituais que poetas da literatura brasileira de suas diferentes escolas literárias utilizam na conceptualização da Vida. Para tanto, constituímos uma amostra composta por poemas sobre a temática da vida, a partir da qual inventariamos as metáforas conceituais da vida empregadas pelos poetas. Nesse inventário, vimos como é recorrente, dentre outras, a metáfora A VIDA É UMA JORNADA. Através de uma breve análise das metáforas conceituais investigadas, foi possível também traçar um quadro das diferentes

³⁵¹ Universidade Estadual do Piauí, PI.

concepções de vida assumidas pelos autores em suas poesias. Com isso, vimos a produtividade da Teoria da Metáfora Conceitual quando se trata de explorar as concepções de vida que subjazem às construções poéticas de diferentes épocas e estilos.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora Conceitual; Poesia; Metáforas da Vida.

ABSTRACT

For more than two thousand years, with base in the present Aristotelian presuppositions in considered them works Rhetoric and Poetic, the metaphor was seen as a decoration or illustration of language of exclusive use of the poetic making. However, with the release of the book *Metaphor we live by*, in 1980, of George Lakoff and Mark L. Johnson, a new perspective of approach of the metaphor is configured. In this pioneering work, the authors erect the Theory of the Conceptual Metaphor, located in the including field of the Cognitive Linguistics, which conceives the cognition as corporificada. In other words, the cognition necessarily involves the interaction mind-body-world. Front to that new paradigm, the metaphor is understood as member of our daily life and I don't just eat a simple language illustration. In agreement with the authors' proposition, the metaphor is firstly a cognitive phenomenon, for being present in our conceptual system. Only then, given our need of linguistic manifestation, she passes the being a linked subject to words. For Lakoff and Johnson ([1980] 2002), therefore, the human conceptual system is of nature essentially metaphorical. With that, considering the proposal of Lakoff and Johnson ([1980] 2002 and collaborators), the purpose of this study is to do an investigation on the conceptual metaphors that poets of the Brazilian literature of their different literary schools use in the conceptualização of the Life. For so much, we constituted a sample composed by poems on the theme of the life, starting from which we inventoried the conceptual metaphors of the life used by the poets. In that inventory, we saw how it is appealing, among other, the metaphor the LIFE is A DAY. Through an abbreviation analysis of the investigated conceptual metaphors, it was possible also to draw a picture of the different life conceptions assumed by the authors in their poetries. With that, we saw the productivity of the Theory of the Conceptual Metaphor when it is exploring the life conceptions that subjazem to the poetic constructions of different times and styles.

KEYWORDS: Conceptual metaphor; Poetry; Metaphors of the Life.

Introdução

O presente estudo é fruto de um Projeto de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Piauí – UESPI intitulado “As metáforas da vida na poesia de autores de literatura brasileira: uma abordagem linguístico-cognitiva”, desenvolvido no período de agosto/2010 a julho/2011, no âmbito do Grupo de Estudos do Texto – GETEXTO da citada Universidade. A temática do Projeto se insere nos estudos relacionados à Teoria da Metáfora Conceitual, proposta por Lakoff e Johnson (1980) e erigida mais precisamente na área da Linguística Cognitiva.

Lakoff e Johnson ([1980] 2002), em seu estudo precursor *Metaphor We Live by*, erigem a Teoria da Metáfora Conceitual, que tem como principal foco desmistificar a visão da metáfora apenas como uma simples figura de linguagem ou como um recurso peculiar da feitura poética, visão superficial que, baseada na teoria Aristotélica da metáfora, perdurou por mais de dois mil anos.

Na proposta dos autores, “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, [1980] 2002 p. 3). Com esse postulado, esses pesquisadores apontam que expressões metafóricas fazem parte da nossa vida cotidiana e não apenas da linguagem poética. Isso porque a ocorrência de expressões linguísticas metafóricas é possível devido à metáfora estar presente no sistema conceitual humano, o que faz com que sejam utilizadas todos os dias, em todas as nossas ações e pensamentos de forma automática, sem necessariamente que os falantes deem conta disso.

Tal fato poderá ser vislumbrado no *corpus* constituído e analisado neste trabalho, no qual buscou-se identificar e analisar ocorrências de metáforas conceituais empregadas no gênero poema de autores de diferentes movimentos literários da literatura brasileira utilizados na conceptualização da vida.

A pesquisa está metodologicamente estruturada em dois momentos principais: numa primeira etapa foi realizado o estudo e a discussão dos pressupostos que a nortearam dentro da perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual, modelo de grande projeção erigido no interior da Linguística Cognitiva. Para isso, “bebeu-se na fonte” dos precursores de tal perspectiva, Lakoff e Johnson (1980) já aqui citados, bem como

outros nomes como Feltes (2007), Sardinha (2007), Paiva (1998), Macêdo e Bussons (2006), Pinto (2006), Lima (2003, 2009), Andrade (2010), entre outros. Destaque-se que nesta etapa pode-se perceber o quanto os estudos desta perspectiva da metáfora têm chamado a atenção na comunidade acadêmica, orientando desde projetos de iniciação científica, como é o caso deste, até projetos mais elevados como estudos de programas de mestrado e doutorado, denotando, assim, o quanto estes estudos despertam curiosidade e interesse por parte de nomes importantes da linguística brasileira.

No Brasil, por exemplo, tem sido pertinente o número de pesquisadores que tratam da temática da metáfora de forma profícua. Andrade (2010, p. 64) afirma que “já se encontra consolidado um bom número de pesquisadores na área como Marcuschi, Salomão, Koch, Feltes, Farias, Rodrigues-Leite, Berber Sardinha, Vereza, Macedo , entre outros”, rol no qual também se inclui Lima (2003; 2009), Leite (2007) e Pinto (2006).

Passada a fase de discussão teórica, o estudo volta-se para a constituição, sistematização e discussão do *corpus*, com o propósito de analisar as ocorrências de metáforas conceituais empregadas por poetas da literatura brasileira na conceptualização da vida. Nesta amostra, podemos constatar a ocorrência de metáforas conceituais como: A VIDA É UMA JORNADA, A VIDA É UMA VESTE, A VIDA É ALIMENTO, A VIDA É GORDURA, A VIDA É UMA XÍCARA, entre outras.

Assim sendo, compreendemos que os resultados deste estudo constituem-se como um instrumento para visualizar as diversas e ricas conceptualizações da vida utilizadas por grandes nomes da literatura brasileira nas diferentes escolas literárias.

1. A Teoria da Metáfora Conceitual: Algumas pontuações

O interesse pelo estudo da Metáfora é bem antigo e tem suas raízes fincadas nos pressupostos aristotélicos presentes nas suas consagradas obras Poética e Retórica. Aristóteles foi o primeiro teórico a conceber o papel e a presença da metáfora na linguagem. Na sua visão a metáfora é um fenômeno em que se usa o “nome de uma coisa para designar outra” (BERBER SARDINHA, 2007, p. 20).

Essa visão um tanto quanto superficial da metáfora como algo peculiar da construção linguística de poetas, ou como instrumento para embelezar a linguagem, e/ou ainda como uma simples figura de linguagem permaneceu como um pressuposto inquestionável por mais de vinte séculos.

Essa configuração somente é desestabilizada com o lançamento do livro *Metaphors We Live by*, de George Lakoff e Mark Johnson, no início dos anos 80, que demarca o início de uma nova perspectiva dos estudos relacionados à metáfora. Além de contrapor-se à visão provinda de Aristóteles de que a metáfora estava vinculada somente à manifestação da linguagem poética, este significativo estudo ainda irá fomentar as bases da Linguística Cognitiva, que preconiza a linguagem interagindo com outras faculdades mentais.

Lakoff e Johnson ([1980] 2002) apontam que a metáfora está presente no nosso sistema conceitual (cognitivo) e por tal razão manifesta-se na linguagem do dia a dia. Evidentemente que mesmo depois das modificações introduzidas pelos estudiosos ainda persistem a visão de “que questões relacionadas à metáfora ainda não sejam percebidas como integrantes de linguagem diária nem como pertencentes aos mais variados tipos de discurso, *muito menos como mecanismo cognitivo de organização do conhecimento*” [destaque nosso] (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p. 19).

Os autores e seu estudo pioneiro são, portanto, um divisor de águas nos estudos contemporâneos da metáfora, a qual passa a ter uma abordagem sistematicamente cognitiva. Ressalte-se que mesmo antes do lançamento da obra de Lakoff e Johnson, a metáfora já havia sido estudada como elemento constituidor da linguagem cotidiana. Schröder (2011), por exemplo, em um significativo estudo sobre trinta anos da teoria da Metáfora Conceitual elenca diversos autores de diferentes perspectivas de estudo, filosóficas, antropológicas, psicológicas e linguísticas, que já visualizavam a metáfora como algo bem mais do que um simples recurso retórico para embelezar a linguagem. A autora afirma que “leituras profundas comprovam que até mesmo Quintiliano e Aristóteles já estavam plenamente conscientes da figuratividade presente quase totalmente em nossa fala” (SCHRÖDER, 2011, p. 61).

Ratificando o que Schröder (2011) pontua ao afirmar que muito das inferências postas pelos autores em *Metaphor We Live by* (1980) já havia sido previamente discutido por outros autores, a exemplo de Luiz Antônio Marcuschi, importante nome da Linguística brasileira que em estudo escrito em 1975, refeito em 1978, publicado em 1984 e republicado em 2007, já questionava que a metáfora não poderia ser tratada apenas como uma questão de meras palavras (MARCUSCHI, 2007). Contudo, o trabalho de Lakoff e Johnson traz uma visão “singular”, rompendo de vez a tradição e passa a orientar diversos outros estudos relacionados à metáfora.

Retomando o estudo de Lakoff e Johnson ([1980] 2002), Berber Sardinha (2007) ressalta que ao observarmos o título da obra já se pode ter noção da postura dos autores ao lançarem mão da teoria: “vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura; praticamente não temos escolhas: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo etc., precisamos obedecer (‘live by’) às metáforas que nossa cultura nos coloca à disposição” (p. 30).

Frente a esse novo paradigma, a metáfora é entendida como integrante da nossa vida cotidiana e não apenas como uma simples figura de linguagem. De acordo com a proposição dos autores, a metáfora é primeiramente um fenômeno cognitivo, por estar presente no nosso sistema conceitual, somente depois, dada a nossa necessidade de manifestação linguística, ela passa a ser uma questão ligada a palavras. Para Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 45), “nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”, o que comprova nossa colocação acima ao afirmar que primeiro a metáfora pertence ao nosso aparato cognitivo.

Os autores ressaltam ainda que, por comporem as metáforas o nosso sistema conceitual, o ser humano representa através de expressões metafóricas inúmeros conceitos e isso se dá de forma automática a partir da interação diária e de forma inconsciente, o que nos faz ter a falsa impressão de que podemos conviver sem usar expressões metafóricas para externar o que sentimos.

Além disso, Berber Sardinha (2007) aponta que “a teoria da metáfora conceitual propõe que não há verdades absolutas, pois as metáforas são culturais, resultantes de mapeamentos relevantes para certas civilizações e ideologias” (p. 32) e ainda que “elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinadas culturas” (p. 33). Isso quer dizer que existem culturas, como, por exemplo, a nossa, que conceptualizam a vida como: A VIDA É UMA VIAGEM; A VIDA É UMA JORNADA; A VIDA É LIBERDADE e existem culturas em que esses conceitos de nada servem, daí à asserção de que o uso de expressões metafóricas está intimamente associado à cultura dos povos que as realizam.

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (p. 47-48). Assim a metáfora consiste num mapeamento entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O primeiro é considerado mais físico e o segundo mais abstrato. Exemplificando, na metáfora conceitual A VIDA É UMA JORNADA, VIDA é o domínio-alvo e

JORNADA é o domínio-fonte. Como cita Berber Sardinha (2007), o domínio-fonte é responsável pela conceptualização de alguma coisa metafóricamente e o domínio-alvo é aquele que desejamos conceptualizar. Diz o autor que,

os domínios podem ser mais amplos (RELAÇÕES AMOROSAS, em vez de AMOR ou DESLOCAMENTOS, em vez de VIAGEM) ou mais específicos (NAMORO ADOLESCENTE, em vez de AMOR ou DIRIGIR UM CARRO NUMA ESTRADA PERIGOSA, em vez de VIAGEM), dependendo da situação (BERBER SARDINHA, 2007, p. 31).

2. Apresentação e Análise do *Corpus*

A segunda parte deste trabalho centra-se na constituição, sistematização e discussão do *corpus*. Nesse sentido, observar-se-á as conceitualizações da vida no gênero poema de diversos autores da literatura brasileira. Loiola (2006), citando o trabalho de Lakoff e Turner (1989), afirma que estes descrevem o poder da metáfora poética e ainda que a maioria das expressões metafóricas que estão na poesia são provenientes das metáforas conceituais. Loiola (2006) diz também que o poeta mantém uma interação com o mundo e representa na sua criação o seu contexto cultural e conhecimentos de mundo, destacando ainda que há uma semelhança entre os seus textos e os dos indivíduos com quem convive.

Lakoff e Turner (1989) afirmam que as metáforas poéticas não são essencialmente diferentes das metáforas presentes na linguagem cotidiana. A diferença é a de que o poeta refina a linguagem e provoca questionamentos, já que muitas das vezes se utiliza da sua produção para indagar e principalmente criticar posicionamentos econômicos, culturais e sociais.

Como resultado da análise desta pesquisa, observe-se no poema de Martins Napoleão (Poema I), autor da literatura brasileira de expressão piauiense, e no poema de Mário Quintana (Poema II), a ocorrência da metáfora conceitual A VIDA É UMA JORNADA:

Poema I:

A vida passa com pesados passos
ou com os seus escondidos pensamentos,

abrindo os braços para vãos braços,
fechando os olhos para os céus nevoentos.
Passa a vida, mal passa, nos compassos
de alegrias humanas e tormentos,
meninos rápidos e velhos lassos,
sombras, árvores, pássaros e ventos.

Passa com o seu assomo e o seu assombro,
roça o meu corpo, baba de onda nua,
e às vezes põe as mãos sobre o meu ombro.
Beija-me em sonho ou mostra-me desgosto.
Passa e neste passar que continua,
a água escorre da pedra do meu rosto.

(NAPOLEÃO, Martins. A Estátua sob a Chuva. In: LIMA, 2004,
p. 80).

Poema II:

Minha vida não foi um romance...
Nunca tive até hoje um segredo.
Se me amar, não digas, que morro
De surpresa... de encanto... de medo...

Minha vida não foi um romance
Minha vida passou por passar
Se não amas, não finjas, que vivo
Esperando um amor para amar.

Minha vida não foi um romance...
Pobre vida... passou sem enredo...
Glória a ti que me enches de vida
De surpresa, de encanto, de medo!

Minha vida não foi um romance...
Ai de mim... Já se ia acabar!

Pobre vida que toda depende
De um sorriso.. de um gesto.. um olhar...

(Disponível em
http://pensador.uol.com.br/poema_de_mario_quintana_amor/ com
acesso em 18 jun 2011, às 19:40 h).

Na amostra acima, constata-se a presença da Metáfora A VIDA É UMA JORNADA, como se observa nos versos do Poema I: *A vida passa com pesados passos e Passa a vida, mal passa, nos compassos*, em que **vida passa** e **passa a vida** corroboram a existência da metáfora apontada acima, e, no Poema II, quando o eu que fala aponta *Minha vida passou por passar (2º verso / 2ª estrofe)* e *Pobre vida... passou sem enredo... (2º verso / 3ª estrofe)*. É possível compreender na ocorrência da conceitualização metafórica da VIDA COMO UMA JORNADA, que a vida possui muitos sobressaltos, com caminhos que não podem ser percorridos ou em que se tem de abdicar, como se apresenta nos versos do Texto I: *ou com os seus escondidos pensamentos / fechando os olhos para o céu nevoento e ainda de alegrias humanas e tormentos*.

Também é muito comum a conceitualizações da VIDA COMO UMA JORNADA que se finda com a morte. Conforme estudos já realizados, há uma inter-relação muito íntima entre a Vida e Morte e não é difícil encontrarmos estes conceitos de forma imbricada. A maioria dos poemas que se encontram tratando da temática da vida, no *corpus* desta pesquisa, provoca essa sensação da vida como uma passagem ou como um caminho para a morte. Conforme Espírito Santo (1998), “a vida tem objetivos e metas a serem atingidas” (p. 85). Em licenciamentos metafóricos, os objetivos são postos como metas e meio para que se possa atingir os objetivos ou caminhos que iremos buscar percorrer durante a vida. Ao conceber a vida como uma jornada/viagem, observa-se que a morte estará presente no final dessa jornada ou dessa viagem. A metáfora A VIDA É UMA JORNADA, é bastante pertinente e faz parte da construção poética de diferentes autores e escolas literárias.

Já no poema III, identifica-se a ocorrência de uma outra metáfora da vida, ou seja, A VIDA É UMA TAREFA.

Poema III: O Tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando de vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e
inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais
voltará.

(Disponível em
http://pensador.uol.com.br/poema_de_mario_quintana_amor/ com acesso
em 18 jun 2011, às 19:41)

No poema “O tempo”, de autoria de Mário Quintana, há a ocorrência da metáfora A VIDA É UMA TAREFA, como exposto logo no primeiro verso do texto: “*A vida é o dever que nos trouxemos para fazer*”. No caso deste licenciamento metafórico, atribui-se características do dever de casa à vida, mostrando o quanto é necessário a sua realização em tempo hábil para que não se possa ser reprovado.

Vejamos, na sequência, o poema IV.

Poema IV: Passagem do Ano

O último dia do ano
não é o último dia do tempo.
Outros dias virão
e novas coxas e ventres te comunicarão o calor da vida.
Beijará bocas, regará papéis

farás viagens e tantas celebrações
de aniversário, formatura, promoção, glória, doce morte com sinfonia e
coral,

que o tempo ficará repleto e não ouvirás o clamor,
os irreparáveis uivos
do lobo, na solidão.

O último dia do tempo
não é o último dia de tudo.
Fica sempre uma franja de vida
onde se sentam dois homens.
Um homem e seu contrário,
uma mulher e seu contrário,
uma mulher e seu pé,
um corpo e sua memória,
um olho e seu brilho,
uma voz e seu eco,
e quem sabe até Deus...

Recebe com simplicidade este presente do acaso.
Mereceste viver mais um ano.
Desejarias viver sempre e esgotar a borra dos séculos.
Teu pai morreu, teu avô também.
Em ti mesmo muita coisa já expirou, outras espreitam a morte,
Mas estás vivo. Ainda uma vez estás vivo,
E de copo na mão
Esperas amanhecer.

O recurso de se embriagar.
O recurso de dança e grito,
o recurso da bola colorida,
o recurso de Kant e da poesia,
todos eles... e nenhum resolve.

Surge a manhã de um novo ano.

As coisas estão limpas, ordenadas.

O corpo gasto renova-se em espuma.

Todos os sentidos alerta funcionam.

A boca está comendo vida.

A boca está entupida de vida.

A vida escorre da boca,

lambuza as mãos, a caçada.

A vida é gordura, oleosa, mortal, sub-reptícia.

(ANDRADE, 2001, p. 46)

No poema “Passagem de Ano”, de Carlos Drummond de Andrade, há as seguintes metáforas conceituais e respectivas expressões metafóricas por elas licenciadas: A VIDA É UMA FRANJA, presente no verso “*Fica sempre uma franja de vida, onde se sentam dois homens*”; A VIDA É ALIMENTO, nos versos “*A boca está comendo vida; A boca está entupida de vida*”; A VIDA É LIQUIDO, nos versos “*A vida escorre da boca, lambuza as mãos*”, e por fim, A VIDA É GORDURA, nos versos “*A vida é gordura, oleosa, mortal, sub-reptícia*”.

Passemos, então, aos poemas V e VI.

Poema V: Canção Amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos

Eu distribuo um segredo

como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.
(ANDRADE, 2009, p. 188)

Poema VI: Cerâmica
Os cacos de vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
Ela nos espia do aparador.
(ANDRADE, 2009, p. 288).

No caso do poema *Canção Amiga*, também de autoria de Carlos Drummond de Andrade, os versos “*Minha vida, nossas vidas formam um só diamante*” são licenciados pela metáfora A VIDA É UM DIAMANTE. Em um terceiro poema do autor, *Cerâmica*, há a ocorrência da metáfora A VIDA É UM OBJETO, expresso pelos vocábulos *cacos e xícaras*.

Neste poema, é possível compreender a vida sendo um objeto frágil, já que se não for bem cuidada pode quebrar. Identificar os licenciamentos metafóricos em três poemas diferentes de um mesmo autor, permite-nos ver o quanto um mesmo escritor pode visualizar e conceituar a vida de diferentes formas.

A metáfora A VIDA É UM OBJETO está presente também no poema “A vida verdadeira”, em que Thiago de Mello licencia expressões metafóricas nos versos “*vida que não se guarda / nem se esquiva, assustada. / Vida sempre a serviço da Vida*”. Mesmo sendo a metáfora a mesma, o sentido expresso pelo poema do autor consiste na

concepção de que a vida é necessariamente um bem que deve ser usado, não devendo as pessoas se esquivar ou se assustar frente aos problemas que surgem.

Poema VII: A Vida Verdadeira

Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.

Vida que não se guarda
nem se esquivava, assustada.
Vida sempre a serviço
da vida.
Para servir ao que vale
a pena e o preço do amor.

Ainda que o gesto me doa,
não encolho a mão: avanço
levando um ramo de sol.
Mesmo enrolada de pó,
dentro da noite mais fria,
a vida que vai comigo
é fogo: está sempre acesa.

Vem da terra dos barrancos
o jeito doce e violento
da minha vida: esse gosto
da água negra transparente.
A vida vai no meu peito,
mas é quem vai me levando:
tição ardente velando,
girassol na escuridão.

Carrego um grito que cresce
Cada vez mais na garganta,
cravando seu travo triste

na verdade do meu canto.

Canto molhado e barrento
de menino do Amazonas
que viu a vida crescer
nos centros da terra firme.
Que sabe a vinda da chuva
pelo estremecer dos verdes
e sabe ler os recados
que chegam na asa do vento.
Mas sabe também o tempo
da febre e o gosto da fome.

Nas águas da minha infância
perdi o medo entre os rebojos.
Por isso avanço cantando.

Estou no centro do rio,
estou no meio da praça.
Piso firme no meu chão,
sei que estou no meu lugar
como a panela no fogo
e a estrela na escuridão.

O que passou não conta?, indagarão
as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
com sagra e seu mel.

Por isso é que agora vou assim
no meu caminho. Publicamente andando.

Não, não tenho caminho novo.

O que tenho de novo
é o jeito de caminhar.
Aprendi
(o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém a mim
e aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho.

Aqui tenho a minha vida:
Feita à imagem do menino
que continua varando
os campos gerais
e que reparte o seu canto
como o seu avô
repartia o cacau
e fazia da colheita
uma ilha de bom socorro.

Feita à imagem do menino
mas à semelhança do homem:
com tudo que ele tem de primavera
de valente esperança e rebeldia.

Vida, casa encantada,
onde eu moro e mora em mim,
te quero assim verdadeira
cheirando a manga e jasmim.
Que me sejas deslumbrada
como ternura de moça
rolando sobre o capim.

Vida, toalha limpa,
vida posta na mesa,

vida brasa vigilante,
vida pedra e espuma,
alçapão de amapolas,
o sol dentro do mar,
estrume e rosa do amor:
a vida.
Mas é preciso merecer a vida.
(MELO, 2003, p. 25 – 28).

O poema de Thiago de Mello ainda é rico em expressões metafóricas licenciadas por outras metáforas conceituais como: A VIDA É FOGO, presente nos versos “*a vida que vai comigo é fogo: está sempre acesa*”; A VIDA É ÁGUA NEGRA TRANSPARENTE, nos versos “*vem da terra dos barrancos, o jeito doce e violento da minha vida: esse gosto de água negra transparente*”, que também permite outra ocorrência metafórica de A VIDA É LIQUIDO. O jogo com as palavras e a construção de sentidos no poema de Thiago de Mello é bem intenso, pois a vida é ao mesmo tempo doce e violenta, negra e transparente; nos versos “*Aqui tenho minha vida: feita à imagem de um menino, que continua, marcando os campos gerais e que reparte o cacau*”, tem-se A VIDA É UM MENINO, que será também citada nos versos seguintes: “*Feita a imagem do menino, mas a semelhança do homem: com tudo que ele tem de primavera de valente esperança e rebeldia*”.

O autor do poema é bastante criativo e no texto ainda emprega outras expressões metafóricas licenciadas pelas metáforas A VIDA É UM LUGAR, no verso “*Vida, casa encantada, onde eu moro e mora em mim*”; A VIDA É MATÉRIA, que licencia as expressões “*a vida é brasa, pedra, espuma, alçapão, amapolas, estrume e rosa*”; A VIDA É UM ASTRO CELESTE, que licencia as expressões “*o sol dentro do mar*” e, novamente, A VIDA É UM OBJETO, nos versos “*vida, toalha limpa*” e “*vida posta na mesa*”.

Vejamos outras metáforas conceituais identificadas nos poemas apresentados na sequência.

Poema VIII: Canção Excêntrica

Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.

Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
em vez de abrir um compasso,
projeto-me num abraço
e gero uma despedida.

Se volto sobre o meu passo,
é já distância perdida.

Meu coração, coisa de aço,
começa a achar um cansaço
esta procura de espaço
para o desenho da vida.
Já por exausta e descrita
não me animo a um breve traço
- saudosa do que não faço,
- do que faço, arrependida.

(MEIRELES, Cecília. Disponível em:
<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/cancao3.htm>, com acesso em 15
set. 2011 às 23:07 h.)

O poema “Canção Excêntrica”, de Cecília Meireles, possui os vocábulos “*espaço, desenho, número e medida*” que são licenciados pela metáfora A VIDA É UM DESENHO. Em todo o poema a poetisa ressalta tal licenciamento.

Poema IX: Se Soubesse

Se tu soubesses que a vida é uma longa teia,
Onde os desgostos vegetam e a alegria rareia, ...
Talvez viver não quisesses, oh minha alma desencantada,
Vive, porém, doce amiga, que o viver
Está sempre girando entre os pólos
Do amor e do sofrer...

E um só instante de amor
Vale uma vida de dor!
Se eu te dissesse e repetisse ainda
O que baixinho murmurou no meu coração...
Se tu me amasses...
Eu arrancaria da minha alma arrebatada
Mais belo clarão de suas luzes e te diria,
Repetindo sempre que és tu que eu amor,
Para ainda amar muito mais, que eu quero e adoro...
Mas... sei bem, tu não me amas!

Se tu me amasse! Ah! Se tu me amasses,
Eu te seguiria ternamente por todos os caminhos,
Poupando-te os espinhos da vida, tencensando,
Desfolhando rosas de amor e de ternuras
Sobre os teus passos, te adoçando os martírios...
Mas... sei bem, tu não me amas.

(BEVILÁQUA, Amélia. In: MENDES; ALBUQUERQUE, ROCHA, 2009, p. 29 - 30).

No texto da poeta piauiense Amélia Beviláqua, “Se Soubesse”, há a ocorrência da metáfora A VIDA É UMA TEIA, que licencia os versos “*Se tu soubesse que a vida é uma longa teia, onde os desgostos vegetam e a alegria rareia*”. A construção de sentido dada pelo vocábulo “*teia*” pode ser compreendida no sentido de que a vida pode prender, mas mesmo tendo ocorrido desgostos é necessário viver.

Ramsés Ramos, outro grande vulto da literatura brasileira de expressão piauiense, em seu poema “Vida – Nossa Quimera”, emprega a metáfora A VIDA É UMA VESTE, identificada no licenciamento logo do primeiro verso: “*Ah, vida nossa veste mais confortável*”. No caso deste licenciamento, o sentido é o de que a vida é um manto que quando esquecido pode ocasionar a morte, como se depreende da leitura do poema abaixo apresentado.

Poema X:

Ah, vida nossa veste mais confortável

se dela nos apegamos angrajos é que não sabemos
andar nus. Nós, os homens, padecemos
de um perfeito pecado: nunca sabemos onde
pusemos nosso manto intocado. Para o vôo livre
de nossa quimera, esquecemos de trazer nossa
verdade. Por isso caímos por aí, dando com
os peitos em intrespasáveis alambrados.
A morte – doce alento.
(RAMOS, Ramsés. In: TAVARES, 2006, p. 95 – 96).

Poema XI:

A nós a vida em flor, a doce vida
Recente de amor. !
Cheia de sonhos, d'esperanças e beijos
E pálido languor!
A tua alma infantil junto a minha
No fervor do desejo,
Nossos lábios ardentes descorando
Comprimido num beijo,
E as noites delas de luar, de febre
Da vida juvenil,
E este amor que sonhei, que só me alenta
No teu colo infantil!
(AZEVEDO, 2007, p. 70)

No Poema XI, de Álvares de Azevedo, identifica-se a ocorrência das metáforas A VIDA É UMA FLOR e A VIDA É DOCE. A presença das metáforas se faz sentir no primeiro verso, licenciando as expressões *A nós a vida em flor / doce vida*, em que ainda percebe-se a ligação de flor e doce com os versos *cheia de sonhos, d'esperanças e beijos*.

3. Considerações Finais

Identificar as ocorrências das metáforas conceituais da vida no gênero poema, permite-nos compreender de forma mais abrangente os diversos modelos cognitivos/culturais que se apresentam através das conceitualizações da vida, presentes nas construções textuais de diversos poetas que se filiam a diferentes momentos literários, artísticos e culturais.

Permite-nos ainda visualizar que de fato caiu por terra aquela dicotomia acerca de Linguagem: Linguagem Cotidiana e Linguagem Poética, já que na tradição original a metáfora era utilizada apenas por este último. A análise permite compreender que a maior parte das construções utilizadas na linguagem literária origina-se na linguagem cotidiana a partir da experiência humana. Evidentemente que na linguagem poética operam fatores outros como maior labor no emprego das palavras, sendo este o constituinte que pode diferenciar uma construção da outra.

O trabalho permitiu ainda constituir um inventário significativo das conceitualizações da vida, composto por 19 (dezenove) metáforas conceituais, a saber: A VIDA É UMA JORNADA (muito recorrente na construção dos autores), VIDA É UMA TAREFA, VIDA É UMA FRANJA, VIDA É ALIMENTO, VIDA É LIQUIDO, VIDA É GORDURA, VIDA É DIAMANTE, VIDA É OBJETO, VIDA É FOGO, VIDA É AGUA NEGRA TRANSPARENTE, VIDA É UM MENINO, VIDA É UM LUGAR, VIDA É MATÉRIA, VIDA É UM ASTRO CELESTE, VIDA É DESENHO, VIDA É UMA TEIA, VIDA É UMA VESTE, VIDA É UMA FLOR, VIDA É DOÇURA.

Essas diferentes formas de conceptualização da VIDA mostram o quanto a cognição humana, utilizando-se da experiência corpórea, é responsável por produzir diversos novos significados na construção das categorias.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Adriano Dias. *A metáfora no discurso das ciências*. 2010. 173 f. (Dissertação de Mestrado) – Centro de Artes e Comunicação – CAC, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2010.

BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- FARIAS, Emília Maria Peixoto; MARCUSCHI, Luiz Antônio. A Metáfora das Cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, Abuêndia Padilha. (org.). *Tópicos em Cognição e Linguagem*. Recife: Editora Universitária (UFPE), 2006.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LAKOFF, G; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LOIOLA, Rubens de Lacerda. Metáfora conceitual no texto poético. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; BUSSONS, A. (Orgs.). *Faces da Metáfora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.
- LIMA, Silvana Maria Calixto de. *(Re)categorização Metafórica e Humor: trabalhando a construção de sentidos*. 2003. 171 f. (Dissertação de Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2003.
- LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo dos processos de recategorização*. 2009. 204 f. (Tese de Doutorado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 1998.
- SCHRÖDER, Ulrike Agathe. *Trinta Anos da Teoria Conceptual da Metáfora: uma retrospectiva crítica*. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, Jan/Jun. 2011.

FONTES DO CORPUS DE PESQUISA:

- Vida – nossa Quimera – Ramsés Ramos. In: TAVARES, Zózimo. *Sociedade dos Poetas Mortos*. Teresina: Gráfica do Povo, 2006, p. 95/96.
- A Estátua sob a Chuva – Martins Napoleão. In: LIMA, Luiz Romero. *Literatura Piauiense*. Teresina: Gráfica Halley Editora, 2004, p. 80.
- AZEVEDO, Álvares. *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: Martins Claret, 2007, p. 70.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

MENDES, Algemira de Macêdo; ALBUQUERQUE, Marleide Lins de; ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Antologia das Escritoras Piauienses*. Teresina: FUNDAC, 2009.

QUINTANA, Mário. Disponível em http://pensador.uol.com.br/poema_de_mario_quintana_amor/, com acesso em 18 jun 2011 às 19:40h.

QUINTANA, Mário. Disponível em http://pensador.uol.com.br/poema_de_mario_quintana_amor/ com acesso em 18 de jun 2011 as 19:41h.

QUINTANA, Mário. Disponível em <http://blogdospoetas.com.br/poemas/quarenta-anos/> com acesso em 18 mar 2011 as 21:03 h.

O pensamento metafórico no sistema conceitual de adultos em diferentes faixas etárias

Thalita Maria Lucindo Aureliano
thalitamar.a@hotmail.com

Estêvão Domingos Soares de Oliveira
esteवादso@hotmail.com

Jan Edson Rodrigues Leite
edson123@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado de estudos desenvolvidos durante o Projeto de Pesquisa (PIBIC) e se propõe a investigar se a variável *idade* atua de forma significativa na compreensão e produção de metáforas primárias. Para tanto, apresentamos como se dá a dinâmica de tais metáforas por meio da análise dos dados fornecidos pelos informantes que constituem o *corpus* sociolinguístico escolhido para esta pesquisa. Estes informantes foram separados em dois grupos: o primeiro com indivíduos que possuem entre 15 e 25 anos e o segundo com os que possuem idade a partir de 50 anos. A escolha pela faixa etária referente ao primeiro grupo corrobora a suposição de Piaget (1977), que postula ser o estágio lógico-formal o ápice do desenvolvimento cognitivo, atingido a partir da adolescência. Já a opção pela faixa etária do segundo grupo se deu pelo fato de que várias capacidades cognitivas são afetadas em virtude do envelhecimento, a exemplo da memória, da atenção e, em casos mais extremos, da própria linguagem. Como alicerce de nossas discussões estão as premissas de Lakoff & Johnson (1980) – autores que defendem que as metáforas estão presentes em todas as esferas da vida cotidiana, não apenas na linguagem mas também no pensamento e nas ações, sendo nosso sistema conceitual fundamentalmente metafórico – bem como Grady (1997) e Lakoff & Johnson (1999) – representantes da Teoria Integrada da Metáfora Primária e que afirmam ser as Metáforas Primárias dotadas de bases neurais e formadas a partir de experiências corpóreas de caráter universal e das respectivas respostas cognitivas a

essas experiências. Os resultados da análise são apresentados de forma quantitativa e partimos da hipótese de que não existem diferenças significativas na compreensão e produção de metáforas primárias em se tratando da variável *idade*. Assim, esperamos, com este trabalho, contribuir para uma discussão bem fundamentada e atualizada sobre o tema, apresentando a relevância de se estudar as metáforas do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Metáforas Primárias; Cognição; Conceptualização; Faixa Etária.

ABSTRACT

The present work is the result of studies conducted during the Research Project (PIBIC) and intends to investigate whether the age variable operates significantly in the understanding and production of primary metaphors. To this end, we present how does the dynamics of such metaphors by analyzing data provided by informants who are the sociolinguistic corpus chosen for this research. These respondents were separated into two groups: one with individuals who are between 15 and 25 and the second with those with age from 50 years. The choice of age for the first group supports the assumption of Piaget (1977), who postulated to be the logical-formal stage of cognitive development the apex, achieved during adolescence. Since the choice of the second age group is due to the fact that many cognitive abilities are affected by aging, such as memory, attention and, in extreme cases, the language itself. As the foundation of our discussions are the premises of Lakoff & Johnson (1980) - authors who argue that the metaphors are present in all spheres of everyday life, not only in language but in thought and deed, our conceptual system is fundamentally metaphorical - and Grady (1997) and Lakoff & Johnson (1999) - Representatives of the Integrated Theory of Primary Metaphor and claiming to be endowed with the primary metaphors and neural bases formed from the universal bodily experiences and their cognitive responses to these experiences. The analysis results are presented quantitatively and we start from the assumption that there are no significant differences in comprehension and production of primary metaphors in the case of variable age. So, hopefully, with this work, contribute to a well-founded and updated discussion on the topic, presenting the relevance of studying the metaphors of daily life.

KEYWORDS: Primary metaphors; Cognition; Conceptualization; Ages

Introdução

Na linguística Cognitiva, as formas lingüísticas são emergências que se fundam a partir de conceitos pré-lingüísticos. Supostamente, na interação com o mundo, o homem internaliza esquemas de imagem que formam a base de determinadas formas lingüísticas. Percebemos, dessa forma, que as formas lingüísticas são emergentes de representações estão em ações situadas, ou seja, no mundo, na realidade.

Para LG o pressuposto que as metáforas não são apenas uma questão de linguagem já está constituída. Lakoff e Johnson (1980) aludiram que os processos do pensamento humano são metafóricos e que o entendimento e a produção pronunciamentos metafóricos só acontecem porque as metáforas estão no nosso sistema conceitual e através de motivação a partir de experiências corpóreas básicas. A correlação entre a felicidade e postura vertical, por exemplo, é muito freqüente na experiência humana. Essa correspondência gera enunciados metafóricos como: *Estou me sentindo pra cima*.

As correspondências geradas entre um domínio fonte (mais concreto) e um domínio alvo (mais abstrato) corroboram algumas relações inerentes entre a estrutura e o funcionamento do corpo humano e o modo como as pessoas conceituam sua experiência no mundo. Desde a proposta da Teoria Conceitual da Metáfora (Lakoff e Johnson, 1980) até o a Teoria da Metáfora Primária (Grady, 1997) importante o papel das experiências corpóreas na formação do significado. A escolha das faixas etárias selecionadas, é justificada pela teoria de Piaget que postula que o ápice do desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da adolescência, por isso escolhemos os indivíduos de 15-25 em contraposição aos com mais de 50 que já desenvolveram mais o sistema cognitivo.

1. Metáfora Conceptual

Este capítulo tem como intuito apresentar algumas considerações sobre a metáfora. Abordaremos a visão conceptualista da metáfora pautada na visão dos autores Lakoff e Johnson (2002, [1980]), Küvecses (2002), Barcelona (2003), dentre outros.

Em 1980, com o livro *Metaphors we live by* de Lakoff e Johnson, Aparece, então, a Teoria da Metáfora Conceitual, os a metáfora aparece sob essa nova perspectiva: ela é conceitual e tem grande influência em boa parte do pensamento e raciocínio do ser humano. Baseado na visão cognitivista da metáfora, podemos identificar um grande número de metáforas conceituais, por exemplo:

TEMPO É DINHEIRO

“Ah, meu filho, num estudei porque na época que, nos meus anos atrás, aí a gente trabalhava muito no interior, na agricultura, aí a gente num tinha tempo de estudar.”
(VALPB – informante +50 feminino)

As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio fonte para o domínio alvo. É levado de um domínio para outras informação sobre o domínio fonte e todas as deduções que podemos fazer nesse domínio para o domínio alvo. A metáfora abarca tanto os mapeamentos conceituais quanto as expressões lingüísticas. O uso da metáfora é automático, pois o pensamento humano é metafórico e em sua essência experienciamos um conceito a partir de outro.

1.1 Teoria da Metáfora Conceptual

A *teoria da metáfora conceptual*, proposta por Lakoff e Jonhson (1980), gera uma ruptura nos estudos tradicionais das metáforas que desde Aristóteles, a concebeu como ornamento lingüístico. Essa teoria atribuir as metáforas um valor cognitivo, colocando-as na vida cotidiana, e demonstrando que elas orientam nossa forma de pensar e agir no mundo.

Para Lakoff e Jonhson (*op.cit.*p. 47- 48), “a essência da metáfora é compreender uma coisa em termos de outra”. Tomemos como exemplo expressão apresentadas no corpus da nossa pesquisa: “*Você com a sua barriga cheia, você tem tudo na sua vida, né? Tendo saúde e barriga cheia é tudo na sua vida.*” – essa expressão se estrutura com base na metáfora conceitual: CORPO É UM RECIPIENTE. Corpo e recipiente são coisas distintas. Mas é porque podemos experienciá-las como similares que atribuímos, cognitivamente, a possibilidade de enchê-lo.

A utilização de um domínio alvo para vários domínios fontes ou vice-versa ocorre devido a um grande um número de aspectos diferentes em relação às nossas definições,

atribuindo conceitos de vários campos semânticos aos termos que compõem a metáfora. Como exemplo, citamos as metáforas: AMOR É UMA VIAGEM, observamos como domínio fonte: viagem e o domínio alvo: amor, de onde resultam expressões metafóricas como:

Tem sido um longo e tortuoso caminho.

Estamos mima encruzilhada.

Em seguida, citaremos as importantes organizações das metáforas conceituais que os autores Lakoff e Johnson (op.cit.) expõem em seu livro *Metaphors We Live By* (1980), explicitando as metáforas: estruturais, as orientacionais e as ontológicas.

1.1.1. Metáforas Orientacionais

As metáforas orientacionais estruturam “os conceitos linearmente, orientando-se por referência a orientações lineares não-metafóricas.” (p. 50). Esse é o caso das seguintes metáforas: MENOS É PARA BAIXO, MAIS É PARA CIMA, de acordo com as seguintes sentenças:

Nossas vendas caíram no ano passado

Os preços estão subindo.

1.1.2. Metáforas Ontológicas

Como diz Lakoff: “Implicam em projetar características de entidade ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente.” (p. 51). Aqui, ‘entidades’ refere-se tanto a coisas como seres, constituindo-se a PERSONIFICAÇÃO uma metáfora ontológica. A metáfora A MENTE É UM RECIPIENTE tem caráter ontológico, como em:

Tenho várias idéias na mente.

Será que terei que botar juízo na tua cabeça?

A metáfora INFLAÇÃO É UM INIMIGO é um caso de PERSONIFICAÇÃO, como em:

Temos certeza que a inflação não nos derrotará.

1.1.3. Metáforas estruturais

As metáforas estruturais “[...] nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito” (LAKOFF E JOHNSON, op. cit., p134). TEMPO É DINHEIRO. Esta metáfora conceptual é de cunho estrutural, em que um domínio conceptual alvo (tempo) é estruturado com base no domínio conceptual fonte (dinheiro). Nesse caso, temos as projeções de elementos constituintes de um conceito no domínio fonte para os elementos constituintes de outro conceito no domínio alvo. Recorremos a um conceito para falar de outro, pois usamos o campo semântico dinheiro para falar sobre tempo. Podemos encontrar evidências para essas metáforas nas seguintes expressões lingüísticas:

Você deve administrar bem o seu tempo.

Estou desperdiçando meu tempo contigo.

Nas expressões lingüísticas acima, observamos que os verbos administrar e desperdiçar nos remetem, nas expressões acima, ao domínio de origem dinheiro e estão sendo utilizados, para explicar relações referentes ao domínio-alvo tempo. Tempo em nossa cultura é um bem valioso. É um recurso limitado que usamos para alcançar nossos objetivos.

2. Teoria Integrada da Metáfora Primária

Foi baseada em quatro linhas de investigação: de Christopher Johnson (*Teoria da Fusão*), Joe Grady (*Teoria da Metáfora Primária*), Sriniv Narayanan (*Teoria Neural da Metáfora*), e Mark Turner & Gilles Fauconnier (*Teoria de Mescla Conceitual*). E são inevitáveis.

2.1 Teoria da Fusão de Christopher Johnson

Diz respeito ao processo de aprendizagem, ocorrendo desde a infância quando as experiências não sensorio-motoras e os julgamentos são fundidos com experiências sensorio-motoras. Como: AFEIÇÃO – CALOR : que a experiência da afeição é fundida com a do calor do abraço. Apesar das associações persistirem em um momento posterior acontece a diferenciação entre os dois domínios.

2.2 Teoria da Metáfora Primária de Grady

Essa teoria propõe que as metáforas complexas são constituídas da integração de partes das metáforas primárias. De acordo com Lakoff e Johnson (1999) acontece da seguinte forma: Cada metáfora tem estruturas mínimas originadas naturalmente e inconscientemente no cotidiano, quando há associação entre os domínios. As metáforas complexas, dessa forma são formadas por *blending* conceitual.

2.3 Teoria Neural da Metáfora de Narayanan:

Segundo essa perspectiva, tudo que nós realizamos, é controlada pelo nosso cérebro. Nós pensamos com o nosso cérebro, sendo o pensamento algo físico. As idéias e os conceitos que usamos para pensar são fisicamente “computadas” por estruturas cerebrais. Tudo que sabemos, sabemos graças aos nossos cérebros. Assim, o estudo do cérebro torna-se relevante para se entender as metáforas.

2.4 Teoria da Mesclagem Conceitual

Os domínios conceituais podem ser ativados e sob algumas circunstâncias conexões entre domínios podem ser formadas levando a novas inferências, as mesclas conceituais, podendo ser originais ou convencionais. E se aplicam às metáforas pois segundo Grady, Oakley e Couson elas são associações por mesclagem e não como similaridade nem como analogia.

Por exemplo, na metáfora DESEJAR É TER FOME nasce de cenas nas quais experienciamos as sensações físicas de fome e o desejo simultâneo de comida que sabemos vai nos satisfazer.

Analisaremos os dados deste tópico sob o ponto de vista da TEORIA INTEGRADA DA METÁFORA PRIMÁRIA (TIMP): A Teoria da Fusão ou *Conflation*, diz respeito ao processo de aprendizagem, que ocorre a partir da infância, quando as experiências físicas (FOME) são fundidas com as emoções (DESEJO), provocando reações corpóreas.

A Teoria Neural indica que as fusões (*conflations*) são realizadas em um nível neural, onde há ativações neurais simultâneas em áreas distintas do nosso cérebro. As ligações neurais acontecem no momento da fusão entre as experiências físicas (FOME) e as emoções (DESEJOS). As áreas do cérebro referentes à FOME e ao DESEJO são acionadas.

3. Esquemas Imagéticos

Os *esquemas imagéticos* são construções abstratas ocorridas de experiências sensório-motoras. Sendo mencionados aspectos da atividade do ser humano no espaço, como: orientação, movimento, equilíbrio, etc. Os esquemas imagéticos mais comuns refletem as experiências de percurso, continente/conteúdo, parte/todo, ligação, centro/periferia, em cima/embaixo, frente/trás, entre outros.

Esses conhecimentos são internalizados desde a infância, como a experiência de se mover de um lado a outro. Essa experiência física concretiza-se na mente de forma esquemática, dando origem ao esquema de percurso, cujos elementos estruturais são uma *origem* (ou ponto de partida), um *alvo* (ou ponto de chegada), uma *distância percorrida* (ou uma seqüência de locais contíguos que conectam uma origem a um alvo) e uma *direção* (para um alvo).

4. Metodologia

Utilizaremos como corpus de análise os dados armazenados sobre o falar pessoense, constantes do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB (Hora & Pedrosa, 2001). O VALPB pretendeu desenvolver, a partir do *corpus* coletado, o perfil lingüístico do falante da Paraíba, em seus aspectos fonológicos e gramaticais.

Este banco de dados contém uma amostragem do português falado na Paraíba, colhida através de entrevista com 60 informantes, dentro da metodologia variacionista da sociolingüística. A vantagem do uso deste *corpus* no projeto aqui elaborado, é que o

mesmo vem transcrito em escrita convencional, e não fonológica, além da possibilidade de os pesquisadores terem acesso ao material gravado em fitas de áudio.

Surgido em 1993, os dados do VALPB encontram-se armazenados eletronicamente e estratificados conforme as variáveis a seguir:

1) SEXO

Masculino	30 informantes
Feminino	30 informantes

2) FAIXA ETÁRIA

15 a 25 anos	20 informantes
26 a 49 anos	20 informantes
mais de 50 anos	20 informantes

3) ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Nenhum	12 informantes
1 a 4 anos	12 informantes
5 a 8 anos	12 informantes
9 a 11 anos	12 informantes
mais de 11 anos	12 informantes

Foram selecionados nesse corpus um conjunto representativo de dados fornecidos por informantes falantes da variedade pessoense, agrupados conforme a variável 'idade'. Assim, objetivamos mostrar como os falantes, conceitualizam o mundo da mesma maneira independente da idade que apresentam.

Nesta pesquisa, escolheu-se uma abordagem qualitativa que diferentemente da pesquisa quantitativa, que gera padrões gerais de análise identificando e categorizando processos, a abordagem qualitativa permite um exame mais aprofundado da interação entre agentes sociais e do modo como essas interações ocorrem em determinados contextos. Ela ilumina significativamente o problema de como um sujeito interage, apropria-se e negocia com os objetos de conhecimento ao seu dispor.

Inicialmente, escolhemos alguns dados do *corpus* "Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba" (VALPB), onde demos preferência à variável "15- 25 anos e

mais de 50 anos”, indicadas pelas linhas correspondentes, como L.65 (linha 65). Depois da seleção, trabalhamos no sentido de identificar os processos as cenas de ocorrência das metáforas encontradas no discurso, apresentadas em outra fase do projeto.

5. Análise do *Corpus*

Neste trabalho, iremos verificar as ocorrências de estruturas linguísticas metafóricas no *corpus* em questão buscando a operação cognitiva “Metáforas Conceptuais”. Como dito anteriormente, nosso intuito será contrastar os indivíduos que possuem idade entre 15 e 25 anos com aqueles com mais de 50 anos. Para isso, estruturaremos esta análise da seguinte forma:

- a) a partir da teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados do tipo metafórico e esquema de imagens, apresentaremos, neste primeiro momento, a teoria tradicional da metáfora conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980);
- b) no segundo momento, voltaremos nosso olhar para a Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP), que é a teoria tradicional da metáfora conceptual revisitada por Lakoff (2008; 2009) em seus trabalhos mais recentes;
- c) partindo da TIMP, mostraremos também como ocorrem as Teorias da Metáfora Complexa (LAKOFF, 1999) e da Integração Conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002);
- d) por fim, um gráfico será apresentados para ilustrar os resultados obtidos.

À medida que as análises forem apresentadas, mostraremos como o processo de Categorização (LAKOFF, 1987) atua nas escolhas lexicais das atividades cognitivas descritas abaixo. Passemos, então, às análises.

A teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) nos ajuda a entender como organizamos os nossos domínios de experiência. Entendemos os modelos cognitivos como resultados da interação entre um aparato cognitivo humano – corpóreo – e a realidade – experiencial –, o que significa que tudo aquilo que constitui os modelos cognitivos é resultado da atividade humana, cognitivo-experiencialmente determinada, resultado da capacidade de categorização humana. Antes de vermos como

isso acontece nas metáforas, vamos tratar um pouco sobre a Teoria Prototípica da Categorização.

A noção moderna de Categoria surge das pesquisas de Roch (1970) que resultaram na Teoria Prototípica da Categorização humana. Geeraerts (1989) destaca, de modo resumido, quatro características estruturais que estão ligadas às categorias prototípicas:

- não podem ser definidas por meio de um conjunto de atributos necessários e suficientes;
- exibem uma estrutura de semelhanças de família;
- apresentam graus de representatividade entre seus membros; e
- suas fronteiras não são bem delimitadas.

Vejamos como isso ocorre nas Metáforas Conceptuais de Lakoff e Johnson (1980).

Tabela 1: Quadro representativo da metáfora conceptual CASAMENTO É GUERRA.

	Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
48	CASAMENTO É GUERRA	EST	ASF Masculino Mais de 50 anos	L11819	<i>Aí justamente, ela faiz isso, ela destroi a casa, destroi ao lar, destroi ao lar dos filho, do marido</i>

No exemplo acima, percebemos que o informante ASF faz uma projeção de domínios de base experiencial, a partir de um MCI em um domínio para um MCI em outro domínio. Podemos representar essa operação da seguinte forma:

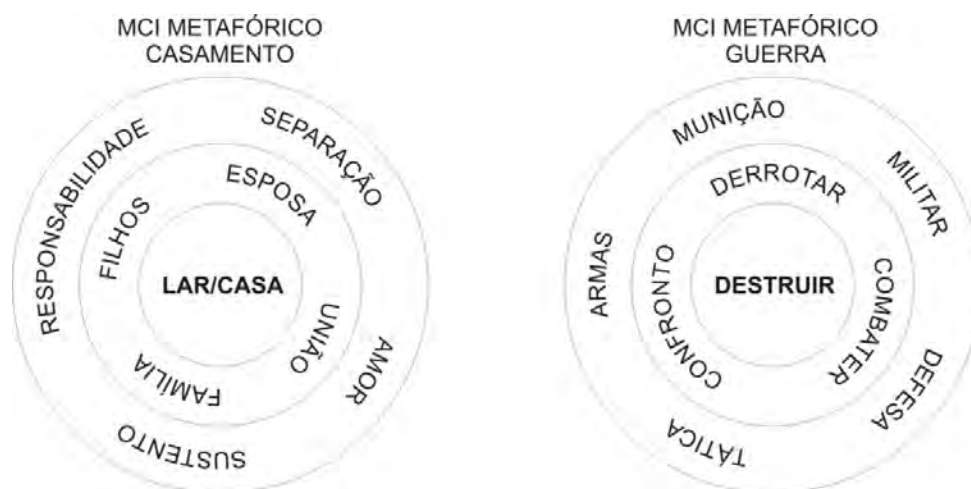


Gráfico 1 : Representação do MCI Metafórico Casamento e Guerra

ASF classifica *lar* e *casa* como itens prototípicos da categoria CASAMENTO. No gráfico acima é possível notar que tanto os conceitos que estão fora quanto os que estão dentro do círculo central formam o MCI Metafórico de Casamento. Da mesma forma, na categoria GUERRA, o informante estabelece *destruir* como prototípico da referida categoria. Os itens que circundam o conceito central constituem o MCI Metafórico de GUERRA. À medida que os conceitos se afastam do centro, como mostra o gráfico, vai se estabelecendo os níveis de prototipicidade das categorias.

Essas estruturas cognitivas (MCIs) constituiriam domínios dentro dos quais os conceitos adquirem significação. Ou seja, os MCIs são utilizados para organizar diferentes domínios de experiências e, assim, entender o mundo e dele extrair sentido.

O que percebemos é que o contexto reforçou uma determinada organização prototípica em detrimento de outra, ou seja, a escolha por *lar*, *casa*, *destrói*, como itens prototípicos representam o aspecto mais importante, para o falante ASF, das categorias CASAMENTO e GUERRA.

No recorte em questão, é possível notar, também, que há a representação de categorias de nível superordenado. Isso quer dizer que os atributos que, na visão do informante, se destacam nessas categorias de nível superordenado vão estruturar aquelas mais abstratas. No caso, GUERRA – e seus objetos e ações – constituem esta categoria de evento na conceptualização de CASAMENTO. Observemos este outro exemplo abaixo:

Tabela 2: Quadro representativo da metáfora conceptual MENTE É RECIPIENTE.

	Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
37	MENTE É UM RECIPIENTE	ONT	HMG Feminino Mais de 50 anos	L12705	E* <i>O que a senhora mais gostava no seu trabalho?</i> I* <i>Ah!, das colega, né? A gente chegava lá, o ambiente:: influi muito, a gente tira muitas coisa da cabeça::,</i>

As metáforas ontológicas emergem de nossa experiência com objetos e substâncias físicas, e implicam em projetar características de entidade ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente, como bem dissemos anteriormente.

Para Lakoff & Johnson (1980), entende-se metáfora como um mapeamento, ou seja, comparações. Essas comparações são representadas, como já foi dito, por um domínio alvo (mais concreto) e por um domínio fonte (mais abstrato). Esses autores afirmam a existência de metáforas básicas, que seriam universais, a exemplo de MENTE É UM RECIPIENTE.

As metáforas de recipientes originam-se na experiência que temos de o nosso corpo funcionar como um recipiente, ou seja, ocupamos um lugar limitado no espaço. O resultado é um esquema abstrato de um recipiente, representado abaixo por uma imagem muito simples, em que existe uma entidade dentro de um lugar limitado e associado a algumas regras que decorrem da nossa experiência sobre o mundo.

A expressão utilizada pelo informante HMG, *a gente tira muitas coisa da cabeça*, só é possível pela utilização de uma categoria RECIPIENTE de nível subordinado, ou seja, aquela que representa a criatividade dos indivíduos, no caso o falante oferece conceitos de recipiente à mente. Os itens dessa categoria são mais específicos e ocupam posições periféricas na construção do sentido. Assim, a mente é, por nossa experiência corporal, limitada a espaços, onde tentamos dar-lhes limites, contornos físicos, que sejam reconhecidos por nós.

É possível notar também que, a partir do contexto de produção do enunciado em questão, os *objetos* que fazem parte dessa metáfora, e que podem ser colocados no recipiente *mente* são os *problemas*. Desse modo, HMG representa os problemas do cotidiano como objetos que são colocados e retirados do recipiente, que, aqui, é a mente.



Gráfico 2 : Representação do MCI Metafórico Recipiente e Mente

Para finalizar esta primeira parte, trataremos das metáforas orientacionais. Nesse ponto, abordaremos o MCI Imagem Esquemático.

Um aspecto importante dos estudos de Lakoff (1987) sobre a metáfora é a hipótese de que várias áreas da experiência são metafóricamente estruturadas por um pequeno número de esquemas imagéticos, dentre eles a orientação CIMA/BAIXO/PARA FRENTE/PARA TRÁS, etc. Vejamos o exemplo:

Tabela 3: Quadro representativo da metáfora conceptual BOM É PARA CIMA.

	Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
48	BOM É PARA CIMA	ORI	MLT Feminino 15 a 25 anos	L2994	<i>final do meys a gente vai faze0 + a mesma coisa agora, pra cai0 may0h não, pra subi0</i>

Um esquema imagético pode ser utilizado para estruturar metafóricamente vários domínios abstratos. No caso do falante MLT, o esquema imagético CIMA – BAIXO é convencionalmente utilizado e aplica-se metafóricamente a noções tais como

às quantidades abstratas (MAIS ESTÁ EM CIMA/MENOS ESTÁ EM BAIXO: os preços subiram/baixaram); à hierarquia social (classe baixa/alta, ascensão social); aos estados mentais, como por exemplo a felicidade e a tristeza (Sinto-me em baixo/Estou nas nuvens). A partir dos exemplos acima referidos, e com base no recorte feito do *corpus*, podemos concluir que os esquemas imagéticos revelam nossa capacidade de atribuir valor positivo ao ponto de orientação alto, ao passo que o ponto de orientação baixo é considerado negativo.

As orientações espaciais, portanto, decorrem das características dos corpos que temos e da forma como eles funcionam no ambiente físico que nos envolve. Desse modo, para Lakoff e Johnson ([1980), as metáforas orientacionais conferem a um conceito uma orientação espacial. Exemplo disso pode ser observado na fala de MLT, indicando que, com base no contexto de economia evidenciado, o informante afirma que deseja um resultado positivo – *pra subi0* –, e não um negativo – *pra cai0 may0h não*.

Agora, passaremos ao segundo momento desta análise, onde voltaremos nossa atenção para a Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP).

Tabela 4 : Quadro representativo da metáfora primária DESEJAR É TER FOME.

	Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
130	DESEJAR É TER FOME	PRI	VLB Masculino 15 a 25 anos	L3545	<i>Essa vizinha aqui do lado mesmo... Vivi na vontade de ter um carro. Eu passo aqui na frente de carro ela já fica cum água na boca olhandu pru carro. Chega fica cum vontade.</i>

Tabela 5 : Quadro representativo da metáfora primária DESEJAR É TER FOME.

	Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
10	DESEJAR É TER	PRI	AAM	L15915	<i>Minha mulhe0 mermu</i>

4	FOME		Feminino Mais de 50 anos		<i>ta faminta por uma viagem. Enquanto eu não compra0 essas passagens que ela que0 ela não fica bem... Já ta até com a barriga duend0 de raiva (risos).</i>
---	------	--	--------------------------------	--	---

Tabela 6 : Quadro representativo da metáfora primária DESEJAR É TER FOME.

	Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
14 4	DESEJAR É TER FOME	PRI	WL Masculino Mais de 50 anos	L15651	<i>Lá no trabalho tem um colega que que0 ta desesperado pra assumi0 o seto0 no meu luga0. [...] O apetite dele é grande mas vou continua0 lá se Deus quise0. [...] Trabalha0 lá é muito bom.</i>

Ficar com água na boca, com vontade, com a barriga doendo, com sentimento bom/ruim, desejo, desesperado são alguns dos termos utilizados acima pelos informantes durante a entrevista aos quais oferecemos destaque.

Com os dados colhidos, podemos dizer que a base da metáfora é a *cena primária*, ou seja, uma representação cognitiva de um tipo de experiência recorrente, que abarca uma estreita correlação entre duas dimensões de experiência (Grady, 1997b). Assim, os domínios fonte e alvo estão relacionados porque possuem uma estreita correlação entre suas *cenar primárias*. Não envolvem características compartilhadas, mas sim de co-ocorrência.

Pelos dados fornecidos pelos informantes, podemos dizer que tal experiência – *fome* – é entendida como *desejo* por comida – que é sempre experienciado por quem

tem fome. Dessa forma, o mapeamento entre *desejo* e *fome* surge de cenas recorrentes em que são vivenciadas a sensação física de *fome* e o *desejo* simultâneo de comida que vai satisfazê-la. Logo, experienciar a sensação física da *fome* significa também o *desejo* de comer.

Tanto *fome* quanto *desejo* são vontades físicas básicas, porém, é preciso diferenciá-las. Enquanto a *fome* é uma vontade física direta, o *desejo* é uma experiência emocional. Segundo Lakoff & Johnson (1980), mesmo que as experiências emocionais sejam tão básicas quanto às físicas, as emocionais não são bem delineadas em termos daquilo que se percebe no corpo, ou seja, aquilo que é menos claramente delineado (mais abstrato) é conceitualizado em termos do mais delineado (mais concreto). Por essa razão é que se fala de *desejo* em termos de *fome*.

O *desejo* parece ser inerente à *fome*, isto é, ter *fome* significa ter *desejo* por comida. Por essa razão é que os informantes utilizaram expressões como *água na boca*, *com vontade*, *barriga doendo*, *sentimento bom/ruim*, *desejo*, *desespero* para se referirem às consequências físicas/emocionais decorrentes da *fome* por algo que só será saciada quando se conseguir o que necessita. Vejamos o gráfico abaixo:

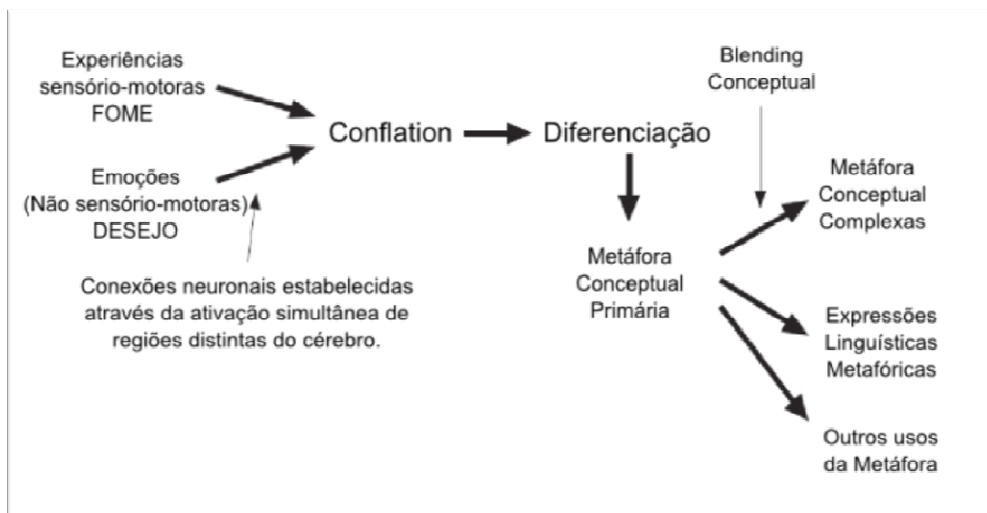


Gráfico 3 : Resumo da Construção Metafórica DESEJAR É TER FOME.

Analisaremos os dados deste tópico sob o ponto de vista da TEORIA INTEGRADA DA METÁFORA PRIMÁRIA (TIMP), de Lakoff e Johnson (1999). Segundo ela, a Teoria Geral da Metáfora Primária possui quatro componentes: Teoria da Fusão (*Conflation*), de Johnson; A Teoria Neural da Metáfora, de Narayanan; a

Teoria da Metáfora Primária de Grady; e as Redes de Integração Conceptual, de Fauconnier e Turner.

A Teoria da Fusão ou *Conflation* (gráfico acima), diz respeito ao processo de aprendizagem. A *Conflation* ocorre desde a infância, quando as experiências não sensorio-motoras – representadas, no gráfico, pelas emoções e pelo domínio-alvo DESEJO – são fundidos com as experiências sensorio-motoras – evidenciadas no gráfico como o domínio-fonte FOME. Por essa razão, a experiência de DESEJO é unida a experiência da FOME, que, por sua vez, provoca inúmeras reações corpóreas. O informante VLB, por exemplo, aponta a sensação corpórea *água na boca* e a emocional *vontade*. Assim, no período da *Conflation* as associações são automaticamente construídas entre os dois domínios DESEJO-FOME.

Narayanan (1997) propõe, em sua Teoria Neural, que as fusões (*conflations*) são realizadas em um nível neural, onde há ativações neurais simultâneas em áreas distintas do nosso cérebro. De acordo com o gráfico 3, as ligações neurais acontecem no momento da *Conflation*, entre as experiências sensorio-motoras (FOME) e as não sensorio-motoras (DESEJOS). As regiões do cérebro referentes à FOME e ao DESEJO são ativadas

Lakoff (2009) associa os resultados de Narayanan e Johnson e formula a hipótese de que: *em situações onde os domínios fonte e alvo são ativados simultaneamente, as duas áreas do cérebro que correspondem a esses domínios serão ambas também ativadas*. Ele afirma que os neurônios que se acendem juntos, ligam-se juntos, com isso, ele quer dizer que os mapeamentos entre os circuitos neurais que ligam os domínios são aprendidos pelas crianças. Tais circuitos correspondem às metáforas.

Do ponto de vista neural, é preciso saber que cada elemento de um *frame* corresponde a um ponto de acesso ou *node*. É possível dizer que os mapeamentos metafóricos não são apenas uma abstração, pelo contrário, são efetivamente circuitos físicos de ligação que, quando ativados, formam ligações dentro de circuitos neurais integrados. Os pontos de acesso são partes de tais circuitos.

Por exemplo, quando o informante VLB apresenta a sentença *Essa vizinha aqui do lado mesmo... Vivi na vontade de ter um carro. Eu passo aqui na frente de carro ela já fica cum água na boca olhandu pru carro. Chega fica cum vontade*, notamos que ele utiliza a palavra *vontade* duas vezes, contudo, no cérebro, os dois usos da palavra são ativados pelo mesmo ponto de acesso. Assim, ao ativarmos uma metáfora, ativamos

também um circuito cerebral muito complexo, o que indica um sistema neural metafórico fortemente integrado.

Numa etapa posterior à *Conflation* ocorre a *Diferenciação*. É aí que as crianças estão aptas a realizar a separação entre os dois domínios (alvo e fonte), embora as associações continuem. Tais agregações são mapeamentos de metáforas conceptuais. O informante AAM diz: *Minha mulhe0 mermu ta faminta por uma viagem. Enquanto eu não compra0 essas passagens que ela que0 ela não fica bem... Já ta até com a barriga duend0 de raiva (risos)*. Mesmo com a *Diferenciação*, os indivíduos fazem uso das ativações neurais que atuaram na *Conflation* DESEJO-FOME para realizar outros mapeamentos, no caso RAIVA-FOME.

A *Teoria da Metáfora Primária de Grady* afirma que existem metáforas complexas que são formadas a partir da integração de metáforas “menores”, mais simples: as metáforas primárias. Assim, as metáforas complexas são resultado da mesclagem conceptual entre metáforas primárias. Por exemplo, as metáforas primárias DESEJAR É TER FOME e ATRAENTE É GOSTOSO são integradas formando a metáfora complexa OBJETO DO DESEJO É COMIDA. Diante disso, com base no informante WL, temos:

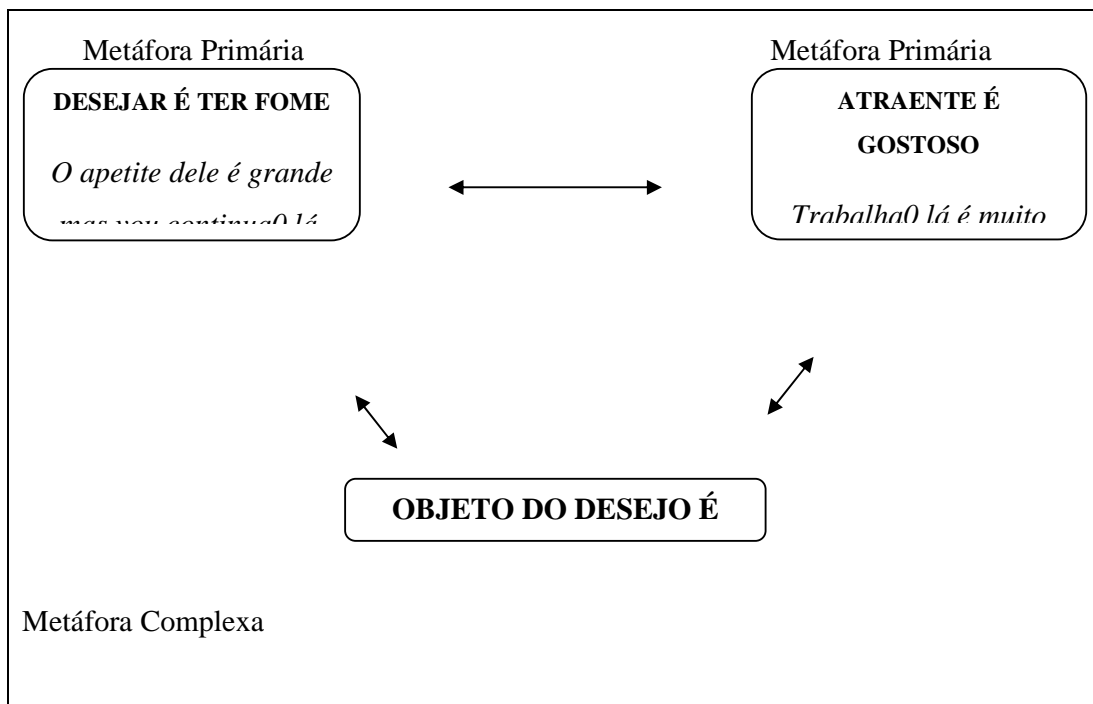


Gráfico 4 : Representação da formação das Metáforas Complexas.

Associadas às Metáforas Complexas, temos as Redes de Integração Conceptual, que, para Fauconnier & Sweetser (1996), é um processo cognitivo que atua sobre dois espaços mentais (input 1 e 2) para projetar sentidos em um terceiro espaço, chamado Espaço Mescla. Conforme afirmamos anteriormente, os significados projetados na mescla são relacionados no novo contexto, herdando aspectos dos significados de origem, mas incorporando novas significações.

Agora, traremos uma análise de como se dão as Redes de Integração Conceptual a partir da observação dos dados coletados.

Coulson e Oakley (2003) ao discorrer sobre a análise das redes de integração conceitual propõem que ao se realizar a análise das redes observemos os seguintes passos:

- Introdução de um exemplo que se supõe envolver a mescla;
- Descrição da estrutura geral em cada espaço da rede de integração, ou seja, descrever a estrutura dos *inputs* e do espaço genérico e identificar os mapeamentos elementos e relações entre os dos espaços;
- Depois se passa a descrição do espaço mescla evidenciando os aspectos vindos de cada um dos *inputs*, nesse momento é relevante apresentar uma diferenciação entre a estrutura emergente e os *inputs*, essa diferenciação é como o pesquisador justifica que a mescla faz surgir uma nova conceptualização e não uma cópia ou soma dos espaços de *input*.

Ancorados nesse modelo sugerido pelos autores, empreendemos a análise dos dados abaixo. Observaremos a variável *faixa etária* procurando demonstrar que a estrutura dos mapeamentos realizados pelos falantes em uma integração conceitual não sofre influência em relação à idade.

Tabela 7 : Quadro recorte de dados.

Informante: FS

Faixa Etária (Anos): 15 a 25

Anos de Escolarização: 1 a 4

Sexo: Masculino

Linhas: 808

*E*O que você mais gosta no seu esposo?*

I Que eu mais gosto? Você acredita que eu num tenho? Eu num tenho, a antes eu até eu tinha, o que eu gostava antes, quando ele me dava um pouco de carinho, né? Um pouco só, e hoje em dia nem isso ele me dá mais (...).*

Tabela 8: Quadro recorte de dados.

Informante: MHS

Faixa Etária (Anos): 15 a 25

Anos de Escolarização: nenhum

Sexo: Feminino

Linha: 261

E Ô Vânia, você adotaria uma criança de rua?*

I Sinceramente? Não (...) A minha madrinha adotou uma criança que ela teve a maior decepção da vida dela. Ela foi pra universidade, deu tudo pra quanto não presta. Ela teve a maior decepção **porque criou com muito carinho, deu amor a ela, de tudo, do bom e do melhor e qual foi o pago dela? Decepções.***

Os informantes FS (tabela 7) e MHS (tabela 8) usam a mesma estrutura conceitual para se referir a ideia de *amor*, ambos falam de amor utilizando a noção de *dar* algo a alguém realizando assim, o mesmo mapeamento conceitual originando uma rede de integração conceitual de alcance único. Essa rede de integração conceitual contém um *input* envolvendo objetos concretos que é ativado pelo verbo *dar* e outro *input* envolvendo conceitos abstratos relacionado às noções *amor* e *carinho*. Existe um espaço genérico no qual objetos/conceitos podem ser compartilhados e um espaço mescla que integra algumas estruturas de cada espaço de entrada.

Nesse exemplo, o *input* ligado a conceitos abstratos fornece o *frame* para organizar a mescla, e o *frame* do espaço que contém objetos concretos não é projetado a não ser para explicar a metáfora que se realiza na construção linguística dos dois informantes. O domínio que contém elementos concretos se projeta no domínio com elementos abstratos e há uma relação de analogia entre eles. Na mescla se projeta uma representação parcial dos elementos concretos e das noções abstratas de *amor* de modo que na estrutura emergente, *amor* cumpre papel de objeto que pode ser ‘dado’ a uma pessoa assim como ‘damos’ qualquer outro objeto concreto como um lápis, uma bola,

um livro, etc. É importante perceber que na mescla há uma fusão entre os elementos parcialmente projetados, não é a soma da ideia de amor, mais a de objeto, mas ocorre uma fusão, onde *amor* se torna um objeto, gerando a metáfora conceitual AMOR É OBJETO.

Tabela 9: Quadro recorte de dados.

Informante: ERG Faixa Etária (Anos): Mais de 50 Anos de Escolarização: nenhum Sexo: Masculino Linha: 12887
<i>E* Você já perdeu alguém muito querido?</i> <i>I* Já, meu pai, + pai já morreu fayz: vai fazeø feyz seis anoø agora: vai fazeø <se-> vai fazer seis anoø no dia <cin-> quatro de santana, que meu pai morreu, + sofri muito por caso dele.</i>

Tabela 10 : Quadro recorte de dados.

Informante: AHS - 1SF Faixa Etária (Anos): 15 a 25 Anos de Escolarização: 9 a 11 Sexo: Feminino Linha: 124
<i>E* Não? Você tem medo de alguma coisa?</i> <i>I* Tenho, perde0 a minha mãe. (risos F)</i> <i>E* Porque?(certo)</i> <i>I* Porque ela é a única é a única que que é por nós, né? sem a pessoa sem se a gente perder mãe, não encontra out0a de jeito nenhum, (est) por isso que eu tenho muito medo de perder ela.</i>

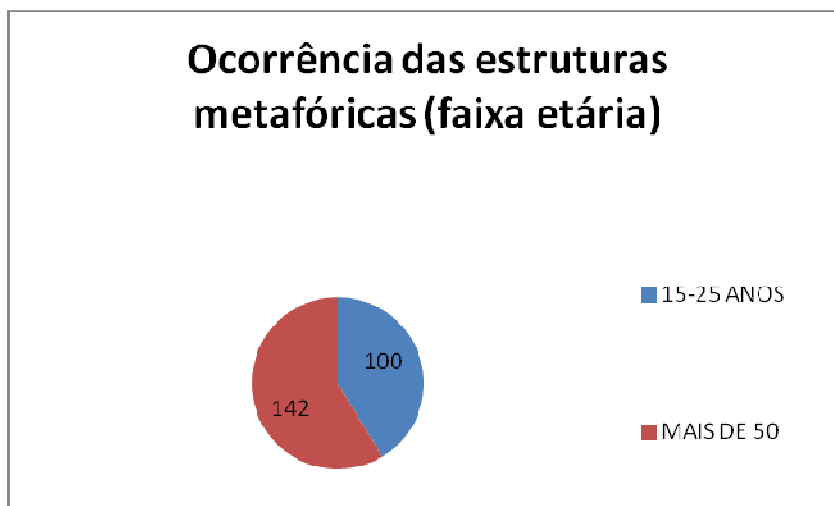
No exemplo do informante ERG (quadro 9), o entrevistador usa o verbo *perder* para falar de morte e o informante AHS – 1SF (quadro 10) compreendendo a pergunta que lhe foi direcionada, responde afirmativamente que já tinha perdido alguém que era o seu pai. No trecho selecionado do informante AHS - 1SF, o informante se refere à morte continuamente em termos de *perda*, realizando a mesma construção cognitiva presente

no discurso do informante não escolarizado. A rede de integração conceitual que se forma possui a mesma estrutura em ambos os casos: temos um espaço relacionado aos itens que podemos literalmente *perder* e outro espaço que contém a ideia que temos de morte e elementos relacionados a ela.

Identificamos um espaço genérico onde os dois espaços de entrada compartilham a noção de ‘deixar de ter (algo)’ e uma mescla onde a *morte* de uma pessoa significa *perder* essa pessoa assim como *perdemos* objetos. Podemos dizer, nesse caso, que estamos conceitualizando morte como perda. A noção relacionada a elementos concretos que podemos perder se projeta para o espaço que comporta a noção de *morrer* e ocorre uma relação de analogia entre *morte* e os elementos do *input* de *perda*. Na mescla há uma fusão entre o conceito que temos de *morte* e o conceito de *perder* objetos, de modo que a *morte* pode ser entendida e expressada em termos de *perda* fazendo surgir, assim, uma estrutura emergente onde MORTE É PERDA.

Para finalizar esta análise, alguns gráficos explicativos serão apresentados abaixo.

6. Exposição do Gráfico



Como se pode observar a maioria das ocorrências metafóricas aconteceu com os informantes com mais de 50 anos, devido à evolução geral no desenvolvimento das capacidades cognitivas, demonstrando uma habilidade de compreensão e produção das metáforas.

7. Conclusão

As capacidades cognitivas humanas podem ser explicadas, a partir da interação entre uma série de mecanismos cognitivos responsáveis pelas operações mentais e uma série de contextos sociais, culturais, históricos e intencionais. Somente através desta interação os seres humanos são o que realmente são.

As análises dos dados indicam uma melhor compreensão semântica nos indivíduos com mais de 50 anos. Esse efeito da idade faz com que levantemos a hipótese de que há um fator de desenvolvimento em jogo na compreensão de metáforas primárias.

Referências Bibliográficas

- FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GRADY, Joseph. 1997. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese de Doutorado. University of California, Berkeley.
- ROSCH. *Women, fire and dangerous things*. Chicago, University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George & TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989
- LAKOFF, George. *The Neural Theory of Metaphor*. In: <http://papers.ssrn.com>, janeiro de 2009. Acessado em agosto de 2010.
- MACEDO, Ana Cristina P; FELTES, Heloísa P. de M; FARIAS, Emília Maria P. (orgs.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: EDIPUCRS / EDUCS, 2008.
- MIRANDA, N. S. *Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelos dos espaços mentais*. Veredas: revista de estudos linguísticos. v. 3, n.1, p.81 – 95, Juiz de Fora, Editora da UFJF, jan/jun 1999.
- PIAGET, Jean. *O julgamento moral na criança*. Editora Mestre Jou. São Paulo, 1977.

ROSCH, E. *Cognitive representation of semantic categories*. In: *Cognitive Psychology* 4, p. 328-350, 1975.

SALOMÃO, M. M. M. *Lanterna de proa: sobre a tradição recente nos estudos de linguística*. Gragoatá. n.23, p.52, Niterói, Editora da UFJF, 2007.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos, v.3, nº 1, jan-jun – 1999. p. 61-79.

SARDINHA, Tony Beber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

A Metáfora na literatura Japonesa: Uso de mimese e onomatopéia nos contos de Século XX

Tomoko Kimura Gaudioso³⁵²
tomokogaudioso@yahoo.com.br

RESUMO

Ao ler obras literárias japonesas, deparamos com freqüência em metáfora cujo seu uso possui conotação apelativa aos cinco sentidos do corpo. A língua japonesa caracteriza-se pela abundância de metáforas que recorre a sons, imagens e formas e estados das personagens e objetos, os quais podem classificá-los de onomatopéia e mimese. No cotidiano do povo japonês, o seu uso é freqüente na linguagem oral, ocupando o seu lugar como complemento nominal ou advérbio, sintetizando a mensagem de fala, o qual os escritores japoneses de diversas épocas recorrem a esse recurso para escrever suas obras. Alguns escritores como Miyazawa Kenji (1896 – 1933) recorreu ao uso abundante da metáfora, de modo que ao ler a sua obra, necessita “ativar” os cinco sentidos do corpo, ou seja, visão, olfato, tato, gosto e audição, proporcionando a sensação tridimensional do conteúdo do texto ao leitor. Ao estudar literatura japonesa já traduzida para a língua portuguesa, constatamos que as metáforas presentes na língua original simplesmente desaparecem ou são substituídas pela metáfora personificada ou sinestesia. Assim, a fim de compreender os textos que contenham metáforas em língua japonesa, se faz necessário identificar e pesquisar uma nomenclatura lexicológica ou outra expressão adequada em língua portuguesa, assim como outros recursos possíveis a fim de minimizar a omissão ou distorção das traduções de textos originais. O presente trabalho, atualmente em fase de leitura bibliográfica e de coleta de termos metafóricas dos contos e poemas de Miyazawa Kenji, tem como objetivo identificar e agrupar esses elementos miméticos, a fim de criar banco de dados das expressões metafóricas onomatopéicas e miméticas em língua japonesa. Em relação a representação de sons e estado físico-sensorial dos fenômenos da natureza, tentou-se reproduzi-los utilizando o

³⁵² Núcleo de Estudos Japoneses do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

recurso da aplicação de silabário do alfabeto romano, em estilo Hepburn, de modo que no original, encontram-se escritos em silabário e ideogramas japoneses, alguns dos quais possuem identidade metafórica visual, poderão ser explanados em oportunidades futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Miyazawa Kenji; metáforas; autores japoneses modernos; onomatopéia.

ABSTRACT

Reading Japanese literary works, often face a metaphor whose use has connotations appealing to the five senses. The Japanese language is characterized by an abundance of metaphors that uses sounds, images, shapes and states of characters and objects, which can sort them onomatopoeia and mimesis. In the life of Japanese people, their use is frequent in spoken language, taking its place as a nominal complement or adverb, summarizing the message of speech, which the Japanese writers of different ages use this feature to write his works. Some writers such as Miyazawa Kenji (1896 - 1933) resorted to the abundant use of metaphor, so that reading his work, you need to "activate" the five senses, namely sight, smell, touch, taste and hearing, providing three-dimensional feel to the content of the text to the reader. While studying Japanese literature already translated into Portuguese, we find that the metaphors present in the original language simply disappear or are replaced by personified metaphor or synesthesia. Thus, in order to understand the texts that contain metaphors in Japanese language, it is necessary to identify and search for a naming lexicological or other adequate expression in Portuguese as well as other possible resources in order to minimize the omission or misstatement of translations of original texts . This work, currently in reading literature and collecting terms of metaphorical stories and poems by Miyazawa Kenji, aims to identify and group these elements mimetics in order to create a database of metaphorical expressions, onomatopoeia and mimesis in Japanese. In relation to the representation of sounds and the physical-sensory natural phenomena, we tried to description them using the feature of applying primer of the Roman alphabet in Hepburn style, so that in the original, are written in calligraph and Japanese ideograms, which some have metaphorical visual identity, will be explain in future opportunities.

KEYWORDS: Miyazawa Kenji, metaphor, modern Japanese authors, japanese modern author, onomatopeia.

1. Introdução

Diferentemente da língua portuguesa que possui léxico mais complexo como verbo para representar sons, vozes e estado da natureza, a língua japonesa é repleta em onomatopéias e mímeses, tanto na linguagem escrita como na oralidade. Estas, apresentados normalmente em sons silábicos curtos e repetidas duas vezes, apela para os cinco sentidos humanos fazendo com que o receptor da mensagem sinta ou perceba a mesma percepção/sensação do autor. Ao depararmos em textos de autor como Miyazawa Kenji, rico em onomatopeias e outros elementos metafóricas, faz-nos reafirmar que há “relação entre sons e sentido” nos “seus diversos níveis e significante” (JACOBSON, 1973).

Embora alguns pesquisadores afirmem que “o poeta torna-se um 'lingüista das imagens', testando práticas discursivas, verificando na própria escrita a eficácia comunicativa de diferentes relações sintagmáticas e paradigmáticas (ALVES, 2002:3) , utilizando-se dos jogos de subsistemas linguísticos tais como elemento fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico a fim de expressar o grau elevado de significação do estado da sua alma, parece que isso abrange todas as formas de expressão humana, incluindo a prosa e linguagem do cotidiano, especialmente tratando-se da língua japonesa.

A língua japonesa caracteriza-se pela abundância de metáforas que recorre a sons, imagens e formas e estados das personagens e objetos, os quais podem classificá-los de onomatopéia e mimese. O som e representação fonética do “estado físico” da natureza é abundante nas expressões usados diariamente, as histórias em quadrinhos estão repletos de sons onomatopéicos complementando a informação dada pela fala das personagens. No cotidiano do povo japonês, o seu uso é freqüente na linguagem oral, ocupando o seu lugar como complemento nominal ou advérbio, sintetizando a mensagem. Esse recurso, a utilização da metáfora para apelar aos cinco sentidos e com isso expressar o significado é amplamente utilizado pelos escritores japoneses de diversas épocas.

Alguns escritores como Miyazawa Kenji (1896 – 1933) recorreu ao uso abundante da metáfora, de modo que ao ler a sua obra, necessita “ativar” os cinco sentidos do corpo, ou seja, visão, olfato, tato, gosto e audição, proporcionando a sensação tridimensional do conteúdo do texto ao leitor. Assim, este trabalho mostra as formas pelos quais a metáfora se apresenta nas obras desse autor, tomando-se como base uma obra em prosa e uma poesia, diagnosticando-a conforme suas peculiaridades.

2. A concepção da metáfora segundo Lakoff e as obras do Kenji

Os teóricos clássicos, desde época de Aristóteles, tem referido como metáfora como aquela linguagem utilizada diferentemente em seus sentidos normais diárias. Em teorias clássicas da linguagem, a metáfora era vista como uma questão de linguagem exclusiva do mundo poético, i.e., se afirmava que a linguagem cotidiana não tinha metáfora pois este seria mecanismos linguístico fora do âmbito da linguagem convencional diária.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), por seu turno, afirmam que a metáfora não deve ser percebida apenas como uma figura de linguagem que é aplicada somente para enfeitar a poesia. Pelo contrário, eles afirmam que a metáfora exercer forte influência sobre o nosso pensamento, sendo que o seu efeito atinge até sobre o nosso comportamento, chegando a reger as ações do ouvinte e ou leitor de uma linguagem com teor metafórico. Deduz-se, portanto, que as metáforas estão fortemente presentes na vida cotidiana, como ocorre na língua japonesa que, talvez por ter constituição cultural baseada na percepção de fenômenos naturais do que ações humanas, procurou reproduzir foneticamente as percepções sonoras em metáforas, sobremaneira ao onomatopeia, mimese e simile, além dos denominados *ji-yu* , metáfora ideográfica, i.e., uso de determinado ideograma ou parte dele para feitos de alusão quanto a seu significado original.

Conforme ITAYA (1999:3), Kenji expressou em suas obras as sensações captadas da natureza e percepção do meio em forma de *sketh* do seu imaginário ou da sua percepção utilizando metáforas. Essas sensações e percepções são mais descritivos, apelando-se aos cinco sentidos, i.e., sentido visual, olfativo, auditivo, tato e paladar,

aguçados que, ao ler suas obras, traz ao leitor a sensação de vivenciar o conteúdo do próprio texto.

Nos contos de Kenji, a presença de metáfora é constante, e de maneira peculiar, visto que esse autor recorre aos conhecimentos de ciência química e física ao descrever as passagens da sua narrativa ou percepção poética do mundo.

OOKA (1978) diz que:

“Pode se afirmar que o lado subjetivo como pensamento, sentimento e sujeito são quase ausentes. A consciência do Kenji tende sempre aos objetos. Parece que ele está compenetrado em compilar a imagem que seu sentido de visão e audição, capturando-a no papel, no estilo de linguagem oral...”

As obras de Kenji são repletas de metáforas, sobremaneira de *giongo*, a representação fonética de sons, o que corresponde a onomatopéia e *gitaigo*, a representação fonética de estado físico ou sensibilidade, o que poderemos denominá-lo de mímese. Por outro lado, esse autor utiliza a metáfora de forma abundante nas suas obras, valendo-se de seus conhecimentos acerca de mineralogia, química e da física, de modo que a forma com que seus textos se desenvolve apelando aos cinco sentidos. Em outras palavras, o *giongo* apela-se a audição, o *gitaigo* à tato e visão, símile ao olfato e ao gosto.

No Japão, o *giongo* é usado com grande frequência nos *mangás*, *i.e.*, histórias em quadrinhos, para descrever estado e ação das personagens.

Alguns pesquisadores como TAKAHASHI (2007:123-137) prefere manter as onomatopéias presentes no texto do Kenji como pode se perceber no artigo publicado na revista Estudos Japoneses, como na parte do conto que descreve o movimento de fechar e abrir de pálpebras com brilhar nos olhos, o barulho de tosse, bater das palmas, como abaixo transcritos:

Frase 1: “A raposa virou seu corpo e seus olhos cintilaram, *pachi, pachi*, quando ela apontou com as patas o interior da floresta.”

Frase 2: “Limpendo a garganta, *ehen, ehen*, Konzaburo apareceu, saindo do lado da cortina...”

Frase 3: “Todos bateram as palmas alegres, *pachi, pachi*.”

O uso de onomatopéia da língua japonesa segundo ela, perde seu sentido inicial a ser traduzido para o português, preferindo preservá-la no original. Entretanto, na forma como está traduzida, a sua preservação produz sensação de redundância ao invés de enfatizar o seu significado.

Embora Takahashi afirme que “o recurso de traduzir via não-tradução, para revelar a importância do conceito original”, tomando como base o comentário de SELIGMANN-SILVA (2005:185-186), propondo, assim, um glossário de onomatopéia, conforme língua-alvo, poderia mesmo assim, recorrer-se a outro recurso metafórico em conformidade com aspecto lingüístico e cultural da língua que será traduzido.

No caso da língua portuguesa, muitos sons naturais são incorporados à língua em forma de verbos, adjetivos e substantivos, paronimicamente, de modo que o falante e o leitor usam-nos sem perceber à primeira vista. No caso da língua japonesa, a fartura da onomatopéia e mímese contrapõe-se à escassez de palavras com funções paronomásticas.

A título de exemplo, essas formas se apresentam comumente em sons que os animais emitem e no caso da língua portuguesa, se apresenta em forma de verbos tais como mugir, cacarejar, miar, piar etc. Por outro lado, na língua japonesa, isto é representado por verbo *naku*, que significa *emitir som*, acrescido de onomatopéia correspondente a cada animal, i.e., *moo to naku*, *kokekokko to naku*, **nyaa nyaa** to naku, **piyo piyo** to naku, etc, respectivamente a vaca, galinha, gato, pinto etc.

Conforme NAKAMURA (1980:10-11), a metáfora é usado para dois objetivos distintos: a primeira, para esclarecer uma informação que o receptor da mensagem não conheça claramente; outro, para enfatizar uma determinada idéia. O uso de onomatopéia e outras formas de metáforas nas obras literárias, nesse sentido, é usado comumente para enfatizar a mensagem do texto, como ocorre nos textos de Kenji.

Em se tratando de metáforas de modo geral, os onomatopéias e mimeses recebem tratamentos diferenciados dos demais classes por ser abundante e abrangente, tanto em quantidade quanto qualitativamente, visto que apelam para os sentidos táteis, olfativas e visuais de forma direta, mais no sentido cognitivo sensorial do que compreensão lingüístico-textual.

Desta forma, nesta pesquisa pretendeu identificar metáforas presente em suas obras, tanto em prosa como nos poemas para analisar de que forma elas se manifestam.

3. Metodologia utilizada

A metodologia para identificação de metáforas presentes nas obras de prosa e poesia, se consistiu em destacar as descrições metafóricas conforme categorias e classificá-las. Como referência, para a prosa, analisou-se inicialmente a obra infantil “*Karasu no hokuto hichisei* (Ursa Menor dos corvos)”, escrito em 21 de dezembro de 1921, onde está presente os elementos identificatórios das metáforas peculiares nas obras do Kenji. Nesta obra, pode se perceber principalmente a personificação, onomatopéia e metáfora propriamente dita. O conto, escrito em língua japonesa, descreve a reação do bando de corvos num entardecer de inverno. Entretanto, ao personificar cada elemento do bando e sua reação diante da chegada da noite e o raiar do luar, cria o efeito ora grotesco ou mesmo cômico ao texto, conduzindo os leitores ao mundo do imaginário fantástico.

O conto foi traduzido na sua íntegra para o português, tentando preservar os elementos metafóricos de melhor forma possível, no entanto, muito se perdeu na transcrição para língua-alvo, principalmente as onomatopéias e mimeses tais como representação fonética do cintilar das neves e o momento do surgimento da lua na noite escura como trinca que aparece numa trinca numa lâmina de aço. Aliás, em se tratando deste autor, o leitor precisa ter conhecimento científico bastante razoável sobre propriedades químicas e físicas de elementos e de objetos, visto que em muitas obras encontra elementos como alusão a característica dos mesmos, de forma científica e consistente, visto que o autor era inclusive cientista e conhecedor de estudos dessa área.

Em relação ao poema, analisou-se o poema “*Annelida Tänzerin*” (Anelídeo Dançarino), escrito em 20 de maio de 1922, extraído da antologia poética “*Haru to Shura*” (Primavera e Ashura), por ser uma das primeiras obras poéticas que o próprio Kenji fez questão de ser publicado.

Nestas obras o autor equipara as personagens, objetos e fenômenos físicos da natureza, a sons e característicos físicos de objetos e ambientes, usando principalmente os recursos da onomatopéia, metáfora propriamente dita e efeitos visuais em formas de grafias, tanto de letras clássicas gregas, sistema de silabário japonês, os *hiragana* e *katakana*. Embora o texto traduzido não preserve integralmente a metáfora presente no original, percebe sua presença enriquecendo o conto, assim como o poema.

A classificação e aplicação de tais onomatopéias e mimeses não são comuns nas línguas ocidentais, de modo que para identificá-las conceitualmente tais palavras,

recorreu-se ao dicionário japonês-inglês de onomatopéia e mimeses japonesas (CHANG, 1990), o .

4. Resultados obtidos

Em relação a texto em prosa, constatou-se a presença de seguintes elementos que, dada a formatação do texto solicitado em língua ocidental (inglês ou português), ficou restringido a utilizar alfabeto ocidental para representá-las foneticamente.

No Conto “*Karasu no Hokutoshichisei*” (A constelação da Ursa Maior e os corvos), em forma de prosa, aparecem as metáforas como a seguir, de tal forma que exige do leitor maior conhecimento sobre própria metáfora como pode ser percebido através dos exemplos a seguir.

Exemplos:

- *Usui hagane no sora* (céu formado por lâmina de aço forjado) = o céu de cor cinza escura é visto como lâmina de aço, sendo que nesse trecho o autor não recorre à expressão gramatical *no you* que tornaria a palavra *hagane* um símile.

- *Yakareta hagane no sora* (céu de aço incandescente) = cor do céu ao entardecer é equiparado ao aço em brasa.

- *Atarashiku yakareta hagane no sora* (céu de aço torrado recentemente) = aqui também se recorre a similitude, mas igualmente não se pode afirmar definitivamente que é um símile no conceito recorrente do termo pois essa equiparação ocorre a nível de equiparação visual entre o aço incandescente e o crepúsculo.

- *Chiisana hoshi ga ikutsuka gappei shite bakuhatsu wo yari...*(algumas estrelinhas se juntaram e explodiram...) = Brilho das estrelas; neste trecho da obra, o brilho das estrelas é substituído pela imagem da explosão de uma bomba.

- *Karasu no giyuu kantai* (a frota de corvos)

“Todos colocaram ciroulas negras apressadamente...Finalmente, surgiu trinca no céu formado pela lâminande açoddependuraram-se vários braços longos e sinistros tentando pegar os corvos e puxá-los para outrolado do teto do céu... Não, não é isso. Surgiu a lua.” (Miyazawa, 1922)

Neste trecho, o autor acaba explicando a metáfora que usou no parágrafo anterior, de forma concreta, informando o leitor que toda descrição do parágrafo anterior referia-se ao fenômeno do surgimento da lua, equiparando-o a rachadura que se forma na superfície do aço fino. Os raios da lua são descritos em forma de braços compridos que pendem da rachadura, tentando alcançar os corvos. (A constelação de Ursa Maior e os corvos)

Nesta mesma metáfora, está inserida ainda, a onomatopéia para descrever o movimento pelo qual essa rachadura é formada, “*pichiri*”, o que corresponde ao som “craque”, em português. Utilização do recurso da ênfase do significado através do acréscimo do ideograma representando *ki* = esgarçar, romper e *retsu* = rachadura. O autor acrescenta o ideograma esgarçar na palavra rachadura e força o sentido, mantendo-se a leitura desejada (*hibi*), de modo que a junção de ideogramas passa a ter efeito de *ji-yu*, já mencionado anteriormente, uma espécie de jogo de imagens que o ideograma permite realizar. Por outro lado, não há utilização da expressão gramatical “*no youna* (que e se assemelha a, como)”, i.e. , o autor não formula a frase “céu como aço”, utilizando o recurso de similitude.

Do mesmo modo, utiliza-se igualmente, a partícula “*to*” (*de forma tal, deste modo...*) ao descrever formação da rachadura, representando um fenômeno natural por si só em vez da partícula *ni* (também significando *de forma tal..., deste modo...*) que, na sua utilização, passa-se a perceber que o fenômeno natural ocorrido é efeito ou resultado de alguma ação ou movimento externo. Essa diferença é sobremaneira observada por TANAKA(1990:195-196) que, ao se referir a utilização dessas partículas nas onomatopéias de forma aglutinada, distingue-se abstratamente se houve interferência externa à ocorrência de um determinado fenômeno. Assim,

“A língua japonesa foi expressando a sensação percebida da natureza em forma de palavras e não foi apropriando objetos e coisas de forma abstrata. Assim, na língua japonesa, desenvolveu-se onomatopéia e mímese, formado por sons próximos aos fenômenos naturais.” (TANAKA, 1990:194)

Essa equiparação do estado do objeto ou fenômeno físico à realidade é posteriormente explicada pelo próprio autor nos parágrafos posteriores, como nos trechos a seguir:

“Finalmente, no céu levemente metálico, abriu-se uma justa fenda, dividindo o céu em dois, e dessa rachadura desceram muitos braços, longos e perversos, que tentaram agarrar os corvos e levá-los em direção ao ápice do firmamento.”

Mais adiante, o texto esclarece o verdadeiro acontecimento, o fenômeno natural compreensível a qualquer leitor, através do seguinte trecho, como se desculpasse da expressão anterior, escrito como um monólogo que é compreensível apenas ao próprio escritor.

“Não, não foi isso que aconteceu.

Não foi bem assim.

Surgiu a lua. Uma lua achatada e azulada em seu vigésimo dia, que das montanhas ao leste chorava e subia ao firmamento.”

Passamos agora a analisar um dos poemas publicado na fase inicial do autor. No poema *Aneridae danzerin* (anelídeo dançarino) foram identificadas seguintes usos de metáforas. Em primeiro lugar, ao escrever seu título, o autor escreve-o em ideograma, coloca leitura fonética em caractere fonético japonês representando a língua alemã, sendo que na época ele estudava esperanto. Ao representar os vermes na água se remexendo, equipara-os com letras gregas clássicas. O que o leitor percebe ao avistar a impressão, são vários riscos e linhas contorcidos e, num segundo momento, percebe-se que se trata de letras ou algum símbolo qualquer. Na verdade, Kenji insere em sua poema várias letras gregas que, estando escritas em minúsculo, parece reproduzirem a imagem de vermes se contorcendo.

Como se não bastasse, ainda recorre a outro recurso visual, utilizando-se de ideogramas que significa anelídeo dançarino, anexa as letras fonéticas em japonês reproduzindo os sons em alemão. Ou seja, o próprio título é escrito em três níveis diferentes da língua: o primeiro em ideograma *kanji*, possibilitando à compreensão a nível cognitivo, o segundo, em *katakana*, i.e., em caractere de representação fonética e, terceiro nível, em língua alemã, visto que a representação fonética não é a da palavra em japonês mas alemã. Analogicamente, a grosso modo, poderia-se afirmar que o ideograma *kanji* corresponderia a *langue* e o *katakana* a *parole* já que apesar de ser representado por símbolos fonéticos em japonês, a pronuncia ali reproduzida é palavra alemã.

uma equiparação de uma coisa ou situação à outra, no mesmo plano de leitura ou frase. Quando há necessidade de acrescentar informações, esse o faz com acréscimo de textos explicativos como ocorre na parte da narrativa em que a lua surge na escuridão da noite, lançando sobre os corvos o luar, deixando-os apreensivos.

Outro aspecto é a presença abundante de onomatopéias e mimeses nos textos, como ocorre na obra analisada, com presença sobremaneira de mimeses que conta mais de quatorze palavras, alguns delas repetidamente usadas. Em se tratando do poema, além da metáfora comumente presente nos textos ocidentais, a utilização de recursos visuais e gráficos enriquece o seu conteúdo, pela incitação da inteligência cognitiva daqueles que a lêem.

De modo geral, essas metáforas são presentes em obras de outros escritores modernas e contemporâneos japoneses, em maior ou menor grau, muitos inexistentes na língua portuguesa, de modo que para sua compreensão pretende-se elaborar no futuro, o levantamento e tradução das onomatopéias e mimeses japonesas.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ida Ferreira. *A linguagem da poesia: Metáfora e conhecimento*. In: *Terra roxa e outras terras – revista de estudos literários* v. 2. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2002.

ITAYA, Eiki. *Miyazawa Kenji no, tanka no youna*. Toquio: Nippon Housou Shuppan Kyokai. 1999.

LAKOFF, George. *Metáforas da vida cotidiana/ George Lakoff, Mark Johnson*[coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto] – Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

KENJI, Miyazawa. *Aneridae danzerin*. In: *Primavera e Ashra*. Obras completas de Miyazawa Kenji, v. 1.. Toquio: Chikuma Bunko, 1988.

NAKAMURA, Akira. *Hiyu hyougen jiten*. Toquio: Kadokawa Shoten, 1980.

OOKA, Shohei. *Sobre tanka dos poetas*. In: *A força das palavras*. v.3. Toquio: Hanajinjya, 1978.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença-ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

TAKAHASHI, Márcia Hitomi. Tradução do conto *Atravessando a neve*, de Miyazawa Kenj: alguns aspectos. *Estudos Japoneses*, n. 27, 2007.

TANAKA, Toshiko. *Guidance on japanese grammar*. Toquio: Kindaibungei-sha, 1990.
Aozora bunko <http://www.aozora.gr.jp/>

Anexos

1. As onomatopéias e mimeses presentes no texto *A constelação de Ursa Maior e os corvos*

onomatopéia	Significado	mimese	significado
<i>gii gii</i>	Som de rangido, no texto refere-se à voz rouco do corvo velho. Não é <i>crasnar</i> .	<i>sure sure</i> <i>dan dan</i> <i>pichiri</i>	No limite Aos poucos Descrição do movimento quando surge uma rachadura
<i>gaa gaa</i>	Vozes dos corvos (crasnar)	<i>ari ari</i>	De forma escancarada, visível
<i>kaao</i>	Voz solto de um corvo (crasnar)	<i>pun</i>	Comportamento em que demonstra o menosprezo
<i>zudon</i>	Som de disparada de um canhão	<i>pika pika</i> (em grafia <i>katakana</i>) <i>gura gura</i>	Cintilante, brilhante Descrição do estado de tontura contrastando-se à firmeza
<i>hou hou</i>	Voz de um pombo (arrolar)	<i>yoro yoro</i> <i>gira gira</i> <i>pika pika</i> (em <i>hiragana</i>) <i>boro boro</i>	Cambaleante Brilho intenso Brilho cintilante de um objeto, reluzente
<i>gii gii</i>	Voz do pombo nervoso. Não é <i>crasnar</i> .	<i>ura ura</i> <i>tabi tabi</i>	Descrição do movimento das gotas das lágrimas a correr pelo rosto Descrição do estado de paz e harmonia Frequentemente Luz cintilante

		<i>kira kira</i>	
--	--	------------------	--

2. Expressões gramaticais utilizados para metáforas

~*no you na* – aquilo que se parece com

~*no you ni* – agir como se fosse

3. Conto: A constelação da Ursa Maior e os corvos

Uma nuvem fria e perturbadora pairava muito próxima ao chão, tornando impossível discernir se era o brilho do sol ou da neve que iluminava o campo.

A valente frota de corvos, pressionada pelas agruras da nuvem maliciosa, não teve outra escolha que não ancorar e descansar lado a lado, como se navios fossem, sobre um campo de arroz coberto de neve que mais parecia uma lâmina de zinco. Navios atracados que não se moviam.

O jovem almirante daquela embarcação, de plumagem macia e negra, mantinha uma postura rígida e correta.

O comandante das frotas, mais velho e vivido, sequer balançava. Seus olhos haviam se acinzentado com a idade e seu galhar era arranhado, como se pertencesse a uma marionete perversa.

Por esse motivo, certa vez uma criança, que não sabia como aferir a idade do velho corvo, disse o seguinte:

- Olha só, aqui nesta cidade tem dois corvos de voz rouca!

Não há dúvida de que a criança estava errada, pois não havia mais do que uma ave, e tampouco se tratava de rouquidão. Já fazia muito tempo que ela bradava comandos do alto do céu, e por isso sua voz havia enferrujado completamente. Por causa disso, a valente frota acreditava que, dentre todos os sons, a voz de seu comandante era a mais imponente.

A frota atracada de corvos assemelhava-se a pedras sobre a neve. Ou pretos grãos de gergelim. Ao observar melhor com uma luneta, seria possível confundi-los com grandes e pequenas batatas.

Contudo, anoitecia aos poucos.

A maliciosa nuvem, enfim, dissipava-se em direção ao alto, abrindo um vão por onde os corvos poderiam alçar voo.

O comandante, por fim, prendeu a respiração e bradou uma ordem.

- Todos a postos! Partir!

Primeiramente, o jovem almirante tomou firme impulso na neve e levantou voo. Seus 18 subordinados, um após outro, seguiram-no e começaram a voar, e avançavam, mantendo sempre uma regular distância entre cada nau.

Em seguida, partiram os 32 couraçados, um de cada vez, até que seu velho comandante, solenemente, elevou-se aos céus.

Nesse momento, o corvo mais adiantado na formação, o jovem almirante, voou em círculos por quatro vezes até o limiar das nuvens e de lá se projetou diretamente para a floresta.

Os 29 cruzadores e os 25 canhoneiros ascenderam gradualmente aos céus, deixando duas naus sozinhas, que partiram juntamente. Observava-se um único momento de desorganização da frota de corvos.

O jovem almirante, aproximando-se da floresta, fez uma curva à esquerda.

- Canhões, disparar! – bradou o velho comandante.

A frota, em uníssono, entoou uma salva de tiros. No momento desta salva, alguns canhoneiros, que com a força do recuo de cada tiro tinham seus pés jogados para trás, ainda sentiam ressoar nos nervos de seus pés as cicatrizes da batalha de Nidanatora.

Logo, ao girar em quatro grandes círculos pelo céu, o velho comandante bradou:

- Dispersar! – e enquanto pronunciava seu comando, separou-se da fileira de corvos e desceu até sua cabine oficial sobre uma árvore de cedro. Todos os outros desfizeram a formação e retornaram às suas cabines.

Todavia, o jovem almirante voou sozinho até uma árvore de robinia a oeste.

O céu estava levemente sombrio; tão somente no topo das montanhas a oeste, brilhava fraco um nublado azul do abismo celestial à espreita. Lá, cintilava uma estrela prateada à qual um grupo de corvos havia nomeado Mashirii.

O jovem almirante, tal qual uma flecha, pousou em um galho da robinia. Nesse galho, já fazia algum tempo, estava também pousado um outro corvo, que ponderava alguma coisa. De fato, era uma fêmea, a embarcação de voz mais bela, e noiva do jovem almirante.

Gralhou o corvo:

- Perdoe-me pelo atraso. As manobras de hoje não a cansaram, não é?

- Na verdade, tive que ficar aqui esperando o tempo todo, não estou cansada.

- Verdade? Esplêndido. Contudo, não poderei ficar por muito tempo. Teremos de ficar separados, pois serei obrigado a me ausentar.

- Ora, mas por quê? Que coisa horrível!

- Pois o capitão da armada ordenou que, amanhã, eu vá ao encalço dos corvos das montanhas.

- Mas os corvos das montanhas são muito fortes.

- Sim. Seus olhos são saltados, seu bico é fino e, à primeira vista, parecem muito poderosos. Mas tudo isso só serve para esconder o fato de que não são nada!

- É verdade?

- É claro. Contudo, por se tratar de uma guerra, não há como saber como vai terminar. Se eu cair, não haverá mais nenhum compromisso entre nós. Case com outro.

- Mas o que você está dizendo? Eu não poderia! É terrível demais, terrível! Eu não poderia! – e começou a gralhar incontrolavelmente.

- Não chore; lágrimas não lhe caem bem. Agora, olhe para mim. Alguém se aproxima.

Nesse momento, o sargento, subordinado do jovem almirante, chegou apressado, curvou o pescoço para o lado em sinal de respeito e começou a gralhar:

- Meu almirante, está na hora da contagem, e todos já estão em fila.

- Muito bem. Irei retornar à nave-mãe imediatamente. Está dispensado, pode retornar.

- Sim, senhor. – e o sargento voou em disparada.

- Agora, não chore. Amanhã, nos veremos uma vez mais na fila. Está tudo bem. Você mesma tem que participar da contagem, então é bom também não se atrasar. Aqui, dê-me sua mão.

Os dois seguraram firmemente as mãos. Logo depois, o almirante chutou o galho e se apressou em juntar-se a sua própria esquadra. A moça permaneceu imóvel, como se estivesse congelada sobre o galho.

Anoiteceu.

Logo, tornou-se madrugada.

As nuvens já haviam desaparecido; o céu ficou novamente metálico, como aço recém-temperado, repleto de pequenos pontos gélidos e luminosos de estrelas que se fundiam e explodiam provocando o ranger do eixo de um moinho d'água.

Finalmente, no céu levemente metálico, abriu-se uma justa fenda, dividindo o céu em dois, e dessa rachadura desceram muitos braços, longos e perversos, que

tentaram agarrar os corvos e levá-los em direção ao ápice do firmamento. A valente frota de corvos já estava agrupada. Todos apressadamente vestiram ceroulas pretas e empenharam-se ao máximo para escapar em revoada.

Certo corvo sequer teve tempo de resgatar o irmão mais novo; em meio ao caos, casais de namorados também se chocavam violentamente.

Não, não foi isso que aconteceu.

Não foi bem assim.

Surgiu a lua. Uma lua achatada e azulada em seu vigésimo dia, que das montanhas ao leste chorava e subia ao firmamento. Nesta hora, a frota de corvos já se sentia tranquila.

Em um instante, o bosque silenciou. Ouviu-se somente o gralhar assustado e sonolenta de um jovem marinheiro descuidado que, em um susto, abriu os olhos e disparou um tiro de canhão com sua voz.

Contudo, o almirante dos corvos tinha os olhos vívidos e não chegou a dormir.

- Amanhã pode ser o dia em que vou morrer em batalha. – murmurou o almirante, enquanto sua mente pendia em direção a sua noiva no bosque.

Em meio à copa negra e macia das árvores, tal qual algas escuras em meio ao oceano, a canhoneira de voz bela tinha sonhos, um depois do outro.

Ela sonhava que estava com o almirante, batendo suas asas, seus rostos cada vez mais apaixonados, enquanto na noite azul e escura eles voavam, juntos, cada vez mais alto. E quando já avistavam até mesmo as macieiras de uma das estrelas que compunha a constelação do Carro de David, conhecida entre os corvos como o Sr. Maciel, de repente suas asas pesaram, como se fossem pedras, e eles precipitaram em direção ao chão. Enquanto gritava pelo Sr. Maciel, ela abriu os olhos assustada, e viu que seu corpo de fato despencava do galho em que estava empoleirada. Ela rapidamente abriu as asas e corrigiu sua postura, olhando em direção ao almirante. Caindo novamente no sono, dessa vez viu um corvo da montanha que usava óculos *pince-nez* e vinha para eles tentando apertar a mão do almirante. Quando este balançou as mãos se negando, o corvo da montanha sacou uma brilhante pistola e atirou no almirante, cujo peito, de plumagem macia e negra, arqueou diante do tiro, e ele caiu. Gritando pelo Sr. Maciel, ela abriu os olhos uma vez mais.

O almirante corvo, ouvindo um rumor de asas, escutou então a voz dela, orando pelo Lorde Maciel.

Novamente suspirando, o corvo admirou aquele belo asterismo de sete estrelas que é o Sr. Maciel, rezou em silêncio: ah, na batalha de amanhã, não sei o que é melhor, se serei eu o vencedor, ou se serão os corvos das montanhas, é tudo de acordo com sua vontade; pois eu lutarei com todas as minhas forças, conforme me é determinado, pois é tudo de acordo com sua vontade.

E logo cedo brotaram, ao leste, pequenos raios de uma luz prateada.

De repente, da lonjura gélida do norte, ouviu-se uma voz fraca semelhante ao tilintar de chaves. O almirante corvo sacou agilmente seu binóculo de visão noturna para ver o local. Via-se uma castanheira sobre a passagem da montanha que era iluminada pela luz pálida das estrelas. Sobre a copa das árvores, pairavam seus inimigos, os corvos das montanhas. O peito do capitão saltou com bravura.

- Toque de emergência! Toque de emergência! – gralhou o almirante.

Seus subordinados levantaram voo do galho em que estavam e rodearam o capitão.

- Atacar! – gralhou o capitão corvo, sendo o primeiro a se projetar ao norte.

O céu a leste já brilhava platinado como aço recém-polido.

O corvo da montanha levantou-se afobado do galho, levantando alguma poeira consigo; em seguida, abriu amplamente suas asas e tentou escapar em direção ao norte. Contudo, a frota de contratorpedeiros já havia fechado o cerco ao seu redor.

A incessante saraivada de disparos de canhão parecia ensurdecer os ouvidos; o corvo da montanha, cercado, sem outra escolha, alçou voo enquanto sentia seus pés fraquejarem. O jovem almirante, instantaneamente, pôs-se a segui-lo. Em sua face escura, deu-lhe uma afiada estocada. O corvo da montanha sentiu o golpe, atordoado, e caiu ao chão. Já ao chão, o sargento, pelos flancos, deu-lhe mais uma estocada. O corvo da montanha fechou seus olhos cinzentos, jazendo frio no amanhecer sobre a neve caída na passagem da montanha.

- Crá! Sargento, prepare-se para carregar este defunto até os alojamentos! Crá! Vamos retornar!

- Entendido! – e o forte sargento pendurou o defunto, enquanto o jovem almirante alçava voo para a sua floresta, seguido de 18 naus em revoada.

Os contratorpedeiros, retornando à floresta, expiravam constantemente o ar quente e esbranquiçado de seus bicos.

- Temos feridos? Temos algum ferido entre nós? – o almirante preocupava-se em cuidar de todos ali.

A noite já havia desaparecido completamente.

A luz do sol, que se assemelhava ao néctar do pêsego, jorrava sobre a neve que cobria a montanha e se esparramava, gradualmente fluindo para baixo em direção ao campo. Finalmente, por todas as partes, aquela luz fazia florir na neve flores de lírios-brancos.

O radiante sol brilhava quase melancolicamente sobre a neve das colinas ao leste.

- Preparar para a inspeção! Reúnam-se todos! – bradou em alta voz o velho comandante.

- Preparar para a inspeção! Reúnam-se todos! – e repetiam em brado cada um dos sargentos.

Todos se enfileiravam sobre o campo de neve.

O jovem almirante separou-se das filas e, sobre a reluzente neve, com os pés retos, marchou rapidamente em direção ao velho comandante e pôs-se a sua frente.

- Reportando! No amanhecer de hoje, sobre a passagem de Sepira, reconhecemos que lá estava ancorado um navio inimigo. A armada, em uma ação imediata, atacou e afundou o inimigo. Não tivemos baixas. Fim do relatório!

Os contratorpedeiros, em felicidade, derramavam lágrimas quentes sobre a neve.

O velho comandante, também derramando lágrimas de seus cinzentos olhos, disse com a sua característica voz arranhada:

- Congratulações, almirante! Seu trabalho foi concluído dignamente. Creio que já é hora de fazê-lo major. Quanto à distribuição de condecorações aos seus subordinados, deixarei que faça como achar melhor.

O mais novo major se lembrou daquele corvo que desceu a montanha, faminto, e foi morto por seus 18 subordinados. Mais uma vez, lágrimas brotaram.

- Muito obrigado. A partir de agora, gostaria de receber a permissão para proceder com o funeral do inimigo.

- Muito bem. Dê-lhe um funeral digno.

Aquele corvo, o mais novo major, fez as reverências, curvando-se em frente ao velho comandante e retornou para sua fileira. Contemplou o céu azul, onde agora estaria a estrela de Maciel. “Ah, Lorde Maciel. Deixaria que destruíssem meu corpo quantas vezes fosse preciso para que esse mundo se tornasse um lugar onde não fosse

necessário matar inimigos que não conseguimos odiar”; com isso em mente, notou que, da parte do céu azul, surgiu um gentil brilho cerúleo.

Enquanto isso, os belos e negros canhoneiros batiam em prontidão e entravam em formação, do começo ao fim, chorando lágrimas reluzentes. O chefe dos canhoneiros fingiu não notar isso.

No dia seguinte, poderia treinar novamente com sua noiva. De felicidade, abria bem o seu bico repetidas vezes e permitia que a luz do sol brilhasse avermelhada por entre o espaço aberto; isso também o chefe dos canhoneiros decidira ignorar.

A metáfora e a metonímia no significado das cores

Larissa Moreira Brangel³⁵³
larissabrange@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho parte da idéia de que definir tonalidades de cores constitui um exercício bastante complexo. Tanto em situações informais, como o processo de comunicação do dia-a-dia, como em situações mais formais, como a lematização de vocábulos de cores em dicionários, somos levados a usar uma série de recursos para definir, ainda que de maneira bastante vaga, determinada cor. Dentre estes recursos, se encontram, em uma zona de destaque, a metáfora e a metonímia. Nossos estudos nos levaram a crer que é praticamente impossível descrever uma cor através de palavras sem fazer uso de referentes no mundo que apresentem a tonalidade em questão. É neste processo de referência que a metáfora e a metonímia se apresentam como recursos essenciais tanto para a descrição de tonalidades (como definir *amarelo* como *a cor do sol e da gema do ovo*), como também para a criação de novos vocábulos (tais como *amarelo-ouro*, *verde-limão*, *azul-celeste* etc). No âmbito da metonímia, chamamos atenção para a grande produtividade da metonímia A PARTE PELO TODO e O TODO PELA PARTE, tanto na criação de vocábulos cromáticos, como na definição dos mesmos. No que tange o âmbito da metáfora, frisamos a grande contribuição das metáforas de imagem para a criação de termos cromáticos. As considerações trazidas pela Semântica Cognitiva a respeito da metáfora e da metonímia puderam ser amplamente aproveitadas em nossas averiguações, uma vez que pudemos demonstrar a eficiência destes recursos cognitivos na construção e na descrição de significados tão complexos como as cores. Além disso, estas mesmas considerações nos permitiram questionar alguns aspectos da lematização de cores em dicionários atuais do português, o que nos levou a sugerir novas propostas para o tratamento lexicográfico de vocábulos de cores. Acreditamos que as considerações aqui levantadas nos permitiram contribuir para o aprimoramento da lematização do vocabulário cromático do português em dicionários semasiológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Metonímia; Cores

ABSTRACT

In this paper, we assume that it is very complex to define colors. In informal and formal contexts, such as day-by-day communication or treatment of colors in a dictionary, we are supposed to use many mechanisms to define those terms. Among those mechanisms, metaphor and metonymy are in a prominent area. Our research leads us to conclude that

³⁵³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

it is almost impossible to describe a color without using referents in the world. In this reference process, metaphor and metonymy are essential for describing colors and creating new words. In the field of metonymy, we emphasize the great productiveness of the PART FOR THE WHOLE and WHOLE FOR THE PART metonymies in the creation and definition of colors. In the field of metaphors, we emphasize the contribution of image metaphors to the creation of color terms. Postulates brought by Cognitive Semantics about metaphor and metonymy could be largely used during our investigations, once we could show the efficiency of those mechanisms on the construction and description of complex meanings such as of colors. Moreover, those conclusions allow us to question some points on color lemmatization in dictionaries, and to propose changes to the treatment of colors in dictionaries. We hope our conclusions have allowed us to improve the treatment of colors in semasiological dictionaries

KEYWORDS: Metaphor; Metonymy, Colors.

Introdução

Falar sobre cores envolve uma enorme gama de pontos de vistas possíveis. Esses pontos de vista, no entanto, não se invalidam necessariamente, mas, ao contrário, muitas vezes se complementam, levando os estudiosos a enxergar o fenômeno sob diversas perspectivas diferentes. Um estudo sobre cores pode estar alicerçado em reflexões teóricas dos mais variados campos de investigação científica, tais como a Física, se pensarmos em um estudo sobre a reflexão das ondas magnéticas responsáveis pela impressão de cor em um objeto (BENVENUTTI, 2006, p. 187), a Química, se pensarmos em um estudo sobre as transições eletrônicas responsáveis pelo surgimento das ondas eletromagnéticas ou, ainda, a Biologia, se pensarmos em um estudo sobre a percepção das cores pelo órgão da visão (AMABIS; MARTHO, 1997, p.457). Essa possibilidade de enfoques teóricos a um mesmo tema levou Guimarães (2000, p. 3), a considerar a cor como um processo amplo, que requereria um estudo de natureza interdisciplinar.

Diante das possíveis variedades de enfoque ao fenômeno cromático, nos propomos a apresentar algumas considerações que abordam o fenômeno pelo viés linguístico. Ao longo deste trabalho, procuraremos discutir alguns aspectos sobre a importância da metáfora e da metonímia, vistas, aqui, como recursos cognitivos centrais (LAKOFF; JOHNSON, 1980), para a definição do significado de uma cor, bem como para a formação de vocábulos de cores. Para uma melhor condução do tema a ser

debatido, ao longo deste trabalho, separaremos as cores em dois grupos distintos, o das *cores simples* e o das *cores complexas*.

O primeiro grupo diz respeito à noção de cor como elemento abrangente. Neste caso, o nome da cor faz referência a todas as possíveis gradações que ela pode assumir dentro do espectro cromático, não especificando uma tonalidade precisa, mas fazendo referência a uma determinada zona do espectro cromático que pode assumir uma série de variações na sua tonalidade. Este primeiro tipo de cor, ao qual propomos o nome de *cores simples*, possui como representantes cores como *azul*, *vermelho*, *amarelo* e *verde*. Podemos falar, por exemplo, de um *azul-escuro* e de um *azul-claro*, duas tonalidades diferentes, porém consideradas variações de uma mesma cor no português brasileiro.³⁵⁴

O segundo grupo diz respeito às subtonalidades de uma cor simples, que serão tratadas aqui como o campo léxico do vocábulo de cor. Este segundo tipo de cor diz respeito às tonalidades específicas que uma cor simples pode abranger e, diferentemente das cores simples, que, através de um único vocábulo podem gerar uma série de tonalidades, as *cores complexas* fazem referência a apenas uma tonalidade específica do espectro cromático, possuindo, assim, uma natureza bem mais limitada. Os vocábulos que expressam este segundo tipo de cor são, via de regra, constituídos por um nome composto formado por justaposição, que apresenta a cor principal, que é sempre uma cor simples (por exemplo, *amarelo*), seguida de uma variação (*-ouro*, *-claro*, *-enxofre* etc.). Alguns exemplos deste segundo tipo de cor são *azul-bebê*, *verde-água* e *amarelo-cinzentos*.

Conforme procuraremos demonstrar ao longo de nossas considerações, tanto as cores simples como as cores complexas se encontram constantemente sob influência da metáfora e da metonímia no processo de comunicação.

1. A metáfora

Há mais de dois mil anos, a metáfora tem sido alvo de discussões entre estudiosos da linguagem humana. Segundo a visão tradicional, oriunda da filosofia grega, a metáfora é um fenômeno concernente à linguagem e se resume a uma série de expressões linguísticas figuradas cujos significados podem ser expressos literalmente.

³⁵⁴ A hipótese do relativismo linguístico traz uma discussão muito pertinente a respeito da divisão da escala cromática entre línguas diferentes. Abordaremos esta discussão no terceiro capítulo do presente trabalho.

Trata-se de uma concepção baseada nos postulados de Aristóteles, que definia a metáfora como um desvio (ou variação) da linguagem comum (YÜ, 1998, p.1). Uma visão de tal sorte confere à metáfora o status de figura de linguagem, alvo de interesse apenas para os estudos literários e retóricos, visto a sua função essencialmente ornamental à linguagem ordinária. Nesta concepção, a metáfora não é necessária, e sim decorativa.

Yü (1998, p.10) apresenta as três principais visões que conduzem os estudos sobre metáforas nas teorias clássicas: trata-se da visão comparativa [*comparison vision*], da visão substitutiva [*substitution view*] e da visão interativa [*interaction view*]. Segundo o autor, a visão comparativa diz respeito à concepção aristotélica, que concebe a metáfora como “comparações implícitas entre uma expressão metafórica e uma paráfrase literal baseadas em uma similaridade ou analogia subjacente”³⁵⁵ (YÜ, 1998, p.10). A visão substitutiva defende que a metáfora ocorre quando uma expressão metafórica é utilizada no lugar de uma expressão literal equivalente (neste sentido, a visão comparativa constitui um caso da visão substitutiva). A terceira visão, a visão interativa, corresponde à crença de que o sentido metafórico resulta da interação entre uma expressão metafórica e o frame literal que o cerca.

Conforme aponta Yü (1998, p.10), o que as três visões possuem em comum é o fato de enxergarem a metáfora como um fenômeno estritamente linguístico e traçarem uma distinção entre sentido literal e sentido figurado. Conforme apontam Lakoff; Johnson (2002, p.45), esta concepção tradicional de metáfora, como uma questão poética e ornamental, servindo mais à linguagem extraordinária do que à linguagem ordinária, ainda é a concepção vigente para a maioria das pessoas. Lakoff (1993, p. 202) chama a atenção para o fato de esta concepção clássica de metáfora estar tão enraizada que muitas pessoas sequer a vêem como uma teoria. Assim, por tomarem os postulados clássicos sobre a metáfora como a única explicação possível para o fenômeno e acharem que o mesmo é mais uma questão de palavras do que de pensamento e ação, a maioria das pessoas acredita que poderia viver perfeitamente sem metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Nas últimas décadas, no entanto, estudos em Semântica Cognitiva refutaram esta concepção tradicional, conferindo à metáfora um papel central na organização do pensamento humano. Trata-se de uma ruptura com postulados concebidos *a priori* há

³⁵⁵ [implicit comparisons between a metaphorical expression and a literal paraphrase based on underlying analogy or similarity.]

mais de vinte séculos e que trouxeram mudanças significativas não apenas aos estudos da linguagem humana, mas também a outras áreas do saber, como a filosofia e a neurociência, por exemplo. É esta concepção de metáfora defendida pela Semântica Cognitiva que pretendemos discutir no presente trabalho.

A publicação de *Metaphors we live by* (1980) redirecionou os estudos sobre a metáfora de modo a confrontar postulados provenientes da visão clássica que se encontravam já pré-estabelecidos e consolidados pelos estudiosos da linguagem. Os autores, Lakoff e Johnson, baseando-se em evidências linguísticas, sugeriram que a maior parte do sistema conceitual humano é de natureza metafórica. Isto equivale dizer que o homem não apenas se utiliza de metáforas para adornar a linguagem, como postulava a visão clássica, mas também pensa metaforicamente, o que o leva a utilizar metáforas na linguagem e na ação de uma forma quase automática. Uma das grandes consequências desta descoberta é que a metáfora não se encontra somente na linguagem, mas também no pensamento. Neste sentido, falamos metaforicamente porque pensamos metaforicamente.

Nesta nova concepção, a metáfora ganha não apenas uma nova definição, mas também uma nova função. Para Lakoff; Johnson (2002, p.47-48), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Para ilustrar este postulado, os autores apresentam o modo como compreendemos e experienciamos discussões em termos de guerra. Através de sentenças do tipo “seus argumentos são indefensáveis”, “suas críticas foram direto ao alvo” e “ele derrubou todos os meus argumentos”, por exemplo, deixamos transparecer, no plano linguístico, um conceito metafórico que se encontra estruturado em nosso sistema conceitual. As atualizações linguísticas citadas não dizem respeito a várias metáforas utilizadas de forma isolada, mas a uma metáfora conceitual (DISCUSSÃO É GUERRA) que faz com que a discussão seja, segundo as palavras dos autores, “parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de guerra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.48). É neste sentido que “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.48).

Por defenderem os postulados da Semântica Cognitiva, que busca estudar a cognição humana através da linguagem, Lakoff; Johnson (1980) basearam-se em pesquisas linguísticas empíricas para postularem suas considerações sobre o sistema conceitual humano. Desta forma, os autores acreditam que

uma vez que expressões metafóricas em nossa língua são ligadas a conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões metafóricas linguísticas para estudar a natureza de conceitos metafóricos e, dessa forma, compreender a natureza metafórica de nossas atividades (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 50)

A língua, portanto, apenas espelha um pouco do complexo processo de formação de conceitos - neste caso, conceitos metafóricos. A Teoria da Metáfora Conceitual, delineada a partir de agora, procura ilustrar como ocorre este processo e com quais elementos ele trabalha.

Lakoff (1993, p. 203) redefine o conceito de metáfora através da apresentação da metáfora como “um mapeamento entre domínios no sistema conceitual”³⁵⁶. O termo expressão metafórica [*metaphorical expression*], que, na visão clássica, correspondia à noção de metáfora, é, para a Teoria da Metáfora Conceitual, apenas uma expressão linguística que corresponde a uma realização de superfície de mapeamentos entre domínios conceituais (LAKOFF, 1993, p.203).

Segundo a Teoria da Metáfora Conceitual, a metáfora constitui um mapeamento (no sentido matemático da palavra) entre dois domínios conceituais: um domínio-fonte [*source domain*], mais concreto e acessível aos sentidos, e um domínio-alvo [*target domain*], mais abstrato e menos acessível aos sentidos (LAKOFF, 1993, p. 206-207). Conforme apontam Evans; Green (2006, p.295), a metáfora conceitual corresponde a uma associação onde o domínio-alvo (que é o domínio a ser descrito) é convencionalmente estruturado em termos do domínio-fonte (o domínio em termos dos quais o domínio-alvo é descrito). Segundo os autores, a associação convencional entre os domínios é o que faz deste processo uma metáfora, e o fato de ele operar no nível dos domínios conceituais é o que o torna conceitual por natureza (em vez de puramente linguístico).

Tomemos um exemplo de nosso cotidiano: é comum que o homem estabeleça uma correspondência entre importância e tamanho em virtude de suas experiências com o mundo, tal como a sua relação com os seus pais, que, durante a sua infância, são maiores fisicamente e aos quais deve respeito. Esta experiência no mundo leva o homem a mapear o domínio conceitual TAMANHO para o domínio conceitual IMPORTÂNCIA, levando-o a se referir à importância em termos de tamanho. Este mapeamento desenvolvido no sistema cognitivo leva o homem a formar a metáfora

³⁵⁶ [A cross-domain mapping in the conceptual system.]

conceitual **IMPORTÂNCIA É TAMANHO**, onde a importância corresponde ao domínio-fonte e o tamanho ao domínio-alvo. Este mapeamento é refletido na língua através da geração de uma série de atualizações linguísticas do tipo “as influências desta empresa na economia do país são enormes”, “trata-se de um problema pequeno em relação aos outros” e “Sócrates foi um grande filósofo”, por exemplo.

Para Lakoff (1993, p. 207), o mapeamento que liga os domínios de uma metáfora conceitual constitui uma série de correspondências ontológicas. Estas correspondências ontológicas caracterizam correspondências epistêmicas através do mapeamento do conhecimento do domínio-fonte (mais abstrato) em termos do conhecimento do domínio-alvo (mais concreto). O autor ainda postula que são estas correspondências que nos permitem pensar sobre o domínio-alvo utilizando os nossos conhecimentos acerca do domínio-fonte. Importante salientar, ainda, que os mapeamentos são sempre unidirecionais, ou seja, vão do domínio-fonte para o domínio-alvo e nunca assumem a direção oposta. Isso equivale a dizer, por exemplo, que falamos em importância (domínio-fonte) em termos de tamanho (domínio-alvo), como na frase “Sócrates foi um grande filósofo”, porém é muito improvável que nos refiramos a tamanho em termos de importância.

Uma das grandes consequências desta nova visão acerca da metáfora foi o fato de se oportunizar o estudo da metáfora nas mais diversas esferas do conhecimento. Assim, é possível encontrarmos estudos inclinados a averiguarem a presença e a importância da metáfora nas linguagens técnicas e científicas (FINATTO, 2007; SIQUEIRA et al, 2008), na linguística de *corpus* (SARDINHA, 2007), na aquisição da linguagem (SIQUEIRA; GIBBS, 2007; e SIQUEIRA, 2004), na cultura de um povo (GIL, 2009), para citar apenas alguns exemplos. Esta possibilidade de abordagem à metáfora sob os mais diversos enfoques e para os mais diversos propósitos nos oportuniza, também, focar este objeto de estudos segundo os nossos propósitos, ou seja, o fenômeno cromático, conforme será desenvolvido a partir de agora.

1.1 A metáfora e as cores

Uma vez explicitada a importância da metáfora em nosso cotidiano e a maneira como ela opera em nosso sistema cognitivo, voltamos nossa atenção para estabelecer uma interseção entre o fenômeno metafórico e o fenômeno cromático. Nesta seção, procuraremos explicitar o papel da metáfora na formação de termos de cores complexas.

Ao discutirem a influência da metáfora nas cores, Farias e Marcuschi (2006) utilizam-se da noção de metáfora de imagem [*image metaphors*], um tipo especial de metáfora estudado pela Semântica Cognitiva. Lakoff (1987, p. 65-66) apresenta as metáforas de imagem como uma classe de metáforas que mapeiam uma imagem mental em termos de outra (como quando comparamos a silhueta de uma mulher ao contorno de um violão, gerando frases do tipo “aquela mulher é um violão”, por exemplo). Para o autor, as metáforas de imagem se diferenciam das metáforas conceituais (apresentadas na seção anterior) porque em vez de mapearem vários conceitos do domínio-fonte com os do domínio-alvo, como ocorre com as metáforas conceituais, elas mapeiam apenas uma imagem em termos de outra, o que leva o autor a considerá-las metáforas de apenas uma ligação [*one-shot metaphor*].

Farias e Marcuschi (2006, p.27), por acreditarem que as metáforas de imagem são recorrentes na experiência humana, fazem parte do nosso dia-a-dia e podem gerar matizes cognitivos, atribuem um valor mais significativo a este tipo de metáfora, defendendo, por isso, o estatuto de metáfora conceitual também às metáforas de imagem. Além disso, os autores adotam a visão de que existe um continuum que liga a noção de metonímia à noção de metáfora, que vai desde a metonímia linear, um tipo de metonímia que não é nem figurada nem polissêmica, até a metáfora propriamente dita, que é figurada e/ou polissêmica (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.34-35). A metonímia e a metáfora de imagem, segundo os autores, situar-se-iam entre os dois extremos deste continuum e são fortemente atuantes na geração de sentido para os termos cromáticos.

A partir dos estudos de Farias e Marcuschi (2006), destacamos o papel da metáfora e da metonímia na formação de conceitos de termos de cores complexas³⁵⁷. Em relação à metáfora, os autores sustentam a teoria de que o entendimento metafórico dos conceitos de cor resulta de um mapeamento entre a imagem-alvo (que é gerada no domínio das cores, equivalente ao espaço de entrada II na Teoria da Mesclagem Conceitual, discutida em Fauconnier, 1985) e a imagem-fonte (que é gerada nos diferentes domínios-fonte, equivalente ao espaço de entrada I da mesma teoria) (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.37). Trata-se de um processo que origina metáforas de imagem do tipo COR É MINERAL (*verde-esmeralda*, e *amarelo-ouro*, por

³⁵⁷ O papel da metonímia na formação dos termos de cores complexas será discutido na próxima seção.

exemplo), COR É VEGETAL (*verde-musgo* e *rosa-floral*, por exemplo), COR É ANIMAL (*azul-pavão*, por exemplo).

Farias e Marcuschi (2006, p.37) ainda apontam para um outro caso de formação de conceitos de cor que não ocorre por meio de metáforas de imagem, e sim por mecanismos associativos. Trata-se das metáforas COR É EVENTO e COR É SENSACÃO. Segundo os autores, estes dois grupos apresentam um grau de figuratividade maior quando comparados às metáforas de imagem, uma vez que exige dos interlocutores maior compartilhamento de conhecimento. São exemplos deste segundo tipo de metáfora termos como *cores fortes*, *cores mortas* e *cores quentes*.

As principais conclusões de Farias e Marcuschi (2006, p.50) em relação ao papel das metáforas na construção do significado de termos de cores é que o processo de categorização atua de forma direta na organização do conhecimento no que diz respeito ao modo como nos referirmos às cores. Para os autores, através da percepção visual, o homem identifica semelhanças entre elementos pertencentes a domínios diferentes, o que constitui a base do processo de categorização. Os autores também identificam dois tipos de organização subjacentes aos termos de cores: trata-se da organização por semelhança e da organização por associação, que dão origem a duas classes de metáforas de termos cromáticos. No primeiro grupo se encontram os casos da metáfora-imagem, em que uma entidade serve de nome para uma tonalidade. Segundo Farias e Marcuschi (2006, p.50), “esse processamento dá-se a partir da sobreposição de imagens dos domínios de entrada I e II, cujas correspondências são projetadas no espaço mesclado. A mescla guarda características dos dois domínios de entrada, mas redesenha o seu espaço dando-lhe novas conformações”.

O segundo grupo apontado pelos autores diz respeito a metáforas com um grau de figuratividade maior, que não correspondem às metáforas de imagem. Neste caso, trata-se de metáforas do tipo COR É EVENTO e COR É SENSACÃO apontadas pelos autores. Vale, aqui, salientar que os termos de cores complexas são formados, em sua maior parte, por metáforas de imagem, o que nos leva a crer que um grau de figuratividade mais baixo seja mais proveitoso na formação de termos de cores, visto a relação estreita e necessária que existe entre a cor e a visão humana (muito mais do que cor e sensação e cor e evento).

2. A metonímia

Assim como a metáfora, a metonímia também passou a assumir uma nova função na linguagem e no pensamento dentro dos estudos em Semântica Cognitiva. Conforme apontam Lakoff; Johnson (2002, p. 93), a metonímia assemelha-se à metáfora por não se limitar a ser um recurso poético ou retórico, nem tampouco uma questão de linguagem, conforme prega a visão clássica, mas por constituir um mecanismo pelo qual agimos, pensamos e falamos. Tais postulados parecem soar repetitivos, uma vez que foram empregados exatamente da mesma forma durante a exposição da concepção de metáfora trazida pela Semântica Cognitiva. Esta sensação de repetição leva à confirmação dos postulados de Lakoff; Johnson (2002, p. 93) de que “a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo”.

Segundo a visão da Semântica Cognitiva, portanto, os conceitos metonímicos obedecem a uma sistematicidade, assim como os conceitos metafóricos. A partir de um conceito metonímico, portanto, é possível que pensemos em uma série de atualizações linguísticas presentes em nosso dia-a-dia. Estes conceitos metonímicos, tais como PARTE PELO TODO, LUGAR PELO EVENTO e AUTOR PELA OBRA, por exemplo, ao nos permitirem conceitualizar uma coisa por sua relação com outra, desempenham um papel crucial na organização dos nossos pensamentos e das nossas ações (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.96). Nesta visão, portanto, a metonímia deixa de ser uma figura retórica para assumir o papel de mecanismo cognitivo (BARCELONA, 2009, p. 7). Assim, a nova concepção de metonímia, sob a luz dos postulados da Semântica Cognitiva, proposta por Barcelona (2009, p.8) é que

a metonímia é a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo, de sorte que o domínio projetado (domínio-fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio alvo).

Outro ponto a ser salientado é que, conforme postula Barcelona (2009, p.21), por servir de base para a geração de diversas metáforas, a metonímia constitui um fenômeno mais básico que a metáfora, além de ser tão onipresente quanto ela. Esta observação será de grande proveito para as nossas considerações a respeito do papel da metonímia na formação de vocábulos de cores complexas, discutidas a partir de agora.

2.1 A Metonímia e as cores

Nas nossas considerações a respeito do papel da metáfora na formação de termos de cores complexas, identificamos as metáforas de imagem como a principal fonte de geração de termos de cores, conforme apontam Farias e Marcuschi (2006). Na pesquisa desenvolvida pelos autores, todas as metáforas identificadas em seu *corpus* de análise, com exceção das metáforas COR É SENSACÃO e COR É EVENTO, constituíam exemplos de metáforas de imagem, tais como COR É VEGETAL, COR É MINERAL, COR É ANIMAL etc. É em relação a este grupo significativo de metáforas que discutiremos, também, o importante papel da metonímia na formação de termos de cores complexas.

Segundo Farias; Marcuschi (2006, p. 41), “o processo cognitivo que atua na geração do sentido [das metáforas de imagem] é o da sobreposição de imagens, geradas a partir de domínios diferentes, com base na semelhança de atributos”. Para os autores, a sobreposição de imagens com base na semelhança constitui um mecanismo de organização do conhecimento, sendo os termos de cores aqui debatidos um exemplo expoente desta forma de organização do conhecimento. Os autores defendem que as metáforas de imagem aqui apresentadas são regidas pelas metonímias ENTIDADE PELA COR DA ENTIDADE/ COR DA ENTIDADE PELA ENTIDADE e PARTE PELO TODO/ TODO PELA PARTE (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.41-44).

Segundo os autores, por serem manifestações linguísticas de metáforas de imagem, os termos de cores complexas possuem a base metonímica PARTE PELO TODO ou TODO PELA PARTE. Seguindo este raciocínio, a parte corresponderia à cor da entidade, ao passo que o todo corresponderia à própria entidade, gerando as metonímias COR DA ENTIDADE PELA ENTIDADE ou ENTIDADE PELA COR DA ENTIDADE (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.44-45). Assim, ao se tratar de termos de cores complexas, é possível que se identifique dois tipos de metonímias subjacentes.

Em termos de cores como *verde-montanha* ou *azul-piscina*, estamos diante das metonímias PARTE PELO TODO/ COR DA ENTIDADE PELA ENTIDADE, visto que, ao se mapear a imagem da cor com a imagem da montanha e a imagem da piscina, a sobreposição das imagens ocorre somente com a parte superficial da montanha (sua vegetação, e não seu solo, por exemplo) e com o conteúdo da piscina (a sua água clorada, e não suas paredes e bordas, por exemplo). É neste sentido que a metonímia focaliza somente parte da entidade, fazendo com que uma das cores da entidade represente toda ela.

No caso de termos de cores como *azul-turquesa*, *amarelo-ouro* e *verde-musgo*, o mapeamento da cor com os elementos em questão não prioriza determinada parte do elemento, e sim ele como um todo, já que estes elementos apresentam uniformidade em relação à suas cores. Assim, os exemplos *azul-turquesa*, *amarelo-ouro* e *verde-musgo*, por serem resultantes de um mapeamento da cor com o elemento inteiro (e não somente uma parte dele), representam metonímias do tipo TODO PELA PARTE/ ENTIDADE PELA COR DA ENTIDADE.

3. O significado das cores

Até o momento, apresentamos a importância da metáfora e da metonímia na formação de vocábulos de cores complexas. Obviamente, a criação de vocábulos do tipo *amarelo-ouro*, *verde-musgo* ou *vermelho-cereja* não ocorre de maneira arbitrária na língua portuguesa, e sim por associações metafóricas e metonímicas de tonalidades de cores e referentes no mundo. Este recurso cognitivo de base altamente experiencial, no entanto, não se restringe a apenas formar termos de cores complexas em uma língua, mas também auxilia os falantes a explicarem e entenderem os significados de termos de cores (tanto cores simples como complexas).

Ao tratarmos de significados de termos de cores, estamos falando sobre uma área específica do espectro cromático que recebe um vocábulo que a nomeia. Expressar o significado de uma cor, portanto, constitui uma tarefa bastante complexa, uma vez que as cores não apresentam propriedades ou características suficientemente elucidativas para a construção de definições satisfatórias (Cf BRANGEL, 2011). Diante das dificuldades de se expressar o significado de uma cor, somos levados a fazê-lo de maneira associativa, procurando referentes no mundo que apresentem pelo menos como uma de suas características a tonalidade que almejamos definir. Esta manobra linguística utilizada para descrever significados de cores pode ser observada em obras lexicográficas do mundo todo, onde compiladores de dicionários definem o vocabulário cromático de suas respectivas línguas através de associações essencialmente metonímicas. Vejamos alguns exemplos³⁵⁸:

Amarillo, lla (...) Adj. De color semejante al del oro, la flor de la retama, etc.
--

³⁵⁸ Seguindo algumas convenções dos estudos lexicográficos, as referências aos dicionários serão feitas através de siglas.

Figura 1: verbete do item lexical *amarillo* em ReA (2001)

Yellow (...) 1. Of the color of gold, butter, or ripe lemons

Figura 2: verbete do item lexical *yellow* em Webs (1957)

Jaune (...) Adj. 1. Qui est d'une couleur placee dans le spectre entre le vert et l'orange et dont la nature offer de nombreux exemples (citron, bouton, d'or).

Figura 3: verbete do item lexical *jaune* em PeR (1993)

Verde, s.m. Huma das cores principaes, como a que tem as hervas viçosas, os limos, etc.

Figura 4: verbete do item lexical *verde* em AnMS (1813)

Verde (...) 1. Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda

Figura 5: verbete do item lexical *verde* em AuE (2004)

Verde (...) 1. a cor da relva

Figura 6: verbete do item lexical *verde* em HouE (2001)

Verde (...) 1. De cor semelhante à das folhas da maior parte das árvores ou das ervas viçosas.

Figura 7: verbete do item lexical *verde* em MiE (2001)

Vérde (...) Agg.1 Di colore che sta tra il giallo e il blu, tipico dell'erba vegetante.

Figura 8: verbete do item lexical *vérde* em Zin (1970)

Verde (...) Adj. De color semejante al de la hierba fresca, la esmeralda, el cardenilio, etc.

Figura 9: verbete do item lexical *verde* em ReA (2001)

Green (...) Adj. (...) 1.of the color that is characteristic of growing grass. (...) n. 1. The color of growing grass; any color between blue and yellow in the spectrum: green can be produced by blending blue and yellow pigments.

Figura 10: verbete do item lexical *green* em Webs (1957)

Vert, verte (...) Adj. (...) Intermediaire entre le bleu et le jaune (...) Qui est de la couleur verte dès plantes à chlorophylle.

Figura 11: verbete do item lexical *vert* em PeR (1993)

A análise de verbetes de cores de dicionários das mais variadas línguas revela alguns aspectos interessantes a serem ressaltados. Primeiramente, fica explícita a importância da metonímia na definição de vocábulos de cores, uma vez que as paráfrases explanatórias mais satisfatórias são as que recorrem a este recurso

cognitivo³⁵⁹. Apesar de ser possível a formulação de paráfrases sem o auxílio da metonímia, como fazem Webs (1957) (*any color between blue and yellow in the spectrum*) e PeR (1993) (*intermediaire entre le bleu et le jaune*), podemos observar que tais paráfrases estão aquém das paráfrases metonímicas em relação ao seu poder descritor.

No caso restrito das paráfrases explanatórias que se utilizam da metonímia, chamamos a atenção para alguns aspectos ligados aos referentes utilizados pelas obras para escreverem as tonalidades. Assim como na criação de vocábulos de cores complexas, a metonímia PARTE PELO TODO é amplamente utilizada nas paráfrases dos dicionários analisados. ReA, por exemplo, ao definir *amarelo* como *a cor da flor da retama*, faz referência às pétalas desta flor, e não ao seu miolo. Da mesma forma, Webs (1957) e PeR (1993), ao definirem a cor amarela como *a cor do limão* (neste caso, a fruta em questão é a que conhecemos pelo nome de *lima-limão* no português brasileiro), estão fazendo referência à casca e à polpa desta fruta, e não às suas sementes. Nos casos supracitados, uma das partes (coloridas) do elemento representa o elemento como um todo.

Alem disso, é possível identificar relações de prototipicidade entre os elementos envolvidos nas metonímias. A definição da cor amarela, por exemplo, como *a cor do ouro*, conforme fazem ReA (2001), Webs (1957) e PeR (1993) diz respeito ao exemplar mais prototípico do elemento ouro, que é a sua versão amarela, e não na sua versão branca, por exemplo. O mesmo pode ser verificado na definição de verde como *a cor das plantas*, verificado em AnMS (1813), AuE (2004), HouE (2001), MiE (2001), Zin (1970), ReA (2001), Webs (1957) e PeR (1993). Apesar de a flora apresentar outras cores além do verde, a cor verde se faz predominante neste meio, o que faz da flora um exemplar prototípico para nos referirmos à cor verde. Importante salientar, também, que o reconhecimento das plantas como exemplares prototípicos da cor verde é algo que acontece desde tempos mais remotos, conforme podemos verificar em AnMS (1813), o primeiro dicionário da língua portuguesa, que já faz menção ao verde como a cor das ervas viçosas e dos limos.

³⁵⁹ Nos dicionários analisados, foi possível identificar algumas paráfrases explanatórias que não fazem uso de associações metonímicas para a definição da cor. Dentre elas, estão as definições de cor levando em conta a medida do comprimento de onda a qual a cor resulta, como a 15ª acepção de *verde* oferecida por AuE (2004), “no espectro visível (q. v.), a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda situado, aproximadamente, entre 510 e 575 nanômetros”, por exemplo. Conforme fica claro, definições deste tipo possuem uma funcionalidade muito baixa frente ao público alvo dos dicionários analisados, uma vez que exige conhecimentos científicos muito específicos para que possam ser interpretadas.

5. Conclusões

Frente ao que foi exposto nas linhas acima, algumas considerações podem ser feitas a respeito da relação entre metáfora, metonímia e cores. Em primeiro lugar, fica evidente o papel essencial da metáfora e da metonímia tanto na criação como na explanação de vocábulos de cores. Por se tratarem de elementos cujo significado é altamente abstrato, o falante se vê fortemente inclinado a utilizar a metáfora e a metonímia como recursos auxiliares para a compreensão e explicitação destes significados. No caso da formação de vocábulos cromáticos, chamamos a atenção pra a forte presença da metáfora e da metonímia na criação de vocábulos de cores complexas, tais como *amarelo-ouro*, *azul-celeste*, *verde-bandeira*, *vermelho-cereja* etc. Sendo a metáfora e a metonímia recursos tão básicos na formação de vocábulos de cores complexas, a alusão do significado destas cores ocorre quase automaticamente, o que nos leva a crer que definições lexicográficas para este tipo de cores não sejam necessárias. Dito em outras palavras, não há necessidade de se ocupar espaço em uma obra lexicográfica para dizer que *vermelho-cereja* é *o vermelho que tem a cor vermelha da cereja*, como pode ser verificado em MiE (2001, s.v. *vermelho*) (Cf. BRANGEL, 2011, p.164-167).

No caso restrito das definições de cores, fica evidente o quanto a linguagem é limitada no que diz respeito à descrição do elemento *cor*, corroborando com uma das principais ideias defendidas pela Semântica Cognitiva, de que a língua é limitada e limitante do pensamento (EVANS; GREEN, 2006, p.159). Porém, sendo a busca pelo significado das palavras um dos principais motivos que levam alguém a consultar um dicionário (JACKSON, 2002, p. 86), é necessário que os dicionários tragam definições para o vocabulário cromático das línguas que almejam descrever, cumprindo, assim, com a sua função junto aos seus consulentes.

A análise dos verbetes de vocábulos de cores deixa transparecer a grande utilização da metonímia nas paráfrases explanatórias, principalmente as do tipo “a cor de” ou “da cor de”. No entanto, estas paráfrases explanatórias de base metonímica nem sempre são satisfatórias na definição das cores. Uma das principais críticas a este tipo de paráfrase é que não há uma definição propriamente dita da cor, e sim uma referência a uma entidade no mundo que apresenta a cor a qual se almeja definir. A definição só funciona, portanto, se o usuário do dicionário conhecer a entidade apontada, caso

contrário não há uma transmissão efetiva da informação. Assim, se não conhecermos a flor da retama, por exemplo, a definição do vocábulo *amarelo* fica comprometida.

Tendo em vista as tantas dificuldades de se definir uma tonalidade de cor, acreditamos que seja fundamental que os dicionários contem com elementos de apoio para informar aos seus consulentes o significado deste tipo de vocábulo. Apesar da metáfora e da metonímia serem recursos cognitivos centrais no sentido de auxiliar o homem a entender o mundo, conforme sustentam Lakoff e Johnson (1980), elas não são suficientemente elucidativas ao atuarem na definição de cores simples, o que nos leva a crer que existe uma necessidade de os dicionários adotarem a definição pela imagem como suporte para as suas paráfrases explanatórias de vocábulos de cores.

Referências Bibliográficas:

AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Fundamentos da biologia moderna*. São Paulo: Moderna, 2ed, 1997.

AnMS. SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813

AuE. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa*. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

BARCELONA SÁNCHEZ, Antonio. O poder da metonímia. *Cadernos de tradução*, Porto Alegre n.25, p.7-24, 2009.

BENVENUTTI, Edílson Valmir. *Química inorgânica. Átomos, moléculas, líquidos e sólidos*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2ed, 2006.

BRANGEL, Larissa Moreira. *O tratamento lexicográfico de vocábulos de cores na perspectiva da Semântica Cognitiva*. 2011. 208f. Dissertação (mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FINATTO, Maria José Bocorny. Reconhecimento da metaforização em linguagens técnicas e científicas: desafios e perspectivas. *Organon*, Porto Alegre, n.43, v.21, p.119-127, 2007.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto; MARCUSCHI, Luiz Antônio. A metáfora das cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, Abuêndia Padilha (Org.). *Tópicos em cognição e linguagem*. Recife: Editora universitária da UFPE, 2006, p. 19-55

GIL, Maitê Moraes. *Compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha: a figura do cavalo na linguagem do gaúcho*. 2009. 65f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2009. (Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22037/000738268.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 29.11.2010)

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: MIT Press, 1985.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação. A construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 3ed, 2000.

HOUAIS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACKSON, Howard. *Lexicography: an introduction*. London: Routledge, 2002.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.). *Metaphor and Thought*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.202-251

_____; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____; _____. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

PeR. *Le nouveau petit Robert: Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française*. Paris: Le Robert, 1993.

ReA. REAL Academia Española. *Diccionario de la lengua española*. 22.ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001.

SARDINHA, Tony Berber. Recontando a vida em narrativas pessoais: um estudo de metáforas na perspectiva da linguística de *Corpus*. *Organon*, Porto Alegre, n.43, v.21, p.143-159, 2007.

SIQUEIRA, Maity. *As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlingüístico*. 2004. 211f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

_____; GIBBS, Ray. Children's acquisition of primary metaphors: a crosslinguistic study. *Organon*, Porto Alegre, n.43, v.21, p.161-179, 2007.

_____; OLIVEIRA, Ana Flávia Souto de ; HUBERT, Dalby Dienstbach.; ALMEIDA, Galeno Faé de; BRANGEL, Larissa Moreira. Metaphor identification in a terminological dictionary. *Iberica*, Barcelona, n.17, p.157-174, 2009. (Disponível em: http://www.aelfe.org/documents/10_17_Siqueira.pdf. Acesso em: 29.11.2010)

Webs. WEBSTER. *Webster's New World dictionary of the american language*. Cleveland and New York: The world publishing company, 1957.

YÜ, Ning. *The contemporary theory of metaphor: A perspective from Chinese*. Philadelphia: John Benjamins, 1998.

Zin. ZINGARELLI, N. *Vocabulario della lingua italiana*. 10.ed. Bologna: Zanichelli, 1970.

Sobre como dizer “metáfora” na língua chinesa

Cristiano Mahaut de Barros Barreto

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ

cristianombb@gmail.com

RESUMO: Este trabalho examina a polissemia de termos tropológicos na língua chinesa considerando seu emprego no chinês clássico e no mandarim moderno. Com esse objetivo em mente e partindo dos pressupostos teóricos adotados no programa da História das Ideias Linguísticas capitaneado por Sylvain Auroux (1992, 1995, 2004), o trabalho se organiza em duas partes.

Em primeiro lugar examinamos termos que tradicionalmente são associados ao par metáfora/literalidade na poética e literatura chinesa clássica, nomeadamente *bǐ* (比), *fù* (賦) e *xīng* (興). Apresenta-se e discute-se a evolução diacrônica das acepções que esses significantes tomaram nos textos clássicos chineses bem como sua os desdobramentos históricos de sua forma gráfica. A análise aqui proposta se busca explorar caminhos distintos de abordagem de autores como em Yu (1981), Yeh (1987), Dai (1991), Kao (1993) e Gu (1997), que estudam a metáfora na poesia chinesa primordialmente utilizando-se de um ferramental ocidental de análise linguística e retórica, valendo-se de uma metalinguagem algo domesticante. Defenderemos a fertilidade de uma análise alternativa na qual os usos dos caracteres no período clássico chinês não sejam abstraídos da história dos grafemas chineses, privilegiando assim uma abordagem pragmática.

Em segundo lugar, o trabalho se debruça sobre a polissemia de termos construídos no mandarim moderno para dar conta dos tropos ocidentais. Discute-se a interrelação da análise tropológica trazida do ocidente com as redes polissêmicas autóctones do chinês. O trabalho mapeia um vocabulário metalinguístico representativo para a metáfora, explorando possíveis acepções oferecidas em obras de referência publicadas no Ocidente bem como obras sobre a etimologia das palavras chinesas (tais como Harbaugh, 1998; Schuessler, 2007).

A análise aqui empreendida mostra que predileções culturais embutidas na metalinguagem ocidental não encontram eco no universo da língua chinesa clássica; mostra também por outro lado que no caso do mandarim moderno estamos diante de uma possível situação de “colonização” metalinguística. Tudo isso parece indicar a importância de se levar em consideração o chinês clássico no projeto de uma metalinguagem universal para dar conta de processos figurativos.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; chinês; poesia chinesa; lexicografia; metalinguagem.

ABSTRACT: This article examines the polysemy of tropological terms in the Chinese language, considering its use in classic Chinese and modern Mandarin. With that objective in mind and considering the theoretical tenets adopted in the History of the Linguistic Ideas project lead by Sylvain Auroux (1992, 1995, 2004), this article is presented in two parts.

Firstly we will research lexical items that are traditionally associated to the couple metaphor/literality in Chinese poetics, namely *bǐ* (比), *fù* (賦) and *xīng* (興). We analyze and discuss the diachronical evolution of the meanings that these signifiers have taken in the Chinese classical texts as well as their graphical development along their history. The analysis here presents endeavours to explore ways that are distinct from the proposals stated in works such as Yu (1981), Yeh (1987), Dai (1991), Kao (1993) and Gu (1997), who study metaphor within Chinese poetics, basically employing a western-based toolkit of linguistic and analysis, together with a quite domesticating metalanguage. We will defend the fruitfulness of an alternative study where the usage of these characters in the Chinese classical period is not abstracted from the history of the sinographs, therefore taking a pragmatic approach.

Secondly, this work concerns itself with the polysemy of the lexical terms in modern mandarin for tropological concepts which were imported from the West. The interrelation between the tropological analysis brought from the West and the Chinese autochtone polysemic networks will be likewise discussed. The article will survey a representative metalinguistic vocabulary for *metaphor*, exploring possible meanings offered in reference works in the West, as well as works on the etymology of the Chinese characters (such as Harbaugh, 1998 and Schuessler, 2007).

The analysis here present shows that the cultural preferences embedded in the Western metalanguage will fail to find echo in the universe of classic Chinese language; it shows as well that on the other hand regarding modern Mandarin we face a situation where a possible metalinguist “colonization” might have occurred. All of this seems to indicate the importance of taking classic Chinese language into consideration in a universal metalanguage project that aims to deal with figurative processes.

KEYWORDS: metaphor; chinese; chinese poetry; lexicography; metalanguage.

Introdução

A origem no Ocidente da metalinguagem relacionada à *linguagem figurada* está tradicionalmente vinculada ao trabalho fundador de Aristóteles, cuja concepção alcança hoje o senso comum em torno do termo “metáfora”: em suas acepções mais usuais e não técnicas, é entendido como transporte, analogia e similaridade, efeito estético e retórico ou charme estilístico. Entretanto a importância crucial da metáfora para a linguagem e para o pensamento se evidencia pela multiplicidade de visões teóricas que estudiosos sobre o assunto acrescentaram à concepção acima: como base para o mapeamento sistemático entre domínios conceituais humanos (a *metáfora conceitual*); como tensão, inter-iluminação, colisão ou *insight*; como objeto da percepção intuitiva e detentora do poder verdadeiramente criador da linguagem, entre outras visões sobre a metáfora..

A linguística cognitiva em especial tem conferido um papel central à metáfora na linguagem humana, procurando entender as construções metafóricas com base em esquemas cognitivos ligados em geral ao corpo humano e nossa experiência em relação ao mundo exterior. A postulação de uma base corpórea para as metáforas implicaria em certo grau numa universalidade destes esquemas e, portanto na existência de metáforas translinguais universais. Essa vertente aceita que há estruturas e habilidades inatas ao ser humano, mas, desde o trabalho seminal de Lakoff e Johnson (1980), também reconhece as limitações dadas por diferenças de origem experiencial e cultural, ponto que ganha grande destaque, por exemplo, no trabalho de Mühlhäusler (1995) ou, mais recentemente, Kövecses (2008). Este último distingue metáforas universais (*generic level metaphors*) de metáforas não universais (*specific-level metaphors*): estas seriam condicionadas por aspectos da experiência (incluindo o contexto cultural, que nos é aqui particularmente relevante) e de acordo com preferências cognitivas diferenciais (Kövecses, 2008, p. 55).

Estudos sobre línguas não ocidentais são nesse sentido especialmente relevantes, não apenas pela manifestação potencialmente acentuada dessas diferenças culturais, mas também pelos desafios que erguem à própria aplicabilidade de um vocabulário metalingüístico ainda eminentemente ocidental. Na língua chinesa em particular a discussão sobre metáfora pode oferecer novas dimensões à reflexão linguística. Poderíamos até mesmo questionar se seria adequado falar sobre uma “metáfora chinesa” como um termo que corresponde no chinês às possibilidades interpretativas ligadas a este campo semântico nas línguas ocidentais, especialmente quando estamos olhando para o chinês clássico.¹ De partida, não é possível falar-se exatamente sobre uma “metaforologia” na língua e na cultura chinesas. Os trabalhos clássicos em chinês sobre o assunto quase sempre tem como estudo a poesia chinesa e algo comparável ao que usamos sob a denominação nas teorias ocidentais de “metáfora” surge nesse contexto como operações tropológicas. O pensamento literário chinês antigo é um espaço em que o pensamento “lógico” de base referencial, exposto no formato de tratados sobre a literatura e a linguagem, cede espaço para uma visão menos imanente do uso das palavras, o que também se reflete na visão sobre a metáfora, como nos sugere Owen (1992, p. 257):

O pensamento ocidental moderno sobre a literatura, com sua ênfase na metáfora e nos tropos de substituição terá dificuldade aqui [na distinção entre sentido “aberto” e

¹ Durante o presente trabalho o termo “chinês clássico” está sendo usado em grosso modo para cobrir o período desde o início da escrita chinesa, por volta de 1250 a.C. até o chamado “chinês médio,” por volta de 600.

“fechado”, entre literal e metafórico]; é essencial perceber que pelo fato de a tradição chinesa em grande parte ter abandonado uma teoria dos signos em favor de uma noção de linguagem que incorporou motivo, circunstância e estado de espírito, o pensamento tradicional não desenvolveu uma teoria dos tropos e figuras [de linguagem].

Essa situação mudou muito nos estudos recentes feitos por chineses, uma vez que diversos autores contemporâneos de origem chinesa com formação no ocidente têm explorado o assunto da metáfora chinesa, normalmente ainda inserida no contexto poético clássico, mas geralmente empregando um instrumental analítico ocidental, ao passo que parte expressiva dos estudos linguísticos têm explorado a metáfora chinesa empregando uma perspectiva cognitivista, que postula a universalidade de sua própria metalinguagem. Este último é o caso de trabalhos como aqueles de Ning (1998), Kövecses (2008) e Wang & Zhang (2011), que se propõem a explorar as figuras de metáforas produzidas na língua chinesa em contraste com aquelas do ocidente, procurando inseri-las em sistemas conceituais mais gerais. Em linha com o que diz Owen sobre os estudos clássicos chineses, este artigo explora termos que em chinês se candidatam a traduzir “metáfora” e correlatos em sua polissemia e expansão lexical.

Distinguindo-se da maioria das abordagens acima citadas, o presente trabalho considera ainda o *importe gráfico* da escrita chinesa sobre as redes polissêmicas examinadas. A tendência a ignorar a manifestação gráfica do figurativo na escrita chinesa está de acordo, por exemplo, com a tese cognitivista de que a metáfora linguística é apenas a realização da metáfora conceitual, esta sim que refletiria as noções abstratas conceitualizadas a partir do mapeamento sistemático provido, entre outras coisas, através de esquemas imagéticos (Lakoff & Johnson, 1980). Nesta teoria o “locus da metáfora não está na linguagem, mas na forma como conceitualizamos um domínio mental em termos de outro” (Lakoff, 1994, p.43); e portanto não seria possível que a dimensão escrita da linguagem trouxesse qualquer contribuição cognitiva ou epistemológica. Sustento a tese contrária de que a escrita não é mero instrumento representativo e inócuo da fala, mas um espaço não isomórfico (em relação à fala), com características particulares, um meio para o próprio desenvolvimento de um conhecimento metalinguístico. Alinho-me aos trabalhos dos seguintes autores, entre outros, quando eles se opõem, por razões diferentes, à tese clássica que prega o caráter subserviente da escrita em relação à fala: Derrida (1967), Hass (1976), Auroux (1992), Olson (1994), Harris (2001), Taylor (2000), Schmandt-Besserat (1997, 2007). Todos estes autores, com diferentes ênfases, sublinham a necessidade de conferir à escrita uma repercussão e um peso lingüístico, histórico e mesmo ontológico bem maior do que aquele que lhe tem reservado

nossa tradição. Tomando este ponto de vista é inconcebível pensar na metáfora chinesa sem que considere os aspectos gráficos dos significantes a ela associados.

1 Léxico sobre metáfora na língua chinesa: chinês clássico

Ao explorarmos os termos relacionados à literalidade e tropologia na língua chinesa, é, em primeiro lugar, fundamental destacar que há uma enorme diferença entre a língua chinesa entendida no seu contexto clássico e a língua moderna. O contraste de alteridade entre a tradição ocidental e oriental é muito mais saliente se tomamos em consideração o período clássico chinês. Como escreve François Jullien (2008, p. 206):

Hoje em dia, quando lemos um texto da literatura clássica chinesa reescrito, isto é, redobrado no chinês contemporâneo, por sua vez reformatado segundo categorias europeias, ele não oferece senão um pálido reflexo das expectativas culturais ocidentais: embora escrito em chinês, é um texto que passou por essa uniformização categorial como por uma peneira, esterilizado e artificializado.

Mesmo que não subscrevamos esta visão tão radical (e algo pessimista), não há como deixar de considerar a proximidade muito maior do texto chinês contemporâneo (comparado com o chinês clássico) com a sintaxe e a categorização indo-europeia.² É portanto com cuidado que devemos proceder com a discussão sobre o léxico sobre metáfora e literalidade no chinês, sempre se voltando para as raízes etimológicas dos termos que são usados hoje e, eventualmente, recorrendo mesmo às abundantes referências lexicais providas pelos dicionários chineses contemporâneos da época clássica e aos comentários sobre os textos canônicos chineses.

A exposição aqui feita sobre o léxico sobre metáfora no chinês clássico segue o princípio do chamado *historicismo moderado*,³ tal como vem sendo elaborado na obra de Sylvain Auroux (1992, 1995, 2004) em sua abordagem acerca do caráter histórico das metalinguagens e das contribuições cognitivas da escrita. Partimos dos termos metalingüísticos ocidentais associados à figuratividade, tais como comparação, símile,

² Veja-se um exemplo de transcrição do chinês clássico para o chinês contemporâneo em Li & Thompson (1982, p.78-82).

³ Auroux, 1992, p. 16: “O que modera nosso historicismo é um realismo metodológico que concede consistência ao saber e independência aos fenômenos, em sua existência, em relação a este saber.”

analogia, para explorar comparativamente de que forma evoluiu o vocabulário que, no chinês clássico, carrega alguma alusão ao fenômeno que essa metalinguagem ocidental busca recobrir.

Considerarei que seis termos mereceram um exame detalhado na exploração da *metáfora* no chinês clássico, nomeadamente: *bǐ*, *xīng*, *fù*, *yù*, *yǐn*, *pì*. Os três primeiros são especialmente caros à poética chinesa e à discussão dos tropos chineses feitas pelos pensadores chineses desde o *Livro dos Odes*, no século VI a.C. Os termos serão apresentados de forma dual: a primeira tabela irá mostrar a evolução diacrônica de sua polissemia e a segunda tabela disporá a evolução gráfica diacrônica dos caracteres.

Ao discutir a acepção dos termos tropológicos no chinês clássico a fonte utilizada é o vasto cânone das obras clássicas do pensamento chinês, bem como as miríades de comentários que foram sendo adicionados a estes textos e que hoje constituem a base do pensamento chinês. Para o atual trabalho usamos como fontes principalmente os chamados “Cinco Clássicos” da China:⁴

O *Livro das Odes* (doravante LO) (em chinês: 詩經, em pinyin: *shījīng*, literalmente, “Clássico da Poesia”). Foi “compilado por volta de 600 a.C. e é a mais antiga coleção existente de [305] poemas chineses (...)” (Zong-qi, 2008, p. 1).

O *Livro dos Ritos* (doravante LR) (禮記 *lǐjì*, aqui na edição comentada por Zheng Xuan 鄭玄, 127-200). Segundo a tradição teria sido compilado por Confúcio (embora essa possibilidade seja muito tênue) e “é uma miscelânea de textos Han e dos Estados Guerreiros confucianos editados no reino Han Oriental (221-206 a.C.)” (Owen, 1992, p. 50).

Os *Clássicos da História* (doravante CH) (書經 *shūjīng*, literalmente, “clássico dos livros” e também referido como Livro dos Documentos). Tais textos remontam ao Período dos Reinos Combatentes; (c. 475-221 a.C.), famoso pela primeira declaração canônica sobre o que é *poesia*: “O poema articula atentamente o que está na mente, a música faz com que a linguagem dure longamente (詩言志。歌詠言)” (Owen, 1992, p. 26).

O *Livro das Mutações* (doravante LM) (易經 *yìjīng*,⁵ literalmente, “clássico das mudanças”). Trata-se de um manual divinatório baseado nos oito trigramas (que mais tarde desenvolveram-se para os 64 hexagramas), provavelmente compilado na época da dinastia Zhou Ocidental (1050-770 a.C.) com adições posteriores e comentado também por Zheng Xuan: “os hexagramas compõem sozinhos o verdadeiro texto do I

⁴ A principal fonte de referência semântica nesta seção é Schuessler (2007), enquanto que a fonte para as versões gráficas dos caracteres nos estilos antigos de escrita é www.chineseetymology.org, Morel (2005) e Linqvist (2008). Sempre que outras fontes forem adicionadas elas serão referenciadas.

⁵ O Yijing é mais conhecido pela sua transcrição no sistema Wade Giles, como I Ching.

Ching: todo o resto é apenas comentário, ampliação ou lenda (...)” (Granet, 1968, p. 114).

O *Anais da Primavera e Outono* (doravante PO) (春秋 *chūnqiū*, literalmente, “Primavera e Verão”). Trata-se da crônica em cerca de 16 mil palavras dos eventos do Estado de Lu de cerca de 772 até 481 a.C., mais especificamente do *Comentário de Zuo* (doravante CZ) (左傳 *zuǒzhuàn*) sobre estes anais.

Além dos cinco clássicos, outras fontes de referência foram: os *Analetos de Confúcio* (doravante AC) (論語 *lúnyǔ*, literalmente “Exame/discussão da Linguagem”), livro de 24 capítulos que registrou as conversas entre Confúcio e seus discípulos e foi escrito por estes cerca de 30-50 anos após a morte do mestre; o *Mencius* (doravante MC) (孟子 *mèngzǐ*, nome do mestre confucionista), livro sobre suas conversas e anedotas, datado da segunda metade do século IV a.C.; o *Estratégias dos Reinos Combatentes* (doravante ER) (戰國策 *zhànguó cè*), tratado histórico compilado entre os séculos III e I a.C.; e o *Clássico do País* (doravante CP) (國語 *guóyǔ*), compilado por volta do período dos Reinos Combatentes (475-221 a.C.).

Tabela 1: Evolução Semântica da metalinguagem chinesa para o domínio figurativo

Termos	Acepções
比 <i>bǐ</i> ⁶	<i>estar se associando (LO); igual, similar (LR); comparação (CZ).</i>
興 <i>xīng</i>	<i>criar, começar, prosperar, levantar-se (LO).</i>
賦 <i>fù</i>	<i>pagamento de tributos, dar, contribuir (LO, CH); taxa, tributo⁷</i>
喻 <i>yù</i>	<i>entender, instruir (AC); exemplo (MC); proclamar, entender (LR, ER)</i>
隱 ⁸ <i>yǐn</i>	<i>tela, sombra, cobertura (CP); esconder (conceal) (AC); muro baixo (CZ)</i>
譬 <i>pì</i>	<i>exemplo, dar um exemplo (LO)</i>

⁶ Uma vez que o presente trabalho não pretende pesquisar a evolução fonológica da língua chinesa, para fins de simplificação, a pronúncia indicada sempre será a do mandarim padrão contemporâneo.

⁷ Possível comparação com o tibetano escrito antigo.

⁸ *yǐn* era mais conhecido no chinês clássico pelo seu cognato (o termo em inglês usado por Schuessler (2007) para cognatos é *allofam*, membro relacionado numa família de palavras) 翳 *yī*.

Ao discutir, a seguir, a evolução gráfica dos caracteres chineses, é importante destacar os principais estilos de caligrafia chinesa.

A caligrafia dos caracteres chineses sofreu grandes modificações ao longo de sua milenar história. Tradicionalmente os estudiosos da escrita chinesa identificam os seguintes estilos principais: os “ossos oraculares” (ou divinatórios)⁹ (doravante OO), a “escrita de bronze”¹⁰ (doravante EB), o “estilo do pequeno selo” e o “estilo do grande selo”¹¹ (em conjunto, doravante ES). Esta escrita “do selo” foi preservada para a posteridade principalmente devido à seminal obra de referência do chinês antigo, o dicionário Shuowen¹² (doravante SW). A partir dessa época a padronização dos caracteres os manteve relativamente próximos à sua forma atual.

Tabela 2: Evolução Gráfica dos termos metafóricos

Termos	Exemplos de caracteres
比 <i>bǐ</i>	(OO); (EB); (ES); (SW)
興 <i>xīng</i>	(OO); (EB); (ES)
賦 <i>fù</i>	(EB); (ES); (SW)
喻 <i>yù</i>	俞: (OO); (EB); (ES);
隱 <i>yǐn</i>	(ES); (SW)

Em acordo com os princípios teóricos aqui expostos, a investigação gráfica destes seis termos é elucidativa para nos mostrar como a forma escrita se articulou com os sentidos que estão sendo aqui apresentados.

⁹ Em pinyin e chinês: *jiǎgǔwén* 甲骨文, da dinastia Shang (c. 1750-1040 a.C.).

¹⁰ Em pinyin e chinês: *jīnwén* 金文, empregada desde o final do período Shang até o século IV a.C.

¹¹ Respectivamente (em pinyin e chinês): *xiǎo zhuàn* 小篆 e *dà zhuàn* 大篆, do imperador Qin Shihuang (221 – 206 a.C.).

¹² Em pinyin e chinês: *shuōwén jiězì* e 說文解字, publicado em c. 147 d.C.

O *bǐ* está associado à justaposição de duas figuras humanas (匕 *bǐ*, um tipo antigo de colher, também associado à forma 人 *rén*, pessoa) e é termo por excelência para se discutir analogia e comparação na poética chinesa: “duas pessoas lado a lado: comparar” (Lindqvist, 2008, p. 26). Essa imagem gráfica é muito ressonante na tradição poética chinesa de aplicar *bǐ* não para indicar uma projeção metafórica (um domínio fonte projetado sobre um domínio alvo), mas sim na justaposição de dois termos cuja analogia se constroi pelo seu confronto visual.

Yeh (1987) oferece um relato sobre a origem do termo *bǐ*. Baseando-se no trabalho de Tse-tsung Chow, a autora argumenta que a “origem comum da música, poesia e dança chinesas pode ser ligada ao xamanismo” (Yeh, 1987: 245). *Bǐ* teria se referido inicialmente a um xamã chamado Wu Bi, cuja responsabilidade incluiria ritos envolvendo a cópula e incubação de cobras e minhocas. Nesse contexto, *bǐ* remeteria à união de dois membros do mesmo tipo. Para apoiar essa interpretação, a autora se baseia também na interpretação gráfica de *bǐ* (比) que se aproxima do caractere 从¹³, escrito na forma do grande selo como 𠄎, 𠄏 (entre outros) e está relacionado às acepções de *seguir*, *acompanhar* (LO) em oposição ao caractere 北¹⁴, que se escrevia 𠄎, 𠄏 com acepções de *estar em oposição a*, *recuar* (LO e EB). Outra via de investigação sugerida pela autora se dá através do Livro das Mutações, onde *bǐ* é o nome do oitavo hexagrama (䷗), com o trigramma superior para água (☵) e inferior para terra (☷), e definia-se (de acordo com o comentário do duque de Zhou)¹⁵ como *complementar-se, manter-se junto, o inferior reside no superior*. Veja-se que há uma relação simbiótica e profundamente “natural” entre o superior e o inferior: a água flui para baixo, mistura-se com a terra, que também se sedimenta no fundo (da água).

A primeiras interpretações de *bǐ* portanto remetem à ideia de complementaridade e afinidade, que se contrasta com noções de *migração*, *transporte*, *tensão*, ou mesmo *projeção* relacionadas à visão ocidental de metáfora. Owen (1992, p. 589) argumenta que *bǐ* é “muito mais restrito em escopo do que o termo *metáfora* no seu uso moderno,” e que basicamente *bǐ*

¹³ Em pinyin: *cōng*, que no mandarim moderno é usado como “desde,” “de” (denotando origem de um trajeto)

¹⁴ Em pinyin: *běi*, que hoje é usado na acepção de “norte.”

¹⁵ Em chinês: 周公旦, pinyin: *zhōu gōngdàn*, viveu no séc XII a.C.

aplica-se para símiles e referências alegóricas sempre operando sobre os “princípios naturais¹⁶.”

O *xīng* (興) pode ser interpretado graficamente¹⁷ como o *levantar(-se)*¹⁸ *junto*¹⁹. Esta leitura alude à evocação de algo que se consegue em conjunto. É também ligado à acepção de *excitar (ser excitado), agitar (ser agitado), provocar (ser provocado)*: “algo no mundo externo pode *xīng* uma pessoa e o que então acontece com essa pessoa também é *xīng*.” (Owen, 1992, p. 587). Entretanto sua referência no cânone chinês em geral está ligada às noções de *levantar-se* ou *criar*, portanto apenas por um via indireta podemos imaginar seu uso como um termo tropológico, o que cria uma ainda maior dificuldade em delimitar seu campo semântico. Veremos mais a seguir como *xīng* relaciona-se à *bǐ* na tradição poética e literária chinesa ao longo de um eixo opositivo que não comparece em nossa tradição ocidental.

fù, como vimos acima, tem acepções ligadas ao pagamento de tributos e taxas. Esse sentido monetário está aparente no radical 貝 *bèi*, o pictograma de uma concha, que era usada como moeda nos tempos antigos. O caractere também compõe o dissílabo 稟賦 *bǐngfù*, com o sentido de *talento natural*.²⁰ Parece-me obscura a ligação entre estes usos e a utilização de *fù* para indicar um estilo de poesia prevalente na dinastia Han que justamente primava pela narrativa direta, o estilo de *prosa rimada* ou *rapsódia*. Podemos especular que esta “petição para algum superior” geraria alguma contrapartida (um recebimento), que acabou adquirindo o uso de um “ganho como dom natural” e eventualmente um talento para uma escrita clara e direta.

Já *yù*, *yǐn* e *pì* não são termos que tradicionalmente a crítica literária chinesa clássica tem ligado às questões figurativas da linguagem. Entretanto, devido aos seus usos, aparecem por vezes nas citações e explicações das operações de tropologia e analogia. O importante estudioso Liu Hsieh (劉勰 465-523), por exemplo, relaciona *yù* na acepção de *ter uma intenção* com *xīng*, como mostra Owen (1992, p.258). *yǐn* sugere algum tipo de sentido *escondido* ou *dissimulado* e graficamente é um provável cognato de 衣 *yī*, *roupas*, implicando

¹⁶ Em chinês: 理, pinyin: *lǐ*, é um conceito central da filosofia chinesa, que pode ser aproximado como o princípio por trás da estruturação sincrônica e diacrônica do mundo (veja-se Owen, 1992, p. 589).

¹⁷ Conforme Harbaugh, 1998, p.54.

¹⁸ O caractere 𠂇 *yú* aludiria ao encontro de mãos: 臼 *jú*, são mãos voltadas para baixo e 冫 *gōng*, as mãos voltadas para cima.

¹⁹ 同 *tóng*, com as acepções de *junto, juntar-se* (LO), ainda hoje usadas.

²⁰ 稟 *bǐng* é *reportar, peticionar* ou *receber, ter um dom*.

numa família de palavras cujo significado básico estaria em *cobrir, esconder*. E finalmente *pì*, ligado às ideias de *exemplificar e regular*, tem na semelhança fonética com *bǐ* a indicação de algum tipo de derivação ou similaridade. O grafema de *pì* (譬) pode ser visto como o grafema que indica *palavras* (言 *yán*) abaixo do grafema 辟 *bì/pì*, responsável pela indicação fonética da pronúncia de *pì* 譬.²¹ Todavia uma das acepções no chinês clássico de 辟 diz respeito a *medidas corretivas, punição* (LO) e *regular, arrumar (arrange)* (MC). Podemos pensar então em *pì* como a “palavra que regula, que arruma,” ou seja, “que serve de exemplo.”

Por sua importância histórica é no entorno dos três primeiros termos (*fù, bǐ e xīng*) que devemos tráfegar para procurarmos entender um pouco mais do pensamento e do vocabulário chinês sobre a figuratividade. Voltamo-nos para os primórdios da poesia chinesa e da própria língua escrita chinesa para olharmos as primeiras referências sobre a essa figuratividade chinesa, como mostra Yu (1981, p.213):

A mais antiga contraparte terminológica chinesa da metáfora aparece no 大序 *dàxù*, Grande Prefácio para a coleção de músicas poéticas [詩經 *shījīng*], tradicionalmente atribuído a Wei Hong (衛弘, c. séc I aC) onde *fù* (賦), *bǐ* (比) e *xīng* (興) estão listados junto com *fēng* (風), *yǎ* (雅) e *sòng* (頌) como os 六義 *liúyì*, os Seis Princípios da Poesia.

Não fica claro pelo escrito do autor do Grande Prefácio se os seis princípios se referiam a fenômenos similares, mas posteriormente os três termos finais serão tomados como subgêneros da poesia do *Livro dos Odes* (*fēng* como “ares”, *yǎ* como *elegantiae* e *sòng* como hinos e encômios), ao passo que os três primeiros adquiriram acepções voltadas para modos da técnica poética. Será com base na articulação desses três termos emblemáticos, *fù, bǐ e xīng*, que se constituirá o pensamento chinês sobre os processos figurativos, irremediavelmente ligados à poética chinesa.

Em sua polissemia, podemos portanto pensar no conceito de *fù* como *narrativa direta, descrição ou exposição*, noções que de certa forma apontam para um conceito de *literalidade* na língua chinesa clássica. O contraste e oposição dá-se nos termos *bǐ e xīng*. Zong-qi (2008) se refere a *bǐ* como “modo analógico” e a *xīng* como “modo associativo.” Veremos no léxico

²¹ Uma das formas mais produtivas de criação dos caracteres chineses é através da composição de um elemento gráfico que aludiria ao significado ao passo que outro daria a indicação fonética para a pronúncia, formando um chamado *composto semântico-fonético*. Para uma discussão extensa sobre esse processo, veja-se Barreto (2011).

do chinês atual que *bǐ* é o termo em geral mais empregado para metáfora, nas suas acepções de *comparação*, *contraste* e *analogia* (como no dissílabo *bǐjiào* 比较, *comparar*, *contrastar*) ao passo que *fù* perdeu hoje quase toda conotação de prosa.²² Yu (1981) traduz os dois termos *bǐ* e *xīng* respectivamente como *comparação* ou *ímile* X *associação* ou *motivo/tema* (*motif*). Owen (1992, p. 256-8) vai interpretar no trabalho de Liu Hsieh que *bǐ* oferece uma comparação mais “aberta” ao passo que em *xīng* ela é mais “dissimulada” (*covert*).

A história da crítica literária e poética chinesa está repleta de discussões sobre os campos semânticos associados a *bǐ* e *xīng*. Adotando uma abordagem que pensa no sentido linguístico como uso, podemos pensar que os conceitos e as ideias foram sendo construídos à medida que os chineses empregaram aquelas palavras, desenvolvendo redes polissêmicas que se incorporaram ao modo chinês de pensar a metáfora e a analogia. Este é um ponto de vista que parece muito adequado para explicar tamanha polêmica nas discussões sobre os dois termos. Podemos apresentar alguns textos históricos que pensaram o contraste *bǐ* e *xīng*:²³

(...) *Bi* é quando alguém vê o presente falhando, não ousa castigá-lo (*castigate*) diretamente, e seleciona uma categoria analógica para falar sobre ele. *Xing* é quando alguém vê a excelência presente (*present excellence*), desdenha adulação e seleciona uma situação comparativamente melhor para encorajá-lo. (Zheng Xuan 鄭玄, 127-200 dC)

Bi é uma palavra empregando uma categoria analógica, e *xing* é uma palavra imbuída de emoção. (Zhi Yu 摯虞 †312 dC)

Quando as palavras chegam ao fim mas o significado permanece, isso é *xing*. Usar um objeto como uma analogia para descrever a intenção ou desejo de alguém é *bi*. (Zhong Hong 鍾嶸, 469-518 dC)

(...) Portanto *bi* significa aderir e *xing* significa excitar (*to arouse*). O que adere ao significado utiliza-se analogias categóricas próximas com o intuito de apontar para uma situação. O que excita emoções baseia-se na sutileza para a formulação de conceitos. (...) *Bi* acumula indignação para castigar com palavras, *xing* conecta analogias para gravar uma crítica (Liu Hsieh 劉勰 465-523).

Tomar a imagem é chamado *bi*, tomar o significado é chamado *xing* (Jiaoran 皎然, séc VIII).

²² *fù* ainda é dicionarizado hoje como *prosa rimada* ou *rapsódia*, mas no seu uso corrente aparece em dissílabos referindo-se aos conceitos como *inato*, *talento* (*natural*) em 天賦 (*tiānfù*) ou *impostos* em 賦稅 (*fùshuì*). Já *xīng* tomou acepções totalmente novas e nem mesmo hoje se dicionariza como denotando alguma imagem ou figura.

²³ Essa historiografia dos termos *bǐ* e *xīng* é apresentada em Yu, 1981, p.214-215. O termo *fù* foi deixado de fora nestas citações.

Em primeiro lugar não podemos deixar de perceber como na discussão da oposição *bǐ* X *xīng* – e apesar do conservadorismo da tradição chinesa e do peso de seu cânone milenar, que cristaliza e reutiliza metáfora profundamente arraigadas no imaginário chinês – os termos metafóricos em si são evasivos e quase que tênues, não se deixam circunscrever.

E em segundo lugar, tamanha variedade de visões e acepções e fluidez no contraste destas oposições ressalta o caráter não-immanentista do discurso chinês ao mesmo tempo em que desloca a questão da referência, central na discussão do pensamento metafórico ocidental, para implicações emocionais e intencionais. E entretanto, os estudos contemporâneos pesquisados que lidaram com essa questão parecem insistir numa aproximação com a metáfora ocidental: “[...] a noção ocidental de metáfora, que aproxima o conceito chinês de *bǐ*” (Dai, 1991, p.1). Os pesquisadores contemporâneos pesquisados para esse trabalho em geral procedem a uma extensa discussão sobre a “real” natureza da diferença entre *bǐ* e *xīng*. Gu (1997), por exemplo, argumenta que os comentários canônicos chineses (alguns dos quais vimos acima) não são claros sobre essa distinção. Se para alguns escritores “*xīng* é um tipo de *bǐ*” e para outros “*xīng* não é *bǐ*,” escreve Gu, outro grupo ainda argumenta que “*xīng* e *bǐ* diferem-se na forma mas compartilham uma essência” (Gu, 1997, p.2). O autor parece incomodar-se com essa situação confusa.

Verificamos nesse ponto como tais estudos carregam uma preocupação que os alinha mais próximo aos estudos de verve ocidental do que aqueles gerados na produção intelectual chinesa clássica. Retornamos a uma passagem de Owen (1992, p.5) para parece ilustrar bem o contraste que aqui tenho a intenção de ressaltar:

Uma vez que a procura pela definição tem sido um das mais profundos e arraigados projetos do pensamento literário ocidental, sua virtual ausência no pensamento literário chinês (bem como em outros aspectos da história intelectual chinesa) será surpreendente. Breves e frequentemente canônicas definições de termos centrais podem ser oferecidos de passagem; mas a tentativa sistemática de explicar os termos ocorre somente muito raramente [...].

2 Vocabulário sobre Metáfora e Literalidade: chinês contemporâneo

Exploramos agora o léxico cujas redes polissêmicas remetem às ideias de metáfora e literalidade em sua utilização contemporânea.

- *yīnyù* (隱喻) — usado como *metáfora, frase figurativa*. Compõe-se de *yīn*: *esconder, escondido/secreto, latente/dormente* e *yù*: *explicar, analogia, alegoria*. Relembremos que na discussão sobre os caracteres em seu uso no chinês clássico, embora *yīn* já traga uma ideia de algo *escondido* e *yù* de *entender e instruir*, não há uma alusão direta a algum uso como metáfora, exceto na ligação já mencionada entre *yù* e *xīng* feita por Liu Xie e citada acima.
- *ànyù* (暗喻) — usado como *metáfora/analogia, escondida*. O caractere *àn* indica *escuro, secreto, obscuro*. *àn* está aparecendo como um substituto para a *yīn*, numa aproximação (metafórica?) dos conceitos de escuridão com o *estar escondido*.
- *yīnbǐ* (隱比) — usado como *metáfora* e *bǐyù* (比喻), como *metáfora/analogia, figura de linguagem, símile*. É a combinação do *bǐ* antigo com os termos “modernos” *yīn* e *yù*.
- *pìyù* (譬喻) — usado como *metáfora, símile, analogia, figura de linguagem*. *pì* é usado na acepção de *exemplo, analogia*, trazidas do chinês clássico e assim o dissílabo pode ser interpretado como uma espécie de *exemplo explicativo*, talvez apontando para o caráter de similaridade entre um termo que substitui o outro, no sentido de que um ajuda a explicar o outro.

Além do *bǐ* do chinês clássico, os dissílabos acima usados para indicar figuratividade em geral implicam numa espécie de significado *escondido, secreto*, ao mesmo tempo em que servem como *exemplo e explicação*.

Já os termos para literal/literalidade:

- *zìmiàn* (字面) — *literal* (literalmente: “ao lado 面 do caractere 字”) e *zìmiànyìyì* (字面意义) — significado literal, (lit. “significado — *yìyì* — ao lado do caractere”).
- *běnyì* (本义) — *sentido original, sentido literal* (*běn* indica *original* ou *base*).

Tendo em mente a operação de assimilação e influência ocidental sobre o chinês contemporâneo, não deveria ser inesperado encontrar paralelos com os conceitos ocidentais de base aristotélica. Temos o *literal* (“habitando à letra”), que passa a ser o traduzido como “ao lado do caractere” (que seria o mais próximo de *letra* que podemos encontrar na escrita chinesa) e o sentido literal também é aquele que indica-se como sendo *original*, aquele

próprio, imanente. Por outro lado a metáfora é tomada como *analogia*, que se refere ao sentido “escondido”, trocado pelo sentido original e próprio. A analogia é feita por comparação (*bǐ* 比) e serve para explicar ou exemplificar alguma coisa. Esses são caminhos que se mostram dóceis à visão aristotélica dominante de metáfora como um desvio, um transporte, ao mesmo tempo em que aceita algum importe cognitivo.

O vocabulário tropológico do chinês contemporâneo parece reforçar a tese de Jullien (2008) sobre como a língua chinesa sofreu uma influência profunda dos falares e do pensamento ocidentais, especialmente a partir da segunda metade do século XIX.²⁴ O primeiro tratado a sistematizar a retórica na China de uma forma semelhante àquela que observamos no Ocidente foi publicado em 1932 por Chen Wangdao (陳望道 1891-1977) chamado *Introdução à Retórica* (修辭學發凡 *xiūcíxué fāfán*): “é uma das primeiras instâncias em que uma taxonomia bem definida da maioria dos tropos e esquemas importantes na língua é dada, num total de 38, junto com exemplos (...) e explicações sobre suas estruturas” (Kao, 1993, p. 147). Trabalhos mais modernos, como o influente *Retórica do Chinês Moderno* (现代汉语修辞学 *xiàndài hànyǔ xiūcíxué*) de Zhang Gong (张弓) sofreu ainda mais a influência da estilística soviética e da linguística ocidental, “introduzindo muitos dos conceitos europeus mais correntes [à época]” (*Ibidem*) e domesticando o discurso chinês sobre os tropos de linguagem, ligando-os a conceitos gerados na linguística ocidental.

Desenvolveu-se portanto todo um vocabulário que procurou traduzir para o chinês os tropos de origem ocidental provavelmente não conhecidos – e certamente não considerados no contexto da poética chinesa clássica – durante o período clássico da China. São termos encontrados hoje dos dicionários chinês-inglês e chinês-chinês que procuraram traduzir “literalmente” os tropos ocidentais, em geral empregando-se a combinação de dois ou mais caracteres chineses. Vejamos alguns exemplos:

Metonímia – *huànyù* (换喻) – “troca (*huàn*) para informar/por analogia.” É curioso como o conceito de metonímia é aproximado no chinês com uma “troca” ao invés de aludir a algum tipo de contiguidade ou extensão.

²⁴ Há muitas outras indicações nesse sentido, como na aproximação da sintaxe do chinês moderno com aquela das línguas indo-europeias ou a cristalização das categorias gramaticais das palavras chinesas. Todavia permanece um assunto muito complexo e controverso, especialmente na avaliação sobre “quanto” a língua chinesa teria se aproximado das línguas ditas “ocidentais.”

Catacrese – *cíyǔ wùyòng* (词语误用) – literalmente: “termo mal-usado” (*misuse*), o que se aproxima muito da ideia grega κατάχρησις, traduzida como *abuso*, ou “uso equivocado de um termo.”

Sinédoque – *jǔyǔfǎ* (举隅法) – “método (para) mover/citar/escolher/levantar o lado/canto (!?)”; *jǔyǔ* (举喻) – “mover/citar/escolher analogia”; *tíyǔfǎ* (提喻法) – “método (para) levantar/mencionar/extrair a analogia”; *tìyǔ* (替语) – “substituição de palavra”; *jǔyǔ* (举喻) – “levantar/nomear a analogia”. São termos que envolvem algum tipo de movimento ou método para se que dele se extraia uma analogia. O uso de termos gerais, como *método* ou *mover* parece indicar alguma dificuldade na adaptação do conceito na língua chiesá.

Símile – *míngyǔ* (明喻) – “analogia/metáfora (*yù*) clara/distinta (*míng*)”; e similarmente *zhíyǔ* (直喻) – “analogia/metáfora (*yù*) direta/justa/honesta (*zhí*)”. O vocabulário para *símile* é muito parecido com àquele para *metáfora* (porém com uma conotação extra de estar *correto* e *claro*). Por exemplo, O termo *pìyǔ* (譬喻), empregado como *metáfora* também aparece dicionarizado como *símile*.

Termos como *oxímoro* têm uma tradução absolutamente “literal” no chinês contemporâneo: *fǎnyìfǎ* (反义法), que significa “contra/oposição-sentido-método/modo”, ou “método para opor sentidos.” Num outro exemplo, *sinestesia* traduz-se como *liánjué* (联觉), literalmente “unido/aliado/mútuo-sentimento”. *lián* compõe o dissílabo *duìlián* (对联), que é usado para indicar dois versos antitéticos, contraditórios.

Em suma, parece que o léxico do chinês atual tem uma serventia limitada na exploração de uma visão alternativa sobre *metáfora* e os tropos de linguagem. Estudos mais detalhados sobre o contraste entre as expressões figurativas chinesas em uso atual e na época clássica podem certamente ajudar a elucidar essa hipótese.

3 Conclusão

Yeh (1987, p. 252) apresenta um interessante contraste de visões sobre a *metáfora* ocidental e a chinesa:

A ênfase [da metáfora] ocidental na tensão, disparidade e incompatibilidade é inseparável da função cognitiva da metáfora e da poesia e, em última instância, pode se relacionar a uma forma dualística e transcendental de pensar. Em contraste, a afirmação chinesa sobre a afinidade ontológica e compatibilidade das coisas e categorias está predicada pela visão imanente e orgânica da cultura chinesa.

A afirmação remete um pouco ao contraste que procurei apresentar neste trabalho. A profunda diferença de visão de mundo entre a tradição chinesa e a ocidental necessariamente trará implicações substanciais para as duas formas de se pensar a literalidade e sua contrapartida figurativa, bem como abordar as diversas questões relacionadas a essa problemática, tais como: a questão do sentido original, a imanência do sentido, o sentido dicionarizável, o significante como a forma que representa um significado último, entre outras.

Vimos nesse trabalho como parece ainda mais importante no chinês o conhecimento e a pesquisa sobre a etimologia dos termos chineses, explorados nas suas dimensões falada e escrita, para nos aproximarmos do que poderíamos chamar de “pensamento autóctone chinês,” cuja alteridade se mostra profundamente fértil em implicações sobre nossa tendência etnocêntrica em pensar o universal com base na nossa tradição ocidental. E mais ainda, como o contraste entre o chinês clássico e contemporâneo também nos ajuda a refletir sobre a diacronia do pensamento sobre a metáfora na China e na língua chinesa.

Este trabalho primordialmente se concentrou na exposição do léxico no chinês clássico e contemporâneo sobre figuratividade e seus termos relacionados, a *metáfora* assumindo um papel protagonista. Entendo que esse é um passo inicial importante para refletirmos sobre o próprio conceito de *metáfora*, que muitas vezes é tomado em seu valor de face, montado sobre nossas reflexões ocidentais. Somente a partir de uma melhor compreensão sobre a polissemia da figuratividade chinesa poderemos nos debruçar sobre as expressões metafóricas chinesas e suas contrapartidas ocidentais.

Mostrando que o cerne do vocabulário chinês clássico que lida com essas questões foge das distinções e análises usualmente aplicadas no ocidente, se oferece a alteridade da *metáfora* chinesa como justaposição e como uma rede de referências culturais conservadoras, ao mesmo tempo em que se evidenciam os riscos em cair na essencialização de certas dicotomias, como naquela da oposição entre *bǐ* e *xīng*. Voltar-se para os próprios textos clássicos chineses indica ser uma saudável atitude na procura da alteridade na figuratividade chinesa.

Proponho aqui a possibilidade de que a *metáfora* chinesa evoluiu e evolui dinamicamente em consonância com o pensamento chinês, criando-o e sendo criada por ele. Junto à armadilha da linguagem a qual estamos presos nas línguas ocidentais quando queremos falar termos como *transporte*, *sentido literal e figurado* ou *substituição*, ao estudarmos a figuratividade na língua chinesa também se mostra difícil se libertar de um pensamento que acaba por domesticar a *metáfora* no chinês. Por exemplo, se por um lado a relação abstrato/concreto no ideário chinês foi construída sobre um substrato metafórico, por outro a noção de pertencença a uma ordem natural e de um uso “correto” da metáfora deve ser sempre considerada ao pensarmos a figuratividade na língua chinesa clássica, como vimos através da breve exposição aqui sobre esse léxico figurativo. Os próprios caracteres chineses se desenvolveram sobre operações alusórias e figurativas.

Na filosofia chinesa podemos considerar que a rede analógica figurativa protege o Tao (道)²⁵ mantendo uma solução de continuidade que preserva a unidade do Homem, Natureza e Civilização tão cara à história e à cultura da China. *bǐ* e *xīng* fomentam as relações metafóricas no chinês clássico, num equilíbrio dialético que evoca a dualidade do Ying e Yang (陰陽).²⁶ Se esvanecida pelo passar do tempo e pela camada de poeira secular que separa o chinês atual do clássico, esse equilíbrio ainda parece nos oferecer a chance de olhar para uma verdadeira e radical situação de alteridade.

Bibliografia Citada

ARISTÓTELES. *Poética e Retórica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Univ. de Lisboa, 2005.

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Ed. Unicamp. Campinas, 1992.

_____. *La Philosophie du langage*. Ed. Presses Universitaires de France. Paris, 2004.

_____. *Histoire des Idées Linguistiques*. Pierre Mardaga Editeur: Liège, 1995.

²⁵ Embora o Tao (ou *dào* em pinyin) seja hoje dicionarizado como “caminho,” é um termo central e fortemente polissêmico no pensamento chinês e na filosofia taoísta. Tao pode ser visto como o guia para a conduta correta chinesa, como a Unidade que reúne Céu e Terra, etc. Mais sensato escreve Lao (2001, p. xv): “Não há nome que possa ser aplicado ao Tao porque a linguagem é totalmente inadequada para tal propósito.”

²⁶ Outro conceito central do pensamento chinês, especialmente no Taoísmo e para o Livro das Mutações, remete à complementaridade das forças opostas da natureza em sua interdependência e balanço dinâmico.

- BARRETO, Cristiano. *Pensares sobre a Escrita Chinesa*. Rio de Janeiro: Pontificia Universidade Católica, tese de mestrado, 2011.
- DAI, Wei-qun. Xing again: a formal re-investigation. *Chinese Literature: Essays, Articles, Reviews (CLEAR)*, vol 13 (dez 1991).
- DERRIDA, Jacques (1967). *Gramatologia*, págs 3-32, 132-146. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. Editora Perspectiva. 2004.
- GRANET, Marcel (1934: 1968). *O Pensamento Chinês*. Trad. Vera Ribeiro. Contraponto Editora. Rio de Janeiro, 1997.
- GU, Ming Dong. Fu-Bi-Xing: a metatheory of poetry-making. *Chinese Literature: Essays, Articles, Reviews (CLEAR)*, vol 19 (dez 1997).
- HARBAUGH, Rick. *Chinese Characters: A Genealogy and Dictionary*. Taipei: Han Lu Book & Publishing Co, 1998.
- HARRIS, Roy (2001). *Re-thinking Writing*. The Athlone Press.
- HASS, William (ed) (1976). *Writing without letters*. Manchester: Manchester University Press, 1976
- JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.
- KAO, Karl. Recent Studies of Chinese Rethoric. *Chinese Literature: Essays, Articles, Reviews (CLEAR)*, vol 15 (dez 1993).
- KÖVECSES, Zoltán. *Universality and Variation in the Use of Metaphor*. Stockholm: Selected Papers from the 2006 and 2007 Stockholm Metaphor Festivals, 2008.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George. What is a conceptual system? In: OVERTON, Willis e PALERMO, David (orgs). *The Nature and Ontogenesis of Meaning*. London: Psychology Press, 1994.
- LAO, D.C. *Tao te ching: a bilingual edition*. Hong Kong: The Chinese University Press, 2001.

- LI, Charles & THOMPSON, Sandra. The Gulf Between Spoken and Written Language: A Case Study in Chinese. In: TANNEN, Deborah (org.). *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood: Ablex Publishing Co, 1982.
- LINDQVIST, Cecilia (2008). *China: Empire of Living Symbols*. Philadelphia: Da Capo Press, 2008.
- MOREL, Paul. *Le Champ du signe: étymologie et analyse d'un millier de caractères chinois*. Paris: Librairie et Éditeur You Feng, 2005.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. Metaphors others live by. *Language and Communication*, v. 14, n. 13, 1995.
- NING Yu. *The Contemporary Theory of Metaphor: a Perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- OLSON, David R (1994). *The World on paper: the conceptual and cognitive implications of writing and reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- OWEN, Stephen. *Readings in Chinese Literary Thought*. Cambridge: Council on East Asian Studies, Harvard, 1992.
- SCHMANDT-BESSERAT, Denise. *When Writing Met Art: From Symbol to Story*. Austin: University of Texas Press, 2007.
- _____. *How Writing Came About*. University of Texas Press; Abridged edition, 1997.
- SCHUESSLER, Axel. *ABC Etymological Dictionary of Old Chinese*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2007
- TAYLOR, Talbot (2000). Language constructing language: the implications of reflexivity for linguistic theory. *Language Sciences*, 22 (2000) 483-499.
- WANG, Bin & ZHANG Fan. A Reflection on Chinese "Chi": From the Perspective of Cognitive Linguistics. *Theory and Practice in Language Studies*, Vol. 1, No. 5, pp. 466-470, (Maio 2011)
- YEH, Michelle. Metaphor and Bi: Western and Chinese Poetics. *Comparative Literature*, vol. 39 (verão 1987).
- YU, Pauline. Metaphor and Chinese Poetry. *Chinese Literature: Essays, Articles, Reviews (CLEAR)*, vol 3 (jul 1981).

ZONG-QI, Cai (org). *How to Read Chinese Poetry: a guided anthology*. New York: Columbia University Press, 2008.